

A roda do tempo

06 - O senhor do

caos

Robert Jordan

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O SENHOR DO CAOS



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



ROBERT
JORDAN

o SENHOR
DO CAOS

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES



Copyright © 1994 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas

pertencentes a Robert Jordan. Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

Lord of Chaos

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

Marcela de Barros

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO

Shutterstock.com

MAPAS E ILUSTRAÇÕES

Ellisa Mitchell e Matthew C. Nielsen

ADAPTAÇÃO DO MAPA

Kátia Regina Silva

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

REVISÃO DE E-BOOK

Marina Góes

Roberta Clapp

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0292-6

Edição digital: 2018

1a edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar

22451-041 – TC – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



[intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

SUMÁRIO

PRÓLOGO: A PRIMEIRA MENSAGEM

MAPA 1

1 LEÃO NA COLINA

2 A VISITA

3 OS OLHOS DE UMA MULHER

4 SENSO DE HUMOR

5 UMA DANÇA DIFERENTE

6 TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS

7 UMA QUESTÃO DE OPINIÃO

8 ARMA-SE UMA TEMPESTADE

9 PLANOS

10 UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA

11 AULAS E PROFESSORES

12 PERGUNTAS E RESPOSTAS

13 SOB A POEIRA

14 SONHOS E PESADELOS

15 UM MONTE DE AREIA

16 PREVISÕES DA RODA

17 A RODA DA VIDA

MAPA 2

18 UM POUCO DE SOLIDÃO

19 QUESTÕES DE *TOH*

- 20 VISITAS DO *POUSO*
- 21 PARA SHADAR LOGOTH
- 22 RUMO AO SUL
- 23 PARA ENTENDER A MENSAGEM
- 24 A MISSÃO DIPLOMÁTICA
- 25 COMO RELÂMPAGOS E CHUVA
- 26 LIGANDO AS LINHAS
- 27 PRESENTES
- 28 CARTAS
- 29 FOGO E ESPÍRITO
- 30 CURAR DE NOVO
- 31 LACRE DE CERA VERMELHA
- 32 CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS
- 33 CORAGEM PARA FORTIFICAR
- 34 A JORNADA PARA SALIDAR
- 35 NO SALÃO DAS VOTANTES
- 36 A AMYRLIN É ELEVADA
- 37 QUANDO A BATALHA COMEÇA
- 38 UM SÚBITO DESÂNIMO
- 39 POSSIBILIDADES
- 40 GARGALHADA INESPERADA
- 41 UMA AMEAÇA
- 42 A TORRE NEGRA
- 43 A COROA DE ROSAS

44 A COR DA CONFIANÇA

45 UM PENSAMENTO AMARGO

46 ALÉM DO PORTÃO

47 A MULHER ERRANTE

48 APOIADAS NA FACA

49 O ESPELHO DE BRUMAS

50 ESPINHOS

51 A CAPTURA

52 TESSITURAS DO PODER

53 O FESTIVAL DAS LUZES

54 O CHAMADO

55 POÇOS DE DUMAI

EPÍLOGO: A RESPOSTA

GLOSSÁRIO

Cantam os leões, os montes fogem em rol.

De dia brilha a lua, de noite vem o sol.

Mulher cega, homem surdo, corvo atroz.

Vem, Senhor do Caos, reinar sobre nós.

(*cantiga infantil ouvida na Grande Arvalon, da Quarta Era*)



PRÓLOGO

A PRIMEIRA MENSAGEM

Demandred saiu para as encostas negras de Shayol Ghul, e a passagem, um buraco

na trama da realidade, tremeluziu e desapareceu. Nuvens cinzentas se revolviam

acima, encobrendo o céu como um mar invertido de ondas cinzentas morosas que

arrebentavam em volta do pico oculto da montanha. Abaixo, estranhas luzes

lampejavam pelo vale árido, em tons azuis e vermelhos desbotados que não eram

suficientes para afastar as trevas sombrias encobrendo sua fonte feito uma mortalha.

Relâmpagos subiam pelas nuvens, e trovões lentos ribombavam. Ao longo da

encosta, vapor e fumaça se elevavam por vulcões isolados, alguns tão pequenos

quanto a mão de um homem, outros enormes o bastante para engolir dez camaradas.

Na mesma hora, soltou o Poder Único — e com a mesma delicadeza que o Poder

sumiu, esvaneceu-se também a agudez de sentidos que tornava tudo mais claro, mais

penetrante. A ausência de *saidin* deixava um vazio, porém, naquele lugar, apenas um

tolo se arriscaria a sequer parecer disposto a canalizar. Além do mais, apenas um

tolo desejaria ver, farejar ou sentir com clareza as coisas daquele lugar.

No tempo que era agora conhecido como Era das Lendas, aquele lugar fora uma

ilha idílica em um mar tranquilo, lugar predileto dos apreciadores de paisagens

rústicas. Apesar do vapor, o frio era cortante. Demandred não se permitia senti-lo,

mas o instinto o fazia apertar contra o corpo o manto de veludo forrado de pele. Uma

leve bruma revelava sua respiração, quase invisível antes de ser tragada pelo ar.

Poucas léguas a norte dali o mundo era puro gelo, mas Thakan'dar era sempre seca

como um deserto, por mais que vivesse em um permanente inverno.

Havia água, por assim dizer, um arroio de águas negras que corria pela encosta

rochosa ao lado de uma ferraria de teto cinza. Martelos retiniam lá dentro, e luz

branca cintilava pelas janelas estreitas a cada repique. Uma mulher vestida em

andrajos estava agachada, encostada na parede de pedras brutas da ferraria,

parecendo desesperançosa, com um bebê aninhado nos braços e uma menina

comprida afundando o rosto em suas saias. Prisioneiros capturados em uma invasão

às Terras da Fronteira, sem dúvida. Mas eram muito poucos; os Myrddraal deviam

estar rangendo os dentes, incomodados. Suas espadas sempre falhavam depois de

algum tempo e tinham que ser substituídas, apesar de as incursões às Terras da

Fronteira terem sido reduzidas.

Um dos forjadores apareceu, um homem robusto e de movimentos lentos que

parecia ter sido esculpido de uma montanha. Os forjadores não estavam exatamente

vivos: caso se afastassem de Shayol Ghul, transformavam-se em pedra ou pó.

Também não eram exatamente ferreiros; não faziam nada além das espadas. Com as

duas mãos, o sujeito segurava uma lâmina de espada presa em pinças compridas — a

lâmina já estava temperada, pálida feito neve sob a lua. Vivo ou não, o forjador

tomou cuidado ao mergulhar o metal reluzente no arroio escuro. Qualquer fragmento

de vida que possuía poderia desaparecer ao encostar naquela água. Quando o metal

emergiu outra vez, estava negro feito a morte. Porém, o trabalho ainda não havia

sido terminado. O forjador voltou para dentro arrastando os pés, e de súbito uma voz

masculina soltou um grito desesperado.

— Não? Não! NÃO!

Ouviu-se um ganido, e o som foi definhando sem perder a intensidade, como se o

sujeito que gritara fosse arrastado a uma distância inimaginável. A espada estava

pronta.

Outro forjador apareceu — talvez o mesmo, talvez outro — e ergueu a mulher

com um puxão. Mulher, bebê e criança começaram a choramingar, mas o bebê foi

arrancado do colo da mãe e enfiado nos braços da menininha. Por fim, a mulher

encontrou um resquício de resistência. Aos soluços, começou a chutar e arranhar

desesperadamente. O forjador parecia se abalar tanto quanto uma pedra. Os berros

da mulher cessaram assim que ela entrou. Os martelos recomeçaram a retinir,

abafando os soluços das crianças.

Uma espada pronta, e duas por vir. Demandred nunca tinha visto menos de

cinquenta prisioneiros aguardando para entregar as crias ao Grande Senhor das

Trevas. Os Myrddraal deviam estar mesmo rangendo os dentes, incomodados.

— Você está remanchando depois de ser convocado pelo Grande Senhor? — A

voz era áspera feito couro podre.

Demandred virou-se devagar — como é que um Meio-homem se

atrevia a dirigir-

se a ele naquele tom? —, porém as palavras de repreensão morreram na boca. Não

por causa do olhar sem olhos da criatura de rosto pálido — o olhar de um Myrddraal

metia medo em qualquer homem, mas ele extirpara seu medo havia muito tempo.

Foi pela própria criatura coberta de negro. Todos os Myrddraal tinham a altura de

um homem alto, eram uma cópia serpeante de um homem, e todos pareciam ter

saído do mesmo molde. Aquele era cerca de uma cabeça mais alto que o usual.

— Vou levá-lo ao Grande Senhor — anunciou o Myrddraal. — Sou Shaidar

Haran.

A criatura deu meia-volta e começou a subir a montanha com seu caminhar fluido,

feito uma serpente. A capa retinta permanecia estranhamente imóvel, sem a menor

ondulação.

Demandred hesitou antes de segui-lo. Os Meios-homens sempre tinham nomes na

língua enrolada dos Trollocs. “Shaidar Haran” vinha do idioma que o povo agora

denominava Língua Antiga. Significava “Mão das Trevas”. Outra surpresa, e

Demandred não gostava de surpresas, sobretudo em Shayol Ghul.

A entrada para a montanha poderia ser confundida com um dos vulcões, à

diferença de que não emitia vapor ou fumaça. A abertura era ampla o bastante para a

passagem de dois homens lado a lado, mas o Myrddraal manteve-se à frente. Logo

na entrada, o caminho já formava um declive — um túnel de piso gasto e liso feito

azulejos polidos. O frio foi diminuindo conforme Demandred seguia as largas costas

de Shaidar Haran, cada vez mais para baixo, aos poucos substituído por um calor

crescente. Demandred o percebia, mas não se deixava atingir. Uma luz pálida

emanava da pedra e inundava o túnel, mais brilhante que o crepúsculo incessante lá

fora. Do teto despontavam protuberâncias pontudas e serrilhadas, dentes de pedra

prontos para se fecharem, os dentes do Grande Senhor para dilacerar os traidores e

infiéis. Sem dúvida, não eram formações naturais, porém eram eficazes.

De súbito, Demandred notou algo. Todas as vezes que percorrera esse trajeto, os

agulhões quase roçavam o topo da cabeça. Daquela vez, havia um espaço de pelo

menos duas mãos entre eles e a cabeça do Myrddraal. Aquilo o surpreendeu. Não o

fato de a altura do túnel estar diferente — o estranho era costumeiro, por ali —, e

sim de ter sido dado um espaço a mais ao Meio-homem. O Grande Senhor emitia

avisos tanto aos homens quanto aos Myrddraal. Aquele espaço extra era um

lembrete.

O túnel de repente se abria em uma ampla saliência que dava para um lago de

pedras fundidas, vermelhas rajadas de preto, onde chamas da altura de um homem

dançavam, se extinguíam e nasciam outra vez. Não havia teto, apenas um buraco

imenso se erguendo montanha acima até um céu que não era o céu de Thakan'dar.

Aquele céu fazia o de Thakan'dar parecer normal, com as nuvens estranhamente

estriadas correndo feito raios, como se conduzidas pelos piores ventos que o mundo

já vira. Os homens chamavam aquele lugar de Poço da Perdição, e poucos tinham

noção de como o nome era apropriado.

Mesmo depois de tantas visitas — e a primeira fora em um passado de bem mais

de três mil anos —, Demandred sempre sentia um pavor reverente. Ali, conseguia

sentir a Fenda — o antiquíssimo buraco perfurado na prisão onde o Grande Senhor

jazia desde o momento da Criação. Ali, a presença do Grande Senhor o inundava.

Fisicamente, o lugar ficava tão distante da Fenda quanto qualquer outro no mundo,

mas ali o Padrão parecia mais fino, o que permitia que fosse sentido.

Demandred viu-se perto de abrir um sorriso como nunca estivera antes. Como

eram tolos os que haviam se oposto ao Grande Senhor. Sim, a Fenda ainda estava

bloqueada, mesmo que de forma mais tênue do que quando o Grande Senhor

despertara de seu longo sono e se libertara de sua prisão. Bloqueada, porém maior do

que quando ele despertara. Ainda não tão grande quanto na época em que

Demandred fora jogado lá com seus companheiros, no fim da Guerra do Poder,

porém um pouco maior a cada visita. Logo, o bloqueio seria desfeito, e o Grande

Senhor estenderia a mão outra vez por sobre a terra. Logo, chegaria o Dia do

Retorno. E ele governaria o mundo pelo restante dos tempos. Abaixo do Grande

Senhor, claro. E com os outros Escolhidos que sobrevivessem, certamente.

— Pode se retirar agora, Meio-homem.

Não queria a criatura ali para ver o êxtase tomando conta dele. O êxtase e a dor.

Shaidar Haran não se mexeu.

Demandred abriu a boca... e uma voz explodiu em sua cabeça.

DEMANDRED.

Chamar aquilo de voz era como chamar uma montanha de seixo. Aquilo quase

esmagou o interior de seu próprio crânio, e ele foi completamente arrebatado.

Tombou de joelhos. O Myrddraal continuava assistindo, impassível, mas apenas

uma parte sua era capaz de notar a criatura, com aquela voz invadindo seu cérebro.

DEMANDRED. COMO VAI ESTE MUNDO?

Nunca sabia ao certo quanto o Grande Senhor sabia do mundo. A ignorância o

surpreendia tanto quanto o conhecimento. Porém não tinha dúvidas a respeito do que

o Grande Senhor queria ouvir.

— Rahvin foi morto, Grande Senhor. Ontem. — Sentiu dor. Uma euforia tão forte

logo se tornava dor. Seus braços e pernas se contraíram. Estava suando. — Lanfear

desapareceu sem deixar rastros, assim como Asmodean. E Graendal avisou que

Moghedien não foi encontrá-lo, como haviam combinado. Também ontem, Grande

Senhor. Não acredito em coincidências.

OS ESCOLHIDOS ESTÃO DEFINHANDO, DEMANDRED. OS FRACOS

SUCUMBEM. QUEM ME TRAIR, MORRERÁ A MORTE FINAL. ASMODEAN,

ESMAGADO PELA PRÓPRIA FRAQUEZA. RAHVIN, MORTO PELO

PRÓPRIO ORGULHO. ELE SERVIU BEM, MAS NEM MESMO EU POSSO

SALVÁ-LO DO FOGO DEVASTADOR. NEM MESMO EU POSSO CAMINHAR

FORA DO TEMPO. Por um instante, uma ira terrível apossou-se daquela voz

assustadora, e... seria frustração? Um instante apenas. MORTO POR MEU

ANTIGO INIMIGO, O QUE CHAMAM DRAGÃO. VOCÊ USARIA O FOGO

DEVASTADOR A MEU SERVIÇO, DEMANDRED?

Demandred hesitou. Uma gota de suor deslizou meia polegada por seu rosto;

pareceu ter levado uma hora para escorrer. Durante a Guerra do Poder, ambos os

lados passaram um ano usando fogo devastador. Até descobrirem as consequências.

Sem acordo nem trégua — jamais houvera trégua, muito menos clemência —, os

dois lados simplesmente pararam. Naquele ano, cidades inteiras pereceram sob o

fogo devastador, centenas de milhares de tramas do Padrão foram queimadas, a

própria realidade quase desfiou, mundo e universo evaporando em cerração. Se o

fogo devastador fosse usado outra vez, poderia não restar um mundo para governar.

Outra coisa o deixou incomodado. O Grande Senhor já sabia como Rahvin

morrera. E parecia saber mais sobre Asmodean do que ele.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será. — Seus músculos podiam estar

trêmulos, mas sua voz estava firme. A pedra quente começava a formar bolhas em

seus joelhos, mas a carne poderia muito bem ser de outra pessoa.

ASSIM SERÁ.

— Grande Senhor, é possível destruir o Dragão. — Um homem morto não

conseguiria manejar o fogo devastador, e talvez então o Grande Senhor não visse

mais necessidade disso. — Ele é fraco e ignorante, e sua atenção vive dispersa em

dezenas de direções. Rahvin era um imbecil vaidoso. Eu...

VOCÊ SERIA NAE'BLIS?

A língua de Demandred congelou. Nae'blis. Aquele que se postava apenas um

degrau abaixo do Grande Senhor, comandando todos os outros.

— Eu desejo apenas servi-lo, Grande Senhor, da forma que puder. —
Nae'blis.

ENTÃO ESCUTE E SIRVA. OUÇA QUEM VAI MORRER E QUEM VAI
VIVER.

Demandred gritou quando a voz o atingiu. Lágrimas de alegria
correram por seu

rosto.

Imóvel, o Myrddraal o observava.

* * *

— Fiquem quietas. — Nynaeve sacudiu a longa trança por cima do
ombro. — Não

vai dar certo se vocês ficarem se remexendo feito crianças com
coceira.

Do outro lado da mesa instável, nenhuma das mulheres parecia muito
mais velha

do que ela, embora tivessem cerca de vinte anos a mais, e nenhuma
estava de fato se

remexendo, mas o calor deixava Nynaeve nervosa. O quartinho sem
janelas estava

abafado. Ela pingava de suor, enquanto as outras pareciam frescas e
secas. Leane,

com um vestido domanês de seda azul excessivamente fina, apenas
deu de ombros

— a mulher alta e de pele acobreada possuía um estoque aparentemente infundável

de paciência. Quase sempre. Já Siuan, serena e robusta, quase nunca tinha paciência

para oferecer.

Siuan grunhiu e ajeitou as saias outra vez, irritada. Em geral usava roupas lisas,

porém esta manhã vestia um delicado linho amarelo com bordado tairino labiríntico

envolvendo o decote que por pouco não era cavado demais. Os olhos azuis eram

frios feito a água do fundo de um poço. Frios como seria a água no fundo de um

poço, se o tempo não estivesse completamente doido. Os vestidos podiam ser

diferentes, mas os olhos não.

— Não vai funcionar mesmo — vociferou ela. Seu modo de falar também

permanecia o mesmo. — Não dá para remendar um casco com o barco todo

queimado. Bom, é perda de tempo, mas eu prometi que tentaria, então vamos logo

com isso. Leane e eu temos trabalho a fazer.

As duas comandavam a rede de olhos-e-ouvidos para as Aes Sedai ali em Salidar,

as agentes que divulgavam os informes e rumores a respeito do que acontecia no

mundo.

Nynaeve alisou as próprias saias para se acalmar. Seu vestido era de lã branca lisa

com sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Um vestido de Aceita.

Aquilo a incomodava mais do que poderia ter imaginado. Preferia estar usando o

vestido de seda verde que guardara na bolsa. Estava disposta a admitir, pelo menos

para si mesma, que tomara gosto por roupas refinadas, mas a escolha daquele

vestido em particular fora apenas pelo conforto — era fino e leve —, e não porque

verde era uma das cores preferidas de Lan. Não mesmo. Devaneios do pior tipo.

Uma Aceita que usasse qualquer coisa que não o vestido branco com faixas logo

descobriria que estava *muito* abaixo das Aes Sedai. Decidida, afastou todos aqueles

pensamentos. Não estava ali para se preocupar com roupinhas frescas. Ele também

gostava de azul. Não!

Sutilmente, usou o Poder Único para sondar as duas mulheres, primeiro Siuan,

depois Leane. De certa forma, não estava canalizando. Não conseguia canalizar nem

um fiapo se não estivesse irritada, sequer sentia a Fonte Verdadeira. No fim das

contas, dava no mesmo. Finos filamentos de *saidar*, a metade feminina da Fonte

Verdadeira, perpassavam as duas mulheres conforme Nynaeve tecia, só que não se

originavam dela.

No pulso esquerdo, Nynaeve usava um bracelete fino, uma tira simples

de prata

segmentada. Quase toda de prata, de qualquer forma, e de origem especial, embora

isso não fizesse diferença. Era a única joia que usava além do anel da Grande

Serpente. As Aceitas eram desencorajadas a usar muitos adornos. Um colar do

mesmo material envolvia o pescoço da quarta mulher, sentada em um banquinho

encostado na parede de reboco grosseiro, as mãos cruzadas no colo. Usava lã grossa

de fazendeiro e tinha o rosto rechonchudo e cansado das pessoas do campo, mas

sequer suava. Também não movia um só músculo, mas seus olhos escuros

observavam tudo. Nynaeve via o brilho de *saidar* que envolvia a mulher, mas era ela

própria quem conduzia a canalização. Bracelete e colar criavam um elo bastante

similar à forma como as Aes Sedai se conectavam para unir poderes. Segundo

Elayne, a explicação envolvia “matrizes completamente idênticas”, mas a partir dali

a explicação se tornava incompreensível. A verdade era que Nynaeve achava que

Elayne não entendia nem a metade do que fingia entender. Ela mesma não entendia

nada, a não ser o fato de que era capaz de sentir todas as emoções da outra mulher —

e também de sentir a própria —, em um canto de sua mente, e ela detinha o controle

de toda a *saidar* que a outra podia manipular. Às vezes, achava que teria sido melhor

se aquela mulher no banquinho estivesse morta. Seria mais simples, sem dúvida.

Menos complicado.

— Alguma coisa foi rasgada ou cortada — resmungou a Aceita, secando

distraidamente o suor do rosto.

Era apenas uma vaga impressão, quase imperceptível, mas, por outro lado, era a

primeira vez que sentia algo além de vazio. Poderia ser imaginação, o desejo

desesperado de encontrar alguma coisa, qualquer que fosse.

— Rompida — explicou a mulher no banquinho. — Esse era o nome do que

vocês hoje chamam de estancar, no caso das mulheres, e amansar, no dos homens.

Três cabeças se viraram na direção da mulher; três pares de olhos a encararam

cheios de fúria. Siuan e Leane tinham sido Aes Sedai até serem estancadas durante o

golpe à Torre Branca, que pusera Elaida no Trono de Amyrlin. Estancadas. Uma

palavra que provocava arrepios. Nunca mais poderiam canalizar. E sempre se

lembrariam disso, teriam consciência da perda. Sentiriam a Fonte Verdadeira

eternamente, sabendo que jamais poderiam tocá-la outra vez. O estancamento era tão

incurável quanto a morte.

Isso era o que todos acreditavam, ao menos, mas, na opinião de Nynaeve, o Poder

Único deveria ser capaz de Curar qualquer coisa, exceto a morte.

— Só fale se tiver algo útil a acrescentar, Marigan — retrucou Nynaeve, com

rispidez. — Caso contrário, fique quieta.

Marigan encolheu-se outra vez contra a parede, os olhos faiscantes cravados em

Nynaeve. Medo e ódio percorreram o bracelete, o que sempre acabava acontecendo.

Os prisioneiros quase nunca gostavam de seus captores, nem mesmo — talvez

sobretudo — quando sabiam que mereciam ser presos, e até mais. O problema era

que Marigan também dissera que o rompimento — o estancamento — não podia ser

Curado. Ora, a mulher enchia a boca para dizer que na Era das Lendas havia Cura

para tudo, a não ser para a morte, e que o que hoje a Ajah Amarela chamava de Cura

nada mais era do que o trabalho grosseiro e apressado dos campos de batalha. No

entanto, sempre que Nynaeve tentava arrancar informações mais específicas ou até

um palpite a respeito de como eram os procedimentos, a mulher não abria a boca.

Marigan sabia tanto sobre Cura quanto Nynaeve sobre o trabalho nas forjas — os

ferreiros enfiavam metal no carvão quente e batiam nele com um martelo. Decerto

não era o bastante para fazer uma ferradura. Nem para Curar qualquer

coisa além de

um hematoma.

Remexendo-se na cadeira, Nynaeve observou Leane e Siuan. Passara dias assim,

examinando-as sempre conseguia convencê-las a deixar de lado seu outro trabalho,

mas até então nada descobrira. De súbito, deu-se conta de que girava o bracelete no

pulso. Fosse qual fosse o ganho, odiava permanecer conectada à mulher. A

intimidade lhe causava arrepios. *Pelo menos posso tentar aprender alguma coisa,*

pensou. *E não pode ser pior do que tudo o que já aconteceu.*

Tomando cuidado, abriu o bracelete — era impossível encontrar o fecho sem

saber de antemão onde ele ficava — e entregou-o a Siuan.

— Coloque isso aqui.

Perder o acesso ao Poder era ruim, mas precisava fazer isso. E perder as ondas de

emoção era como tomar um banho. Os olhos de Marigan acompanharam o fino aro

de metal, hipnotizados.

— Por quê? — inquiriu Siuan. — Você disse que essa coisa só funciona...

— Anda logo, Siuan.

Siuan a encarou com teimosia — Luz, que mulher obstinada! — antes de fechar o

bracelete no próprio pulso. Na mesma hora, foi tomada por uma expressão de

espanto, depois estreitou os olhos para Marigan.

— Ela odeia a gente, mas disso eu já sabia. E sente medo, e... surpresa. O rosto

dela não revela o menor traço, mas a mulher está chocada até a raiz dos cabelos.

Acho que não acreditava que eu também pudesse usar isto aqui.

Marigan se remexeu, incomodada. Até então, apenas duas pessoas que sabiam a

seu respeito podiam usar o bracelete. Quatro teriam mais chances de fazer perguntas.

A mulher parecia cooperar, mas quanto estaria escondendo? O máximo possível,

Nynaeve tinha certeza.

Siuan balançou a cabeça, com um suspiro.

— E eu não posso. Deveria conseguir tocar a Fonte a partir dela, não é mesmo?

Pois é, não consigo. Mais fácil um peixe subir em árvores. Fui estancada e ponto

final. Como é que se tira essa coisa? — A mulher sacudiu o bracelete. — Como é

que se tira essa porcaria?

Com delicadeza, Nynaeve deitou a mão sobre a de Siuan, por cima do bracelete.

— Você não consegue ver? O bracelete não funciona para uma mulher incapaz de

canalizar, assim como o colar não funcionaria. Se eu pusesse um dos dois em uma

das cozinheiras, ia ser só uma joia bonita.

— Cozinheira ou não — retrucou Siuan, impassível —, eu não consigo canalizar.

Fui estancada.

— Mas existe algo aí para ser Curado — insistiu Nynaeve —, senão você não

receberia sensação nenhuma vinda do bracelete.

Siuan deu um puxão para soltar o braço e estendeu o punho.

— Tire isso de mim.

Nynaeve aquiesceu, balançando a cabeça. Às vezes Siuan conseguia ser tão

cabeça-dura quanto qualquer homem!

Quando estendeu o bracelete para Leane, a domanesa ergueu o pulso com avidez.

A antiga Curadora das Crônicas fingia aceitar o estancamento tão bem quanto Siuan

— quanto Siuan fingia —, mas nem sempre se saía bem nisso. Supostamente, a

única forma de sobreviver por um longo tempo após o estancamento era encontrar

algo mais para preencher a vida, preencher o vazio deixado pelo Poder Único. Para

Leane e Siuan, esse algo era administrar a rede de agentes e, mais importante, tentar

convencer as Aes Sedai em Salidar a apoiar Rand al'Thor como o Dragão Renascido

sem deixá-las saber o que estavam fazendo. A questão era se isso bastava. A

amargura no rosto de Siuan, além do prazer no de Leane, quando o bracelete se

fechou, denunciavam que talvez nada jamais fosse o bastante.

— Ah, sim. — Leane tinha um jeito direto de falar. Exceto quando se dirigia aos

homens, pelo menos. Era domanesa, afinal, e vinha tentando tirar o atraso do tempo

que passara na Torre. — É, ela está mesmo atônita, não está? Mas está começando a

se controlar. — Por uns instantes, a mulher ficou sentada em silêncio, avaliando a

figura no banquinho. Marigan a encarava de volta, receosa. Por fim, Leane deu de

ombros. — Também não consigo tocar a Fonte. Tentei fazer com que ela sentisse

uma picada de pulga no tornozelo. Se tivesse funcionado, ela teria dado algum sinal.

Este era outro truque do bracelete: provocar sensações físicas na mulher que

portava o colar. Apenas sensações, pois o ato não gerava qualquer marca ou dano

real. Ainda assim, a sensação de duas chicotadas bem dadas tinha bastado para

convencer Marigan de que era melhor cooperar. A alternativa seria um julgamento

rápido seguido de execução.

Apesar do fracasso, Leane não tirou os olhos do bracelete quando Nynaeve o

abriu e o fechou outra vez no próprio punho. Parecia que ela, ao menos, não desistira

completamente de algum dia canalizar outra vez.

Recuperar o acesso ao Poder parecia maravilhoso. Não tanto quanto abraçar e ser

preenchida por *saidar*, porém até mesmo tocar a Fonte a partir de outra mulher era

como duplicar a vida que corria em suas veias. Conter *saidar* dentro de

si despertava

a vontade de rir e dançar de pura alegria. Supunha que um dia se acostumaria com

isso — imaginava que as Aes Sedai plenas com o tempo se acostumassem.

Considerando o prazer que lhe trazia, a conexão com Marigan era um preço pequeno

a se pagar.

— Agora que a gente sabe que existe uma chance — anunciou —, acho...

A porta se abriu com um estrondo, e Nynaeve viu-se de pé antes mesmo de pensar

em reagir. Nem tinha cogitado usar o Poder, e teria gritado, se a garganta não

estivesse completamente travada. Não foi a única, porém mal percebeu que Siuan e

Leane também se levantaram de um salto. O medo cascadeando pelo bracelete

pareceu um eco do que ela própria sentia.

A jovem que fechou a porta de madeira irregular não percebeu a comoção que

causara. Alta e empertigada em seu vestido de Aceita, os cachos dourados por sobre

os ombros, parecia cuspir fogo, de tão irritada. No entanto, mesmo com o rosto

rígido de raiva e pingando de suor, a jovem conseguia permanecer bonita — era uma

das habilidades de Elayne.

— Vocês sabem o que elas estão fazendo? Estão enviando uma missão diplomática para... para Caemlyn! E se recusam a me deixar ir!

Sheriam me *proibiu*

de tocar outra vez nesse assunto. Me proibiu de sequer *falar* a respeito!

— Nunca ensinaram você a bater antes de entrar, Elayne? — Nynaeve endireitou

a cadeira e sentou-se outra vez. Desabou, na realidade: os joelhos estavam bambos

de alívio. — Achei que *você* fosse Sheriam. — A simples ideia de ser descoberta

dilacerava suas entranhas.

Elayne teve a decência de corar e pedir desculpas na mesma hora. Então estragou

tudo, acrescentando:

— Mas não entendo por que ficaram tão nervosinhas. Birgitte ainda está lá fora, e

vocês *sabem* que ela avisaria caso alguém se aproximasse. Nynaeve, elas *precisam*

me deixar ir.

— Elas não *precisam* fazer nada disso — retrucou Siuan com rispidez.

Ela e Leane também haviam se sentado de novo. Siuan mantinha as costas eretas,

como sempre, mas Leane estava curvada para trás, meio bamba, feito os joelhos de

Nynaeve. Marigan estava encostada na parede, ofegante, os olhos fechados, as mãos

pressionadas com força no reboco da parede. Alívio e o mais completo terror

jorravam pelo bracelete em solavancos alternados.

— Mas...

Siuan não permitiu que Elayne dissesse outra palavra.

— Você acha que Sheriam, ou qualquer uma das outras, vai deixar a Filha-

herdeira de Andor cair nas mãos do Dragão Renascido? Ainda mais depois que sua

mãe morreu...

— Eu não acredito nisso! — vociferou Elayne.

— Você não acredita que Rand a tenha matado — prosseguiu Siuan, inflexível —,

e isso é outra coisa. Eu também não. No entanto, se Morgase estivesse viva, teria

aparecido e reconhecido Rand como o Dragão Renascido. Ou, se acreditasse que ele

era um falso Dragão, apesar das provas, estaria organizando a resistência. Nenhuma

de minhas informantes ouviu um sussurro sequer a respeito de uma coisa ou outra.

Nem em Andor, nem aqui em Altara, nem em Murandy.

— Ouviram, *sim* — retrucou Elayne. — Tem uma rebelião no oeste.

— Contra Morgase. Contra. Isso se também não for boato. — A voz de Siuan

demonstrava tanta flexibilidade quanto um tronco de carvalho. — Sua mãe está

morta, garota. É melhor admitir e acabar logo com esse período de luto.

Elayne ergueu a cabeça, um hábito muito irritante que tinha — era a imagem da

arrogância fria, embora a maioria dos homens, sabe-se lá por quê, considerasse

aquilo atraente.

— Você reclama o tempo todo sobre como demora para entrar em contato com as

suas agentes — declarou a garota, muito calma —, mas vou deixar de lado o fato de

que pode não ter ouvido tudo o que há para ouvir. Esteja minha mãe viva ou não,

meu lugar agora é em Caemlyn. *Eu* sou a Filha-herdeira.

O bufo alto de desdém de Siuan fez Nynaeve dar um salto.

— Você já é Aceita há tempo o bastante para não se perder nessas besteiras.

Elayne possuía um potencial que não era visto em mil anos. Não tanto quanto

Nynaeve, se a mulher aprendesse a canalizar por vontade própria, mas mesmo assim

suficiente para fazer os olhos de qualquer Aes Sedai brilharem. A Filha-herdeira

torceu o nariz. Sabia muito bem que, mesmo que já tivesse tomado posse do Trono

do Leão, as Aes Sedai ainda a manteriam presa no treinamento — pedindo, se fosse

possível, ou enfiando-a em um barril, caso necessário. Abriu a boca, mas Siuan

continuou, sem sequer pausar para respirar:

— É verdade, ninguém vai se incomodar se você subir logo ao trono. Há muito

não se vê uma Rainha abertamente declarada Aes Sedai. Mas não vão deixar você ir

para lá até ser uma irmã completa, ou mesmo depois. Justamente porque você é a

Filha-herdeira, em breve será a Rainha, não vão deixar que se aproxime do maldito

Dragão Renascido até saberem quanto podem confiar nele. Sobretudo desde essa...

anistia dele. — A boca da mulher se contorceu ao pronunciar a palavra, e Leane fez

uma careta.

Nynaeve também conteve a língua. Fora criada para temer qualquer homem capaz

de canalizar, todos destinados a enlouquecer e aterrorizar quem estivesse à sua volta

antes que a metade masculina da Fonte, maculada pela Sombra, lhe trouxesse uma

morte terrível. Rand, porém, um sujeito que vira crescer, era o Dragão Renascido —

sua vinda era um sinal de que a Última Batalha estava próxima, uma batalha na qual

ele deveria enfrentar o Tenebroso. O Dragão Renascido, a única esperança da

humanidade — um homem capaz de canalizar. E pior: os informes revelavam que

estava tentando reunir outros como ele. Naturalmente, não era possível que houvesse

muitos. Qualquer Aes Sedai caçaria homens assim — a Ajah Vermelha tinha poucas

funções além dessa. Ainda assim, segundo os relatórios, haviam encontrado alguns,

embora bem menos do que antes houvera em outros tempos.

Elayne, no entanto, não estava disposta a desistir. Era uma de suas características

admiráveis: não desistia nem com a cabeça no cadafalso e o machado já descendo.

Permaneceu parada de cabeça erguida, enfrentando o olhar de Siuan,

o que Nynaeve

considerava muito difícil.

— Existem duas razões muito claras pelas quais eu devo ir. Primeiro: seja lá o que

tenha acontecido com minha mãe, ela *está* desaparecida, e eu, como Filha-herdeira,

posso acalmar o povo e assegurar que a sucessão continua intacta. Segundo: posso

me aproximar de Rand. Ele confia em mim. Eu seria *de longe* melhor do que

qualquer outra escolhida pelo Salão.

As Aes Sedai em Salidar tinham escolhido seu próprio Salão da Torre, um novo

Salão no Exílio, por assim dizer. Sua suposta tarefa era considerar a escolha de um

novo Trono de Amyrlin, uma Amyrlin legítima para clamar o título e a Torre de

volta de Elaida, mas Nynaeve não vira muito sinal disso.

— É muita gentileza sua se oferecer para sacrifício, criança — retrucou Leane

secamente.

A expressão de Elayne não se alterou, mas a jovem enrubesceu de fúria. Poucas

pessoas fora daquele quarto sabiam, e nenhuma delas era Aes Sedai, mas Nynaeve

não tinha dúvidas de que a primeira atitude de Elayne em Caemlyn seria ficar a sós

com Rand e quase matá-lo de beijos. Leane continuou:

— Com sua mãe... desaparecida... se Rand al'Thor tiver você e Caemlyn, terá

Andor, e o Salão não permitirá que ele possua Andor por mais do que o necessário,

ou qualquer outro lugar, se for possível impedir. Ele carrega Tear e Cairhien no

bolso, e os Aiel também, ao que parece. Se acrescentarmos Andor, Murandy e Altara

desabariam a um espirro dele, e com a gente dentro. Rand está ficando cada vez mais

poderoso, e muito depressa. Pode vir a decidir que não precisa de nós. Com

Moiraine morta, não tem mais ninguém perto dele em quem possamos confiar.

Nynaeve estremeceu. Moiraine fora a Aes Sedai que a tirara de Dois Rios com

Rand e mudara a vida deles. A dela e a de Rand, Egwene, Mat e Perrin. Passara

tanto tempo desejando fazer Moiraine pagar pelo que fizera a eles que perdê-la era

como perder um pedaço de si mesma. Mas a Aes Sedai morrera em Cairhien e levava

Lanfear consigo. Estava rapidamente se tornando uma lenda entre as Aes Sedai, a

única da Torre a ter matado não apenas um, mas dois dos Abandonados. A única

coisa boa que Nynaeve via nisso, por mais que se envergonhasse de ver qualquer

coisa boa, era que Lan agora estava livre de seu elo de Guardião. Se pelo menos

conseguisse encontrá-lo.

Siuan prosseguiu, no ponto exato onde Leane parara:

— Não podemos nos dar ao luxo de deixar o garoto sair navegando

sem ninguém

para conduzir o timão. Quem é que sabe o que ele pode fazer? Sim, sim, sei que

você fica aflita para defendê-lo, mas não quero nem ouvir. Estou tentando equilibrar

um lúcio vivo no nariz, garota. Não podemos deixar que Rand se fortaleça demais

antes de nos aceitar, mas também não ousamos refreá-lo muito. E estou tentando

manter Sheriam e as outras convencidas de que *devem* apoiar Rand, mesmo com

metade do Salão considerando, com seus botões, que não quer ter nada a ver com ele

e a outra metade acreditando de todo o coração que ele deva ser amansado, Dragão

Renascido ou não. Em todo caso, sejam quais forem seus argumentos, sugiro que

aceite o que Sheriam diz. Você não vai fazer a cabeça de ninguém, e Tiana não tem

noviças o suficiente para se ocupar, por aqui.

O rosto de Elayne se contraiu de raiva. Tiana Noselle, irmã Cinza, era Mestra das

Noviças em Salidar. Uma Aceita precisava sair muito mais da linha do que uma

noviça para ser mandada para Tiana, mas justamente por isso a visita era sempre

muito mais dolorosa e vexatória. A Cinza podia demonstrar um pouco de bondade

para com uma noviça, ainda que não muita, mas sentia que as Aceitas já não deviam

cair em esparrelas e costumava fazê-las pensar o mesmo muito antes

de deixarem o

pequeno cubículo onde ficava seu gabinete.

Nynaeve andara observando Siuan, e um pensamento lhe veio à mente.

— Vocês sabem tudo a respeito dessa... missão diplomática, ou seja lá o que isso

for... não sabem? Vocês duas sempre têm as ideias alinhadas com Sheriam e o

circulozinho dela. — O Salão poderia muito bem ter toda a autoridade até que fosse

escolhida uma nova Amyrlin, mas quem de fato controlava tudo era Sheriam e o

grupinho de Aes Sedai que organizaram as primeiras chegadas em Salidar. —

Quantas estão sendo enviadas, Siuan?

Elayne prendeu a respiração: estava claro que não havia pensado nisso. Era um

sinal de como estava transtornada. Em geral era ela que notava os detalhes que

Nynaeve deixava passar.

Siuan não negou a acusação. Desde o estancamento, conseguia mentir feito um

mercador de lã, mas, quando decidia ser franca, era franca como um tapa na cara.

— Nove. “O bastante para honrar o Dragão Renascido”, elas disseram, afinal,

costumamos mandar três para um *rei*, “mas não o suficiente para intimidá-lo”. Isso

se ele tiver ficado sábio o suficiente para perceber que deveria ficar intimidado.

— É melhor torcer para que sim — retrucou Elayne, com frieza. —
Senão nove

podem ser oito a mais do que o necessário.

O número perigoso era treze. Rand era forte, talvez mais do que
qualquer homem

desde a Ruptura, porém treze Aes Sedai ligadas eram capazes de
dominá-lo, blindá-

lo de *saidin* e levá-lo prisioneiro. Treze era o número necessário para
amansar um

homem, embora Nynaeve já começasse a achar que se tratasse mais de
costume do

que de necessidade. As Aes Sedai faziam muitas coisas apenas por
força do hábito.

Siuan abriu um sorriso longe de parecer de agrado.

— Eu fico imaginando... por que é que ninguém mais pensou nisso?
Pense,

garota! Sheriam pensa, o Salão também. A princípio só uma vai se
aproximar dele,

depois disso ninguém vai chegar perto, só se ele estiver à vontade.
Mas Rand vai

saber que tem nove das nossas lá, e sem dúvida alguém vai explicar a
ele como isso

é uma honra.

— Entendi — respondeu Elayne, com uma vozinha baixa. — Eu devia
ter

imaginado que uma de vocês pensaria nisso. Desculpe. — Era outra de
suas

qualidades. Podia ser teimosa feito uma mula vesga, mas, quando
concluía que

estava errada, admitia, tão mansa quanto uma camponesa. Muito raro
para uma

nobre.

— Min também vai — completou Leane. — Os... talentos dela podem ser úteis

para Rand. As irmãs não saberão disso, é claro. Ela consegue guardar segredos. —

Como se essa fosse a parte importante.

— Entendi — repetiu Elayne, desta vez de maneira inexpressiva. Fez esforço para

avivar o tom, mas foi um fracasso. — Bom, estou vendo que estão ocupadas com...

com Marigan. Não quis incomodar. Por favor, não me deixem interrompê-las.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, a Filha-herdeira se retirou e bateu a

porta. Cheia de raiva, Nynaeve virou-se para Leane:

— Pensei que Siuan fosse a malvada das duas, mas isso foi cruel!

Foi Siuan quem respondeu.

— Sempre há problemas quando duas mulheres amam o mesmo homem, e

quando o homem em questão é Rand al'Thor... sabe a Luz quanta lucidez ele ainda

tem, ou em que direção mandarão que ele siga. Se arranhões e puxões de cabelo

estiverem por vir, que aconteçam aqui e agora.

Sem pensar, a mão de Nynaeve agarrou a trança e deu um puxão por cima do

ombro.

— Eu tenho que... — O problema era que havia pouco que pudesse fazer, e nada

que fizesse muita diferença. — Vamos retomar de onde paramos quando Elayne

entrou. Mas vou avisando, Siuan: se você fizer outra coisa dessas com ela — *ou*

comigo, pensou —, farei você se arrepender por... aonde é que pensam que estão

indo?

Siuan arrastara a cadeira para trás e se levantara, e, depois de uma olhadela, Leane

fez o mesmo.

— Temos que trabalhar — respondeu a mulher, com aspereza, rumando para a

porta.

— Você prometeu ficar disponível, Siuan. Sheriam mandou. — Não que Sheriam

considerasse aquilo uma perda de tempo menos que Siuan, mas Nynaeve e Elayne

havam conquistado recompensas, além de certa quantidade de indulgências. Uma

delas era ter Marigan servindo de criada, o que lhes deixava mais tempo para os

estudos de Aceitas.

Siuan disparou um olhar bem-humorado pela porta.

— Talvez você deva reclamar com ela? E explicar como estão conduzindo essa

pesquisa? Eu quero um tempo com *Marigan* hoje à noite; tenho mais umas

perguntas.

Quando a antiga Amyrlin saiu, Leane anunciou, pesarosa:

— Seria ótimo, Nynaeve, mas nós temos que fazer o que *podemos*.
Você podia

tentar com Logain. — E também saiu.

A Aceita fechou a cara. Analisar Logain ajudara menos do que analisar as duas

mulheres. Já não sabia ao certo se poderia descobrir qualquer coisa com ele. De todo

modo, a última coisa que desejava era Curar um homem amansado. Ele a deixava

muito nervosa.

— Vocês ficam se mordendo feito ratos presos em uma caixa — comentou

Marigan. — Diante das evidências, suas chances não são muito boas. Talvez você

devesse considerar... outras opções.

— Engula essa sua língua imunda! — Nynaeve cravou os olhos na mulher. —

Engula, que a Luz a queime! — O medo ainda corria pelo bracelete, porém também

algo mais, algo quase fraco demais para existir. Uma levíssima centelha de

esperança, talvez. — Que a luz a queime — murmurou.

O nome verdadeiro da mulher não era Marigan, e sim Moghedien. Uma

Abandonada, presa pelo próprio orgulho e arrogância, prisioneira entre as Aes Sedai.

Apenas cinco mulheres no mundo sabiam disso, nenhuma delas Aes Sedai, mas

manter Moghedien em segredo era a mais pura necessidade. Os crimes dos

Abandonados a levariam à execução com a mesma certeza de que o sol nasceria.

Siuan concordava: para cada Aes Sedai que preferisse aguardar, se houvesse alguma,

dez exigiriam justiça imediata. Em sua sepultura sem lápide, também seria enterrado

todo o conhecimento a respeito da Era das Lendas, época em que, com o Poder, se

operavam feitos inimagináveis nos dias atuais. Nynaeve não sabia ao certo se

acreditava em metade do que a mulher contava sobre aquela Era. Mas era certo que

compreendia menos da metade.

Arrancar informações de Moghedien não era fácil. Às vezes era como Curar:

Moghedien nunca se interessara por muita coisa que não fosse capaz de elevá-la, de

preferência por atalhos. Era bastante improvável que revelasse a verdade, mas

Nynaeve suspeitava de que a mulher tivesse sido uma espécie de vigarista antes de

jurar a alma ao Tenebroso. Às vezes, ela e Elayne simplesmente não sabiam que

perguntas fazer. Tinham apenas a certeza de que Moghedien quase nunca falava por

vontade própria. Ainda assim, descobriram boas informações e repassaram a maior

parte às Aes Sedai. Como se fossem resultado das pesquisas e dos estudos como

Aceitas, claro. E ganharam bastante reconhecimento por isso.

Se fosse possível, ela e Elayne teriam guardado segredo a respeito da

mulher, mas

Birgitte soubera desde o início, e Siuan e Leane precisavam ser informadas. Siuan

sabia o bastante sobre as circunstâncias que haviam levado à captura de Moghedien

para exigir uma explicação detalhada, além de possuir poder de barganha para obtê-

la. Nynaeve e Elayne sabiam alguns segredos de Siuan e Leane; já as duas pareciam

saber tudo a respeito dela e de Elayne, exceto pela verdade em relação a Birgitte. Era

um equilíbrio precário, com vantagem para a antiga Amyrlin e sua Curadora. Além

do mais, alguns fragmentos das revelações de Moghedien faziam menção a supostas

tramas de Amigos das Trevas e palpites a respeito do que os outros Abandonados

poderiam estar tramando. A única maneira de passar essas informações adiante era

fazer com que parecessem ter vindo das agentes de Siuan e Leane. Nada sobre a

Ajah Negra — muitíssimo bem escondida e negada havia muito —, ainda que isso

fosse o que mais interessava a Siuan. Sentia nojo dos Amigos das Trevas, mas a

mera ideia de Aes Sedai prestando juramentos ao Tenebroso era suficiente para levá-

la a uma fúria esmagadora. Moghedien alegava ter medo de chegar perto de

qualquer Aes Sedai, e isso era perfeitamente crível. O medo era uma sensação

permanente naquela mulher. Não era de se admirar que tivesse se escondido por

tanto tempo nas sombras, a ponto de receber a alcunha de Aranha. Em suma, era um

tesouro valioso demais para ser entregue ao carrasco, embora a maioria das Aes

Sedai não a visse dessa forma. A maioria das Aes Sedai poderia se recusar a tocar ou

confiar em qualquer coisa revelada por ela.

Culpa e repugnância açoitavam Nynaeve, e não era a primeira vez. Que montante

de conhecimento poderia justificar manter uma Abandonada livre da justiça?

Entregá-la acarretaria punição, decerto extrema, a todos os envolvidos, não apenas a

ela própria, mas também a Elayne, Siuan e Leane. Entregá-la acarretaria a revelação

do segredo de Birgitte. E a perda de todo aquele conhecimento. Moghedien podia

não saber muito sobre Cura, mas dera a Nynaeve uma dezena de dicas a respeito do

que era possível fazer, e sem dúvida tinha mais informações guardadas. Com tudo

aquilo a conduzi-la, o que poderia vir a descobrir?

Nynaeve queria um banho, e não tinha nada a ver com o calor.

— Vamos conversar sobre o tempo — resmungou, em um tom amargo.

— Você sabe mais do que eu sobre controlar o tempo. — Moghedien soava

exausta, e a sensação ecoou pelo bracelete. Muitas perguntas haviam sido feitas a

respeito do assunto. — Tudo o que sei é que o que está acontecendo é obra do

Grande... do Tenebroso. — Depois do ato falho, a mulher teve a coragem de abrir

um sorriso insinuante. — Seres humanos comuns não têm força suficiente para

mudar isso.

Nynaeve teve que se esforçar para não ranger os dentes. Elayne sabia mais sobre

alterar o tempo do que qualquer outra em Salidar, e dissera o mesmo. Incluindo a

parte do Tenebroso, embora bastasse não ser idiota para saber disso, com o calorão

que fazia em uma época em que a neve deveria estar quase chegando, com a chuva

escassa e a umidade evaporando.

— Então vamos falar sobre usar tramas diferentes para Curar doenças diferentes.

— A mulher tinha contado que antigamente levava-se mais tempo do que nas Curas

da atualidade, mas que toda a força provinha do Poder, não do paciente ou da mulher

que canalizava. E, claro, que os *homens* de fato se saíam melhor em determinados

tipos de Cura, mas Nynaeve não acreditaria numa coisa dessas. — Você deve ter

visto alguém fazer isso pelo menos uma vez.

Pôs-se a escavar em busca de pepitas. Alguns conhecimentos valiam muito a

pena. Só desejava não ter a sensação de que estava escavando lodo.

Elayne não hesitou ao sair, apenas acenou para Birgitte e prosseguiu.
Com os

cabelos dourados presos em uma trança intrincada que ia até a
cintura, Birgitte

brincava com dois garotinhos enquanto vigiava a viela estreita, o arco
apoiado em

uma cerca tombada logo ao lado. Ou tentava brincar. Jaril e Seve
encaravam a

mulher de estranhas calças amarelas e casaco curto e escuro, mas não
exibiam

qualquer outra reação. Nunca exibiam e nunca falavam. Os dois
supostamente eram

os filhos de “Marigan”. Birgitte estava contente em brincar com eles,
mas também

um pouco triste: gostava de crianças, sobretudo de meninos, e sempre
se sentia

assim quando brincava. Elayne sabia disso tão bem quanto sabia de
seus próprios

sentimentos.

Se achasse que Moghedien tinha qualquer coisa a ver com o estado
dos dois...

mas a mulher alegava que eles já estavam assim quando os apanhara
em Ghealdan

para o disfarce: órfãos de rua. E algumas irmãs Amarelas disseram que
era porque os

dois haviam visto muita coisa nos motins em Samara. Elayne
acreditava, pelo que

ela própria presenciara por lá. Segundo as irmãs Amarelas, os dois
melhorariam com

tempo e carinho. Elayne torcia que sim. Torcia para que não estivesse

permitindo

que a única responsável escapasse da justiça.

Não queria pensar em Moghedien. Em sua mãe. Não, definitivamente não queria

pensar na mãe. Min. E Rand. Tinha de haver algum jeito de lidar com isso. Quase

sem ver o assentir de cabeça que Birgitte dera em resposta, correu pela viela e

emergiu na rua principal de Salidar sob o céu aberto e escaldante do meio-dia.

Por anos, Salidar permanecera abandonada, antes que ali comesçassem a se reunir

as Aes Sedai em fuga após o golpe de Elaida. Naquele momento, havia palha fresca

no telhado das casas, que em sua maioria exibiam reparos e remendos consideravelmente novos, assim como nas três grandes construções de pedra que

antes eram estalagens. Uma, a maior delas, era chamada por alguns de Pequena

Torre. Era lá que o Salão se reunia. Só haviam consertado o necessário, claro, e

muitas janelas exibiam vidraças quebradas, ou não tinham vidro nenhum. Havia

questões mais importantes do que recobrir os tijolos de argamassa ou pintar as

paredes. As ruas de terra estavam abarrotadas. Não apenas de Aes Sedai,

obviamente, mas também de Aceitas nos vestidos com listras e noviças apressadas,

todas de branco, além de Guardiões, magros e corpulentos, movendo-se com a graça

mortal de leopardos, de serviçais que acompanhavam as Aes Sedai vindas da Torre,

e até de algumas crianças. E soldados.

O Salão dali se preparava para fazer cumprir as alegações contra Elaida à mão

armada, caso necessário, tão logo escolhessem o verdadeiro Trono de Amyrlin.

Vindo das forjas distantes nos arredores da Aldeia, o clangor distante de martelos

entrecortava os murmúrios do povo, anunciando a ferração de cavalos e o conserto

de armaduras. Um homem de rosto quadrado e cabelos escuros bem grisalhos

cavalgava lentamente pela rua, vestindo um casaco meio amarelo e uma placa

peitoral já gasta. Abria caminho por entre a multidão, observando os grupos de

homens em marcha que levavam nos ombros lanças compridas ou arcos. Gareth

Bryne concordara em recrutar e liderar o exército do Salão de Salidar, embora

Elayne desejasse saber exatamente como e por quê. Tinha algo a ver com Siuan e

Leane, mas não conseguia nem imaginar o quê, posto que o sujeito deixava as duas

esgotadas — especialmente Siuan — com o cumprimento de algum juramento que

Elayne também não sabia bem qual era. Só sabia que Siuan reclamava, amargurada,

por ter que manter limpos o quarto e as roupas daquele homem antes de cumprir

qualquer outra obrigação. Reclamava, mas fazia. O juramento devia ser mesmo

poderoso.

Os olhos de Bryne passaram por Elayne quase sem hesitar. Desde que chegara a

Salidar, o homem se comportara de modo educado, sempre frio e distante, embora a

conhecesse desde o berço. Até menos de um ano antes, fora Capitão-General da

Guarda da Rainha em Andor. Elayne chegou a pensar que ele e sua mãe fossem se

casar. Não, não pensaria na mãe! Min. Precisava encontrar Min para conversar.

No entanto, assim que se pôs a andar por entre a multidão pela rua de terra batida,

duas Aes Sedai a encontraram. Não havia escolha a não ser parar e lhes dispensar

uma mesura enquanto o povo passava ao redor. As duas abriram sorrisos enormes.

Nenhuma suava uma gota que fosse. Puxando um lençinho da manga para enxugar o

rosto, Elayne desejou já dominar um pouquinho desse conhecimento em especial das

Aes Sedai.

— Bom dia, Anaiya Sedai, Janya Sedai.

— Bom dia, criança. Tem mais alguma descoberta para nós? — Como sempre,

Janya Frende falava como se não tivesse tempo para pronunciar as palavras. — Você

e Nynaeve têm feito um progresso impressionante, ainda mais para duas Aceitas.

Não sei como Nynaeve consegue, tendo tanta dificuldade com o Poder, mas devo

dizer que estou muito satisfeita.

Ao contrário da maioria das irmãs Marrons, geralmente absortas em seus livros e

estudos, Janya Sedai era bastante asseada: cada fio de cabelo escuro parecia muito

arrumado, emoldurando o rosto etéreo que marcava as Aes Sedai depois de muito

tempo manejando o Poder. Contudo, a aparência da mulher esguia denunciava sua

Ajah. Usava um vestido liso de lã cinza pesada — as Marrons quase nunca

pensavam em roupas como algo além de uma cobertura decente para o corpo —, e,

mesmo enquanto falava, parecia ter a testa levemente franzida, como se tivesse a

mente tomada por qualquer outra coisa. Janya Sedai seria muito bonita sem a testa

franzida. Ela continuou:

— Essa técnica de se enrolar na luz para ficar invisível...
Extraordinário. Tenho

certeza de que alguém vai encontrar um meio de impedir as ondas, para que seja

possível caminhar e manter o efeito ao mesmo tempo. E Carennan está bastante

animada com aquele truquezinho de bisbilhotice da Nynaeve. Muito safado da parte

dela, porém útil. Carennan está pensando em um jeito de adaptá-lo para *conversarmos*

à distância. Pense só. Falar com alguém a uma milha de distância! Ou

duas, ou até...

Anaiya tocou o braço da mulher, e ela parou de falar, olhando sem reação para a

outra Aes Sedai.

— Vocês estão progredindo muito, Elayne — comentou Anaiya, com a voz

calma. A mulher de rosto largo estava sempre calma. A melhor palavra para

descrevê-la era “maternal”, às vezes “reconfortante”, embora as feições de Aes Sedai

tornassem impossível atribuir-lhe qualquer idade. Além disso, ela pertencia ao

pequeno círculo de Sheriam que detinha o verdadeiro poder em Salidar. — Muito

mais que qualquer uma de nós esperava, a bem da verdade, esperávamos muito. A

primeira a fazer um *ter’angreal* desde a Ruptura. Isso é extraordinário, criança, e

quero que você saiba disso. Deveria estar muito orgulhosa de si mesma.

Elayne encarou o chão diante de seus pés. Dois garotos da altura de sua cintura

passaram às gargalhadas, entrecortando a multidão. Queria que não houvesse

ninguém por perto para ouvir aquilo. Não que qualquer transeunte estivesse

prestando atenção. Com tantas Aes Sedai na aldeia, as próprias noviças só

dispensavam medidas às que lhes dirigiam a palavra, e todas estavam sempre cheias

de tarefas atrasadas.

Não se sentia nem um pouco orgulhosa, já que todas as “descobertas” provinham

de Moghedien. Houvera muitas, a começar pela “inversão” — fazer com que uma

tessitura só pudesse ser vista pela mulher que a urdira —, porém não haviam

passado todas as novas informações adiante. Como o talento de esconder a

habilidade de canalizar, por exemplo. Sem ele, Moghedien teria sido desmascarada

em questão de horas — qualquer Aes Sedai a dois ou três passos de uma mulher era

capaz de sentir se ela podia ou não canalizar. Se as outras aprendessem esse truque,

poderiam aprender a transpô-lo. E isso também ajudava a criar disfarces: as tramas

invertidas faziam com que “Marigan” não se parecesse nem um pouco com

Moghedien.

Algumas coisas que a mulher sabia eram absolutamente repugnantes. A

Compulsão, por exemplo, uma forma de forçar a vontade alheia e plantar instruções

de modo que o receptor executasse ordens que sequer se lembrava de ter recebido.

Havia coisas piores. Repugnantes demais, talvez perigosas demais para confiá-las a

qualquer pessoa. Nynaeve dizia que precisavam aprendê-las para poder contra-atacá-

las, mas Elayne não queria. Guardavam tantos segredos, mentiam tanto para os

amigos e as pessoas próximas, que quase desejava poder fazer os Três Juramentos

no Bastão dos Juramentos sem ter de esperar até ser elevada a Aes Sedai. Um deles a

limitaria a não dizer palavra que não fosse verdadeira como se esse fosse o limite de

seu próprio corpo.

— Não me saí tão bem quanto poderia com o *ter'angreal*, Anaiya Sedai.

Aquilo, pelo menos, era feito dela e de mais ninguém. Os primeiros haviam sido o

bracelete e o colar. Um segredo bem guardado, desnecessário dizer, mas eram uma

cópia levemente alterada de uma invenção sórdida — o *a'dam* — que os Seanchan

havam deixado para trás ao retornarem para o mar após a invasão de Falme. O disco

verde liso que permitia que alguém sem força suficiente — ou seja, a maioria das

Aes Sedai — conseguisse reproduzir o truque da invisibilidade fora ideia dela desde

o início. Não possuía qualquer *angreal* ou *sa'angreal* para estudar, portanto fora

impossível tentar construí-los até então — e, mesmo tendo facilidade em reproduzir

o artefato Seanchan, os *ter'angreal* se mostraram mais complicados do que ela

imaginara. Esses objetos usavam o Poder Único, em vez de intensificá-lo, para um

propósito específico, para fazer algo. Alguns podiam até ser utilizados por quem

fosse incapaz de canalizar, até mesmo por homens. Deveria ter sido

mais simples.

Talvez as funções fossem simples, mas a fabricação não era.

A afirmação modesta desencadeou uma torrente de Janya.

— Bobagem, criança. Pura bobagem. Ora, não tenho dúvidas de que assim que

chegarmos de volta à Torre e pudermos testar você a contento e pôr o Bastão dos

Juramentos em suas mãos, você será elevada ao xale, bem como ao anel. Não tenho

dúvidas. Está mesmo atingindo o potencial que vimos em você. E mais. Ninguém

poderia imaginar...

Anaiya tocou o braço dela outra vez. Parecia um código entre as duas, pois mais

uma vez Janya parou e ficou sem palavras.

— Não há necessidade de encher tanto assim a cabeça dessa criança — comentou.

— Elayne, não vou aturar essa sua mania de ficar amuada. Você já deveria ter

passado dessa fase há muito tempo. — A mãe conseguia ser firme e gentil ao mesmo

tempo. — Não vou admitir que você faça bico por conta de uns poucos fracassos,

não com um sucesso tão incrível. — Elayne fizera cinco tentativas com o disco de

pedra. Duas não tinham dado em nada, e outras duas deixavam a pessoa fora de foco

e causavam embrulhos no estômago. A tentativa bem-sucedida fora a terceira. Mais

do que poucos fracassos, na opinião de Elayne. — Tudo o que você fez

é incrível. E

Nynaeve também.

— Obrigada — respondeu Elayne. — Obrigada às duas. Vou tentar não ficar

amuada. — Quando uma Aes Sedai acusava alguém de qualquer coisa, era melhor

não tentar negar. — Podem me dar licença, por favor? Fiquei sabendo que a missão

diplomática para Caemlyn está partindo hoje e quero me despedir de Min.

As duas a dispensaram, claro, embora Janya talvez tivesse levado meia hora para

fazer isso se não estivesse acompanhada de Anaiya, que encarou Elayne com um

olhar cortante — decerto sabia tudo sobre a conversa com Sheriam —, mas nada

disse. Às vezes, o silêncio de uma Aes Sedai falava tão alto quanto suas palavras.

Mexendo no anel no terceiro dedo da mão esquerda, Elayne disparou, quase

correndo, os olhos focados bem à frente para poder alegar não ter visto qualquer

outra pessoa que tentasse pará-la para lhe parabenizar. Talvez funcionasse, talvez

significasse uma visita a Tiana — indulgências pelo bom trabalho tinham seus

limites. Naquele exato instante, preferiria que fosse Tiana a lhe fazer elogios

desmerecidos.

O anel de ouro era uma serpente mordendo a própria cauda, a Grande Serpente,

símbolo das Aes Sedai, mas também usado pelas Aceitas. Quando vestisse o xale

com franjas nas cores da Ajah que escolhesse, usaria o anel no dedo que quisesse.

Escolheria a Ajah Verde por necessidade — apenas as irmãs Verdes tinham mais de

um Guardião, e ela queria Rand. Ou quanto dele fosse possível, ao menos. A

dificuldade era que já fizera um elo com Birgitte, a primeira mulher a se tornar

Guardiã. Por isso conseguia sentir as sensações de Birgitte — sabia que a mulher

cortara a mão naquela manhã. Só Nynaeve sabia sobre o elo. Guardiões eram

reservados para as Aes Sedai completas, e se uma Aceita desobedecesse essa

proibição não haveria indulgência no mundo que lhe salvasse a pele. Aquilo fora

obra da necessidade, não um capricho — do contrário, Birgitte teria morrido —, mas

Elayne não achava que faria diferença. Infringir uma regra com o Poder poderia ser

fatal para si mesma e para os outros — para deixar isso bem claro, as Aes Sedai

raramente deixavam alguém escapar ao infringir uma regra, pelo motivo que fosse.

Havia tantos subterfúgios ali em Salidar. Não apenas Birgitte e Moghedien. Um

dos Juramentos proibia as Aes Sedai de mentir, mas as coisas não ditas não eram

necessariamente mentiras. Moiraine aprendera a urdir um manto de invisibilidade,

talvez o mesmo que haviam aprendido com Moghedien. Nynaeve vira Moiraine

fazer isso uma vez, antes de aprender qualquer coisa sobre o Poder. No entanto,

ninguém mais em Salidar aprendera. Ou admitia ter aprendido, de todo modo.

Birgitte confirmara o que Elayne começara a suspeitar: a maioria das Aes Sedai,

talvez todas, guardava para si pelo menos parte do que aprendia, e a maioria possuía

seus truques secretos. Esses truques poderiam ser ensinados às noviças ou às Aceitas

e tornar-se de conhecimento geral, se fossem aprendidos por um número suficiente

de Aes Sedai... ou poderiam morrer com quem as descobrira. Por duas ou três vezes,

Elayne pensou ter visto um leve brilho nos olhos de uma das mulheres ao

demonstrar algo que descobrira. Carennan aprendera o truque da bisbilhotagem com

rapidez surpreendente. Mas esse não era bem o tipo de acusação que uma Aceita

podia fazer contra uma Aes Sedai.

Esse conhecimento não deixava seus próprios fingimentos mais palatáveis, mas

talvez ajudasse um pouco. Isso e também se lembrar da necessidade. Se pelo menos

parassem de elogiá-la pelo que não tinha feito...

Tinha certeza de onde encontraria Min. O rio Eldar ficava menos de três milhas a

oeste de Salidar, e um pequeno córrego margeava a beirada da aldeia,

abrindo

caminho pela floresta até o rio. A maioria das árvores que crescera na cidade havia

sido derrubada depois que as Aes Sedai começaram a chegar, mas ainda havia um

pequeno trecho na ribanceira atrás de algumas casas, em um pedaço de terra estreito

demais para ter qualquer utilidade. Min dizia gostar mais das cidades, porém ainda

assim tinha o costume de se sentar entre essas árvores. Era uma forma de escapar da

companhia de Aes Sedai e Guardiões por um tempo, e para Min isso era quase

essencial.

Como esperado, tão logo Elayne virou a curva de uma casa de pedras em direção

à estreita faixa de terra, avançando ao lado de um filete de água igualmente estreito,

encontrou Min sentada, recostada em uma árvore, observando o pequeno córrego

borbulhar por sobre as pedras. Ou o que restava dele: o riacho gotejava por um leito

de lama seca com o dobro de sua largura. As árvores daquela área ainda tinham

algumas folhas, mas a maior parte da floresta ao redor começava a desfolhar. Até os

carvalhos.

Um galho seco se partiu sob a sandália de Elayne, e Min levantou-se de um salto.

Como de costume, usava roupas masculinas — casaco cinza e calças —, mas tinha

mandado bordar pequenas flores azuis nas lapelas e nas laterais das calças

confortáveis. Por estranho que fosse para alguém que dizia ter sido criada por três

tias costureiras, Min parecia não saber distinguir as duas pontas de uma agulha. A

jovem encarou Elayne, fez uma careta e passou os dedos pelos cabelos escuros na

altura do ombro.

— Você sabe. — Foi tudo o que disse.

— Achei que devíamos conversar.

Min passou as mãos pelos cabelos outra vez.

— Suan só me contou hoje de manhã. Desde então venho tentando criar coragem

para contar a você. Ela quer que eu o espione, Elayne. Por causa da missão

diplomática. E me deu nomes de pessoas em Caemlyn que podem mandar recados

de volta para ela.

— Você não vai, claro — respondeu Elayne, sem o menor tom de pergunta, e Min

lhe devolveu um olhar de gratidão. — Por que estava com medo de vir falar comigo?

Nós somos amigas, Min. Prometemos não deixar homem nenhum ficar entre nós.

Mesmo que seja amado pelas duas.

A risada de Min era um pouco rouca, e Elayne supunha que muitos homens

achassem atraente. E a jovem era bonita, mas de uma forma meio travessa. Além de

alguns anos mais velha — o que seria vantagem ou desvantagem?

— Ah, Elayne, dissemos isso quando estávamos a salvo, com ele bem longe de

nós duas. Perder você seria como perder uma irmã, mas e se uma de nós mudar de

ideia?

Era melhor não perguntar qual das duas seria. Elayne tentava não pensar no fato

de que se amarrasse e amordaçasse Min com o Poder e invertesse a trama, poderia

escondê-la em um porão até que a missão diplomática estivesse bem distante.

— Não vamos — respondeu, simplesmente. Não, não poderia fazer isso com Min.

Queria Rand todo para si, mas não podia magoar a amiga. Talvez pudesse só pedir

que a outra não fosse até que ambas pudessem ir. Em vez disso, disse: — Gareth está

liberando você do juramento?

Desta vez a risada de Min foi curta, quase uma tosse.

— Até parece. Ele diz que vai me cobrar isso mais cedo ou mais tarde. Siuan é a

única que realmente quer manter, sabe a Luz por quê. — Uma leve tensão em seu

rosto fez Elayne pensar que havia alguma visão envolvida, mas ela não perguntou.

Min nunca falava a respeito de suas visões, a não ser que envolvesse diretamente a

pessoa.

A jovem tinha uma habilidade conhecida por poucas em Salidar.

Elayne e

Nynaeve, Siuan e Leane, só. Birgitte não sabia, mas, por outro lado, Min não sabia a

respeito de Birgitte. Ou Moghedien. Tantos segredos. Mas o de Min era só dela. A

jovem às vezes via imagens ou auras ao redor dos outros, e às vezes sabia o que

significavam. Quando sabia, estava sempre certa — por exemplo, se dizia que um

homem e uma mulher iriam se casar, então cedo ou tarde eles se casavam, mesmo

que os dois claramente se odiassem no momento. Leane chamava isso de “ler o

Padrão”, mas não tinha nada a ver com o Poder. A maioria das pessoas só exibia

imagens de vez em quando, mas Aes Sedai e Guardiões, sempre. As fugas de Min

para aquele lugar eram uma forma de escapar dessa torrente de informações.

— Você pode levar uma carta a Rand para mim?

— Claro. — A mulher aquiesceu tão depressa, a expressão tão sincera, que Elayne

corou e prosseguiu depressa. Não sabia se teria concordado caso fosse a situação

inversa. — Você não pode deixar que ele saiba das suas visões, Min. Em relação à

gente. — Uma coisa que a jovem vira a respeito de Rand era que três mulheres se

apaixonariam perdidamente por ele e se uniriam a ele para sempre, e que uma dessas

mulheres seria ela própria. A segunda ficou claro que seria Elayne. —

Se ele soubesse

de alguma coisa sobre a visão, pode decidir que não é o que queremos, apenas um

capricho do Padrão ou do fato de ele ser *ta'veren*. Rand poderia decidir agir com

nobreza e nos salvar, impedindo que qualquer uma de nós se aproxime dele.

— Talvez — concordou Min, meio em dúvida. — Os homens são estranhos. É

mais provável que, caso ele perceba que nós duas vamos sair correndo quando ele

estalar os dedos, faça exatamente isso. Rand não vai conseguir se conter. Já vi

homens fazendo isso. Acho que tem a ver com o cabelo que cresce no queixo deles.

— A jovem tinha uma expressão tão pensativa que Elayne não soube dizer se era

piada ou não. Min parecia saber muito sobre os homens. A jovem trabalhava

basicamente em estábulos, pois gostava de cavalos, mas chegou a mencionar ter

servido mesas em uma taverna. — De todo modo, não vou contar. Você e eu vamos

dividi-lo feito uma torta. Talvez deixemos a terceira ficar com alguma migalha,

quando ela aparecer.

— O que é que vamos fazer, Min?

Elayne não pretendia dizer aquilo, decerto não em tom quase de choramingo.

Parte dela queria declarar que não tinha a menor dúvida de que *ela* nunca iria

correndo quando ele estalasse o dedo e outra parte desejava que ele estalasse. Parte

queria dizer que *não* dividiria Rand de forma alguma, com *ninguém*, nem mesmo

com uma amiga, as visões de Min que fossem para o Poço da Perdição. Mas a outra

parte desejava dar um cascudo em Rand por fazer isso com ela e Min. Era tudo tão

infantil que sentia vontade de enterrar a cabeça, mas era incapaz de separar a raiva

dos outros sentimentos. Acalmando a voz, respondeu à própria pergunta antes que

Min o fizesse:

— O que vamos fazer é sentar aqui um pouco e conversar. — Dito e feito,

escolheu um cantinho particularmente abundante de folhas mortas. Uma árvore

formava um ótimo encosto. — Não só sobre Rand. Vou sentir a sua falta, Min. É tão

bom ter uma amiga em quem posso confiar.

Min sentou-se de pernas cruzadas ao lado dela e começou, distraída, a catar seixos

e atirá-los no córrego.

— Nynaeve é sua amiga. Você confia nela. E Birgitte sem dúvida parece uma

amiga: você passa até mais tempo com ela do que com Nynaeve. — Um leve

franzido enrugou sua testa. — Ela acredita *mesmo* que é a Birgitte das lendas? Quer

dizer, todas as histórias mencionam o arco e a trança, ainda que o dela não seja de

prata. E não acredito que ela tenha nascido com esse nome.

— Ela nasceu com o nome — respondeu Elayne, receosa. Era verdade, de certo

modo. Era melhor mudar o rumo da conversa. — Nynaeve ainda não decidiu se sou

uma amiga ou alguém que ela precisa intimidar para fazer o que ela considera

correto. E passa mais tempo do que eu se lembrando de que sou filha da Rainha a

quem ela serve. Às vezes acho que ela usa esse fato contra mim. Você nunca faz

isso.

— Talvez eu não fique tão impressionada. — Min exibia um sorriso largo, mas

soava séria. — Eu nasci nas Montanhas da Névoa, Elayne, nas minas. O poder da

sua mãe é bem enfraquecido lá para as bandas do oeste. — O sorriso desapareceu de

seu rosto. — Me desculpe.

Sufocando um lampejo de indignação — Min era tão súdita do Trono do Leão

quanto Nynaeve! —, Elayne deixou a cabeça pender para trás e encostar na árvore.

— Vamos falar de coisas alegres.

O sol vertia por sobre os galhos das árvores acima delas; o céu era uma folha azul

límpida, sem um traço sequer de nuvem no horizonte. Por impulso, ela se abriu para

saidar e deixou-se preencher, como se todo o prazer da vida no mundo tivesse sido

destilado e cada gota em suas veias tivesse sido substituída pela essência. Se

conseguisse formar pelo menos uma nuvenzinha, seria um sinal de que tudo daria

certo. A mãe estaria viva. Rand a amaria. E Moghedien... dariam um jeito nela.

Arranjariam uma solução. Urduu uma tênue teia de Ar e Água pelo céu, o mais

distante que pôde, buscando umidade para uma nuvem. Se ao menos conseguisse

puxá-la com força suficiente... a doçura logo se transformou quase em dor, o sinal

de perigo — se recorresse a um tanto mais de Poder, poderia acabar estancando a si

mesma. Só uma nuvenzinha.

— Coisas alegres? — indagou Min. — Bom, eu sei que você não quer falar sobre

Rand, mas, além nós duas, ele ainda é a coisa mais importante no mundo, no

momento. E a mais alegre. Os Abandonados caem mortos quando ele aparece, e as

nações fazem fila para se curvar perante ele. As Aes Sedai aqui estão prontas para

apoiá-lo. Sei que estão, Elayne: precisam estar. Ora, daqui a pouco Elaida vai pôr a

Torre nas mãos dele. A Última Batalha será moleza. Ele está vencendo, Elayne. Nós

estamos vencendo.

A Aceita largou a Fonte e tombou para trás, encarando o céu vazio como se

tornara seu humor. Não era preciso saber canalizar para ver a mão do

Tenebroso em

ação, e, se ele podia tocar o mundo dessa forma, se podia sequer tocar o mundo...

— Estamos mesmo? — indagou, porém baixo demais para que Min ouvisse.

* * *

A casa do solar ainda não estava terminada, os compridos painéis de madeira do

salão principal continuavam opacos e sem cor, mas Faile ni Bashere t'Aybara ouvia

as petições dos súditos todas as tardes, como era apropriado à mulher de um lorde.

Ficava sentada em uma robusta cadeira de espaldar alto com entalhes de falcões,

bem diante de uma lareira de pedras nuas — havia uma lareira gêmea no outro

extremo do aposento. A cadeira vazia a seu lado, com entalhes de lobos e uma

grande cabeça de lobo no topo, deveria estar ocupada por seu marido, Perrin

t'Bashere Aybara, Perrin Olhos-Dourados, Lorde de Dois Rios.

Naturalmente, o solar não passava de uma casa de fazenda grande demais, e o

salão se estendia por pouco mais de quinze passadas. Ah, como Perrin a olhara feio

quando ela insistira que fosse tão grande... Ele ainda pensava em si mesmo como

ferreiro, ou até ajudante de ferreiro. Além disso, na ocasião de seu nascimento, a

mulher recebera o nome de Zarine, não Faile. Essas coisas não

importavam. Zarine,

nome de mulher lânguida que suspirava trêmula ao ouvir poemas compostos em

homenagem a seu sorriso. Faile, o nome que escolhera quando fora jurada Caçadora

da Trombeta de Valere, significava falcão na Língua Antiga. Ninguém que olhasse

com atenção para seu rosto — com nariz acentuado, maçãs do rosto proeminentes e

olhos escuros e oblíquos que lampejavam quando ela estava com raiva — poderia

duvidar de qual dos dois nomes lhe era mais apropriado. Quanto ao restante, o que

importava era a intenção. E o que era correto e apropriado.

Naquele momento, seus olhos lampejavam. Não tinha nada a ver com a teimosia

de Perrin, e apenas um pouco com o calor fora de estação. Mesmo que, em verdade,

ter que abanar inutilmente o leque de penas de faisão para tentar secar o suor do

rosto não melhorasse em nada seu humor.

Àquela hora já avançada da tarde, restava pouca gente da multidão que fora vê-la

julgar as contendidas. A verdade é que o povo ia para ser ouvido por Perrin, mas ele

ficava apavorado só de pensar em julgar pessoas com quem crescera. A não ser que

Faile o encurralasse, fugia feito lobo na neblina quando chegava a hora das

audiências diárias. Por sorte, o povo não se incomodava quando Lady Faile os ouvia,

em vez de Lorde Perrin. Ou então poucos se incomodavam, de todo modo, e eram

sábios o bastante para disfarçar.

— Vocês trouxeram o assunto a mim — declarou, em um tom inexpressivo.

As duas mulheres suadas diante dela se remexiam, desconfortáveis, e encaravam o

chão de pedras polidas.

Sharmad Zeffar, de pele acobreada, cobrira as curvas generosas, mas pouco as

ocultava. Usava um vestido domanês de gola alta bastante transparente, com as

mangas e bainhas de seda dourada bem claras e puídas, ainda com manchinhas da

viagem que pareciam impossíveis de limpar. De qualquer forma, seda era seda, algo

raro de se encontrar na região. Os patrulheiros que rondavam as Montanhas da

Névoa em busca de vestígios da invasão dos Trollocs no último verão encontravam

poucas das criaturas bestiais — e nenhum Myrddraal, pela graça da Luz —, mas

resgatavam refugiados quase todos os dias: dez aqui, vinte ali, cinco acolá. A

maioria vinha da Planície de Almoth, mas um bom número era de Tarabon e, como

Sharmad, de Arad Doman — terras abandonadas, arruinadas pela anarquia, além da

guerra civil. Faile não queria nem pensar em quantos haviam morrido naquelas

montanhas. Com a falta de estradas ou mesmo de trilhas, a viagem

não era fácil, nem

em épocas melhores, e os dias atuais estavam longe de ser a melhor época.

Rhea Avin não era refugiada, apesar de usar uma imitação de vestido taraboniano

em lã de trama fina, com delicados pregueados cinza que moldavam e revelavam

quase tanto quanto a vestimenta delgada de Sharmad. Os que sobreviviam à dura

viagem traziam mais do que rumores preocupantes, habilidades nunca vistas em

Dois Rios e braços para trabalhar nas fazendas despovoadas pelos Trollocs. Rhea era

bonita, de rosto redondo e nascera a menos de duas milhas de onde ficava o solar.

Usava os cabelos escuros em uma trança da grossura de um punho que descia até a

cintura. Em Dois Rios, as moças só trançavam os cabelos quando o Círculo das

Mulheres considerava que estavam em idade de se casar, fosse aos quinze anos ou

aos trinta, embora poucas passassem dos vinte. Rhea era cerca de cinco anos mais

velha que Faile e trançava os cabelos havia quatro anos, mas, naquele momento,

parecia ainda usá-los soltos e ter acabado de reparar que a ideia esplêndida de

outrora era de fato a coisa mais burra que poderia ter feito. Aliás, Sharmad parecia

ainda mais envergonhada, pois tinha um ano ou dois a mais que Rhea. Para uma

domanesa, deveria ser humilhante encontrar-se em tal situação. Faile queria estapear

a cara das duas, mas uma lady não podia fazer tal coisa.

— Um homem — disse ela, no tom mais firme possível — não é um cavalo nem

um pedaço de terra. Nenhuma de vocês pode tê-lo como propriedade. E vir aqui me

perguntar qual das duas tem direito a ele... — Faile soltou um suspiro lento e

profundo. — Se eu achasse que Wil al’Seen estivesse seduzindo as duas, poderia ter

algo a dizer a respeito. — Wil tinha um fraco pelas mulheres, e elas, por ele, com

suas panturrilhas bem torneadas. Mas o sujeito nunca fazia promessas. Sharmad

parecia prestes a desabar. Afinal, as domanesas é que tinham reputação de levar os

homens na lábia, não o contrário. — Sendo assim, meu julgamento é o seguinte:

vocês duas irão até a Sabedoria para explicar o assunto a ela, não deixem nenhum

detalhe de fora. Daise vai cuidar disso. Espero que antes do cair da noite tenha

notícias de que já estiveram com ela.

As duas se encolheram. Daise Congar, a Sabedoria de Campo de Emond, não

toleraria esse tipo de bobagem. Faria até muito mais do que apenas não tolerar.

Contudo, as duas se curvaram em mesuras, murmurando “sim, milady” em um

uníssono desesperado. Se já não estivessem, dentro em breve se

arrependeriam

amargamente por fazerem Daise perder tempo com elas.

E eu, pensou Faile, com firmeza. Todos sabiam que era raro Perrin comparecer às

audiências, ou as duas jamais teriam trazido um “problema” tão idiota. Se ele

estivesse ali, ocupando seu lugar, as mulheres teriam saído de fininho em vez de

revelarem aquilo. Faile desejou que o calor tivesse deixado Daise bem irritadiça. Era

pena que não havia como fazê-la dar uma lição em Perrin também.

Cenn Buie ocupou o lugar das mulheres quase antes que as duas saíssem do

caminho, arrastando os pés. Apesar de se apoiar bastante em um cajado quase tão

velho quanto ele próprio, o homem conseguiu se curvar em uma mesura floreada —

então estragou o movimento correndo os dedos ossudos pelos cabelos ralos e finos.

Como de costume, parecia ter dormido com o casaco marrom grosseiro.

— Que a Luz brilhe sobre a senhora, Lady Faile, e sobre seu honrado marido,

Lorde Perrin. — As palavras grandiosas soavam estranhas naquela voz esganiçada.

— Permita que eu acrescente meus votos de contínua felicidade a todos do

Conselho. Sua beleza e inteligência iluminam a vida de todos nós, bem como a

justiça em seus pronunciamentos.

Faile tamborilou os dedos no braço da cadeira antes que pudesse se deter. Elogios

e floreios, em vez dos resmungos azedos de sempre. A lembrança, com o devido

respeito, de que ele ocupava uma cadeira do Conselho da Aldeia de Campo de

Emond e era um homem de influência. E aquele cajado para suscitar compaixão... O

telhador era ágil como qualquer um com metade da sua idade.

— O que o senhor me traz hoje, Mestre Buie?

Cenn se endireitou, sem se lembrar de escorar na bengala. E sem se lembrar de

eliminar o tom mordaz da voz.

— São todos esses forasteiros chegando aos montes, trazendo uma porção de

coisa que a gente não quer por aqui. — O homem parecia ter esquecido que ela

também era forasteira. A maior parte do povo de Dois Rios esquecera. — Costumes

estranhos, milady. Roupas indecentes. As mulheres vão vir falar sobre as

vestimentas dessas domanesas atiradas, isso se já não tiverem vindo. — De fato,

algumas já tinham reclamado, embora uma centelha nos olhos de Cenn revelasse que

ela se arrependeria caso cedesse às demandas. — Estranhos roubando comida de

nossas bocas, tomando nossos negócios. Aquele rapaz taraboniano e suas telhas

idiotas, por exemplo. Ocupando mãos que poderiam estar fazendo algum trabalho

útil. Ele não se importa com o povo de Dois Rios. Ora, ele...

Abanando-se, Faile parou de escutar, mas teve o cuidado de dar impressão de que

prestava muita atenção — uma habilidade que o pai lhe ensinara, necessária em

momentos como esse. Claro. As telhas de Mestre Hornval concorreriam com os

telhados de palha de Cenn.

Nem todos se sentiam como Cenn em relação aos recém-chegados. Haral Luhhan,

o ferreiro de Campo de Emond, fizera uma parceria com um cuteleiro domanês e um

polidor de metais da Planície de Almoth, e Mestre Aydaer contratara três homens e

duas mulheres que entendiam de marcenaria, escultura e até de douradura — embora

decerto não houvesse ouro para tanto. As cadeiras dela e de Perrin eram trabalho

desse grupo, tão caprichadas quanto Faile encontrara em outras cortes. Aliás, o

próprio Cenn contratara cerca de meia dúzia de ajudantes, nem todos de Dois Rios,

pois muitos telhados tinham pegado fogo no ataque dos Trollocs, e novas casas eram

erguidas para todos os lados. Perrin não tinha o direito de fazê-la ouvir toda aquela

bobagem sozinha.

O povo de Dois Rios podia até tê-lo proclamado lorde — o que era o certo a se

fazer, depois que Perrin os levou à vitória sobre os Trollocs —, e ele podia até estar

começando a perceber que não seria capaz de mudar esse fato — como decerto

deveria ter tentado assim que começaram a se curvar em reverências e chamá-lo de

Lorde Perrin, a despeito de ele pedir que não o fizessem —, mas ainda assim se

recusava a aceitar as pompas que vinham com o título de lorde, tudo o que um povo

esperava de seus lordes e ladies. Pior ainda: se recusava a cumprir os deveres de

lorde. Faile sabia muito bem o que devia ser feito, já que era a filha mais velha que

restara de Davram t’Ghaline Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da

Fronteira da Praga, Defensor da Terra do Coração, Marechal-General da Rainha

Tenobia de Saldaea. Era verdade que fugira para se tornar Caçadora da Trombeta —

e aberto mão disso por um marido, o que às vezes ainda a surpreendia —, mas ainda

se lembrava. Perrin escutava quando ela tentava explicar, até assentia nos momentos

oportunos, mas obrigá-lo a de fato fazer qualquer coisa era como obrigar um cavalo

a dançar a sa’sara.

Cenn enfim parou de balbuciar, finalmente lembrando-se de engolir a injúria que

fervilhava entre seus dentes.

— Perrin e eu decidimos usar palha — comentou Faile, muito calma. Enquanto

Cenn ainda assentia, satisfeito, acrescentou: — E o senhor ainda não

terminou o

trabalho. — O velho levou um susto. — Parece que aceitou fazer mais telhados do

que é capaz de dar conta, Mestre Buie. Se não terminar o nosso logo, temo que

precisaremos chamar o Mestre Hornval para colocar suas telhas. — Cenn contraiu os

lábios, quieto. Se Faile pusesse telhas na mansão, outros fariam o mesmo. —

Aprecio seu discurso, mas tenho certeza de que o senhor prefere terminar meu

telhado do que perder tempo com conversa mole, apesar de agradável.

De lábios comprimidos, Cenn a encarou por um instante, furioso, depois curvou-

se em uma mesura modesta. Murmurou algo ininteligível, exceto por um “milady”

abafado no final, e saiu pisando duro pelo chão liso, segurando o cajado. As coisas

que o povo inventava para tomar o tempo dela. Perrin teria de fazer sua parte, nem

que ela tivesse de trazê-lo amarrado pelos braços e pernas.

As demais queixas não foram tão exasperantes. Uma mulher outrora corpulenta,

usando um vestido de retalhos de flores bordadas que caía no corpo feito um saco,

vinda da distante Ponta de Toman, além da Planície de Almoth, queria negociar

ervas e medicamentos. O grandalhão Jon Ayellin esfregando a careca, e o magricela

Thad Torfinn, puxando as lapelas do casaco, ambos em uma disputa pelas fronteiras

de suas terras. Dois mineiros domaneses de pele escura e barba bem rente, ambos em

coletes de couro compridos, que acreditavam ter visto sinais de ouro e prata no

caminho para as montanhas. E de ferro, embora o interesse fosse menor. E, por fim,

uma taraboniana magra e musculosa com o rosto fino coberto por um véu

transparente e os cabelos claros presos em uma infinidade de trancinhas alegando ter

trabalhado como tecelã e saber fazer tapetes no tear.

Faile encaminhou a mulher interessada em ervas ao Círculo das Mulheres local —

se Epara Soman tivesse talento para a coisa, as mulheres encontrariam um lugar

para ela sob a supervisão de uma das Sabedorias da região. Com tanta gente nova

chegando, muitos em péssimas condições por conta da viagem, todas as Sabedorias

de Dois Rios passaram a ter uma ou duas aprendizes — e estavam sempre à procura

de mais. Talvez não fosse exatamente o que a mulher queria, mas era onde teria de

começar. Bastaram algumas perguntas para deixar claro que nem Thad nem Jon de

fato se lembravam de onde ficava a fronteira — ao que parecia, a disputa começara

antes mesmo de Faile nascer —, então ela os orientou a tirarem uma média da

diferença entre o limite que cada um julgava ser o certo e dividir as terras nesse

ponto, a mesma decisão que os dois acreditavam que teria sido a do Conselho da

Aldeia, motivo pelo qual haviam mantido a contenda entre si por tanto tempo.

Aos outros, concedeu a permissão que buscavam. Em verdade, ninguém precisava

de permissão, mas era melhor que soubessem desde o início quem detinha a

autoridade. Em troca de seu consentimento e prata suficiente para comprar

provisões, Faile convenceu os dois domaneses a darem a Perrin um décimo do que

encontrassem, bem como a revelar a localização do ferro encontrado no caminho.

Perrin não gostaria, mas em Dois Rios não havia qualquer coisa que se assemelhasse

a impostos, e era de se esperar que um lorde fizesse e fornecesse coisas que

requeriam dinheiro. E ferro seria tão útil quanto ouro. Quanto a Liale Mosrara, a

empreitada da taraboniana não duraria muito se ela fosse menos habilidosa do que

dizia. No entanto, se fosse tão boa quanto se proclamava... três tecelãs já garantiam

que os mercadores encontrariam mais do que apenas lã quando descessem de

Baerlon no ano seguinte, e carpetes decentes seriam mais um produto para trazer

dinheiro. Liale prometeu que os primeiros e melhores trabalhos de seu tear iriam

para a mansão, e Faile aceitou o presente com um gracioso meneio de cabeça.

Poderia dar mais se e quando os carpetes aparecessem. O chão estava mesmo

precisando de alguma cobertura. No geral, todos pareciam bastante satisfeitos. Até

Jon e Thad.

Enquanto a taraboniana se afastava, cheia de mesuras, Faile se levantou, feliz em

ter terminado, mas parou ao ver quatro mulheres adentrarem por uma das portas que

flanqueavam a lareira mais distante, todas suando em vestidos escuros de lã pesada

de Dois Rios. Daise Congar, mais alta e larga que a maioria dos homens, destacava-

se das outras Sabedorias, projetando-se para a frente para tomar a liderança nas

cercanias de sua própria aldeia. Edelle Gaelin, de Colina da Vigília, magra e de

tranças grisalhas, mantinha as costas retas e a expressão dura para deixar claro que

considerava que deveria ocupar o lugar de Daise, se não por qualquer outra razão,

em virtude da idade e do longo tempo no ofício. Elwinn Taron, Sabedoria de Trilha

de Deven, era a mais baixa: uma mulher redonda e com um agradável sorriso

maternal, que ela exibia mesmo quando estava obrigando os outros a fazer o que não

queriam. A última, Milla al'Azar, de Barca do Taren, vinha na retaguarda. Era a

mais jovem, quase com idade para ser filha de Edelle, e sempre parecia insegura

perto das outras.

Faile continuou de pé, abanando-se devagar. Desejava, de coração, que Perrin

estivesse ali. De verdade. Aquelas mulheres tinham tanta autoridade na aldeia

quanto o prefeito — às vezes até mais, sob alguns aspectos —, e era preciso muito

cuidado ao lidar com elas, dedicando-lhes a dignidade e o respeito devidos. O que

dificultava as coisas. Perto de Perrin, todas pareciam garotinhas tímidas, ávidas por

agradar, mas com ela... fazia séculos que Dois Rios não tinha nobres; havia sete

gerações que não se via sequer um representante da Rainha em Caemlyn. Todos

ainda estavam aprendendo a se comportar diante de um lorde e uma lady, inclusive

aquelas quatro. Às vezes esqueciam que estavam diante de Lady Faile, viam apenas

uma jovem mulher cujo casamento Daise presidira poucos meses antes. Às vezes

enchiam-na de reverências e de “sim, claro, milady”, mas bem no meio da fala

diziam exatamente o que ela devia fazer a respeito de alguma questão sem notar a

menor incongruência. *Você não vai mais deixar isso na minha mão, Perrin.*

As mulheres curvaram-se em mesuras, com graus variados de habilidade, e

disseram “Que a Luz brilhe sobre a senhora, milady”, umas por cima das outras.

Cortesias findadas, Daise começou a falar antes mesmo de retornar a coluna à

posição ereta.

— Mais três garotos fugiram, milady. — As palavras estavam no meio do

caminho entre o respeito e o tom de “agora escute aqui, mocinha” que ela às vezes

usava. — Dav Ayellin, Ewin Finngar e Elam Dowtry. Fugiram para ver o mundo,

por conta das histórias de Lorde Perrin sobre as coisas lá fora.

Faile piscou, surpresa. Aqueles três não eram garotos. Dav e Elam eram mais

velhos que Perrin, e Ewin não era muito mais novo do que ela própria. E as histórias

de Perrin, que ele contava rara e relutantemente, não já não eram a única forma pela

qual a juventude de Dois Rios ficava sabendo a respeito do mundo lá fora.

— Posso pedir a Perrin para falar com vocês, se desejarem.

As quatro se remexeram, inquietas, Daise procurando por ele ansiosa, Edelle e

Milla alisando as saias sem nem perceber, Elwinn puxando a trança por cima do

ombro e ajeitando-a com cuidado, também de modo inconsciente. De súbito,

notaram o que estavam fazendo e congelaram, sem olhar umas para as outras. Nem

para ela. A única vantagem de Faile era que aquelas mulheres sabiam o efeito que

seu marido exercia sobre elas. Tantas vezes vira uma ou outra recuperar a

compostura depois de se encontrar com Perrin, jurando não deixar que aquilo

acontecesse outra vez; tantas vezes vira a determinação delas sair voando pela janela

só de olharem para seu marido. Nenhuma sabia ao certo se preferia tratar com Perrin

ou com ela.

— Isso não será necessário — respondeu Edelle, depois de um instante. — A fuga

dos garotos é um aborrecimento, mas nada mais do que isso. — Seu tom se tornou

ainda menos respeitoso que o “milady” de Daise.

A roliça Elwinn acrescentou um sorriso próprio de mãe para filha.

— Já que estamos aqui, querida, acho que vale a pena mencionar outra coisinha.

Água. Veja bem, algumas pessoas estão preocupadas.

— Já faz meses que não chove — completou Edelle, e Daise assentiu.

Desta vez, Faile piscou de propósito. As mulheres eram inteligentes demais para

achar que Perrin poderia fazer qualquer coisa a respeito disso.

— Os córregos ainda estão fluindo, e Perrin ordenou que mais poços sejam

cavados. — Na verdade apenas tinha sugerido, mas felizmente dava no mesmo, no

fim das contas. — E os canais de irrigação da Floresta das Águas estarão terminados

muito antes do período de plantio. — Aquilo era obra dela: metade dos campos em

Saldaea eram irrigados, mas ali ninguém ouvira falar nessa técnica. — De todo

modo, mais cedo ou mais tarde as chuvas terão que cair. Os canais são só por

garantia.

Daise assentiu outra vez, sem muita confiança, bem como Elwinn e Edelle. Mas

todas sabiam daquilo tão bem quanto ela.

— Não é só a chuva — murmurou Milla. — Não exatamente, de todo modo. Não

é natural. Veja, nenhuma de nós consegue escutar o vento. — Ela se encolheu diante

das carrancas repentinas das outras. Ficou claro que estava falando demais e

revelando segredos. Supostamente todas as Sabedorias eram capazes de prever o

tempo escutando o vento. Pelo menos, todas afirmavam ser capazes. Mas a mulher

prosseguiu, obstinada. — Bom, não conseguimos! Em vez disso, olhamos para as

nuvens, avaliamos o comportamento dos pássaros, das formigas e das lagartas, e...

— Ela respirou fundo e se endireitou, ainda evitando os olhares das outras

Sabedorias.

Faile ponderou sobre como aquela mulher conseguia lidar com o Círculo das

Mulheres de Barca do Taren, ou ainda com o Conselho da Aldeia. Claro, todas as

pessoas eram tão inexperientes nessas posições quanto Milla — a aldeia fora

totalmente despovoada com os ataques dos Trollocs, e todo mundo ali era novo.

— Isso não é natural, milady. As primeiras neves deviam ter caído semanas atrás,

mas estamos em clima de pleno verão. Não estamos preocupadas, milady, estamos

apavoradas! Se ninguém mais quiser admitir, eu admito. Passo quase todas as noites

acordada. Faz um mês que não prego o olho, e... — A voz de Milla foi morrendo, e

seu rosto enrubesceu quando percebeu que talvez tivesse ido longe demais. As

Sabedorias tinham que manter o controle a todo momento, não sair por aí dizendo

que estavam apavoradas.

Os olhos das outras iam de Milla para Faile. Não diziam palavra, e suas feições

inexpressivas eram dignas de Aes Sedai.

Faile finalmente compreendia. Milla dissera a mais pura verdade. O clima *não* era

natural — era absolutamente o contrário disso. Ela mesma com frequência passava a

noite sem dormir, rezando para que chovesse — ou melhor ainda, que nevasse —,

tentando não pensar no que espreitava por detrás do calor e da seca. Ainda assim, o

papel de uma Sabedoria era tranquilizar o povo. A quem recorreriam quando

precisasse ser tranquilizada?

Aquelas mulheres poderiam não saber o que estavam fazendo, mas tinham ido ao

lugar certo. Parte do acordo entre nobres e plebeus, internalizado em Faile desde o

nascimento, era que os nobres forneciam segurança e proteção. E fornecer segurança

também significava lembrar o povo que os tempos difíceis não duravam para

sempre. Se hoje estava ruim, amanhã seria melhor — se não amanhã, depois de

amanhã. Ela própria desejava ter certeza disso, mas aprendera a ceder a própria força

a todos os que se encontravam em posição inferior, ainda que não lhe restasse força

alguma para si. Aprendera a mitigar os medos do povo, e não infectá-los com seu

próprio.

— Perrin já me falava sobre o povo dele antes mesmo de eu pôr os pés aqui —

comentou. Seu marido não era homem de se gabar, mas as informações acabavam

escapando. — Quando o granizo acaba com suas colheitas, quando o inverno mata

metade do rebanho de ovelhas, vocês se enchem de determinação e seguem em

frente. Quando os Trollocs assolaram Dois Rios, vocês os enfrentaram e, assim que

acabaram com eles, começaram a reconstruir tudo sem nem pestanejar. — Faile não

teria acreditado se não tivesse visto com os próprios olhos, não se tratando de um

povo do sul. Aquela gente teria se saído muito bem em Saldaea, onde as incursões

de Trollocs eram encaradas com naturalidade, pelo menos nos trechos mais ao norte.

— Não posso dizer que o tempo amanhã estará ideal. Posso afirmar que Perrin e eu

faremos o que for preciso, tudo o que for possível. E não preciso dizer que vocês

enfrentarão o que cada dia trouxer, seja o que for, e que vão se preparar para

enfrentar o dia seguinte. É esse o tipo de gente que Dois Rios produz. É o que vocês

são.

Aquelas eram mulheres inteligentes. Se ainda não tinham admitido para si

próprias o motivo da visita, teriam de fazê-lo depois da resposta de Faile. Se fossem

menos inteligentes, poderiam ter se ofendido. Mas mesmo as palavras que aquelas

Sabedorias diziam a si mesmas só surtiam o efeito desejado quando vinham de outra

pessoa. Claro, isso em si já era constrangedor. As mulheres ficaram bastante

ruborizadas, cada uma de um tom de vermelho, desejando silenciosamente estar bem

longe dali.

— Bem, é claro — respondeu Daise. Com os punhos robustos plantados nos

quadris largos, a mulher encarou as outras Sabedorias, desafiando-as a dizerem o

contrário. — Eu falei a mesma coisa, não falei? A garota é sensata. Falei o mesmo

logo que ela chegou aqui. Essa garota tem a cabeça no lugar, eu disse.

Edelle fungou com desdém.

— E por acaso alguém falou que ela não tem, Daise? Eu não ouvi ninguém dizer

isso. Ela tem, mesmo. — Para Faile, a mulher acrescentou: — Você tem mesmo a

cabeça no lugar.

Milla meneou a cabeça em reverência.

— Obrigada, Lady Faile. Sei que eu já disse o mesmo a cinquenta pessoas, mas,

vindo da senhora, de alguma forma... — Um pigarreio alto de Daise a interrompeu

bem no meio da frase. Aquilo estava indo longe demais. O rosto de Milla ficou mais

vermelho.

— Excelente trabalho de costura, milady. — Elwinn inclinou-se para a frente e

tocou a saia de montaria preferida de Faile. — Mas sei de uma costureira

taraboniana lá em Trilha de Deven que pode fazer uma ainda melhor para a senhora.

Se me permite o comentário. Dei uma palavrinha com a mulher, e agora ela só faz

vestidos decentes, exceto para as mulheres casadas. — O sorriso maternal surgiu

outra vez em seu rosto, ao mesmo tempo duro e indulgente. — Ou as que estão

sendo cortejadas. Ah, ela faz umas peças bonitas. Ora, aposto que consideraria um

prazer trabalhar com seu tom de pele e sua cintura.

Antes que a outra terminasse, Daise foi abrindo um sorriso complacente.

— Therille Marza, bem aqui em Campo de Emond, já está fazendo meia dúzia de

vestidos para Lady Faile. E o traje de gala mais bonito que já vi.

Elwinn se endireitou, Edelle franziu os lábios e até Milla ficou pensativa.

Para Faile, a audiência estava encerrada. A costureira domanesa requeria pulso

firme e vigilância constante para que não vestisse Faile para a corte de Bandar Eban.

O traje de gala fora ideia de Daise, uma surpresa. E mesmo que fosse ao estilo de

Saldaea, em vez de Arad Doman, Faile não sabia onde poderia usá-lo. Levaria um

tempo até Dois Rios começar a organizar bailes ou desfiles. Se dependesse das

Sabedorias, logo todas estariam competindo para ver qual das aldeias a vestiria.

Ofereceu chá às mulheres, acrescentando um comentário displicente de que

poderiam pensar em uma forma de encorajar o povo em relação ao clima. A fala

logo surtiu o efeito desejado, e as mulheres saíram quase tropeçando umas nas

outras, lamentando os deveres que as impediam de ficar mais.

Faile observou-as partirem. Milla na retaguarda, como de costume, feito uma

criança correndo atrás das irmãs mais velhas. Talvez fosse possível trocar algumas

palavras discretas com algumas integrantes do Círculo das Mulheres de Barca do

Taren. Cada aldeia precisava de um prefeito e uma Sabedoria firmes

para defender

os interesses do povo. Palavras discretas e cuidadosas. Quando Perrin descobrira que

Faile andara conversando com os homens de Barca do Taren antes das eleições para

prefeito.... Ora, se havia um sujeito inteligente e entusiasmado com a presença dela

e de Perrin, por que os eleitores não poderiam saber que ela e Perrin retribuía

aquele apoio? Mas quando ele descobrira... Perrin era um homem gentil, raramente

se irritava, mas Faile se trancara no quarto dos dois só por garantia, até que ele se

acalmasse. O que só aconteceu depois da promessa de ela não “interferir” mais em

nenhuma eleição para prefeito, abertamente ou às escondidas. O que fora muito

injusto da parte dele. E muito inconveniente. Mas Perrin não mencionara as eleições

do Círculo das Mulheres. Bem, o que os olhos dele não viam poderia lhe fazer muito

bem. E também a Barca do Taren.

Pensar em Perrin fez Faile relembrar a promessa que fizera a si mesma. O leque

de penas abanou mais depressa. Aquele não fora o dia das piores bobagens, nem o

pior momento com as Sabedorias — ninguém pergantara quando Lorde Perrin teria

um herdeiro, graças à Luz! —, mas talvez o calor impiedoso tivesse sido a gota

d’água. Perrin *cumpriria* sua obrigação, ou...

Um trovão ressoou pela mansão, e relâmpagos iluminaram as janelas.
Faile

encheu-se de esperança. Se a chuva viesse...

Correu sem fazer barulho com os pés calçados nas sandálias,
procurando pelo

marido. Queria compartilhar a chuva com ele. E ainda pretendia dizer
algumas

palavrinhas duras. Mais do que algumas, se preciso.

Perrin estava onde ela tinha imaginado: bem lá em cima, no terceiro
andar, no

alpendre frontal — um homem de cabelos cacheados vestido em um
casaco marrom

liso, com ombros e braços robustos. Tinha as costas largas viradas
para ela e se

apoiava em uma das colunas de sustentação da cobertura. Encarava o
chão de um

dos lados do solar, não o céu. Faile parou à porta.

Outro trovão ressoou, e um raio azul rasgou o céu. Um raio sem
trovão em um céu

sem nuvens. Não era prenúncio de chuva. Nada de chuva para aliviar
o calor.

Gotículas de suor brotavam em seu rosto, mas ela tremia.

— Acabou? — perguntou Perrin, e Faile se sobressaltou.

O marido não levantara a cabeça. Às vezes era difícil lembrar-se de
como sua

audição era sensível. Ou ele poderia ter sentido o cheiro de Faile —
torceu para que

fosse o perfume, não o suor.

— Achei que você estaria com Gwil ou Hal.

Aquele era um dos maiores defeitos de Perrin. Faile tentava treinar serviçais, mas

ele os considerava companhia adequada para tomar uma caneca de cerveja e dar

umas risadas. Pelo menos não ficava atrás de qualquer rabo de saia, como tantos

homens. Nunca sequer percebera que Calle Coplin começara a trabalhar na casa

deles com o intuito de fazer mais do que arrumar a cama de Lorde Perrin. E nem

mesmo notara quando Faile pôs Calle para fora com um punhado de gravetos.

Ao aproximar-se do marido, viu para o que ele estava olhando. Dois homens

despidos até a cintura praticavam esgrima com espadas de madeira, mais abaixo.

Tam al'Thor era robusto e grisalho, e Aram, magro e jovem. Aram estava

aprendendo depressa. Muito depressa. Tam já fora soldado, além de mestre

espadachim, mas Aram parecia estar dando trabalho.

Sem nem pensar, ela baixou os olhos para as tendas agrupadas em um campo

cercado de pedras a meia milha na direção da Floresta do Oeste. O restante dos

latoeiros estava acampado entre carroções — ainda não acabados — que pareciam

casinhas sobre rodas. Naturalmente, já não reconheciam a presença de Aram desde

que ele empunhara a espada. Os Tuatha'an não praticavam violência, por qualquer

motivo que fosse. Faile se perguntou se iriam embora quando os carroções

incendiados pelos Trollocs fossem substituídos, conforme o planejado. Não

somavam mais de cem, mesmo depois de reunidos todos os que estavam escondidos

na mata. Decerto iriam, deixando Aram para trás, como ele próprio escolhera. Nunca

ouvira falar de algum Tuatha'an fixando moradia em qualquer lugar que fosse.

Por outro lado, o povo de Dois Rios costumava dizer que, por ali, nada nunca

mudava, ainda que muita coisa tivesse mudado desde os Trollocs. Campo de Emond,

a algumas centenas de passadas da mansão, aumentara em tamanho, e sua população

já reconstruíra todas as casas incendiadas, além de começar a erguer novas moradias.

Algumas até eram de tijolos, outra novidade. E algumas tinham telhados de telha. Na

velocidade com que as novas habitações estavam sendo erigidas, a mansão logo

estaria dentro da aldeia. Muito se falava a respeito de um muro, caso os Trollocs

retornassem. Mudanças. Um punhado de crianças corria pelas ruas atrás do

gigantesco Loial. Poucos meses antes, a visão do Ogier, da altura de um homem e

meio, com as orelhas peludas e o nariz tão largo que quase ocupava o rosto inteiro,

deixara todas as crianças embasbacadas, e as mães, desesperadas para protegê-las.

Mas as mães já haviam passado a mandar seus filhos para sessões de leitura com o

Ogier. Os estrangeiros que circulavam entre os habitantes de Campo de Emond, em

seus casacos e vestidos de cortes exóticos, destacavam-se quase tanto quanto Loial,

mas ninguém lhes dispensava mais que uma olhadela, e o mesmo acontecia com os

três Aiel da aldeia — sujeitos estranhos, longilíneos, todos vestidos em tons de

marrom e cinza. Até duas semanas antes, ainda havia duas Aes Sedai por lá, que

também já provocavam apenas medidas e cumprimentos respeitosos. Mudanças. Os

dois mastros erguidos não muito longe do rio Fonte de Vinho, no Campo, eram

visíveis por sobre os telhados das casas, um ostentando a silhueta vermelha da

cabeça de lobo que se tornara símbolo de Perrin, o outro, a águia carmesim símbolo

de Manetheren, que desaparecera durante as Guerras dos Trollocs, cerca de dois mil

anos antes, mas aquela terra fizera parte da nação, e Dois Rios hasteava sua bandeira

quase por aclamação. Mudanças — e eles não faziam ideia de como eram grandes,

de como eram inexoráveis. Mas Perrin os apoiaria, não importava o que viesse pela

frente. Com a ajuda de Faile, ele os apoiaria.

— Eu e Gwil caçávamos coelhos juntos — comentou Perrin. — Ele é só alguns

anos mais velho, e às vezes me levava para caçar.

Faile precisou de um momento para se lembrar do que ele estava falando.

— Gwil está tentando aprender a ser lacaio. Você não o ajuda muito quando fica

chamando o rapaz para fumar cachimbo e conversar sobre cavalos nos estábulos. —

Ela inspirou lenta e profundamente. A tarefa não seria fácil. — Você tem um dever

com essas pessoas, Perrin. Por mais difícil que seja, você precisa cumprir seu dever.

— Eu sei — respondeu ele, baixinho. — Consigo senti-lo me puxando.

A voz dele estava tão estranha que Faile estendeu a mão e deu um puxão em sua

barba curta, para que ele a encarasse. Os olhos dourados, estranhos e misteriosos

como nunca, tinham um ar triste.

— Como assim? Você pode até ter uma certa afeição por Gwil, mas ele...

— É o Rand, Faile. Ele precisa de mim.

O nó em seu estômago, que ela andara tentando ignorar, se apertou ainda mais.

Faile convencera a si mesma de que esse perigo fora embora com as Aes Sedai.

Bobagem. Ela era casada com um *ta'veren*, um homem destinado a desviar as vidas

dos que o rodeavam conforme o Padrão desejava, e crescera com dois outros

ta'veren, um deles o próprio Dragão Renascido. Era uma parte de Perrin que Faile

era obrigada a dividir. Não gostava de ter que dividir nem um fio de cabelo, mas

aquilo não tinha jeito.

— E o que você vai fazer?

— Vou atrás dele. — Perrin desviou o olhar por um instante, e os olhos de Faile

acompanharam os seus. Recostados à parede estavam um pesado martelo de ferreiro

e um machado com uma lâmina afiada em formato de meia-lua, com um cabo de

meia passada de comprimento. — Eu não estava... — Sua voz era quase um

sussurro. — Não estava conseguindo encontrar uma forma de contar isso a você.

Vou hoje à noite, quando todos estiverem dormindo. Acho que não tenho muito

tempo, e a viagem pode ser longa. Mestre al'Thor e Mestre Cauthon vão ajudar você

com os prefeitos, se for preciso. Eu já falei com eles. — Perrin tentou suavizar a voz,

uma tentativa lamentável. — De qualquer modo, você não deve ter problemas com

as Sabedorias. Engraçado... quando eu era garoto, as Sabedorias sempre pareciam

tão assustadoras, mas na verdade são bem tranquilas, basta ser firme.

Faile comprimiu os lábios. Então ele tinha falado com Tam al'Thor e Abell

Cauthon, mas não com ela? E com as Sabedorias! Só queria que ele trocasse de lugar

com ela por um dia, para ver como as Sabedorias eram tranquilas.

— Não tem como a gente partir assim tão rápido. Precisaremos de tempo para

organizar uma comitiva decente.

Perrin estreitou os olhos.

— A gente? Você não vai! Vai ser... — Ele tossiu, então prosseguiu em um tom

mais moderado. — Vai ser melhor se um de nós ficar aqui. Quando o lorde viaja, a

lady precisa ficar para cuidar das coisas. Faz sentido. Chegam mais refugiados a

cada dia. Tem um monte de problemas para resolver. Se você também for, a situação

por aqui vai ficar pior do que com a invasão dos Trollocs.

Ele realmente acreditava que ela não repararia que ele tinha se corrigido no meio

da frase? Perrin estava prestes a dizer que seria perigoso. Como será que essa mania

dele de querer protegê-la dos perigos a fazia se derreter por dentro e ao mesmo

tempo a deixava tão irritada?

— Nós vamos fazer o que você achar melhor — respondeu a jovem, em um tom

brando, e Perrin piscou, desconfiado, então coçou a barba e assentiu.

Só restava fazê-lo enxergar o que realmente era melhor. Pelo menos ele não

declarara logo de início que ela *não podia* ir. Quando Perrin fincava a pata, era mais

fácil arredar um celeiro de grãos, mas, tomando o devido cuidado, era possível evitar

uma situação dessas. Na maioria das vezes.

Faile o abraçou de repente e enterrou o rosto em seu peito largo. As mãos fortes

de Perrin acariciaram seus cabelos com suavidade — ele decerto pensava que Faile

estava preocupada com sua partida iminente. Bem, de certa forma, ela estava. Só que

não era por ele estar partindo sem ela. Perrin ainda não aprendera o que significava

ter uma esposa de Saldaea. Os dois estavam tão longe de Rand al'Thor... Por que é

que o Dragão Renascido precisava de Perrin justo naquele momento, e com tanta

força que seu marido podia sentir a centenas de léguas de distância? Por que havia

tão pouco tempo? Por quê? A camisa de Perrin estava colada ao corpo suado, e o

calor anormal também fazia Faile transpirar, mas ela tremia.

* * *

Com uma das mãos no punho da espada, Gawyn Trakand usava a mão livre para

jogar uma pedrinha para o alto e pegá-la em seguida enquanto circulava mais uma

vez ao redor de seus homens, conferindo as posições nos entornos da colina

encimada de árvores. Um vento quente e seco levantava a terra pela pastagem

marrom cheia de ondulações e fazia drapejar o manto verde e simples pendurado às

suas costas. Não se via nada além de grama morta, moitas isoladas e arbustos

mirrados. Teria de cobrir muitas frentes com os homens que comandava, caso uma

luta fosse travada ali. Ele os reunira em grupos de cinco espadachins a pé, com

arqueiros cinquenta passadas atrás, colina acima. Outros cinquenta homens

aguardavam com lanças e cavalos a postos, no cume, próximos ao acampamento,

prontos para avançar para onde fosse necessário. Gawyn torcia para que não fosse

preciso.

No início, havia menos rapazes da Jovem Guarda, mas sua reputação atraíu

recrutas. O aumento dos números seria de grande ajuda, e nenhum recruta tinha

permissão para sair de Tar Valon antes de estar à altura de certos padrões. Não que

ele esperasse que fosse haver luta naquele dia, não mais do que em qualquer outro, a

questão é que aprendera que a hora da batalha muitas vezes vinha quando menos se

esperava. Só as Aes Sedai esperariam até o último minuto para revelar a um homem

que algo tão importante estava para acontecer.

— Tudo certo? — perguntou, parando junto a um grupo de espadachins. Apesar

do calor, alguns usavam os mantos verdes, exibindo símbolo de Gawyn no peito, o

javali branco em disparada.

Jisao Hamora era o mais jovem, ainda com sorriso de garoto, mas também o único

dos cinco com uma pequena torre prateada na gola, enfeite que o marcava como

veterano na batalha da Torre Branca. Foi ele quem respondeu.

— Tudo certo, milorde.

A Jovem Guarda fazia jus ao nome. O próprio Gawyn, com pouco mais de vinte

anos, estava entre os mais velhos. Era regra não aceitar ninguém que já tivesse feito

parte de algum exército, empunhado armas para um lorde ou lady ou mesmo

trabalhado como guarda de mercadores. Os primeiros integrantes haviam chegado à

Torre ainda meninos ou jovens para serem treinados pelos Guardiões, os mais

exímios espadachins e combatentes do mundo, e continuavam parte da tradição,

embora os Guardiões não os treinassem mais. A juventude não era uma falha.

Apenas uma semana antes, o grupo conduzira uma pequena cerimônia para os

primeiros pelos de bigode que Benji Dalfor raspava, e em seu rosto havia uma

cicatriz que ganhara na batalha da Torre. As Aes Sedai estavam ocupadas demais

para Curar nos dias seguintes à deposição de Siuan Sanche. A mulher talvez ainda

fosse Amyrlin, caso a Jovem Guarda não tivesse enfrentado e vencido muitos de

seus antigos instrutores nos corredores da Torre.

— Isso tem algum propósito, milorde? — perguntou Hal Moir. O sujeito era dois

anos mais velho que Jisao e, como muitos que não ostentavam a torre de prata,

lamentava-se por não ter estado presente no conflito. Ele logo amadureceria. — Não

vejo o menor sinal de Aiel.

— Ah, não vê? — Sem qualquer indicativo, Gawyn arremessou a pedra com toda

a força no único arbusto que havia por perto, uma moita irregular. O único som que

se ouviu foi o farfalhar das folhas mortas, mas o arbusto se remexeu um tantinho

mais do que o esperado, como se um homem escondido ali tivesse sido atingido em

um ponto sensível. Os mais novos exclamaram, mas Jisao apenas afrouxou a espada

na bainha. — Um Aiel, Hal, é capaz de se esconder até em um buraco no chão onde

você não teria nem tropeçado. — Não que Gawyn soubesse sobre os Aiel muito

além do que havia nos livros, mas lera cada volume que encontrara na biblioteca da

Torre Branca, todos escritos pelos homens que de fato haviam enfrentado Aiel. Lera

todos os livros que encontrara com relatos de soldados entendidos no assunto. Um

homem precisava estar preparado para o futuro, e, ao que parecia, o futuro do mundo

era a guerra. — Mas, se aprouver à Luz, não haverá luta hoje.

— Milorde! — gritou uma voz do alto da colina, quando o sentinela avistou o que

ele acabara de ver: três mulheres emergindo de uma moitinha algumas

centenas de

passadas a oeste, vindo em direção à colina. Oeste, que surpresa. Mas os Aiel

gostavam de surpresas.

Lera a respeito das mulheres Aiel que lutavam ao lado dos homens, porém aquelas

não tinham a menor condição de lutar: usavam volumosas saias escuras e blusas

brancas. Apesar do calor, tinham xales enrolados nos ombros. Por outro lado, como

havam chegado àquela moita sem serem notadas?

— Mantenham os olhos atentos, e não nelas — mandou, desobedecendo a própria

ordem e encarando com interesse as três Sábias, emissárias dos Aiel Shaido. Ali, não

poderiam ser outra coisa.

As mulheres avançavam, imponentes, nem parecendo estar se aproximando de um

grupo de homens armados. Os cabelos iam até a cintura — Gawyn lera que os Aiel

usavam cabelos curtos — e estavam presos por lenços dobrados. Usavam tantos

braceletes e colares compridos de ouro, prata e marfim que o brilho as teria

denunciado a uma milha de distância.

Empertigadas e com o semblante orgulhoso, as três passaram pelos espadachins a

passos firmes, sem olhá-los, e começaram a subir a colina. A líder era uma loura

cujas blusa solta revelava a pele consideravelmente bronzada sob o

decote aberto.

As outras duas eram grisalhas, de rostos bronzeados. A loura deveria ter menos da

metade da idade das outras.

— Não seria má ideia chamar essa aí para uma dança — comentou um dos

rapazes, admirado, depois que as mulheres passaram. Era pelo menos dez anos mais

jovem do que a loura.

— Eu não faria isso se fosse você, Arwin — retrucou Gawyn, em um tom seco.

— Pode ser que haja um mal-entendido. — Lera que os Aiel chamavam a batalha de

“dança”. — Além do mais, ela comeria o seu fígado no jantar. — Avistara de

relance os olhos verde-claros da mulher, e nunca vira olhar mais duro.

Gawyn ficou olhando as Sábias até chegarem ao topo da colina, onde meia dúzia

de Aes Sedai aguardava com seus Guardiões. As que os tinham: duas eram da Ajah

Vermelha, portanto não tinham Guardiões. Quando as Aiel desapareceram no

interior de uma das compridas tendas brancas, com os cinco Guardiões montando

guarda em volta, ele retomou a ronda da colina.

A Jovem Guarda estava alerta desde que se espalhara a notícia da chegada dos

Aiel, o que desagradara Gawyn. Deveriam estar alertas assim desde antes. Até a

maioria dos que não exibiam o símbolo da torre prateada haviam sido

vistos lutando

nos arredores de Tar Valon. Eamon Valda, o Senhor Capitão dos Mantos-brancos

em comando, arrastara quase todos os seus homens para o oeste mais de um mês

antes, mas o grupinho deixado para trás tentou se juntar aos bandidos e capangas que

Valda reunira. Pelo menos esses a Jovem Guarda conseguira afugentar. Gawyn

queria poder acreditar que também tinham afugentado Valda — a Torre decerto

mantivera seus próprios soldados bem longe das escaramuças, apesar de a única

razão para a presença dos Mantos-brancos tivesse sido tentar causar problemas à

Torre —, mas suspeitava de que o Senhor Capitão tivesse suas próprias razões para

bater em retirada. Provavelmente recebera ordens de Pedron Niall, e Gawyn daria

tudo para saber quais eram. Luz, como odiava não saber. Era como tatear no escuro.

A verdade era que estava irritado. Admitia. Não somente por conta dos Aiel, mas

por só ter sido informado sobre essa reunião durante a manhã daquele mesmo dia. E

também não havia sido informado sobre aonde estavam indo até ser chamado para

uma conversa em particular com Coiren Sedai, a irmã Cinza que liderava as Aes

Sedai. Elaida sempre fora reticente e arrogante quando conselheira de sua mãe em

Caemlyn, mas depois de elevada ao Trono de Amyrlin, a nova Elaida fazia a antiga

parecer aberta e afetuosa. Sem dúvida o pressionara para que ele organizasse aquela

escolta com o intuito de afastá-lo de Tar Valon.

A Jovem Guarda aderira ao lado de Elaida durante a luta — a antiga Amyrlin fora

destituída do Cajado e da Estola pelo Salão, e a tentativa subsequente de libertá-la

havia sido pura e simplesmente uma rebelião contra a lei —, mas Gawyn já tinha

suas dúvidas em relação a todas as Aes Sedai muito antes de ouvir a leitura das

acusações contra Siuan Sanche. De tão frequentes que eram, ele já nem prestava

mais atenção nas afirmações de que elas manipulavam os tronos feito marionetes,

mas foi só então que viu os cordéis sendo puxados. Viu as consequências, ao menos,

e foi sua irmã Elayne quem dançou: saiu dançando para bem longe de seus olhos,

dançou tanto que, até onde ele sabia, cessou até de existir. Ela e a outra. Lutara para

manter Siuan presa, depois virou as costas e a deixou fugir. Se Elaida algum dia

descobrisse isso, nem mesmo a coroa de sua mãe poderia salvar sua vida.

Ainda assim, Gawyn escolhera ficar porque sua mãe sempre apoiara a Torre,

porque sua irmã queria ser Aes Sedai. E porque havia outra mulher que também

queria aquele destino. Egwene al’Vere. Não tinha sequer o direito de pensar nela,

mas abandonar a Torre seria o mesmo que a abandonar. Como eram frívolos os

motivos por que um homem escolhia o próprio destino. No entanto, saber que eram

frívolos não mudava nada.

Encarava o gramado ressequido, fustigado pelo vento, enquanto avançava a

passos largos de uma posição a outra. Lá estava ele, esperando que os Aiel não

decidissem atacar, apesar — ou por causa — da conversa que as Sábias dos Shaido

estavam travando com Coiren e as outras. Suspeitava de que houvesse Aiel o

suficiente para aniquilá-lo, por ali, mesmo com a ajuda das Aes Sedai. Estava a

caminho de Cairhien e não sabia o que sentia a respeito. Coiren o fizera jurar que

manteria a missão em segredo, e, mesmo assim, parecia temerosa de suas palavras.

Era para estar. Era sempre bom examinar com muito cuidado as palavras de uma

Aes Sedai — aquelas mulheres não podiam mentir, mas maleavam a verdade feito

massa de pão —, porém nem assim ele encontrou significados obscuros. As seis Aes

Sedai pediriam ao Dragão Renascido que as acompanhasse até a Torre, junto com a

Jovem Guarda como escolta de honra liderada pelo filho da Rainha de Andor. Só

poderia haver uma razão, tão chocante para Coiren que a Cinza só conseguira fazer

vagas alusões a ela. Gawyn também ficara chocado. Elaida pretendia anunciar ao

mundo que a Torre Branca apoiava o Dragão Renascido.

Era quase inacreditável. Elaida fora uma Vermelha antes de se tornar Amyrlin. As

Vermelhas odiavam a mera ideia de um homem capaz de canalizar. Na verdade, elas

em geral não pensavam muito nos homens. Mesmo assim, a queda da outrora

invencível Pedra de Tear, cumprindo a profecia, confirmava que Rand al'Thor era o

Dragão Renascido, e até Elaida dizia que a Última Batalha estava próxima. Gawyn

não conseguia associar o fazendeiro assustado e abatido que encontrara no Palácio

Real em Caemlyn ao homem dos boatos que corriam do Rio Erinin até Tar Valon.

Dizia-se que ele enforcara Grão-lordos tairenos e permitira que os Aiel saqueassem a

Pedra. Rand decerto trouxera os Aiel ao longo da Espinha do Mundo para assolar

Cairhien pela segunda vez desde a Ruptura. Talvez fosse a loucura. Gawyn tinha

gostado de Rand al'Thor e lamentava o que o homem havia se tornado.

Quando retornou ao grupo de Jisao, havia mais alguém à vista: um mascate com

um chapéu molengo se aproximava pelo oeste, conduzindo uma mula de carga alta e

magrela. O sujeito seguiu direto para a colina: avistara o grupo.

Jisao se remexeu, mas ficou imóvel quando Gawyn tocou seu braço. Este sabia o

que o rapaz mais jovem estava pensando, mas, se os Aiel decidissem matar o tal

sujeito, não haveria o que pudessem fazer. Coiren não ficaria nem um pouco

contente se ele desse início a uma batalha com o povo com quem ela estava

negociando.

O mascate prosseguiu, bamboleante, até o arbusto onde Gawyn atirara a pedra. A

mula começou a abocanhar a grama marrom sem muito critério enquanto o homem

tirava o chapéu, ensaiava uma mesura dirigida a todos e começava a secar o rosto

grisalho com um lençinho encardido.

— Que a Luz brilhe sobre os senhores, milordes. Os senhores estão muito bem

instalados para viajantes nesses tempos escassos, mas, se houver qualquer coisinha

de que precisem, o velho Mil Tesen com certeza traz em suas trouxas. E ninguém

faz preço melhor em dez milhas, milordes.

Gawyn duvidava de que houvesse uma fazenda sequer em um raio de dez milhas.

— Tempos escassos, de fato, Mestre Tesen. O senhor não tem medo dos Aiel?

— Aiel, milorde? Eles estão todos lá para baixo, em Cairhien. O velho Mil fareja

os Aiel, ah se não. Na verdade, queria até que tivesse uns por aqui. É bom fazer

negócio com os Aiel. Eles carregam um monte de ouro. De Cairhien. E não

incomodam os mascates. Todo mundo sabe disso.

Gawyn absteve-se de perguntar por que o homem não estava rumando para o sul,

se os Aiel em Cairhien rendiam tão bons negócios.

— Que notícias traz do mundo, Mestre Tesen? O senhor, vindo do sul, deve saber

o que ainda não chegou até nós, no norte.

— Ah, muita coisa lá para o sul, milorde. Os senhores ouviram falar de Cairhien?

Daquele sujeito que se diz Dragão e tudo o mais? — Gawyn assentiu, e o mascate

prosseguiu. — Bom, ele tomou Andor. Quase tudo, pelo menos. A rainha morreu.

Tem gente dizendo que ele vai dominar o mundo inteiro antes de...

O sujeito soltou um ganido abafado e parou de falar antes que Gawyn pudesse

perceber que o agarrara pelo colarinho.

— A Rainha Morgase morreu? Responda, homem! Depressa!

Tesen revirou os olhos em busca de ajuda, mas respondeu, e depressa:

— É o que dizem por aí, milorde. O velho Mil não sabe, mas acha que sim. Todo

mundo está dizendo, milorde. Todo mundo diz que foi obra desse Dragão. Milorde?

Cuidado com o pescoço do velho Mil, milorde! Milorde!

Gawyn soltou as mãos com um movimento brusco, como se tivesse

tocado em

brasa. Queimava por dentro. Era outro pescoço que queria agarrar.

— A Filha-herdeira. — Sua voz parecia muito distante. — Alguma notícia de

Elayne, a Filha-herdeira?

Tesen deu um longo passo atrás assim que se viu livre.

— Não que eu saiba, milorde. Uns dizem que ela também morreu. Alguns dizem

que foi obra dele, mas não sei direito.

Gawyn assentiu, hesitante. Seus pensamentos pareciam vir subindo do fundo de

um poço. *Meu sangue deve ser derramado antes do dela, minha vida deve ser*

entregue antes da dela.

— Obrigado, Mestre Tesen. Eu... — *Meu sangue deve ser derramado antes do*

dela... fora o juramento que fizera quando mal tinha tamanho para olhar por cima da

borda do berço de Elayne. — O senhor pode fazer negócios com... alguns dos meus

homens podem precisar... — Gareth Bryne tivera que explicar o significado

daquelas palavras, mas, mesmo naquela época, Gawyn já sabia que teria de honrar o

juramento, mesmo que fracassasse em tudo o mais na vida. Jisao e os outros o

encaravam, preocupados. — Cuidem do mascate — disse a Jisao, um pouco rude, e

deu meia volta.

Sua mãe estava morta, e Elayne também. Era só um boato, mas às vezes os boatos

que corriam na boca do povo tinham um quê de verdade. Gawyn deu meia dúzia de

passos até o acampamento das Aes Sedai antes de se dar conta do que fazia. Suas

mãos doíam. Teve de encará-las para perceber que a câimbra que sentia era causada

pela força com que apertara o punho da espada e teve de se obrigar a soltá-lo. Coiren

e as outras pretendiam levar Rand al'Thor a Tar Valon, mas se a mãe dele estivesse

morta... Elayne. Se as duas estivessem mortas, queria ver se o Dragão Renascido

sobreviveria a uma espada cravada no coração!

* * *

Ajeitando o xale de franjas vermelhas, Katerine Alruddin levantou-se das almofadas

da tenda onde estava sentada com as outras mulheres. Quase bufou quando Coiren,

roliça e pomposa, entoou:

— Tal como foi acordado, assim será feito. — Que absurdo! Era uma reunião com

selvagens, não um tratado entre a Torre e um governante, como as palavras

sugeriam.

As Aiel não esboçavam outra reação, nenhuma expressão diferente de quando

tinham chegado. Era um tanto surpreendente: reis e rainhas sempre traíam seus

sentimentos mais íntimos quando encarados por duas ou três Aes Sedai, quem dirá

meia dúzia, então esses selvagens deveriam estar tremendo visivelmente. Talvez

fosse melhor dizer que não esboçaram *quase* nenhuma reação: a líder — que se

chamava Sevanna, mas apresentava-se com o nome seguido por alguma bobagem

sobre “ramos”, “Aiel Shaido” e “sábua” — declarou:

— Está acordado, contanto que eu veja a cara dele. — A mulher era sisuda e

usava a blusa com o cordão desamarrado para atrair os olhares dos homens. O fato

de os Aiel terem escolhido aquela mulher para liderá-la era uma medida de como

eram brutos. — Quero vê-lo, e quero que ele me veja quando for derrotado. Só assim

essa sua Torre será aliada dos Shaido.

O toque de ansiedade na voz da Aiel fez Katherine suprimir um sorriso. Sábua?

Aquela Sevanna era uma imbecil, isso sim. A Torre Branca não tinha aliados: havia

os que serviam aos seus desígnios de bom grado e os que serviam de mau grado,

nada mais.

Um leve franzido nos cantos da boca de Coiren denunciava sua irritação. A Cinza

era boa negociadora, mas gostava das coisas em perfeita ordem, de que cada passo

fosse dado exatamente como planejado.

— O seu serviço sem dúvida merece o preço que você pede.

Uma das Aiel grisalhas — Tarva, ou algo assim — estreitou os olhos, mas

Sevanna assentiu, ouvindo o que Coiren queria que ela ouvisse.

A Cinza se levantou para escoltar as Aiel até o pé da colina, acompanhada de

Erian, uma Verde, de Nesune, uma Marrom, e dos cinco Guardiões que somavam no

total. Katherine avançou até a orla das árvores para observar. Na chegada, as Aiel

tinham recebido permissão para subir sozinhas, como as suplicantes que eram, mas

na volta recebiam todas as honrarias possíveis, para que acreditassem ser realmente

amigas e aliadas. Katherine se perguntou se aquelas mulheres eram civilizadas o

bastante para perceber as sutilezas.

Gawyn estava lá embaixo, sentado em uma pedra, encarando o gramado. O que

aquele jovem pensaria se descobrisse que ele e seus garotos só estavam ali para

permanecerem afastados de Tar Valon? Nem Elaida nem o Salão gostavam de ter à

volta um grupinho de lobos que se recusavam a ser encoleirados. Talvez fosse

possível persuadir os Shaido a eliminar o problema. Elaida sugerira a ideia. Dessa

forma, a morte do rapaz não faria sua mãe se voltar contra a Torre.

— Se olhar por mais tempo para esse garoto, Katherine, vou começar a achar que

você estaria melhor como Verde.

A Vermelha deixou entrever um breve lampejo de raiva e inclinou a cabeça

respeitosamente.

— Eu estava só especulando sobre os pensamentos dele, Galina Sedai.

Era a demonstração máxima de respeito adequada a um lugar público como

aquele, talvez até um tantinho a mais. Galina Casban aparentava no máximo

quarenta anos, mas a mulher de rosto redondo tinha pelo menos o dobro da idade

real de Katherine e fora líder da Ajah Vermelha por dezoito anos. Naturalmente, o

fato não era conhecimento comum entre as irmãs de outras cores — tais coisas

diziam respeito apenas à Ajah. Galina sequer integrava o grupo de Votantes das

Vermelhas no Salão da Torre, embora, pelas suspeitas de Katherine, as líderes da

maioria das outras Ajahs integrassem. Elaida a teria nomeado líder da expedição em

vez da presunçosa Coiren, mas a própria Galina apontara que uma Vermelha poderia

despertar as suspeitas de Rand al'Thor. O Trono de Amyrlin deveria ser de todas as

Ajahs e de nenhuma, renunciando à sua antiga lealdade, ainda assim, se Elaida

prestava deferência a alguém — o que era discutível —, essa pessoa era Galina.

— Será que ele virá por vontade própria, como imagina Coiren? — indagou

Katerine.

— Talvez — respondeu Galina, em um tom seco. — A honra que esta delegação

dispensa a ele deveria ser suficiente para fazer um rei carregar o próprio trono até

Tar Valon.

Katerine não se deu ao trabalho de assentir.

— Essa tal Sevanna vai matá-lo, se tiver a chance.

— Então ela não pode ter chance alguma. — A voz de Galina era fria, e a boca

carnuda parecia rígida. — O Trono de Amyrlin não ficará satisfeito em ver seus

planos interrompidos. E eu e você passaremos dias gritando no escuro, antes de

morrer.

Endireitando o xale nos ombros, pensativa, Katerine estremeceu, pensativa. O ar

estava empoeirado, era melhor levar o manto leve. O que as mataria não seria a raiva

de Elaida, ainda que a fúria da Amyrlin pudesse ser terrível. Katerine era Aes Sedai

havia dezessete anos, mas até a manhã da partida de Tar Valon não sabia que

compartilhava com Galina mais do que a Ajah Vermelha. Integrava a Ajah Negra

havia doze anos sem saber que Galina também fazia o mesmo, e havia muito mais

tempo. Por necessidade, as irmãs Negras mantinham suas identidades em segredo,

inclusive umas das outras. Os raros encontros ocorriam entre rostos

encobertos e

vozes disfarçadas. Antes de Galina, Katherine conhecera apenas três que seria capaz

de reconhecer. As ordens eram deixadas em seu travesseiro ou nos bolsos do manto,

escritas com uma tinta que desaparecia caso o papel fosse tocado por outra mão que

não a sua. Havia um local secreto para entregar mensagens, com ordens expressas de

não tentar ver quem vinha apanhá-las. Jamais desobedecera. Poderia haver irmãs

Negras entre as que seguiriam no dia seguinte, mas ela não tinha como saber.

— Por quê? — perguntou.

As ordens de poupar o Dragão Renascido não faziam sentido, mesmo que ele

fosse entregue nas mãos de Elaida.

— Perguntar é perigoso para alguém que jurou obedecer sem questionar.

Katherine estremeceu outra vez e quase não conseguiu conter uma mesura.

— Sim, Galina Sedai.

Mas não conseguia impedir a mente de repetir a pergunta. Por quê?

* * *

— Elas não demonstram respeito nem honra — resmungou Therava.
— Nos deixam

entrar em seu acampamento como se fôssemos cães desdentados, depois nos levam

embora sob escolta, feito suspeitas de ladroagem.

Sevanna não olhava em volta. Não olharia até estar outra vez entre as árvores, em

segurança. As Aes Sedai estariam atentas a sinais de nervosismo.

— Elas concordaram, Therava — respondeu. — Por ora, isso basta.

Por ora. Um dia, todas aquelas terras seriam saqueadas pelos Shaido. Incluindo a

Torre Branca.

— Isso tudo está muito mal engendrado — interveio a terceira mulher, com a voz

rígida. — As Sábias evitam as Aes Sedai, sempre foi assim. Talvez não haja

problemas para você, Sevanna. Como viúva de Couladin e de Suladric, você fala

como chefe de clã até mandarmos outro homem a Rhuidean. Mas o restante de nós

não deveria tomar parte disso.

Sevanna mal conseguia se forçar a continuar avançando. Desaine fora contra sua

elevação a Sábua, bradando em alto e bom som que ela não passara por nenhum

aprendizado nem fora a Rhuidean uma única vez, clamando que seu posto como

chefe de clã a tornava inapta. Além do mais, como viúva de não apenas um, mas

dois chefes já mortos, talvez ela trouxesse mau agouro. Felizmente, um bom número

das Sábias Shaido dera ouvidos a Sevanna, não a Desaine. Porém, *infelizmente*,

havia gente demais dando ouvidos a Desaine para que fosse seguro fazê-la

desaparecer. As Sábias supostamente eram invioláveis — até circulavam livres entre

os Shaido e os imbecis traidores, lá em Cairhien —, mas Sevanna encontraria um

jeito.

Como se infectada pelas dúvidas de Desaine, Therava começou a resmungar, em

parte para si mesma:

— Mal engendrado é ficar contra as Aes Sedai. Nós as servíamos antes da

Ruptura e falhamos. É por isso que fomos enviados à Terra da Trindade. Se

falharmos outra vez, seremos destruídos.

Era nisso que todos acreditavam: era parte das histórias antigas, quase parte dos

costumes. Sevanna não tinha tanta certeza. Aquelas Aes Sedai pareciam fracas e

tolas aos seus olhos, viajando sob a escolta de umas poucas centenas de homens por

terras onde os verdadeiros Aiel, os Shaido, poderiam atacá-los com milhares.

— Vejo o raiar de um novo dia — retrucou, ríspida, repetindo parte de um de seus

discursos às Sábias. — Não estamos mais atados à Terra da Trindade. Qualquer olho

pode ver que o que foi já mudou. Temos de mudar, ou acabaremos como se nunca

tivéssemos sido. — Nunca revelara quanto pretendia mudar, claro. Se conseguisse o

que queria, as Sábias dos Shaido jamais enviariam um homem a Rhuidean.

— Dia novo ou antigo — resmungou Desaine —, o que é que vamos fazer com

Rand al'Thor se conseguirmos tomá-lo das Aes Sedai? É melhor, e mais fácil, cravar

uma faca em suas costelas durante a escolta delas para o norte.

Sevanna não respondeu. Ela não sabia o que responder. Não ainda. Só tinha a

certeza de que, quando o chamado *Car'a'carn*, o chefe dos chefes de todos os Aiel,

estivesse acorrentado diante de sua tenda feito um cão raivoso, aquela terra de fato

pertenceria aos Shaido. E a ela. Tinha essa certeza antes mesmo de aquele estranho

dar um jeito de encontrá-la nas montanhas que os aguacentos chamavam de Adaga

do Fratricida. O sujeito lhe entregara um pequeno cubo feito de alguma pedra dura,

com entalhes intrincados formando desenhos estranhos, e lhe dissera o que fazer

com aquilo quando al'Thor caísse em suas mãos. Precisaria da ajuda de uma Sábua

capaz de canalizar. Carregava o objeto no bolso do cinto o tempo todo, mas ainda

não decidira o que fazer com aquilo. Apesar disso, ainda não contara a ninguém

sobre o aguacento ou o cubo. Seguiu em frente de cabeça erguida, avançando sob do

sol escaldante em um céu de outono.

* * *

O jardim do palácio poderia ter um resquício de frescor se houvesse

qualquer árvore,

mas a única sombra vinha das topiarias exóticas, em formatos de cavalos

cavalgando, ursos acrobatas e coisas do tipo. Jardineiros em camisas de manga

corriam apressados com baldes de água debaixo do sol escaldante da tarde, tentando

salvar suas criações. Tinham desistido das flores, limpando todos os canteiros e

padronizando-os com gramados também decadentes.

— Uma pena que o calor esteja tão forte — comentou Ailron. Ele puxou um lenço

de renda da manga rendada do casaco de seda amarela e deu tapinhas delicados no

rosto, depois jogou o lenço de lado. Um serviçal de uniforme vermelho e dourado

logo apanhou o lenço do chão de cascalhos e desapareceu de volta no cenário. Outro

homem uniformizado depositou um lenço limpo na mão do Rei, para que este o

enfiasse na manga. Ailron não agradeceu, claro, sequer pareceu notar. — Esses

camaradas em geral conseguem preservar tudo vivo até a primavera, mas talvez eu

tenha algumas perdas neste inverno, já que está parecendo que não teremos inverno

nenhum. As plantas toleram melhor o frio do que a estiagem. Você não acha que

estão ótimas, minha querida?

Ailron, Ungido pela Luz, Rei e Defensor de Amadícia, Guardião do Portão Sul,

não era tão bonito quanto diziam os rumores, porém logo que o conheceu, anos

antes, Morgase suspeitara de que ele próprio talvez fosse a fonte de tais rumores. A

cabeleira escura era farta e ondulada — e, mesmo assim, as entradas na testa já eram

perceptíveis. O nariz era um pouco comprido demais, as orelhas um tantinho

grandes. Todo o rosto sugeria uma vaga brandura. Um dia ela teria de perguntar:

esse Portão Sul dava para onde?

Abanando o leque de marfim entalhado, ela examinou uma das... composições

dos jardineiros. Pareciam três mulheres nuas imensas em uma luta desesperada

contra serpentes gigantes.

— São mesmo extraordinárias — respondeu. Uma pedinte dizia o que era

necessário.

— Sim. Sim, não são? Ah, parece que os assuntos de Estado me chamam.

Assuntos urgentes, eu receio. — Uma dúzia de homens, de casacos tão coloridos

quanto as flores que já não cresciam naquele jardim, tinham despontado na

escadinha de mármore no extremo oposto da calçada e aguardavam diante de uma

dezena de colunas caneluradas que não serviam para sustentar coisa alguma. — Até

a noite, minha querida. Conversaremos mais sobre os seus terríveis problemas e o

que posso fazer a respeito.

Ele curvou-se diante da mão dela, parando a um passo de beijá-la, e Morgase

respondeu com uma mesura suave, murmurando as frivolidades costumeiras. O

homem foi embora depressa, seguido por todos, exceto um, do grupinho de serviçais

que o acompanhava por toda parte.

Quando se viu sozinha, Morgase abanou o leque com mais força do que podia na

presença daquele homem — Ailron fingia não ser afetado pelo calor, mesmo com o

rosto empapado de suor — e seguiu de volta para seus aposentos. Seus por

resignação mais que concordância, assim como o vestido azul-claro que tivera que

aceitar como presente. Insistira na gola alta, apesar do calor: tinha uma opinião

muito firme a respeito de decotes baixos.

O serviçal que ficara seguia atrás dela, a curta distância. E Tallanvor, claro,

seguindo-a feito uma sombra, ainda insistindo em usar o grosseiro casaco verde que

vestira na viagem até lá, de espada na cintura como se esperasse que ela fosse ser

atacada no Palácio de Seranda, a menos de duas milhas de Amador. Morgase tentava

ignorar o rapaz alto, mas, como de costume, ele se recusava a ser ignorado.

— Deveríamos ter ido para Ghealdan, Morgase. Para Jehannah.

Adiara certas coisas por tempo demais. Suas saias farfalharam quando ela deu

meia-volta para confrontá-lo, e seus olhos se inflamaram.

— Na jornada, certas descrições se faziam necessárias, mas as pessoas à nossa

volta sabem quem eu sou. Lembre-se disso você também e demonstre o devido

respeito pela sua Rainha. De joelhos!

Para seu espanto, ele não se moveu.

— Você é a minha Rainha, Morgase? — Pelo menos Tallanvor teve a decência de

baixar a voz para que o serviçal não ouvisse e espalhasse a fofoca, mas seus olhos...

Morgase por pouco não recuou ao ver o desejo nítido contido neles. E a raiva. —

Não vou deixá-la à própria sorte, Morgase, mas você deixou muita coisa para trás ao

largar Andor nas mãos de Gaebriel. Quando resolver isso, vou me ajoelhar aos seus

pés, e pode até mandarem cortar minha cabeça, se for sua vontade, mas até lá...

Deveríamos ter ido para Ghealdan.

Aquele jovem tolo se mostrava disposto a morrer lutando contra o usurpador

mesmo depois de Morgase perceber que nenhuma Casa em Andor a apoiaria, e dia

após dia, semana após semana desde que ela concluía que sua única escolha era

procurar ajuda no exterior, ele vinha ficando cada vez mais insolente e insubordinado. Poderia pedir a cabeça de Tallanvor a Ailron e recebê-

la sem

qualquer questionamento. No entanto, a ausência de questionamentos não

significava ausência de pensamentos. Ela realmente era apenas uma suplicante ali e

não podia se dar ao luxo de pedir um favor que não fosse absolutamente necessário.

Além do mais, não estaria ali sem Tallanvor. Seria prisioneira — pior que

prisioneira — de Lorde Gaebriel. Eram os únicos motivos pelos quais a cabeça de

Tallanvor continuaria em seu pescoço.

Seu exército guardava as portas ornamentadas de seus aposentos. Basel Gill era

um homem de bochechas rosadas, vaidoso, que usava os cabelos grisalhos penteados

para trás para disfarçar a careca parcial. Seu colete de couro, cerzido com discos de

aço, apertava com dificuldade a barriga, e ele levava uma espada que permanecera

intocada por vinte anos até prendê-la no cinto para seguir sua rainha. Lamgwin era

durão e corpulento, mas seus olhos de pálpebras pesadas lhe conferiam um aspecto

sonolento. Ele também portava uma espada, mas as cicatrizes em seu rosto e no

nariz, quebrado mais de uma vez, eram sinal de que estava mais acostumado a usar

os punhos, ou um porrete. Um estalajadeiro e um brigão de rua. Fora Tallanvor, esse

era o único exército de que dispunha até então para resgatar Andor e

seu trono das

mãos de Gaebriel.

Os homens se curvaram em mesuras desajeitadas, mas ela passou direto por entre

os dois e bateu a porta na cara de Tallanvor.

— O mundo — declarou, em um rosnado — seria muito melhor sem os homens.

— E mais vazio, sem dúvida — completou a antiga ama de Morgase, na antessala,

sentada em sua cadeira ao lado de uma janela coberta com cortinas de veludo. O

coque grisalho de Lini se balançava de um lado a outro enquanto ela mantinha a

cabeça inclinada por sobre o aro de bordado. Uma mulher muito magra, mas nem de

longe tão frágil quanto aparentava. — Imagino que Ailron esteja igualmente pouco

acessível hoje? Ou foi Tallanvor, minha criança? Você precisa aprender a não deixar

os homens estragarem o seu humor. Essa irritação deixa seu rosto todo manchado.

Lini ainda não admitia que não era mais ama, apesar de já ter sido ama da filha de

Morgase.

— Ailron foi fantástico — respondeu Morgase, com prudência. A terceira mulher

no recinto fungou alto. Estivera ajoelhada, apanhando roupas de cama dobradas de

dentro de um baú, e Morgase teve que fazer um esforço para não olhar feito para ela.

Breane era... companheira de Lamgwin. A baixinha bronzeada de sol estava sempre

atrás dele, mas era cairhiena e deixava bem claro que Morgase não era sua rainha. —

Mais um ou dois dias — prosseguiu —, e acho que consigo que ele se comprometa.

Hoje ele finalmente admitiu que preciso de soldados de fora para recuperar

Caemlyn. Quando Gaebril for expulso de lá, os nobres virão outra vez a mim.

Esperava que sim: estava em Amadícia por ter se deixado cegar por Gaebril, por

ter destratado até seus amigos mais antigos entre as Casas só para seguir ordens dele.

— “Um cavalo lento nem sempre chega ao fim da viagem” — citou Lini, ainda

concentrada no bordado. Gostava muito de ditados antigos, e Morgase suspeitava de

que ela inventasse alguns conforme a demanda.

— Este vai — insistiu. Tallanvor estava errado em relação a Ghealdan: segundo

Ailron, a nação estava à beira da anarquia por conta do Profeta a respeito de quem

todos os serviçais andavam cochichando, o sujeito que pregava o Renascimento do

Dragão. — Gostaria de um pouco de ponche, Breane. — A mulher só a encarou, e

ela acrescentou: — Por gentileza.

Ainda assim, o copo foi servido com uma cara emburrada.

A mistura de vinho e sucos de frutas estava gelada e refrescante naquele calor, e

Morgase apreciou o toque do cálice de prata contra a própria testa.
Ailron mandara

trazer neve e gelo das Montanhas da Névoa, embora fosse necessário
um fluxo quase

incessante de carroções a fim de prover o suficiente para o palácio.

Lini também apanhou um cálice.

— Quanto a Tallanvor — começou, depois de um golinho.

— Deixe quieto, Lini! — vociferou Morgase.

— E daí que ele é mais novo? — começou Breane. Também servira
ponche para

si. Tamanha afronta! A função dela era de serviçal, fosse lá o que
tivesse sido em

Cairhien. — Se quer o homem, agarre-o de uma vez. Lamgwin diz que
o sujeito está

jurado a você, e já vi o jeito como ele a olha. — Ela soltou uma risada
rouca. —

Duvido que recuse. — Os cairhienos eram nojentos, mas pelo menos a
maioria

encobria os costumes libertinos apropriadamente.

Morgase estava prestes a expulsar a mulher do quarto quando ouviu
uma batida na

porta. Sem aguardar permissão, um homem de cabelos brancos, todo
magro e

musculoso, adentrou o recinto. Seu manto branco como a neve trazia
o brasão de um

sol dourado e flamejante no peitoral. Torcera para conseguir evitar os
Mantos-

brancos até selar um acordo sólido com Ailron. O vinho fresco de
súbito congelou

seus ossos. Onde estavam Tallanvor e os outros? Como tinham

permitido que o

homem adentrasse seus aposentos daquele jeito?

Com os olhos escuros cravados nela, o sujeito dispensou uma mesura ínfima.

Tinha o rosto envelhecido e a pele repuxada, mas era fraco como um martelo sem

dono.

— Morgase de Andor? — perguntou, com a voz firme e profunda. — Sou Pedron

Niall. — Não era um Manto-branco qualquer, mas o Senhor Capitão Comandante

dos Filhos da Luz em pessoa. — Não tema. Não vim para prender a senhora.

Morgase se aprumou.

— Me prender? Sob que acusação? Eu não sei canalizar.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela quase estalou a língua, de tão

exasperada. Não deveria ter mencionado a canalização. O fato de ter se colocado na

defensiva era prova de como estava nervosa. O que dissera era verdade, pelo menos

em grande medida. Cinquenta tentativas de sentir a Fonte Verdadeira resultaram em

apenas um sucesso, e precisara de mais vinte tentativas de se abrir a *saidar* até

conseguir um único fiozinho. Uma irmã Marrom chamada Verin lhe dissera que

havia pouquíssima necessidade de ela permanecer na Torre até aprender a manejar a

habilidade ínfima com segurança. Mesmo assim, naturalmente, a Torre

a fez ficar.

Mas até aquela capacidade de canalizar diminuta era proibida em Amadícia, sujeita a

pena de morte. O anel da Grande Serpente em sua mão, joia que tanto fascinara

Ailron, agora reluzia de tão quente.

— Mas foi treinada na Torre — murmurou Niall. — Isso também é proibido.

Porém, como eu disse, não vim para prendê-la, mas para ajudá-la. Dispense suas

mulheres para podermos conversar. — Ele ficou à vontade, ocupando uma poltrona

alta acolchoada e dobrando o manto no encosto. — Mas, antes que elas saiam, vou

querer um pouco desse ponche. — Para desgosto de Morgase, Breane imediatamente

levou um cálice ao homem, mantendo os olhos baixos e o rosto inexpressivo feito

uma tábua.

Ela se esforçou para recobrar o controle.

— Elas ficam, Mestre Niall. — Não daria ao homem a satisfação de chamá-lo

pelo título. A desfeita não parecia intimidá-lo. — O que aconteceu com os meus

homens ali fora? Não vou deixar passar se estiverem feridos. E o que o faz pensar

que eu preciso da sua ajuda?

— Seus homens não estão feridos — respondeu Niall, desdenhoso, ainda

bebendo. — Acha que Ailron vai dar o que a senhora precisa? A

senhora é uma bela

mulher, Morgase, e Ailron apreciava as damas de cabelos da cor do sol.
A cada dia, vai

se aproximar mais desse acordo que a senhora busca, mas sem nunca
fechá-lo, até a

senhora concluir que, talvez, com... algum sacrifício, ele acabe
cedendo. Mas isso

não vai acontecer, não importa o que dê a ele. A turba desse suposto
Profeta está

devastando o norte de Amadícia. A oeste está Tarabon, com uma
guerra civil de

muitos lados, mercenários jurados ao tal Dragão Renascido e rumores
de Aes Sedai

e do próprio falso Dragão apavorando Ailron. Fornecer soldados à
senhora? Se ele

conseguisse dez homens para cada um que tem de prontidão agora, ou
até para cada

dois, venderia a própria alma. Mas eu posso enviar cinco mil Filhos
montados a

Caemlyn, com a senhora no comando. Basta pedir.

Dizer que Morgase estava atônita teria sido pouco. Ela foi até uma
cadeira oposta

ao sujeito, mantendo a imponente postura apropriada, e sentou-se antes que
as pernas

cedessem.

— Por que o senhor iria querer me ajudar a expulsar Gaebril? —
inquiriu. O

sujeito obviamente sabia de tudo, sem dúvida possuía espiões entre os
serviçais de

Ailron. — Nunca dei aos Mantos-brancos a liberdade que desejavam
em Andor.

Dessa vez, Niall fez uma careta. Os Mantos-brancos não gostavam dessa alcunha.

— Gaebriel? Seu amante está morto, Morgase. O falso Dragão Rand al'Thor

somou Caemlyn às suas conquistas.

Lini emitia um gemido fraco, como se tivesse se furado, mas o homem manteve

os olhos em Morgase.

A rainha, por sua vez, precisou agarrar o braço da cadeira para não apertar a mão

no estômago. Se a outra mão não tivesse apoiado o cálice no braço da cadeira, ela

teria derrubado ponche no carpete. Gaebriel, morto? O sujeito tirara vantagem dela,

fizera dela sua amante, usurpara sua autoridade, oprimira a nação em seu nome e,

por fim, nomeara a si mesmo Rei de Andor, que nunca tivera um rei. Como, depois

de tudo isso, ela poderia lamentar por jamais poder sentir suas mãos outra vez? Era

loucura. Se não soubesse que era impossível, pensaria que ele tinha dado um jeito de

usar o Poder Único nela.

Mas al'Thor estava de posse de Caemlyn? Isso podia mudar tudo. Ela o

encontrara uma vez, um jovem camponês assustado, vindo do oeste, tentando de

tudo para dispensar o respeito adequado à sua rainha. Mas era um jovem portando a

espada de um mestre, com a marca da garça. E Elaida o tratara com cautela.

— Por que o chama de falso Dragão, Niall? — Se o sujeito pretendia chamá-la

pelo nome, poderia passar até mesmo sem a alcunha de “mestre” destinada aos

camponeses. — A Pedra de Tear caiu, como afirmavam as Profecias do Dragão. Os

próprios Grão-senhores de Tear o proclamaram Dragão Renascido.

Niall estampava um sorriso debochado.

— Em todos os lugares onde ele apareceu havia Aes Sedai. Elas canalizam para

ele, pode apostar. O garoto é só uma marionete da Torre. Tenho amigos em muitos

lugares — eram espiões, a bem da verdade —, e eles me informaram que há provas

de que a Torre fez a mesma armação com Logain, o último falso Dragão. Talvez ele

tenha ficado muito cheio de si, e as Aes Sedai tenham precisado dar um fim nele.

— Não há prova disso. — Morgase ficou satisfeita com a firmeza da própria voz.

Ouvira os rumores sobre Logain a caminho de Amador. Mas eram só rumores.

O homem deu de ombros.

— acredite no que quiser, mas eu prefiro a verdade a fantasias bobas. Será que o

verdadeiro Dragão Renascido faria o que ele fez? Os Grão-senhores o proclamaram,

não foi o que a senhora disse? Quantos ele enforcou antes de os outros se curvarem?

Ele deixou os Aiel saquearem a Pedra e toda a Cairhien. Afirma que Cairhien deve

ter um novo governante, nomeado por ele, mas o único poder de verdade por lá é ele

mesmo. E, além do mais, diz que haverá um novo governante em Caemlyn. A

senhora está morta, sabia disso? Acho que estão falando em Lady Dyelin. Ele se

sentou no Trono do Leão e realizou audiências, mas imagino que o assento seja

muito pequeno, por ser destinado a mulheres. Ele o ergueu como troféu de sua

conquista no Grande Salão do seu Palácio Real e o substituiu por um trono próprio.

Mas nem tudo foram flores para ele, claro. Algumas Casas andorianas acham que ele

matou a senhora. Agora que a senhora está morta, começou a despertar compaixão.

Só que ele controla tudo em Andor com punhos de ferro, com uma horda de Aiel e

um exército de rufiões das Terras da Fronteira recrutados pela própria Torre. Mas, se

a senhora está pensando que ele vai recebê-la de volta em Caemlyn e lhe devolver o

trono...

Niall foi baixando a voz, mas a torrente de palavras atingira Morgase feito pedras.

Dyelin só seria a próxima na sucessão se Elayne morresse sem ter filhos. Ah, Luz,

Elayne! Será que ela ainda estava segura na Torre? Era estranho pensar na antipatia

que nutrira pelas Aes Sedai — em grande parte por terem perdido Elayne durante

um tempo — e que ela exigira o retorno da filha, sendo que ninguém *exigia* nada da

Torre, porém agora esperava que estivessem mantendo sua filha na rédea curta.

Lembrou-se de uma carta enviada por Elayne depois de retornar a Tar Valon. Teria

havido outras? Muitos acontecimentos do período em que Gaebril a mantivera cativa

eram vagos. Sem dúvida Elayne estava segura. Ela também deveria estar preocupada

com Gawyn e Galad — sabia lá a Luz onde os dois estavam —, mas Elayne era sua

herdeira. A paz em Andor dependia de uma sucessão tranquila.

Precisava pensar bem no assunto. Tudo fazia sentido, mas as mentiras bem

engendradas sempre faziam sentido, e aquele homem era um mestre nessa arte.

Precisava de fatos. Não era surpresa que Andor acreditasse em sua morte: tivera de

sair do próprio reino às escondidas, para evitar Gaebril e os que poderiam entregá-la

a ele ou fazê-la pagar pelas injustiças que ele cometera. Se disso restasse alguma

compaixão, poderia aproveitá-la quando se reerguesse dos mortos. Fatos.

— Precisarei de tempo para pensar — declarou.

— Mas é claro. — Niall levantou-se devagar. A própria Morgase teria se

levantado, para que ele não ficasse mais alto, mas não sabia se as pernas

aguentariam. — Volto daqui a um ou dois dias. Enquanto isso, quero

garantir sua

segurança. Ailron está tão ocupado com os próprios problemas que não há como

afirmar quem poderia entrar sorrateiro, talvez com más intenções. Tomei a liberdade

de postar alguns dos Filhos de vigia aqui. Com o consentimento de Ailron.

Morgase sempre ouvira dizer que os Mantos-brancos eram o verdadeiro poder em

Amadícia e tinha certeza de que acabara de comprovar isso.

Niall foi um tantinho mais formal na partida do que na chegada, fazendo uma

mesura que serviria a um de seus iguais. De um jeito ou de outro, deixava entrever

que ela não tinha escolha.

Morgase se levantou assim que o sujeito foi embora, mas Breane disparou em

direção às portas ainda mais depressa. Porém, antes que as duas conseguissem dar

três passos, uma das portas se abriu, e Tallanvor e os outros dois irromperam no

aposento.

— Morgase — chamou ele, em um arquejo, tentando sorvê-la com os olhos. —

Achei que...

— Achou? — indagou a rainha, com desdém. Era demais! Ele não aprendia. — É

assim que você me protege? Um garoto faria melhor! Pensando bem, isso foi mesmo

obra de um garoto.

Tallanvor sustentou aquele olhar abrasador por mais um instante, então deu meia-

volta e saiu, abrindo caminho por Basel e Lamgwin.

O estalajadeiro permaneceu parado, apertando as mãos nervosamente.

— Eram pelo menos trinta, minha Rainha. Tallanvor teria lutado... Ele tentou

gritar, avisar a senhora, mas deram nele com o cabo de uma espada. O mais velho

disse que não pretendiam machucar a senhora, mas que queriam tratar unicamente

com a senhora, e se fosse necessário nos matar... — Olhou para Lini, depois Breane,

que estudava Lamgwin de cima a baixo em busca de ferimentos. O sujeito também

parecia bastante preocupado com a esposa. — Minha Rainha, se eu imaginasse que

seríamos de alguma serventia... eu sinto muito. Decepcionei a senhora.

— “O remédio que cura é sempre amargo” — murmurou Lini. — Ainda mais

para uma criança com ataques de birra.

Pelo menos desta vez a mulher não usara um tom que todo o cômodo fosse capaz

de ouvir. E estava certa. Morgase sabia bem disso. Menos em relação ao ataque,

claro. Basel, de tão arrasado, já parecia a ponto de aceitar de bom grado a

decapitação.

— O senhor não me decepcionou, Mestre Gill. Pode ser que um dia eu venha a

pedir que o senhor morra por mim, mas só quando sua morte resultar em um bem

maior. Niall só queria conversar. — Basel se aprumou no mesmo instante, mas

Morgase sentiu o peso do olhar de Lini sobre si. Muito amargo. — O senhor peça a

Tallanvor que venha aqui. Eu... quero me desculpar pelas palavras impetuosas.

— A melhor maneira de se desculpar com um homem — interveio Breane — é

levá-lo para um canto isolado do jardim.

Morgase teve um estalo. Antes de se dar conta do que fazia, já tinha arremessado

o cálice na mulher, espalhando ponche pelo carpete.

— Saia daqui! — ganiu. — Todos vocês, saiam! O senhor pode levar o meu

pedido de desculpas a Tallanvor, Mestre Gill.

Breane limpou o ponche do vestido com toda a calma, depois andou devagar até

Lamgwin e deu o braço a ele. Basel saiu quase tropeçando ao tentar conduzi-los para

fora.

Para surpresa de Morgase, Lini também saiu. Não era de seu feitio, o mais

provável era que a antiga ama ficasse e lhe passasse o velho sermão, como se

Morgase ainda tivesse dez anos. Não sabia por que aguentava aquilo. No entanto,

quase pediu que a mulher ficasse. Mas logo todos saíram, a porta foi fechada... e ela

tinha questões mais importantes com que se preocupar do que os sentimentos feridos

de Lini.

Andou em círculos pelo carpete, tentando pensar. Ailron exigiria concessões nos

negócios — e talvez o “sacrifício” de Niall — pela ajuda. Estava disposta a fazer as

concessões, mas temia que Niall estivesse certo em relação à quantidade de soldados

que o outro dispensaria. De certa forma, seria mais fácil ceder às demandas do

Senhor Capitão Comandante. O homem decerto pediria livre acesso a Andor a todos

os Mantos-brancos. E autonomia para eliminar os Amigos das Trevas que

encontrassem em cada desvão, para incitar motins contra mulheres desamparadas

acusadas de serem Aes Sedai, para matar as verdadeiras Aes Sedai. Niall poderia até

exigir uma lei contra a canalização, contra a ida de mulheres à Torre Branca.

Seria possível — ainda que difícil e sangrento — expulsar os Mantos-brancos

quando eles já tivessem estabelecidos, mas havia mesmo a necessidade de abrir as

portas para eles, para começo de conversa? Rand al'Thor era o Dragão Renascido,

tinha certeza disso, independentemente do que Niall dissesse. Tinha quase certeza.

Porém, pelo que sabia, governar nações não era parte das Profecias do Dragão.

Dragão Renascido ou falso Dragão, ele não poderia ter posse de Andor. Mas como

ela poderia saber?

Um tímido roçar na porta a trouxe de volta a si.

— Entre — declarou, com rispidez.

A porta se abriu lentamente, e entrou um jovem de sorriso largo, vestido em um

uniforme vermelho e dourado e trazendo uma bandeja com uma jarra de prata cheia

de ponche gelado, já com gotículas formadas pela umidade. Estava esperando

Tallanvor. Lamgwin montava guarda sozinho no corredor, pelo que ela podia ver.

Ou pelo menos descansava, recostado na parede feito um segurança de taverna. Ela

gesticulou, indicando ao jovem onde deixar a bandeja.

Irritada — Tallanvor deveria ter vindo, ah se deveria! —, voltou a andar em

círculos. Basel e Lamgwin podiam partir para a aldeia mais próxima em busca de

boatos, mas seriam apenas boatos, e talvez plantados por Niall. O mesmo valia para

os serviços do palácio.

— Minha Rainha. Posso falar, minha Rainha?

Morgase se virou, estupefata. O sotaque era de Andor. O jovem estava ajoelhado,

o sorriso largo oscilando entre a dúvida e a arrogância. Talvez tivesse sido belo, mas

o nariz quebrado fora mal corrigido. Em Lamgwin o traço parecia rústico, ainda que

grosseiro, já naquele camarada... parecia que o sujeito tinha tropeçado e caído de

cara no chão.

— Quem é você? — inquiriu. — Como entrou aqui?

— Sou Paitr Conel, minha Rainha. Venho de Mercado de Sheran. Em Andor —

acrescentou, como se ela pudesse não se dar conta disso.

Impaciente, Morgase fez um gesto para que o rapaz prosseguisse.

— Vim para Amador com meu tio, Jen — explicou o recém-chegado. Ele é

mercador em Quatro Reis, e veio atrás de tinturas tarabonianas. Elas estão caras,

com todos esses problemas em Tarabon, mas ele achou que pudesse encontrar um

preço melhor... — Morgase estreitou os lábios, e o sujeito logo continuou: —

Ouvimos falar da senhora, minha Rainha, que a senhora estava aqui no palácio. E

tem essa lei aqui de Amadícia, e com a senhora tendo sido treinada na Torre Branca

e tudo o mais... Pensamos que poderíamos ajudar... — O rapaz engoliu em seco e

concluiu, com uma vozinha fraca: — Ajudar a senhora a fugir.

— E vocês estão preparados para me ajudar... a fugir?

Não era o melhor plano, mas ela poderia cavalgar rumo ao norte até Ghealdan.

Tallanvor ficaria exultante. Não, não ficaria, e isso seria pior.

Paitr, porém, balançou a cabeça cheio de pesar.

— Tio Jen tinha um plano, mas agora há Mantos-brancos em todo o palácio. Eu

não sabia o que fazer além de vir falar com a senhora, que foi o que ele mandou. Tio

Jen vai pensar em outra coisa, minha Rainha. Ele é esperto.

— Eu tenho certeza disso — murmurou Morgase. Então a ideia de ir a Ghealdan

voltou a esmaecer. — Há quanto tempo você saiu de Andor? Um mês? Dois? — O

rapaz aquiesceu. — Então não sabe o que está acontecendo em Caemlyn. — Ela deu

um suspiro.

O jovem lambeu os lábios.

— Eu... estamos hospedados em Amador, com um homem que tem pombos. Um

mercador. Ele recebe mensagens de todos os cantos. De Caemlyn também. Mas só

ouço más notícias, minha Rainha. Pode levar um dia ou dois, mas o tio vai achar

outra saída. Só queria que a senhora soubesse que tem ajuda por perto.

Bem, as coisas seriam desse jeito, afinal. Uma disputa entre Pedron Niall e esse

tal de Jen, tio de Paitr. Desejou não ter tanta certeza quanto em quem apostar.

— Enquanto isso, pode me contar quanto as coisas estão ruins em Caemlyn.

— Minha Rainha, eu fui mandado aqui apenas para informar a senhora a respeito

da ajuda. Meu tio vai ficar brabo se eu ficar...

— Eu *sou* a sua Rainha, Paitr — retrucou Morgase, com firmeza —, e também do

seu tio Jen. Ele não vai se incomodar se você responder às minhas perguntas. —

Paitr parecia prestes a sair em disparada, mas ela se acomodou em uma cadeira e se

preparou para esgravatar a verdade.

* * *

Pedron Niall sentia-se bastante satisfeito ao descer de sua montaria no pátio

principal da Fortaleza da Luz e jogar as rédeas para um cavaliário. Morgase estava

sob controle, e ele não precisara mentir nenhuma vez. Não gostava de mentir. Criara

sua própria interpretação dos acontecimentos, mas tinha certeza de tudo. Rand

al"Thor era um falso Dragão, um instrumento da Torre. O mundo estava cheio de

idiotas incapazes de pensar. A Última Batalha não seria um duelo titânico entre o

Tenebroso e um Dragão Renascido, um homem comum. O Criador abandonara a

humanidade à própria sorte havia muito tempo. Não... quando Tarmon Gai'don

chegasse, seria como nas Guerras dos Trollocs, mais de dois mil anos antes, quando

hordas de Trollocs e outras Crias da Sombra emergiram da Grande Praga,

arruinaram as Terras da Fronteira e quase afogaram toda a humanidade em um mar

de sangue. Não pretendia deixar a humanidade enfrentar isso cindida e despreparada.

Uma onda de mesuras de Filhos vestidos em mantos brancos o acompanhou pelos

corredores de paredes de pedra da Fortaleza ao longo de todo o trajeto até sua sala de

audiências particular. Na antessala, Balwer, o secretário de rosto rígido, pôs-se de pé

de um salto e começou a enumerar os papéis que aguardavam a assinatura do Senhor

Capitão, mas Niall focou a atenção no homem alto que se levantava, sossegado, de

uma das cadeiras encostadas na parede — tinha um cajado carmesim de pastor por

trás do sol dourado no manto e três nós dourados de graduação abaixo do bordado.

Jaichim Carridin, Inquisidor da Mão da Luz, tinha o aspecto severo de sempre,

porém com mais cabelos grisalhos nas têmporas do que da última vez que Niall o

vira. Os olhos escuros e fundos guardavam um toque de preocupação, e não era de

se admirar. As duas últimas missões que lhe foram outorgadas terminaram em

desastres, o que era nada auspicioso para um homem com aspirações de tornar-se

Grão-inquisidor, talvez até Senhor Capitão Comandante.

Niall largou o manto com Balwer e fez um gesto para que Carridin o

acompanhasse até a sala de audiências propriamente dita, onde as paredes de

madeira escura exibiam estandartes de batalha capturados de antigos inimigos como

troféus, e o chão era adornado por um sol imenso feito com uma quantidade de ouro

capaz de embasbacar a maioria dos homens. No mais, era um

aposento simples e

estoico, reflexo do próprio Niall. O Senhor Capitão Comandante sentou-se em uma

cadeira de espaldar alto bem trabalhada, mas sem ornamentos. As duas compridas

lareiras idênticas, uma em cada extremo do aposento, jaziam frias e limpas naquela

época do ano em que deveriam abrigar fogueiras. Prova suficiente de que a Última

Batalha estava próxima. Carridin dispensou uma mesura profunda e ajoelhou-se

sobre o raio de sol, já gasto por tantos séculos de receber pés e joelhos.

— Você se perguntou por que mandei buscá-lo, Carridin?

Depois dos acontecimentos na Planície de Almoth e Falme, depois de Tanchico,

não haveria como recriminar o homem se ele estivesse pensando que seria preso.

Porém, se suspeitava da possibilidade, não deixava entrever na voz. Como de

costume, não se absteve de mostrar que sabia mais do que qualquer um. Decerto

mais do que deveria.

— As Aes Sedai em Altara, meu Senhor Capitão Comandante. A chance de

eliminar metade das bruxas de Tar Valon, bem aqui em nossa porta.

Um exagero. Havia um terço delas em Salidar, se tanto, porém não mais do que

isso.

— E por acaso se perguntou em voz alta, com seus amigos?

Niall duvidava de que Carridin tivesse algum amigo, mas havia uns sujeitos com

quem ele bebia. Com quem se embebedava, nos últimos tempos. O homem era

dotado de algumas habilidades, no entanto. Habilidades úteis.

— Não, meu Senhor Capitão Comandante. Eu não cairia em tamanha esparrela.

— Bom — respondeu Niall. — Porque você não vai chegar nem perto dessa

Salidar, e nem qualquer outro Filho.

Não soube dizer se foi um lampejo de alívio que o rosto de Carridin estampou por

uns instantes. Se foi, era um comportamento destoante: o homem jamais

demonstrara falta de coragem. E alívio, sem dúvida, não era a reação mais adequada.

— Mas elas estão ali pedindo para ser atacadas. Essa é a prova de que os boatos

são verdadeiros, de que a Torre está dividida. Conseguiremos destruir esse bando

sem que as outras ergam a mão. A Torre vai se enfraquecer a ponto de sucumbir.

— Acha mesmo? — perguntou Niall, secamente. Entrelaçou os dedos diante do

corpo e manteve o tom de voz suave. Os Questionadores... a Mão desprezava essa

algunha, mas até ele a empregava. Os Questionadores nunca viam o que não

estivesse bem diante do próprio nariz. — Nem a Torre pode apoiar abertamente esse

falso Dragão al'Thor. E se ele se rebelar, como Logain? Agora... um

grupo de

insurgentes? Elas sim podem apoiá-lo, e haja o que houver a Torre Branca não

sujará as saias. — Tinha certeza de que era isso que estava acontecendo. Caso não

fosse, havia meios de usar qualquer desunião real para enfraquecer mais a Torre.

Ainda assim, acreditava estar certo. — Em todo caso, o que o mundo vê é o que

importa. Não deixarei que vejam apenas uma luta entre os Filhos e a Torre. —

Precisava que o mundo enxergasse a verdadeira face da Torre: um antro de Amigas

das Trevas se metendo com forças que deveriam se manter intocadas pela

humanidade, as responsáveis pela Ruptura do Mundo. — Esta é uma luta do mundo

contra o falso Dragão al'Thor.

— Então, se não vou para Altara, meu Senhor Capitão Comandante, que ordens

tem para mim?

Niall jogou a cabeça para trás com um suspiro. Sentia um cansaço súbito. Sentia

todo o peso de sua idade, e ainda mais.

— Ah, Carridin, você vai para Altara.

Niall conhecia o nome e o rosto de Rand al'Thor desde pouco depois da suposta

invasão marítima de Falme, uma conspiração das Aes Sedai que custara mil homens

aos Filhos e espalhara o caos e os Devotos do Dragão por Tarabon e

Arad Doman.

Na época, ficara sabendo quem era al'Thor e acreditara poder usá-lo para forçar a

união das nações. Depois de unidas, com o Falso Dragão sob sua liderança, teria

sido possível eliminar al'Thor e preparar-se para as hordas de Trollocs. Enviara

emissários a cada governante de cada terra para alertá-los do perigo. Mas al'Thor

conseguia ser ainda mais ligeiro do que ele imaginara, ainda era difícil acreditar. A

ideia era deixar o leão raivoso rugindo pelas ruas por tempo o bastante para assustar

todos, mas o leão se agigantara e ficara mais veloz do que um raio.

No entanto, nem tudo estava perdido, precisava sempre se lembrar disso. Mais de

mil anos antes, Guaire Amalasan se declarara Dragão Renascido, um falso Dragão

capaz de canalizar. Amalasan conquistara mais terras do que al'Thor possuía no

momento, até que um jovem rei de nome Artur Paendrag Tanreall enfrentou-o em

uma batalha e deu início à escalada de seu próprio império. Niall não se considerava

um novo Artur Asa-de-gavião, mas era o que o mundo dispunha. E, enquanto

estivesse vivo, não desistiria.

Já iniciara o contra-ataque à crescente força de al'Thor. Além dos emissários aos

governantes, enviara homens a Tarabon e Arad Doman. Poucos, mas com a missão

de encontrar as pessoas certas e sussurrar em seus ouvidos que todos os seus

problemas eram culpa dos Devotos do Dragão, os tolos e Amigos das Trevas que

havam declarado apoio a al'Thor. E da Torre Branca. Já chegavam bastantes

rumores de Tarabon a respeito do envolvimento de Aes Sedai na briga, rumores que

serviam de preparação para a verdade. Era hora de dar o próximo passo naquele

novo plano, para indicar que lado escolher aos que se mantinham em cima do muro.

Tempo. Tinha tão pouco tempo. Mesmo assim, era impossível não sorrir. Certos

homens, já mortos, um dia haviam declarado: “Quando Niall abre um sorriso, está

mirando sua jugular.”

— Altara e Murandy estão prestes a ser assolados por uma praga de Devotos do

Dragão — disse a Carridin.

* * *

O aposento parecia o salão de estar de um palácio — teto abobadado em reboco

trabalhado, carpetes com tramas delicadas no piso de azulejos brancos, painéis com

entalhes elaborados nas paredes —, embora estivesse longe de ser um palácio. Na

verdade, estava longe de qualquer lugar capaz de ser compreendido pela mente

humana. O vestido de seda bronze de Mesaana farfalhava enquanto

ela circundava

uma mesa marchetada de lápis-lazúli, entretida na montagem de uma complexa torre

de dominós de marfim, na qual cada nível era maior que o inferior. Orgulhava-se de

realizar o feito unicamente com seus conhecimentos de tensão e alavancagem, sem

usar um fio sequer de Poder. A torre já tinha nove andares.

A verdade era que, mais do que entretida, Mesaana estava evitando conversar com

sua companhia. Semirhage costurava, sentada em uma cadeira de espaldar alto

revestida em tapeçaria vermelha, os dedos compridos e magros trabalhando com

destreza os pontos minúsculos do padrão intrincado de flores diminutas. Era sempre

surpreendente lembrar que a outra mulher apreciava uma atividade tão... comum. O

vestido preto criava um forte contraste com a cadeira. Nem Demandred tinha a

ousadia de insinuar a Semirhage que ela só usava preto com tanta frequência porque

Lanfear usava branco.

Pela milésima vez, Mesaana tentou analisar a razão do desconforto que sentia

perto da outra. Conhecia as próprias forças e fraquezas, tanto em relação ao Poder

Único quanto em outros aspectos. Igualava-se a Semirhage na maioria dos pontos, e,

nos que não se igualava, tinha outras forças para contrapor às fraquezas da mulher de

preto. Não era isso. Semirhage se deleitava com a crueldade, tinha prazer em causar

sofrimento, mas decerto não era essa a questão. Mesaana sabia ser cruel quando

necessário, além de não se importar com o que Semirhage fazia com os outros.

Tinha de haver uma razão, mas não conseguia descobrir qual.

Irritada, posicionou outra peça de dominó, e a torre desmoronou com um

estrondo, despejando os quadradinhos de marfim pelo chão. Estalando a língua,

Mesaana deu as costas para a mesa e cruzou os braços.

— Onde está Demandred? Faz dezessete dias que ele foi para Shayol Ghul, mas

esperou até agora para nos informar de uma mensagem e ainda por cima não

apareceu. — Durante aquele período, ela mesma fora duas vezes ao Poço da

Perdição e fizera aquela caminhada inquietante, com os dentes de pedra a lhe roçar

os cabelos. E só encontrou um Myrddraal estranho, alto demais e que se recusava a

falar. Encontrara a Fenda lá, claro, mas o Grande Senhor não respondera. Não

permaneceu por muito tempo nenhuma das vezes. Sempre acreditara ser imune ao

medo, pelo menos ao suscitado pelo olhar de um Meio-homem, mas, nas duas vezes,

o olhar sem olhos do Myrddraal a mandara embora a passos ligeiros, e apenas seu

forte autocontrole evitou que saísse em disparada. Se a canalização

naquele local não

fosse uma via de morte certa, teria destruído o Meio-homem ou Viajado para fora do

Poço. — Onde é que ele está?

Semirhage desviou a atenção da costura, erguendo sem piscar os olhos escuros

cravados no rosto escuro e plácido, então deixou o trabalho de lado e levantou-se

com graça.

— Ele vai chegar quando chegar — respondeu, calma. Era sempre calma e

sempre graciosa. — Se não quiser esperar, vá embora.

Sem perceber, Mesaana ergueu-se um tantinho nas pontas dos pés, mas ainda

assim precisou olhar para cima. Semirhage era mais alta que a maioria dos homens,

mas tinha proporções tão perfeitas que só se podia notar sua altura quando a mulher

se erguia, encarando os outros de cima.

— Embora? Eu *vou* embora. E ele pode...

Não houve qualquer aviso, naturalmente. Nunca havia aviso quando um homem

canalizava. Uma linha brilhante e vertical surgiu no ar, depois se expandiu e girou

para o lado, formando um portão com largura suficiente para permitir a entrada de

Demandred. Ao chegar, ele dispensou a cada mulher uma pequena medida. Trajava

vestes cinza-escuro, com uma renda clara no pescoço. Demandred tinha facilidade

para acompanhar a moda e os tecidos daquela Era.

Seu perfil de nariz aquilino era bastante bonito, embora não fosse propriamente o

tipo que fazia disparar o coração de uma mulher. De certa forma, “quase” e “não

propriamente” eram palavras que haviam permeado a vida de Demandred. O

Abandonado tivera a infelicidade de nascer no dia seguinte a Lews Therin Telamon,

que se tornaria o Dragão, enquanto Barid Bel Medar, seu nome da época, passaria

anos quase conseguindo realizar os feitos de Lews Therin, mas sem propriamente

conquistar a mesma fama. Se Lews Therin não existisse, Barid teria sido o homem

mais aclamado de sua Era. Será que estaria ali naquele momento, caso tivesse sido

conclamado líder no lugar daquele homem, que ele considerava intelectualmente

inferior, além de um idiota demasiado cauteloso e provido de muita sorte? Bem, *isso*

era especulação, embora Mesaana já tivesse especulado antes. Não, o importante era

que Demandred desprezava o Dragão e, depois que o Dragão Renascera, esse

desprezo fora transferido para o novo Dragão.

— Por quê...?

Demandred ergueu uma das mãos.

— Vamos aguardar a presença de todos, Mesaana, para eu não ter que me repetir.

Mesaana sentiu uma pontada minúscula de *saidar* um instante antes de surgir uma

linha cintilante que se abriu em um portão. Graendal adentrou, pela primeira vez

sem a companhia de seus serviçais seminus, e deixou a passagem desaparecer tão

depressa como a de Demandred. Era uma mulher curvilínea, com cabelo louro-

acobreado e cheio de cachos. E de fato conseguira dar um jeito de encontrar estraite

para o vestido de gola alta. E embora fosse de gola alta, a roupa refletia seu humor: o

tecido era uma bruma diáfana. Às vezes, Mesaana se perguntava se Graendal

pensava em qualquer coisa além de seus prazeres sensuais.

— Fiquei imaginando se estariam aqui — comentou a recém-chegada, em um tom

jovial. — Vocês três têm andado tão misteriosos.

A mulher soltou uma risada alegre, meio boba. Não... julgar Graendal pela

aparência seria um erro terrível. Quase todos que a tomaram por idiota tinham

morrido havia muito, vítimas da mulher a quem trataram com desdém.

— Sammael vem? — perguntou Demandred.

Indiferente, Graendal abanou uma das mãos, que ostentava um anel.

— Ah, ele não confia em você. Acho que já não confia nem em si mesmo. — O

estraite escureceu, tornando-se uma bruma menos reveladora. — Ele está liderando

exércitos em Illian, lamentando não ser capaz de armá-los com lanças de choque.

Quando não é isso, fica procurando algum *angreal* ou *sa'angreal* que possa ser

usado. Algo com uma força decente, claro.

Todos os olhos se voltaram para Mesaana, que respirou fundo. Qualquer um deles

teria dado... bem, quase tudo por um *angreal* ou *sa'angreal* útil. Todos tinham mais

força do que aquelas crianças mal treinadas que se diziam as Aes Sedai daqueles

tempos. Ainda assim, um elo com um número suficiente de crianças mal treinadas

poderia destruí-los. Exceto, claro, pelo fato de que elas não sabiam mais como fazer

isso, e nem mesmo possuíam recursos para tanto. Era necessária a presença de um

homem para mais de treze mulheres se unirem, e de mais de um homem caso o

número total de pessoas ultrapassasse vinte e sete. A verdade era que aquelas garotas

— até as mais velhas pareciam garotas para Mesaana, que vivera mais de trezentos

anos, sem contar o tempo que passara presa na Fenda, e era considerada recém-

chegada à meia-idade — não representavam perigo real, mas isso não diminuía o

desejo dos presentes por um *angreal*, ou, melhor ainda, por um *sa'angreal*, mais

poderoso. Com esses objetos remanescentes de seu próprio tempo, eles seriam

capazes de canalizar uma quantidade de Poder que os transformaria em cinzas caso

tentassem sem ajuda. Qualquer um arriscaria muita coisa por uma recompensa

dessas, porém nem tudo. Não sem uma necessidade real. Mas a falta de necessidade

real não aplacava o desejo.

Na mesma hora, Mesaana assumiu um tom de bronca.

— A Torre Branca agora tem guardas e vigias em suas câmaras blindadas, do lado

de dentro e de fora, e ainda por cima contam *tudo* quatro vezes por dia. A Grande

Posse da Pedra de Tear também está sob proteção, com uma trama hedionda que me

prenderia com toda força se eu tentasse passar por ela ou desatá-la. Acho que só

pode ser desatada por quem atou, e, até isso acontecer, aquilo ali é uma armadilha

para qualquer mulher capaz de canalizar.

— Um monte de entulhos inúteis, todos empoeirados, pelo que ouvi falar —

retrucou Demandred, com desprezo. — Os tairenos reuniram tudo de que tivessem a

menor suspeita de ligação com o Poder.

Mesaana suspeitava de que o homem não falava apenas baseado em rumores.

Assim como desconfiava que a Grande Posse também estivesse protegida com uma

armadilha contra homens. Do contrário, Demandred já teria capturado seu

sa'angreal e partido atrás de Rand al'Thor.

— Não há dúvida de que existem alguns em Cairhien e Rhuidean.
Mas, mesmo

que você não dê de cara com al'Thor, as duas cidades estão
abarrotadas de mulheres

capazes de canalizar.

— Garotas ignorantes. — Graendal fungou com desdém.

— Existe alguma diferença — retrucou Semirhage, com frieza — entre
morrer

nas mãos de uma cozinheira, com uma faca cravada nas costas, ou de
perder um

duelo sha'je em Qal?

Mesaana aquiesceu.

— Então só sobra o que quer que esteja soterrado em antigas ruínas
ou esquecido

em algum sótão. Se querem contar com a sorte de encontrar alguma
coisa, vão em

frente. Eu não vou. A não ser que alguém saiba a localização de uma
caixa de

estase? — Havia certa aspereza na pergunta. Era possível que as caixas
de estase

tivessem sobrevivido à Ruptura do Mundo, mas, depois de todos os
abalos, decerto

estariam no fundo de algum oceano ou nas profundezas das
montanhas. Restava

muito pouco do mundo que tinham conhecido, além de alguns nomes
e lendas.

O sorriso de Graendal era só doçura.

— Sempre achei que você devia ser professora. Ah. Desculpe. Esqueci.

O rosto de Mesaana assumiu uma expressão sombria. Sua trajetória até o Grande

Senhor começara quando, todos aqueles anos antes, lhe fora negado um lugar em

Collam Daan. Haviam-na declarado inadequada para a pesquisa, porém disseram

que ainda poderia ensinar. Bem, e ela ensinara — até que descobriu como dar uma

lição nos que a haviam desprezado!

— Ainda estou esperando para ouvir o que o Grande Senhor disse — murmurou

Semirhage.

— Sim. Vamos matar al’Thor? — Mesaana percebeu que agarrava a saia com as

duas mãos, então a soltou. Estranho. Nunca se deixava provocar. — Se tudo correr

bem, em dois meses, no máximo três, ele estará em um lugar onde eu possa alcançá-

lo sem problemas, além de indefeso.

— Onde é que você pode alcançá-lo sem problemas? — Graendal arqueou uma

sobrancelha, intrigada. — Onde foi que você montou o seu covil? Pouco importa.

Por mais simples que seja esse plano, é tão bom quanto os que eu tenho ouvido.

Demandred continuou em silêncio, analisando-as. Não, não analisava Graendal, e

sim ela e Semirhage. E, quando enfim falou, meio que para si mesmo, dirigiu-se às

duas.

— Quando penso em onde vocês duas se meteram, eu me pergunto... quanto será

que o Grande Senhor sabe, e há quanto tempo? Quantos dos acontecimentos

ocorreram por desígnio dele, todo esse tempo? — Não havia resposta. Por fim, ele

completou: — Vocês querem saber o que o Grande Senhor me falou? Pois bem. Mas

fica entre nós, e bem guardado. Já que Sammael escolheu se afastar, não vai saber de

nada. Nem os outros, vivos ou mortos. A primeira parte da mensagem do Grande

Senhor foi simples: “Deixe o Senhor do Caos reinar.” São as palavras exatas. — Os

cantos de sua boca se contorceram no mais próximo de um sorriso que Mesaana já

vira em seu rosto. Então, ele contou o resto.

Mesaana percebeu que tremia, mas não soube se de empolgação ou de medo. O

plano poderia funcionar: eles poderiam ganhar tudo. Mas precisariam de sorte, e ela

não gostava de apostas. Demandred é que era o jogador. Mas ele tinha razão a

respeito de uma coisa: Lews Therin cunhara a própria sorte com a mesma

imperiosidade que se cunha uma moeda. Ao que parecia, Rand al'Thor vinha

fazendo o mesmo.

A menos... a menos que o Grande Senhor tivesse um plano maior do que o que

fora revelado. E essa possibilidade a assustava mais do que qualquer

outra.

* * *

O espelho de moldura dourada refletia o salão, as paredes repletas de mosaicos

perturbadores, mobília dourada e carpetes refinados, além dos outros espelhos e das

tapeçarias. Um salão de um palácio, mas sem janelas — nem portas. O espelho

refletia uma mulher de vestido vermelho-sangue, bem escuro, andando de um lado a

outro, o belo rosto contorcido em um misto de ira e incredulidade. Principalmente

incredulidade. Refletia também o rosto dele, que lhe era muitíssimo mais

interessante do que a mulher. Não conseguiu resistir a tocar o próprio nariz, boca e

bochechas para certificar-se de que eram reais. Não era jovem, porém era mais

jovem do que da primeira vez em que despertara do longo sono, com os infinitos

pesadelos. Um rosto comum, e ele sempre odiara ser comum. Sentiu na garganta o

princípio de uma gargalhada, uma risadinha, e a abafou. Não estava louco. Apesar

de tudo, não estava.

Um nome lhe fora concedido durante o segundo sono, de longe muito mais

terrível, antes que ele acordasse naquele rosto e corpo. Osan'gar. Um nome dado por

uma voz que ele conhecia e não ousava desobedecer. Seu antigo

nome, concedido

com escárnio e adotado com orgulho, deixara de existir. A voz de seu mestre assim

declarara, e assim foi. A mulher era Aran'gar. E já não era mais quem tinha sido.

Escolhas interessantes, esses nomes. *Osan'gar* e *aran'gar*: as adagas das mãos

esquerda e direita em uma forma de duelo bastante popular durante um breve

período logo no princípio daquele longo processo, desde o dia da criação da Fenda

até o verdadeiro início da Guerra do Poder. Suas lembranças eram meio turvas —

muito fora perdido no longo sono, assim como no curto —, mas disso ele recordava.

A luta só fora popular por um breve período porque quase sempre culminava na

morte dos dois duelistas. As lâminas das adagas eram revestidas com um veneno de

efeito lento.

Algo formou um borrão no espelho, e ele se virou, mas não muito depressa. Tinha

de se lembrar de quem era e se certificar de que os outros se lembrassem. Ainda não

havia porta, mas um Myrddraal passara a dividir o recinto com ele. Nada daquilo era

estranho no lugar onde estava, apesar de o Myrddraal ser mais alto que todos os que

Osan'gar já vira.

Ele se demorou um pouco, deixando que o Meio-homem esperasse para ter sua

presença reconhecida. Antes que pudesse abrir a boca, Aran'gar bradou:

— Por que fizeram isso comigo? Por que me colocaram neste corpo? Por quê? —

A última pergunta saiu quase como um ganido.

Osan'gar pensou ter visto os lábios sem sangue do Myrddraal se contorcerem em

um sorriso — algo impossível, ali ou em qualquer outro lugar. Até os Trollocs

tinham senso de humor, ainda que vil e violento, mas não os Myrddraal.

— Vocês dois receberam o melhor que pudemos arranjar nas Terras da Fronteira.

— Sua voz era um sibilo traiçoeiro em um relvado seco. — É um corpo excelente,

forte e saudável. E melhor do que a outra opção.

As duas afirmações eram verdadeiras. Era um corpo excelente, adequado a uma

dançarina *daien* dos tempos passados: bem-desenhado e longilíneo, com um rosto

oval cor de marfim que combinava muito bem e olhos verdes, emoldurado por

cabelos negros e brilhantes. E qualquer coisa era melhor do que a outra opção.

Talvez Aran'gar não fosse da mesma opinião. A ira manchava seu belo rosto.

Acabaria se descontrolando. Osan'gar sabia: isso sempre fora um problema de

Aran'gar. Lanfear, em contraste, sempre parecia cautelosa. Tentou tocar *saidin*.

Canalizar ali seria perigoso, porém menos do que deixar que Aran'gar

cometesse

alguma estupidez. Se abriu para *saidin*... e nada encontrou. Não tinha sido blindado

— teria sentido isso, e saberia como contornar a situação ou romper a blindagem, se

não fosse muito forte. Parecia que tinha sido apartado. O choque o deixou

petrificado.

O que não aconteceu com Aran'gar, que talvez tivesse feito a mesma descoberta,

mas tivera uma reação diferente. Com um guincho alto, feito um gato, partiu para

cima do Myrddraal, as mãos em garra.

Um ataque inútil, sem dúvida. O Myrddraal sequer se moveu. Em um movimento

displicente, a criatura agarrou a mulher pela garganta, estendeu os braços e a

suspendeu até os pés saírem do chão. O guincho tornou-se um murmúrio, e Aran'gar

agarrou o punho do Meio-homem com ambas as mãos. Sustentando o corpo da

mulher dependurado, ele voltou o olhar sem olhos para Osan'gar.

— Você não foi apartado, mas só vai canalizar quando receber permissão. E

nunca vai me atacar. Eu sou Shaidar Haran.

Osan'gar tentou engolir em seco, mas sua boca parecia um deserto. Não era

possível que a criatura tivesse alguma coisa a ver com o que fora feito a ele.

Myrddraal tinham certos poderes, mas nada desse tipo. Ainda assim, o

Meio-homem

sabia. Nunca gostara dos Myrddraal. Havia ajudado na criação dos Trollocs,

combinando raças humanas e animais — e se orgulhava disso, das habilidades

necessárias, da dificuldade envolvida —, mas aquelas crias acidentais o deixavam

incomodado, para dizer o mínimo.

Shaidar Haran voltou a atenção ao corpo que se contorcia, preso por seu punho. O

belo rosto começava a ficar roxo, mas os pés continuavam se sacudindo, sem forças.

— Você vai se adaptar. O corpo se curva à alma, mas a mente se curva ao corpo.

Já está se adaptando. Daqui a pouco vai parecer que nunca esteve em outra carne. Ou

pode se recusar... Então outro tomará o seu lugar, e você será entregue... aos meus

irmãos. E ainda com o bloqueio. — Os lábios finos se contorceram outra vez. —

Eles estão sentindo falta de um pouco de diversão aqui nas Terras da Fronteira.

— Ela não consegue falar — interveio Osan'gar. — Você vai matá-la! Não sabe

quem somos? Ponha-a no chão, Meio-homem! Obedeça!

Aquela coisa tinha que ser obrigada a obedecer a um Escolhido. No entanto, o

Myrddraal continuou impassível, analisando o rosto escurecido de Aran'gar por um

longo instante antes de pousá-la de volta no chão e abrir o punho.

— Eu obedeco ao Grande Senhor. A ninguém mais. — Aran’gar ficou ali,

cambaleante, tossindo e engolindo o ar. Se ele retirasse a mão, a mulher cairia. —

Vai se submeter à vontade do Grande Senhor? — A voz rascante não fez uma

exigência, apenas uma pergunta superficial.

— Eu... eu vou — conseguiu responder a mulher, rouca, e Shaidar Haran a



soltou.

Aran’gar cambaleou, massageando a garganta, e Osan’gar fez menção de ajudá-la,

mas antes que a tocasse ela o ameaçou com um olhar cortante e o punho cerrado. Ele

recusou de mãos erguidas. Não precisava dessa inimizade. Mas era mesmo um belo

corpo, além de uma piada maravilhosa. Sempre se orgulhara do próprio senso de

humor, mas aquilo era muito superior.

— Vocês não se sentem gratos? — questionou o Myrddraal. —

Estavam mortos,

agora estão vivos. Pensem em Rahvin, cuja alma já não tem salvação, já não

pertence ao tempo. Vocês têm mais uma chance de servir ao Grande Senhor e se

absolver de seus erros.

Osan'gar se apressou em assegurar à criatura de que era grato, que não desejava

nada além de servir e ganhar absolvição. Rahvin estava morto? O que acontecera?

Não importava: um Escolhido a menos era uma chance a mais de conquistar o

verdadeiro poder quando o Grande Senhor fosse libertado. Era desgastante se

humilhar diante de um ser que ele próprio criara, exatamente como os Trollocs, mas

se recordava muito bem da morte. E rastejaria até diante de um verme para evitá-la

outra vez. Aran'gar respondeu com a mesma rapidez, pelo que ele pôde perceber,

apesar da raiva no olhar. Decerto também se lembrava.

— Então está na hora de vocês partirem outra vez para o mundo a serviço do

Grande Senhor — declarou Shaidar Haran. — Ninguém além de mim e do Grande

Senhor sabe que vocês estão vivos. Se forem bem-sucedidos, viverão para sempre e

ocuparão um lugar acima de todos os outros. Se falharem... Mas vocês não vão

falhar, não é mesmo?



CAPÍTULO 1

LEÃO NA COLINA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se

transformam em lendas. As lendas se desvanecem em mitos, e até o mito já está há

muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por

alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um

vento se ergueu por entre as florestas de árvores secas das colinas de Cairhien. O

vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era

um início.

O vento soprava na direção oeste, por aldeias e fazendas abandonadas, muitas

reduzidas a amontoados de madeira carbonizada. A guerra devastara Cairhien, tanto

a guerra contra os outros países quanto a civil, ambas trazendo invasão e caos, e,

mesmo depois de terminado — se é que *de fato* terminara —, poucas pessoas tinham

se aventurado a retornar a suas casas. O vento não trazia umidade, e o sol se

esforçava para ressequeir a pouca que restava no solo. Na fronteira entre a pequena

cidade de Maerone com a grande Aringill, do outro lado do Rio Erinin, o vento

adentrava Andor. As duas cidades pareciam fornos, e, ainda que em Aringill

houvesse mais orações pedindo chuva — pois os refugiados de Cairhien se

acotovelavam no interior das muralhas feito sardinhas em um barril —, até os

soldados aglomerados nos arredores de Maerone ofereciam suas preces ao Criador,

as palavras às vezes embriagadas, às vezes sôfregas. O inverno já deveria ter

começado a despontar na relva, a primeira neve deveria ter caído havia muito tempo,

e o povo suado temia a razão para o frio ainda não ter chegado, embora poucos

ousassem dar voz a esse temor.

O vento soprava na direção oeste, remexendo as folhas ressecadas das árvores,

fazendo ondear a superfície dos córregos minguaados margeados pela lama dura e

seca. Não havia destroços de incêndios em Andor, mas os aldeões encaravam o sol

escaldante com apreensão, e os fazendeiros tentavam não olhar para os campos que,

no outono, não haviam produzido colheita. O vento seguia para oeste, cruzando

Caemlyn, onde dois estandartes tremulavam no alto do Palácio Real, no coração da

Cidade Interna, erguida pelos Ogier. Um dos estandartes tinha o fundo vermelho

como sangue e ostentava um disco dividido por uma linha sinuosa, metade de um

branco reluzente, metade de um negro profundo. O outro, de um pano branco feito

neve, tremulava contra o céu. A figura ostentada parecia cavalgar ao vento, uma

estranha serpente de juba dourada e quatro pés, os olhos cor de sol e as escamas em

tons de ouro e escarlate. Era difícil saber qual dos estandartes provocava mais temor.

Às vezes, o mesmo seio que acalentava medo trazia esperança. Esperança de

salvação e medo de destruição, ambos vindos da mesma fonte.

Muitos diziam que Caemlyn era a segunda cidade mais bela do mundo — e não só

os andorianos, que costumavam colocá-la em primeiro lugar, à frente até da própria

Tar Valon. Enormes torres redondas estendiam-se pela imensa muralha externa de

pedras cinzentas rajadas de branco e prata, enquanto no interior erguiam-se torres

ainda mais altas, seus domos brancos e dourados reluzindo ao sol impiedoso. A

cidade se estendia colina acima, e, no centro, ficava a antiquíssima Cidade Interna,

circundada por uma muralha própria, branca e reluzente, contendo seus próprios

domos e pináculos — um mosaico de azulejos roxos, brancos, dourados e cintilantes

que encaravam com arrogância a Cidade Nova, lá embaixo, com seus bem menos de

dois mil anos.

Assim como a Cidade Interna era o coração de Caemlyn, e não apenas por ocupar

o centro, o Palácio Real era o coração da Cidade Interna. Parecia saído

de um conto

de menestrel, com pináculos brancos como a neve, domos dourados e trabalhos de

cantaria que lembravam rendas. Um coração que pulsava sob a sombra daqueles dois

estandartes.

Despido até a cintura, equilibrando-se sem dificuldade nas pontas dos pés, Rand

estava tão alheio ao fato de estar no pátio de azulejos brancos de um palácio quanto

à presença de observadores entre as colunas à volta. O suor colava os cabelos à

cabeça e escorria pelo peito. A ferida arredondada na lateral do corpo, ainda meio

cicatrizada, doía demais, mas ele se recusava a reconhecer a dor. Havia duas figuras

iguais às do estandarte branco acima entrelaçadas em seus antebraços, refletindo um

brilho metálico vermelho e dourado. Dragões, como os Aiel chamavam, e outros já

adotavam o nome. Rand tinha vaga ciência das marcas de garça nítidas em cada uma

de suas palmas, mas só porque podia senti-las contra o longo cabo da espada de

madeira que usava para praticar.

Ele era um com a espada, fluindo de postura em postura sem nem pensar, as botas

roçando de leve os azulejos claros. Leão na Colina virou Arco da Lua, que virou

Torre da Manhã. Sem pensar. Cinco homens suados e sem camisa o rodeavam,

passando nervosamente de postura em postura, manejando as espadas de prática.

Eram tudo o que Rand percebia. Com os rostos rígidos e confiantes, eram os

melhores que encontrara até então. Os melhores desde que Lan partira. Sem pensar,

como Lan lhe ensinara. Ele era um com a espada, um com os outros cinco homens.

De súbito, avançou, e os homens à sua volta logo se deslocaram para mantê-lo no

centro. No exato instante em que esse equilíbrio ameaçou se romper, quando pelo

menos dois dos cinco sujeitos já faziam menção de rompê-lo, Rand deu um giro

ligeiro na metade de um passo e começou a correr no sentido oposto. Os outros

tentaram reagir, mas era tarde demais. Com um estrépito, Rand aparou um golpe da

espada de prática com a própria lâmina feita de ripas de madeira amarradas. Ao

mesmo tempo, seu pé direito acertou a barriga do homem de cabelos grisalhos, ao

seu lado. O sujeito se encolheu, gemendo. Lâmina contra lâmina, Rand forçou o

oponente de nariz quebrado a se virar, chutando outra vez o homem grisalho

encolhido enquanto girava. O grisalho caiu, arquejante, tentando respirar. O

oponente de Rand tentou recuar para usar a espada, mas o movimento liberou Rand,

que desferiu um golpe em espiral — As Tranças da Videira —, acertando em cheio

no peitoral do sujeito, com força suficiente para derrubá-lo no chão.

Apenas alguns instantes haviam se passado, tão poucos que foi nesse momento

que os outros homens começaram a se aproximar. O primeiro, um sujeitinho ligeiro,

muito baixo e desproporcionalmente robusto, soltou um grito e, apesar da própria

estatura, saltou por cima do sujeito do nariz quebrado, enquanto este desabava para a

frente. A espada de prática de Rand o atingiu nas canelas, desestabilizando-o, depois

outra vez nas costas, derrubando-o sobre as pedras do pavimento.

Com isso, restaram apenas dois, mas eram os melhores: um varapau, cuja espada

serpenteava como a língua de uma cobra e um sujeito enorme de cabeça raspada, que

não falhava nunca. No mesmo instante, os dois se separaram para atacar pelas

laterais, mas Rand não esperou. Mais que depressa, aproximou-se do magrelo —

tinha apenas um instante antes que o outro contornasse os sujeitos caídos no chão.

O magrelo era bom, além de ligeiro. Rand oferecera ouro em troca de prática com

os melhores, e eles tinham comparecido. O sujeito era alto para um andoriano,

embora Rand fosse um palmo mais comprido, mas a altura influenciava pouco o

manejo da espada. Às vezes, a força também. Rand partiu com tudo para atacá-lo. O

homem franziu o rosto comprido e recuou. O Javali Dispara Montanha

Abaixo

rompeu Cortando a Seda, desarmou Raio de Três Pontas, e as ripas de madeira

atadas atingiram com força a lateral do pescoço do homem. Com um grito abafado, o

quarto oponente caiu.

No mesmo instante, Rand se jogou para baixo e para a direita, fez um rolamento

por sobre as pedras do pavimento e ergueu-se de joelhos, a espada já traçando O Rio

Erode a Margem. O homem de cabeça raspada não era ligeiro, mas tinha conseguido

se antecipar ao golpe. Ao mesmo tempo que a espada de madeira de Rand varreu o

largo torso do sujeito, as ripas da lâmina do homem acertaram a cabeça do Dragão

Renascido.

Por um momento, Rand vacilou, pontos negros borrando a visão. Sacudindo a

cabeça com esforço, tentando clarear a visão, usou a espada de prática como apoio

para se levantar. O sujeito da cabeça raspada o observava, ofegante e receoso.

— Pague a ele — declarou, e o receio sumiu do rosto do sujeito de cabeça

raspada. — O receio era desnecessário. Como se Rand não tivesse prometido uma

moeda extra por dia a qualquer um que conseguisse acertá-lo. E o triplo para quem o

derrotasse sozinho. Era uma forma de garantir que ninguém recuasse para bajular o

Dragão Renascido. Rand nunca perguntava seus nomes — se o interpretassem mal e

lutassem com mais afinco, melhor. Queria oponentes para testá-lo, não amigos. Os

amigos que já tinha um dia amaldiçoariam a hora em que o conheceram, isso se já

não estivessem amaldiçoando. Os outros sujeitos já começavam a se mover — os

“mortos” tinham de permanecer imóveis até o fim da luta, obstruindo a passagem

como corpos de verdade, mas o baixinho atarracado teve que ajudar o grisalho a se

levantar, além de enfrentar a dificuldade de erguer a si próprio sem auxílio. O sujeito

ágil remexia a cabeça, fazendo careta. Não haveria mais treinamento naquele dia. —

Pague a todos.

Uma onda de aplausos e vivas percorreu as estreitas colunas caneluradas. Vinha

dos observadores: lordes e ladies vestidos em sedas coloridas, cheias de bordados e

trançados elaborados. Rand franziu o cenho e jogou a espada de lado. Aquelas

peçoas lambiam as botas de Lorde Gaebriel quando a Rainha Morgase — a rainha

deles — era pouco mais de uma prisioneira dentro do palácio. O palácio *dela*. Mas

Rand precisava deles. Por ora. *Se agarrar o espinho, vai sair espetado*, pensou.

Esperava que, ao menos, fosse seu próprio pensamento.

Sulin, uma Aiel esguia e grisalha, líder da escolta de Donzelas da

Lança que o

acompanhava deste lado da Espinha do Mundo, tirou um marco de ouro de Tar

Valon da bolsa do cinto e atirou-o, fazendo uma careta que repuxava a cicatriz

hedionda na lateral de seu rosto. As Donzelas não gostavam de ver Rand manejando

espadas, mesmo de prática. Não aprovavam o uso de espada nenhuma. Assim como

todos os Aiel.

O homem da cabeça raspada apanhou a moeda e dispensou uma mesura cautelosa

em resposta ao olhar azul fixo de Sulin. Todos agiam com cautela perto das

Donzelas, com seus casacos, suas calças e botas macias com cadarços marrons e

cinza, a roupa inteira feita para se mesclar à desolada paisagem do Deserto. Algumas

havam começado a acrescentar tons de verde ao vestuário, para se adequarem ao

que chamavam de terras aguacentas — apesar da seca. Em comparação ao Deserto,

eram terras úmidas. Poucos Aiel tinham se deparado com águas intransponíveis

antes de deixar o Deserto e já tinham disputado rixas amargas pelo controle de

laguinhos de duas ou três passadas de largura.

Como qualquer guerreiro Aiel — como as outras vinte Donzelas de olhos claros

espalhadas pelo pátio —, Sulin tinha cabelos curtos, a não ser por um rabo de cavalo

na nuca. Portava três lanças curtas e um broquel redondo de couro de touro na mão

esquerda, além de uma faca de lâmina robusta e pontuda no cinto. Como qualquer

guerreiro Aiel — até os da idade de Jalani, com seus dezesseis anos e rosto redondo

infantil —, Sulin sabia fazer excelente uso daquelas armas — e o faria à menor

provocação, pelo menos do ponto de vista do povo daquele lado da Muralha do

Dragão. As Donzelas, exceto Sulin, observavam todos os presentes, cada janela

coberta de painéis vazados em desenhos intrincados, cada balcão de pedras claras,

cada sombra. Algumas portavam arcos curtos e curvos feitos de chifres, com flechas

já encaixadas, e mais flechas preparadas nas aljavas peludas da cintura. *Far Dareis*

Mai, as Donzelas da Lança, carregavam a honra do profetizado *Car'a'carn* — ainda

que às vezes de forma bem peculiar —, e nenhuma hesitaria em morrer para

preservar a vida de Rand. A ideia fez o estômago dele se revirar.

Sulin arremessou mais moedas com um ar de desprezo — Rand gostava de usar

ouro de Tar Valon para quitar esta dívida —, uma extra para o de cabeça raspada e

uma para cada um dos outros. Os Aiel gostavam tanto dos aguacentos quanto de

espadas, uma reprovação que se estendia a qualquer um que não fosse nascido e

criado no Deserto. Para a maioria dos Aiel, esse sentimento pouco amistoso também

incluiria Rand, apesar do sangue Aiel, mas ele ostentava os Dragões em seus braços.

Um o marcava como chefe de clã por ter arriscado a vida com sua própria força de

vontade, o segundo o marcava como *Car'a'carn*, chefe dos chefes, Aquele Que Vem

Com a Aurora. E as Donzelas tinham outros motivos para aprová-lo.

Os homens recolheram as espadas de prática, camisas e casacos, curvaram-se em

mesuras e partiram.

— Amanhã — gritou Rand, para eles. — Cedo.

Mesuras mais profundas mostraram que tinham ouvido a ordem.

Antes que os homens sem camisa abandonassem o pátio, as nobres andorianas

emergiram de trás da colunata, um arco-íris de sedas se amontoando ao redor de

Rand, dando batidinhas nos rostos suados com lenços de bordas rendadas. Aquilo

deixava um gosto amargo na boca do rapaz de Dois Rios. *Faça uso do que precisar,*

ou a Sombra acabará cobrindo a terra. Moiraine lhe dissera isso. Ele quase preferia

a oposição genuína dos cairhienos e tairenos à adulação daquele bando de

andorianos. Por pouco não soltou uma risada: era engraçado chamar as atitudes dos

outros nobres de genuínas.

— O senhor foi esplêndido — soltou Arymilla, com um suspiro,

tocando

delicadamente seu braço. — Tão ágil, tão forte.

Os grandes olhos castanhos da mulher pareciam ainda mais derretidos que de

costume. Ao que parecia, ela era tola a ponto de considerá-lo impressionável. O

vestido verde, coberto de vinhas de prata, tinha um decote profundo para os padrões

andorianos — ou seja: sugeria um leve decote. Ela era bonita, mas parecia ter idade

para ser mãe de Rand. Nenhuma das outras era mais jovem, algumas até mais

velhas, mas todas competiam entre si para lambar suas botas.

— Foi magnífico, milorde Dragão. — Elenia quase acotovelou Arymilla para que

saísse do caminho. O sorriso ficava estranho na mulher de rosto ardiloso, que tinha a

reputação de ser uma megera. Exceto quando estava perto de Rand, claro. — Nunca

houve espadachim como o senhor em toda a história de Andor. Nem mesmo Souran

Maravaile, o maior general de Artur Asa-de-gavião, marido de Ishara, primeira a se

sentar no Trono do Leão... nem mesmo ele sobreviveu ao ser enfrentado por apenas

quatro espadachins. Quatro assassinos, no vigésimo terceiro ano da Guerra dos Cem

Anos. Ainda assim, ele matou todos os quatro. — Elenia quase nunca perdia a

chance de exibir seus conhecimentos acerca da história de Andor, sobretudo das

partes obscuras, como a guerra que desmembrara o império de Asa-de-gavião depois

de sua morte. Pelo menos daquela vez não tinha acrescentado justificativas às

próprias reivindicações ao Trono do Leão.

— Só teve um pouco de azar no fim da luta — acrescentou Jarid, marido de

Elenia, em um tom jovial.

Era um homem robusto, escuro para um andoriano. Os punhos e a comprida gola

do casaco vermelho estavam cobertos de bordados de arabescos e javalis dourados, o

símbolo da Casa Sarand; enquanto o vestido vermelho de Elenia, no mesmo tom,

tinha as longas mangas e a gola alta cobertas de bordados dos Leões Brancos de

Andor. Rand se perguntou se a mulher pensava que ele não reconheceria os leões.

Jarid era Grão-trono da Casa, mas era sua esposa quem detinha toda força e

ambição.

— Um feito extraordinário, milorde Dragão — acrescentou Karind, sem rodeios.

O vestido cinza brilhoso da mulher, de corte tão severo quanto o rosto, mas

ostentando uma infinidade de tranças de prata nas mangas e na bainha, tinha quase o

mesmo tom das mechas grisalhas espalhadas em seus cabelos negros. — O senhor

decerto deve ser o melhor espadachim do mundo. — Apesar das palavras, a

grandalhona exibia um olhar duro como um martelo. Caso sua inteligência se

equiparasse à obstinação em seu olhar, seria uma mulher perigosa.

Naeen era esguia, pálida e bonita, com grandes olhos azuis e cabelos negros

ondulados e brilhantes, mas o olhar de desprezo com que encarava os cinco homens

que partiam era uma constante em seu rosto.

— Acredito que eles tenham planejado tudo de antemão, para que um conseguisse

acertar o senhor. Vão dividir a moeda extra entre o grupo. — Ao contrário de Elenia,

Naeen, em seu vestido azul cujas mangas longas ostentavam as Três Chaves de prata

da Casa Arawn, jamais mencionava suas pretensões de subir ao trono, ao menos não

perto de Rand. Fingia estar satisfeita como Grão-trono de uma Casa antiga, feito

uma leoa fingindo estar satisfeita com o papel de gatinho domesticado.

— Será que posso esperar que meus inimigos nunca se ajudem? — murmurou

Rand.

Naeen ficou boquiaberta. A mulher não era nada burra, mas parecia crer que seus

opositores deviam se pôr de joelhos tão logo ela os confrontasse e tomava como uma

afronta quando isso não acontecia.

Ignorando os nobres, Enaila, uma das Donzelas da Lança, entregou a Rand uma

toalha branca para secar o suor. Era uma ruiva impetuosa, baixa para os padrões

Aiel, e ficava irritada por algumas daquelas aguacentas serem mais altas que ela.

Quase todas as Donzelas eram capazes de encarar de frente a maioria dos homens.

Os nobres andorianos também fizeram o possível para ignorar a Aiel, mas desviaram

o olhar com tamanho acinte que a tentativa resultou em evidente fracasso. Enaila se

afastou, comportando-se como se todos os nobres fossem invisíveis.

O silêncio durou apenas uns instantes.

— Milorde Dragão é sábio — comentou Lorde Lir, com uma pequena medida, o

cenho franzido de leve. O Grão-trono da Casa Baryn era esguio e firme como uma

lâmina, metido em um casaco amarelo adornado com tranças de ouro, mas, no geral,

era demasiado melífluo e delicado. Fora um franzir de cenho ocasional, que sempre

parecia inconsciente, nada nunca maculava seu semblante, mas o sujeito estava

longe de ser o único a lançar olhares estranhos a Rand. Todos aqueles nobres volta e

meia miravam o Dragão Renascido com um misto de descrença e admiração. —

Cedo ou tarde, os inimigos acabam trabalhando juntos. É preciso identificá-los antes

que tenham a oportunidade.

Mais elogios à sabedoria de Rand foram graciosamente proferidos por Lorde

Henren, um sujeito atarracado, careca e de olhar duro, por Lady Carlys, com seus

cachos grisalhos, expressão aberta e mente maquinadora, pela gorducha Daerilla,

toda risonha, pelo nervoso Elegar, de lábios finos, e também por quase dez outros

que tinham segurado a língua enquanto os mais poderosos se pronunciavam.

Assim que Elenia tornou a abrir a boca, um silêncio se abateu entre os lordes e

ladies menores.

— É grande a dificuldade de identificarmos nossos inimigos antes que eles se

façam conhecidos. Depois que isso acontece, as providências costumam vir tarde

demaís. — O marido dela assentiu com um ar sábio.

— Como eu sempre digo — anunciou Naeon —, quem não está ao meu lado, está

contra mim. Considero uma boa regra. Os indecisos podem estar simplesmente

aguardando a oportunidade de cravar uma adaga pelas costas.

Não era nem de longe a primeira vez que aqueles nobres tentavam defender as

próprias posições lançando suspeitas sobre qualquer lorde ou lady que não estivesse

no recinto, mas Rand gostaria que parassem com aquilo sem que precisasse mandá-

los parar. As tentativas andorianas de jogar o Jogo das Casas eram insignificantes se

comparadas às manobras dissimuladas dos cairhienos ou até dos tairenos, além de

irritantes, mas havia certos pensamentos que Rand preferia que não tivessem por

enquanto. Surpreendentemente, a ajuda veio do grisalho Lorde Nasin, o Grão-trono

da Casa Caeren.

— Ah, um novo Jearom! — exclamou o sujeito, abrindo um sorriso subserviente

no rosto magro e encovado. Arrancou olhares exasperados dos outros, inclusive dos

nobres menores, que não conseguiram se conter depressa o bastante. Nasin andara

um pouco aturdido desde os acontecimentos envolvendo a vinda de Rand a

Caemlyn. Em vez da Estrela e Espada, símbolo de sua Casa, as lapelas azul-claras

exibiam uma padronagem incongruente de flores e folhagens pontilhada de nós-de-

amantes carmesins, e ele às vezes usava uma flor presa aos cabelos ralos, feito um

rapazote camponês indo fazer a corte. Ainda assim, a Casa Caeren era tão poderosa

que nem mesmo Jarid ou Naeen interromperiam Nasin. O homem meneou a cabeça

presa ao pescoço magro. — Seu manejo da espada é espetacular, milorde Dragão. O

senhor é um novo Jearom.

— Por quê? — irrompeu uma voz pelo pátio, azedando a expressão dos

andorianos.

Davram Bashere sem dúvida não era andoriano, com olhos oblíquos e quase

negros, nariz adunco feito um bico e as pontas do bigode grisalho que se curvavam

para baixo, feito dois chifres ladeando a boca larga. Era magro, um pouco mais alto

que Enaila e usava um casaco curto cinza com bordados em prata nos punhos e nas

lapelas, além de calças largas enfiadas em botas de cano dobrado na altura dos

joelhos. Os andorianos se viraram para observar o local do pátio onde o Marechal-

General de Saldaea mandara deixar uma cadeira dourada, na qual estava

esparramado, uma perna apoiada sobre um dos braços da cadeira, a espada com

guarda-mão anelado virada de modo a deixá-la bem acessível. O suor brilhava em

seu rosto escuro, mas ele dispensava tanta atenção a isso quanto aos andorianos.

— Por que o quê? — inquiriu Rand.

— Esse treinamento todo com as espadas — explicou Bashere, tranquilo. — E

ainda por cima com cinco homens. Ninguém treina contra cinco. Não faz sentido.

Mais cedo ou mais tarde, seus miolos serão esparramados no chão durante uma

balbúrdia dessas, mesmo com espadas de prática. E tudo em vão.

Rand contraiu a mandíbula.

— Jearom certa vez derrotou dez homens.

Remexendo-se na cadeira, Bashere soltou uma risada.

— Você acha que vai viver tempo suficiente para se igualar ao maior

espadachim

da história? — Um murmúrio irritado se ergueu entre os nobres andorianos. Rand

tinha certeza de que a raiva era fingida. Bashere, porém, ignorou a reação. — Afinal

de contas, você é quem você é. — Ele fez um movimento súbito, feito uma mola se

expandindo. Uma adaga disparou em direção ao coração do Dragão Renascido.

Rand não moveu um músculo. Em vez disso, agarrou *saidin*, a metade masculina

da Fonte Verdadeira. Não precisou pensar, foi como respirar. *Saidin* o preencheu,

trazendo a mácula do Tenebroso, uma avalanche de gelo turvo, uma torrente fétida

de metal fundido. *Saidin* tentava aniquilá-lo, varrê-lo, mas ele o conduziu como um

homem se equilibrando sobre uma montanha em colapso. Canalizou uma simples

onda de Ar, que envolveu a adaga e bloqueou-a a um braço de distância de seu peito.

O Vazio o envolvia, Rand flutuava lá dentro, em meio ao nada, distante de

pensamentos e emoções.

— Morra! — gritou Jarid, empunhando a espada e avançando na direção de

Bashere.

Lir, Henren, Elegar e todos os lordes andorianos desembainharam suas espadas,

inclusive Nasin, que parecia prestes a largá-la. As Donzelas já tinham as *shoufas*

enroladas na cabeça, e seus véus negros cobriam os rostos de olhos verdes e azuis

quando as mulheres ergueram as lanças de pontas compridas. Os Aiel sempre

erguiam os véus antes de matar.

— Parem! — urrou Rand, e todos ficaram paralisados onde estavam, os

andorianos piscando, confusos, as Donzelas suspensas nas pontas dos pés. O único

outro movimento de Bashere fora se acomodar outra vez, a perna ainda enganchada

ao braço da cadeira.

Usando uma das mãos para puxar a adaga de cabo de chifre de sua prisão de ar,

Rand soltou a Fonte. Ainda que a mácula lhe revirasse o estômago — aquela mácula

que acabava por destruir os homens capazes de canalizar —, era difícil deixar o

poder. Ao ser tomado por *saidin*, ele enxergava com mais clareza, ouvia com mais

agudeza. Era um paradoxo que ele não compreendia, mas, quando flutuava naquele

Vazio aparentemente infinito, de algum modo protegido de emoções e sensações

corpóreas, todos os sentidos ficavam amplificados. Sem o Vazio, Rand sentia-se

menos vivo. E a mácula sempre parecia deixar rastros nele, mas não a glória

mitigante de *saidin*. A glória mortal, que o mataria se ele vacilasse uma polegada

que fosse na luta para dominá-la.

Rand girou a adaga e avançou lentamente até Bashere.

— Se eu tivesse demorado só mais um segundo — murmurou —, estaria morto.

Eu poderia matar você agora mesmo, e nenhuma lei de Andor ou de qualquer outro

lugar deixaria de me dar razão. — Percebeu que estava prestes a fazer isso. *Saidin*

fora substituído por uma raiva fria. Uma relação de poucas semanas não amaciava a

atitude do sujeito.

Os olhos oblíquos do Marechal-General estavam calmos como se ele estivesse à

vontade na própria casa.

— Minha esposa não ia gostar. Nem você, aliás. Deira provavelmente assumiria o

comando e partiria outra vez à caça de Taim. Ela desaprova eu ter concordado em

seguir o Lorde Dragão.

Rand assentiu de leve, a raiva um pouco embotada pela compostura de seu

interlocutor. E pelas palavras. Fora uma surpresa descobrir que, junto com os nove

mil cavaleiros de Bashere, estavam as esposas de todos os nobres de Saldaea e da

maioria dos oficiais. Rand não entendia como um homem podia levar a mulher para

o meio do perigo, mas era tradição em Saldaea, exceto quando a campanha avançava

para a Praga.

Evitou olhar para as Donzelas. Eram guerreiras até a raiz dos cabelos,

mas

também eram mulheres. Rand prometera não as proteger do perigo ou da morte. No

entanto, não prometera passar a gostar disso e sentia uma agonia interna sempre que

precisava honrar o acordo, mas era um homem de palavra. Fazia o que tinha de

fazer, mesmo odiando a si mesmo por isso.

Com um suspiro, ele jogou a adaga de lado.

— Sua pergunta — declarou, educadamente. — Por quê?

— Porque você é quem é — respondeu Bashere, sem rodeios. — Porque você é o

que é... assim como esses homens que você está reunindo, eu suponho. — Rand

ouviu pés se remexendo atrás de si. Por mais que tentassem, os andorianos não

conseguiram esconder seu horror ante a anistia que ele instaurara. — Você pode fazer

o que fez com a adaga todas as vezes — prosseguiu o Marechal-General, baixando o

pé apoiado no braço da cadeira e inclinando-se para a frente. — Mas qualquer

assassino que queira chegar até o Dragão terá de passar por cima dos seus Aiel. E

dos meus cavaleiros, aliás. Ora! Se algum inimigo se aproximar de você, não será

humano. — Ele gesticulou com vigor e recostou-se outra vez. — Bom, se quer

praticar com a espada, então pratique. Os homens precisam de exercício, e também

de uma distração. Só não vá rachar esse crânio. Muita coisa depende de você, e não

estou vendo nenhuma Aes Sedai por aqui para Curá-lo. — O bigode quase encobriu

o súbito sorriso do sujeito. — Além do mais, acho que nossos amigos andorianos

não vão continuar acolhendo a mim e a meus homens de modo tão afetuoso.

Os andorianos tinham embainhado as espadas, mas os olhares malignos

permaneciam fixos em Bashere. Aquilo nada tinha a ver com quanto o sujeito

chegara perto de matar Rand. Os nobres em geral mantinham o semblante suave

perto de Bashere, apesar de ele ser um general estrangeiro comandando um exército

estrangeiro em solo andoriano. O Dragão Renascido queria Bashere ali, e aquelas

pessoas teriam aberto sorrisos para um Myrddraal, se o Dragão Renascido assim

desejasse. Mas se Rand se voltasse contra o saldaeano... aí não seria preciso

esconder mais nada. Eram abutres, estiveram a postos para devorar Morgase, antes

de sua morte, e devorariam Bashere à menor chance. E Rand também. Mal podia

esperar para se livrar deles.

A única forma de viver é morrer. O pensamento lhe veio à cabeça de repente. Já

havam lhe dito aquilo, e de um jeito que fora impossível não acreditar, mas o

pensamento não era seu. *Preciso morrer. Só mereço a morte.* Levando a mão à

cabeça, Rand deu as costas para Bashere.

O Marechal-General pulou da cadeira no mesmo instante, agarrando o ombro de

Rand, que ficava uma cabeça mais alto que ele.

— Qual é o problema? O golpe rachou mesmo a sua cabeça?

— Está tudo bem. — Rand baixou as mãos. Não sentia dor, era só o choque de ter

os pensamentos de outro homem na mente. Bashere não era o único a observá-lo. A

maioria das Donzelas o encarava com a mesma atenção que dispensavam ao restante

do pátio, sobretudo Enaila e Somara, de cabelos louros, a mais alta de todas. Aquelas

duas decerto arranjariam algum chá de ervas assim que terminassem suas tarefas e só

sossegariam depois que ele bebesse. Elenia, Naeen e os outros andorianos estavam

ofegantes, agarrando os casacos e as saias, analisando Rand de olhos arregalados,

temendo estar vendo os primeiros sinais de sua loucura. — Eu estou bem — disse a

todos no pátio.

Só as Donzelas relaxaram — Enaila e Somara não muito.

Os Aiel não ligavam para o “Dragão Renascido”. Para eles, Rand era o

Car’a’carn, profetizado para uni-los e destruí-los. Eles não tiveram dificuldades

para aceitar isso, embora também se preocupassem, e pareciam aceitar a canalização

e todos os seus possíveis desdobramentos com a mesma tranquilidade.
Os outros —

os *aguacentos*, pensou, secamente — o chamavam de Dragão Renascido e nunca

especulavam a respeito do que aquilo significava. Acreditavam que ele era a

reencarnação de Lews Therin Telamon, o Dragão, o homem que selara o buraco da

prisão do Tenebroso e dera fim à Guerra da Sombra, mais de três mil anos antes.

Também dera fim à Era das Lendas, quando o último contra-ataque do Tenebroso

maculara *saidin*, levando todos os homens que canalizavam à loucura, começando

pelo próprio Lews Therin e seus Cem Companheiros. Chamavam Rand de Dragão

Renascido sem jamais suspeitar que uma parte de Lews Therin Telamon pudesse

estar dentro de sua cabeça, tão louco quanto no dia em que dera início ao Tempo da

Loucura e à Ruptura do Mundo, tão louco quanto qualquer um dos Aes Sedai

homens que modificaram a face do mundo até deixá-la irreconhecível. Aquilo

acontecera aos poucos, mas quanto mais Rand aprendia a respeito do Poder, mais

forte ficava em relação a *saidin*, e mais forte ficava a voz de Lews Therin — e mais

difícil se tornava a luta para evitar ser dominado pelos pensamentos de um homem

morto. Era um dos motivos por que ele gostava de praticar com a espada: a ausência

de pensamentos era uma barreira que preservava sua identidade.

— Precisamos encontrar uma Aes Sedai — murmurou Bashere. — Se esses

boatos forem verdade... que a Luz queime meus olhos, seria melhor se nunca

tivéssemos deixado aquela ir embora.

Muita gente fugira de Caemlyn nos dias seguintes à ocupação de Rand e dos Aiel.

O próprio Palácio ficara quase vazio da noite para o dia. Havia pessoas que Rand

gostaria de ter encontrado, gente que o ajudara, mas todos tinham desaparecido.

Alguns ainda fugiam. Uma das fugitivas desses primeiros dias fora uma jovem Aes

Sedai — tão jovem que seu rosto ainda não tinha aquele aspecto de idade indefinida

típico das Aes Sedai. Os homens de Bashere mandaram um aviso assim que

encontraram a mulher em uma estalagem, mas, quando ela descobriu quem Rand

era, saiu correndo aos berros. Literalmente. Rand nunca descobriu seu nome ou sua

Ajah. Havia rumores de que outra Aes Sedai estava em algum lugar da cidade, mas

havia centenas de rumores espalhados por Caemlyn, milhares, cada um mais

improvável que o outro. Era bem improvável que qualquer um daqueles boatos fosse

levar a uma Aes Sedai. As patrulhas Aiel tinham avistado várias passando direto por

Caemlyn, todas claramente apressadas para chegarem a algum lugar,

nenhuma com

intenção de adentrar uma cidade ocupada pelo Dragão Renascido.

— Será que eu posso confiar em alguma Aes Sedai? — perguntou Rand. — Foi só

uma dor de cabeça. Minha cabeça não é assim tão dura a ponto de nem doer depois

de uma pancada.

Bashere bufou com tanta força que o farto bigode se remexeu.

— Por mais dura que seja a sua cabeça, cedo ou tarde você vai ter que confiar nas

Aes Sedai. Sem elas, nunca vai obter o apoio de todas as nações sem ter que apelar

para a conquista. O povo espera esse tipo de coisa. Por mais que ouçam falar das

Profecias que você já cumpriu, muitos vão esperar que as Aes Sedai marquem você.

— De todo modo, eu não vou evitar o conflito. Você sabe bem disso — respondeu

Rand. — Duvido que os Mantos-brancos me recebam de braços abertos em

Amadícia, mesmo que Ailron concorde com a minha presença, e Sammael não vai

abrir mão de Illian sem luta.

Sammael, Rahvin, Moghedien e... com esforço, expulsou o pensamento da mente.

Não era fácil. Vinha sempre sem aviso, e nunca era fácil.

Um baque surdo o fez virar a cabeça. Arymilla estava caída no chão de pedras.

Karind se ajoelhava para puxar as saias da mulher, cobrindo os tornozelos, e esfregar

seus pulsos. Elegar cambaleava, como se fosse se juntar a Arymilla a qualquer

momento, e Nasin e Elenia não pareciam muito melhor. A maioria dos outros

parecia prestes a vomitar. Mencionar os Abandonados tinha esse efeito, ainda mais

depois que Rand contara a eles que Lorde Gaebril na realidade era Rahvin. Não

sabia ao certo em quanto aqueles nobres acreditavam, mas considerar a possibilidade

já era suficiente para deixar quase todos tremendo. Só estavam vivos por se

mostrarem tão chocados. Se Rand tivesse suspeitado de que eles sabiam a quem

estavam servindo... *não*, pensou. *Se eles soubessem, se fossem todos Amigos das*

Trevas, você mesmo assim os usaria. Às vezes, se achava tão repugnante que queria

morrer de uma vez.

Ao menos estava dizendo a verdade. As Aes Sedai tentavam ao máximo manter

segredo sobre os Abandonados estarem livres, temiam que a notícia só espalhasse

mais caos e pânico. Rand tentava disseminar a verdade. O povo poderia até entrar

em pânico, mas teria tempo de se recuperar. Do jeito que as Aes Sedai queriam

conduzir as coisas, a informação e o pânico poderiam chegar tarde demais para

serem remediados. Além do mais, o povo tinha o direito de saber o que estava

enfrentando.

— Illian não vai aguentar por muito mais tempo — disse Bashere.
Rand virou a

cabeça depressa de volta para ele, mas o sujeito era experiente demais para falar

sobre o que não devia onde não devia. Estava apenas desviando o assunto dos

Abandonados. Ainda que Rand nunca tivesse visto qualquer assunto que deixasse o

Marechal-General inquieto, nem mesmo os Abandonados. — Illian vai se espatifar

feito uma noz golpeada por um martelo.

— Você e Mat bolaram um bom plano. — A ideia principal fora de Rand, mas

Mat e Bashere haviam fornecido os mil detalhes que fariam o plano dar certo. Mat

mais do que Bashere.

— Um rapaz interessante, esse Mat Cauthon — refletiu o homem. — Espero um

dia poder conversar com ele outra vez. O jovem não chegou a dizer quem o tutelou.

Agelmar Jagad? Ouvi dizer que vocês dois foram para Shienar. — Rand não disse

uma palavra. Os segredos de Mat pertenciam ao próprio Mat, nem mesmo ele sabia

muito bem quais eram. Bashere inclinou a cabeça e esfregou o bigode. — Ele é

jovem para ter estudado sob a tutela de alguém. Não parece mais velho do que você.

Será que encontrou uma biblioteca? Gostaria de ver os livros que ele leu.

— Vai ter que perguntar a ele — respondeu Rand. — Eu não sei. —
Supunha que

Mat devia ter lido algum livro, em algum momento, em algum lugar,
mas o amigo

nunca fora muito interessado em leituras.

Bashere apenas assentiu. Quando Rand não queria falar sobre algum
assunto,

Bashere em geral o deixava quieto. Mas nem sempre.

— Da próxima vez que for para Cairhien, por que não traz de volta a
irmã Verde

que ficou por lá? Egwene Sedai? Ouvi os Aiel falando dela, dizem que
também é da

sua aldeia. Você confia nela, não confia?

— Egwene tem outras obrigações. — Rand soltou uma risada. Irmã
Verde. Ah, se

Bashere soubesse.

Somara surgiu ao seu lado trazendo a camisa de linho e o casaco de
uma bela lã

vermelha cortada ao estilo andoriano, com dragões na gola comprida
e grossas

folhas de loureiro nas lapelas, subindo pelas mangas. Somara era alta
até para uma

Aiel, talvez nem uma mão mais baixa do que ele. Tal qual as outras
Donzelas, ela

baixara o véu, mas a *shoufa* marrom acinzentada ainda escondia quase
todo o rosto.

— O *Car'a'carn* vai acabar pegando um resfriado — murmurou ela.

Rand duvidava muito. Os Aiel podiam não achar aquele calor muito
fora do

comum, mas o suor já escorria por seu corpo quase na mesma

intensidade que

durante o treino. Ainda assim, vestiu a camisa e enfiou-a por dentro da calça,

deixando os laços desfeitos, depois se meteu no casaco. Não achava que Somara de

fato fosse tentar vesti-lo à força, não na frente dos outros, mas assim evitaria o

sermão dela e de Enaila — e muito provavelmente de algumas das outras —, bem

como o chá de ervas.

Ele era o *Car'a'carn* para a maioria dos Aiel, e isso valia para as Donzelas. Em

público. Quando estava sozinho com aquelas mulheres que haviam escolhido rejeitar

o casamento e a família em favor da lança, as coisas ficavam mais complicadas.

Supunha que — talvez — pudesse acabar com aquilo, mas tinha uma dívida com as

Donzelas. Algumas já tinham morrido por ele, e outras morreriam — ele prometera,

que a Luz o queimasse por isso! —, e, se podia permitir que se sacrificassem por ele,

poderia permitir que fizessem qualquer outra coisa. Na mesma hora, o suor empapou

a caminha e começou a deixar manchas escuras no casaco.

— Você precisa das Aes Sedai, al'Thor. — Rand torcia para que Bashere tivesse

metade dessa tenacidade na batalha, o que era sua reputação. Mas só podia se basear

naquela reputação e em algumas poucas semanas de contato. — Você não pode se

dar ao luxo de tê-las como inimigas, e se elas não acharem que têm ao menos alguns

cordéis atados a você, podem acabar debandando para o lado inimigo. Aes Sedai são

traíçoeiras, homem nenhum tem como saber o que elas vão fazer ou deixar de fazer,

nem por quê.

— E se eu lhe disser que existem centenas de Aes Sedai dispostas a me apoiar?

Rand estava ciente dos andorianos escutando a conversa. Precisava tomar cuidado

para não falar demais. Não que soubesse muita coisa. O que sabia provavelmente era

fruto de exagero e esperança. E duvidava bastante das “centenas”, a despeito das

insinuações de Egwene.

Bashere estreitou os olhos.

— Se tivesse saído uma missão diplomática da Torre, eu saberia, então... — Ele

baixou a voz quase a um sussurro. — A cisão? A Torre realmente se *cindiu*? — O

Marechal-General parecia não conseguir acreditar nas palavras que saíam da própria

boca. Todos sabiam que Siuan Sanche fora deposta e estancada. E executada,

segundo os rumores. Ainda assim, para a maioria da população, a cisão da Torre era

mera conjectura, e poucos acreditavam nisso. A Torre Branca permanecera intacta

por três mil anos, um monólito se assomando sobre os tronos. Mas o saldaeano

considerava todas as possibilidades. Ele prosseguiu em um sussurro de fato,

aproximando-se para que os andorianos não entreouvíssem: — Devem ser as

rebeldes que estão dispostas a apoiar você. Talvez você conseguisse um acordo

melhor com elas... Aquelas mulheres vão precisar de você tanto quanto você delas,

talvez até mais. Mas rebeldes, mesmo sendo Aes Sedai, não chegam nem perto de

ostentar o poder da Torre Branca, ao menos não com qualquer coroa. Os cidadãos

comuns podem não ver a diferença, mas os reis e as rainhas vão saber.

— Mesmo assim são Aes Sedai — respondeu Rand, também baixinho —, não

importa quem sejam. — *E onde quer que estejam*, pensou secamente. *Aes Sedai...*

servas de todos... o Salão dos Servos está destruído... destruído para sempre...

destruído... Ilyena, meu amor... Impiedoso, ele esmagou os pensamentos de Lews

Therin. Às vezes eles até ajudavam, fornecendo informações necessárias, mas

estavam ficando fortes demais. Se tivesse uma Aes Sedai por ali... uma Amarela, as

que mais sabiam sobre Cura. Aí talvez ela... Ele encontrara uma Aes Sedai de

confiança, embora só tivesse passado a confiar nela pouco antes de sua morte.

Moiraine deixara um conselho em relação às Aes Sedai, em relação a qualquer

mulher que usasse o xale e o anel. — Eu nunca vou confiar em nenhuma Aes Sedai

— declarou, em um tom baixo e rouco. — Vou usá-las, porque preciso delas. Mas,

rebeldes ou da Torre, sei que elas vão tentar me usar, porque é isso o que as Aes

Sedai fazem. Nunca vou confiar nelas, Bashere.

O saldaeano assentiu, hesitante.

— Então use-as, se puder. Mas não se esqueça. Ninguém dura muito tempo



seguindo o caminho das Aes Sedai. — Ele soltou uma risada curta de repente. —

Até onde eu sei, Artur Asa-de-gavião foi o último. Que a Luz queime meus olhos,

talvez você venha a ser o segundo.

O ruído de botas anunciou movimento no pátio: um dos homens de Bashere

chegara, um sujeito jovem e corpulento, de nariz pronunciado, uma cabeça mais alto

que seu general, ostentando uma barba negra brilhosa e um bigode

espesso.

Caminhava feito um homem mais habituado a uma sela do que aos próprios pés, mas

manejou a espada na cintura com suavidade, ao se curvar em uma reverência. Para

Bashere mais do que para Rand. Bashere podia até ser seguidor do Dragão

Renascido, mas Tumad — Rand achava que era esse o nome do homem: Tumad

Ahzkan — era seguidor de Bashere. Enaila e três outras Donzelas cravaram os olhos

no saldaeano recém-chegado. Elas realmente não confiavam em nenhum aguacento

perto do *Car'a'carn*.

— Um sujeito aí se apresentou aos portões — declarou Tumad, desconfortável. —

Ele diz... É Mazrim Taim, milorde Bashere.



CAPÍTULO 2

A VISITA

Mazrim Taim. Ao longo dos séculos, antes de Rand, outros homens haviam alegado

ser o Dragão Renascido. Nos últimos anos, houvera uma epidemia de falsos

Dragões, alguns de fato capazes de canalizar. Um deles era Mazrim Taim, que

reuniu um exército e destruiu Saldaea antes de ser capturado. A expressão de

Bashere não se alterou, mas ele agarrou o cabo da espada com tanta força que os nós

de seus dedos ficaram brancos. Tumad o encarava, à espera de ordens. A fuga de

Taim, a caminho de Tar Valon para ser amansado, era o principal motivo pelo qual

Bashere fora até Andor. Era essa a extensão do medo e do ódio que Saldaea sentia

por Mazrim Taim. A Rainha Tenobia mandara Bashere levar seu exército atrás do

homem aonde quer que ele fosse, pelo tempo que fosse, para garantir que Taim

jamais atormentasse Saldaea outra vez.

As Donzelas permaneceram paradas e serenas, mas aquele nome se espalhou entre

os andorianos como uma tocha atirada na grama seca. Arymilla estava sendo

ajudada a se levantar, mas revirou os olhos outra vez e teria desabado de novo se

Karind não a tivesse amparado a meio caminho do chão de pedras. Elegar

cambaleou para trás por entre as colunas e se curvou, vomitando audivelmente. O

restante arquejava, em pânico, levando lenços à boca e agarrando os punhos das

espadas. Até mesmo a impassível Karind umedecia os lábios, em um tique nervoso.

Rand tirou a mão do bolso do casaco.

— A anistia — lembrou, e os dois saldaeanos lhe lançaram um olhar longo e

inexpressivo.

— E se ele não tiver vindo pela sua anistia? — perguntou Bashere, depois de um

instante. — E se ele ainda alegar que é o Dragão Renascido?

Os andorianos se mexeram nervosamente. Ninguém queria estar a milhas de

distância de onde o Poder Único poderia ser usado em um duelo.

— Se ele achar isso — respondeu Rand, com firmeza —, vou desiludi-lo.

Rand levava no bolso o tipo mais raro de *angreal*: um feito para homens. Era uma

escultura de um homenzinho gordo portando uma espada. Por mais forte que Taim

fosse, não tinha condições de enfrentar aquilo. — Mas, se ele tiver vindo pela

anistia, eu a concedo, assim como a concedi aos outros. — Fosse lá o que Taim

tivesse feito em Saldaea, Rand não poderia se dar ao luxo de rejeitar um homem

capaz de canalizar, alguém que não tivesse a necessidade de ser instruído desde os

primeiros passos. Precisava de um homem desses. E não rejeitaria ninguém que não

fosse um Abandonado, a não ser que fosse forçado a isso. *Demandred e Sammael*,

Semirhage e Mesaana, Asmodean e... Rand forçou Lews Therin a recuar. Não podia

se dar ao luxo de se distrair.

Bashere fez outra pausa antes de falar, mas por fim assentiu e soltou a espada.

— A sua anistia persiste, é claro. Mas escute bem, al'Thor. Se Taim puser os pés

em Saldaea outra vez, não vai sair vivo. Há lembranças demais. Não há ordem que

eu possa dar, ou mesmo Tenobia em pessoa, que vá impedir isso.

— Vou mantê-lo longe de Saldaea. — Ou Taim fora até lá para se submeter a ele,

ou seria necessário matá-lo. Em um gesto inconsciente, Rand tocou o bolso,

comprimindo o homenzinho gordo por baixo da lã. — Vamos recebê-lo aqui.

Tumad encarou Bashere, mas o breve aceno de cabeça do Marechal-General veio

tão ligeiro que a mesura do barbudo ficou parecendo resposta à ordem verbalizada.

Um lampejo de irritação passou pelo rosto de Rand, mas ele nada disse, e Tumad se

afastou depressa, naquele caminhar meio gingado. Bashere cruzou os braços diante

do peito e permaneceu parado com um dos joelhos dobrado, a imagem de um

homem à vontade. Aqueles olhos escuros e oblíquos, fixos na direção pela qual

Tumad saía, exibiam o retrato de um homem com o desejo de matar.

O roçar de pés recomeçou entre os andorianos, meias passadas hesitantes se

afastando, depois retornando. Pelo modo como respiravam, o grupo parecia ter

corrido milhas.

— Vocês podem partir — anunciou Rand.

— Eu, de minha parte, continuarei ao seu lado — começou Lir, ao mesmo tempo

que Naeon dizia, rispidamente:

— Não vou fugir de...

Rand cortou os dois:

— Vão!

Os nobres queriam demonstrar que não tinham medo, ainda que estivessem

prestes a borrar as calças. Queriam fugir, abandonando o que lhes restava de

dignidade que ainda não haviam atirado aos pés de Rand. Era uma escolha simples.

Ele era o Dragão Renascido, e ganhar sua aprovação significava demonstrar

obediência. E obediência, nesse caso, significava fazer o que eles realmente queriam.

Com uma onda de medidas profundas, reverências com saias completamente

estendidas e murmúrios apressados de “Com sua permissão, milorde Dragão” e “Às

suas ordens, milorde Dragão”, os nobres saíram... não exatamente correndo, mas

andando o mais depressa que podiam sem parecer que estavam correndo. E na

direção oposta à de Tumad: sem dúvida não queriam arriscar um encontro fortuito

com Mazrim Taim, que se dirigia para o pátio.

A espera alongou-se no calor — demorava para conduzir um homem pelos

amplos corredores desde os portões do Palácio —, mas, assim que os andorianos

saíram, ninguém se mexeu. Bashere manteve o olhar fixo no ponto onde Taim

surgiria. As Donzelas vigiavam tudo, mas era sempre assim; e, ainda que

parecessem prontas para velar o rosto em um instante, também era sempre assim.

Exceto pelos olhos, aquelas mulheres poderiam muito bem ser estátuas.

Enfim o som de botas ecoou pelo pátio. Rand quase tentou agarrar *saidin*, mas se

conteve. O homem perceberia que ele estava de posse do Poder no instante em que

adentrasse o recinto, e Rand não podia se permitir parecer temê-lo.

Tumad emergiu primeiro sob a luz do sol que invadia o ambiente, logo seguido de

um homem de cabelos pretos e altura bem acima da média ostentando o rosto

escuro, os olhos oblíquos, o nariz adunco e as maçãs do rosto proeminentes bem

característicos do povo de Saldaea, embora estivesse de barba feita e se vestisse

como um mercador andoriano que já fora próspero, mas estivesse enfrentando

dificuldades. O casaco azul-escuro era de lã fina urdida com veludo

mais escuro,

mas o uso deixara os punhos puídos. As calças estavam esgarçadas nos joelhos e as

botas rachadas exibiam uma camada de poeira. Ainda assim, o sujeito caminhava

empertigado, um feito impressionante considerando os quatro homens do exército de

Bashere atrás de si, empunhando as lâminas quase retas, mas levemente curvas, as

pontas a pouquíssima distância de suas costelas. O calor não parecia incomodá-lo.

Os olhos das Donzelas acompanhavam seus passos.

Rand observou Taim enquanto o homem e sua escolta cruzavam o pátio. O sujeito

era pelo menos quinze anos mais velho do que ele, devia ter trinta e cinco, no

máximo alguns a mais. Pouco se sabia e menos ainda se encontrava nos livros a

respeito de homens capazes de canalizar — era um assunto evitado por grande parte

das pessoas com um pingo de decência —, mas Rand aprendera tudo o que pudera.

Eram relativamente poucos os que de fato procuravam saber mais sobre o assunto, e

este era um dos problemas. Desde a Ruptura, a maioria dos homens que canalizavam

nascia com a habilidade, com potencial para ativá-la ao chegar à idade adulta.

Alguns conseguiam controlar a loucura durante anos antes de serem encontrados e

amansados por Aes Sedai; outros já eram encontrados

irremediavelmente loucos, por

vezes menos de um ano depois de tocar *saidin* pela primeira vez. Rand se mantivera

agarrado à sanidade — ao menos até então — por quase dois anos. Ainda assim,

diante dele estava um homem que talvez tivesse conseguido manter esse feito

durante dez ou quinze anos. Só isso já valia de algo.

A um gesto de Tumad, o grupo parou a alguns passos de Rand. Ele abriu a boca,

mas, antes que pudesse se pronunciar, Lews Therin irrompeu em sua mente em um

frenesi. *Sammael e Demandred me odiavam, por mais honrarias que eu lhes*

concedesse. Quanto mais honrarias, mais ódio, até que venderam a alma e se

afastaram. Principalmente Demandred. Eu deveria tê-lo matado! Deveria ter

matado todos eles! Arrasado a terra para matá-los! Arrase a terra!

Com o rosto paralisado, Rand lutou para controlar a própria mente. *Eu sou Rand*

al'Thor. Rand al'Thor! Nunca conheci Sammael, Demandred ou nenhum deles! Que

a Luz me queime, sou Rand al'Thor! Como um eco débil, outro pensamento surgiu,

vindo de algum lugar. *Que a luz me queime.* Parecia uma súplica. Então Lews

Therin desapareceu, de volta a fossem quais fossem as sombras onde vivia.

Bashere tirou vantagem do silêncio.

— Você alega ser Mazrim Taim? — Ele soou descrente, e Rand o encarou,

confuso. Era ou não era Taim? Só um louco alegaria ser aquele falso Dragão, se

fosse mentira.

A boca do prisioneiro se contorceu no que poderia ser o esboço de um sorriso, e

ele esfregou o queixo.

— Eu fiz a barba, Bashere. — A voz trazia mais do que um toque de deboche. —

É meio quente aqui tão ao sul, você não percebeu? Mais quente do que deveria estar,

mesmo por aqui. Quer alguma prova? Devo canalizar para você? — Os olhos

escuras do homem desviaram de relance para Rand, depois retornaram a Bashere,

cujo rosto ficava mais sombrio a cada instante. — Talvez não, não agora. Eu me

lembro de você. Eu o derrotei em Irinjavah, até que aquelas visões surgiram no céu.

Mas todo mundo sabe disso. O que ninguém sabe além de você e Mazrim Taim? —

Com a atenção voltada para Bashere, o homem parecia ignorar os guardas, todos

ainda segurando as espadas perto de suas costelas. — Ouvi dizer que você abafou o

que aconteceu com Musar, Hachari e suas esposas. — O deboche desaparecera. Ele

simplesmente relatava o ocorrido. — Eles não deveriam ter tentado me matar

debaixo de uma bandeira de negociação. Creio que você tenha

arrumado boas

posições para eles, como serviçais? Tudo o que vão querer agora é servir e obedecer,

não conseguirão ser felizes de outra forma. Eu poderia tê-los matado. Todos os

quatro empunharam as adagas.

— Taim — rosnou Bashere, levando a mão depressa ao cabo da espada —, seu...!

Rand se pôs entre os dois, agarrando o punho da mão que tentava erguer a espada.

As espadas dos guardas e a de Tumad já estavam encostando em Taim, decerto

tocando a carne, pela forma como estavam cravadas em seu casaco, mas ele não

esboçou reação.

— Você veio me ver — inquiriu Rand — ou insultar Lorde Bashere? Se fizer isso

de novo, vou deixar que ele o mate. Minha anistia perdoa o que você fez, mas não

permite que fique se gabando de seus crimes.

Taim analisou Rand por um instante, antes de falar. Apesar do calor, o sujeito

quase não suava.

— Vim ver você. Foi você que eu vi no céu. Dizem que enfrentou o Tenebroso

em pessoa.

— Não era o Tenebroso — respondeu Rand. Bashere não estava exatamente

lutando contra seu gesto de contenção, mas sentia o braço tensionado do homem. Se

o soltasse, aquela lâmina estaria cravada em Taim em um piscar de olhos. A menos

que usasse o Poder. Ou que Taim usasse. Era preciso evitar isso, se possível.

Continuou segurando o punho de Bashere. — Ele se autodenominava Ba'alzamon,

mas acho que era Ishamael. Eu o matei depois, na Pedra de Tear.

— Ouvi dizer que você matou vários Abandonados. Devo chamá-lo de Lorde

Dragão? Ouvi esse pessoal usando esse título. Pretende matar todos os Abandonados?

— Você tem outra ideia de como resolver essa questão? — perguntou Rand. —

Ou eles morrem, ou o mundo morre. A não ser que você acredite que eles possam

ser persuadidos a abandonar a Sombra da mesma forma que abandonaram a Luz.

Aquilo estava ficando ridículo. Lá estava ele, conversando com um sujeito

espetado por cinco pontas de espadas que com certeza tiravam sangue por baixo do

casaco enquanto ele próprio continha outro sujeito, ávido por cravar a sexta espada e

arrancar mais do que um filete de sangue. Pelo menos os homens de Bashere eram

disciplinados o bastante para não fazer mais sem ordens de seu general. Pelo menos

Bashere estava mantendo a boca fechada. Admirado com a frieza de Taim, Rand

prosseguiu o mais depressa que pôde, tentando não parecer precipitado:

— Sejam lá quais forem os seus crimes, Taim, não são nada perto dos crimes dos

Abandonados. Você já torturou uma cidade inteira, já obrigou milhares de pessoas a

ferirem umas às outras lentamente, a ferirem seus entes queridos? Semirhage fez

isso, e simplesmente porque podia fazê-lo, para provar que era capaz, por puro

prazer. Você já matou crianças? Graendal matou. Dizia que era bondade de sua

parte, que as matava para que não sofressem ao ver seus pais escravizados e levados

embora por ela. — Só torcia para que os outros saldaeanos estivessem escutando

com metade da atenção de Taim, que estava até um pouco inclinado para a frente,

parecendo interessado. E torcia para que os outros não fizessem muitas perguntas a

respeito de onde tinham vindo todas aquelas informações. — Você deu seres

humanos para os Trollocs comerem? Todos os Abandonados fizeram isso. Os

prisioneiros que não se curvavam a eles eram sempre dados aos Trollocs, isso se não

fossem mortos na hora. Mas Demandred aprisionou duas cidades só porque achava

que o povo delas o menosprezara antes de ele se voltar para a Sombra. Cada homem,

mulher e criança foi parar na barriga de um Trolloc. Mesaana construiu escolas no

território que controlava, escolas onde crianças e jovens eram instruídos a respeito

da glória do Tenebroso, onde eram ensinados a matar os colegas que tinham

dificuldade de aprender. Eu poderia continuar. Poderia nomear os treze, um a um,

listando as centenas de crimes escabrosos atribuídos a cada um deles. Seja lá o que

você tenha feito, nem se compara. E agora você veio receber o meu perdão, para

caminhar pela Luz e se submeter a mim, para enfrentar o Tenebroso com uma força

com a qual jamais enfrentou ninguém. Os Abandonados estão vacilantes. Pretendo

caçar todos e erradicá-los. E você vai me ajudar. É por isso que merece o perdão. E,

para dizer a verdade, é provável que você mereça mais cem perdões até que a Última

Batalha tenha terminado.

Enfim sentiu o braço de Bashere relaxar, a espada do homem deslizar de volta

para dentro da bainha. Quase não consegui abafar um suspiro de alívio.

— Não vejo motivo para vigiá-lo tão de perto. Guardem as espadas.

Hesitantes, Tumad e os outros começaram a embainhar as espadas. Hesitantes,

mas obedeceram. Taim, então, se pronunciou.

— Me submeter? Eu tinha pensado mais em estabelecer uma espécie de aliança

entre nós dois. — Os outros saldaeanos ficaram tensos. Bashere ainda estava atrás de

Rand, mas ele já podia *sentir* que o homem ficara tenso. As Donzelas não moviam

um só músculo, exceto pela mão de Jalani, que tremulou de leve em direção ao véu.

Taim inclinou a cabeça, sem perceber. — Eu seria o parceiro inferior, é claro, apesar

de já ter tido muitos anos a mais do que você de estudo do Poder. Há tanto que eu

posso lhe ensinar.

A ira se avultou dentro de Rand até embotar a visão. Falara sobre coisas das quais

não deveria saber, decerto dera origem a dezenas de rumores a respeito de si mesmo

e dos Abandonados, tudo para suavizar o terror das ações daquele sujeito, e o

homem tinha a audácia de falar em *uma aliança*? Dentro de sua mente, Lews Therin

se enfurecia. *Mate-o! Mate-o agora mesmo! Mate-o!* Pela primeira vez, Rand não se

deu ao trabalho de calar a voz.

— Nada de alianças! — rosnou. — Nada de parcerias! Eu sou o Dragão

Renascido, Taim! Eu! Se você tiver algum conhecimento de que eu possa tirar

proveito, vou usá-lo, mas você vai aonde eu mandar, fazer o que eu mandar e

quando eu mandar.

Sem hesitar, Taim deslizou até o chão, prostrando-se apoiado em um dos joelhos.

— Eu me submeto ao Dragão Renascido. Vou servir e obedecer.

Os cantos de sua boca se contorceram outra vez naquele esboço de sorriso

enquanto ele se levantava. Tumad o encarava, boquiaberto.

— Rápido assim? — murmurou Rand. A raiva não se dissipara, estava incandescente. Se cedesse, não sabia ao certo o que poderia acabar fazendo. Lews

Therin ainda balbuciava nas profundezas de sua mente. *Mate-o! Você tem que matá-*

lo! Rand afastou Lews Therin, transformando-o em um murmúrio quase inaudível.

Talvez não devesse se surpreender: coisas estranhas aconteciam perto dos *ta'veren*,

ainda mais de um *ta'veren* tão forte quanto ele. Não deveria se surpreender ao ver

um homem mudar de ideia tão depressa, mesmo alguém cujo destino parecia

gravado na pedra. Porém, a raiva o dominava, junto com uma forte desconfiança. —

Você se declarou o Dragão Renascido, lutou batalhas por toda Saldaea, só foi

capturado porque ficou inconsciente, e agora desiste assim tão fácil? Por quê?

Taim deu de ombros.

— Que escolha eu tenho? Vagar pelo mundo sozinho, sem amigos, perseguido,

enquanto você conquista todas as glórias? Isso supondo que Bashere não dê um jeito

de me matar antes que eu consiga sair da cidade, ou essas suas mulheres Aiel.

Mesmo que não consigam, mais cedo ou mais tarde as Aes Sedai vão me encurralar.

Duvido que a Torre vá se esquecer de Mazrim Taim. Ou eu posso seguir você, e

parte dessa glória será minha. — Pela primeira vez, o sujeito olhou em

volta,

examinando os guardas e as Donzelas, e balançou a cabeça como se não conseguisse

acreditar. — Poderia ter sido eu. Como eu poderia saber, se não tentasse? Eu posso

canalizar, sou forte nisso. Que indicativos eu tinha de que não era o Dragão

Renascido? Só precisava cumprir uma das Profecias.

— E como você daria um jeito de ter nascido nas encostas do Monte do Dragão?

— perguntou Rand, com frieza. — A primeira Profecia a ser cumprida.

Taim contorceu a boca outra vez. Não era um sorriso de verdade: seus olhos

denunciavam isso.

— Os vencedores escrevem a história. Se eu tivesse tomado a Pedra de Tear, a

história teria demonstrado que nasci no Monte do Dragão, de uma mulher jamais

tocada por um homem, e que os céus se abriram, radiantes, para anunciar a minha

chegada. O tipo de coisa que dizem a seu respeito, agora. Mas foi você quem tomou

a Pedra, com seus Aiel, e o mundo o aclama como o Dragão Renascido. Eu não sou

idiota de resistir a isso: você é o escolhido. Bem, já que eu não posso comer o bolo

inteiro, me contento com os farelos que caírem no meu prato.

— Você pode ter honras, Taim, ou pode não ter. Se vai começar a se atormentar

por conta disso, pense no que aconteceu com os outros que fizeram o

mesmo que

você. Logain foi capturado e amansado, e há rumores de que morreu na Torre. Um

sujeito sem nome decapitado em Haddon Mirk pelos tarenos. Outro, queimado

pelos murandianos. Queimado vivo, Taim! E também foi isso que os illianenses

fizeram com Gorin Rogad, quatro anos atrás.

— Não é um destino que eu gostaria de ter — concluiu Taim, em voz calma.

— Então esqueça as honras e lembre-se da Última Batalha. Tudo o que eu faço é

pensando em Tarmon Gai'don. Tudo o que eu mandar você fazer será com isso em

mente. *Você* deve pensar sempre em Tarmon Gai'don!

— É claro. — Taim estendeu as mãos. — Você é o Dragão Renascido. Não tenho

dúvidas, reconheço isso publicamente. Nós marchamos para Tarmon Gai'don. E as

Profecias afirmam que você sairá vitorioso. E as histórias vão lembrar que Mazrim

Taim foi seu braço direito.

— Talvez — respondeu Rand, em um tom rude. Vivera profecias demais para

acreditar que qualquer uma delas se realizava exatamente do jeito que prometia. Ou

que eram garantia de alguma coisa. Acreditava que as profecias estabeleciam as

condições necessárias para determinado acontecimento. Só que satisfazer as

condições não era garantia de que tal coisa *fosse* ocorrer, apenas de que *poderia*

ocorrer. Algumas condições fixadas pelas Profecias do Dragão eram mais do que

indicativos de que ele teria de morrer para ter qualquer chance de vitória. Pensar

nisso não o ajudava a manter o temperamento sob controle. — Queira a Luz que essa

sua oportunidade não chegue tão cedo. Agora... que conhecimentos você tem de que

eu possa fazer uso? Consegue ensinar homens a canalizar? Consegue testar um

homem para saber se ele tem condições de aprender? — Ao contrário das mulheres,

um homem capaz de canalizar não conseguia simplesmente sentir a habilidade de

outro. As diferenças entre homens e mulheres em relação ao Poder Único eram

quase tantas quanto as que havia entre homens e mulheres no geral. Às vezes, essas

diferenças eram sutis feito um fio de cabelo, outras, eram tão opostas quanto pedra e

seda.

— E a sua anistia? Quer dizer que realmente apareceram alguns imbecis querendo

aprender a ser como eu e você?

Bashere apenas encarava Taim, cheio de desprezo, os braços cruzados e os pés

bem afastados, mas Tumad e os guardas se remexiam, incomodados. As Donzelas,

não. Rand não fazia ideia de como as Donzelas se sentiam em relação

ao número de

homens que havia respondido ao seu chamado, elas nunca demonstravam coisa

alguma. Com a lembrança de Taim como falso Dragão ainda pulsando forte, poucos

saldaeanos conseguiam esconder a inquietação.

— Só me responda, Taim. Se puder fazer o que eu quero, então diga. Se não

puder... — Era a raiva dentro dele que falava. Não podia mandar o homem embora,

não com uma nova luta a cada dia. Taim, no entanto, parecia crer que Rand faria

isso.

— Consigo fazer as duas coisas — respondeu, mais do que depressa. — Encontrei

cinco ao longo dos anos... não que eu estivesse procurando... mas apenas um teve

coragem de prosseguir, depois de ser testado. — Ele hesitou, então acrescentou: —

Ele enlouqueceu dois anos depois. Tive que matá-lo antes que ele me matasse.

Dois anos.

— Você consegue refrear a loucura há muito mais tempo. Como?

— Está preocupado? — murmurou Taim, então deu de ombros. — Não posso

ajudar. Não sei como, eu simplesmente consigo e pronto. Estou lúcido como... —

Ele voltou os olhos na direção de Bashere, ignorando o olhar impassível do homem.

— Como Lorde Bashere.

De repente, Rand foi tomado por dúvidas. Metade das Donzelas voltara a observar

o pátio. Elas nunca se mantinham tão atentas a uma possível ameaça a ponto de

ignorar outras. A possível ameaça era Taim, e a segunda metade das Donzelas ainda

tinha os olhos cravados nele e em Rand, querendo captar o menor indício de que a

ameaça se tornasse real. Qualquer homem estaria atento àquilo, àquelas mulheres

com uma ameaça de morte súbita nos olhos, nas mãos. Rand estava ciente, e elas

estavam ali para protegê-lo. Tumad e os outros guardas ainda mantinham as mãos

nos cabos das espadas, prontos para empunhá-las outra vez. Se os homens de

Bashere e os Aiel decidissem matar Taim, seria bem difícil que ele escapasse

daquele pátio, por mais que canalizasse, a não ser que Rand o ajudasse. Ainda assim,

Taim dispensava aos soldados e às Donzelas a mesma atenção que à colunata e às

pedras do pavimento. Seria coragem, genuína ou fingida, ou algo mais? Uma espécie

de loucura?

Depois de um instante de silêncio, Taim prosseguiu.

— Você ainda não confia em mim. Não há motivos para isso. Ainda. Com o

tempo, você vai confiar. Em consideração a essa futura confiança, eu lhe trouxe um

presente.

Ele puxou um embrulho surrado de debaixo do casaco, um pouco maior do que

dois punhos de um homem.

Franzindo o cenho, Rand apanhou o embrulho e prendeu a respiração ao sentir a

forma rígida envolta em pano. Puxou depressa os trapos multicoloridos, revelando

um disco do tamanho de sua palma — um disco igual ao do estandarte escarlate

pendurado no alto do palácio, metade branco e metade negro: o antigo símbolo dos

Aes Sedai, de antes da Ruptura do Mundo. Passou os dedos pelas duas lágrimas

gêmeas.

Apenas sete daqueles haviam sido fabricados, todos de *cuendillar*. Selos da prisão

do Tenebroso, selos que mantinham o Senhor das Trevas apartado do mundo. Rand

estava de posse de outros dois, ambos muito bem escondidos. Muito bem protegidos.

Nada era capaz de destruir *cuendillar*, nem mesmo o Poder Único — a borda de uma

taça delicada feita de pedra-do-coração era capaz de riscar aço e diamante —, mas

três dos sete *tinham* sido destruídos. Ele os vira estilhaçados. E vira Moiraine

arrancar uma lasca da borda de um deles. Os selos estavam se enfraquecendo, só a

Luz sabia como ou por quê. O disco em suas mãos ainda apresentava a rigidez

lustrosa de *cuendillar*, parecia uma mistura da mais fina porcelana com

metal

polido... mas ele tinha certeza de que se quebraria, se o deixasse cair nas pedras a

seus pés.

Três quebrados. Estava de posse de outros três. Onde estaria o sétimo? Restavam

apenas quatro selos entre a humanidade e o Tenebroso. Quatro, se o último ainda

estivesse inteiro. Apenas quatro separavam a humanidade da Última Batalha.

Enfraquecidos como estavam, será que ainda continham bem a prisão?

A voz de Lews Therin irrompeu como um trovão. *Quebre quebre todos você*

precisa quebrar todos precisa precisa precisa quebrar todos quebre e ataque você

precisa atacar depressa precisa atacar agora quebre quebre quebre...

Rand estremeceu com o esforço de lutar contra aquela voz, repelindo um nevoeiro

que se grudava à sua mente feito teias de aranha. Seus músculos doíam, como se ele

lutasse contra um gigante de carne e osso. Aos poucos, foi empurrando o nevoeiro

de Lews Therin para as entranhas mais profundas, as sombras mais ocultas que

podia encontrar dentro da própria mente.

De súbito, ouviu as palavras que murmurava, com a voz rouca.

— Precisa quebrar agora quebre tudo quebre quebre quebre.

Percebeu que segurava o selo acima da cabeça, prestes a esmagá-lo no pavimento

branco. A única coisa que o impedia era Bashere, nas pontas dos pés, as mãos

erguidas agarrando seus braços.

— Eu não sei o que é isso — murmurou o Marechal-General —, mas você não

acha melhor esperar um pouco antes de quebrar?

Tumad e os outros já não olhavam para Taim: encaravam Rand, embaçados.

Até as Donzelas o observavam, os olhos cheios de preocupação. Sulin fez menção

de dar um passo em direção aos homens, e Jalani, sem nem perceber, estendeu a mão

para Rand.

— Realmente. — Rand engoliu em seco. A garganta doía. — É melhor não.

Bashere deu um passo atrás, hesitante, e Rand baixou a mão que segurava o selo,

também hesitante. Se Rand considerara Taim imperturbável, agora tinha uma prova

do contrário. O rosto do falso Dragão estava tomado pelo choque.

— Você sabe o que é isso, Taim? — inquiriu. — Deve saber, ou não teria trazido

para mim. Onde foi que encontrou isso? Tem outro? Sabe onde está?

— Não — respondeu Taim, a voz instável. Não exatamente de medo, parecia mais

um homem que presenciara um despenhadeiro se desintegrar sob seus pés e de

repente, de alguma forma, se vira de volta em solo firme. — Esse é o único que eu...

Ouvi toda sorte de rumores desde que fugi das Aes Sedai. Monstros

surgindo do

meio do nada. Feras estranhas. Homens falando com animais, e os animais

respondendo. Aos Sedai enlouquecendo como deveria acontecer conosco. Aldeias

inteiras enlouquecendo, matando umas às outras. Alguns podem ser verdade. Metade

do que eu sei ser verdade é igualmente doido. Ouvi dizer que alguns dos selos

tinham sido destruídos. Um martelo poderia quebrar esse aí.

Bashere franziu o cenho, encarou o selo nas mãos de Rand e arquejou. Agora,

entendia.

— Onde foi que você encontrou isso? — repetiu Rand. Se conseguisse encontrar o

último... então o quê? Lews Therin se revolia em sua mente, inquieto, mas ele se

recusava a escutar.

— No último lugar onde você poderia imaginar — disse Taim —, que eu creio ser

o primeiro lugar onde deveríamos procurar pelos outros. Uma fazendinha decadente

em Saldaea. Parei para pegar água e o fazendeiro me entregou o disco. Era velho,

sem filhos ou netos para herdar o objeto, e achou que eu fosse o Dragão Renascido.

Contou que a família guardara o disco por mais de dois mil anos. Que foram reis e

rainhas durante as Guerras dos Trollocs, nobres durante a época de Artur Asa-de-

gavião. Talvez a história seja verdade. Seria tão improvável quanto encontrar esse

disco em uma choupana a poucos dias de viagem até a Fronteira da Praga.

Rand assentiu, depois parou para recolher os trapos do embrulho. Estava

acostumado a ver o improvável acontecer a seu redor, e por vezes também devia

acontecer em outras terras. Reembrulhou o selo depressa e entregou-o a Bashere.

— Guarde isso com muito cuidado. — *Quebre!* Ele sufocou a voz. — Nada pode

acontecer com este disco.

Bashere tomou o embrulho com as duas mãos, em um gesto reverente. Rand não

soube ao certo se a mesura era para ele ou para o selo.

— Estará seguro durante dez horas ou dez meses, até que você o requeira.

Por um instante, Rand analisou o Marechal-General.

— Todos estão esperando eu enlouquecer, estão todos com medo, menos você.

Agora há pouco, você deve ter pensado que eu finalmente tinha ficado louco, mas

mesmo assim não teve medo de mim.

Bashere deu de ombros, abrindo um sorriso por trás do bigode grisalho.

— Quando dormi pela primeira vez em cima de uma sela, Muad Cheade era

Marechal-General. O homem era louco feito uma lebre no início da primavera.

Revistava o camareiro duas vezes por dia para ver se ele não estava escondendo

veneno e só bebia vinagre e água, que alegava terem o efeito de neutralizar o veneno

com o qual o sujeito o alimentava. Mas, durante todo o tempo em que convivi com

ele, o vi comer tudo o que seu camareiro preparava. Uma vez, mandou derrubar um

bosque de carvalhos porque as árvores estavam olhando feio para ele. Depois

insistiu para que os troncos caídos tivessem funerais decentes, e ele próprio

conduziu a oração. Você faz ideia do tempo que leva para cavar covas para vinte e

três carvalhos?

— Por que ninguém fez nada? A família dele?

— Os que não eram tão loucos quanto ele, ou mais, tinham medo de olhá-lo com

desconfiança. De todo modo, o pai de Tenobia não teria deixado ninguém encostar

um dedo em Cheade. Ele podia ser louco, mas comandava melhor que qualquer um

que já conheci. Nunca perdeu uma batalha. Sequer chegou perto disso.

Rand riu.

— Então você me segue porque acha que eu posso superar o Tenebroso nas táticas

de batalha?

— Eu o sigo porque você é quem é — respondeu Bashere, baixinho. — O mundo

precisa seguir você, ou os que sobreviverem vão desejar ter morrido.

Hesitante, Rand aquiesceu. As Profecias diziam que ele iria destruir nações e

reuni-las. Não que ele desejasse fazer isso, mas as Profecias eram seu único guia

para como lutar a Última Batalha, como vencê-la. E achava, mesmo sem elas, que

unir as nações era necessário. A Última Batalha não seria travada apenas entre ele e

o Tenebroso. Não podia acreditar nisso: por mais que pudesse estar enlouquecendo,

ainda não chegara ao ponto de se julgar mais que um simples homem. Aquela

também seria uma batalha da humanidade contra Trollocs e Myrddraal, contra todo

tipo de Crias da Sombra que a Praga fosse capaz de regurgitar, e contra Amigos das

Trevas emergindo de seus esconderijos. Haveria outros perigos na jornada até

Tarmon Gai'don, e, se o mundo não estivesse unido... *Você faz o que tem de ser*

feito. Não sabia dizer se a voz viera dele mesmo ou de Lews Therin, mas, até onde

sabia, era verdade.

Avançou depressa até a coluna mais próxima, olhou para trás e disse para

Bashere:

— Vou levar Taim para a fazenda. Quer vir junto?

— Fazenda? — perguntou Taim.

Bashere balançou a cabeça.

— Não, obrigado — respondeu, em um tom seco. O saldaeano podia

não

aparentar nervosismo, mas Rand e Taim juntos decerto era o máximo que ele era

capaz de suportar. Ele claramente evitava a fazenda. — Meus homens estão ficando

moles em policiar as ruas para você. Pretendo dar uma dura em uns deles, durante

algumas horas. Você ia inspecioná-los hoje à tarde. Mudou de ideia?

— Que fazenda? — perguntou Taim.

Rand soltou um suspiro, se sentindo cansado de repente.

— Não, não mudei de ideia. Estarei na inspeção, se possível. — Aquilo era

importante demais para mudar de ideia, embora ninguém além de Bashere e Mat

soubessem. Não podia deixar que pensassem que era mais do que uma formalidade,

uma cerimônia inútil para um homem cada vez mais tomado pela pompa de sua

posição, o Dragão Renascido indo receber a saudação de seus soldados. Também

tinha outra visita a fazer, naquele mesmo dia. Uma que todos pensariam estar sendo

mantida em segredo. Poderia até continuar em segredo para a maioria, mas Rand não

tinha dúvidas de que as pessoas que ele queria que soubessem, saberiam.

Apanhou a espada, apoiada em uma das colunas estreitas, e afivelou-a por cima

do casaco aberto. O cinto era de couro de javali, escuro e sem adornos, bem como a

bainha e o cabo comprido. A fivela era ornamentada com um dragão de aço e ouro

muito bem trabalhado. Precisava se livrar daquela fivela, encontrar algo mais

simples. Mas não podia fazer isso. Fora presente de Aviendha. E justamente por isso

deveria se livrar daquilo. Não conseguia encontrar uma solução para aquele ciclo de

pensamentos.

Algo mais o aguardava ali: uma lança de dois pés de comprimento, com borla

verde e branca abaixo da ponta afiada. Ao virar-se de volta para o pátio, ergueu-a.

Uma das Donzelas entalhara o cabo curto com Dragões. Alguns já chamavam aquilo

de Cetro do Dragão, sobretudo Elenia e seu grupo. Rand mantinha o objeto por perto

para se lembrar de que talvez tivesse mais inimigos do que conseguia enxergar.

— Que fazenda é essa que você está falando? — A voz de Taim ganhou firmeza.

— Aonde é que pretende me levar?

Rand analisou o homem por um longo instante. Não gostava de Taim. Alguma

coisa nos modos dele. Ou talvez algo em si próprio. Passara tempo ele sendo o único

que conseguia sequer pensar em canalizar sem medo das Aes Sedai. Bem, não fazia

muito tempo, e pelo menos as Aes Sedai não tentariam amansá-lo, não agora que

sabiam quem ele era. Poderia ser simplesmente isso? Ciúme por não

ser mais o

único? Achava que não. Apesar de tudo o mais, acolheria quantos homens capazes

de canalizar tranquilos que pudesse encontrar no mundo. Enfim deixaria de ser uma



aberração. Não, não chegaria a tanto, não deste lado de Tarmon Gai'don. Ele era

único, era o Dragão Renascido. Quaisquer que fossem os motivos, ele simplesmente

não gostava do sujeito.

Mate esse homem! Ganiu Lews Therin. *Mate todos eles!* Rand abafou a voz. Não

era obrigado a gostar de Taim, só precisava usá-lo. E confiar nele. O que era o mais

difícil.

— Vou levá-lo a um lugar onde você pode me servir — respondeu com frieza.

Taim não se encolheu nem franziu o rosto, apenas observou e aguardou, os cantos

da boca por um breve instante se contorcendo naquele meio sorriso.



CAPÍTULO 3

OS OLHOS DE UMA MULHER

Contendo a própria irritação — e os murmúrios de Lews Therin —, Rand tentou

tocar *saidin*, lançando-se à já familiar batalha por controle e sobrevivência em meio

ao vazio. A mácula vinha em uma torrente enquanto ele canalizava. Mesmo no vazio

dava para senti-la se embrenhando em seus ossos, talvez até em sua alma. Não havia

outra forma de descrever o que estava fazendo, além de dizer que era um vinco no

Padrão, um buraco. Aprendera isso sozinho, já que seu professor não tivera muito

êxito em explicar nem mesmo o que jazia por detrás das coisas que ensinava. Uma

linha vertical brilhante surgiu no ar, expandindo-se depressa até virar uma abertura

do tamanho de uma porta larga. O que se via através dela parecia distorcida, uma

clareira iluminada pelo sol em meio a árvores afetadas pela seca, tudo girando até

parar.

Enaila e mais duas Donzelas ergueram os véus e saltaram pouco antes que a

abertura se firmasse. Meia dúzia de outras as seguiram, algumas com os arcos de

chifre a postos. Rand não esperava que houvesse nada ali contra o qual fosse preciso

proteção. Fizera com que o outro extremo da abertura — isso se *houvesse* outro

extremo: Rand não entendia como funcionava, mas parecia existir apenas um lado

da coisa — fosse no meio da clareira porque talvez abrir um portal entre as pessoas

fosse perigoso, mas dizer às Donzelas — ou a qualquer Aiel — que não era preciso

manter-se alerta era como dizer a um peixe que não era preciso nadar.

— Isso é um portão — explicou a Taim. — Posso mostrar a você como fazer, se

não tiver entendido.

O homem o encarava. Se tivesse prestado atenção, teria visto a tessitura de *saidin*

sendo feita. Qualquer homem capaz de canalizar poderia vê-la.

Taim juntou-se a Rand para adentrar a clareira, com Sulin e as outras Donzelas

trás. Algumas lançaram um olhar de desdém à espada na cintura de Rand, ao passar

por ele em fila, gesticulando rápida e silenciosamente na língua de sinais das

Donzelas. Indignadas, decerto. Enaila e a vigia à frente já haviam se separado,

cautelosas, por entre as árvores esqueléticas e sem cor. Seus casacos e calças, o

cadin'sor, mesclavam seus corpos às sombras, mesmo sem terem acrescentado verde

ao cinza e marrom. Com o Poder dentro de si, Rand conseguia ver cada agulha dos

pinheiros, a maioria morta. Sentia o odor azedo da seiva das folhas-de-couro. O

próprio ar tinha um cheiro quente, seco e empoeirado. Não havia perigo para ele ali.

— Espere, Rand al'Thor — chamou uma voz insistente de mulher, do outro lado

da abertura. A voz de Aviendha.

Na mesma hora, Rand soltou *saidin* e a trama. A abertura fechou-se em um piscar

de olhos, do mesmo modo que se abria. Havia perigos e perigos. Taim o encarou,

curioso. Algumas das Donzelas, veladas e desveladas, também lhe lançaram olhares

ligeiros. Olhares reprovadores. Gesticularam na linguagem das Donzelas. Contudo,

tinham o bom senso de manter a boca fechada — Rand se fizera muito claro a

respeito disso.

Ignorando tanto a curiosidade quanto a desaprovação, Rand avançou pelas árvores

com Taim a seu lado, folhas e galhos mortos se partindo sob seus pés. As Donzelas,

avancando em um largo círculo ao redor deles, não emitiam qualquer

som sob as

botas macias e amarradas até os joelhos. Algumas já tinham feito essa jornada com

Rand, sempre sem nenhum incidente, mas nada jamais as convenceria de que

aquelas matas não eram um bom local para uma emboscada. Antes de Rand, a vida

no Deserto amargara quase três mil anos de ataques, escaramuças, rixas e guerras

que tempo nenhum poderia mitigar.

Sem dúvida havia coisas que ele poderia aprender com Taim — mesmo que não

tantas quanto o sujeito pensara que poderia ensinar —, mas o aprendizado era uma

via de mão dupla, e estava na hora de ele começar a instruir o mais velho.

— Ao meu lado, cedo ou tarde você terá que enfrentar os Abandonados. Talvez

antes da Última Batalha. Provavelmente antes. Você não parece surpreso.

— Ouvi rumores. Alguma hora eles iam se libertar.

Então as notícias estavam se espalhando. Sem querer, Rand abriu um sorriso. As

Aes Sedai não iam gostar. Além de tudo o mais, havia um certo prazer em lhes dar

uma cutucada.

— Você precisa estar pronto para qualquer coisa, a qualquer momento. Trollocs,

Myrddraal, Dragkar, Homens Cinza, *gholam*...

Ele hesitou, acariciando o longo punho da espada com a palma da

mão marcada

pela garça. Não fazia ideia do que era um *gholam*. Lews Therin não tinha se

pronunciado, mas ele sabia que era de lá que vinha o nome. Às vezes alguns

pensamentos fragmentados penetravam a fina barreira entre ele e aquela voz e se

tornavam parte das lembranças de Rand, em geral sem qualquer explicação. Nos

últimos tempos, vinha acontecendo com mais frequência. Não era algo contra o qual

ele pudesse lutar, como a voz. A hesitação durou apenas um instante.

— Não só no norte, perto da Praga. Mas também aqui ou em qualquer lugar. Eles

estão usando os Caminhos.

Era outra coisa que precisava resolver. Mas como? Criados a partir de *saidin*, os

Caminhos tinham se perdido nas trevas, tão maculados quanto *saidin*. As Crias da

Sombra não conseguiam evitar todos os perigos dos Caminhos — a maioria, na

melhor das hipóteses, fatal para os homens —, mas, de alguma maneira, ainda eram

capazes de viajar por eles. Mesmo que percorrer os Caminhos não fosse tão rápido

quanto cruzar um portão, era possível avançar centenas de milhas em um só dia

viajando por eles. Esse problema teria que ficar para depois. Deixara muitos

problemas para depois. Tinha muitos problemas para agora. Irritado, golpeou uma

folha-de-couro com o Cetro do Dragão; fragmentos de folhas largas e resistentes

caíram pelo chão, quase todos marrons.

— Se a criatura já foi mencionada em alguma lenda, pode ter certeza de que virá

nos atacar. Até mesmo Cães das Trevas, embora, nesse caso, se eles fazem mesmo

parte da Caçada Selvagem, pelo menos o Tenebroso não está livre para vir

cavalcando atrás deles. Os Cães sozinhos já são bem ruins. Tem como matar

algumas dessas Crias da Sombra do modo como as lendas instruem, mas outros só

morrem com fogo devastador, disso eu tenho certeza. Você conhece o fogo

devastador? Se não, é uma coisa que não vou ensinar. Se conhece, não use em nada,

só nas Crias da Sombra. E não ensine a ninguém.

“A origem de alguns desses rumores que você ouviu pode ser... não sei bem

como chamá-las, uso a expressão ‘bolhas de mal’. São como aquelas bolhas que às

vezes despontam em algum pântano, só que essas emergem do Tenebroso à medida

que os selos se enfraquecem. Em vez de odores pútridos, são cheias de... de mal.

Ficam pairando pelo Padrão até estourar, então, quando estouram, qualquer coisa

pode acontecer. Qualquer coisa. Seu próprio reflexo pode pular para fora do espelho

e tentar matá-lo. Pode acreditar.”

Se a ladainha estava deixando Taim preocupado, ele não demonstrou.
Apenas

respondeu:

— Eu já estive na Praga, já matei Trollocs e Myrddraal. — Ele afastou um galho

baixo do caminho e segurou-o para que Rand passasse. — Nunca ouvi falar nesse tal

de fogo devastador, mas se um Cão das Trevas vier atrás de mim, darei um jeito de

matá-lo.

— Bom — respondeu Rand, tanto sobre a ignorância de Taim quanto à autoconfiança. O fogo devastador era um fragmento de conhecimento que Rand não

se importaria de ver desaparecer do mundo. — Com sorte, você não vai encontrar

nada disso por aqui, mas nunca dá para ter certeza.

A mata de súbito terminou e deu lugar a uma fazenda, com uma ampla casa de

dois andares e telhado de palha, a construção desgastada pelo tempo, fumaça

subindo de uma das chaminés e um grande celeiro meio inclinado. O dia ali não

estava mais fresco do que na cidade a algumas milhas de distância, o sol, não menos

escaldante. Galinhas ciscavam, duas vacas pardas ruminavam em um cercadinho de

ripas, um rebanho de cabras pretas amarradas se ocupava em arrancar as folhas dos

arbustos ao alcance e uma carroça de rodas altas jazia à sombra do celeiro, mas o

lugar não parecia uma fazenda. Não havia campo à vista: o entorno era todo ocupado

por florestas, cortadas apenas pelo sinuoso caminho de terra batida que se estendia

para o norte, usado para as raras excursões até a cidade. E havia gente demais.

Quatro mulheres, todas de meia-idade exceto por uma, penduravam roupas

lavadas em um par de varais, e uma dezena de crianças, nenhuma com mais de nove

ou dez anos, brincava entre as galinhas. Também havia homens circulando por ali, a

maioria parecendo ocupada. Vinte e sete, ainda que fosse exagero chamar alguns

deles de homens. Eben Hopwil, o magrelo que puxava um balde de água de dentro

do poço, alegava ter vinte anos, mas devia ter quatro ou cinco a menos. O que mais

se via no garoto eram o nariz e as orelhas. Fedwin Morr, um dos três sujeitos suados

que trocavam a palha velha do teto, era bem mais desenvolvido e tinha bem menos

espinhas, mas sem dúvida não era mais velho. Mais da metade dos homens tinha

apenas três ou quatro anos a mais do que esses dois. Rand quase mandara alguns de

volta para casa — pelo menos Eben e Fedwin, mesmo a Torre Branca aceitando

noviças tão jovens quanto eles, às vezes até mais. Em algumas cabeças já dava para

ver fios grisalhos entre os cabelos escuros, e Damer Flinn, de rosto enrugado,

empunhando um galho descascado em frente ao celeiro para demonstrar a dois

rapazes como se usava uma espada, mancava e exibia apenas uma franjinha fina de

cabelos brancos. Damer integrara a Guarda da Rainha até ser atingido na coxa por

uma lança murandiana. Não era um grande espadachim, mas parecia ter competência

para ensinar os outros a não acertarem o próprio pé. A maioria dos homens era de

Andor, alguns poucos cairhienos. Ainda não havia nenhum de Tear, embora a anistia

também tivesse sido proclamada por lá. Levaria algum tempo para que chegasse

gente de tão longe.

Damer foi o primeiro a reparar nas Donzelas. Ele deitou o graveto e dirigiu a

atenção dos pupilos a Rand. Então Eben soltou um berro e largou o balde, se

molhando todo, e todos dispararam, atabalhoados, gritando avisos em direção à casa,

e se amontoaram atrás de Damer, ansiosos. Mais duas mulheres de avental saíram da

casa, o rosto vermelho por conta dos fogões, e ajudaram as outras a juntar as

crianças atrás dos homens.

— Lá estão eles — explicou Rand. — Você tem quase metade de um dia. Quantos

consegue testar? Quero saber quem tem condições de ser treinado quanto antes.

— Este bando foi tirado do fundo de um... — começou a dizer Taim,

desdenhoso,

então parou no meio do pátio da fazenda, encarando Rand. Galinhas ciscavam em

volta de seus pés. — Você não testou nenhum? Por quê, em nome da...? Você não

sabe, não é? Sabe Viajar, mas não sabe testar alguém para detectar o talento.

— Alguns não querem canalizar. — Rand aliviou a força com que agarrava o

punho da espada. Detestava admitir as lacunas em seu conhecimento àquele homem.

— Alguns só pensaram na chance de ter glória, riqueza ou poder. Mas quero

qualquer homem que tenha condições de aprender, sejam lá quais forem as

motivações.

Os alunos — os homens que seriam alunos —, parados diante do celeiro,

observavam Rand e Taim com o que quase poderia ser considerado calma. Afinal de

contas, todos tinham ido a Caemlyn na esperança de aprender com o Dragão

Renascido ou crendo que aprenderiam. Eram as Donzelas, dispostas em círculo ao

redor da fazenda e investigando a casa e o celeiro, que lhes atraíam a atenção, em

uma espécie de fascínio cauteloso e até mesmo apreensivo. As mulheres agarravam

as crianças às saias, o olhar fixo em Rand e Taim e uma variedade de expressões nos

rostos, desde ar impassível até mordidas ansiosas nos lábios.

— Venha — declarou Rand. — Está na hora de conhecer seus alunos.

Taim hesitou.

— É mesmo só para isso que você me quer? Para tentar ensinar a essa escória

deprimente? Isso se for possível ensinar a algum deles. Quantos você realmente acha

que vai encontrar em um grupo que simplesmente veio vagando até você?

— Isso é importante, Taim. Eu mesmo faria, se pudesse, se tivesse tempo. — O

tempo era sempre crucial, estava sempre faltando. E ele mesmo admitira, por mais

que lhe fosse penoso. Rand percebia que não gostava muito de Taim, mas não era

obrigado a gostar. Não ficou esperando e, depois de um instante, o outro o alcançou

com passos compridos. — Você falou em confiança. Estou confiando em você para

isso. — *Não confie!*, vociferou Lews Therin, de seu recôndito obscuro. *Nunca confie*

em ninguém! Confiança traz a morte! — Teste os rapazes e comece as aulas assim

que descobrir quem é capaz de aprender.

— Como o Lorde Dragão desejar — murmurou Taim, irônico, quando chegaram

ao grupo que os aguardava.

Foram saudados com medidas e reverências, nenhuma muito polida.

— Este é Mazrim Taim — anunciou Rand. Queixos caíram e olhos se arregalaram, naturalmente. Alguns dos mais jovens os encararam como se achassem

que ele e Taim estavam ali para lutar, uns poucos pareciam ansiosos para assistir. —

Apresentem-se a ele. A partir de hoje, ele será seu instrutor.

Taim lançou a Rand um olhar frio enquanto os alunos foram se agrupando

devagar em torno dele e começaram a se apresentar.

Na verdade, as reações foram variadas. Fedwin avançou com avidez, abrindo

caminho até a frente, logo ao lado de Damer, enquanto Eben permaneceu atrás, com

o rosto pálido. Os outros estavam divididos, hesitantes, indecisos, mas por fim foram

se pronunciando. A declaração de Rand punha um ponto final em semanas de espera

para alguns daqueles homens, talvez em anos de sonhos. Um novo paradigma

começava naquele momento, um que lhes permitiria canalizar, fossem quais fossem

as implicações.

Um sujeito troncudo de olhos escuros, seis ou sete anos mais velho que Rand,

ignorou Taim e afastou-se dos outros. Vestido em um casaco bruto de fazendeiro,

Jur Grady parou diante de Rand, remexendo os pés e retorcendo um quepe de tecido

nas mãos ásperas. Encarava o quepe e o chão sob as botas gastas, só de vez em

quando erguendo os olhos para Rand.

— É... milorde Dragão, eu andei pensando... é... meu pai está cuidando do meu

terreno, um bom pedaço de terra, e se o córrego não secar ainda vai dar uma safra,

isso se chover, e... e... — Ele esmagou o quepe, então endireitou-o outra vez, com

cuidado. — Estava pensando em voltar para casa.

As mulheres não estavam agrupadas em volta de Taim. Agarravam as crianças e

observavam, em uma fileira silenciosa de olhos angustiados. A mais jovem, uma

moça roliça de cabelos claros, com um garoto de quatro anos brincando com seus

dedos, era Sora Grady. Aquelas mulheres estavam ali acompanhando os maridos,

mas Rand suspeitava de que metade das conversas entre os casais eventualmente

mencionasse a partida. Cinco homens já tinham ido embora, todos casados, ainda

que nenhum tivesse dado o casamento como justificativa. Que mulher ficaria

tranquila vendo o marido esperar para aprender a canalizar? Deveria ser como vê-lo

na fila para cometer suicídio.

Alguns diriam que aquele não era um lugar para famílias, embora muito

provavelmente esses mesmos diriam que os homens também não deveriam estar ali.

Na opinião de Rand, as Aes Sedai haviam cometido um erro se fechando para o

mundo. Poucos adentravam a Torre Branca além das Aes Sedai, as mulheres que

queriam ser Aes Sedai e as pessoas que as serviam. Apenas um

punhado ia até lá em

busca de ajuda e só fazia isso em circunstâncias extremas. Quando as Aes Sedai

saíam da Torre, a maioria mantinha distância do povo — e algumas nunca saíam.

Para as Aes Sedai, as pessoas eram peças de um jogo e o mundo era o tabuleiro, não

um lugar onde viver. Para elas, apenas a Torre Branca era real. Nenhum homem

conseguiria esquecer o mundo e as pessoas comuns quando tinha a própria família

diante de si.

Aquilo só precisava durar até Tarmon Gai'don — quanto tempo? Um ano? Dois?

—, mas a questão era se duraria até lá. De alguma forma, duraria. Ele faria durar. As

famílias eram, para os homens, uma lembrança de por que lutavam.

Os olhos de Sora estavam cravados em Rand.

— Vá, se quiser — respondeu a Jur. — Você pode ir embora a qualquer momento

antes que comece a aprender a canalizar. Depois que der esse passo, terá se tornado

o mesmo que um soldado. Você sabe que vamos precisar de todos os soldados que

pudermos encontrar antes da Última Batalha, Jur. A Sombra vai arrebanhar novos

Senhores do Medo prontos para canalizar, pode contar com isso. Mas a escolha é

sua. Talvez você consiga ficar de fora lá na sua fazenda, até acabar. Deve haver

alguns lugares no mundo que ficarão a salvo do que está por vir. Espero. De todo

modo, o restante de nós vai fazer o possível para preservar o máximo de locais que

der. Mas você podia ao menos dizer seu nome a Taim. Seria uma vergonha ir

embora antes de descobrir se tem condições de aprender.

Evitando os olhos de Sora, Rand deu as costas para Jur, que parecia confuso. *E*

você recrimina as Aes Sedai por manipular os outros, pensou com amargura. Fazia

o que tinha de fazer.

Taim ainda ouvia os nomes do grupo, continuando a lançar olhares irritados mal

contidos a Rand. De súbito, a paciência dele se esgotou.

— Já chega disso. Posso pegar os nomes depois, dos que ainda estiverem aqui

amanhã. Quem é o primeiro a ser testado? — Na mesma rapidez, os homens

congelaram a língua. Alguns o encaravam sem nem piscar os olhos. Taim apontou

para Damer. — É melhor já tirar você do caminho. Venha cá.

Damer não se moveu até Taim o agarrar pelo braço e o puxar, afastando-o um

pouco dos outros.

Observando, Rand também se aproximou.

— Quanto mais Poder for usado — ia explicando Taim, a Damer —, mais fácil

detectar a ressonância. Por outro lado, uma ressonância grande demais pode lhe

trazer um desconforto na cabeça, ou talvez até matá-lo, então vou começar de leve.

Damer piscou os olhos. Não entendera quase nada, exceto talvez a parte sobre

desconforto e morte. Rand, porém, sabia que a explicação tinha sido para ele. Taim

estava escondendo sua ignorância dos outros.

De súbito, uma pequenina chama tremulante irrompeu no ar. Tinha uma polegada

de altura e estava equidistante dos três homens. Rand sentia o Poder em Taim, ainda

que apenas um pouquinho, e via o fino fluxo de Fogo que o homem urdia. A chama

trouxe um alívio surpreendente, era prova de que Taim podia mesmo canalizar. As

dúvidas iniciais de Bashere deviam ter ficado em sua mente.

— Concentre-se na chama — disse Taim. — Você é a chama. O mundo é a

chama. Não existe nada além da chama.

— Eu não sinto nada, só um princípio de dor nos olhos — resmungou Damer,

enxugando o suor do rosto com o dorso da mão bruta e calejada.

— Concentre-se! — vociferou Taim. — Não fale, não pense, não se mexa.

Concentre-se.

Damer aquiesceu, depois piscou os olhos para a carranca de Taim e congelou,

encarando a chama diminuta em silêncio.

Taim estava concentrado, mas Rand não sabia ao certo em quê. Ele parecia

escutar. Uma ressonância, ao que dissera. Rand manteve o foco, escutando, tentando

sentir... alguma coisa.

Minutos se passaram sem que ninguém movesse um só músculo. Cinco, seis, sete

minutos intermináveis, e Damer praticamente sem piscar. O velho respirava com

dificuldade, suando tanto que parecia que tinham derramado um balde de água em

sua cabeça. Dez minutos.

De repente, Rand sentiu. A ressonância. Uma coisa pequena, um eco do

minúsculo fluxo de Poder que pulsava em Taim, mas parecia vir de Damer. Só podia

ser a ressonância que Taim mencionara, mas ele não se mexeu. Talvez houvesse

mais, ou talvez aquilo não fosse o que Rand imaginava.

Mais um ou dois minutos se passaram, e por fim Taim assentiu, liberando a chama

e *saidin*.

— Você é capaz de aprender... Damer, não é? — Ele parecia surpreso. Sem

dúvida não imaginara que o primeiríssimo homem passaria no teste, ainda mais um

velho quase careca. Damer abriu um sorriso fraco, parecia prestes a vomitar. —

Acho que eu não deveria me surpreender se todos esses simplórios passarem no teste

— murmurou o homem de nariz de gavião, olhando para Rand. — Você parece ter a

sorte de dez homens juntos.

Botas se remexeram, sem jeito, entre o restante dos “simplórios”. Sem dúvida

alguns já desejavam não passar. Não podiam recuar agora, mas, se falhassem no

teste, poderiam voltar para casa sabendo que tinham tentado, sem precisar encarar o

que viesse caso passassem.

O próprio Rand ficou um pouco surpreso. Não houvera nada além daquele eco, no

fim das contas, e ele sentira antes de Taim, que sabia o que procurava.

— No devido tempo, vamos descobrir qual é a extensão da sua força — explicou

Taim, enquanto Damer retornava para perto dos outros. O grupo se afastou um

pouco dele, sem encará-lo. — Talvez você tenha tanta força quanto eu ou até quanto

o Lorde Dragão aqui. — O vão em torno de Damer se ampliou mais um pouco. —

Só o tempo dirá. Preste atenção enquanto eu testo os outros. Se for esperto, vai

conseguir pescar o jeito daqui a mais quatro ou cinco testes. — Uma rápida olhadela

para Rand informou que o comentário tinha sido para ele. — Pois bem, quem é o

próximo? — Ninguém se mexeu. O saldaeano alisou o queixo e apontou para um

sujeito desajeitado com bem mais de trinta anos, um tecelão de cabelos escuros

chamado Kely Huldin — Você. — Na fileira de mulheres, a esposa de Kely soltou

um gemido de lamento.

Vinte e seis outros testes tomariam o restante da tarde, talvez até mais. Com ou

sem calor, os dias estavam ficando cada vez mais curtos, como se o inverno de fato

estivesse chegando, e um teste malsucedido levava alguns minutos a mais do que um

bem-sucedido, só por garantia. Bashere estava aguardando, e ainda havia Weiramon

para visitar, e...

— Continue aí — disse Rand a Taim. — Volto amanhã para ver como foram as

coisas. Lembre-se da confiança que estou depositando em você. — *Não confie nele,*

ganiu Lews Therin. A voz parecia vir de alguma figura cabriolante nas profundezas

de sua mente. *Não confie. Confiança leva à morte. Mate o homem. Mate todos eles.*

Ah, morrer e acabar, acabar com tudo, dormir sem sonhos, sonhos de Ilyena, me

perdoe, Ilyena, não há perdão, apenas a morte, mereço morrer... Rand deu as costas

para o grupo antes que seu rosto denunciasse a luta interna. — Amanhã. Se eu puder.

Taim o alcançou antes que ele e as Donzelas chegassem à metade do caminho de

volta até as árvores.

— Se ficar mais um pouco, pode aprender a fazer o teste. — Havia um toque de

exasperação em sua voz. — Isso se eu encontrar mais uns quatro ou cinco, de todo

modo, o que não vai me surpreender. Você parece ter a sorte do próprio Tenebroso.

Imagino que queira aprender. A não ser que esteja pretendendo largar tudo nas

minhas costas. Estou lhe avisando, vai levar tempo. Por mais que eu pressione, esse

Damer ainda vai levar dias, semanas, antes de sequer conseguir sentir *saidin*, que

dirá tocá-lo. Só tocar, sem canalizar nem uma centelha.

— Eu já entendi como funciona o teste — respondeu Rand. — Não foi difícil. E

de fato pretendo largar tudo nas suas costas, até você conseguir encontrar outros e

ensinar a eles o suficiente para que possam ajudá-lo a procurar mais outros. Lembre-

se do que eu disse, Taim. Seja rápido em ensinar a eles.

Havia perigos naquilo. Aprender a canalizar a metade feminina da Fonte

Verdadeira era como aprender a aceitá-la, pelo que as mulheres tinham dito a Rand,

aprender a submeter-se a algo que prestaria obediência a quem se entregasse. Era

como guiar uma força colossal que só faria mal a quem abusasse de seu uso. Elayne

e Egwene viam aquilo como natural. Para Rand, era quase impossível de acreditar.

Canalizar a metade masculina era uma guerra constante por controle e sobrevivência. Se avançasse além da conta ou muito depressa, viraria um rapazinho

atirado sem roupas em uma batalha intensa contra inimigos armados. Mesmo depois

de aprender, era possível acabar destruído, morto ou com a mente obliterada por

saidin — isso se simplesmente não acabasse exaurindo a própria habilidade de

canalizar. O mesmo preço que as Aes Sedai cobravam de um homem capaz de

canalizar que capturassem poderia ser cobrado do próprio canalizador em um

instante de descuido, em um instante em que baixasse a guarda. Não que alguns

daqueles homens diante do celeiro não estivessem dispostos a pagar esse preço

naquele exato minuto. A esposa de Kely Huldin, com seu rosto redondo, agarrava o

marido pela gola da camisa, falando com urgência. Kely balançava a cabeça,

indeciso, e os outros homens casados encaravam suas esposas, preocupados. Mas

estavam diante de uma guerra, e as guerras eram feitas de baixas, mesmo entre os

casados. Luz, Rand estava ficando calejado a ponto de dar nojo a uma cabra. Virou

um pouco o corpo para não ter que ver os olhos de Sora Grady.

— Vá avançando por onde der — disse a Taim. — Ensine o máximo possível no

menor tempo possível.

Taim comprimiu os lábios de leve ao ouvir as primeiras palavras de Rand.

— O máximo possível — repetiu, impassível. — Mas o quê? Coisas que possam

ser usadas como armas, suponho.

— Armas — concordou Rand. Todos os homens tinham que ser armas, inclusive

ele próprio. Será que uma arma poderia ter família? Poderia se permitir ser amada?

Ora, *de onde* ele tirara aquela ideia? — O máximo que puderem aprender, mas

principalmente isso.

Havia tão poucos homens. Vinte e sete. E se houvesse pelo menos mais um além

de Damer capaz de aprender, Rand agradeceria por ser *ta'veren* e ter atraído o

homem para si. As Aes Sedai apenas capturavam e amansavam homens de fato

capazes de canalizar, mas tinham se aprimorado bastante ao longo dos últimos três

mil anos. Ao que parecia, algumas acreditavam estar tendo sucesso em algo que

jamais pretenderam: apartar da humanidade a habilidade de canalizar através da

seleção. A Torre Branca fora construída para abrigar três mil Aes Sedai

constantemente — muito mais, se todas fossem convocadas de uma vez, com

aposentos para abrigar centenas de meninas em treinamento. Contudo, antes da cisão

havia apenas quarenta e tantas noviças na Torre, e menos de cinquenta Aceitas.

— Preciso de mais gente, Taim. Dê um jeito de encontrar mais. Ensine a eles

como fazer o teste, antes de qualquer outra coisa.

— Pretende chegar ao número das Aes Sedai, é? — O sujeito parecia impassível,

mesmo considerando que aquele poderia mesmo ser o plano de Rand.
Seus olhos

escuros e oblíquos mantiveram-se firmes.

— Quantas Aes Sedai existem ao todo? Mil?

— Menos que isso, acho — respondeu Taim, cauteloso.

Eliminaram os canalizadores da raça humana. Queimaram todos por serem quem

eram, mesmo que com motivo.

— Bom, haverá inimigos suficientes, de todo modo. — O que não faltava eram

inimigos. O Tenebroso, os Abandonados, Crias da Sombra, Amigos das Trevas. Os

Mantos-brancos, sem dúvida, e muito provavelmente algumas Aes Sedai, as que

pertenciam à Ajah Negra e as que queriam controlá-lo. Essas últimas ele contava

como inimigas, por mais que elas não se considerassem assim. Decerto haveria

Senhores do Medo, bem como ele afirmara. E mais. Inimigos o bastante para

destruir todos os seus planos, para destruir tudo. Apertou o cabo entalhado do Cetro

do Dragão. O tempo era o maior inimigo, o que ele tinha a menor chance de

derrotar. — Eu vou derrotá-los, Taim. Todos eles. Eles acham que podem destruir

tudo. É sempre destruindo, nunca construindo! Eu vou construir alguma coisa, vou

deixar um legado. Seja lá o que aconteça, isso eu farei! Vou derrotar o Tenebroso. E

vou purificar *saidin*, para que os homens não tenham medo de enlouquecer, para que

o mundo não precise temer a canalização dos homens. Eu vou...

A borla verde e branca balançou quando ele sacudiu a lança, nervoso. Era

impossível. O calor e a terra zombavam dele. Algumas coisas precisavam ser feitas,

mas era tudo impossível. O máximo que qualquer um deles poderia esperar era

ganhar e morrer antes de enlouquecer, e nem isso ele sabia como controlar. Só podia

continuar tentando. Mas tinha que haver um meio. Se de fato existisse algo parecido

com justiça, tinha que haver um meio.

— Purificar *saidin* — murmurou Taim. — Acho que isso iria requerer mais poder

do que você imagina. — Ele fechou os olhos, pensativo. — Ouvi falar de coisas

chamadas *sa'angreal*. Você tem algum que acha que poderia...

— Não importa o que eu tenho ou deixo de ter — retrucou Rand, com rudeza. —

Ensine os que forem capazes de aprender, Taim. Depois encontre mais e os ensine

também. O Tenebroso não vai esperar. Luz! Não temos tempo, Taim, mas temos que

dar um jeito. Nós temos!

— Vou fazer o possível. Só não espere que Damer seja capaz de derrubar as

muralhas de uma cidade amanhã de manhã.

Rand hesitou.

— Taim? Fique de olho em qualquer aluno que comece a aprender depressa

demais. Me avise imediatamente. Um dos Abandonados pode tentar se infiltrar entre

os estudantes.

— Um dos Abandonados! — Saiu quase como um sussurro. Pela segunda vez,

Taim parecia abalado, agora de fato bastante surpreso. — Por que é que...?

— Qual é a extensão da sua força? — interrompeu Rand. — Agarre *saidin*.

Agora. O máximo que conseguir.

Por um instante, Taim simplesmente encarou Rand, inexpressivo. Então o Poder

fluiu por dentro dele. Não havia brilho, tal como as mulheres viam umas em torno

das outras, apenas uma sensação de força e ameaça, mas Rand conseguia senti-la

muito bem e avaliá-la. Taim continha o suficiente de *saidin* para destruir a fazenda e

todos ali em questão de segundos, o suficiente para devastar tudo até onde a vista

alcançasse. Não era muito menos do que o próprio Rand era capaz de manejar

sozinho. Por outro lado, o homem podia estar se contendo. Não aparentava estar se

esforçando. Ele talvez não quisesse exibir toda a sua força. Como poderia prever a

reação de Rand?

A sensação de *saidin* se esvaneceu de Taim, e, pela primeira vez, Rand percebeu

que ele próprio estava tomado pela metade masculina da Fonte, uma torrente

indomável feita de todos os fios que ele conseguia puxar do *angreal* guardado em

seu bolso. *Mate-o*, murmurou Lews Therin. *Mate-o agora mesmo!* Por um instante,

o choque o arrebatou. O vazio que o rodeava cedeu um pouco, *saidin* se intensificou

e avolumou, e ele quase não conseguiu soltar o Poder antes de ser esmagado junto

com o Vazio. Quem agarrara a Fonte, ele ou Lews Therin? *Mate-o! Mate-o!*

Em um assomo de fúria, Rand deu um berro dentro da própria cabeça: *Cale a*

boca! Para sua própria surpresa, a outra voz desapareceu.

Suor escorria por seu rosto, e ele o limpou com a mão quase trêmula. Ele próprio

agarrara a Fonte, só podia ter sido isso. A voz de um homem morto não poderia ter

feito uma coisa dessas. Inconscientemente, não confiava em Taim manejando

tamanha quantidade de *saidin* enquanto ele permanecia indefeso. Era isso.

— Só fique de olho em quem aprender depressa demais — murmurou.

Talvez estivesse revelando demais a Taim, mas as pessoas tinham o direito de

saber o que poderiam vir a enfrentar. Quanto precisassem saber. Não ousava deixar

que Taim ou qualquer um descobrisse onde ele aprendera a maior parte das coisas

que sabia. Se alguém descobrisse que ele mantivera um dos

Abandonados

prisioneiro e permitira que ele fugisse... os rumores jamais mencionariam a parte do

prisioneiro. Os Mantos-brancos alegavam que ele era um falso Dragão e muito

provavelmente também Amigo das Trevas e diziam o mesmo de qualquer um que

tocasse o Poder Único. Se o mundo soubesse a respeito de Asmodean, muita gente

mais poderia acreditar nisso. Pouco importava que Rand tivesse precisado de um

homem para instruí-lo com *saidin*. Nenhuma mulher podia fazer isso, não mais do

que podiam ver suas tessituras, ou ele as delas. *Os homens sempre acreditam no*

pior, e as mulheres sempre acreditam que o pior esconde algo ainda mais terrível.

Era um antigo ditado de Dois Rios. Se Asmodean aparecesse outra vez, Rand lidaria

com o homem sozinho.

— Só fique de olho. Discretamente.

— Como milorde Dragão desejar. — Taim chegou a fazer uma leve mesura antes

de sair outra vez pela fazenda.

Rand percebeu que as Donzelas o encaravam. Enaila, Somara, Sulin, Jalani e

todas as outras tinham o olhar cheio de preocupação. Elas aceitavam de pronto quase

tudo o que ele fazia, até as coisas que ele hesitava em fazer e as decisões que

deixavam os outros povos sobressaltados. Mas ficavam chocadas com coisas que ele

nem compreendia. Elas aceitavam e *se preocupavam* com ele.

— Você não pode se cansar — murmurou Somara.

Rand a encarou e a mulher de cabelos louros enrubesceu. Aquele poderia até não

ser considerado um lugar público, já que Taim estava longe demais para ouvir, mas

mesmo assim aquilo estava passando dos limites.

Enaila, contudo, puxou uma *shoufa* reserva do cinto e entregou-a a ele.

— Não é bom para você pegar sol demais — murmurou a mulher.

— Ele precisa de uma esposa para vigiá-lo — resmungou uma das outras, Rand

não soube dizer qual.

Nem mesmo Somara e Enaila diziam essas coisas na frente dele. E Rand sabia a

quem se referiam: Aviendha. Quem melhor para se casar com o filho de uma

Donzela do que uma Donzela que largara a lança para se tornar uma Sábia?

Suprimindo um lampejo de raiva, Rand enrolou a *shoufa* na cabeça e se sentiu

grato. O sol estava mesmo escaldante e o tecido marrom-acinzentado bloqueava uma

quantidade surpreendente de calor. O suor empapou o pedaço de pano na mesma

hora. Seria possível que Taim conhecesse algum truque como o das Aes Sedai para

não se deixar afetar pelo calor e pelo frio? Saldaea estava muito longe ao norte e, no

entanto, tal qual os Aiel, o homem quase não transpirava. Apesar da gratidão, o que

Rand disse foi:

— O que eu não posso é ficar aqui parado perdendo tempo.

— Perdendo tempo? — indagou a jovem Jalani, em um tom inocente demais,

desamarrando a *shoufa* e expondo momentaneamente os cabelos curtos, quase tão

ruivos quanto os de Enaila. — Como pode o *Car'a'carn* estar perdendo tempo? Da

última vez que suei tanto quanto ele, tinha corrido do nascer ao cair do dia.

Sorrisos e gargalhadas irromperam entre as outras Donzelas. Maira, uma ruiva,

pelo menos dez anos mais velha do que Rand, se acabava de rir, dando tapas na

própria coxa, enquanto Desora, uma loura, tentava esconder o riso com a mão, como

de costume. Liah, com sua cicatriz no rosto, pulava sem parar, enquanto Sulin quase

se curvava de tanto rir. O humor Aiel era estranho, para dizer o mínimo. Os heróis

das histórias não tinham sofrido chacotas, nem mesmo estranhas como aquela e

Rand duvidava de que coisa parecida acontecesse com reis. Parte da questão era que

um chefe Aiel, mesmo o *Car'a'carn*, não era um rei. Sob muitos aspectos, ele até

podia ter a autoridade de um, mas qualquer Aiel podia ficar cara a cara com um

chefe e dizer exatamente o que pensava. A maior parte da questão, no

entanto, era

outra.

Apesar de ter sido criado em Dois Rios, por Tam al'Thor e pela esposa de Tam,

Kari, que morrera quando Rand tinha cinco anos, sua verdadeira mãe, fora uma

Donzela da Lança que morrera dando à luz nas encostas do Monte do Dragão. Não

uma Aiel, embora o pai tivesse sido, mas ainda assim uma Donzela. Dessa forma,

Rand estava sujeito a costumes Aiel mais poderosos que a lei. Não havia como

resistir. Nenhuma Donzela podia se casar e continuar portando a lança, e, a menos

que abrisse mão da lança, qualquer criança que gestasse era entregue pelas Sábias a

outra mulher, de modo que a Donzela jamais sabia que mulher era essa. Havia a

crença de que o filho de uma Donzela trazia sorte, tanto ao nascer quanto a quem o

criasse, embora ninguém além da nova mãe e seu marido soubessem que o filho não

era dela. Mais ia além disso: a Profecia Aiel de Rhuidean dizia que o *Car'a'carn*

seria gerado daquela forma, mas criado por aguacentos. Para as Donzelas, Rand

representava o retorno de todas aquelas crianças: o primeiro filho de uma Donzela a

ser conhecido por todos.

A maioria, fossem mais velhas que Sulin ou mais jovens que Jalani, o acolhia

como a um irmão perdido por muitos anos. Em público, dispensavam-lhe o mesmo

respeito que a qualquer chefe, por menor que parecesse. Sozinho com elas, no

entanto, Rand acabava sendo tratado como irmão, ainda que a posição de irmão mais

novo ou mais velho não tivesse nada a ver com a idade de cada mulher. Ele se

contentava em ver que poucas seguiam o mesmo caminho de Enaila e Somara: em

público ou não, era muito irritante ter uma mulher da idade dele se comportando

como sua mãe.

— Então temos que ir para um lugar onde eu não vá suar — respondeu,

conseguindo abrir um sorriso.

Devia isso a elas. Algumas já tinham morrido por ele e mais morreriam, antes que

tudo terminasse. As Donzelas logo reprimiram as risadas, a postos para ir aonde o

Car'a'carn mandasse, a postos para defendê-lo.

A questão era: para onde ir? Bashere aguardava sua visita calculadamente fortuita,

mas se Aviendha tivesse ouvido a respeito, poderia muito bem estar com o

Marechal-General. Rand andava evitando a mulher o máximo que podia, sobretudo

se houvesse o risco de ficarem a sós. Porque queria ficar sozinho com ela. Até então,

conseguira esconder isso das Donzelas. Se elas tivessem a menor suspeita que fosse,

o atormentariam pelo resto da vida. O fato era que ele *precisava* manter distância

dela. Rand levava a morte consigo, feito uma doença contagiosa. Era um alvo e as

pessoas que o cercavam acabavam morrendo. Precisara endurecer o coração para

permitir que as Donzelas morressem — que a Luz o queimasse para sempre por

aquela promessa! —, mas Aviendha abria mão da lança para estudar com as Sábias.

Rand não sabia ao certo o que sentia por ela, só sabia que se Aviendha morresse por

sua causa algo dentro dele morreria também. Era uma sorte que ela não tivesse

qualquer envolvimento emocional com ele. Só tentava ficar por perto porque as

Sábias queriam que ela o vigiasse e porque queria vigiá-lo para Elayne. Nenhum dos

motivos facilitava a situação para ele — era exatamente o oposto.

Na verdade, não era difícil decidir. Bashere teria que esperar, só assim ele

conseguiria evitar Aviendha. E a visita a Weiramon, planejada no Palácio para que

parecesse uma tentativa de manter segredo, ocorreria primeiro. A vontade de fugir

era um motivo tolo para tomar uma decisão, mas o que podia fazer um homem

diante da insensatez de uma mulher? Inverter as obrigações poderia acabar sendo a

melhor decisão. As pessoas que ele queria que descobrissem sobre o encontro

secreto descobririam de qualquer forma — e talvez fosse justamente pela inversão

que acabassem acreditando no que Rand queria que acreditassem, posto que tudo de

fato seria feito às escondidas. Talvez a vistoria com Bashere e os homens de Saldaea

parecesse ainda mais despropositada, já que ele deixaria para fazê-la no fim do dia.

Isso. Manobras sobre manobras, um comportamento digno de qualquer cairhieno

jogando o Jogo das Casas.

Agarrando *saidin*, Rand abriu um portão — a nesga de luz em pleno ar foi se

alargando, revelando o interior de uma grande tenda com listras verdes, vazia exceto

por um tapete colorido bordado com uma padronagem tairena em forma de

labirinto. Não havia chance de sofrerem uma emboscada naquela tenda, menos ainda

do que nos entornos da fazenda, mas Enaila, Maira e as outras se velaram e

avançaram com pressa. Rand fez uma pausa e olhou para trás.

Kely Huldin caminhava em direção à casa de fazenda, a cabeça baixa, a esposa

conduzindo os dois filhos a seu lado. A mulher afagava o ombro de Kely, como se

tentando consolá-lo, mas mesmo do outro lado do terreno, Rand distinguia a

expressão radiante dela. Estava claro que Kely falhara no teste. Taim estava diante

de Jur Grady, ambos encarando uma minúscula chama que tremeluzia

entre os dois.

Sora Grady, com o filho agarrado junto ao seio, não olhava para o marido. Ainda

mantinha os olhos cravados em Rand. *Os olhos de uma mulher cortam mais que*

uma faca — outro ditado de Dois Rios.

Ele adentrou a abertura, aguardou o restante das Donzelas fazerem a travessia e

soltou a Fonte. Fazia o que tinha que fazer.



CAPÍTULO 4

SENSO DE HUMOR

O interior pouco iluminado da tenda estava quente o bastante para fazer Caemlyn,

cerca de oitocentas milhas ao norte, parecer fresca e agradável. Ao erguer a aba de

tecido da entrada, Rand teve que piscar para acostumar os olhos. O sol o atingiu

como um martelo e ele ficou feliz por estar usando a *shoufa*.

Uma réplica do estandarte do Dragão pendia no alto da tenda de listras verdes,

bem ao lado de um estandarte carmesim que ostentava o antigo símbolo dos Aes

Sedai. Outras tendas se estendiam pela planície de elevações suaves, onde quase

todos os tufo de grama dura tinham se incorporado à terra, depois de pisoteados por

tantos cascos e botas. Havia tendas de topo pontudo e tendas de topo plano, além de

muita cor. A maioria das tendas era inteiramente branca — ou pelo menos de um

branco sujo —, mas muitas eram listradas ou completamente coloridas e também

havia as cores dos estandartes dos lordes. Havia um exército reunido ali, na fronteira

de Tear, às margens da Planície de Maredo — milhares e milhares de soldados

vindos de Tear e Cairhien. Os Aiel haviam erguido os próprios acampamentos, bem

longe dos aguacentos. Havia cinco Aiel para cada taireno e cairhieno e mais

chegavam a cada dia. Um exército capaz de fazer Illian tremer na base, um bando já

com força suficiente para aniquilar qualquer coisa que cruzasse seu caminho.

Enaila e o restante da guarda dianteira já estavam do lado de fora, os véus

baixados, reunidas com mais de dez homens Aiel. Os Aiel montavam guarda

constante naquela tenda. Vestidos e armados feito as Donzelas, eram todos tão altos

quanto Rand ou ainda mais — leões frente aos leopardos das Donzelas, homens de

rosto duro, curtido pelo sol, com frios olhos azuis, verdes ou cinza. Naquele dia

eram os *Sha'mad Conde*, Andarilhos do Trovão, liderados pelo próprio Roidan, o

chefe da sociedade daquele lado da Muralha do Dragão. As Donzelas carregavam a

honra do *Car'a'carn*, mas cada uma das sociedades de guerreiros exigia fazer sua

parte na guarda de Rand.

Um detalhe do traje de alguns dos homens diferia das roupas das Donzelas.

Metade usava enrolado nas têmporas um tecido carmesim ostentando o antigo

símbolo Aes Sedai, o disco preto e branco logo acima das sobrancelhas. Era uma

novidade, vista pela primeira vez apenas alguns meses antes. Os que usavam a faixa

na cabeça se consideravam *siswai'aman*, que na Língua Antiga queria dizer “As

Lanças do Dragão”. As Lanças que Pertencem ao Dragão, em uma tradução mais

literal. As faixas nas cabeças e seu significado deixavam Rand incomodado, mas

havia pouco que ele pudesse fazer, já que os homens se recusavam até mesmo a

admitir que as usavam. Por que nenhuma Donzela as ostentava — pelo menos

nenhuma que ele tivesse visto —, Rand não fazia ideia. Elas eram quase tão

relutantes em tocar no assunto quanto os homens.

— Vejo você, Rand al'Thor — declarou Roidan, muito sério. Os cabelos de

Roidan eram consideravelmente mais grisalhos do que louros, mas o rosto do

homem de ombros largos poderia servir de martelo ou bigorna a um ferreiro. A

julgar pelas cicatrizes no nariz e nas bochechas, parecia provável que tivesse sido

mesmo usado, e mais de uma vez. Os frios olhos azuis faziam o rosto parecer suave.

Ele evitava olhar para a espada de Rand. — Que o dia lhe traga boa sombra. — A

frase não tinha relação com o sol escaldante ou o céu sem nuvens. Roidan não

parecia transpirar sequer uma gota. Era apenas uma saudação comum ao povo de

uma terra onde o sol era sempre escaldante, e as árvores, raras.

Com o mesmo nível de formalidade, Rand respondeu:

— Vejo você, Roidan. Que o dia lhe traga boa sombra. O Grão-lorde Weiramon

está por aqui?

Roidan indicou com a cabeça um grande pavilhão com as laterais listradas de

vermelho e o teto carmesim, todo circundado por homens portando lanças compridas

apoiadas com precisão, as placas peitorais reluzentes, os casacos de tecido preto e

dourado dos Defensores da Pedra tairenos. Acima, tremulavam as Três Luas

Crescentes de Tear, brancas sobre um fundo vermelho e dourado, e o sol raiado de

Cairhien, dourado sobre um fundo azul, ambos flanqueando o estandarte escarlata de

Rand, os três drapejando ao sabor de uma brisa que mais parecia o bafo de um forno.

— Os aguacentos estão todos lá. — Encarando Rand direto nos olhos, Roidan

acrescentou: — Faz três dias que Bruan não é chamado àquela tenda, Rand al'Thor.

— Bruan era o chefe de clã dos Aiel Nakai, o clã de Roidan. Ambos eram do ramo

do Campo de Sal. — Nem Han, dos Tomanelle, ou Dhearic, dos Reyn. Ou qualquer

outro chefe de clã.

— Vou falar com eles — respondeu Rand. — Pode informar Bruan e os outros de

que estou aqui?

Roidan aquiesceu, solene.

Olhando os homens de esguelha, Enaila inclinou-se para perto de Jalani e

perguntou, em um sussurro que poderia ter sido ouvido claramente a dez passadas de

distância:

— Sabe por que eles são chamados de Andarilhos do Trovão? Porque, mesmo

quando estão parados, a gente fica olhando para o céu procurando os raios.

As Donzelas explodiram em gargalhadas.

Um jovem Andarilho do Trovão deu um salto, chutando a bota alta e macia mais

alto do que a cabeça de Rand. Era bonito, exceto pela cicatriz branca enrugada que

ostentava abaixo da tira de pano preto que cobria o olho que faltava. Ele também

usava a faixa vermelha na cabeça.

— Sabe por que as Donzelas se comunicam por gestos? — gritou, quando atingiu

o ponto mais alto do salto. Ao voltar ao chão, fez uma careta atordoada. Não era

direcionada às Donzelas: o sujeito falava com seus companheiros, ignorando as

mulheres. — Porque mesmo quando não estão falando, elas não conseguem parar de

falar.

Os *Sha'mad Conde* gargalharam tão alto quanto as Donzelas tinham rido.

— Só mesmo os Andarilhos do Trovão veriam honra em vigiar uma tenda vazia

— comentou Enaila, com Jalani, em um tom desapontado, balançando a cabeça. —

Se os *gai'shain* trouxerem canecas vazias da próxima vez que eles pedirem vinho,

com certeza vão ficar mais bêbados do que a gente conseguiria se estivesse bebendo

oosquai.

Parecia que os Andarilhos do Trovão pensavam que Enaila tinha levado a melhor.

O caolho e vários outros ergueram os broquéis de couro de touro na direção dela e

bateram neles com as lanças. A Donzela apenas escutou por um instante, depois

assentiu e foi atrás das outras que seguiam Rand.

Refletindo a respeito do humor Aiel, Rand observava o vasto campo. Os aromas

de comida emergiam de centenas de fogueiras espalhadas — pão assando no carvão,

carne assando em espetos, sopa borbulhando em caldeirões pendurados em tripés.

Soldados comiam bem e bastante sempre que podiam, pois as provisões das

campanhas costumavam ser limitadas. Cada fogueira exalava seus próprios aromas

adocicados — havia mais estrume de boi seco do que lenha para queimar, na

Planície de Maredo.

Havia arqueiros, besteiros e lanceiros pelos arredores, vestidos em seus coletes de

couro com discos de aço costurados ou simplesmente em casacos acolchoados, mas

tanto os nobres tarenos quanto os cairhienos desprezavam andar e enalteciam a

cavalgada, portanto acabavam ficando em evidência, já que estavam montados. Os

tairenos usavam capacetes bojudos com abas, ostentando placas peitorais sobre os

casacos de mangas bufantes de tecido listrado nas cores de seus vários lordes. Os

cairhienos estavam de casacos escuros, com placas peitorais surradas e capacetes em

formato de sino com uma abertura que expunha o rosto. Pequenos estandartes

chamados *con* ficavam presos em bastões curtos às costas de alguns dos homens,

demarcando a nobreza inferior cairhiena, os filhos caçulas e às vezes os baixos

oficiais, embora poucos plebeus cairhienos fossem elevados — e poucos tairenos,

também. As duas nacionalidades não se misturavam. Enquanto os tairenos

costumavam sentar-se esparramados nas selas e sempre dirigir um olhar de desprezo

a qualquer cairhieno que se aproximasse, os nobres cairhienos — de estatura mais

baixa — se sentavam rígidos nas selas, o mais empertigados que podiam, ignorando

completamente a presença tairena. Os dois países haviam travado mais de uma

guerra um contra o outro antes que Rand os obrigasse a cavalgar juntos.

Usando vestimentas rústicas, velhos grisalhos e alguns rapazes recém-saídos da

infância perambulavam em meio às tendas cutucando o chão com varas robustas.

Alguns perseguiam ratos, tentando golpeá-los com um porrete para acrescentá-los

aos demais, já mortos, pendurados no cinturão. Um sujeito narigudo e sem camisa,

usando um colete de couro manchado, com um arco na mão e a aljava na cintura, se

aproximou de uma mesa diante de uma das tendas e depositou no tampo uma

comprida fileira de corvos e gralhas amarradas pelos pés. Recebeu em troca uma

bolsa, entregue pelo taireno sem capacete e aparentemente entediado que estava

sentado do outro lado. Pouca gente tão ao sul acreditava que Myrddraal de fato

usassem ratos, corvos e afins como espões — Luz, exceto pelos que de fato os

havam visto, quase ninguém tão ao sul de fato acreditava em Myrddraal, ou mesmo

Trollocs! —, mas se o Lorde Dragão queria livrar o acampamento dessas criaturas,

todos ficavam satisfeitos em obedecer. Ainda mais considerando que o Lorde

Dragão pagava em prata por cada cadáver.

Muitos vivas se ergueram, claro. Ninguém mais circularia pelo acampamento com

uma escolta de Donzelas da Lança, ainda por cima portando o Cetro do Dragão.

“Que a Luz ilumine o Lorde Dragão!”, “Que a Graça proteja o Lorde Dragão!” e

outras saudações similares foram ouvidas de todos os lados. Muitas, inclusive,

pareciam sinceras, embora fosse difícil afirmar, com os homens gritando a plenos

pulmões. Alguns apenas encaravam a escolta com um olhar temeroso ou davam

meia-volta e cavalgavam para longe, mas não muito depressa. Afinal, não havia

como dizer quando Rand decidiria invocar raios ou partir o chão em dois. Os

homens capazes de canalizar acabavam mesmo loucos e quem poderia saber o que

um homem louco faria, ou quando? Aclamando-o ou não, todos observavam as

Donzelas com desconfiança. Poucos haviam se acostumado a ver mulheres portando

armas feitas para homens. Além do mais, todos sabiam que os Aiel eram tão imprevisíveis

quanto os loucos.

O barulho não foi suficiente para evitar que Rand ouvisse o que as Donzelas

cochichavam.

— Ele tem um ótimo senso de humor. Quem é? — perguntou Enaila.

— Ele se chama Leiran — respondeu Somara. — Um Cosaida Chareen. Você só

gostou do senso de humor dele porque Leiran julgou sua piada melhor que a dele.

Mas o homem parece mesmo ter mãos fortes. — Várias Donzelas disfarçaram as

risadinhas.

— Não achou a piada de Enaila engraçada, Rand al'Thor? — Sulin caminhava ao

lado dele a passos largos. — Você não riu. Nunca ri. Às vezes acho que você não

tem senso de humor.

Rand parou na mesma hora, virando-se para as Donzelas tão de repente que várias

agarraram os véus e olharam em volta, tentando entender o que o assustara. Ele

pigarreou.

— Certa manhã, um velho fazendeiro irritadiço, chamado Hu, encontrou seu

melhor galo no topo de uma árvore muito alta ao lado do laguinho da fazenda e o

bicho não queria descer. Então ele foi pedir ajuda a seu vizinho, Wil. Os dois nunca

tinham se dado bem, mas Wil por fim concordou em ajudar. Eles foram até o

laguinho e começaram a subir a árvore, Hu primeiro. Os dois pretendiam assustar o

galo para fazê-lo descer, mas a ave simplesmente voava cada vez mais alto, subindo

de galho em galho. Então, quando Hu e o galo já estavam quase no topo da árvore,

com Wil logo atrás, os dois ouviram um estalo bem alto. O galho sob os pés do

velho fazendeiro tinha se partido e lá foi ele laguinho adentro, espalhando água e

lama por todo lado. Wil desceu o mais depressa possível, todo desajeitado. Da

margem do laguinho, ele estendeu a mão para Hu, mas o velho só ficou ali, parado,

deitado de barriga para cima, afundando cada vez mais na lama, até só se ver o nariz

dele para fora da água. Um terceiro fazendeiro viu o que aconteceu,

foi correndo e

puxou Hu de dentro do laguinho. “Por que você não tomou a mão de Wil?”,

perguntou o sujeito. “Você podia ter se afogado.” Hu resmungou em resposta: “Por

que eu deveria tomar a mão dele? Acabamos de nos cruzar, em plena luz do dia, e

ele não dirigiu uma palavra a mim.”

Rand aguardou, ansioso.

As Donzelas trocaram olhares inexpressivos. Por fim, Somara perguntou:

— O que aconteceu com o laguinho? O ponto principal da história é a água, não

é?

Jogando as mãos para o alto em um gesto de frustração, Rand retomou a

caminhada em direção ao pavilhão de listras vermelhas. Atrás dele, ouviu Liah dizer:

— Acho que era para ser uma piada.

— Como é que a gente vai rir se ele não sabe o que aconteceu com a água? —

perguntou Maira.

— Foi o galo — concluiu Enaila. — O humor dos aguacentos é estranho. Acho

que tem alguma coisa a ver com o galo.

Rand tentou parar de escutar.

Os Defensores se enrijeceram ainda mais com a aproximação dele, se isso era

possível, e os dois parados diante da entrada abriram caminho

suavemente,

afastando as duas abas de franjas douradas. Eles encaravam um ponto além das Aiel.

Rand já havia liderado os Defensores da Pedra uma vez, em uma luta desesperada

contra Myrddraal e Trollocs nos corredores da própria Pedra de Tear. Os homens

teriam seguido qualquer um que se pusesse na liderança, naquela noite, mas tinha

sido ele.

— A Pedra resiste — murmurou. Aquele fora seu grito de batalha.

O lampejo de um sorriso estampou alguns daqueles rostos antes que retomassem

as expressões rígidas. Em Tear, plebeus não sorriam para o que um lorde dizia, a

menos que estivessem absolutamente certos de que o lorde esperava um sorriso.

A maioria das Donzelas ficou de cócoras do lado de fora, as lanças apoiadas nos

joelhos — postura que aquelas mulheres poderiam manter durante horas sem mover

um músculo sequer. Sulin seguiu Rand para dentro, junto com Liah, Enaila e Jalani.

Mesmo que aqueles Defensores fossem todos amigos de infância de Rand, as

Donzelas teriam sido igualmente cautelosas, mas de amigos os homens lá dentro não

tinham nada.

Carpets coloridos e com franjas cobriam o chão do pavilhão, todos com

padronagens de labirintos tairenos e arabescos elaborados. No centro jazia uma mesa

colossal, repleta de entalhes e douraduras, excessivamente marchetada com marfim e

turquesa. Com certeza fora necessário um carroção particular para transportar algo

tão grande. A mesa, repleta de mapas, separava uma dúzia de tairenos de rosto

suados de metade do mesmo número de cairhienos, que sofriam ainda mais com o

calor. Cada um segurava um cálice dourado que serviçais discretos em roupas de

tecido preto e dourado mantinham sempre cheio de ponche. Todos os nobres usavam

seda, mas os cairhienos de barba feita, mais baixos, esguios e pálidos do que os

homens do outro lado da mesa, trajavam casacos escuros e sóbrios, exceto pelas

cores de suas Casas em faixas horizontais brilhantes no peitoral, cujo número

indicava a graduação da Casa. Os tairenos, por sua vez, com a barba oleada e

cuidadosamente aparada, usavam casacos acolchoados em uma profusão de

vermelhos, amarelos, verdes e azuis, de cetim e brocados, com bordados em fios de

prata e de ouro. Os cairhienos eram formais, sombrios até, a maioria de rosto

encovado e com a frente da cabeça raspada e coberta de pó de arroz — o que já fora

moda entre os soldados em Cairhien, mas não entre os lordes. Os tairenos sorriam e

fungavam lenços e caixinhas perfumadas que inundavam o pavilhão com seus

aromas pesados. Além do ponche, a única coisa que pareciam ter em comum eram

os olhares impassíveis que dirigiam às Donzelas, além do costume de fingir que os

Aiel eram invisíveis.

O Grão-lorde Weiramon, de barba oleada e mechas grisalhas nos cabelos, curvou-

se em uma reverência profunda. Era um dos quatro Grão-lordes no recinto, calçando

botas com elaborados enfeites em prata. Os outros eram o gorduchão untuoso

chamado Sunamon; Tolmeran, cuja barba cinza como ferro lembrava a ponta de uma

lança, o corpo magro servindo de cabo; e Torean, com o nariz de batata, que tinha

mais cara de fazendeiro do que a maioria dos fazendeiros. No entanto, Rand deixara

a liderança nas mãos de Weiramon. Por ora. Os outros oito eram lordes inferiores,

alguns de barba feita, mas com não menos mechas grisalhas nos cabelos. Estavam

ali por conta de seu juramento de fidelidade a um ou outro Grão-lorde, mas todos

tinham alguma experiência em batalhas.

Weiramon não era baixo para um taireno, embora Rand fosse uma cabeça mais

alto. O sujeito lembrava um galo de briga: todo empertigado e de peito estufado.

— Todos saúdam o Lorde Dragão — entoou ele, com uma mesura —, em breve

Conquistador de Illian. Todos saúdam o Senhor da Manhã. — Os outros

pronunciavam a frase apenas um átimo depois, os tairenos com os braços estendidos,

os cairhienos com a mão no peito.

Rand fez uma careta. Senhor da Manhã fora um dos títulos de Lews Therin, pelo

menos segundo os fragmentos de histórias. Grande parte das informações fora

perdida com a Ruptura do Mundo, outra virara fumaça durante as Guerras dos

Trollocs e mais ainda se perdera depois, na Guerra dos Cem Anos. No entanto,

surpreendentemente, alguns fragmentos às vezes sobreviviam. Ficou

surpreso por

Lews Therin não ter começado a gritaria insana ao ouvir Weiramon pronunciar o

título. Pensando bem, Rand não ouvia a voz desde que gritara com ela. Até onde se

lembrava, aquela fora a primeira vez que ele de fato se dirigira à voz que coabitava

sua mente. As possibilidades que isso encerrava provocavam calafrios.

— Milorde Dragão? — Sunamon secou o suor das mãos gordas. Parecia tentar

não encarar a *shoufa* enrolada na cabeça de Rand. — O senhor está...? — Ele

engoliu as palavras e abriu um sorriso obsequioso. Perguntar a um louco em

potencial, para dizer o mínimo, se ele estava bem talvez não fosse o mais

apropriado. — O Lorde Dragão gostaria de um pouco de ponche? Uma mistura de

safrá de Lodanaille com melão.

Um Senhor da Terra magricelo vassalo de Sunamon, um sujeito chamado

Estevan, de rosto duro e olhos ainda mais duros, fez um gesto ríspido. Um serviçal

correu para apanhar um cálice dourado que jazia sobre uma mesinha lateral

encostada à parede de lona, enquanto outro se apressava em enchê-lo.

— Não — respondeu Rand. Então repetiu, mais enfático: — Não. — Dispensou o

serviçal sem nem olhá-lo. Teria Lews Therin *lhe dado ouvidos*? De alguma forma,

aquilo só piorava a situação. Não queria pensar nessa possibilidade agora, não queria

pensar nela em momento algum. — Assim que Hearne e Simaan chegarem, vai estar

quase tudo pronto. — Os dois Grão-lordes deveriam chegar em breve. Estavam

conduzindo os maiores grupos de soldados tairenos que haviam saído de Cairhien,

mais de um mês antes. Havia grupos menores a caminho do sul, claro, e mais

cairhienos. Além de mais Aiel. O fluxo de Aiel desencadearia as coisas. — Quero

ver...

De súbito, Rand percebeu que o pavilhão ficara muito quieto, muito silencioso,

exceto pelo movimento repentino de Torean, bebendo o restante do ponche na taça

de um gole só. O homem esfregou a mão na boca e estendeu o cálice pedindo mais,

mas os serviçais pareciam tentar se fundir às paredes de listras vermelhas. Sulin e as

outras três Donzelas se levantaram depressa, prontas para velar os rostos.

— O que foi? — perguntou Rand, baixinho.

Weiramon hesitou.

— Simaan e Hearne foram... para Haddon Mirk. Eles não virão. — Torean

agarrou um cântaro trabalhado a ouro da mão de um dos serviçais e encheu o próprio

cálice, espirrando ponche nos carpetes.

— E por que eles foram para lá em vez de virem para cá? — Rand não ergueu a

voz. Tinha certeza da resposta. Aqueles dois, além de cinco outros Grão-lordes,

havia sido enviados a Cairhien basicamente para encontrar as mentes determinadas

a conspirar contra o Dragão Renascido.

Sorrisos maliciosos surgiram entre os cairhienos, a maioria meio escondida pelos

cálices erguidos mais do que depressa. Semaradrid, de posição mais alta, as faixas

coloridas no casaco indo até a cintura, sorria sem nem disfarçar. Era um homem de

rosto comprido, com mechas brancas nas têmporas e olhos escuros que poderiam

quebrar até uma pedra. Ele se movia com dificuldade por causa das feridas causadas

pela guerra civil de seu país, mas a ferida que o fazia mancar viera em uma batalha

contra Tear. Seu principal motivo para cooperar com os tairenos era o fato de eles

não serem Aiel. Quanto aos tairenos, a principal razão pela qual cooperavam era o

fato de os cairhienos também não serem.

Quem respondeu foi um dos vassalos de Semaradrid, um jovem lorde chamado

Meneril que ostentava um casaco com metade das listras de seu senhor e um rosto

com uma cicatriz da guerra civil que repuxava o canto esquerdo de sua boca em um

eterno sorriso sardônico.

— Traição, milorde Dragão. Traição e rebelião.

Weiramon poderia ter hesitado em dizer essas palavras na cara de Rand, mas não

deixaria um estrangeiro falar em seu lugar.

— Sim, rebelião — apressou-se em confirmar, cravando os olhos em Meneril,

mas a afetação não demorou a retornar. — E não apenas eles, milorde Dragão. Os

Grão-lordes Darlin e Tedosian e a Grã-lady Estanda também estão envolvidos. Que

a minha alma queime, mas eles todos confirmaram a oposição! Parece que vinte ou

trinta nobres menores se juntaram a eles, e alguns não passam de fazendeiros

arrogantes. Tolos queimados pela Luz!

Rand quase admirava Darlin. O homem se opusera abertamente a ele desde o

início, fugindo da Pedra depois da queda e tentando estruturar uma resistência entre

os nobres do campo. Tinha sido diferente com Tedosian e Estanda. Assim como

Hearne e Simaan, os dois tinham se curvado em medidas e sorrisos, chamado Rand

de Lorde Dragão e tramado pelas suas costas. A falta de uma atitude punitiva de

Rand agora cobrava seu preço. Não era de admirar que Torean derrubasse ponche

pela barba grisalha: o sujeito estivera profundamente envolvido com Tedosian e

também com Hearne e Simaan.

— Eles confirmaram mais do que oposição — completou Tolmeran, em um tom

frio. — Afirmaram que o senhor é um falso Dragão e que a queda da Pedra, bem

como a empunhadura da Espada Que Não É Espada, foram truques das Aes Sedai.

— Sua voz traía uma ponta de dúvida. Ele não estivera na Pedra de Tear na noite em

que ela sucumbira.

— No que você acredita, Tolmeran? — Era uma acusação tentadora para os

habitantes de uma terra onde a canalização fora ilegal antes de Rand mudar a lei;

onde as Aes Sedai eram, na melhor das hipóteses, toleradas; onde a Pedra de Tear

permanecera invencível por quase três mil anos antes que o Dragão Renascido a

conquistasse. E uma acusação familiar. Rand se perguntou se encontraria Mantos-

brancos junto com os rebeldes, quando fossem derrotados. Achava que Pedron Niall

talvez fosse inteligente demais para permitir que eles fossem pegos.

— Acho que o senhor empunhou *Callandor* — respondeu o homem esguio,

depois de hesitar por um instante. — Acho que o senhor é o Dragão Renascido. —

Nas duas vezes, houve uma leve ênfase no “acho”. Tolmeran era audacioso.

Estevan assentiu. Hesitante, mas assentiu. Outro homem de coragem.

Mas nem mesmo eles fizeram a pergunta óbvia: se Rand queria que fossem atrás

dos rebeldes. Ele não se surpreendeu. Por um lado, Haddon Mirk não era um lugar

fácil para encontrar alguém, era um imenso emaranhado de florestas sem nenhuma

aldeia, estrada ou trilha. No terreno montanhoso encrespado que cortava a margem

mais ao norte, um homem levaria, com sorte, um longo dia para cobrir um punhado

de milhas, e exércitos inteiros poderiam esgotar a ração percorrendo aquelas terras

antes de se confrontarem. Além disso, havia talvez o aspecto mais importante: quem

fizesse tal pergunta poderia ser suspeito de se voluntariar para liderar a expedição, e

um voluntário poderia ser suspeito de querer se juntar a Darlin, não acorrentá-lo. Os

tairenos podiam não jogar *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, com a mesma

proficiência que os cairhienos — que viam as mais secretas motivações em uma

simples olhadela e ouviam em uma só frase mais do que todas as entrelinhas que a

pessoa poderia querer transmitir —, mas maquinavam e vigiavam uns aos outros,

atentos a conspirações, acreditando que todos faziam o mesmo.

Contudo, era melhor que, por ora, Rand deixasse os rebeldes em paz. Toda a sua

atenção tinha que estar em Illian — tinha que *parecer* estar em Illian. Mas também

não podia ser visto como benevolente. Os homens presentes não se oporiam a ele,

porém, com ou sem Última Batalha, apenas duas coisas evitavam que tairenos e

cairhienos se engalfinhassem. Ainda que mal e porcamente, eles preferiam estar

acompanhados uns dos outros do que dos Aiel, além de temerem a ira do Dragão

Renascido. Se perdessem esse medo, começariam a tentar matar uns aos outros e os

Aiel mais rápido que Rand conseguia dizer “Jak da Névoa”.

— Alguém se pronuncia em defesa deles? — indagou Rand. — Alguém sabe de

algum atenuante? — Se alguém sabia, segurou a língua. Contando os serviçais,

quase duas dezenas de pares de olhos o observavam, à espera. Talvez os serviçais

fossem os mais atentos. Sulin e as Donzelas olhavam *tudo*, menos ele. — Eles

perderão seus títulos e suas terras e propriedades serão confiscadas. Quero que sejam

expedidos mandados de prisão para todo homem cuja identidade seja conhecida. E

toda mulher também. — Isso poderia se revelar um problema: em Tear, a pena para

rebelião era a morte. Rand havia mudado algumas leis, mas não essa, e agora era

tarde demais. — Leve a público que quem matar um deles será absolvido, e quem os

ajudar será acusado de traição. Qualquer um que se render terá a vida poupada. — O

que talvez pudesse solucionar a questão crítica de Estanda, caso desse para controlá-

la, pois Rand não ordenaria a execução de uma mulher. — Mas os que resistirem

irão para a força.

Os nobres mudaram de posição, incomodados, e se entreolharam — tanto os

tairenos quanto os cairhienos. Seus rostos estavam lívidos. Decerto esperavam

sentenças de morte — era a punição mínima para rebeliões, ainda mais com a guerra

iminente —, mas a perda dos títulos os deixou claramente chocados. Apesar de todas

as leis que Rand mudara em ambas as terras, apesar dos lordes repreendidos diante

dos magistrados, enforcados por assassinato ou multados por agressão, eles ainda

acreditavam haver alguma diferença marcada a ferro, alguma ordem natural que os

tornava leões por direito e os plebeus, ovelhas. Um Grão-lorde que fosse para a força

morria como Grão-lorde, mas Darlin e os outros morreriam como camponeses aos

olhos daqueles homens — um destino muito pior do que a própria morte. Os

serviçais continuaram parados, as jarras suspensas, aguardando para encherem

qualquer cálice vazio demais. Tinham as feições inexpressivas como sempre, mas

alguns olhos exibiam uma satisfação que não estivera ali antes.

— Agora que resolvemos isso — começou Rand, puxando a *shoufa* enquanto

caminhava até a mesa —, vejamos os mapas. Sammael é mais

importante do que um

bando de idiotas apodrecendo em Haddon Mirk. — Esperava mesmo que

apodrecessem. Que a Luz os queimasse!

Weiramon comprimiu os lábios e Tolmeran se apressou em suavizar o cenho

franzido. O rosto de Sunamon estava tão impassível que podia muito bem ser uma

máscara. Os outros tairenos pareciam igualmente indecisos, os cairhienos também,

embora Semaradrid disfarçasse bem. Alguns tinham visto Myrddraal e Trollocs

durante aquele ataque na Pedra, e outros tinham presenciado o duelo de Rand com

Sammael em Cairhien, mas, ainda assim, achavam que sua afirmação de que os

Abandonados estavam à solta fosse um sintoma da loucura. Rand ouvira boatos

sussurrados sobre como causara sozinho a destruição em Cairhien, atacando amigos

e inimigos feito um maníaco. Pela expressão pétrea de Liah, um deles acabaria

espetado por uma lança de Donzela, se não controlassem os olhares.

De qualquer forma, todos se reuniram em torno da mesa. Rand jogou a *shoufa* no

chão e começou a revirar os mapas espalhados uns por cima dos outros. Bashere

estava certo: os homens seguiriam qualquer louco que vencesse. Contanto que

vencesse. Assim que encontrou o mapa que queria, um desenho detalhado do

extremo leste de Illian, os chefes Aiel chegaram.

Bruan, dos Aiel Nakai, foi o primeiro a entrar, seguido de perto por Jheran, dos

Shaarad; Dhearic, dos Reyn; Han, dos Tomanelle e Erim, dos Chareen, cada um

retribuindo os acenos de cabeça de Sulin e das três Donzelas. Bruan, um homem

corpulento de olhos acinzentados e tristes, era quem realmente liderava os cinco clãs

que Rand mandara para o sul. Nenhum dos outros se opusera: o aspecto sereno de

Bruan mascarava suas habilidades de luta. Usando o *cadin'sor*, a *shoufa* pendurada

no pescoço, os Aiel vinham desarmados, exceto pelas pesadas facas de cintura. No

entanto, um Aiel nunca estaria desarmado enquanto tivesse braços e pernas.

Os cairhienos simplesmente fingiram que eles não estavam ali, mas os tairenos

fizeram questão de olhar com desprezo e cheirar abertamente as caixinhas e os

lenços perfumados. A única coisa que Tear perdera para os Aiel fora a Pedra e isso

com a ajuda do Dragão Renascido, acreditavam — ou das Aes Sedai —, mas

Cairhien fora destruída por eles duas vezes, duas vezes derrotada e humilhada.

Exceto por Han, os Aiel ignoravam todos. Han, de cabelos brancos e um rosto que

parecia couro enrugado, encarava os nobres com um olhar assassino. Era um homem

espinhoso, para dizer o mínimo, e talvez não ajudasse o fato de que alguns dos

tairenos tinham a mesma altura que ele. Han era baixo para um Aiel — o que

significava ter uma altura bem acima da média para um aguacento —, e tão sensível

quanto Enaila em relação a isso. E, claro, os Aiel desprezavam os tais “Assassinos

da Árvore” — uma de suas alcunhas para os cairhienos — mais do que qualquer

outro aguacento. E também os chamavam de “Quebradores de Juramentos”.

— Os illianenses — começou Rand, com firmeza, alisando o mapa. Usara o Cetro

do Dragão para manter aberto um dos lados e um tinteiro adornado em ouro e uma

vasilha de areia combinando para segurar o outro. Não precisava que aqueles

homens comessem a matar uns aos outros. Não achava que fariam isso, pelo

menos não enquanto ele estivesse lá. Nas histórias, os aliados eventualmente

acabavam por confiar e gostar uns dos outros. Rand duvidava de que o mesmo

algum dia fosse acontecer com aqueles homens.

A Planície de Maredo, com sua sucessão de colinas baixas, estendia-se a certa

distância para o interior de Illian, a partir de onde dava lugar a montes cobertos de

florestas até bem perto do Manetherendrelle e de um de seus braços, o Rio Shal.

Cinco marcações em cruz, a cerca de dez milhas de distância uma da outra,

assinalavam a extremidade leste dessas colinas. As Colinas de Doirlon.

Rand pôs o dedo na cruz bem do meio.

— Vocês têm certeza de que Sammael não acrescentou novos acampamentos? —

Uma leve careta no rosto de Weiramon o fez completar, irritado: — Lorde Brend, se

preferir. Ou então o Conselho dos Nove, Mattin Stepaneos den Balgar, o rei em

pessoa, o que quer que seja. Os acampamentos continuam assim?

— Nossos batedores informam que sim — respondeu Jheran, calmo. Esguio feito

uma lança, de cabelos castanho-claros com muitas mechas grisalhas, ele estava

sempre calmo agora que a rixa de sangue de quatrocentos anos dos Shaarad com os

Goshien havia terminado, com a chegada de Rand. — *Sovin Nai e Duadhe Mahdi'in*

estão vigiando bem. — Ele assentiu de leve, satisfeito, e Dhearic também. Jheran

fora *Sovin Nai*, um Mão de Faca, antes de se tornar chefe; e Dhearic fora *Duadhe*

Mahdi'in, um Buscador das Águas. — Ficaremos sabendo de qualquer mudança em

cinco dias, com os corredores.

— Meus batedores acreditam que sim — declarou Weiramon, como se Jheran não

tivesse falado. — Envio uma nova tropa a cada semana. Leva um mês inteiro para

eles irem e voltarem, mas garanto a você que estou tão atualizado quanto a distância

permite.

Os rostos dos Aiel pareciam esculpido em pedra.

Rand ignorou a interação. Já tentara estreitar à força a distância entre tairenos,

cairhienos e Aiel, mas eles sempre se separavam assim que ele virava as costas. Era

um desperdício de energia.

Quanto aos acampamentos... sabia que ainda havia apenas cinco. Ele os visitara,

por assim dizer. Havia um... lugar... que sabia como adentrar, um reflexo do mundo

real estranho e despovoado, e ele caminhara pelas muralhas de madeira dos imensos

castros ali. Sabia as respostas a quase todas as perguntas que pretendia fazer, mas

estava fazendo malabarismos com planos dentro de planos, feito um menestrel

fazendo malabarismo com fogo.

— E Sammael ainda está mandando mais homens para cima? — Desta vez,

ênfatizou o nome.

As expressões dos Aiel não se alteraram. Se os Abandonados estavam à solta,

então estavam. O mundo deveria ser encarado como era, não como eles gostariam

que fosse. Os outros, no entanto, dispararam olhares ligeiros e preocupados para ele.

Cedo ou tarde, se acostuariam. Cedo ou tarde, acreditariam.

— Cada homem de Illian capaz de segurar uma lança sem tropeçar, ao que parece

— respondeu Tolmeran, lúgubre. Estava tão ansioso para lutar contra os illianenses

quanto qualquer taireno. As duas nações se odiavam desde que tinham sido

arrancadas à força dos escombros do império de Artur Asa-de-gavião, e sua história

incluía guerras disputadas pelos motivos mais insignificantes. Contudo, Tolmeran

parecia menos inclinado que os outros Grão-lordes a crer que uma batalha pudesse

ser vencida com apenas uma boa investida. — Cada batedor que consegue voltar

informa que os acampamentos estão maiores, com defesas ainda mais descomunais.

— É melhor avançarmos agora, Lorde Dragão — sugeriu Weiramon, com vigor.

— Que a Luz queime a minha alma, posso pegar os illianenses de surpresa. Eles

estão cavando a própria cova. Ora, quase não têm nenhum cavalo! Vou esmagá-los e

o caminho para a cidade ficará livre. — Em Illian, bem como em Tear e Cairhien, “a

cidade” era a cidade que originara o nome da nação. — Que meus olhos queimem,

vou cravar seu estandarte em Illian dentro de um mês, milorde Dragão. Dois, no

máximo. — Olhando para os cairhienos, ele acrescentou, como se as palavras lhe

fossem arrancadas da boca: — Semaradrid e eu. — Semaradrid dispensou-lhe uma

discreta medida. Muito sutil.

— Não — respondeu Rand, com aspereza. O plano de Weiramon estava fadado

ao fracasso. Boas duzentas e cinquenta milhas separavam o acampamento dos

grandes castros de Sammael, do outro lado de uma planície gramada onde um aclave

de cinquenta pés poderia ser considerado uma colina alta, e um amontoado de

moitas, uma floresta. Sammael também tinha batedores: qualquer rato ou corvo

poderia estar fazendo as vezes de vigia. Duzentas e cinquenta milhas. Com sorte,

doze ou treze dias para os tairenos e cairhienos. Os Aiel talvez pudessem fazer em

cinco, com esforço — um ou dois batedores sozinhos avançavam mais depressa que

um exército, mesmo entre os Aiel, mas eles não eram parte dos planos de Weiramon.

Com tanto tempo até os tairenos e cairhienos chegarem às Colinas de Doirlon,

Sammael estaria pronto para esmagá-los, não o contrário. Um plano tolo. Até mais

do que o que Rand apresentara. — Eu já lhes dei as ordens. Esperem aqui até Mat

chegar para assumir o comando, e mesmo assim ninguém vai dar um passo até eu

considerar que estão em número suficiente. Temos mais homens a caminho,

tairenos, cairhienos, Aiel. Eu quero destruir Sammael, Weiramon. Destruí-lo para

sempre, colocar Illian sob o estandarte do Dragão. — Tudo isso era verdade. — Eu

só queria poder estar com vocês, mas Andor ainda necessita da minha atenção.

O rosto de Weiramon virou uma pedra. A careta de Semaradrid, de tão azeda, teria

transformado o vinho do ponche em vinagre. Tolmeran estampava uma expressão

impassível, demonstrando sua censura com a sutileza de um soco no nariz. No caso

de Semaradrid, a preocupação era a demora. Mais de uma vez, ele apontara que, se a

cada dia mais homens chegavam ao acampamento, o mesmo acontecia nos fortes em

Illian. O plano de Weiramon com certeza era resultado de sua influência, embora o

lorde cairhieno pudesse ter feito melhor. As dúvidas de Tolmeran estavam em Mat.

A despeito do que ouvira dos cairhienos em relação às habilidades de Mat para a

batalha, Tolmeran acreditava ser mera bajulação de idiotas em relação a um

camponês que, por acaso, era amigo do Dragão Renascido. Eram objeções sensatas,

e a de Semaradrid inclusive tinha fundamento — se o plano que tinha chegado a eles

fosse mais do que mero disfarce. Era improvável que Sammael dependesse

inteiramente de ratos e corvos como espiões. Rand imaginava que também houvesse

espiões humanos mandados pelos outros Abandonados, e provavelmente também

pelas Aes Sedai.

— Será como o senhor quiser, milorde Dragão — disse Weiramon, derrotado.

O homem era bastante corajoso em relação à batalha, mas um completo idiota,

cego, incapaz de pensar além da glória do ataque, de seu ódio pelos illianenses, seu

desprezo pelos cairhienos e os “selvagens” Aiel. Rand tinha certeza de que

Weiramon era exatamente o homem de quem precisava. Tolmeran e Semaradrid não

se mexeriam tão cedo, contanto que Weiramon permanecesse no comando.

Os nobres conversaram durante mais algum tempo e Rand escutou, fazendo

perguntas de vez em quando. Não havia mais oposição, nem sugestões de que o

ataque acontecesse imediatamente, nem mesmo discussões a respeito de como seria.

As perguntas de Rand a Weiramon e aos demais eram relativas a carroções —

carroções e o que havia neles. Planície de Maredo possuía poucas aldeias, bem

distantes umas das outras, sem nenhuma cidade além de Far Madding, ao norte, e tão

poucas fazendas que era quase impossível alimentar o povo que já vivia por lá. Um

exército gigantesco iria requerer um fluxo constante de carroções vindos de Tear

para trazer de tudo, desde farinha para pães até pregos para ferraduras. Exceto por

Tolmeran, os Grão-lordes eram da opinião de que o exército poderia carregar o que

fosse preciso para cruzar a planície, depois simplesmente viver às custas de Illian.

Parecia haver certo apreço à ideia de assolar as terras de seu antigo inimigo feito um

exame de gafanhotos. Os cairhienos tinham uma opinião diferente, sobretudo

Semaradrid e Meneril. Não eram só os plebeus que haviam passado fome durante a

guerra civil de Cairhien e o sítio dos Shaido à sua capital: aqueles rostos encovados

eram prova disso. Illian era uma terra abundante, e até mesmo as Colinas de Doirlon

possuíam fazendas e vinhas, mas Semaradrid e Meneril não queriam confiar os

estômagos de seus soldados a forragens inconstantes, se houvesse opção. Quanto a

Rand, ele não queria Illian mais assolada do que o estritamente necessário.

Ele não pressionou ninguém. Sunamon assegurou-lhe de que os carroções

estavam sendo montados, e o homem já aprendera bem a lição sobre dizer uma coisa

a Rand e fazer outra. Estavam reunindo suprimentos em toda Tear, apesar das

caretas de impaciência de Weiramon diante da ideia e dos resmungos de Torean em

relação aos custos. O importante, no entanto, era que o plano estava indo adiante —

o que seria notado.

Sua partida envolveu mais baboseiras afetadas e medidas elaboradas e ele enrolou

a *shoufa* de volta na cabeça e apanhou outra vez o Cetro do Dragão, recebendo

convites pouco animados para que ele ficasse para um festim e ofertas igualmente

insinceras para acompanhá-lo na partida, caso ele não pudesse ficar para o banquete.

Tairenos ou cairhienos, os nobres evitavam a companhia do Dragão Renascido o

máximo possível sem perder sua boa graça enquanto fingiam estar fazendo o oposto.

Acima de tudo, desejavam estar bem longe quando ele canalizasse. Os nobres o

acompanharam até a entrada, naturalmente, e alguns passos para o lado de fora, mas

Sunamon soltou um suspiro audível quando ele os deixou, e Rand ouviu Torean

soltar uma risadinha de alívio.

Os chefes Aiel acompanharam Rand em silêncio e as Donzelas do lado de fora

juntaram-se a Sulin e às outras três, circundando os seis homens que partiam em

direção à tenda de listras verdes. Dessa vez, houve apenas umas poucas saudações e

os chefes não disseram uma palavra. Havia falado igualmente pouco no pavilhão.

Quando Rand comentou a respeito, Dheeric disse:

— Esses aguacentos não querem nos ouvir. — Era um homem alto e forte, menos

de um dedo mais alto que Rand, narigudo e com mechas brancas bem

destacadas nos

cabelos louros. Seus olhos azuis estavam repletos de desprezo. — Eles só ouvem o

vento.

— Eles falaram sobre os que se rebelam contra você? — perguntou Erim. Mais

alto que Dhearic, ele tinha um rosto belicoso e quase tanto branco quanto vermelho

nos cabelos.

— Falaram — respondeu Rand e Han franziu o cenho para ele.

— Se estiver mandando esses tairenos atrás de sua própria gente, está cometendo

um erro. Mesmo que pudéssemos confiar neles, não acho que dariam conta. Mande

as lanças. Um clã seria mais do que suficiente.

Rand balançou a cabeça.

— Darlin e seus rebeldes podem esperar. Sammael é mais importante.

— Então nos deixe ir para Illian agora — retrucou Jheran. — Esqueça esses

aguacentos, Rand al'Thor. Já tem quase duzentas mil lanças reunidas aqui. Podemos

destruir os illianenses antes que Weiramon Saniago e Semaradrid Maravin cheguem

à metade do caminho até lá.

Por um instante, Rand fechou os olhos com força. Será que todo mundo discutiria

com ele? Aqueles homens não se submeteriam a uma cara feia do Dragão Renascido

— o Dragão Renascido era apenas uma profecia dos aguacentos. Os

Aiel seguiam

Aquele Que Vem Com a Aurora, o *Car'a'carn*, e, como ele estava mais do que

cansado de ouvir, nem o *Car'a'carn* era rei.

— Quero a sua palavra de que vão ficar aqui até Mat mandar vocês se mexerem.

Uma promessa, de cada um de vocês.

— Nós vamos ficar, Rand al'Thor. — A voz enganadoramente melíflua de Bruan

guardava uma pontada de rigidez. Os outros concordaram em tons um pouco mais

duros, mas concordaram.

— Mas é perda de tempo — acrescentou Han, contorcendo a boca. — Que eu

jamais veja a sombra se não for.

Jheran e Erim assentiram. Rand não esperava que eles cedessem tão depressa.

— De vez em quando, é preciso perder tempo para ganhá-lo — retrucou, e Han

bufou.

De volta à tenda de listras verdes, os Andarilhos do Trovão haviam erguido as

laterais com estacas, deixando a brisa soprar pelo interior protegido pela sombra. Por

mais quente e seca que estivesse, os Aiel pareciam achá-la refrescante. Rand não

parecia suar uma gota a menos do que quando estava exposto ao sol. Puxou a *shoufa*

enquanto se ajeitava nos tapetes dispostos em camadas, com Bruan e os outros

chefes diante de si. As Donzelas foram circundar a tenda com os Andarilhos do

Trovão — de vez em quando um deles soltava alguma gracinha e os outros riam.

Dessa vez, Leiran parecia estar ganhando vantagem. Pelo menos, as Donzelas

bateram as lanças nos broquéis duas vezes para ele. Rand não entendia quase nada.

Usando o polegar para apertar o tabaco que enchia o cachimbo de haste curta, ele

passou a bolsa de pele de cabra entre os chefes, para que enchessem seus próprios

cachimbos — encontrara um pequeno barril de boas folhas de Dois Rios em

Caemlyn —, então canalizou para acender seu fumo enquanto os outros mandavam

um Andarilho do Trovão pegar um galho em brasa de uma das fogueiras. Depois de

todos os cachimbos serem acesos, os homens se acomodaram para conversar,

baforando satisfeitos.

A conversa durou pelo menos o mesmo tempo que o debate com os lordes. Não

que houvesse tanto a conversar, mas porque Rand conversara sozinho com os

aguacentos. Os Aiel eram muito sensíveis em relação à honra, suas vidas eram

governadas pelo *ji'e'toh*, honra e obrigação, que tinha regras tão complexas e

estranhas quanto o senso de humor daquele povo do Deserto. Eles conversaram

sobre os Aiel que ainda vinham de Cairhien, sobre quando Mat chegaria, sobre o que

deveria ser feito em relação aos Shaido — e se algo devesse ser feito. Conversaram

sobre caça, sobre mulheres, sobre conhaque ser tão bom quanto *oosquai*, sobre

piadas. Até o paciente Bruan jogou as mãos ao alto com impaciência, desistindo de

tentar explicar as piadas Aiel. O que, pela Luz, havia de engraçado em uma mulher

esfaquear o marido por acidente, fossem quais fossem as circunstâncias, ou em um

homem que acabava se casando com a irmã da mulher que desejava? Han grunhia,

bufava e se recusava a acreditar que Rand não compreendia — o Aiel quase caíra

para trás de tanto rir com a história do esfaqueamento. A única coisa sobre a qual

não conversaram foi a guerra iminente contra Illian.

Quando os homens saíram, Rand estreitou os olhos na direção do sol, a meio

caminho do horizonte. Han repetia a história do esfaqueamento, e os chefes que

estavam de saída riram mais uma vez. Rand bateu o cachimbo na base da mão para

esvaziá-lo e esmagou o resto de fumo com o pé. Ainda havia tempo de retornar a

Caemlyn e encontrar Bashere, mas voltou para a tenda, sentou-se e ficou observando

o cair do sol. Quando a bola de fogo tocou o horizonte, tornando-se vermelha como

sangue, Enaila e Somara trouxeram-lhe um prato de cozido de carneiro com comida

suficiente para dois homens, uma fatia redonda de pão e uma jarra de chá de menta

que fora posta para esfriar em um balde de água.

— Você não come o suficiente — reclamou Somara, tentando alisar seus cabelos

antes que ele afastasse a cabeça.

Enaila o encarou.

— Se não evitasse tanto Aviendha, ela faria você comer.

— Ele atrai o interesse dela, depois foge — resmungou Somara. — Você precisa

atraí-la de novo. Por que não se oferece para lavar os cabelos dela?

— Ele não pode ser *tão* ousado — retrucou Enaila, com firmeza. — Oferecer-se

para pentear os cabelos dela vai ser mais do que suficiente. Rand não quer que ela

pense que ele é atrevido.

Somara fungou alto.

— Ela não vai pensar que ele é atrevido se continuar fugindo desse jeito. Você

pode ser modesto demais, Rand al'Thor.

— Vocês sabem que nenhuma das duas é minha mãe, não sabem?

As duas mulheres de *cadin'sor* se entreolharam, confusas.

— Será que isso é outra piada de aguacentos? — perguntou Enaila.

Somara deu de ombros.

— Não sei. Ele não parece estar achando graça. — Ela deu um tapinha nas costas

de Rand. — Tenho certeza de que foi uma boa piada, mas precisa ser explicada.

Rand aturou aquilo, sofrendo em silêncio, rangendo os dentes enquanto elas o

observavam comer. As mulheres vigiavam literalmente cada colherada. As coisas

não melhoraram quando elas saíram com seu prato e Sulin juntou-se ao grupo. Sulin

tinha conselhos objetivos e bastante impróprios sobre como ele poderia atrair outra

vez a atenção de Aviendha. Entre os Aiel, era o tipo de coisa que uma irmã-primeira

podia fazer por um irmão-primeiro.

— Você precisa ser recatado aos olhos dela — explicou a Donzela de cabelos

brancos —, mas não tão recatado a ponto de ela considerá-lo um chato. Peça a ela

que raspe suas costas na tenda de vapor, mas peça timidamente, olhando para o

chão. Quando se despir para se deitar, permita-se dançar como se estivesse satisfeito

com a vida. Daí, finja perceber que ela está por perto, peça desculpas e se enfie nos

cobertores. Você consegue enrubescer?

Um grande sofrimento e em silêncio. As Donzelas sabiam demais e, ao mesmo

tempo, não o bastante.

Quando retornaram a Caemlyn, bem depois do pôr-do-sol, Rand seguiu para seus

aposentos com as botas nas mãos, tateando sem jeito pela antessala até o dormitório,

no escuro. Mesmo que não soubesse que Aviendha estava lá, já deitada em seu catre

no chão perto da parede, teria sentido a presença dela. Na quietude da noite, podia

ouvir sua respiração. Pela primeira vez, parecia que conseguira esperar tempo

bastante para que ela caísse no sono. Tinha tentado parar com aquilo, mas Aviendha

não lhe dava atenção, e as Donzelas riam de sua “timidez” e seu “recato”.

Concordavam que eram boas características em um homem, individualmente, desde

que não fossem muito exageradas.

Ele se deitou na cama com uma sensação de alívio por Aviendha estar de fato

dormindo, além de certo descontentamento por não ter ousado acender uma lâmpada

para se lavar. Então a mulher se virou em seu catre. Claro que estivera acordada o

tempo todo.

— Durma bem e acorde amanhã. — Foi só o que ela disse.

Pensando na idiotice que era sentir uma satisfação súbita ao ouvir uma mulher que

queria evitar lhe desejar boa-noite, Rand enfiou um travesseiro de penas de ganso

debaixo da cabeça. Aviendha decerto considerava aquilo a piada mais incrível —

insultar era quase uma arte entre os Aiel, e quanto mais perto o insulto chegasse de

arrancar sangue, melhor. O sono começou a vir, e seu último pensamento consciente

foi de que ele também tinha uma grande piada na manga — uma que por enquanto

apenas ele, Mat e Bashere conheciam. Sammael não tinha o menor senso de humor,

mas aquele exército forte e enorme aguardando em Tear era a maior piada que o

mundo veria. Com sorte, Sammael estaria morto antes de perceber a graça.



CAPÍTULO 5

UMA DANÇA DIFERENTE

A estalagem Cervo Dourado fazia, em muitos aspectos, jus ao próprio nome. Mesas

lustrosas e bancos de pés com entalhes de rosas ocupavam o grande salão. Uma

serviçal de avental branco tinha a única função de varrer o chão de pedras brancas.

Ornatos azuis e dourados formavam uma larga faixa pintada nas paredes caiadas,

logo abaixo do teto de vigas altas. As lareiras eram de pedra bem adornada, seus

pisos haviam sido decorados com galhos de árvores perenes e sobre cada lintel havia

um cervo esculpido, sustentando uma taça de vinho nos ramos dos chifres. Em cada

cornija jazia um grande relógio com detalhes em douradura. Um grupo de músicos

tocava sobre uma pequena plataforma nos fundos, dois homens suados em camisas

de manga entoando flautas lamentosas, um par dedilhando sabiolas de nove cordas e

uma mulher de rosto vermelho metida em um vestido de listras azuis tangendo

pequeninos martelos de madeira em um saltério de pés finos. Mais de uma dezena de

serviçais corria para cima e para baixo a passos rápidos, usando aventais e vestidos

azul-claros. A maioria era bonita, embora algumas tivessem quase a idade da

Senhora Daelvin, a estalajadeira roliça e pequenina de coque grisalho, ralo e baixo.

Bem o tipo de lugar de que Mat gostava: exalava conforto e riqueza. Escolhera

aquele local por ficar praticamente cravado no centro da cidade, mas os outros

motivos também não eram nada maus.

Nem tudo era perfeito na segunda melhor estalagem de Maerone, claro. Os

aromas da cozinha eram mais uma vez de carneiro, nabo e a inevitável sopa picante

de cevada e se misturavam ao cheiro de terra e dos cavalos lá fora. Bem, comida era

um problema em uma cidade abarrotada de refugiados e soldados, que se

multiplicavam nos acampamentos ao redor. Roucas vozes masculinas entoavam

marchas, indo e vindo pela rua, somando-se aos sons de botas, cascos de cavalos e

homens maldizendo o calor. O salão também estava bem quente, sem uma mísera

brisa. Se alguém abrisse as janelas, a poeira cobriria tudo lá dentro, e em nada

minimizaria o calor. Maerone parecia uma assadeira.

Pelo que Mat podia ver, a droga do mundo inteiro estava secando, e ele não queria

pensar no porquê. Gostaria de poder esquecer o calor, esquecer o motivo pelo qual

estava em Maerone, esquecer tudo. Seu bom casaco verde, com bordados de ouro na

gola e nos punhos, estava desabotoado, a boa camisa de linho, aberta, mas mesmo

assim ele suava feito um porco. Talvez ajudasse se soltasse o lenço de seda preta em

torno do pescoço, mas era raro ele fazer isso em público. Tomou o

último gole do

vinho, deitou a caneca de estanho reluzente sobre a mesa, junto ao cotovelo e

apanhou o chapéu de aba larga para se abanar. Não importava o que ele bebesse:

assim que descia pela goela, já começava a sair pelo suor.

Quando escolheu se hospedar na Cervo Dourado, os lordes e os oficiais do Bando

da Mão Vermelha o seguiram, o que significava que todos os outros guardaram

distância. Normalmente a Senhora Daelvin não se incomodava. Ela podia ter

alugado cada cama por cinco vezes mais só entre os lordes e fidalgotes do Bando —

e o pessoal pagava bem, brigava pouco e costumava resolver suas desavenças na rua

antes de derramar sangue. Naquela tarde, no entanto, apenas nove ou dez homens

ocupavam as mesas, e ela volta e meia piscava para os bancos vazios, dava um

tapinha no coque e suspirava — não venderia muito vinho até a noite. Boa parte de

seus lucros provinha do vinho. Os músicos, porém, tocavam com vigor. Um

punhado de lordes satisfeitos com a música — qualquer um com ouro merecia ser

tratado por “milorde”, na opinião deles — podiam ser mais generosos do que um

salão apinhado de soldados comuns.

Para infelicidade dos bolsos dos músicos, Mat era o único que escutava,

estremecendo a cada três notas. Não era culpa dos músicos: a melodia era boa, se o

ouvinte não conhecesse o que estava escutando. Mat conhecia — e ensinara aos

sujeitos, batendo palmas no ritmo e cantarolando com os lábios fechados —, mas

ninguém além dele ouvia aquela melodia havia mais de dois mil anos. Pelo menos

podia dizer que eles tinham acertado o ritmo.

Um fragmento de conversa chegou a seus ouvidos. Deitando outra vez o chapéu,

abanou a caneca para pedir mais vinho e inclinou-se por cima da mesa na direção

dos três homens que bebiam à mesa ao lado.

— Como é que é?

— Estamos tentando descobrir como recuperar uma parte do dinheiro que

perdemos para você — respondeu Talmanes, o rosto sério por trás da caneca de

vinho. Não estava aborrecido. Com apenas alguns anos a mais que os vinte de Mat e

uma cabeça mais baixo, era raro Talmanes sorrir. Para Mat, o homem parecia uma

mola encolhida. — Ninguém ganha de você nas cartas. — Ele era comandante de

metade da cavalaria do Bando e um lorde ali em Cairhien, mas tinha a frente da

cabeça raspada e coberta de pó de arroz, embora o suor de alguma forma tivesse

removido um pouco da cobertura. Um bom número de lordes cairhienos mais jovens

assumira o estilo dos soldados. O casaco de Talmanes também era liso, sem as faixas

coloridas dos nobres, embora ele tivesse direito a algumas.

— Nem tanto — protestou Mat. Verdade, quando a sorte estava com ele, era

perfeito, mas a sorte vinha em ciclos, sobretudo ao tratar-se de algo tão ordenado

quanto um deque de cartas. — Sangue e cinzas! Vocês arrancaram cinquenta coroas

da minha bolsa, semana passada.

Cinquenta coroas. Cerca de um ano antes, teria dado cambalhotas ao ganhar uma

coroa e chorado ao pensar em perdê-la. Um ano antes, ele não tinha nenhuma moeda

para perder.

— E isso me deixa para trás em quantas centenas? — retrucou Talmanes, em um

tom seco. — Quero ter a chance de recuperar algumas.

Se o nobre de fato começasse a ganhar de Mat com alguma frequência, também

começaria a se preocupar. Bem como a maioria dos homens do Bando, Talmanes

considerava a sorte de Mat um talismã.

— Os dados são uma bela porcaria — retrucou Daerid, o comandante da

infantaria do Bando. Ele bebeu com avidez e ignorou a careta escondida por detrás

da barba oleada de Nalesean. A maioria dos nobres que Mat conhecera considerava

dados um jogo comum, apropriado apenas aos camponeses. — Nunca

vi você levar

prejuízo nos dados. Tem que ser um jogo sobre o qual você não tenha controle,

nenhuma mãozinha, se é que me entende.

Só um pouco mais alto do que Talmanes, seu companheiro cairhieno, Daerid era

cerca de quinze anos mais velho. Já quebrara o nariz mais de uma vez e ostentava

três cicatrizes brancas cruzando o rosto. Era o único dos três que não tinha sangue

nobre, mas também usava a frente da cabeça raspada e coberta de pó. Daerid fora

soldado a vida toda.

— Pensamos em cavalos — comentou Nalesean, gesticulando com a caneca de

estanho. Era um sujeito grandalhão, mais alto que os dois cairhienos e liderava a

outra metade da cavalaria do Bando. Dado o calor, Mat com frequência se

perguntava por que o homem cultivava aquela viçosa barba negra, mas ele a aparava

todas as manhãs para mantê-la pontuda. E, enquanto Daerid e Talmanes deixavam os

casacos cinza lisos desabotoados, Nalesean mantinha o seu fechado até o pescoço.

Era um casaco de seda verde com mangas tairenas, listradas e bufantes, e punhos de

cetim dourado. Seu rosto reluzia de suor, o que ele ignorava. — Que minha alma

queime, mas a sua sorte é páreo duro na batalha e nas cartas. E nos dados —

acrescentou, com outra careta para Daerid. — No entanto, nas corridas de cavalos,

só depende dos cavalos.

Mat sorriu e apoiou os cotovelos na mesa.

— Arrume um bom cavalo, então veremos.

Sua sorte talvez não afetasse um cavalo de corrida. Além de dados, cartas e

similares, ele nunca sabia muito bem o que poderia influenciar, ou quando. Porém,

Mat crescera vendo o pai negociar carne de cavalo e também tinha um bom olho

para os animais.

— Vai querer o vinho ou não? Não dá para servir se eu não alcançar a sua caneca.

Mat olhou por cima do ombro. A serviçal atrás dele, carregando uma jarra de

estanho polida, era baixa e magra, uma belezinha de olhos escuros, pele clara e

cachos negros aninhados nos ombros. Aquele sotaque bem marcado e musical de

Cairhien tornava sua voz melodiosa. Mat pusera os olhos em Betse Silvin desde o

primeiro dia em que entrara na Cervo Dourado, mas essa era sua primeira chance de

falar com ela — estava sempre ocupado com cinco coisas urgentes e mais dez que

deveriam ter sido feitas no dia anterior. Os outros homens já tinham enterrado a cara

no vinho, deixando-o a sós com a mulher — ou tão a sós quanto era possível sem

irem embora. Tinham bons modos, até mesmo os dois nobres.

Escancarando um sorriso, Mat passou as pernas por cima do banco, virando-se

para a mulher, e estendeu a caneca para que ela a enchesse.

— Obrigado, Betse — disse e ela balançou a cabeça em uma medida.

Contudo, quando Mat sugeriu que ela servisse uma caneca para si mesma e

bebesse com ele, a moça deitou a jarra na mesa, cruzou os braços e inclinou a cabeça

para o lado, encarando-o de cima a baixo.

— Duvido de que a Senhora Daelvin fosse gostar disso. Ah, não, acho que ela não

iria gostar. O senhor é lorde? Esses sujeitos ficam lambendo o chão que o senhor

pisa, mas nenhum o chama de “milorde”. E quase não o cumprimentam com

reverências, só os plebeus.

— Não — respondeu Mat, mais ríspido do que gostaria, erguendo as sobrancelhas

—, eu *não* sou um lorde. — Rand podia deixar o povo ficar para lá e para cá

chamando-o de Lorde Dragão e coisa e tal, mas isso não era para Matrim Cauthon.

Não, nada disso. Ele respirou fundo e voltou a abrir um sorriso. Algumas mulheres

tentavam desestabilizar os homens, mas esse tipo de dança ele conhecia muito bem.

— Me chame de Mat, Betse. Tenho certeza de que a Senhora Daelvin não vai se

incomodar se você sentar um pouquinho aqui comigo.

— Ah, vai, sim. Mas acho que posso conversar um minutinho. O senhor deve ser

quase lorde. Por que está usando esse troço neste calor? — Inclinando-se para a

frente, Betse puxou o lenço dele para baixo. Mat não estava muito atento e deixou

que escorregasse um pouco. — O que é isso? — Betse passou o dedo pela saliência

grossa e clara que circundava o pescoço dele. — Alguém tentou enforcá-lo? Por

quê? O senhor é jovem demais para ser um cascudo fora-da-lei. — Mat afastou a

cabeça e amarrou depressa a seda negra de volta, escondendo a cicatriz, mas Betse

nem piscou. Ela enfiou a mão dentro da camisa aberta de Mat e puxou o medalhão

de prata com cabeça de raposa que ele usava preso a uma tira de couro. — Foi por

roubar isso aqui? Parece caro... é muito caro?

Mat agarrou o medalhão e o guardou de volta no lugar. A mulher mal parava para

respirar, de modo que ele não conseguia brecha para falar. Ouviu Nalesean e Daerid

dando risadinhas mais atrás e sua expressão pesou. Às vezes toda aquela sorte no

jogo parecia trazer o oposto em relação às mulheres, e eles sempre achavam graça.

— Não, se o senhor tivesse roubado, não o teriam deixado ficar com ele, não é

mesmo? — Betse prosseguiu com o falatório. — E, se o senhor é quase lorde,

imagino que possa ter coisas feito essa. Talvez tenha sido porque sabia demais. O

senhor parece um jovem que sabe bastante coisa. Ou que pensa que sabe. — Ela

abriu um daqueles sorrisos astutos, típicos de quando as mulheres queriam confundir

um homem. Raramente isso queria dizer que elas sabem mesmo de alguma coisa,

mas conseguiam fazer os homens acreditarem que sim. — Tentaram enforcar o

senhor por achar que sabia demais? Ou foi por fingir ser lorde? Tem certeza de que

não é um lorde?

Daerid e Nalesean já gargalhavam alto, e até Talmanes soltava risadinhas, mesmo

tentando fingir que era por outra coisa. Daerid, já sem ar, comentava alguma história

sobre um homem caindo de um cavalo sempre que conseguia recuperar o fôlego,

mas não parecia nem um pouco engraçada, pelo menos as partes que Mat ouvia.

Ele, no entanto, manteve o sorriso largo. Nem que aquela mulher *conseguisse*

falar mais depressa do que ele corria, Mat não se daria por vencido. Betse era muito

bonita e ele passara as últimas semanas conversando com gente do naipe de Daerid

para baixo — homens suados que às vezes se esqueciam de fazer a barba e com

frequência não tinham chance de tomar banho. Betse suava nas bochechas, mas

exalava um leve perfume de sabão de lavanda.

— Na verdade, arrumei esse arranhão por saber de menos —
comentou, em um

tom suave. As mulheres sempre gostavam quando um homem fazia
pouco de suas

cicatrices. Só a Luz sabia como ele estava arrumando cicatrizes
demais. — Eu agora

sei mais do que deveria, mas na época sabia menos. Pode-se dizer que
fui enforcado

por conhecimento.

Balançando a cabeça, Betse fez um beicinho.

— Me parece que isso foi um gracejo, Mat. Os fidalgotes sempre
soltam gracejos,

mas ainda assim o senhor diz que não é lorde. Além do mais, eu sou
uma mulher

simples. Gracejos são complicados demais para mim. Acho que o
melhor é ir direto

ao ponto. Já que o senhor não é lorde, seria melhor se falasse simples,
ou pode dar a

entender que está fingindo ser lorde. Nenhuma mulher gosta de um
homem que

finge ser o que não é. Talvez o senhor possa me explicar o que estava
tentando

dizer?

Era um esforço manter o sorriso. Aquele bate-e-volta não estava indo
nada como

ele queria. Não sabia dizer se Betse era uma completa idiota ou se só
estava tentando

fazê-lo tropeçar nos próprios pés ao tentar se levantar. Fosse como
fosse, ela era

bonita e cheirava a lavanda, não a suor. Daerid e Nalesean pareciam prestes a morrer

por falta de ar. Talmanes cantarolava “Um Sapo no Gelo”. O desgraçado achava que

Mat tinha trocado os pés pelas mãos na hora de andar, é?

Mat pousou a caneca de vinho e se levantou, fazendo uma medida e tomando a

mão de Betse.

— Eu sou quem sou e ninguém mais, mas seu rosto me deixa sem palavras. —

Aquilo a fez piscar, sem palavras. Não importava o que as mulheres dissessem, elas

sempre gostavam de floreios. — Me concede uma dança?

Sem esperar resposta, ele a conduziu até um espaço livre por entre as mesas do

salão. Com sorte, a dança acalmaria um pouco aquela língua, e, afinal de contas, ele

era um sujeito de sorte. Além do mais, nunca tinha ouvido falar de uma mulher cujo

coração não amolecesse com uma dança. *Quem dança consegue que as moças*

perdoem muito; quem dança bem consegue que elas perdoem tudo. Era um ditado

muito antigo. Muito antigo mesmo.

Betse hesitou, mordendo o lábio e procurando a Senhora Daelvin com o olhar,

mas a estalajadeira gordinha apenas sorriu e acenou para que ela fosse adiante,

depois deu uma ajeitadinha pouco eficaz nos cachos que escapavam do coque e

voltou a atormentar as outras serviçais, como se as mesas estivessem cheias. A

Senhora Daelvin ficava de olho atento em qualquer homem que ela acreditasse estar

se comportando de maneira inadequada. Apesar da aparência tranquila, a mulher

carregava um pequeno porrete entre as saias, e às vezes o botava em uso —

Nalesean ainda a olhava com cautela quando ela se aproximava —, mas que mal

havia se um cliente desejava uma dança? Mat segurou as mãos de Betse e esticou os

braços para os lados. Haveria espaço suficiente entre as mesas. Os músicos

começaram a tocar mais alto, mas não melhor.

— Deixa que eu conduzo — instruiu Mat a Betse. — O início é fácil. — Ele

começou a dançar no compasso da música, inclinando-se e deslizando a perna para a

direita, o pé esquerdo vindo logo atrás. Inclinando, deslizando e puxando o pé, os

braços estendidos.

Betse pegou o jeito depressa e se movimentava com graça. Quando eles

alcançaram os músicos, Mat ergueu as mãos dela delicadamente acima da cabeça e

girou o próprio corpo e o da moça, costas contra costas. Então inclinou e deslizou,

girou de volta frente a frente, deslizou e girou, e de novo e de novo, de volta até o

ponto de partida. Betse engatou no passo com a mesma agilidade,

sorrindo feliz para

ele, quando os giros permitiam. Ela era mesmo bonita.

— Agora vai ficar um pouco mais complicado — anunciou Mat, virando-se de

modo que os dois encarassem os músicos lado a lado, os punhos cruzados e as mãos

unidas à frente.

Joelho direito para cima, um chutinho de leve para a esquerda, então um deslize

para a frente e para a direita. Joelho esquerdo para cima, chutinho para a direita,

deslize para a frente e para a esquerda. Betse ria enquanto os dois avançavam mais

uma vez em direção aos músicos. Os movimentos ficavam mais complexos a cada

passo, mas ela só precisava de uma demonstração para conseguir acompanhá-lo, leve

feito uma pluma em suas mãos a cada volta, giro e rodopio. E o melhor de tudo:

estava completamente muda.

Ele foi envolvido pelo compasso da dança e pela música, mesmo com as notas

faltando, e as memórias tomaram sua mente enquanto os dois deslizavam pelo salão,

indo e voltando. Nas memórias, Mat era uma cabeça mais alto, tinha longos bigodes

dourados e olhos azuis. Usava um casaco de seda cor de âmbar, atado à cintura com

uma faixa vermelha, decorado com babados da mais fina renda barsinesa e botões de

safira amarela de Aramaelle no peitoral. Estava dançando com uma bela emissária

de pele escura dos Atha'an Miere, o Povo do Mar. A fina corrente de ouro que unia

o aro no nariz da mulher a uma das inúmeras argolas na orelha sustentava

pequeninos medalhões que a identificavam como Mestra das Ondas do Clã Shodin.

Para Mat, não importava quanto aquela mulher era poderosa: isso era preocupação

do rei, não de um lorde mediano. A mulher era bela e leve em seus braços, e os dois

dançavam sob o imenso domo de cristal da corte de Shaemal, quando o mundo

inteiro invejava o esplendor e o poder de Coremanda. Outras memórias perpassavam

as margens de sua consciência, revelando pequenos fragmentos daquela dança que

ele recordava. A manhã traria notícias do aumento das investidas dos Trollocs fora

da Grande Praga, e o mês seguinte viria com a notícia de que Barsine, das torres

douradas, fora invadida e incendiada e de que as hordas de Trollocs rumavam para o

sul. Então começaria o que mais tarde viria a ser chamado de Guerras dos Trollocs,

embora ninguém chamasse assim no início — mais de trezentos anos de batalhas

quase ininterruptas, sangue, fogo e ruínas, até que os Trollocs fossem expulsos de

volta, e os Senhores do Medo, derrotados. Então teria início a queda de Coremanda,

com toda sua riqueza e seu poder; de Essenia, com seus filósofos e célebres

instituições educacionais; de Manetheren, Eharon e todas as Dez Nações, tudo

reduzido a ruínas, mesmo na vitória, a partir de onde outras terras se ergueriam,

terras que só tinham memória das Dez Nações como mera lenda de um tempo mais

feliz. Mas isso tudo estava no futuro, e ele banuiu as memórias em troca do prazer da

lembrança do momento. Naquela noite, dançava a dança do padrão com...

Mat piscou, subitamente assustado com os raios de sol que inundavam as janelas e

o formoso rosto sorrindo à sua frente, cintilante de suor. Quase tropeçou no

emaranhado de seus pés com os de Betse, com quem rodopiava pelo salão, mas

conseguiu se recompor antes disso, lembrando os passos instintivamente. Essa

dança pertencia a ele com a mesma certeza que aquelas memórias pertenciam à sua

mente, emprestadas ou roubadas, mas tão entranhadas no que ele de fato vivera que

Mat já não era capaz de distinguir a diferença. Tudo era parte dele agora,

preenchendo as lacunas em suas próprias lembranças. Mat podia muito bem ter

vivido todas elas.

Ele dissera a verdade sobre a cicatriz em seu pescoço. Fora enforcado por

conhecimento e pela falta dele. Por duas vezes, adentrara um *ter'angreal* como se

fosse um desmiolado, um camponês tolo achando que seria um feito simples como

uma caminhada no pasto. Bem, quase tão simples. Os resultados só reforçaram suas

suspeitas sobre qualquer coisa relacionada com o Poder Único. Da primeira vez,

ouviu que iria morrer e nascer de novo, entre outras coisas que preferia não ter

ouvido. Algumas dessas outras coisas o encaminharam para a segunda jornada

através de um *ter'angreal*, cuja consequência fora uma corda amarrada em seu

pescoço.

Uma série de decisões, todas regidas por bons motivos ou pura necessidade, todas

parecendo muito sensatas no momento em que as tomara, todas com consequências

que ele jamais imaginara. Mas sempre se via preso nesse tipo de dança. Estivera

morto até o momento em que Rand o soltara daquela força e o ressuscitara. Pela

centésima vez, fez uma promessa a si mesmo. Daquele momento em diante,

prestaria atenção onde pisava. Nada de se precipitar sem pensar nos desdobramentos.

Na verdade, ele ganhara mais do que a cicatriz naquele dia. O amuleto prateado de

cabeça de raposa, por exemplo, o único olho sombreado de forma a parecer o antigo

símbolo dos Aes Sedai. Às vezes, Mat ria tanto por causa daquele medalhão que

suas costelas doíam. Não confiava em nenhuma Aes Sedai, por isso chegava a

dormir e a tomar banho com aquela coisa no pescoço. O mundo era um lugar

curioso, quase sempre curioso e esquisito.

Outra coisa que ganhara fora conhecimento, ainda que indesejado. Fragmentos

das vidas de outros homens enchiam sua cabeça, milhares e milhares, às vezes

algumas horas de memórias, às vezes anos inteiros, mas em fragmentos, lembranças

de cortes e de combates, momentos vividos ao longo de bem mais de mil anos, desde

muito antes das Guerras dos Trollocs até a batalha final do império de Artur Asa-de-

gavião. Todas essas lembranças eram suas agora, ou era como se fossem.

Nalesean, Daerid e Talmanes batiam palmas ao ritmo da música e os outros

homens espalhados pelas mesas também. Homens do Bando da Mão Vermelha,

estimulando seu comandante a dançar. Luz, o nome do grupo dava calafrios em Mat.

Pertencera a um lendário bando de heróis que morrera tentando salvar Manetheren.

Não havia um só homem cavalgando ou marchando atrás do estandarte do Bando

que não achasse que aquele grupo também acabaria fazendo parte das lendas. A

Senhora Daelvin também batia palmas e o restante das serviçais fizera uma pausa

para assistir à dança.

Era por causa das lembranças daqueles outros homens que o Bando seguia Mat,

embora eles não soubessem. Sua cabeça continha memórias de mais batalhas e

campanhas do que cem homens poderiam ter vivido. Fosse do lado vencedor ou do

derrotado, Mat se lembrava de como aquelas batalhas tinham sido ganhas ou

perdidas, e bastava um pouco de sagacidade para traduzir tudo aquilo em vitórias

para o Bando. Isso quando não conseguia encontrar um jeito de evitar o confronto.

Mais de uma vez, desejara que aqueles fragmentos das vidas de outros homens

saíssem de sua cabeça. Sem eles, Mat não estaria onde estava, liderando um grupo

de quase seis mil soldados que aumentava a cada dia, prestes a conduzi-los para o

sul e assumir o comando de uma maldita invasão a uma terra controlada por um dos

malditos Abandonados. Ele não era nenhum herói, nem queria ser. Heróis tinham o

péssimo hábito de acabar mortos. Um herói recebia no máximo um tapinha nas

costas — isso quando não havia apenas a promessa de um tapinha antes de ele ser

mandado à caça outra vez. Aliás, o mesmo valia para os soldados.

Por outro lado, sem essas lembranças Mat não teria seis mil soldados

com ele.

Estaria sozinho, *ta'veren* e preso ao Dragão Renascido, alvo fácil e conhecido dos

Abandonados. Ao que parecia, alguns sabiam muita coisa a respeito de Mat

Cauthon. Moiraine alegara que ele era importante, que talvez Rand precisasse dele e

de Perrin para vencer a Última Batalha. Se fosse verdade, ele faria o que fosse

preciso — só teria que se acostumar à ideia, mas faria —, mas não seria um maldito

herói. Se pelo menos conseguisse descobrir o que fazer a respeito da maldita

Trombeta de Valere... Oferecendo uma pequena prece pela alma de Moiraine,

desejou que ela estivesse errada.

Ele e Betse terminaram a última sequência de passos, e a mulher desabou em cima

dele, rindo, quando pararam.

— Ah, foi maravilhoso. Me senti em um palácio. Vamos de novo? Ah, vamos?

Vamos?

A Senhora Daelvin aplaudiu os dois por um instante, mas assim que percebeu as

outras serviçais paradas ao redor do casal, sacudiu os braços com vigor e pôs todas

para correr feito galinhas.

— “Filha das Nove Luas” significa alguma coisa para você?

As palavras simplesmente saíram. Era só porque se lembrara daquele *ter'angreal*.

Onde quer que fosse encontrar a tal Filha das Nove Luas, quando isso acontecesse

— *Luz, espero que ainda falte muito tempo para isso!* , pensou com fervor —, com

certeza não seria em um vilarejo, servindo mesas em uma estalagzinha abarrotada

de soldados e refugiados. Por outro lado, quem poderia saber, em se tratando de

profecias? Fora uma profecia, de certo modo. Morrer e nascer outra vez. Casar-se

com a Filha das Nove Luas. Abrir mão de metade da luz do mundo para salvar o

mundo, fosse lá o significado daquilo. Mat *tinha* morrido, afinal, pendurado naquela

corda. Se essa parte era verdade, o resto também tinha que ser. Não havia

escapatória.

— Filha das Nove Luas? — repetiu Betse, ofegante. A falta de fôlego não

diminuía a tagarelice. — É uma estalagem? Uma taverna? Não é aqui em Maerone,

disso eu sei. Talvez seja do outro lado do rio, em Aringill? Nunca fui a...

Mat encostou um dos dedos nos lábios dela.

— Deixe para lá. Vamos dançar mais uma dança. — Uma regional, dessa vez,

algo atual, que não carregasse lembranças de outros homens. O problema era que

realmente precisava pensar para identificar em meio às lembranças qual dança era de

seu tempo.

Um pigarreio o fez olhar para trás e ele suspirou ao ver Edorion parado na

entrada, as manoplas com dorso de aço enfiadas atrás do cinturão, o capacete

debaixo do braço. O jovem lorde taireno era um homem roliço e de bochechas

rosadas quando apostara contra Mat, na Pedra de Tear. No entanto, desde que

chegara ao norte adquirira um aspecto mais duro e curtido pelo sol. O capacete de

abas agora não ostentava plumas, e a douradura um dia ornamentada de sua placa

peitoral já estava desfigurada por lascas e mossas. O casaco de mangas bufantes era

azul com listras pretas, mas parecia bastante usado.

— Você me pediu para lembrá-lo de sua ronda a essa hora. — Edorion tossiu

contra o punho cerrado. Fazia questão de não olhar para Betse. — Mas posso voltar

mais tarde, se preferir.

— Vou agora — respondeu Mat.

Era importante fazer a ronda diária, buscar estranhezas todos os dias. As

memórias daqueles outros homens lhe diziam isso e ele aprendera a confiar nas

memórias quando se tratava desse tipo de coisa. Já que estava preso a essa função,

era melhor desempenhá-la direito. Fazer as coisas direito talvez pudesse preservar

sua vida. Além do mais, Betse se afastara, tentando enxugar o suor do rosto com o

avental e ajeitar os cabelos ao mesmo tempo. A euforia já esvanecia de sua

expressão. Não importava. Ela se lembraria. *Dance bem com uma mulher*, pensou

Mat, convencido, *que já ganha metade de seu coração*.

— Entregue isso aos músicos — pediu ele à serviçal, depositando três marcos de

ouro em sua mão. Por mais que tivessem tocado mal, durante alguns momentos a

melodia o transportara para longe de Maerone e do futuro imediato. De todo modo,

as mulheres gostavam de generosidade. As coisas estavam indo muito bem. Com

uma medida, quase beijando a mão dela, Mat acrescentou: — Até mais ver, Betse.

Dançaremos de novo quando eu voltar.

Para sua surpresa, ela abanou um dedo sob o nariz dele e balançou a cabeça em

reprimenda, como se lesse sua mente. Bem, ele jamais alegara entender as mulheres.

Ajeitando o chapéu na cabeça, apanhou a lança de cabo preto que jazia ao lado da

porta. Fora outro presente do lado de lá daquele *ter'angreal*, com a inscrição em

Língua Antiga no cabo e a ponta estranha, feito uma espada curta gravada com dois

corvos.

— Vamos percorrer os bares hoje — disse a Edorion, e os dois saíram a passos

firmes sob o calor intenso do meio-dia, adentrando a balbúrdia de Maerone.

Era uma cidade pequena e sem muros, porém cinquenta vezes maior do que

qualquer uma que Mat vira antes de sair de Dois Rios. Na verdade, era uma aldeia

grande, cuja maior parte das construções de tijolos e pedras tinha um único andar de

altura, e as estalagens, no máximo três; além de apresentarem tantos telhados de

ripas de madeira e de palha quanto de laje ou telha. Àquela hora, as ruas, quase todas

de terra batida, estavam abarrotadas. A cidade tinha gente de todo tipo, na maioria

cairhienos e andorianos. Embora ficasse do lado cairhieno do Erinin, Maerone não

fazia parte de nação alguma: estava bem no meio do caminho, e a gente que ali vivia

ou passava pertencia a uma meia dúzia de nações diferentes. Até Aes Sedai — umas

três ou quatro — tinham aparecido por ali, desde que Mat chegara. Mesmo usando o

medalhão, sempre mantivera distância delas — não havia motivo para caçar

problemas —, mas todas tinham ido embora tão rápido quanto haviam chegado. Ele

de fato tinha sorte, quando importava. Pelo menos até então.

O povo da cidade estava imerso em seus afazeres, a maioria ignorando os muitos

homens, mulheres e crianças vestidos em andrajos que perambulavam a esmo. Esses

últimos eram todos cairhienos e em geral chegavam até o rio antes de retornarem aos

acampamentos de refugiados ao redor da cidade. Poucos, no entanto, voltavam para

casa. A guerra civil podia ter terminado em Cairhien, mas ainda havia as milícias, e

eles temiam os Aiel. E, pelo que Mat sabia, também temiam topar com o Dragão

Renascido. A pura verdade era que haviam fugido para o mais longe possível, e

nenhum deles tinha energia para mais do que ir até o rio e admirar Andor.

Os soldados do Bando se somavam à multidão, grupos de um ou três serpenteando

por entre as lojas e tavernas, tropas em forma, besteiros e arqueiros com coletes

cobertos de discos de metal, lanceiros usando placas peitorais surradas descartadas

por seus superiores ou arrancadas dos mortos. Por toda parte se viam cavaleiros de

armaduras, lanceiros tairenos em capacetes com abas, cairhienos de capacetes em

formato de sino e até alguns andorianos com seus capacetes cônicos de elmos com

barras horizontais. Rahvin expulsara um bom número de homens da Guarda da

Rainha, homens leais demais a Morgase e alguns haviam se juntado ao Bando.

Mascates aos berros circulavam pela massa de gente com suas bandejas. Ofereciam

agulhas e fios; unguentos bons para qualquer ferida e remédios para todo tipo de

mal, desde bolhas até diarreia e tifo; sabão; panelas e canecas de estanho que

prometiam jamais enferrujar; meias de lã; facas e adagas do mais fino aço andoriano

— eles davam sua palavra —, todo tipo de coisa indispensável a um soldado ou que

os vendedores pudessem convencê-los de que era indispensável. O burburinho era

tamanho que os berros de qualquer mascate eram engolidos a mais de três passos de

distância.

Os soldados reconheceram Mat na mesma hora, claro, e muitos deram vivas,

mesmo os que estavam longe demais para ver além de seu chapéu de aba larga e a

estranha lança. O acessório e a arma o marcavam tão claramente quanto a insígnia de

qualquer nobre. Mat ouvira todo tipo de boatos em relação à sua recusa a usar

armadura e capacete. Eram os mais diversos, desde coragem insana à suspeita de que

apenas uma arma forjada pelo Tenebroso em pessoa poderia matá-lo. Alguns diziam

que ele ganhara o chapéu das Aes Sedai e que, enquanto o usasse, *nada* seria capaz

de matá-lo. A verdade era que se tratava de um chapéu comum, e ele o usava para

garantir boa sombra. E porque o ajudava a se lembrar de não chegar perto de

nenhum lugar onde fosse preciso usar armadura e capacete. As histórias que

circulavam sobre sua lança, com aquela inscrição que pouca gente entre os nobres

era capaz de ler, eram ainda mais exageradas. No entanto, nenhuma se aproximava

da estranheza da verdade. Aquela lâmina com inscrição de corvo fora feita por Aes

Sedai durante a Guerra da Sombra, antes da Ruptura. Não era necessário afiá-la,

nunca, e ele duvidava de que a lâmina pudesse ser quebrada.

Acenando para agradecer os berros de “Que a Luz ilumine Lorde Matrim!”,

“Lorde Matrim e vitória!” e outras bobagens, ele cruzou a multidão com Edorion.

Pelo menos não precisava acotovelar ninguém: o povo abria caminho logo que o via.

Queria que não fossem tantos os refugiados que o encaravam como se ele

escondesse a chave de sua esperança no bolso. Além de garantir que recebessem a

comida vinda nas fileiras de carroções que saíam de Tear, Mat não sabia o que mais

podia fazer. Muitos estavam sujos e vestidos em farrapos.

— O sabão seguiu para os acampamentos? — perguntou.

Edorion ouviu, apesar da gritaria.

— Seguiu. A maioria acabou trocando o sabão com os mascates por vinho barato.

Eles não querem sabão: querem ou cruzar o rio ou afogar as mágoas.

Mat soltou um grunhido amargo. Passagem para Aringill era algo que não podia

dar àquelas pessoas.

Até a guerra civil destruir Cairhien, Maerone fora ponto de passagem entre

Cairhien e Tear, o que significava que possuía quase tantas estalagens e tavernas

quanto casas. As primeiras cinco onde ele enfiara o nariz eram bem similares, desde

A Raposa e O Ganso até a Chicote do Carroceiro — construções de pedra com

mesas abarrotadas e eventuais brigas, que Mat ignorava. Todavia, nunca encontrava

ninguém bêbado.

A Portão do Rio, do outro lado da cidade, já fora a melhor estalagem de Maerone,

mas placas pesadas pregadas nas portas de madeira manchada pelo sol serviam de

lembrete aos estalajadeiros e serventes para que não embebedassem os soldados do

Bando. Ainda assim, mesmo os soldados sóbrios entravam em brigas — tairenos

com cairhienos com andorianos; homens a pé com cavaleiros; vassalos de um lorde

lutavam contra os de outro; veteranos enfrentavam novatos e soldados brigavam

com civis. Antes de saírem de controle, as lutas eram interrompidas por soldados de

cassetetes e braçadeiras vermelhas que iam do punho ao cotovelo. As unidades se

revezavam no fornecimento de Braços Vermelhos, mandando homens diferentes a

cada dia, e o grupo tinha que pagar por qualquer dano ocorrido em seus dias de

serviço. Isso aumentava o esforço para manter a paz.

Quando adentrou A Raposa e O Ganso, Mat viu um menestrel

corpulento de meia

idade equilibrando bastões em chamas; enquanto na Estalagem do Erinin, um

menestrel magrelo e já meio careca, de harpa na mão, declamava parte da *Grande*

Caçada à Trombeta. Apesar do calor, ambos usavam a inconfundível capa, toda

coberta de retalhos multicoloridos que se agitavam ao menor movimento. Um

menestrel daria a própria mão para não perder aquela capa. Os dois tinham plateias

bastante atentas — muitos espectadores vinham de aldeias que saudavam

avidamente a visita de um menestrel —, mais até do que a garota que cantava em

cima de uma mesa, na taverna chamada As Três Torres. A moça era bonita, com

seus longos cachos escuros, mas uma canção sobre amor verdadeiro decerto não

seria muito interessante para os homens que bebiam e gargalhavam. Nos outros

locais, a única diversão vinha de um ou dois músicos, mas o burburinho era ainda

mais alto e metade das mesas estava envolvida em jogos de dados que fizeram os

dedos de Mat coçar. Mas era verdade que ele quase sempre ganhava, pelo menos no

dado, e não seria correto tomar moedas de seus próprios soldados. E a maioria dos

homens às mesas era do Bando, poucos refugiados tinham moedas para gastar em

salões.

Algumas pessoas que não faziam parte do grupo circulavam por entre os

integrantes do Bando. Um kandoriano esguio e de barba forçada ostentando uma

pedra da lua do tamanho da unha do dedão pendurada em uma orelha e correntes de

prata cruzando o peitoral em seu casaco vermelho; uma domanesa de pele acobreada

e olhos astutos, com anéis de pedras preciosas em todos os dedos, apesar do vestido

azul modesto; um taraboniano com um quepe azul cônico de ponta achatada, o

bigode grosso escondido por trás de um véu transparente. Homens gorduchos em

casacos tairenos apertados na cintura; sujeitos magrelos usando casacos murandianos

que iam até o joelho; mulheres de olhar penetrante em vestidos de gola alta ou até o

tornozelo, mas sempre de lã bem cortada e cores sóbrias. Todos mercadores, prontos

para quando comesçassem as tiradas entre Andor e Cairhien. Em cada salão havia

dois ou três homens afastados dos outros, em geral sozinhos, a maioria sujeitos de

olhar severo, alguns bem-vestidos, outros pouco mais ajeitados que os refugiados,

mas todos com ar de quem sabia manejar a espada que traziam na cintura ou nas

costas. Mat identificou duas mulheres com aquele grupo, embora nenhuma portasse

armas — uma tinha um cajado comprido apoiado na mesa e supôs que a outra

levasse facas escondidas no vestido de montaria. Ele próprio escondia umas facas

nas roupas. Tinha certeza de que sabia o que ela e os outros queriam, e a mulher

seria tola de se meter naquilo desarmada.

Ao sair com Edorion da Chicote do Carroceiro, Mat parou para observar uma

mulher grandalhona de saias marrons divididas abrindo caminho pela multidão. A

mulher nem piscava, os olhos observando tudo, desmentindo a aparente placidez do

rosto redondo e ela ainda trazia no cinto um porrete cravejado de pregos e uma

adaga de lâmina pesada o suficiente para dar conta de um Aiel. Então havia uma

terceira mulher no grupo. Eram Caçadores da Trombeta, estavam atrás da lendária

Trombeta de Valere que convocaria os mortos de volta de seus túmulos para lutar na

Última Batalha. Quem a encontrasse teria lugar garantido nas histórias. *Isso se*

sobrar alguém para escrever alguma maldita história, pensou Mat, mordaz.

Alguns acreditavam que a Trombeta surgiria onde houvesse lutas e tumulto. Fazia

quatrocentos anos desde que a última Caçada à Trombeta fora convocada e o povo

tinha surgido de tudo que era lugar para fazer os juramentos mais recentes. Mat vira

bandos de Caçadores nas ruas de Cairhien e esperava ver mais quando chegasse a

Tear. Decerto também estariam avançando para Caemlyn. Queria que um deles

tivesse encontrado a coisa. Pelo que sabia, a maldita Trombeta de Valere jazia em

algum ponto das profundezas da Torre Branca — e, se ele conhecia minimamente as

Aes Sedai, ficaria surpreso se dez delas estivessem cientes disso.

Uma tropa marchava atrás de um oficial a cavalo de placa peitoral amassada e

capacete cairhieno, entre Mat e a mulher corpulenta. Cerca de duzentos lanceiros

com as armas para cima, um matagal de ponteiras, seguidos por mais de cinquenta

arqueiros com aljavas na cintura e arcos presos aos ombros. Não era o arco longo de

Dois Rios que Mat crescera usando, mas era uma arma bastante digna. Precisava

encontrar bestas para os homens, embora os arqueiros não estivessem muito

dispostos a trocar de arma. O batalhão cantava enquanto marchava e a massa de

vozes se sobrepunha ao resto do barulho.

— O almoço vai ser feijão e feno estragado,

no dia do nome ganha um casco quebrado.

Vai suar e sangrar até envelhecer,

Só nos seus sonhos ouro vai ter.

É a vida de um soldado.

É a vida de um soldado.

Uma multidão de civis os seguia, cidadãos e refugiados juntos, todos homens

jovens e curiosos, observando e escutando. Mat não deixava de se impressionar.

Quanto mais a canção maldizia o serviço — e a pior parte ainda não chegara —,

maior a multidão. Certo como a água era molhada, alguns daqueles homens saíam

para falar com um porta-estandarte antes de o dia terminar, e a maioria assinaria seu

nome ou deixaria uma marca. Decerto achavam que a música era uma tentativa de

assustá-los, de preservar a glória e os ganhos ilícitos. Pelo menos os lanceiros não

estavam cantando “Dançando com Jak das Sombras”. Mat odiava aquela música.

Assim que os rapazes percebiam que Jak das Sombras era a morte, começavam a ir

atrás de um porta-estandarte.

— *Sua garota com outro se casa.*

Sua única terra é uma cova rasa.

Sua comida de verme, ninguém vai chorar,

Seu próprio nascimento você vai amargar.

É a vida de um soldado.

É a vida de um soldado.

— O pessoal não para de se perguntar quando é que vamos para o sul
—

comentou Edorion, com um ar despretensioso, enquanto a tropa

avançava pela rua

levando um rastro de imbecis — Estão surgindo boatos. — Ele espiou Mat de

soslaio, avaliando seu humor. — Percebi que os ferradores estão conferindo as

parelhas para os carroções de suprimentos.

— A gente vai quando a gente for — respondeu Mat. — Não precisamos informar

Sammael de nossa partida.

Edorion lançou a ele um olhar firme. O taireno não era nem um pouco bronco.

Não que Nalesean fosse — só era ansioso demais, às vezes —, mas Edorion tinha

uma mente perspicaz. Nalesean jamais teria percebido os ferradores. Era pena que a

Casa Aldiaya fosse superior à Casa Selorna em importância, ou Mat teria posto

Edorion no lugar de Nalesean. Aqueles nobres idiotas, com sua fixação idiota nas

graduações. Não, Edorion não era nem um pouco burro — sabia que tão logo o

Bando rumasse para o sul, as notícias desceriam o rio a toda a velocidade, talvez

também voando com os pombos. Mat não teria apostado contra a possibilidade de

haver espiões em Maerone, nem se sentisse a sorte com força suficiente para lhe

arrebentar o crânio.

— Tem também um boato de que o Lorde Dragão estava na cidade, ontem —

comentou Edorion, no volume mais baixo que o barulho da rua permitia.

— O máximo que aconteceu ontem — respondeu Mat, seco — foi que tomei o

primeiro banho em uma semana. Vamos logo. Vai levar metade do tempo que nos

resta de luz para acabar com isso.

Mat daria tudo para descobrir como aquele boato começara. Estava errado em

apenas metade de um dia, e decerto não houvera ninguém para ver. Nas primeiras

horas da manhã, um raio de luz despontara de repente no quarto de Mat, lá na

estalagem Cervo Dourado. Desesperado, ele se atirara do outro lado da cama de

quatro pilares, uma bota calçada e a outra a meio caminho, puxando a faca que

mantinha presa entre as omoplatas. Então percebeu que era Rand, brotando de um

daqueles malditos buracos no nada. Parecia estar saindo do palácio em Caemlyn,

pelas colunas visíveis antes de a abertura se esvaír. Ficou um pouco espantado com a

visita no meio da noite, sem escolta Aiel, irrompendo bem no quarto de Mat — coisa

que ainda lhe dava calafrios. Aquela luz estranha poderia tê-lo fatiado em dois, se

estivesse no lugar errado. Mat *não gostava* do Poder Único. A situação toda fora

muito estranha.

— *Vá depressa e devagar, Mat — disse Rand, andando de um lado para o*

outro,

sem olhar em sua direção. Mantinha a mandíbula tensa, o rosto empapado de suor.

— Ele tem que estar avisado. Tudo depende disso.

Sentado na cama, Mat deu um solavanco com o pé para terminar de tirar a bota e

largou-a no tapete que a Senhora Daelvin lhe cedera.

— Eu sei — respondeu, em um tom amargo, parando para esfregar o tornozelo

que machucara em uma das colunas da cama. — Eu ajudei a bolar a porcaria do

plano, lembra?

— Como é que a gente sabe quando está apaixonado por uma mulher, Mat? —

Rand não parava de andar e disparou a pergunta como se tivesse tudo a ver com o

que estava dizendo antes.

Mat piscou.

— Pelo Poço da Perdição, como eu vou saber? Nessa armadilha eu nunca pus o

pé. Por quê?

Rand apenas deu de ombros.

— Vou acabar com Sammael, Mat. Eu juro. Devo isso aos mortos. Mas onde

estão os outros? Preciso acabar com todos.

— Mas um de cada vez. — Ele quase não conseguiu evitar que a frase saísse

como uma pergunta. Nos últimos tempos, não havia como saber com o que Rand

ficaria obcecado.

*— Tem Devotos do Dragão em Murandy, Mat. Em Altara também.
Homens*

*devotos a mim. Quando Illian for minha, Altara e Murandy cairão feito
ameixas*

*maduras. Vou iniciar contato com os Devotos do Dragão em Tarabon. e em
Arad*

*Doman. E, se os Mantos-brancos tentarem me impedir de chegar a
Amadícia, vou*

*acabar com eles. O Profeta já deixou Ghealdan preparada e está quase
terminando*

*com Amadícia, pelo que eu ouvi dizer. Consegue imaginar Masema como
Profeta?*

*Saldaea virá até mim, Bashere tem certeza. Todas as Terras da Fronteira
virão.*

*Têm que vir! Eu vou conseguir, Mat. Todas as nações unidas antes da
Última*

Batalha. — A voz de Rand assumira um tom febril.

*— Claro, Rand — respondeu Mat, hesitante, acomodando a outra bota ao
lado da*

primeira. — Mas uma coisa de cada vez, certo?

*— Nenhum homem deveria ter a voz de outro homem na própria cabeça
—*

*resmungou Rand e as mãos de Mat congelaram enquanto ele tirava uma
das meias*

de lã.

*Por mais estranho que fosse, pegou-se pensando se ainda poderia usar o
par mais*

*um dia. Rand sabia de parte do que acontecera dentro daquele ter'angreal
em*

Rhuidean — pelo menos sabia que ele, de alguma forma, obtivera conhecimento a

respeito das funções de um soldado. Mas não sabia de tudo... Mat achava que não.

Não sabia das lembranças de outros homens. Rand não pareceu notar nada fora do

comum. Só passou os dedos pelos cabelos e prosseguiu:

— Ele pode ser enganado, Mat... Sammael sempre pensa de maneira muito

linear. Mas será que tem alguma brecha por onde ele possa se esgueirar? Se houver

qualquer erro, milhares de pessoas vão morrer. Dezenas de milhares. Centenas já

vão morrer, de todo modo, mas não quero que sejam milhares.

Mat contorceu o rosto em uma careta tão intensa que o mascate de rosto suado

que tentava lhe vender uma adaga com cabo de pedras “preciosas” de vidro colorido

quase largou a mercadoria ao tentar se misturar à multidão. Rand era sempre assim,

trocando de assunto toda hora, indo da invasão de Illian para os Abandonados e as

mulheres — Luz, Rand sempre conseguia o que queria com as mulheres, que nem

Perrin —, da Última Batalha às Donzelas da Lança e coisas que Mat não

compreendia. E quase nunca ouvia as respostas, às vezes sequer esperava por elas.

Ouvir Rand falar de Sammael como se conhecesse o homem era mais que apenas

desconcertante. Sabia que Rand acabaria enlouquecendo, mas se a loucura já

estivesse à espreita...

E quanto aos outros, os coitados que *desejavam* canalizar, que Rand estava

reunindo, e o tal sujeito Taim, que já conseguia? Rand mencionara como se não

fosse nada muito relevante. Mazrim Taim, o maldito falso Dragão, ensinando aos

malditos alunos de Rand — ou fosse lá o que fossem aqueles homens. Quando todos

começassem a enlouquecer, Mat não queria estar nem a mil milhas deles.

Só que tinha tanta opção quanto uma folha em um redemoinho. Era *ta'veren*,

porém Rand era mais. Nada havia nas Profecias do Dragão sobre Mat Cauthon, mas

ele fora capturado e preso, feito um leitãozinho. Luz, queria nunca ter posto os olhos

na Trombeta de Valere.

Com a expressão sombria, avançou pelas tavernas e pelos salões, afastando-se dos

entornos da Cervo Dourado. Não eram diferentes da primeira que vistoriara: mesas

abarrotaadas de homens bebendo, jogando e brigando, os músicos sempre abafados

pelo burburinho, Braços Vermelhos apartando as brigas assim que começavam. Em

uma, um menestrel recitava *A Grande Caçada* — popular mesmo sem Caçadores

por perto —, em outra, uma mulher branca e pequenina entoava uma canção um

tanto obscena, que ficava ainda mais escandalosa ao ser recitada por

alguém de rosto

redondo e olhos tão grandes e inocentes.

Ainda desanimado, abandonou a Trombeta de Prata — que nome idiota! — e sua

cantora de rosto inocente. Talvez tenha sido por isso que saiu disparado em direção à

gritaria que estourava na rua, logo na frente de outra estalagem. Se houvesse

soldados envolvidos, os Braços Vermelhos cuidariam da situação, mas mesmo assim

Mat foi se embrenhando pela multidão. Rand estava enlouquecendo e largando-o no

meio da tempestade, com Taim e aqueles outros idiotas prontos para adentrar a

loucura com ele. Sammael aguardava em Illian e nem a Luz sabia onde estava o

restante dos Abandonados — todos decerto à procura de uma chance de arrancar sua

cabeça pelo caminho. Isso sem levar em conta o que as Aes Sedai fariam se

pussem as mãos nele outra vez — pelo menos, as que sabiam demais. E todo

mundo pensando que ele ia dar as caras e virar um maldito herói! Em geral, tentava

se safar das brigas na lábia quando não conseguia passar longe delas, mas naquele

momento queria uma desculpa para meter um soco bem no meio da cara de alguém.

O que encontrou não foi nada do que esperava.

Um grupo de cidadãos — cairhienos baixos usando roupas discretas e um

punhado de andorianos mais altos vestidos em cores mais vivas —
rodeava,

inexpressivo, dois homens compridos e magros de bigodes curvos, que
usavam

casacos murandianos longos de seda brilhosa e portavam espadas
ornamentadas de

pomos e guarda-mãos dourados. O sujeito de casaco vermelho exibia
um sorriso

largo, divertindo-se ao observar o de amarelo agarrar a gola da camisa
de um garoto

pouco mais alto que a cintura de Mat, sacudindo-o como um cachorro
sacode um

rato.

Ele manteve a calma. Lembrou a si mesmo de que não sabia o motivo
de tudo

aquilo.

— Vá com calma com o garoto — mandou, pousando a mão no braço
do casaco

amarelo. — O que foi que ele fez para merecer...?

— Ele tocou o meu cavalo! — vociferou o sujeito com sotaque de
Mindea,

afastando a mão de Mat com uma sacudida. Os mindeanos se gabavam
de ter o pior

temperamento de todos em Murandy. Se gabavam! — Vou torcer esse
pescocinho

de camponês! Vou esmagar esse moleque magricela...!

Sem dizer outra palavra, Mat ergueu a base da lança e a enfiou direto
no meio das

pernas do sujeito. O murandiano abriu a boca, mas não emitiu som
algum. Seus

olhos se reviraram até ficarem completamente brancos. O garoto disparou assim que

o homem desabou de joelhos, as pernas moles e a cara no chão da rua.

— Não vai, não — retrucou Mat.

Aquilo não foi o fim, claro. O homem de casaco vermelho agarrou a própria

espada. Até conseguiu desembainhar um pedacinho antes que Mat lhe acertasse o

pulso com a base da lança. Grunhindo, o sujeito largou o cabo, mas esticou a outra

mão para agarrar a adaga de lâmina comprida pendurada em seu cinto. Mais que

depressa, Mat o golpeou acima da orelha. Não foi com força, mas o sujeito caiu em

cima de seu companheiro. Que imbecil! Mat não soube ao certo se estava pensando

no sujeito do casaco vermelho ou em si mesmo.

Finalmente chegaram alguns Braços Vermelhos, abrindo caminho por entre os

observadores. Eram cavaleiros tairenos de costas largas, pareciam meio sem jeito

andando a pé com as botas até os joelhos, as mangas douradas espremidas embaixo

das braçadeiras. Edorion agarrara o garoto, um menino encovado e emburrado de

cerca de seis anos, arrastando os dedos nus pela terra e de vez em quando tentando

dar um tranco no braço de seu captor. Talvez fosse a criança mais feia que Mat já

vira, com nariz achatado, boca grande demais para o rosto e orelhas imensas

despontando das laterais da cabeça. Pelos rombos em seu casaco e calças, era um

dos refugiados. Parecia imundo.

— Dê um jeito nisso, Harnan — mandou Mat. Harnan era um Braço Vermelho de

queixo comprido, um líder de destacamento de expressão tolerante com uma

tatuagem tosca de um gavião na bochecha esquerda. A moda parecia estar se

difundindo pelo Bando, mas a maioria se limitava a marcar partes do corpo que

costumavam ficar encobertas. — Descubra o motivo disso tudo, depois mande esses

dois grosseirões para fora da cidade. — Eles mereciam, fosse lá qual tivesse sido a

provocação.

Um magricelo de casaco murandiano de lã escura serpenteou por entre o povo e

caiu de joelhos ao lado dos dois, no chão. O de casaco amarelo começara a emitir

grunhidos abafados e o de casaco vermelho já agarrava a cabeça, murmurando algo

que pareciam xingamentos. O recém-chegado fez mais barulho que os dois juntos.

— Ah, milordes! Milorde Paers! Milorde Culen! Os senhores foram mortos? —

Ele estendeu as mãos trêmulas na direção de Mat. — Ah, mas não mate os dois,

milorde! Não assim, indefesos. Eles são Caçadores da Trombeta, milorde. Eu sou

Padry, servo deles. São heróis, milorde, são sim.

— Eu não vou matar ninguém — interrompeu Mat, enojado. — Você faça esses

heróis montarem em seus cavalos e caia fora de Maerone até o anoitecer. Não gosto

de marmanjos que ameaçam torcer o pescoço de uma criança. Eles têm até o

anoitecer!

— Mas, milorde, eles estão machucados. Era é só um camponesinho, e estava

bulindo no cavalo de Lorde Paers.

— Eu só sentei no cavalo — gritou o garoto. — Eu não estava... isso aí que o

senhor disse.

Mat assentiu, de cara feia.

— Não se quebra o pescoço de uma criança por se sentar em um cavalo, Padry.

Nem se for um *camponesinho*. Tire esses dois daqui, ou eu é que vou torcer o

pescoço *deles*. — Gesticulou para Harnan que assentiu depressa para os outros

Braços Vermelhos. Os líderes de destacamento nunca faziam nada sozinhos, assim

como os porta-estandartes. O grupo ergueu Paers e Culen com violência e os atirou

para longe, grunhindo. Padry foi atrás, contorcendo as mãos e gritando, em protesto,

que seus mestres não estavam em condições de cavalgar, que eram Caçadores da

Trombeta e heróis.

Mat percebeu que Edorion ainda agarrava o braço da causa de todo

aquele

problema. Os Braços Vermelhos tinham ido embora, os habitantes da cidade já se

dispersavam. Ninguém prestava atenção ao garoto, todos tinham suas próprias

crianças para cuidar, tarefa que já era bastante difícil. Mat suspirou pesadamente.

— Você não entende que pode se machucar “só sentando” em um cavalo

estranho, garoto? O garanhão que esse tipo de sujeito cavalga é capaz de pisotear um

garotinho que nem você em sua baia e ninguém nunca mais o encontraria.

— Capão. — O garoto deu outro puxão para tentar se soltar de Edorion, e, ao

perceber que não tinha conseguido, fechou um bico emburrado. — Era um capão e

não ia me machucar. Os cavalos gostam de mim. Eu não sou um *garotinho*, tenho

nove anos. E meu nome é Olver, não é *garoto*.

— Olver, é? — Nove anos? Podia ser. Mat era ruim em dizer a idade de crianças,

ainda mais sendo uma criança cairhiena. — Bom, Olver, onde estão sua mãe e seu

pai? — Ele olhou em volta, mas os refugiados ao redor passavam tão ligeiros quanto

os cidadãos. — Onde é que eles estão, Olver? Tenho que devolver você a eles.

Em vez de responder, Olver mordeu o lábio inferior. Uma lágrima se formou em

um dos olhos e ele a esfregou, cheio de raiva.

— Os Aiel mataram o papai. Um desses... Shado. Mamãe disse que a gente

estava indo para Andor. Ela disse que a gente ia morar em uma fazenda. Com

cavalos.

— Onde é que ela está? — perguntou Mat, baixinho.

— Ela ficou doente. Eu... eu a enterrei num lugar com umas flores. — De súbito,

Olver chutou Edorion e começou a se debater, preso a seu pulso. As lágrimas

escorriam pelo rosto do menino. — Me solte. Eu consigo me cuidar sozinho. Me

solte.

— Cuide dele até encontrarmos alguém — disse Mat a Edorion que o encarou

embasbacado, tentando ao mesmo tempo afastar e segurar o garoto.

— Eu? E o que é que eu vou fazer com esse ratinho bravo como um leopardo?

— Para começar, dê a ele um prato de comida. — Mat torceu o nariz. Pelo cheiro,

Olver passara pelo menos um tempinho no chão da baia do capão. — E um banho.

Ele está fedendo.

— Fale comigo — gritou Olver, esfregando o rosto. As lágrimas ajudaram a dar

um jeito na imundície. — Fale comigo, não de mim!

Mat piscou, surpreso, depois se agachou.

— Me desculpe, Olver. Eu também sempre odiava quando faziam isso comigo.

Agora, o negócio é o seguinte: você está fedendo, então Edorion vai levar você até a

Cervo Dourado, onde a Senhora Daelvin vai deixar você tomar um banho. — A

irritação no rosto de Olver cresceu. — Se ela falar alguma coisa, diga que fui eu

quem mandou. Ela não vai poder impedir. — Mat conteve um sorriso diante do olhar

espantado do garoto, aquilo poderia pôr tudo a perder. Olver talvez não gostasse da

ideia de tomar um banho, mas se alguém tentasse proibi-lo... — Agora faça o que

Edorion mandar. Ele é um verdadeiro lorde taireno e vai arranjar um prato de

comida quentinha para você e umas roupas sem furos. E uns sapatos. — Era melhor

não acrescentar “e alguém para cuidar de você”. A Senhora Daelvin poderia dar um

jeito nisso. Um pouco de ouro daria conta de qualquer relutância.

— Eu não gosto de tairenos — resmungou Olver, franzindo o cenho primeiro para

Edorion, depois para Mat. Edorion fechara os olhos e murmurava sozinho. — Ele é

lorde de verdade? O senhor também é lorde?

Antes que Mat pudesse responder, Estean veio correndo pela multidão, o rosto

grumoso todo vermelho e empapado de suor. A placa peitoral amassada conservava

alguns fragmentos da antiga glória dourada e as tiras de cetim vermelho nas mangas

amarelas do casaco estavam bem puídas. Ele não parecia nem um

pouco o filho do

lorde mais rico de Tear. Por outro lado, jamais parecera.

— Mat. — O homem ofegava, metendo os dedos pelos cabelos ralos que insistiam

em cair por sobre a testa. — Mat... no rio, lá embaixo...

— O quê? — interrompeu Mat, irritado. Começaria a mandar bordar “Não sou um

maldito lorde” em seus casacos. — Sammael? Os Shaido? A Guarda da Rainha? Os

malditos Leões Brancos? O quê?

— Um navio, Mat — respondeu Estean, ofegante, remexendo o cabelo. — Um

navio imenso. Acho que é do Povo do Mar.

Era improvável. Os Atha’an Miere nunca levavam os navios além do porto mais

próximo do mar aberto. Porém... não havia muitas aldeias ao sul do Erinin e os

carregamentos que os carroções conseguiam levar escasseariam antes que o Bando

chegasse a Tear. Ele já tinha contratado embarcações fluviais para acompanhar a

trilha da marcha, mas um navio maior seria bastante útil.

— Cuide de Olver, Edorion — mandou, ignorando a careta do homem. — Estean,

me leve a esse navio.

Estean assentiu com vigor. Teria voltado a correr em disparada se Mat não tivesse

agarrado a manga de seu casaco para obrigá-lo a caminhar. Estean estava sempre

ansioso e demorava a aprender, combinação responsável pelos cinco hematomas que

ele ostentava no corpo, todos causados pelo porrete da Senhora Daelvin.

O fluxo de refugiados crescia à medida que Mat se aproximava do rio, ambos em

lentos movimentos sinuosos. Meia dúzia de barcas de ripas largas estava atracada ao

cais, feito de vigas de madeira revestidas de piche, mas os remos haviam sido

levados para longe e não havia um único tripulante à vista em nenhum deles. Os

únicos barcos em atividade eram meia dúzia de balsas fluviais, embarcações

robustas de um ou dois mastros que haviam feito uma parada rápida antes de seguir

o rio. Os tripulantes descalços mal se mexiam nos barcos que Mat contratara. Os

porões estavam abarrotados, e os capitães garantiam ter condições de navegar assim

que ele emitisse a ordem. Pelas águas do Erinin corriam embarcações de proa larga e

velas quadradas, navios estreitos de velas triangulares, mas nada que fizesse a

passagem entre Maerone e Aringill, toda murada, onde estava exposto o Leão

Branco de Andor.

O estandarte também ondeava em Maerone, e os soldados andorianos que

guardavam a cidade não tinham ficado felizes em deixar o Bando da Mão Vermelha

entrar na cidade. Rand podia até controlar Caemlyn, mas seu comando não se

estendia à Guarda da Rainha nem às unidades erguidas por Gaebriel, como os Leões

Branços. Eles agora estavam em algum ponto a oeste — pelo menos era naquela

direção que haviam fugido, e qualquer boato que mencionasse bandidos podia ser

obra deles —, mas o restante cruzara o rio depois das escaramuças com o Bando.

Desde então, ninguém cruzara o Erinin.

Mas a única coisa que Mat realmente viu foi um navio ancorado bem no meio do

imenso rio. Era mesmo uma embarcação do Povo do Mar, maior e mais comprida do

que qualquer das fluviais, porém de aspecto bem suave, com dois mastros

inclinados. Silhuetas escuras subiam pelos cordames, umas de peitoral desnudo e

calças largas que à distância pareciam pretas, outras usando as blusas de cores vivas

comum às mulheres. Metade da tripulação, ou quase isso, parecia de mulheres. As

imensas velas quadradas tinham sido puxadas, mas ainda pendiam em dobras

frouxas, prontas para serem soltas a qualquer instante.

— Arrume um barco para mim — pediu a Estean. — E uns remadores.
—

Precisava lembrar isso a Estean. O taireno apenas piscou, surpreso, passando a mão

pelos cabelos. — Corra, homem! — Estean assentiu de repente e pôs-

se a correr.

Mat caminhou até a ponta do desembarcadouro mais próximo, apoiou a lança no

ombro e puxou a luneta do bolso do casaco. Quando pôs o tubo revestido de latão

diante do olho, o navio pulou mais para perto. O Povo do Mar parecia estar à espera

de algo... mas do quê? Alguns olhavam na direção de Maerone, mas a maioria

observava o lado oposto, inclusive o pessoal no tombadilho superior — onde deviam

estar a Senhora das Velas e as outras oficiais do navio. Ele girou a luneta para o

outro extremo do rio e avistou um bote a remos comprido e estreito com homens

escuros remando, avançando em direção ao navio.

Havia alguma confusão em um dos compridos cais de Aringill, quase idênticos

aos de Maerone. Casacos vermelhos com golas brancas e reluzentes placas peitorais

indicavam a presença da Guarda da Rainha, que claramente recebia um grupo de

pessoas que chegava do navio. O que fez Mat assobiar baixinho foi o par de para-

sóis vermelhos entre os recém-chegados, um deles com dois andares. Às vezes

aquelas antigas lembranças eram bastante úteis: o para-sol de dois andares indicava a

Mestra das Ondas de um clã, e o outro, seu Mestre da Espada.

— Arrumei um barco, Mat — anunciou Estean, ofegante, por cima de seu ombro.

— E uns remadores.

Mat virou a luneta de volta para o navio. Pela atividade no convés, estavam

subindo a pequena embarcação, mas alguns homens no cabrestante já puxavam a

âncora para cima, e as velas já estavam sendo sacudidas.

— Parece que eu não vou precisar — murmurou.

Do outro lado do rio, a delegação dos Atha'an Miere desapareceu no desembarcadouro com uma escolta de guardas. Nada daquilo fazia sentido. Pessoas

do Povo do Mar a novecentas milhas do mar. Apenas a Senhora dos Navios era mais

importante que uma Mestra das Ondas; apenas o Mestre das Lâminas era mais

importante que um Mestre da Espada. Não fazia sentido, não pelas lembranças que

tinha daqueles outros homens em sua mente. Mas eles *eram* velhos — Mat

“lembrava” que se conhecia menos sobre os Atha'an Miere do que sobre qualquer

povo, exceto os Aiel. Sabia mais sobre os Aiel por experiência própria do que por

lembranças, e isso já era bem pouco. Talvez alguém que conhecesse o Povo do Mar

de hoje em dia pudesse entender o que estava havendo ali.

As velas já ondeavam ao alto do navio, a âncora ainda sendo puxada, encharcada

de água, para a proa. Fosse lá o que tanto os apressava, parecia que não os levaria de

volta ao mar. A embarcação deslizou rio acima a uma velocidade

crescente, traçando

uma curva em direção à foz pantanosa do Alguenya, poucas milhas a norte de

Maerone.

Bem, não tinha nada a ver com ele. Com uma última olhadela pesarosa para o

navio — aquela coisa poderia transportar mais do que todas as embarcações menores

que ele conseguira juntas —, Mat enfiou a luneta de volta no bolso e deu as costas

para o rio. Estean ainda andava de um lado a outro, encarando-o.

— Pode dispensar os remadores, Estean — disse Mat, com um suspiro, e o taireno

saiu pisando firme, resmungando sozinho e esfregando as mãos no cabelo.

Havia mais lama visível desde a última vez que fora até o rio, alguns dias antes.

Era só uma nesga viscosa de menos de uma mão de largura entre a água e a tirinha

estreita de lama seca da margem, mas era prova de que mesmo um rio como o Erinin

estava secando aos poucos. Nada a ver com ele. Pelo menos, nada que pudesse fazer

a respeito. Deu meia-volta e retomou as rondas nas tavernas e nos salões. Era

importante que nada parecesse fora do normal, naquele dia.

Quando o sol caiu, Mat já estava de volta à estalagem Cervo Dourado, dançando

com Betse, agora sem o avental, enquanto os músicos tocavam o mais alto que

podiam. Danças regionais, dessa vez. As mesas tinham sido afastadas para dar lugar

a seis ou oito casais. A noite trouxe um pouco de frio, mas só em comparação com o

dia. Homens bebendo às gargalhadas apinhavam os bancos, e as serventes corriam

para levar sopa de carneiro, nabo e cevada às mesas e manter cheias as canecas de

cerveja e as taças de vinho.

Por mais surpreendente que fosse, as mulheres pareciam considerar a dança um

descanso da tarefa de circular pelo salão com as bandejas. Pelo menos, todas sorriam

avidamente quando chegava sua vez de enxugar o suor da face e tirar o avental para

uma dança, embora suassem na mesma intensidade depois que a música começava.

Talvez a Senhora Daelvin tivesse acertado algum tipo de revezamento. Nesse caso,

Betse era exceção. A bela jovem só servia vinho para Mat, só dançava com Mat e a

estalajadeira abria sorrisos enormes para o casal, como uma mãe no casamento da

filha, o que deixava Mat constrangido. Na verdade, Betse dançava com ele até lhe

deixar os pés e as panturrilhas doloridas, mas jamais interrompia o sorriso, os olhos

brilhando de puro prazer. Exceto quando paravam para recuperar o fôlego, claro. Ou

melhor, para ele recuperar o fôlego — a moça não parecia precisar. Assim que seus

pés paravam, a língua disparava a galope. O mesmo, inclusive, acontecia quando ele

tentava beijá-la: Betse sempre virava a cabeça e exclamava sobre uma coisa ou

outra, de modo que ele acabava por lhe beijar a orelha ou os cabelos, em vez de os

lábios. E ela sempre parecia se surpreender. Mas ainda não conseguira concluir se a

mulher era muito tonta ou esperta demais.

O relógio já marcava quase duas da manhã quando ele enfim disse a Betse que ia

parar pela noite. A decepção se estampou no belo rosto, e um biquinho apareceu. A

moça tinha ânimo para dançar até amanhecer. Não estava só: uma das servas mais

velhas massageava um dos pés, apoiada em uma parede, mas as outras pareciam tão

animadas e alertas quanto Betse. A maioria dos homens parecia exausta e os que se

deixavam arrastar para longe dos bancos estampavam sorrisos petrificados, mas a

maior parte apenas recusava a dança. Mas não entendia. Concluiu que devia ser

porque, na dança, quase todo o esforço ficava a cargo dos homens, tendo de

conduzir tantas levantadas e rodopios. Além do mais, as mulheres eram leves, pular

de um lado a outro simplesmente consumia menos de sua energia. Piscando para

uma servente corpulenta que rodopiava Estean pelo salão, em vez do contrário — o

homem sabia dançar, esse talento ele tinha —, Mat apertou uma moeda de ouro na

mão de Betse, uma coroa andoriana bem gorda, para que ela comprasse algo bonito.

A mulher analisou a coroa por um instante, então se pôs nas pontas dos pés e o

beijou de leve na boca, feito o roçar de uma pluma.

— Eu nunca enforcaria você, não importa o que fizesse. Dança comigo amanhã?

— Antes que ele pudesse responder, a mulher deu uma risadinha e saiu em

disparada, olhando-o por cima do ombro até começar a tentar puxar Edorion para a

área da dança. A Senhora Daelvin interceptou o casal e enfiando um avental nas

mãos de Betse, apontou o polegar na direção da cozinha.

Mat mancou de leve ao andar até a mesa encostada na parede dos fundos, onde

Talmanes, Daerid e Nalesean haviam se escondido. Talmanes encarava a taça de

vinho como se ali fosse encontrar respostas a questões profundas. Daerid, com um

sorriso de orelha a orelha, observava Nalesean tentando se desvencilhar de uma

servente roliça de olhos cinza e cabelos castanho-claros sem querer admitir para a

moça que estava com os pés doloridos. Mat apoiou os punhos na mesa.

— O Bando segue para o sul ao amanhecer. É melhor vocês começarem a se

aprontar.

Os três o encararam, boquiabertos.

— Mas isso é daqui a algumas horas — protestou Talmanes.

— Vai levar esse tempo só para tirar esses homens dos salões — disse Nalesean,

ao mesmo tempo.

Estremecendo, Daerid sacudiu a cabeça.

— Ninguém vai dormir hoje à noite.

— Eu vou — respondeu Mat. — Algum de vocês me acorde daqui a duas horas.

Assim que amanhecer, quero todo mundo em marcha.

E foi assim que se viu montado em Pips, seu robusto capão marrom, à cinzenta

luz da aurora, levando a lança na sela e o arco longo sob a cilha.
Estava com o sono

atrasado e uma dor atrás dos olhos, observando o Bando da Mão Vermelha deixar

Maerone. Todos os seis mil homens. Metade a cavalo, metade a pé, fazendo barulho

o bastante para acordar os mortos. Apesar da hora, o povo se enfileirava nas ruas e

olhava, atordoados, por detrás das janelas.

O estandarte quadrado de franjas vermelhas do Bando guiava o caminho, uma

mão vermelha sobre um fundo branco, o lema bordado em carmesim logo abaixo:

Dovie'andi se tovyá sagain. “É hora de rolar os dados.” Nalesean, Daerid e

Talmanes seguiam com o estandarte, dez homens montados batiam em atabales de

latão com panos escarlate amarrados, e o mesmo número de trombeteiros somavam

floreios aos sons. Atrás vinha a cavalaria de Nalesean, composta por uma mistura de

cavaleiros tairenos e Defensores da Pedra, fidalgotes cairhienos ostentando *con* nas

costas — os pequeninos estandartes que identificavam os oficiais de Cairhien — e

serviçais em seu encalço, e um punhado de andorianos. Cada esquadrão e tropa tinha

seu próprio estandarte comprido exibindo a Mão Vermelha, uma espada e um

número. Mat os fizera sortear quem ficaria com cada número.

A mistura causara certa reclamação, ou mais do que isso, verdade fosse dita. No

início, os cavalos cairhienos seguiam Talmanes, e os tairenos, Nalesean. Os homens

a pé desde sempre se configuraram um grupo heterogêneo. Também houvera

reclamações para que cada unidade tivesse o mesmo número de homens, além de

protestos quanto aos números nas flâmulas. Os lordes e os capitães sempre reuniram

o máximo de homens capazes de segui-los, e os grupos ficavam conhecidos como

homens de Edorion, Meresin ou Alhandrin. Eles ainda faziam isso um pouco — por

exemplo, os quinhentos de Edorion chamavam a si mesmos de Martelos de Edorion,

não de Primeiro Esquadrão —, mas Mat lhes incutira a noção de que todos os

homens pertenciam ao Bando, não às nações onde por acaso tivessem nascido, e

quem não gostasse de fazer as coisas do jeito dele, que se sentisse livre para ir

embora. O mais impressionante era que ninguém tinha ido.

Era difícil entender por que ficavam. Sob a liderança dele os homens venciam,

claro, mas alguns morriam. Tinha dificuldade de alimentá-los e garantir que o

pagamento chegasse mais ou menos na época certa, e era bom que esquecessem a

fortuna que alardeavam que iriam saquear. Ninguém até então vira uma só moeda

daquela fortuna e ele não via grandes chances de que um dia isso fosse acontecer.

Era loucura.

O Primeiro Esquadrão ergueu um viva, que logo se alastrou pelo Quarto e o

Quinto. Os Leopardos de Carlomin e as Águias de Reimon, como chamavam a si

mesmos.

— Lorde Matrim e vitória! Lorde Matrim e vitória!

Se Mat tivesse uma pedra à mão, teria jogado neles.

A infantaria vinha em seguida, serpenteante, cada companhia sob a cadência de

batuques de tambor e uma flâmula comprida, esta com uma lança cruzada diante da

mão, em vez de uma espada. Eram vinte fileiras encrespadas com pontas de lança,

seguidas por cinco de arqueiros ou besteiros. Cada companhia também

tinha uma ou

duas flautas, e entoavam uma canção seguindo a melodia.

— *A noite toda beber, o dia todo dançar,*

e com as garotas moedas gastar.

E quando tudo acabar, é hora de bailar

com Jak das Sombras.

Mat ficou ouvindo a música até o primeiro homem da cavalaria de Talmanes

aparecer, então cravou os calcanhares nos flancos de Pips. Não precisava esperar os

carroções de mantimentos na outra ponta, nem as fileiras de remontas. Entre aquele

ponto e Tear, os cavalos ficariam mancos ou sofreriam mortes que os ferradores não

teriam condições de impedir, e um cavaleiro sem cavalo não adiantava de muita

coisa. No rio, sete pequenos navios vinham descendo devagar, debaixo de velas

triangulares, um pouco mais ligeiros que a correnteza. Cada um ostentava uma

pequena bandeira com a Mão Vermelha. Outras embarcações também começavam a

zarpar, algumas rumando ligeiras para o sul, debaixo de toda a lona que podiam

sustentar.

Assim que alcançou a dianteira da coluna, o sol enfim despontou por detrás do

horizonte, enviando os primeiros raios pelas fileiras de colinas e os matagais

isolados. Mat puxou o chapéu para baixo, para proteger os olhos do brilho daquela

nesga de luz. Nalesean cobriu a boca com o punho envolto em uma manopla,

abafando um bocejo impressionante, e Daerid permaneceu sentado em sua sela,

corcunda, as pálpebras pesadas, como se fosse cair no sono ali mesmo. Apenas

Talmanes mantinha as costas eretas, os olhos bem abertos e alerta. Mat sentia-se

mais como Daerid.

Ainda assim, ergueu a voz para ser ouvido por cima dos tambores e trombetas.

— Enviem os batedores assim que estivermos fora das vistas da cidade. — Tanto

a floresta quanto o descampado ficavam bem mais longe ao sul, mas uma estrada

bem estabelecida entrecortava os dois. A maior parte do tráfego seguia pela água,

mas ao longo dos anos haviam passado por ali andarilhos e carroções suficientes

para demarcar uma trilha. — E fechem a matraca, que droga.

— Batedores? — repetiu Nalesean, espantado. — Que a minha alma queime, não

tem ninguém nem com uma lança em um raio de dez milhas, a não ser que você ache

que os Leões Brancos tenham parado de correr. E, se tiverem parado, não vão

avançar mais de cinquenta milhas se souberem que estamos por perto.

Mat ignorou o homem.

— Quero cobrir trinta e cinco milhas hoje. Quando conseguirmos cobrir trinta e

cinco todos os dias, veremos quantas mais conseguimos forçar. — Eles o encararam

boquiabertos. Os cavalos não conseguiam manter esse ritmo por muito tempo e

qualquer pessoa além dos Aiel considerava vinte e cinco milhas uma distância boa

até demais para se percorrer a pé. Mas Mat precisava jogar com a mão que recebera.

— Comadrin escreveu: “Ataquem por terra, de onde o inimigo não imagina, de um

canto inesperado, em um momento inesperado. Armem defesas onde o inimigo não

imagina, quando acredita que terão fugido. A surpresa é a chave da vitória, e a

rapidez é a chave da surpresa. Para o soldado, a velocidade é vida.”

— Quem é Comadrin? — perguntou Talmanes, depois de um instante, e Mat

precisou se aprumar para responder.

— Um general. Morreu há muito tempo. Eu li um livro dele.

Lembrava-se de ter lido, pelo menos, e mais de uma vez. Duvidava de que ainda

existisse alguma cópia. Lembrava-se até de ter conhecido Comadrin depois de

perder uma batalha para ele, por volta de seiscentos anos antes de Artur Asa-de-

gavião. Essas lembranças lhe vinham à mente sem qualquer aviso. Pelo menos não



falara na Língua Antiga, já estava conseguindo evitar esse tipo de coisa.

Observando os batedores montados se dispersarem pela planície ondulante ao

longo do rio, Mat relaxou. Sua parte naquilo tudo havia começado, e de acordo com

o plano. Uma partida afobada sem aviso prévio, como se estivesse tentando fugir

sorrateiro para o sul, mas pomposa o suficiente para garantir que seria notada. A

coisa toda o faria parecer um idiota, o que também era bom. Era boa ideia ensinar o

Bando a se deslocar mais depressa — a rapidez poderia evitar o confronto —, e o

avanço certamente seria notado ao longo do rio, mesmo que ninguém mais

reparasse. Esquadrinhou o céu: nenhum corvo ou gralha, o que não significava muita

coisa. Nenhum pombo, também, mas Mat comeria a própria sela se nenhum pombo

tivesse saído de Maerone aquela manhã.

Dentro de no máximo alguns dias, Sammael saberia que o Bando estava chegando

depressa e a notícia que Rand espalhara em Tear teria deixado claro que a chegada

de Mat sinalizava a invasão iminente de Illian. Mesmo no melhor ritmo que o Bando

fosse capaz de imprimir, levariam mais de um mês para chegar a Tear. Com sorte,

Sammael ficaria preso feito um piolho entre duas pedras antes que Mat sequer

precisasse chegar a cem milhas de distância do Abandonado. Sammael veria todo o

ataque se aproximando — ou quase todo —, mas aquela seria uma dança diferente

da que ele imaginava. Diferente da dança que qualquer um além de Rand, Mat e

Bashere imaginavam. Esse era o verdadeiro plano. Mat se pegou assobiando. Pela

primeira vez, tudo sairia do jeito que esperava.



CAPÍTULO 6

TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS

Cauteloso, Sammael pisou nos carpetes de seda florida, deixando o portão aberto

para caso fosse preciso recuar, mantendo-se firmemente agarrado a *saidin*.

Costumava recusar reuniões fora de territórios neutros — ou de seu próprio —, mas

já era a segunda vez que pisava ali. Questão de necessidade. Nunca fora de confiar

nos outros, ainda mais desde que ouvira fragmentos do que se passara entre

Demandred e as três mulheres — e Graendal sem dúvida contara apenas o suficiente

para se beneficiar de alguma forma. Ele compreendia: tinha seus próprios planos,

desconhecidos pelos outros Escolhidos. Haveria apenas um Nae’blis, um prêmio tão

valioso quanto a própria imortalidade.

Sammael ficou parado sobre um palanque largo com parapeito de mármore em

uma das extremidades. Mesas e cadeiras com entalhes trabalhados em ouro e

marfim, algumas com detalhes bastante repulsivos, tinham sido dispostas no alto do

palanque de modo a fornecer ampla visão de todo o restante do salão comprido e

cheio de colunas, dez pés abaixo. Nenhuma escada levava até à imensa e

extravagante arena para apresentações de espetáculos. O sol reluzia através das

janelas altas, cujo vidro colorido fora montado em padrões intrincados. O calor

escaldante não penetrava o aposento. O ar ali estava frio, mas Sammael só o sentia

de leve. Graendal, assim como ele, não tinha necessidade alguma de tamanho

esforço, mas era claro que faria alguma coisa rebuscada. Era uma surpresa ela não

ter estendido a trama ao palácio inteiro.

Havia algo de diferente na parte inferior do aposento, desde sua última visita, mas

ele não conseguia distinguir o quê. Viu três piscinas rasas no centro do salão, cada

uma com uma fonte — silhuetas esguias feitas de pedra, dando a impressão de

movimento — jorravam água quase até as vigas de mármore entalhado do teto

abobadado. Homens e mulheres brincavam nas piscinas, vestindo retalhos diminutos

de seda, enquanto outros um pouco mais cobertos se apresentavam nas áreas laterais:

acrobatas, malabaristas, dançarinos de diversos estilos, músicos de flautas,

trombetas, tambores e todo tipo de instrumento de corda. Gente de todos os

tamanhos, de todos os tons de pele, cabelos e olhos, cada um com o físico mais

perfeito que o outro. Tudo organizado para entreter quem estivesse em cima do

palanque. Era uma idiotice. Desperdício de tempo e energia. Típico de Graendal.

Quando adentrou o local, o palanque estava vazio, mas, com *saidin* a preenchê-lo,

sentiu o doce perfume de Graendal, o sopro de um jardim florido, e ouviu o suave

roçar de suas sandálias nos carpetes bem antes que ela se pronunciasse, atrás dele.

— Meus bichinhos não são lindos?

A mulher juntou-se a ele no parapeito, abrindo um sorriso para o cenário abaixo.

Seu delicado vestido azul à moda domanesa era colado ao corpo e mais revelava do

que sugeria. Como de costume, ela usava anéis de pedras diferentes em cada dedo,

além de quatro ou cinco braceletes com pedras preciosas em cada pulso. Um largo

colar de imensas safiras repousava ao redor da gola alta do vestido. Sammael não

entendia dessas coisas, mas suspeitou de que a mulher tivesse passado horas

ajeitando os cachos dourados que tocavam seus ombros e as pedrinhas em forma de

lua salpicadas neles. Aquela aparência displicente traía um certo toque de precisão.

Sammael às vezes se questionava a respeito da mulher. Só a conhecera depois de

escolher abandonar uma causa perdida e juntar-se ao Grande Senhor, mas todos

sabiam quem ela era — famosa, honrada, asceta dedicada, cuidando das pessoas de

mente perturbada que a Cura era incapaz de tocar. Naquele primeiro encontro,

quando Graendal aceitou o compromisso inicial de Sammael para com o Grande

Senhor, cada traço da benfeitora comedida tinha sumido, como se ela passasse

deliberadamente a ser o oposto de tudo o que fora. Ao que parecia, a mulher só se

dedicava ao próprio prazer, quase ocultando um desejo de humilhar qualquer um que

possuísse uma partícula de poder. Isso, por sua vez, quase ocultava sua própria sede

de poder, que ela quase nunca demonstrava abertamente. Graendal sempre tivera

muito talento para ocultar segredos à vista de todos. Sammael acreditava conhecê-la

melhor do que todos os outros Escolhidos — a mulher o acompanhara até Shayol

Ghul para prestar sua homenagem ao Grande Senhor —, mas nem mesmo ele

conhecia todas as suas nuances. Graendal tinha tantos lados obscuros quanto um

jegal tinha escamas, e passava de um a outro com a rapidez de um raio. Naquela

época, ela era a senhora — e ele, o acólito, apesar de todas as suas realizações como

general. Agora era diferente.

Nenhum dos banhistas ou artistas olhava para cima, mas a chegada dela os deixou

mais vivazes, mais graciosos — se é que tal coisa era possível —, tentando exibir-se

melhor. Aquelas pessoas viviam para agradá-la. Graendal garantia que assim fosse.

Ela apontou para um grupo de quatro acrobatas, um homem de cabelo escuro

sustentando três mulheres esguias, as peles acobreadas besuntadas e brilhosas.

— Acho que esses são os meus preferidos. Ramsid é irmão do rei domanês. A

mulher apoiada em seus ombros é esposa de Ramsid, as outras duas são a irmã mais

nova e a filha mais velha do rei. Você não acha incrível o que se pode aprender com

o estímulo apropriado? Imagine a quantidade de talentos desperdiçados.

Aquele era um dos conceitos preferidos da mulher. Um lugar para cada um e cada

um em seu lugar, de acordo com os talentos pessoais e as necessidades da sociedade.

Que pareciam sempre girar em torno dos desejos da própria Graendal. Sammael

achava aquilo entediante. Se essas regras tivessem sido aplicadas a ele, ainda estaria

no mesmo posto.

O acrobata virou-se lentamente para que os dois vissem bem a cena. De braços

abertos, o homem equilibrava uma mulher em cada mão, enquanto as duas

seguravam as mãos da terceira, que ele sustentava nos ombros. Graendal já seguira

para a atração seguinte, um homem de pele bem escura e uma mulher de cabelos

cacheados, ambos muito bonitos. A bela dupla tocava harpas estranhas e alongadas,

com sinos que ressoavam ecos cristalinos ao movimento das cordas.

— Minhas mais recentes aquisições, das terras além do Deserto Aiel. Deviam me

agradecer por tê-los resgatado. Chiape era Sh'boan, uma espécie de imperatriz,

recém-enviuçada, e Shaofan estava prestes a casar-se com ela e se tornar Sh'botay.

Ela governaria absoluta durante sete anos, depois morreria. Ele, então, escolheria

uma nova Sh'boan e reinaria absoluto até morrer, dali a mais sete anos. Esse ciclo

durou quase três mil anos ininterruptos. — Graendal soltou uma risadinha e

balançou a cabeça, pensativa. — Shaofan e Chiape insistem que as mortes são

naturais. Vontade do Padrão, como eles chamam. Para eles, tudo é a Vontade do

Padrão.

Sammael manteve os olhos nas pessoas abaixo. Graendal tagarelava feito uma

tola, mas só outro tolo para acreditar em sua ingenuidade. Tudo o que ela parecia

deixar escapar sem querer no meio das baboseiras era plantado com o cuidado de

uma agulha *conje*. O segredo era descobrir por que ela revelava aquelas coisas e o

que pretendia ganhar com isso. Por que Graendal de repente resolvera buscar

bichinhos de estimação tão longe? Ela quase nunca optava por fazer muito esforço.

Estaria tentando fazê-lo pensar que tinha algum interesse pelas terras

além do

Deserto, só para desviar a atenção dele? O campo de batalha era ali.
Ali seria o

primeiro lugar a receber o toque do Grande Senhor, depois de liberto.
O resto do

mundo seria fustigado pelas rebarbas das tempestades, até mesmo
assolado, mas as

tempestades teriam origem ali.

— Já que tanta gente da família do rei domanês obteve sua aprovação
— começou

ele, em um tom seco —, fico surpreso por não haver outros. — Se
Graendal queria

desviar a atenção de Sammael, ela daria um jeito de retomar o
assunto. A mulher

nunca achava que alguém pudesse conhecer seus truques a ponto de
poder enxergá-

los.

Uma mulher esguia de cabelos escuros, não muito jovem, mas que
ostentava o

tipo de elegância e beleza que a acompanhariam por toda a vida,
surgiu a seu lado

com um cálice de cristal cheio de ponche de vinho tinto nas mãos.
Sammael

apanhou o cálice, embora não tivesse intenção de beber. Novatos
sempre cansavam

os próprios olhos à espera de uma grande investida, mas acabavam
por se deixarem

surpreender pelo assassino solitário que atacava pelas costas. As
alianças, por mais

que fossem temporárias, estavam indo muito bem, mas quanto menos
Escolhidos

continuassem vivos no Dia do Retorno, maiores as chances de um dos sobreviventes

ser nomeado Nae'blis. O Grande Senhor sempre encorajara essa... competição.

Apenas os mais aptos eram dignos de servir. Às vezes, Sammael acreditava que

aquele que governaria o mundo para sempre seria o último dos Escolhidos a

permanecer de pé.

A mulher se virou para um jovem musculoso que segurava uma bandeja dourada

com outro cálice, combinando com uma jarra comprida. Ambos usavam mantos

brancos diáfanos, e nenhum deu atenção para o portão que levava aos aposentos de

Sammael, em Illian. Quando a mulher serviu Graendal, seu rosto era um retrato de

pura adoração. Graendal nunca via problema em falar o que fosse na frente de seus

serviçais e bichinhos de estimação, embora não houvesse um único Aliado das

Trevas entre eles. A mulher não confiava em Aliados das Trevas, considerava-os

muito volúveis, mesmo que o nível de Compulsão usado naqueles que a serviam

pessoalmente deixasse pouco espaço para qualquer coisa além de adoração.

— Imagino que daqui a pouco verei o próprio rei aqui servindo vinho
—

comentou Sammael.

— Você sabe que eu só seleciono os melhores. Alsalam não está à

altura do meu

padrão. — Graendal tomou o vinho da mão da mulher sem nem olhá-la, e, não pela

primeira vez, Sammael se perguntou se os bichinhos de estimação não seriam uma

defesa, assim como o falatório. Um pouco de estímulo poderia fazê-la soltar alguma

coisa.

— Cedo ou tarde você vai escorregar, Graendal. Um de seus visitantes vai

reconhecer alguém que lhe sirva vinho ou recuse dividir a sua cama. E vai ter o bom

senso de segurar a língua até a hora de ir embora. O que você vai fazer se alguém

invadir este palácio com um exército para resgatar um marido ou uma irmã? Uma

flecha pode não ser o mesmo que uma lança de choque, mas ainda pode ser letal.

A mulher jogou a cabeça para trás e soltou uma risada alegre e bem-humorada,

obviamente frívola demais para ter percebido o insulto. Ou é o que pareceria, se a

pessoa não a conhecesse.

— Ah, Sammael, por que eu deixaria que vissem qualquer coisa além do que

quero que vejam? É claro que não mando meus bichinhos servirem os outros. Os

partidários de Alsalam, seus oponentes e até os Devotos do Dragão saem daqui

pensando que apoio apenas eles e mais ninguém. E não querem incomodar uma

inválida.

Ele sentiu um leve arrepio na pele quando Graendal canalizou, e, por um instante,

a imagem dela mudou. Sua pele ficou acobreada mas opaca, e seus olhos e cabelos

ficaram escuros, porém inexpressivos. A mulher parecia frágil e encovada, uma

domanesa outrora bela, aos poucos perdendo uma batalha contra a doença. Sammael

quase não pôde evitar fazer uma careta. Um toque comprovaria que os contornos

ossudos daquele rosto não eram dela — apenas o emprego mais refinado de Ilusão

passaria ao teste. Porém, Graendal não conseguia abandonar a exuberância. No

instante seguinte, voltou ao normal, exibindo um sorriso irônico.

— Você não acreditaria em como todos eles confiam em mim e levam em

consideração o que tenho a dizer.

Sammael nunca deixava de se espantar com a escolha dela em permanecer ali, em

um palácio conhecido por toda Arad Doman, rodeada por guerra civil e anarquia.

Claro que não pensava que ela tivesse revelado aos outros Escolhidos onde se

estabelecera. E ficava receoso da confiança que a mulher depositara nele ao informá-

lo. Graendal gostava de conforto, mas nunca queria ter muito trabalho para mantê-lo.

Aquele palácio, no entanto, estava à vista das Montanhas da Névoa, e era necessário

um esforço considerável para manter a desordem afastada, a fim de evitar que

perguntassem aonde foram parar o antigo dono, sua família e seus serviços.

Sammael não ficaria surpreso em descobrir que cada domanês que visitasse o lugar

saísse dali acreditando que aquela terra pertencia à família dela desde a Ruptura. A

mulher usava a Compulsão às marteladas, e com tanta frequência que não era

incomum esquecerem que ela podia manejar o Talento de formas mais brandas com

grande maestria, enredando os caminhos de uma mente de forma tão sutil que até o

exame mais atento deixaria de notar os vestígios. Talvez Graendal fosse a pessoa

mais competente no uso da Compulsão que já existira.

Deixou o portão desaparecer, mas agarrou-se a *saidin*. Os truques dela não

funcionariam em um homem envolto pela Fonte. E a verdade era que ele gostava de

lutar pela sobrevivência, embora já nem reparasse mais. Apenas os mais fortes

mereciam sobreviver, e ele comprovava a própria aptidão todos os dias naquela

batalha. A mulher não tinha como saber que ele ainda se agarrava a *saidin*, mas

sorriu de leve para o cálice, como se soubesse. Sammael detestava quando as

pessoas fingiam saber algo que desconheciam tanto quanto odiava quando elas

sabiam algo que ele desconhecia.

— O que você tem para me contar? — perguntou, em um tom mais ríspido do que

o pretendido.

— Sobre Lews Therin? Você parece não se interessar por mais nada. Ah, como

ele daria um bom bichinho. Eu faria dele o centro de todas as exibições. Não que

seja bonito o suficiente, claro, mas vale a pena por ele ser quem é. — Ela sorriu

outra vez para o cálice e acrescentou, em um murmúrio que teria sido inaudível se

ele não estivesse de posse de *saidin*: — E eu gosto dos altos.

Sammael se conteve para não se espichar o máximo possível. Não era um homem

baixo, mas se ressentia por sua altura não se equiparar às suas capacidades. Lews

Therin tinha sido uma cabeça mais alto que ele, assim como al'Thor. Era comum a

presunção de que os mais altos eram melhores. Teve que se conter ainda mais para

não tocar a cicatriz enviesada que marcava seu rosto, da linha do cabelo até a barba

bem-aparada. Fora obra de Lews Therin, e Sammael a conservava como lembrete.

Suspeitava de que a mulher tivesse confundido a pergunta dele de propósito, para

atormentá-lo.

— Lews Therin morreu há muito tempo — respondeu ele, em um tom duro. —

Rand al'Thor é um fazendeiro arrogante, não passa de um roceiro que teve sorte na

vida.

Graendal ficou sem reação, como se estivesse surpresa.

— Acha mesmo? Não pode ser apenas obra da sorte. A sorte não o levaria tão

longe, tão depressa.

Sammael não tinha ido até lá para falar sobre al'Thor, mas sentiu um frio

congelante na espinha. Pensamentos que se forçara a abandonar retornaram em uma

torrente. Al'Thor não era Lews Therin, mas al'Thor era a alma de Lews Therin

renascida, assim como o próprio Lews Therin tinha sido o renascimento daquela

alma. Sammael não era filósofo nem teólogo, mas Ishamael fora as duas coisas e

afirmava haver segredos divinos escondidos naquele fato. Era verdade que Ishamael

morrera louco, mas, mesmo enquanto ainda estava são, na época em que a derrota de

Lews Therin Telamon parecia garantida, afirmava que aquela luta acontecia desde a

Criação, uma guerra interminável entre o Grande Senhor e o Criador, tudo por meio

de representantes humanos. E mais: declarava abertamente que o Grande Senhor

gostaria tanto de trazer Lews Therin para a Sombra quanto de se libertar. Talvez

Ishamael já estivesse meio louco na época, mas houvera esforços para trazer Lews

Therin para a Sombra. E Ishamael dizia que o mesmo havia acontecido antes, que o

campeão do Criador passara a ser uma criatura da Sombra e fora erguido como

campeão da Sombra.

Havia implicações perturbadoras naquelas alegações, ramificações que Sammael

não queria considerar. Mas o que martelava fundo em sua mente era a possibilidade

de o Grande Senhor de fato querer tornar al'Thor Nae'blis. Algo que não poderia

acontecer sozinho. Al'Thor precisaria de ajuda. Ajuda... isso poderia explicar sua

suposta sorte até então.

— Você descobriu onde al'Thor está escondendo Asmodean? Ou qualquer coisa

sobre o paradeiro de Lanfear? Ou de Moghedien?

Naturalmente, Moghedien sempre permanecia escondida. A Aranha sempre dava

as caras quando todos acreditavam que ela finalmente estava morta.

— Você sabe tanto quanto eu — respondeu Graendal, em um tom displicente,

fazendo uma pausa para bebericar o ponche. — Na minha opinião, Lews Therin

matou todos. Ah, não me venha com caretas. Al'Thor, já que insiste. — O

pensamento não parecia incomodá-la, mas, por outro lado, ela jamais se veria em

conflito aberto com al'Thor. Nunca fora esse o seu jeito de proceder. Se al'Thor

algum dia a descobrisse, Graendal simplesmente abandonaria tudo e se estabeleceria

em outro canto... ou se renderia antes que ele desferisse o primeiro golpe, depois

tentaria convencê-lo de que era indispensável. — Há rumores em Cairhien sobre

Lanfear ter sido morta pelas mãos de Lews Therin no mesmo dia em que ele matou

Rahvin.

— Rumores! Lanfear tem ajudado al'Thor desde o início, se você quer saber. Eu o

teria degolado na Pedra de Tear, mas alguém enviou Myrddraal e Trollocs para

salvá-lo! Foi Lanfear, tenho certeza. Estou farto dela. Da próxima vez que a vir, vou

matá-la! E por que ele mataria Asmodean? Eu mesmo faria isso, se o encontrasse,

mas ele se bandeou para o lado de al'Thor. Estava instruindo al'Thor no uso do

Poder!

— Você sempre tem uma desculpa para as suas falhas — comentou ela, a boca

junto ao cálice de ponche, outra vez em um tom baixo demais para que ele pudesse

ter ouvido sem ajuda de *saidin*. Depois prosseguiu, mais alto: — Escolha suas

próprias explicações para o que aconteceu, se desejar. Você pode até estar certo. Só

sei que Lews Therin parece estar nos tirando do jogo, um a um.

A mão de Sammael tremeu de raiva, quase derramando um pouco do ponche antes

que conseguisse se controlar. Rand al'Thor *não era* Lews Therin. Ele próprio

sobrevivera ao grande Lews Therin Telamon, espalhando louvores por vitórias que

não poderia ter conquistado sozinho e torcendo para que todos acreditassem. Seu

único arrependimento era que o homem não tivesse deixado uma cova onde ele

pudesse cuspir.

Balançando os dedos cheios de anéis no compasso de uma música que vinha lá de

baixo, Graendal comentou, distraída, como se sua atenção de fato estivesse na

melodia.

— Tantos de nós morremos ao confrontá-lo. Aginor e Balthamel. Ishamael, Be'lal

e Rahvin. E também Lanfear e Asmodean, não importa no que você acredite. E

talvez até Moghedien. Ela pode estar se esgueirando pelas sombras, esperando o

restante de nós cair... ela é idiota o bastante para tentar uma coisa dessas. Eu

realmente espero que você tenha um lugar preparado para onde fugir. Não resta

dúvidas de que você é o próximo na lista dele. E ele não vai demorar, eu diria. Não

vou enfrentar nenhum exército aqui, mas Lews Therin está reunindo um bastante

grande para mandar atrás de você. É o preço que se paga por não se contentar em ter

o poder, querendo também ser *visto* como poderoso.

Sammael, de fato, fizera alguns preparativos para o caso de ter que bater em

retirada — era no mínimo uma medida prudente —, mas ouvir Graendal professar

em alto e bom som a certeza dessa necessidade o deixou enfurecido.

— Então, se eu destruir *al'Thor*, não estarei violando nenhuma ordem do Grande

Senhor. — Ele não entendia. Mas não era necessário entender o Grande Senhor,

apenas obedecer a ele. — Pelo que você me contou. Se tiver encoberto algum

detalhe...

Os olhos de Graendal se transformaram em duas pedras de gelo. Ela podia sempre

querer evitar conflitos, mas não gostava de ameaças. No instante seguinte, já era

toda sorrisos vazios outra vez. Instável como o tempo em M'jinn.

— Demandred me disse o que o Grande Senhor disse a ele, e é o que estou

repassando a você, Sammael. Cada palavra. Duvido de que até mesmo ele ousasse

mentir em nome do Grande Senhor.

— Mas você me disse muito pouco sobre o que ele planeja fazer — retrucou

Sammael, baixinho. — Ele, ou Semirhage, ou Mesaana. Praticamente nada.

— Eu disse o que sei. — Ela soltou um suspiro irritado. Talvez estivesse dizendo

a verdade. Parecia desgostosa por não saber. Talvez. Com Graendal, tudo e qualquer

coisa poderia ser encenação. — Quanto ao resto... pense no passado, Sammael.

Costumávamos maquirinar uns contra os outros quase com a mesma veemência com

que combatíamos Lews Therin, e ainda assim estávamos levando a melhor, até que

ele nos apanhou reunidos em Shayol Ghul. — Ela estremeceu, e por um instante seu

rosto pareceu abatido. Sammael também não queria se lembrar daquele dia, nem do

que veio depois: um sono sem sonhos enquanto o mundo se transformava até ficar

irreconhecível, e tudo o que ele produzira desaparecia. — Agora despertamos em um

mundo onde deveríamos estar tão acima dos meros mortais quanto se fôssemos de

outra espécie... e estamos morrendo. Esqueça-se por um instante de quem vai ser o

Nae'blis. Al'Thor, já que você insiste em chamá-lo assim... al'Thor, quando

despertamos, estava indefeso como um bebê.

— Ishamael não pensava assim — respondeu Sammael.

Claro, Ishamael *estava* louco naquela época... mas Graendal apenas continuou

como se ele não tivesse retrucado:

— Nós agimos como se este fosse o mundo que conhecemos, só que nada é o que

conhecemos. Um a um, estamos morrendo, e al'Thor só se fortalece. E vai

arrebanhando povos e nações. A imortalidade é minha. Eu não quero morrer.

— Se está com medo dele, então mate-o.

Se pudesse, Sammael teria engolido de volta as palavras antes que saíssem todas

da boca.

O rosto de Graendal se contorceu em uma careta de desprezo e incredulidade.

— Eu sirvo ao Grande Senhor e obedeco, Sammael.

— Bem como eu. Bem como qualquer um de nós.

— Que bondade a sua, dignar-se a ficar de joelhos diante de nosso Mestre. — A

voz dela era gélida como o sorriso, e a expressão dele se tornou sombria. — Só estou

dizendo que Lews Therin é tão perigoso agora quanto no tempo dele. Medo? Sim,

estou com medo. Pretendo viver para sempre, e não ter o mesmo destino de Rahvin!

— *Tsag!* — A palavra de baixo calão a fez piscar, surpresa, e encará-lo de

verdade. — Al'Thor... al'Thor, Graendal! Um garoto ignorante, seja lá o que

Asmodean consiga ensinar a ele! Um grosseirão primitivo que provavelmente ainda

considera impossíveis nove em cada dez fatos que eu e você já estamos cansados de

saber! Al'Thor arranca reverências de uns poucos lordes e acha que conquistou uma

nação. Ele não tem a determinação para cerrar os punhos e conquistá-las de verdade.

Só os Aiel... *Bajad drovja!* Quem iria imaginar que mudariam tanto?

— Precisava

se controlar. Nunca praguejava daquele jeito, considerava sinal de fraqueza. —

Apenas eles o acompanham de verdade, e nem todos. Al'Thor está por um fio, e, de

um jeito ou de outro, vai acabar caindo.

— Será? E se ele...? — Ela hesitou, erguendo o cálice tão depressa que derrubou

um pouco de ponche no pulso, então bebeu quase tudo. A elegante serviçal veio

correndo com a jarra de cristal. Graendal estendeu o cálice para ser preenchido e

prosseguiu, sem fôlego. — Quantos de nós vamos morrer antes que isso acabe?

Precisamos nos unir como nunca fizemos antes.

Não era isso o que Graendal começara a dizer. Sammael ignorou o arrepio gelado

que outra vez lhe percorreu a espinha. Al'Thor não seria escolhido como Nae'blis.

Não seria! Então ela queria que eles se unissem, não era?

— Então vamos fazer um elo. Nós dois unidos seríamos mais do que páreo para

al'Thor. Que esse seja o início de nossa nova parceria. — A cicatriz se esticou

quando ele abriu um sorriso, notando a súbita impassibilidade no rosto de Graendal.

O elo teria de partir da mulher, mas, sendo apenas os dois, Graendal teria de confiar

a ele o controle da situação e a decisão de quando finalizar a conexão. — Pois bem.

Parece que vamos continuar como antes. — Verdade fosse dita, jamais houvera

qualquer dúvida a respeito. Nenhum dos dois possuía o dom da confiança. — O que

mais você tem a me dizer? — Essa era a razão pela qual ele fora até lá, não para

escutar baboseiras sobre Rand al'Thor. Dariam um jeito em al'Thor. Direta ou

indiretamente.

A mulher o encarou, empertigada, os olhos cintilando de animosidade. Por fim,

disse:

— Muito pouco. — Graendal não se esqueceria de que ele a vira perder o

controle. Sua voz não revelava a menor raiva. O tom era suave, até informal. —

Semirhage perdeu a última reunião. Não sei por quê, e não acho que Mesaana ou

Demandred saibam. Mesaana ficou particularmente aborrecida, embora tenha

tentado esconder. Ela acredita que logo Lews Therin estará nas nossas mãos, mas,

por outro lado, Mesaana sempre diz isso. Ela tinha certeza de que Be'lal iria matá-lo

ou capturá-lo em Tear, estava muito orgulhosa daquela armadilha. Demandred pede

que você tenha cuidado.

— Então Demandred sabe que eu e você nos encontramos — comentou Sammael,

impassível. Por que esperara receber algo menos que migalhas, daquela mulher?

— É claro que sabe. Não faz ideia de quanto eu lhe conto, mas sabe que conto

uma parte. Estou tentando nos unir, Sammael, antes que seja...

Ele a interrompeu de repente.

— Entregue um recado meu a Demandred. Diga que eu sei o que ele está

tramando. — Os acontecimentos do sul traziam a marca de Demandred, que sempre

gostara de agir por representantes. — Diga a *ele* que tome cuidado. Não vou admitir

que ele ou que seus *amigos* interfiram em meus planos. — Talvez pudesse direcionar

a atenção de al'Thor para lá. Isso decerto daria um fim nele. Se não fosse possível

por outros meios. — Contanto que fiquem longe de mim, os lacaios de Demandred

podem escavar o que ele quiser, mas quero que mantenham distância, ou ele é quem

vai responder por isso. — Houvera uma longa luta depois que a Fenda foi aberta na

prisão do Grande Senhor, muitos anos antes de ser reunida força suficiente para um

movimento declarado. Desta vez, quando o último selo fosse destruído, Sammael

presentearia o Grande Senhor com nações dispostas a segui-lo. Que diferença faria

se não soubessem a quem estavam seguindo? Sammael não falharia, como Be'lal e

Rahvin. O Grande Senhor veria quem o servia melhor. — Diga a ele!

— Se é o que você deseja — respondeu Graendal, dando um sorriso relutante. Um

instante depois, aquele sorriso indolente retornou a seu rosto. Ela estava sempre

mudando de expressão. — Essas ameaças me esgotam. Venha. Escute a música e se

acalme. — Sammael começou a dizer que não tinha interesse na música, como ela

sabia muito bem, mas a mulher se voltou para o parapeito de mármore. — Lá estão

eles. Escute.

O homem de pele muito escura e a mulher tinham ido até o pé do palanque com

suas harpas peculiares. Sammael imaginou que os carrilhões acrescentassem algo à

melodia, mas não sabia dizer o quê. Ao ver que Graendal os observava, os músicos

abriram um sorriso reverente.

Apesar de tê-lo mandado escutar a música, Graendal continuou falando.

— Eles vêm de um lugar bem peculiar. As mulheres capazes de canalizar são

forçadas a se casarem com filhos de mulheres com a mesma capacidade, e todas as

pessoas dessas linhagens são marcadas com tatuagens no rosto logo ao nascer.

Ninguém marcado tem permissão de se casar com alguém não marcado, e qualquer

criança que nasça de tal união é morta. Os homens tatuados são mortos no vigésimo

primeiro ano de vida, sem exceção, e passam a vida enclausurados, sem nem sequer

aprender a ler.

Então ela voltara ao assunto, afinal de contas. Devia mesmo considerá-lo um

idiota. Sammael decidiu plantar sua própria farpinha.

— Eles prendem uns aos outros feito criminosos?

Um lampejo de confusão assomou o olhar de Graendal, mas foi logo suprimido.

Era evidente que a mulher não pensara no assunto — não havia por que ter pensado

naquela relação. Pouca gente da época deles cometera sequer um crime violento,

muito menos uma quantidade maior de infrações. Antes da Fenda, pelo menos. Mas

claro que a mulher não admitia a própria ignorância. Em alguns momentos era

melhor disfarçar a falta de conhecimento, mas Graendal costumava não fazer

exceções à regra. Por isso Sammael fizera o comentário: sabia que aquilo a afetaria,

e seria uma ótima punição pelas asneiras que ela não cansava de despejar em seus

ouvidos.

— Não — respondeu a mulher, como se tivesse entendido. — Os Ayyad, como se

denominam, vivem em seus vilarejos, evitando todas as outras pessoas, e

supostamente nunca canalizam sem permissão ou por ordem dos Sh'botay ou

Sh'boan. Na verdade, eles são o verdadeiro poder, são a razão pela qual os Sh'botay

e Sh'boan só governam durante sete anos. — Graendal irrompeu em uma sonora

gargalhada. Ela própria sempre acreditara que o melhor era ser o poder por trás do

poder. — Pois sim, uma terra fascinante. Longe demais do centro para ser de alguma

valia durante muitos anos, é claro. — A mulher fez um gesto sutil de dispensa,

abanando os dedos cheios de anéis. — Teremos muito tempo para ver o que pode ser

feito de lá, depois do Dia do Retorno.

Sim, Graendal obviamente queria induzi-lo a pensar que tinha algum interesse

naquele lugar. Se de fato tivesse, nunca o teria mencionado. Sammael pôs o cálice

intocado na bandeja que o sujeito musculoso estendeu para ele antes mesmo que

movesse a mão. Graendal treinava muito bem os serviçais.

— Tenho certeza de que a música deles é fascinante. — Para quem se interessava

por esse tipo de coisa. — Mas tenho uns preparativos para coordenar.

Graendal pousou a mão no braço dele.

— Preparativos meticulosos, eu creio? O Grande Senhor não vai gostar nem um

pouco se você atrapalhar os planos dele.

Sammael comprimiu os lábios.

— Eu fiz tudo para convencer al'Thor de que não represento ameaça alguma, só

faltou me render, mas o homem está obcecado.

— Você poderia abandonar Illian, recomeçar em algum outro lugar.

— Não! — Ele nunca fugiria de Lews Therin, e não fugiria daquele bufão

provinciano. O Grande Senhor não podia estar pretendendo colocar

um sujeito

daquele naipe acima dos Escolhidos. Acima dele! — Você me passou as ordens do

Grande Senhor?

— Não gosto de ficar me repetindo, Sammael. — Sua voz guardava um toque de

exasperação, e os olhos, certa raiva. — Se não acreditou em mim da primeira vez,

não vai acreditar agora.

Ele a encarou por mais um instante, depois assentiu em um gesto brusco. Era

muito provável que a mulher tivesse dito a verdade — mentir a respeito do Grande

Senhor poderia causar um contra-ataque fatal.

— Não vejo motivo para nos encontrarmos outra vez até que você tenha algo a me

contar, além da ausência de Semirhage. — Um breve olhar intrigado para os

harpistas devia ser suficiente para fazê-la crer que a tentativa de desviar o foco do

assunto fora bem-sucedida. Para não ficar muito óbvio, Sammael transformou o

olhar em uma expressão de desaprovação para as pessoas que brincavam nas

piscinas, os acrobatas e os outros. Todo aquele esforço despendido, toda aquela

exibição de carne... tudo aquilo o enojava. — Da próxima vez, você pode ir a Illian.

Graendal deu de ombros, como se aquilo não importasse, mas moveu os lábios

bem de leve — a audição dele, intensificada por *saidin*, captou “isso se você ainda

estiver lá”.

Com frieza, Sammael abriu um portão de volta a Illian. O jovem musculoso não

conseguiu se mover rápido o bastante — sequer teve tempo de gritar antes de morrer

fatiado em dois, bem no meio, junto com a bandeja e a jarra de cristal. A borda de

um portão fazia uma navalha parecer uma lâmina cega. Graendal franziu os lábios

em um biquinho rabugento pela perda de um de seus bichinhos.

— Se quiser nos ajudar a permanecer vivos — disse Sammael —, descubra como

Demandred e os outros pretendem levar adiante as instruções do Grande Senhor. —

Sem desviar o olhar, ele adentrou o portão.

* * *

Graendal manteve a expressão contrariada até que o portão se fechasse atrás de

Sammael, depois permitiu-se tamborilar com as unhas no parapeito de mármore.

Sammael, com seus cabelos dourados, poderia ser belo o suficiente para figurar entre

seus bichinhos, se deixasse Semirhage — a única que restava com a habilidade para

fazer o que outrora fora uma tarefa simples — remover o sulco calcinado naquele

rosto. Era inútil pensar naquilo. Melhor ponderar se seu esforço valeria a pena.

Shaofan e Chiape tocavam sua estranha música atonal, muito bonita, repleta de

harmonias complexas e dissonâncias estranhas. Seus rostos refletiam a alegria de

estar agradando Graendal. Ela assentiu, e o deleite da dupla foi quase palpável. Eles

eram muito mais felizes agora do que se ela não os tivesse capturado. Tivera muito

trabalho para obtê-los, e só o fizera para aqueles poucos minutos que passara com

Sammael. Claro que poderia ter se preocupado menos — qualquer um daquelas

terras teria servido —, mas tinha seus critérios, mesmo para preparar um subterfúgio

momentâneo. Muito tempo antes, escolhera ir atrás de todos os prazeres, permitir-se

tudo o que não a diminuísse aos olhos do Grande Senhor.

Seus olhos repousaram nas entranhas que sujavam seu tapete, e Graendal torceu o

nariz, irritada. Daria para salvar a trama, mas ficou irritada por ter de ser ela a

remover o sangue. Dispensou ordens ligeiras, e Osana correu para coordenar a

remoção do tapete. E para mandar descartarem os restos de Rashan.

Sammael era um completo idiota. Não, não idiota. Representava um perigo mortal

quando travava lutas diretas, quando enfrentava algo que compreendia com clareza,

mas parecia um cego em se tratando de sutilezas. Era muito provável que acreditasse

que a intenção dos artifícios de Graendal fosse mascarar o que ela e os

outros

estavam tramando. Jamais imaginaria que ela conhecesse cada curva de sua mente,

cada volteio de suas ideias. Afinal de contas, Graendal passara quase quatro mil anos

estudando o trabalho de mentes muito mais convolutas que a dele. Sammael era

muito transparente, ah, como era. Por mais que tentasse encobrir, estava

desesperado. Aprisionado na caixa-forte de suas próprias maquinações — em uma

caixa-forte que ele, em vez de abandonar, defenderia até a morte, e dentro da qual

acabaria por morrer.

Ela bebericou o ponche, franzindo a testa de leve. Era possível que já tivesse

atingido seu objetivo com o homem, embora tivesse pensado que levaria quatro ou

cinco visitas. Teria de encontrar um motivo para ir vê-lo em Illian — era melhor

observar o paciente, mesmo depois de já ter tomado as providências desejadas.

Fosse o rapaz um mero fazendeiro ou o Lews Therin em pessoa retornado do

túmulo — ela não conseguia se decidir a respeito —, ele havia se provado perigoso

até demais. Graendal servia ao Grande Senhor das Trevas, mas não pretendia morrer

— nem mesmo pelo Grande Senhor. Viveria para sempre. Claro que só contrariava o

Grande Senhor, mesmo que no menor de seus caprichos, quem

desejasse passar uma

eternidade morrendo e outra desejando agonias mais suaves do que a longa morte.

Ainda assim, Rand al'Thor precisava ser eliminado, mas seria Sammael quem

levaria a culpa. Seria uma grande surpresa se o homem percebesse que ela o botara

no rastro de Rand al'Thor tal qual um *dornat* mandado à caça. Não, ele não era o

tipo de homem que reconhecia sutilezas.

No entanto, estava longe de ser burro. Seria interessante saber como ele

descobrira a respeito do elo. Ela própria jamais teria descoberto se Mesaana não

tivesse cometido um raro deslize ao despejar sua ira pela ausência de Semirhage.

Estava tão furiosa que não percebera quanto havia revelado. Por quanto tempo

Mesaana ficara enfiada dentro da Torre Branca? Esse simples fato já abria caminhos

bem interessantes. Se houvesse algum meio de descobrir onde Demandred e

Semirhage haviam se metido, talvez fosse possível desvendar o que estavam

tramando. O grupo não havia confiado a informação a ela. Ah, não. Aqueles três

trabalhavam juntos desde antes da Guerra do Poder. Nas aparências, pelo menos.

Graendal tinha certeza de que tramavam uns contra os outros com a mesma

frequência com que todos os outros Escolhidos. No entanto — fosse

porque

Mesaana minasse os planos de Semirhage, ou Semirhage quem sabotasse

Demandred —, Graendal ainda não descobrira uma ranhura entre o grupo por onde

pudesse forçar a entrada.

O som de botas anunciou uma chegada, mas não eram os homens para trocar o

carpete e recolher Rashan. Ebram era um domanês alto e bem-apessoado, usando

calças vermelhas justas e uma camisa branca larga. Poderia figurar entre seus

bichinhos, não fosse apenas filho de um mercador. Ebram manteve os olhos fixos

nela enquanto se ajoelhou, escuro e lustroso.

— O Lorde Ituralde chegou, Grande Senhora.

Graendal pousou o cálice sobre uma mesa que parecia marchetada com dançarinos

de marfim.

— Então ele falará com a Lady Basene.

Ebram levantou-se devagar e estendeu o braço para a frágil domanesa que agora

via diante de si. Ele sabia quem estava por trás da trama da Ilusão, mas mesmo assim

sua expressão de reverência diminuiu um pouco. A mulher sabia que era Graendal, e

não Basene, quem Ebram venerava. Naquele momento, ela não se importava.

Sammael estava encaminhado na direção de Rand al'Thor, para dizer o mínimo, e

talvez já tivesse disparado. Quanto a Demandred, Semirhage e Mesaana... Apenas

Graendal sabia que fizera sua própria viagem para Shayol Ghul e cruzado o lago de

fogo. Só ela sabia que o Grande Senhor praticamente prometera nomeá-la Nae'blis,

uma promessa garantida com al'Thor fora do caminho. Graendal seria a mais

obediente dos servos do Grande Senhor. Semearia o caos e usaria a colheita para

explodir os pulmões de Demandred.

* * *

Semirhage deixou a porta com vigas de ferro se fechar atrás de si. Uma das esferas

de luz, resgatada sabia lá o Grande Senhor de onde, bruxuleava espasmodicamente,

mas esses objetos ainda forneciam mais luz do que as velas e os lampiões a óleo com

que ela tinha que viver naquela nova Era. Exceto pela luminosidade, o lugar tinha o

aspecto intimidador de uma prisão, com paredes de pedra bruta, chão sem

revestimento e uma mesinha de madeira crua em um canto. Não era de seu estilo —

gostaria de tudo feito do mais branco e reluzente *cueran*, lustroso e estéril. O lugar

fora preparado antes que ela encontrasse uma finalidade para ele. Uma mulher de

cabelos claros, vestida em seda, estava pendurada no ar, no meio do aposento, os

braços e as pernas abertos, os olhos desafiadores cravados nela. Uma Aes Sedai.

Semirhage odiava Aes Sedai.

— Quem é você? — inquiriu a paciente. — Uma Amiga das Trevas? Uma irmã

Negra?

Ignorando o barulho, Semirhage conferiu depressa o escudo entre a mulher e

saidar. Caso a barreira falhasse, conseguiria envolver a infeliz de novo sem a menor

dificuldade — era uma medida da fraqueza da mulher que ela pudesse se dar ao luxo

de deixar a trama do escudo sem vigilância —, mas era de sua natureza ser

cautelosa, dar cada passo exatamente no momento certo. Agora, as roupas. Quando

vestida, a pessoa sentia-se mais segura do que quando despida. Delicadamente,

Semirhage urdiu Fogo e Vento e dilacerou vestido, roupa de baixo e qualquer tecido

que houvesse da cabeça aos pés da paciente. Juntou tudo em um montinho à sua

frente e canalizou outra vez Fogo e Terra — um fino pó se espalhou pelo chão de

pedra.

Os olhos azuis da mulher se arregalaram. Semirhage duvidava de que ela pudesse

reproduzir essas simples ações, ainda que tivesse sido capaz de entendê-las.

— Quem é você? — Desta vez havia certa aspereza na pergunta, uma exigência.

Medo, talvez. Era sempre bom quando o medo vinha logo.

Semirhage localizou com precisão no cérebro da mulher os centros receptores das

mensagens de dor enviadas pelo corpo, e, com a mesma minúcia, começou a

estimulá-los com Espírito e Fogo. A princípio, só um pouquinho, em um trabalho

vagaroso. Um estímulo forte demais poderia matar em instantes, mas era

impressionante ver quanto o sistema poderia ser forçado com incrementos graduais.

Era difícil trabalhar em algo invisível, mesmo tão de perto, mas ela conhecia o corpo

humano melhor que ninguém.

A paciente esparramada sacudiu a cabeça, como se pudesse espantar a dor. Ao

perceber que não podia, cravou os olhos em Semirhage, que simplesmente assistia a

cena se desenrolar, sustentando a rede. Mesmo com toda a pressa que aquilo

requeria, podia se dar ao luxo de um pouquinho de paciência.

Como odiava qualquer pessoa que se intitulasse Aes Sedai. Ela própria fora uma

— e uma Aes Sedai de verdade, não uma idiota ignorante feito aquela simplória

pendurada à sua frente. Fora famosa, célebre, enviada aos quatro cantos do mundo

por sua habilidade de reparar qualquer ferida, de resgatar do abismo pessoas por

quem já não havia nada a se fazer. Então, uma delegação do Salão dos Servos lhe

ofereceu uma escolha na qual não havia o que escolher: ser atada à promessa de que

nunca mais voltasse a viver seus prazeres, assistindo ao fim da própria vida se

aproximar por causa da atadura, ou ser apartada do Poder e banida dos Aes Sedai. E

esperavam que ela aceitasse ser atada — era a coisa mais racional e sensata a se

fazer, e eles eram homens e mulheres racionais e sensatos. Jamais imaginaram que

ela iria fugir. Fora uma das primeiras pessoas a ir até Shayol Ghul.

Gotas densas de suor brotavam no rosto pálido da paciente. A mandíbula estava

contraída, e as narinas se abriam quando ela puxava o ar. De vez em quando, a

mulher soltava um pequeno grunhido. Paciência. Faltava pouco.

Tinham inveja dela. Os que não podiam fazer o que ela podia. Alguma das

pessoas que ela resgatara das garras da morte já dissera que preferia ter morrido a

sofrer o tantinho a mais que ela infligia? E os outros? Sempre havia quem merecesse

sofrer. E daí se ela sentia prazer em lhes dar a punição que mereciam? Ah, o Salão e

suas lamúrias hipócritas sobre direitos e legalidades. Semirhage tinha o direito de

fazer o que fizera — conquistara o direito. Fora mais importante para o mundo do

que todos aqueles que a entretinham com seus gritos. E, por inveja e despeito, o

Salão tentara *derrubá-la!*

Bem, alguns deles tinham caído diante dela, durante a guerra. Tendo tempo, ela

podia destruir mesmo o homem mais forte, a mulher mais orgulhosa, moldá-los da

forma exata que desejasse. O processo até podia ser mais lento do que a Compulsão,

mas era infinitamente mais prazeroso, e ela acreditava que nem mesmo Graendal

conseguiria desfazer o resultado. A Compulsão podia ser revertida. No entanto, seus

pacientes... De joelhos, eles imploravam para que suas almas fossem entregues à

Sombra, então serviam com obediência até o dia de sua morte. Demandred sempre

se demonstrava impressionado com o tamanho daquele golpe, mais um Conselheiro

do Salão proclamando sua aliança com o Grande Senhor, mas a parte favorita de

Semirhage era observar os rostos empalidecerem ao vê-la, mesmo anos depois, e sua

urgência em garantir que permaneciam fiéis ao que ela os tornara.

Um primeiro soluço escapou da mulher pendurada no ar, mas foi abafado.

Semirhage aguardou, impassível. O momento podia até requerer pressa, mas pressa

demais poderia pôr tudo a perder. Outros soluços escaparam, sobrepujando os

esforços da paciente para controlá-los, cada vez mais altos, mais altos, até se

transformarem em um uivo. Semirhage aguardou. A mulher brilhava com uma

camada lustrosa de suor, a cabeça se virava de um lado a outro, e ela se debatia

inutilmente sob as amarras invisíveis, em espasmos convulsivos. Os berros, intensos

e agudíssimos, só acabavam ao usar todo o estoque de ar em seus pulmões, então ela

os enchia outra vez e recomeçava. Aqueles olhos azuis completamente arregalados

nada enxergavam — estavam vidrados. Tinha começado.

Semirhage cortou os fluxos de *saidar* de repente, mas minutos se passaram até

que os berros cessassem e dessem lugar a arquejos.

— Qual é o seu nome? — perguntou, em um tom gentil.

Não importava qual seria a pergunta, contanto que a mulher respondesse. Poderia

ter sido “Ainda quer me desafiar?”. Era sempre um prazer continuar perguntando até

que comesçassem a suplicar para provar que não a desafiariam. Mas, daquela vez,

precisava tirar o máximo de cada pergunta.

Tremores involuntários percorreram a mulher pendurada. Lançando um olhar

cauteloso a Semirhage, os olhos semicerrados, ela lambeu os lábios, tossiu, e por fim

disse, em um murmúrio rouco:

— Cabriana Mecandes.

Semirhage abriu um sorriso.

— É bom me dizer a verdade. — No cérebro havia centros de dor e de prazer.

Enquanto se aproximava, ela estimulou um dos últimos, apenas por alguns instantes,

porém com força. O estímulo fez Cabriana arregalar os olhos ao máximo, ofegante e

trêmula. Puxando um lençinho da manga, Semirhage ergueu o rosto espantado da

mulher e secou o suor com delicadeza. — Eu sei que isso é muito difícil para você,

Cabriana — declarou, com doçura. — Tente não dificultar ainda mais. — Com um

gesto suave, afastou os cabelos molhados do rosto da mulher. — Quer alguma coisa

para beber? — Canalizou sem esperar resposta, fazendo um cantil de metal surrado

flutuar de cima da mesinha no canto até sua mão. A Aes Sedai não tirava os olhos de

Semirhage, mas bebeu com avidez. Depois de alguns goles, Semirhage tomou de

volta o cantil e devolveu-o à mesa. — Pois bem, assim é melhor, não é? Lembre-se,

tente não dificultar ainda mais as coisas.

Quando ela se virou, a mulher falou, ácida:

— Eu cuspo no leite da sua mãe, Amiga das Trevas! Está me ouvindo? Eu...

Semirhage parou de escutar. Em qualquer outra época, ficaria coruscante de

prazer pelo fato de a rebeldia da paciente persistir. Sentia a mais pura alegria em

reduzir a rebeldia e a dignidade a lascas diminutas, observando o paciente enfim se

dar conta de que estava se esvaindo e começar a lutar — em vão —

para agarrar-se

ao que restava. Daquela vez, não havia tempo para aquilo. Com cuidado, urdiu outra

vez a teia entrelaçando os centros de dor do cérebro de Cabriana. Preferia estar

pessoalmente no controle, mas era necessário um pouco de pressa. Impulsionou a

rede, canalizou para apagar as luzes e saiu, fechando a porta atrás de si. A escuridão

também fazia sua parte. Sozinha, no escuro, com dor.

Sem querer, Semirhage emituiu um gemido frustrado. Não havia *finesse* naquilo.

Não gostava de ter que se apressar. Muito menos de se afastar de suas responsabilidades. A garota era dura e voluntariosa, e as circunstâncias, difíceis.

O corredor era quase tão desolado quanto o aposento, um largo túnel cruzando a

pedra, com passagens transversais que ela não tinha o menor desejo de explorar

quase perdidas na escuridão. Havia apenas duas outras portas à vista, e uma levava a

seus aposentos. Eram bastante confortáveis, já que precisava estar ali, mas

Semirhage não seguiu naquela direção. Shaidar Haran estava parado diante da porta,

todo de preto, envolto em uma escuridão que parecia fumaça, tão imóvel que foi

quase um choque quando ele se pronunciou, em um som que era quase o triturar de

ossos:

— O que você descobriu?

As invocações a Shayol Ghul tinham trazido em uma advertência do Grande

Senhor. *QUANDO OBEDECE SHAI DAR HARAN, VOCÊ OBEDECE A MIM.*

QUANDO DESOBEDECE SHAI DAR HARAN... Por mais exasperante que tivesse

sido a advertência, não havia necessidade de mais.

— O nome dela. Cabriana Mecandes. Não consegui descobrir mais nada em tão

pouco tempo.

A criatura deslizou pelo corredor daquela maneira angustiante aos olhos, a capa

cor de ébano suspensa, sem ser afetada pelo movimento. Em um instante, parecia

uma estátua a dez passos de distância, no momento seguinte, se avultava por cima

dela, forçando-a a escolher entre recuar e esticar o pescoço para olhar para cima,

encarando aquele rosto sem olhos e totalmente branco. Recuar estava fora de

cogitação.

— Você vai exauri-la, Semirhage. Vai apertá-la até secar, sem demora, e me

contar todos os detalhes do que descobrir.

— Prometi ao Grande Senhor que faria isso — respondeu a mulher, com frieza.

Os lábios sem sangue se contorceram em um sorriso. Foi a única resposta. A

criatura se virou depressa, avançou a passos firmes por entre as

sombras... e

desapareceu.

Semirhage queria saber como os Myrddraal faziam aquilo. Não tinha nada a ver

com o Poder. Nos umbrais da sombra, onde a luz se enfraquecia, um Myrddraal

podia surgir subitamente em outro ponto, em outra sombra bem distante. Muito

tempo antes, Aginor fizera testes com centenas deles, até destruí-los, em um esforço

vão para aprender como aquilo era feito. Os próprios Myrddraal não sabiam — ela

mesma provara isso.

De repente, percebeu que suas mãos comprimiam com força o próprio estômago,

que lembrava uma bola de gelo. Fazia muitos anos que não sentia medo em qualquer

situação que não envolvesse encarar o Grande Senhor no Poço da Perdição. O nó

congelante começou a derreter assim que se deslocou até a outra porta de prisão.

Mais tarde analisaria a emoção de maneira desapaixorada. Shaidar Haran podia ser

diferente de qualquer Myrddraal que ela já vira, mas ainda era um Myrddraal.

Seu segundo paciente, suspenso no ar feito a primeira, era um homem atarracado

de rosto quadrado, usando casaco e calças de um verde próprio para se camuflar nas

matas. Metade dos bulbos-candentes estava bruxuleante, quase se apagando — era

um milagre que tivessem durado todo aquele tempo —, mas a verdade era que o

Guardião de Cabriana era de pouca importância. O necessário, pelo propósito que

fosse, jazia na mente da Aes Sedai. Parecia que os Myrddraal tinham recebido a

ordem de capturar uma Aes Sedai, e, por algum motivo, acreditavam que Aes Sedai

e Guardiões fossem inseparáveis. O que não era exatamente ruim. Semirhage ainda

não tivera a oportunidade de destruir um desses lutadores célebres.

Os olhos escuros do homem tentavam penetrar a mente de Semirhage enquanto

ela lhe removia as roupas e botas e as destruía, da mesma forma que fizera com as de

Cabriana. Ele era peludo, uma massa de músculos grandes e rijos e cicatrizes. Não

tremeu. Nada disse. Possuía uma rebeldia diferente. A da mulher era audaciosa,

escancarada, a dele era uma recusa silenciosa a se dobrar. Talvez fosse mais difícil

de destruir do que sua senhora. Em geral lidar com ele teria sido muito mais

interessante.

Semirhage fez uma pausa, analisando-o. Havia algo... uma rigidez ao redor da

boca e dos olhos. Como se ele já tivesse lutado contra a dor. Claro. Havia aquele elo

entre Aes Sedai e Guardiões. Era estranho que esses primitivos tivessem concebido

algo que nenhum dos Escolhidos compreendesse, mas era assim. Pelo

pouco que

sabia, era muito provável que este sujeito tivesse sentido ao menos um pouco do que

se passava com a outra paciente. Em outra ocasião, isso apresentaria possibilidades

interessantes. Naquele momento, significava apenas que o homem pensava saber o

que o aguardava.

— Sua dona não cuida muito bem de você — comentou Semirhage. — Se a

mulher não fosse uma selvagem, você não estaria desfigurado por tantas cicatrizes.

— O homem alterou a expressão apenas um tantinho. A um levíssimo desprezo. —

Pois sim.

Desta vez, urdiu a teia nos centros de prazer e começou a estimulação lenta e

gradual. O homem era inteligente. Franziu o cenho, balançou a cabeça e estreitou os

olhos, cravados nela feito lascas de gelo negro. Sabia que não deveria estar sentindo

aquele êxtase crescente e, embora não pudesse enxergar a rede, sabia que só podia

ser obra dela, então resistiu. Semirhage quase abriu um sorriso. Ele decerto

considerava mais fácil lutar contra o prazer do que contra a dor. Em raras ocasiões,

destruía as vontades de pacientes apenas com isso. Essa maneira era menos

satisfatória, e, depois que ela acabava, eles ficavam incapazes de formar

pensamentos coerentes — simplesmente queriam mais do êxtase que a florava em

suas mentes. Porém era rápido, e eles faziam qualquer coisa para ter mais. Aquela

falta de coerência era a razão pela qual Semirhage não procedera dessa maneira com

a outra paciente: precisava arrancar respostas. No entanto, aquele sujeito logo

saberia a diferença.

Diferença. Ela levou um dos dedos aos lábios, pensativa. Por que Shaidar Haran

era diferente de todos os outros Myrddraal? Não gostou de detectar uma estranheza

logo quando tudo parecia estar indo a favor deles, e um Myrddraal acima dos

Escolhidos, mesmo que apenas em algumas situações, ia além de mera estranheza.

Al'Thor estava cego, com toda a atenção voltada para Sammael, e Graendal só

permitia que Sammael soubesse o bastante para evitar que arruinasse tudo por

orgulho. E era óbvio que Graendal e Sammael estavam tramando para levar

vantagens, fosse juntos ou separados. Sammael era um *so-far* superaquecido com

manete empenado, e Graendal não era muito menos imprevisível. Os dois nunca

tinham entendido que o poder provinha apenas do Grande Senhor, distribuído

conforme sua escolha, por suas próprias razões. De acordo com seus caprichos — na

segurança de sua mente, podia pensar aquilo.

O maior problema eram os Escolhidos que tinham desaparecido. Demandred

insistia que deviam estar mortos, mas ela e Mesaana não tinham tanta certeza.

Lanfear. Se houvesse alguma justiça, o tempo lhe entregaria Lanfear. A mulher

sempre aparecia quando menos se esperava, sempre se comportava como se tivesse o

direito de meter o bedelho nos planos alheios, sempre fugia para se proteger quando

suas intromissões causavam problemas. Moghedien. Aquela lá sempre ficava

escondida, mas nunca conseguia passar muito tempo sem dar as caras, só para

lembrar ao restante que também era uma Escolhida. Asmodean. Um traidor, e já

condenado. Mas tinha mesmo desaparecido. E a existência de Shaidar Haran e as

ordens que ela própria recebera serviam para lembrá-la de que o Grande Senhor

tinha os próprios meios e objetivos.

Os Escolhidos eram meras peças no tabuleiro; podiam ser Conselheiros e

Pináculos, mas ainda assim não passavam de peças. Se o Grande Senhor a deslocara

até ali em segredo, talvez também estivesse deslocando Moghedien,

Lanfear ou até

Asmodean. Shaidar Haran talvez tivesse sido mandado para dar ordens secretas a

Graendal ou Sammael. Ou, talvez até, a Demandred ou Mesaana. Aquela

perturbadora aliança — se é que podia ser chamada por um nome tão forte — entre

os três já durava muito tempo, mas nenhum dos dois lhe contaria se recebesse ordens

secretas do Grande Senhor, bem como ela jamais os deixaria saber das ordens que a



levaram até ali ou das que a fizeram enviar Myrddraal e Trollocs até a Pedra de Tear

para lutar contra os enviados por Sammael.

Se o Grande Senhor pretendia transformar al'Thor em Nae'blis, ela própria se

ajoelharia diante dele — e ficaria esperando por um deslize que o pusesse em suas

mãos. A imortalidade lhe concedia tempo de espera infinito. Enquanto isso, sempre

haveria outros pacientes para entretê-la. O que a preocupava era Shaidar Haran. Ela

sempre fora uma jogadora de *tcheran* medíocre, mas Shaidar Haran era uma nova

peça do tabuleiro, cuja força e propósito eram desconhecidos. E uma das jogadas

ousadas para capturar o Grão-conselheiro do oponente e levá-lo para seu lado do

tabuleiro era sacrificar os Pináculos em um falso ataque. Semirhage se ajoelharia, se

fosse preciso, por quanto tempo fosse preciso, mas não seria sacrificada.

Uma estranha sensação na teia a desviou de seus pensamentos. Ela olhou para o

paciente e estalou a língua, exasperada. A cabeça dele pendia para o lado, o queixo

estava escuro, sujo do sangue da própria língua, que ele mastigara. Os olhos estavam

vidrados e opacos. Por falta de atenção, intensificara a estimulação depressa demais.

Com uma raiva que não chegou a transparecer em seu rosto, Semirhage parou de

canalizar. Não havia por que tentar estimular o cérebro de um cadáver.

Um súbito pensamento lhe ocorreu. Se o Guardião podia sentir o que a Aes Sedai

sentia, será que o oposto também aconteceria? Analisando as cicatrizes que

adornavam o corpo do homem, teve certeza de que era impossível. Até aquelas

imbecis teriam alterado o elo, se compartilhassem a sensação *daquilo*. Ainda assim,

deixou o corpo de lado e saiu pelo corredor, um pouco apressada.

Antes de abrir a porta de vigas de ferro para adentrar a escuridão, ouviu berros

que lhe trouxeram um profundo suspiro de alívio. Matar a mulher antes de arrancar

tudo o que ela sabia decerto a faria permanecer ali até a captura de outra Aes Sedai.

No mínimo.

Por entre os uivos guturais, Semirhage ouviu palavras quase ininteligíveis,

palavras que pareciam carregar toda a força da alma da paciente.

— Por favooooooooorrrrrr! Ah, Luz, POR FAVOOOORRR!

Semirhage abriu um sorriso discreto. Era divertido, afinal.



CAPÍTULO 7

UMA QUESTÃO DE OPINIÃO

Sentada em seu colchão, Elayne terminou de dar as cem escovadas com a mão

esquerda, depois guardou a escova de cabelo na bolsinha de viagem de couro e a

empurrou de volta para baixo da cama estreita. Sentia um latejar fraco atrás dos

olhos depois de passar o dia canalizando para fabricar *ter'angreal*. Na maior parte

do tempo *tentando* fabricá-los. Nynaeve, equilibrada no banquinho de pés soltos,

terminara muito antes de escovar os cabelos até a cintura e já tinha quase acabado de

refazer a trança frouxa para ir dormir. O suor brilhava em seu rosto.

Mesmo com uma das janelas abertas, o quartinho estava abafado. A lua cheia

pairava em um céu negro repleto de estrelas. Um toco de vela fornecia luz fraca. As

velas e os lampiões a óleo eram escassos em Salidar, e ninguém conseguia mais que

uma nesga de luz à noite, a não ser que precisasse trabalhar com pena e tinta. O

quarto era bem apertado, com pouco espaço para circulação entre as duas camas

pequenas. A maior parte dos pertences das duas estava guardada em um par de baús

surrados com dobradiças de latão. Dos ganchos nas paredes pendiam os vestidos de

Aceitas e capas desnecessárias naquele calor, e buracos no reboco amarelado

revelavam a madeira da fundação. Espremida entre as camas havia uma minúscula

mesa meio torta, e o lavatório bambo no canto do quarto sustentava uma jarra e uma

bacia brancas cheias de lascas. Nem mesmo as Aceitas mais elogiadas recebiam

luxos ou mimos.

Um maço de flores silvestres meio amassadas, brancas e azuis —
iludidas pelo

clima a florescerem mais tarde, e sem muito primor — despontava de
um vaso

amarelo com gargalo quebrado em cima da mesa, entre um par de
canecas de

cerâmica marrom. O outro único ponto de cor era o pardal preso em
uma gaiola de

palha. Elayne cuidava do bichinho, que estava com uma asa quebrada.
Testara suas

poucas habilidades de Cura em outro pássaro, mas os pardais eram
pequenos demais

para sobreviver ao choque.

Nada de reclamar, disse a si mesma com firmeza. As Aes Sedai viviam
um pouco

melhor; as noviças e serviçais, um pouco pior; e os soldados de Gareth
Bryne quase

sempre dormiam no chão. É preciso suportar o *que não se pode mudar*.
Lini dizia

isso o tempo todo. Bem, Salidar oferecia pouco conforto e nada de
luxo. E também

nada de frescor.

Afastando o tecido da camisola do corpo, ela assoprou contra os seios.

— É melhor chegarmos lá antes delas, Nynaeve. Você sabe como elas
ficam

quando têm que esperar.

Não soprava sequer a menor brisa, e o ar seco parecia extrair
transpiração de todos

os poros. Devia haver algo que pudesse ser feito a respeito do clima.

Se houvesse, as

Chamadoras de Ventos do Povo do Mar decerto já teriam feito, naturalmente. Mas

Elayne talvez conseguisse pensar em uma solução, se pelo menos as Aes Sedai a

liberassem dos *ter'angreal* por tempo suficiente. Como Aceita, era de se pensar que

pudesse estudar o que quisesse, mas... *Se elas achassem que eu conseguiria comer e*

ensiná-las a fazer ter'angreal ao mesmo tempo, eu não teria um minuto de sossego.

Pelo menos no dia seguinte tiraria um descanso disso.

Nynaeve se remexia na cama com o *a'dam* no pulso, fazendo caretas e ajustando

o bracelete. A mulher sempre insistia para que uma delas o usasse durante o sono,

embora isso provocasse sonhos estranhos e desagradáveis. Não havia a menor

necessidade, pois o *a'dam* também manteria Moghedien sob controle se estivesse

pendurado em um gancho na parede. Além disso, a Abandonada dividia um cubículo

realmente minúsculo com Birgitte. A arqueira era uma excelente vigia, e Moghedien

quase chorava sempre que a via sequer franzir o cenho. A mulher tinha poucos

motivos para manter Moghedien viva, mas muitos para querê-la morta, o que a

Abandonada sabia muito bem. Naquela noite, o bracelete seria de menos utilidade

que o habitual.

— Nynaeve, elas devem estar *esperando*.

A mulher fungou alto — não lidava bem com ter que estar à disposição de alguém

—, mas apanhou um dos dois anéis de pedra chata que jaziam sobre a mesa entre as

camas. Ambos eram largos demais para usar nos dedos, um era rajado e pontilhado

de azul e marrom, o outro era azul e vermelho. Os dois eram retorcidos de modo a

ter apenas uma borda. Nynaeve desamarrou a tira de couro que pendia de seu

pescoço, enfiando o anel azul e marrom junto a outro, pesado e dourado. O anel de

sinete de Lan. Tocou com carinho o aro robusto e dourado antes de enfiar os dois

anéis debaixo da roupa.

Elayne, de testa franzida, apanhou o anel azul e vermelho.

Os anéis eram *ter'angreal* que ela fabricara como imitação de outro, que estava de

posse de Siuan. Apesar da aparência simples, eram incrivelmente complexos.

Dormir com um deles em contato com a pele levava a pessoa a *Tel'aran'rhiod*, o

Mundo dos Sonhos, um reflexo do mundo real — talvez de todos os mundos.

Algumas Aes Sedai afirmavam que havia muitos mundos, como se todas as

variações do Padrão de fato existissem, e que todos esses mundos juntos formavam

um Padrão ainda maior. O fato era que *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo onde ela

vivia e tinha certas propriedades extremamente úteis. Ainda mais porque a Torre não

fazia ideia de como adentrá-lo, pelo que as duas sabiam.

Os anéis funcionavam, embora nenhum tão bem quanto os originais. Elayne

estava se aprimorando aos poucos: das quatro tentativas de produzir uma cópia,

fracassara em apenas uma. Uma média *muito* melhor do que a dos objetos que

fabricava do zero. Mas e se uma das tentativas acabasse produzindo resultados

piores do que apenas não funcionar, ou não funcionar muito bem? Aes Sedai tinham

sido estancadas ao estudar *ter'angreal*. “Exauridas” era o nome que se dava quando

acontecia por acidente, mas o resultado era igualmente irreversível. Nynaeve,

naturalmente, não considerava que fosse irreversível, porém não se daria por

satisfeita até que conseguisse Curar uma pessoa morta há três dias.

Elayne girou o anel nos dedos. O que ele fazia era fácil de compreender, era o

“como” que lhe escapava. “Como” e “por quê” — essas eram as questões.

Acreditava que o padrão de cores dos anéis tinha tanta influência quanto a forma —

qualquer forma que não um aro retorcido não tinha serventia, e o anel que acabara

saindo todo azul provocava pesadelos terríveis —, mas não sabia ao certo como

reproduzir o vermelho, o azul e o marrom originais. Ainda assim, suas

cópias tinham

a mesma estrutura delicada, a mesma disposição dos pequeninos fragmentos,

impossível de ser vista ou detectada sem o Poder Único. Por que as *cores* seriam

importantes? Parecia haver uma trama comum na estrutura diminuta dos *ter'angreal*

que só funcionavam com canalização, e outra na dos que apenas se utilizavam do

Poder latente — descobrir isso foi o que permitiu suas tentativas de fabricar

ter'angreal originais. Mas havia tanto que ela não sabia, tanto que só fazia na base

da adivinhação.

— Vai ficar aí sentada a noite inteira? — perguntou Nynaeve em um tom seco, e

Elayne se sobressaltou. Apoiando uma das canecas de cerâmica de volta na mesa, a

mulher se ajeitou na cama, as mãos cruzadas sobre o colo. — Foi *you* quem disse

para não as deixarmos esperando. No que depende de mim, não pretendo dar àquelas

patas-chocas nenhuma desculpa para virem abocanhar minhas plumas.

Mais que depressa, Elayne deslizou o anel rajado — já não era de pedra, ainda

que ela tivesse usado pedra para fazê-lo — por um cordão, que então amarrou no

próprio pescoço. A segunda caneca de cerâmica também continha uma tintura de

ervas que Nynaeve preparara, levemente adoçada com mel para suavizar o amargor.

Elayne bebeu quase a metade, o que, por suas experiências anteriores, seria

suficiente para ajudá-la a dormir, mesmo com a dor de cabeça. Era uma daquelas

noites em que não podia se dar ao luxo de perder tempo.

Estirada na cama apertada, canalizou um fluxo rápido para apagar a vela, depois

abanou a camisola em busca de um pouco de frescor. Uma brisa, pelo menos.

— Queria que Egwene melhorasse. Estou cansada das migalhas que Sheriam e as

outras jogam para a gente. Quero saber o que está acontecendo!

Percebeu que tocara em um assunto perigoso. Egwene fora ferida um mês e meio

antes, em Cairhien, no dia em que Moiraine e Lanfear morreram. No dia em que Lan

desaparecera.

— As Sábias dizem que ela *está* melhorando — murmurou Nynaeve, sonolenta,

no escuro do quarto. Pela primeira vez, não pareceu querer desviar o assunto para

Lan. — É isso o que Sheriam e a panelinha dela dizem, e elas não têm motivo para

mentir, mesmo que possam fazê-lo.

— Bom, queria conseguir descobrir o que Sheriam está aprontando para amanhã à

noite.

— Se vai ficar desejando coisas impossíveis... — Nynaeve parou para bocejar. —

Pode começar a torcer para o Salão escolher você como Amyrlin. Acho

que você até

tem chance. Quando elas finalmente escolherem alguém, nós duas estaremos

grisalhas o bastante para a função.

Elayne abriu a boca para retrucar, mas, a exemplo da outra, acabou emendando

um bocejo. Nynaeve começou a roncar — não alto, mas com persistência. Elayne

deixou os olhos se fecharem, mas seus pensamentos continuavam a toda, mesmo

contra sua vontade.

O Salão estava mesmo sendo dilatatório. Havia dias em que as Votantes se

encontravam durante menos de uma hora, e com frequência sequer se reuniam. Ao

falar com uma delas, não se via a menor urgência, embora as Votantes das seis Ajahs

— não havia Vermelhas em Salidar, óbvio — não revelassem às outras Aes Sedai o

que discutiam durante as sessões, muito menos a uma Aceita. Definitivamente havia

motivo para a pressa em decidir. Ainda que suas intenções permanecessem em

segredo, a existência do grupo de Salidar já não era. Elaida e a Torre não as

ignorariam para sempre. Além disso, os Mantos-brancos ainda estavam a poucas

milhas de distância, em Amadícia, e já havia rumores sobre Devotos do Dragão bem

ali em Altara. Só a Luz sabia o que os Devotos do Dragão poderiam tramar, se Rand

não os controlasse. O Profeta era bom exemplo — ou talvez um exemplo péssimo.

Motins, casas e fazendas incendiadas, gente morta por não demonstrar fervor

suficiente no apoio ao Dragão Renascido.

O ronco de Nynaeve parecia um tecido sendo rasgado, mas bem ao longe. Elayne

abriu outro bocejo, estalando o maxilar, virou-se de lado e abraçou o travesseiro

fino. Havia motivo para se apressarem. Sammael estava em Illian, e Salidar ficava a

poucas centenas de milhas da fronteira illianense, perto demais de um dos

Abandonados. Só a Luz saberia onde os outros estavam ou o que estariam tramando.

E Rand. As Votantes deviam estar preocupadas com Rand. Ele não representava

perigo, claro. Não poderia. Mas *era* a chave de tudo — o mundo de fato se curvava à

volta dele. Elayne *daria um jeito* de criar um elo com ele. Min. Ela e a missão

diplomática já deviam ter percorrido mais da metade do trajeto até Caemlyn. Não

havia neve para atrasar o passo. Chegariam dali a mais um mês. Não que estivesse

preocupada com a aproximação entre Min e Rand. No que a garota estava pensando?

Min. O sono veio chegando, ela foi entrando em *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu parada na rua principal de Salidar, em um silêncio noturno sepulcral, a

lua quase cheia no céu. Via tudo com bastante clareza, mais do que o

mero luar

permitiria. Sempre havia essa sensação de claridade, no Mundo dos Sonhos, vinda

de todos os lados e de lado nenhum, como se a própria escuridão emanasse um

brilho sombrio. Por outro lado, os sonhos eram assim mesmo, e aquilo era um sonho

— por mais que não fosse um dos comuns.

Aquela aldeia refletia a verdadeira Salidar, mas como um estranho fac-símile,

mais quieta do que a verdadeira vila estaria com o cair da noite. Todas as janelas

estavam escuras, e um ar de vazio se abatia sobre o local, como se nenhuma das

construções estivesse ocupada. Ali, naturalmente, não estavam. O silvo agudo de um

pássaro noturno foi seguido por outro, depois por um terceiro, e algo produziu um

fraco farfalhar, como se escapulindo em meio à indefinível meia-luz. Mas os

estábulos estariam vazios, e também as cercas de estacas do lado de fora da cidade, e

as clareiras onde o gado e as ovelhas ficavam reunidos. Criaturas selvagens

apareciam aos montes por ali, mas nenhuma domesticada. Os detalhes mudavam a

cada olhadela: as construções de telhados de palha permaneciam iguais, mas um

barril de água podia estar em uma posição ligeiramente diferente ou ter

desaparecido, uma porta antes fechada estaria aberta ao se voltar o

rosto outra vez

para a mesma direção. Quanto mais efêmero fosse um objeto no mundo real, mais

inconstante era sua posição ou condição ali, e menos concreto era seu reflexo.

De vez em quando via-se um movimento bruxuleante na rua escura: alguém

surgia, dava uns passos e ia embora, ou flutuava pelo chão, como se voasse. Muita

gente podia adentrar *Tel'aran'rhiol* em sonhos, porém apenas por um breve

instante. O que era uma grande sorte. Outra característica do Mundo dos Sonhos era

que tudo o que ocorresse ali afetava a realidade do mundo desperto. Se alguém

morresse ali, não acordava. Um estranho reflexo. Mas o calor era idêntico.

Nynaeve estava ali, parada, usando um vestido branco de Aceita com faixas na

bainha, impaciente ao lado de Siuan e Leane. Também usava o bracelete de prata,

embora ele não se conectasse dali com o mundo desperto. O bracelete ainda

controlava Moghedien, mas Nynaeve, fora do corpo, não sentiria nada através dele.

Leane ostentava uma aparência esbelta e majestosa, mas, na opinião de Elayne, o

vestido domanês de seda fina, pouquíssimo opaco, prejudicava um pouco a

elegância. As cores também não paravam de mudar — o tipo de coisa que acontecia

até que a pessoa aprendesse a se virar por ali. Siuan estava melhor.
Usava um

vestido simples de seda azul, com decote baixo o suficiente para exibir
o anel

retorcido preso em um colar. Vez por outra, no entanto, brotavam
enfeites de renda

pelo vestido, e o colar passava de uma simples corrente de prata a
uma elaborada

peça com rubis, gotas de fogo ou esmeraldas cravejadas em ouro, com
os brincos

combinando, logo em seguida retornando à corrente simples.

O anel que pendia do pescoço de Siuan era o original, e ela tinha a
mesma

concretude de qualquer um dos edifícios. Elayne, a seus próprios
olhos, parecia

igualmente concreta, mas sabia que seu aspecto aos olhos das outras
era um pouco

indistinto, tal qual o de Nynaeve e Leane. Parecia possível ver o luar
através de seus

corpos. Era o resultado de usar uma das cópias. Dava para sentir a
Fonte Verdadeira,

mas daquele jeito *saidar* era tênue — se tentasse canalizar, a
canalização também

seria fraca. Com o anel de Siuan, não. Mas era o preço que se pagava
por ter seus

segredos mais irrelatáveis expostos a terceiros. Siuan confiava mais no
original do

que nas cópias de Elayne, então o usava — ou às vezes Leane usava
—, enquanto

Elayne e Nynaeve, que tinham acesso a *saidar*, precisavam se
contentar com os

outros.

— Onde elas estão? — inquiriu Siuan. Seu decote subia e descia. O vestido estava

verde, com uma imensa fileira de pedras-da-lua no decote. — Já é péssimo que

queiram meter o remo no meu barco e remar do jeito que bem entenderem, agora

ainda por cima me deixam esperando.

— Não sei por que você se incomoda tanto em esperá-las chegar — retrucou

Leane. — Você gosta de ver as garotas errarem. Elas não sabem metade do que

acham que sabem. — Por um instante, o vestido dela ficou quase transparente. Um

pesado colar de pérolas grandes surgiu ao redor de seu pescoço e desapareceu. A

mulher não percebeu. Tinha ainda menos experiência com aquele lugar do que

Siuan.

— Preciso dormir de verdade — resmungou Siuan. — Bryne tenta me matar de

trabalhar. Mas preciso esperar de boa vontade duas mulheres que vão passar metade

da noite lembrando como se anda. Sem falar nessas duas me estorvando. — Ao

avistar Elayne e Nynaeve, franziu o cenho e revirou os olhos.

Nynaeve agarrou a trança com firmeza, indicação precisa de que estava ficando

irritada. Pela primeira vez, Elayne concordou plenamente com a irritação. Era muito

difícil ensinar a alunas que acreditavam saber mais do que de fato sabiam e que se

achavam no direito de repreender a professora quando não aceitavam o contrário.

Claro, as outras eram muito piores do que Siuan ou Leane. *Onde* estavam as outras?

Um movimento surgiu na rua. Seis mulheres envoltas no brilho tênue de *saidar*,

que não desapareceram. Como de costume, Sheriam e o restante do conselho tinham

se transportado em sonho a seus próprios aposentos e ido para a rua. Elayne não

sabia ao certo quanto elas já compreendiam acerca dos atributos de *Tel'aran'rhiod*.

De todo modo, as mulheres com frequência insistiam em fazer coisas do próprio

jeito, mesmo quando havia um modo melhor de fazê-las. Quem poderia saber mais

que uma Aes Sedai?

As seis mulheres recém-chegadas de fato eram novatas em *Tel'aran'rhiod*, e a

cada vez que Elayne as olhava seus vestidos tinham mudado. De início, uma delas

usava o xale bordado de Aes Sedai, com franjas na cor de sua Ajah e a Chama de

Tar Valon — uma robusta lágrima branca — bordada na parte de trás. Depois quatro

delas vestiam o xale. Depois nenhuma. Por vezes, alguma usava uma capa leve de

viagem daquelas que só servem para impedir a poeira da estrada de sujar as roupas,

sempre com a Chama atrás e do lado esquerdo do peito. Suas feições etéreas não se

mostravam afetadas pelo calor, claro — as Aes Sedai nunca demonstravam sentir

calor —, nem que estavam cientes das alterações em suas vestimentas.

As mulheres pareciam tão indistintas quanto Nynaeve ou Leane. Sheriam e as

outras confiavam mais nos *ter'angreal* que requeriam canalização para adentrar os

sonhos do que nos anéis. Simplesmente não pareciam querer crer que *Tel'aran'rhiod*

não tinha relação alguma com o Poder Único. Pelo menos Elayne não podia dizer

quais delas estavam usando as cópias. Dentre as mulheres, haveria três com um

disquinho feito de um material que um dia fora ferro, gravado dos dois lados com

uma espiral compacta e acionado por um fluxo de Espírito, o único dos Cinco

Poderes capaz de ser canalizado durante o sono — com exceção de onde estavam, é

claro. As outras três estariam portando pequenas placas que um dia foram de âmbar,

com uma mulher dormindo gravada dentro de cada uma. Ainda que tivesse diante de

si todos os seis *ter'angreal*, Elayne não seria capaz de distinguir os três originais. As

cópias tinham saído muito boas. Mesmo assim, eram cópias.

Pôde ouvir o fim da conversa enquanto as Aes Sedai vinham descendo a rua de

terra batida, mas não entendeu nada.

— ... vão desdenhar da nossa escolha, Carlinya — dizia Sheriam, com seus

cabelos de fogo —, mas vão desprezar qualquer escolha que façamos. Nós podemos

muito bem manter a nossa decisão. Você não precisa que eu liste os motivos outra

vez.

Morvrin, uma corpulenta irmã Marrom com mechas grisalhas nos cabelos, riu

com desdém.

— Depois de todo o nosso trabalho com o Salão, teríamos um trabalhão para fazê-

las mudar de ideia.

— Desde que nenhum governante nos ridicularize, de que isso nos importa? —

indagou Myrelle, em um tom acalorado. A mais jovem das seis, Aes Sedai havia

poucos anos, ela parecia bastante irritada.

— Que governante ousaria? — perguntou Anaiya, parecendo uma dona de casa

inquirindo que criança ousaria pisar em seus carpetes com os sapatos sujos de lama.

— De todo modo, nenhum rei ou rainha sabe o bastante do que se passa entre as Aes

Sedai para entender. Só a opinião das irmãs deve ser motivo de preocupação, não a

deles.

— O que me preocupa — retrucou Carlinya, impassível — é que, se tivermos

facilidade em manipulá-la, outros também podem ter. — A irmã

Branca, de pele

pálida e olhos quase negros, estava sempre impassível, alguns diriam gélida.

Fosse qual fosse o assunto, não era nada que quisessem debater na frente de

Elayne e das outras. Logo antes de encontrá-las, as mulheres se calaram.

Siuan e Leane reagiram às recém-chegadas dando subitamente as costas uma para

a outra, como se sua conversa tivesse sido interrompida pelas Aes Sedai. Elayne, por

sua vez, na mesma hora baixou a cabeça para conferir o vestido. Era o correto,

branco com as listras. Não sabia como se sentia a respeito de ter surgido, sem nem

pensar, já com o vestido certo — podia apostar que Nynaeve tivera de trocar a roupa

depois de chegar. Por outro lado, Nynaeve era muito mais intrépida do que ela,

desafiando limites aos quais ela mesma se sujeitara. Como conseguiria governar

Andor? Isso se sua mãe estivesse morta. Se.

Sheriam, meio gorducha e com as maçãs do rosto proeminentes, voltou os olhos

verdes e oblíquos para Siuan e Leane. Por um momento, usava um xale de franjas

azuis.

— Se vocês duas não aprenderem a se dar bem, juro que as mandarei para Tiana.

— Parecia algo dito com tanta frequência que já perdera o tom de ameaça.

— Você trabalharam juntas por bastante tempo — interveio Beonin, com seu

sotaque taraboniano carregado. Era uma bela irmã Cinza, com cabelos cor de mel em

uma infinidade de tranças e olhos azuis acinzentados que pareciam sempre

sobressaltados. No entanto, nada surpreendia Beonin. A cada novo dia, ela só

acreditava no nascer do sol se o visse com os próprios olhos, e Elayne achava que, se

alguma manhã não visse o sol nascer, Beonin não arrepiaria um só fio de cabelo. Só

se consideraria vingada por sempre ter exigido provas. — Então podem e devem

trabalhar juntas outra vez.

Beonin soava como se tivesse dito aquilo tantas vezes que mal tinha que pensar

para repetir a frase. Todas as Aes Sedai estavam acostumadas com Siuan e Leane.

Tinham começado a tratá-las da mesma forma que tratariam garotinhas incapazes de

parar de brigar. As Aes Sedai de fato tendiam a ver qualquer adulto como criança.

Até aquelas duas, que um dia haviam sido suas irmãs.

— Você pode mandar as duas para Tiana ou não — vociferou Myrelle —, mas

pare de falar nisso. — Elayne não achava que a mulher de beleza soturna estivesse

irritada com Siuan ou Leane. Talvez não fosse nada ou ninguém em particular. Seu

temperamento difícil era famoso até entre as Verdes. O vestido de

seda amarelo-ouro

passou a ostentar uma gola alta, mas com um recorte oval que expunha o topo dos

seios. Ela também usava um colar curioso, uma larga gargantilha de prata

sustentando três pequenas adagas cujos punhos repousavam sobre o decote. Uma

quarta adaga apareceu e desapareceu tão depressa que poderia ter sido imaginação.

Ela olhou Nynaeve de cima a baixo, como se buscasse alguma imperfeição. —

Estamos indo para a Torre ou não? Se temos que fazer isso, podemos muito bem

aproveitar o tempo gasto para fazer algo de útil.

Elayne então entendeu o motivo da irritação de Myrelle. Logo que ela e Nynaeve

chegaram a Salidar, tinham encontros com Egwene em *Tel'aran'rhiod* a cada sete

dias para compartilhar suas descobertas. O que nem sempre era fácil, já que Egwene

era acompanhada de pelo menos uma das Andarilhas do Sonho Aiel com quem

estava estudando. Encontrar-se sem uma ou duas das Sábias fora um tanto difícil. De

todo modo, tudo aquilo acabou quando elas chegaram a Salidar. Aquelas seis Aes

Sedai do conselho de Sheriam tinham assumido o controle dos encontros, mas

tinham apenas os três *ter'angreal* originais e pouco conhecimento acerca de

Tel'aran'rhiod além de como adentrá-lo. Tinha sido exatamente na

época em que

Egwene fora ferida, de forma que as Aes Sedai tinham que lidar sozinhas com as

Sábias. Eram encontros de dois grupos de mulheres orgulhosas e resolutas, cada um

desconfiado do que o outro queria, nenhum disposto a ceder ou baixar a cabeça um

tantinho que fosse.

Claro que Elayne não sabia o que se passava nessas reuniões, mas tomava por

base as próprias experiências e os fragmentos de informação que Sheriam e as outras

deixavam escapar aqui e ali.

As Aes Sedai estavam convencidas de que eram capazes de aprender qualquer

coisa que pudesse ser aprendida, além de em geral sempre exigirem o respeito

dispensado às rainhas e sempre esperarem que tudo lhes fosse revelado sem

protestos nem delongas. Ao que parecia, as mulheres da Torre tinham exigido

resposta para tudo: os planos de Rand, quando Egwene estaria em condições de

retornar ao Mundo dos Sonhos e até se havia a possibilidade de espionar sonhos

alheios em *Tel'aran'rhiod*, de adentrar fisicamente o Mundo dos Sonhos ou de levar

alguém para o sonho à revelia. Tinham até perguntado mais de uma vez se era

possível afetar o mundo real a partir do que se fazia no sonho, impossibilidade da

qual pareciam duvidar. Morvrin já estudara um pouco alguns escritos sobre

Tel'aran'rhiod, o suficiente para ter um sem-fim de dúvidas, embora Elayne

desconfiasse de que Siuan fosse responsável por uma parte. Achava que Siuan

estava tramando algum artil para participar das reuniões, mas as Aes Sedai pareciam

crer que já era o bastante dar a ela salvo-conduto para usar o anel a fim de auxiliar

no trabalho com os olhos-e-ouvidos. A antiga Amyrlin só se incomodava realmente

com a interferência de Aes Sedai em seu trabalho.

Quanto às Aiel... as Sábias — ao menos as Andarilhas dos Sonhos —, pelo que

Elayne percebera a partir dos próprios encontros, elas não apenas sabiam

praticamente tudo o que havia para se saber a respeito do Mundo dos Sonhos, como

também o consideravam quase uma propriedade particular. Não gostavam que

ninguém fosse até lá na ignorância e lidavam de forma muito rigorosa com qualquer

atitude que julgassem tola. Além do mais, eram um grupo reticente e, ao que parecia,

extremamente leal a Rand e que não estava disposto a revelar muito mais do que o

fato de ele estar vivo ou de que Egwene retornaria a *Tel'aran'rhiod* quando estivesse

em condições. Também não mostravam a menor disposição a responder às perguntas

que consideravam inapropriadas — o que podia significar tanto que não confiavam

que os conhecimentos do inquiridor fossem suficientes para a resposta, ou que a

pergunta, a resposta ou ambas de alguma forma violavam sua estranha filosofia de

honra e obrigação. Elayne sabia pouco sobre o *ji'e'toh* — tudo o que sabia era que

aquilo existia e que gerava comportamentos bastante peculiares e delicados.

De todo modo, era a receita para o desastre, e Elayne achava muito provável que

esse prato fosse servido fresco a cada sete dias, pelo menos do ponto de vista das

Aes Sedai.

A princípio, Sheriam e as outras cinco tinham requisitado aulas todas as noites,

mas agora as solicitavam em apenas duas ocasiões: na véspera da reunião com as

Sábias, como se para apurar as habilidades antes do dia da competição, e na noite

seguinte, quando em geral estavam mais quietas, como se para processar o que dera

errado e como contra-atacar. Myrelle decerto já fervilhava de agitação por conta do

desastre da noite que viria em seguida. Era certo que haveria algum.

Morvrin virou-se para Myrelle e abriu a boca, mas outra mulher surgiu de repente

entre elas. Elayne levou um instante para reconhecer as feições sem idade de Gera,

uma das cozinheiras. Vestida com o xale de franjas verdes com a

Chama de Tar

Valon e pesando menos da metade de seu peso verdadeiro, Gera ergueu um dedo

admonitório para as Aes Sedai... e desapareceu.

— Quer dizer então que é com isso que ela sonha? — perguntou Carlinya, com

frieza. Mangas pontudas cresceram em seu vestido de seda alvíssima, cobrindo as

mãos, e uma gola alta e justa se projetou sob o queixo. — Alguém devia ter uma

conversa com ela.

— Deixe para lá, Carlinya — retrucou Anaiya, com uma risadinha. — Gera é uma

boa cozinheira. Eu até entendo o atrativo desses pensamentos. — Ela de repente

ficou mais magra e alta. Suas feições em si não se alteraram: era o mesmo rosto

inexpressivo e maternal de sempre. Com uma risada, a mulher mudou de volta. —

Será que você nunca vê diversão em nada, Carlinya?

Até a fungada desdenhosa de Carlinya em resposta foi fria.

— Gera com certeza nos viu — interveio Morvrin. — Mas será que vai se

lembrar? — Seus duros olhos escuros estavam pensativos. O vestido de lã escura e

lisa era o mais estável dos seis. Alguns detalhes mudavam, mas era uma mudança

tão sutil que Elayne não conseguia de fato dizer o que havia de diferente.

— É claro que vai — respondeu Nynaeve, em um tom amargo. Já

explicara isso.

Seis Aes Sedai a encararam com as sobrancelhas erguidas, e ela moderou o tom. Um

pouco. Também odiava esfregar panelas. — Se ela se lembrar do sonho, vai se

lembrar. Mas só como sonho.

Morvrin franziu o cenho. Queria uma prova, quase como Beonin. A expressão

extremamente aborrecida de Nynaeve traria problemas, fosse qual fosse seu tom.

Antes que Elayne pudesse dizer algo que desviasse o foco das Aes Sedai da amiga,

Leane abriu a boca, exibindo no rosto um sorrisinho quase afetado:

— Vocês não acham que a gente deveria ir agora?

Siuan bufou de desdém em resposta à timidez da mulher, e Leane cravou os olhos

penetrantes nela.

— Pois sim, você com certeza quer passar o máximo de tempo possível na Torre

— retrucou Siuan, num tom acanhado, e Leane fungou.

Elas realmente atuavam muito bem. Sheriam e as outras sequer suspeitavam de

que Siuan e Leane fossem mais do que duas mulheres estancadas agarrando-se a um

propósito que preservasse sua vida, agarrando-se às rebarbas do que um dia haviam

sido. Duas mulheres infantis tentando o tempo inteiro irritar uma à outra. As Aes

Sedai não deveriam ter se esquecido da fama de manipuladora voluntariosa de

Siuan, sempre cheia de artimanhas — assim como Leane, ainda que em menor grau.

Se aquelas duas tivessem demonstrado união ou revelado suas verdadeiras faces, as

seis Aes Sedai teriam se lembrado disso e considerariam com muita atenção todas as

declarações da dupla. Porém, divididas e destilando rancor uma para cima da outra,

quase sem perceber que praticamente rastejavam aos pés das Aes Sedai... nesse

caso, quando uma era forçada a concordar com o que a outra dizia, a sugestão vinha

com maior peso. Quando uma se opunha com base em argumentos claramente

frívolos, também. Elayne sabia que o objetivo do fingimento era levar Sheriam e as

outras a apoiarem Rand. Só desejava saber os outros propósitos para os quais

empregavam o ardil.

— Elas têm razão — interveio Nynaeve, com firmeza, lançando um olhar enojado

para Siuan e Leane. Aquele disfarce a aborrecia ao extremo: Nynaeve jamais se

rebaixaria, nem que a própria vida dependesse disso. — A essa altura, vocês já

devem saber que quanto mais tempo passam aqui, menos descansam de verdade. O

sono enquanto se está em *Tel'aran'rhiod* não é reparador feito o sono comum.

Agora, lembrem-se de tomar cuidado caso vejam qualquer coisa fora do normal. —

Ela de fato odiava ter que se repetir, e seu tom de voz deixava isso bem claro. E

Elayne precisava admitir que, em se tratando daquelas mulheres, se repetir era

muitas vezes necessário. Se pelo menos Nynaeve não parecesse estar falando com

crianças desmioladas... — Quando alguém adentra *Tel'aran'rhiod* em sonho, feito

Gera, mas está tendo um pesadelo, às vezes o pesadelo persiste. E eles são muito

perigosos. Evitem tudo o que parecer incomum. E tentem controlar os pensamentos,

desta vez. O que vocês pensam aqui pode se tornar real. Aquele Myrddraal que

apareceu do nada da última vez pode até ter sido resquício de um pesadelo, mas acho

que foi uma de vocês que deixou a mente vagar. Vocês estavam falando sobre Ajah

Negra, se não se lembram, debatendo se elas estariam permitindo a entrada de Crias

da Sombra na Torre. — Como se tudo aquilo já não fosse péssimo, Nynaeve ainda

acrescentou: — Vocês não vão impressionar as Sábias amanhã à noite se chamarem

um Myrddraal.

Elayne estremeceu.

— Criança — retrucou Anaiya, com gentileza, ajustando o xale de franjas azuis

que de súbito surgiu sobre seus braços —, você tem feito um excelente trabalho, mas

isso não é desculpa para falar com tamanha irritação.

— Você ganhou muitos privilégios — concordou Myrelle, sem o mesmo tom

gentil —, mas parece estar se esquecendo de que são *privilégios*. — Sua carranca

devia ter sido suficiente para fazer até Nynaeve estremecer. Myrelle, nas semanas

anteriores, agira de maneira cada vez mais dura com a Aceita. E agora também

usava o xale. Todas usavam. Péssimo sinal.

Morvrin bufou audivelmente.

— Quando eu era Aceita, qualquer garota que falasse com uma Aes Sedai dessa

maneira teria passado o mês esfregando o chão, mesmo que estivesse para ser

elevada no dia seguinte.

Elayne mais que depressa se pronunciou, torcendo para conseguir se antecipar ao

desastre. Nynaeve pusera no rosto o que ela acreditava ser uma expressão de

complacência, porém estava mais para uma careta emburrada e teimosa.

— Tenho certeza de que ela não teve a menor intenção, Aes Sedai. Temos

trabalhado demais. Por favor, nos perdoe. — Incluir a si mesma poderia ser de

alguma ajuda, já que não tinha feito nada. E poderia fazer com que as duas

acabassem esfregando o chão. Pelo menos aquilo fez Nynaeve olhar para ela. E, ao

que parecia, a levou a refletir, já que a amiga assumiu uma expressão de fato

complacente, fez uma medida e encarou o chão, como se estivesse envergonhada. E

talvez estivesse mesmo. Talvez. Elayne apressou-se em prosseguir, como se

Nynaeve tivesse pedido desculpas formais e as outras tivessem aceitado. — Sei que

todas vocês querem passar o máximo de tempo possível na Torre, então talvez seja

melhor não nos demorarmos mais? Que tal se todas visualizarem o gabinete de

Elaida da maneira exata como o viram da última vez? — Ali em Salidar, Elaida

jamais era chamada de Amyrlin. Da mesma forma, o gabinete da Amyrlin na Torre

Branca tivera o nome alterado. — Peço que todas visualizem o lugar bem fixamente,

para que cheguemos lá juntas.

Anaiya foi a primeira a assentir, mas até Carlinya e Beonin se deixaram contornar.

Não ficou claro se as dez mulheres se deslocaram ou se foi *Tel'aran'rhiod* que se

deslocou em torno delas. Poderia ter sido ambas as coisas, pelo pouco que Elayne de

fato compreendia. O Mundo dos Sonhos era de uma maleabilidade quase infinita.

Primeiro estavam todas na rua em Salidar, mas, no instante seguinte, se viram no

interior de um aposento grande e todo ornamentado. As Aes Sedai assentiram,

satisfeitas, ainda inexperientes a ponto de se contentar com tudo o que funcionasse

de acordo com o planejado.

Assim como *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo desperto, aquele aposento refletia o

poder das mulheres que o haviam ocupado durante os últimos três mil anos. Os

grandes abajures de chão dourados estavam apagados, mas havia luz, à maneira

estranha dos sonhos e de *Tel'aran'rhiod*. A comprida lareira era de mármore

dourado de Kandor, e o chão, de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa.

Os painéis das paredes tinham sido instalados havia relativamente pouco tempo,

meros mil anos. Eram de madeira clara, com linhas desiguais e entalhes de bestas e

pássaros maravilhosos, que Elayne tinha certeza de serem originários da imaginação

do escultor. Reluzentes pedras peroladas emolduravam as imensas janelas em arco

que levavam até a sacada com vista para o jardim particular da Amyrlin — aquela

pedra fora extraída de uma cidade sem nome, submersa no Mar das Tempestades

durante a Ruptura do Mundo, e ninguém jamais encontrara material similar.

Cada mulher que utilizava aquele aposento deixava ali sua própria marca, ainda

que apenas durante o período de sua posse, e com Elaida não era diferente. Uma

pesada cadeira com ares de trono, com uma Chama de Tar Valon de marfim

coroando o espaldar alto, jazia atrás de uma pesada escrivaninha ornamentada com

entalhes de três anéis conectados. Sobre a mesa havia apenas três caixas de laca

altaranas, cada uma precisamente à mesma distância das outras. Um vaso branco liso

repousava no topo de um austero pedestal recostado a uma parede. O vaso continha

rosas cujo número e cor mudavam a cada olhada, porém sempre dispostas em

arranjos muito sóbrios e rígidos. Rosas naquela época do ano, com aquele clima! O

Poder Único fora *desperdiçado* só para fazê-las florescer. Elaida fazia o mesmo

quando era conselheira da mãe de Elayne.

Acima da lareira estava pendurada uma pintura no novo estilo, em lona estendida,

de dois homens lutando entre as nuvens, disparando raios. Um deles tinha rosto de

fogo, o outro era Rand. Elayne estivera em Falme durante aquele episódio, e a

pintura não estava muito longe da realidade. A tela fora rasgada bem em cima do

rosto de Rand, ao que parecia pelo arremesso de um objeto pesado, e havia um

remendo quase invisível. Estava claro que Elaida queria uma lembrança constante do

Dragão Renascido — e estava igualmente claro que a mulher não ficava muito feliz

em ter que olhar para ele.

— Se me dão licença — pediu Leane, antes mesmo que todas

terminassem de

menear a cabeça, satisfeitas —, preciso ver se meu povo recebeu minhas mensagens.

Todas as Ajahs, exceto a Branca, tinham uma rede de olhos-e-ouvidos espalhada

pelas nações, e um bom número de Aes Sedai tinha sua rede própria, mas Leane era

rara, talvez única — como Curadora, criara uma rede dentro da própria Tar Valon.

No instante em que falou, a mulher desapareceu.

— Ela não devia andar por aqui sozinha — comentou Sheriam, exasperada. —

Nynaeve, vá atrás dela. E fiquem juntas.

Nynaeve deu um puxão na trança.

— Eu não acho que...

— Você “não acha” um pouco demais — interrompeu Myrelle. — Pelo menos

uma vez na vida, Aceita, faça o que lhe for mandado. E na hora em que for

mandado.

Trocando um olhar azedo com Elayne, Nynaeve assentiu, claramente engolindo

uma bufada, e desapareceu. Elayne não foi muito simpática ao sofrimento da amiga.

Se Nynaeve não tivesse cedido à própria irritação em Salidar, talvez tivesse podido

explicar que seria impossível encontrar Leane, que a mulher podia estar em qualquer

lugar da cidade e que fazia semanas que ela vinha se aventurando sozinha em

Tel'aran'rhiod.

— Agora vamos ver o que podemos descobrir — disse Morvrin.

Porém, antes que as outras pudessem se mexer, Elaida surgiu atrás da escrivaninha, os olhos vidrados. Uma mulher inflexível, de beleza masculina e olhos

e cabelos escuros, Elaida usava um vestido vermelho-sangue e a estola listrada do

Trono de Amyrlin por sobre os ombros.

— Como eu Previ — entoou. — A Torre Branca vai se reunir sob o meu

comando. Sob o *meu* comando! — Ela apontou para o chão, irritada. — Ajoelhem-se

e peçam perdão por seus pecados! — Com isso, ela sumiu.

Elayne soltou um longo suspiro, então sentiu-se grata ao perceber que não fora a

única.

— Uma Previsão? — Beonin franziu a testa, pensativa. Não parecia preocupada,

mas poderia muito bem estar. Elaida de fato tinha o dom da Previsão, ainda que não

fosse constante. Quando a Previsão dominava uma mulher e ela previa um

acontecimento, acontecia.

— Um sonho — retrucou Elayne, e ficou surpresa em ver como sua voz estava

firme. — Ela está dormindo e sonhando. Não me admira que sonhe tudo conforme

seu gosto. — *Por favor, Luz, que seja apenas isso.*

— Perceberam a estola? — perguntou Anaiya, a ninguém em

particular. — Não

tinha listra azul. — A estola da Amyrlin deveria exibir uma listra para cada uma das

sete Ajahs.

— Um sonho — repetiu Sheriam, inexpressiva. Soava destemida, mas usava outra

vez o xale de franjas azuis, que apertava em volta do corpo. Anaiya também.

— Seja isso ou não — interveio Morvrin, muito calma —, é melhor fazermos o

que viemos fazer. — Pouca coisa a amedrontava.

A súbita agitação desencadeada pelas palavras da irmã Marrom deixou muito

claro como todas tinham ficado paralisadas. Ela, Carlinya e Anaiya mais que

depressa saíram para a antessala, onde estaria a mesa de trabalho da Curadora —

Alviarin Freidhen, sob as ordens de Elaida. Uma Branca, por estranho que fosse, já

que a Curadora *sempre* vinha da mesma Ajah da Amyrlin.

Siuan olhou irritada para as mulheres que saíam. Ela sempre dizia que havia mais

a se descobrir com os papéis de Alviarin do que os de Elaida, pois a Branca às vezes

parecia saber mais do que a mulher a quem supostamente servia, e por duas vezes

Siuan encontrou provas de que Alviarin havia ido contra as ordens de Elaida sem

repercussão aparente. Não que tivesse revelado tais ordens a Elayne ou Nynaeve. O

que Siuan decidia compartilhar era bem limitado.

Sheriam, Beonin e Myrelle se reuniram diante da mesa de Elaida, abriram uma

das caixas de laca e começaram a revirar os papéis lá dentro. Era ali que Elaida

guardava as correspondências e os relatórios recentes. A caixa, entalhada com

gaviões dourados lutando entre as nuvens brancas de um céu azul, cismava em

fechar de repente toda vez que uma delas soltava a tampa, até que as mulheres se

lembraram de mantê-la presa, mas os papéis também se modificavam durante a

leitura. Papel era mesmo uma matéria efêmera. Entre *tsc*, *tsc* exaltados e suspiros de

irritação, as Aes Sedai perseveraram.

— Aqui tem um relatório de Danelle — anunciou Myrelle, passando os olhos por

uma das folhas. Siuan tentou juntar-se a elas, pois Danelle, uma jovem Marrom,

fizera parte do grupo de conspiradoras que a depusera; mas Beonin olhou feio para a

antiga Amyrlin, que retornou para o canto, resmungando sozinha. Beonin voltou a

atenção à caixa e aos documentos antes mesmo que Siuan desse três passos, e as

outras duas nem sequer perceberam a troca. Myrelle continuou: — Ela diz que

Mattin Stepaneos aceita cordialmente, que Roedran ainda está tentando ouvir de

todos os lados e que Alliandre e Tylin querem mais tempo para

considerar a

resposta. Tem uma observação aqui, na caligrafia de Elaida:
“Pressione-os!” — A

mulher estalou a língua enquanto o relatório se desfazia em suas
mãos,

transformando-se em ar. — Não dizia em relação ao quê, mas só pode
haver duas

possibilidades que envolva aqueles quatro.

Mattin Stepaneos era Rei de Illian, e Roedran, de Murandy, enquanto
Alliandre

era Rainha de Ghealdan, e Tylin, de Altara. O assunto só podia ser
Rand ou as Aes

Sedai em oposição a Elaida.

— Pelo menos sabemos que nossas emissárias ainda têm as mesmas
chances que

as de Elaida — comentou Sheriam.

Claro, Salidar não mandara ninguém até Mattin Stepaneos, pois Lorde
Brend, do

Conselho dos Nove — na verdade Sammael —, era quem detinha o
poder em Illian.

Elayne queria muito poder saber que proposta de Elaida Sammael
estava disposto a

apoiar, ou pelo menos permitir que Mattin Stepaneos dissesse que ele
iria apoiar.

Tinha certeza de que as três Aes Sedai também queriam muito saber,
mas elas

apenas continuaram pegando documentos de dentro da caixa de laca.

— O mandado de prisão para Moiraine ainda está em vigor —
anunciou Beonin,

balançando a cabeça enquanto a folha em sua mão de súbito se

transformava em um

grosso calhamaço de papéis. — Ela ainda não sabe que Moiraine morreu. —

Franzindo o cenho para os papéis, ela os deixou cair. As folhas se espalharam e se

dissolveram no ar antes de chegar ao chão. — E Elaida continua pretendendo

construir um palácio para si.

— Bem típico dela — retrucou Sheriam, num tom seco. Estendeu a mão com um

tranco e apanhou o que parecia um bilhete. — Shemerin fugiu. A *Aceita* Shemerin.

As três olharam para Elayne antes de voltar a atenção à caixa, que tiveram que

abrir outra vez. Ninguém fez qualquer comentário em relação às palavras de

Sheriam.

Elayne quase rangeu os dentes. Ela e Nynaeve tinham dito às outras que Elaida

estava rebaixando Shemerin, uma irmã Amarela, a *Aceita*, mas elas naturalmente

não tinham acreditado. Era possível obrigar uma Aes Sedai a cumprir penitências,

era possível bani-la, mas não era possível rebaixá-la, a não ser que fosse estancada.

Porém, fora exatamente isso que Elaida fizera, fossem quais fossem as leis da Torre.

Talvez ela estivesse reescrevendo as leis da Torre.

A verdade era que muitas coisas que haviam contado àquelas mulheres não

tinham sido levadas a sério. Moças tão novas, Aceitas, não podiam ter tanto

conhecimento sobre o mundo a ponto de saberem o que podia ou não ser verdade.

Jovens eram crédulas, ingênuas, podiam muito bem ver e acreditar em algo que com

certeza não existia. Elayne se esforçou para não bater o pé. Uma Aceita aceitava o

que as Aes Sedai desejassem oferecer e não pedia o que as Aes Sedai escolhessem

guardar para si. Como pedidos de desculpas. A Filha-herdeira preservou o rosto

sereno e conteve a ira.

Siuan não se sentia presa a tais amarras. Pelo menos, não na maior parte do

tempo. Quando as Aes Sedai não estavam olhando, sempre lhes dispensava uma

carranca. Naturalmente, se uma das três lhe dirigisse o olhar, ela na mesma hora

assumia uma expressão mansa. Era muito experiente nisso. Um leão sobrevive sendo

leão, dissera certa vez a Elayne, e um rato, sendo rato. Mas Siuan dava um rato

muito pertinaz.

Elayne pensou ter detectado preocupação nos olhos da antiga Amyrlin. Aquela

tarefa fora dela desde que Siuan provara às Aes Sedai que podia usar o anel com

segurança — na verdade, depois de ela e Leane terem aulas secretas ministradas por

Nynaeve e Elayne —, além de ser uma excelente fonte de informações.

Restabelecer

contato com os olhos-e-ouvidos espalhados pelas nações e redirecionar os informes

da Torre para Salidar levava tempo. Se Sheriam e as outras pretendiam assumir o

controle daquilo, Siuan poderia se tornar menos útil. Nenhuma rede de agentes da

história da Torre jamais fora comandada por ninguém menos que uma irmã completa

antes que a antiga Amyrlin chegasse a Salidar com seu conhecimento sobre os

olhos-e-ouvidos do Trono e da Ajah Azul, que ela comandara antes de se tornar

Amyrlin. Beonin e Carlinya mostravam relutância em depender de uma mulher que

já não era uma delas, e as outras não pareciam pensar muito diferente. Verdade fosse

ditada, nenhuma delas se sentia muito confortável perto de uma mulher estancada.

E também não havia nada que Elayne pudesse fazer. As Aes Sedai poderiam

chamar aquilo de instrução, poderiam até pensar que fosse, mas ela sabia por

experiência própria que, se tentasse ensinar qualquer coisa sem que lhe fosse

solicitado, seria repreendida na hora. Estava ali para responder às perguntas e nada

mais. Pensou em um banquinho que apareceu na mesma hora — tinha entalhes de

vinhas nos pés —, e se sentou para esperar. Uma cadeira seria mais confortável, mas

talvez gerasse comentários. Uma Aceita sentada muito confortavelmente em geral

era considerada uma Aceita sem tarefas o bastante. Depois de um instante, Siuan

conjurou um banquinho quase idêntico e abriu um sorriso tenso para Elayne... e

uma careta de desprezo para as costas das Aes Sedai.

Da primeira vez que Elayne visitara aquele aposento em *Tel'aran'rhiod*, havia um

semicírculo de banquinhos similares, uma dúzia ou mais, diante da robusta mesa

entalhada. A cada visita havia menos, e agora, ela não via nenhum. Tinha certeza de

que isso indicava alguma coisa, embora não conseguisse imaginar o quê. Tinha

certeza de que Siuan pensava o mesmo e que, muito provavelmente, já desvendara a

razão. Mas, se era o caso, não compartilhara a explicação com Elayne e Nynaeve.

— Os combates em Shienar e Arafel estão arrefecendo — murmurou Sheriam,

meio que para si mesma —, mas ainda não tem nada aqui que indique por que

começaram. Apenas escaramuças, só que os homens da Fronteira não lutam entre si.

Eles têm que lidar com a Praga. — Ela era de Saldaea, uma das Terras da Fronteira.

— Pelo menos a Praga continua em paz — comentou Myrelle. — Paz até demais.

Isso não vai durar muito. Ainda bem que Elaida tem muitos olhos-e-ouvidos pelas

Terras da Fronteira.

Siuan conseguiu estremecer ao mesmo tempo que olhava feio para Myrelle.

Elayne achava que a antiga Amyrlin ainda não conseguira entrar em contato com

seus agentes nas Terras da Fronteira, muito longe de Salidar.

— Eu ficaria mais tranquila se pudéssemos dizer o mesmo de Tarabon.

— A folha

na mão de Beonin ficou maior e mais larga. Ela deu uma olhadela, fungou e deixou-

a de lado. — Os olhos-e-ouvidos em Tarabon, eles andam quietos. Todos eles. A

única notícia que Elaida tem de Tarabon são os rumores de Amadícia de que as Aes

Sedai estão envolvidas na guerra. — Ela balançou a cabeça, pensando no absurdo de

depositar tais rumores em uma folha de papel. As Aes Sedai não se envolviam em

guerras civis. Pelo menos não abertamente a ponto de serem detectadas. — E, ao que

parece, há apenas uns poucos relatos confusos de Arad Doman.

— Dentro em breve nós mesmas saberemos de Tarabon — disse Sheriam, em um

tom tranquilo. — Só mais algumas semanas.

A busca prosseguiu por horas. Os documentos nunca escasseavam, a caixa de laca

estava sempre cheia. Inclusive, a pilha às vezes crescia com a retirada de uma folha.

Claro que apenas as menores mantinham sua concretude por tempo suficiente para

serem lidas por completo, mas de vez em quando uma carta ou um relatório já

visualizado despontava outra vez na caixa. Havia longos períodos de silêncio, mas

alguns documentos provocavam comentários, e uns poucos suscitavam discussões

entre as Aes Sedai. Siuan começou a trançar um barbante, brincando de cama de

gato sozinha, em aparente desatenção. Elayne desejou poder fazer o mesmo, ou

melhor, poder ler um pouco — um livro surgiu no chão a seus pés, *As Jornadas de*

Jain, o Viajante, e ela logo o fez desaparecer —, mas as mulheres que não eram Aes

Sedai tinham mais liberdade do que as ainda em treinamento. Contudo, ouvindo a

conversa, ela descobriu algumas coisas.

O envolvimento de Aes Sedai em Tarabon não foi o único boato que chegou à

escrivania de Elaida. Havia rumores de que a reunião de Pedron Niall com os

Mantos-brancos tivera muitos objetivos, como tomar o trono de Amadícia — o que

sem dúvida ele não precisava fazer —, reprimir as guerras e a anarquia em Tarabon

e Arad Doman, e até *apoiar* Rand. Elayne só acreditaria nisso quando o sol nascesse

no oeste. Havia relatos de acontecimentos estranhos em Illian e Cairhien: aldeias

tomadas pela loucura, pesadelos ambulantes à luz do dia, bezerros falantes de duas

cabças, Crias da Sombra se materializando do nada — talvez houvesse outros

acontecimentos, mas só esses tinham sido testemunhados. Sheriam e as outras não

pareceram se importar muito, pois o mesmo tipo de histórias chegava a Salidar

vindas de algumas partes de Altara e Murandy e também pelo rio, de lá de

Amadícia. As Aes Sedai achavam que fosse histeria do povo por saber do Dragão

Renascido. Elayne não tinha tanta certeza. Tinha visto coisas que as outras não

tinham, mesmo com tantos anos de experiência. Corria o boato de que sua mãe

estava formando um exército a oeste de Andor — e ainda por cima sob a antiga

bandeira de Manetheren! — e também que fora feita prisioneira por Rand e escapara

para todas as nações imagináveis, incluindo as Terras da Fronteira e Amadícia —

sendo que essa última era um absurdo *inimaginável*. Ao que parecia, a Torre não

acreditava em nada disso. Elayne queria saber no que acreditar.

Tentou parar de sofrer por não saber o paradeiro da mãe quando ouviu Sheriam

mentonar seu nome. A mulher não estava falando com ela, apenas lendo às pressas

uma folha de papel quadrada, que logo se transformou em um comprido pergaminho

com três selos no canto inferior. Elayne Trakand deveria ser localizada e levada de

volta à Torre Branca a qualquer custo. Caso fracassasse, a encarregada “invejaria a

punição de Macura”. Aquilo deixou Elayne arrepiada. Quando ela e Nynaeve

estavam a caminho de Salidar, uma mulher chamada Ronde Macura chegara muito

perto de mandá-las de volta à Torre feito trouxas de roupa suja. A casa governante

de Andor, leu Sheriam, era “a chave” — o que não fazia o menor sentido. Chave de

quê?

Nenhuma das três Aes Sedai sequer olhou na direção dela. Apenas se entreolharam e prosseguiram. Talvez tivessem se esquecido de que Elayne estava ali,

mas, por outro lado, talvez não. Aes Sedai faziam o que decidiam fazer. Se Elayne

seria defendida de Elaida ou se por qualquer motivo a entregariam de pés e mãos

atados, isso seria decisão das Aes Sedai. “*O lúcio não pede permissão para jantar o*

sapo”, costumava dizer Lini.

A reação de Elaida era evidente na condição do relatório que reportava a anistia

de Rand. Elayne quase podia vê-la esmagando a folha, começando a rasgá-la e então

alisando-a com frieza e depositando-a de volta na caixa. Seus acessos de fúria eram

quase sempre gélidos. Elaida não escrevera nada naquele documento, porém um

rabisco contumaz em outro, enumerando as Aes Sedai ainda na Torre, deixava claro

que ela estava prestes a declarar publicamente que qualquer uma que não obedecesse

sua ordem de retorno seria considerada traidora. Sheriam e as outras debateram essa

possibilidade com toda a calma. Por mais que muitas irmãs pretendessem obedecer,

algumas teriam bastante chão a percorrer — algumas talvez ainda nem tivessem

recebido a convocação. De todo modo, a ordem confirmaria ao mundo os rumores

sobre a cisão da Torre. Elaida devia estar em pânico para considerar uma coisa

dessas, ou talvez absolutamente fora de si.

Elayne sentiu um calafrio, e não tinha nada a ver com não saber se Elaida estava

apavorada ou descontrolada. Havia duzentas e noventa e quatro Aes Sedai na Torre

apoiando Elaida. Quase um terço do total, quase tantas quanto as que estavam

reunidas em Salidar. Talvez o melhor a esperar disso fosse que as outras também se

dividissem. Depois de um grande afluxo no início, o número que chegava a Salidar

era muito pequeno. Talvez o fluxo à Torre também tivesse diminuído. Havia

esperança.

Durante um tempo, as três mulheres vasculharam em silêncio. Então Beonin

exclamou:

— Elaida, ela mandou emissárias a Rand al'Thor.

Elayne se levantou de um salto. Quase não conseguiu segurar a língua, mas viu

Siuan cerrar o punho — o gesto um pouco comprometido pelo fracasso em fazer o

barbante sumir depressa.

Sheriam procurou a folha, mas antes que sua mão a tocasse, o papel se dividiu em

três.

— Para onde ela as mandou? — perguntou, ao mesmo tempo que Myrelle

inquiria, com a calma e serenidade por um fio:

— Quando foi que saíram de Tar Valon?

— Para Cairhien — respondeu Beonin. — E não vi quando, se é que estava

escrito. Mas elas com certeza vão seguir para Caemlyn assim que descobrirem onde

ele está.

Mesmo assim, era bom. Talvez levassem um mês ou mais para viajar de Cairhien

até Caemlyn. A missão diplomática de Salidar o alcançaria antes, sem dúvida.

Elayne guardava um mapa roto debaixo de seu colchão em Salidar, e todos os dias

marcava quanto achava que as enviadas já tinham percorrido em direção a Caemlyn.

A irmã Cinza ainda não tinha terminado.

— Parece que Elaida, ela está pretendendo oferecer apoio a Rand. E uma escolta à

Torre.

Sheriam arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Isso é um absurdo. — O rosto cor de oliva de Myrelle assumiu uma expressão

sombria. — Elaida era uma Vermelha.

A Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma, mas mesmo assim ninguém

abandona completamente suas origens.

— Aquela mulher é capaz de qualquer coisa — retrucou Sheriam. — Pode ser que

ele veja atrativos no apoio da Torre.

— Talvez a gente possa enviar uma mensagem para Egwene pelas mulheres Aiel?

— sugeriu Myrelle, em tom de dúvida.

Siuan tossiu alto, de um jeito bastante falso, porém Elayne já estava no limite.

Advertir Egwene era vital, sem dúvida — o pessoal de Elaida com certeza tentaria

arrastá-la de volta para a Torre caso a descobrisse em Cairhien, e ela não teria uma

recepção muito agradável —, mas o resto...!

— Como vocês podem sequer pensar que Rand escutaria qualquer coisa vinda de

Elaida? Acham que ele não sabe que ela era da Ajah Vermelha e o que isso

significa? Elas não vão oferecer apoio, e vocês sabem disso. Nós precisamos avisá-

lo! — Havia contradição naquilo, e ela sabia, mas estava tomada de preocupação.

Morreria se alguma coisa acontecesse a Rand.

— E como é que você sugere que *nós* façamos isso, Aceita? — inquiriu Sheriam,

com frieza.

Elayne temia que estivesse parecendo um peixe, com a boca escancarada daquele

jeito. Não fazia ideia de que resposta dar. E foi salva por um berro ao longe, de

repente, seguido por gritos indistintos vindos da antessala. Estava mais perto da

porta, mas quando saiu correndo as outras vieram logo atrás.

O quarto estava vazio, exceto pela escrivaninha da Curadora, com pilhas de papéis

e montes de rolos e documentos, e uma fileira de cadeiras encostadas em uma das

paredes, onde as Aes Sedai se sentavam enquanto aguardavam para falar com

Elaida. Anaiya, Morvrin e Carlinya tinham sumido, mas uma das altas portas de

entrada ainda estava se fechando. Os gritos frenéticos de uma mulher ecoavam pela

abertura estreita. Sheriam, Myrelle e Beonin quase derrubaram Elayne no desespero

de chegar à parede. Podiam ter a aparência indistinta, mas tinham corpos concretos

até demais.

— Tomem cuidado — gritou Elayne, mas não havia nada a fazer além de juntar as

saías e correr com Siuan.

Adentraram a cena de um pesadelo. Literalmente. A cerca de trinta passos à

direita, o corredor cheio de tapeçarias de súbito se abria em uma caverna de pedras

que se estendia infinitamente, iluminada em alguns trechos pelo fraco brilho

avermelhado das fogueiras e dos braseiros espalhados. Havia Trollocs por toda

parte, imensas silhuetas com contornos de gente, os rostos demasiadamente humanos

distorcidos por focinhos, trombas e bicos bestiais, além de chifres, presas ou cristas

emplumadas. Os que estavam mais longe pareciam mais indefinidos que os

próximos, como se os mais distantes não estivessem completamente ali, ao passo

que os mais próximos eram gigantes, duas vezes maiores que um homem, maiores

até do que um Trolloc de verdade, todos envoltos em couro e malha negra com

ponteiras, uivando e cabriolando por entre fogueiras, caldeirões, rodas de tortura,

estranhas molduras pregueadas e outros utensílios de metal.

Era de fato um pesadelo, porém maior do que qualquer outro que Elayne já tivesse

ouvido Egwene ou as Sábias mencionarem. Depois de deixarem a mente de quem as

criava, essas criaturas às vezes vagavam pelo Mundo dos Sonhos e se fixavam em

algum lugar. Assim que as encontravam, as Andarilhas dos Sonhos Aiel as

destruíam com toda a tranquilidade, mas as Sábias — e Egwene — tinham lhe dito

que o melhor a fazer era evitar qualquer criatura com quem topasse.
Infelizmente,

Carlinya não devia ter prestado atenção quando ela e Nynaeve passaram o conselho

adiante.

A irmã Branca estava amarrada e pendurada pelos tornozelos por uma corrente

que sumia na escuridão acima. Aos olhos de Elayne, o tênue brilho de *saidar* ainda a

rodeava, mas Carlinya se contorcia e gritava freneticamente enquanto era abaixada

de ponta cabeça em direção a um imenso caldeirão negro cheio de óleo fervente.

Ao mesmo tempo que Elayne avançava pelo corredor, Anaiya e Morvrin pararam

na fronteira do pesadelo, onde o chão da torre de repente se transformava em

caverna. Assim que pararam, suas formas indistintas começaram a se espichar para

dentro da borda, feito fumaça entrando em uma chaminé. Na mesma hora ambas

surgiram do lado de dentro, Morvrin aos berros enquanto dois Trollocs giravam

imensas rodas de ferro que a faziam se esticar cada vez mais, Anaiya pendurada

pelos pulsos com Trollocs dançando à sua volta, fustigando-a com chicotes com

pontas de metal que deixavam rasgos enormes em seu vestido.

— Precisamos nos unir — anunciou Sheriam, e o brilho tênue que a envolvia se

fundiu com o de Myrelle e o de Beonin. Mesmo assim não chegou nem

perto do

brilho capaz de envolver uma única mulher no mundo desperto, uma mulher que não

fosse um sonho nebuloso.

— Não! — gritou Elayne, desesperada. — Vocês não podem aceitar isso como

real! Tem que tratar a situação como... — Ela agarrou o braço de Sheriam, mas o

fluxo de Fogo que as três haviam urdido, tênue mesmo com o elo, tocou a fronteira

entre sonho e pesadelo. A trama desapareceu, como se absorvida pelo pesadelo, e no

mesmo instante as três começaram a se espichar feito brumas levadas pelo vento. Só

tiveram tempo de gritar, surpresas, antes de tocar a fronteira e desaparecer. Sheriam

ressurgiu lá dentro com a cabeça para fora de um objeto de metal escuro em formato

de sino; ao seu redor os Trollocs giravam manivelas e impulsionavam alavancas, e

os cabelos ruivos da Aes Sedai balançavam enquanto ela guinchava cada vez mais

alto. Das outras duas não havia sinal, mas Elayne achou que ouvia mais berros ao

longe, com gritos ininterruptos de “Não!” e mais pedidos de ajuda.

— Você lembra o que lhe dissemos sobre como desfazer pesadelos? — perguntou

Elayne.

Com os olhos fixos na cena à frente, Siuan assentiu.

— Negar a realidade deles. Tentar visualizar mentalmente como as

coisas seriam

fora dele.

Aquele tinha sido o erro de Sheriam, e decerto o erro de todas as outras Aes Sedai.

Ao tentar canalizar para combater o pesadelo, elas o tinham aceitado como verdade,

e essa aceitação tragara todas para dentro do pesadelo exatamente como se elas o

estivessem sonhando, deixando-as impotentes. A única saída era recordar o

conselho, o que elas não davam sinal de sequer tentar fazer. Os ganidos cada vez

mais altos penetravam os ouvidos de Elayne.

— O corredor — murmurou a Filha-herdeira, tentando formar na mente a imagem

da última vez que o vira. — Pense em como era o corredor.

— Estou tentando, garota — rosnou Siuan. — Não está funcionando.

Elayne suspirou. Siuan tinha razão. Nenhuma linha da cena diante delas sequer

estremeceu. A cabeça de Sheriam quase vibrava acima da mortalha de metal que

envolia o restante de seu corpo. Os uivos de Morvrin saíam feito arquejos contidos,

e Elayne quase podia ouvir suas articulações sendo rompidas. Os cabelos de

Carlinya, pendurados logo abaixo do corpo de ponta-cabeça, já quase tocavam a

superfície borbulhante do óleo quente. Duas mulheres não eram o bastante. O

pesadelo era grande demais.

— Precisamos das outras — anunciou.

— Leane e Nynaeve? Garota, mesmo que soubéssemos onde encontrá-las,

Sheriam e as outras estariam mortas antes de... — Siuan foi baixando a voz,

encarando Elayne. — Você não está falando de Leane e Nynaeve, está? Está falando

de Sheriam e... — Elayne apenas assentiu, assustada demais para verbalizar. —

Acho que elas não podem nos ouvir daqui, nem nos ver. Esses Trollocs nem sequer

olharam na nossa direção. O que quer dizer que teremos que tentar fazer isso pelo

lado de dentro. — Elayne assentiu outra vez. — Garota — a voz de Siuan estava

inexpressiva —, você tem a coragem de um leão, mas o bom senso de um pássaro-

peixe. — Com um suspiro pesado, ela acrescentou: — Bem, eu mesma não vejo

outra maneira.

Elayne concordava com tudo, menos em relação à coragem. Se não estivesse com

os joelhos travados, já teria se jogado aos soluços no chão de azulejos com as cores

de todas as Ajahs. Percebeu que tinha uma espada na mão, uma lâmina comprida de

aço reluzente completamente inútil ali, mesmo se soubesse como empunhá-la.

Largou a arma, que desapareceu antes de tocar o chão.

— Essa demora não está ajudando em nada — resmungou. Mais algum tempo, e a

pouca coragem que conseguira reunir acabaria por evaporar.

Juntas, ela e Siuan deram um passo em direção à fronteira. Elayne deixou o pé

tocar aquela linha divisória, e de súbito se sentiu sendo puxada para dentro, sugada

feito água por um tubo.

Primeiro estava parada de pé no corredor, encarando aqueles horrores, e, no

instante seguinte, estava deitada de barriga para baixo na pedra cinza bruta, os

pulsos e os tornozelos presos bem forte às costas, com os mesmos horrores à sua

volta. A caverna se estendia infinitamente em todas as direções, e o corredor da torre

já não parecia existir. Gritos ecoavam pelo ar, vindos das paredes de pedra e do teto

cheio de estalactites. A poucos passos, um imenso caldeirão negro borbulhava sobre

um fogo imenso e crepitante. Um Trolloc com focinho de javali, arrematado com

presas, jogava lá dentro uns caroços que pareciam raízes impossíveis de identificar.

Um painelão. Trollocs comiam qualquer coisa. Até gente. Elayne pensou nas mãos e

nos pés livres, mas a corda áspera ainda comprimia sua carne. Até a sombra pálida

de *saidar* desaparecera, a Fonte Verdadeira já não existia para ela — não ali. Um

pesadelo de verdade, e fora capturada por completo.

A voz de Siuan entrecortou os gritos em um gemido de dor.

— Sheriam, me escute! — Só a Luz sabia o que estava sendo feito a ela. Elayne

não conseguia ver nenhuma das outras, só ouvir. — Isso é um sonho! Aah...

aaaaaaah! P-pense em como as coisas são de verdade!

Elayne tomou a dianteira.

— Sheriam, Anaiya, todo mundo, me escutem! Vocês precisam pensar no

corredor como ele era! Isso só é real se vocês acreditarem! — Ela fixou a imagem do

corredor na mente, os azulejos coloridos em fileiras ordenadas, os lampiões de pé

dourados e as tapeçarias esplêndidas. Nada mudou. Os gritos ainda ecoavam. —

Vocês precisam pensar no corredor! Fixem essa imagem na cabeça, e ela vai se

tornar real! Vocês podem derrotar isso, basta tentarem! — O Trolloc a encarou,

trazia na mão uma faca grossa de lâmina afiada. — Sheriam, Anaiya, vocês precisam

se concentrar! Myrelle, Beonin, concentrem-se no corredor! — O Trolloc a ergueu

pela lateral do corpo. Elayne tentou se esquivar, mas um joelho gigantesco a prendeu

no lugar sem esforço enquanto a coisa começava a dilacerar suas roupas feito um

caçador esfolando a carcaça de um cervo. Desesperada, Elayne se agarrou à imagem

do corredor. — Carlinya, Morvrin, pelo amor da Luz, concentrem-se! Pensem no

corredor! No corredor! Todas vocês! Firmem a imagem no

pensamento! —

Grunhindo qualquer coisa numa língua áspera, que não fora feita para uma boca

humana, o Trolloc girou Elayne de cabeça para baixo outra vez e ajoelhou-se por

cima dela, os joelhos grossos esmagando seus braços contra as costas.
— O

corredor! — gritou a jovem. A coisa entrelaçou os dedos pesados em seus cabelos e

puxou sua cabeça com força. — O corredor! Pensem no corredor! — A lâmina do

Trolloc tocou seu pescoço retesado por trás da orelha esquerda. — O corredor! O

corredor! — A lâmina começou a deslizar.

De repente, Elayne se viu encarando os azulejos coloridos do chão sob seu nariz.

Levando as mãos à garganta, maravilhada por tê-las livres, sentiu algo molhado e

examinou os próprios dedos. Sangue, mas só um fiozinho. Um arrepio percorreu seu

corpo. Se aquele Trolloc tivesse conseguido cortar sua garganta...
Cura nenhuma

teria adiantado. Com outro arrepio, a jovem se levantou devagar. Estava na Torre, no

corredor que levava ao gabinete da Amyrlin, sem sinal de Trollocs ou de cavernas.

Siuan estava ali, parecia uma massa de hematomas usando um vestido todo

rasgado, e as demais Aes Sedai não passavam de figuras indistintas prestes a se

desmanchar. Carlinya era quem parecia em melhor estado, toda

trêmula e de olhos

arregalados. Ela tocou os cabelos escuros chamuscados que agora mediam apenas

um palmo de comprimento. Sheriam e Anaiya estavam ensanguentadas, as roupas

reduzidas a trapos. Myrelle estava encolhida, o rosto pálido, toda nua e repleta de

hematomas e arranhões vermelhos. Morvrin gemia a cada vez que se mexia, o que

fazia de maneira pouco natural, como se as juntas já não funcionassem da forma

correta. O vestido de Beonin parecia ter sido rasgado por garras, e ela arquejava,

ajoelhada, os olhos arregalados como nunca, apoiada à parede para não cair.

De súbito Elayne percebeu que seu próprio vestido e sua roupa de baixo estavam

pendurados dos ombros, abertos com um corte limpo que expunha a frente de seu

corpo — como se um caçador tivesse cortado a carcaça de um cervo. Ela tremeu

tanto que quase caiu. Para remendar as roupas bastou um pensamento, mas ela não

sabia ao certo quanto tempo levaria para remendar a memória.

— Temos que voltar — anunciou Morvrin, ajoelhando-se desajeitadamente entre

Sheriam e Anaiya. Apesar da rigidez e dos gemidos, soava impassível como nunca.

— Precisamos de algumas Curas, e do jeito que estamos ninguém aqui vai ser capaz

de fazê-las.

— Isso. — Carlinya tocou outra vez os cabelos curtos. — É, talvez seja melhor

voltarmos a Salidar. — Sua voz sem dúvida soava como uma versão instável da

frieza costumeira.

— Vou ficar um pouco, se ninguém se opuser — retrucou Suan. Ou pelo menos

sugeri, naquele tom inadequadamente humilde. O vestido estava inteiro outra vez,

mas os hematomas persistiam. — Talvez eu descubra mais alguma coisa útil. Só

tenho umas manchas roxas, já me machuquei mais do que isso caindo num barco.

— Parece mais que alguém fez um barco cair em você — retrucou Morvrin —,

mas você é que sabe.

— Eu também vou ficar — anunciou Elayne. — Posso ajudar Suan e não estou

nem um pouco ferida. — Sentia o corte na garganta toda vez que engolia.

— Não preciso de ajuda — retrucou Suan, ao mesmo tempo que Morvrin

completou, em um tom de voz ainda mais firme:

— Você manteve o controle muito bem hoje, criança. Não estrague tudo agora.

Você vem com a gente.

Elayne assentiu com a cabeça, emburrada. Discutir só a poria em maus lençóis.

Quem visse a cena até poderia imaginar que a irmã Marrom era a professora, e

Elayne, a pupila. E decerto pensaria que ela tinha adentrado o pesadelo sem querer,

assim como as outras.

— Lembrem-se de que vocês podem sair direto do sonho para o próprio corpo.

Não precisam voltar a Salidar primeiro. — Não havia como dizer se elas tinham

ouvido. Morvrin dera as costas assim que Elayne fizera que sim com a cabeça.

— Calma, Sheriam — disse a Marrom corpulenta, em um tom tranquilizador. —

Já, já estaremos de volta a Salidar. Calma, Anaiya. — Pelo menos Sheriam parara de

chorar, embora ainda gemesse de dor. — Carlinya, pode ajudar Myrelle? Está

pronta, Beonin? Beonin?

A Cinza ergueu a cabeça e encarou Morvrin por um instante antes de assentir.

As seis Aes Sedai desapareceram.

Com uma última olhada para Siuan, Elayne só se demorou um instante a mais,

porém não seguiu para Salidar. Decerto alguém viria Curar o corte em seu pescoço

quando reparasse nele, mas por alguns instantes todas estariam preocupadas com as

seis Aes Sedai acordando com a aparência de quem fora empurrado para dentro de

uma engrenagem monstruosa. Elayne tinha esses poucos minutos — e tinha outro

destino em mente.

Não foi fácil fazer aparecer a sua volta o Grande Salão do palácio de sua mãe, em

Caemlyn. Elayne sentiu certa resistência antes de parar em um piso de azulejos

vermelhos e brancos sob o imenso teto abobadado, entre fileiras de robustas colunas

brancas. Assim como nos outros lugares, a luz parecia vir de todos os cantos e de

lugar nenhum. As imensas janelas acima, que exibiam alternadamente o Leão

Branco de Andor, as primeiras rainhas do reino e cenas de grandes vitórias

andorianas, confundiam-se com a noite lá fora.

Na mesma hora Elayne viu a diferença que dificultara sua chegada: no estrado, no

fim do corredor, onde deveria estar o Trono do Leão, havia em lugar uma

monstruosidade toda elaborada de Dragões em ouro reluzente, esmaltados de

vermelho e dourado, com pedras-do-sol no lugar dos olhos. O trono de sua mãe não

fora removido do aposento: jazia sobre uma espécie de pedestal, atrás e acima

daquela monstruosidade.

Elayne avançou devagar pelo corredor, subindo as escadas de mármore branco

para olhar o trono dourado das Rainhas de Andor. O Leão Branco de Andor, feito de

pedras-da-lua dispostas sobre um fundo de rubis, ficava acima do ponto onde

repousaria a cabeça de sua mãe.

— O que você está fazendo, Rand al'Thor? — sussurrou, irritada. — O que você

pensa que está fazendo?

Sentiu um pavor imenso ao pensar que ele estivesse estragando as coisas, sem ela

ali para conduzi-lo por entre as armadilhas e os imprevistos. Era bem verdade que

Rand lidara bastante bem com os tairenos e, ao que parecia, com os cairhienos, mas

o povo dela era diferente. Eram francos e honestos e não gostavam de ser

manipulados nem intimidados. O que dera certo em Tear e Cairhien, ali podia

explodir bem na cara dele, feito a exibição de fogos de artifício de um Iluminador.

Se ao menos pudesse estar com ele. Se ao menos pudesse adverti-lo sobre a

missão diplomática da Torre. Elaida com certeza escondia algum truque na manga,

do qual lançaria mão quando ele menos esperasse. Será que Rand seria sensato o

suficiente para ver isso? Aliás, Elayne não fazia ideia de quais eram as ordens da

missão diplomática de Salidar. Apesar dos esforços de Siuan, a maioria das Aes

Sedai em Salidar ainda parecia ter opiniões conflitantes a respeito de Rand al'Thor.

Ele era o Dragão Renascido, o salvador profetizado da humanidade, mas, por outro

lado, era um homem capaz de canalizar, condenado à loucura, à morte e à

destruição.

Cuide dele, Min, pensou. Encontre-o logo e cuide dele.

Uma pontada de ciúme a invadiu ao pensar que Min estaria lá justamente para

fazer o que ela queria. Talvez tivesse que dividi-lo, mas *teria* uma parte dele só para

si. Elayne criaria um *elo*, fazendo dele seu Guardiã, custasse o que custasse.

— Vai acontecer. — Ela estendeu a mão em direção ao Trono do Leão, querendo



jurar como todas as rainhas de Andor juraram, desde que Andor existia. O pedestal

era alto demais para que ela tocasse o trono, mas o que contava era a intenção. —

Vai acontecer.

O tempo estava se esgotando. Uma Aes Sedai logo chegaria, lá em Salidar, para

acordá-la e Curar o minúsculo corte em seu pescoço. Com um suspiro, Elayne saiu

do sonho.

Demandred saiu de trás das colunas do Grande Salão e olhou dos dois tronos para o

ponto onde a garota desaparecera. Elayne Trakand, a menos que estivesse

redondamente enganado, e usando um *ter'angreal* menor, dado seu aspecto

indistinto, um desses feitos para estudantes em início de treinamento. Daria tudo

para saber o que se passava na cabeça daquela jovem, mas suas palavras e expressão

tinham sido bastante claras. Ela não gostava do que al'Thor estava fazendo ali, nem

um pouco, e pretendia tomar uma atitude a respeito. Suspeitava de que fosse uma

jovem determinada. De todo modo, era mais um fio puxado na trama, por mais fraco

que tivesse sido o puxão.

— Deixe o Senhor do Caos reinar — disse para os tronos, embora ainda desejasse

saber por que tinha que ser assim, e abriu um portão para sair de *Tel'aran'rhiol*.



CAPÍTULO 8

ARMA-SE UMA TEMPESTADE

Na manhã seguinte, Nynaeve acordou de mau humor ao raiar do dia. Tinha a

sensação de que vinha mau tempo pela frente, mas uma olhadela pela janela não

revelou uma nuvem sequer no céu ainda meio escuro. O dia já prometia ser outro

forno. A roupa de baixo estava empapada de suor e toda amarrotada, de tanto que ela

se remexera. Já fora capaz de confiar em sua capacidade de escutar o vento, mas,

desde que saíra de Dois Rios, parecia não funcionar do mesmo jeito — isso quando

não a deixava na mão.

Ter que aguardar a vez de usar o lavatório também não ajudou, e muito menos

escutar o relato de Elayne sobre o que tinha acontecido depois que ela deixou o

gabinete de Elaida. Sua própria noite fora uma busca em vão pelas ruas de Tar

Valon, onde além dela mesma só se viam pombos, ratos e pilhas de lixo. Aquilo fora

um choque: Tar Valon estava sempre impecável. Elaida devia estar negligenciando

demais a cidade, para que aparecesse lixo em *Tel'aran'rhiod*. Em dado momento,

avistou Leane de relance pela janela de uma taverna perto da Baía do Sul, por mais

incrível que fosse vê-la num lugar daqueles, mas quando correu para dentro do salão

só encontrou mesas e bancos recém-pintados de azul. Devia ter desistido, mas

Myrelle andava atormentando seu juízo nos últimos tempos, e queria ter a

consciência tranquila quando contasse à mulher que de fato tentara. Myrelle podia

detectar uma evasiva mais rápido do que qualquer pessoa que ela já conheceria ou de

quem ouvira falar. Para completar, tinha saído de *Tel'aran'rhiod* na noite anterior e

encontrado o anel de Elayne já de volta na mesa, com a jovem caída no sono. Se

existisse um prêmio para esforço inútil, teria ganhado sem nem tentar. E saber que

Sheriam e as outras quase tinham morrido... Até o canto do pardal, em sua gaiolinha

de palha, ganhou uma olhada de desprezo.

— Elas acham que sabem de tudo — resmungou Nynaeve, em tom de desprezo.

— Conteí a elas sobre os pesadelos. Eu avisei, e ontem não foi a primeira vez. —

Não fazia diferença que todas as seis irmãs tivessem sido Curadas antes mesmo que

ela tivesse voltado de *Tel'aran'rhiod*. Tudo poderia ter terminado de maneira muito

pior... e só porque elas achavam que já sabiam tudo. Os puxões irritados que ela deu

na trança atrasaram a refeitura do penteado para o dia. O bracelete do *a'dam* também

às vezes agarrava no cabelo, mas ela não pretendia tirá-lo. Era dia de Elayne usá-lo,

o que daria no mesmo que deixá-lo pendurado em um prego na parede. Sentiu

preocupação passar pelo bracelete, junto com aquele medo inevitável, porém, mais

do que qualquer coisa, frustração. “Marigan” sem dúvida já estava ajudando a

preparar o café da manhã, e ter que fazer as tarefas parecia irritá-la mais do que ser

prisioneira. — Foi muito bem pensado da sua parte, Elayne. Mas você não disse

como foi que acabou no meio da coisa depois de tentar avisar todo mundo.

Ainda esfregando o rosto com a toalha, Elayne estremeceu.

— Não foi tão difícil chegar nessa solução. Um pesadelo daquele tamanho

requeria o trabalho de todas. Talvez elas tenham aprendido um pouco de humildade.

Talvez a reunião com as Sábias, hoje, não seja tão ruim.

Nynaeve assentiu, pensando consigo mesma. Então fora o que ela

imaginara. Não

em relação a Sheriam e às outras — as Aes Sedai só aprenderiam a ter humildade no

dia em que as cabras comessem a voar, e as Sábias ainda levariam um dia mais.

Era em relação a Elayne: estava claro que a garota entrara no pesadelo por escolha

própria, embora jamais fosse admitir. Nynaeve não sabia ao certo se a menina

considerava ostentação levar crédito pela bravura ou se simplesmente não percebia

quanto era corajosa. De todo modo, Nynaeve estava dividida entre admiração pela

coragem da amiga e o desejo de que, ao menos uma vez na vida, Elayne

reconhecesse seus feitos.

— Achei que tinha visto Rand.

Aquilo fez Elayne baixar a toalhinha.

— Ele estava lá em carne e osso? — Aquilo era perigoso demais, segundo as

Sábias. Havia o risco de perder parte de sua humanidade. — Mas você o avisou.

— E desde quando ele escuta a voz da razão? Só o vi de relance. Talvez ele só

tenha tocado *Tel'aran'rhiod* em sonho. — Era improvável. Ao que parecia, Rand

criava blindagens tão fortes nos próprios sonhos que ela achava que ele não teria

como adentrar aquele mundo de outra forma senão em carne e osso, nem que fosse

um Andarilho dos Sonhos e portasse um dos anéis. — Talvez fosse alguém um

pouco parecido com ele. Como eu disse, foi uma visão muito rápida, na praça em

frente à Torre.

— Eu devia estar lá com ele — murmurou Elayne. Esvaziando a bacia na jarra

para a noite, ela abriu espaço para Nynaeve usar o lavatório. — Ele *precisa* de mim.

— Ele precisa é do que sempre precisou. — Nynaeve parecia irritada enquanto

enchia a bacia com água da jarra. Realmente odiava se lavar com água que tinha

ficado ali parada a noite toda. Pelo menos não estava fria, já que, naqueles tempos,

não havia mais o que se pudesse chamar de água fria. — Alguém para dar um

safanão em sua orelha uma vez por semana, só por precaução, e também para mantê-

lo na linha.

— Não é justo. — As palavras saíram abafadas pela roupa de baixo limpa que

Elayne enfiava pela cabeça. — Eu me preocupo com ele o tempo todo. — A cabeça

emergiu pela gola exibindo um semblante mais preocupado que indignado, a

despeito do tom, e ela puxou um vestido branco com listras de um dos pregos da

parede. — Eu me preocupo com ele até em *sonhos*! Você acha que ele passa o

tempo inteiro preocupado *comigo*? Duvido muito.

Nynaeve assentiu, embora parte dela considerasse que não era exatamente a

mesma coisa. Rand havia sido informado de que Elayne estava em segurança com as

Aes Sedai, por mais que não soubesse onde. Como é que ele algum dia poderia estar

em segurança? Nynaeve se debruçou no lavatório, e o anel de Lan escapou pela gola

da roupa de baixo e ficou balançando no cordão de couro. Não, Elayne tinha razão.

Fosse lá o que Lan estivesse fazendo, fosse lá onde ele estivesse, Nynaeve duvidava

de que ele pensasse nela metade das vezes que ela pensava nele. *Luz, que ele esteja*

vivo, mesmo que não pense nem um pouco em mim. Aquela possibilidade a encheu

de raiva, raiva o bastante para dar um puxão na trança, se não estivesse com as mãos

cheias de sabão e segurando a toalha de rosto.

— Você não pode passar o tempo todo preocupada com um homem — declarou,

com amargor —, mesmo se quiser ser uma Verde. O que foi que elas encontraram,

ontem à noite?

Foi uma longa história, embora com pouco conteúdo, e, depois de um tempo,

Nynaeve sentou-se na cama de Elayne para escutar e fazer perguntas. Não que as

respostas revelassem muito. Não era a mesma coisa que ela própria olhar os

documentos. Era importante descobrir que Elaida finalmente ficara

sabendo da

anistia de Rand, mas o que a mulher pretendia fazer a respeito? A prova de que a

Torre estava travando contato com governantes até poderia ser boa notícia, já que

talvez fizesse o Salão começar a se mexer. Alguma coisa tinha que tirar a Aes Sedai

daquele marasmo. Era mesmo preocupante que Elaida estivesse enviando uma

missão diplomática a Rand, mas ele não seria idiota a ponto de dar ouvidos a

qualquer um que viesse a mando de Elaida. Ou seria? Simplesmente não havia

informação suficiente no que Elayne entreouvira. E o que Rand estava pensando

quando colocou o Trono do Leão em um pedestal? O que ele estava fazendo com um

trono, para começo de conversa? Ele até podia ser o Dragão Renascido e o tal *car-*

sei-lá-o-que-das-quantas dos Aiel, mas Nynaeve não conseguia esquecer que cuidara

dele quando criança e lhe dera umas boas palmadas quando preciso.

Elayne continuou se vestindo, mas estava arrumada antes de a história acabar.

— Eu conto o resto mais tarde — disse a jovem, muito apressada, e disparou porta

afora.

Nynaeve grunhiu e voltou a se vestir, sem pressa. Naquele dia, Elayne daria sua

primeira aula às noviças, coisa que Nynaeve ainda não tivera permissão para fazer.

Mas, ainda que não tivesse ganhado a confiança para ensinar às noviças, havia

Moghedien. Que dentro em breve estaria concluindo as tarefas do café da manhã.

Quando encontrou a mulher, enfiada até os cotovelos em água com sabão, o colar

de prata do *a'dam* parecia bastante deslocado ali. Moghedien não estava sozinha:

cerca de dez mulheres esfregavam roupas sobre tábuas em um pátio com cerca de

madeira, entre caldeirões borbulhantes de água fervente. Outras penduravam as

roupas já limpas em compridos varais erguidos entre estacas, mas, nas tábuas de

lavar, pilhas de roupa de cama, roupas de baixo e de todo tipo de tecido aguardavam

a vez. O olhar que Moghedien lhe dirigiu teria sido capaz de fritar o couro de

Nynaeve. Ódio, vergonha e ira atravessaram o *a'dam*, quase suficientes para

sobrepular o medo, sempre presente.

A mulher no comando, Nildra, grisalha e magra feito um varapau, veio toda

alvorçada, segurando sua comprida colher de pau feito um cetro, as saias de lã

escura amarradas aos joelhos para não tocarem o chão enlameado por conta da água

espalhada.

— Bom dia, Aceita. Veio atrás de Marigan, suponho? — Seu tom era seco, um

misto de respeito com a certeza de que, no dia seguinte, poderia ver

qualquer Aceita

trabalhando com as lavadeiras por um dia ou um mês. E sendo tão atormentadas

quanto as outras, se não mais. — Bom, eu ainda não posso liberá-la. Já tem

pouquíssima gente aqui. Uma das minhas garotas está se casando hoje, outra fugiu, e

duas vão pegar leve no trabalho porque estão grávidas. Myrelle Sedai disse que eu

podia ficar com ela. Talvez eu consiga liberá-la daqui a umas horas. Vou ver.

Moghedien se endireitou, abrindo a boca, mas Nynaeve a silenciou com um olhar

firme e um toque conspícuo no bracelete em seu pulso, e a Abandonada retornou ao

trabalho. Bastariam algumas palavras impróprias de Moghedien, uma reclamação do

tipo que jamais seria proferida pela camponesa que ela aparentava ser, para levá-la

ao estancamento e ao carrasco — e Nynaeve e Elayne não teriam fim muito melhor.

Nynaeve não pôde evitar engolir em seco, aliviada, quando Moghedien inclinou-se

de volta para a tábua, a boca se contorcendo enquanto resmungava entre dentes.

Vergonha imensa e fúria desmedida percorreram o *a'dam*.

Nynaeve conseguiu abrir um sorriso para Nildra e murmurar qualquer coisa

indistinta, depois seguiu a passos firmes até uma das cozinhas comunitárias para

tomar o café da manhã. Ficou imaginando se a Verde criara alguma

birra com ela,

por qualquer motivo que fosse. E se iria amargar uma dor de estômago permanente

por estar prendendo Moghedien. Comia menta-de-ganso quase feito bala, desde que

pusera o *a'dam* na mulher.

Foi bem fácil arranjar uma caneca de barro cheia de chá com mel e um pãozinho

saído do forno, mas teve que ir comendo enquanto andava. Seu rosto pingava de

suor. Mesmo àquela hora da manhã, o calor já estava forte, e o ar, seco. O sol

nascente era um domo de ouro fundido acima da floresta.

As ruas de terra batida estavam movimentadas, como de costume quando havia

luz do dia. Aes Sedai deslizavam, serenas, ignorando a poeira e o calor, os rostos

misteriosos compenetrados em tarefas misteriosas, em geral seguidas de seus

Guardiões — lobos de olhos frios fingindo, em vão, que haviam sido domados.

Havia soldados por toda parte, em geral marchando ou cavalgando em grupamentos,

mas Nynaeve não entendia por que tinham permissão de deixar as ruas lotadas

daquele jeito, se seus acampamentos eram na mata. As crianças saracoteavam, às

vezes imitando os soldados, mas portando gravetos em lugar das espadas e ponteiros.

Noviças com vestidos brancos, ocupadas com suas tarefas, abriam caminho a passo

rápido pela multidão. Os serviços se deslocavam um pouco mais devagar, mulheres

com braços abarrotados de lençóis para as camas das Aes Sedai ou cestas de pão das

cozinhas, homens guiando carros de boi cheios de lenha empilhada, puxando baús

ou levando nos ombros carcaças inteiras de ovelhas para as cozinhas. Salidar não

fora concebida para comportar tanta gente, e a aldeia estava quase explodindo.

Nynaeve continuou andando. Uma Aceita supostamente deveria ter a maior parte

do dia para si, para estudar sobre o que escolhesse, sozinha ou com uma Aes Sedai, a

não ser que desse aulas para as noviças. Ainda assim, se a Aceita aparentasse não

estar fazendo nada, poderia ser chamada por qualquer Aes Sedai. E ela não pretendia

passar o dia ajudando uma irmã Marrom a catalogar livros ou passando anotações a

limpo para uma Cinza. *Odiava* passar a limpo, com todas aquelas estaladas de língua

quando manchava o papel e bufadas por não ter a caligrafia limpa como a de um

copista. Então ela seguiu por entre o povo e a poeira, atenta para caso visse Siuan e

Leane. Estava com raiva suficiente para canalizar sem usar Moghedien.

Cada vez que reparava no pesado anel de ouro aninhado entre os seios, pensava:

ele tem que estar vivo. Mesmo que tenha me esquecido, Luz, que ele esteja vivo. E

esse último pensamento, naturalmente, a deixava ainda mais irritada. Se a ideia de

esquecê-la sequer passasse pela cabeça de al'Lan Mandragoran, ela o poria na linha.

Ele tinha que estar vivo. Os Guardiões quase sempre morriam vingando suas Aes

Sedai, e era tão certo quanto o nascer sol que nenhum Guardião se permitiria desviar

do caminho dessa vingança, mas não havia como Lan vingar Moiraine. Era como se

a Azul tivesse caído de um cavalo e quebrado o pescoço. Ela e Lanfear tinham

matado uma à outra. Ele *tinha* que estar vivo. E por que ela deveria se sentir culpada

pela morte de Moiraine? Era verdade que aquilo deixara Lan livre, mas ela não

tivera nada a ver com o fato. Ainda assim, a primeira coisa que sentira ao saber que

Moiraine estava morta, por mais efêmero que tivesse sido, fora alegria por Lan estar

livre, e não pesar por Moiraine. Dessa vergonha ela não tinha como se livrar, o que a

deixava com mais raiva do que nunca.

De súbito, viu Myrelle caminhando a passos firmes em sua direção, acompanhada

de um homem louro a cavalo: Croi Makin, um de seus três Guardiões, bem jovem e

bem magro, mas forte como uma rocha. Com uma expressão determinada, a Aes

Sedai decerto não demonstrava os efeitos da noite anterior. Nada indicava que

Myrelle estivesse procurando por ela, porém Nynaeve logo se enfiou em um grande

edifício de pedras, que outrora fora uma das três estalagens de Salidar.

O amplo salão havia sido limpo e mobiliado como uma recepção. As paredes

caídas e o teto alto tinham sido remendados, havia umas poucas tapeçarias vistosas

penduradas e alguns tapetes coloridos jaziam espalhados no chão, que já não parecia

lascado, mas continuava a resistir a todos os esforços dos serviçais para deixá-lo

com aspecto lustroso. O interior protegido do sol estava fresco, se comparado à rua.

Pelo menos um pouco mais fresco. E estava ocupado.

Logain permanecia, insolente, diante de uma das grandes lareiras apagadas, a

cauda do casaco vermelho com bordados em ouro enfiada nas costas, parado sob o

olhar atento de Lelaine Akashi, com seu xale de franjas azuis indicando a

formalidade da ocasião. Uma mulher esbelta, com um ar de dignidade que às vezes

se abrandava em um sorriso afetuoso, uma das três Votantes da Ajah Azul no Salão

da Torre de Salidar. Naquele dia, o mais evidente era seu olhar penetrante,

observando a audiência de Logain.

Eram dois homens e uma mulher resplandecente, vestidos com sedas bordadas e

joias de ouro, todos os três grisalhos, embora um dos homens estivesse quase careca

— o que ele compensava com a barba quadrada e um longo bigode.
Eram poderosos

nobres altaranos, que haviam chegado na véspera com uma escolta de peso e

pareciam tão desconfiados uns dos outros quanto das Aes Sedai que reuniam um

exército dentro de Altara. Os altaranos deviam lealdade a um lorde, uma lady ou

cidade — pouca ou nenhuma lealdade restava à nação que chamavam de Altara.

Poucos nobres pagavam impostos ou davam atenção ao que dizia a rainha em Ebou

Dar, mas voltavam sua atenção a um exército comum. Só a Luz sabia que efeitos os

boatos sobre os Devotos do Dragão exerciam no povo dali. Naquele momento,

contudo, os nobres tinham se esquecido de trocar olhares altivos e de encarar Lelaine

em desafio. Todos tinham os olhos fixos em Logain, como se ele fosse uma serpente

imensa e de cores fortes.

Completando o ciclo, Burin Shaeren, de pele acobreada, cujo rosto parecia

entalhado de um toco de madeira, observava tanto Logain quanto os visitantes — era

um homem preparado para se mover súbita e violentamente em um piscar de olhos.

O Guardião de Lelaine estava ali em parte para vigiar Logain — afinal de contas, o

sujeito supostamente estava em Salidar de livre e espontânea vontade —, mas

sobretudo para proteger o homem dos visitantes e de uma facada no peito.

De sua parte, Logain parecia florescer sob aqueles olhares. Era um homem alto,

de cabelos cacheados que tocavam os ombros largos, pele escura e bem bonito,

mesmo com feições rígidas, e tinha a soberba e a confiança de uma águia. Mas era

uma promessa de vingança que alimentava o brilho em seus olhos. Ainda que ele

não pudesse dar o troco em todos os que lhe fizeram mal, poderia pelo menos se

esforçar para punir alguns.

— Seis irmãs Vermelhas me encontraram em Cosamelle, cerca de um ano antes

de eu me proclamar — ia dizendo ele, quando Nynaeve entrou. — Javindhra, esse

era o nome da líder, embora uma chamada Barasine também falasse bastante. E ouvi

mencionarem Elaida, como se a mulher soubesse o que elas estavam tramando. Elas

me encontraram enquanto eu dormia, e, quando me blindaram, achei que seria o meu

fim.

— Aes Sedai — interrompeu a mulher que escutava, bruscamente. Era troncuda e

de olhar rígido, com uma fina cicatriz na bochecha, que Nynaeve considerou

incongruentes com uma mulher. As altaranas de fato tinham reputação de ferozes,

embora muito provavelmente fosse exagero. — Aes Sedai, como pode

o que ele

alega ser verdade?

— Não sei como, Lady Sarena — respondeu Lelaine, muito calma —, mas recebi

a confirmação de uma pessoa incapaz de mentir. Ele está dizendo a verdade.

O rosto de Sarena não se alterou, mas ela cerrou os punhos às costas. Um de seus

companheiros, o homem alto de rosto encovado, com mais fios grisalhos que pretos

no cabelo, tinha os polegares cravados no cinturão. Ele tentava parecer relaxado,

mas a força com que cerrava os punhos embranquecia as juntas.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu Logain, dando um sorrisinho —, elas me

encontraram e me deixaram optar entre morrer ali mesmo ou aceitar sua oferta. Uma

escolha estranha, nada do que eu esperava, mas eu não tinha muito tempo para

pensar. Elas não disseram que já tinham feito isso, mas tive a sensação de que já

eram experientes na coisa. Não davam motivos, mas, olhando para trás, me parece

bem claro. Capturar um homem capaz de canalizar trazia pouca glória, mas abater

um falso Dragão, por outro lado...

Nynaeve franziu o cenho. Ele falava em um tom tão displicente, como se

conversasse sobre a caça do dia, mas tratava da própria ruína, e cada palavra era

mais um prego cravado no caixão de Elaida. Talvez no caixão de toda a Ajah

Vermelha. Se as Vermelhas tinham pressionado Logain a se proclamar o Dragão

Renascido, poderiam ter feito o mesmo com Gorin Rogad ou Mazrim Taim? Talvez

com *todos* os falsos Dragões da história? Ela quase podia ver as engrenagens

girando feito moinhos nas mentes dos altaranos — a princípio lentas, depois girando

cada vez mais rápido.

— Durante um ano inteiro, elas me ajudaram a evitar outras Aes Sedai —

continuou Logain —, enviando mensagens quando avistavam alguma, embora

naquela época não houvesse muitas. Depois que eu me proclamei e comecei a reunir

seguidores, elas mandavam notícias sobre onde estavam os exércitos do rei e

quantos eram em número. Como é que vocês acham que eu sempre soube onde e

quando atacar?

Os ouvintes remexiam os pés, tanto pelas palavras quanto pelo sorriso feroz

daquele homem.

Logain odiava as Aes Sedai. Nynaeve tinha certeza disso pelas poucas vezes em

que conseguira se obrigar a estudá-lo. Não que tivesse continuado a pesquisa depois

da partida de Min ou descoberto qualquer coisa durante as sessões anteriores.

Chegara a pensar que observá-lo seria como olhar para o problema de outro ângulo

— a diferença entre os homens nunca ficava tão clara quanto ao usarem o Poder —,

mas observá-lo era pior do que olhar uma caverna escura. Não havia nada ali, nem a

caverna. Em geral, estar perto de Logain era perturbador. O homem perscrutava cada

movimento seu com intensidade fervorosa, fazendo-a estremecer mesmo ciente de

que poderia envolvê-lo com o Poder, caso ele erguesse um dedinho que fosse para

lhe fazer mal. Não era o tipo de fervor que os olhos dos homens costumavam

direcionar às mulheres, era um desprezo puro. E o mais aterrorizante era que ele

jamais deixava o sentimento transparecer em suas feições. As Aes Sedai o haviam

apartado para sempre do Poder Único. Nynaeve só podia imaginar o que ela própria

sentiria se alguém lhe fizesse isso. Ele, no entanto, não podia se vingar de todas as

Aes Sedai. O que podia era destruir a Ajah Vermelha — e a missão até agora parecia

promissora.

Era a primeira vez que vinham três ao mesmo tempo, mas toda semana, mais ou

menos, chegava um lorde ou uma lady para ouvir a história dele, vindos de Altara ou

às vezes até de Murandy, e todos saíam completamente arrebatados pelo que Logain

lhes contava. Não era de se admirar: a única notícia mais chocante seria se as Aes

Sedai admitissem que a Ajah Negra de fato existia. Bem, elas não fariam uma coisa

dessas, não em público, e era pela mesma razão que faziam o possível para manter

em segredo as notícias relacionadas a Logain. Podia ter sido obra da Ajah Vermelha,

mas ainda assim eram Aes Sedai, e muita gente não sabia distinguir uma Ajah da

outra. No geral, apenas poucas pessoas eram trazidas para ouvir Logain, ainda que

cada uma fosse escolhida pelo poder da Casa que liderava. Casas que agora

cederiam seu apoio às Aes Sedai em Salidar, ainda que nem sempre abertamente. Ou

que pelo menos se recusariam a apoiar Elaida.

— Javindhra me avisou da chegada de mais Aes Sedai — continuou Logain —, as

que estavam atrás de mim, e informou onde estariam, para que eu pudesse atacá-las

sem aviso prévio. — As feições serenas e etéreas de Lelaine se endureceram por um

instante, e a mão de Burin foi sozinha para o punho da espada. Irmãs haviam

morrido tentando capturar Logain. O homem pareceu não notar a reação. — A Ajah

Vermelha nunca me deu informações falsas, até que me traíram.

O homem barbado encarava Logain com tanta intensidade que era evidente que

estava se forçando a fazê-lo.

— Aes Sedai, e os seguidores dele? Talvez ele estivesse seguro na Torre, mas foi

capturado muitas léguas mais perto de onde estamos.

— Não foram todos mortos ou capturados — observou o lorde de rosto encovado,

logo atrás do primeiro. — A maioria fugiu, evaporou. Eu conheço bem a história de

meu povo, Aes Sedai. Os seguidores de Raolin Algoz-das-trevas ousaram atacar a

própria Torre Branca depois da captura dele, e os de Guaire Amalasan também. Nós

nos lembramos muito bem do exército de Logain marchando por nossas terras para

querer que isso se repita numa tentativa de resgate.

— Você não precisa temer isso. — Lelaine olhou para Logain com um sorriso

breve, como uma mulher olharia um cão domesticado e preso a uma coleira. — Ele

já não deseja glória, quer apenas reparar um pouco do mal que causou. Além do

mais, duvido de que muitos de seus antigos seguidores viriam ao seu chamado, não

depois de ele ser levado enjaulado para Tar Valon, onde foi amansado. — Sua risada

baixinha ecoou na voz dos altaranos, mas só depois de um instante, e era um eco

bem fraco. O rosto de Logain era uma máscara de ferro.

De repente, Lelaine notou Nynaeve logo à frente do batente da porta e ergueu as

sobrancelhas. A mulher já havia trocado palavras amistosas com Nynaeve mais de

uma vez e elogiara as supostas descobertas dela e de Elayne, mas seria tão rápida

quanto qualquer outra Aes Sedai em repreender uma Aceita que cometesse um

deslize.

Nynaeve curvou-se em uma mesura, fazendo um gesto com a caneca de barro já

sem chá.

— Peço perdão, Lelaine Sedai. Preciso levar isso de volta à cozinha. — Ela

disparou pela rua escaldante antes que a Aes Sedai pudesse dizer uma palavra.

Por sorte, Myrelle já não estava à vista. Nynaeve não estava com disposição para

mais um sermão sobre como demonstrar responsabilidade, manter a calma ou

qualquer coisa idiota. Por uma sorte ainda maior, viu Sivan parada a menos de trinta

passos de distância, encarando Gareth Bryne no meio da rua, os dois no meio da

multidão de transeuntes que iam e vinham. Tal qual Myrelle, Sivan não dava sinais

do ataque relatado por Elayne — na opinião de Nynaeve, elas respeitariam mais

Tel'aran'rhiod se não pudessem simplesmente fugir de lá e ter seus deslizes Curados

na mesma hora em que chegavam ao mundo desperto. Nynaeve se aproximou.

— Qual é o seu problema, mulher? — rosnou Bryne para Sivan. Sua cabeça

grisalha a olhava de cima, assomando-se sobre aquele rosto de aspecto

jovem. Com

os pés calçados em botas bem plantados no chão e as mãos nos quadris, Bryne

parecia robusto como um rochedo. O suor que escorria por seu rosto poderia ser de

outra pessoa, de tão pouca atenção que ele dispensava às gotas. — Eu a elogio pela

maciez das minhas camisas, e você retruca com essa rudeza. E eu disse que você

parecia bem-disposta, o que não é um golpe comum para começar batalhas, até onde

eu sabia. Foi um elogio, mulher, mesmo que não tenha vindo acompanhado de rosas.

— Elogio? — rosnou Siuan em resposta, os olhos azuis cravados nele.
— Eu não

quero seus elogios! Você fica todo alegre por eu ter que passar suas camisas. Você é

um homem muito mais baixo do que eu imaginava, Gareth Bryne. Espera mesmo

que eu corra atrás de você feito uma criadinha quando o exército marchar,

mendigando mais *elogios*? E você *não* vai se dirigir a mim dessa forma, como

mulher! Eu tenho nome!

Uma veia saltou na têmpora de Bryne.

— Fico feliz em saber que você mantém a palavra, *Siuan*. E, se o exército de fato

marchar, espero que continue mantendo. Nunca pedi que você fizesse esse

juramento, ele foi escolha sua, para tentar se eximir da responsabilidade pelo que

fez. Você nunca achou que seria obrigada a cumpri-lo, não é? Falando na marcha do

exército, o que foi que você ouviu enquanto rastejava diante das Aes Sedai e beijava

os pés delas?

Em um piscar de olhos, Siuan passou da ira fervilhante à calma gélida.

— Isso não faz parte do meu juramento. — Ela parecia uma jovem Aes Sedai,

parada ali, toda empertigada, com aquela rebeldia fria e arrogante. Parecia alguém

que ainda não usara o Poder por tempo suficiente para adquirir aquele ar etéreo. —

Não vou servir de espiã para você. Você serve ao Salão da Torre, Gareth Bryne, por

juramento *seu*. Seu exército vai marchar quando o Salão decidir. Fique atento às

palavras deles e obedeça.

A mudança em Bryne foi imediata.

— Você seria uma inimiga com quem valeria a pena cruzar espadas — comentou,

dando uma risadinha de admiração. — Seria melhor ainda... — Com a mesma

rapidez, o sorriso deu lugar a uma careta. — O Salão, é? Ora! Diga a Sheriam que

ela pode muito bem parar de me evitar. O que pode ser feito aqui já foi feito. Diga a

ela que um cão de caça preso em uma jaula pode virar porco com a chegada dos

lobos. Não reuni esses homens para serem vendidos no mercado. — Com um curto

aceno de cabeça, ele saiu pisando firme pela multidão.

Siuan o encarou de cenho franzido.

— Que história foi essa? — perguntou Nynaeve, e Siuan se assustou.

— Não é da sua conta — retrucou em tom rude, alisando o vestido.
Pairava no ar

a suspeita de que Nynaeve a estava espiando de propósito. Siuan
sempre levava tudo

para o lado pessoal.

— Deixe para lá — disse Nynaeve em um tom firme. Ela não se
deixaria ser

distraída. — O que eu não vou deixar para lá é a vontade de estudar
você. — Faria

algo de útil hoje, nem que acabasse morta. Siuan abriu a boca e olhou
em volta. —

Não, eu não estou com Marigan, e, neste exato instante, não preciso
dela. Você só

permitiu que me aproximasse de você duas vezes desde que encontrei
uma pista de

que algo em você poderia ser Curado. Duas! Pretendo estudar você
hoje, e, se eu não

conseguir, *vou* contar a Sheriam que você está desobedecendo as
ordens dela de se

colocar disponível. Juro que vou!

Por um instante, pensou que a outra fosse desafiá-la a tentar, mas
Siuan por fim

respondeu, de má vontade:

— Hoje à tarde. Estou ocupada agora de manhã. A não ser que você
considere sua

vontade mais importante do que ajudar seu amigo de Dois Rios?

Nynaeve deu um passo à frente. Ninguém na rua dispensava às duas mais do que

uma olhadela ao passar, mas mesmo assim ela baixou o tom.

— O que é que elas estão planejando para ele? Você vive dizendo que elas não se

decidiram em relação ao que fazer, mas a essa altura devem ter chegado a *alguma*

conclusão. — Se tinham, Siuan saberia, não importava se devesse ou não estar

sabendo.

Leane apareceu de repente, e teria sido melhor Nynaeve ficar de boca calada.

Siuan e Leane cravaram os olhos uma na outra, as costas rígidas, pareciam dois

gatos se estranhando em um cantinho.

— E então? — murmurou Siuan, o maxilar contraído.

Leane fungou, e seus cachos balançaram quando ela jogou a cabeça para trás. Ela

contorceu os lábios em uma expressão de desprezo, mas as palavras não

correspondiam à expressão e nem ao tom.

— Eu tentei dissuadi-las — retrucou, mas num tom suave. — Só que elas não

tinham escutado você o suficiente para sequer considerar. Você não vai se reunir

com as Sábias hoje à noite.

— Ah, entranhas de peixe! — rosnou Siuan, dando meia-volta e disparando a

passos firmes, porém não mais ligeiros do que Leane, para o lado oposto.

Nynaeve quase jogou as mãos para o alto, de tão frustrada. As duas estavam

conversando como se ela não estivesse ali, como se ela não soubesse exatamente

sobre o que estavam falando. Ignorando-a. Era bom que Siuan aparecesse à tarde,

como prometera, ou daria um jeito de torcê-la todinha e colocá-la para secar! Ao

ouvir uma voz de mulher atrás de si, Nynaeve deu um salto.

— Aquelas duas deviam ser enviadas a Tiana para receber umas boas varadas. —

Lelaine parou a seu lado, olhando primeiro para Siuan, depois para Leane. A Aes

Sedai chegara de mansinho. Que mulher bisbilhoteira! Não havia sinal de Logain,

nem de Burin, nem dos nobres altaranos. A irmã azul remexeu o xale.
— Elas não

são o que eram, claro, mas era de se esperar que conservassem um pouco de decoro.

Não será nada bom se elas começarem a puxar os cabelos uma da outra no meio da

rua.

— Às vezes as pessoas simplesmente irritam as outras sem querer — comentou

Nynaeve. Siuan e Leane se esforçavam tanto para sustentar a historinha que o

mínimo que ela podia fazer era corroborá-la. Ah, como odiava gente bisbilhoteira.

Lelaine olhou a mão de Nynaeve, agarrada à trança, e ela mais que depressa

soltou o cabelo. Muita gente conhecia aquele hábito — um hábito que

ela se

esforçava para abandonar. Mas a Aes Sedai apenas disse:

— Não quando isso fere a dignidade das Aes Sedai, criança. Mulheres que servem

às Aes Sedai precisam demonstrar certa reserva em público, por mais patetas que

sejam a portas fechadas. — Decerto não havia nada a ser dito em resposta. Pelo

menos, nada que não gerasse problemas. — Por que você entrou agora há pouco no

recinto onde eu estava exibindo Logain?

— Achei que o salão estivesse vazio, Aes Sedai — respondeu Nynaeve, prontamente. — Peço perdão. Espero não ter incomodado a senhora. — Isso não era

resposta... ela não podia dizer que estava se escondendo de Myrelle, mas a Azul

esguiu apenas a encarou por um instante.

— O que você acha que Rand al'Thor vai fazer, criança?

Nynaeve piscou, confusa.

— Aes Sedai, faz meio ano que não o vejo. Só sei o que a gente ouve por aqui. O

Salão já...? Aes Sedai, o que foi que o Salão decidiu em relação a ele?

Perscrutando o rosto de Nynaeve, Lelaine franziu os lábios. Aqueles olhos

escuras, que pareciam ler pensamentos, eram muito perturbadores.

— Que coincidência impressionante. Você vem da mesma aldeia que o Dragão

Renascido, assim como aquela outra garota, Egwene al'Vere. A expectativa era

muito boa, quando ela se tornou noviça. Você faz alguma ideia de onde ela está? —

A mulher não esperou a resposta. — E os outros dois rapazes, Perrin Aybara e Mat

Cauthon. Ambos também *ta'veren*, pelo que eu soube. É mesmo impressionante. E

agora você, com descobertas extraordinárias, apesar de suas limitações. Seja lá onde

Egwene estiver, será que está se aventurando em lugares onde nenhuma de nós

esteve? Todos vocês geraram muitos debates entre as irmãs, como pode imaginar.

— Espero que estejam dizendo coisas boas a nosso respeito — respondeu

Nynaeve, hesitante.

As Aes Sedai haviam feito muitas perguntas sobre Rand desde sua vinda para

Salidar, sobretudo depois da partida da missão diplomática para Caemlyn —

algumas Aes Sedai, inclusive, eram incapazes de conversar com ela sobre outra

coisa. Mas aquilo era diferente. Esse era o problema em falar com Aes Sedai.

Metade das vezes não dava para saber ao certo o que elas buscavam ou pretendiam.

— Você ainda tem esperanças de Curar Siuan e Leane, criança? — Lelaine

assentiu, como se Nynaeve já tivesse respondido, e soltou um suspiro. — Às vezes

acho que Myrelle tem razão. Nós mimamos você demais. Sejam lá quais forem as

suas descobertas, talvez devêssemos deixá-la aos cuidados de Theodrin até que esse

seu bloqueio de canalizar por vontade própria seja dissolvido. Considerando o que

você fez nos dois últimos meses, pense no que poderá fazer depois. — Agarrando a

trança sem perceber, Nynaeve tentou encontrar uma brecha para falar, para fazer um

protesto cauteloso, mas Lelaine ignorou a tentativa. E decerto foi melhor assim. —

Você não está fazendo nenhum favor a Siuan e Leane, criança. Deixe que elas

esqueçam quem e o que eram e se contentem com quem e o que são. Pela forma

como se comportam, o único impeditivo para que esqueçam completamente é você,

com essas tentativas tolas de Curar o que não pode ser Curado. Elas não são mais

Aes Sedai. Por que alimentar falsas esperanças?

Havia um toque de compaixão em sua voz, junto com um leve desprezo. Afinal de

contas, as que não eram Aes Sedai eram inferiores, e os ardis de Siuan e Leane

definitivamente as fizeram cair ainda mais no conceito geral. Além disso, ali em

Salidar não eram poucas as que culpavam Siuan e suas tramas, em seus tempos de

Amyrlin, pelos problemas da Torre. Era muito provável que acreditassem que ela

merecia tudo o que lhe acontecera e muito mais.

O que *fora* feito, contudo, era um complicador. O estancamento era

raro. Antes de

Siuan e Leane, fazia cento e quarenta anos que uma mulher não era julgada e

estancada, e pelo menos doze anos que não se via uma mulher exaurida. As

estancadas em geral tentavam se afastar ao máximo das Aes Sedai. Lelaine, caso

fosse estancada, decerto tentaria esquecer que fora Aes Sedai — se é que isso era

possível. E deixava claro que gostaria de esquecer que Siuan e Leane também

tinham sido, de que haviam sido destituídas de tudo aquilo. Grande parte das Aes

Sedai se sentiria mais confortável se elas pudessem ser encaradas como duas

mulheres que jamais tinham sido capazes de canalizar, que jamais tinham sido Aes

Sedai.

— Sheriam Sedai me concedeu permissão para tentar — declarou Nynaeve, com a

maior firmeza que ousava dirigir a uma irmã completa. Lelaine sustentou o olhar até

Nynaeve se desviar. Ela agarrou a trança antes que pudesse perceber, e as juntas de

seus dedos ficaram brancas, mas manteve a expressão serena. Tentar encarar uma

Aes Sedai era um truque bastante insensato para uma Aceita.

— Todas agimos feito bobas algumas vezes, criança, porém a mulher sábia

aprende a limitar a frequência desse tipo de atitude. Como parece que você já

terminou o café da manhã, sugiro que se livre dessa caneca e vá encontrar o que

fazer antes que arrume problemas. Nunca pensou em cortar esse cabelo? Ah, não

importa. Pode ir.

Nynaeve fez uma mesura, mas a Aes Sedai já tinha virado as costas. Olhou feio

para Lelaine assim que se viu livre de seu olhar. *Cortar o cabelo?* Ergueu a trança e

a sacudiu com força na direção da Aes Sedai que se afastava — e ficou furiosa por

ter esperado ela se afastar para fazer aquilo, mas, se não tivesse esperado, com

certeza seria mandada para fazer companhia a Moghedien na lavagem das roupas, e

no caminho ainda teria que dar uma paradinha para ver Tiana. Já estava ali em

Salidar havia meses, sem fazer nada — pelo menos era o que parecia, apesar de tudo

o que ela e Elayne tinham conseguido arrancar de Moghedien —, cercada de Aes

Sedai que tinham decidido ficar só conversando enquanto esperavam o mundo

acabar sem elas. E Lelaine ainda sugeriu que ela cortasse o cabelo! Ah, Nynaeve

perseguira a Ajah Negra, havia sido capturada e tinha fugido, além de ter capturado

uma Abandonada — tudo bem que ninguém sabia disso —, e ajudado a Panarca de

Tarabon a reconquistar o trono — tudo bem que não tinha durado muito. Depois de

fazer isso tudo, era obrigada a ficar sentada levando crédito pelo que conseguia

arrancar de Moghedien. E vinham lhe sugerir cortar o cabelo? Se fosse adiantar de

alguma coisa, aceitaria até ficar careca!

Avistou Dagdara Finchey, que era tão robusta quanto qualquer homem ali na rua e

mais alta do que a média, avançando por entre a multidão. Ver a Amarela de rosto

redondo só a deixou mais irritada. Um dos motivos para permanecer ali em Salidar

era estudar com as Amarelas, que todos diziam conhecer a arte da Cura melhor do

que ninguém. Bem, se alguma delas sabia mais que Nynaeve sobre Cura, não estava

disposta a compartilhar seus conhecimentos com uma reles Aceita. Tinha pensado

que as Amarelas seriam as mais receptivas ao seu desejo de Curar tudo e todos,

inclusive o estancamento, mas era o grupo que parecia menos animado com a ideia.

Não fosse a intervenção de Sheriam, Dagdara a teria mandado esfregar o chão dia e

noite até ela desistir dessas “bobagens e perdas de tempo”; e Nisao Dachen, uma

Amarela bem baixinha de olhos penetrantes, se recusava até a falar com Nynaeve

enquanto ela insistisse em tentar “alterar a forma da trama do Padrão”.

E, para piorar a situação, os sentidos ainda diziam que uma tempestade estava

para chegar, cada vez mais próxima, embora ela continuasse sofrendo os efeitos do

céu completamente sem nuvens com um sol escaldante.

Resmungando sozinha, Nynaeve enfiou a caneca de barro na traseira de um

carrinho de madeira e seguiu pela rua abarrotada desviando dos outros transeuntes.

Sua única opção era seguir com o dia até Moghedien estar livre, e só a Luz sabia

quanto isso ia demorar. Uma manhã inteira perdida somada a uma longa lista de dias

perdidos.

Muitas das Aes Sedai meneavam a cabeça e sorriam para ela, mas bastava forçar

um sorriso de desculpas e acelerar um tantinho o passo, como se estivesse com

pressa, para evitar ser parada pelas inevitáveis perguntas sobre que novidades

podiam esperar dela. Com seu humor atual, poderia acabar respondendo exatamente

o que estava pensando, uma atitude extremamente tola. Ficavam ali fazendo nada.

Querendo que *ela* adivinhasse o que Rand faria. Mandando-a cortar o cabelo. Argh!

Claro que não recebeu apenas sorrisos. Quando se deparou com a pequena Nisao,

que agiu como se ela fosse invisível, ainda teve que pular para fora do caminho para

não ser atropelada pela Amarela. E uma Aes Sedai ativa, de cabelos claros, olhos

azuis e queixo proeminente, guiando um capão ruano alto pela

multidão, passou

olhando feio para ela. Nynaeve não a reconheceu. Ela estava muito arrumada,

usando um vestido de montaria de seda cinza-claro, mas a capa de linho leve

dobrada na frente da sela indicava que a mulher tinha acabado de chegar — outro

indício era o Guardião magricela de casaco verde que vinha atrás dela, montado em

um cavalo de batalha alto e cinzento e com um ar apreensivo. Os Guardiões *nunca*

pareciam apreensivos, mas Nynaeve imaginou que poderiam abrir uma exceção

quando sua Aes Sedai decidia se juntar a uma rebelião contra a Torre. Luz! Até os

recém-chegados a irritavam!

Então viu Uno, com sua cara cheia de cicatrizes, o cabelo todo raspado, exceto

pelo rabo de cavalo no topo da cabeça e o tapa-olho com um olho falso horroroso

pintado em vermelho-vivo. Uno parou ao ouvir o berro assustado de um jovem a

cavalo vestido com armadura de placa e malha, com uma lança amarrada à sela. O

jovem passou de assustado a envergonhado na mesma hora. Uno abriu um sorriso

afetuoso para Nynaeve. Bem, até poderia ser afetuoso, não fosse o tapa-olho. A

Aceita respondeu com uma careta que o fez piscar e dar meia-volta para ralar com

o soldado.

Não foram Uno e seu tapa-olho que tinham deixado Nynaeve amarga.
Não

exatamente. Uno acompanhara ela e Elayne até Salidar e até
prometera roubar

cavalos — “pegar emprestado”, como ele dizia —, caso elas quisessem
partir, mas já

não havia a menor chance disso. Uno passara a usar uma faixa
dourada trançada nos

punhos do casaco escuro e surrado, indicando seu posto de oficial —
ele estava

treinando uma cavalaria pesada para Gareth Bryne, estava dedicado
demais para se

preocupar com Nynaeve. Não, não era verdade. Se ela dissesse que
queria ir embora,

Uno arranjaria cavalos em questão de horas, e ela partiria com uma
escolta de

shienaranos de rabos de cavalo que haviam jurado lealdade a Rand e
só estavam ali

em Salidar porque ela e Elayne tinham levado todos até lá. Só que
para isso ela

precisaria admitir que estivera errada ao decidir ficar ali, precisaria
admitir que tinha

mentido todas as vezes que afirmara estar muito feliz em Salidar. E
não era capaz de

admitir tudo isso. Uno só estava ali porque acreditava que deveria
cuidar dela e de

Elayne, e Nynaeve não admitiria nada para ele!

Aquela ideia de sair de Salidar era nova, uma vontade despertada ao
ver Uno, e

Nynaeve começou a pensar seriamente no assunto. Se Thom e Juilin
não tivessem

ido embora para Amadícia... Não que os dois tivessem decidido viajar a passeio, é

claro. Quando morrer ali como Aes Sedai ainda lhe parecia valer de alguma coisa,

aqueles dois tinham se oferecido para descobrir o que estava acontecendo do outro

lado do rio. Como queriam avançar até a própria Amador, eles já estavam afastados

havia bem mais de um mês — e, na melhor das hipóteses, ainda levariam mais uns

dias para voltar. Claro que os dois não eram os únicos despachados para descobrir o

que estava acontecendo. Haviam mandado até algumas Aes Sedai, mas a maioria

tinha ido mais para oeste, na direção de Tarabon. Entre fingir estar fazendo alguma

coisa e a demora no retorno dos dois, Nynaeve tinha boas desculpas para esperar.

Desejou não ter deixado os dois partirem — nenhum deles teria ido se ela tivesse

dito não.

Thom era um velho menestrel, embora já tivesse sido muito mais que isso, e Juilin

era um apanhador de ladrões de Tear: dois homens competentes que sabiam como

agir em terras estranhas, além de dotados de um sem-número de capacidades úteis.

Os dois também tinham acompanhado Nynaeve e Elayne até Salidar, e nenhum teria

questionado caso ela dissesse que queria ir embora. Com certeza falaria dela pelas

costas, mas não pela frente, como no caso de Uno.

Era horrível ter que admitir que de fato precisava daqueles dois, mas não tinha a

menor ideia de como faria para roubar um cavalo. E, além disso, uma Aceita

rondando os estábulos ou as fileiras de estacas dos soldados não passaria

despercebida. E, se tirasse o vestido branco, seria vista e denunciada antes mesmo de

chegar perto de um casco. E, mesmo que conseguisse fugir, seria perseguida. Quase

todas as Aceitas e noviças fugidas eram capturadas e sofriam punições amargas que

reduziam a pó qualquer ideia de uma segunda tentativa. Depois de começado, o

treinamento para ser Aes Sedai só terminava quando as *Aes Sedai* diziam que tinha

terminado.

Claro que não era o medo da punição que a impedia — o que eram uma ou duas

varadas diante da possibilidade de ser morta pela Ajah Negra ou de ter que enfrentar

um dos Abandonados? Só não sabia se queria mesmo ir. E para onde iria? Para

Caemlyn, atrás de Rand? Encontrar Egwene em Cairhien? E será que Elayne iria

junto? Ah, a menina com certeza iria se fossem para Caemlyn. Será que aquela sua

ansiedade era uma vontade de *agir*, de fazer qualquer coisa que fosse, ou o medo de

que as Aes Sedai descobrissem Moghedien? A punição para uma fuga

não seria

páreo para isso! Ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão quando virou uma

curva e se deparou com a turma de noviças de Elayne, todas reunidas em um espaço

aberto entre duas casas de pedra e telhado de palha, onde antes ficavam as ruínas de

outra casa.

Eram mais de vinte mulheres vestidas de branco sentadas em semicírculo,

observando enquanto Elayne guiava duas outras mulheres em um exercício, as três

envoltas pelo brilho tênue de *saidar*. Tabiya, uma menina sardenta e de olhos verdes,

com cerca de dezesseis anos, e Nicola, uma mulher esguia e de cabelos negros da

idade de Nynaeve, passavam, inseguras, uma pequenina chama de um lado a outro.

A chama tremulava e volta e meia sumia por alguns segundos quando uma das

mulheres não era rápida o suficiente em manter a trama que a outra lhe passara.

Naquele estado de humor, Nynaeve conseguia ver claramente os fluxos urdidos.

Dezoito noviças tinham sido levadas às pressas quando Sheriam e as outras

fugiram da torre, e Tabiya era uma delas, mas a maioria das moças ali era como

Nicola: recrutadas depois que as Aes Sedai se estabeleceram em Salidar. Nicola não

era a única mais velha que o normal para uma noviça, quase metade

das outras

mulheres tinha a mesma idade. Quando Nynaeve e Elayne foram para a Torre, era

raro as Aes Sedai testarem mulheres mais velhas que Tabiya — Nynaeve era famosa

tanto por ser bravia quanto pela idade avançada —, mas, talvez por desespero, as

mulheres de Salidar tinham expandido os testes para mulheres até um ou dois anos

mais velhas que Nynaeve. E, com isso, aquele acampamento passara a abrigar mais

noviças do que a Torre Branca tivera em anos, um sucesso que levou as Aes Sedai a

iniciarem novas buscas, cruzando Altara de aldeia em aldeia.

— Você não queria estar dando essa aula?

Nynaeve sentiu o estômago se revirar ao ouvir aquela voz por cima do ombro.

Duas vezes na mesma manhã. Ah, como queria ter um pouco de menta-de-ganso na

bolsa do cinto. Se continuasse se deixando ser pega de surpresa, acabaria tendo que

organizar a papelada de alguma Marrom.

A domanesa bochechuda não era Aes Sedai. Se estivesse na Torre, Theodrin já

teria sido elevada ao xale, mas ali fora apenas elevada à uma posição superior à de

uma Aceita, porém inferior à de uma irmã plena. Ela usava o anel da Grande

Serpente na mão direita, não na esquerda, e o vestido verde caía bem na pele

bronzeadas, mas ainda não tinha permissão para escolher uma Ajah ou para usar o

xale.

— Tenho mais o que fazer do que ensinar um bando de noviças cabeças-duras.

Theodrin apenas sorriu ao notar o tom mordaz de Nynaeve. Ela era sempre tão

simpática.

— Uma Aceita cabeça-dura ensinando noviças cabeças-duras? — Bem, nem

sempre. — Bom, depois que conseguirmos fazer você canalizar sem estar a ponto de

arrancar a cabeça das meninas, também vai ser instrutora. E eu não ia achar nem um

pouco surpreendente se você fosse elevada logo em seguida, com todas as coisas que

vem descobrindo. Sabe, você nunca me contou o seu truque.

As bravias quase sempre tinham algum truque, desenvolvido logo na primeira vez

em que desvelavam a habilidade de canalizar. Outra característica comum era uma

espécie de bloqueio, uma barreira mental que escondia o poder de canalização até

delas mesmas.

Nynaeve teve que fazer um esforço para manter a expressão serena. Poder

canalizar quando bem entendesse, ser elevada a Aes Sedai... Nada disso ia resolver

o problema de Moghedien, mas ao menos poderia ir aonde quisesse, estudar o que

lhe desse vontade sem ninguém buzinando em seus ouvidos que simplesmente não

havia Cura para isso ou aquilo.

— Às vezes, alguns doentes já sem salvação se curavam. Eu ficava tão irritada

quando via alguém à beira da morte, mesmo com todos os meus conhecimentos a

respeito das ervas... — Ela deu de ombros. — Aí a pessoa ficava boa.

— Muito melhor que o meu. — A mulher esguia suspirou. — Eu podia fazer um

rapaz querer me beijar... ou não querer. Meu bloqueio eram os homens, não a raiva.

— Nynaeve a encarou, incrédula, e Theodrin deu uma risada. — Bem, e os

sentimentos. Se eu estivesse perto de um de quem eu gostasse ou detestasse muito,

eu conseguia canalizar. Se não tivesse nenhum sentimento extremo ou se não

houvesse homens por perto, eu era praticamente uma árvore para *saidar*.

— E como foi que você conseguiu superar isso? — perguntou Nynaeve, curiosa.

Elayne tinha dividido as noviças em duplas, e as garotas, muito sem jeito,

passavam pequenas chamas de uma para a outra.

O sorriso de Theodrin cresceu, e seu rosto corou.

— Um rapaz chamado Charel, criado dos estábulos da Torre, começou a me olhar

diferente... Eu tinha quinze anos, e o sorriso dele era lindo. As Aes Sedai permitiam

que ele ficasse em silêncio em um canto durante as minhas aulas, até eu conseguir

canalizar. Só que até o nosso primeiro encontro tinha sido planejado por Sheriam, eu

não fazia ideia. — Ela enrubesceu ainda mais. — E também não sabia que ele tinha

uma irmã gêmea. Nem que, depois de uns dias, o Charel sentado diante de mim na

realidade era a Marel. Um dia ela tirou o casaco e a camisa no meio de uma aula, e

eu fiquei em estado de choque, quase desmaiei... mas depois disso passei a

conseguir canalizar sempre que quisesse.

Nynaeve não conseguiu evitar cair na gargalhada, e, apesar do rosto corado,

Theodrin riu junto sem o menor constrangimento.

— Ah, queria que também fosse fácil assim para mim.

— Nós vamos romper esse seu bloqueio, não importa quão difícil seja —

respondeu Theodrin, parando de rir. — Hoje à tarde...

— Hoje à tarde eu vou estudar Siuan — interrompeu Nynaeve, mais do que

depressa, e Theodrin comprimiu os lábios.

— Você tem me evitado, Nynaeve. No mês passado só tivemos três encontros,

você conseguiu escapar de todas as outras aulas. Não tenho problemas com suas

tentativas falhas, mas não vou tolerar que você fique com medo de tentar.

— Eu não estou com medo... — começou Nynaeve, indignada, mas

uma vizinha

perguntou se ela estava tentando esconder a verdade de si mesma. Era tão

desanimador tentar, tentar, tentar... sem nunca conseguir.

Theodrin não permitiu que ela continuasse a frase.

— Vou acreditar que você já tem um compromisso hoje — respondeu, muito

calma —, mas vamos ter que nos encontrar amanhã e todos os dias seguintes, ou

serei forçada a tomar uma atitude. Não quero apelar para outros métodos, e você

também não quer que eu faça isso, mas vou quebrar esse seu bloqueio. Myrelle me

pediu para dedicar uma atenção especial a isso, e juro que é exatamente o que farei.

Aquilo era quase um eco do que Nynaeve dissera a Siuan, e a antiga Sabedoria

ficou de queixo caído. Era a primeira vez que Theodrin usava a autoridade de sua

posição, e, considerando sua sorte desde que acordara naquele dia, era capaz de

Nynaeve acabar tendo que ir junto com Siuan fazer uma visita à Tiana.

Theodrin não esperou resposta, simplesmente assentiu, como se as duas

estivessem de acordo, e saiu deslizando rua afora. Nynaeve quase podia ver um xale

franjado sobre os ombros dela. A manhã não estava indo nada bem. E de novo

Myrelle se metendo! Quase deu um berro.

Elayne, no meio de suas noviças, sorriu orgulhosa para ela, mas Nynaeve apenas

balançou a cabeça e virou as costas. Ia voltar para o quarto. E, como se para ficar

bem claro o desastre que estava sendo aquele dia, antes de chegar na metade do

caminho Nynaeve trombou com Dagdara Finchey, que passou correndo e a

derrubou. Correndo! Uma Aes Sedai! A grandalhona não parou e nem se dignou a se

virar para pedir desculpas enquanto seguia abrindo caminho pela multidão.

Nynaeve se levantou, espanou a poeira do vestido, foi até o quarto pisando firme,

entrou e bateu a porta com força. Lá dentro estava quente e sufocante, e as camas

desfeitas ainda aguardavam Moghedien vir arrumá-las. E o pior de tudo era aquela

sensação de que uma chuva de granizo deveria estar se abatendo sobre Salidar

naquele exato instante. Bem, ela não seria surpreendida nem derrubada.

Nynaeve se atirou nos lençóis amarfanhados e ficou ali, mexendo no bracelete de

prata, divagando sobre o que conseguiria arrancar de Moghedien naquela tarde, se

perguntando se Siuan apareceria para o estudo, pensando em Lan, no seu bloqueio,

em ficar ou não em Salidar... Não seria uma fuga de verdade, afinal. Provavelmente

acabaria indo para Caemlyn atrás de Rand — ele precisava de alguém para impedir

que aquele poder todo lhe subisse à cabeça, e Elayne ia gostar de encontrá-lo. Só

queria que sua partida — e *não* fuga! — não tivesse começado a parecer ainda mais

atraente depois da conversa com Theodrin.

Esperava que as emoções que recebia pelo *a'dam* lhe dessem algum sinal de que

Moghedien tinha terminado as tarefas, e só então iria atrás dela — a mulher sempre

se escondia quando estava de mau humor. Mas a vergonha e o ultraje que

identificava pelo bracelete não amainaram, e ela ficou completamente surpresa ao

ver a porta ser escancarada com violência.

— Ah, então você está aqui — grunhiu Moghedien. — Olhe só! — Ela ergueu as

mãos. — Estão arruinadas! — Nynaeve achou que pareciam as mãos de qualquer

outra pessoa que lavava roupas... estavam brancas e enrugadas, era verdade, mas

isso era temporário. — Além de eu ter que viver na miséria, andando de um lado

para o outro cumprindo tarefas, feito uma serviçal, agora querem que eu trabalhe

feito uma primitiva...!

Nynaeve interrompeu a mulher com um procedimento muito simples: pensou em

um golpe ligeiro de vara, na sensação de recebê-lo, então transferiu o pensamento

para a parte de sua mente que recebia as emoções de Moghedien. A mulher

arregalou os olhos escuros e fechou a boca depressa, apertando os lábios. Não foi um

golpe forte, apenas um lembrete.

— Feche a porta e sente-se — mandou Nynaeve. — Depois você arruma as

camas. Vamos estudar um pouco.

— Estou acostumada a levar uma vida muito melhor — resmungou Moghedien,

mas obedeceu. — Até um trabalhador noturno de Tojar levava uma vida melhor!

— Se eu não estiver enganada — retrucou Nynaeve com rispidez —, um

trabalhador noturno de sei lá onde não tem uma sentença de morte esperando por

ele. Estou pronta para contar a Sheriam exatamente quem você é, se quiser. Basta

me pedir. — Era puro blefe, e ela sentiu um embrulho quente no estômago só de

pensar.

Ainda assim, Moghedien foi tomada por uma onda de medo e repugnância.

Nynaeve quase admirava a capacidade da mulher de manter a expressão firme: se ela

estivesse sentindo aquilo, estaria gritando e rangendo os dentes no chão.

— O que você quer que eu ensine? — perguntou Moghedien, contida.

Tinham sempre que dizer o que queriam dela. A mulher quase nunca fazia

sugestões ou oferecia seus conhecimentos, a não ser que fosse pressionada a um

ponto que Nynaeve considerava à beira da tortura.

— Vamos tentar uma coisa que você não conseguiu me ensinar muito bem: como

detectar a canalização de um homem. — Até então, era a única coisa que ela e

Elayne não tinham conseguido aprender com facilidade. Seria útil, caso decidisse ir

para Caemlyn.

— Não é fácil, ainda mais sem um homem para praticar. Pena que você ainda não

conseguiu Curar Logain. — O tom e a expressão de Moghedien não indicavam

escárnio, mas ela encarou Nynaeve e prosseguiu, mais do que depressa: — Bem,

mesmo assim, podemos tentar outra vez.

A aula realmente não foi fácil. Nunca era, mesmo quando era alguma coisa que

Nynaeve aprendia assim que entendia as tramas necessárias. Moghedien não

consequia canalizar sem que Nynaeve permitisse — sem que Nynaeve a conduzisse,

na verdade —, e, quando se tratava de aprender algo novo, Moghedien precisava

ditar a condução dos fluxos. Era uma confusão e tanto, o principal motivo para não

conseguirem aprender dez coisas diferentes por dia. Neste caso específico, Nynaeve

já tinha *alguma* ideia de como eram urdidos os fluxos, mas era um trabalho

intrincado que envolvia os Cinco Poderes e fazia a Cura parecer simples, além de o

padrão se alterar constantemente, em um piscar de olhos. Pelo que Moghedien dizia,

era a dificuldade que reduzia a frequência do uso. E provocava uma bela dor de

cabeça em quem tentasse sustentar aqueles fluxos por muito tempo.

Nynaeve se deitou na cama e se esforçou ao máximo. Se decidisse ir mesmo atrás

de Rand, poderia precisar disso, e não havia como prever quando partiria. Até

canalizou os fluxos sozinha — foi só pensar em Lan, ou Theodrin, que a raiva veio

com força. Cedo ou tarde, Moghedien teria que pagar por seus crimes, então como

ela ficaria, já tão acostumada a recorrer ao poder da mulher sempre que queria?

Precisava viver e operar dentro dos próprios limites. Será que Theodrin era *mesmo*

capaz de encontrar uma forma de quebrar o bloqueio? Lan tinha que estar vivo, ela

precisava encontrá-lo. O incômodo se transformou em uma dor penetrante bem nas

têmporas. Uma tensão surgiu nos olhos de Moghedien, que volta e meia esfregava a

cabeça, mas por baixo do medo que corria pelo bracelete, também havia algo que

quase parecia satisfação. Nynaeve supôs que ensinar trouxesse alguma satisfação,

mesmo quando a pessoa não queria. Não sabia muito bem se gostava de ver

Moghedien exibir uma reação tão normal e humana.

E também não soube dizer quanto tempo a aula durou, com

Moghedien

murmurando “quase” e “não tanto”, mas, quando a porta se abriu outra vez, ela se

sentou tão depressa que quase caiu do colchão. O susto de Moghedien foi tão intenso

que qualquer outra mulher teria gritado.

— Já ficou sabendo, Nynaeve? — perguntou Elayne, encostando a porta. — Tem

uma emissária da Torre aqui, foi mandada por Elaida.

Nynaeve esqueceu as palavras que teria gritado se o coração não estivesse

entalado na boca. Esqueceu até a dor de cabeça.

— Uma emissária? Tem certeza?

— Claro que eu tenho certeza, Nynaeve. Acha que eu teria vindo correndo até

aqui só para contar uma *fofoca*? A aldeia inteira está em polvorosa.

— Não sei por que todo esse alvoroço — retrucou Nynaeve, amarga. Sua cabeça

voltou a doer, e nem toda a menta-de-ganso do estoque de ervas guardado debaixo

da cama teria aliviado a queimação no estômago. Aquela garota não ia aprender

nunca a bater na porta antes de entrar? Moghedien comprimia a barriga com as duas



mãos, como se também precisasse de um pouco de menta-de-ganso. — Já contamos

a elas que Elaida sabe de Salidar.

— Bem e pode até ser que tenham acreditado — respondeu Elayne, desabando ao

pé da cama de Nynaeve —, e pode ser que não, mas acho que isso confirmou a

notícia. Elaida sabe onde estamos. Provavelmente sabe até o que estamos tramando.

Qualquer um dos serviçais pode ser espião. Talvez até alguma irmã. Dei uma boa

olhada na emissária, Nynaeve. É bem loura e tem olhos azuis congelantes. Uma

Vermelha chamada Tarna Feir, segundo Faolain. Um dos Guardiões montando

guarda a escoltou. Pelo olhar dela, a mulher poderia estar encarando uma pedra.

Nynaeve olhou para Moghedien.

— Vamos parar com essa lição. Volte daqui a uma hora para fazer as camas. —

Ela esperou Moghedien sair, franzindo a boca e agarrando as saias, então virou-se

para Elayne. — Que... que recado ela trouxe?

— Claro que não me contaram, Nynaeve. Todas as Aes Sedai com quem cruzei

estavam se perguntando a mesma coisa. Ouvi dizer que Tarna riu quando

informaram que ela seria recebida pelo Salão da Torre... E não foi porque achou

graça. Você acha... — Elayne mordeu o lábio inferior por um instante. — Você

acha que elas podem mesmo decidir...

— Voltar? — perguntou Nynaeve, incrédula. — Elaida vai querer que elas

percorram as últimas dez milhas de joelhos. E a última milha rastejando, com a

barriga no chão! E mesmo que não seja o caso, mesmo que essa Vermelha diga

“voltem para casa, está tudo perdoado, é hora do jantar”, acha mesmo que elas iam

conseguir ignorar Logain assim tão fácil?

— Nynaeve, as Aes Sedai vão ignorar qualquer coisa para reunificar a Torre

Branca. Você não compreende a situação como eu. Eu convivo com Aes Sedai no

palácio desde o dia em que nasci. A questão é: qual é a mensagem de Tarna? E qual

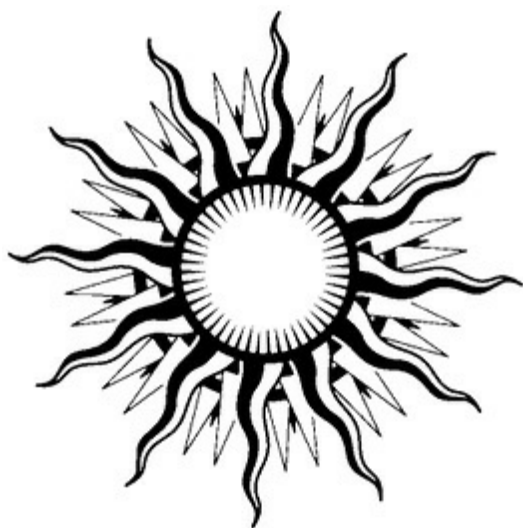
é a resposta do Salão?

Nynaeve esfregou os braços, irritada. Não tinha respostas, só um pouco de

esperança, e seus sentidos indicavam que aquela chuva de granizo invisível deveria

estar ressoando feito tambor nos telhados de Salidar. A sensação se arrastou durante

dias.



CAPÍTULO 9

PLANOS

— Você mandou trazer esses Iluminadores para Amador? — Muitos teriam se

encolhido ao ouvir tamanha frieza na voz de Pedron Niall, mas não o homem parado

em cima do raio de sol dourado entalhado no chão, diante daquela cadeira lisa e de

espaldar alto em que Niall se sentava. Aquele homem exalava confiança e

competência. Pedron prosseguiu: — Omerna, eu coloquei dois mil Filhos de vigia na

fronteira com Tarabon por um motivo. Tarabon está de quarentena. *Ninguém* tem

permissão de cruzar a fronteira. Se dependesse de mim, aqui não entraria nem um

pardal.

Omerna era a imagem ideal de um oficial dos Filhos da Luz: alto e imponente,

com o rosto impávido e confiante, queixo proeminente e mechas brancas nas

têmporas. Os olhos escuros pareciam mais do que capazes de se manterem firmes ao

inspecionar o campo de batalha mais sangrento, como de fato acontecia. Mas os

olhos, naquele momento, estavam imersos em reflexão profunda. O tabardo branco e

dourado de Senhor Capitão Ungido pela Luz lhe caía muito bem.

— Meu Senhor Capitão Comandante, eles estão querendo estabelecer uma casa do

capítulo aqui. — Até sua voz, grave e melíflua, era adequada à imagem. — Os

Iluminadores viajam por todos os cantos. Deve ser fácil infiltrar agentes entre eles.

Agentes que seriam bem recebidos em qualquer cidade, em qualquer solar de nobres,

em qualquer palácio de governantes. — Abdel Omerna tinha o cargo de um membro

inferior do Conselho dos Ungidos, mas na verdade ele era o mestre dos espiões dos

Filhos da Luz. Por assim dizer. — Pense em como seria bom!

Mas Niall estava pensando que a Guilda de Iluminadores era toda de

tarabonianos, cada homem e mulher. E Tarabon estava infectada pelo caos e pela

loucura, que ele não deixaria correr soltos em Amadícia. Por mais que tivesse que

esperar para cauterizar essa ferida pustulenta, ia pelo menos isolá-la.

— Eles vão receber o mesmo tratamento que qualquer um que tente atravessar a

fronteira, Omerna. Serão mantidos sob vigia, sem poder falar com ninguém e

escoltados para fora de Amadícia o mais rápido possível.

— Se me permite a insistência, meu Senhor Capitão Comandante, eles podem ser

muito úteis, o que vale o preço dos rumores que talvez acabem espalhando. Os

Iluminadores não se misturam muito com o povo. E, além de serem úteis para os

meus agentes, Amador ainda teria o imenso prestígio de ter uma casa do capítulo de

Iluminadores. E seria a única. A de Cairhien foi abandonada, assim como apostado que

aconteceu o mesmo com a de Tanchico.

Prestígio! Niall esfregou o olho esquerdo para aliviar um tremor involuntário. Não

adiantava muito se irritar com Omerna, mas teve que fazer um esforço para se

controlar. O calor da manhã era um fogo cozinhando seu temperamento.

— Eles são mesmo bem isolados, Omerna. Só andam uns com os outros, só

viajam juntos e raramente falam com gente de fora. Você vai querer fazer esses

agentes se casarem com Iluminadores? É raro haver casamentos com gente de fora

da Guilda, e só é possível se tornar um Iluminador por herança de nascença.

— Ah. Bem... Com certeza vamos encontrar um jeito. — Nada abalava aquela

fachada de confiança e competência.

— As coisas serão feitas segundo minhas ordens, Omerna. — O homem chegou a

abrir a boca outra vez, mas Niall, irritado, se antecipou: — Segundo as minhas

ordens, Omerna! Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso! Muito bem, e que

informações você traz para mim, hoje? Que informações úteis? Essa é a sua função,

e não ficar jogando lenha na fogueira de Ailron.

Omerna hesitou, obviamente querendo continuar argumentando em favor de seus

preciosos Iluminadores, mas por fim disse, em um tom solene:

— Parece que os informes sobre Devotos do Dragão em Altara são mais do que

apenas rumores. E deve ser o mesmo em Murandy. A infestação é pequena, mas vai

crescer. Ainda estamos em um momento em que seria possível dar conta deles e das

Aes Sedai em Salidar com uma só cajadada...

— Você agora dita as estratégias dos Filhos? Reúna informações e deixe que eu

decida o que fazer. O que mais você tem para mim?

O homem respondeu à interrupção com um leve balançar de cabeça, calmo e

respeitoso. Omerna tinha muito talento para manter a calma, talvez

fosse o que fazia

de melhor.

— Tenho boas notícias. Mattin Stepaneos está pronto para se unir ao senhor. Ele

ainda está hesitante em fazer um pronunciamento público, mas meu pessoal em

Illian informou que isso vai acontecer em pouco tempo. Pelo que dizem os

relatórios, ele está bem ansioso.

— Isso seria extraordinário — respondeu Niall, em um tom seco.

É, sem dúvida seria extraordinário. Entre os muitos estandartes e galhardetes

enfileirados nas cornijas do escritório estavam os Três Leopardos de Mattin

Stepaneos, em preto e prata. Estavam pendurados ao lado de um Estandarte Real

Illianense, com franjas douradas e nove abelhas bordadas com fios de ouro em seda

verde. O rei de Illian tinha levado a melhor nas Confusões — pelo menos havia

conseguido forçar um acordo ratificando a fronteira entre Amadícia e Altara no

mesmo ponto inicial —, mas Niall duvidava de que o homem algum dia fosse

esquecer que, mesmo tendo a vantagem do terreno e mais homens na batalha em

Soremaine, fora derrotado e capturado. Se os Companheiros illianenses não tivessem

protegido o campo durante a fuga do restante do exército para longe da armadilha de

Niall, Altara teria virado um feudo dos Filhos, e Murandy também, talvez até Illian.

E pior: Mattin Stepaneos tinha uma bruxa de Tar Valon como conselheira, mesmo

que tentasse esconder isso — e a mulher. Niall enviara os emissários porque não

ousava deixar de explorar todas as possibilidades, mas ter Mattin Stepaneos a seu

lado de livre e espontânea vontade seria, de fato, extraordinário.

— Prossiga. E seja breve. Tenho um dia cheio e posso ler os relatórios escritos

mais tarde.

Apesar das instruções, Omerna relatou as novidades num discurso longo,

proferido em uma voz sonora e cheia de certeza. Al'Thor só tinha estendido o

controle em Andor para pouco além de Caemlyn, e estava claro que seu ataque

surpresa fora contido — como Omerna lembrou, cautelosamente, que já previra.

Havia pouca chance de que as Terras da Fronteira se unissem aos Filhos contra o

falso Dragão — os lordes de Shienar, Arafel e Kandor estavam aproveitando a

calmaria da Praga para armar uma rebelião, e a Rainha de Saldaea tinha se refugiado

na casa de campo por medo de que o mesmo acontecesse em suas terras. Mas os

agentes de Omerna continuavam trabalhando, e os governantes das Terras da

Fronteira teriam que entrar na linha assim que as rebeliões menores

fossem contidas.

Por outro lado, os governantes de Murandy, Altara e Ghealdan estavam quase se

juntando a eles, embora ainda falassem coisas ambíguas para acalmar as bruxas de

Tar Valon. Alliandre, de Ghealdan, sabia que seu trono estava abalado, sabia que

precisava dos Filhos para não cair de repente, assim como seus predecessores; e

tanto Tylin, de Altara, e Roedran, de Murandy, nutriam esperanças de que a

influência dos Filhos finalmente fizesse deles mais do que peças decorativas. Estava

claro que o homem considerava que aquelas terras já estavam praticamente nas mãos

de Niall.

E Omerna achava que o quadro era ainda melhor dentro de Amadícia. Recrutas

iam aos bandos até os estandartes dos Filhos, tinham mais homens do que em muito

tempo. Estritamente falando, os recrutas não eram da conta de Omerna, mas ele

sempre mesclava os relatórios com todas as boas notícias que conseguisse encontrar.

O Profeta não perturbaria a terra por muito tempo mais, já que sua turba estava

envolvida numa disputa sobre quem cuidaria dos saques de aldeias e mansões ao

norte, e poderia muito bem acabar debandando de volta para Ghealdan no embate

seguinte com os soldados de Ailron. Não tinha muito mais espaço nas

cadeias, já que

estavam prendendo os Amigos das Trevas e os espiões de Tar Valon mais depressa

do que conseguiam enforcá-los. A caça às bruxas de Tar Valon só rendera duas

capturas, porém mais de cem mulheres haviam sido interrogadas, o que era uma boa

medida da intensidade do patrulhamento. E estavam apreendendo cada vez menos

refugiados de Tarabon, prova de que a quarentena estava se revelando eficaz — e os

capturados eram mandados de volta para Tarabon no tempo em que levava para

arrastá-los de volta à fronteira. Omerna relatou depressa essa última notícia, o que

não era de se surpreender, considerando a ideia idiota sobre os Iluminadores.

Niall só escutava com atenção suficiente para saber a hora de assentir. Omerna

tinha sido bem adequado ao papel de comandante de campo, só precisava que

alguém lhe dissesse como proceder, mas, agora que mudara de posto, era cansativo

lidar com tanta tolice e ingenuidade. O homem havia relatado a morte de Morgase,

afirmando com absoluta certeza que seu corpo fora visto e identificado, e mantivera

a história até que Niall o pôs frente a frente com a antiga rainha. Omerna escarnecera

dos “rumores” de que a Pedra de Tear tinha caído, e até hoje negava que a fortaleza

mais poderosa do mundo pudesse ter sido tomada por qualquer força externa —

insistia que era algum caso de traição, que algum Grão-lorde entregara a Pedra a

al"Thor e a Tar Valon. E ele insistia em dizer que o desastre em Falme e as questões

em Tarabon e Arad Doman eram obra do retorno dos exércitos de Artur Asa-de-

gavião pelo Oceano de Aryth. Estava convencido de que Siuan Sanche não havia

sido deposta; de que al"Thor estava louco e à beira da morte; de que Tar Valon

tramara a morte do Rei Galldrian para deflagrar a guerra civil em Cairhien; e de que

esses três “fatos” estavam ligados aos rumores ridículos de gente irrompendo em

chamas e pesadelos brotando do nada e massacrando aldeias inteiras — que eram

sempre convenientemente relatados por alguém que vivia num lugar muito distante.

Ele ainda não tinha muita certeza de nada, mas estava trabalhando numa grande

teoria que prometia revelar a qualquer momento — uma teoria que supostamente

acabaria com toda aquela conspiração das bruxas e deixaria Tar Valon nas mãos de

Niall.

Com Omerna era assim: ou ele inventava razões mirabolantes para os acontecimentos, ou pescava as fofocas nas ruas e as engolia sem nem refletir.

Passava boa parte do tempo escutando fofocas nas mansões e nas ruas.

Além de ter

sido visto bebendo nas tavernas com Caçadores da Trombeta, não era segredo que

ele desembolsara quantias enormes de dinheiro por nada menos que três supostas

Trombetas de Valere. E, nas três vezes, Omerna levava o objeto para o interior e

passara dias soprando o negócio, até ter que admitir que nenhum herói lendário

morto sairia cavalgando do túmulo. Mesmo assim, os fracassos provavelmente não o

impediriam de fazer novas compras nos becos escuros e nos fundos das tavernas. O

problema era fácil de explicar: enquanto um mestre espião duvidava até mesmo do

próprio reflexo no espelho, Omerna acreditava em qualquer coisa.

O homem enfim esgotou o falatório, e Niall disse:

— Lerei seus relatórios com a devida atenção, Omerna. Bom trabalho.
— Ah,

como ele ficou feliz com o elogio, alisando o tabardo, todo orgulhoso.
— Agora vá.

E mande Balwer entrar quando estiver saindo. Tenho que ditar algumas cartas.

— Claro, meu Senhor Capitão Comandante. Ah. — Omerna parou no meio de

uma medida, franziu o cenho e revirou o bolso do colete branco e puxou um

pequenino cilindro de osso que entregou a Niall. — Isso aqui chegou no pombal

hoje de manhã.

O cilindro estava marcado com três finas linhas vermelhas de cima a baixo, o que

indicava que deveria ser entregue a Niall com os selos de cera intactos. E o homem

quase se esquecera.

Omerna aguardou, decerto esperando alguma dica sobre o conteúdo do cilindro,

mas Niall o dispensou com um aceno.

— Não se esqueça de falar com Balwer. Se existe alguma chance de Mattin

Stepaneos se juntar a mim, é melhor eu escrever e ver se consigo influenciá-lo a

tomar a decisão certa. — Omerna não teve escolha a não ser curvar-se em mais uma

mesura e sair.

Mesmo depois de o homem fechar a porta, Niall simplesmente correu os dedos

pelo cilindro por um tempo. Aquelas raras mensagens especiais quase nunca traziam

boas notícias. Ele se levantou com cuidado — nos últimos tempos, a idade andava

lhe pesando nos ossos — e encheu de ponche um cálice de prata, que deixou em

cima da mesa para ir abrir uma pasta de couro trabalhado presa por um fio de linho.

A pasta continha uma única folha de papel grosso, amassado e parcialmente rasgado,

com um desenho a giz de um artista de rua: dois homens lutando entre nuvens, um

com o rosto de fogo, o outro de cabelos vermelhos e escuros. Al’Thor.

Todos os seus planos de impedir o falso Dragão tinham dado errado, todas as suas

esperanças de conter a crescente maré de conquista daquele homem, de desviá-lo de

seu caminho de vitórias. Será que tinha esperado demais, deixando al"Thor ficar

ainda mais poderoso? Se fosse o caso, havia apenas uma forma de lidar de vez com

aquilo: uma faca no escuro, uma flecha lançada de algum telhado. Quanto tempo

ousaria esperar? Ousaria correr o risco de não esperar? Tanto a pressa quanto a

espera poderiam causar um desastre.

— Milorde mandou me chamar?

Niall encarou o homem que entrara tão silenciosamente. À primeira vista, Balwer

não parecia capaz de se mover sem nem um farfalhar seco para denunciar sua

presença. Tudo nele era tenso e aflitivo. O casaco marrom caía sobre os ombros

calombentos, as pernas pareciam prestes a quebrar com o peso do corpo esquelético.

O sujeito se movia feito um pássaro saltando de galho em galho.

— Você acredita que a Trombeta de Valere vai convocar os heróis mortos para

nos salvar, Balwer?

— Pode ser que sim, milorde — respondeu o homem, remexendo as mãos,

nervoso. — Pode ser que não. Eu não contaria muito com isso.

Niall assentiu.

— E você acha que Mattin Stepaneos vai se juntar a mim?

— Mais uma vez, pode ser que sim. Ele não vai querer acabar morto ou feito de

marionete. O homem só quer agarrar a Coroa de Louros, e o exército que está se

reunindo em Tear provavelmente vai fazer ele suar para conseguir o que quer. —

Balwer abriu um sorriso minúsculo, não mais que um esgar de lábios.
— Ele já falou

abertamente sobre a inclinação de aceitar sua proposta, milorde, mas, por outro lado,

acabei de saber que Mattin anda se comunicando com a Torre Branca. Ao que

parece, ele concordou em fazer alguma coisa, mas ainda não sei o quê.

Todo mundo sabia que Abdel Omerna era o espião-mestre dos Filhos. A posição

deveria ser um segredo, é claro, apesar de qualquer pedinte ou cavaleiro ser capaz

de apontar Omerna na rua — ainda que o fizessem discretamente, para não serem

pegos em flagrante por quem consideravam o homem mais perigoso de Amadícia.

Mas a verdade era que Omerna era um chamariz, um idiota que sequer sabia que só

servia para encobrir o verdadeiro espião-mestre da Fortaleza da Luz: Sebban Balwer,

o secretário empertigado e enrugado de Niall, com a constante cara de desaprovação.

Um homem acima de qualquer suspeita, um nome em que ninguém acreditaria, se

ouvisse em alguma confissão.

Enquanto Omerna acreditava em todo e qualquer rumor, Balwer era um cético —

talvez não acreditasse nem nos Amigos das Trevas nem no Tenebroso. Balwer

acreditava na eficiência de espreitar os outros, escutar seus sussurros e arrancar seus

segredos. Naturalmente, o homem teria servido a qualquer outro mestre tão bem

quanto servia a Niall, o que só o tornava um espião melhor. As descobertas de

Balwer nunca eram maculadas pelo que ele supunha — ou pelo que desejava — ser

a verdade. Como duvidava de tudo, o homem sempre conseguia desencavar os fatos.

— Eu não esperava outra coisa de Illian, Balwer, mas até Mattin pode ser

convencido. — O homem precisava ser convencido. Não podia ser tarde demais. —

Alguma novidade das Terras da Fronteira?

— Nada ainda, milorde. Mas Davram Bashere está em Caemlyn. E com uma

cavalaria ligeira de trinta mil, segundo meus informantes, mas acho que não chega

nem a metade disso. Ele não deixaria Saldaea tão vulnerável, por mais que a Praga

esteja tranquila, mesmo que Tenobia ordenasse.

Niall grunhiu, o canto do olho esquerdo começando a tremelicar. Passou os dedos

pelo desenho da pasta, um retrato supostamente bem preciso de al'Thor. Bashere em

Caemlyn. Um bom indicativo de que Tenobia estava no interior, se

escondendo de

seu enviado.

Não havia boas notícias das Terras da Fronteira, independentemente do que quer

que Omerna acreditasse. As “rebeliões menores” de que ele falara eram mesmo

menores, mas não tinham as causas que o falso espião imaginava. Homens de toda a

Fronteira da Praga estavam debatendo sobre se al”Thor era apenas mais um falso

Dragão ou o Dragão Renascido. Considerando o jeito dos homens das Terras da

Fronteira, esses debates às vezes evoluíam para pequenas batalhas. As lutas tinham

começado em Shienar logo que a Pedra de Tear caiu, o que só servia para confirmar

o envolvimento das bruxas — como se realmente precisassem de confirmação. De

acordo com Balwer, ainda não dava para saber no que isso tudo acabaria.

Uma das poucas coisas que Omerna tinha acertado era que al”Thor ainda estava

em Caemlyn. Mas por quê? Ainda mais com Bashere, os Aiel e as bruxas? Isso nem

mesmo Balwer soubera responder. Qualquer que fosse o motivo, precisava agradecer

à Luz por isso! Era verdade que as turbas do Profeta estavam se dedicando apenas a

saquear o norte de Amadícia, mas consolidavam cada vez mais seu poder, matando

ou botando para correr qualquer um que se recusasse a apoiar o

Profeta do Dragão.

Os soldados de Ailron só haviam parado de recuar porque aquele maldito Profeta

tinha decidido cessar os avanços. Alliandre e os outros que Omerna tinha tanta

certeza de que se juntariam aos Filhos na verdade estavam indecisos, evitando dar

uma resposta aos emissários de Niall com atrasos e desculpas esfarrapadas. O

Senhor Capitão Comandante dos Filhos suspeitava de que nem mesmo eles

soubessem muito bem como iam proceder.

Ao que parecia, tudo estava a favor de al'Thor, exceto pelo que quer que fosse

que o prendia em Caemlyn, mas Niall sempre fora muito mais perigoso quando

estava na desvantagem, acuado contra a parede.

De acordo com os rumores, se é que dava para acreditar na boataria das ruas,

Carridin estava se saindo bem em Altara e Murandy, embora não tão rápido quanto

Niall gostaria. O tempo era um inimigo tão poderoso quanto al'Thor e a Torre.

Ainda assim, provavelmente já seria o bastante se Carridin só estivesse se saindo

bem de acordo com os boatos. Talvez fosse hora de expandir o domínio dos

“Devotos do Dragão” até Andor. Quem sabe também até Illian, embora umas poucas

fazendas e aldeias invadidas não fossem fazer a menor diferença para influenciar

Mattin Stepaneos a seguir pelo caminho certo, já que nem o exército se formando

em Tear parecia suficiente para convencê-lo. Niall ficava horrorizado só de pensar

no tamanho daquele exército — mesmo que fosse só a metade, mesmo que não

passasse de um quarto do número que Balwer informava, era aterrador. Não se via

nada dessa magnitude desde os dias de Artur Asa-de-gavião. Em vez de assustar os

homens a ponto de convencê-los se unir a Niall, um exército desses poderia

intimidá-los a ponto de saírem correndo atrás do estandarte do Dragão. Se os Filhos

tivessem um ano, ou meio ano que fosse, Niall conseguiria fazer frente a todo o

exército de imbecis e vilões e selvagens Aiel que al'Thor reunira.

Claro que nem tudo estava perdido. Enquanto ele estivesse vivo, nada estava

perdido. Tarabon e Arad Doman eram tão inúteis para al'Thor e as bruxas quanto

para ele, dois poços apinhados de escorpiões, e apenas um tolo enfiaria a mão ali

antes que mais daqueles escorpiões se matassem. Mesmo que Saldaea estivesse

perdida — uma derrota que ele era incapaz de admitir —, Shienar, Arafel e Kandor

ainda estavam pesando as opiniões e possíveis consequências, numa balança que,

como todas as outras, podia ser forçada para o lado certo. Mesmo que Mattin

Stepaneos estivesse tentando cavalgar dois cavalos ao mesmo tempo — o homem

sempre tentava —, ainda poderia ser forçado a montar o alazão correto. Altara e

Murandy ainda podiam ser inclinadas para o caminho mais apropriado, e Andor

cairia em suas mãos com ou sem um leve toque do chicote de Carridin. Em Tear, os

agentes de Balwer tinham convencido Tedosian e Estanda a se unirem a Darlin,

transformando uma pretensa rebeldia em uma verdadeira rebelião, e Balwer estava

confiante de que o mesmo pudesse ser feito em Cairhien e Andor. Em mais um mês,

no máximo dois, Eamon Valda chegaria de Tar Valon — Niall poderia passar sem

Valda, mas isso deixaria a maior parte da força dos Filhos concentrada num único

ponto, pronta para ser usada onde fosse melhor.

Sim, ainda tinha muito a seu favor. Ainda não havia nada definitivo, mas tudo

estava convergindo na direção certa. Só precisava de tempo.

Niall notou que ainda segurava o cilindro de metal, então quebrou o selo de cera

com o polegar e desenrolou o papel fino com todo o cuidado.

Balwer não disse uma palavra, mas estreitou a boca de novo — e dessa vez não

foi um sorriso. Conseguia tolerar Omerna, sabia que o homem era um imbecil e de

fato preferia operar nas sombras, mas não gostava de ver Niall recebendo notícias

antes dele, ainda mais vindas de desconhecidos.

Uma caligrafia minúscula cobria o pedaço de papel em um criptograma conhecido

por poucos além de Niall, e ninguém ali em Amador. Para o Senhor Capitão

Comandante, ler aquilo era tão fácil quanto ler a própria letra. A assinatura na base

da folha o fez piscar, surpreso, e o conteúdo também. Varadin era, ou tinha sido, um

de seus melhores agentes pessoais. O homem, um vendedor de tapetes que lhe

servira muito bem durante as Confusões enquanto mascateava seus produtos em

Altara, Illian e Murandy. Lucrara tanto que conseguira se estabelecer como

comerciante rico em Tanchico, fornecedor regular de bons carpetes e vinhos para os

palácios do Rei e da Panarca e para as casas da maioria dos nobres de suas cortes.

Em suas visitas comerciais, o homem sempre ia embora com olhos e ouvidos cheios.

Niall o dera como morto havia muito tempo por conta das reviravoltas naquela

região — era a primeira vez em um ano que Varadin mandava notícias. Pelo que seu

informante alegava, teria sido melhor que o homem estivesse mesmo morto. A

mensagem tinha sido na caligrafia trêmula de alguém à beira da loucura, um relato

desconexo sobre homens cavalgando estranhas bestas e criaturas voadoras, sobre

Aes Sedai presas em coleiras e sobre os *Hailene*. A palavra da Língua Antiga

significava Predecessores, mas Varadin nem ao menos tentara explicar por que

aquelas pessoas o deixavam tão apavorado ou quem supostamente eram. O homem

estava obviamente delirante, tendo visto sua nação se desintegrando diante de si.

Irritado, Niall amassou o papel e o atirou longe.

— Primeiro tenho que aguentar as idiotices de Omerna, agora isso. O que mais

you tem para mim, Balwer?

Bashere. As coisas podiam ficar feias com Bashere no comando dos exércitos de

al'Thor. O homem fazia jus à reputação. Quem sabe não era melhor enviar uma

adaga nas sombras para ele?

Balwer não desviou o olhar de Niall nem por um segundo, mas o Senhor Capitão

Comandante sabia que a bolinha de papel no chão acabaria nas mãos do homem, a

menos que a queimasse.

— Sei de quatro coisas que poderiam atrair seu interesse, milorde. Primeiro, a

menos importante: os rumores sobre as reuniões dos Ogier em seus *pousos* são

verdadeiros. O que parece transmitir certa ansiedade, em se tratando dos Ogier. —

Claro que ele não disse sobre o que essas reuniões tratavam: era tão provável fazer

um humano ser aceito em uma reunião Ogier quanto convencer um Ogier a se tornar

espião. Ou seja: mais fácil fazer o sol nascer à noite. — Além disso, uma quantidade

bem inusitada de navios do Povo do Mar está atracada nos portos ao sul, sem

recolher cargas nem navegar.

— E eles estão esperando o quê?

O verdadeiro mestre espião contraiu os lábios por um instante, como se uma corda

os repuxasse.

— Ainda não sei, milorde.

Balwer não gostava de admitir que existiam segredos que ele era incapaz de

desencavar. Tentar descobrir mais que o senso comum sabia sobre os Atha'an Miere

era como tentar aprender o segredo da Guilda de Iluminadores para fazer fogos de

artifício: completamente inútil. Pelo menos os Ogier talvez acabassem decidindo

revelar as decisões tomadas nas tais reuniões.

— Prossiga.

— A notícia razoavelmente mais interessante é... um tanto curiosa, milorde.

Fontes confiáveis me informaram que al'Thor foi visto em Caemlyn, em Tear e em

Cairhien, por vezes no mesmo dia.

— Confiáveis? Só se for de um confiável louco. As bruxas devem ter dois ou três

homens parecidos com al'Thor, parecidos o bastante para enganar qualquer um que

não o conheça muito bem. Isso explicaria muita coisa.

— Pode ser, milorde. Meus informantes *são* confiáveis.

Niall fechou a pasta de couro com força, escondendo o rosto de al'Thor.

— E a notícia de maior interesse?

— Suas fontes em Altara... fontes confiáveis, milorde... informaram que as

bruxas de Salidar alegam que a Ajah Vermelha encorajou Logain a se tornar um

falso Dragão. Que praticamente o fabricaram, na verdade. As bruxas estão com

Logain em Salidar, ou pelo menos com um homem que alegam ser

Logain, e o

exibem aos nobres que convidam para uma visita. Não tenho provas, mas suspeito

de que estejam contando essa história para todos os governantes com quem

conseguem contato.

Franzindo o cenho, Niall observou os estandartes expostos na sala. Os símbolos

representavam inimigos de quase todas as nações — nenhum daqueles o derrotara

duas vezes, poucos tinham conseguido ao menos uma vitória. Os estandartes já

estavam velhos, desgastados com o tempo. Assim como Niall. Mas não estava tão

velho a ponto de não conseguir ver um fim para o que ele mesmo havia começado.

Cada um daqueles estandartes tinha sido capturado em batalhas sangrentas, quando

era difícil saber o que estava acontecendo para além do que os olhos podiam

informar, quando a certeza da vitória ou da derrota eram igualmente efêmeras. A

pior batalha que já lutara, com exércitos trôpegos caindo uns por sobre os outros

perto de Moisen, durante as Confusões, parecia movida por artimanhas tão fáceis de

compreender quanto as fantasias de uma criança, se comparados àquela batalha que

ele travava agora.

Será que estava errado? A Torre estaria mesmo dividida? Haveria mesmo algum

conflito entre as Ajahs? Por quê? Por al'Thor? Se as bruxas estavam brigando entre

si, muitos dos Filhos se mostrariam prontos para defender a solução de Carridin: um

golpe que destruísse Salidar e o máximo de bruxas possível. Muitos dos Filhos eram

homens que acreditavam que pensar no dia de amanhã era pensar muito à frente e

que nunca consideravam a semana ou o mês seguinte, que dirá o ano que ainda

estava por vir. Valda era um deles, e talvez fosse bom que o sujeito ainda não tivesse

chegado a Amador. E também Rhadam Asunawa, o Grão-inquisidor dos

Questionadores. Valda estava sempre querendo usar o machado, mesmo quando o

punhal servia melhor para a tarefa em questão; enquanto Asunawa simplesmente

queria — e queria para ontem — ver enforcadas todas as mulheres que tivessem

passado uma mísera noite na Torre, ver queimados todos os livros que mencionavam

Aes Sedai ou o Poder Único, ver banidas todas as palavras a respeito daquela

feitiçaria maligna. Asunawa nunca pensava para além desses objetivos, nem se

preocupava com o custo. Niall trabalhara muito duro, arriscara muita coisa, para

permitir que aquilo se transformasse, aos olhos do mundo, numa disputa entre os

Filhos e a Torre.

Na verdade, não fazia muita diferença ele estar ou não errado. Mesmo que

estivesse, ainda conseguiria tirar muitas vantagens da situação. Talvez ainda mais

vantagens do que se estivesse certo. Com um pouco de sorte, poderia arrasar a Torre

Branca de um jeito irreparável, esmagar as bruxas até virarem pó. Com isso, o poder

de al'Thor decerto iria vacilar, mas o falso Dragão continuaria a representar ameaça

suficiente para ser usado como isca. E estaria perto da verdade. Muito perto.

Sem tirar os olhos dos estandartes, o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da

Luz respondeu:

— A cisão da Torre é real. A Ajah Negra se revelou. As vitoriosas detêm a Torre,

e as perdedoras foram expulsas e estão lambendo as feridas em Salidar. — Niall

olhou para Balwer e quase abriu um sorriso. Qualquer outro dos Filhos já estaria

protestando, dizendo que não havia Ajah Negra, ou então que todas as bruxas eram

Amigas das Trevas. Até o recruta mais novo teria feito isso. Mas Balwer mal olhou

para ele, sem nem piscar diante de sua blasfêmia contra tudo o que os Filhos

representavam. — Só nos resta decidir se a Ajah Negra ganhou ou perdeu. Acho que

ganhou. A maioria vai considerar que as verdadeiras Aes Sedai são as da Torre. E é

mesmo melhor que associem as *verdadeiras* Aes Sedai com a Ajah Negra. Al'Thor é

uma criatura da Torre, um vassalo da Ajah Negra. — Ele pegou a taça que estava na

mesa e bebericou, o que não ajudou em nada a aplacar o calor. — Talvez eu possa

me aproveitar disso como mais uma desculpa para ainda não ter agido contra

Salidar. — Por meio de seus emissários, ele alegava que o fato de não ter tomado

providências era prova de como acreditava que al'Thor era uma ameaça terrível, já

que preferira permitir que as bruxas se reunissem às portas de Amadícia a desviar os

esforços das forças dos Filhos contra o perigo do falso Dragão. — Aquelas mulheres

de lá estão horrorizadas, assombradas em finalmente ver, depois de tantos anos, a

extensão do avanço da Ajah Negra. Finalmente se rebelaram contra a maldade em

que estavam imersas... — Ele foi perdendo o vigor da imaginação. Aquelas

mulheres eram todas servas do Tenebroso, que tipo de mal as faria se rebelar?

Porém, depois de um instante, Balwer tomou a palavra:

— Pode ser que elas tenham decidido se jogar à mercê do senhor, milorde, ou até

pedir sua proteção. Saíram derrotadas de uma rebelião, mais fracas que as inimigas,

e temem ser subjugadas. Um homem à beira do precipício, já certo de sua morte,

estende a mão para pedir ajuda até a seu pior inimigo. Pode ser que...
— Balwer

tamborilou os dedos ossudos sobre os lábios, pensativo. — Pode ser que estejam

prontas para se arrepender de seus pecados e abdicar da posição de Aes Sedai?

Niall o encarou. Suspeitava de que os pecados das bruxas de Tar Valon fossem

mais uma das coisas em que Balwer não acreditava.

— Isso é absurdo — retrucou, impassível. — O tipo de coisa que se poderia

esperar de Omeria.

O secretário manteve a mesma expressão afetada de sempre, mas começou a

esfregar as mãos, como sempre fazia quando se sentia insultado.

— É mesmo o que milorde esperaria dele, mas é o tipo de coisa que seria repetida

onde ele mais colhe informações, nas ruas e nos salões onde os nobres fofocam

enquanto bebem vinho. Ninguém nunca ri dos absurdos, nesses lugares, apenas

escuta. O que pode parecer absurdo demais para acreditar é tomado como verdade

justamente por ser absurdo demais para ser mentira.

— E como é que você apresentaria isso? Não vou plantar nenhum boato sobre

uma possível ligação dos Filhos com as bruxas.

— Seriam apenas rumores, milorde. — Niall endureceu o olhar, e Balwer

espalmou as mãos. — Como milorde desejar. A cada conto se aumenta

um ponto,

então a história mais simples tem mais chance de preservar sua essência. Sugiro

quatro rumores, milorde, não apenas um. Primeiro, espalhamos o boato de que a

cisão da Torre foi causada por uma insurreição da Ajah Negra. Segundo, que a Ajah

Negra saiu vitoriosa e agora controla a Torre Branca. Terceiro, que as Aes Sedai em

Salidar, expulsas e apavoradas, renunciaram ao posto de Aes Sedai. E quarto, que as

mulheres vieram até o senhor em busca de piedade e proteção. Para o povo, cada

história servirá como confirmação das outras. — Ajeitando a lapela, Balwer abriu

um sorrisinho de satisfação.

— Muito bom, Balwer. Que assim seja. — Niall tomou um gole maior de vinho.

O calor o deixava cada vez mais consciente da própria idade. Sentia que os ossos

pareciam frágeis. Mas viveria por tempo suficiente para ver o falso Dragão cair, ver

o mundo reunido para enfrentar Tarmon Gai'don. Ainda que não vivesse para liderar

a Última Batalha, tinha certeza de que a Luz lhe concederia ao menos isso. — E

quero que Elayne Trakand e seu irmão Gawyn sejam localizados e trazidos de volta

para Amador. Cuide disso. Agora pode sair.

Em vez de sair, Balwer hesitou.

— Milorde sabe que eu jamais faria nenhuma sugestão sobre como proceder.

— Mas está querendo fazer uma agora? E qual seria?

— Pressione Morgase, milorde. Já passou mais de um mês, e ela ainda está

considerando a sua proposta. Ela...

— Já chega, Balwer. — Niall suspirou. Às vezes desejava que Balwer não fosse

de Amadícia, e sim um cairhieno que absorvera o jogo das casas junto com o leite da

mãe. — Morgase está cada dia mais comprometida comigo, seja lá em que ela

acredite. Eu preferiria que ela tivesse aceitado a proposta logo, pois já teria Andor

contra al'Thor, e com uma boa quantidade de Filhos para engrossar as fileiras. Mas,

a cada dia que a mulher passa como minha hóspede, fica mais e mais atada a mim.

Não vai demorar a descobrir que é minha aliada simplesmente porque o mundo

acredita que ela é, então estará tão enroscada que será impossível se soltar. E

ninguém jamais vai poder dizer que a coagi, Balwer. Isso é muito importante. É

sempre mais difícil abandonar uma aliança que o mundo acredita ter sido formada

por livre e espontânea vontade do que uma que é possível provar que foi formada à

força. Pressa e descuido só levam à ruína, Balwer.

— Muito bem, milorde.

Niall o dispensou com um gesto, e o sujeito fez uma medida e se retirou. Balwer

não compreendia. Morgase era uma oponente de peso. Se fosse pressionada demais,

lutaria contra todas as adversidades. No entanto, bastava pressioná-la da maneira

certa para que ela se pusesse a enfrentar o inimigo que acreditava ver, então só

perceberia a armadilha quando já fosse tarde demais. O tempo urgia, pressionando-o,

pesando com todos os anos que já vivera, todos os meses de que precisava tão

desesperadamente, mas Niall não deixaria que a pressa arruinasse seus planos.

* * *

O falcão arremeteu, lançando-se em um golpe certo contra o enorme pato que

cruzava os céus, provocando uma explosão de penas. As duas aves se afastaram, e o

pato, com o voo interrompido, começou a cair. O falcão mergulhou no céu límpido,

inclinando o corpo em um ângulo preciso, e se lançou outra vez contra a presa

abatida, prendendo-a entre as garras. O peso considerável do pato atrapalhava o voo,

mas, com certo esforço, a ave vitoriosa voou ao encontro das pessoas que a

aguardavam em terra.

Morgase se perguntou se ela mesma não seria como o falcão: orgulhosa e

determinada demais para perceber que sua presa era maior do que as
asas podiam

suportar. Tentou relaxar as mãos enluvadas, que agarravam as rédeas
com força. O

chapéu branco de aba larga, com longas plumas brancas, era uma leve
proteção

contra o sol impiedoso, mas o suor ainda assim brotava em seu rosto.
Em seu vestido

de montaria de seda verde com bordados em ouro, Morgase nem
parecia uma

prisioneira.

Havia outras pessoas a cavalo e a pé no longo campo de grama seca e
marrom,

mas não chegavam a formar uma multidão. Um grupo de músicos,
todos de tabardos

azuis com bordados brancos, trazendo flautas, sabiolas e tambores,
tocavam uma

melodia suave, bem apropriada para a tarde regada a vinho gelado.
Uma dezena de

adestradores vestindo coletes de couro bem trabalhados por cima das
camisas

brancas de mangas bufantes afagava os falcões de olhos vendados
empoleirados em

seus braços protegidos por manoplas ou pitavam os cachimbos e
baforavam uma

fumaça azul nos rostos das aves. E havia o dobro de serviçais
uniformizados

circulando com frutas e vinho em cálices dourados apoiados em
bandejas também

douradas, além de homens usando cotas de malha reluzentes
circulando pelos

arredores, mantendo-se bem próximos às grandes árvores de galhos nus. Tudo isso

para acompanhar o cortejo de Morgase e garantir que a tarde de falcoaria

transcorresse sem grandes problemas.

Bem, pelo menos era esse o motivo que tinham alegado, embora o povo do

Profeta estivesse quase a duzentas milhas ao norte e não fosse muito provável

encontrar bandidos tão perto de Amador. Além disso, apesar do grupo de mulheres

que a acompanhavam em éguas e capões, todas com vestidos de montaria de seda

brilhosa e deslumbrantes chapéus de abas largas com plumagens coloridas, os

cabelos compridos divididos em cachos, conforme ditava a moda da corte

amadriciana, a verdade era que o cortejo de Morgase consistia apenas em mais duas

pessoas: o desajeitado Basel Gill, montado meio torto no cavalo, o colete de discos

de metal comprimindo a barriga volumosa por cima do casaco de seda vermelha —

casaco esse que a própria Morgase arranajara, para Basel não ser ofuscado pelos

serviçais —, e Paitr Conel, que parecia ainda mais desajeitado em seu casaco branco

e vermelho de pajem, claramente muito nervoso desde que Morgase o fizera se

juntar ao cortejo. As mulheres que os acompanhavam eram nobres da corte de

Ailron que tinham se “oferecido” como damas de companhia. O pobre Mestre Gill

mexia na espada, distraído, observando os Mantos-brancos com um olhar de pura

desilusão. Sim, aqueles homens de cotas de malha eram Mantos-brancos, apesar de

sempre abrirem mão do uniforme quando a acompanhavam para fora da Fortaleza da

Luz. E também eram vigias: se Morgase tentasse cavalgar para muito longe ou se

afastar por muito tempo, o comandante daquele destacamento, Norowhin, um sujeito

de olhar duro, que odiava fingir não ser um Manto-branco, “sugeria” que ela

retornasse a Amador, dando alguma desculpa como o calor muito intenso ou algum

boato de bandoleiros rondando a área. Não havia como discutir com cinquenta

homens de armadura sem perder a dignidade. Na primeira vez em que saíram,

Norowhin quase tomou as rédeas das mãos dela, e era por isso que Morgase nunca

permitia que Tallanvor a acompanhasse nesses passeios. O rapaz era tolo o bastante

para insistir em defender a honra e os direitos de Morgase mesmo diante de cem

homens. Ele passava o tempo livre praticando com a espada, como se esperasse dar

um jeito de abrir o caminho de Morgase à força.

Uma brisa se ergueu de repente, roçando seu rosto, e, com um susto, Morgase

percebeu que estava sendo abanada: Laurain estava inclinada na sela, balançando um

leque de renda branca. Ela era uma mulher jovem e esbelta, com os olhos escuros

um pouco próximos demais, e estava sempre com um sorrisinho coquete.

— Vossa majestade deve ter ficado tão satisfeita em saber que seu filho se juntou

aos Filhos da Luz. E que subiu de graduação tão depressa.

— Isso não deveria ser nenhuma surpresa — retrucou Altalin, abanando o próprio

rosto gorducho. — Não havia dúvidas de que o filho de Sua Majestade evoluiria

rápido, assim como o esplendor do sol não demora em se intensificar. — A mulher

se regozijou ao ouvir os murmúrios de concordância de algumas das outras damas de

companhia, em resposta àqueles joguinhos de palavras ridículos.

Morgase se esforçava para manter o rosto sereno. A notícia de Niall, que recebera

na noite anterior, durante uma das visitas surpresa, tinha sido um verdadeiro choque.

Galad, um Manto-branco! Bem, pelo menos ele estava seguro, segundo o

Comandante dos Filhos. Mas não podia visitá-la, já que as obrigações de um Filho

da Luz o mantinham afastado. Claro que ele faria parte de sua escolta quando ela

retornasse a Andor, liderando um exército de Filhos.

Não, Galad estava tão em perigo quanto Elayne ou Gawyn — talvez até mais.

Quisesse a Luz que Elayne estivesse em segurança na Torre Branca.
Quisesse a Luz

que Gawyn estivesse vivo. Niall alegava não saber o paradeiro do garoto, só tinha

certeza de que Gawyn não estava em Tar Valon. E Galad agora era como uma faca

em sua garganta — claro que Niall jamais seria cruel a ponto de sugerir uma coisa

dessas, mas bastaria uma ordem dele para que o menino fosse enviado em alguma

missão de morte certa. A única coisa que o mantinha em segurança era o fato de

Niall achar que Morgase não ligava tanto para ele quanto para Elayne e Gawyn.

— Fico feliz por ele, se é isso o que o rapaz busca — respondeu, indiferente. —

Mas Galad é filho de Taringail, não meu. Meu casamento com Taringail foi

arranjado, vocês sabem como são essas coisas. Pode parecer estranho, mas ele já está

morto há tanto tempo que mal me lembro de seu rosto. Galad é livre para fazer o que

bem entender. Gawyn é quem será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne

ocupar o Trono do Leão. — Ela dispensou um serviçal que trazia um cálice de vinho

numa bandeja. — Niall poderia ao menos ter providenciado um vinho decente.

Esse último comentário gerou uma onda de risadinhas nervosas. Morgase até

conseguira se aproximar um pouco daquelas mulheres, mas ninguém se sentia à

vontade para ofender Pedron Niall — ao menos não ali, onde qualquer comentário

poderia chegar aos ouvidos dele. Morgase aproveitava toda e qualquer oportunidade

de reclamar do Comandante dos Filhos quando as damas de companhia podiam

ouvir: a atitude de desafio servia para convencê-las de sua valentia, o que era

importante se quisesse forjar alianças, mesmo que parciais. E mais importante, pelo

menos para ela, era que ajudava a preservar a ilusão de que não era prisioneira ali.

— Ouvi dizer que Rand al'Thor exhibe o Trono do Leão feito um troféu de caça.

O comentário tinha vindo de Marande, uma bela mulher com rosto em formato de

coração, um tanto mais velha que as outras. Era irmã do Grão-trono da Casa

Algoran, o que por si só já a tornava bastante poderosa — talvez o bastante para se

opor a Ailron, mas não a Niall. As outras afastaram as montarias para que Marande

se aproximasse no capão baio. Não havia a menor chance de forjar qualquer tipo de

aliança ou amizade com aquela mulher.

— Pois ouvi dizer o mesmo — retrucou Morgase, displicente. — O leão é um

animal perigoso de se caçar, e o Trono do Leão mais ainda. Sobre tudo para um

homem. Os homens que se aventuram sempre acabam mortos.

Marande abriu um sorriso.

— Também ouvi dizer que al"Thor deixa os homens capazes de canalizar em

postos altos de seu exército.

A frase provocou uma troca de olhares desconfortáveis entre as demais presentes,

acompanhados de um burburinho de murmúrios de preocupação. Uma das mais

jovens, a esguia Marewin, ainda quase uma menina, se desequilibrou na sela de

patilho alto, parecendo prestes a desmaiar. As notícias da anistia de al"Thor vinham

acompanhadas de histórias assustadoras — conversas que Morgase desejava

fervorosamente que fossem apenas boatos. Quisesse a Luz que todas as notícias não

passassem de boatos: homens capazes de canalizar se reunindo em Caemlyn,

bebendo e festejando no Palácio Real, aterrorizando a cidade.

— Você ouvi bastante coisa — retrucou. — Por acaso passa o dia escutando atrás

das portas?

Marande alargou o sorriso. Havia sido incapaz de resistir à pressão de se tornar

uma das damas de companhia de Morgase, mas tinha poder o suficiente para exibir

sua insatisfação sem medo. Era como um espinho cravado fundo no pé: impossível

de remover e provocava uma pontada de dor a cada passo.

— O prazer de servir Vossa Majestade me deixa com pouco tempo livre, mas de

fato tento ouvir tudo o que chega de notícias de Andor. Para tratar delas com Vossa

Majestade, claro. Ouvi dizer que o falso Dragão se reúne diariamente com os nobres

andorianos. Lady Arymilla e Lady Naeen, Lorde Jarid e Lorde Lir. E outros amigos

deles.

Um dos falcoeiros ergueu uma ave cinza de asas negras e olhos vendados para

Morgase. Os sinos de prata presos nas tiras de couro das patas tilintavam enquanto a

ave andava pela manopla do adestrador.

— Obrigada, mas já cacei bastante por hoje — respondeu Morgase, então ergueu

a voz: — Mestre Gill, reúna a escolta. Estou voltando para a cidade.

Gill levou um susto. Sabia muito bem que só estava ali para cavalgar na cola dela,

mas começou a acenar e gritar ordens aos Mantos-brancos como se acreditasse que

os homens fossem obedecer. Morgase, por sua vez, deu meia-volta com a égua

negra, mas conduziu o animal a um passo lento, claro. Norowhin sairia em disparada

atrás dela se suspeitasse da menor possibilidade de uma tentativa de fuga.

Claro que os Mantos-brancos sem mantos saíram a galope, formando a escolta

antes mesmo que a égua pudesse avançar dez passos. E, antes que Morgase chegasse

à beirada do gramado, Norowhin já estava a seu lado com uma dezena de homens à

frente e o restante seguindo atrás, bem de perto. Os serviços, os músicos e os

falcoeiros foram deixados para trás, para ajeitarem as cargas e seguirem o mais

depressa possível.

Gill e Paitr tomaram suas posições atrás de Morgase, seguidos pelas damas de

companhia. Marande sorria triunfante, embora algumas das outras exibissem caretas

de desaprovação. Nada muito explícito — mesmo que tivesse que se submeter à

vontade de Niall, Marande tinha um poder considerável dentro de Amadícia —, mas

a maioria daquelas mulheres tentava se esforçar na tarefa de dama de companhia,

mesmo tendo sido forçadas àquilo. A maioria delas provavelmente teria assistido

Morgase de bom grado, apenas não gostava de ter que morar na Fortaleza da Luz.

A própria Morgase teria sorrido, se tivesse certeza de que Marande não notaria. A

língua solta era a única razão pela qual não insistira, semanas antes, para que a

mulher fosse dispensada. Marande gostava de alfinetá-la apontando a extensão dos

problemas em Andor como se fossem indícios de que o poder da rainha estava

esgotado, mas os nomes que citava eram um bálsamo para Morgase: todos de

homens e mulheres que se opuseram a ela durante a Sucessão, todos bajuladores de

Gaebril. Daqueles nobres, não esperava nada menos — nem nada mais — do que

essa atitude. Se Marande tivesse citado outros nomes, seria diferente. Se ela falasse

de Lorde Pelivar, Abelle, Luan, Lady Arathelle, Ellorien ou Aemlyn. Ou outros. Mas

aqueles nobres nunca tinham sido citados nas provocações de Marande, e o nome

deles com certeza estaria presente caso o mais leve sussurro vindo de Andor os

pusse em suspeita. Enquanto Marande não mencionasse aqueles nobres, haveria

esperança de que não tinham se ajoelhado diante de al'Thor. Aquelas pessoas a

apoiaram na primeira reivindicação ao trono e, se a Luz quisesse, poderiam apoiá-la

de novo.

A floresta de árvores quase secas deu lugar a uma estrada de terra batida, e o

grupo foi avançando para o sul, em direção a Amador. Passaram por trechos em que

a mata tinha sido reduzida a tocos de troncos de árvores derrubadas e descampados

de grama amarelada envoltos por cercas de pedra caídas, com casas de pedra com

telhados de palha e celeiros bem afastados da estrada. Tinha bastante gente na

estrada, todos levantando poeira ao andar, e Morgase teve que cobrir o rosto com um

lenço de seda, embora o povo abrisse caminho ao avistar um grupo tão grande de

homens com armas e armaduras. Alguns até corriam para as árvores ou saltavam por

cima das pedras das cercas caídas e disparavam campo adentro. Os Mantos-brancos

ignoravam as pessoas, e nenhum fazendeiro ergueu os punhos ou gritou com os

invasores. Muitas fazendas pareciam abandonadas, sem galinhas ou qualquer outro

animal à vista.

Por entre o povo que andava pela estrada Morgase viu uma carroça de bois, um

homem conduzindo algumas ovelhas e até mesmo uma jovem guiando um grupo de

gansos. Todos eram obviamente locais. Alguns levavam trouxas nos ombros ou

alforjes abarrotados, mas a maioria ia de mãos vazias, como se não tivesse ideia de

para onde seguia. E essa maioria parecia maior a cada vez que Morgase recebia

permissão para sair de Amador, não importava para que direção seguisse com a

comitiva.

Ajustando o lenço sobre o nariz, Morgase olhou Norowhin de esguelha. O sujeito

tinha mais ou menos a mesma idade e altura de Tallanvor, mas as semelhanças

acabavam por aí. Norowhin nunca fora bonito, com o rosto vermelho coberto pelo

capacete reluzente em forma de cone e a pele descascada por conta do sol. Era

magricela, desengonçado e tinha um nariz proeminente que lembrava

uma picareta.

Ele liderava a “escolta” sempre que Morgase saía da Fortaleza da Luz, e ela sempre

tentava engatar conversa. Manto-branco ou não, ela considerava uma vitória cada

passinho que avançava na empreitada de convencê-lo de que não precisava tratá-la

como prisioneira.

— Esses são os refugiados do Profeta, Norowhin?

Não podiam ser, pelo menos não todos. Havia tanta gente rumando para o norte

quanto para o sul.

— Não. — Foi a resposta rude, e ele nem se dignou a encará-la. Seus olhos

esquadrinhavam a beira da estrada, como se ele esperasse que alguém fosse aparecer

do nada para resgatá-la.

Infelizmente, era o único tipo de reação que Morgase conseguia arrancar dele.

Mesmo assim insistiu:

— E quem são, homem? Com certeza não são tarabonianos. Vocês estão mesmo

conseguindo manter esse povo longe de Amadícia. — Tinha visto Mantos-brancos a

cavalo acompanhando um grupo de tarabonianos para oeste, mais cedo. Cinquenta e

tantos homens, mulheres e crianças imundos e quase caindo de cansaço sendo



conduzidos feito gado. Só tinha conseguido conter a língua por saber que não havia

nada que pudesse fazer sobre o assunto. — Amadícia é uma terra rica. Nem mesmo

uma seca dessas teria conseguido expulsar tanta gente de suas fazendas em uns

poucos meses.

Norowhin pareceu tentar conter uma careta.

— Não são — respondeu enfim. — São refugiados do falso Dragão.

— Mas como? Ele está a centenas de léguas daqui.

A relutância do homem ficou mais uma vez estampada no rosto queimado de sol,

só não era possível saber se ele hesitava em busca das palavras certas ou se estava

considerando se deveria responder ou não.

— Essas pessoas acreditam que ele seja o verdadeiro Dragão Renascido — disse,

por fim, parecendo enojado. — Alegam que ele quebrou todos os elos, segundo as

Profecias. Homens renunciaram a seus lordes, aprendizes largaram os mestres.

Maridos abandonaram as famílias, e as esposas deixaram os maridos. É uma praga

levada pelo vento, um vento que vem do falso Dragão.

Morgase avistou um jovem casal abraçado que observava a passagem da comitiva.

O suor escorria em seus rostos, sujos da mesma poeira que cobria as roupas

simplórias. Pareciam famintos, de rosto encovado e olhos arregalados. Será que

coisa parecida poderia estar acontecendo em Andor? Será que Rand al'Thor também

teria causado isso em sua terra? *Se tiver, ele vai pagar.* O problema era conseguir ter

certeza de que a cura não seria pior do que a doença. Se resgatasse Andor, mesmo

que de uma situação dessas, e a entregasse aos Mantos-brancos...

Tentou continuar a conversa, mas, depois de lhe dirigir mais palavras do que já

tinha conseguido dizer de uma só vez, Norowhin retomou as respostas

monossilábicas. Não importava: se conseguira abrir aquela casca uma vez, poderia

repetir o feito.

Morgase se remexeu sobre a sela para tentar ver melhor o casal de jovens, mas

eles estavam ocultos atrás dos soldados Mantos-brancos. Isso também não

importava. Aqueles rostos permaneceriam guardados em sua memória, assim como

sua promessa.



CAPÍTULO 10

UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA

Rand estava com saudade dos dias em que teria sido possível caminhar sozinho

pelos corredores do Palácio. Naquela manhã, estava acompanhado por Sulin e mais

vinte Donzelas; por Bael, o chefe de clã dos Aiel Goshien, com seus cinco *Sovin*

Nai, os Mãos de Faca dos Jhirad Goshien, pela honra do chefe de clã; e por Bashere,

escoltado por homens de Saldaea com os típicos narizes de gavião. A comitiva

apinhava o amplo corredor com paredes cobertas de tapeçarias. As *Far Dareis Mai* e

os *Sovin Nai*, vestidos em seu *cadin'sor*, nem olhavam para os serviçais que se

curvavam em medidas e reverências rápidas logo e saíam do caminho. Já os

saldaeanos, mais jovens, avançavam com um ar afetado, vestidos com casacos curtos

e calças largas enfiadas nas botas. Estava fazendo calor até ali,

naquela passagem

sombreada, com grãosinhos de poeira dançando no ar. Alguns serviçais ostentavam

o uniforme vermelho e branco dos tempos do governo de Morgase, mas a maioria

era recém-chegada e ainda usava as mesmas roupas de quando se candidatara ao

trabalho: a lã típica de fazendeiros e comerciantes, os tecidos quase todos escuros e

lisos, mas de diversas cores, com bordados ou pedacinhos de renda aqui e ali.

Rand fez uma anotação mental para não se esquecer de mandar a Senhora Harfor,

a Criada-chefe, providenciar uniformes para todos, de modo que os recém-chegados

não sentissem que precisavam usar suas melhores roupas para trabalhar. Os

uniformes do Palácio com certeza seriam de qualidade superior à de qualquer roupa

dos camponeses, exceto talvez pelas suas roupas de festa. Havia menos serviçais do

que durante o governo de Morgase, e boa parte dos homens e mulheres vestidos em

vermelho e branco eram grisalhos e meio corcundas, pois tinham sido convocados

dos alojamentos dos aposentados. Em vez de fugir, como tantos outros, aqueles

serviçais preferiram abdicar da aposentadoria a ver o palácio destruído. Outra

anotação mental. Mandar a Senhora Harfor — Criada-chefe não era um título muito

glorioso, mas era Reene Harfor quem comandava o dia a dia do Palácio Real —

encontrar serviços o bastante para que os mais velhos pudessem desfrutar da

aposentadoria. Será que o benefício ainda estava sendo pago, agora que Morgase

morrera? Devia ter pensado nisso antes. Bem, Halwin Norry, guarda-livros-chefe,

saberia. Rand se sentia como se estivesse sendo espancado por penas até a morte.

Cada coisa o fazia lembrar-se de outra que precisava ser feita. E ainda tinha o

problema com os Caminhos... as penas não eram nada macias. Mandara uma guarda

vigiar o Portal dos Caminhos ali em Caemlyn, além de todas as entradas próximas a

Tear e Cairhien, mas não tinha nem como ter certeza de quantos existiam.

Sim, trocaria todas as medidas e reverências, toda a guarda de honra, todas

aquelas questões e incumbências, toda aquela gente com necessidades a serem

atendidas... trocaria tudo aquilo pelos dias em que sua única preocupação era

arranjar um casaco para se aquecer. Claro que, naqueles dias, não teria sequer

permissão de caminhar por esses corredores, pelo menos não sem um tipo diferente

de guarda, vigiando para que ele não surrupiasse um dos cálices de ouro e prata dos

nichos na parede ou alguma das esculturas de marfim de uma das mesas marchetadas

de lápis-lazúli.

Pelo menos a voz de Lews Therin não estava resmungando ininterruptamente

naquela manhã. E pelo menos Rand achava que estava pegando o jeito daquele

truque que Taim lhe ensinara. O rosto de Bashere estava empapado de suor, mas

Rand quase não era afetado pelo clima extremo — o casaco cinza de seda bordado

estava abotoado até o pescoço, e, mesmo sentindo um pouco de calor, o jovem não

suava uma gota sequer. Taim explicara que com o tempo Rand sequer sentiria calor

ou frio, mesmo que a temperatura chegasse a extremos que incapacitariam um

homem comum. Era apenas questão de se retrair e se distanciar de si mesmo, de um

jeito parecido com quando ele se preparava para abraçar *saidin*. Era estranho que

aquela habilidade fosse tão similar aos usos do Poder, mesmo sem ter qualquer

relação com a Fonte Verdadeira. Será que as Aes Sedai também faziam isso? Nunca

tinha visto uma delas suar. Pelo menos achava que não.

Riu de repente. Ah, estava pensando se as Aes Sedai suavam ou não! Talvez ainda

não estivesse louco, mas não teria dificuldades em se passar por um tonto cabeça de

lã.

— Eu falei alguma coisa engraçada? — indagou Bashere, em um tom seco,

cofiando o bigode.

Algumas Donzelas o encararam, um pouco ansiosas. Estavam tentando compreender o humor dos aguacentos.

Rand não sabia como Bashere conseguia manter a compostura. Naquela mesma

manhã, chegara ao Palácio um boato sobre levantes nas Terras da Fronteira

provocados por disputas entre os locais. As fofocas dos viajantes brotavam feito erva

depois da chuva, mas aquele rumor parecia ter vindo direto do norte, trazido por

mercadores vindos de lugares tão distantes quanto Tar Valon. Ninguém mencionara

nomes ou locais específicos, então as disputas poderiam muito bem estar ocorrendo

em Saldaea. Além disso, Bashere não recebia notícias de sua terra desde que fora

embora, meses antes. Ainda assim, pela reação ao boato, ele poderia simplesmente

ter ouvido alguém comentar que o preço do nabo subira.

Claro, Rand também não tinha notícias sobre Dois Rios, apenas os vagos rumores

de que sua terra natal fora afetada por alguma rebelião originada em algum lugar a

oeste, o que, em tempos como aqueles, podia ou não ser verdade. Mas não era a

mesma coisa: Rand abandonara Dois Rios. As Aes Sedai tinham espiões em toda

parte, e ele não estaria se arriscando nem um pouco em apostar que os Abandonados

também. O Dragão Renascido não tinha qualquer interesse na aldeiazinha onde Rand

al'Thor crescera — isso estava no passado. Se não fosse assim, dominariam Campo

de Emond para usar o lugar contra ele. Bem, não ia se ocupar discutindo sozinho

sobre seus motivos. Havia abandonado o lugar e ponto final.

Será que eu mereço escapar do destino que me espera, mesmo que eu descubra

como? O pensamento vinha dele mesmo, não de Lews Therin.

Rand endireitou os ombros, que de repente pareciam muito doloridos, e manteve a

voz baixa:

— Me desculpe, Bashere. Foi uma ideia meio engraçada que tive. Mas estava

ouvindo. Você disse que Caemlyn está ficando muito cheia. Que para cada homem

que fugiu supostamente por medo do falso Dragão, chegaram outros dois porque

acham que não sou falso e, portanto, não têm medo. Está vendo?

Bashere grunhiu em resposta — uma resposta que poderia significar qualquer

coisa.

— E quantos não vieram para cá por outros motivos, Rand al'Thor? — perguntou

Bael, o sujeito mais alto que Rand já vira, quase uma boa mão maior que ele próprio.

O Aiel fazia um contraste estranho com Bashere, que era mais baixo do que todas as

Donzelas, exceto Enaila. O chefe de clã dos Aiel Goshien ostentava

espessas mechas

grisalhas nos cabelos vermelho-escuros, mas seu rosto magro ainda era bem rígido, e

os olhos azuis, muito penetrantes. — Você já tem inimigos mais do que suficiente

para a cota de cem homens. Ouça bem o que eu digo, logo vão tentar um novo

ataque contra você. Talvez tenham vindo até Mensageiros das Sombras entre os

recém-chegados.

— Mesmo que não tenha Amigos das Trevas entre o povo, os problemas virão —

observou Bashere —, a inquietação cresce aos poucos na cidade, como um pão no

forno. Bastante gente foi atacada e espancada por duvidarem de que você é mesmo o

Dragão Renascido. E um coitado foi arrastado de uma taverna até um celeiro e

enforcado nas vigas só por ter rido ao ouvir o relato dos seus milagres.

— Meus milagres? — indagou Rand, incrédulo.

Um serviçal enrugado e grisalho, metido em um casaco meio largo à guisa de

uniforme, que ia pelo corredor carregando um grande vaso, tropeçou e caiu para trás

quando tentou se curvar em uma mesura e recuar para sair do caminho ao mesmo

tempo. O vaso verde-claro, um artigo do Povo do Mar feito de porcelana fina como

papel, voou por cima da cabeça do serviçal e saiu rolando pelo chão de azulejos

vermelho-escuros, rodopiando e quicando até parar, perfeitamente de pé, cerca de

trinta passadas mais adiante. O velho se levantou mais que depressa, com agilidade

surpreendente, e correu para resgatar o vaso. Ele bateu a porcelana toda, ao mesmo

tempo incrédulo e aliviado, e soltou uma exclamação quando viu que não havia

sequer uma lasca ou rachadura. Outros serviçais encararam a cena com a mesma

incredulidade, antes de se recompor de repente e seguirem com seus afazeres.

Eles se esforçavam tanto em evitar olhar para Rand que muitos esqueciam as

medidas e reverências.

Bashere e Bael se entreolharam, e Bashere bufou, soprando o frondoso bigode.

— Têm acontecido coisas estranhas — comentou. — A cada dia chega uma

história nova. Alguma criança caiu de uma janela a quarenta passadas de altura e se

estatelou nas pedras do pavimento, mas não sofreu um único arranhão. Ou alguma

velhinha se meteu no meio de mais de vinte cavalos em disparada, mas além de não

ter sido derrubada ou pisoteada ainda conseguiu sair ilesa. Outro dia um sujeito

acertou cinco coroas vinte e duas vezes seguidas nos dados, e o pessoal também pôs

isso na sua conta. Sorte a dele.

— Dizem por aí que ontem à noite uma cesta de telhas caiu de cima

de um

telhado. As telhas ficaram intactas, mas caíram formando o antigo símbolo dos Aes

Sedai — acrescentou Bael. Ele encarou o serviçal grisalho que estava de queixo

caído, apertando o vaso contra o peito enquanto eles passavam. — E eu não duvido.

Rand soltou a respiração devagar. Claro que os dois não tinham mencionado o

outro tipo de coisa estranha que andava acontecendo. Não falaram do homem que

estava caminhando quando tropeçou e foi enforcado pelo próprio lenço amarrado ao

pescoço, que ficou preso na lingueta de uma porta. Nem do vento forte que soprou

pelas janelas e portas abertas de uma casa, soltou uma ripa do teto e matou a mulher

que estava sentada à mesa com a família. O tipo de coisa que realmente podia

acontecer, mas era raro. Só que aqueles eventos não eram incomuns quando ele

estava por perto. O mero fato de Rand estar a algumas milhas de distância retorcia o

padrão e o acaso, para o bem ou para o mal — e os dois aconteciam com a mesma

frequência. Mesmo que os Dragões sumissem de seus braços, e as garças

desaparecessem das palmas das mãos, Rand ainda estaria marcado. Havia um ditado

nas Terras da Fronteira: *“A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado*

que a montanha. ” Depois de erguer a montanha nos ombros, a única opção era

sustentá-la com firmeza: não havia como deitá-la outra vez no chão. E também não

havia mais ninguém que pudesse carregá-la em seu lugar. Reclamar não resolveria

nada.

— Você encontrou os homens responsáveis pelo enforcamento? — indagou, rude.

Bashere balançou a cabeça. — Então encontre os responsáveis e prenda todos por

homicídio. Quero acabar com essa moda. Não é crime nenhum duvidar de mim.

Segundo os rumores, o Profeta declarara que aquilo era, sim, um crime. Mas Rand

não podia fazer nada a respeito disso — pelo menos por enquanto. Nem ao menos

sabia onde Masema estava, só tinha a vaga noção de que era em algum lugar de

Ghealdan ou de Amadícia. Isso se não tivesse se mudado nesse meio-tempo. Fez

mais outra anotação mental: precisava encontrar aquele homem e dar um jeito de

freá-lo.

— Seja qual for o tamanho dessa dúvida? — inquiriu Bashere. — Andam dizendo

pelos cantos que você é um falso Dragão e que matou Morgase com a ajuda das Aes

Sedai. Que o povo deveria se rebelar e vingar sua rainha. Esses rumores podem estar

sendo repetidos por mais gente do que imaginamos. Não dá para ter

certeza.

Rand ficou muito sério. Conseguia aceitar que o povo especulasse sobre sua

participação na morte de Morgase — não tinha muita opção: por mais que negasse,

muitas estranhezas tinham acontecido durante a tomada do Palácio, havia coisas

demais que não se encaixavam, o que suscitava dúvidas. Mas não podia tolerar

qualquer incitação à rebelião. Não dividiria Andor entre guerras e disputas.

Entregaria a Elayne um país tão intocado quanto o que recebera. Se algum dia a

encontrasse outra vez, é claro.

— Descubra quem começou esses rumores e jogue os responsáveis na prisão —

mandou, em um tom severo. Luz, como poderiam descobrir quem dera início àquela

fofoca? — Se quiserem perdão, podem pedir a Elayne. — Uma jovem servicial

usando um vestido marrom simples e espanando um vaso de vidro retorcido olhou

para o seu rosto enquanto Rand dava a ordem. O vaso caiu de suas mãos subitamente

trêmulas e se despedaçou. É, ele nem sempre alterava o acaso. — Alguma boa

notícia? Seria ótimo.

A jovem se agachou, ainda trêmula, para recolher os cacos, mas bastou um olhar

de Sulin — um simples olhar! —, e ela se afastou correndo, de olhos arregalados, e

se apertou contra a parede, junto a uma tapeçaria de um leopardo em plena caça.

Rand não entendia por quê, mas algumas mulheres pareciam temer mais as Donzelas

que os homens Aiel. A jovem olhou para Bael como se esperasse receber alguma

proteção. Mas ele não parecia nem vê-la.

— Bem, depende de o que você considera boas notícias — retrucou Bashere,

dando de ombros. — Fiquei sabendo que Ellorien, da Casa Traemane, e Pelivar, da

Casa Coelan, chegaram à cidade faz três dias. Entraram escondidos, por assim dizer,

e, pelo que eu sei, nenhum dos dois chegou nem perto da Cidade Interna. E corre o

boato de que Dyelin, da Casa Taravin, está aqui por perto, no interior. Nenhum deles

respondeu aos seus convites. Não ouvi nada que pudesse ligá-los aos boatos. — Ele

olhou de esguelha para Bael, que balançou a cabeça de leve.

— Ouvimos ainda menos do que você, Davram Bashere. O povo daqui só deixa a

língua solta na companhia de outros aguacentos.

De todo modo, eram boas notícias. Rand precisava daquelas pessoas. Poderia dar

um jeito de resolver a situação, se aqueles nobres achassem que ele era um falso

Dragão. E se aquelas pessoas acreditassem que ele tinha matado Morgase... bem,

era ainda melhor que permanecessem leais à memória e ao sangue da rainha.

— Mande novos convites para virem me visitar. E inclua o nome de Dyelin. Os

dois devem saber onde ela está.

— Se eu mandar o convite, acho que a única coisa que eles vão ouvir é que tem

um exército de Saldaea instalado em Andor — retrucou Bashere, meio na dúvida.

Rand hesitou, então assentiu, abrindo um sorriso de repente.

— Peça a Lady Arymilla que leve o convite. Não tenho dúvidas de que ela vai

adorar a oportunidade de mostrar aos outros quanto é próxima de mim. Mas quero

que você redija.

Mais uma vez, as aulas de Moiraine sobre o Jogo das Casas se mostravam úteis.

— Bem, tem mais, e não sei se é uma notícia boa ou ruim — continuou Bael,

mudando de assunto —, mas os Escudos Vermelhos disseram que duas Aes Sedai

alugaram quartos em uma estalagem na Cidade Nova. — Os Escudos Vermelhos

tinham ajudado os homens de Bashere a fazer o policiamento de Caemlyn, no

começo, mas depois assumiram a função. Bael abriu um leve sorriso ao notar o

desapontamento no rosto de Bashere. — Nós ouvimos menos, Davram Bashere, mas

pode ser que, às vezes, nossos olhos vejam mais.

— Alguma delas é nossa amiga que gosta de gatos? — perguntou Rand.

As histórias de que havia uma Aes Sedai na cidade persistiam. Às vezes eram

duas, ou três, ou um grupo maior, mas o máximo que Rand conseguira descobrir

eram umas poucas histórias sobre uma Aes Sedai que Curava gatos e cachorros, mas

que sempre estava em alguma rua mais à frente. E sempre contada por alguém que

ouvira de alguém que ouvira em uma taverna ou um mercado.

Bael balançou a cabeça.

— Acho que não. Os Escudos Vermelhos disseram que as duas parecem ter

chegado no meio da noite.

Bashere parecia interessado — o homem não perdia uma chance de repetir que

Rand precisava das Aes Sedai. Bael, contudo, franzia o cenho de leve, tão de leve

que só um Aiel teria percebido. Aquele era um povo cauteloso, até relutante, quando

o assunto era Aes Sedai.

Aquelas poucas palavras davam a Rand muito o que pensar, e cada pensamento

desencadeado pelos boatos levava de volta para ele. As duas Aes Sedai deviam ter

um motivo para ir a Caemlyn quando suas irmãs andavam evitando a cidade desde

que o Dragão Renascido aparecera por lá. O mais provável era que tivesse a ver com

ele. Era comum evitar viajar à noite até mesmo nos tempos de paz, e os tempos não

andavam nada pacíficos. Chegar no meio da madrugada talvez indicasse que as Aes

Sedai estavam tentando passar despercebidas — e o mais provável é que fosse

justamente ele quem elas não quisessem que notasse sua presença. Por outro lado,

poderia ser apenas alguma viagem urgente. O que talvez indicasse uma missão para

a Torre. E a verdade era que Rand não conseguia pensar em nada mais importante

para a Torre, naquele momento, do que ele próprio. Ou as duas poderiam estar

viajando ao encontro das Aes Sedai que Egwene insistia que iam apoiá-lo.

Fosse o que fosse, Rand queria saber. Só a Luz sabia o que as Aes Sedai —

fossem as da Torre ou as desse grupo escondido com Elayne — estavam tramando,

mas ele tinha que descobrir. As Aes Sedai eram um grupo grande demais e

potencialmente perigoso demais para ele se dar ao luxo de não ficar atento. Como a

Torre reagiria quando Elaida soubesse da anistia? Como as Aes Sedai reagiriam?

Será que já estavam sabendo?

Enquanto se aproximavam das portas no fim do corredor, Rand abriu a boca para

pedir a Bael que convidasse uma das Aes Sedai para vir ao Palácio. Podia dar conta

de duas delas, se fosse o caso — contanto que não o pegassem de surpresa —, mas

não havia motivo para se arriscar antes de saber quem eram e o que pretendiam.

Estou tomado de orgulho. Esse mesmo orgulho doentio que me destruiu!

Rand tropeçou. Era a primeira vez do dia que ouvia a voz de Lews Therin em sua

cabeça — e ainda por cima o comentário era parecido demais com o que estava

pensando a respeito das Aes Sedai —, mas não foi isso o que o fez parar de repente e

engolir as palavras que estava prestes a dizer.

As portas que davam para um dos jardins do Palácio estavam abertas por causa do

calor. Não havia flores, e alguns dos arbustos de rosas e estrelas-brancas estavam

murchos, mas, mesmo com poucas folhas nas copas, ainda havia a sombra das

árvores ao redor da fonte de mármore branco que jorrava água, bem no coração do

jardim. Uma mulher de saia rodada de lã marrom e uma blusa branca e larga de

algode estava parada junto à fonte, com um xale cinza enrolado nos braços, com

aquela mesma expressão atônita que os Aiel encaravam a água que não tinha outra

função além de ser olhada. Rand deixou os olhos de perderem nas linhas do rosto de

Aviendha, nas ondas de seus cabelos ruivos que caíam sobre os ombros, o lenço

cinza dobrado amarrado no topo da cabeça. Luz, como ela era bonita. Aviendha

observava o movimento da água, ainda sem reparar em sua presença.

O que sentia por ela era amor? Não sabia. A Aiel sempre aparecia nos sonhos com

Elayne e com Min. Rand sabia que aquilo é que era perigoso. Sabia que não tinha

nada a oferecer a uma mulher além de sofrimento.

Ilyena, lamentou Lews Therin. *Eu a matei! A Luz há de me consumir para*

sempre!

— Deve ser coisa importante, para uma dupla de Aes Sedai aparecer desse jeito

— murmurou Rand. — Talvez seja melhor eu visitar a estalagem e descobrir por que

vieram. — Quase todos da comitiva pararam junto com ele, mas Enaila e Jalani se

entreolharam e continuaram avançando, passando por ele e indo para o jardim. Rand

ergueu a voz uma fração mínima e a deixou ainda mais dura. — As Donzelas aqui

virão comigo. Quem quiser botar um vestido e fofocar sobre juntar casais pode ficar

para trás.

Enaila e Jalani se empertigaram e se viraram para ele, um brilho de indignação

nos olhos. Era bom que Somara não estivesse na guarda naquela manhã: a mulher

provavelmente teria seguido em frente mesmo assim. Sulin remexeu os dedos,

dizendo alguma coisa na língua de sinais secreta das Donzelas. Fosse lá o que ela

estivesse dizendo, acabou com a indignação dos olhares das outras duas e as deixou

com o rosto ardendo de vergonha. Os Aiel empregavam uma variedade de gestos

quando era melhor manter o silêncio. Cada clã tinha alguns sinais específicos, assim

como cada sociedade, além dos gestos comuns entre todos os Aiel. Mas apenas as

Donzelas tinham criado uma verdadeira linguagem a partir dos sinais.

Rand se afastou do jardim, sem esperar Sulin acabar o que estava dizendo.

Aquelas Aes Sedai podiam sair de Caemlyn tão rápido quanto tinham chegado.

Olhou por cima do ombro. Aviendha ainda encarava a água — ela não tinha

reparado nele. Apressou o passo.

— Bashere, pode mandar um de seus homens aprontar os cavalos? No Portão do

Estábulo Sul. — Os portões principais do Palácio davam para a Esplanada da

Rainha, que estaria apinhada de gente na esperança de conseguir um vislumbre de

Rand. Levaria meia hora para passar, se tivesse sorte.

Com um gesto, Bashere botou a questão a encargo de um dos saldaeanos mais

jovens, que saiu em disparada. Seus passos tinham o balanço ligeiro de um homem

mais acostumado a uma sela do que às próprias pernas.

— Um homem inteligente sabe quando recuar diante de uma mulher — comentou

Bashere, para o ar —, mas um homem sábio reconhece que às vezes é preciso ficar e

enfrentá-la.

— É coisa dos jovens — retrucou Bael, em tom indulgente. — Os jovens

perseguem as sombras e fogem do luar, mas no fim das contas acabam acertando o

próprio pé com a lança que carregavam.

Alguns outros Aiel, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, soltaram risadinhas. Só

os mais velhos. Irritado, Rand olhou para trás outra vez.

— Nenhum de vocês ficaria bem de vestido.

Para sua surpresa, tanto as Donzelas quanto os Mãos de Faca riram outra vez, e

ainda mais alto. Talvez ele estivesse pegando o jeito do humor Aiel.

Tudo correu conforme o esperado quando ele saiu do Portão do Estábulo Sul e

adentrou uma das ruas sinuosas da Cidade Interna. Os cascos de Jeade'en ressoavam

nas pedras do pavimento enquanto o garanhão se remexia — o sarapintado quase

não saía mais do estábulo, ultimamente. Havia bastante gente na rua, mas nem de

longe na mesma quantidade que deveria estar apinhando os caminhos do outro lado

do Palácio, e todos ali estavam ocupados com seus afazeres. Mesmo assim, as

pessoas apontavam para ele, cochichando umas com as outras. Alguns talvez

tivessem reconhecido Bashere — que, ao contrário de Rand, circulava com

frequência pela cidade —, mas qualquer um que saísse do Palácio,

ainda mais com

uma escolta de Aiel, devia ser importante. Os cochichos e dedos apontados os

seguiram pelas ruas.

Apesar dos olhares, Rand tentou apreciar a beleza das construções Ogier da

Cidade Interna. Considerava preciosos os raros momentos em que conseguia

simplesmente parar e apreciar alguma coisa. As ruas sinuosas saíam do reluzente

Palácio Real, todo branco, e seguiam em curvas pelos contornos das colinas como se

fossem parte da paisagem natural. O lugar era pontilhado de torres elegantes

revestidas de ladrilhos coloridos, algumas com domos dourados, roxos ou brancos

cintilando à luz do sol. Em certo ponto, havia um grande espaço aberto dando vista

para um parque bem arborizado; em outro, uma colina atraía o olhar para os limites

da cidade, para as florestas e planícies ondulantes além do comprido muro branco

rajado de prata que circundava toda Caemlyn. A Cidade Interna fora projetada para

encantar e confortar os olhos. De acordo com os Ogier, apenas a própria Tar Valon e

a histórica Manetheren a superavam em beleza, e muitos humanos, sobretudo os

andorianos, acreditavam que na verdade a beleza de Caemlyn fazia jus às outras

duas.

As alvíssimas muralhas da Cidade Interna demarcavam o início da vizinha, a

Cidade Nova, com seus próprios domos e pináculos, alguns tentando competir em

altura com os da Cidade Interna, que ocupava as colinas mais altas. As ruas ali eram

mais estreitas e estavam cheias de vida. Até os bulevares mais amplos, divididos por

canteiros com fileiras de árvores, estavam lotados de gente a pé, carros de boi,

carroções puxados por cavalos, pessoas montadas ou em carruagens e liteiras. Um

burburinho pairava no ar, feito um imenso enxame de abelhas.

Avançavam ainda mais devagar por ali, mesmo com o povo abrindo caminho.

Assim como o povo nas ruas da Cidade Interna, aquela gente não sabia quem ele era,

mas ninguém queria atravancar o avanço dos Aiel — ainda assim, avançar pelas ruas

cheias em uma comitiva tão grande era algo que, simplesmente, levava tempo. E na

rua havia todo tipo de gente: fazendeiros usando lã crua; mercadores em casacos ou

vestidos de corte mais refinado; artesãos envolvidos em seus trabalhos; mascates

berrando sobre os produtos expostos em bandejas e carrinhos de mão, vendendo

desde fitas e alfinetes até frutas e fogos de artifício — e os preços dos dois últimos

itens estavam igualmente exorbitantes. Um menestrel, em seu manto coberto de

retalhos, esbarrou em três Aiel que inspecionavam as lâminas expostas nas mesas

diante da oficina de um cuteleiro. Dois sujeitos esguios de cabelos escuros e

trançados e espadas nas costas — Rand supôs que fossem Caçadores da Trombeta

— estavam parados em uma esquina, conversando com um grupo de saldaeanos

enquanto ouviam uma dupla de músicos; uma mulher na flauta e um homem

batucando um tambor. Os cairhienos, mais baixos e de pele mais clara, destacavam-

se entre os andorianos, assim como os tairenos, de pele mais escura. Mas também

havia murandianos em seus casacos compridos, altaranos em coletes elaborados,

kandorianos de barba forçada e até um par de domaneses, com seus longos brincos e

o típico bigode fino e comprido.

E outro tipo de gente também se destacava na multidão, com seus casacos

surrados e vestidos amarrotados, quase sempre sujos, com olhares fixos perdidos,

piscando em confusão, claramente sem rumo e ou ideia do que fazer. Era uma gente

que já tinha encontrado o que buscava: ele — o Dragão Renascido. Rand não tinha

noção do que fazer com aquelas pessoas, mas, querendo ou não, eram sua

responsabilidade. Não importava que ele não tivesse pedido a ninguém que jogassem

a vida fora, que nunca nem tivesse esperado que eles abandonassem tudo. Nada

importava: já estava feito. E por ele. Aquelas pessoas, se descobrissem Rand ali na

rua, poderiam muito bem subjugar os Aiel em meio ao desespero de simplesmente

tocá-lo.

Rand tocou a estátua do homenzinho gordo no bolso do casaco, o *angreal*. Era um

artefato excelente, se as coisas chegassem ao ponto de ele precisar usar o Poder

Único para se proteger de gente que abandonara tudo por sua causa. Era justamente

por isso que Rand quase nunca se aventurava pela cidade. Ou esse era pelo menos

um dos motivos — ele era ocupado demais para se dar ao luxo de perder tempo com

passaios.

Bael os guiou até uma estalagem chamada Sabujo de Culain, na parte oeste da

cidade, uma construção de pedra de três andares com telhado de azulejos vermelhos.

A multidão aglomerada na sinuosa rua lateral que levava à estalagem recuou para os

lados, se amontoando em volta da comitiva quando eles pararam na porta de entrada.

Rand tocou outra vez o *angreal* — duas Aes Sedai... provavelmente conseguiria

lidar com elas sem ajuda —, desceu da montaria e entrou. Claro que antes entraram

três Donzelas e uma dupla de Mãos de Faca, todos avançando nas

pontas dos pés e

prestes a erguer os véus. Seria mais fácil ensinar um gato a cantar do que convencer

os Aiel a se acalmarem um pouco. Dois saldaeanos ficaram com os cavalos, e

Bashere e os outros o seguiram de perto, com Bael e outros Aiel atrás — claro que

Bael deixara homens de guarda do lado de fora. Mas o que encontraram não era o

que Rand esperava.

O salão poderia ser qualquer um dos mais de cem salões de estalagem em

Caemlyn: os imensos barris de cerveja e vinho enfileirados em uma parede caiada,

sustentando uma fileira de pequenas barricas de conhaque e o gato cinza listrado

deitado bem no topo; o par de lareiras de pedra completamente vazias; o teto de

vigas, as três ou quatro serviçais de avental circulando por entre as mesas; os bancos

espalhados pelo lugar; o chão de madeira crua. O estalajadeiro, cuja enorme papada

fazia seu rosto redondo parecer ter três queixos, com o corpanzil apertado num

avental branco, aproximou-se depressa a passos pesados, limpando as mãos e

lançando um olhar nervoso na direção dos Aiel. O povo de Caemlyn já conseguira

compreender que aquele povo do deserto não sairia saqueando e incendiando tudo

— tinha sido muito mais difícil convencer os Aiel de que Andor não

era um

território conquistado e que eles não poderiam reivindicar o quinto —, mas isso não

queria dizer que os estalajadeiros estavam acostumados a receber tantos Aiel

armados em seus salões.

O estalajadeiro concentrou a atenção em Rand e Bashere, porém mais em

Bashere. Os dois obviamente eram homens de recursos, a julgar por suas roupas,

mas Bashere era bem mais velho, então o mais provável era que ele fosse o mais

importante do grupo.

— Bem-vindo, milorde, milordes... O que posso oferecer aos senhores? Tenho

vinhos de Murandy e de Andor, conhaque de...

Rand o ignorou. Havia uma diferença gritante em relação às outras centenas de

salões de estalagens na cidade: a clientela. Teria esperado encontrar pelo menos um

ou dois homens bebendo, àquela hora, mas não havia nenhum. Quase todas as mesas

estavam cheias de moças — quase todas garotas, na verdade — em vestimentas

simples. Ainda sentadas e segurando as canecas de chá, elas se viraram, espantadas,

para encarar os recém-chegados. Mais de uma soltou um murmúrio de surpresa ao

notar a altura de Bael. No entanto, nem todas olharam para os Aiel, e foram as

jovens que se voltaram para *ele*, boquiabertas, que deixaram Rand surpreso. Ele

conhecia aquelas meninas. Não conhecia todas muito bem, mas mesmo assim...

Uma em particular chamou sua atenção.

— Bo? — perguntou, incrédulo.

A garota de olhos grandes que o encarava... não conseguia entender quando a

menina passara a ser velha o bastante para trançar os cabelos. Aquela era Bodewhin

Cauthon, irmã de Mat. E ali estava a roliça Hilde Barran, sentada ao lado da magrela

Jerilin al'Caar e da bela Marisa Ahan, com as mãos espalmadas nas bochechas,

como sempre fazia quando estava surpresa. E também Emry Lewin, de corpo

robusto, Elise Marwin, Darea Candwin, e... As meninas eram todas de Campo de

Emond ou das vilas vizinhas. Passando os olhos pelas outras mesas, notou que as

garotas ali também deviam ser de Dois Rios. Pelo menos a maioria. Viu um rosto

domanês, além de pelo menos dois outros que também deveriam ser de um lugar

distante, mas poderia ter visto cada um daqueles vestidos em um dia comum em

Campo de Emond.

— Pela Luz, o que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos indo para Tar Valon — conseguiu dizer Bo, apesar da surpresa. Sua

única semelhança com Mat era o leve toque de malícia nos olhos. O espanto em vê-

lo sumiu depressa, e a jovem abriu um largo sorriso de encanto e admiração. — Para

virar Aes Sedai, que nem Egwene e Nynaeve.

— E olha que a gente poderia perguntar a mesma coisa — acrescentou Larine

Ayellin, sempre graciosa, ajeitando a grossa trança por cima do ombro com uma

displícência calculada. Era a mais velha das garotas de Campo de Emond, quase três

anos mais nova que ele, mas a única de cabelos trançados além de Bo. Larine

sempre se considerara muito importante, e era bonita o bastante para que todos os

rapazes corroborassem sua opinião. — Lorde Perrin praticamente não falou sobre

você, só comentou que você estava viajando e tendo aventuras. E usando casacos

finos, o que pelo visto é verdade.

— Está tudo bem com o Mat? — perguntou Bo, parecendo ansiosa de repente. —

Ele está com você? Minha mãe está tão preocupada... Ele não lembrava nem de

calçar meias limpas se não tivesse alguém em cima dele.

— Não — respondeu Rand, hesitante —, ele não está aqui. Mas está bem.

— A gente não imaginou que fosse encontrar você aqui em Caemlyn — comentou

Jancy Torfinn, em sua voz aguda. A menina não devia ter mais que quatorze anos:

era a mais jovem do grupo, pelo menos entre as garotas de Campo de Emond. —

Aposto que Verin Sedai e Alanna Sedai vão ficar muito felizes. As duas sempre

fazem perguntas sobre você.

Então elas eram as duas Aes Sedai ali na cidade. Rand conhecia Verin, uma irmã

Marrom, até melhor do que gostaria, mas não sabia o que pensar sobre a presença

dela na cidade. De todo modo, essa não era nem de longe a notícia mais importante.

Aquelas garotas tinham vindo de *casa*.

— Então está tudo bem em Dois Rios? Em Campo de Emond? Parece que Perrin

conseguiu chegar bem. Ei... espera aí! *Lorde* Perrin?

Aquilo abriu as comportas, liberando a torrente de novidades. As garotas de outras

vilas de Dois Rios estavam mais interessadas em espiar os Aiel, principalmente

Bael, com olhares de esquelha, e algumas até dispensavam olhares para os

saldaeanos, mas as jovens de Campo de Emond se aglomeraram ao redor de Rand e

começaram a falar ao mesmo tempo. A informação saía toda entrecortada e confusa,

pontuada por perguntas sobre ele, Mat, Egwene e Nynaeve. Mesmo que tivesse

chance de falar, Rand não levaria menos de uma hora para responder àquilo tudo.

Trollocs tinham invadido Dois Rios, mas Lorde Perrin os expulsara. As meninas

se empolgaram ao relatar a grande batalha, todas falando ao mesmo tempo e tão

rápido que foi difícil entender qualquer coisa além do fato de que houvera uma

batalha. Claro que todos da região haviam se envolvido na luta, mas Lorde Perrin

fora quem salvara o lugar. E era sempre *Lorde* Perrin — quando Rand chamava o

amigo apenas de Perrin, era corrigido com a mesma naturalidade com que as garotas

corrigiriam o erro gramatical de uma criança pequena.

Mesmo com a notícia de que os Trollocs tinham sido derrotados, Rand sentiu um

aperto no peito. Abandonara seu povo. Se estivesse lá, talvez não houvesse uma lista

de mortos tão extensa, com tantos nomes conhecidos. Porém, se tivesse voltado para

sua terra natal, não teria os Aiel ao seu lado. E não teria domínio sobre Cairhien —

pelo menos não naquela magnitude. E Rahvin com certeza teria unido Andor e

enviado os exércitos contra ele e Dois Rios. Havia um preço a ser pago por qualquer

decisão que ele tomava — e quem pagava eram os outros. Não podia esquecer que

era um preço muito menor do que o mundo pagaria sem ele — o que, claro, não

ajudava muito.

Julgando a expressão sombria de Rand como uma provável consternação diante

da lista dos mortos de Dois Rios, as garotas mais que depressa

mudaram para os

relatos mais alegres. Ao que parecia, Perrin tinha se casado com Faile. Rand desejou

que os dois fossem felizes e se perguntou quanto tempo poderia durar qualquer

felicidade que qualquer um deles encontrasse. As garotas achavam tudo muito lindo

e romântico, mas lamentavam não ter havido tempo para as festividades de costume.

Apesar de aprovarem e admirarem muito Faile, todas as jovens, até Larine, também

pareciam sentir um pouco de inveja.

O vilarejo também fora visitado por Mantos-brancos. Estavam acompanhados de

Padan Fain, o velho mascate que visitava Campo de Emond toda primavera. As

garotas não pareciam ter muita certeza se os Mantos-brancos tinham ido como

amigos ou inimigos, mas, se Rand ainda tivesse dúvidas, a união com Fain as teria

dissipado. O antigo mascate era um Amigo das Trevas — ou talvez fosse coisa ainda

pior —, e faria qualquer coisa para prejudicar Rand, Mat e Perrin. Principalmente

Rand. A pior notícia das garotas talvez fosse o fato de ninguém saber se Fain estava

vivo ou morto. De todo modo, os Mantos-brancos e os Trollocs tinham batido em

retirada, e uma torrente de refugiados cruzava as Montanhas da Névoa trazendo todo

tipo de novidades, de costumes a mercadorias, de plantas e sementes a

roupas e

tecidos. Uma das garotas ali era domanesa, e também havia duas tarabonianas e três

da Planície de Almoth.

— Larine comprou um vestido domanês — comentou a pequena Jancy, com uma

risada que a fez estreitar os olhos —, mas a mãe mandou ela devolver.

Larine ergueu uma das mãos, então parou para pensar e apenas fungou com

desdém e ajeitou a trança. Jancy deu uma risadinha.

— E quem liga para vestidos? — retrucou Susa al’Seen. — Rand não liga para

vestidos. — A jovem magra e agitada sempre se entusiasmara com as menores

coisas, e ela agora quase saltitava, apoiando-se nas pontas dos pés enquanto falava.

— Alanna Sedai e Verin Sedai testaram todo mundo lá. Bem. Quase todo mundo...

— Cilia Cole também queria ser testada — intrometeu-se Marce Eldin, uma

menina robusta de quem Rand não se lembrava muito bem, suas únicas memórias

eram da garota com a cara enfiada em algum livro, mesmo enquanto andava pela

rua. — Ela insistiu! E passou, mas disseram que ela era muito velha para ser noviça.

Susa quase não deixou Marce terminar.

— ... e nós todas passamos...

— Estamos viajando dia e noite quase sem parar desde que saímos de Ponte

Branca — intrometeu-se Bo, sem esperar por uma pausa. — É tão bom fazer uma

pausa e descansar um pouquinho...

— Você já foi a Ponte Branca, Rand? — perguntou Jancy, por cima de Bo. —

Chegou a ver a ponte em si?

— ... então estamos indo para Tar Valon, para virar Aes Sedai! — concluiu Susa,

olhando feio para Bo, Marce e Jancy ao mesmo tempo. — Em Tar Valon!

— Ainda vamos demorar um pouco para seguir para Tar Valon.

A voz, vinda da porta que levava para a rua, desviou a atenção das garotas, mas as

duas Aes Sedai que acabavam de entrar nem deram atenção para os questionamentos

prestes a surgir — ambas só tinham olhos para Rand. Apesar de partilharem da

mesma feição etérea, as duas eram bastante diferentes. Era impossível definir a idade

de qualquer uma delas, mas Verin era baixinha e gorducha, com rosto quadrado e

um toque grisalho nos cabelos; enquanto a outra, que devia ser Alanna, tinha pele

escura e o corpo esguio: uma bela mulher com olhar ardiloso, de cabelos negros e

ondulados e um brilho de gênio forte no olhar — além de uma leve vermelhidão nos

olhos, como se tivesse chorado, embora Rand achasse difícil de imaginar uma Aes

Sedai aos prantos. O vestido de montaria de Alanna era de seda cinza com listras

verdes e parecia impecável, como se ela tivesse acabado de trocar de roupa, ao passo

que o tecido marrom-claro do vestido de Verin estava um pouco amarrotado. Apesar

de a Marrom não dar muita atenção às roupas, seus olhos escuros eram bem astutos e

penetrantes. E estavam cravados em Rand feito musgos em pedra.

Dois homens vestindo casacos de um tom verde opaco acompanharam as duas

para dentro do salão. Um era parrudo e grisalho, e o outro, mais alto, era muito

magro e de pele escura, mas ambos estavam com uma espada presa à cintura, e,

mesmo sem a presença das Aes Sedai, dava para saber que eram Guardiões só pelos

movimentos fluidos. Os dois ignoraram Rand e ficaram de olho nos Aiel e nos

saldaeanos. Permaneciam imóveis e calmos, claramente prontos para qualquer

movimento súbito. Os Aiel não se mexeram, não exatamente, mas parecia que o

grupo inteiro, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, estava prestes a erguer os véus.

Os saldaeanos mais jovens de repente aproximaram as mãos do punho da espada.

Apenas Bael e Bashere pareciam realmente tranquilos. As garotas não repararam em

nada além da chegada das Aes Sedai, mas o estalajadeiro gordo notou a súbita

mudança de humores do grupo e começou a esfregar as mãos, sem dúvida já

visualizando a destruição no salão, talvez até na estalagem inteira.

— Não teremos problemas — declarou Rand, num tom alto e firme, tanto para o

estalajadeiro quanto para os Aiel. Esperava que todos os presentes tivessem

entendido o recado. — Não teremos nenhum problema, Verin, a não ser que venha

de você.

Várias garotas arregalaram os olhos ao verem Rand falando daquele jeito com

uma Aes Sedai, e Larine fungou alto.

Verin o examinou com seus olhos astutos.

— Quem somos nós para criar problemas perto de você? Vejo que você avançou

muito desde a última vez em que nos encontramos.

Rand não sabia bem por quê, mas não queria falar sobre aquilo.

— Se decidiram não ir para Tar Valon, então é porque devem ter ouvido que a

Torre está cindida. — A frase gerou um burburinho assustado entre as garotas, que

decerto não tinham ouvido as notícias. As Aes Sedai não esboçaram qualquer

reação. — Sabem onde estão as opositoras de Elaida?

— Algumas coisas devem ser discutidas em particular — respondeu Alanna,

muito calma. — Mestre Dilham, precisaremos da sala de jantar privada.

O estalajadeiro quase tropeçou nos próprios pés na pressa de assegurar que a sala

estava à disposição.

Verin saiu andando em direção a uma porta lateral.

— Por aqui, Rand.

Alanna o encarou, erguendo a sobrancelha com uma expressão indagativa.

Rand conteve um sorriso amargo. As duas mal tinham chegado e já queriam

assumir o comando, mas parecia que esse tipo de atitude era tão natural para as Aes

Sedai quanto respirar. As garotas de Dois Rios o encaravam com olhares de

diferentes níveis de pena. Sem dúvida achavam que as Aes Sedai iam arrancar seu

couro se ele não se comportasse e falasse com mais educação. Talvez Verin e

Alanna também pensassem o mesmo. Com uma mesura suave, Rand gesticulou para

que Alanna fosse na frente. Quer dizer que tinha avançado bastante, é? As duas não

faziam ideia.

Alanna respondeu à mesura com um aceno de cabeça, juntou as saias em um gesto

elegante e saiu deslizando atrás de Verin, mas foi nesse momento que os problemas

começaram. Os dois Guardiões fizeram menção de seguir as Aes Sedai, mas, antes

que pudessem dar um só passo, um par de *Sovin Nai* de olhos frios avançou para

impedi-los. No mesmo instante, Sulin mexeu os dedos na linguagem de sinais das

Donzelas, mandando Enaila e Dagendra, uma mulher grandalhona, em direção à

porta para onde as Aes Sedai estavam indo. Os saldaeanos olharam para Bashere,

que fez um gesto para que permanecessem onde estavam, mas ele próprio lançou um

olhar interrogativo para Rand.

Alanna soltou um muxoxo irritado.

— Vamos falar com ele a sós, Ihvon.

O Guardião esguio franziu o cenho, então assentiu, hesitante.

Verin olhou para trás, levemente surpresa, como se tivesse sido arrancada de seus

pensamentos.

— O quê? Ah, sim, claro. Tomas, fique aqui, por favor.

O Guardião grisalho pareceu um pouco hesitante, então olhou firme para Rand

antes de se recostar tranquilamente na parede ao lado da porta de saída. Parecia tão

tranquilo quanto o fio esticado que acionaria uma armadilha. Só depois é que os dois

Mãos de Faca que tinham se adiantado pareceram relaxar... pelo menos o tanto que

um Aiel poderia relaxar, é claro.

— Quero falar com elas sozinho — declarou Rand, encarando Sulin.

Por um momento, achou que ela fosse retrucar. A líder do grupo de Donzelas

retesou a mandíbula, mas por fim engatou alguns gestos, dando ordens para Enaila e

Dagendra, e as duas se afastaram, olhando para ele enquanto

balançavam a cabeça

em desaprovação. Sulin mexeu os dedos outra vez, e todas as Donzelas riram. Ah,

como Rand queria dar um jeito de aprender aquela linguagem de sinais... Sulin tinha

ficado escandalizada quando ele perguntou se podia.

As garotas de Dois Rios trocaram olhares confusos quando Rand saiu atrás das

Aes Sedai, e quando ele fechou a porta, ao entrar, ouvia um burburinho crescente. A

sala era pequena, mas tinha cadeiras de madeira polida em vez de bancos, e havia

castiçais de estanho na mesa lustrosa e na cornija com entalhes de vinhas sobre a

lareira. As duas janelas estavam fechadas, mas ninguém fez menção de abri-las.

Rand se perguntou se alguma das Aes Sedai notara como o calor o afetava tão pouco

quanto a elas.

— Vocês vão levar as meninas para as rebeldes? — perguntou, assim que fechou

a porta.

Verin franziu o cenho e alisou as saias.

— Você sabe muito mais a respeito disso do que nós.

— Só ouvimos falar do que se passou na Torre quando chegamos a Ponte Branca.

— O tom de Alanna era frio, mas havia calor em seus olhos, que não desviavam

dele. — O que você sabe sobre as... rebeldes? — Todo o desgosto do mundo

pareceu acompanhar aquela palavra.

Pelo visto as duas haviam ouvido os rumores em Ponte Branca, então tinham ido

correndo para lá e mantido tudo escondido das garotas. Pelas reações de Bo e das

outras, a decisão de não ir a Tar Valon era novidade. Ao que parecia, as duas só

tinham confirmado que os rumores eram verdadeiros naquela mesma manhã.

— Imagino que vocês não vão me dizer quem é sua espiã em Caemlyn.

As duas simplesmente o encararam, e Verin inclinou a cabeça para analisá-lo. Era

estranho pensar em como já ficara inquieto ao ser alvo do olhar de uma Aes Sedai,

que sempre pareciam tão serenas e no controle da situação. Já não sentia o estômago

se revirar, ansioso, quando encarava de frente uma — ou mesmo duas — Aes Sedai.

Ah, o orgulho, comentou Lews Therin, soltando uma risada insana, e Rand conteve

uma careta.

— Fui informado de que existe um grupo de rebeldes. E vocês não negaram saber

onde elas estão. Não desejo nenhum mal a elas, longe disso. Tenho motivos para

crer que podem me apoiar.

Rand preferiu manter segredo sobre a principal razão de querer saber o paradeiro

das rebeldes. Talvez Bashere estivesse certo, talvez ele realmente precisasse do

apoio das Aes Sedai, mas o que mais o impelia a descobrir onde as outras estavam

era ter sido informado de que Elayne estava com elas. Precisava dela para conquistar

Andor sem violência. Era só por isso que a estava procurando. Só por isso. Rand

sabia que ele era tão perigoso para a Filha-herdeira quanto para Aviendha.

— Pelo amor da Luz, se souberem, me digam.

— Se soubéssemos — retrucou Alanna —, não teríamos o direito de contar a

ninguém. Se elas decidirem apoiar você, pode ter certeza de que virão ao seu

encontro.

— E no tempo delas — acrescentou Verin —, não no seu.

Rand abriu um sorriso taciturno. Deveria ter esperado isso, talvez até menos. O

que o guiava era o conselho de Moiraine, no dia em que ela morreu: não confiar em

mais nenhuma mulher que usasse o xale.

— Mat está com você? — perguntou Alanna, em um tom que sugeria que aquilo

realmente tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Se eu soubesse onde ele está, por que contaria a vocês? E então, já é minha vez

de perguntar de novo? — Elas não pareceram achar graça.

— É tolice sua nos tratar como inimigas — murmurou Alanna, aproximando-se.

— Você parece abatido. Está conseguindo descansar direito?

Quando a mulher ergueu a mão, Rand deu um passo atrás, afastando-se. Ela

parou.

— Assim como você, Rand, não tenho intenção de causar mal. Isso não vai

machucá-lo.

Alanna organizara a frase de um jeito tão direto que não tinha como não ser

verdade. Rand assentiu, e a mulher ergueu a mão para tocar sua cabeça. A pele de

Rand formigou de leve quando Alanna abraçou *saidar*, e ele sentiu uma onda morna

e familiar percorrer o corpo — a sensação de alguém conferindo sua saúde.

A mulher assentiu, satisfeita. Então aquela sensação morna virou um calor intenso

de repente, como se ele tivesse sido transportado por um instante para o meio de

uma caldeira crepitante. Mesmo depois que o calor passou, Rand se sentiu estranho,

muito mais consciente de si mesmo do que jamais estivera, muito consciente da

presença de Alanna. Ele balançou o corpo de leve, ligeiramente tonto, os músculos

fracos. Sentiu um eco de confusão e desconforto vindo de Lews Therin.

— O que você fez? — inquiriu. Furioso, agarrou *saidin*. A força do Poder Único o

ajudou a se manter de pé. — O que foi que você fez?

Sentiu uma pancada no fluxo que o unia à Fonte Verdadeira. As mulheres estavam

tentando blindá-lo! Urdiu seus próprios escudos e os jogou com força contra as duas.

Ah, tinha mesmo avançado muito e aprendido bastante desde a última vez que

encontrara Verin. A Marrom cambaleou, apoiando-se na mesa, e Alanna grunhiu,

como se tivesse levado um soco.

— O que foi que você fez? — Mesmo no Vazio frio e desapaixonado, sentiu que a

voz saía rascante. — Me responda! Eu não prometi que não machucaria vocês. Se

não me disserem...

— Ela criou um elo com você — respondeu Verin, mais do que depressa. Se a sua

serenidade tinha sido abalada, ela a recuperou em um instante, porque continuou, a

voz tranquila: — Ela fez de você um de seus Guardiões, com um elo. Foi isso.

Alanna recuperou a compostura ainda mais depressa. Mesmo blindada, a mulher o

encarou com toda a calma, os braços cruzados e um leve brilho satisfeito nos olhos.

Satisfeito!

— Eu falei que não ia machucá-lo. E, de fato, fiz o oposto.

Rand tentou se acalmar, respirando lenta e profundamente. Caíra no jogo dela

feito um patinho. Sentia a ira rastejando fora do Vazio. Calma. Precisava manter a

calma. Um Guardião. Então ela era uma Verde. Não que fizesse diferença. Rand não

sabia muito sobre Guardiões, e não tinha ideia de como quebrar o elo — não sabia

nem se era possível. Sentia apenas choque e espanto emanando de Lews Therin. Não

pela primeira vez, desejou que Lan não tivesse fugido a galope logo após a morte de

Moiraine.

— Vocês disseram que não vão para Tar Valon. Nesse caso, e já que parecem não

ter muita certeza se sabem ou não onde as rebeldes estão, podem ficar aqui em

Caemlyn. — Alanna abriu a boca, mas ele não a deixou falar. — E deviam ficar

gratas por eu não atar a blindagem e largar as duas assim! — Aquilo as fez parar e

ouvir. Verin comprimiu os lábios, e o brilho de raiva nos olhos de Alanna podia se

equiparar ao calor daquela fornalha em que ele mergulhara mais cedo. — Mas vão

ficar longe de mim. As duas. Estão proibidas de entrar na Cidade Interna, a não ser

que sejam convocadas por mim. Se tentarem entrar lá, podem acreditar que *vou*

deixar as duas presas nesse escudo, além de jogá-las em uma cela. Estamos

entendidos?

— Perfeitamente. — Apesar do fogo nos olhos, a voz de Alanna era puro gelo.

Verin limitou-se a assentir.

Rand parou assim que abriu a porta. Tinha se esquecido das garotas de Dois Rios.

Umas conversavam com as Donzelas, outras apenas as observavam, cochichando

por trás das canecas de chá. Bo e um grupo das meninas de Campo de Emond

interrogavam Bashere, que estava agarrado a uma caneca de estanho, com um dos

pés apoiado em um banco. Pareciam metade entretidas, metade horrorizadas. O

barulho da porta se abrindo as fez virar a cabeça de repente.

— Rand! — exclamou Bo — Este sujeito aqui está falando umas coisas horríveis

de você.

— Ele disse que você é o Dragão Renascido — balbuciou Larine.

Ao que parecia, as outras garotas espalhadas pelo salão ainda não tinham ouvido a

novidade, e todas soltaram murmúrios surpresos.

— Eu sou — confirmou Rand, cansado.

Larine fungou e cruzou os braços.

— Percebi que você estava se achando todo importante assim que vi esse casaco,

ainda mais depois de ter ido embora com uma Aes Sedai. E notei isso antes mesmo

de você ser tão desrespeitoso com Alanna Sedai e Verin Sedai. Mas não sabia que

você tinha virado um completo idiota.

Bo soltou uma risada, mas parecia mais de medo do que de alguém que achava

graça.

— Você não devia dizer essas coisas, Rand, nem mesmo de

brincadeira. Tam

criou você direito, e não para essas besteiras. Você é Rand al'Thor.
Agora deixe de

bobagem.

Rand al'Thor. Era mesmo seu nome, mas ele mal sabia quem era. Tam
al'Thor o

criara, mas seu pai na verdade era um chefe de clã Aiel morto havia
muito. Sua mãe

era uma Donzela, mas não era Aiel. E isso era tudo o que sabia sobre
quem

realmente era.



Saidin ainda o preenchia. Com toda a delicadeza, envolveu Bo e Larine
em fluxos

de Ar e ergueu as duas até ficarem com os pés balançando.

— Eu sou o Dragão Renascido. Negar isso não muda nada. Nem
desejar que seja

mentira. Eu não sou o homem que vocês conheceram em Campo de
Emond.

Entendem agora? Entendem? — Reparou que estava gritando e calou
a boca.

Sentia o estômago pesado feito chumbo, estava tremendo. Por que Alanna fizera

aquilo? Que conspirações de Aes Sedai se escondiam por trás daquele belo rosto?

Moiraine lhe dissera para não confiar em nenhuma delas.

Sentiu uma mão tocar seu braço e girou a cabeça com um solavanco.

— Por favor, ponha as meninas no chão — pediu Alanna. — Por favor. Elas estão

assustadas.

E estavam mais do que assustadas. Larine estava completamente pálida, a boca

escancarada como se ela quisesse gritar e não lembrasse o que precisava fazer. Bo

soluçava tanto que seu corpo todo tremia. E não eram as únicas. As outras garotas de

Dois Rios tinham se afastado ao máximo dele, abraçadas umas com as outras, e a

maioria também chorava. As serviçais também tinham se juntado ao grupinho,

chorando tanto quanto as meninas. O estalajadeiro estava caído de joelhos, de olhos

arregalados, murmurando sons indistintos.

Rand desceu as duas garotas de volta para o chão e soltou *saidin* depressa.

— Me desculpem. Não quis assustar vocês. — Assim que conseguiram se mover,

Bo e Larine saíram correndo para perto das outras. — Bo? Larine? Me desculpem.

Não vou machucar vocês, prometo.

As duas não olharam para ele. Nenhuma das garotas olhou. Claro que

Sulin o

encarava, assim como as outras Donzelas, todas impassíveis e com olhares de

reprovação.

— O que está feito, está feito — disse Bashere, deitando a caneca. — Talvez seja

melhor assim. Quem sabe?

Rand assentiu, hesitante. Provavelmente era mesmo melhor que as garotas

quisessem manter distância dele. Melhor para elas. Só queria ter conseguido

conversar um pouquinho mais sobre as notícias de casa. Ter um pouquinho mais de

tempo para ser apenas Rand al'Thor. Ainda sentia os joelhos tremendo por conta do

elo, mas depois que começou a andar só parou ao subir na sela de Jeade'en. Melhor

que tivessem medo dele. Melhor esquecer Dois Rios de vez. Ficou se perguntando se

a montanha algum dia ficaria mais leve, ou se seu peso só aumentaria cada vez mais.



CAPÍTULO 11

AULAS E PROFESSORES

Assim que Rand saiu da estalagem, Verin soltou o suspiro que estivera segurando.

Tinha alertado Sivan e Moiraine sobre quanto aquele garoto era perigoso. Mas

nenhuma das duas lhe dera ouvidos, e agora, após pouco mais de um ano, Sivan

estava estancada e provavelmente morta, enquanto Moiraine... As ruas fervilhavam

com rumores sobre o Dragão Renascido instalado no Palácio Real, quase todos

inacreditáveis, e nada digno de crédito sequer mencionava alguma Aes Sedai.

Moiraine até podia ter decidido deixar Rand pensar que estava seguindo o próprio

caminho, mas jamais permitiria que o rapaz se afastasse — não com a situação como

estava, com Rand reunindo tamanho poder. Não num momento como aquele, com o

jovem representando tamanho perigo. Será que Rand havia se voltado contra

Moiraine com ainda mais violência do que demonstrara contra ela e Alanna, havia

pouco? O rapaz envelhecera desde a última vez em que o vira, e seu rosto

apresentava as marcas de uma vida difícil. Só a Luz sabia como Rand tinha uma vida

bastante dura, mas Verin se perguntava se aquelas marcas no rosto dele também não

estavam relacionadas com a dificuldade em manter a sanidade?

Pois então. Moiraine morta, Siuan morta, a Torre Branca cindida, e Rand

possivelmente à beira da loucura. Verin soltou um grunhido irritado. Quando se

corria riscos, às vezes a conta chegava em momentos inesperados, e o pagamento

nunca era na moeda prevista. Passara quase setenta anos trabalhando com extrema

cautela e dedicação, e aquele garoto poderia ter botado tudo a perder. Mas Verin

vivera tempo demais e passara por coisas demais para ficar balançada. *Vamos por*

partes. Melhor resolver o que dá para resolver agora, em vez de perder tempo se

preocupando com o que talvez não aconteça nunca. Aprendera essa lição a duras

penas, mas nunca deixou de segui-la.

Primeiro precisava acalmar as jovens, que ainda estavam encolhidas em um canto

feito um rebanho de ovelhas assustadas, agarradas umas às outras,

soluçando e

escondendo o rosto. Verin entendia muito bem o que elas estavam sentindo. Não era

a primeira vez que ela confrontava um homem capaz de canalizar, muito menos o

Dragão Renascido em pessoa, mas sentia o estômago revirar como se estivesse em

um navio em alto-mar. Começou com palavras de consolo, um tapinha no ombro

aqui, um afago no cabelo ali, tentando manter um tom maternal na voz. Conseguiu

restabelecer boa parte da calma só de convencer as meninas de que Rand tinha ido

embora, e para isso precisara persuadir quase todas a abrirem os olhos. Pelo menos

com isso os soluços passaram, mas Jancy ainda exigia, insistente, que alguém lhe

dissesse que Rand estava mentindo, que tinha sido apenas um truque. Bodewhin

implorava, com a mesma veemência, que seu irmão fosse localizado e resgatado —

ah, Verin faria quase qualquer coisa para saber onde Mat estava —, e Larine

balbuciava que precisavam deixar Caemlyn naquele mesmo dia, e sem demora.

Verin puxou uma das serviçais para um canto. A mulher de rosto comum, apesar

de pelo menos vinte anos mais velha que qualquer uma das meninas de Dois Rios,

estava com os olhos arregalados e ainda tremia e secava as lágrimas com o avental.

Depois de perguntar qual era seu nome, Verin pediu:

— Azril, traga um chá fresco para todas. Bem quente e com bastante mel. E ponha

um pouquinho de conhaque. — Então examinou a jovem mulher por um instante e

acrescentou: — Ponha um tanto mais que um pouquinho, melhor dar uma dose

generosa para cada uma. — Aquilo ajudaria a acalmar os nervos. — E quero que

você e as outras serviçais também tomem um pouco.

Azril fungou, piscou e limpou o rosto, mas aquiesceu com uma mesura — receber

a ordem de desempenhar uma tarefa corriqueira pareceu aplacar suas lágrimas,

embora ela continuasse com medo.

— Sirva as garotas em seus quartos — mandou Alanna, e Verin aquiesceu.

Dormir um pouco faria maravilhas aos ânimos delas. Não fazia muito tempo que

as meninas estavam fora da cama, mas a mistura do conhaque com a viagem difícil

que tiveram até ali daria conta do recado.

A ordem causou comoção.

— Não podemos nos esconder aqui — conseguiu dizer Larine, entre fungadas e

soluços. — Precisamos ir embora! Agora! Ele vai matar todas nós!

As bochechas de Bodewhin estavam úmidas e reluzentes, mas o rosto assumira

uma expressão determinada. A teimosia de Dois Rios causaria problemas àquelas

jovens.

— Temos que encontrar Mat. Não podemos deixar meu irmão com aquele... com

um homem capaz de... não podemos! Mesmo que ainda seja Rand, não podemos!

— Quero ver Caemlyn — gemeu Jancy, com um ganido, embora ainda estivesse

trêmula.

As outras fizeram coro às três. Algumas apoiavam Jancy, apesar de ainda estarem

tremendo de medo, mas a maioria se juntara, inflexível, na exigência de ir embora.

Elle, um dos achados mais promissores em Dois Rios, uma garota alta e bonita de

Colina da Vigília, voltou a chorar a plenos pulmões.

Verin precisou de todo o seu autocontrole para não começar a distribuir tapas. As

mais jovens até tinham desculpa para agir daquele jeito, mas Larine, Elle e algumas

outras garotas usavam os cabelos trançados porque supostamente já eram mulheres.

Além disso, apenas duas tinham sido tocadas pelos fluxos de Poder de Rand, e o

perigo já passara. Por outro lado, estavam todas cansadas, além de a visita de Rand

ter sido um choque — um dos muitos que as meninas decerto enfrentariam no futuro

—, então Verin conteve a irritação.

Mas Alanna não pensava da mesma forma. Mesmo entre as Verdes, era conhecida

pelo gênio imprevisível, que nos últimos tempos andava ainda pior.

— Vocês vão para os quartos agora mesmo — declarou, com frieza. Mas a frieza

só estava no tom.

Verin soltou um suspiro ao ver a companheira de viagem urdir Ar e Fogo em uma

Ilusão. Exclamações de assombro tomaram o salão da estalagem, e os olhos já

arregalados das meninas se abriram ainda mais. Não havia necessidade daquela

demonstração, mas o costume das Aes Sedai ditava que não era certo desautorizar

uma irmã em público, e, para dizer a verdade, a Marrom se viu aliviada quando os

ganidos de Elle enfim cessaram. Até a própria Verin estava com os nervos à flor da

pele. Claro que as jovens, ainda sem treinamento, não conseguiam ver os fluxos.

Para elas, Alanna ficava maior a cada palavra, e sua voz parecia cada vez mais alta

— não era o tom que mudava, e sim a intensidade, adequando-se ao tamanho que ela

parecia ter.

— Vocês se tornarão noviças, e a primeira lição é aprender a obedecer às Aes

Sedai. Na hora em que são mandadas. E sem reclamar nem choramingar. — Alanna

estava parada no meio do salão, e Verin não via diferença em sua aparência, mas a

cabeça da Ilusão tocava as vigas do teto. — Agora vão logo! Quem não estiver no

quarto quando eu contar até cinco vai se arrepender da decisão até a hora da morte.

Um. Dois...

As meninas saíram correndo e fazendo uma barulheira, subindo as escadas nos

fundos do salão em desespero, antes que a Verde chegasse ao três. Verin ficou

surpresa ao notar que nenhuma tinha sido pisoteada.

Alanna não se deu ao trabalho de contar além de quatro: soltou *saidar* assim que a

última garota de Dois Rios desapareceu no andar de cima, deixando a Ilusão sumir, e

balançou a cabeça de leve, satisfeita. Verin imaginava que todas precisariam de uma

boa dose de convencimento até para enfiar as cabeças para fora da porta dos quartos.

E talvez fosse melhor assim. Com as coisas como estavam, não queria ter que ir

atrás de ninguém que saísse às escondidas para dar um passeio por Caemlyn.

Claro que a Ilusão de Alanna não fez efeito apenas nas futuras noviças. Tiveram

que convencer as serviçais a saírem de debaixo das mesas, e a mulher que caíra

enquanto tentava se arrastar até a cozinha precisou de ajuda para se levantar. As

serviçais não soltaram um pio, apenas tremiam feito vara verde. Cada uma delas

precisou de um leve empurrãozinho de Verin para começar a se mexer, e a Marrom

ainda teve que repetir a ordem de que servissem chá e conhaque três

vezes antes de

Azril parar de encará-la como se estivesse brotando mais uma cabeça em seu

pescoço. O estalajadeiro estava de queixo caído, os olhos pareciam a ponto de saltar

das órbitas. Verin olhou para Tomas e gesticulou para o sujeito abalado.

Seu Guardião a encarou com o mesmo olhar amargo de todas as vezes em que

Verin pedia a ele que resolvesse problemas triviais — mesmo assim, o homem

raramente questionava suas ordens —, então passou um dos braços por cima dos

ombros de Mestre Dilham e perguntou, em um tom jovial, se ele não gostaria de

acompanhá-lo em algumas canecas do melhor vinho da casa. Tomas era um bom

homem, com talentos surpreendentes. Ihvon estava sentado com as costas na parede

e as botas apoiadas em uma mesa, um olho na porta e outro em Alanna — o olho em

Alanna estava bastante atento. O homem estava ainda mais solícito com ela desde a

morte de Owein, o outro Guardião da Verde, além de, sabiamente, tratá-la com ainda

mais delicadeza para não provocar seu mau gênio — embora, no geral, Alanna se

controlasse um pouco melhor. E a Verde não demonstrava o menor interesse em

ajudar a arrumar a bagunça que fizera. Estava parada de braços cruzados no meio do

salão, olhando para o nada. Para qualquer um que não fosse Aes Sedai, a mulher

parecia a encarnação da serenidade. Para Verin, a Verde estava prestes a explodir.

A Marrom foi até ela e tocou seu braço.

— Precisamos conversar.

Alanna a encarou com um olhar indecifrável e, sem dizer uma palavra, saiu

deslizando a passos elegantes em direção à sala de jantar particular.

Às suas costas, Verin ouviu Mestre Dilham dizer, com a voz trêmula:

— Acha que eu posso dizer que o Dragão Renascido é freguês da minha

estalagem? Ele entrou aqui, afinal.

A Marrom deu um leve sorriso. Pelo menos aquele homem ficaria bem. O sorriso

sumiu assim que ela fechou a porta atrás de si.

A Verde andava de um lado para o outro pela pequena sala de jantar, batendo o

pé, a seda das saias divididas farfalhando a cada passo, um sussurro tão leve quanto

o de espadas sendo desembainhadas. A serenidade sumira de seu rosto.

— Que audácia! Ele nos deteve! Nos *restringiu*!

Verin a observou por uns momentos antes de responder. Levava dez anos para

superar a morte de Balinor e estabelecer um elo com Tomas. A verde estava com os

nervos à flor da pele desde a morte de Owein e passara tempo demais contendo as

emoções. Os poucos arroubos de choro que ela se permitira desde que partiram de

Dois Rios não eram o suficiente — a mulher precisava deixar a tristeza sair.

— Imagino que ele realmente tenha como nos manter longe da Cidade Interna,

botando guardas no portão, mas não pode nos prender aqui em Caemlyn.

Aquilo suscitou o olhar fulminante que Verin esperava. Rand podia ter aprendido

bastante sozinho, mas era pouco provável que soubesse tecer selos que as

prendessem ali, então as duas não teriam muita dificuldade em partir — mas para

isso teriam que abandonar as garotas de Dois Rios. Não se encontrava um tesouro

como o de Dois Rios desde... Verin não conseguia nem imaginar quanto tempo

fazia. Talvez desde as Guerras dos Trollocs. Eram muitas garotas. Tinham

estabelecido um limite de idade de dezoito anos — mesmo garotas tão jovens em

geral tinham dificuldades em aceitar as restrições da vida de noviça —, mas, se

tivessem aumentado esse limite em apenas cinco anos, estariam levando o dobro de

garotas, se não mais. Cinco das que traziam consigo — cinco! — tinham nascido

com a centelha, inclusive a irmã de Mat, uma garota chamada Wile e a jovem Jancy:

aquelas garotas conseguiriam canalizar, não importava se alguém as ensinasse ou

não, e seriam muito fortes. Ela e Alanna tinham deixado outras duas para trás, para

serem recolhidas dali a um ou dois anos, quando tivessem idade suficiente para sair

de casa. Não havia muito perigo: sem treinamento, as nascidas com a habilidade

raramente manifestavam o poder antes dos quinze anos. Todas as outras prometiam

um talento excepcional, cada uma delas. Dois Rios era um veio de ouro puro.

Depois de chamar a atenção da Verde, Verin mudou de assunto. Não tinha a

menor intenção de abandonar aquelas jovens. Ou de se afastar mais do que o

necessário de Rand.

— Acha que ele está certo em relação às rebeldes?

Alanna cerrou os punhos, agarrando as saias, então relaxou as mãos.

— Fico com nojo só de pensar na possibilidade! Será que realmente chegamos a

esse ponto... — Sua voz foi morrendo, meio perdida. Deixou os ombros caírem. Já

dava para ver o prenúncio das lágrimas, que ela quase não conseguia conter.

Com a ira da Verde atenuada, Verin decidiu que era hora de fazer algumas

perguntas, antes de deixá-la irritada outra vez.

— Será que com algum incentivo a sua açougueira conseguiria nos dizer alguma

coisa sobre o que aconteceu em Tar Valon?

A açougueira não era realmente de Alanna, e sim uma agente da Ajah

Verde — só

tinha sido descoberta porque Alanna reparara no sinal que indicava um aviso urgente

no exterior da loja. Não que a Verde tivesse lhe contado qual era o sinal, claro. A

Marrom certamente não teria revelado nenhum segredo das Marrons.

— Não. A mulher não sabe nada além daquela mensagem, que já foi o bastante

para deixar sua boca tão seca que ela mal conseguia pronunciar as palavras.

A mensagem. “Todas as Aes Sedai leais devem retornar à Torre. Tudo está

perdoado.” Aquilo, pelo menos, era a essência da mensagem. Um lampejo de raiva

cintilou nos olhos de Alanna, mas durou apenas um instante e não teve a mesma

força de antes.

— Não fosse por todos esses boatos, eu jamais teria revelado identidade da

informante a você — declarou a Verde.

Não fossem os boatos e o fato de ela estar com as emoções tão fora de controle.

Pelo menos a mulher tinha parado de andar de um lado para o outro.

— Eu sei — retrucou Verin, sentando-se à mesa —, e vou respeitar o segredo.

Mas você tem que concordar que essa mensagem confirma os rumores que ouvimos.

A Torre está cindida. É bem provável que *de fato* tenha rebeldes em algum lugar. A

questão é: o que faremos?

Alanna a encarou como se Verin estivesse louca, o que não era de se espantar:

Siuan só podia ter sido deposta pelo Salão da Torre, segundo as leis da Torre. Só a

sugestão de ir contra a lei da Torre já era algo inimaginável. Mas, por outro lado, ver

a Torre cindida também era inimaginável.

— Se ainda não tiver uma resposta, pense um pouco a respeito. E considere isto:

Siuan Sanche foi uma das responsáveis por o jovem al'Thor ter sido encontrado, em

primeiro lugar. — Alanna abriu a boca, decerto para perguntar como Verin sabia

daquilo e se também tinha parte da responsabilidade, mas a Marrom não deu nem

chance. — E apenas uma mente simplória poderia acreditar que a responsabilidade

por ter encontrado o Dragão Renascido não teve relação com a deposição da

Amyrlin. Não existem coincidências assim tão grandes. Então é melhor pensar em

qual deve ser a opinião de Elaida sobre Rand. Não esqueça que ela era Vermelha. E,

enquanto pensa no assunto, quero que me responda uma coisa: onde você estava

com a cabeça para formar um elo com ele daquele jeito?

Alanna não deveria ter ficado surpresa com a pergunta, mas ficou. A Verde

hesitou, então puxou uma cadeira e também se sentou, ajeitando as saias, antes de

responder.

— Era a coisa mais lógica a se fazer, com ele ali na nossa frente. E deveria ter

sido feito há muito tempo. Mas vocês não conseguiram... ou não quiseram. —

Como a maioria das Verdes, Alanna achava um pouco surpreendente que as outras

Ajahs insistissem que cada irmã devesse ter apenas um Guardião. E era melhor nem

mentonar o que achavam sobre as Vermelhas preferirem não ter nenhum. —

Alguém devia ter forjado um elo com aqueles três desde que o encontraram. São

importantes demais para ficarem à solta, ainda mais al'Thor.

A Verde de repente ficou com as bochechas coradas. Ela ainda levaria um bom

tempo para voltar a ter as emoções sob controle.

Verin sabia a causa do rubor: Alanna tinha se descuidado e soltado a língua. As

duas mantiveram o olho em Perrin durante as longas semanas enquanto testavam as

moças de Dois Rios, mas Alanna logo parara de falar sobre a necessidade de

estabelecer um elo com ele. O silêncio se devia à ameaça simples, porém fervorosa,

de Faile — e feita bem longe dos ouvidos de Perrin — de que Alanna não sairia viva

de Dois Rios se ousasse fazer uma coisa daquelas. Claro que a ameaça não teria

funcionado caso Faile soubesse alguma coisa sobre o elo entre uma Aes Sedai e seu

Gaidin, mas fora justamente sua ignorância que refreara a Verde. Era

bem provável

que a frustração de ter sido impedida pela ameaça de uma garota qualquer, somada à

exaustão, que levava Alanna a fazer aquilo com Rand. A mulher não tinha apenas

forjado um elo com ele: tinha feito aquilo sem permissão. Uma prática abandonada

havia centenas de anos.

Bem, pensou Verin, secamente, eu também violei alguns costumes ao longo da

vida.

— Lógica? — perguntou, abrindo um sorriso para abrandar as palavras. — Você

está parecendo uma Branca. Muito bem. E o que vai fazer, agora que Rand é seu?

Considerando a lição que ele acabou de nos dar. O que me lembra uma história de

quando eu era menina, dessas que contavam à beira da lareira, sobre uma mulher que

conseguiu botar sela e rédea em um leão. Ela adorou a nova montaria, até que

descobriu que nunca mais poderia desmontar nem dormir.

Alanna estremeceu e esfregou os braços.

— Ainda não consigo acreditar em como ele é forte. Se pelo menos tivéssemos

nos unido mais cedo... E eu tentei... mas fracassei... Ele é tão forte!

Até Verin teve que fazer um esforço para conter o tremor. Alanna estava falando

do momento em que uniram suas forças para manejar uma quantidade maior de

Poder, e Verin não via como poderiam ter feito isso mais cedo — a não ser que

Verde estivesse sugerindo que tivessem se unido antes de ela estabelecer o elo de

Guardião. A Marrom não sabia dizer o que poderia ter acontecido caso tivessem se

atrevido a tanto. De todo modo, o encontro com al'Thor fora uma sucessão de

acontecimentos horríveis. Depois de descobriram que não conseguiam apartá-lo da

Fonte Verdadeira, tiveram que testemunhar o desdém com que ele, sem a menor

dificuldade, blindara as duas ao mesmo tempo, rompendo sua ligação com *saidar*

como se cortasse um fio. As duas, e de uma só vez. Impressionante. Quantas

mulheres seriam necessárias para blindá-lo e contê-lo? Todas as treze, como ditava a

tradição? Aquilo era apenas um costume antigo, mas no caso dele talvez de fato

fosse necessário. Bem, de qualquer forma, não era hora de pensar naquilo.

— E ainda temos que pensar na questão da anistia.

Alanna arregalou os olhos.

— Você não pode acreditar numa coisa dessas! Sempre que surgia um falso

Dragão, vinham também os boatos de que o sujeito estava reunindo homens capazes

de canalizar. Mas eram apenas boatos, e tão falsos quanto os homens que se diziam

Dragões. Esses homens querem todo o poder para si, não gostam de

dividir nada

com os outros.

— Ele não é um falso Dragão — retrucou Verin, muito calma. — Isso muda tudo.

Se um dos boatos é verdadeiro, o outro pode ser também. E essa história de anistia

está na boca do povo desde que saímos de Ponte Branca.

— Mesmo que seja verdade, talvez ninguém tenha vindo. Nenhum homem

decente sonha em canalizar. Teríamos um falso Dragão por semana, se houvesse

muitos homens com essas ideias.

— Ele é *ta'veren*, Alanna. Ele atrai o que necessita.

Alanna abriu e fechou a boca, cerrando os punhos apoiados sobre o tampo da

mesa até os dedos ficarem brancos, de tanta força. Não restava mais nenhum traço

da tranquilidade das Aes Sedai em seu rosto, e ela estava visivelmente trêmula.

— Não podemos permitir uma coisa dessas... Agora temos homens canalizando à

solta pelo mundo? Se for verdade, precisamos dar um fim nisso. É nossa obrigação!

O acesso de raiva estava prestes a irromper outra vez, e os olhos de Alanna

fiscavam.

— Precisamos saber onde al'Thor está mantendo esses homens, antes de pensar

no que fazer com eles — retrucou Verin, ainda calma. — O Palácio Real parece um

bom local para isso, mas vai ser difícil descobrir se não tivermos acesso à Cidade

Interna. Proponho o seguinte...

Alanna se inclinou para a frente e ouviu com atenção.

O plano ainda precisava de muitos ajustes, mas podiam deixar quase todos para

mais tarde. Ainda havia diversas questões a serem respondidas, porém isso também

ficaria para depois. Moiraine estava mesmo morta? Se sim, como morrera? Havia

mesmo rebeldes? E como ela e Alanna deveriam se posicionar nessa cisão entre as

Aes Sedai? Era melhor tentarem entregar Rand a Elaida ou às rebeldes? E onde

estavam essas Aes Sedai foragidas? O paradeiro das rebeldes era uma informação

valiosa, independente das respostas para as outras perguntas. Como poderiam tirar

proveito da corrente tão frágil que Alanna colocara em Rand? Será que era boa ideia

uma delas, ou quem sabe as duas, tentar tomar o lugar de Moiraine? Pela primeira

vez desde que Alanna extravasara seus sentimentos, tão à flor da pele depois da

morte de Owein, Verin ficou feliz por isso ter demorado tanto. Naquele estado tão

volúvel e confuso, a Verde ficava mais suscetível a aceitar sua orientação, e Verin

sabia exatamente qual devia ser a resposta para algumas daquelas perguntas. E sabia

que Alanna não ia gostar nada de algumas das respostas. Melhor que

ela só

descobrisse quando já fosse tarde demais.

* * *

Rand galopou de volta para o Palácio, aos poucos foi deixando para trás até mesmo

os Aiel, ignorando os gritos de sua comitiva e a contrariedade das pessoas em seu

trajeto, que sacudiam o punho no ar por precisarem saltar para fora do caminho de

Jeade'en — ignorava até o rastro de confusão que deixava, com liteiras e carruagens

enroscadas com as rodas dos carrinhos de venda. Bashere e seus homens, que

usavam cavalos menores, mal conseguiam manter o ritmo. Rand não sabia muito

bem por que estava com tanta pressa — não levava notícias tão urgentes assim —,

mas, conforme a tremedeira em seus braços e pernas diminuía, aumentava a

percepção de que continuava muito consciente de Alanna. Podia *senti-la*. Era como

se a mulher tivesse se esgueirado para dentro de sua mente e se alojado lá. Se podia

senti-la, então a Aes Sedai também o sentia? O que mais ela podia fazer? O que

mais? Precisava escapar daquilo.

Orgulho, disse Lews Therin, gargalhando. Pela primeira vez, Rand não tentou

silenciar a voz.

Não era ao palácio que estava pensando em ir, mas para Viajar era preciso

conhecer o lugar de partida ainda melhor que o de chegada. Quando entrou no

Estábulo Sul, jogou as rédeas do garanhão para um cavaleiro de colete de couro e

saiu correndo. As pernas compridas o mantiveram à frente dos saldaeanos que o

tinham seguido até ali, e Rand disparou por corredores onde serviçais o encaravam,

boquiabertos, curvando-se em mesuras e reverências assim que o viam passar a toda.

No Grande Salão, Rand agarrou *saidin*, abriu o vão no ar e disparou, avançando pela

clareira próxima à fazenda e largando a Fonte Verdadeira.

Soltando um longo suspiro, ele caiu de joelhos sobre as folhas mortas. Sentia o

golpe duro do calor do sol, que atravessava por entre os galhos nus das copas das

árvores. Já fazia um bom tempo que perdera a concentração necessária para se

manter indiferente à temperatura. Ainda sentia a mulher ali, porém era uma sensação

mais fraca — se é que dava para chamar de fraca a certeza de que Alanna estava

naquela direção. Poderia apontar para onde ir mesmo de olhos fechados.

Agarrou *saidin* outra vez, apenas por um instante, mergulhando naquele êxtase de

fogo, gelo e lodo rançoso. Uma espada em sua mão. Uma espada de fogo — de Fogo

—, com uma garça escura na lâmina vermelha e meio curvada. Mas não conseguia

se lembrar de ter pensado na arma. Era Fogo, mas o cabo longo era frio e rígido

contra a palma da mão. O Vazio não fazia diferença, o Poder não fazia diferença.

Alanna ainda estava li, enroscada em um canto de seu cérebro, à espreita.

Com uma risada amarga, Rand soltou o Poder outra vez e se ajoelhou ali mesmo.

Ah, como estivera confiante. Eram apenas duas Aes Sedai. Claro que conseguia dar

conta delas — não dera conta de Egwene e Elayne juntas? O que aquelas mulheres

poderiam fazer a ele? Percebeu que a risada persistia. Parecia incapaz de parar. Bem,

era mesmo engraçado. Aquele orgulho idiota... O excesso de confiança. Aquilo já

lhe metera em problemas antes — e não só a ele. Ah, tivera tanta certeza de que,

junto com os Cem Companheiros, não teria o menor problema para selar a Fenda...

As folhas secas no chão estalaram quando ele se forçou a ficar de pé.

— Não fui eu! — exclamou, rouco. — Isso não fui eu! Saiam da minha cabeça!

Todos vocês, saiam da minha cabeça!

A voz de Lews Therin, ao longe, emitia murmúrios indistintos. Alanna aguardava

em silêncio, paciente, em um canto de sua mente. A voz do antigo Dragão parecia

ter medo da mulher.

Determinado, Rand esfregou os joelhos das calças. Ele não se renderia àquilo.

Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai — não ia mais esquecer.
Quando não

temos mais em quem confiar, só o que resta é a morte, comentou Lews Therin, com

uma risadinha. Rand não se renderia.

Nada na fazenda mudara — nada, mas também tudo. A casa e o celeiro

continuavam iguais, com as galinhas, as cabras e as vacas. Sora Grady, com o rosto

frio e inexpressivo, ficou na janela observando a chegada de Rand. Sora era a única

mulher que restava, todas as outras esposas e namoradas tinham ido embora junto

com os homens que haviam falhado nos testes. Taim estava com os alunos — todos

os sete — em uma área aberta um pouco atrás do celeiro, onde ervas escassas

cresciam no chão de barro vermelho e duro. Além do marido de Sora, Jur, apenas

Damer Flinn, Eben Hopwil e Fedwin Morr tinham passado nos primeiros testes. Os

outros eram novos, todos quase tão jovens quanto Fedwin e Eben.

Todos os alunos exceto Damer, com seus cabelos brancos, estavam sentados um

ao lado do outro, de costas para Rand. O mais velho estava diante da fileira, o cenho

franzido, encarando uma pedra do tamanho de uma cabeça a trinta passadas de

distância.

— Agora — mandou Taim.

Rand sentiu Damer agarrar *saidin* e o viu urdir Fogo e Terra em tramas inexperientes.

A pedra explodiu, e Damer e os outros alunos se jogaram no chão para escapar

dos fragmentos que saíram voando. Taim nem se mexeu — as lascas de pedra

quicaram no escudo de Ar erguido no último instante. Damer ergueu a cabeça,

receoso, e limpou o sangue de um talho raso logo abaixo do olho esquerdo. Rand

comprimiu os lábios — apenas por pura sorte não tinha sido atingido por alguma

daquelas lascas voadoras. Olhou para trás, para a casa. Sora ainda estava lá,

aparentemente ilesa. E ainda o encarava. As galinhas nem ao menos pararam de

ciscar — pareciam acostumadas.

— Talvez da próxima vez você se lembre do que eu sempre digo — comentou

Taim calmamente, deixando sua trama esvaecer. — Você precisa erguer o escudo

ainda enquanto ataca, ou pode acabar se matando. — O homem deu uma olhada

raivosa para Rand, como se já tivesse notado sua presença desde que ele chegara. —

Continuem — disse aos alunos, e foi andando até Rand, empinando o nariz de

gavião. Naquele dia, seu rosto parecia um pouco cruel.

Damer se sentou entre os homens na fileira, e Eben, um jovem com o

rosto

coberto de marcas vermelhas, se levantou, nervoso, mexendo em uma de suas

orelhas enormes enquanto usava uma trama de Ar para erguer uma pedra de uma

pilha mais afastada. Os fluxos eram inconstantes, e ele deixou a pedra cair antes de

ajeitá-la no lugar.

— Acha que é seguro eles ficarem sem supervisão? — perguntou Rand, quando

Taim se aproximou.

A segunda pedra também explodiu, mas dessa vez os alunos já tinham urdido os

escudos para se protegerem dos fragmentos. E Taim também — o professor

envolvera a si mesmo e a Rand na mestra urdidura. Sem dizer uma palavra, Rand

agarrou *saidin* e criou seu próprio escudo, afastando o de Taim, que contorceu a

boca em seu costumeiro meio sorriso.

— O senhor me mandou pegar pesado com os rapazes, milorde Dragão, então é o

que estou fazendo. Mando usarem o Poder para tudo, tudo mesmo, até as tarefas do

dia. Ontem à noite, o mais novo conseguiu ter a primeira refeição quente. Se não

conseguem produzir calor suficiente sozinhos, eles comem comida fria. Ainda levam

o dobro do tempo que o normal para fazer quase tudo, mas estão aprendendo a

manejar o Poder o mais depressa possível, pode acreditar. Mas ainda não temos

muitos aprendizes, claro.

Ignorando a pergunta implícita, Rand olhou em volta.

— E cadê Haslin? Está bêbado de novo? Eu já disse que ele só pode tomar vinho

à noite.

Henre Haslin tinha sido Mestre da Espada da Guarda da Rainha, o encarregado de

treinar recrutas até Rahvin começar a reorganizar a guarda, descartando todos os

fiéis a Morgase ou mandando-os para a guerra em Cairhien. Como era velho demais

para ingressar em uma campanha, Haslin fora mandado embora do palácio com o

dinheiro da aposentadoria. Quando a notícia da morte de Morgase se espalhou por

Caemlyn, o homem começara a se afogar no vinho. Haslin tinha seus defeitos, mas

ao menos acreditava que Rahvin — que conhecia como Gaebril — é que era o

assassino de Morgase, e não Rand. E o sujeito era um bom professor. Quando estava

sóbrio.

— Mandei o sujeito embora — retrucou Taim. — Qual é a serventia das espadas?

— Outra pedra explodiu. — Nunca senti falta de uma, e preciso tomar cuidado para

não me cortar com minha própria lâmina. Esses homens agora têm o Poder.

Mate-o! Mate-o agora! A voz de Lews Therin, etérea, ecoava dentro do Vazio.

Rand exterminou o eco, mas não conseguiu acabar com a raiva que o envolveu no

Vazio de repente, fechando-o como uma concha. Mesmo assim, o Vazio drenava

toda a emoção de sua voz.

— Trate de encontrar Haslin, Taim, e traga-o de volta para cá. Diga a ele que

mudou de ideia. E também diga isso aos alunos. Ou melhor, pode escolher dizer o

que quiser, mas quero Haslin aqui, dando aulas todos os dias. Esses homens

precisam fazer parte do mundo, não ficar à margem. O que é que eles vão fazer

quando não conseguirem canalizar? Se soubesse manejar uma espada ou lutar com

as próprias mãos, você teria escapado quando foi blindado pelas Aes Sedai.

— Eu escapei. Estou bem aqui.

— Pelo que ouvi dizer, você foi libertado por alguns dos seus seguidores. Se não

fosse eles, teria acabado ao lado de Logain em Tar Valon, amansado. Esses homens

aqui não têm seguidores. Vá atrás de Haslin.

Taim curvou-se em uma mesura suave.

— Como ordenar, milorde Dragão. O que o trouxe aqui, milorde Dragão? Veio

falar de Haslin e espadas? — A voz dele guardava um levíssimo toque de desprezo,

mas Rand ignorou.

— Tem Aes Sedai em Caemlyn. Está na hora de parar com as idas à cidade, tanto

suas quanto dos alunos. Só a Luz sabe o que aconteceria se um deles topasse com

uma Aes Sedai e ela o reconhecesse pelo que é.

Ou, o que também era possível, se um aluno reconhecesse uma Aes Sedai, como

decerto reconheceria. O homem sem dúvida sairia correndo ou entraria em pânico e

atacaria, e qualquer uma dessas reações o deixaria marcado. Qualquer uma dessas

reações seria sua ruína. Pelo que Rand vira mais cedo, tanto Verin quanto Alanna

acabariam com qualquer um daqueles alunos como se fossem apenas criancinhas.

Taim deu de ombros.

— Apesar de destreinados, é bem provável que consigam explodir a cabeça de

uma Aes Sedai com a mesma facilidade com que destroem essas pedras. A trama é

só um pouco diferente... — Ele olhou para trás e ergueu a voz: — Precisa de mais

concentração, Adley. Concentração é tudo.

O rapaz desengonçado, todo braços e pernas, que estava parado diante dos outros

alunos, se assustou e perdeu contato com *saidin*, mas conseguiu agarrar o Poder de

novo, ainda sem jeito. Mais uma pedra explodiu quando Taim virou de volta para

Rand e sugeriu:

— Aliás, posso... dar conta das mulheres sozinho... se esse for o problema para

você.

— Se eu quisesse essas mulheres mortas, já teria matado.

Rand achava que conseguiria dar conta disso, se tentassem matá-lo ou amansá-lo.

Pelo menos torcia para estar certo. Mas será que tentariam, ainda mais depois de

estabelecer aquele elo? Aí estava uma coisa que não pretendia informar a Taim. Não

precisava dos resmungos de Lews Therin para saber que o homem não era confiável

— não a ponto de expor alguma fraqueza que pudesse esconder. *Luz, quanto poder*

permiti que Alanna tivesse sobre mim?

— Pode deixar que vou informar se for preciso matar alguma Aes Sedai. Até lá,

ninguém deve sequer levantar a voz para uma, a não ser que ela esteja tentando

arrancar a cabeça do sujeito. Aliás, quero vocês todos o mais longe possível das Aes

Sedai. Não quero nenhum incidente, nada que as ponha contra mim.

— E acha mesmo que elas já não estão contra você? — murmurou Taim.

Rand decidiu ignorar a provocação de novo. Dessa vez, foi porque não tinha

certeza da resposta.

— E não quero ver ninguém morto nem amansado porque a cabeça é grande

demais para o chapéu. E quero que você garanta que eles saibam bem disso. Você é

responsável por eles.

— Como quiser — respondeu Taim, dando de ombros outra vez. — Mais cedo ou

mais tarde, alguns deles vão acabar morrendo. A não ser que o que você queira é

mantê-los confinados aqui para sempre. Bem, é provável que alguns morram mesmo

assim. A morte é quase inevitável, a não ser que eu reduza o passo das aulas. Você

não precisaria se preocupar tanto com eles, se me deixasse sair para procurar mais

homens.

Tinham voltado ao mesmo ponto. Rand olhou os alunos. Um jovem suado, de

cabelos claros e olhos azuis, estava com dificuldade para colocar uma pedra no

lugar. O sujeito não parava de perder o contato com *saidin*, e a pedra avançava aos

pulinhos. Dali a poucas horas, a carroça com os candidatos ao treinamento que

havam chegado desde a tarde de ontem sairia do Palácio. Dessa vez seriam quatro.

Alguns dias vinham apenas três, ou dois, embora o número de candidatos estivesse

aumentando aos poucos. Já tinham testado dezoito homens desde que Rand levara

Taim até ali, sete dias antes, e apenas três conseguiriam aprender a canalizar. Taim

insistia que era um número extraordinário, considerando que os

homens só tinham

ido a Caemlyn atrás de uma oportunidade. E também atentou outra vez para o fato

de que, nesse passo, poderiam medir forças com a Torre em seis anos. Rand não

precisava ser lembrado de que não tinha seis anos. E não havia tempo para reduzir o

ritmo do treinamento.

— E como você faria isso?

— Com os portões. — Taim aprendera a usá-los de primeira. Ele aprendia bem

rápido tudo o que Rand mostrava. — Posso visitar duas, talvez até três aldeias por

dia. É mais fácil começar com aldeias, mais até do que com vilarejos. Deixo Flinn a

cargo das aulas, já que ele é o mais avançado do grupo, apesar da demonstração que

você viu. E levo comigo Grady, Hopwil ou Morr. Você teria que fornecer uns

cavalos decentes... Aquele pangaré que puxa a carroça não vai servir.

— Mas qual seria o seu plano? Chegar do nada e anunciar que está procurando

homens capazes de canalizar? Vai ter sorte se os aldeões não tentarem mandar você

direto pra força.

— Eu me considero um pouco mais sensato do que isso — retrucou Taim

secamente. — Vou dizer que estou recrutando homens para seguir o Dragão

Renascido. — Mais sensato? Não muito. — Isso vai assustar o povo,

que vai ficar

afastado por tempo suficiente para eu reunir quem estiver disposto a vir conosco. E

ajuda a selecionar quem ainda não estiver pronto para apoiar você. Suponho que

você não tenha a intenção de treinar homens que vão se voltar contra você na

primeira oportunidade. — Taim ergueu uma sobrancelha indagativa, mas não

esperou a resposta óbvia. — Assim que eu tirar os homens das aldeias em segurança,

trago todos para cá através de um portão. Alguns talvez entrem em pânico, mas isso

não deve ser muito difícil contornar. E, já que terão concordado em seguir um

homem capaz de canalizar, vai ser difícil rejeitarem meus testes. E posso mandar os

que falharem para Caemlyn. Está mais do que na hora de você começar a organizar

um exército próprio, em vez de depender dos outros. Bashere pode mudar de ideia a

qualquer momento. E ele com certeza vai se voltar contra você se a Rainha Tenobia

mandar. E sabe-se lá do que esses Aiel são capazes.

O homem fez uma pausa depois do último comentário ácido, mas Rand segurou a



língua. Já tinha pensado coisa parecida — apesar de com certeza não suspeitar dos

Aiel —, mas Taim não precisava saber disso. Depois de um instante, o tutor

prosseguiu como se sequer tivesse tocado no assunto:

— Vamos fazer uma aposta, você define o valor. No primeiro dia de recrutamento, aposto que encontro tantos homens capazes de aprender a canalizar

quanto os que vierem por conta própria até Caemlyn no período de um mês. Quando

Flinn e alguns dos outros já estiverem prontos para continuar seus estudos sem

mim... — Ele espalmou as mãos. — Em menos de um ano, consigo tantos homens

quanto há Aes Sedai na Torre Branca. E cada homem será uma arma.

Rand hesitou. Deixar Taim partir era um risco. O homem era agressivo demais —

o que faria se topasse com uma Aes Sedai em uma de suas viagens de recrutamento?

Talvez mantivesse a palavra e a poupasse, mas e se a mulher

descobrisse do que ele

era capaz? E se ela o blindasse e o capturasse? Era uma perda que Rand não podia se

permitir. Não conseguiria treinar os alunos e fazer tudo o que precisava fazer. Do

jeito que estavam, levaria seis anos para se igualar à Torre Branca em número. Isso

se as Aes Sedai não descobrissem aquela fazenda e destruíssem tudo, inclusive os

alunos, antes que formassem um grupo experiente o bastante para se defender. Do

jeito de Taim, levariam menos de um ano. Por fim, Rand assentiu. A voz de Lews

Therin era um zumbido ensandecido ao longe.

— Você terá seus cavalos.



CAPÍTULO 12

PERGUNTAS E RESPOSTAS

— E então? — perguntou Nynaeve, na voz mais paciente que conseguiu. Estava

fazendo um esforço para manter as mãos paradas sobre o colo, e ainda

mais para

permanecer sentada na cama. Sufocou um bocejo. Estava muito cedo, e já fazia três

dias que não dormia direito. A gaiola de palha estava vazia — tinham libertado o

pardal. Como queria estar livre também... — E então? — repetiu.

Elayne estava ajoelhada em sua cama, com a cabeça e os ombros enfiados para

fora da janela que dava para a viela atrás da casa. Dali, dava para ver apenas uma

nesga dos fundos da Pequena Torre, onde, apesar da hora, estavam quase todas as

Votantes de Salidar, recebendo os emissários que a Torre Branca enviara naquela

manhã. Não dava para ver muito, mas era o suficiente para notar um pedaço do selo

que impedia o som das vozes das mulheres ali reunidas de sair da estalagem. O tipo

de selo que barrava inclusive as tentativas de usar o Poder para escutar. Era o preço

que ela e Nynaeve tinham que pagar por compartilhar o que sabiam.

Depois de um instante, a Filha-herdeira se sentou de volta, a frustração estampada

no rosto.

— Nada. Você disse que esses fluxos iam atravessar o selo sem serem notados.

Acho que ninguém me notou, mas não ouvi absolutamente nada.

O comentário fora dirigido a Moghedien, sentada no banquinho bambo em um

canto. Nynaeve não conseguia nem exprimir quanto ficava irritada em

ver que a

mulher não suava uma gota sequer. A Abandonada afirmava que era preciso passar

um bom tempo em contato com o Poder até ser capaz de alcançar o distanciamento

necessário para ignorar o frio e o calor, o que não era nem um pouco mais animador

do que as vagas promessas das Aes Sedai de que “com o tempo” a temperatura

pararia de afetá-la. Elayne e Nynaeve pingavam suor, e Moghedien estava fresca

como uma manhã de primavera. Luz, que ódio!

— Eu disse que havia a possibilidade de atravessarem — retrucou Moghedien, na

defensiva. Ela mantinha a atenção quase toda em Elayne: a mulher sempre cravava

os olhos em quem estivesse usando o bracelete do *a’dam*. — Uma possibilidade.

Existem milhares de formas de urdir um selo. Pode levar dias para abrir uma brecha

em um.

Nynaeve mal conseguiu conter a língua. Estavam tentando havia dias. Era a

terceira tentativa desde a chegada de Tarna Feir, e o Salão ainda mantinha a

mensagem de Elaida como segredo absoluto. Bem, Sheriam, Myrelle e as outras

sabiam do que se tratava — Nynaeve não se surpreenderia se elas tivessem ficado

sabendo antes mesmo do Salão —, mas até Siuan e Leane tinham sido deixadas de

fora daquelas reuniões. Pelo menos era o que diziam.

Reparou que estava puxando as saias e sossegou as mãos. Precisavam dar um jeito

de descobrir o que Elaida queria — e o mais importante, qual fora a resposta do

Salão de Salidar. Era urgente. Tinham que arranjar um jeito.

— Tenho que ir — anunciou Elayne, com um suspiro. — Tenho que mostrar o

processo de fabricação de um *ter'angreal* a mais algumas irmãs.

Pouquíssimas Aes Sedai em Salidar pareciam ter o dom, mas todas queriam

aprender, e a maioria acreditava que conseguiria pegar o jeito, bastava que Elayne

demonstrasse quantas vezes fossem necessárias.

— É melhor você ficar com isso — acrescentou a Filha-herdeira, soltando o

bracelete. — Quero testar uma ideia nova para a fabricação depois que acabar com

as irmãs, e ainda tenho que dar uma aula para as noviças.

Elayne também não parecia muito feliz com a perspectiva da aula com as noviças

— pelo menos não como ficara antes da primeira vez. A Filha-herdeira saía tão

irritada das aulas que ficava arisca feito um gato. As garotas mais novas eram

ansiosas demais e ficavam atropelando as lições e se aventurando em coisas com as

quais não faziam ideia de como lidar — e quase sempre sem perguntar antes. As

mais velhas, embora fossem um pouco mais cautelosas, eram muito

mais propensas

a discutir e retrucar, e muitas simplesmente se recusavam a seguir as ordens de uma

mulher seis ou sete anos mais nova. Elayne tinha adquirido o costume de sair

resmungando coisas como “noviças tontas” e “idiotas teimosas” pelos cantos, como

uma mulher que já tivesse passado dez anos como Aceita.

— Isso pode lhe comprar um pouco de tempo para questionar essa aí. Talvez você

tenha mais sorte do que eu para aprender a detectar um homem canalizando.

Nynaeve balançou a cabeça.

— Tenho que passar a manhã ajudando Janya e Delana com suas anotações. —

Não conseguiu conter a careta ao responder. Delana era uma Votante da Ajah Cinza,

e Janya era da Marrom, mas Nynaeve sabia que não conseguiria arrancar nada

daquelas duas. — E depois tenho mais uma *aula* com Theodrin. — Mais perda de

tempo. Todos ali em Salidar estavam apenas perdendo tempo. — Use o bracelete —

mandou, quando Elayne foi pendurar o *a'dam* em um prego na parede, junto com

suas roupas.

A Filha-herdeira soltou um suspiro irritado, mas recolocou o bracelete. Nynaeve

achava que Elayne confiava demais no *a'dam*. Enquanto o colar permanecesse no

pescoço de Moghedien, qualquer mulher capaz de canalizar poderia encontrá-la e

controlá-la através do bracelete. E, se ninguém estivesse com o *a'dam* no pulso, a

Abandonada não conseguiria se afastar mais de dez passos do bracelete sem cair de

joelhos e ter ânsias de vômito — e o mesmo aconteceria se a mulher tentasse mover

o *a'dam* mais de umas poucas polegadas de onde ele fora deixado ou tentasse soltar

o colar em seu pescoço. Talvez isso fosse o suficiente para a mulher se convencer a

ficar ali, bem quietinha, mas uma Abandonada talvez conseguisse arranjar um jeito

de contornar as limitações do *a'dam*, se tivesse oportunidade. Em Tanchico,

Nynaeve dera as costas para uma Moghedien blindada e atada com o Poder por

apenas alguns instantes e a mulher conseguira escapar. Depois que a capturou de

volta, uma de suas primeiras perguntas foi sobre como a mulher conseguira dar

conta daquela proeza — e arrancar a resposta dela tinha sido quase tão difícil quanto

arrancar a cabeça do pescoço. Ao que parecia, bastava um pouco de tempo e de

paciência para descobrir como romper uma blindagem. Elayne insistia que aquilo

não funcionaria no caso do *a'dam* — não havia nenhum nó da trama para atacar, e,

com o colar no pescoço, Moghedien não teria nem ao menos como *tentar* tocar

saidar sem permissão —, mas Nynaeve preferia não correr o risco.

— Tome cuidado na hora de passar as notas a limpo — aconselhou Elayne. — Já

ajudei Delana com as anotações. Ela *odeia* erros e borrões. Vai obrigar você a

reescrever cinquenta vezes, se for preciso, só para ter uma folha limpa.

Nynaeve fez careta. Podia não ter a caligrafia tão limpa e delicada quanto a de

Elayne, mas não era uma grosseirona que acabara de aprender que a ponta da pena

devia ser mergulhada na tinta. A Filha-herdeira nem reparou, só abriu um último

sorriso e saiu. Talvez a menina só quisesse ajudar. Se as Aes Sedai descobrissem

como Nynaeve odiava passar as notas a limpo, começariam a lhe passar a tarefa

como punição.

— Talvez seja melhor você ir até al'Thor — sugeriu Moghedien, de repente.

Ela estava sentada de um jeito diferente, com a postura mais rígida. Os olhos

escuras estavam fixos em Nynaeve. Por quê?

— Como assim? — inquiriu Nynaeve.

— Você e Elayne deveriam ir atrás de Rand, em Caemlyn. Elayne pode virar

rainha, e você... — O sorriso de Moghedien não era nada agradável. — Cedo ou

tarde, vão chamar você para uma sala e tentar descobrir como é que você consegue

fazer todas essas descobertas incríveis e ao mesmo tempo tremer feito

uma garotinha

pega roubando doces quando tenta canalizar na frente dos outros.

— Eu não...! — Não iria se explicar, não àquela mulher. Por que Moghedien de

uma hora para a outra começara a se comportar daquele jeito tão petulante? — Só se

lembre, seja lá o que acontecer comigo se descobrirem a verdade, sua cabeça vai

parar debaixo do machado rapidinho.

— E o seu sofrimento vai durar muito mais tempo. Semirhage já conseguiu fazer

um homem passar cinco anos gritando todos os dias. E até manteve o sujeito são...

Bem, no fim, nem mesmo ela conseguiu manter o coração dele funcionando. Duvido

de que alguma dessas crianças tenha um décimo da habilidade de uma Abandonada,

mas talvez você descubra em primeira mão quanto elas já aprenderam.

Como a mulher conseguia dizer aquelas coisas? Parecia ter se livrado daquela

ansiedade habitual feito uma serpente soltando a pele velha. Seria de se pensar que

eram duas iguais debatendo um assunto corriqueiro. Não, pior: a atitude de

Moghedien dava a entender que o assunto, apesar de ser corriqueiro para ela, era

algo terrível para Nynaeve. Desejou estar usando o bracelete, o que teria sido ao

menos um consolo. Moghedien não podia estar tão serena e tranquila quanto

indicavam seu rosto e sua voz.

Nynaeve ficou sem fôlego. O bracelete. Era isso. O bracelete não estava no

quarto. Sentiu uma bola de gelo formar-se no fundo do estômago, e o suor de

repente pareceu escorrer mais intensamente pelo rosto. Pela lógica, não fazia

diferença se o bracelete estava ou não ali: o colar estava muito bem preso ao pescoço

de Moghedien, enquanto Elayne usava a outra parte do *a'dam* — *Por favor, Luz, que*

ela não tenha tirado esse negócio! Mas, na verdade, não era questão de lógica:

Nynaeve nunca tinha ficado sozinha com a mulher sem o bracelete por perto. Ou

melhor: as únicas vezes em que isso acontecera quase haviam terminado em desastre

completo. Verdade que Moghedien não estava usando o *a'dam* nessas ocasiões, mas

isso também não fazia diferença. A mulher ainda era uma Abandonada, e Nynaeve

estava a sós com ela sem uma maneira de controlá-la. Agarrou as saias para se

impedir de agarrar a faca de cintura.

O sorriso de Moghedien se alargou como se a mulher tivesse lido seus pensamentos.

— Mas não se preocupe, pode ter certeza de que essa minha sugestão de partir

leva em conta o que é melhor para você. Isto aqui — acrescentou, erguendo a mão

acima do colar, mas tomando cuidado para não o tocar — vai me manter presa em

Caemlyn tão bem quanto me mantém aqui, mas é melhor ser escrava lá do que

morrer neste lugar. Só não demore muito para se decidir: se essas mulheres que se

consideram Aes Sedai resolverem voltar para a Torre, não haveria presente melhor

para o novo Trono de Amyrlin do que você, uma mulher tão próxima de Rand

al'Thor. Além de Elayne, claro. Se o rapaz sentir metade do que a menina sente por

ele, quem a mantiver sob seu poder tem uma corda amarrada nele. Uma corda que

ele jamais poderá arrebentar.

Nynaeve se levantou, forçando os joelhos a ficarem firmes.

— Pode ir fazer as camas e limpar o quarto. Quero encontrar tudo brilhando

quando voltar.

— Quanto tempo você tem? — perguntou Moghedien, antes de ela conseguir

chegar à porta. Pelo tom, poderia estar perguntando se a água para o chá já tinha

fervido. — Alguns dias, no máximo, até enviarem uma resposta para Tar Valon?

Algumas horas? Como fica a balança das Aes Sedai, se de um lado estiver Rand

al'Thor, talvez até somado aos supostos crimes de Elaida, e do outro a reunificação

de sua preciosa Torre?

— E trate de dar atenção redobrada na limpeza dos penicos — disse Nynaeve,

sem se virar. — Desta vez quero ver eles bem limpos — acrescentou, saindo antes

que Moghedien pudesse dizer qualquer outra coisa e fechando a porta com força.

Nynaeve se apoiou nas tábuas ásperas de madeira, parando para respirar fundo no

corredor estreito e sem janelas. Revirou a bolsa do cinto, pegou um saquinho e

enfiou duas folhas de menta-de-ganso amassadas na boca. Levava um tempo para a

menta-de-ganso aliviar a queimação no estômago, mas ela mastigou e engoliu como

se a pressa fosse acelerar o processo. Os últimos minutos de conversa tinham sido

um baque atrás do outro, com Moghedien destruindo várias de suas *certezas*. Mesmo

com toda a desconfiança, acreditara que a mulher estava com medo. E se enganara.

Ah, Luz, estava redondamente enganada. Tivera tanta certeza de que Moghedien

sabia tão pouco sobre o relacionamento de Elayne e Rand quanto as Aes Sedai.

Outra vez se enganara. E ainda sugerir que fossem encontrá-lo... haviam tomado

pouco cuidado com as conversas que tinham na frente daquela Abandonada. O que

mais teriam deixado escapar, e como Moghedien conseguiria usar aquelas

informações contra elas?

Outra Aceita adentrou o corredor mal iluminado, vinda da sala principal da

casinha, e Nynaeve se endireitou, enfiando a menta-de-ganso de volta na bolsa e

alisando o vestido. Todos os aposentos, exceto a sala da frente, tinham sido

transformados em alojamentos, e todos eram ocupados por Aceitas e serviçais —

três ou quatro em cada quarto, nenhum muito maior do que o aposento de onde

acabara de sair, e em alguns casos duas mulheres eram obrigadas a dividir a cama. A

Aceita que acabava de chegar era uma mulher esguia, quase frágil, com olhos cinza

e sorriso ligeiro. Era Emara, uma illianense que não gostava nem de Siuan nem de

Leane — o que Nynaeve conseguia compreender — e que achava que as duas

deviam ser mandadas embora — com toda a decência, como fizera questão de

ressaltar —, como acontecera com todas as outras mulheres estancadas. Apesar

disso, era simpática e não se ressentia do “espaço extra” de Elayne e Nynaeve, nem

do fato de “Marigan” desempenhar as tarefas das duas. E essa ausência de

ressentimento era rara entre as Aceitas.

— Ouvi dizer que você está passando a limpo para Janya e Delana — comentou

ela, naquela voz aguda, quando passou apressada em direção ao próprio quarto. —

Vá por mim: escreva o mais depressa que der. Janya, no caso, se preocupa mais em

conseguir registrar tudo do que com alguns borrões.

Nynaeve olhou feio para as costas de Emara. Escrever devagar para Delana.

Escrever depressa para Janya. Mas que maravilha de conselho que recebia. De todo

modo, não podia se preocupar com cópias borradas. E nem com Moghedien, não até

ter chance de conversar sobre o assunto com Elayne.

Balançando a cabeça e murmurando entre dentes, avançou a passos firmes para

fora da casa. Tudo bem que talvez tivesse dado sua situação ali como certa e

cometido alguns deslizos, mas ainda tinha tempo de mudar o rumo das coisas. Sabia

quem precisava encontrar.

Nos últimos dias, Salidar estivera imersa em uma onda de tranquilidade, embora

as ruas continuassem abarrotadas. Uma boa medida da calma era como as

ferrarias dos arredores da cidade estavam silenciosas. Todos tinham sido orientados

a segurar a língua enquanto Tarna estivesse por ali, sem revelar nada sobre a missão

diplomática a caminho de Caemlyn nem sobre Logain, que estava sendo mantido em

segurança em um dos acampamentos dos soldados — e muito menos sobre os

próprios soldados e o motivo pelo qual estavam se reunindo. E isso deixava o povo

quase todo com medo de falar qualquer coisa numa voz mais alta que um sussurro.

O burburinho que permeava a cidade tinha um toque de ansiedade.

Todos tinham sido afetados. Serviçais que viviam apressados avançavam a passos

hesitantes, olhando temerosos por cima do ombro. Até as Aes Sedai pareciam

cautelosas, por baixo daquela fisionomia calma, sempre se entreolhando, pensativas,

analisando os comportamentos umas das outras. Havia menos soldados nas ruas —

como se Tarna não tivesse visto os números, quando chegou, e tirado suas próprias

conclusões. Caso o Salão de Salidar desse a resposta errada para a Torre Branca,

todos ali podiam parar no cadafalso. Até governantes e nobres que preferiam se

manter alheios aos assuntos da Torre decerto enforcariam qualquer soldado em

quem conseguissem pôr as mãos só para evitar que difundissem a ideia de rebelião.

Sentindo a situação incerta, os poucos homens que circulavam ostentavam

expressões impassíveis ou carrancas ansiosas — exceto Gareth Bryne, que

aguardava pacientemente diante da Pequena Torre. O homem ia todos os dias ali,

chegando antes de qualquer das Votantes e só indo embora depois de a última sair.

Nynaeve achava que ele queria garantir que as Aes Sedais dali se lembrassem dele e

do que estava fazendo por elas. E, na única vez em que viu as Votantes saindo,

Nynaeve achou que elas não pareciam muito felizes em vê-lo esperando.

Só os Guardiões não se comportavam diferente diante da chegada da irmã

Vermelha. Os Guardiões e as crianças. Nynaeve levou um susto quando três

garotinhas de lacinhos no cabelo passaram à sua frente, correndo feito codornas,

suadas, poeirentas e rindo enquanto iam de um lado a outro. As crianças não sabiam

das notícias que toda a Salidar estava esperando — e nem entenderiam se

soubessem. E cada Guardião seguiria sua Aes Sedai sem pestanejar, não importava o

que ela decidisse e para onde rumasse.

Quase todos os cochichos pareciam tratar do clima, mas também se falava das

histórias que chegavam sobre acontecimentos estranhos em outros lugares —

bezerros falantes de duas cabeças; homens sufocados por enxames de moscas; todas

as crianças de uma aldeia desaparecendo no meio da noite; gente caindo morta de

repente, em plena luz do dia, afetada por algo invisível. Qualquer pessoa em sã

consciência sabia muito bem que a seca e o calor fora de época eram causados pelo

toque da mão do Tenebroso, mas até as Aes Sedai — pelo menos a maioria —

duvidavam quando Elayne e Nynaeve diziam que esses outros acontecimentos eram

igualmente verídicos, que bolhas de mal estavam se erguendo da prisão do

Tenebroso à medida que os selos se enfraqueciam, subindo para o mundo e pairando

pelas tramas do Padrão até estourarem. A maioria das pessoas não era capaz de

pensar com tal lucidez. Alguns culpavam Rand por tudo, enquanto outros afirmavam

que o Criador ficara insatisfeito com o mundo — fosse porque não estavam se

unindo para seguir o Dragão Renascido, ou porque as Aes Sedai não o haviam

capturado e amansado, ou porque as Aes Sedai estavam se opondo a uma Amyrlin

entronada. Nynaeve, inclusive, ouvira que o tempo voltaria ao normal assim que a

Torre estivesse unificada outra vez. Foi abrindo caminho pela multidão, querendo

chegar logo.

— ... juro que é verdade! — ia resmungando uma cozinheira, com farinha até os

cotovelos — Tem um exército de Mantos-brancos reunido do outro lado do rio

Eldar, só esperando uma ordem de Elaida.

Além do falatório sobre o clima e os bezerros de duas cabeças, as histórias sobre

os Mantos-brancos também estavam na boca do povo. Mas *Mantos-brancos*

aguardando ordens de *Elaida*? O calor devia ter derretido os miolos

daquela mulher!

— É verdade, que a Luz seja testemunha — murmurava um carroceiro grisalho

para uma mulher de cenho franzido, cujo vestido de lã bem cortado indicava seu

posto de camareira de alguma Aes Sedai. — Elaida morreu. A Vermelha veio

convocar Sheriam para ser a nova Amyrlin.

A camareira assentia, aceitando cada palavra.

— Pois eu acho que Elaida é uma ótima Amyrlin — afirmava um homem de

casaco tosco, remexendo um molho de varas apoiado no ombro. —
Tão boa quanto

qualquer outra. — Ele não se dirigia especificamente à mulher que o acompanhava.

Falava alto e precisou se controlar para não dar uma olhada em volta e conferir quem

estava ouvindo.

Nynaeve contorceu a boca, amargurada. Aquele homem *queria* ser ouvido. Como

Elaida conseguira descobrir tão depressa sobre Salidar? Pelo que via, Tarna saíra de

Tar Valon logo que as Aes Sedai começaram a se reunir ali na aldeia. Siuan já

comentara, em tom sombrio, que um bom número das Azuis — a Ajah originalmente convocada a Salidar fora a Azul — ainda estavam desaparecidas, e

Alviarín fizera questão de abordar o assunto com a mensageira de Elaida. Nynaeve

sentia o estômago revirar só de pensar naqueles questionamentos, mas

nada parecia

tão terrível quanto a explicação mais óbvia para o caso: havia partidárias de Elaida

infiltradas ali em Salidar. Todos se olhavam com desconfiança, e o lenhador

encasacado não tinha sido o primeiro que Nynaeve ouviu dizer aquilo, e naquelas

mesmas palavras. As Aes Sedai podiam até não tocar no assunto, mas Nynaeve

suspeitava de que algumas estivessem doidas para se pronunciarem. Aquela

inquietação deixava Salidar borbulhante feito um caldeirão de cozido, e não dos mais

saborosos. E só lhe deixava mais certa sobre o que estava fazendo.

Ia demorar para encontrar quem estava procurando. Precisava primeiro encontrar

grupos de crianças brincando, e não havia muitas crianças ali em Salidar. Como era

de se esperar, Birgitte estava assistindo a cinco garotos correndo pela rua e jogando

um saquinho de pedras uns nos outros, gargalhando alto sempre que um era atingido,

inclusive o que levava a pancada. Uma brincadeira tão tola quanto quase todas as

brincadeiras de meninos. Ou de homens.

Claro que Birgitte não estava sozinha. Era muito raro de acontecer, a não ser que

ela própria buscasse a solidão. Areina estava bem ali ao lado, dando batidinhas com

um lenço para secar o suor que escorria pelo rosto e tentando não parecer entediada

com as crianças. A mulher era um ou dois anos mais nova que Nynaeve e usava os

cabelos escuros pouco abaixo dos ombros trançados como as madeixas loiras de

Birgitte, que iam até a cintura. As roupas também eram cópia das de Birgitte: um

casaco cinza-claro até a cintura e volumosas calças cor de bronze, presas no

tornozelo pelas botas curtas com salto elevado, imitando até o arco e a aljava na

cintura. Nynaeve suspeitava que Areina nunca tivesse sequer segurado um arco antes

de conhecer Birgitte. Decidiu ignorar a mulher.

— Preciso falar com você — disse a Birgitte. — Em particular.

Areina a encarou, os olhos azuis exibindo um brilho que lembrava desprezo.

— Nossa, achei que você fosse querer usar o xale em um dia lindo como esse,

Nynaeve. Minha nossa! Você está suando feito um porco. O que aconteceu?

Nynaeve contraiu o rosto. Virara amiga daquela mulher antes de Birgitte entrar no

grupo, mas a relação azedou quando chegaram a Salidar. Areina ficara mais do que

decepcionada ao saber que Nynaeve não era uma Aes Sedai completa, e foi só a

pedido de Birgitte que a mulher não revelou às verdadeiras Aes Sedai que Nynaeve

fingira ser uma delas. Além do mais, Areina fizera o juramento de Caçadora da

Trombeta, e Birgitte decerto era melhor modelo para essa vida. Ah, e

pensar que

Nynaeve um dia sentira pena ao vê-la machucada!

— Pela sua cara — comentou Birgitte, com um sorriso suado —, ou você está a

ponto de estrangular alguém, provavelmente a Areina aqui, ou seu vestido abriu bem

na frente de um bando de soldados e você não estava usando roupa de baixo.

Areina soltou uma risada curta, mas pareceu chocada. Nynaeve não entendia a

surpresa; a mulher já tivera bastante tempo para se acostumar com o suposto senso

de humor de Birgitte, mais apropriado a um marmanjo barbado com o nariz enfiado

em uma caneca e a pança cheia de cerveja.

Nynaeve ficou um tempo assistindo aos garotos brincarem, querendo dar uma

chance de a irritação arrefecer. Seria ainda pior do que inútil se deixar irritar quando

tinha um favor a pedir.

Dois dos garotos que brincavam de correr e desviar do saquinho de pedras eram

Seve e Jaril. As Amarelas estavam mesmo certas, um tempo atrás, quando os

diagnosticaram: precisavam mesmo era de tempo. Depois de quase dois meses com

outras crianças em Salidar, sem motivos para ter medo, eles riam e gritavam tão alto

quanto os amiguinhos.

Um pensamento súbito a atingiu, golpeando-a feito uma marreta.

“Marigan”

continuava cuidando deles, ainda que de má vontade, sempre se certificando de que

estivessem alimentados e de banho tomado, mas, agora que os meninos tinham

voltado a falar, poderiam revelar que a mulher não era mãe deles. Talvez já até o

tivessem feito. O que até poderia não suscitar perguntas, mas havia o risco — e

perguntas poderiam fazer desabar o castelo de cartas que tinham erguido acima de

suas cabeças. Nynaeve sentiu a bola de gelo ressurgir no fundo do estômago. Por

que não tinha pensado nisso antes?

Levou um susto quando sentiu Birgitte tocar seu braço.

— Qual é o problema, Nynaeve? Você está com uma cara.. parece que sua melhor

amiga acabou de morrer e ainda a amaldiçoou com seu último suspiro.

Areina se afastava a passos largos, empertigada, e deu uma olhada para as duas

por cima do ombro. Ela nem se abalava ao ver Birgitte beber e flertar com os

homens, e até tentava imitá-la, mas ficava toda encrespada sempre que Birgitte

queria ficar a sós com Elayne ou Nynaeve. No mundo de Areina, os homens não

representavam ameaça e só mulheres podiam ser consideradas amigas, mas apenas

ela podia ser amiga de Birgitte. Parecia achar estranha a ideia de ter duas amigas.

Bem, não havia por que perder tempo pensando nela.

— Você conseguiria arrumar cavalos para nós? — Nynaeve tentou manter a voz

firme. Não era isso o que tinha ido pedir, mas Seve e Jaril fizeram com que aquela

pergunta parecesse excelente. — Quanto tempo levaria?

Birgitte a puxou do meio da rua até a entrada de uma viela estreita entre duas

casas castigadas pelo clima, dando uma olhada cautelosa em volta antes de

responder. Não havia ninguém por perto para ouvir, nem ninguém prestava atenção

nelas.

— Um ou dois dias. Uno acabou de me contar...

— Uno não! Quero deixar ele fora disso. Só você, eu, Elayne e Marigan. A não

ser que Thom e Juilin voltem a tempo. E Areina, se você insistir.

— Areina é mesmo muito tonta em alguns aspectos — respondeu Birgitte,

hesitante —, mas a vida logo acaba com esse comportamento... ou acaba com ela.

Você sabe que eu não vou insistir se você e Elayne não quiserem a presença dela.

Nynaeve ficou quieta. Birgitte estava se comportando como se *ela* é que estivesse

com ciúmes! Ora, não se importava se aquela mulher quisesse uma companhia tão

volúvel como Areina.

Esfregando as juntas dos dedos sobre os lábios, Birgitte franziu o cenho.

— Thom e Juilin são bons homens, mas o melhor para evitar confusão é garantir

que ninguém esteja disposto a criar confusão com você. Dez ou mais shienaranos,

com armaduras ou sem, seriam de grande ajuda. Não entendo você e Uno. Ele é

durão e seguiria você e Elayne até o Poço da Perdição. — Um súbito sorriso se abriu

em seu rosto. — Além do mais, ele até que é bem constituído...

— Não precisamos de ninguém segurando nossa mão pelo caminho — retrucou

Nynaeve, rígida. Bem constituído? Teve um lampejo daquele tapa-olho pintado,

junto com as cicatrizes. Birgitte tinha um gosto estranhíssimo para homens. —

Podemos muito bem dar conta de qualquer coisa que cruze nosso caminho. E acho

que já provamos isso, se é que você precisa de provas.

— Eu sei que podemos, Nynaeve, mas vamos acabar atraindo problemas feito

uma pilha de esterco atrai moscas. Altara está cozinhando em fogo brando, a cada

dia chegam mais rumores sobre os Devotos do Dragão. E aposto meu melhor vestido

de seda contra uma das suas camisolas velhas que metade daquele bando é de

bandidos, bem do tipo que vai achar que quatro mulheres sozinhas são presa fácil. Aí

vamos ter que provar o contrário a cada dois dias. E ouvi dizer que a situação em

Murandy é ainda pior, cheia como está de Devotos do Dragão,

bandidos e os

refugiados de Cairhien, apavorados achando que o Dragão Renascido vai atrás deles

a qualquer momento. Imagino que você não esteja pensando em fazer a travessia por

Amadícia, e sim por Caemlyn. — A trança intrincada balançou de leve quando ela

inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, com uma expressão interrogativa. — E

Elayne concorda com você nessa questão do Uno?

— Vai concordar — resmungou Nynaeve.

— Entendi. Bem, quando tiver a palavra dela vou providenciar todos os cavalos

de que precisarmos. Mas primeiro quero que ela me explique por que não levar Uno.

O tom inflexível deixou Nynaeve ardendo de raiva. Se pedisse a Elayne, mesmo

que com toda a delicadeza, para explicar a Birgitte que Uno deveria ficar, podiam

muito bem acabar encontrando o sujeito na estrada, à espera delas. E Birgitte ia

parecer toda surpresa, sem entender como ele sabia que estavam partindo — e por

qual caminho. A mulher podia até ser Guardiã de Elayne, mas Nynaeve às vezes se

perguntava qual das duas estava no comando. Quando encontrasse Lan — *quando*,

não *se!* —, ia fazer o homem jurar por tudo o que é mais sagrado que acataria suas

decisões.

Respirou fundo algumas vezes, tentando se acalmar. Não fazia sentido discutir

com uma parede. Era melhor ir direto ao assunto que a levava a procurar Birgitte.

Com a maior naturalidade possível, deu um passo mais para dentro da estreita

viela, forçando a outra mulher a segui-la. O chão estava coberto de tocos e galhos

marrons, restos dos arbustos que tinham sido removidos para abrir caminho.

Examinou a multidão na rua, tentando manter um ar despreocupado. Ninguém

prestava atenção nelas, mas baixou a voz mesmo assim.

— Precisamos descobrir que mensagem Tarna trouxe para o Salão e o que estão

respondendo. Elayne e eu tentamos, mas as reuniões são protegidas por um selo, não

dá para espionar a conversa. Mas só se a pessoa tentar ouvir alguma coisa com o

Poder. Ficaram tão preocupadas com essa possibilidade que se esqueceram do velho

método de encostar a orelha atrás da porta. Bastaria que alguém...

— Não — interrompeu Birgitte, em um tom indiferente.

— Pelo menos considere o pedido. É dez vezes mais provável que eu ou Elayne

sejamos descobertas do que você.

Nynaeve até pensou em acrescentar que Elayne era bem esperta e conseguiria dar

conta, mas a mulher bufou, interrompendo-a.

— Eu já disse que não! Você já demonstrou ser muitas coisas desde

que a

conheci, Nynaeve, mas nunca me pareceu tola. Luz, daqui a um ou dois dias vão

anunciar as decisões para todo mundo.

— Temos que saber agora — insistiu Nynaeve, sussurrando e engolindo em seco.

— Ah, sua tonta com cérebro de homem.

Tonta? Claro que nunca parecera tonta! Ah, não podia ficar irritada. Se

conseguisse convencer Elayne a ir embora, talvez não estivessem mais em Salidar

dali a um ou dois dias. Melhor não abrir aquele saco de serpentes outra vez.

Com um arrepio — que Nynaeve achou um tanto exagerado, aliás —, Birgitte se

apoiou no arco e voltou a falar:

— Uma vez me pegaram espionando as Aes Sedai. Me largaram três dias depois,

e saí de Shaemal assim que consegui arrumar um cavalo. Não vou passar por isso de

novo só para você ganhar um ou dois dias, ainda mais sem necessidade.

Nynaeve manteve a calma. Fez um esforço para conservar a expressão serena,

para não ranger os dentes nem puxar a trança. Estava calma.

— Nunca ouvi história nenhuma sobre você espionando as Aes Sedai.

Ela se arrependeu das palavras assim que saíram de sua boca. Aquele era o cerne

do segredo de Birgitte: ela era a Birgitte das histórias. Não deveriam jamais

mencionar nada que pudesse levar alguém a pensar nisso.

A mulher permaneceu impassível por um instante, encobrindo tudo o que poderia

estar remoendo em seu interior. Aquilo foi o bastante para Nynaeve estremecer:

aquele era um segredo permeado de muita dor. Seu rosto de pedra por fim voltou a

ser de carne, e Birgitte suspirou.

— O tempo transforma as coisas. Eu mesma mal reconheço metade dessas

histórias, e a outra metade ainda menos. Não vamos mais falar disso.
— Ficou bem

óbvio que não era uma sugestão.

Nynaeve abriu a boca, ainda sem qualquer ideia do que dizer. A dívida que tinha

com Birgitte a impedia de obrigar a outra a remoer suas dores, mas depois de ter

dois pedidos simples negados...!

A voz de uma terceira mulher irrompeu subitamente da entrada da viela.

— Nynaeve, Janya e Delana querem ver você neste instante.

O sobressalto de Nynaeve foi tão grande que o pulo mais pareceu um voo — e o

seu coração quase fugiu voando pela boca.

Quem estava na entrada da viela era Nicola, em suas roupas de noviça. A mulher

mais nova pareceu surpresa por um instante — e Birgitte também, mas ela logo

baixou os olhos para o arco, parecendo divertida.

Nynaevae engoliu em seco duas vezes antes de conseguir forçar uma palavra a sair

da boca. Quanto a mulher teria ouvido?

— Se acha que isso é jeito de falar com uma Aceita, Nicola, é melhor se corrigir

depressa. Ou vai acabar tendo ajuda para aprender.

Era uma resposta digna de Aes Sedai, mas a mulher esguia de olhos escuros

simplesmente examinou Nynaevae de alto a baixo, com um olhar observador e

avaliativo.

— Peço perdão, Aceita — respondeu, com uma mesura. — Vou tentar ser mais

cuidadosa.

A mesura não se estendeu mais do que o suficiente para uma Aceita, e, ainda que

o tom da resposta tivesse sido frio, não fora o bastante para valer uma bronca.

Areina não fora a única companheira de viagem decepcionada em saber a verdade

sobre Elayne e Nynaevae, mas Nicola concordara em manter o segredo — só parecera

um pouco surpresa por elas acharem que precisariam pedir. Só depois de a testagem

revelar que a mulher era capaz de aprender a canalizar é que ela passou a assumir

aquela postura avaliativa.

Nynaevae entendia muito bem. Nicola não possuía a centelha inata — sem

orientação, jamais teria tocado *saidar* —, mas já haviam falado de seu

potencial, da

força que um dia teria, caso se dedicasse. Apenas dois anos antes, Nicola teria

demonstrado mais potencial do que qualquer noviça em séculos e teria causado

grande comoção, mas isso era antes de Elayne e de Egwene, e da própria Nynaeve

— Nicola nunca lhe dissera isso, mas tinha certeza de que a mulher estava

determinada a chegar ao nível dela e de Elayne, talvez até a superá-las. A noviça

nunca ultrapassava a linha do decoro, mas era comum se comportar bem no limite

do aceitável.

Nynaeve meneou a cabeça, ríspida. Compreender o que se passava não a impedia

de querer mandá-la tomar uma dose tripla de raiz de língua-de-ovelha, para deixar de

ser tonta.

— Pois tente mesmo. Vá dizer às Aes Sedai que vou encontrá-las daqui a pouco.

— Nicola curvou-se em outra medida, mas, assim que a mulher se virou para ir

embora, Nynaeve chamou: — Espere. — Nicola parou imediatamente. Não parecia

mais estar lá, mas Nynaeve tinha certeza de ter notado um lampejo de... satisfação?

— Você deu o recado completo?

— Me mandaram aqui para mandar você ir encontrar com elas, Aceita, e foi isso

que eu fiz. — O tom da resposta parecia tão estagnado quanto água há mais de uma

semana na jarra.

— O que foi que elas disseram? Quero as palavras exatas.

— As palavras exatas, Aceita? Não sei se consigo lembrar as palavras *exatas*, mas

vou fazer um esforço. Não se esqueça que foram as palavras delas, eu só estou

repetindo. Janya Sedai disse algo como: “Se aquela garota tonta não aparecer logo,

juro que ela só vai conseguir sentar direito quando tiver idade para ser avó.” E o que

Delana Sedai falou foi algo como: “Capaz de ela conseguir os netos antes de decidir

aparecer aqui. Se a Aceita não estiver na minha frente em quinze minutos, vou fazer

pano de chão com o couro dela.” — Havia um brilho de pura inocência nos olhos da

noviça. — Isso foi há uns vinte minutos, Aceita. Talvez um pouquinho mais.

Nynaeve quase teve que engolir em seco outra vez. Não era só porque as Aes

Sedai não podiam mentir que as ameaças deviam ser levadas ao pé da letra, mas às

vezes quase não fazia diferença. Se fosse qualquer outra noviça ali, que não Nicola,

ela teria gritado “ai, Luz!” e saído em disparada. Mas não sob aquele olhar. Não

diante de uma mulher que parecia estar criando uma lista mental de suas fraquezas.

— Nesse caso, suponho que não haja motivo para você ir correndo na

frente. Vá

cuidar das suas tarefas. — Nynaeve virou as costas para a mesura de Nicola, como

se não estivesse dando a mínima, e disse a Birgitte: — Falo com você mais tarde.

Sugiro que até lá você não decida tomar nenhuma atitude a respeito do que

conversamos. — Com sorte, conseguiria manter a mulher longe de Uno com aquela

ameaça velada. Com muita sorte.

— Vou considerar sua sugestão — retrucou Birgitte, muito séria.

Mas não havia nada de sério na mistura de compaixão e divertimento em seu

rosto. A mulher conhecia bem as Aes Sedai — em alguns aspectos, sabia mais sobre

elas do que qualquer Aes Sedai daquele tempo.

Não havia o que fazer além de aceitar e torcer pelo melhor. Assim que começou a

andar pela rua, Nynaeve notou Nicola a seu lado.

— Mandei você cuidar das suas tarefas.

— Elas me mandaram voltar depois de encontrar você, Aceita. Essa aí é uma das

suas ervas? Por que você usa ervas? É porque não consegue...? Ah, me desculpe. Eu

não devia ter mencionado...

Nynaeve piscou, encarando o saco de menta-de-ganso em suas mãos. Não se

lembrava de tê-lo pegado. Enfiou o saco de ervas de volta na bolsa, pensando em

como queria mascar todas as folhas ali. Ignorou tanto o pedido de desculpas quanto

o comentário anterior. O arrependimento com certeza era tão falso quanto a pergunta

fora deliberada.

— Uso ervas porque nem sempre é preciso Curar.

O que as Amarelas achariam desse comentário, se isso chegasse a seus ouvidos?

Elas desprezavam as ervas e só demonstravam interesse por doenças graves demais

para os métodos tradicionais. Ou pelo menos enfermidades graves em que optar pela

Cura não chegava ser um uso supérfluo do Poder. Ah, o que estava fazendo? Toda

preocupada com a resposta que dera para Nicola, temendo que ela fosse dedurar tudo

para as Aes Sedai? A despeito dos olhares que dava para Nynaeve e Elayne, ela

ainda era uma noviça. Os olhares não importavam.

— Fique quieta — mandou Nynaeve, irritada. — Quero pensar.

Nicola ficou mesmo quieta enquanto as duas iam andando pelas ruas apinhadas,

mas Nynaeve teve a impressão de que a mulher caminhava se arrastando. Talvez

fosse só sua imaginação, mas sentiu os joelhos doerem com o esforço de não passar

na frente dela. Não importava o que acontecesse, não ia deixar Nicola sequer pensar

que ela parecia com pressa.

A situação começou a corroê-la por dentro. De todas que poderiam ter

sido

enviadas para buscá-la, era difícil imaginar alguém pior do que Nicola, com aqueles

olhares. Birgitte já devia estar encontrando Uno. As Votantes deviam estar dizendo a

Tarna que queriam se ajoelhar e beijar o anel de Elaida. Seve e Jaril deviam estar

falando para Sheriam que não sabiam distinguir “Marigan” de um ganso selvagem.

Tinha sido um dia daqueles, e o sol escaldante nem chegara ao topo do céu sem

nuvens.

Janya e Delana aguardavam na sala principal da pequena casa que dividiam com

três outras Aes Sedai — claro que cada uma tinha seu próprio quarto. Cada Ajah

tinha uma casa onde se reunir, mas as Aes Sedai estavam espalhadas pela aldeia, e

seus alojamentos tinham sido dispostos de acordo com a ordem de chegada. Janya,

que encarava o chão de cara feia e lábios franzidos, nem pareceu notar a chegada das

duas. Mas a pálida Delana, cujos cabelos eram tão claros que não dava para dizer se

havia ou não fios brancos, encarou-as com os olhos azuis, igualmente claros, assim

que adentraram pela porta. Nicola deu um salto. Nynaeve teria apreciado mais aquilo

se não tivesse feito a mesma coisa. Os olhos da robusta irmã Cinza não eram muito

diferentes dos de qualquer outra Aes Sedai, mas, quando se

concentravam em

alguém, era como se ninguém mais existisse. Havia quem dissesse que Delana era

boa mediadora, já que ambas as partes sempre chegavam a um acordo só para que

ela parasse de encará-los. O alvo do olhar começava a se perguntar o que havia feito

de errado, mesmo que não tivesse feito nada. A lista de erros que surgiu em sua

cabeça fez Nynaeve se curvar em uma mesura tão intensa quanto a de Nicola, antes

mesmo que percebesse o que estava fazendo.

— Ah — comentou Janya, surpresa, como se as duas tivessem brotado do chão

—, aí estão vocês.

— Peço desculpas pelo atraso — disse Nynaeve, mais do que depressa. Nicola

que pensasse o que quisesse. Era Delana quem a encarava, não a noviça. — Perdi a

noção do tempo, e...

— Não importa. — Delana tinha a voz grave para uma mulher, e seu sotaque era

um eco gutural do shienarano de Uno, apesar de estranhamente melódico em uma

mulher tão corpulenta. Por outro lado, Delana era estranhamente graciosa para uma

mulher tão robusta. — Nicola, pode sair. Você vai fazer umas tarefas para Faolain

até a próxima aula.

Nicola não perdeu tempo em curvar-se em outra mesura e sair. Talvez

quisesse ter

ouvido o que as Aes Sedai diriam por Nynaeve estar atrasada, mas ninguém testa os

limites com nenhuma Aes Sedai.

Nynaeve não teria reparado nem se tivessem brotado asas em Nicola. Acabara de

perceber que não havia frasco de tinta na mesa em que as Aes Sedai faziam as

refeições, nem caixa de areia, pena, ou papel. Nada do que poderia precisar. Será que

devia ter levado os seus? Delana *ainda* a encarava. A mulher *nunca* encarava alguém

por tanto tempo. Na verdade, ela nunca encarava ninguém, a não ser com algum

motivo.

— Quer chá de menta gelado? — ofereceu Janya, e foi a vez de Nynaeve ficar

surpresa. — Acho chá reconfortante. Suaviza a conversa, é o que sempre digo. —

Sem esperar resposta, a irmã Marrom, que parecia um pássaro, começou a encher

xícaras desparelhadas com o líquido de um bule de listras azuis que estava no

aparador, e uma pedra fazia as vezes de um dos pés do móvel. As Aes Sedai até

podiam ter mais espaço, mas a mobília delas estava em condições tão precárias

quanto as das Aceitas. — Delana e eu decidimos que as anotações podem ficar para

outra hora. Em vez disso, vamos só conversar. Quer mel? Eu prefiro sem. Acho que

o doce estraga o sabor. As jovens sempre querem mel. Você vem fazendo umas

coisas incríveis. Você e Elayne. — Delana pigarreou alto, o que fez a Marrom

encará-la com um olhar interrogativo. Depois de um instante, Janya disse: — Ah.

Sim.

Delana puxara uma das cadeiras da mesa para o centro da sala. Uma cadeira com

assento de palha. No instante em que Janya mencionou que só iriam conversar,

Nynaeve soube que não seria bem assim. A Cinza indicou a cadeira, e Nynaeve

sentou-se bem na pontinha, aceitou a xícara apoiada em um pires quebrado da mão

que Janya oferecia e agradeceu. Depois disso, não precisou esperar muito.

— Fale mais sobre Rand al'Thor — mandou Janya.

A Marrom parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas Delana pigarreou outra

vez. Janya piscou e se calou, bebericando o chá. As duas estavam paradas uma de

cada lado da cadeira de Nynaeve. Delana a encarou, soltou um suspiro e canalizou

para apanhar a terceira xícara, que veio flutuando, então cravou os olhos nela outra

vez, daquele jeito que parecia que abriria buracos em sua cabeça. Janya parecia

perdida em pensamentos, parecendo ter se esquecido de Nynaeve.

— Já contei tudo o que sei — respondeu Nynaeve, com um suspiro. — Bem,

contei às outras Aes Sedai, de todo modo.

E tinha contado mesmo. Nada do que soubesse poderia fazer mal a Rand, pelo

menos não mais do que saber o que ele era. E talvez ajudasse se pudesse fazer as

irmãs o enxergarem como homem. Não um homem capaz de canalizar, mas apenas

um homem. Não era tarefa fácil, quando o assunto era o Dragão Renascido.

— Eu não sei de mais nada — completou.

— Não faça malcriação — retrucou Delana, bruscamente. — E não fique se

remexendo.

Nynaeve deitou a xícara de volta no pires e limpou a mão na saia.

— Criança — começou Janya, em tom de pura compaixão —, sei que você acha

que contou tudo o que sabe, mas Delana... eu não acredito que você esconderia algo

de propósito...

— E por que não? — vociferou a Cinza. — Os dois nasceram na mesma aldeia.

Um viu o outro crescer. Ela pode ser mais leal a ele do que à Torre Branca. — O

olhar lancinante se abateu outra vez sobre Nynaeve. — Conte alguma coisa que

ainda não contou. Já ouvi todas as suas histórias, garota, então vou saber se tentar

me enrolar.

— Tente, criança. Tenho certeza de que não quer Delana zangada com você. Por

que... — Outro pigarreio fez Janya se calar.

Nynaeve torceu para que as duas achassem que o chocalhar da xícara de chá

significasse que ela também estava agitada. Primeiro fora arrastada até ali,

apavorada — não, apavorada, não, apreensiva — com a possível

irritação delas, e

agora isso. Ficar rodeada por Aes Sedai ensinava a ouvir com atenção. Poderia até

não ser possível captar a intenção real, mas a chance era maior do que ouvindo sem

muita atenção, como a maioria costumava fazer. Nenhuma das duas dissera que de

fato achava que ela estava escondendo alguma coisa, só estavam querendo assustá-la

para ver se ela soltaria mais alguma informação. E Nynaeve não estava com medo

das duas. Bem, não muito. Mas estava furiosa.

— Quando ele era garoto — começou, hesitante —, aceitava a punição sem

discutir, se achasse que merecia. Mas, se não achasse, protestava até o fim.

Delana bufou.

— Você já contou isso para todo mundo que quisesse escutar. Conte algo

diferente. E logo!

— Dá para tentar orientá-lo ou convencê-lo, mas não adianta querer forçá-lo.

Rand empaca se achar que...

— Isso também. — Apoiando as mãos na cintura larga, Delana abaixou-se até que

seus olhos ficassem na altura dos de Nynaeve, que quase desejou que fosse Nicola

encarando-a de novo. — Conte alguma coisa que não tenha contado a todas as

cozinheiras e lavadeiras de Salidar.

— Tente, criança — pediu Janya e, espantosamente, deixou por isso mesmo.

As duas continuaram cavando informações. Janya pedia, simpática, e Delana

pressionava sem piedade. Nynaeve mencionou cada detalhe que conseguiu lembrar.

Aquilo não aliviou sua situação: os detalhes tinham sido mencionados tantas vezes

que ela já se lembrava deles de cor. Como Delana observou, tão delicadamente —

ou melhor, nem tanto. Quando Nynaeve conseguiu dar um gole no chá, a bebida já

estava rançosa, e a doçura quase travou a língua. Janya parecia de fato acreditar que

as moças gostavam de muito mel. A manhã estava passando devagar. Muito

devagar.

— Não vamos a lugar nenhum com isso — anunciou Delana, por fim, cravando os

olhos em Nynaeve como se ela fosse a culpada.

— Então posso ir? — perguntou Nynaeve, cansada.

Cada gota de suor que empapava seu corpo parecia ter sido espremida. Ela se

sentia sem energia. Também queria estapear aqueles rostos frios de Aes Sedai.

Delana e Janya trocaram olhares. A Cinza deu de ombros e foi até o aparador,

encher outra xícara de chá.

— Claro que pode — respondeu Janya. — Sei que deve ter sido difícil para você,

mas precisamos mesmo conhecer Rand al'Thor melhor do que ele conhece a si

mesmo, se quisermos tomar a melhor decisão possível. Do contrário, tudo pode

acabar virando uma catástrofe. Ai, ai, sim... Você foi muito bem, criança. Por outro

lado, eu não esperava menos. Uma pessoa capaz de fazer as descobertas que fez, e

ainda por cima com a sua deficiência... Ora, não espero de você nada menos que a

excelência. E pensar que...

Levou um bom tempo até a mulher parar de falar e deixar Nynaeve sair,

cambaleante. E ela cambaleou mesmo: sentia os joelhos fracos. Todas estavam

falando dela. Claro que estavam. Deveria ter dado ouvidos a Elayne e deixado as tais

descobertas para ela. Moghedien tinha razão. Cedo ou tarde, começariam a

investigar como ela conseguia fazer aquilo. Então as Aes Sedai queriam tomar a

melhor decisão para evitar uma catástrofe. E não davam qualquer pista do que

pretendiam com relação a Rand.

Olhando para o sol, quase no topo do céu, Nynaeve percebeu que estava atrasada

para a reunião com Theodrin. Pelo menos dessa vez tinha uma boa desculpa.

A casa de Theodrin — e de mais umas vinte mulheres — ficava depois da

Pequena Torre. Nynaeve reduziu o passo ao chegar perto da antiga

estalagem. O

burburinho dos Guardiões na porta da frente, perto de Gareth Bryne, deixava claro

que a reunião ainda não havia terminado. Um resíduo de raiva permitiu que ela

visualizasse o selo de proteção, um domo plano, fechado, feito principalmente de

Fogo e Ar, mas com toques de Água, cintilava diante de seus olhos, cobrindo toda a

construção. O nó da trama parecia um tormento. Tocar nele seria quase como

oferecer o próprio couro a um curtume, já que havia muitas Aes Sedai na rua lotada.

De vez em quando, alguns Guardiões entravam e saíam do brilho, invisível a eles,

deixando ou juntando-se à vigília na porta. O mesmo selo de proteção que Elayne

não conseguira penetrar. Um escudo contra bisbilhoteiros. Contra quem tentasse

ouvir algo com o Poder.

A casa de Theodrin ficava a cerca de cem passadas mais adiante na rua, mas

Nynaeve virou-se para entrar no pátio ao lado de um casebre de telhado de palha,

apenas duas casas depois da antiga estalagem. Uma cerca de madeira bamba protegia

o pequenino jardim de ervas murchas nos fundos do casebre, mas havia um portão

ainda preso por uma única dobradiça quase completamente enferrujada. Quando ela

o abriu, a dobradiça soltou um rangido tétrico. Nynaeve olhou em

volta, afobada —

ninguém nas janelas ou na rua podia vê-la —, juntou as saias e disparou pela viela

estreita que dava no quarto que ela dividia com Elayne.

Hesitou por um instante, secando as palmas suadas no vestido, lembrando-se do

que Birgitte dissera. Sabia que no fundo era uma covarde, por mais que se odiasse

por isso. Houve um tempo em que pensara em si mesma como corajosa — não uma

heroína como Birgitte, mas corajosa o bastante. O mundo lhe dera uma boa lição. Só

de pensar no que as irmãs fariam se a pegassem ali, sentia vontade de dar meia-volta

e ir correndo até Theodrin. Havia uma pequena chance de que encontraria a janela

do aposento exato onde estavam as Votantes. Uma chance ínfima.

Tentando molhar um pouco a boca — como podia estar tão seca, se o resto do

corpo estava tão úmido? —, ela se aproximou devagar. Um dia gostaria de saber

como era ser corajosa feito Birgitte ou Elayne, em vez de uma covarde.

O selo de proteção não se alterou quando ela o adentrou, e ela sequer o sentiu.

Sabia que não sentiria. Tocá-lo não faria mal nenhum, mas, mesmo assim, ela se

espremeu contra a parede de pedra bruta para evitar a trama ao máximo. Alguns

pedacinhos de trepadeira agarrados às rachaduras roçaram seu rosto.

Nynaeve foi seguindo devagar até o batente da janela — mas quase deu meia-

volta e foi embora. A janela estava bem fechada, e todo o vidro tinha desaparecido e

sido substituído por um tecido impermeável que podia até deixar entrar luz, mas não

permitia que ela visse nada lá dentro. E nem ouvisse nada — se é que havia alguém

do outro lado. Não havia como saber, já que nenhum som escapava. Foi respirando

bem fundo e avançando aos poucos até a janela seguinte. Um dos painéis também

fora substituído, mas dava para ver uma mesa surrada, a madeira outrora

ornamentada coberta de papéis e frascos de tinta, com poucas cadeiras em volta.

Fora isso, o cômodo estava vazio.

Resmungando um xingamento que ouvira de Elayne — a garota tinha um

repertório surpreendente de palavrões —, ela foi tateando o caminho pela pedra

bruta. A terceira janela estava aberta. Nynaeve chegou mais perto — e então deu um

pulo para trás. Não tinha realmente acreditado que encontraria alguma coisa, mas

Tarna estava ali. Não com as Votantes, mas com Sheriam, Myrelle e o restante

daquele grupinho. Se seu coração não estivesse batendo tão alto, teria ouvido os

murmúrios das vozes das mulheres antes de vê-las.

Ela se ajoelhou e se aproximou do batente o máximo que podia sem

ser vista pelas

pessoas lá dentro. A base da janela aberta roçava sua cabeça.

— ... tem certeza de que é essa a mensagem que quer que eu leve de volta? —

Aquela voz dura só podia ser de Tarna. — Está me pedindo mais tempo para avaliar

a situação? O que há para avaliar?

— O Salão... — começou Sheriam.

— O *Salão* — retrucou a emissária da Torre, em tom de escárnio. — Não pense

que não sei onde está o poder. Esse suposto *Salão* pensa o que vocês seis mandam.

— Foi o Salão, ele pediu mais tempo — declarou Beonin, com firmeza.
— Quem

é que pode dizer a que decisão elas vão chegar?

— Elaida vai ter que esperar para ouvir a decisão delas — completou Morvrin, em

uma imitação clara do tom gélido de Tarna. — Ela não aguenta esperar mais um

pouco para poder ver a Torre Branca íntegra mais uma vez?

A resposta de Tarna foi ainda mais fria:

— Vou levar a sua... a mensagem do *Salão*... para a Amyrlin. Vamos ver o que

ela pensa a respeito.

Uma porta se abriu e se fechou com um baque cortante.

Nynaeve poderia ter gritado de frustração. Agora sabia a resposta, mas não a

pergunta. Se pelo menos Janya e Delana a tivessem liberado um pouquinho mais

cedo... Bem, melhor do que nada. Melhor do que “vamos voltar e obedecer a

Elaida”. Não havia por que ficar ali, esperando ser vista.

Ela começou a se afastar, então ouviu Myrelle dizer:

— Talvez seja melhor simplesmente deixar uma mensagem para ela. Talvez seja

melhor convocá-la.

Com o cenho franzido, Nynaeve parou onde estava. Ela quem?

— As formalidades devem ser cumpridas — retrucou Morvrin, em um tom

rápido. — Temos que seguir as cerimônias apropriadas.

Beonin respondeu na hora, em um tom firme.

— Precisamos cumprir cada letra da lei. O menor deslize será usado contra nós.

— E se tivermos cometido um erro? — Carlinya soava acalorada, talvez pela

primeira vez na vida. — Quanto temos que esperar? Quanto ousamos esperar?

— Esperaremos o tempo que for preciso — retrucou Morvrin.

— O tempo que for necessário — ratificou Beonin. — Não esperei esse tempo

todo para aquela criança dócil simplesmente abandonar todos os nossos planos.

Por algum motivo, aquilo gerou um silêncio, embora Nynaeve tenha ouvido

alguém murmurar “dócil” outra vez, como se examinasse a palavra. Que criança?

Uma noviça, talvez uma Aceita? Não fazia sentido. As irmãs *nunca* esperavam pelas

noviças ou Aceitas.

— Já fomos longe demais para voltar atrás agora, Carlinya —
declarou Sheriam,

por fim. — Ou trazemos a garota aqui e garantimos que ela faça o que
tem que fazer,

ou deixamos tudo para o Salão e esperamos que elas não nos levem ao
desastre. —

Pelo tom, ela considerava a última possibilidade uma esperança tola.

— Um deslize — acrescentou Carlinya, com uma voz ainda mais fria
do que de

costume —, basta um deslize, e vamos todas acabar com a cabeça
numa estaca.

— Mas quem é que vai colocar ela lá? — perguntou Anaiya, pensativa.
— Elaida,

o Salão, ou Rand al'Thor?

O silêncio se estendeu, as saias farfalharam, e a porta se abriu e se
fechou outra

vez.

Nynaeve arriscou uma espiada. O aposento estava vazio. Soltou um
muxoxo

exaltado. Era de pouco consolo que elas tivessem decidido esperar —
a resposta

final ainda poderia ser qualquer coisa. O comentário de Anaiya
mostrou que aquelas

seis ainda estavam tão cautelosas em relação a Rand quanto a Elaida.
Talvez até



mais. Elaida não estava reunindo homens capazes de canalizar. E quem era a

“criança dócil”? Não, isso era irrelevante. Elas podiam estar tramando cinquenta

planos dos quais Nynaeve nada sabia.

O selo de proteção esvaneceu, e ela deu um salto. Já passava da hora de sair dali.

Levantando-se às pressas, começou a espanar a terra dos joelhos enquanto se

afastava da parede. Deu apenas um passo, pois foi obrigada a parar, ainda agachada,

as mãos paralisadas sobre as manchas de terra do vestido, diante de Theodrin.

A domanesa bochechuda a encarou de volta sem dizer uma palavra.

Em instantes, Nynaeve considerou e descartou a desculpa ridícula de que estava

procurando algo que deixara cair. Em vez disso, endireitou-se e passou lentamente

pela domanesa, como se não tivesse nada a explicar. Theodrin a seguiu com as mãos

na cintura. Nynaeve considerou suas opções. Podia dar uma pancada na cabeça de

Theodrin e sair correndo. Podia se ajoelhar outra vez e implorar. As duas seriam

bem equivocadas, em sua opinião, mas não conseguia pensar em nenhuma solução

intermediária.

— Você tem conseguido manter a calma? — perguntou Theodrin, olhando para a

frente.

Nynaeve levou um susto. Recebera aquela instrução da domanesa, depois do

treino da noite anterior para romper o bloqueio. Manter a calma, ter sempre

pensamentos tranquilos e serenos.

— É claro — respondeu, com uma risada fraca. — O que poderia me aborrecer?

— Que bom — respondeu Theodrin, em um tom suave. — Hoje pretendo tentar

algo um pouco mais... direto.

Nynaeve a encarou. Nenhuma pergunta? Nenhuma acusação? Pelo jeito que o dia

estava se desenrolando, não conseguia acreditar que sairia tão fácil dessa.

Nenhuma das duas viu a mulher que as observava de uma das janelas do segundo

andar.



CAPÍTULO 13

SOB A POEIRA

Nynaeve, enrolada em uma toalha esfarrapada de listras vermelhas e se perguntando

se era melhor desfazer a trança, olhou irritada para o vestido e a roupa de baixo

pendurados no encosto das cadeiras, pingando nas tábuas recém-varridas do chão.

Sua outra opção de vestimenta era outra toalha velha, essa listrada de verde e branco

e consideravelmente maior.

— Agora sabemos que choque não funciona — rosnou, para Theodrin, estremecendo. Sentia a mandíbula doer, e as bochechas ainda ardiam. Theodrin tinha

reflexos rápidos e um braço forte. — Eu até conseguiria canalizar agora, mas,

enquanto testávamos essa alternativa, *saidar* era a última coisa em que eu pensaria.

— No momento em que fora encharcada, perdera o fôlego, os pensamentos fugiram

e os instintos assumiram o comando.

— Bem, então canalize para secar suas coisas — resmungou Theodrin.

A dor na mandíbula de Nynaeve até diminuiu ao ver Theodrin examinar o próprio

reflexo em um triângulo de espelho quebrado e levar a mão ao olho. A pele já estava

meio inchada, e Nynaeve suspeitava que o hematoma ficaria espetacular. Seu braço

não era tão fraco assim. E um hematoma era *o mínimo* que Theodrin merecia!

Talvez a domanesa pensasse a mesma coisa, já que disse, em um suspiro:

— Não vou tentar isso de novo. Mas ainda vou conseguir ensinar você a se render

a *saidar* sem ter que ficar irritada a ponto de agarrar a Fonte com os dentes.

Olhando irritada para as roupas encharcadas, Nynaeve parou um instante para

pensar. Nunca tinha feito nada parecido. Eram proibidas de realizar tarefas com o

Poder, e com razão. *Saidar* era sedutora. Quanto mais a pessoa canalizava, mais

queria canalizar — e, quanto mais a pessoa queria canalizar, maior o risco de que

abraçasse Poder demais e acabasse estancada ou morta. A doçura da Fonte

Verdadeira veio preenchê-la sem quaisquer impedimentos — se a manhã já não

tivesse sido o suficiente, o balde de água de Theodrin garantira a

irritação. Uma

simples trama de Água absorveu toda a umidade de suas roupas e a fez escorrer pelo

chão, formando uma poça que logo se espalhou e se juntou aos resquícios do balde.

— Não sou muito boa em me render — comentou.

A menos que não houvesse mais razão para lutar. Só um tolo insistiria quando não

havia chance de vitória. Nynaeve não conseguia respirar debaixo d'água, não

conseguia voar batendo os braços... e não conseguia canalizar se não estivesse

irritada.

Theodrin, que olhava irritada para a poça, voltou-se para Nynaeve e plantou as

mãos na cintura fina.

— Estou bem ciente disso — retrucou, com calma demais. — Por tudo o que

aprendi, você não deveria sequer conseguir canalizar. Fui ensinada que é preciso

estar calma para canalizar, estar internamente serena e tranquila, com a mente aberta

e complacente. — O brilho tênue de *saidar* a rodeava, e fluxos de Água reuniram a

pocinha em uma bola líquida, uma visão estranha apoiada no chão. — É preciso se

entregar antes de guiar. Mas você, Nynaeve... por mais que tente se render, e olha

que já a vi tentar, você persiste e se agarra com unhas e dentes, a não ser que esteja

furiiosa o bastante para esquecer a luta e se deixar levar. — Fluxos de Ar ergueram a

bola oscilante. Por um instante, Nynaeve achou que a domanesa pretendia atirar a

água nela, mas a esfera flutuou pelo recinto e saiu por uma das janelas abertas. Fez

um estrondo ao cair, e um gato berrou, assustado e irritado. Talvez a proibição não

se aplicasse a alguém do nível de Theodrin.

— Por que não deixamos por isso mesmo? — Nynaeve tentou soar otimista, mas

achava que não tinha se saído muito bem. *Queria* poder canalizar quando bem

entendesse. Mas, como dizia o ditado, “se desejos dessem asas, os porcos poderiam

voar”. — Não faz sentido perder...

— Deixe ele assim — mandou Theodrin, quando Nynaeve começou a passar a

trama de Água nos cabelos. — Solte *saidar*, deixe ele secar naturalmente. E vista

suas roupas.

Nynaeve estreitou os olhos.

— Você tem outra surpresa me esperando, não tem?

— Não. Agora comece a preparar sua mente. Você é um botão de flor sentindo o

calor da Fonte, pronto para se abrir. *Saidar* é o rio, você é a margem. O rio é mais

poderoso que a margem, mas é ela que o contém e o conduz. Esvazie a mente e fique

só com o botão. Não há nada em seus pensamentos além do botão.

Você é o botão...

Enfiando a roupa de baixo pela cabeça, Nynaeve suspirou enquanto a voz de

Theodrin prosseguia, hipnótica. Exercícios de noviça. Se funcionassem para ela, já

teria conseguido canalizar por vontade própria muito tempo antes. Devia desistir

logo daquilo e ir tratar de coisas que conseguiria resolver, como convencer Elayne a

ir a Caemlyn. Mas queria que Theodrin conseguisse o que pretendia, mesmo que

precisasse de dez baldes d'água. Aceitas não viravam as costas; Aceitas não

desafiavam a autoridade. Odiava que os outros lhe dissessem o que não era capaz de

fazer, mais ainda do que quando lhe diziam o que fazer.

Horas se passaram, e as duas ficaram ali, sentadas, uma de frente para a outra,

diante de uma mesa que parecia saída de uma fazenda decrepita. Passaram horas

repetindo os exercícios que as noviças também deviam estar fazendo naquele mesmo

instante. O botão de flor e a margem do rio. A brisa de verão e o riacho murmurante.

Nynaeve tentou ser uma semente de dente-de-leão flutuando ao vento, tentou ser a

terra sorvendo a chuva da primavera, tentou ser uma raiz penetrando o solo bem

lentamente. Tudo sem efeito — ou, pelo menos, sem o efeito que Theodrin queria. A

domanesa chegara a sugerir que Nynaeve se imaginasse nos braços de

um amante, o

que acabou sendo um desastre, já que ela acabou pensando em Lan — como ele

ousava sumir daquele jeito! —, mas a cada vez a frustração virava raiva,

incendiando seu gênio feito brasa em palha seca, e punha *saidar* a seu alcance,

Theodrin mandava que soltasse e recomeçasse, devagar e com calma. A domanesa

se agarrava ao que queria com tanta intensidade que era enlouquecedor. Nynaeve

achou que a mulher poderia ensinar as mulas a serem teimosas. E Theodrin nunca se

frustrava, sua serenidade era quase uma arte. Nynaeve queria virar um balde de água

fria na cabeça *dela*, para ver se *ela* ia gostar. Por outro lado, considerando a dor que

sentia na mandíbula, talvez não fosse boa ideia.

Theodrin Curou o machucado antes de a aula acabar, que era até onde iam suas

habilidades naquele Dom. Logo depois, Nynaeve retribuiu a Cura. O olho de

Theodrin assumira um tom de roxo brilhante, e odiava não poder deixá-lo de

lembança para que a mulher tivesse um pouco mais de cuidado ao planejar as aulas

seguintes. Mas a retribuição era apenas justa, e os arquejos e arrepios de Theodrin

quando os fluxos de Espírito, Ar e Água percorreram seu corpo foram como uma

retribuição pelos arquejos da própria Nynaeve, quando aquele balde

foi jogado em

cima dela. Claro que também estremeecera na hora de ser Curada, mas não se podia

ter tudo.

Lá fora, o sol já estava a meio caminho do horizonte a oeste. Na rua, uma onda de

mesuras e reverências percorreu a multidão, que abria caminho para Tarna Feir. A

representante da Torre ia deslizando com a elegância de uma rainha ao caminhar por

um chiqueiro, o xale de franjas vermelhas enrolado nos braços, tão chamativo

quanto um estandarte. Mesmo a cinquenta passadas de distância, a atitude era clara

na maneira como mantinha a cabeça erguida e levantava as saias para não sujá-las de

terra, ignorando até os que a cumprimentavam com mesuras quando ela passava.

Houvera muito menos reverências e bem mais alvoroço e insultos no primeiro dia,

mas uma Aes Sedai era uma Aes Sedai — ao menos para as irmãs em Salidar, que

reforçaram essa lição com duras punições: duas Aceitas, cinco noviças e quase dez

serviçais, homens e mulheres, passavam as horas de folga arrastando lixo da cozinha

e dejetos de penico até as florestas, para serem enterrados.

Enquanto Nynaeve tentava escapulir antes que Tarna pudesse vê-la, seu estômago

roncou tão alto que rendeu um olhar assustado de um sujeito carregando um cesto de

nabos nas costas. Tinha perdido o café da manhã com as tentativas de Elayne de

romper o selo de proteção e o almoço com os exercícios de Theodrin — e as aulas

daquele dia ainda não tinham acabado: recebera instruções de Theodrin para que não

dormisse à noite. O choque falhara, mas talvez a exaustão funcionasse. *Qualquer*

bloqueio pode ser quebrado, dissera Theodrin, em um tom confiante e implacável, e

eu vou quebrar o seu. Só precisa acontecer uma vez. Uma vez canalizando sem

raiva, e sair será sua.

Naquele momento, Nynaeve só queria comida. Os ajudantes já estavam quase

terminando a limpeza das cozinhas, claro, mas o aroma de cozido de carneiro e

porco assado aguçou seu nariz — ainda assim, Nynaeve teve que se contentar com

duas maçãs horrorosas, um pedaço de queijo de cabra e um naco de pão. O dia não

estava melhorando.

De volta ao quarto, encontrou Elayne esparramada na cama. A Filha-herdeira

olhou-a sem nem erguer a cabeça, então voltou a encarar o teto rachado.

— Meu dia foi péssimo, Nynaeve — comentou, com um suspiro. — Escaralde

insiste em aprender a fazer um *ter'angreal*, sendo que não tem força para isso. E

Varilin fez *alguma coisa*... não sei o quê... e a pedra em que ela estava

trabalhando

virou uma bola de... bem, não era exatamente fogo... e bem nas mãos dela! Acho

que teria morrido se Dagdara não estivesse conosco... Ninguém mais ali conseguiria

Curá-la, e acho que não teria dado tempo de buscar outra pessoa. Daí fiquei

pensando em Marigan... Mesmo que a gente não consiga aprender a detectar um

homem canalizando, talvez dê para detectar o que ele já fez... Acho que me lembro

de Moiraine *insinuando* que era possível. Acho que me lembro... de todo modo, eu

estava distraída pensando nela quando alguém encostou no meu ombro, aí eu dei um

berro, como se tivesse levado uma picada de agulha. Era só o coitado de um

carroceiro querendo me perguntar sobre algum boato idiota, mas assustei tanto o

homem que ele quase saiu correndo.

Ela enfim fez uma pausa para tomar fôlego, e Nynaeve abandonou a ideia de atirar

o resto da última maçã em sua cabeça e aproveitou o silêncio para perguntar:

— Cadê a Marigan?

— Ela demorou bastante na arrumação, mas como já tinha terminado, eu a mandei

voltar para o quarto. E *ainda* estou usando o bracelete. Está vendo? — Ela sacudiu o

braço, depois o largou de volta no colchão, mas a torrente de palavras não

desacelerou. — Ela não parava de choramingar daquele jeito horrroso sobre como

deveríamos fugir para Caemlyn, e eu simplesmente não conseguia aguentar *nem*

mais um minuto, não depois do dia que tive. A aula com as noviças foi um desastre.

Sabe a Keatlin, aquela mulher *terrível*, a nariguda? Ela não parava de resmungar que

se estivesse em casa não deixaria uma *garota* dar as ordens. Daí Faolain chegou

batendo o pé, *exigindo* saber por que Nicola estava na aula. Como é que *eu* ia saber

que Nicola devia estar cuidando de umas tarefas para ela? Depois *Ibrella* decidiu

tentar fazer a maior chama que poderia e quase tocou fogo na sala *inteira*, e Faolain

me passou um sermão na frente de *todo mundo* por não conseguir controlar a turma.

E Nicola disse que *ela*...

Nynaeve desistiu de tentar encontrar uma brecha para falar — talvez devesse ter

atirado a maçã —, então simplesmente gritou:

— Eu concordo com a Moghedien!

O nome calou a boca de Elayne, que se sentou na cama, surpresa. Mesmo sabendo

que estava dentro do quarto, Nynaeve não pôde deixar de olhar em volta para

conferir se alguém a ouvira.

— Mas que tolice, Nynaeve.

Não dava para saber se a Filha-herdeira se referia à sua opinião ou a

ela ter falado

o nome da Abandonada em voz alta, e Nynaeve não pretendia perguntar. Ela se

sentou na própria cama, de frente para Elayne, e ajeitou as saias.

— Não, não é. Qualquer dia desses, Jaril e Seve vão acabar contando que Marigan

não é mãe deles, isso se já não tiverem contado. Você está preparada para responder

às perguntas que virão depois? Eu, não. Qualquer dia desses, alguma Aes Sedai vai

querer entender como é que eu consigo descobrir tanta coisa sem passar raiva do dia

até a noite. A cada duas Aes Sedai com quem falo, uma menciona o assunto. E

Dagdara anda me olhando de um jeito estranho. Além do mais, elas só vão ficar

aqui, sentadas, mais nada. A não ser que decidam voltar para a Torre. Entrei

escondida lá e escutei Tarna conversando com Sheriam...

— Você *o quê?*

— Eu entrei escondida e fiquei ouvindo — respondeu Nynaeve, muito calma. —

A mensagem que mandaram para Elaida é de que precisam de mais tempo para

considerar a proposta. O que, no mínimo, quer dizer que estão considerando

esquecer essa história da Ajah Vermelha com Logain. Não sei como teriam coragem

de deixar isso de lado, mas aposto que estão considerando. Se ficarmos por muito

mais tempo aqui, podemos acabar entregues de presente a Elaida. Se formos agora,

pelo menos poderemos dizer a Rand para ele não contar com o apoio de nenhuma

Aes Sedai. Dizer para ele não confiar em nenhuma Aes Sedai.

Franzindo o cenho com toda a elegância, Elayne se sentou de pernas cruzadas.

— Se ainda estão considerando a proposta, então não se decidiram. Acho melhor

ficarmos. Talvez a gente possa ajudá-las a tomar a decisão certa. Além do mais, você

nunca vai conseguir romper esse seu bloqueio se formos embora. A não ser que

pretenda convencer Theodrin a ir junto.

Nynaeve ignorou o comentário. Como se Theodrin tivesse feito muita diferença.

Baldes de água. Nada de dormir à noite. O que viria depois? A mulher praticamente

dissera que ia tentar o possível e o impossível até descobrir algo que funcionasse.

Nynaeve achava que havia coisa demais entre o possível e o impossível.

— Ajudá-las a decidir? Elas não vão nos dar ouvidos. Até mesmo *Siuan* mal nos

dá ouvidos. E isso porque ela tem o rabo preso com a gente, e nós com ela.

— Ainda acho melhor ficarmos aqui. Pelo menos até o Salão *decidir* alguma

coisa. Então, se o pior acontecer, pelo menos teremos fatos para contar a Rand, e não

suposições.

— E como é que vamos descobrir o que elas decidirem? Não dá para esperar que

eu vá encontrar duas vezes a janela certa para espiar. Se esperarmos algum anúncio,

pode ser que já tenham começado a nos vigiar. Ou a mim, pelo menos. Não tem uma

só Aes Sedai que não saiba que eu e Rand somos de Campo de Emond.

— Siuan vai nos contar antes de qualquer anúncio — retrucou a garota tola, com

toda a calma. — Você não acha que ela e Leane vão voltar mansinhas para Elaida,

acha?

Havia esse detalhe. Elaida ia mandar arrancar a cabeça de Siuan e de Leane antes

que elas pudessem sequer fazer uma medida.

— Mas isso ainda não leva em conta o problema de Jaril e Seve — insistiu

Nynaeve.

— Vamos pensar em alguma coisa. Não é como se fossem as primeiras crianças

refugiadas cuidadas por alguém que não é parente. — Elayne decerto estava achando

que o sorriso de covinhas que deu era reconfortante. — Só precisamos nos

concentrar em arranjar uma solução. E temos no mínimo que esperar Thom voltar de

Amadícia. Não posso deixá-lo para trás.

Nynaeve jogou as mãos para cima, frustrada. Se a aparência das pessoas refletisse

a personalidade, Elayne seria uma mula esculpida em pedra. A garota

tinha tomado

Thom Merrillin como substituto do pai, que morrera quando ela ainda era pequena. E

às vezes parecia pensar que o homem não conseguiria nem encontrar o caminho até

a mesa de jantar se ela não o tomasse pela mão.

O único aviso foi a sensação de alguém abraçando *saidar* ali perto, então um

fluxo de Ar fez a porta se abrir, e Tarna Feir adentrou o quarto. Nynaeve e Elayne se

levantaram de um salto. Uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e em alguns casos

bastara a palavra de Tarna para que a pessoa se juntasse aos demais ofensores

enterrando lixo nas horas vagas.

A loura encarou as duas Aceitas com uma expressão arrogante no rosto que

parecia feito de mármore branco.

— Pois bem. A Rainha de Andor e a bravia incapaz.

— Ainda não sou rainha, Aes Sedai — respondeu Elayne, com uma polidez fria.

— Só quando for coroada no Grande Salão. E só se minha mãe estiver morta.

Tarna abriu um sorriso mais gélido do que uma tempestade de neve.

— É claro. Tentaram manter sua presença aqui em segredo, mas sempre há boatos

e sussurros. — Ela olhou as camas estreitas e o banquinho bambo, as roupas

penduradas nos grampos presos às paredes de gesso rachado. — Imaginei que teriam

alojamento melhor, considerando todos os milagres por que são responsáveis. Se

estivessem na Torre, onde é o seu lugar, não seria surpresa se as duas já estivessem

prestes a ser testadas para o xale.

— Obrigada — respondeu Nynaeve, querendo mostrar que podia ser tão educada

quanto Elayne. Tarna a encarou. Aqueles olhos azuis quase faziam sua expressão

parecer calorosa. Então acrescentou, mais do que depressa: — Aes Sedai.

Tarna virou-se de volta para Elayne.

— Você tem um lugar especial no coração da Amyrlin, assim como Andor. Você

não conseguiria nem acreditar na enormidade de recursos empregados nas buscas

pelo seu paradeiro. Sei que ela ficaria muito feliz se você retornasse comigo a Tar

Valon.

— Meu lugar é aqui, Aes Sedai. — A voz de Elayne ainda era agradável, mas a

jovem mantinha o queixo erguido, em uma postura tão arrogante que competia com

a de Tarna. — Retornarei à Torre junto com as outras irmãs.

— Entendo — respondeu a Vermelha, impassível. — Muito bem. Agora nos dê

licença. Quero conversar a sós com a bravia.

Nynaeve e Elayne se entreolharam, mas não havia nada que a Filha-herdeira

pudesse fazer além de se curvar em uma mesura e se retirar.

Quando a porta se fechou, a mudança na postura de Tarna foi surpreendente. A

mulher se sentou na cama de Elayne e pôs as pernas para cima, cruzou os pés,

recostou-se contra a cabeceira lascada e cruzou as mãos sobre a barriga. Seu rosto

relaxou, e ela até sorriu.

— Você parece tensa. Não fique. Eu não mordo.

Nynaeve teria acreditado mais se os olhos da Aes Sedai também tivessem mudado

junto com a postura. O sorriso não chegava aos olhos — pelo contrário, os olhos

pareciam dez vezes mais duros, cem vezes mais gélidos, por causa do contraste.

Nynaeve sentiu calafrios.

— Eu não estou tensa — retrucou, rígida, plantando os pés no chão para não os

remexer.

— Ah. Então está ofendida? Por quê? Foi porque a chamei de “bravia”? Eu

também sou bravia, sabe. Foi a própria Galina Casban que desfez meu bloqueio,

com uma boa surra. Ela já sabia qual seria a minha Ajah muito antes que eu mesma

soubesse e manifestou seu interesse por mim. Galina sempre faz isso com as que ela

acredita que escolherão a Ajah Vermelha. — Tarna balançou a cabeça, rindo, os

olhos ainda frios e cortantes. — Ah, as horas que passei gritando e chorando antes

de conseguir encontrar *saidar* sem estar com os olhos bem fechados... não dá para

urdir tramas sem enxergar os fluxos. Fiquei sabendo que Theodrin está usando

métodos mais delicados com você.

Nynaeve remexeu os pés involuntariamente. Theodrin não tentaria uma coisa

dessas! Tinha certeza disso. Retesar os joelhos não diminuía as reviravoltas em seu

estômago. Então não deveria se sentir ofendida? Era para ignorar o “incapaz”

também?

— Sobre o que queria falar comigo, Aes Sedai?

— A Amyrlin quer ver Elayne em segurança, mas, sob muitos aspectos, você é

igualmente importante. Talvez até mais. O que você guarda na cabeça sobre Rand

al’Thor pode ser inestimável. Isso e o que tem na cabeça de Egwene al’Vere. Sabe

onde ela está?

Nynaeve queria secar o suor da testa, mas manteve as mãos firmes ao lado do

corpo.

— Faz muito tempo que não vejo Egwene, Aes Sedai. — Fazia meses desde o

último encontro das duas, em *Tel’aran’rhiod*. — Se me permite a pergunta, quais

são as intenções da... — Ninguém ali em Salidar chamava Elaida de Amyrlin, mas

ela supostamente devia respeito àquela Vermelha à sua frente. — ...

da Amyrlin em

relação a Rand?

— Intenções, criança? Ele é o Dragão Renascido. A Amyrlin sabe disso e

pretende dar a ele todas as honras merecidas. — A voz de Tarna ganhou um toque

de intensidade. — Pense, criança. Este grupo daqui vai voltar assim que as irmãs

perceberem as consequências de seus atos, mas cada dia que se passa pode fazer a

diferença. Já faz três mil anos que a Torre Branca orienta os governantes — sem as

Aes Sedai, teria havido mais guerras, e muito mais sangrentas. O mundo corre o

risco de cair em desgraça se al'Thor não receber essa orientação. Só que, assim

como não dá para urdir a trama sem ver os fluxos, não se pode orientar um completo

desconhecido. O melhor para al'Thor seria que você voltasse comigo e repassasse

tudo o que sabe sobre ele à Amyrlin. E que voltasse logo agora, não daqui a semanas

ou meses. Isso também seria o melhor para você. Não dá para ser elevada a Aes

Sedai aqui: o Bastão dos Juramentos está na Torre. A testagem só pode ser feita em

Tar Valon.

O suor escorria, fazendo arder os olhos de Nynaeve, mas ela se recusava a piscar.

Aquela mulher achava que podia suborná-la?

— A verdade é que nunca passei muito tempo com ele. Eu morava na aldeia, sabe,

e ele morava numa fazenda mais afastada na Floresta do Oeste. Só me lembro de um

garoto que se recusava a ouvir a voz da razão. Ele precisava ser obrigado a cumprir

com suas obrigações, às vezes até arrastado. Isso quando garoto, é claro. Ele pode

muito bem ter mudado. Claro que quase todos os homens não passam de garotos

crescidos, mas ele pode ter mudado.

Tarna apenas a encarou por um longo instante — longo demais, sob aquela mirada

gélida.

— Bom — disse a Vermelha, enfim, e levantou-se tão depressa que Nynaeve

quase deu um passo para trás, mas não havia para onde recuar naquele quartinho

minúsculo. O sorriso inquietante permanecia. — Foi um grupo estranho o que se

reuniu aqui. Não vi nenhuma das duas, mas ouvi dizer que Sivan Sanche e Leane

Sharif estão abrilhantando a cidade com sua presença. Não é o tipo de gente a quem

uma mulher sábia gostaria de se associar. E talvez os outros também não sejam.

Seria muito melhor para você se viesse comigo. Partirei pela manhã. Quero que me

avise ainda hoje à noite se devo ou não esperar por você na estrada.

— Receio que não...

— Pense a respeito, criança. Essa pode ser a decisão mais importante da sua vida.

Pense bem. — A máscara de cordialidade esvaneceu, e Tarna saiu do quarto.

Os joelhos de Nynaeve cederam, e ela despencou na cama. A mulher despertara

tantas emoções que ela não fazia ideia de como lidar com tudo aquilo. Sentia a raiva

e a inquietude se revolvendo dentro de si em um frenesi. Queria que a Vermelha

tivesse algum meio de se comunicar com as Aes Sedai da Torre que estavam atrás de

Rand. Ah, queria ser uma mosquinha para ouvir quando tentassem usar o que ela

dissera a respeito dele. Aquelas mulheres tentavam suborná-la. Tentavam deixá-la

com medo — e tinham sucesso, precisava admitir. Tarna tinha tanta certeza de que

as Aes Sedai ali acabariam se ajoelhando aos pés de Elaida... A Vermelha decidira

que a rendição era inevitável, era apenas uma questão de tempo. E será que a parte

final havia sido uma alusão a Logain? Nynaeve suspeitava de que Tarna soubesse

mais de Salidar do que o Salão ou Sheriam imaginavam. Talvez Elaida realmente

tivesse defensoras ali na cidade.

Ficou esperando Elayne voltar, mas, depois de quase meia hora sem nem sinal da

Filha-herdeira, saiu atrás da garota. A princípio apenas andou pelas ruas de terra

batida, depois apertou o passo, parando aqui e ali para espiar a multidão de cabeças

de cima de um carroção, escalando um barril virado para baixo ou uma plataforma

de pedra. O sol já estava bem baixo, quase na linha das árvores, quando ela voltou

para o quarto, resmungando sozinha. E deu de cara com Elayne, que também

acabava de chegar.

— Onde você se meteu? Achei que Tarna tinha lhe amarrado em algum canto!

— Estava pegando isto aqui com Siuan.

Elayne abriu a mão. Na palma havia dois dos anéis de pedra retorcidos.

— Algum deles é o verdadeiro? Foi uma boa ir atrás deles, mas você deveria ter

tentado pegar o verdadeiro.

— Nada me fez mudar de opinião, Nynaeve. Ainda acho melhor ficarmos.

— Mas Tarna...

— Só aumentou minhas certezas. Se formos embora, Sheriam e o Salão

definitivamente vão escolher a Torre em vez de Rand. Sei disso. — Ela pôs as mãos

nos ombros de Nynaeve, que se deixou conduzir até sentar-se na cama. Elayne

ocupou a cama em frente e se inclinou para mais perto, enfatizando o que dizia: —

Você se lembra do que me disse sobre usar a necessidade como guia para encontrar

alguma coisa em *Tel'aran'rhiod*? A gente precisa é de um jeito de convencer o

Salão a não ir até Elaida.

— Como? Que jeito? Se a história de Logain não basta...

— A gente vai saber quando encontrar — respondeu Elayne, com firmeza.

Nynaeve, absorta, passou os dedos pela trança grossa.

— E você vai aceitar ir embora se não encontrarmos nada? Não gosto da ideia de

ficar aqui, sentada, até elas decidirem começar a nos vigiar.

— Vou aceitar ir embora, mas só se você concordar em ficar se encontrarmos

alguma coisa útil. Nynaeve, por mais que eu queira vê-lo, somos mais úteis aqui.

Nynaeve hesitou, então concordou com um murmúrio. Parecia um acordo seguro.

Como não tinham ideia do que procurar, ela achava que não havia a menor chance

de encontrarem qualquer coisa de útil.

Se o dia já estava passando devagar antes daquilo, agora parecia se arrastar. As

duas foram para a fila de uma das cozinhas pegar os pratos de presunto fatiado,

nabos e ervilhas. O sol parecia parado havia horas bem no topo das árvores. Quase

todos em Salidar se deitavam logo após o pôr do sol, mas sempre restavam umas

poucas luzes saindo das janelas, sobretudo na Pequena Torre, onde o Salão oferecia

jantares para Tarna. Uma melodia de harpas volta e meia escapava da

antiga

estalagem — as Aes Sedai tinham encontrado um harpista razoável entre os

soldados, então mandaram o sujeito fazer a barba e se enfiar nas roupas chamativas

dos músicos. As pessoas na rua circulavam a passos rápidos diante da estalagem,

apenas olhando de soslaio para o interior ou fazendo tanto esforço para ignorar a

movimentação lá dentro que chegavam a tremer com a tensão. Gareth Bryne, como

sempre, era a exceção. Ele fez sua refeição sentado em um caixote de madeira no

meio da rua, em um ponto em que seria visto por qualquer um do Salão que olhasse

pela janela. Devagar, muito devagar, o sol foi deslizando por entre as árvores. A

escuridão chegou de repente, sem o anúncio do crepúsculo, e as ruas logo ficaram

desertas. A melodia do harpista voltou a escapar da estalagem. Gareth Bryne

permaneceu sentado no caixote, na beira da luz que saía de uma das janelas do Salão

em festa. Nynaeve balançou a cabeça — não sabia se o achava fantástico ou idiota.

Um pouco de cada, talvez.

Só depois de estar na cama com o *ter'angreal* de pedra rajada preso ao cordão em

seu pescoço, junto ao pesado anel de ouro de Lan, com a vela apagada, que ela se

lembrou das instruções de Theodrin. Bem, tarde demais para aquilo. E,

de todo

modo, a domanesa não teria como saber se Nynaeve tinha ou não dormido. E *onde*

estava Lan?

A respiração de Elayne foi ficando mais lenta. Nynaeve abraçou o travesseirinho

com um breve suspiro, e...

... se viu ao pé da cama vazia, encarando uma Elayne enevoadada sob a tênue luz da

noite em *Tel'aran'rhiod*. Ninguém as via ali. Talvez Sheriam ou alguma Aes Sedai

de seu círculo estivesse por perto, ou quem sabe Siuan ou Leane. Claro que ela e

Elayne tinham o direito de visitar o Mundo dos Sonhos, mas não queriam ter que

responder a perguntas sobre o que pretendiam fazer naquela noite. Elayne parecia

ver aquilo como uma caçada — conscientemente ou não, se vestira como Birgitte:

casaco verde e calças brancas. A jovem piscou para o arco de prata em suas mãos, e

ele desapareceu junto com a aljava.

Nynaeve olhou para as próprias vestimentas e suspirou. Um vestido de baile de

seda azul com flores douradas bordadas no decote baixo e em linhas trançadas ao

longo da saia volumosa. Sentia que calçava sapatilhas de festa de veludo. Não

importava muito o que a pessoa vestia em *Tel'aran'rhiod*, mas o que dera nela para

sua mente escolher aquelas roupas?

— Você sabe que isso pode não dar certo, não sabe? — perguntou, mudando as

roupas para o vestido de lã simples e os sapatos grossos típicos de Dois Rios. Elayne

não tinha o direito de sorrir daquele jeito. Um arco de prata. Rá! — Precisamos ter

pelo menos alguma ideia do que estamos procurando, precisamos de pelo menos

uma leve noção do que queremos.

— Vai ter que dar certo, Nynaeve. Pelo que você disse, as Sábias ensinaram que

quanto mais forte a necessidade, melhor, e precisamos mesmo encontrar alguma

coisa, ou a ajuda que prometemos a Rand vai por água abaixo. Vai sobrar só o que

Elaida estiver disposta a oferecer. Eu não vou permitir que isso aconteça, Nynaeve.

Não vou.

— Abaixе esse nariz empinado. Eu também não vou permitir uma coisa dessas se

puder fazer algo a respeito. É melhor a gente andar logo com isso.

Nynaeve deu a mão a Elayne e fechou os olhos. Concentrou-se na necessidade de

algo que ajudasse. Esperava que uma parte de si tivesse alguma ideia do que seria

isso. Talvez nada acontecesse. Algo que ajudasse. De repente, tudo pareceu derreter

à sua volta, e ela sentiu *Tel'aran'rhiod* inclinar e arremeter.

Abriu os olhos de supetão. Inevitavelmente, cada passo baseado em

sua

necessidade era dado às cegas e, embora a aproximassem de seu objetivo, qualquer

um desses passos poderia jogá-la em um poço de serpentes ou deixá-la cara a cara

com um leão em plena caça, pronto para lhe arrancar a perna.

Não viu leões, mas o que viu era perturbador. O brilho do sol indicava que já era

meio-dia, mas isso não a incomodou — o tempo ali transcorria de um jeito diferente.

Ela e Elayne estavam de mãos dadas em uma rua de paralelepípedos, rodeadas por

edifícios de tijolo e pedra — casas e lojas decoradas com sancas e frisos elaborados,

os telhados de telha sustentando domos ornamentados, pontes de pedra ou madeira

se elevando em arco sobre as ruas, às vezes até três ou quatro andares acima. Pilhas

de lixo, roupas velhas e mobília quebrada se amontoavam pelos cantos das ruas, e

ratos corriam em bandos, às vezes parando para bater os dentes, destemidos, em

desafio. Algumas pessoas apareciam de repente, tremeluzindo, e logo sumiam,

trazidas por seus sonhos às margens de *Tel'aran'rhiod*. Um homem despencou de

uma das pontes, aos berros, mas esvaneceu antes de chegar ao chão de pedras. Uma

mulher de vestido rasgado gritava enquanto corria em direção a elas, mas também

sumiu depois de poucos passos. Gritos e berros truncados ecoavam

pelas ruas, e às

vezes se ouvia uma risada rouca e quase insana.

— Não estou gostando nada disso — comentou Elayne, preocupada.

Ao longe, uma coluna branca feito neve se assomava acima da cidade, muito mais

alta do que as torres ao redor — algumas, inclusive, ligadas por pontes tão altas que

faziam as grandes torres da área em que estavam parecerem baixas. As duas estavam

em Tar Valon, na parte onde Nynaeve avistara Leane da última vez. A antiga

Curadora não falara muito abertamente sobre o que andava fazendo — alegando,

com um sorriso, que buscava uma forma de manter a aura de mistério e assombro

das Aes Sedai.

— Não importa — declarou Nynaeve, corajosamente. — Ninguém aqui em Tar

Valon sequer sabe sobre o Mundo dos Sonhos. Não vamos encontrar ninguém.

Nynaeve sentiu o estômago se revirar quando um homem apareceu de repente,

com o rosto ensanguentado, cambaleando em direção a elas. O sujeito não tinha

mãos, apenas cotocos esguichando sangue.

— Não foi isso o que eu quis dizer — resmungou Elayne.

— Vamos logo. — Nynaeve fechou os olhos, concentrando-se no que precisavam

encontrar.

Tudo mudou.

Estavam na Torre, em um dos corredores circulares com paredes cobertas de

tapeçarias. Uma garota gorducha em trajes de noviça brotou a menos de três

passadas dali, arregalando os olhos ao vê-las.

— Por favor — choramingou a menina. — Por favor. — E desapareceu.

De repente, Elayne deu um grito:

— Egwene!

Nynaeve deu meia-volta, mas o corredor estava vazio.

— Eu vi a Egwene — insistiu Elayne. — Tenho certeza.

— Imagino que ela possa tocar *Tel'aran'rhiod* em um sonho comum, como

qualquer outra pessoa — sugeriu Nynaeve. — Vamos continuar com o que viemos

fazer.

Estava começando a sentir algo maior que desconforto. As duas deram as mãos

outra vez. O que precisavam encontrar.

Tudo mudou.

Não era um depósito comum. As paredes estavam cobertas de prateleiras e havia

duas fileiras curtas de estantes no meio do aposento, cheias de caixas de vários

formatos e tamanhos muito bem guardadas, algumas de madeira lisa, outras com

entalhes ou envernizadas. Continham coisas enroladas em pedaços de pano; às vezes

pequenas imagens e estatuetas; figuras peculiares de vidro, metal, cristal, pedra ou

porcelana esmaltada. Nynaeve não precisava nem olhar com mais atenção para saber

que deviam ser objetos do Poder Único, muito provavelmente *ter'angreal*, talvez até

alguns *angreal* e *sa'angreal*. Dentro da Torre, uma coleção de objetos tão díspares e

guardada com tanto esmero e ordenação não podia ser de outra coisa.

— Acho que não faz muito sentido continuar explorando esse lugar — comentou

Elayne, desanimada. — Não sei o que poderíamos conseguir aqui.

Nynaeve deu um leve puxão na trança. Se tivesse alguma coisa ali que pudessem

usar — devia haver, a não ser que as Sábias tivessem mentido —, então devia ter um

jeito de conseguir chegar a essa coisa no mundo desperto. No tempo que passou na

Torre, os *angreal* e similares não eram tão bem guardados — em geral, eram

vigiados apenas por um cadeado e uma noviça. A porta dali era de tábuas pesadas,

trancada por um pesado cadeado de ferro preto. Sem dúvida estava trancado, mas ela

o visualizou aberto e empurrou a porta.

O depósito se abria para um aposento da guarda. Uma das paredes estava coberta

por camas estreitas empilhadas, enquanto a outra continha fileiras de estantes com

velhas alabardas. Atrás de uma mesa maciça e surrada rodeada de banquetas ficava

outra porta, reforçada com ripas de ferro, com uma pequena janela gradeada.

Assim que ela se virou de volta para Elayne, percebeu que a porta estava fechada

outra vez.

— Se a gente não conseguir pegar o que precisa aqui, talvez dê para encontrar

algo parecido em algum outro lugar. Quer dizer, talvez alguma outra coisa funcione.

Pelo menos agora temos uma pista. Acho que essas coisas aqui são *ter'angreal* que

ninguém descobriu como usar. Só por isso estariam guardados desse jeito. Pode ser

que até mesmo canalizar perto deles seja perigoso.

Elayne a encarou com um olhar irônico antes de responder:

— Mas se tentarmos a busca pela necessidade outra vez, não vamos acabar

voltando para cá? A não ser que... A não ser que as Sábias tenham lhe ensinado

como eliminar um local da busca.

As Sábias não tinham ensinado, não estavam nem um pouco ávidas por

compartilhar informação com ela. Mas tudo era possível naquele lugar, onde se

podia abrir um cadeado só com a força do pensamento.

— Vamos fazer exatamente isso. Vamos nos concentrar em como o que queremos

não está em Tar Valon. — Franzindo o cenho para as prateleiras, Nynaeve

acrescentou: — E aposto que vai ser algum *ter'angreal* que ninguém

sabe como

usar. — Só não sabia como aquilo ia ajudar a convencer o Salão a apoiar Rand.

— Precisamos de um *ter'angreal* que não esteja em Tar Valon — disse Elayne,

como se tentasse se convencer daquilo. — Muito bem. Vamos em frente.

Ela estendeu as mãos, e, depois de um instante, Nynaeve as segurou. Ainda não

conseguia entender o que a possuía para insistir em continuar a busca. Queria ir

embora de Salidar, não encontrar um motivo para ficar. Mas se aquilo lhes trouxesse

uma garantia de que as Aes Sedai de Salidar apoiariam Rand...

Pensou no que precisavam. De um *ter'angreal*. Que não estivesse em Tar Valon.

Era disso que precisavam.

Tudo mudou .

Fosse lá onde estivessem, a cidade banhada pela luz da aurora com certeza não era

Tar Valon. A menos de vinte passadas dali a rua larga e pavimentada transformava-

se em uma ponte de pedras com estátuas nas duas extremidades, a base arqueada

unindo as duas margens de pedra de um canal. A cinquenta passadas, no sentido

oposto, havia outra ponte. Torres delgadas circundadas por varandas se elevavam

por toda a parte, feito lanças cravadas em fatias de estruturas redondas e

ornamentadas. Todas as construções eram brancas, com portas e janelas com

formato de grandes arcos pontiagudos, às vezes duplos ou triplos. Os edifícios

maiores ostentavam compridas varandas de ferro forjado pintadas de branco com

vista para as ruas e os canais, mas com telas de ferro em desenhos intrincados

encobrindo quaisquer ocupantes; no topo, domos brancas com faixas douradas ou

escarlates se erguiam até formarem pontas agudas, tão altas quanto as torres.

Nynaeve se concentrou naquilo que precisavam.

Tudo mudou.

Poderia muito bem ser outra cidade. A rua era estreita e com pavimento irregular,

os dois lados completamente cobertos de construções de cinco e seis andares com as

paredes rebocadas de massa branca já descascando em vários pontos, deixando os

tijolos à mostra. Não havia varandas. Moscas zumbiam pelo ar, e era difícil dizer se

ainda era alvorecida, com o chão tomado pelas sombras dos edifícios.

As duas se entreolharam. Parecia improvável encontrar um *ter'angreal* ali, mas já

tinham ido longe demais para parar. Tinham que ir atrás do que precisavam.

Tudo mudou .

Nynaeve espirrou antes de conseguir abrir os olhos, então espirrou outra vez

assim que os abriu. Cada vez que mexia os pés, subia uma nuvem de poeira. O

depósito não era nada parecido com o da Torre. Um pequeno aposento lotado de

baús, barris e engradados, empilhados de todas as maneiras possíveis, quase sem

deixar espaço entre si, e tudo sob uma grossa camada de poeira. Nynaeve deu um

espirro tão forte que achou que seus sapatos iam sair dos pés... e a poeira

desapareceu. Toda. Elayne abriu um sorrisinho presunçoso. Nynaeve não disse uma

palavra, apenas visualizou o recinto na cabeça, mas *sem* poeira. Devia ter pensado

nisso.

Ela encarou o amontoado de tralhas e soltou um suspiro. O lugar não era maior

que o quartinho onde seus corpos dormiam, em Salidar, mas vasculhar aquilo tudo...

— Vai levar semanas.

— Podemos tentar mais uma vez. Talvez isso nos mostre as coisas que precisamos

examinar. — Elayne soava tão descrente quanto Nynaeve se sentia, mas era uma boa

sugestão.

Nynaeve fechou os olhos, e mais uma vez... tudo mudou.

Quando ela abriu os olhos de novo, estava parada no fim da fileira de tralhas mais

afastada da porta, encarando um alto baú quadrado de madeira que ia até sua cintura.

As alças estavam enferrujadas, e o próprio baú parecia ter passado os últimos vinte

anos sob golpes de martelos. Nynaeve não conseguia imaginar um local mais

improvável para armazenar qualquer coisa de útil, ainda mais um *ter'angreal*. Mas

viu Elayne ali, parada bem a seu lado, encarando o mesmo baú.

Nynaeve pôs a mão na tampa — aquelas dobradiças *iam* abrir sem que ela

precisasse forçá-las — e a empurrou para cima. Não houve sequer um rangido. Lá

dentro, duas espadas extremamente enferrujadas e uma placa peitoral com um

buraco no meio e no mesmo tom amarronzado jaziam sobre o restante do conteúdo:

um emaranhado de pacotes embrulhados em tecidos que pareciam ter sido

reaproveitados a partir de roupas velhas e dos resquícios de alguma cozinha.

Elayne remexeu em um pequeno caldeirão com a alça quebrada.

— Não sei se levaríamos semanas, mas pelo menos o resto da noite.

— Quer tentar outra vez? — sugeriu Nynaeve. — Mal é que não faria.

Elayne deu de ombros. Olhos fechados. O que precisavam.

Nynaeve estendeu a mão e tocou um objeto redondo e rígido, enrolado em trapos

podres. Quando abriu os olhos, viu a mão de Elayne próxima à sua. A Filha-herdeira

sorria de orelha a orelha.

Não foi fácil tirar o embrulho do baú. Não era pequeno, e tiveram que revirar

casacos esfarrapados, painéis amassados e embrulhos que se desintegravam

revelando estatuetas, animais entalhados e todo tipo de bobagem. Quando enfim

desenterraram o embrulho, tiveram que erguê-lo juntas. Era um disco largo e

achatado envolto em tecido velho. Quando afastaram os trapos que o cobriam, o

objeto revelou-se uma tigela rasa de cristal espesso com mais de dois pés de

diâmetro, o interior coberto de entalhes profundos que pareciam nuvens formando

redemoinhos.

— Nynaeve — começou Elayne, hesitante —, acho que isso aqui é...

Nynaeve levou um susto e quase largou a tigela, que de repente assumiu um tom

azul bem claro, e as nuvens entalhadas começaram a se mover devagar. Uma fração

de segundo depois, o cristal estava transparente outra vez, e as nuvens entalhadas,

paradas. Mas Nynaeve tinha certeza de que não eram as mesmas nuvens de antes.

— É, sim! — exclamou Elayne. — É um *ter'angreal*. E aposto o que você quiser

que tem alguma relação com o clima. Mas não sou forte o suficiente para usá-lo

sozinha.

Engolindo em seco, Nynaeve tentou fazer o coração parar de palpitar.

— Pare com isso! Você ainda não entendeu que pode acabar se estancando se

mexer com um *ter'angreal* sem saber o que ele faz?

A tola teve a ousadia de parecer surpresa.

— Mas é isso o que viemos procurar, Nynaeve. Você acha que existe *alguém* que

saiba mais sobre os *ter'angreal* do que eu?

Nynaeve fungou. Não era só porque Elayne estava certa que não merecera a

advertência.

— Não estou dizendo que não seria maravilhoso se isso fizesse alguma coisa com o

clima, porque é. Só não vejo como isso pode ser o que a gente precisa. Esse negócio

não vai fazer o Salão mudar de opinião em relação a Rand.

— O que você precisa nem sempre é o que você quer — respondeu Elayne. —

Era o que Lini costumava dizer quando me proibia de cavalgar ou de subir em

árvores, mas talvez também se aplique aqui.

Nynaeve fungou com desdém outra vez. Talvez até se aplicasse, mas naquele

momento ela queria ter o que queria. Era pedir demais?

A tigela sumiu de suas mãos, e foi a vez de Elayne levar um susto, resmungando

sobre nunca se acostumar com aquilo. O baú também se fechou.

— Nynaeve, quando eu canalizei dentro da tigela, senti... Olha, esse não é o

único *ter'angreal* aqui. Acho que também tem algum *angreal*, talvez até um

sa'angreal.

— Aqui? — perguntou Nynaeve, incrédula, encarando o quartinho atulhado. Mas,

se havia um, por que não dois? Ou dez? Ou cem? — Luz, não canalize de novo! E se

você sem querer fizer algum deles se manifestar? Você poderia acabar estanca...

— Eu sei o que estou fazendo, Nynaeve. De verdade, sei mesmo. Agora, o que

nós temos que fazer é descobrir exatamente onde fica este quarto.

O que não foi tarefa fácil. Embora as dobradiças parecessem massas de ferrugem

maciça, a porta não era um obstáculo — não em *Tel'aran'rhiod*. Os problemas

vieram logo depois. O corredor estreito e escuro lá fora possuía apenas uma janela,

na outra extremidade. Através dela, não se via nada além da parede branca caiada

descascada do outro lado da rua. E também não adiantou descer os estreitos lances

de escada de pedra. A rua lá fora poderia ter sido a primeira que tinham visto

naquela área da cidade, fosse lá onde fosse — as construções eram todas tão

parecidas que não serviam para se localizarem. As pequeninas lojinhas ao longo da

rua não tinham placas, e só o que indicava as estalagens eram as portas pintadas de

azul — o vermelho parecia indicar as tavernas.

Nynaeve avançou à procura de algum marco, qualquer coisa que pudesse indicar

sua localização. Algo que informasse qual era aquela cidade. Cada rua

onde entrava

era igual à anterior, mas ela não demorou a encontrar uma ponte que, ao contrário

das outras, era de pedra lisa e não tinha estátuas. Subindo até o centro da plataforma

arqueada, viu apenas o canal, que nos dois sentidos se encontrava com outros, além

de mais pontes e mais construções de massa branca flocada.

De súbito, ela percebeu que estava sozinha.

— Elayne — chamou.

Silêncio, exceto pelo eco de sua própria voz.

— Elayne? Elayne!

A loura apareceu de volta em um canto, perto da base da ponte.

— Aí está você! — exclamou a jovem. — Nossa, este lugar faz uma toca de

coelho parecer bem planejada. Desviei os olhos por um segundo, e você sumiu.

Encontrou alguma coisa?

— Nada. — Nynaeve olhou outra vez para o canal, antes de se juntar à amiga. —

Nada útil.

— Pelo menos dá para ter certeza de onde estamos. Ebou Dar. Só pode ser. — O

casaco curto e as calças largas de Elayne se transformaram em um vestido de seda

verde com renda saindo pelas mangas, gola alta com bordados elaborados e um

decote estreito, porém bastante profundo e revelador. — Não consigo pensar em

nenhuma outra cidade com tantos canais além de Illian, e isso aqui com certeza não

é Illian.

— Espero que não — retrucou Nynaeve, sem forças.

Nunca tinha lhe ocorrido que uma busca às cegas poderia levá-las ao covil de

Sammael. Reparou que o próprio vestido também tinha mudado para uma seda azul-

marinho mais adequada a viagens, completado com uma capa de linho. Fez a capa

desaparecer, mas deixou o restante como estava.

— Você ia gostar de Ebou Dar, Nynaeve. As Mulheres Sábias de lá sabem mais

de ervas do que ninguém. Conseguem curar de tudo. E é bom que consigam, mesmo,

porque lá o povo duela como se trocasse de roupa, sejam nobres ou plebeus, homens

ou mulheres. — Elayne deu uma risadinha. — Thom disse que aqui tinha leopardos,

mas eles foram embora porque achavam o povo de Ebou Dar muito nervosinho.

— Muito interessante — respondeu Nynaeve —, mas de que me interessa se esse

povo passa o dia se esbofeteando? Elayne, isso aqui foi tão útil quanto se tivéssemos

deixado os anéis de lado e ido dormir. Eu não conseguiria voltar àquele quarto nem

se fosse para receber o xale. Se pelo menos tivéssemos como fazer um mapa... —

Ela fez uma careta. Era melhor pedir asas no mundo desperto: se pudessem sair de

Tel'aran'rhiod com um mapa, poderiam sair com a tigela.

— Então teremos que ir procurar em Ebou Dar — declarou Elayne, com firmeza.

— No mundo real. Pelo menos saberemos em que *parte* da cidade começar.

Nynaeve se animou. Ebou Dar ficava a apenas algumas milhas de Salidar,

descendo o Rio Eldar.

— Parece uma ótima ideia. E vamos poder dar no pé antes que tudo desabe na

nossa cabeça.

— Sério, Nynaeve? Você ainda acha que isso é o que importa?

— É uma das coisas que importam. Consegue pensar em alguma outra coisa para

fazer aqui? — Elayne balançou a cabeça. — Então é melhor voltarmos. Quero

dormir de verdade esta noite.

Não dava para saber quanto tempo passava no mundo desperto quando se estava

em *Tel'aran'rhiod* — às vezes uma hora lá correspondia a uma hora no Mundo dos

Sonhos, mas às vezes era um dia ou mais. Por sorte, a recíproca não parecia

verdadeira, ou pelo menos não tanto, ou correriam o risco de morrer de fome durante

o sono.

Nynaeve saiu do sonho...

... e abriu os olhos, encarando o travesseiro, tão empapado de suor quanto ela

própria. Nenhuma brisa soprava pela janela aberta. O silêncio se abatera sobre

Salidar, e o som mais alto eram os arrulhos agudos das garças. Ela se sentou, desatou

o nó do cordão no pescoço e removeu o anel de pedra retorcido, pausando um

instante para tocar o robusto anel de ouro de Lan. Elayne se remexeu, então se

sentou, bocejando, e canalizou para acender um toco de vela.



— Acha que vai adiantar de alguma coisa? — perguntou Nynaeve, baixinho.

— Não sei. — Elayne se deteve para abafar um bocejo com o dorso da mão.

Como ela conseguia ser bonita até bocejando, com os cabelos bagunçados e a

bochecha com marcas do travesseiro? Era um mistério que as Aes Sedai deveriam

investigar. — O que eu sei é que aquela tigela talvez possa fazer alguma coisa em

relação ao clima. E sei que um esconderijo de *ter'angreal* e *angreal* precisa cair nas

mãos certas. É nosso dever entregá-lo ao Salão. Ou pelo menos a Sheriam. E sei que,

se isso não fizer com que elas apoiem Rand, vou continuar buscando até encontrar

algo que faça. E sei que quero dormir. Podemos continuar esta conversa de manhã?

Sem esperar resposta, a Filha-herdeira apagou a vela, enroscou-se outra vez na

cama e respirou fundo. As respirações lentas e intensas do sono começaram assim

que ela encostou a cabeça no travesseiro.

Nynaeve se esticou outra vez, encarando o teto em meio à escuridão. Pelo menos

em breve estariam a caminho de Ebou Dar. No dia seguinte, talvez. No máximo um

ou dois dias depois, já que precisariam se aprontar para a jornada e parar algum

barco de passagem. Pelo menos...

Ela de repente se lembrou de Theodrin. Se levassem dois dias para se aprontar, a

domanesa iria querer duas sessões — isso era tão certo como um pato tinha penas. E

a mulher esperava que Nynaeve não dormisse à noite. Bem, Theodrin não tinha

como saber, mas...

Suspirando pesadamente, ela saiu da cama. Não havia muito espaço para

caminhar, mas usou todo o espaço disponível, ficando mais irritada a cada minuto.

Só queria ir embora. Já tinha dito que não possuía muito talento para a rendição, mas

talvez estivesse se aprimorando na arte da fuga. Seria maravilhoso poder canalizar

quando bem entendesse. Nynaeve nem percebeu as lágrimas que começaram a rolar

por seu rosto.



CAPÍTULO 14

SONHOS E PESADELOS

Quando viu Elayne e Nynaeve, Egwene não saiu do sonho — ela pulou fora. Não

voltou para seu corpo adormecido em Cairhien, pois a noite estava apenas

começando. Em vez disso, foi explorar o vasto negrume pontilhado de luzes

cinilantes que pareciam piscar, muitas mais do que havia estrelas no mais límpido

dos céus, cada uma nítida e distinta, até onde a vista alcançava. Embora ela na

verdade não tivesse olhos ali. Egwene flutuava sem forma definida no infinito entre

Tel'aran'rhiod e o mundo desperto, a fenda estreita entre sonho e

realidade.

Se tivesse um coração, ele estaria martelando feito um tambor desenfreado.

Egwene achava que não tinha sido vista, mas o quê, em nome da Luz, aquelas duas

estavam fazendo *lá*, naquela parte da Torre que não guardava nada de importante?

Em suas excursões noturnas, Egwene tinha o cuidado de evitar o gabinete da

Amyrlin, os alojamentos das noviças e até os das Aceitas. Sempre parecia que, caso

Nynaeve ou Elayne — ou ambas — não estivessem em um daqueles lugares, haveria

alguma outra pessoa. Podia ter falado com as amigas, claro — elas com certeza

guardariam segredo —, mas algo lhe disse que era melhor não. Sonhara com aquilo,

e a sensação tinha sido de um pesadelo. Não do tipo que faz a pessoa acordar suando

frio, e sim aqueles pesadelos que fazem quem os sonha ficar se virando, agonizante,

de um lado para o outro. Aquelas outras mulheres... Será que as Aes Sedai de

Salidar sabiam que estranhos perambulavam pela Torre no Mundo dos Sonhos?

Bom, eram estranhos para ela, ao menos. E, se as mulheres já não soubessem, não

tinha como alertá-las — não sabia como. Era tudo tão frustrante!

O grande oceano de escuridão cintilante criava um redemoinho ao seu redor,

parecendo se mover enquanto ela permanecia onde estava. Egwene

nadou confiante,

como um peixe nativo daquele mar de escuridão e luz — assim como os peixes, ela

não precisava pensar no que fazia para se mover por ali. Aquelas luzes tremeluzentes

eram sonhos, todos os sonhos de todas as pessoas do mundo. De todos os mundos,

de lugares que não eram exatamente o mundo que Egwene conhecia, de mundos que

não tinham nada a ver com o seu. Verin Sedai tinha sido a primeira a lhe falar sobre

aqueles lugares, e as Sábias afirmavam que era exatamente isso — e, espionando, ela

mesma avistara coisas em que simplesmente não podia acreditar, nem mesmo em

sonho. Não eram pesadelos — que sempre pareciam banhados em vermelho, azul ou

no cinza turvo das sombras profundas —, e sim sonhos repletos de coisas

impossíveis. Melhor evitá-los, já que claramente não pertencia àqueles mundos.

Espionar aqueles sonhos era como se ver cercada por espelhos quebrados, com tudo

girando, tornando impossível distinguir o que estava em cima e o que estava

embaixo. Só de pensar sentia o estômago querendo se esvaziar — e, se fosse embora

com aquela sensação, mas sem ter como aliviá-la justamente por *não ter* um

estômago, a vontade voltaria assim que retornasse ao próprio corpo. E não era nada

bom acordar vomitando.

Aprendera algumas coisas naquelas aventuras solitárias, conhecimento que

somara aos ensinamentos das Sábias — chegara até a se aventurar onde as

Andarilhas do Sonho Aiel a teriam impedido de entrar. Mas, ainda assim... tinha

certeza de que saberia mais, muito mais, se tivesse ajuda de alguma Andarilha dos

Sonhos. Claro que a mulher diria que aquilo ainda era perigoso demais, para não

falar em proibido, mas também sugeriria as melhores táticas a tentar. Egwene já

estava bem avançada, já ultrapassara as lições mais simples, e agora as soluções

vinham fáceis — bem, não tão fácil assim, nunca era realmente fácil, apenas menos

difícil. Ela chegara a um ponto em que era capaz de descobrir sozinha qual seria o

passo seguinte, mas esses sempre seriam passos que as Sábias Andarilhas dos

Sonhos já haviam trilhado muito antes. Aquelas mulheres poderiam ensinar em uma

noite, em uma hora, o que Egwene levava um mês para dominar sozinha. Mas só

ensinariam quando decidissem que ela estava pronta — nunca antes. Isso era tão

irritante... só queria aprender. Aprender tudo. Imediatamente.

Todas as luzes pareciam idênticas, mas Egwene aprendera a reconhecer algumas

— só não sabia dizer exatamente como ou por quê, o que a deixava

bem irritada.

Nem mesmo as Sábias entendiam por quê, mas, depois que identificava a quem

pertencia um sonho, conseguia encontrar os outros sonhos daquela pessoa feito uma

flecha bem mirada acertando o alvo — e não importava se quem sonhava estivesse

do outro lado do mundo. Aquela luz ali era de Berelain, a Primeira de Mayene,

mulher que Rand deixara no comando de Cairhien. Egwene sempre ficava

desconfortável olhando os sonhos de Berelain. Eles em geral não eram muito

diferentes dos sonhos de qualquer outra mulher que se interessasse igualmente por

poder, política e os vestidos da última moda, mas Berelain às vezes tinha sonhos

com homens — inclusive alguns com conhecidos seus — que faziam Egwene

enrubescer só de lembrar.

E aquele brilho discretamente embotado logo adiante era Rand, com os sonhos

guardados por trás de um selo de proteção tecido com *saidin*. Egwene quase parou

— ficava um pouco ressentida de ser bloqueada por algo que não era capaz de ver ou

sentir —, porém decidiu deixar para lá. Não queria perder mais uma noite com

tentativas inúteis.

Aquele lugar distorcia as distâncias da mesma forma que *Tel'aran'rhiod* distorcia

o tempo. Rand estava dormindo em Caemlyn — a menos que tivesse ido passear em

Tear, coisa que Egwene gostaria muito de descobrir como ele fazia —, mas ela

identificou uma luz conhecida bem perto do sonho dele: era Bair, que estava em

Cairhien, a centenas de léguas de Rand. Egwene tinha certeza absoluta de que,

naquela noite, Rand não estava em Cairhien. *Como* ele fazia aquilo?

Egwene se afastou do sonho da Sábua na hora, os pontinhos de luzes passando tão

depressa que pareciam riscos. Provavelmente não fugiria se também tivesse visto os

sonhos de Amys e Melaine, mas, se as outras duas Andarilhas dos Sonhos não

estavam dormindo e sonhando, poderiam muito bem estar andando por entre os

sonhos. E uma delas podia estar bem ali, pronta para investir contra ela e arrastá-la

para fora daquele universo escuro e pontilhado — ou talvez até para dentro do

próprio sonho de Andarilha, onde teria mais controle sobre o ambiente. E Egwene

duvidava de que fosse capaz de impedir o ataque, pelo menos não ainda. Estaria à

mercê da Aiel que a encontrasse, seria apenas parte do sonho *dela*. Manter-se no

controle de si mesma dentro do sonho de uma pessoa comum, que não tinha ideia do

que estava acontecendo, já era bem difícil, mas isso nem se comparava à dificuldade

de escapar de tal sonho sem que a própria pessoa parasse de sonhar com você, o que

normalmente ela só fazia ao acordar se você estava de fato lá, invadindo o sonho

dela. Quando quem sonhava era uma Andarilha, tão consciente do que acontecia no

próprio sono quanto do mundo desperto, era impossível. E isso só na *melhor* das

hipóteses.

Egwene só então reparou em como estava sendo tola. Era inútil correr. Se tivesse

sido encontrada, Amys ou Melaine já a teriam levado para outro lugar. Aliás, podia

muito bem estar correndo na direção das duas. As luzes que passavam depressa ao

redor não desaceleraram, simplesmente pararam de vez. As coisas eram assim

naquele lugar.

Frustrada, Egwene pensou um pouco no que fazer. Queria aprender o máximo que

conseguisse a respeito de *Tel'aran'rhiod*, mas tinha ido ali principalmente para dar

uma olhada no que estava acontecendo no mundo. Às vezes, era como se as Sábias

se recusassem a permitir que ela soubesse se o sol já tinha ou não nascido se ela não

pudesse ver por conta própria. Diziam que ela não deveria se exaltar — mas como,

se ficava desesperada só de pensar em tudo o que não sabia? E era por isso que

estava na Torre Branca, tinha tentado encontrar alguma pista sobre as

intenções de

Elaida. E de Alviarin. Nunca encontrava nada muito concreto, apenas pistas — e

poucas. Odiava não saber. Continuar na ignorância era como se ver, de repente, cega

e surda.

Bem, a Torre estava fora de questão — não havia opção, já que não tinha certeza

de que partes eram seguras. O restante de Tar Valon já fora eliminado depois da

quarta vez em que quase deu de cara com uma mulher de pele acobreada que

assentia, surpreendentemente satisfeita, enquanto examinava um estábulo que

parecia ter acabado de ser pintado de azul. Quem quer que fosse a mulher, era óbvio

que não tinha ido a *Tel'aran'rhiod* por acidente — além de não ter desaparecido

como um sonhador eventual, ela aparentava ser feita de névoa. A mulher estava

obviamente usando algum *ter'angreal* para acessar o mundo dos sonhos, o que

quase com certeza significava que se tratava de uma Aes Sedai. Egwene só sabia de

um *ter'angreal* que dava acesso ao Mundo dos Sonhos sem canalização, e ele estava

com Elayne e Nynaeve. Ainda assim, aquela mulher esbelta e muito bonita, usando

um vestido escandalosamente transparente, não parecia ser Aes Sedai havia muito

tempo — parecia ter a idade de Nynaeve, e não aquele rosto etéreo de

idade

indefinida.

Egwene poderia ter tentado segui-la — afinal, a mulher talvez fosse da Ajah

Negra, já que as Negras tinham roubado alguns *ter'angreal* relacionados ao Mundo

dos Sonhos. Mas achou que não valia a pena ir atrás da mulher, considerando os

riscos de ser descoberta, talvez até capturada, e o fato de que não teria com quem

compartilhar as informações que descobrisse até arranjar um jeito de falar de novo

com Elayne ou Nynaeve — a não ser que acabasse descobrindo algo terrível o

bastante para botar tudo a perder... A questão era que a Ajah Negra era problema

das Aes Sedai e, além de todos os outros motivos para guardar segredo, ela não

poderia sair contando aquilo para qualquer um. Manter o silêncio não era questão de

escolha.

Egwene examinou as luzes mais próximas sem muita atenção. Não reconheceu

nenhuma. Os pontos cintilantes estavam completamente imóveis, estrelas

bruxuleantes paralisadas em um gelo negro e límpido.

Estava aparecendo gente demais no Mundo dos Sonhos para o seu gosto. Tudo

bem que tinham sido duas pessoas, mas só essas duas já eram gente demais. A

mulher de pele acobreada e uma outra, bela e robusta, de olhos azuis e rosto

determinado, andando a passos resolutos. Egwene a apelidara de “a mulher

determinada” e achava que ela devia ser capaz de adentrar *Tel’aran’rhiod* sozinha

— ela tinha uma aparência sólida, e não entalhada na névoa. Além disso, quem quer

que fosse a mulher e qualquer que fosse o motivo para ela estar ali, Egwene a via

pela Torre com mais frequência do que via Nynaeve, Elayne, Sheriam e todas as

outras juntas. A mulher parecia ser vista em todos os lugares — além da Torre, ela

quase surpreendera Egwene, em sua última visita a Tear. E claro que *não* tinha sido

uma noite de reunião das Sábias com as Aes Sedai. Egwene avistou a mulher

caminhando escondida pelo Coração da Pedra, resmungando sozinha, parecendo

irritada. E ela também aparecera em Caemlyn nas *duas* últimas visitas de Egwene.

A mulher determinada tinha tantas chances de ser da Ajah Negra quanto a outra,

de pele acobreada — mas qualquer uma das duas também poderia ser de Salidar. Ou

quem sabe as duas fossem do grupo de Aes Sedai dissidente, embora Egwene nunca

as tivesse visto juntas e muito menos na companhia de alguém de Salidar. Aliás,

qualquer uma delas podia muito bem ser da Torre — entre as que restavam lá havia

divisões internas o bastante para que um lado decidisse espionar o outro. Além do

quê, as Aes Sedai da Torre mais cedo ou mais tarde ficariam sabendo de

Tel'aran'rhiod — isso se já não soubessem. Aquelas duas estranhas só traziam mais

perguntas sem resposta. E a única solução em que Egwene conseguia pensar era

evitá-las.

Claro que, nos últimos tempos, ela andava tentando evitar qualquer um no Mundo

dos Sonhos. Tinha começado a andar por lá sempre vigilante, olhando por cima do

ombro, achando que alguém a seguia sorrateiramente, vendo coisas. Pensou ter

avistado Rand, Perrin e até Lan de relance, sempre meio de canto de olho. Era sua

imaginação, claro — ou talvez eles só tivessem entrado ali por acaso, em sonhos.

Mas aquilo tudo a deixava assustadiça feito gato no canil.

Ela franziu o cenho — ou teria franzido, se tivesse rosto. Uma daquelas luzes

parecia... Não podia dizer que era familiar, já que não a conhecia, mas a luz

parecia... atraí-la. Não importava para onde olhasse, acabava se voltando para o

mesmo pontinho cintilante.

Talvez devesse tentar encontrar Salidar. Para isso teria que esperar Elayne e

Nynaeve saírem de *Tel'aran'rhiod* — já conseguia identificar os sonhos das duas só

de olhar, claro. Na verdade, conseguiria encontrar os sonhos das duas até dormindo,

pensou, dando uma risadinha muda. Até o momento, suas muitas tentativas de

localizar Salidar através dos sonhos das duas amigas tinham sido tão frutíferas

quanto tentar atravessar a barreira dos sonhos de Rand. Ali, a distância e a

localização não tinham nenhuma relação com o mundo desperto. Amys dizia que a

distância e a localização naquele lugar nem ao menos *existiam*. Por outro lado, seria

um exercício tão bom quanto qualquer...

Ficou surpresa ao notar que o pontinho em que seu olhar sempre pousava

começou a flutuar em sua direção, aumentando a ponto de o que antes parecia uma

estrela distante logo se transformar em uma lua branca e cheia. Egwene sentiu uma

centelha de medo se acender dentro de si. Encostar em um sonho e bisbilhotá-lo era

fácil — era como encostar um dedo na superfície de um lago em um toque tão suave

que a água envolvia o dedo, mas a superfície não era perturbada —, mas tudo aquilo

deveria ser fruto da sua própria vontade. Era a Andarilha quem buscava o sonho, e

não o sonho que a procurava. Desejou que a luz fosse embora, desejou que toda a

paisagem estrelada se movesse — só que aquela luz é que se moveu, expandindo-se

até preencher sua visão com uma luz branca.

Desesperada, ela tentou se afastar. Luz branca. Nada além da luz branca,

absorvendo-a...

Egwene piscou, embasbacada. Ao seu redor, estendia-se uma floresta de grandes

colunas brancas. Quase tudo parecia confuso, indistinto, sobretudo as colunas mais

distantes, mas havia algo bem nítido e real: Gawyn, correndo em sua direção pelo

piso de ladrilhos brancos, trajando um casaco verde, um misto de ansiedade e alívio

no rosto. Que era *quase* o rosto de Gawyn. Ele não era tão belo quanto o meio-

irmão, Galad, mas mesmo assim era bonito. Só que aquele rosto parecia muito...

comum. Egwene tentou se mexer, mas não conseguiu — não conseguia de jeito

nenhum. Sentia as costas apoiadas em uma das colunas, e correntes prendiam seus

pulsos acima da cabeça.

Aquilo devia ser o sonho de Gawyn. De todos aqueles incontáveis pontos de luz,

tinha parado justamente perto do dele — que, de alguma forma, a atraía. Aquela

atração era um problema para depois: naquele momento, ela queria saber por que ele

sonharia em mantê-la presa. Egwene tratou de fixar a verdade com firmeza na

mente: aquilo era um sonho, o sonho de outra pessoa. Ela era ela, e não o que quer

que Gawyn quisesse que fosse. Egwene não aceitava a realidade de nada daquilo.

Nada ali a afetava de verdade. Não parava de repetir aquilo na mente, como um

mantra. O processo tornava difícil pensar em qualquer outra coisa, mas, contanto

que se mantivesse firme, poderia correr o risco de permanecer naquele sonho — ao

menos por tempo suficiente para descobrir que esquisitices e peculiaridades

perpassavam os pensamentos de Gawyn. Mantê-la presa!

De repente, uma imensa chama em forma de gota brotou nos ladrilhos do piso, e

uma fumaça amarela e ácida ondulou pelo ar. Rand saiu daquele inferno de chamas.

Trajava um casaco vermelho com bordados dourados aos moldes de um rei e

encarava Gawyn. Fogo e fumaça desvaneceram. Só que aquele homem mal se

parecia com Rand — o verdadeiro era da mesma altura e porte de Gawyn, mas

aquela figura ali diante deles era uma cabeça mais alto que o irmão de Elayne. E o

rosto também era apenas levemente parecido, com proporções ligeiramente

estranhas e uma expressão mais dura do que deveria — o rosto frio de um assassino.

O recém-chegado abriu um sorriso desdenhoso.

— Ela não será sua — rosnou.

— Ela não vai ficar presa aqui com você — retrucou Gawyn, com a voz tranquila.

De repente, os dois empunhavam espadas.

Egwene ficou boquiaberta. Não era Gawyn quem a mantinha prisioneira — em

seu sonho, ele a resgatava! E de Rand! Tinha que ir embora daquela loucura. Ela se

concentrou em estar *fora* dali, de volta na escuridão, vendo tudo aquilo *de fora*.

Nada aconteceu.

As espadas se chocaram com um estrondo, e os dois bailaram uma dança mortal

— ou quão mortal poderia ser em um sonho. Nada ali fazia sentido. Quem sonharia

com um duelo de espadas?! E não era pesadelo — podia ser confuso, mas tinha um

aspecto muito normal, as cores não estavam embotadas. “Os sonhos dos homens são

um labirinto tão confuso que até ele desconhece”, dissera Bair, certa vez.

Egwene fechou os olhos e se concentrou. Fora. Estava lá fora, olhando aquilo se

desenrolar dentro da luz. Não restava espaço para pensar em mais nada. Estava do

lado de fora, olhando para dentro. Do lado de fora, olhando para dentro. Do lado de

fora!

Abriu os olhos outra vez. O confronto estava chegando ao clímax. A lâmina de

Gawyn penetrou o peito de Rand, que pareceu murchar. O aço se desprende do

corpo dele e deslizou pelo ar, em um arco reluzente. A cabeça de Rand rodopiou

pelo chão, quase alcançando os pés de Egwene, parando com os olhos cravados nela.

A jovem sentiu um grito borbulhar na garganta antes que pudesse contê-lo. Era um

sonho. Apenas um sonho. Mas aqueles olhos mortos a encará-la pareciam bem reais.

Então Gawyn surgiu diante dela, a espada de volta na bainha. A cabeça e o corpo

de Rand tinham sumido. Ele estendeu as mãos para as algemas que a prendiam, que

também sumiram.

— Eu tinha certeza de que você viria — sussurrou Egwene, e levou um susto com

a própria reação.

Ela ainda era ela mesma! Não podia se render àquilo, senão acabaria presa de

verdade.

Sorrindo, Gawyn tomou-a nos braços.

— Essa sua certeza me deixa tão feliz. Eu teria vindo antes, se pudesse. Não

deveria ter deixado que você corresse perigo por tanto tempo. Você me perdoa?

— Eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

Havia duas Egwenes: uma alegremente aninhada nos braços de Gawyn, que a

carregava por um corredor palaciano repleto de tapeçarias coloridas e grandes

espelhos com molduras douradas ornamentadas; outra em um cantinho ao fundo da

mente da primeira.

Aquilo estava ficando sério. Mesmo se concentrando o máximo que podia em

estar do lado de fora, Egwene continuava ali, vendo tudo pelos olhos de uma outra

Egwene. Ela tratou de reprimir a curiosidade a respeito do que Gawyn sonhava com

ela. Essa curiosidade, ali, podia ser perigosa. Não aceitava nada do que estava

vivenciando como verdade! Mas nada mudava.

Olhou para o corredor, que parecia bem real à primeira vista, mas tudo o que ela

via de canto de olho parecia enevoado. Sua atenção foi capturada pela própria

imagem, vista de relance em um espelho. Egwene até teria se virado para olhar,

quando passaram, mas era apenas uma passageira na mente da mulher dos sonhos de

Gawyn. A mulher refletida naquele espelho era ela — não havia qualquer traço que

diferisse minimamente do seu rosto verdadeiro —, mas, de alguma forma, o

conjunto era todo muito... Bonito — era a única palavra que se aplicava. Uma

beleza estonteante. Era assim que Gawyn a via?

Não! Nada de curiosidade! Estava do lado de fora!

Entre um passo e outro de Gawyn, o corredor virou uma encosta coberta de flores

silvestres, cujo perfume era trazido pela brisa suave. A verdadeira Egwene levou um

susto. Será que aquilo era obra sua? Sentiu a barreira entre ela e a outra enfraquecer.

Egwene se concentrou, desesperada. Aquilo não era real. Recusava-se a aceitar. Ela

era ela. Estava do lado de fora. Queria estar do lado de fora, olhando para dentro.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito

estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e

afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o

canto da boca. Estava muito difícil se concentrar em qualquer coisa. Egwene podia

até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas sentia o que aquela Egwene do

sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar faíscas contra sua pele.

— Meu coração é seu — entooou ele, baixinho. — Minha alma, tudo o que eu sou.

— O casaco de Gawyn assumira um tom escarlata, todo trabalhado com bordados

elaborados de folhas de ouro e leões de prata. Ele gesticulava dramaticamente,

levando a mão da cabeça ao coração. — Quando penso em você, não sobra espaço

para mais nada. Seu perfume invade meu cérebro e incendeia meu sangue. Meu

coração bate tão forte que não conseguiria escutar nem se o mundo se rompesse ao

meio. Você é o meu sol, a minha lua, as minhas estrelas. Você é o Céu e a Terra.

Você é mais preciosa do que a vida, o ar ou... — Ele parou de repente e franziu o

cenho. — Estou parecendo um idiota — resmungou consigo mesmo.

Se Egwene tivesse algum controle sobre as próprias cordas vocais, teria

discordado. Era muito bom ouvir aquilo, mesmo que soasse um pouquinho — só um

pouquinho — exagerado.

Naquele instante em que ele franziu o cenho, ela sentiu a tensão se afrouxar,

mas...

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito

estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e

afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o

canto da boca. Egwene podia até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas

sentia o que aquela Egwene do sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar

faíscas contra sua pele.

Não! Egwene não podia aceitar nenhuma parte daquele sonho como real!

O rosto de Gawyn era puro sofrimento, o casaco assumiu um tom cinza e sóbrio.

As mãos cerradas repousavam sobre os joelhos.

— Não tenho o direito de me dirigir a você como bem entender — declarou, todo

rígido. — Meu irmão ama você. Sei que Galad vive em agonia, temendo pela sua

vida. E acabou virando um Manto-branco em grande parte porque acha que as Aes

Sedai abusaram de você... Eu sei que ele... — Gawyn fechou os olhos com força.

— Ah, Luz, me ajude!

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza num manto que, naquele jeito estranho

dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma

mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da

boca.

Não! Egwene estava perdendo o pouco controle que tinha! Precisava sair dali! *Por*

que tanto medo? Não tinha certeza se o pensamento era seu ou da *outra*. A barreira

entre elas estava fina como seda. É o *Gawyn. Gawyn.*

— Eu amo você — declarou ele, hesitante. Estava outra vez no casaco verde, mas

ainda parecia menos bonito do que na vida real. Ele cutucou um dos botões do

casaco, então afastou a mão. Gawyn olhou para ela como se temesse o que poderia

ver em seu rosto. Claramente, tentava esconder esse medo, ainda que sem sucesso.

— Eu nunca disse isso para mulher nenhuma, Egwene, nunca nem tive vontade.

Você não tem ideia de como é difícil dizer agora... Mas não é que eu não queira —

acrescentou, mais do que depressa, estendendo uma das mãos para tocá-la. — Mas

revelar meus sentimentos desse jeito, sem o menor encorajamento, é como largar a

espada e deixar o peito exposto a uma lâmina. Mas não que eu ache que você... Luz!

Não consigo me expressar direito! Será que existe alguma chance de... quem sabe

um dia... você começar a nutrir... algum... sentimento... por mim? Algo... além de

amizade?

— Você é um idiota... e um amor! — respondeu, com a voz cheia de ternura,

rindo. — Eu te amo.

Aquele *eu te amo* ecoou na parte dela que era realmente ela. Egwene sentiu a

barreira desaparecer, teve um segundo para perceber que não se importava, e então

passou a haver uma única Egwene — uma Egwene feliz que passou os braços por

trás do pescoço de Gawyn.

* * *

Sentada em seu banquinho sob a luz fraca do luar, Nynaeve cobriu a boca para

abafar o bocejo que escapou e piscou firme os olhos que pareciam cheios de areia.

Aquilo ia funcionar — ah, se ia. Ela ia desmaiar de sono assim que cumprimentasse

Theodrin, se não antes! Sentiu o queixo se inclinando contra o peito e tratou de se

levantar. O banquinho parecia feito de pedra, e seu traseiro já estava dormente, mas,

ao que parecia, aquele desconforto já não era mais o suficiente para mantê-la

desperta. Talvez fosse melhor caminhar um pouco ao ar livre. Esticando os braços,

ela tateou para encontrar o caminho até a porta.

De repente, um grito distante cortou a noite. No mesmo instante, o banquinho em

que estava sentada a atingiu com força nas costas. Nynaeve se chocou contra a

madeira áspera da porta, soltando seu próprio grito assustado. Estarrecida, encarou o

banco, que jazia no chão ao seu lado, com um dos pés tortos.

— O que foi?! — gritou Elayne, sentando-se de repente na cama.

Mais gritos e berros ressoaram pela cidade, alguns vindos da própria casa em que

elas estavam, acompanhados de baques e uma sinfonia de coisas caindo que

pareciam vir de tudo que era lado. A cama vazia de Nynaeve chacoalhou e se

deslocou praticamente uma passada. A de Elayne se ergueu no ar, quase

arremessando a jovem para fora do colchão de palha.

— Uma bolha de mal — explicou Nynaeve, surpresa com a calma na própria voz.

Não havia por que sair pulando desesperada de um lado para o outro, mas, por

dentro, era exatamente o que ela estava fazendo. — Precisamos acordar todos que

ainda estiverem dormindo. — Não sabia como alguém poderia não ter acordado com

aquela algazarra, mas quem ainda estivesse dormindo podia acabar morrendo, sem

chance de se defender.

Sem esperar resposta, ela saiu depressa do quarto e tratou de abrir a primeira porta

que encontrou no corredor — teve que se agachar quando uma bacia de louça branca

passou voando pelo espaço onde um segundo antes estivera sua cabeça e se chocou

contra a parede logo atrás. Quatro mulheres dividiam aquele quarto, mobiliado com

duas camas pouco maiores que a de Nynaeve. Uma das camas estava virada de

cabeça para baixo, e as duas ocupantes presas sob ela tentavam em vão se arrastar

para fora. Na outra cama, Emara e Ronelle, outra Aceita, debatiam-se desesperadas,

aparentemente sufocadas pelas próprias roupas de cama que haviam se enrolado

nelas com firmeza.

Nynaeve agarrou a primeira mulher que conseguiu sair de baixo da cama virada,

uma serviçal esquelética chamada Mulinda, ainda atônita, e a empurrou para a porta.

— Corra! Acorde todo mundo que ainda estiver dormindo nesta casa e ajude

quem puder! Corra! — Mulinda saiu aos tropeços, enquanto Nynaeve puxava a outra

mulher caída e a ajudava a se levantar. — Me ajude, Satina. Preciso de

ajuda para

soltar Emara e Ronelle.

A mulher rechonchuda estava trêmula, mas assentiu e obedeceu sem pestanejar.

Não era só questão de desenrolar os lençóis, claro — o tecido parecia vivo, como

uma trepadeira maligna agarrada às mulheres, apertando-as cada vez mais, até

esmagá-las. Trabalhando juntas, Nynaeve e Satina tinham acabado de, mal a mal,

afastar os panos da garganta das outras duas quando o jarro d'água saltou do

lavatório e se chocou contra o teto. Satina deu um pulo e largou o lençol, que se

soltou das mãos de Nynaeve e voltou para a mesma posição de antes. As mulheres

presas começavam a parecer cada vez mais sem forças, debatendo-se com

movimentos mais lentos. Uma delas ofegava, deixando escapar murmúrios roucos, a

outra não emitia som algum. Mesmo sob o luar fraco que entrava pelas janelas, dava

para ver que seus rostos estavam inchados e escuros.

Nynaeve agarrou o lençol outra vez e se abriu para *saidar*, mas não encontrou

nada. *Estou me rendendo, que me queime! Estou me rendendo! Preciso do Poder!*

Nada. A cama se sacudiu, empurrando-a pelos joelhos, e Satina ganiu.

— Não fique aí parada! — ralhou Nynaeve. — Me ajude!

De repente, a roupa de cama escapou outra vez de suas mãos. Em vez

de se

enroscar de volta em Emara e Ronelle, o tecido se desenroscou das duas e se afastou

tão depressa e com tanta força que Emara e Ronelle se chocaram uma contra a outra

ao caírem de volta no colchão. Quando viu Elayne à porta, Nynaeve fechou a boca.

O lençol caiu do teto. O Poder. Claro.

— Todas estão acordadas — informou Elayne, já com um robe por cima da

camisola, entregando outro a Nynaeve. — Sofreram alguns machucados e arranhões,

um ou dois cortes bem feios que precisarão ser tratados quando houver tempo, e

acho que *todo mundo* vai ter pesadelos por uns dias, mas foi só. Tome. — Gritos e

berros ainda ressoavam noite adentro. Satina deu um pulo quando Elayne deixou o

lençol cair, mas ele ficou imóvel no chão. A cama virada, no entanto, se mexeu,

rangendo. Elayne se curvou, examinando as duas mulheres que gemiam, caídas na

cama. — Acho que só estão um pouco tontas. Satina, me ajude com elas.

Nynaeve olhou irritada para o robe em suas mãos. Aquelas duas deviam mesmo

estar tontas, depois de serem torcidas feito pano. Ah, Luz, como ela era inútil... E

ainda por cima saíra correndo feito uma tola, querendo assumir o comando. Sem o

Poder, ela era inútil.

— Nynaeve, pode me ajudar aqui? — Elayne sustentava uma Emara cambaleante,

enquanto Satina mais do que carregava Ronelle até a porta. — Acho que Emara vai

vomitando, e é melhor que seja lá fora. Parece que os penicos quebraram.

Pelo cheiro, Elayne estava certa. Os cacos de cerâmica se sacudiam no chão,

tentando escapar da cama virada.

Irritada, Nynaeve enfiou o robe. Já sentia a Fonte, um brilho tépido ligeiramente

fora de vista, mas decidiu ignorá-la. Passara anos se virando bem sem o Poder, podia

continuar assim. Ela ergueu o braço livre de Emara por cima do ombro e ajudou a

conduzi-la, ainda gemendo, até a rua. Quase conseguiram chegar a tempo.

Quando finalmente saíram da casa, depois de limpar a boca de Emara, todas as

outras mulheres já estavam reunidas diante da porta, em robes ou o que quer que

usassem para dormir. A lua brilhante, ainda cheia, no topo de um céu límpido,

iluminava tudo. Mais pessoas saíam das outras casas em meio a uma profusão de

berros e gritos. Uma tábua de uma cerca próxima começou a chacoalhar, seguida de

outra. Um balde saiu quicando rua abaixo. Uma carroça carregada de lenha avançou

de repente, as traves das rodas arando sulcos rasos no chão de terra batida. Fumaça

começou a subir de uma casa mais adiante, e elas ouviram gritos

pedindo por água.

Nynaeve reparou em um vulto escuro caído na rua. O lampião bruxuleante, quase

ao alcance de suas mãos inertes estendidas, indicava que devia ser um dos guardas

noturnos. Dava para ver seus olhos arregalados reluzindo ao luar, o rosto coberto de

sangue e a cabeça amassada na lateral, onde algo o atingira com a força de um golpe

de machado. Nynaeve mesmo assim tentou sentir seu pulso na garganta. Estava tão

furiosa que tinha vontade de dar um berro. A morte devia vir depois de uma vida

longa, com a pessoa na própria cama, cercada pela família e pelos amigos. Qualquer

outro cenário indicava um desperdício de vida. Um desperdício terrível!

— Ah, então você encontrou *saidar* esta noite, Nynaeve. Que bom.

Nynaeve deu um pulo e ergueu os olhos, encontrando o rosto de Anaiya. Só então

percebeu que de fato agarrava *saidar* — e mesmo assim era inútil. Levantou-se,

esfregou os joelhos com pesar e tentou não olhar para o homem morto. Se tivesse

sido mais rápida, será que teria feito diferença?

O brilho do Poder cercava Anaiya — e não apenas ela. Aquela aura de luz

singular também envolvia outras duas Aes Sedai já em seus trajes habituais, além de

uma Aceita de robe e Nicola e outras duas noviças, ainda de camisola. Nynaeve

notou outros grupos reluzentes, dezenas e mais dezenas de pontinhos de luz

deslocando-se pela rua. Alguns pareciam de Aes Sedai completas, mas a maioria,

não.

— Abra-se para uma união — instruiu Anaiya. — E você também, Elayne. E...

Qual é o problema com Emara e Ronelle? — Ao ouvir que estavam ainda meio

tontas, se recuperando, Anaiya resmungou baixinho, depois mandou que as duas

fossem encontrar um círculo para se unir assim que estivessem melhores. Sem

delongas, selecionou outras quatro Aceitas do grupo em torno de Elayne. —

Sammael logo vai ver que Salidar está bem longe de estar indefesa. Isso se for

mesmo ele, e não um dos outros. Bem, vamos logo. Abracem a Fonte, mas se

mantenham bem no limiar. Fiquem abertas, se entregando.

— Isto não é coisa dos Abandonados — começou Nynaeve, mas Anaiya, em um

tom muito rígido e maternal, cortou-a com firmeza.

— Não discuta, criança, apenas se abra. Já estávamos esperando um ataque. Não

algo desse tipo, mas já estávamos preparadas, nos planejamos para isso. Vamos,

criança. Não podemos perder tempo com conversa inútil.

Nynaeve tratou de calar a boca e tentou se colocar naquele limiar do abraço de

Saidar, no momento da rendição. Não foi fácil. Por duas vezes, sentiu o Poder fluir

para dentro de si e depois atravessar seu corpo até Anaiya — e nas duas vezes o

fluxo escapuliu de volta para ela. A Aes Sedai estreitou os lábios e olhou feio para

Nynaeve, como se achasse que tinha sido de propósito. A terceira vez foi como se a

tivessem agarrado pela nuca. *Saidar* passou varrendo por seu corpo até Anaiya e,

quando ela tentou se retrair — era de fato culpa dela, não do fluxo, afinal —, o

Poder que ela canalizava ficou retido ali, misturando-se com um fluxo ainda maior.

Nynaeve ficou impressionada. Viu-se olhando para o rosto das outras, querendo

descobrir se sentiam o mesmo. Agora era parte de algo mais, algo maior que ela

mesma. Não era só o Poder Único. As emoções iam desabando sobre ela — medo,

esperança, alívio e assombro, maior do que qualquer outra, além daquela sensação

de calma que só podia vir das Aes Sedai. Não havia como discernir que emoções

eram suas. A experiência deveria ser assustadora — sentia-se mais próxima daquelas

mulheres do que poderia se sentir até mesmo de uma irmã. Era como se todas

fossem uma só carne. Ashmanaille, uma Cinza magricela, pareceu compreender o

que ela estava pensando e abriu um sorriso caloroso.

Nynaeve ficou surpresa quando percebeu que não estava mais irritada.
A raiva

desaparecera, engolida pelo assombro. Mas o fluxo de *saidar* ainda permanecia,

talvez pelo fato de o controle já ter passado para a irmã Azul. Seu olhar caiu sobre

Nicola, que não abriu um sorriso fraterno, apenas lhe lançou aquele olhar calculista.

Por reflexo, Nynaeve tentou se afastar da união, mas nada aconteceu.
Faria parte

daquele círculo até que Anaiya o quebrasse, e fim.

A entrada de Elayne no círculo foi muito mais tranquila, mas ela primeiro

escondeu o bracelete de prata no bolso do robe. Nynaeve sentiu o suor frio brotar de

seu rosto. O que aconteceria se Elayne tivesse entrado na união ainda ligada a

Moghedien através do *a'dam*? Não fazia ideia, o que só piorava a sensação da

dúvida. Nicola franziu o cenho, olhando de Nynaeve para Elayne.
Claro que a

noviça não tinha como separar uma emoção da outra, ainda mais quando nem

mesmo Nynaeve conseguia identificar o que ela própria estava sentindo. A entrada

das últimas duas mulheres no círculo foi igualmente tranquila.
Shimoku, uma bela

kandoriana de olhos escuros, elevada a Aceita pouco antes da cisão da Torre, e

Calindin, uma taraboniana que usava os cabelos negros em uma infinidade de

trancinhas finas, Aceita já fazia uns bons dez anos — uma era um pouco mais que

uma noviça, a outra precisava dar o máximo de si para aprender cada migalha de

conhecimento, mas nenhuma das duas teve a mesma dificuldade que ela para se unir

ao círculo.

Então Nicola se pronunciou, de repente. Era como se estivesse falando dormindo:

— A espada do leão, a lança dedicada e ela aquela que enxerga além. Três a bordo

do barco, e aquele que está morto, mas ainda vive. Chega ao fim a grande batalha,

mas não acabam as batalhas do mundo. A terra dividida pelo retorno, e há tantos

guardiões quanto servas. O futuro se equilibra no fio de uma lâmina.

Anaiya a encarou.

— O que você disse, criança?

Nicola piscou, confusa.

— Eu falei alguma coisa, Aes Sedai? — perguntou, com a voz fraca. — Estou me

sentindo... diferente...

— Bem, se for vomitar, então vomite logo de uma vez — retrucou Anaiya, com

rispidez. — Unir-se pela primeira vez pode deixar algumas mulheres meio estranhas.

Não temos tempo para cuidar do seu estômago. — Como se para comprovar a

urgência da situação, ela ergueu as saias e disparou pela rua. — Tratem de ficar bem

juntas, todas vocês. E avisem quando virem algum problema que precise de nossa

atenção.

O que não foi muito difícil. Pessoas se amontoavam pelas ruas, gritando perguntas

sobre o que estava acontecendo — algumas apenas gritando coisas sem sentido —, e

havia muito movimento: portas batiam, janelas se escancaravam sem que ninguém

as tocasse; ouviam-se estrondos e objetos se estilhaçando dentro das casas. Panelas,

ferramentas, pedras e qualquer objeto que não estivesse bem preso podia dar um

salto ou sair voando a qualquer momento. Com uma risada triunfante quase

histórica, uma cozinheira rechonchuda de camisola agarrou um balde que se

arremessava contra ela ainda no ar. Quando um sujeito pálido e magro só com as

roupas de baixo tentou se desvencilhar de um pedaço de lenha, seu braço acabou

quebrando com um estalido. Cordas se retorciam, subindo por pernas e braços, e até

as roupas começaram a se remexer sobre os corpos de quem as usava. Encontraram

um homem muito peludo com a camisa toda enrolada na cabeça, debatendo-se com

tamanho desespero que ninguém conseguia se aproximar para tentar arrancar a peça

de cima de seu rosto antes que ele se asfixiasse. Uma mulher, que conseguira se

enfiar em um vestido, mas não tivera tempo de abotoá-lo, se agarrava à ponta de um

telhado de palha, gritando a plenos pulmões enquanto o vestido tentava lançá-la por

cima da casa — ou talvez céu adentro.

Resolver essas questões acabou se revelando tão simples quanto encontrar

problemas a serem resolvidos. Os fluxos de Poder que Anaiya manjava por meio da

união — assim como os fluxos dos outros círculos — não teriam a menor

dificuldade de refrear a investida de uma manada de touros, que dirá uma chaleira

que decidira sair voando. Assim que um objeto era contido, fosse pelo Poder ou com

as próprias mãos, a coisa raramente voltava a se mover, mas o problema era que

eram muitos. Não havia tempo nem para Curar alguém, a menos que a vida da

pessoa estivesse em perigo. Pancadas, sangramentos e ossos fraturados tinham que

esperar enquanto mais uma tábua de alguma cerca era jogada de volta no chão, de

preferência antes de rachar a cabeça de alguém, ou enquanto outro barril que saía

rolando desgovernado era detido antes de quebrar a perna de algum desavisado.

Nynaeve sentia uma frustração crescente. Havia tanto a resolver — vários

problemas pequenos, mas um homem com o crânio rachado por uma frigideira ou

uma mulher estrangulada pela própria camisola acabavam tão mortos quanto alguém

atacado diretamente pelo Poder. E a frustração não era só dela — pelo que podia

entender, vinha de todas do círculo, inclusive das Aes Sedai. Ainda assim, só o que

podia fazer era seguir marchando ao lado das outras, assistindo a Anaiya tecer a

combinação dos fluxos de todas as mulheres do círculo para lutar contra mil

pequenos perigos. Nynaeve ficou completamente absorta em ser apenas um canal,

em ser uma com todas aquelas outras mulheres.

Anaiya enfim parou, franzindo o cenho. A dissolução da união pegou Nynaeve de

surpresa. Ela ficou parada um momento, com o olhar perdido e fixo de quem não

compreendia o que estava acontecendo. Gemidos e lamentos tinham tomado o lugar

de gritos e berros. A rua, iluminada pelo brilho pálido do luar, estava parada, exceto

pelas pessoas que tentavam ajudar os feridos. Pela posição da lua, passara menos de

uma hora, mas, para Nynaeve, pareciam ter sido dez. Sentia as costas doloridas no

ponto em que o banco a atingira, os joelhos vacilavam, e os olhos pareciam ter sido

ariados. Ela bocejou tão forte que achou que as orelhas iam saltar do rosto.

— Eu não esperava isso de um dos Abandonados — resmungou Anaiya, meio que

para si mesma, mas alto o bastante para ser para as outras. Ela também soava

cansada, mas disparou para assumir a tarefa seguinte. Antes, segurou Nicola pelo

ombro. — Você mal se aguenta em pé, criança. Vá para a cama. Pode ir. Quero que

venha falar comigo assim que amanhecer, antes mesmo do café. Angla, você fica.

Você ainda consegue se unir de novo e emprestar um pouco de força para a Cura.

Lanita, cama.

— Não foi nenhum dos Abandonados — afirmou Nynaeve. Murmurou, na

verdade. Luz, como estava cansada. — Foi uma bolha de mal.

As três Aes Sedai a encararam. E as outras Aceitas também, aliás, assim como as

noviças. Todo mundo, exceto Elayne. Até mesmo Nicola, que ainda não tinha ido

embora. Pelo menos daquela vez, Nynaeve não deu a mínima para como o olhar da

outra mulher parecia medi-la. Estava com sono demais para se importar.

— Vimos uma em Tear, na Pedra — confirmou Elayne. Na verdade, tinham visto

apenas as consequências, no entanto era mais do que qualquer uma das duas

desejava ver outra vez. — Se Sammael tivesse atacado, não ficaria só arremessando

gravetos.

Ashmanaille trocou olhares indecifráveis com Bharatine, uma Verde capaz de

fazer o corpo esquelético parecer esbelto e dar ao nariz comprido um aspecto

elegante.

Anaiya sequer pestanejou.

— Me parece que você tem energia de sobra, Elayne. Também pode me ajudar

com a Cura. E você, Nynaeve... Perdeu de novo, não foi? Bem, pela cara, devia ser

carregada para a cama, mas vai ter que dar um jeito de ir sozinha. Shimoku, levante-

se e vá para a cama, criança. Calindin, venha comigo.

— Anaiya Sedai — chamou Nynaeve, com muita educação —, Elayne e eu

fizemos uma descoberta, hoje à noite. Se pudermos conversar a sós...

— Amanhã, criança. Para você, é cama. E já, antes que desabe no meio da rua.

Anaiya nem esperou para ver se seria obedecida. Levando Calindin a tiracolo,

caminhou a passos largos até um homem que se lamuriava, deitado no chão, a

cabeça apoiada no colo de uma mulher, e se curvou sobre ele. Ashmanaille puxou

Elayne para o outro lado, e Bharatine levou Angla para uma terceira direção. Antes

de desaparecer em meio à multidão, Elayne encarou Nynaeve por cima do ombro e

balançou a cabeça de leve.

Bem, talvez não fosse o melhor momento para mencionar a vasilha e Ebou Dar. A

reação de Anaiya fora meio estranha, como se ela tivesse ficado

desapontada ao

descobrir que não tinha sido um ataque dos Abandonados. Por quê?
Nynaeve estava

cansada demais para pensar naquilo. Anaiya até podia ter controlado os fluxos, mas

seu corpo servira como canal para *sair* durante uma hora inteira, o suficiente para

desgastar até alguém que já tivesse dormido uma boa noite de sono.

Cambaleando, Nynaeve avistou Theodrin. A domanesa mancava, ladeada por um

par de noviças trajando branco, parando sempre que encontrava alguém com um



ferimento que suas habilidades com a Cura pudessem dar conta. Ela não reparou em

Nynaeve.

Vou para a cama, pensou Nynaeve, emburrada. *Anaiya Sedai mandou*. Por que

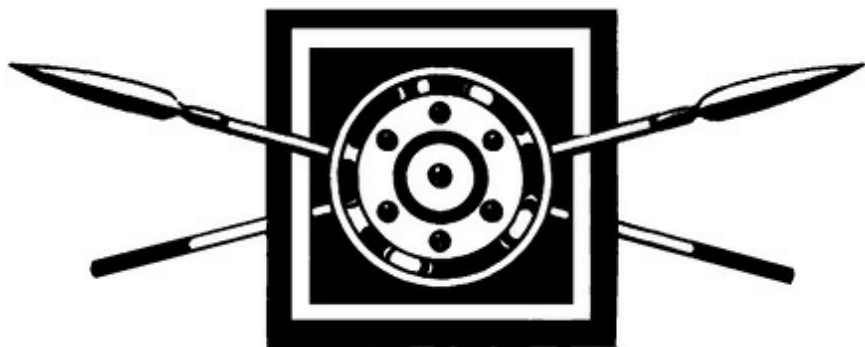
Anaiya parecera desapontada? Um pensamento começou a brotar lá no fundo da

mente, mas ela estava com sono demais para examiná-lo. Andava a

passos

arrastados, quase tropeçando no chão nivelado. Ia *dormir*, e Theodrin que pensasse o

que quisesse a respeito.



CAPÍTULO 15

UM MONTE DE AREIA

Egwene abriu os olhos, sem reparar nos arredores. Ficou um tempo ali, deitada,

aconchegada na cama, mexendo distraidamente no anel da Grande Serpente preso à

tira em torno do pescoço. Quando o usava no dedo, recebia muitos olhares suspeitos.

Era mais fácil se passar por aluna das Sábias se ninguém achasse que ela era Aes

Sedai — o que de fato não era, claro: era uma Aceita. Tinha passado tanto tempo

fingindo ser Aes Sedai que às vezes quase esquecia que não era.

Uma nesga do sol morno do início da manhã entrava pela fresta na abertura de

entrada, tão fraca que mal servia para iluminar o interior da tenda. Era como se não

tivesse pregado o olho, e as têmporas latejavam de dor. Desde que Lanfear quase

matara Aviendha e Egwene, no dia em que Moiraine tinha levado a Abandonada

consigo para a morte, a jovem sempre ficava com dor de cabeça depois de ir a

Tel'aran'rhiod, embora nunca forte o bastante para incomodar de verdade. De

qualquer forma, aprendera uma coisinha ou outra com Nynaeve sobre as ervas,

muito tempo antes, ainda em casa, e conseguira encontrar algumas plantas

conhecidas ali em Cairhien. Raiz de dorme-bem a deixaria sonolenta — ou, cansada

como ela estava, talvez a apagasse por horas —, mas acabaria com qualquer vestígio

de dor de cabeça.

Ela se levantou, endireitou a camisola amarrotada e empapada de suor e foi

pisando nas camadas de tapetes até o lavatório da tenda — uma vasilha de cristal

entalhada que já devia ter sido usada para servir sangria a um nobre qualquer. Ora, a

vasilha era tão boa para armazenar água limpa quanto o jarro de vidro azul, mas

 gua não estava nem um pouco fresca quando Egwene lavou o rosto. Teve o

vislumbre de seus próprios olhos no espelhinho de moldura dourada preso à parede

escura da tenda e sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

— Bem, o que você achava que ia acontecer? — sussurrou. Parecia

impossível,

mas seu rosto no espelho ficou ainda mais vermelho.

Aquilo não tinha passado de um sonho — não fora como em *Tel'aran'rhiod*, onde

o que acontecia passava a ser real depois de acordar, mas Egwene se lembrava de

cada detalhe como se tivesse sido mesmo real. Achou que as bochechas iam pegar

fogo. Fora só um sonho, e ainda por cima um sonho de Gawyn. Ele não tinha o

direito de sonhar aquelas coisas com ela.

— Foi tudo culpa dele — declarou, zangada, para o próprio reflexo. — Não tive

nada a ver com isso! Não tive nem escolha! — Ela tratou de fechar a boca, já

arrependida. Estava querendo culpar o homem pelas coisas com que sonhava! E

ainda por cima estava falando com um espelho, feito uma galinha tonta.

Egwene parou diante da saída da tenda baixa para espiar o movimento lá fora.

Estava instalada na extremidade do acampamento Aiel, e as muralhas cinzentas de

Cairhien se erguiam cerca de duas milhas a oeste, cruzando as colinas descampadas.

O espaço entre o acampamento e as muralhas, onde antes ficava Portão da Frente, a

cidade que envolvia Cairhien, agora estava vazio, e restava apenas o chão

chamuscado. Considerando a luz ambiente, o sol acabara de surgir acima da linha do

horizonte, mas os Aiel já zanzavam por entre as tendas.

Egwene decidiu que não levantaria cedo aquela manhã. Não depois de passar a

noite toda fora do corpo — uma lembrança que a fez corar de novo. Luz, ia passar o

resto da vida com as bochechas vermelhas só por causa de um sonho? Ao que

parecia, era uma grande possibilidade. Bem, depois de tudo o que passara, podia se

dar ao luxo de dormir até tarde. O cheiro de mingau sendo feito não era páreo para

as pálpebras pesadas.

Muito cansada, Egwene se jogou de volta nos cobertores e massageou as

têmporas. Estava cansada demais para preparar a raiz de dorme-bem. De qualquer

forma, achava que estava cansada demais para que a erva fizesse diferença. A dor

era fraca e sempre sumia em cerca de uma hora. Já estaria bem quando acordasse.

Considerando a noite que tivera, não foi surpresa ter Gawyn invadindo seus

sonhos. Reviveu algumas vezes um dos sonhos dele — mas não que tenham sido

idênticos, claro. Nas versões de Egwene, algumas situações constrangedoras

simplesmente não ocorriam ou, no mínimo, não apareciam em tantos detalhes.

Gawyn passava muito mais tempo recitando poemas ou abraçando-a enquanto

assistiam ao sol nascer e se pôr. E ele também não dizia que a amava,

todo

atrapalhado. Além disso, aparecia tão bonito quanto na vida real.
Tudo o mais fora

obra da cabeça de Egwene: beijos ternos que duravam para sempre,
Gawyn

ajoelhado enquanto ela amparava sua cabeça com as mãos... Algumas
coisas não

faziam sentido. Por duas vezes seguidas, sonhou que agarrava os
ombros dele e

tentava forçá-lo a se virar para o outro lado. Na primeira vez, Gawyn
afastou suas

mãos com rispidez; na outra, Egwene parecia ser mais forte que ele.
As duas

ocorrências se mesclavam na memória. Em outra ocasião, Gawyn ia
fechando uma

porta na cara dela, e Egwene sabia que morreria se aquela fresta de
luz cada vez

menor desaparecesse.

Os sonhos foram se amontoando. Nem todos eram com ele, e a
maioria parecia

mais pesadelo do que sonho.

Perrin surgiu diante dela. O amigo ferreiro tinha um lobo deitado a
seus pés, além

de um gavião e um falcão aninhados um em cada ombro, os dois se
encarando por

cima da cabeça dele. Perrin, que não parecia reparar nos pássaros,
ficava tentando

jogar o machado longe, até que desistiu e saiu correndo, com o
machado flutuando

atrás dele. Perrin reapareceu: deu as costas a um latoeiro e saiu
correndo cada vez

mais rápido, ignorando seus gritos para que ele voltasse. Mat surgiu, falando

palavras estranhas que Egwene quase compreendia — é *na Língua Antiga*, pensou

—, com dois corvos pousados um em cada ombro, as garras perfurando o casaco,

afundando na pele logo abaixo. Mat parecia tão alheio aos animais quanto Perrin,

porém mantinha uma expressão desafiadora, que logo mudou para uma carranca

resignada. Em outro sonho, uma mulher com o rosto encoberto por sombras

chamava Mat, atraindo-o em direção a um grande perigo. Egwene não sabia do que

se tratava, só tinha certeza de que era monstruoso. Vários sonhos foram sobre Rand;

nem todos eram ruins, mas eram sempre estranhos. Elayne o forçava a ficar de

joelhos, empurrando-o para baixo com apenas uma das mãos. Elayne ao lado de Min

e Aviendha, sentadas caladas ao redor dele, cada uma esperando sua vez de pousar

uma das mãos sobre ele. Rand andando em direção a uma montanha em chamas,

esmigalhando alguma coisa sob as botas. Egwene se remexeu e choramingou: as

coisas que Rand esmagava com os pés eram os lacres da prisão do Tenebroso,

despedaçando-se a cada passo dele. Egwene sabia. Não precisava vê-los para saber.

Alimentados pelo medo, os sonhos foram piorando. As duas estranhas que vira em

Tel'aran'rhiod a apanhavam e a arrastavam até uma mesa cheia de mulheres

encapuzadas. Quando as mulheres baixaram os capuzes, eram todas Liandrin, a irmã

Negra que a capturara em Tear. Uma Seanchan sisuda lhe entregou um bracelete e

um colar de prata conectado por uma correia prateada — um *a'dam*. Aquilo a fez

gritar. Já tinha sido obrigada a usar um *a'dam*. Preferiria morrer a permitir que

aquilo acontecesse de novo. Outro sonho — Rand fazendo estripulias pelas ruas de

Cairhien, gargalhando enquanto explodia as casas e as pessoas na rua com

relâmpagos e fogo. Outros homens corriam com ele, golpeando a tudo com o Poder.

Aquela terrível anistia de Rand fora anunciada em Cairhien, mas homem nenhum

escolheria canalizar. Sonhou que as Sábias a surpreendiam em *Tel'aran'rhiod* e a

vendiam feito bicho nas terras além do Deserto Aiel, que era o que faziam com os

cairhienos encontrados pelo Deserto. Egwene sonhou que saía do corpo e ficava ali,

parada, assistindo ao rosto se derreter e ao crânio rachar, enquanto vultos de sombras

a cutucavam com bastões. Cutucando. Cutucando...

Ela se sentou de repente, ofegante, e Cowinde se endireitou ao lado da cama, a

cabeça curvada escondida no capuz do robe branco de lã.

— Me perdoe, Aes Sedai. Só pretendia acordá-la para acabar com seu

jejum

noturno.

— Não precisava abrir um buraco nas minhas costelas — resmungou Egwene,

mas logo se arrependeu do comentário ácido.

Um brilho irritado tomou os olhos azuis intensos de Cowinde, mas logo foi

abafado, escondida por trás da máscara de *gai'shain* resignada e submissa . Depois

de fazer o juramento de obedecer com docilidade e não tocar em armas durante um

ano e um dia, os *gai'shain* aceitavam o que lhes acontecesse, não importava se era

uma palavra rude, uma agressão ou até uma facada no peito, provavelmente. Era por

isso que os Aiel consideravam matar um *gai'shain* tão absurdo quanto matar uma

criança — era algo imperdoável, e o assassino acabava morto por seu próprio irmão

ou irmã. Ainda assim, Egwene tinha certeza de que aquela obediência cega era uma

máscara. Os *gai'shain* eram obstinados e se esforçavam para manter a aparência de

docilidade, mas eram Aiel. Impossível pensar em um povo menos dócil, mesmo no

caso de Cowinde, que se recusara a abandonar a roupa branca ao fim do um ano e

um dia. A recusa foi um ato de rebeldia, um orgulho teimoso similar ao de qualquer

homem que se recusava a bater em retirada mesmo diante de dez inimigos. Era nesse

tipo de enrascada que os Aiel acabavam por causa daquele *ji'e'toh*.

E era um dos motivos por que Egwene tomava cuidado com o modo como se

dirigia aos *gai'shain*, sobretudo aos que eram como Cowinde. Aquelas pessoas não

tinham como revidar uma agressão sem violar tudo em que acreditavam. Por outro

lado, Cowinde fora uma Donzela da Lança — e voltaria a ser, se algum dia a

convencessem a abandonar aquela roupa branca. Se Egwene não pudesse contar com

o Poder, aquela *gai'shain* provavelmente conseguiria subjugá-la com uma das mãos

enquanto amolava a lança com a outra.

— Não quero café da manhã — declarou Egwene. — Pode ir embora, quero

dormir.

— Nada de café da manhã? — questionou Amys, os colares e braceletes de

marfim, ouro e prata tilintando quando ela se agachou para entrar na tenda. A mulher

não usava anéis, coisa que Aiel nenhum usava, mas usava adornos o suficiente para

enfeitar três mulheres e ainda sobrar um pouco. — Achei que pelo menos seu apetite

já tivesse voltado.

Bair e Melaine entraram logo em seguida, ambas também adornadas com muitas

joias. Cada uma era de um clã, mas mantinham suas tendas bem próximas, apesar de

as outras Sábias que haviam cruzado a Espinha do Dragão terem permanecido junto

a seus ramos. As três se acomodaram sobre almofadas borladas coloridas diante das

cobertas de Egwene e ajustaram os xales escuros que as Aiel usavam o tempo todo

— pelo menos as Aiel que não faziam parte das *Far Dareis Mai*. Amys tinha cabelos

tão brancos quanto os de Bair, mas — talvez pelo contraste entre os cabelos brancos

e o rosto liso — parecia estranhamente jovem em comparação com a cara de avó de

Bair, que ostentava rugas profundas. Amys tinha dito que seus cabelos eram apenas

um pouco menos claros quando ela era pequena.

Em geral, era Bair ou Amys que ficava no comando, mas foi Melaine, de cabelos

dourados e olhos verdes, quem falou primeiro naquele dia:

— Se você parar de comer, não vai se recuperar. Nós tínhamos pensado em

permitir que nos acompanhasse ao próximo encontro com as Aes Sedai. Elas sempre

perguntam quando vão poder ver você outra vez...

— E sempre agem como aguacentas tolas — completou Amys, ácida.

Amys não era uma mulher amarga, mas seu humor azedava sempre que se referia

às Aes Sedai de Salidar. Talvez esse azedume todo fosse simplesmente por se ver

obrigada a fazer reuniões com Aes Sedai. Era costume das Sábias evitar as mulheres

da Torre, sobretudo as Sábias capazes de canalizar, como Amys e Melaine. Além

disso, as mulheres não ficaram nada felizes ao ver que as Aes Sedai tinham

substituído Nynaeve e Elayne nas reuniões. Egwene também não. Pelo que

entendera, as Sábias achavam que haviam conseguido impressionar suas duas

amigas com a seriedade de estar em *Tel'aran'rhiod*. No entanto, pelo que ouvira das

reuniões, as Aes Sedai não tinham ficado nem um pouco impressionadas. Pouca

coisa impressionava uma Aes Sedai.

— Mas talvez seja melhor reconsiderar — continuou Melaine, com a voz

tranquila. Antes do casamento, que não tinha muito tempo, a mulher era irascível

feito um espinheiro. Mas, agora, pouca coisa a fazia perder a compostura. — Você

não deve voltar para os sonhos até seu corpo ter se recuperado.

— Seus olhos estão vermelhos — observou Bair, com uma voz preocupada e

ansiosa que combinava com a expressão em seu rosto. Ainda assim, ela era a mais

dura das três. — Você dormiu mal?

— Como ela poderia ter dormido bem? — indagou Amys, irritada. — Tentei

olhar os sonhos dela três vezes, ontem à noite, mas não encontrei nada. Ninguém

dorme bem sem sonhar.

Egwene sentiu a boca ficar seca num piscar de olhos; e a língua grudou no céu da

boca. Claro que elas iam verificar seus sonhos justamente na única noite em que ela

passara mais do que apenas algumas horas fora do corpo.

Melaine fez cara feia. Não para Egwene, mas para Cowinde, ainda ajoelhada e de

cabeça baixa.

— Tem um monte de areia perto da minha tenda — avisou, em um tom que

lembrava um pouco a irritação constante de antes do casamento. — Quero que você

olhe grão por grão até encontrar um que seja vermelho. E se não for o que estou

procurando, vai ter que olhar tudo de novo. Agora vá. — Cowinde se curvou em

uma mesura tão profunda que o rosto quase tocou os tapetes coloridos e saiu.

Melaine abriu um sorriso satisfeito. — Você parece surpresa, Egwene. Se a garota

não quer fazer o que é certo por conta própria, vou fazer com que queira. Já que ela

diz que continua me servindo, ainda é minha responsabilidade.

O longo cabelo de Bair rodopiou quando ela balançou a cabeça.

— Não vai dar certo. — Ela ajustou o xale nos ombros pontudos. Egwene suava,

mesmo só de camisola e com o sol ainda baixo, mas os Aiel estavam acostumados a

passar ainda mais calor. — Já açoitei Juric e Bera até cansar o braço, mas, não

importa quantas vezes eu diga para elas deixarem de usar branco, as duas voltam a

usar o robe antes do pôr do sol.

— É uma abominação — resmungou Amys. — Desde que viemos para as terras

aguacentas, um em cada quatro dos *gai'shain* que terminam de cumprir seu tempo se

recusam a voltar para seus ramos. Eles estão distorcendo o significado do *ji'e'toh*.

Aquilo era obra de Rand, que revelara a todos o que apenas as Sábias e os chefes

de clã sabiam: que, no passado, todos os Aiel haviam se recusado a tocar em armas

ou praticar a violência. Depois disso, alguns acreditavam que ser *gai'shain* era dever

de todos os Aiel, ao passo que outros se recusavam a aceitar Rand como o

Car'a'carn justamente por conta disso, e ainda havia os que a cada dia decidiam se

juntar aos Shaido, nas montanhas do norte. Alguns simplesmente abandonavam as

armas e sumiam, e ninguém sabia de seu paradeiro. Vítimas da Desolação, como

chamavam os Aiel. Para Egwene, o mais estranho daquilo tudo era que nenhum Aiel

culpava Rand, a não ser os Shaido. A Profecia de Rhuidean afirmava que o

Car'a'carn os levaria de volta e os destruiria. De volta para o quê, ninguém parecia

ter certeza, mas que ele os destruiria, todos, de alguma forma, aceitavam com a

mesma calma com que Cowinde se conformara com uma tarefa que sabia não ter

propósito.

Naquele momento, Egwene não teria se importado se todos os Aiel de Cairhien

passassem a usar o robe branco dos *gai'shain*. Se as Sábias sequer suspeitassem do

que ela andara aprontando... Preferiria examinar *centenas* de montes de areia, e faria

isso de boa vontade, já que achava que não teria tanta sorte. Sua punição seria bem

mais severa. Certa vez, Amys dissera que o Mundo dos Sonhos era extremamente

perigoso e, se ela não fizesse exatamente o que mandassem, não a ensinaria mais. As

outras com certeza concordariam. E aquela era a punição que Egwene mais temia.

Preferia encarar *milhares* de montes de areia sob o sol escaldante.

— Não precisa ficar tão nervosa — brincou Bair, rindo. — Amys não está com

raiva de todos os aguacentos, e com certeza não está zangada com você, que é como

uma filha das nossas tendas. É com aquela sua irmã Aes Sedai. Uma mulher

chamada Carlinya insinuou que estaríamos prendendo você contra vontade.

— Insinuou? — Amys ergueu as sobrancelhas claras quase até a raiz dos cabelos.

— A mulher afirmou com todas as letras!

— Mas ela aprendeu a controlar a língua — retrucou Bair, dando uma risada que a

fez se balançar na almofada escarlate. — Ah, aposto que aprendeu.
Quando saímos,

a Aes Sedai ainda estava aos berros, tentando tirar os lagartos-
escarlates do vestido.

Para os olhos fracos de uma aguacenta, um lagarto-escarlate é
igualzinho a uma

víbora-vermelha, mas eles não são venenosos. Só que não param de se
contorcer

quando ficam confinados.

Amys fungou.

— E os lagartos-escarlates teriam sumido se ela os visualizasse
sumindo. Aquela

mulher não aprende nada. Os Aes Sedai a quem servimos na Era das
Lendas não

deviam ser tão tolos. — Apesar das palavras duras, ela parecia mais
calma.

Melaine gargalhava com vontade, e Egwene também acabou soltando
uma

risadinha. Havia aspectos inexplicáveis no humor Aiel, mas não tinha
dificuldade

em ver a graça naquela situação. Só encontrara Carlinya três vezes,
mas só de

imaginar aquela mulher presunçosa, sisuda e fria se sacudindo sem
parar enquanto

tentava arrancar cobras de dentro do vestido... Egwene mal conseguia
conter uma

gargalhada.

— Pelo menos seu humor anda bem — comentou Melaine. — As dores
de cabeça

voltaram?

— Minha cabeça está bem — mentiu Egwene, e Bair aquiesceu.

— Ótimo. Aquela dor persistente nos deixou preocupadas. Basta você continuar

sem entrar em sonhos por mais um tempo que elas não devem voltar. Não precisa

ficar com medo de qualquer efeito negativo depois de ter entrado nos sonhos. A dor

é só uma forma de o corpo nos mandar descansar.

Aquilo quase fez Egwene rir de novo, mas não por ter achado graça. Os Aiel

muitas vezes ignoravam ferimentos graves e ossos quebrados só porque achavam

que tinham mais o que fazer.

— Por mais quanto tempo vou precisar esperar? — indagou. Detestava mentir

para as Sábias, mas ficar sem fazer nada era ainda pior. Já tinha sido bem ruim

durante os primeiros dez dias depois de Lanfear a acertar com aquilo, fosse o que

fosse. Naqueles primeiros dias ela não conseguia nem pensar sem sentir que a

cabeça ia explodir. Assim que melhorou, a “coceira do tédio”, como sua mãe

chamava, a fizera ir a *Tel'aran'rhiol* escondida das Sábias. Ninguém aprendia

descansando, afinal. — Então é para eu ir na próxima reunião?

— Talvez — respondeu Melaine, dando de ombros. — Veremos. Mas você

precisa comer. Se estiver sem apetite é porque tem alguma coisa errada que não

sabemos.

— Ah, eu consigo comer. — Inclusive, o mingau cozinhando lá fora cheirava

bem. — Acho que só estava com preguiça. — Foi complicado se levantar sem

vacilar; a cabeça ainda não queria ser movida. — Pensei em mais perguntas ontem à

noite.

Melaine revirou os olhos, divertida.

— Desde que você se machucou, faz cinco perguntas para cada questionamento

de antes.

Porque estava tentando decifrar as coisas sozinha. Mas claro que não podia dizer

isso, então apenas pegou uma roupa de baixo limpa de um dos pequenos baús

alinhados junto à parede da tenda e trocou-a pela camisola suada que estava usando.

— Perguntar é bom — interveio Bair. — Pergunte.

Egwene escolheu as palavras com cuidado, continuando a trocar a roupa com uma

naturalidade medida, metendo-se na mesma blusa branca de *algode* e na saia

volumosa de lã das Sábias.

— É possível alguém ser puxado para dentro de um sonho contra a vontade?

— Claro que não — respondeu Amys —, a não ser que tenha um toque muito

desajeitado.

Mas, logo em seguida, Bair respondeu:

— A não ser que haja emoções muito fortes envolvidas. Se tentar ver o sonho de

alguém que a ama ou odeia, você pode acabar sendo puxada para dentro. Ou se amar

ou odiar a pessoa. É por isso, inclusive, que nem nos atrevemos a olhar os sonhos de

Sevanna ou sequer falar com as Sábias Shaido em seus próprios sonhos.

Egwene achava muito surpreendente que aquelas mulheres — e todas as outras

Sábias, na verdade — ainda se encontrassem e conversassem com as Sábias dos

Shaido. Segundo os costumes, a união entre as Sábias estava acima de rixas e

batalhas, mas Egwene achava que se opor ao *Car'a'carn* e jurar matá-lo deixava os

Shaido muito além de um conflito comum.

— Sair do sonho de alguém que a odeia ou a ama é como tentar escalar para sair

de um buraco bem fundo e de paredes lisas — concluiu Bair.

— Bem isso. — Amys pareceu recobrar o humor, olhando de soslaio para

Melaine. — Por isso que nenhuma Andarilha dos Sonhos comete o erro de tentar ver

os sonhos do marido. — Melaine parecia cada vez mais séria, os olhos fixos à frente.

— Bem, pelo menos não comete esse erro duas vezes.

Bair abriu um sorriso enorme que aprofundou os vincos de seu rosto, tudo isso

enquanto claramente evitava olhar para Melaine.

— Pode ser um tremendo choque, ainda mais se o marido estiver irritado com a

esposa Andarilha. Como, em um exemplo que acabei de inventar, caso o marido

tivesse que ficar longe da esposa por causa do *ji'e'toh*, e ela, revoltada feito uma

criança tola, fosse boba o bastante para dizer que ele não iria se a amasse de verdade.

— Isso já está fugindo demais da pergunta — advertiu Melaine, com o rosto

muito vermelho e a voz muito contida.

Bair riu.

Egwene conteve a curiosidade e o divertimento. Forçou a voz a soar ainda mais

casual:

— Mas e se a pessoa não estiver tentando olhar?

Melaine olhou para ela, agradecida, e Egwene sentiu uma pontada de culpa. Claro

que não o suficiente para deixar de tentar descobrir a história inteira mais tarde. Só

podia ser hilária, para *Melaine* corar daquele jeito.

— Já ouvi um caso assim — comentou Bair. — Quando eu era jovem e estava

começando a aprender, fui treinada por Mora, a Sábia do Forte Colrada. Ela dizia

que, se o sentimento fosse *muito* intenso, como um amor ou um ódio imensos e que

não deixassem espaço para mais nada, a Andarilha poderia ser puxada para dentro

do sonho só de ficar sabendo que ele existia.

— Nunca ouvi falar de nada parecido — afirmou Melaine.

Amys apenas pareceu incerta.

— Eu também nunca ouvi isso de ninguém, só de Mora — confirmou Bair. —

Mas Mora era incrível. Diziam que tinha quase trezentos anos quando morreu com

uma picada de cobra-sangue, mas parecia tão jovem quanto qualquer uma de vocês.

Eu não passava de uma garota, mas me lembro bem de Mora. Ela entendia de muitas

coisas, e não só era capaz de canalizar como era bem forte. Vinham Sábias de todos

os clãs para aprender com ela. Acho que é muito raro haver um amor ou um ódio tão

grandes, mas Mora dizia que já tinha acontecido duas vezes com ela. Uma com o

primeiro homem com quem se casou, outra com um rival que disputava o interesse

de seu terceiro marido.

— Trezentos?! — exclamou Egwene, parando de amarrar a bota macia que ia até

os joelhos. Achava que nem Aes Sedai viviam tanto.

— Como falei, era o que se dizia — retrucou Bair, sorrindo. — Algumas

mulheres envelhecem mais devagar, como Amys aqui. E, quando se trata de uma

mulher como Mora, sempre surgem histórias. Um dia conto a história de como Mora

moveu uma montanha. Quer dizer, é o que dizem.

— Um dia? — indagou Melaine, em um tom um tanto delicado demais. Dava para

ver que ela ainda se ressentia do que acontecera no sonho de Bael, fosse o que fosse,

e de todas as outras saberem do acontecido. — Já ouvi todas as histórias de Mora

quando era criança. Acho até que sei todas de cor. No dia em que Egwene terminar

de se vestir, temos que a fazer comer alguma coisa. — Um brilho em seus olhos

verdes indicava que ela pretendia conferir que cada mordida fosse engolida. Suas

suspeitas quanto à saúde de Egwene com certeza não tinham cessado. — E

responder às outras perguntas.

Egwene, desesperada, se atrapalhou na formulação da pergunta seguinte. Em

geral, sempre acordava com um monte de perguntas, mas, depois dos

acontecimentos da noite anterior, acabara só com aquela dúvida. Se deixasse por

aquilo mesmo, as Sábias poderiam começar a suspeitar se a indagação não surgira

por ela ter ido escondida espionar algum sonho. Mais uma pergunta. E não sobre os

próprios sonhos, tão estranhos. Um ou outro até poderiam ter algum significado, se

ela conseguisse decifrá-lo. Anaiya afirmava que Egwene era uma Sonhadora,

alguém capaz de prever o curso de acontecimentos futuros, e aquelas três Sábias

concordavam que podia ser o caso, mas diziam que Egwene deveria

aprender que a

interpretação dos sonhos vinha de dentro. Além disso, não sabia ao certo se queria

discutir seus sonhos, não importava com quem. Aquelas mulheres já sabiam mais do

que se passava em sua cabeça do que Egwene gostaria que soubessem.

— Ah... e as Andarilhas dos Sonhos que não são Sábias? Vocês por acaso

encontram outras mulheres em *Tel'aran'rhiod*?

— Às vezes — respondeu Amys —, mas não é comum. Sem um guia com quem

aprender, a mulher pode nunca sequer perceber que caminhar no Mundo dos Sonhos

é mais do que ter sonhos vívidos.

— E, ignorante dos arredores, pode muito bem acabar morrendo, vítima do sonho,

antes de aprender... — completou Bair.

Já mais segura por ter se afastado daquele assunto arriscado, Egwene relaxou.

Conseguira mais respostas do que poderia esperar. Sabia que amava Gawyn —

Então você sabia, é? sussurrou uma voz. *E estava disposta a admitir?* —, e os

sonhos dele eram um claro indicativo de que esse amor era correspondido. Porém,

pensando bem, se os homens eram capazes de dizer coisas que não sentiam quando

acordados, era muito provável que pudessem sonhá-las. Bem, com as Sábias

confirmando que ele a amava com tanta intensidade que passava por

cima de tudo,

Egwene...

Não. Pensaria nisso depois. Não fazia ideia de em que parte do mundo estava

Gawyn. O importante era que sabia do perigo. Da próxima vez, conseguiria

reconhecer e evitar os sonhos de Gawyn. *Se é isso que você realmente quer,*

sussurrou aquela vozinha. Egwene torceu para que as Sábias encarassem suas

bochechas coradas como um fulgor saudável. Queria poder interpretar o significado

dos próprios sonhos. Isso se tivessem algum significado.

* * *

Aos bocejos, Elayne subiu em uma pedra para ver por cima das cabeças da multidão.

Naquele dia, não havia soldados em Salidar, mas o povo enchia as ruas e assistia das

janelas, entre sussurros ansiosos, esperando, os olhos fixos na Pequena Torre. Os

únicos sons vinham do arrastar de pés ansioso que levantavam poeira e, volta e meia,

faziam alguém tossir. Apesar do calor logo no início da manhã, as pessoas mal se

moviam, a não ser para abanar algum leque ou chapéu a fim de se refrescar.

Leane estava parada entre duas casas de telhado de palha, nos braços de um

homem alto e de rosto muito sério que Elayne nunca vira. E bem nos braços dele.

Decerto era algum dos agentes da antiga Curadora das Crônicas. Era mais comum

que os olhos-e-ouvidos das Aes Sedai fossem mulheres, mas os de Leane eram quase

todos homens. Ela sempre os mantinha fora de vista, mas Elayne já notara alguns

tapinhas em bochechas desconhecidas e sorrisos em direção a um par de olhos

estranhos. Não fazia ideia de como Leane conseguia. Tinha certeza de que, se

tentasse aqueles truques domaneses, o sujeito acabaria achando que ela prometera

muito mais do que pretendia dar. Com Leane, os homens ganhavam um tapinha e

um sorriso e iam embora tão felizes quanto se tivessem recebido um baú de ouro.

Em outro ponto da multidão, viu Birgitte, que, muito esperta, se mantivera

afastada. Daquela vez, não viu aquela horrorosa da Areina em lugar nenhum. A noite

tinha sido muito mais que agitada, e Elayne só fora para a cama quando o dia já

começava a raiar. Na verdade, nem teria ido se Birgitte não tivesse dito a

Ashmanaille que Elayne parecia um pouco tonta. Claro que Birgitte não estava

sendo apenas observadora: o elo com um Guardião era uma via de mão dupla. Qual

era o problema de estar um pouco cansada? Quando fora mandada para a cama,

ainda havia muito trabalho a fazer, e ela conseguiria canalizar com mais força do que

metade das Aes Sedai ali em Salidar. Através do elo, sabia que a própria Birgitte

ainda não dormira! Ah, tinha sido mandada para a cama feito uma noviça, enquanto

Birgitte passava a noite carregando os feridos e limpando destroços!

Quando olhou de novo, viu que Leane já estava sozinha, espremendo-se por entre

a multidão em busca de um bom lugar para assistir a tudo. Não havia sinal do

homem alto.

Aos bocejos, uma Nynaeve sonolenta e de olhos vermelhos foi para perto de

Elayne, fazendo cara feia para um lenhador de colete de couro que tentara chegar

antes dela. Resmungando sozinho, o sujeito se enfiou de volta na multidão. Elayne

gostaria que Nynaeve não fizesse aquilo — os bocejos, não a cara feia. Antes que

pudesse se conter, imitou o movimento. Birgitte até tinha desculpa — não muita —,

mas Nynaeve, não. Theodrin não podia ter esperado que ela ficasse acordada depois

da noite anterior, e Elayne ouvira Anaiya mandá-la para a cama. Ainda assim,

quando Elayne entrou no quarto, deu de cara com Nynaeve sentada no banquinho,

que acabara com o pé torto, tentando se manter acordada, a cabeça meneando a cada

dois minutos, resmungando que Theodrin ia ver só, todo mundo ia ver só....

Claro que o bracelete do *a'dam* transmitia medo, mas também tinha

um toque do

que poderia ser diversão. Moghedien passara a noite escondida debaixo da cama,

ilesa — e, como se escondera bem, não recebera ordens de catar um único galho

caído. Conseguira até ter uma boa noite de sono assim que a comoção arrefeceu. Ao

que parecia, ainda valia o velho ditado sobre a sorte do Tenebroso.

Nynaeve abriu a boca para um novo bocejo, e Elayne desviou os olhos depressa.

Ainda assim, precisou botar a mão na frente da boca e segurar firme para não a

imitar — o que não deu muito certo. O som de pés arrastando e de tossidelas foi

assumindo um ar cada vez mais impaciente.

As Votantes ainda estavam com Tarna na Pequena Torre, mas o cavalo ruão da

Vermelha já estava preparado, amarrado bem ali, na rua, diante da antiga estalagem.

Ao redor encontrava-se a escolta de honra para as primeiras dez milhas de viagem da

Vermelha de volta a Tar Valon: dez Guardiões ao lado de seus cavalos de batalha,

segurando bem as rédeas — uma visão difícil, com os mantos furta-cor confundindo

o olhar. A multidão não se reunira ali ansiosa, apenas por causa da partida da

enviada da Torre, mas a maioria parecia tão esgotada quanto Elayne.

— Seria de se pensar que ela era... era... — Cobrindo a boca com a mão,

Nynaeve deu um enorme bocejo.

— Ah, sangue e cinzas! — murmurou Elayne.

Ou tentou murmurar, pois só o que saiu depois do “ah” foi um resmungo abafado

pela mão cobrindo seu próprio bocejo. Lini sempre dizia que aquele tipo de

comentário vulgar era indicativo de uma mente lerda e de inteligência limitada — e

isso sempre vinha logo antes de uma ordem para que Elayne lavasse a boca, claro.

Mas, algumas vezes, não havia expressão melhor para expressar tantos sentimentos

em tão poucas palavras. E ela teria dito mais, porém não conseguiu.

— Por que não fazem logo uma procissão? — vociferou Nynaeve. — Não

entendo para que tanto alvoroço por causa dessa mulher — completou. E bocejou de

novo. De novo!

— É porque essa mulher é Aes Sedai, dorminhoca — respondeu Siuan, juntando-

se a elas. — Duas dorminhocas — completou, olhando para Elayne. — Vão acabar

com o casco coberto de cracas, se continuarem nessa leseira. — Elayne tratou de

fechar a boca e encarar Siuan com seu olhar mais gélido. Como de costume, o efeito

foi como chuva deslizando por um telhado laqueado. — Tarna é Aes Sedai, meninas

— prosseguiu Siuan, encarando os cavalos parados à espera. Ou talvez estivesse

olhando para a carroça vazia que tinham puxado até a entrada da estalagem de pedra.

— E uma Aes Sedai é uma Aes Sedai, não há como mudar isso.

Nynaeve olhou feio para Siuan, que nem reparou.

Elayne agradeceu por Nynaeve ter se controlado. Sabia que a resposta pronta na

ponta da língua da amiga teria sido bem venenosa.

— Qual foi o prejuízo de ontem à noite?

Siuan respondeu sem nem desviar o olhar da porta da estalagem, por onde Tarna

sairia.

— Sete mortos só aqui na aldeia. Quase cem soldados nos acampamentos, com

todas aquelas espadas, machados e outras armas jogadas pelos cantos, mas sem

ninguém para ajudar com o Poder. Algumas irmãs estão Curando os sobreviventes

agora.

— E Lorde Gareth? — perguntou a Filha-herdeira, um pouco ansiosa.

O homem podia estar agindo com frieza com ela, mas Elayne já vira seus sorrisos

calorosos quando era criança, e ele sempre tinha balas no bolso para ela.

Siuan bufou tão alto que algumas pessoas se viraram para olhar.

— Aquele lá... Até um peixe-leão quebraria os dentes, se tentasse morder o

homem — resmungou.

— Você parece de bom humor — observou Nynaeve. — Finalmente descobriu

qual é a mensagem da Torre? Gareth Bryne a pediu em casamento?
Alguém morreu

e deixou uma herança...?

Elayne tentou não olhar para a amiga — até o som do bocejo dela fazia sua

mandíbula ranger.

Siuan encarou Nynaeve com indiferença, e ela devolveu na mesma moeda, ainda

que com olhos um tanto úmidos.

— Por favor, conte se tiver descoberto alguma coisa — interrompeu Elayne, antes

que os olhares assassinos que as duas trocavam acabassem matando de verdade.

— Todo mundo sabe que uma mulher que se diz Aes Sedai quando não é está se

metendo num caldeirão fervente com água até o pescoço, mas se a mulher ainda por

cima alegar fazer parte de uma Ajah específica, essa Ajah tem prioridade na escolha

da punição... — murmurou Siuan, como se estivesse pensando em voz alta. —

Myrelle já contou sobre a vez em que encontrou uma mulher em Chachin que dizia

ser uma Verde? Era uma antiga noviça que não passou no teste para Aceita. Vocês

deviam perguntar, quando ela tiver algumas horas livres. Vai levar um bom tempo

para contar a história toda. A coitada deve ter desejado ter sido simplesmente

estancada muito antes de Myrelle acabar. Estancada e decapitada.

Inexplicavelmente, a ameaça não surtiu mais efeito do que o olhar feio de antes

tivera em Nynaeve. As duas sequer estremeceram. Talvez estivessem cansadas

demaís.

— Ah, trate de me contar o que sabe — ameaçou Elayne, baixinho —, senão vou

ensinar você a se sentar direito, na próxima vez em que estivermos sozinhas. E pode

sair chorando atrás de Sheriam, se quiser.

Siuan estreitou os olhos. De repente, Elayne soltou um gritinho de dor e levou a

mão à cintura.

Siuan nem tentou disfarçar enquanto recolhia a mão que dera o beliscão.

— Não sou muito chegada a ameaças, garota. Você sabe o que Elaida disse tão

bem quanto eu. E viu antes de todo mundo aqui.

— Para voltarem, que está tudo perdoado? — indagou Nynaeve, incrédula.

— Mais ou menos. Tem uma boa dose de tempero para disfarçar o peixe azedo,

uma conversa de que, mais do que nunca, a Torre precisar se unir. Sem falar na isca

de que ninguém precisar ter medo, só quem “de fato decidiu se rebelar”. Só a Luz

sabe o que isso quer dizer. Eu não sei.

— E por que estão mantendo tudo em segredo? — protestou Elayne.
— Não é

possível que elas achem que alguém vai voltar para Elaida. Basta

mostrar Logain!

Siuan não respondeu, apenas franziu a testa para os Guardiões à espera na frente

da estalagem.

— Ainda não entendo por que elas estão pedindo mais tempo — resmungou

Nynaeve. — Elas sabem o que deve ser feito. — Siuan continuou quieta. Depois de

alguns segundos, Nynaeve ergueu as sobrancelhas. — Você não sabe o que elas

responderam.

— Agora eu sei — retrucou Siuan, irritada, para então murmurar sozinha, algo

que saiu como sobre “tolas fracas de joelhos bambos”.

Elayne concordou, mas segurou a língua.

A porta da antiga estalagem se abriu de repente, e algumas Votantes — uma de

cada Ajah — saíram, usando os xales cheios de babados, seguidas de Tarna. As

outras Votantes fechavam a procissão. Se a multidão ali reunida estava esperando

alguma cerimônia, devia ter ficado desapontada. Com uma expressão indecifrável,

Tarna montou no cavalo, correu os olhos pelas Votantes, encarou brevemente a

multidão e esporou o capão, colocando-o em movimento. A escolta de Guardiões foi

junto. Um burburinho preocupado se elevou da multidão, ansiosa como abelhas

agitadas, à medida que as pessoas iam abrindo passagem.

Os murmúrios se prolongaram até Tarna sumir de vista, já fora da aldeia, e

Romanda subir na carroça e, com toda a delicadeza, endireitar o xale de babados

amarelos. Seguiu-se um silêncio mortal. Segundo a tradição, os pronunciamentos do

Salão eram feitos pela Votante mais antiga. Claro que Romanda não se movia como

uma idosa, e seu rosto tinha a idade tão indefinida quanto qualquer outro, mas

mechas de cabelo grisalho sempre eram um indicativo da idade numa Aes Sedai, e o

coque preso à nuca da Amarela era de um grisalho claro, sem o menor sinal de

qualquer mecha escura. Elayne se perguntava quantos anos a mulher devia ter, mas

perguntar a idade de uma Aes Sedai era considerado extremamente rude.

Romanda teceu fluxos de Ar para aumentar o alcance da voz aguda de soprano,

que chegou a Elayne como se estivesse cara a cara com a Amarela.

— Muitos de vocês andam preocupados, mas não há necessidade. Se Tarna Sedai

não tivesse vindo até nós, teríamos enviado missivas para a Torre Branca. Afinal,

não dá para dizer que a localização do nosso esconderijo é um segredo. — Romanda

fez uma pausa, como se quisesse dar tempo para a multidão rir, mas todos

mantiveram os olhos fixos na mulher, que arrumou o xale. — Nosso propósito aqui

não mudou. Estamos em busca da verdade e da justiça, de fazer o que é certo...

— Certo para quem? — murmurou Nynaeve.

— ... e não vamos hesitar ou fracassar. Cuidem de suas tarefas como têm

cuidado, certos de que continuam abrigados sob nossas mãos, agora e depois de

retornarmos a nossos devidos lugares na Torre Branca. Que a Luz brilhe sobre todos

vocês. Que a Luz brilhe sobre todos nós.

O burburinho se intensificou, e a multidão foi se dispersando aos poucos enquanto

Romanda descia da carroça. O rosto de Siuan poderia ter sido esculpido em pedra,

tamanho estoicismo, os lábios comprimidos e pálidos. Elayne tinha algumas

perguntas, mas Nynaeve saltou da pedra onde estivera e forçou caminho em direção

à estalagem. Elayne se apressou em segui-la. Na noite anterior, a amiga estivera

prestes a revelar o que tinham descoberto sem nem pensar. Se quisessem usar a

informação para influenciar o Salão, precisavam expor o que sabiam com cuidado. E

de fato parecia que precisavam dessa influência. O pronunciamento de Romanda

fora uma carroça e meia de nada e claramente irritara Siuan.

Espremendo-se por entre dois grandalhões de olhos cravados nas costas de

Nynaeve, que pisara em vários pés para passar, Elayne se virou para trás e flagrou

Siuan de olho nela e em Nynaeve. Mas só durou um instante: assim que percebeu

que havia sido vista, fingiu ter encontrado algum conhecido na multidão e pulou

para o chão, como se estivesse indo atrás da pessoa. Franzindo o cenho, Elayne

apressou o passo. Siuan estava ou não irritada? E quanto daquela irritação e

ignorância do que se passava era fingimento? A ideia de Nynaeve de fugir para

Caemlyn — que Elayne ainda não tinha certeza se já fora descartada — era mais que

estúpida, mas até ela estava ansiosa para ir a Ebou Dar e fazer algo realmente útil.

Todos aqueles segredos e suspeitas eram como uma comichão que não conseguia

alcançar para coçar. Bastava que Nynaeve não estragasse tudo...

Elayne alcançou a amiga no exato instante em que Nynaeve chegava a Sheriam,

parada perto da carroça da qual Romanda fizera o pronunciamento. Morvrin também

estava lá, junto com Carlinya, e as três usavam os xales. Naquela manhã, todas as

Aes Sedai estavam de xale. O cabelo cacheado de Carlinya, agora muito mais curto,

era o único sinal do quase desastre em *Tel'aran'rhiod*.

— Precisamos falar com você a sós — declarou Nynaeve, para Sheriam. — Em

particular.

Elayne suspirou. Não era o melhor dos começos, mas também não era um dos

piores.

Sheriam encarou as duas por um momento e então olhou para Morvrin e Carlinya.

— Muito bem. Lá dentro — ordenou.

Quando se viraram, deram de cara com Romanda entre elas e a porta. A Amarela,

de olhos escuros e com uma beleza masculina, estava parada, envolta no xale de

babados amarelos cheio de flores e vinhas e com a Chama de Tar Valon bem no

topo, entre os ombros. Ignorando Nynaeve, ela abriu um sorriso caloroso para

Elayne — o tipo de sorriso que ela já se acostumara a esperar e a temer, vindo de

uma Aes Sedai. Para Sheriam, Carlinya e Morvrin, a expressão foi bem diferente.

Romanda as encarou, apática e de cabeça erguida, até as três se abaixarem em

reverências tímidas e murmurarem “Com sua licença, Votante”. Só então Romanda

se afastou para o lado, mas mesmo assim fungou alto.

O povo não notou, claro, mas Elayne já entreouvira trechos de conversas das Aes

Sedai a respeito de Sheriam e seu pequeno conselho. Algumas achavam que elas só

cuidavam de aspectos do cotidiano de Salidar, liberando o Salão para tratar questões

mais importantes. Outros sabiam que elas tinham influência junto ao Salão — mas o

tamanho dessa influência variava de acordo com quem opinava. Romanda era uma

das que acreditavam que era influência demais. Pior ainda: havia duas Azuis e

nenhuma Amarela no grupinho. Elayne sentiu o olhar da Votante mais velha cravado

em suas costas enquanto acompanhava as outras porta adentro.

Sheriam as conduziu a uma das salas privativas junto à antiga área comum, com

painéis carcomidos por insetos e uma mesa cheia de papéis encostada a uma das

paredes. Ela ergueu as sobrancelhas quando Nynaeve pediu que tomassem

precauções para evitar que alguém entreouvisse, mas teceu a barreira ao redor do

apósito sem nenhum comentário. Lembrando-se das aventuras passadas de

Nynaeve, Elayne tomou o cuidado de verificar se todas as janelas estavam bem

fechadas.

— Não espero menos do que notícias de que Rand al'Thor está a caminho —

avisou Morvrin, seca.

As duas outras se entreolharam. Elayne conteve a indignação. Aquelas mulheres

realmente acreditavam que ela e Nynaeve estavam escondendo segredos sobre Rand

al'Thor. Elas e aqueles segredos!

— Não é nada disso — respondeu Nynaeve —, mas é igualmente importante.

Apenas diferente.

As duas contaram de sua viagem a Ebou Dar e da descoberta da

vasilha

ter'angreal. Não na ordem certa e sem mencionar a Torre, mas com todos os pontos

essenciais.

— E vocês têm certeza de que essa vasilha é um *ter'angreal*? — indagou

Sheriam, quando Nynaeve terminou. — Ela pode controlar o clima?

— Pode, Aes Sedai — confirmou Elayne, simplesmente. O melhor era ser

simples, para começar.

Morvrin grunhiu. A mulher duvidava de tudo.

Mexendo no xale, Sheriam assentiu.

— Então vocês fizeram bem. Vamos mandar uma carta para Merilille. —

Merilille Ceandevin, a irmã Cinza enviada para Ebou Dar a fim de convencer a

rainha a apoiar Salidar. — Precisaremos de todos os detalhes.

— Ela não vai conseguir encontrar — interveio Nynaeve, antes que Elayne

pudesse abrir a boca. — Mas eu e Elayne conseguiremos.

Os olhos das Aes Sedai gelaram.

— Provavelmente seria impossível para ela — acrescentou Elayne, mais do que

depressa. — Nós *vimos* onde está a vasilha, mas mesmo assim vai ser difícil. Mas

pelo menos *sabemos* o que vimos. Descrevê-la numa carta nunca seria igual.

— Ebou Dar não é lugar para Aceitas — afirmou Carlinya, com frieza.

O tom de voz de Morvrin foi um pouco mais gentil, ainda que rude:

— Todas precisamos fazer o melhor que pudermos, criança. Aham que Edesina,

Afara e Guisin queriam ir para Tarabon? O que elas poderiam fazer para trazer

ordem àquela terra agitada? Mas temos que tentar, então elas foram. Neste exato

momento, Kiruna e Bera devem estar na Espinha do Mundo, em sua jornada atrás de

Rand al'Thor no Deserto Aiel, porque, quando enviamos as duas, achamos, e era só

um palpite, que ele pudesse estar lá. A jornada delas não é menos fútil porque

estávamos certas, agora que ele já saiu do Deserto. Todas fazemos o que podemos, o

que devemos. Vocês são Aceitas. Aceitas não saem correndo para Ebou Dar ou

outro lugar qualquer. O que vocês duas podem e devem fazer é ficar aqui,

estudando. Mesmo se vocês fossem irmãs completas, eu diria para ficarem. Há mais

de cem anos ninguém faz o tipo de descoberta que vocês fizeram, tantas em tão

pouco tempo.

Nynaeve, sendo quem era, ignorou o que não queria ouvir e se concentrou em

Carlinya.

— Temos nos saído muito bem sozinhas, obrigada. Duvido que Ebou Dar seja tão

ruim quanto Tanchico.

Elayne achava que Nynaeve não sabia nem que estava agarrando a trança,

puxando a ponto de quase arrancar. Será que ela nunca aprenderia que às vezes

bastava um pouco de civilidade para conquistar o que a honestidade poria a perder?

— Entendo as suas preocupações, Aes Sedai — ponderou Elayne —, mas, mesmo

podendo parecer falta de modéstia, a verdade é que estou mais qualificada para

localizar um *ter'angreal* do que qualquer pessoa em Salidar. E Nynaeve e eu

sabemos mais sobre onde procurar do que conseguiríamos transmitir em uma carta.

Se nos mandarem para Merilille Sedai, tenho certeza de que, sob a orientação dela,

conseguiríamos localizar a tigela bem rápido. Seriam apenas alguns dias de barco até

Ebou Dar e mais os poucos dias da volta, além de alguns dias sob a tutela de

Merilille Sedai. — Foi difícil não respirar fundo. — Enquanto isso, vocês poderiam

mandar uma mensagem para um dos olhos-e-ouvidos de Siuan em Caemlyn. para

que a pessoa já esteja lá quando Merana Sedai chegar com a missão diplomática.

— E por que, sob a Luz, deveríamos fazer isso? — contestou Morvrin.

— Achei que Nynaeve tivesse dito, Aes Sedai. Não tenho certeza, mas acredito

que a vasilha também precise da canalização de um homem para funcionar.

Claro que aquilo causou uma pequena comoção. Carlinya engasgou, Morvrin

resmungou baixinho e Sheriam ficou literalmente boquiaberta. Nynaeve também

ficou surpresa, mas apenas por um instante. Elayne teve certeza de que a amiga

conseguira disfarçar antes que as outras notassem — estavam estupefatas demais

para ver muita coisa, afinal. A questão, pura e simples, era que se tratava de uma

mentira. O segredo era ser simples. Em tese, os grandes feitos da Era das Lendas

tinham sido alcançados por homens e mulheres canalizando em conjunto,

provavelmente em união. Era muito provável que *existissem* alguns *ter'angreal* que

precisassem da canalização conjunta de um homem para funcionar. Em todo caso, se

Elayne não conseguisse fazer aquela vasilha funcionar, ninguém mais em Salidar

conseguiria — exceto talvez Nynaeve. Caso o funcionamento dependesse da

participação de Rand, o Salão de Salidar não poderia simplesmente desperdiçar a

chance de tomar alguma providência a respeito do clima e teriam que se aliar a ele.

Quando Elayne “descobrisse” que um círculo de mulheres daria conta da vasilha, as

Aes Sedai de Salidar já estariam muito atreladas a Rand para poderem se libertar.

— Tudo isso faz muito sentido — afirmou Sheriam, por fim —, mas não muda o

fato de que vocês são apenas Aceitas. Vamos enviar uma carta para Merilille. Tem

havido muita conversa sobre vocês duas...

— Conversa! — irrompeu Nynaeve. — Vocês só fazem isso, vocês e o Salão! Só

conversam! Elayne e eu podemos *encontrar* esse *ter'angreal*, mas vocês preferem

ficar cacarejando feito galinhas chocadeiras! — As palavras iam se atropelando ao

sair. Nynaeve puxava a trança com tanta intensidade que Elayne não se

surpreenderia se acabasse se soltando da cabeça, pendurada em suas mãos. — Vocês

só ficam aqui, sentadas, torcendo para que Thom, Juilin e os outros voltem dizendo

que os Mantos-brancos não vão desabar feito uma casa velha em cima da gente,

sendo que eles podem muito bem voltar com os Mantos-brancos em seu encalço.

Ficam sentadas só pensando no que fazer com Elaida, em vez de fazer o que

disseram que fariam, e se atrapalham todas para resolver como lidar com Rand. Por

acaso já sabem como vão se posicionar a respeito dele? Sabem, apesar de a missão

diplomática já estar a caminho de Caemlyn? E querem saber por que só ficam

sentadas conversando? Pois eu sei! Vocês têm medo. Medo de ver a Torre cindida,

medo de Rand, dos Abandonados, da Ajah Negra... Ontem à noite, Anaiya deixou

escapar que vocês tinham um plano pronto para o caso de um dos Abandonados

atacar. Todos aqueles círculos, e tudo por uma bolha de mal... Será que finalmente

acreditam que elas existem? E os círculos estavam todos desordenados, a maioria

deles com mais noviças do que Aes Sedai, porque só algumas Aes Sedai sabiam de

antemão o que fazer. Acham que a Ajah Negra está aqui em Salidar, e estavam com

medo de que o plano pudesse chegar a Sammael ou algum dos outros. Não confiam

nem umas nas outras! Não confiam em ninguém! E é por isso que não vão nos

mandar para Ebou Dar? Acham que *nós* somos da Ajah Negra, ou que vamos fugir

para Rand, ou... ou...! — A voz foi fraquejando, e Nynaeve começou a ofegar e a

gaguejar. Mal parara para respirar durante aquele rompante.

O primeiro instinto de Elayne foi tentar colocar panos quentes, mas não conseguia

nem começar a pensar em como fazer isso. Seria tão fácil quanto suavizar o relevo

de uma cordilheira. Foram as Aes Sedai que a fizeram esquecer a preocupação por

Nynaeve talvez ter conseguido estragar tudo. Os rostos inexpressivos, com olhos

capazes de ver através de rochas, não deveriam ter transmitido nenhuma emoção —

mas, para ela, transmitiam. E não era aquela raiva fria que deveria ser direcionada a

qualquer um tolo o bastante para vociferar contra uma Aes Sedai. O que ela viu foi

um escudo, e a única coisa a ser escondida era a verdade. Uma verdade que elas

mesmas não queriam admitir: estavam realmente com medo.

— Acabou? — indagou Carlinya, com uma voz capaz de congelar o sol.

* * *

Elayne soltou um espirro tão forte que bateu a cabeça na lateral do caldeirão virado.

O cheiro de sopa queimada enchia seu nariz. O sol do meio da manhã esquentara o

interior escuro do panelão até parecer que ele ainda estava no fogo. O suor pingava

de seu rosto — ou melhor, escorria. Ela largou a pedra-pomes áspera e engatinhou

de costas para fora do caldeirão, então olhou para a mulher a seu lado — ou melhor,

para a metade exposta da mulher, enfiada em um caldeirão um pouco menor,

também deitado de lado. Ela cutucou a cintura de Nynaeve e abriu um sorriso

satisfeito quando o cutucão a fez bater a cabeça no ferro, resultando em um gemido

de dor. Nynaeve saiu de dentro do panelão com um olhar ameaçador — o brilho

perigoso em seus olhos sequer foi amenizado pelo bocejo que ela escondeu por trás

da mão encardida. Elayne não lhe deu nem chance de falar.

— Você tinha que explodir, não tinha? Não consegue controlar esse

gênio nem

por cinco minutos. Já tínhamos tudo nas mãos, mas você teve que ir lá e dar um

pontapé bem no nosso tornozelo.

— Elas não teriam deixado a gente ir para Ebou Dar, de qualquer jeito —

resmungou Nynaeve. — E não chutei nada sozinha. — Ela empinou o queixo em um

gesto afetado, erguendo tanto a cabeça que teve que olhar bem para baixo para ver

Elayne. — “Aes Sedai controlam o próprio medo” — entou, em um tom que

poderia ter servido para repreender um vagabundo bêbado e cambaleante que tivesse

se metido na frente de seu cavalo. — “E não permitem que o medo as controle.

Liderem, e seguiremos com prazer. Mas vocês precisam liderar, não se curvar na

esperança de que alguma coisa faça os problemas desaparecerem.”

Elayne sentiu as bochechas esquentarem. Não se comportava daquele jeito. E com

certeza não tinha falado naquele tom.

— Bem, talvez nós duas tenhamos perdido a calma, mas... — Ela ouviu passos,

então parou de falar.

— Ah, então quer dizer que as crianças de ouro das Aes Sedai decidiram

descansar um pouco, é? — O sorriso de Faolain era tão pouco amigável quanto um

sorriso poderia ser. — Não estou aqui pelo prazer, entendem? Queria

passar o dia

trabalhando em algum projeto meu, algo não terrivelmente inferior ao que as duas

crianças de ouro têm feito. Em vez disso, tenho que vigiar duas Aceitas esfregando

panelas para expiar seus pecados. Vigiar para que não saiam de fininho feito as duas

noviças inferiores que deveriam ser. Agora voltem ao trabalho. Só posso ir embora

quando vocês terminarem, e não pretendo passar o dia inteiro aqui.

A mulher de cabelo escuro e cacheado era como Theodrin: acima de uma Aceita,

mas abaixo de uma Aes Sedai. O que Elayne e Nynaeve teriam sido, caso Nynaeve

não tivesse se comportado como uma gata que levou um pisão. Nynaeve e ela,

corrigiu-se Elayne, relutante. Sheriam dissera exatamente isso enquanto anunciava

quanto tempo das horas “livres” as duas passariam trabalhando nas cozinhas, dando

conta do pior trabalho que as cozinheiras pudessem encontrar. Mas nada de Ebou

Dar, de um jeito ou de outro. Isso também fora deixado bem claro. Uma carta estaria

a caminho de Merilille ao meio-dia — isso se já não tivesse sido enviada.

— Eu... sinto muito — disse Nynaeve.

Elayne piscou para ela. Ouvir a amiga pedindo desculpas era como ver neve em

pleno verão.

— Também sinto muito, Nynaeve.

— Ah, se sentem — retrucou Faolain. — Nunca vi ninguém sentir tanto. Agora

voltem ao trabalho, antes que eu encontre um motivo para mandar as duas para

Tiana assim que terminarem.

Elayne lançou um olhar pesaroso para Nynaeve, rastejou de volta para dentro do



caldeirão e atacou a sopa queimada com a pedra-pomes como se atacasse Faolain.

Voaram pedaços pretos de legumes carbonizados e pó de pedra. Não, Faolain não: as

Aes Sedai, que ficavam sentadas quando deveriam estar agindo. Ah, mas ela *ia* para

Ebou Dar, *ia* encontrar aquele *ter'angreal* e *ia* usá-lo para amarrar Sheriam e todas

as outras a Rand. E de joelhos! Deu um espirro tão forte que os sapatos quase saíram

voando dos pés.

* * *

Sheriam deu meia-volta e saiu andando pela viela estreita, com brotos e trechos de

erva daninha e palhada murchas aqui e ali. Estivera observando as duas trabalhando

em sua punição por uma fresta na cerca.

— Estou arrependida. — Ao refletir sobre as palavras e o tom de Nynaeve, sem

falar em Elayne, aquela criança deplorável, acrescentou: — Só um pouco.

Carlinya abriu um sorriso desdenhoso. Era muito boa naquilo.

— Quer contar para Aceitas o que nem vinte Aes Sedai sabem? — Com o olhar

penetrante de Sheriam em resposta, ela fechou a boca com um estalo.

— Há ouvidos onde menos se espera — disse Sheriam em voz baixa.

— Mas numa coisa aquelas duas têm razão — ponderou Morvrin. — Só de pensar

em al'Thor fico com o estômago revirado. Não temos escolha, com ele.

Sheriam achava que fazia muito tempo que já não tinham escolha.



CAPÍTULO 16

PREVISÕES DA RODA

Rand estava sentado no Trono do Dragão, o Cetro do Dragão apoiado nos joelhos

abertos, muito tranquilo e relaxado — ou era o que demonstrava. Tronos não são

feitos para alguém se sentar relaxado, e aquele ali parecia ainda menos propício para

o conforto, mas isso era apenas parte da dificuldade. Também havia o incômodo de

sentir Alanna, uma presença constante chamando sua atenção. Se contasse às

Donzelas o que acontecera, elas iam... não. Como podia sequer cogitar uma coisa

dessas? Já a deixara assustada o bastante para a mulher se manter na linha, a prova

disso era que Alanna não fizera nenhum esforço para entrar na Cidade Interna. E

Rand saberia se a mulher tivesse tentado. Não... naquele momento, Alanna

incomodava ainda menos do que o assento almofadado e desconfortável.

Apesar do casaco azul trabalhado em prata abotoado até a gola, Rand não sentia

calor — estava mesmo pegando o jeito do truque de Taim —, mas, se a impaciência

o fizesse suar, estaria pingando como se tivesse acabado de sair de um rio. Manter o

frescor do corpo não era problema, o complicado era ficar ali, parado. Queria

entregar a Elayne um reino em boas condições, e aquela manhã seria o primeiro

passo em sua missão para devolver Andor. Se o grupo fosse vê-lo.

— ... e, além do mais — ia dizendo o homem alto e magrelo diante do Trono, em

uma voz monótona —, mil, quatrocentos e vinte e três refugiados de Murandy,

quinhentos e sessenta e sete de Altara, e cento e nove de Illian. Isso pelo que

conseguimos da contagem dentro da cidade propriamente dita, é claro. — Os poucos

fios de cabelo que restavam a Halwin Norry eram grisalhos e arrepiados, mais

parecendo penas de escrever enfiadas atrás das orelhas. Visual bem apropriado, já

que ele era o secretário-chefe de Morgase. — Contratei vinte e três secretários a

mais para a contagem, mas o número ainda é insuficiente para...

Rand parou de escutar. Apesar de estar grato pelo fato de o homem não ter fugido

do reino, como tantos outros fizeram, não sabia dizer se Norry considerava qualquer

outra realidade que não a dos números em seu livro contábil. O homem enumerava

as mortes durante a semana no mesmo tom seco e sem emoção com que relatava o

preço do nabo nas carroças do interior; organizava os enterros diários de refugiados

que não tinham onde cair mortos com o mesmo desprendimento com que contratava

pedreiros para a reforma das muralhas da cidade. Para ele, Illian era apenas uma

terra, não a morada de Sammael; Rand era apenas mais um governante.

Onde estão? , perguntou-se, furioso. *Por que nem Alanna tentou se aproximar de*

mim? Moiraine não teria se acovardado com tão pouco.

Onde estão os mortos? , sussurrou Lews Therin . *Por que não se calam?*

Rand soltou uma risadinha soturna. Só podia ser piada.

Sulin estava acorçada de um dos lados do tablado do trono, parecendo muito

confortável, e a ruiva Urien se acomodara do outro. Vinte *Aethan Dor*, Escudos

Vermelhos, montavam guarda junto com a escolta permanente de Donzelas entre as

colunas do Grande Salão, alguns usando a faixa vermelha na cabeça. Alguns

estavam de pé, outros sentados ou agachados, e muitos conversavam baixinho, mas

todos prontos para entrar em ação em um piscar de olhos, até mesmo as Donzelas e

os dois Escudos Vermelhos que jogavam dados. Ao menos um par de olhos estava

sempre em Norry — poucos Aiel confiavam em um aguacento tão perto de Rand.

Bashere apareceu de repente entre as portas altas do Salão e o chamou com um

balançar de cabeça — Rand se endireitou no trono. Sangue e cinzas, *até que enfim*.

A borla verde e branca pendurada à lança Seanchan com entalhe de dragão se

balançou quando ele gesticulou, encerrando o discurso do contador.

— Muito bom trabalho, mestre Norry. Seu relatório não deixou nada de fora, e

vou cuidar para que você receba o ouro necessário. Agora, se o senhor puder me

desculpar, preciso cuidar de outros assuntos.

O homem não deu o menor sinal de curiosidade ou mágoa por ter sido interrompido daquele jeito tão abrupto. Ele parou de falar na hora, no meio da frase,

curvou-se em uma mesura, entoou um “como o Lorde Dragão ordenar” com a

mesma falta de emoção de sempre e recuou três passos antes de dar meia-volta e

sair. Ele sequer olhou Bashere ao passar. Para ele, só havia a realidade dos livros

contábeis.

Impaciente, Rand assentiu para Bashere e se endireitou ainda mais, com as costas

rijas coladas ao trono. Os Aiel se calaram, o que os fez parecer ainda mais prontos

para agir.

O saldaeano não entrou sozinho. Dois homens e duas mulheres vinham logo atrás,

nenhum deles jovem, todos metidos em sedas finas e brocados. Tentavam ignorar a

existência de Bashere — e quase conseguiam, mas não puderam evitar os olhares

atentos dos Aiel espalhados por entre as colunas. A loura, Dyelin, apenas hesitou um

pouco, mas Abelle e Luan, ambos grisalhos e de feições duras, franziram o cenho

para as figuras metidas no *cadin’sor*, levando a mão instintivamente para o espaço

vazio onde estariam as espadas. Ellorien, uma mulher roliça e de cabelos escuros,

que seria bem bonita se perdesse a teimosia e a dureza do rosto, parou e ficou

encarando os Aiel, antes de voltar a si e apressar o passo para alcançar os outros.

Assim que puderam ver Rand direito, também pareceram surpresos. Todos se

entreolharam brevemente, em dúvida. Talvez tivessem imaginado que fosse mais

velho.

— Milorde Dragão — entouou Bashere, bem alto, parando diante do tablado —,

Senhor da Manhã, Príncipe da Aurora, Verdadeiro Defensor da Luz, aquele diante

de quem o mundo se ajoelha em reverência, eu trago Lady Dyelin, da Casa Taravin,

Lorde Abelle, da Casa Pendar, Lady Ellorien, da Casa Traemane e Lorde Luan, da

Casa Norwelyn.

Os quatro andorianos enfim reconheceram a presença de Bashere, todos

comprimindo os lábios e o fitando apenas com olhares penetrantes e de esguelha.

Algo no tom de Bashere dera a impressão de que o homem estava trazendo quatro

cavalos para Rand, e dizer que pareceram ficar mais empertigados seria como

sugerir que a água parecia ainda mais molhada — ainda assim, foi exatamente o que

aconteceu quando os quatro olharam para Rand. Ou para a direção geral onde ele

estava. Não conseguiram evitar olhar o Trono do Leão, cintilante e

reluzente, em um

pedestal atrás da cabeça do Dragão Renascido.

Rand quis rir daquelas expressões indignadas — estavam indignados, sim, mas

também cautelosos e talvez até um pouco espantados, ainda que não tivessem

intenção de demonstrar surpresa. Ele e Bashere tinham pensado muito bem naquela

lista de títulos para seu posto de Dragão Renascido, mas a parte sobre o mundo se

ajoelhar diante dele era nova, um acréscimo do próprio Bashere. Rand estava

seguindo o conselho de Moiraine. Quase podia ouvir sua voz suave recitando: *O que*

fica registrado a seu respeito é a primeira impressão que têm de você. É assim que o

mundo funciona. Se primeiro aparecer em um trono, não importa se no segundo

seguinte você se comportar feito um fazendeiro no chiqueiro: parte deles sempre se

lembrará de que o viram em um trono. Mas, se virem primeiro um jovem, um mero

camponês, vão se ressentir ao ver você subindo ao trono, não importa quanto isso

seja seu direito, não importa o tamanho de seu poder. Bem, se um ou dois títulos

tivessem mesmo todo esse poder, as coisas ficariam muito mais fáceis.

Eu era o Senhor da Manhã, murmurou Lews Therin . *Eu sou o Príncipe da*

Aurora.

Rand manteve a expressão serena.

— Não lhes darei as boas-vindas, pois esta é a sua terra, é o palácio da sua rainha.

Ainda assim, fico feliz por terem aceitado meu convite.

Claro que não mencionou o fato de só terem vindo depois de cinco dias e ainda

por cima só tendo avisado com algumas poucas horas de antecedência. Apenas se

levantou, deitou o Cetro do Dragão no trono e desceu do tablado. Com um sorriso

contido — *Nunca pareça hostil, a menos que seja realmente necessário,* dissera

Moiraine. *Mas, acima de tudo, não pareça amistoso demais. Não pereça ávido.* —,

Rand apontou para cinco poltronas com encostos almofadados dispostas em círculo

entre as colunas.

— Vamos nos sentar — convidou. — Vamos conversar e beber um pouco de

vinho gelado.

E os quatro foram, claro, examinando Rand e os Aiel com a mesma curiosidade

— e talvez o mesmo nível de animosidade, tudo muito mal disfarçado. Depois que

todos se acomodaram, os *gai'shain* se aproximaram em silêncio, usando as túnicas

brancas com capuz. Alguns traziam vinho em cálices dourados já úmidos pela

condensação, outros se postaram atrás de cada poltrona com um leque de plumas,

abanando o ar. Todas as poltronas, menos a de Rand. E os quatro perceberam isso,

notaram a ausência de suor em seu rosto. Mas os *gai'shain* também não transpiravam, mesmo com as túnicas, e nem os outros Aiel. Rand examinou os

rostos dos quatro nobres por sobre o próprio cálice de vinho.

Os andorianos se orgulhavam de serem mais objetivos e sempre se vangloriavam

de que o Jogo das Casas era muito mais intrincado em outras terras do que na deles,

mas ainda assim se julgavam capazes de jogar *Daes Dae'mar*, quando preciso. E

eram mesmo, de certa forma, mas os cairhienos — e até mesmo os tairenos —

consideravam suas táticas muito simplórias para os movimentos e contramovimentos

tão sutis do Grande Jogo. Os quatro nobres ali presentes conseguiam manter a

postura boa parte do tempo, mas, para um aluno de Moiraine cuja força fora

posta à prova em Tear e Cairhien, eles revelavam demais a cada mexida dos olhos, a

cada levíssima mudança de expressão.

Primeiro, os nobres repararam que não havia cadeira para Bashere. Eles trocaram

olhares rápidos, um tanto mais animados, ainda por cima depois de ver que o próprio

Bashere estava saindo a passos largos da sala do trono. Os quatro até se permitiram

acompanhá-lo com o olhar e o mais sutil sorriso de satisfação. Estava claro que eles

desprezavam a presença do exército saldaeano em Andor com a mesma intensidade

com que Naeen e aquele bando. Seus pensamentos eram óbvios: talvez a influência

do estrangeiro fosse menor do que temiam. Ora, Bashere fora tratado como nada

mais do que um serviçal com um cargo mais elevado.

Dyelin arregalou os olhos bem de leve no mesmo instante que Luan, apenas um

segundo antes dos outros dois. Durante breves momentos, os quatro encararam Rand

com tanta atenção que ficou óbvio que evitavam olhar uns para os outros. Bashere

era forasteiro, mas também era o Marechal-General de Saldaea, três vezes lorde, tio

da Rainha Tenobia. Se Rand o usava como serviçal...

— Um vinho excelente — comentou Luan, encarando o cálice, e hesitou um

momento antes de acrescentar: — Milorde Dragão. — O título parecia ter sido

arrancado à força.

— É do sul — acrescentou Ellorien, depois de um golinho. — Safra das Colinas

de Tunaighan. Acho espantoso o senhor conseguir gelo em Caemlyn, este ano. Ouvi

dizer que o povo já começou a chamar este de “o ano sem inverno”.

— Acha mesmo que eu gastaria tempo e esforço para encontrar gelo com tantos

problemas assolando o mundo? — retrucou Rand.

O rosto magro de Abelle empalideceu, e ele pareceu se forçar a tomar

mais um

gole do vinho. Luan, por outro lado, fez questão de esvaziar o cálice e em seguida o

estendeu para um *gai'shain*, indicando que queria mais. Os olhos verdes do Aiel de

robe branco exibiram um lampejo de fúria, um contraste com a suavidade calculada

do rosto bronzeado de sol. Servir aguacentos era coisa de serviçal, e os Aiel

desprezavam o conceito de serviçais. Claro que Rand nunca conseguira entender

como esse desprezo se encaixava em toda a ideia de ser *gai'shain*, mas as coisas

eram assim.

Dyelin apoiou a taça bem firme entre os joelhos e passou a ignorá-la. De perto,

dava para ver alguns fios grisalhos em seus cabelos louros. Ela era linda, embora

apenas os cabelos lembrassem Morgase e Elayne. Dyelin, a seguinte na sucessão ao

trono, era no mínimo prima próxima da Filha-herdeira. A mulher, encarando-o com

uma leve carranca, parecia prestes a balançar a cabeça em reprovação, mas apenas

disse:

— Estamos preocupados com os problemas do mundo, mas ainda mais com os

que afetam Andor. O senhor nos trouxe aqui para encontrar uma cura?

— Se os senhores souberem de alguma — respondeu Rand, simplesmente. — Se

não, acho que devo procurar em outro lugar. Muitos julgam conhecer a cura

apropriada e, se eu não encontrar a que quero, terei que me contentar com a segunda

opção. — Aquilo fez os nobres contraírem a boca. No caminho até lá, Bashere os

conduzira por um pátio onde Arymilla, Lir e as outras tinham sido deixadas. Era

uma espécie de fila de espera, mas, para olhares estranhos, pareciam estar relaxando

no Palácio. — Achei que os senhores iam querer ajudar a recuperar a integridade de

Andor. Ouviram minha proclamação? — Não precisou dizer qual. Naquele contexto,

só poderia haver uma.

— Há uma recompensa por notícias de Elayne — respondeu Ellorien,

inexpressiva, o rosto ainda mais contido —, que será feita rainha, agora que Morgase

morreu.

Dyelin assentiu.

— Para mim, está bom.

— Mas para mim, não! — vociferou Ellorien. — Morgase traiu os amigos e

desprezou os partidários mais antigos. É hora de acabar com o poder da Casa

Trakand sobre o Trono do Leão. — Ela, assim como todos os outros, parecia ter se

esquecido de Rand.

— Dyelin é a próxima na sucessão — declarou Luan, sem rodeios. A mulher

balançou a cabeça, como se já tivesse ouvido aquilo, mas Luan prosseguiu mesmo

assim: — Eu apoio Dyelin.

— Elayne é a Filha-herdeira — retrucou Dyelin com firmeza. — *Eu* apoio Elayne.

— Que diferença faz quem cada um de nós apoia? — inquiriu Abelle.
— Se ele

matou Morgase, não vai... — Ele se calou de repente, fazendo careta, então olhou

para Rand. Seu olhar não era exatamente rebelde, mas estabelecia um claro desafio

para que ele respondesse ao comentário. Parecia esperar que ele reagisse mal.

— É isso que vocês acham? — Rand olhou com pesar para o Trono do Leão em

seu pedestal. — Por que, sob a Luz, eu mataria Morgase, se fosse entregar o controle

a Elayne?

— Pouca gente sabe em que acreditar — respondeu Ellorien, rígida, as bochechas

bem vermelhas. — O povo fala de tudo, a maioria é pura asneira.

— Como, por exemplo? — A pergunta era para Ellorien, mas foi Dyelin quem

respondeu, encarando-o bem nos olhos.

— Dizem que o senhor vai lutar a Última Batalha e matar o Tenebroso. Dizem

que o senhor é um falso Dragão, uma marionete das Aes Sedai, ou ambos. Dizem

que o senhor é o filho bastardo de Morgase, um Grão-lorde tairino, um Aiel... —

Ela franziu o cenho, mas logo prosseguiu. — Dizem que o senhor é filho de uma

Aes Sedai com o próprio Tenebroso. Que o senhor é o Tenebroso, ou que é até

mesmo o Criador em um corpo humano. Dizem que o senhor vai destruir o mundo,

depois vai salvá-lo, então vai subjugá-lo e dar início a uma nova Era. Há tantos

boatos quanto há bocas. A maioria afirma que o senhor matou Morgase. Muitos

acrescentam Elayne à história. Dizem que essa proclamação é um disfarce para

encobrir seus crimes.

Rand soltou um suspiro. Alguns daqueles boatos eram os piores que ele já ouvira.

— Não vou perguntar em quais vocês acreditam.

Por que Dyelin insistia em franzir o cenho quando ele falava? E não era a única.

Luan fazia o mesmo, enquanto Abelle e Ellorien lhe lançavam o tipo de olhar que

Rand aprendera a esperar receber do pessoal de Arymilla, quando achavam que ele

não estava olhando. *Olhando. Sempre olhando*, murmurou Lews Therin, em um

sussurro rouco, dando uma risadinha. *Eu estou sempre olhando você. Mas quem*

olha para mim?

— Em vez disso, prefiro perguntar se vão me ajudar a unificar Andor outra vez.

Não quero que Andor acabe virando outra Cairhien, ou pior, uma terra como

Tarabon ou como Arad Doman.

— Eu conheço um pouco do *Ciclo de Karaethon*. Acredito que o senhor seja o

Dragão Renascido — comentou Abelle. — Ainda assim, nada nas profecias

menção o senhor governando, apenas falam da luta contra o Tenebroso em

Tarmon Gai'don.

Rand apertou o cálice com tanta força que a superfície escura do vinho oscilou.

Seria tão mais fácil se aqueles quatro fossem como quase todos os Grão-lords

tairenos ou cairhienos. O problema era que nenhum deles queria um ínfimo de poder

a mais do que já possuíam. Por mais gelado que estivesse o vinho, duvidava de que o

Poder Único fosse intimidar aquele bando. *Tenho certeza de que, se eu tentasse, os*

quatro apenas me mandariam matá-los de uma vez, e a Luz que me queimasse!

A Luz que me queime, ecoou Lews Therin, irritado.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não quero governar Andor? Vou embora

assim que Elayne se sentar no Trono do Leão. E, se depender de mim, jamais

voltarei.

— Se o trono pertence a alguém — retrucou Ellorien, sem se abalar —, é a

Dyelin. Se está sendo sincero, então ponha a coroa na cabeça dela e vá embora.

Andor estará recuperada, e não duvido de que nossos soldados vão segui-lo até a

Última Batalha, se necessário.

— Ainda assim, eu recuso — interveio Dyelin, a voz firme, então voltou-se para

Rand. — Quero esperar e considerar as possibilidades, milorde Dragão. Quando vir

Elayne viva e coroada e depois que o senhor for embora, mandarei os meus homens

o seguirem, não importa se mais ninguém em Andor fizer isso. Mas, se o tempo

passar e o senhor ainda estiver reinando aqui, ou se esses seus Aiel selvagens

fizerem com esta terra o que ouvi que fizeram em Cairhien e Tear... — Ela olhou

com desprezo para as Donzelas e os Escudos Vermelhos e até assim como para os

gai'shain, como se estivessem saqueando e incendiando a cidade naquele exato

momento. — Ou se o senhor mandar para cá aqueles... homens que reuniu depois

dessa sua anistia, então me voltarei contra o senhor, mesmo que nenhum outro

cidadão de Andor faça isso.

— E eu estarei ao lado dela — declarou Luan, com firmeza.

— E eu também — completou Ellorien, logo seguida por Abelle.

Rand jogou a cabeça para trás e riu, sem conseguir se conter, parte por divertimento, parte por frustração. *Luz! E eu achando que uma oposição direta seria*

melhor do que tê-los tramando pelas minhas costas ou lambendo minhas

botas!

Os quatro o encararam, inquietos, sem dúvida achando que aquilo já era a loucura

em curso. E talvez fosse, mesmo. Nem ele tinha mais certeza de nada.

— Podem considerar a situação pelo tempo que for necessário — retrucou,

levantando-se para encerrar a audiência. — O que estou falando é verdade. Mas peço

que também considerem isto: Tarmon Gai'don está cada dia mais perto. Não sei

mais quanto tempo os senhores poderão gastar com reflexões.

Os quatro se despediram com um movimento calculado da cabeça, como se

estivessem entre iguais — era mais do que quando chegaram —, mas, quando se

viraram para sair, Rand segurou Dyelin pela manga.

— Tenho uma pergunta para a senhora. — Os outros pararam e se viraram, antes

de Rand acrescentar: — Uma pergunta pessoal.

Depois de um instante, Dyelin assentiu, e seus companheiros se afastaram um

pouco. Os outros três permaneceram na sala do trono, observando com atenção, mas

não estavam perto o bastante para entreouvir.

— A senhora me olhou... de um jeito estranho — comentou Rand. *A senhora e*

todos os outros nobres que conheci em Caemlyn. Pelo menos, todos os nobres

andorianos. — Por quê?

Dyelin ergueu a cabeça e o encarou, então assentiu de leve, para si mesma.

— Qual é o nome da sua mãe?

Rand piscou.

— Minha mãe?

Sua mãe era Kari al'Thor. Pelo menos, era no que ele acreditava — Kari o criara

desde a infância até o dia de sua morte. Mas decidiu dar a verdade crua que

descobriria no Deserto.

— Minha mãe se chamava Shaiel. Foi uma Donzela da Lança. Meu pai era

Janduin, chefe do clã dos Aiel Taardad. — Dyelin ergueu uma sobrancelha,

desconfiada. — Juro pelo que a senhora quiser. O que isso tem a ver com o que eu

quero saber? Os dois já morreram há muito tempo.

A mulher pareceu aliviada.

— Então parece ser apenas uma mera semelhança, um acaso, só isso. Não estou

sugerindo que o senhor não saiba quem são seus pais, mas é que tem um sotaque do

oeste de Andor.

— Semelhança? Eu cresci em Dois Rios, mas meus pais são esses que eu disse.

Com quem é que eu pareço, para a senhora ficar me encarando?

A mulher hesitou, então soltou um suspiro e respondeu:

— Acho que não importa. Um dia o senhor precisa me contar como tem pais Aiel,

mas foi criado em Andor. Vinte e cinco anos atrás, talvez mais, a
Filha-herdeira de

Andor desapareceu na calada da noite. Seu nome era Tigraine, e ela
deixou para trás

um marido, Taringail, e um filho, Galad. Sei que é apenas
coincidência, mas vejo

Tigraine em seu rosto. Da primeira vez que o vi, fiquei chocada.

O próprio Rand ficou chocado. Um arrepio gelado percorreu seu
corpo.

Fragmentos da história que ouvira das Sábias rodopiaram em sua
mente... *uma*

*jovem aguacenta de cabelos louros... um filho que ela amava, um marido
que não*

*amava... Shaiel foi o nome que ela adotou. Nunca nos deu outro... você
parece um*

pouco com ela.

— Como foi que Tigraine desapareceu? Sou muito interessado na
história de

Andor.

— Agradeço se não chamar de história, milorde Dragão. Eu era garota
quando

isso aconteceu, mas já não era mais criança e vinha muito ao Palácio.
Certa manhã,

Tigraine simplesmente não estava mais aqui, então nunca mais foi
vista. Diziam que

tinha o dedo de Taringail naquilo, mas ele parecia louco de aflição.
Taringail

Damodred queria ver sua filha Rainha de Andor e seu filho Rei de
Cairhien mais do

que tudo no mundo. Taringail era cairhieno, entende? O casamento
supostamente era

para acabar com as guerras entre Andor e Cairhien, e de fato conseguiu fazer isso.

Mas o desaparecimento de Tigraine levou os cairhienos a pensarem que Andor fosse

quebrar o acordo, e isso os levou a conspirar, como bons cairhienos que são. Essa

história, claro, acaba com o episódio do Orgulho de Laman. E o senhor sabe aonde

isso deu. — Essa última parte veio em um tom mais seco. — Meu pai diz que a

culpa na verdade era de Gitara Sedai.

— Gitara? — perguntou Rand, impressionado por não soar tão espantado quanto

se sentia. Ouvira aquele nome mais de uma vez.

Gitara Moroso foi uma Aes Sedai com o dom da Previsão, a mulher que anunciou

que o Dragão havia Renascido nas encostas do Monte do Dragão e que pusera

Moiraine e Siuan em sua longa busca. Gitara Moroso que, anos antes, dissera a

“Shaiel” que, caso ela não fugisse para o Deserto sem contar a ninguém e se tornasse

Donzela da Lança, a desgraça se abateria sobre Andor e o mundo.

Dyelin assentiu, um tanto impaciente.

— Gitara era conselheira da Rainha Mordrellen — respondeu, sem rodeios —,

mas passava mais tempo com Tigraine e Luc, o irmão dela, do que com a Rainha.

Depois que Luc foi para o norte para nunca mais voltar, correram boatos de que

Gitara o convencerá de que sua fama, ou seu destino, estavam na Praga. Outros

diziam que ele encontraria o Dragão Renascido por lá, ou também que a Última

Batalha dependia de sua partida. Isso foi cerca de um ano antes de Tigraine

desaparecer. Eu, por mim, duvido de que Gitara tenha tido qualquer coisa a ver com

isso ou com o sumiço de Luc. Ela continuou conselheira da Rainha até Mordrellen

morrer, e dizem que foi uma morte de tristeza pela perda de Tigraine e de Luc. Foi

isso que desencadeou a Sucessão, é claro. — Ela deu uma olhada para os outros, que

se remexiam, impacientes, lançando olhares desconfiados para os dois. Ainda assim,

não resistiu e acrescentou: — Se não tivesse sido dessa forma, o senhor teria

encontrado Andor bem diferente. Tigraine seria rainha, Morgase seria apenas Grão-

trono da Casa Trakand, e Elayne nem teria nascido. Morgase casou-se com Taringail

depois que subiu ao trono, o senhor bem sabe. Quem é que pode dizer o que mais

teria sido diferente?

Enquanto a olhava se juntar aos outros e sair, Rand pensou em mais uma coisa

que teria sido diferente: ele não estaria ali em Andor — não teria nem nascido. Tudo

voltava para o mesmo ponto, em círculos sem fim. Tigraine foi para o Deserto em

segredo, o que levou Laman Damodred a derrubar *Avendoraldera*, um presente dos

Aiel, para fazer um trono. Isso, por sua vez, levou os Aiel até a Espinha do Mundo

com o único objetivo de matar Laman — apesar disso, as nações chamavam o

evento de Guerra dos Aiel. Com os Aiel, veio uma Donzela chamada Shaiel, que

morreu no parto. Tantas vidas se alteraram e tantas vidas se perderam para que sua

mãe pudesse dar à luz na hora e no local apropriados, para que então morresse

naquele momento. Kari al'Thor era a mãe de quem ele se lembrava, ainda que muito

pouco, mas Rand desejava ter conhecido Tigraine, Shaiel, ou fosse lá o nome pelo

qual ela quisesse ser chamada, mesmo que por pouco tempo. Queria pelo menos ter

visto seu rosto.

Devaneios inúteis. Sua mãe estava morta havia muitos anos. Já estava tudo

acabado. Então por que aquilo ainda o incomodava tanto?

A Roda do Tempo e a roda da vida de um homem giram igual, sem pena nem

misericórdia, murmurou Lews Therin .

Você está mesmo aí? , pensou Rand. *Ah, se houver algo aí além de uma voz e*

umas poucas memórias muito antigas, então responda! Está aí? Silêncio. Como

gostaria de receber um dos conselhos de Moiraine — ou de qualquer um.

De súbito, Rand percebeu que encarava a parede de mármore branco do Grande

Salão, voltado para noroeste — na direção de Alanna. A Verde estava longe do

Sabujo de Culain. *Não! Que a Luz a queime!* Não trocaria Moiraine por uma mulher

capaz de preparar uma armadilha daquelas para ele. Não podia confiar em nenhuma

mulher da Torre, exceto três: Elayne, Nynaeve e Egwene. Ou ao menos esperava

poder confiar nelas. Mesmo que só um pouquinho.

Rand então se voltou para o grande teto abobadado, cujos vitrais coloridos

exibiam batalhas, antigas rainhas e o Leão Branco. Aquelas mulheres, retratadas em

uma escala maior que seu tamanho normal, encaravam Rand com olhares

desaprovadores, como se estivessem perguntando o que ele estaria fazendo ali. Claro

que a reprovação no olhar delas era fruto da sua imaginação, mas... por que pensara

aquilo? Por conta da descoberta sobre Tigraine? E aquilo era mesmo apenas sua

imaginação, ou já seria a loucura?

— Chegou alguém que acho que o senhor devia ver — anunciou Bashere,

aparecendo atrás de Rand de repente.

Rand se sobressaltou, desviando o olhar das mulheres no teto. Estivera mesmo

encarando aquelas antigas rainhas? Bashere vinha acompanhado por um de seus

cavalheiros. Um sujeito mais alto — coisa fácil perto de Bashere —, de barba e

bigode escuros e olhos verdes oblíquos.

— Não verei ninguém, a não ser que seja Elayne — retrucou Rand, em um tom

mais ríspido do que pretendia. — Ou alguém com provas de que o Tenebroso está

morto. Vou passar a manhã em Cairhien.

A verdade é que não tivera qualquer intenção de viajar antes de as palavras saírem

de sua boca. Mas lá poderia encontrar Egwene — e ficar longe das rainhas no teto.

— Já faz algumas semanas desde que apareci por lá. Se eu não ficar de olho,

algum lorde ou lady vai acabar reivindicando o Trono do Sol pelas minhas costas.

Bashere olhou estranho para ele. Rand estava se explicando demais.

— Como quiser, mas acho que vai querer ver este homem primeiro. Ele diz que

vem em nome de Lorde Brend, e acho que é verdade.

Os Aiel se levantaram no mesmo instante. Todos sabiam quem usava aquele

nome.

Rand apenas encarou Bashere, surpreso. A última coisa que esperava era um

emissário de Sammael.

— Traga o homem até mim.

— Hamad — disse Bashere, virando-se para o jovem que o acompanhava, e o

saldaeano saiu depressa.

Alguns minutos depois, Hamad voltou trazendo um bando de saldaeanos

desconfiados que escoltavam um sujeito. A princípio, nada no homem justificava

todo aquele cuidado: ele não portava nenhuma arma visível, e seu estilo

correspondia à moda de Illian — um casaco longo e cinza com o colarinho erguido e

a barba encaracolada e cheia, mas sem bigode, além de ter um nariz curto e largo e

ostentar um largo sorriso. Mas, quando o sujeito se aproximou, Rand notou que o

sorriso nunca se alterava — todo o rosto do homem parecia congelado naquela

expressão sorridente. Os olhos escuros, em contraste, se projetavam por trás daquela

máscara de alegria forçada, e o medo neles era evidente.

Quando o homem estava a dez passadas de distância, Bashere ergueu a mão, e a

guarda parou. O illianense, que encarava Rand, só percebeu a ordem de parada

quando Hamad ergueu a espada e pressionou a ponta contra seu peito, forçando-o a

parar para evitar ser atravessado pela arma. O homem simplesmente encarou a

lâmina levemente sinuosa, então voltou os olhos aterrorizados para Rand, o sorriso

ainda escancarado, os braços caídos ao lado do corpo. As mãos do sujeito tremiam

na mesma intensidade da rigidez da expressão em seu rosto.

Rand começou a se aproximar do homem, mas Sulin e Urien se meteram entre os

dois de repente — não bloquearam a passagem, não foi bem isso, apenas se

posicionaram de modo que, para avançar mais, Rand teria que os empurrar

ligeiramente para fora do caminho.

— O que será que fizeram com ele? — perguntou Sulin, examinando o sujeito.

Donzelas e Escudos Vermelhos tinham saído de seus postos entre as colunas e se

aproximado mais, alguns até de rosto velado. — Se não for uma Cria da Sombra, no

mínimo foi tocado pela Sombra.

— Um sujeito desses deve poder fazer coisas que nem sequer imaginamos —

comentou Urien, um dos Escudos Vermelhos que usava a tira de tecido escarlate

presa à cabeça. — Talvez possa até matar com apenas um toque. Seria uma bela

mensagem para um inimigo.

Nenhum dos dois o encarou, como se não falassem diretamente com Rand, mas

ele assentiu. Talvez tivessem razão.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rand ao homem.

Quando perceberam que ele ficaria onde estava, Sulin e Urien se afastaram um

passo, indo um para cada lado.

— Eu, no caso, venho de... de Sammael — respondeu o sujeito, o sorriso ainda

congelado no rosto. — Eu trago uma mensagem para... para o Dragão Renascido.

Para o senhor, no caso.

Bem, era bem direto. Será que o sujeito era Amigo das Trevas, ou só mais uma

pobre alma que Sammael aprisionara em uma de suas tramas hediondas de que

Asmodean lhe falara?

— Que mensagem? — perguntou Rand.

A boca do illianense se contorceu, como se ele tentasse resistir. O som que saiu

não parecia nem de longe com a voz de antes: era mais profunda, mais confiante e

com um sotaque diferente.

— Eu e você estaremos de lados diferentes quando chegar o Dia do Retorno do

Grande Senhor, mas qual é o sentido de nos matarmos agora e deixarmos

Demandred e Graendal disputarem o mundo sobre nossos cadáveres?
— Rand

reconheceu aquela voz de um dos fragmentos da memória de Lews Therin que

tinham se fixado em sua mente. Era a voz de Sammael. Lews Therin rosnou, uma

raiva sem palavras. — Você já tem bastante para digerir, para que pegar ainda mais?

— prosseguiu Sammael, através do illianense. — E são bocados bem difíceis de

mastigar, mesmo sem Semirhage ou Asmodean tentando lhe apunhalar pelas costas

enquanto você está distraído. Eu proponho uma trégua, uma trégua que vai durar até

o Dia do Retorno. Se você não agir contra mim, não agirei contra você. Eu me

comprometo a não estender meus domínios a leste para além das Planícies de

Maredo ou ao norte para além de Lugard e Jehannah, a noroeste. E que fique claro

que estou deixando a maior parte do terreno para você. Não posso falar em nome dos

outros Escolhidos, mas você pode ter certeza de que não tem o que temer de mim ou

das terras sob meu domínio. Eu também me comprometo a não ajudar os outros em

nada do que armem contra você, muito menos a se defenderem. Você tem feito um

bom trabalho, retirando os Escolhidos do jogo. Não tenho dúvidas de que continuará

muito bem, melhor até do que antes, agora que sabe que seu flanco sul está a salvo e

que os outros lutam sem minha ajuda. Suspeito de que, no Dia do Retorno,

restaremos apenas nós dois, como deve ser. Como está destinado a ser.

O illianense cerrou os dentes com um estalido, ainda se escondendo por trás

daquele sorriso congelado. O brilho em seus olhos beirava a loucura.

Rand encarou o sujeito. Uma trégua com Sammael? Mesmo que pudesse confiar

que o Abandonado fosse honrar a proposta, mesmo que isso significasse um perigo a

menos até que desse conta dos outros... também significava que

Sammael teria

milhares de pessoas à sua mercê, e o Abandonado jamais se mostrara

misericordioso. Rand sentiu a ira deslizando pela superfície do Vazio e só então

percebeu que agarrara *saidin*. Aquela torrente abrasadora de doçura fétida e

congelante parecia ecoar sua raiva. Lews Therin. Não era de se surpreender que

aquela personalidade insana perdesse a cabeça. O eco da ira de Lews Therin ressoou

na fúria de Rand, até que não dava mais para distinguir uma da outra.

— Leve esta mensagem de volta a Sammael — começou, a voz fria. — Vou

cobrar o preço de cada morte que ele causou desde que despertou, é uma dívida. Vou

cobrar o preço de cada assassinato que ele cometeu ou provocou, é uma dívida.

Sammael escapou da justiça em Rorn M'doi, em Nol Caimaine e em Sohadra. —

Eram lembranças de Lews Therin, mas a dor do que acontecera e a agonia que os

olhos de Lews Therin tinham testemunhado queimavam no Vazio, como se fossem

do próprio Rand. — Agora verei a justiça ser feita. Diga a Sammael que não há

trégua com os Abandonados. Não há trégua com a Sombra.

O mensageiro ergueu a mão trêmula, secando o suor do rosto — não, não era

suor: a mão ficou vermelha. Gotículas escarlate escapavam dos poros, e o homem

tremia dos pés à cabeça. Hamad deu um passo atrás, surpreso, e não foi o único.

Bashere cofiou o bigode, desconfortável, apertando-o bem entre os dedos, fazendo

uma careta de dor em solidariedade. Até os Aiel encararam o sujeito. O illianense

desabou, convulsionado, uma massa coberta de vermelho, o sangue formando uma

poça escura e viscosa que se espalhava conforme o homem se debatia.

Recolhido à profundidade do Vazio, Rand apenas assistiu ao homem morrer, sem

sentir nada. O Vazio isolava as emoções, e, além disso, não havia o que ele pudesse

fazer. Mesmo que soubesse algo de Cura, não teria conseguido impedir aquilo.

— Eu acho — começou Bashere, hesitante — que Sammael saberá a resposta ao

ver que o sujeito não vai retornar. Sei que há quem mate mensageiros que trazem

más notícias, mas nunca ouvi falar de alguém que matasse os mensageiros *para*

transmitir a má notícia.

Rand assentiu. Assim como quando descobriu a verdade sobre Tigraine, aquela

morte não mudava nada.

— Mande organizarem o enterro. Uma prece não fará mal ao homem, mesmo que

não vá adiantar de nada.

Por que as rainhas, nos vitrais coloridos, ainda o encaravam acusadoramente? Elas

com certeza já tinham visto coisa pior, talvez até ali, naquela sala do trono. E ainda

conseguia apontar na direção exata de Alanna, ainda podia senti-la — o Vazio não o

protegia. Será que podia confiar em Egwene? Ela sabia guardar segredo.

— Talvez eu passe a noite em Cairhien.

— Um fim estranho para um homem estranho — comentou Aviendha, contornando o trono. Pequenas portas ocultas ali atrás levavam às salas de vestir,

que davam para outros corredores.

Rand fez menção de se colocar entre ela e o corpo sobre os azulejos vermelhos e

brancos, mas parou. Depois de uma olhada curiosa, Aviendha apenas ignorou o

homem morto no chão. A ruiva tinha sido Donzela da Lança, decerto testemunhara

tantas mortes quanto Rand. E, quando Aviendha enfim abriu mão da lança, já devia

ter matado tantos homens quanto Rand vira morrer.

Era nele que a jovem estava concentrada, olhando-o de cima a baixo para garantir

que não estava ferido. Algumas Donzelas sorriram e abriram caminho, empurrando

alguns Escudos Vermelhos para o lado, mas Aviendha ficou parada, ajeitando o

xale, só olhando. Rand teve vontade de abraçá-la ali mesmo e ficou feliz por poder

se conter. Sabia que, apesar do que as Donzelas achavam, Aviendha só estava ali

porque as Sábias a tinham mandado espioná-lo. Era bom saber que ela não o queria.

O bracelete de marfim que Aviendha usava no braço, todo de rosas entalhadas entre

espinhos, bem como ela, fora presente de Rand. Era a única joia que ela usava além

de um colar de prata, uma corrente kandoriana intrincada, forjada em um padrão que



chamavam de flocos de neve. Rand não sabia de quem fora aquele presente.

Luz! , pensou, enojado com o próprio comportamento. Queria Aviendha e Elayne,

mesmo sabendo que não podia ter nenhuma das duas. *Você é pior do que Mat sequer*

cogitou ser algum dia. Até mesmo Mat teria o bom senso de ficar longe das

mulheres a quem poderia fazer mal.

— Também tenho que ir para Cairhien — declarou Aviendha.

Rand fez careta. Uma das vantagens de passar a noite em Cairhien seria dormir

sem ela no quarto.

— Não tem nada a ver com... — começou a jovem, irritada, mas se conteve,

mordendo o lábio inferior carnudo, um brilho estranho nos olhos verde-azulados. —

Preciso falar com as Sábias, com Amys.

— Claro — concordou Rand. — Não vejo por que a impedir.

Além disso, talvez conseguisse deixá-la para trás, por lá.

Bashere chamou sua atenção, tocando seu braço.

— Você ia ver meus cavaleiros marcharem hoje à tarde. — O tom era displicente,

mas os olhos oblíquos do general conferiam grande peso às palavras.

Era *mesmo* importante, mas Rand queria ir para longe de Caemlyn, de Andor.

— Amanhã. Ou depois.

Precisava ir para longe dos olhares daquelas rainhas, todas se perguntando se

alguém de seu sangue teria coragem de destruir sua terra, como fizera com tantas

outras. Luz, Rand tinha o sangue delas nas veias! E também precisava ficar longe de

Alanna, mesmo que só por uma noite. Precisava ficar longe dela.



CAPÍTULO 17

A RODA DA VIDA

Com um breve fluxo de Ar, Rand apanhou o cetro e o cinturão ao lado do trono,

então abriu o portão ali mesmo, diante da plataforma do trono — a barra de luz

giratória foi se ampliando, abrindo-se para uma câmara vazia com paredes cobertas

por painéis escuros. O aposento ficava a mais de seiscentas milhas de Caemlyn, no

Palácio do Sol, o palácio real de Cairhien. A sala, reservada para que ele usasse

justamente daquela maneira, não tinha nenhuma mobília, e tanto o chão de azulejos

azul-escuros quanto os painéis de madeira da parede estavam lustrados e brilhantes.

Apesar de não ter janelas, o lugar estava bastante iluminado — oito lampiões de

chão dourados queimavam dia e noite, e os espelhos no aposento ampliavam o brilho

das chamas a óleo. Rand fez uma pausa para afivelar a espada enquanto Sulin e

Urien abriam a porta do corredor e conduziam Donzelas e Escudos Vermelhos

velados adiante, à frente dele.

Rand achava a cautela dos Aiel ridícula. O largo corredor do lado de fora era a

única forma de acesso ao aposento, e ele era constantemente guardado por cerca de

trinta Aiel *Far Aldazar Din*, Irmãos da Águia, e quase vinte dos homens de Berelain,

a Primeira de Mayene, todos com placas peitorais pintadas de vermelho e capacetes

arredondados cujas abas, atrás, desciam quase até a nuca. Se havia um lugar no

mundo onde Rand tinha certeza de que não precisava da escolta de Donzelas, era em

Cairhien — e mais até do que em Tear.

Quando Rand saiu, viu um Irmão da Águia já no fim do corredor, indo anunciar

sua chegada. Um mayenense ia atrás do Aiel mais alto, agarrado desajeitado à lança

e à espada curta — ou melhor, um pequeno batalhão marchava atrás do *Far Aldazar*

Din: serviçais nos mais variados uniformes; um Defensor da Pedra taireno metido

em uma reluzente placa peitoral e um casaco preto e dourado; um soldado cairhieno

com a frente da cabeça raspada e a placa peitoral bem mais surrada que a do taireno;

duas jovens Aiel em saias pesadas e blusas brancas soltas, que Rand achou que

reconhecia das aprendizes de Sábias. As notícias de sua chegada

correriam depressa.

Era sempre assim.

Pelo menos Alanna estava longe. Verin também, mas principalmente Alanna.

Mesmo àquela distância, ainda tinha a vaga sensação de que a Verde estava em

algum lugar a oeste. Era como sentir que havia alguém com a mão estendida parada

a apenas um fio de cabelo de distância de sua nuca. Será que havia alguma forma de

se livrar daquela mulher? Agarrou *saidin* outra vez, por um instante, mas não fez

diferença.

Você nunca escapa das armadilhas em que se mete. O murmúrio de Lews Therin

parecia confuso. *Para destruir uma força, só uma força ainda maior, mas então*

you acaba preso outra vez. Preso para sempre, sem poder morrer.

Rand estremeceu. Às vezes parecia que a voz estava mesmo falando com ele. Se o

que ela dizia ao menos fizesse sentido, vez ou outra, seria mais fácil tê-la dentro da

mente.

— Vejo você, *Car'a'carn* — cumprimentou um dos Irmãos da Águia. O homem

tinha olhos cinza na mesma altura dos de Rand e uma cicatriz branca cortava seu

nariz, em forte contraste com o rosto bronzeado de sol. — Eu sou Corman, dos

Mosaada Goshien. Que o dia lhe traga sombra.

Rand não teve chance de dar a resposta apropriada, pois o oficial de Mayene, um

sujeito de bochechas rosadas, veio logo se enfiando entre os dois, empurrando o Aiel

com um tranco dos ombros. Bem, não exatamente se enfiando: o sujeito era esguio

demais para conseguir dar um tranco em alguém uma cabeça mais alto e com quase

o dobro de largura no corpo, ainda mais se tratando de um Aiel — mas o mayenense

talvez fosse jovem o suficiente para achar que podia. Ainda assim, ele se meteu na

frente de Rand, ao lado de Corman, o capacete carmesim com uma única pluma

vermelha enfiado debaixo do braço, duas asas trabalhadas nas laterais da redoma de

metal.

— Milorde Dragão, sou Havien Nurelle, Lorde Tenente dos Guardas Alados, a

serviço de Berelain sur Paendrag Paeron, Primeira de Mayene, e também a serviço

do senhor.

Corman olhou de esguelha para o homem, contendo um sorrisinho.

— Vejo você, Havien Nurelle — respondeu Rand, solene, e o garoto piscou,

surpreso. *Garoto?* Pensando bem, o tenente talvez não fosse muito mais novo que

Rand, o que era um choque. — Se você e Corman puderem...

Ele de repente reparou que Aviendha tinha ido embora. Quase se matara tentando

evitar aquela mulher, e, na primeira vez em que concordava em tê-la por perto, ela

escapava de fininho assim que ele dava as costas!

— Levem-me a Berelain e Rhurc — ordenou, com rispidez. — Se os dois não

estiverem juntos, levem-me ao que estiver mais perto e vão atrás do outro.

Aviendha só podia ter corrido para as Sábias para relatar o que ele estava fazendo.

Ah, mas dessa vez ele ia deixá-la para trás quando voltasse a Caemlyn.

Você quer o que não pode ter. E o que não pode ter é o que quer. Ao dizer isso,

Lews Therin soltou uma risada maníaca. Sua presença já não incomodava Rand

como antes. Não tanto. O fardo inevitável sempre pode ser carregado.

Corman e Havien deixaram seus homens para trás, conversando sobre quem

estaria mais próximo, porém Rand ainda assim foi seguido por uma grande comitiva.

As Donzelas e os Escudos Vermelhos o acompanhavam de perto, lotando o corredor

com teto quadrado e abobadado. O ambiente parecia escuro, apesar dos lampiões de

chão espalhados. Quase não havia cor, exceto em uma ou outra tapeçaria, e os

cairhienos tentavam compensar a invasão de cores com muita rigidez nos bordados,

fossem de flores, pássaros, cervos, leopardos caçando ou uma batalha de nobres. Os

uniformes indicadores dos serviços cairhienos, que saíam depressa do caminho,

consistiam em listras coloridas nos punhos das mangas e a insígnia da casa a que

serviam bordada no peitoral, no máximo uma gola ou as mangas nas cores da Casa

e, muito raramente, um vestido ou casaco inteiro de um tom mais vívido. Claro que

apenas os serviçais superiores usavam mais cores. Os cairhienos gostavam de ordem

e desprezavam exageros. Poucas prateleiras espalhadas abrigavam ornamentos, uma

vasilha dourada ou um vaso do Povo do Mar, mas tudo muito austero e trabalhado

em linhas retas, sempre tentando disfarçar as curvas, caso houvesse alguma. Quando

o corredor se abria para uma colonata de colunas retas, dava para ver, nos poucos

jardins do andar de baixo, caminhos de sebe em ângulos precisos, cada canteiro do

mesmo tamanho, cada arbusto e pequena árvore podados à perfeição e com o mesmo

espaçamento. Se a seca e o calor tivessem permitido flores, Rand tinha certeza de

que cada botão teria nascido em fileiras perfeitas.

Rand desejou que Dyelin pudesse ver aquelas vasilhas e vasos espalhados por ali.

Os Shaido tinham levado tudo o que eram capazes de carregar no caminho do

Deserto até Cairhien, então queimaram o que sobrara — um comportamento que

violava o *ji'e'toh*. Os Aiel que seguiam Rand, os que tinham salvado a cidade,

também pegaram algumas coisas, pois, pelas regras do povo do Deserto, a conquista

de um lugar em batalha lhes dava a permissão de levarem um quinto de todas as

riquezas e recursos — e nem uma colher a mais. Bael até concordara, relutante, em

abster-se do quinto em Andor, mas Rand achou que ninguém poderia pensar que

qualquer coisa tivesse sido tirada dali, não sem uma listagem.

Apesar de toda a discussão, Corman e Havien não conseguiram encontrar nem

Rhuarc nem Berelain antes de os dois decidirem aparecer.

Os dois se aproximaram sozinhos por entre as colonatas, sem qualquer comitiva

— o que só fez Rand se sentir como se estivesse liderando uma espécie de desfile

alegórico. Rhuarc, em seu *cadin'sor*, com o cabelo ruivo escuro pontilhado de

mechas grisalhas, avultava-se sobre Berelain, uma bela jovem de pele clara metida

em um vestido azul e branco. O decote era tão baixo que Rand pigarreou e desviou

os olhos quando ela se abaixou para uma medida. Rhuarc, de *shoufa* enrolada no

pescoço, não portava nenhuma arma além de uma pesada faca Aiel, enquanto

Berelain usava o Diadema da Primeira de Mayene, um gavião dourado em pleno voo

preso aos cabelos negros e brilhantes, que caíam em ondas por sobre os ombros nus.

Talvez fosse melhor mesmo que Aviendha tivesse ido embora — ela às

vezes se

comportava de forma muito violenta com mulheres que pensava estarem se jogando

para cima de Rand.

Ele então reparou que Lews Therin cantarolava uma melodia dissonante — algo

nela parecia perturbador, mas... o quê? Era uma espécie de zumbido, feito um

homem admirando uma bela mulher que nem sequer o notara.

Pare com isso! , gritou Rand, para dentro da própria cabeça. *Pare de olhar pelos*

meus olhos! Não havia como dizer se Lews tinha ouvido — será que havia alguém lá

dentro para ouvir? —, mas o zumbido cessou.

Havien baixou-se em um dos joelhos, mas Berelain, quase distraída, gesticulou

para que ele se levantasse.

— Creio que tudo esteja bem com milorde Dragão e com Andor. — A Primeira

tinha o tipo de voz que fazia um homem parar para escutar. — E também com seus

amigos, Mat Cauthon e Perrin Aybara.

— Está tudo bem — respondeu Rand. Berelain sempre perguntava por Mat e

Perrin, não importava quantas vezes ele dissesse que um estava a caminho de Tear e

que não via o outro desde antes da ida ao Deserto. — E com vocês?

Berelain olhou de esguelha para Rhuarc enquanto os dois se posicionavam um de

cada lado de Rand, avançando para o corredor seguinte.

— Tão bem quanto se pode esperar, milorde Dragão.

— Tudo está bem, Rand al'Thor — respondeu Rhuarc, sem muita expressão. O

que, afinal, era bem comum.

Rand sabia que ambos compreendiam por que ele deixara Berelain no comando de

Cairhien. Pura lógica. Ela fora a primeira governante a lhe oferecer uma aliança sem

pedir nada em troca, e Rand sabia que podia confiar nela, já que Berelain precisava

dele, ainda mais do que quando fizeram a aliança, para manter Tear longe de

Mayene. Além de os Grão-lordes tairenos sempre tentarem tratar Mayene como uma

província, a jovem era estrangeira, vinda de uma pequena nação a centenas de léguas

ao sul, e não tinha por que favorecer uma Casa ou facção cairhiena em detrimento de

outra, nem qualquer esperança de se manter por muito tempo no poder. Além disso,

ela sabia governar. A mais pura lógica. Além disso, considerando como os Aiel se

sentiam em relação aos cairhienos — o que era recíproco —, colocar Rhuarc no

comando teria gerado um derramamento de sangue. Cairhien já vira sangue

suficiente.

O arranjo parecia estar funcionando bem. Tal qual Semaradrid e Weiramon, em

Tear, os cairhienos aceitavam uma cidadã de Mayene como sua governante tanto

porque ela não era Aiel, quanto porque o próprio Rand a havia escolhido. Berelain

sabia o que estava fazendo, e pelo menos escutava os conselhos de Rhuarc, que

falava em nome dos chefes dos clãs que ainda permaneciam ali. E, apesar de ainda

não ter reclamado, a Primeira também lidava com as Sábias, que só desistiriam de se

intrometer — ainda que não considerassem o que faziam como intromissão — um

dia depois das Aes Sedai.

— E Egwene? — perguntou Rand. — Ela está melhor?

Berelain comprimiu os lábios de leve. A Primeira não gostava de Egwene — por

outro lado, Egwene também não gostava dela. Não havia motivos para isso, não que

Rand soubesse, mas também não havia o que fazer.

Rhuarc espalmou as mãos.

— Só sei o que Amys diz.

Amys era uma Sábia, e esposa de Rhuarc — uma das esposas. Eram duas, um dos

costumes Aiel mais estranhos dentre os muitos costumes que Rand considerava

estranhos.

— Ela diz que Egwene precisa descansar, não fazer muito esforço, comer bem e

tomar ar fresco. Acho que a menina tem caminhado ao frescor do dia.

Berelain encarou o Aiel com um olhar irônico. O leve brilho da transpiração em

seu rosto não diminuía sua beleza, mas Rhuarc, naturalmente, não suava nem um

pouco.

— Eu gostaria de ver Egwene. Se as Sábias permitirem. — As Sábias eram tão

enfáticas em reforçar suas regras internas quanto qualquer Aes Sedai, sempre

fazendo questão de deixá-las bem delimitadas para os chefes de ramo, os chefes de

clã e, sobretudo, para o *Car'a'carn*. — Mas, primeiro, temos que...

Ouviu um ruído baixo quando começaram a se aproximar daquela área, onde uma

parede do corredor tinha sido substituída por uma balaustrada de colunas: era o

clangor de espadas de treinamento. Rand deu uma olhada quando passou — ou pelo

menos essa fora sua intenção inicial. Mas não pôde deixar de parar, surpreso, ao

perceber que um cairhieno muito rígido, metido em um casaco cinza liso,

supervisionava o treinamento de cerca de uma dezena de mulheres empapadas de

suor, algumas usando vestidos de montaria com as saias divididas, outras vestidas

em casacos e calças masculinos. A maioria ainda não conseguia manter muito bem

as posturas e formas, apesar de serem bem vigorosas no combate, mas algumas

fluíam suavemente de postura em postura, mesmo manejando as

lâminas com certa

hesitação. Todas pareciam muito obstinadas, mas os rostos sérios se dissolviam em

risadas e lamentações quando elas percebiam que tinham cometido algum erro.

O cairhieno sisudo bateu palmas, e as mulheres pararam, ofegantes, apoiando-se

nas espadas de treinamento, algumas alongando os braços, claramente não

acostumadas ao esforço. Para além de seu campo de visão, Rand notou os serviçais

indo e vindo, curvando-se em mesuras e reverências enquanto apresentavam suas

bandejas com cântaros e taças. Podiam ser serviçais, mas usavam um uniforme

estranho para os padrões Cairhien — a roupa era toda branca, não importava se

fossem vestidos ou casacos com calças.

— O que é isso? — perguntou, para os dois que o acompanhavam.

Rhuarc soltou um muxoxo desgostoso.

— Algumas cairhienas ficaram muito impressionadas com as Donzelas —

explicou Berelain, com um sorriso. — Querem ser uma delas. Só que imagino que

queiram manejar a espada, e não a lança. — Sulin se empertigou, ultrajada, e as

Donzelas começaram a conversar naquela linguagem de sinais, com gestos que

pareciam indignados. — São filhas de Casas nobres, e as deixei ficarem aqui porque

os pais não permitiriam esse treinamento. A cidade já tem quase uma dúzia de

escolas que instruem as mulheres no manejo da espada, mas muitas precisam ir

escondidas para as aulas. E não são só as mulheres que estão tentando aprender.

Todos os jovens cairhienos parecem bastante impressionados com os Aiel, estão até

adotando o *ji'e'toh*.

— Estão é acabando com o *ji'e'toh* — resmungou Rhuarc. — Muitos vêm nos

perguntar sobre nossos costumes, e quem não instruiria alguém disposto a aprender

o que é o correto? Mesmo se for um Assassino da Árvore — Ele estava quase

cuspiando. — Mas esses jovens distorcem os ensinamentos.

— Ah, eu não diria que distorcem — protestou Berelain. — Acho que só adaptam

para os nossos costumes.

Rhuarc ergueu a sobrancelha de modo sutil, e a Primeira de Mayene suspirou em

resposta. Havien parecia a personalização do ultraje, vendo sua governante ser

contestada. Nem Rhuarc nem Berelain repararam, ambos tão concentrados em Rand

— ao que parecia, aquele era um debate que os dois tinham com frequência.

— Distorcem, sim — retrucou Rhuarc, insistente. — Esses idiotas vestidos de

branco até alegam ser *gai'shain*. *Gai'shain!* — Os outros Aiel resmungaram, e as

Donzelas voltaram a se comunicar na linguagem de sinais. Havien começou a

parecer um pouco desconfortável. — Em que batalha ou invasão eles foram

derrotados? Em que *toh* incorreram? Você confirmou minha ordem de proibição às

brigas pela cidade, Berelain Paeron, mas esses jovens disputam duelos em qualquer

canto onde acham que não serão vistos, e o perdedor adota o branco. Se um

consegue golpear o outro mesmo enquanto os dois estão armados, o ferido pede por

um duelo; quando o duelo é negado, o tolo veste o branco. O que isso tem a ver com

honra ou obrigação? Esses jovens distorcem tudo, se comportam de um jeito que

faria até um sharamano corar. Isso precisa acabar, Rand al'Thor.

O rosto de Berelain assumiu uma expressão teimosa, e ela agarrou as saias com os

punhos cerrados.

— É normal os jovens lutarem, isso sempre acontece — retrucou ela, com um tom

tão condescendente que dava para esquecer que ela também era jovem. — Mas,

desde que isso começou, mais nenhum morreu em duelo. *Nenhum*. Só isso já basta

para deixá-los seguirem com essas ideias. Além do mais, já confrontei pais e mães e

alguns poderosos que exigiam que suas filhas fossem mandadas de volta para casa.

Não vou negar a essas jovens o que já lhes prometi.

— Pode ficar com elas. Deixe que aprendam a arte da *espada*, se é o que elas

querem. Mas precisam parar de dizer que estão seguindo o *ji'e'toh*. Precisam parar

com essa história de usarem roupas brancas e alegarem ser *gai'shain*. O que elas

fazem é uma ofensa — respondeu Rhuarc, os frios olhos azuis fixos em Berelain.

Mas os olhos grandes e escuros da Primeira de Mayene permaneceram cravados em

Rand.

Rand hesitou apenas por um instante. Podia entender por que os cairhienos mais

jovens estavam impressionados com o *ji'e'toh* — depois de serem derrotados duas

vezes pelos Aiel em menos de trinta anos, eles decerto deveriam se perguntar se

aquele seria o segredo da vitória, ou talvez achassem que as derrotas simplesmente

fossem prova de que o estilo de vida Aiel era melhor. Era evidente que os Aiel

estavam incomodados com aquele comportamento que viam como um escárnio de

suas crenças, mas a verdade era que algumas das situações que levavam os Aiel a se

tornarem *gai'shain* também eram bastante peculiares. Por exemplo, reclamar com

um homem sobre seu sogro ou com uma mulher sobre sua sogra — que, na

nomenclatura Aiel, eram chamados de segundo-pai ou segunda-mãe — era

considerado ofensa o bastante para justificar desembainhar armas, a não ser que a

nora ou o genro é que tivesse começado a reclamar do parente em questão. Se, em

vez de iniciar um duelo, a parte ofendida tocasse a outra, seria como se ela tivesse

tocado um inimigo armado sem o ferir — o que tocava ganhava muito *ji* e incorria

em muito *toh* para seu oponente, que, por sua vez, podia exigir tornar-se *gai'shain*

para atenuar o ganho de honra de quem o tocara e diminuir a própria obrigação. De

acordo com o *ji'e'toh*, era obrigatório honrar qualquer exigência de se tornar

gai'shain, então a pessoa poderia acabar trabalhando em servidão durante um ano e

um dia apenas por ter falado da sogra de alguém. O que parecia tão tolo quanto o

que os cairhienos estavam fazendo. No fim das contas, seria muito fácil de resolver:

deixara Berelain no comando, então tinha que apoiá-la. Simples assim.

— Rhurarc, os cairhienos já ofendem os Aiel simplesmente por serem cairhienos.

Deixe estar. Quem sabe eles não acabem aprendendo o suficiente para que vocês

parem de odiá-los.

Rhurarc resmungou, amargo, e Berelain sorriu. Por um momento, a jovem pareceu

prestes a dar a língua para o Aiel. Claro que fora apenas sua imaginação — Berelain

era apenas alguns anos mais velha do que ele, mas já governava

Mayene quando ele

ainda pastoreava ovelhas em Dois Rios.

Rand mandou Corman e Havien de volta à guarda e continuou seu caminho com

Rhuarc e Berelain de cada lado e o restante da comitiva logo atrás. Era praticamente

um desfile, só faltavam os tambores e trompetes.

Mais atrás, o clangor das espadas de treinamento recomeçou. Era mais uma

mudança, por menor que fosse. Nem mesmo Moiraine, que passara tanto tempo

estudando as Profecias do Dragão, sabia se a nova Ruptura marcaria o começo de

uma nova Era, mas não havia dúvidas de que Rand estava trazendo mudanças.

Tantas por acidente, ao que parecia, quanto de propósito.

Quando chegaram à porta do gabinete que Berelain e Rhuarc dividiam — uma

sala com paredes cobertas de painéis de madeira com entalhes de sóis nascentes, o

que indicava que era usada pela realeza —, Rand parou e virou-se para Sulin e

Urien. Se não conseguisse dispensá-los ali, com todos aqueles guardas, não ficaria

livre em nenhum outro lugar.

— Pretendo retornar a Caemlyn amanhã, uma ou duas horas depois do nascer do

sol. Até lá, visitem as tendas, vejam seus amigos e tentem não começar nenhuma

rixa de sangue. Se fizerem muita questão, destaquem um de cada

grupo para ficar

comigo e me proteger dos ratos, mas duvido que haja qualquer coisa maior que isso

disposta a me atacar, aqui.

Urien abriu um leve sorriso e assentiu, apesar de ter apontado para um cairhieno

próximo, murmurando:

— Tem uns ratos grandes por aqui.

A princípio, Rand achou que Sulin fosse discutir, mas a mulher só sustentou

aquele olhar inexpressivo por alguns momentos, antes de assentir — apesar da boca

contraída. Ele com certeza ouviria bastante assim que se visse a sós com as

Donzelas.

Era sua segunda vez no gabinete, mas Rand ainda ficava admirado com os

contrastes do grande aposento. No teto alto de gesso trabalhado, linhas retas e

ângulos marcantes formavam padronagens elaboradas, que desciam pelas paredes e

marcavam o entorno de uma enorme lareira revestida de mármore azul-escuro. Uma

mesa imponente coberta de papéis e mapas estava posicionada no centro do recinto,

servindo como uma espécie de fronteira. As duas janelas altas e estreitas de um dos

lados da lareira abrigavam vasos de barro em tamboretas baixos, com plantinhas

cheias de botões diminutos vermelhos e brancos. Diante delas, do lado

de lá da

mesa, uma comprida tapeçaria exibia navios no mar, com homens puxando redes

cheias de enchovas-pretas — a fonte da riqueza de Mayene. Um bordado ainda no

aro, a agulha presa a um fio de linha vermelha pendendo do trabalho inacabado,

jazia em uma poltrona alta e larga o bastante para Berelain se deitar, caso desejasse.

No chão havia um único tapete, com desenho floral em vermelho e azul, e uma

mesinha ao lado da cadeira sustentava uma bandeja de prata com uma jarra e cálices.

Logo ao lado da bandeja, uma tirinha de couro trabalhada em ouro marcava um livro

fino de encadernação vermelha, indicando o ponto onde Berelain parara de ler.

O chão do outro lado da mesa era coberto por camadas de tapetes menores de

cores vivas e almofadas adornadas com borlas vermelhas, azuis e verdes. Uma bolsa

de tabaco, um cachimbo de cano curto e um par de pinças jaziam ao lado de uma

tigela de latão fechada, tudo sobre um pequeno baú com tiras de metal. Um baú

maior, envolto por uma alça de ferro, apoiava uma escultura de marfim de algum

animal desajeitado que Rand duvidava de que existisse. Cerca de vinte livros de

todos os tamanhos possíveis, de edições de bolso a tomos tão grandes que até

mesmo Rhuarc precisaria de ambas as mãos para sustentá-los, estavam alinhados no

chão, ocupando toda a extensão da parede. Os Aiel fabricavam tudo de que

precisavam no Deserto, exceto livros. Muitos mascates tinham feito fortunas

negociando apenas livros com os Aiel.

— Pois bem — disse Rand, depois de ver a porta fechada, já a sós com Rhuarc e

Berelain —, e como é que estão as coisas, de verdade?

— Estão como eu já disse — respondeu Berelain —, tão bem quanto se pode

esperar. Cresceu o falatório sobre Caraline Damodred e Toram Riatin, mas o povo

anda cansado demais para querer outra guerra tão cedo.

— Há boatos de que dez mil andorianos se juntaram a eles. — Rhuarc começou a

encher o cachimbo, prensando o tabaco com o polegar. — Qualquer boato sempre

multiplica as coisas por dez, quando não por vinte, mas mesmo assim é preocupante,

se for verdade. Nossos vigias relataram que os números não são tão grandes, mas, se

os deixarmos crescer, podem se tornar mais que um aborrecimento. A mosca-

amarela é quase imperceptível, mas, se ela põe um ovo na sua pele, você acaba

perdendo um braço ou uma perna antes mesmo de o ovo acabar de chocar... e isso

se não morrer.

Rand soltou um grunhido. A rebelião de Darlin em Tear não era a única. A Casa

Riatin e a Casa Damodred, as duas últimas a ocuparem o Trono do Sol, já estavam

em uma rivalidade feroz antes de ele chegar, e era bem provável que voltassem à

inimizade de antes assim que ele fosse embora. Ambas tinham deixado a rivalidade

de lado, ao menos nas aparências — os cairhienos podiam ser completamente

diferentes sob a superfície. Agora, seguindo o exemplo de Darlin, Toram e Caraline

queriam reunir suas tropas em algum lugar que julgassem seguro — para tanto,

tinham escolhido o interior mais distante possível da cidade: o sopé das montanhas

da Espinha do Mundo. Juntas, as duas casas tinham reunido a mesma mistura que

compunha as forças de Darlin, nobres quase sempre medianos, camponeses

desalojados, alguns mercenários ultrajados com a situação e uns poucos milicianos.

E aquilo talvez tivesse dedo de Niall, como no caso de Darlin.

Os sopés das montanhas não eram nem de longe tão impenetráveis quanto Haddon

Mirk, mas Rand estava decidido a conter seus esforços: tinha vários inimigos, em

muitos locais. Se parasse para matar a mosca-amarela de Rhuarc, um leopardo

furtivo poderia lhe dar um bote. Queria acabar primeiro com os leopardos — se

conseguisse descobrir onde estavam todos.

— E os Shaido? — perguntou, apoiando o Cetro do Dragão sobre a mesa, em

cima de um mapa meio desenrolado do norte de Cairhien, com as montanhas que

chamavam de Adaga do Fratricida. Os Shaido não eram um leopardo tão perigoso

quanto Sammael, mas ainda eram um pouco maiores que o Grão-lorde Darlin ou que

Lady Caraline. Berelain lhe entregou um cálice de vinho, que ele aceitou e

agradeceu. — As Sábias já disseram alguma coisa sobre Sevanna e suas pretensões?

Achava que pelo menos uma ou duas poderiam investigar um pouco quando iam

resolver suas questões de Sábias na Adaga do Fratricida — as Sábias dos Shaido

com certeza faziam isso quando desciam para esses lados do Rio Gaelin. Mas não

disse nada, claro. Os Shaido podiam ter abandonado o *ji'e'toh*, mas Rhuarc era

muito tradicional em suas opiniões sobre espionagem. Claro que as Sábias tinham

suas próprias opiniões, embora fosse impossível saber que opiniões eram essas,

exatamente.

— Disseram que os Shaido estão construindo fortalezas. — Rhuarc fez uma

pausa, pinçando um carvão em brasa do forninho de latão cheio de areia e o levando

até o cachimbo. Depois de acender o fumo, prosseguiu: — Elas não

acham que os

Shaido tenham qualquer pretensão de voltar à Terra da Trindade. Eu concordo.

Rand passou a mão livre pelo cabelo. Caraline e Toram infestando o interior, e os

Shaido se assentando deste lado da Muralha do Dragão — uma mistura bem mais

perigosa do que os problemas com Darlin. E a mão invisível de Alanna parecia

sempre prestes a tocar sua nuca.

— Tem mais notícias boas?

— Temos conflitos em Shamara — respondeu Rhuarc, o cachimbo na boca.

— Onde?

— Shamara... Ou Shara. Esse povo dá vários nomes para a própria terra:

Co'dansin, Tomaka, Kigali, vários outros. E qualquer um pode ser verdadeiro. Ou

nenhum. É um povo que mente sem nem pensar. Se não tomar o cuidado de abrir

cada rolo de seda que comprar, você corre o risco de descobrir que só a parte de fora

é seda. E, quando encontrar o vendedor de novo, ele vai dizer que não o conhece ou

que é a primeira vez que faz negócios na área. Se você insistir muito, os outros

acabam matando o vendedor só para lhe tranquilizar, depois dizem que o sujeito era

o único que podia tomar alguma providência em relação à seda e ainda tentam

vender água como se fosse vinho.

— E por que os conflitos em Shara são boa notícia? — murmurou Rand.

Ele não estava realmente interessado na resposta, mas Berelain escutava com

atenção. Só os Aiel e o Povo do Mar conheciam mais sobre as terras além do

Deserto do que o marfim e a seda provenientes da região — as outras informações

vinham das histórias em *As Jornadas de Jain*, *o Viajante*, fantasiosas demais para

serem verdade. Mas, pensando bem, Rand se lembrava de alguma menção às

mentiras do povo e aos vários nomes que davam àquela terra, mas, até onde

lembrava, nenhum dos exemplos do livro coincidia com os de Rhuarc.

— Porque nunca há conflitos em Shara, Rand al'Thor. Dizem que as Guerras dos

Trollocs chegaram até lá, mas, se houve alguma batalha desde então, não chegaram

notícias aos pátios de troca. — Os Trollocs também tinham adentrado o Deserto Aiel

durante aquela guerra. Desde então, as criaturas chamavam aquela região de Solo da

Morte. Rhuarc continuou: — Na verdade, aqui fora não chegam notícias de nada

daquelas terras. O povo diz que sempre foi uma só terra, e não muitas, como aqui, e

que sempre houve paz. Quando você saiu de Rhuidean como *Car'a'carn*, a notícia

se espalhou. E também havia menções do seu título entre os

aguacentos daqui,

“Dragão Renascido”. A notícia se espalhou dos pátios de troca, atravessando todo o

Grande Fosso e os Penhascos da Aurora. — Os olhos de Rhuarc se mantiveram

firmes e calmos; aquilo não o perturbava. — E as notícias agora voltam pela Terra

da Trindade. Há conflitos em Shara, e os sharamanos nos pátios de troca perguntam

quando é que o Dragão Renascido vai Romper o Mundo.

De repente, o vinho ficou amargo. Mais um lugar que, a exemplo de Tarabon e

Arad Doman, mergulhara no caos só com o rumor de sua existência. Até onde ia sua

influência? Será que, por causa dele, guerras das quais jamais saberia estavam se

desenrolando em terras das quais ele jamais ouviria falar?

A morte se apoia em meus ombros, murmurou Lews Therin . *A morte caminha em*

minhas pegadas. Eu sou a morte.

Rand estremeceu e pousou o cálice na mesa. Que preço aquelas Profecias

cobravam, em todos aqueles versos grandiloquentes e insinuações tortuosas? Será

que deveria acrescentar Shara — ou qualquer que fosse o verdadeiro nome daquela

terra — à lista, junto com Cairhien e as outras? Será que devia contabilizar o mundo

inteiro? Mas como, se nem ao menos conseguia ocupar Tear inteira, ou mesmo

Cairhien? Aquilo levaria mais tempo do que uma vida inteira. E Andor... Ainda que

estivesse destinado a destruir todas as nações, romper o mundo inteiro, preservaria

Andor. Por Elayne. Daria um jeito.

— Shara, ou seja lá qual for o nome desse lugar, fica muito longe daqui. Daremos

um passo de cada vez. E Sammael é nosso primeiro passo.

— Sammael — concordou Rhuarc.

Berelain estremeceu e esvaziou o cálice.

Passaram um tempo conversando sobre os Aiel a caminho do sul. Rand queria que

o exército que estavam reunindo em Tear fosse grande o bastante para aniquilar de

um só golpe o que quer que Sammael pusesse em seu caminho. Rhuarc parecia

satisfeito, mas Berelain protestou, alegando que precisavam de mais gente em

Cairhien — isso até Rhuarc mandá-la ficar quieta. A Primeira resmungou alguma

coisa sobre o Aiel ser excessivamente teimoso, mas passou para o tópico seguinte,

os esforços de reassentar os fazendeiros. Segundo seus cálculos, no ano seguinte não

haveria mais necessidade de receberem grãos de Tear. Isso se a seca desse alguma

trégua — se não desse, Tear não conseguiria suprir nem as próprias necessidades de

grãos, muito menos exportar. E estavam começando a surgir os primeiros sinais da

volta do comércio: mercadores chegavam de Andor, Tear e Murandy, descendo

pelas Terras da Fronteira. Por falar no comércio, um navio do Povo do Mar ancorara

naquela mesma manhã — Berelain achou estranho vê-los tão longe do mar, mas

ainda assim eram bem-vindos.

A Primeira de Mayene ficou séria e concentrada, passando a falar mais depressa e

dar voltas na mesa para alcançar uma ou outra pilha de papéis e enumerar o que

Cairhien precisava comprar e o que podia pagar; o que tinha para vender agora e o

que teria dali a seis meses ou um ano. O futuro dependia do clima, claro, mas ela não

se demorou nos comentários sobre a seca, agindo como se não fosse uma questão tão

premente — ainda assim, encarou Rand com um olhar firme que dava a entender

que ele era o Dragão Renascido e que, se havia como refrear aquele calor, cabia a ele

descobrir. Rand já a vira lânguida e sedutora, e também já lidara com Berelain

assustada, desafiadora e arrogante, mas nunca a vira daquele jeito. Parecia outra

mulher. Rhuarc, sentado em uma de suas almofadas, baforando o cachimbo, parecia

se divertir com a cena.

— ... essa sua escola talvez possa ajudar — comentou ela, franzindo o cenho para

um longo pergaminho completamente preenchido por uma caligrafia

precisa. —

Quer dizer, se pararem de pensar em novas criações por tempo o bastante para

executar as ideias que já conceberam. — Ela deu uma batidinha nos lábios e encarou

o nada, pensativa. — Você me diz para dar todo o ouro que pedirem, mas se me

deixasse segurar um pouco o dinheiro até eles de fato...

A frase foi interrompida pelo anúncio de Jalani, que meteu o rosto gorducho porta

adentro — os Aiel pareciam incapazes de entender o conceito de bater à porta antes

de entrar em um aposento.

— Mangin está aqui para falar com você e Rhuarc, Rand al'Thor.

— Avise que terei muito prazer em conversar com ele depois de...

Rand não conseguiu terminar, foi interrompido por Rhuarc, que disse, em voz

baixa:

— Você deveria falar com ele agora, Rand al'Thor.

O chefe do clã parecia muito sério, e Berelain, que largara o pergaminho em cima

da mesa, encarava o chão.

— Pois bem — aquiesceu Rand, hesitante.

Jalani voltou para o corredor, e Mangin entrou. O Aiel, um sujeito mais alto que

Rand, era um dos que cruzaram a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem

Com a Aurora, e também fazia parte do pequeno grupo que tomou a Pedra de Tear.

— Seis dias atrás, eu matei um homem — anunciou ele, sem preâmbulos —, um

Assassino da Árvore. E preciso saber se tenho *toh* com você, Rand al'Thor.

— Comigo? — perguntou Rand. — Você tem o direito de se defender, Mangin.

Luz, você sabe muito bem diss... — Ele ficou mudo, encarando aqueles olhos cinza

muito sérios, mas sem o menor sinal de medo; no máximo uma possível curiosidade.

A expressão de Rhuarc nada revelava, e Berelain ainda se recusava a erguer os olhos

do chão. — Ele atacou primeiro, não atacou?

Mangin balançou a cabeça bem lentamente.

— Eu vi que o homem merecia morrer, então o matei — retrucou ele, em um tom

quase displicente, como se contasse que limpava ralos que pareciam precisar de uma

limpeza. — Mas você tinha dito que só podemos matar os quebradores de

juramentos que estivessem tentando nos matar. Eu agora tenho *toh* com você?

Rand lembrou-se do que dissera quando conquistaram a cidade... *vou mandar*

enforcar. Sentiu um aperto no peito.

— Por que o homem merecia morrer?

— Ele usava o que não tinha direito de usar.

— Usava? O que é que ele estava usando, Mangin?

— Isto.

Foi Rhuarc quem respondeu, tocando o antebraço esquerdo, indicando o Dragão

que envolvia seu antebraço. Não era comum os chefes de clã exibirem o desenho, e

em geral nem mencionavam que o tinham — quando se tratava daquelas marcas,

quase tudo era envolto em mistério, e os chefes preferiam que permanecesse assim.

— Uma versão feita com agulha e tinta, claro — completou Rhuarc.

Era uma tatuagem.

— E o homem estava fingindo ser chefe de clã? — perguntou Rand, mas sabia

que estava procurando uma justificativa... *vou mandar enforcar*. Mangin tinha sido

um dos primeiros a segui-lo.

— Não — respondeu o Aiel assassino. — Ele estava bebendo, exibindo a todos o

que nem deveria ter no braço. Eu vejo seus olhos, Rand al'Thor. — O homem de

repente escancarou um sorriso. — É uma complicação. Eu fiz o certo em matar

aquele homem, mas agora tenho *toh* com você.

— Foi errado matar o sujeito. Você sabe a punição para um assassinato.

— Uma corda do pescoço, como fazem esses aguacentos — concordou Mangin,

então assentiu, pensativo. — Me diga onde e quando, e eu estarei lá. Que você

encontre água e sombra, Rand al'Thor.

— Que você encontre água e sombra, Mangin — respondeu Rand,

triste.

Berelain comentou, depois que viram a porta se fechar outra vez:

— Bem, suponho que ele comparecerá ao próprio enforcamento de livre e

espontânea vontade. Ah, Rhuarc, não me olhe com essa cara. Não estou querendo

impugná-lo, nem manchar a honra Aiel.

— Seis dias! — grunhiu Rand, virando-se para ela. — Vocês dois sabiam por que

ele queria falar comigo, *os dois*. Isso já faz seis dias, e vocês deixaram para eu

resolver. Assassinato é assassinato, Berelain.

A Primeira de Mayene se aprumou, imponente, mas sua voz saiu na defensiva.

— Não estou acostumada a ver homens vindo confessar que cometeram um

assassinato. É essa droga desse *ji'e'toh*. Esses Aiel com essa honra maldita. — Era

estranho vê-la praguejando.

— Você não tem por que ficar irritado com Berelain, Rand al'Thor — observou

Rhuarc. — A *toh* de Mangin é para com você, não com ela. Nem comigo.

— A *toh* dele era para com o homem que morreu — retrucou Rand, com frieza.

Rhuarc pareceu chocado. — Da próxima vez que alguém cometer assassinato, não

esperem por mim. Façam valer a lei!

Assim, talvez não tivesse que passar por aquela situação outra vez e ter que

sentenciar um homem que ele conhecia e de quem gostava. Claro que faria de novo,

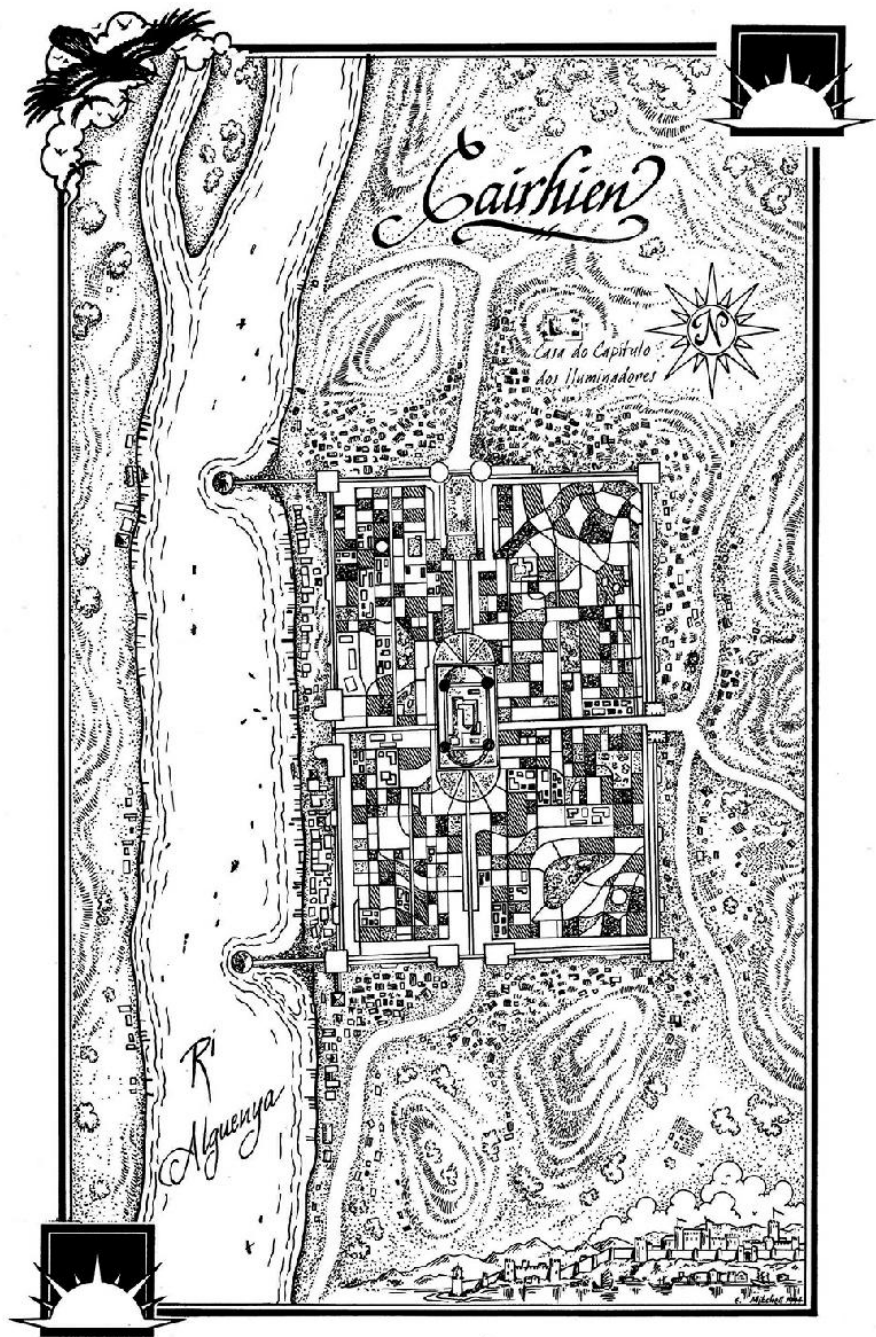
se fosse preciso. Sabia muito bem disso, o que só o deixava mais triste. O que havia



se tornado?

A roda da vida de um homem, murmurou Lews Therin . Sem piedade. Sem

misericórdia.





CAPÍTULO 18

UM POUCO DE SOLIDÃO

— Tem mais algum problema que vocês queiram que eu resolva? — O tom de Rand

deixava claro que ele se referia a problemas que os dois já deveriam ter resolvido.

Rhuarc balançou a cabeça de leve, e Berelain enrubesceu. — Ótimo. Marquem a

data para o enforcamento de Mangin.

Quando a dor for demais, faça doer em outra pessoa, sussurrou Lews Therin,

com uma risada rouca . Aquilo era sua responsabilidade. Era seu dever. Rand

enrijeceu as costas, tentando não ser esmagado por aquela montanha, e completou:

— Marquem o enforcamento para amanhã. Digam a ele que foi decisão minha. —

Rand fez uma pausa, os olhos vidrados, então percebeu que estava esperando ouvir o

comentário de Lews Therin, e não o deles dois. Aguardando o

conselho de um

homem morto. Um homem morto e louco. — Vou até a escola.

Rhuarc comentou que as Sábias já deviam estar a caminho, e Berelain acrescentou

que os nobres tairenos e cairhienos também exigiriam saber onde ela estava

escondendo o Dragão Renascido, mas Rand mandou que os dois dissessem a

verdade. E que avisassem para ninguém ir atrás dele, explicando que voltaria quando

fosse a hora. Rhuarc e Berelain fizeram cara de quem comeu ameixa azeda, mas

Rand simplesmente pegou o Cetro do Dragão e saiu.

No corredor, Jalani e um Escudo Vermelho, um sujeito louro e não muito mais

velho que ela, puseram-se de pé em um movimento fluido e trocaram um olhar

furtivo. Fora eles e alguns serviçais apressados em suas tarefas, o corredor estava

vazio. Ao que parecia, Rand teria uma escolta com um integrante de cada grupo

Aiel, mas ficou se perguntando se Urien tivera de brigar com Sulin para garantir

aquela equidade.

Gesticulando para que os dois o acompanhassem, Rand foi direto para o estábulo

mais próximo, com baias do mesmo mármore verde das colunas que sustentavam o

teto alto. O criado-chefe, um velho calejado e orelhudo ostentando o Sol Nascente

de Cairhien bordado no colete de couro curto, ficou tão chocado em vê-lo com

apenas dois Aiel de escolta que ficou um tempo olhando as portas do estábulo,

esperando os outros. O velho fez tantas medidas entre uma olhadela e outra para a

porta que Rand se perguntou, impaciente, se algum dia conseguiria um cavalo.

Assim que o velho finalmente gritou para os cavaleiros, pedindo “um cavalo para o

Lorde Dragão!”, seis homens saíram em disparada, indo preparar um capão baio alto

de olhos geniosos. Meteram o animal em uma rédea de franjas douradas, com uma

sela trabalhada em ouro acima do teliz azul-celeste franjado, cheio de sóis nascentes

bordados com fios de ouro.

Tão rápido quanto os cavaleiros, o criado-chefe orelhudo já estava longe quando

Rand subiu na sela, pouquíssimo tempo depois da ordem dada. Decerto fora atrás da

comitiva que o Dragão Renascido deveria ter consigo; ou quem sabe fora espalhar a

notícia de que Rand estava deixando o palácio praticamente só — Cairhien era

assim. O baio que ele montava era um cavalo nobre e forçava um passo saltitante,

mas Rand o forçou a trotar. Ainda estava tentando ajustar o estranho passo do

animal quando saiu dos muros do palácio, assustando os guardas cairhienos ao

passar. Não estava preocupado com uma possível tocaia de assassinos que

porventura ouvissem os avisos do criado orelhudo — qualquer um que tentasse

armar uma emboscada para ele acabaria descobrindo que estava tão mal preparado

quanto um camponês sem tesoura na tosquia de ovelhas. Ainda assim, não queria se

demorar — quanto mais tempo passava, maior era a chance de se ver cercado de

nobres, e então seria impossível partir desacompanhado. E era bom estar sozinho,

para variar.

Encarou Jalani e o jovem Aiel que corriam ao lado do baio. Achava que o homem

se chamava Dedric, um Codarra do septo Fenda de Jaern. Bem, estava quase

sozinho. Ainda sentia Alanna e ouvia os lamentos distantes de Lews Therin,

pranteando a morte de sua Ilyena. Jamais estava realmente só. Isso talvez nunca mais

acontecesse. Ainda assim, gostava daquela solidão parcial, o máximo que poderia

ter, depois de tanto tempo no meio de todos.

Cairhien era uma cidade grande, e as ruas principais eram largas o bastante para

fazer a multidão parecer pequena. As ruas pareciam flechas atravessando as colinas

— tão perfeitamente escavadas e aterradas que mais pareciam obra dos homens — e

sempre se cruzavam em ângulos muito retos. Havia imensas torres

espalhadas pela

cidade, todas envoltas em andaimes de madeira que quase encobriam seus suportes

elaborados com arcos quadrados, todas parecendo já tocar o céu, mas planejadas

para ir ainda mais alto. Já fazia vinte anos que as lendárias torres de Cairhien, tão

elevadas que não tinham topo, consideradas uma das maravilhas do mundo, tinham

sido incendiadas, queimando feito tochas durante a Guerra dos Aiel, e as

restaurações ainda não haviam terminado.

Não foi fácil abrir caminho pela multidão, e o trote ligeiro do baio não durou

muito. Rand já havia se acostumado a ter as pessoas abrindo espaço para sua escolta

de sempre, mas o efeito não era o mesmo com apenas dois acompanhantes, ainda

mais quando havia centenas de Aiel em seus *cadin'sor* andando por entre os locais.

Achava que alguns daqueles Aiel o reconheciam, mas optavam por ignorá-lo, sem

querer o constrangimento de chamar atenção para o *Car'a'carn* enquanto ele portava

uma espada e montava um cavalo — o que era menos pior, mas não digno de

aplauso. Para os Aiel, vergonha e constrangimento eram sensações muito piores que

a dor, embora o *ji'e'toh* complicasse tudo de maneiras que Rand quase não

conseguia compreender. Aviendha sem dúvida adoraria explicar, já

que parecia

querer que ele se tornasse Aiel.

E também havia todo tipo de gente apinhando as ruas: cairhienos da capital, em

seus costumeiros trajas amarronzados; as pessoas que tinham vivido em Portão da

Frente antes do incêndio, nas típicas roupas surradas de cores vibrantes; e tairenos,

quase sempre uma cabeça mais altos que os locais, mas não tão altos quanto os Aiel.

Carros de boi e carroções puxados por cavalos ziguezagueavam pelo povo, abrindo

caminho para carruagens envernizadas de portas fechadas e liteiras, algumas com o

estandarte de uma Casa ou outra. Ambulantes anunciavam seus produtos aos berros,

exibindo bandejas, e mascates puxavam carrinhos de mão. Músicos, acrobatas e

malabaristas se apresentavam em cada esquina — duas grandes mudanças. Cairhien

costumava ser uma cidade silenciosa e tranquila, a não ser em Portão da Frente, e

algo daquela sobriedade ainda se mantinha. As lojas ainda tinham placas pequenas,

sem exibirem os produtos do lado de fora, e os locais ainda olhavam, ativos e

indignados, para o povo da antiga Portão da Frente, com a costumeira algazarra,

rindo alto e gritando uns com os outros, discutindo bem no meio da rua.

Só os Aiel reconheceram o cavaleiro de casaco azul trabalhado em

prata, embora

de vez em quando alguém olhasse com mais atenção para seu teliz. O Cetro do

Dragão ainda não era muito conhecido por ali, e ninguém abria passagem. Rand

estava dividido entre a impaciência e o prazer de não ser o centro das atenções.

A escola ficava em um palácio a uma milha do Palácio do Sol, e o lugar já fora

propriedade de um certo Lorde Barathanes, já falecido sem deixar saudades. O lugar

era um gigantesco aglomerado de quadrados de pedra com torres em ângulos retos e

varandas sem adornos. Os compridos portões do pátio principal estavam abertos, e

Rand foi bem recebido.

Idrien Tarsin, diretora da escola, estava parada nos degraus largos do extremo

oposto do pátio. Era uma mulher atarracada, metida em um vestido cinza simplório,

tão empertigada que parecia uma cabeça mais alta do que era. E não estava sozinha:

dezenas de pessoas se aglomeravam junto a ela nos degraus de pedra, homens e

mulheres, quase todos vestindo lã, e não seda, as roupas quase sempre surradas e

sem adorno. A maioria já tinha uma idade avançada, e Idrien não era a única com

mais fios grisalhos do que pretos — alguns também não tinham preto nenhum na

cabeça; ou não tinham cabelo —, embora aqui e ali Rand notava um

rosto mais

jovem encará-lo com avidez. Por “mais jovem”, entendia-se dez ou quinze anos mais

velho do que ele.

Eram os professores, de certa forma, embora aquilo não fosse bem uma escola.

Era verdade que havia alunos que iam lá para aprender, e ele notou rapazes e moças

boquiabertos, dependurados em todas as janelas ao redor do pátio. Mas o objetivo de

Rand tinha sido reunir o conhecimento do mundo em um só lugar. Já ouvira tantas

vezes sobre quanto se perdera durante a Guerra dos Cem Anos e as Guerras dos

Trollocs... Quanto mais teria sido perdido com a Ruptura do Mundo? Se estava

destinado a Romper o Mundo outra vez, então criaria repositórios para preservar o

conhecimento. Já fundara outra escola em Tear, embora ainda estivesse apenas no

começo, e ele já buscava um bom local para criar a de Caemlyn.

Nada nunca sai como você espera, resmungou Lews Therin . *Não espere nada, e*

não terá surpresas desagradáveis. Não espere nada. Não deseje nada. Nada.

Rand ignorou a voz em sua cabeça e desceu do cavalo.

Idrien veio cumprimentá-lo com uma mesura. Quando ela se endireitou, Rand

teve o costumeiro choque de perceber que ela mal batia em seu peito.

— Bem-vindo à Escola de Cairhien, milorde Dragão. — Idrien tinha

uma voz

surpreendentemente doce e jovial, um forte contraste com seu rosto firme, mas Rand

já a ouvira falar em tom mais áspero com alunos e professores. A mulher conduzia a

escola na rédea curta.

— Quantos espões a senhora tem no Palácio do Sol? — perguntou Rand, sem

muita emoção.

Idrien pareceu assustada, Rand só não sabia se era porque ele sugerira tamanho

ultraje ou se — o que era mais provável — era porque a pergunta não era de bom-

tom ali em Cairhien.

— Preparamos uma pequena exposição — anunciou a diretora, à guisa de

resposta. Bem, Rand não esperava resposta, afinal. Ela encarou os dois Aiel como

uma mulher olharia para dois cães marrons imensos e de temperamento

imprevisível, mas se contentou em fungar em desaprovação. — Milorde Dragão,

queira me acompanhar.

Rand a seguiu, franzindo o cenho. Exposição de quê?

O saguão de entrada era imenso, com colunas lustrosas de um tom sobre tom

cinza-escuro e chão de azulejos de um cinza mais claro, além de uma varanda de

mármore com veios cinza que circundava todo o saguão, três andares acima. E o

lugar estava atulhado de... geringonças. Os professores aglomerados atrás dele

correram para suas invenções, e Rand ficou olhando, lembrando-se do que Berelain

dissera sobre a escola ter começado a fabricar coisas... Mas o quê?

Idrien respondeu sua dúvida conduzindo-o até cada geringonça, onde homens e

mulheres apresentavam suas criações. Rand até conseguiu compreender algumas

coisas.

Um conjunto de telas, raspadores e jarros cheios de retalhos de linho formavam

uma máquina capaz de produzir o papel mais fino já fabricado — ou pelo menos era

o que alegava seu inventor. Uma instalação gigantesca e maciça, com alavancas e

imensas placas achatadas, era uma prensa de impressão muito melhor do que as que

já havia em uso — mais uma vez, segundo o inventor. Dedric pareceu bem

interessado na prensa, até que Jalani decidiu que o Escudo Vermelho deveria era

estar atento a alguém que pudesse querer atacar o *Car'a'carn* e deu um pisão em seu

pé. Depois disso, o Aiel foi mancando atrás de Rand. Viram um arado sobre rodas

que parecia ter o propósito de abrir seis sulcos de uma só vez — pelo menos essa

invenção Rand compreendia e até achava que poderia ser útil —; uma geringonça

com hastes para cavalos tinha a função de substituir os homens que

golpeavam o

feno com foices durante a colheita; e também um novo tipo de tear, que o criador

alegava ser mais fácil de manejar. Viram maquetes de madeira pintada, algumas com

duto para transportar água a locais onde os poços estavam secando; outras com

prospectos de novos escoadouros e sistemas de esgoto para Cairhien; e até um

modelo com estatuetas de homens, carroças, gruas e cilindros, feita com o propósito

de demonstrar como as estradas poderiam voltar a ser construídas e pavimentadas

com a mesma qualidade de muitos anos antes.

Rand não sabia se aquelas invencionices funcionariam, mas algumas pareciam

valer a pena tentar. O arado, por exemplo, poderia ser bem útil para Cairhien

conseguir voltar a produzir o próprio alimento. Mandaria Idrien construí-lo — não,

ordenaria a Berelain mandar Idrien. *Sempre siga a hierarquia em público*, dissera

Moiraine. *A não ser que pretenda passar por cima de algum governante e derrubá-*

lo.

Kin Tovere era um dos professores que ele conhecia, um sujeito atarracado que

fabricava lentes e tinha a mania de lustrar a careca com um lençinho listrado. Além

de fazer lunetas de diversos tamanhos — “dá para contar os pelos do nariz de um

sujeito a uma milha daqui”, como ele dizia —, o homem apresentou uma lente do

tamanho da própria cabeça com um modelo de lunetas para sustentá-la junto com

outras seis lentes imensas. A coisa toda tinha cerca de seis passadas de comprimento, além de um esquema surpreendente de orientações para observar as

estrelas. Bem, Kin sempre quisera ver o que havia ao longe.

Idrien pareceu exibir uma satisfação contida enquanto Rand analisava o esboço de

Mestre Tovere. A mulher não era muito fã do que não fosse prático. Durante o sítio

de Cairhien, ela própria fabricara uma besta enorme e cheia de roldanas e alavancas

capaz de arremessar lanças a uma milha com força suficiente para perfurar um

homem. Se tudo fosse como ela gostaria, não se desperdiçaria tempo com qualquer

coisa que não parecesse real e sólida.

— Pode construir — disse Rand. Talvez a invenção não tivesse utilidade real, não

na mesma medida do arado, mas ele gostava de Tovere. Idrien suspirou e balançou a

cabeça, mas Tovere ficou radiante. — E lhe concedo um prêmio de cem coroas de

ouro. Isso parece interessante.

Aquela última frase gerou muito alarido, e foi difícil dizer se quem ficou mais

surpreso e boquiaberto foi Idrien ou Tovere.

Outras geringonças no salão faziam Tovere parecer tão sensato quanto

o aspirante

a construtor de estradas. Um sujeito de rosto redondo apresentou alguma coisa com

estrume de vaca que terminava com uma chama azulada queimando na ponta de um

tubo de latão, mas nem mesmo ele parecia saber a serventia. Uma jovem magricela

apresentou um mostruário que era basicamente uma concha de papel amarrada por

cordas, suspensa no ar pelo calor que subia de um pequeno fogo em um braseiro. A

jovem murmurou algo a respeito de voar — Rand tinha certeza de que tinha sido

isso — e sobre a curvatura das asas do pássaro — ela apresentou desenhos de

pássaros e do que pareciam pássaros *de madeira* —, mas ficou tão sem palavras

diante do Dragão Renascido que não conseguiu soltar mais nenhuma explicação

compreensível. Naturalmente, Idrien não conseguiu dizer do que se tratava.

E um sujeito careca estava parado diante de um conjunto de barras, rodas, tubos e

cilindros de metal, tudo sobre uma pesada mesa de madeira recém-entalhada e

raspada, com alguns talhos quase fundos o bastante para perfurar o tampo da mesa.

Por alguma razão misteriosa, metade de seu rosto e uma das mãos estavam envoltos

em ataduras. Assim que Rand adentrara o saguão de entrada, o sujeito começara a

acender uma fogueira debaixo de um dos cilindros, muito nervoso. Logo que Rand e

Idrien pararam diante da invenção, ele movimentou uma alavanca e abriu um sorriso

orgulhoso.

A geringonça começou a vibrar, vapor saindo sibilante de dois ou três pontos. O

sibilo tornou-se um guincho, e a coisa começou a tremer, emitindo um ruído tétrico.

O guincho ficou ensurdecedor. A coisa tremia tanto que a mesa começou a se mexer.

O careca se jogou em cima da mesa, sem jeito, e agarrou um fio solto do cilindro

maior. O vapor irrompeu em uma nuvem, e a coisa toda parou. O homem gemeu,

lambendo os dedos queimados.

— Belo trabalho com latão — comentou Rand, antes que Idrien o conduzisse para

longe. Então perguntou, baixinho, quando se afastaram: — O que era aquilo?

A diretora deu de ombros.

— Mervin não quer contar a ninguém. Às vezes dá para ouvir uns estrondos

vindos do quarto dele. São tão altos que as portas chegam a tremer. E ele já se

escaldou seis vezes, mas não para de dizer que, se fizer aquela coisa funcionar, dará

início a uma nova Era. — Ela olhou para Rand, constrangida.

— Essa nova Era de Mervin será muito bem recebida — retrucou Rand, seco.

Será que aquele treco deveria fazer música? E todos aqueles guinchos?
— Não vi

Herid. Ele se esqueceu de descer?

Idrien soltou outro suspiro. Herid Fel era um andoriano que sabe-se lá como fora

parar na Biblioteca Real de Cairhien. O homem se autointitulava estudioso de

história e filosofia — ou seja, um campo que não agradava à diretora.

— Milorde Dragão, Herid só sai do gabinete para ir à Biblioteca.

Rand precisou fazer um pequeno discurso para poder ir embora. Do alto de um

banquinho, com o Cetro do Dragão enganchado na dobra do cotovelo, ele disse a

todos que as criações eram magníficas. E algumas até poderiam ser, afinal. Só então

conseguiu escapar com Jalani e Dedric. E com Lews Therin e Alanna. O grupo

deixou para trás um burburinho satisfeito, e Rand se perguntou se alguém além de

Idrien já cogitara fabricar alguma arma.

O gabinete de Herid Fel ficava em um dos andares superiores, em um ponto de

onde não se via muito mais que os telhados de azulejo escuro e uma torre quadrada

que bloqueava a paisagem. Herid alegava que não se importava, já que nunca olhava

pela janela.

— Podem esperar aqui — declarou, quando chegaram à porta estreita que dava

para o gabinete também estreito. Ficou surpreso em ver Jalani e

Dedric concordarem

prontamente.

De súbito, uma série de pequenos detalhes começaram a fazer sentido. Jalani não

olhara com desaprovação para sua espada — coisa que sempre fazia questão de fazer

— desde que Rand saíra da reunião com Rhuarc e Berelain. Nem ela nem Dedric

sequer olharam para o cavalo no estábulo ou fizeram qualquer comentário

depreciativo sobre como as pernas de Rand deveriam bastar — outra coisa que a

mulher fazia com frequência.

Rand se virou para a porta e, como se para confirmar suas suspeitas, Jalani olhou

Dedric de cima a baixo. Um olhar breve, mas cheio de interesse, e ainda por cima

acompanhado de um sorriso. Dedric a ignorou com tanta ênfase que era como se

estivesse retribuindo o olhar. Era o jeito Aiel, um sempre fingindo não entender até

que o outro se fizesse claro. Jalani também teria ignorado Dedric, se ele a tivesse

olhado primeiro.

— Divirtam-se — disse Rand antes de entrar, com uma olhadela por cima do

ombro, apreciando as expressões sobressaltadas que seu comentário provocou.

O quarto era pequeno e estava abarrotado de livros, pergaminhos e maços de

papel — tanto que não parecia haver mais nada ali. Prateleiras abarrotadas até o teto

escondiam as paredes, exceto pela área da porta e de duas janelas abertas. Livros e

papéis cobriam a mesa, que ocupava quase todo o espaço útil, e jaziam amontoados

na cadeira sobressalente ou aqui e ali, no pouco que sobrava de chão. Herid Fel era

um homem corpulento que sempre parecia ter se esquecido de pentear os cabelos

finos e grisalhos pela manhã. O cachimbo que segurava entre os dentes estava

apagado, e havia cinzas caídas no casaco marrom amarrotado.

O homem olhou com surpresa para Rand, então disse:

— Ah. Sim. Claro. Eu ia... — Ele franziu o cenho para o livro em suas mãos,

então sentou-se à mesa e passou os dedos por algumas folhas soltas diante de si,

resmungando baixinho para si mesmo. Herid virou-se para a primeira página do

livro e coçou a cabeça. Então olhou de volta para Rand, olhando-o com surpresa

mais uma vez. — Ah, sim. Sobre o que você queria conversar, mesmo?

Rand esvaziou a segunda cadeira, pousando livros e papéis no chão, apoiou o

Cetro do Dragão sobre uma pilha de pergaminhos e se sentou. Já tentara conversar

com os outros estudiosos, todos filósofos e historiadores, mulheres douradas e

acadêmicos, mas era como tentar extrair informação de uma Aes Sedai. Todos

tinham muita certeza das coisas sobre as quais tinham certeza, mas, quando se

tratava de todo o resto, engatavam um falatório monótono que poderia significar

qualquer coisa. E eles também se irritavam quando pressionados, já que pareciam

achar que Rand duvidava de seu intelecto, o que consideravam um grande pecado.

Quando não era isso, ou se empenhavam tanto em seus discursos que chegava ao

ponto de Rand não entender metade, ou assumiam uma postura subserviente,

tentando dizer exatamente o que ele queria ouvir. Herid era diferente. Sempre

parecia se esquecer de que Rand *era* o Dragão Renascido, o que Rand achava ótimo.

— O que é que você sabe sobre Aes Sedai e Guardiões, Herid? Sobre o elo?

— Guardiões? Elo? Tanto quanto qualquer um que não seja Aes Sedai, suponho.

O que não é muita coisa, veja bem. — Herid tragou o cachimbo, sem perceber que

estava apagado. — O que o senhor queria saber?

— Esse elo pode ser quebrado?

— Quebrado? Ah, não. Creio que não. A não ser que o senhor esteja falando do

momento em que o Guardião ou a Aes Sedai morre. Só assim o elo é quebrado.

Acho. Eu me recordo de ter ouvido alguma coisa sobre o elo, mas não consigo

lembrar exatamente...

Herid avistou uma pilha de anotações em cima da mesa, puxou-as mais para perto

com as pontas dos dedos e começou a leitura, fechando a cara e balançando a

cabeça. As notas tinham sido escritas em sua própria caligrafia, mas ele já não

parecia mais concordar com o teor.

Rand suspirou. Quase acreditava que, se virasse a cabeça de repente, veria a mão

de Alanna prestes a tocá-lo.

— E a pergunta que eu fiz da última vez? Herid? Herid?

O homem corpulento ergueu a cabeça com um solavanco.

— Ah. Sim. Ah, a pergunta. Da última vez. Tarmon Gai'don. Bem, não sei como

é que vai ser. Trollocs, talvez? Senhores do Medo? Sim... Senhores do Medo. Mas

andei pensando. Não tem como ser a Última Batalha. Não acredito que tenha. Talvez

cada Era tenha uma Última Batalha. Ou pelo menos a maioria. — Ele franziu o

cenho, os olhos voltados para o nariz e o cachimbo preso entre os dentes, e começou

a revirar os papéis na mesa. — Tenho um acendedor aqui, em algum lugar.

— Como assim não tem como ser a Última Batalha? — Rand tentou manter a voz

baixa. Sempre conseguia fazer Herid chegar ao ponto, o sujeito só precisava de um

pouco de ajuda.

— O quê? Isso, exatamente isso. Não tem como ser a Última Batalha.

Mesmo que

o Dragão Renascido restaure os lacres da prisão do Tenebroso tão bem como fez o

Criador. O que eu não acho que seja possível. — Ele se inclinou para a frente,

baixando a voz e assumindo um tom conspiratório. — O Dragão Renascido não é o

Criador, entende? Não importa o que andem dizendo por aí. Mesmo assim, alguém

tem que selar a prisão. A Roda, entende?

— Não entendo... — A voz de Rand foi morrendo.

— Entende, sim. O senhor daria um bom aluno. — Herid tirou o cachimbo da

boca e bafou a fumaça em um círculo. — A Roda do Tempo. As Eras vêm e vão e

vêm de novo, com o girar da Roda, e tudo aquilo que a gente já sabe... — Ele

ergueu o dedo de repente, apontando para um ponto daquela roda imaginária. —

Aqui a prisão do Tenebroso está inteira. Aqui, abriram um buraco nela e depois

selaram de volta. — Ele moveu a ponta do cachimbo ao longo do arco que

desenhara. — Nós estamos aqui. Os selos estão enfraquecendo. Mas isso não

importa, é claro. — A haste do cachimbo completou o círculo. — Quando a Roda

voltar para cá, para onde foi aberto o buraco pela primeira vez, a prisão do

Tenebroso tem que estar selada de novo.

— Por quê? Talvez da próxima vez abram um buraco no remendo. Talvez tenha

sido o que aconteceu da última vez... Quer dizer, é difícil abrir um buraco em algo

que o Criador fez. Talvez tenham perfurado a Fenda por um remendo, o que seria

muito mais fácil, e a gente não saiba.

Herid balançou a cabeça. Passou um instante encarando o cachimbo, voltando a

notar que estava apagado. Rand achou que teria que chamá-lo outra vez para a

conversa, mas Herid piscou e prosseguiu:

— Alguém teve que fazer isso, em algum momento. Quer dizer, na primeira vez.

A não ser que o senhor ache que o Criador tenha feito a prisão já esburacada e

remendada. — Ele ergueu as sobrancelhas, tornando a sugestão cômica. — Não... A

prisão começou íntegra, e acho que voltará a ser quando a Terceira Era retornar.

Hum... Será que ela era *chamada* de Terceira Era? — Ele molhou uma pena no

tinteiro e rabiscou uma anotação apressada na margem de um livro aberto. — Argh,

não importa mais. E não estou dizendo que é o Dragão Renascido quem vai tornar a

prisão íntegra outra vez, e não necessariamente nesta Era em que estamos, mas isso

terá que acontecer antes que a Terceira Era retorne. E já se passou muito tempo

desde que a prisão foi restaurada pela última vez... passou no mínimo

uma Era.

Tanto tempo que ninguém se lembra do Tenebroso ou de sua prisão.
Ninguém se

lembra. Hum... Será que... — Ele espiou as próprias anotações e
coçou a cabeça,

então se surpreendeu ao notar que coçara a cabeça com a mão que
segurava a pena,

deixando um borrão de tinta nos cabelos. — Em qualquer Era que os
selos se

enfraqueçam, o povo acaba se lembrando do Tenebroso, já que tem
que enfrentá-lo e

prendê-lo outra vez.

Enfiando de volta o cachimbo entre os dentes, Herid tentou rabiscar
outra

anotação, mas não molhou a pena no tinteiro.

— A não ser que o Tenebroso se liberte — respondeu Rand, baixinho.
— Para

romper a Roda do Tempo e recriar o Tempo e o mundo à sua própria
imagem.

— Tem isso. — Herid deu de ombros, olhando feio para a pena, até
que enfim se

lembrou do tinteiro. — Acho que não tem muito que eu ou o senhor
possamos fazer

a respeito. Por que não vem estudar aqui comigo? Duvido de que
Tarmon Gai'don

vá acontecer amanhã, e o senhor faria bom uso do seu temp...

— E você consegue pensar em alguma razão para romper os lacres?

Herid ergueu as sobrancelhas.

— Romper os lacres? Romper os lacres?! Por que alguém iria querer
fazer isso?

Só se fosse louco. Será que é possível romper os lacres, para começo de conversa?

Acho que me lembro de ter lido em algum lugar que isso seria impossível, mas não

me lembro de ter visto um motivo. O que o fez pensar em uma coisa dessas?

— Não sei.

Rand suspirou. No fundo da mente, Lews Therin entoava: *Rompa os lacres.*

Rompa os lacres e acabe com tudo. Me deixe morrer para sempre.

* * *

Abanando-se distraidamente com a borda do xale, Egwene espiou os dois lados do

corredor que cruzava, torcendo para não ter se perdido outra vez. Estava quase certa

de que tinha e não ficaria nada satisfeita se fosse mesmo o caso. O Palácio do Sol

tinha milhas de corredores, nenhum muito mais fresco do que lá fora, e ela não

passara tempo suficiente ali para conhecer o caminho.

Havia Donzelas por toda parte, em grupos de duas e três — muito mais do que a

comitiva que acompanhava Rand, e decerto muito mais do que o normal, quando ele

não estava ali. Pareciam estar só passeando, mas havia algo de... furtivo nelas.

Várias a conheciam de vista, e Egwene teria esperado algum cumprimento amigável,

já que as Donzelas pareciam ter concluído que ser pupila das Sábias era muito mais

importante do que ser Aes Sedai — como acreditavam que ela fosse —, tanto que

Egwene já não era mais considerada Aes Sedai, e sim pupila. Ainda assim, elas

pareciam tão surpresas em vê-la quanto um Aiel poderia parecer surpreso. As

cabeças se balançando em cumprimento vinham um segundo depois, e elas seguiam

seu caminho, apressadas, sem dizer uma palavra. Desse jeito, Egwene não tinha

como pedir informações.

Em vez de perturbar as Donzelas, Egwene optou por franzir o cenho para um

serviçal suado com listras azuis e douradas nos punhos das mangas, ponderando se o

sujeito saberia ou não como chegar aonde ela queria ir — a dificuldade, claro, era

que não sabia muito bem aonde queria ir. Pena que o sujeito estivesse tão

visivelmente tenso, com tantos Aiel por perto. O criado, decerto cheio de

caraminholas sobre as Donzelas na cabeça, disparou para longe assim que viu “uma

Aiel” encará-lo de cenho franzido — ninguém nunca notava os olhos escuros de

Egwene, característica que não era encontrada entre o povo do Deserto.

Ela bufou, irritada. Bem, não precisava de informação, afinal. Cedo ou tarde

acabaria encontrando um corredor conhecido. Não havia por que voltar por onde

viera, mas por qual dos outros três corredores devia seguir? Acabou se decidindo por

um e seguiu adiante a passos firmes — tão firmes que até algumas Donzelas abriram

caminho.

A verdade era que estava um pouco irritada. Teria sido ótimo ver Aviendha,

depois de tanto tempo, mas a ruiva simplesmente a cumprimentara com um aceno de

cabeça e se enfiara em uma reunião com Amys. Só com Amys, como Egwene logo

descobriu, ao tentar ir atrás das duas.

Você não foi convocada, dissera a Sábia, com rispidez, enquanto Aviendha se

sentava de pernas cruzadas sobre uma almofada, parecendo infeliz enquanto

encarava as camadas de tapete no chão. *Vá dar uma volta. E trate de comer. Você*

quer ser uma mulher ou um caniço?

Bair e Melaine tinham chegado depressa, convocadas por algum *gai'shain*, e

Egwene foi excluída. Ver a fileira de Sábias sendo dispensadas ajudou a apaziguar o

incômodo, mas só um pouco. Ela era amiga de Aviendha, afinal. Se a ruiva estava

com algum problema, Egwene queria ajudar.

— O que você está fazendo aqui? — inquiriu Sorilea, atrás dela.

Egwene estava muito orgulhosa de si mesma. Virou-se, muito calma, para encarar

a Sábia da Fortaleza Shende. Sorilea era uma Jarra Chareen de cabelos

brancos e

finos e rosto coberto de pele curtida e muito repuxada. Era uma mulher ossuda e

forte que podia canalizar, apesar de ter menos força com o Poder do que a maioria

das noviças que Egwene conhecera. Se ela estivesse na Torre, teria sido dispensada

sem nem chegar a ser Aceita. Claro que a canalização não fazia muita diferença

entre as Sábias — fossem quais fossem as misteriosas leis que as regiam, a liderança

das Sábias sempre recaía para Sorilea quando a mulher estava por perto. Egwene

achava que Sorilea conquistara essa posição apenas com a força de vontade.

Como a maioria das Aiel, Sorilea era uma boa cabeça mais alta que Egwene. A

Sábia a encarou com seus olhos verdes e firmes, um olhar capaz de desestabilizar um

touro. Egwene se sentiu aliviada, pois aquele era o jeito normal de Sorilea encarar a

todos. Se a mulher quisesse ralar com ela, as paredes já teriam desabado com a

força de seu olhar, e as tapeçarias estariam em chamas, ou praticamente isso.

— Vim ver Rand — respondeu Egwene. — E a caminhada das tendas até aqui me

pareceu um bom exercício.

Sem dúvida era um exercício melhor do que dar cinco ou seis voltas correndo ao

redor das muralhas da cidade, o que os Aiel consideravam um

exercício leve.

Esperava que Sorilea não lhe perguntasse por que queria falar com Rand. Não

gostava de mentir para as Sábias.

Sorilea a encarou por um instante, como se tivesse farejado um segredo oculto,

então ajeitou o xale sobre os ombros estreitos e disse:

— Rand não está aqui, foi visitar a escola. Berelain Paeron achou que não seria

sensato ir atrás dele, e eu concordo.

Egwene teve que se esforçar para manter a expressão tranquila. Nunca imaginara

que as Sábias fossem gostar de Berelain, mas as Aiel a tratavam como uma mulher

sensata e respeitável — o que não fazia *o menor* sentido para Egwene —, e não era

porque Rand lhe conferira autoridade, já que os Aiel não davam a mínima para a

autoridade de nenhum aguacento. Aquilo era ridículo. A Primeira de Mayene se

exibia em trajes escandalosos e flertava sem o menor pudor — isso quando não fazia

mais do que flertar, como Egwene acreditava. Não era nem de longe o tipo de

mulher para quem Amyr abriria um sorriso como se se tratasse de sua filha

preferida. Muito menos Sorilea.

Sua mente, incontrolável, a fez pensar em Gawyn. Tinha sido apenas um sonho —

e um sonho *dele*, aliás. Nada como o que Berelain fazia.

— Quando uma mulher cora sem qualquer motivo aparente, em geral é por causa

de um homem — comentou Sorilea. — Quem atraiu seu interesse? Será que logo

vamos vê-la pousar uma coroa nupcial aos pés dele?

— Aes Sedai quase nunca se casam — respondeu Egwene, em um tom frio.

A mulher de rosto curtido deu uma risada irônica, um som que lembrou tecido

rasgando. As Donzelas e as Sábias — na verdade, todas as Aiel — podiam até

considerar que Egwene não era Aes Sedai enquanto estudava com Amys e as outras,

mas Sorilea ia ainda mais longe. A mulher parecia achar que Egwene de fato se

tornara Aiel. Somado a isso, não havia nenhum assunto em que Sorilea julgasse não

ter o direito de meter o bedelho.

— Mas você vai se casar, garota. Não é do tipo que vira essas *Far Dareis Mai*,

que acham que a vida com os homens é, quando muito, um esporte feito a caça.

Essas suas ancas foram feitas para ter bebês, e bebês você terá.

— Você sabe me dizer onde posso esperar por Rand? — perguntou Egwene, com

a voz mais fraca do que gostaria.

Sorilea não era Andarilha dos Sonhos nem podia interpretá-los, e certamente não

tinha o dom da Previsão, mas falava de um jeito tão decisivo que o que dizia parecia

inevitável. Bebês de Gawyn. Luz, como teria bebês com Gawyn? As Aes Sedai

nunca se casavam. Era raro um homem querer se casar com uma mulher que o

deixaria tão vulnerável, se quisesse usar o Poder contra ele.

— Venha por aqui — apontou a Sábia. — É Sanduin, aquele Sangue Verdadeiro

todo musculoso que eu vi perto da tenda de Amys, ontem? A cicatriz deixa o resto

do rosto dele tão mais bonito...

Sorilea não parou de sugerir nomes enquanto conduzia Egwene pelo palácio,

sempre espiando de rabo do olho para ver sua reação. A mulher também se esforçava

ao máximo para listar os atributos de cada homem, e com certeza viu seu alvo corar

várias vezes, já que essa lista incluía uma descrição dos corpos por baixo das roupas

— coisa que sabia porque homens e mulheres Aiel compartilhavam as tendas de

vapor.

Quando as duas chegaram à ala onde Rand passaria a noite, Egwene já estava

desesperada. Ela ficou mais do que satisfeita em agradecer depressa e fechar a porta

da sala com firmeza na cara de Sorilea. Por sorte, a Sábia também devia ter afazeres,

ou teria empurrado a porta e imposto sua presença.

Egwene respirou fundo e começou a alisar as saias e arrumar o xale. Não que

estivessem em desalinho, mas ela sentia como se tivesse sido empurrada colina

abaixo. Sorilea realmente amava bancar a casamenteira — era capaz até de moldar a

coroa nupcial e arrastar uma mulher desavisada para deitá-la aos pés do homem que

ela própria escolhera e ainda torcer o braço do sujeito até ele agarrar a coroa. Bem,

ela não arrastava ninguém nem torcia braços, mas era tão insistente que dava no

mesmo. Claro que Sorilea não levaria aquilo adiante com ela, e só de pensar naquela

possibilidade, Egwene deu uma risadinha. No fim das contas, Sorilea não achava

que ela tivesse mesmo virado Aiel — a mulher sabia que Egwene era Aes Sedai, ou

pelo menos acreditava que ela fosse. *Claro* que não precisava se preocupar!

Ouvindo passos suaves vindo do dormitório, ela congelou, as mãos ainda no lenço

cinza dobrado prendendo seus cabelos. Rand conseguia ir direto de Caemlyn a

Cairhien, talvez tivesse surgido no quarto. Ou talvez alguém — ou algo — estivesse

esperando por ele. Egwene agarrou *saidar*, preparando urdiduras terríveis, pronta

para lançá-las... Até que uma *gai'shain* saiu do aposento e adentrou a sala trazendo

roupas de cama dobradas. A mulher levou um susto ao vê-la, e Egwene soltou

saidar, torcendo para não ter corado outra vez.

A mulher na túnica branca com capuz era Niella, tão parecida com Aviendha que

causava espanto à primeira vista. Mas logo era possível ver que seria preciso

acrescentar seis ou sete anos àquele rosto, que também não parecia tão bronzeado e

talvez fosse um pouco mais rechonchudo. A irmã de Aviendha era tecelã e nunca

fora Donzela da Lança. Já passara bem mais da metade da pena de um ano e um dia.

Egwene não a cumprimentou, pois isso só deixaria Niella constrangida.

— Sabe se Rand chegará logo? — perguntou.

— O *Car'a'carn* vai chegar quando chegar — respondeu a jovem, os olhos baixos

e submissos. Era mesmo estranho. Mesmo sendo um pouco mais jovem e

rechonchudo, era o rosto de Aviendha. Não combinava com a submissão. —

Devemos estar preparados para quando ele chegar.

— Niella, faz ideia de por que Aviendha foi se trancar com Amys, Bair e

Melaine?

Aquilo com certeza não tinha nada a ver com caminhar pelos sonhos. Aviendha

era tão incapaz de acessar *Tel'aran'rhiod* quanto Sorilea.

— Ela está aqui? Não, não sei por quê. — Apesar da negativa, Niella estreitou um

pouco os olhos verde-azulados.

— Você sabe, sim — insistiu Egwene. Poderia muito bem tirar

vantagem da

obediência *gai'shain*. — Diga o que sabe, Niella.

— O que eu sei é que, se o *Car'a'carn* me encontrar aqui com a roupa de cama

suja, a surra que vou levar de Aviendha não vai me deixar sentar o dia inteiro —

respondeu Niella, em tom de lamento.

Egwene não sabia se havia *ji'e'toh* envolvido naquilo, mas, quando as duas

estavam juntas, Aviendha era duas vezes mais rigorosa com a irmã do que com

qualquer outro *gai'shain*.

Niella se virou, a túnica deslizando pelo tapete branco, seguindo depressa para a

porta, mas Egwene a segurou pela manga.

— Você vai largar o branco quando acabar seu tempo?

Não era uma pergunta educada, e a submissão deu lugar a um orgulho que fazia

frente a qualquer Donzela.

— Qualquer outra atitude seria zombar do *ji'e'toh* — respondeu a jovem, muito

rígida. Então um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Além do mais, meu marido

viria atrás de mim. Ele não ficaria nem um pouco satisfeito. — A máscara de

submissão retornou, e ela baixou os olhos. — Posso ir? Se Aviendha está aqui,

prefiro não a encontrar, se puder evitar. E ela virá para cá.

Egwene a dispensou. Não tinha o direito de perguntar, falar da vida de

antes ou de

depois do branco era vergonhoso para um *gai'shain*. Até ela se sentiu um pouco

constrangida, mesmo que não fosse sua obrigação seguir o *ji'e'toh*. Só se atinha a ele

o suficiente para ser educada.

Quando se viu sozinha, Egwene se acomodou em uma poltrona com enormes

entalhes e apliques de ouro — sentar-se nela era estranhamente desconfortável,

depois de tanto tempo com as pernas cruzadas em almofadas ou no chão. Enfiando

as pernas para baixo do corpo, ela se perguntou o que Aviendha estaria falando com

Amys e as outras duas. Sobre Rand, tinha quase certeza. As Sábias sempre queriam

saber dele. Os Aiel não davam a mínima para as Profecias do Dragão, mas

conheciam a Profecia de Rhuidean de cabo a rabo. Quando Rand destruísse os Aiel,

como rezava a profecia, salvaria o que restasse do restante. E as Sábias queriam

garantir que esse restante incluísse o maior número possível de Aiel.

Era por isso que obrigavam Aviendha a ficar ao lado dele, beirando a indecência:

se Egwene entrasse no quarto onde Rand passaria a noite, tinha certeza de que

encontraria um catre no chão para Aviendha. Mas os Aiel não viam as coisas dessa

maneira. As Sábias queriam que Aviendha ensinasse os hábitos e costumes Aiel a

Rand — lembrá-lo de que seu sangue era Aiel, por mais que a criação tivesse sido

outra. Ao que parecia, as Sábias achavam que ele precisava ser lembrado disso o

tempo todo — considerando o que estavam tentando assegurar, Egwene não podia

culpá-las. Não completamente. Ainda assim, era uma indecência botar uma mulher

para dormir no mesmo quarto de um homem.

Bem, não havia o que pudesse fazer em relação ao problema de Aviendha,

sobretudo se a amiga não parecia ver isso como um problema. Com a cabeça

apoiada no cotovelo, Egwene tentava pensar em como abordaria Rand. Sua mente

deu voltas e mais voltas, mas ainda não tinha conseguido pensar em uma solução

quando ele entrou na sala, murmurando alguma coisa para dois Aiel no corredor,

antes de fechar a porta.

Egwene se levantou de um salto.

— Rand, você tem que me ajudar com as Sábias! Elas vão ouvir você — disparou,

sem conseguir se conter.

Não saiu *nem um pouco* como o que tinha planejado dizer.

— Também estou muito feliz em ver você — retrucou ele, abrindo um sorriso.

Rand portava a mesma lança Seanchan comprida que ela já conhecia, e Egwene

notou que fora entalhada com dragões desde a última vez que a vira.

Ela se

perguntou onde Rand arrumara aquilo. Ficava arrepiada com qualquer coisa que

viesses dos Seanchan. — Eu estou bem, Egwene, obrigado. E você? Parece ter

voltado a si, sempre muito cautelosa.

Rand parecia tão cansado. E também severo e implacável — tão implacável que o

sorriso ficava esquisito nele. Cada vez que Egwene o via, ele parecia mais

implacável.

— Não venha bancar o engraçadinho — retrucou, olhando feio para Rand. Melhor

prosseguir como começara. Pelo menos era melhor do que voltar atrás e dar mais

motivos para aquele sorrisinho na cara dele. — Você me ajuda?

— Como?

Rand não fez cerimônias — bem, a sala era mesmo dele —, jogando a lança

enfeitada com borlas sobre uma mesinha de pés entalhados em forma de leopardo e

livrando-se do cinturão da espada e do casaco. Misteriosamente, ele estava tão seco

de suor quanto um Aiel.

— As Sábias me escutam, é verdade, mas só ouvem o que querem. Já reconheço

de longe aquele olhar sem emoção de quando elas acham que estou falando

bobagens, mas decidem simplesmente me ignorar em vez de me constranger

chamando minha atenção ou tentando discutir — declarou ele, puxando uma das

poltronas com entalhes de ouro para ficar de frente para Egwene e se esparramando,

esticando os pés ainda calçados nas botas. Até aquilo ele fazia com um ar de

arrogância. Definitivamente tinha gente demais lhe dispensando medidas.

— Mas você realmente fala umas bobagens, de vez em quando — resmungou

Egwene. Era surpreendente, mas a falta de tempo para pensar ajudava na

concentração. Ajeitando o xale com muito cuidado, ela se postou diante de Rand. —

Sei que você gostaria de mais notícias de Elayne... — Por que ele assumira uma

expressão tão triste, mas ao mesmo tempo gélida feito o inverno? Devia ser porque

já fazia um bom tempo que não ouvia notícias da Filha-herdeira. — Duvido de que

Sheriam esteja passando recados dela para você, quando se encontra com as Sábias.

— Não houvera nenhuma mensagem, até onde ela sabia, embora fosse raro Rand

aparecer em Cairhien em busca de recados. — É em mim que Elayne confia esse

tipo de missiva. Posso trazer notícias dela para você, se convencer Amys de que eu

estou forte o bastante para... para retomar meus estudos.

Desejou não ter hesitado, mas Rand já sabia demais a respeito de caminhar pelos

sonhos, quiçá até de *Tel'aran'rhiod*. Quase tudo sobre aquele talento era segredo das

Sábias, sobretudo das Andarilhas. Egwene não tinha o direito de revelar aqueles

segredos.

— Vai me dizer onde está Elayne? — perguntou ele, com toda a naturalidade,

como se pedisse uma xícara de chá.

Egwene hesitou, mas fizera um acordo com Elayne e Nynaeve — Luz, quanto

tempo fazia? Mas o acordo ainda valia, afinal. Rand já não era o garoto com quem

ela crescera — tinha virado um homem cheio de si, e, qualquer que fosse o tom que

empregava àquela pergunta, seus olhos firmes *exigiam* resposta. Aes Sedai e Sábias

juntas já eram uma mistura que gerava faíscas, mas botar Rand de frente com as Aes

Sedai acabaria em um incêndio. Era preciso haver algum intermediário entre eles, e

só elas três estavam disponíveis. Era inevitável, mas Egwene esperava que não

acabassem chamuscadas no processo.

— Não posso lhe dizer isso, Rand. Não tenho o direito. Não é um segredo meu

para contar. — E estava dizendo a verdade. Aliás, não era como se pudesse contar

onde ficava essa Salidar, se tudo o que sabia era que as amigas estavam em uma

cidadezinha depois de Altara, em algum ponto ao longo do Rio Eldar.

Rand se inclinou para a frente, determinado.

— Eu sei que ela está com as Aes Sedai. E você já disse que são Aes Sedai que

me apoiam, ou que poderiam apoiar. Mas essas mulheres têm medo de mim? Dou

minha palavra de que mantereí distância, se o problema for o medo. Egwene,

pretendo entregar o Trono do Leão e o Trono do Sol a Elayne. Ela tem direito aos

dois, e Cairhien vai aceitá-la tão fácil quanto Andor. Eu preciso dela, Egwene.

A jovem abriu a boca... então percebeu que estava prestes a contar tudo o que

sabia sobre Salidar. Cerrou os dentes na mesma hora, com tanta força que machucou

a mandíbula, então se abriu para *saidar*. A doce sensação de vida, tão forte que

sobrepunha tudo o mais, pareceu ajudar, e a vontade de falar foi se atenuando aos

poucos.

Rand se sentou, com um suspiro, e Egwene o encarou de olhos arregalados. Uma

coisa era saber que ele era o *ta'veren* mais forte desde Artur Asa-degavião, outra

era ela própria se ver envolvida naquilo. Teve que fazer muito esforço para se

impedir de envolver o tronco com os braços e estremecer.

— Você não vai me contar — declarou Rand. Não era uma pergunta. Ele esfregou

os antebraços por cima das mangas da camisa, lembrando a Egwene que ainda

estava abraçada a *saidar*. Ele estava tão perto que devia ter sentido um leve arrepio.

— Acha que eu ia arrancar a resposta de você à força? — vociferou ele, irritado. —

Eu sou algum monstro, para você ter que usar o Poder para se proteger?

— Eu não preciso de nada para me proteger de você — retrucou Egwene, com

toda a calma que conseguiu reunir.

O estômago ainda se revirava um pouco. Aquele era Rand, um homem capaz de

canalizar. Parte dela queria simplesmente cair no choro e sair contando tudo. Aquele

ímpeto a deixava envergonhada, mas a vergonha não eliminava a vontade. Deixou

saidar de lado, triste por sentir aquela pontinha de relutância em fazer isso. Mas de

fato não importava: se chegassem a lutar, teria que ser rápida o bastante para blindá-

lo, ou Rand a venceria tão fácil como em uma queda de braço.

— Rand, sinto muito por não poder ajudar, mas realmente não posso. E, mesmo

assim, tenho que pedir outra vez sua ajuda. Mas você sabe que isso também o

beneficiaria.

A raiva dele foi engolida por um sorriso enorme e inquietante. Era assustadora a

rapidez com que ele mudava de humor.

— “Por um prato, um gato; por um gato, um prato” — citou Rand.

Mas por nada, nada, completou Egwene, em pensamento. Ouvia o

ditado de

Barca de Taren, desde menina.

— Então quebre esse seu prato na cabeça e depois enfie o gato nas calças, Rand

al'Thor — retrucou, com frieza.

Conseguiu não bater a porta na hora de sair, mas foi por pouco.

Enquanto se afastava a passos largos, foi pensando no que faria. Precisava dar um

jeito de convencer as Sábias de que estava pronta para voltar a *Tel'aran'rhiod* —

oficialmente, por assim dizer. Cedo ou tarde, Rand encontraria as Aes Sedai de

Salidar, mas seria de muita ajuda se conseguisse falar com Elayne ou Nynaeve antes

disso. Estava um pouco surpresa em ver que Salidar ainda não tentara uma

aproximação com Rand. O que estaria impedindo Sheriam e as outras? Bem, não

podia fazer nada a respeito, e suas amigas decerto sabiam mais sobre o que estava

acontecendo.

Mas havia uma coisa que estava ansiosa para contar a Elayne: Rand precisava

dela. O apelo dele parecera mais sincero do que qualquer coisa que ele já dissera na

vida. Isso deveria apaziguar as preocupações de Elayne a respeito de seu amor.

Homem nenhum diria que precisava de uma mulher que não amasse, não com

tamanha intensidade.

Rand permaneceu alguns instantes sentado, encarando a porta que se fechara atrás de

Egwene. Ela estava tão diferente da garota com quem crescera. Naqueles trajes Aiel,

Egwene conseguia fazer uma bela imitação de Sábria — exceto pela altura, talvez,

mas era uma Sábria baixa e com grandes olhos escuros. Bem, Egwene sempre se

dedicara a tudo de corpo e alma. Lembrou-se de que ela o encarara com a calma e

frieza de uma Aes Sedai, agarrando *saidar* quando achou que estava sendo

ameaçada. E era isso o que precisava manter em mente: não importava a roupa, o

que Egwene queria ser era Aes Sedai. E ela guardaria os segredos das Aes Sedai,

mesmo depois de Rand ter deixado bem claro quanto precisava de Elayne para

garantir a paz de duas nações. Tinha que passar a pensar nela como Aes Sedai. Era

um pensamento triste.

Cansado, Rand se levantou e botou o casaco de volta. Ainda tinha que ver os

nobres cairhienos — Colavaere, Maringil, Dobraine e os outros. E os tairenos

também — Meilan, Aracome e seu bando entrariam em desespero se ele passasse

um instante a mais com os cairhienos do que com eles. E as Sábrias também iam

querer sua vez, assim como Timolan e os outros chefes de clã que estavam por ali e

que ele ainda não encontrara naquele dia. Por que decidira sair de Caemlyn, mesmo?

Bem, fora bom falar com Herid. As dúvidas que o homem levantou não tinham sido

muito agradáveis de se pensar, mas era bom conversar com alguém que não parecia

fixado no fato de que ele era o Dragão Renascido. E tivera um tempinho sem a

comitiva permanente de Aiel. Precisava fugir mais.

Viu seu reflexo em um espelho com moldura dourada.

— Pelo menos você não deixou Egwene perceber o quanto estava cansado —

disse, para a imagem no espelho.

Era um dos conselhos mais sucintos que recebera de Moiraine: *Nunca demonstre*

fraqueza. Só precisava se acostumar a pensar que Egwene agora também era uma

das pessoas sobre quem Moiraine lhe avisara.

* * *

Sulin estava muito tranquila, acocorada no jardim logo abaixo dos aposentos de

Rand al'Thor, aparentemente entretida com uma pequena brincadeira de girar a faca

e acertar a ponta da lâmina no chão de terra. Um pio de coruja soou de uma das

janelas, e Sulin se levantou de um pulo, praguejando, guardando a faca no cinto.

Rand al'Thor saía do quarto outra vez. Aquele tipo de vigília não adiantaria de

nada. Se Enaila ou Somara estivessem ali, mandaria as duas segui-lo, mas em geral

tentava protegê-lo desse tipo de bobagens, como protegeria um irmão-primeiro.

Sulin foi a passos rápidos até a saída mais próxima para se juntar às outras três

Donzelas lá em cima e, fingindo caminhar a esmo, começou a explorar o labirinto de

corredores em busca de Rand. Não importava o que o *Car'a'carn* quisesse: não

podiam deixar que nada acontecesse ao único filho de uma Donzela que já havia

voltado para elas.





CAPÍTULO 19

QUESTÕES DE *TOH*

Rand achou que conseguiria dormir bem aquela noite. Estava tão cansado que quase

podia ignorar Alanna, e — mais importante — Aviendha estava nas tendas com as

Sábias, e não se despiando para dormir sem nem se importar com sua presença, ou

atrapalhando seu descanso com o som de sua respiração. Ainda assim, outra coisa o

fez se revirar na cama: sonhos. Sempre blindava seus sonhos, querendo impedir a

entrada dos Abandonados — e das Sábias —, mas a blindagem não podia impedir o

que já estava lá dentro. Logo vieram os sonhos: gigantescas criaturas aladas

planavam pelo céu — pareciam asas de pássaros gigantes, mas sem os pássaros —;

grandes cidades com construções impossivelmente altas, as paredes reluzindo sob o

sol; estranhos objetos em forma de besouro e de gotas d'água horizontais

disparavam por entre as ruas. Já tinha visto tudo aquilo antes, nas visões do imenso

ter'angreal de Rhuidean, onde ganhara as marcas dos Dragões nos braços. Sabia que

se tratavam de coisas da Era das Lendas, mas aquele sonho era completamente

diferente. Tudo parecia distorcido, as cores estavam... erradas, como se seus olhos

não estivessem funcionando direito. As asas sho começaram a falhar e cair, cada

uma causando centenas de mortes. As construções altas se despedaçavam, as paredes

se estilhaçando feito vidro; incêndios engoliam as cidades; e a terra se movia em

ondas, feito um mar revolto. E ele não parava de se ver frente a frente com uma bela

mulher loura, notando enquanto o amor virava horror em seu rosto. Parte dele a

conhecia. Parte dele queria salvá-la... salvá-la do Tenebroso, de algum mal, do que

ele próprio estava prestes a fazer. Mas tinha tantas partes, a mente cindida em tantos

fragmentos cintilantes, e todos aos berros.

Rand acordou no escuro, suando e tremendo. Sonhos de Lews Therin. Aquilo

nunca tinha acontecido, ele nunca sonhara os sonhos do outro homem em sua mente.

Ficou ali, deitado, esperando as horas passarem até o dia nascer, encarando o nada,

com medo de fechar os olhos. Agarrou-se a *saidin* como se pudesse usá-lo para

enfrentar aquele homem morto, mas Lews Therin continuou em silêncio.

Quando enfim viu uma luz fraca despontar nas janelas, um *gai'shain* adentrou o

quarto em silêncio, trazendo uma bandeja de prata coberta com um pano. Quando

viu Rand acordado, o homem não disse palavra, apenas fez uma mesura e saiu, tão

silencioso quanto entrou. Sentiu cheiro de chá de groselha gelado, pão morno,

manteiga, mel e o mingau quente que os Aiel comiam toda manhã — usando o

Poder, conseguia sentir os cheiros tão bem como se o nariz estivesse colado na

bandeja. Soltando a Fonte Verdadeira, Rand se vestiu e afivelou a espada. Nem

tocou no pano que cobria a comida — não estava com fome. Metendo o Cetro do

Dragão preso na dobra do cotovelo, ele saiu de seus aposentos.

Sulin, acompanhada por outras Donzelas, já estava de volta ao largo corredor,

assim como Urien e seus Escudos Vermelhos, mas não eram os únicos. Uma

aglomeração de pessoas lotava o corredor, um pouco atrás da escolta Aiel, e também

havia gente mais para dentro do perímetro demarcado por sua guarda particular.

Aviendha estava no meio de uma delegação de Sábias, com Amys, Bair e Melaine

— e Sorilea, naturalmente —, além de Chaelin, uma Miágoma Fumaça Líquida, com

mechas grisalhas nos cabelos de um tom escuro de vermelho, e Edarra, uma Shiande

Neder que não parecia muito mais velha do que ele próprio, embora os olhos azuis já

exibissem aquela calma inabalável e ela tivesse uma presença ativa o suficiente para

fazer frente às outras Sábias. Berelain também estava com as mulheres, mas não se

via Rhuarc ou qualquer outro chefe de clã — Rand já dissera aos homens o que tinha

a dizer, e os Aiel não gostavam de prolongar debates. Mas por que as Sábias

estavam ali? E Berelain? A Primeira de Mayene usava um vestido verde e branco

cujo decote exibia uma bela extensão do colo pálido.

Também havia alguns cairhienos, todos fora do perímetro da guarda Aiel.

Colavaere, cujo rosto de traços fortes não tivera a beleza diminuída pela meia-idade,

havia prendido os cabelos escuros em uma elaborada torre de cachos e usava um

vestido colorido por listras horizontais que iam da gola alta bordada em ouro até a

bainha, abaixo dos tornozelos — mais listras do que qualquer um dos cairhienos

presentes. Dobraine, o rosto duro e quadrado, usava a frente da cabeça raspada à

moda militar local, seu casaco surrado nos pontos em que ficavam as alças de uma

placa peitoral. Maringil, todo empertigado, não só não usava a cabeça raspada como

seus cabelos brancos iam até os ombros, e seu sobretudo de seda escura, com quase

tantas listras quanto o de Dobraine, ia até os joelhos e era tão elegante que poderia

ser usado em um baile. Vinte ou mais nobres se apinhavam atrás deles, quase todos

rapazes e moças mais jovens, mas poucos ostentavam uma quantidade de listras

horizontais que sequer chegava à cintura.

— Que a graça ilumine o Lorde Dragão — murmuraram, levando a mão ao

coração ou fazendo medidas. — A graça nos honra com a presença do Lorde

Dragão.

Os tairenos também estavam presentes. Grão-lordes e Ladies, sem os nobres

menores — uns de chapéu de veludo pontudo e casaco de seda com mangas bufantes

de cetim listrado; outros com uma espécie de beca de cores fortes adornada com um

grande rufo de renda e barrete bem-ajustado cravejado de pérolas ou pedras

preciosas. Todos prestando respeito ao Dragão Renascido e saudando-o com “Que a

Luz ilumine o Dragão da Luz”. Meilan estava mais à frente, claro, um sujeito esguio,

rígido e inexpressivo, com a barba grisalha e pontuda. Logo atrás estava Fionnda,

muito séria e com olhos de aço, mas que não reduziam nem um pouco

sua beleza, ao

contrário dos sorrisos tímidos e afetados da graciosa Anaiyella, que de alguma forma

a deixavam menos bonita. Não se via nenhum sorriso no rosto de Maraconn, com

seus olhos azuis raros para um taireno, nem de Aracome, que parecia duas vezes

mais esguio ao lado de toda a corpulência do careca Gueyam, ainda que fosse

igualmente forte. Esses últimos três, assim como Meilan, tinham sido muito

próximos de Hearne e Simaan. Rand não mencionara aqueles dois ou sua traição na

noite anterior, mas tinha certeza de que era fato conhecido — assim como estava

certo de que seu silêncio já produzia o efeito apropriado à consciência de cada um

daqueles homens. Os tairenos já estavam acostumados com o que seu silêncio dizia

desde que chegaram em Cairhien, mas, naquela manhã, encaravam Rand como se

ele fosse ordenar a prisão de qualquer um deles a qualquer momento.

Na verdade, quase todo mundo parecia de olho em alguma outra pessoa. Uns

tantos encaravam os Aiel com ansiedade, alguns menos ou mais bem-sucedidos em

esconder a raiva. Outros observavam Berelain quase com a mesma atenção — Rand

ficou surpreso em ver que, até nos homens que a encaravam —, mesmo os tairenos

—, a suspeita vencida o desejo em seus olhos. A maioria, claro, olhava

para ele —

Rand era quem era, *o que* era. Colavaere alternava o olhar frio entre ele e Aviendha,

mas encarar a outra mulher sempre fazia seus olhos se aquecerem de raiva —

Colavaere guardava bastante mágoa, embora Aviendha parecesse ter se esquecido

disso. Bem, Colavaere com certeza jamais esqueceria a surra que recebera da ruiva

depois de ser encontrada nos aposentos de Rand, muito menos perdoaria o fato de

aquilo ter se tornado de conhecimento geral. Meilan e Maringil evitavam cruzar

olhares, deixando bem claro quanto estavam cientes da presença um do outro —

ambos almejavam o trono de Cairhien e consideravam o outro seu principal rival.

Dobraine estava atento a Meilan e Maringil, mas ninguém sabia o motivo. Melaine

encarava Rand com os olhos de Sorilea pregados nela, e Aviendha encarava o chão,

franzindo o cenho. Uma jovem cairhiena de olhos grandes usava o cabelo solto,

cortado na altura dos ombros, em vez de armado em cachos elaborados, e portava

uma espada presa em um cinturão sobre o vestido escuro de montaria, com apenas

seis listras coloridas. Muitos dos outros não se davam ao trabalho de disfarçar os

sorrisos de desprezo quando olhavam para ela, mas a moça sequer pareceu notar,

enquanto alternava olhares de extrema admiração às Donzelas e de extremo medo do

Dragão. Rand se lembrava dela: Selande, integrante do grupo de beldades que

Colavaere achava que conseguiriam capturar o Dragão Renascido em suas tramoias,

tendo persistido até Rand convencê-la de que não daria certo — com a ajuda não

requisitada de Aviendha, infelizmente. Esperava que Colavaere agora o temesse o

bastante para esquecer a vingança contra Aviendha, mas desejava poder convencer

Selande de que ela não tinha nada a temer dele. *Você não pode agradar a todos,*

dissera Moiraine. *Não pode apaziguar todos os ânimos.* Moiraine era uma mulher

dura.

Para completar, os Aiel observavam todo mundo com a mesma atenção — exceto

as Sábias, claro. E Berelain, por algum motivo misterioso. Os Aiel sempre pareciam

desconfiados dos aguacentos, mas tratavam a Primeira de Mayene como se fosse só

mais uma das Sábias.

— É uma honra receber vocês todos. — Rand torceu para não ter soado seco

demais.

Mais um carnaval de nobres. Ele se perguntou onde estaria Egwene. Decerto

esparramada na cama. Considerou ir atrás dela por um instante, com uma última

tentativa de... não, se Egwene não queria falar, não sabia como convencê-la.

Quando ele mais precisava, ser *ta'veren* não adiantava de nada.

— Infelizmente, não posso dedicar mais tempo a vocês, nesta manhã. Vou voltar

para Caemlyn.

Era com Andor que precisava lidar no momento. Andor e Sammael.

— Suas ordens serão levadas a cabo, milorde Dragão — anunciou Berelain. —

Esta manhã, para que o senhor possa testemunhá-las.

— Minhas ordens?

— Mangin — explicou ela. — Ele foi avisado hoje de manhã.

A maioria das Sábias parecia impassível, mas tanto Bair quanto Sorilea não

escondiam a desaprovação — que, por mais surpreendente que parecesse, era

dirigida a Berelain.

— Não pretendo testemunhar o enforcamento de cada assassino — respondeu

Rand, com frieza.

A verdade é que se esquecera — ou melhor, apagara da mente. Não era o tipo de

coisa que um homem gostaria de ficar lembrando, ter mandado enforcar alguém de

quem gostava. Rhuarc e os outros chefes de clã sequer haviam mencionado o fato,

em sua conversa com ele. E outra verdade era que não queria que essa execução

fosse um evento especial. Os Aiel tinham que seguir a lei, como todos

os outros.

Cairhienos e tairenos precisavam presenciar aquilo e saber que, se Rand não tratava

os Aiel com favoritismo, também não faria o mesmo com eles. *Use tudo e todos,*

pensou, enojado — ou ao menos torcia para que o pensamento tivesse mesmo vindo

dele. Além do mais, não queria assistir a enforcamento nenhum, muito menos o de

Mangin.

Meilan parecia pensativo, e Aracome estava com a testa coberta de gotículas de

suor, mas talvez fosse apenas o calor. Colavaere, pálida, parecia estar vendo Rand

pela primeira vez na vida. Berelain trocou olhares pesarosos com Bair e Sorilea, que

assentiu — será que as duas já tinham avisado a Primeira de Mayene de que essa

seria sua resposta? Não parecia muito possível. Os outros rostos variavam da

surpresa à satisfação, mas o de Selande chamou sua atenção. A jovem, de olhos

arregalados, parecia ter se esquecido das Donzelas. E, se antes daquele

pronunciamento ela já olhava Rand com medo, agora parecia decididamente

apavorada. Bem, que fazer?

— Vou para Caemlyn imediatamente — anunciou.

Um burburinho irrompeu entre os grupos de cairhienos e tairenos, e Rand notou

que muitas das exclamações mais pareciam suspiros de alívio.

Não se surpreendeu ao ver que todos o acompanharam até os aposentos

reservados para suas Viagens. As Donzelas e os Escudos Vermelhos impediram a

passagem de todos os aguacentos, exceto Berelain. Os Aiel não gostavam da

aproximação dos cairhienos em particular, mas Rand ficara muito satisfeito por eles

também terem barrado os tairenos, daquela vez. Muitos nobres olharam feio para

ele, mas ninguém protestou — ao menos não que ele tenha ouvido. Nem mesmo

Berelain, que seguiu logo atrás de sua escolta, junto com as Sábias e Aviendha,

todas conversando baixinho e vez ou outra soltando uma risadinha. Berelain e

Aviendha de conversinha? E rindo? Aquilo lhe deu arrepios.

Quando parou diante da porta com entalhes quadrados e retos que dava para o

apartamento reservado para suas Viagens, Rand olhou, hesitante, para o topo da cabeça

de Berelain, que se curvava em uma mesura.

— Mantereí Cairhien justa e igualitária, sem ceder ao medo ou a favores, até seu

retorno, milorde Dragão.

Talvez, mesmo com a execução de Mangin, ela de fato tivesse ido vê-lo apenas

para dizer isso — e ser ouvida pelos outros nobres. A frase, por alguma razão,

arrancou um sorriso indulgente de Sorilea. Rand precisava descobrir o que estava

acontecendo ali: não permitiria que as Sábias se metessem entre Berelain e ele. As

outras Sábias tinham puxado Aviendha para um canto e estavam se revezando para

falar com ela. Rand não conseguia distinguir as palavras, mas fosse o que fosse,

pareciam falar com muita firmeza.

— Quando vir Perrin Aybara — acrescentou Berelain —, por favor mande minhas

lembranças e meu afeto. E Mat Cauthon também.

— Aguardaremos ansiosos o retorno do Lorde Dragão — mentiu Colavaere,

mantendo a expressão cuidadosamente neutra.

Meilan olhou feio para ela, irritado pelo fato de a mulher ter conseguido falar

primeiro, e fez um discurso floreado, repetindo o que Colavaere já dissera com

outras palavras. Claro que Maringil tentou superar suas palavras, pelo menos nos

floreios. Fionnda e Anaiyella ainda tentaram sobrepujar os outros dois,

acrescentando tantos elogios que Rand começou a olhar irritado para Aviendha,

ainda ocupada com as Sábias. Dobraine contentou-se em soltar um “Até seu retorno,

milorde Dragão”, enquanto Maraconn, Gueyam e Aracome soltaram murmúrios

indistintos, os olhos cautelosos.

Foi um alívio poder finalmente entrar na câmara e ir para longe deles. Só ficou

surpreso quando viu que Melaine também o seguia, à frente de

Aviendha. Ele ergueu

uma das sobrancelhas, confuso.

— Preciso consultar Bael sobre uns assuntos das Sábias — explicou, muito séria,

cravando os olhos em Aviendha.

A ruiva assumira uma expressão tão inocente que só podia estar escondendo

alguma coisa. Aviendha sempre parecia encarar muitas coisas estranhas com

naturalidade, mas nunca exibia um olhar inocente — ao menos não tão inocente.

— Como quiser — respondeu ele.

Suspeitava de que as Sábias estivessem apenas esperando uma chance de enviar a

mulher para Caemlyn. Quem melhor para garantir que Bael não sofresse influências

erradas de Rand do que sua própria esposa? Assim como Rhuarc, Bael tinha duas

esposas — o que Mat sempre dissera não saber muito bem se era um sonho ou um

pesadelo.

Aviendha ficou olhando com atenção enquanto ele abria o portão de volta para

Caemlyn, bem dentro do Grande Salão. Ela sempre ficava muito atenta, mesmo

sendo incapaz de ver os fluxos e as tramas. Ela própria já abrira um portão, mas fora

em um instante de pânico, e ela não conseguia se lembrar de como fizera. Naquele

dia, por alguma razão, o feixe de luz giratório a fez lembrar o que

acontecera na

ocasião: as bochechas bronzeadas coraram, e ela pareceu se recusar a olhar na sua

direção. Tomado pelo Poder, Rand sentiu seu cheiro — o perfume herbáceo do

sabão, um toque de um cheiro doce que ele não se lembrava de ter sentido antes. Foi

a primeira vez que se sentiu ávido para se livrar de *saidin*, e foi o primeiro a adentrar

o salão do trono vazio. Alanna pareceu desabar sobre ele, uma presença tão palpável

como se estivesse diante dele. Reparou que a Verde tinha chorado. Seria porque ele

tinha ido embora? Bem, que chorasse. Tinha que encontrar um jeito de se livrar dela.

As Donzelas e os Escudos Vermelhos não ficaram muito felizes por Rand ter ido

na frente, naturalmente. Urien apenas grunhiu e balançou a cabeça em desaprovação.

Já Sulin ficou muito pálida e ergueu-se nas pontas dos pés para encarar Rand nos

olhos.

— O grande e poderoso *Car'a'carn* entregou sua honra para as *Far Dareis Mai*

carregarem — praticamente sibilou a mulher, em um sussurro baixo.
— Se o

poderoso *Car'a'carn* morrer em uma emboscada enquanto estiver sob a proteção das

Donzelas, não restará mais honra nenhuma às *Far Dareis Mai*. Se o conquistador

Car'a'carn não se importa com isso, então talvez Enaila tenha razão.

Talvez o todo-

poderoso *Car'a'carn* não passe de um garoto mimado que precisa ser levado pela

mão para não acabar caindo de um penhasco porque estava de nariz empinado em

vez de olhar por onde anda.

Rand fechou a cara. Quando estavam a sós, ele apenas rangia os dentes e ouvia —

e no geral ouvia ainda menos! —, em respeito à dívida que tinha com as Donzelas.

Mas nem Enaila nem Somara o repreendiam daquele jeito em público. Melaine saíra

depressa e já estava na metade do corredor, erguendo as saias, quase correndo — ao

que parecia, ela mal podia esperar para restabelecer a influência das Sábias com

Bael. Rand não sabia se Urien tinha ouvido a bronca, mas parecia bem concentrado

em guiar seus *Aethan Dor* velados, que vasculhavam as colunas junto com as

Donzelas — coisa que não precisavam de orientações ou guia para fazer. Aviendha,

por sua vez, estava ali, parada, de braços cruzados, exibindo um misto de irritação e

aprovação, e Rand não teve dúvidas de que ela ouvira cada palavra.

— O dia de ontem correu bem. De agora em diante, acho que dois guardas serão

mais do que o suficiente — declarou, com a voz firme. Os olhos de Sulin quase

saltaram das órbitas, e ela ficou sem palavras. Bem, depois de tirar poder dela, era

melhor devolver um pouco, ou a mulher explodiria feito os fogos de artifício de um

Iluminador. — Claro que será diferente quando eu sair do Palácio. Essa guarda que

você vem me fornecendo será boa nessas ocasiões, mas quando eu estiver aqui, no

Palácio do Sol ou na Pedra de Tear, dois na escolta já bastam — concluiu, e deu

meia-volta enquanto Sulin ainda abria e fechava a boca, sem resposta.

Aviendha foi para o seu lado enquanto ele circundava o tablado dos tronos rumo

às portinhas nos fundos. Tinha ido para lá, em vez de seguir direto para seus

aposentos, na esperança de despistá-la. Mesmo sem *saidin*, sentia o cheiro dela —

ou talvez fosse apenas a memória do cheiro. De todo modo, desejou estar com o

nariz entupido e resfriado. Aquele perfume era bom demais.

Apertando o xale em volta do corpo, Aviendha mantinha o olhar fixo à frente,

parecendo preocupada, e passou sem nem perceber quando Rand segurou a porta

para um dos quartos de vestir com paredes cobertas de painéis com entalhes de leões

— coisa que em geral despertava certa ira nela, no mínimo uma pergunta irritada

sobre qual dos braços dela parecia quebrado. Quando Rand perguntou qual era o

problema, a jovem levou um susto.

— Nada. Sulin estava certa. Mas... — Ela de repente abriu um sorriso enorme,

mas meio relutante. — Você viu a cara dela? Sulin não ouviu uma resposta dessas...

desde nunca, eu acho. Nem Rhuarc fala assim com ela.

— Estou surpreso com esse seu apoio.

Aviendha o encarou com aqueles olhos enormes. Rand poderia passar o dia inteiro

tentando decidir se eram mais azuis ou mais verdes... Não. Não tinha o direito de

pensar nos olhos dela. Não importava o que havia acontecido logo depois de ela

abrir aquele portão — para *fugir dele*, aliás. E também, principalmente, não tinha o

direito de pensar no que acontecera entre os dois naquele dia.

— Ah, Rand al'Thor, você só me perturba — comentou ela, sem um pingode

irritação. — Luz, às vezes acho que o Criador fez você só para me causar problemas.

Rand quis retrucar, dizer que aquilo era apenas culpa dela própria. Mais de uma

vez se oferecera para levá-la de volta para as Sábias, mesmo que na prática isso só

servisse para fazê-las mandarem outra espiã em seu lugar. Mas, antes que ele

pudesse abrir a boca, Jalani e Liah chegaram, seguidas de perto por dois Escudos

Vermelhos — um deles era um sujeito grisalho, ostentando no rosto quase o triplo

das cicatrizes na face de Liah. Rand mandou Jalani e o homem das cicatrizes de

volta ao salão do trono, o que quase desencadeou uma briga — não da parte do

Escudo Vermelho, claro: o homem apenas olhou para seu companheiro, deu de

ombros e saiu. Jalani, no entanto, se empertigou.

Rand apontou para a porta que levava ao Grande Salão.

— O *Car'a'carn* espera que as *Far Dareis Mai* sigam para onde ele ordenar.

— Você pode ser um rei dos aguacentos, Rand al'Thor, mas não é rei dos Aiel. —

A irritação evidente na voz de Jalani acabou com seu ar de dignidade, o que fez

Rand notar como ela era jovem. — As Donzelas nunca vão desapontá-lo na dança

das lanças, mas isto aqui não é a dança.

Mesmo tendo respondido, ela se retirou, parando apenas para trocar breves gestos

com Liah, naquela língua de sinais das Donzelas.

Com Liah e o outro Escudo Vermelho, um homem louro e esguio chamado

Cassin, quase uma boa polegada mais alto que ele, Rand atravessou o palácio

depressa até seus aposentos. Com Aviendha, claro. Se achava que aquelas saias

pesadas a deixariam para trás, estava muitíssimo enganado. Liah e Cassin montaram

guarda no corredor, do lado de fora da enorme antessala, mas Aviendha entrou atrás

dele. O cômodo tinha um friso de mármore com entalhes de leões, logo abaixo do

teto alto, e as paredes eram cobertas de tapeçarias com desenhos de cenas de caça e

montanhas enevoadas.

— Você não deveria estar com Melaine? Para cuidar desses assuntos das Sábias e

tudo o mais?

— Não — retrucou ela, sem rodeios. — Melaine não ficaria muito feliz com

minha interferência, não agora.

Luz, mas *ele* não ficaria feliz se ela não fosse logo embora. Rand largou o Cetro

do Dragão sobre uma mesa com pés cobertos de entalhes dourados de vinhas,

desafivelou o cinturão da espada e perguntou:

— Amys e as outras lhe contaram onde Elayne está?

Aviendha ficou um bom tempo ali, parada, no meio do piso de azulejos azuis,

encarando-o com uma expressão indecifrável.

— Elas não sabem — disse, por fim. — Eu perguntei.

Rand tinha imaginado que ela perguntaria. Já fazia meses que Aviendha parara de

falar em Elayne, mas, antes de ir a Caemlyn com ele pela primeira vez, uma em cada

duas palavras que saíam de sua boca eram para lembrá-lo de que ele pertencia a

Elayne — segundo a própria Aviendha, pelo menos, e ela já deixara bem claro que o

que acontecera entre os dois do outro lado daquele portão não mudava em nada esse

fato. Outra coisa que ficara bem clara é que aquilo decididamente não aconteceria de

novo. Rand concordava com ela, e era pior que um porco pela ponta de

arrependimento misturada à concordância. Ignorando todas as elegantes poltronas

douradas, Aviendha se acomodou no chão, de pernas cruzadas, e ajeitou as saias

graciosamente.

— Mas falaram de você — comentou.

— Ah, por essa eu não esperava — retrucou ele, irônico.

Para sua surpresa, Aviendha enrubesceu. Ela não era mulher de corar, e já era a

segunda vez no mesmo dia.

— As Sábias contaram os sonhos que tiveram, e alguns lhe dizem respeito. — A

voz dela começou a sair um pouco falha, até que Aviendha fez uma pausa para

pigarrear, então o encarou com um olhar firme e determinado. — Melaine e Bair

sonharam que você estava em um barco — contou, proferindo a palavra com

estranheza, mesmo depois de tantos meses em terras aguacentas —, junto com três

mulheres cujos rostos elas não conseguiram distinguir. E uma balança que pendia

primeiro para um lado, depois para o outro. Melaine e Amys sonharam com um

homem ao seu lado, encostando uma adaga em seu pescoço, mas sem você ver. Bair

e Amys sonharam com você dividindo as terras aguacentas ao meio com uma

espada.

Aviendha olhou de relance, os olhos cheios de desprezo, para a espada embainhada largada sobre o Cetro do Dragão. Desprezo, sim, muito, mas também

um pouco de culpa. Ela lhe dera aquela espada, que já fora do Rei Laman. O

presente viera cuidadosamente embrulhado em um cobertor, para que ela não tocasse

na arma diretamente.

— Elas não conseguem interpretar os sonhos, mas acharam que você deveria

saber — concluiu ela.

O primeiro era tão obscuro para ele quanto era para as Sábias, mas o segundo

parecia óbvio: um homem que ele não podia ver atacando-o com uma adaga só podia

ser um Homem Cinza. Eram almas entregues à Sombra — não apenas juradas, mas

completamente entregues —, e podiam passar despercebidos mesmo quando

encarados diretamente. Seu único propósito era matar. Como as Sábias não tinham

conseguido entender uma mensagem tão clara? O último sonho também era bem

claro, para sua infelicidade. E ele *já estava* dividindo as terras aguacentas: Tarabon e

Arad Doman estavam em ruínas; as rebeliões em Tear e Cairhien a qualquer

momento podiam deixar de ser apenas boatos; e Illian decerto logo sentiria o peso de

sua espada. Isso sem falar no Profeta, espalhando os Devotos do Dragão por Altara e

Murandy.

— Não vejo muito mistério em dois desses sonhos, Aviendha.

Ainda assim, a jovem apenas o encarou, descrente, enquanto ele explicava suas

interpretações. Claro. Para Aviendha, se as Sábias Andarilhas dos Sonhos não

conseguiam interpretar um sonho, então ninguém mais conseguiria. Rand soltou um

grunhido frustrado e desabou em uma poltrona de frente para ela, perguntando:

— O que mais elas sonharam?

— Tem um outro sonho que eu posso contar, mas talvez não tenha muita relação

com você. — O que significava que havia sonhos que ela não podia contar. Rand se

perguntou por que as Sábias tinham discutido aqueles sonhos com ela. Aviendha não

era Andarilha dos Sonhos. — As três tiveram o mesmo sonho, o que só torna seu

significado mais especial. Elas sonharam com chuva — a palavra saiu com o mesmo

estranhamento que “barco”, mais cedo. — Chuva saindo de uma tigela. E, em volta

dela, há armadilhas e arapucas. Se for encontrada pelas pessoas certas, a tigela trará

um tesouro que pode ser até mais impressionante do que ela própria. Mas, se cair nas

mãos erradas, o mundo estará condenado. A chave para encontrar essa tigela é

encontrar aquele que já não é.

— Já não é o quê? — Isso sem dúvida parecia o detalhe mais relevante. — É

alguém que já morreu?

Os cabelos ruivos de Aviendha se balançaram sobre os ombros quando ela negou

com a cabeça.

— Elas não sabem mais do que o que eu lhe disse.

Aviendha se levantou, para surpresa de Rand, ajeitando a roupa com aqueles

movimentos mecânicos típicos das mulheres.

— Você... — Ele forçou uma tosse, cortando a frase no meio. *Você tem mesmo*

que ir? , era o que estava prestes a perguntar.

Luz, queria que ela fosse. Cada minuto perto dela era uma tortura. Bem, poderia

fazer o que era certo e bom para ele — e ainda melhor para ela.

— Você quer voltar para as Sábias, Aviendha? Retomar os estudos? Não tem

muito por que você ficar mais tempo aqui comigo. Já aprendi tanto com você que é

como se tivesse sido criado pelos Aiel.

Ela fungou, o que já era resposta suficiente, mas claro que não se conteve e

respondeu:

— Você sabe menos que um garoto de seis anos. Por que um homem ouve a mãe-

segunda antes da própria mãe, enquanto uma mulher ouve seu pai-segundo antes do

próprio pai? Em que situação uma mulher pode se casar sem fazer a coroa nupcial?

E quando uma senhora do teto precisa obedecer a um ferreiro? Se tiver uma

gai'shain que faça prata, por que precisa permitir que ela trabalhe um dia para si

mesma para cada dia que trabalhar para você? E por que o mesmo não se aplica a

uma tecelã? — Rand pensou, buscando as respostas a fundo, para não precisar

admitir que não sabia. Mas Aviendha remexeu o xale, como se tivesse esquecido que

ele estava ali. — Às vezes o *ji'e'toh* rende ótimas piadas. Eu riria até morrer, se essa

não fosse comigo. — Ela baixou a voz a um sussurro. — Vou ao encontro da minha

toh.

Rand achou que a ruiva estivesse falando sozinha, mas respondeu mesmo assim.

Com toda a delicadeza.

— Se você está falando de Lanfear, não fui eu que a salvei. Foi Moiraine. Ela

morreu salvando todos nós.

A espada de Laman livrara Aviendha de sua única *toh* para com Rand, embora ele

jamais tivesse compreendido qual era. Pelo menos da única obrigação que Aviendha

sabia. Rezava para que ela jamais descobrisse a outra — Aviendha decerto acharia

que tinha alguma dívida com ele, mesmo que Rand não enxergasse a questão dessa

maneira.

Inclinando a cabeça e abrindo um sorrisinho, Aviendha olhou fundo nos olhos

dele. A ruiva recobrou o autocontrole em um nível que deixaria Sorilea orgulhosa.

— Obrigada, Rand al'Thor. Bair sempre diz que de vez em quando é bom ser

lembrada de que um homem não sabe tudo. Não se esqueça de me avisar quando

pretende dormir. Não quero chegar muito tarde e acordá-lo.

Rand permaneceu parado, encarando a porta mesmo depois que ela saiu. Era mais

fácil entender um cairhieno no Jogo das Casas do que uma mulher que não estava

fazendo o menor esforço para ser enigmática. E suspeitava de que seus sentimentos

por Aviendha, fossem lá quais fossem, complicavam ainda mais as coisas.

O que eu amo, eu destruo, comentou Lews Therin, com uma risada. *O que eu*

destruo, eu amo.

Cale a boca! , pensou Rand, furioso, e a gargalhada insana morreu. Não sabia

quem amava, mas sabia quem salvaria. De todas as ameaças, mas sobretudo de si

mesmo.

* * *

Quando saiu para o corredor, Aviendha se encostou na porta, respirando fundo para

se acalmar. Ou pelo menos para tentar se acalmar. O coração ainda tentava rasgar o

peito e sair. Estar perto de Rand al'Thor doía como estar nua sobre uma cama de

brasas, doía quase a ponto de lhe quebrar todos os ossos. Rand a fazia sentir uma

vergonha que ela jamais pensou que sentiria. Era mesmo uma grande piada, como

dissera, e parte dela queria mesmo rir. Tinha *toh* para com Rand, porém tinha muito

mais para com Elayne. Rand apenas salvara sua vida — Lanfear a teria matado, não

fosse por ele. E Lanfear queria mesmo matar Aviendha em especial, causando a

maior dor possível. Lanfear sabia, de algum jeito. Mas, em comparação ao que

incorrera com Elayne, sua *toh* para com Rand era um cupinzeiro aos pés da Espinha

do Mundo.

Cassin simplesmente olhou para ela. O corte do casaco que o sujeito usava

informava que era Goshien, além de *Aethan Dor*, mas Aviendha *não reconhecia o*

ramo. Ele continuou acorado, as lanças apoiadas nos joelhos. O homem não sabia

de nada, claro. Mas Liah abriu um sorriso encorajador demais para uma mulher que

não conhecia, e astuto demais para alguém que não soubesse. Aviendha ficou

chocada em perceber que estava pensando em como os Chareen — como indicava o

casaco de Liah — tinham fama de dissimulados. Nunca pensara em qualquer

Donzela como algo além de *Far Dareis Mai*. Rand al'Thor esgotara seu cérebro.

Mas ainda assim mexeu os dedos, irritada. *Por que está sorrindo, garota? Não*

tem nada melhor para fazer?

Liah ergueu as sobrancelhas de leve, e o sorriso não diminuiu, apenas assumiu um

ar divertido. Ela gesticulou em resposta. *Quem você está chamando de garota,*

garota? Você ainda não é Sábia, mas não é mais Donzela. Acho que vai acabar

trançando a alma em uma coroa e a deitando aos pés de um homem.

Aviendha deu um passo à frente, furiosa. Poucos insultos eram piores que aquele,

para as *Far Dareis Mai*. Mas então se conteve. Se estivesse de *cadin'sor* achava que

Liah não seria páreo para ela, mas, naquelas saias, seria derrotada. E pior: Liah

decerto se recusaria a fazer dela *gai'shain* — e poderia muito bem fazê-lo, já que

teria sido atacada por uma mulher que não era Donzela, mas ainda não era Sábia —,

ou então acabaria exigindo o direito de surrar Aviendha diante de todos os Taardad

que pudessem reunir — o que seria vergonha menor que a recusa, claro, mas ainda

assim uma vergonha considerável. E pior de tudo: mesmo que Aviendha ganhasse,

Melaine decerto escolheria uma punição para fazê-la lembrar que

deixara a lança

para trás, e ela acabaria desejando dez surras de Liah diante de todos os clãs. Nas

mãos de uma Sábia, a vergonha era mais cortante que uma faca afiada. Liah não

moveu um músculo sequer. Ela sabia de tudo isso tão bem quanto Aviendha.

— E agora vocês ficam se encarando... — comentou Cassin. — Um dia tenho

que aprender essa sua língua de sinais.

Liah olhou de esguelha para ele, soltando uma risada animada.

— Você vai ficar bonito de saias, Escudo Vermelho, vou gostar de ver quando

vier pedir para se tornar Donzela.

Aviendha soltou um suspiro de alívio quando Liah desviou os olhos dela.

Naquelas circunstâncias, não teria podido desviar o olhar primeiro e ainda manter a

honra. Sem nem pensar, fez com os dedos o sinal de agradecimento — o primeiro

gesto da língua de sinais que uma Donzela aprendia, posto que era a frase que uma

nova Donzela mais usava: *Tenho* toh .

Liah respondeu sem nem hesitar. *Muito pequena, irmã-de-lança.*

Aviendha sorriu agradecida quando Liah não acrescentou o dedinho em gancho

que teria transformado o termo em zombaria, o que era sempre utilizado com

mulheres que tinham abandonado a lança, mas ainda tentavam se comportar como se

não tivessem.

Um serviçal aguacento vinha apressado pelo corredor. Mantendo oculto o

desgosto que sentia por quem passava a vida servindo aos outros, Aviendha foi para

o lado oposto, querendo evitar passar pelo sujeito. Matar Rand al'Thor satisfaria

uma *toh*, enquanto matar a si mesma satisfaria a segunda, mas cada *toh* impedia uma

dessas soluções. Não importava o que as Sábias dissessem, teria quer dar um jeito de

pagar aquelas duas dívidas.





CAPÍTULO 20

VISITAS DO *POUSO*

Rand tinha apenas começado a enfiar o tabaco de Dois Rios no cachimbo curto

quando a cabeça de Liah apareceu pela porta entreaberta. Antes que ela pudesse falar

qualquer coisa, um criado de rosto redondo, usando um uniforme vermelho e branco,

empurrou-a para abrir caminho e entrou, muito ofegante, desabando de joelhos

diante de Rand. A Aiel encarava o sujeito, estupefata.

— Milorde Dragão — ganiu o criado, ainda sem ar —, os Ogier acabaram de

chegar ao Palácio. *Três* deles! Servimos vinho e oferecemos um pouco mais, mas

eles insistem que só querem ver o Lorde Dragão.

Rand manteve a voz calma, sem querer assustar o sujeito.

— Há quanto tempo você trabalha no Palácio...? — Além de usar o casaco do

uniforme do tamanho certo, o sujeito não era jovem. — Acho que ainda não sei seu

nome.

O criado ajoelhado arregalou os olhos.

— Meu nome? É Bari, milorde Dragão. É... trabalho aqui há... Milorde, fará

vinte e dois anos na Noite Invernal. Milorde Dragão, e o Ogier?

Rand já fora duas vezes a um *pouso* Ogier, mas não sabia a etiqueta apropriada

para recebê-los como convidados. Os Ogier tinham construído quase todas as

grandes cidades, pelo menos as partes mais antigas, e de vez em quando ainda saíam

dos *pousos* para realizar alguns reparos, mas ele duvidava de que um criado como

Bari fosse ficar tão ansioso por qualquer visita menos importante que um rei ou uma

Aes Sedai — ou talvez nem isso. Ele guardou o cachimbo e a bolsa de tabaco de

volta no bolso.

— Então me leve até eles.

Bari se levantou de pé em um salto, quase dando pulinhos de ansiedade. Rand

suspeitou de que tivesse tomado a decisão certa: o homem não demonstrou muita

surpresa em ver o Lorde Dragão ir até os Ogier, em vez de mandar que viessem ao

seu encontro. Ele deixou a espada e o cetro para trás — nada daquilo impressionaria

os Ogier. Liah e Cassin o acompanharam, naturalmente, e pelo jeito

Bari decerto

teria ido correndo até os visitantes se não tivesse que ajustar o passo ao ritmo menos

afoito de Rand.

Os Ogier aguardavam em um pátio, ao largo de uma fonte cheia de vitórias-régias,

com peixes vermelhos e dourados nadando na base. Eram três: um homem de

cabelos brancos usando um casaco comprido e aberto com botas altas de cano

dobrado e duas mulheres, uma notavelmente mais jovem que a outra, ambas com

saias cheias de bordados de vinhas e folhas, embora os bordados das roupas da Ogier

mais velha fossem consideravelmente mais elaborados do que os da mais jovem. Os

cálices de ouro, feitos para humanos, pareciam minúsculos em suas mãos enormes.

Muitas das árvores ali no pátio ainda conservavam algumas de suas folhas, e o

próprio Palácio também fornecia alguma sombra. Os Ogier não estavam sozinhos.

Quando Rand chegou, viu Sulin e quase trinta Donzelas à volta deles, além de Urien,

junto de cinquenta ou mais de seus homens. Os Aiel tiveram a delicadeza de fazer

silêncio ao avistarem Rand.

— Seu nome é música para meus ouvidos, Rand al'Thor — disse o Ogier, a voz

retumbante feito um trovão, então fez as apresentações.

Ele era Haman, filho de Dal, filho de Morel. A mais velha era Covril, filha de

Ella, filha de Soong; e a mais nova era Erith, filha de Iva, filha de Alar. Rand se

lembrava de ter visto Erith quando foi ao Pouso Tsofu, a dois dias de cavalgada

intensa de Cairhien. Não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo ali em

Caemlyn.

Os Ogier faziam os Aiel parecerem pequenos; faziam até o pátio parecer pequeno.

Haman tinha uma vez e meia a altura de Rand e a mesma proporção em largura,

Covril era menos de uma cabeça — uma cabeça Ogier — mais baixa que seu

companheiro. Até mesmo Erith era quase um pé e meio mais alta que Rand. Ainda

assim, essa era a menor das diferenças entre os Ogier e os humanos à volta. Haman

tinha olhos imensos e redondos feito xícaras de chá, um nariz largo que ocupava

quase o rosto inteiro, e orelhas pontudas, cheias de tufo de pelos brancos e

despontando no topo da cabeça, por entre os cabelos grisalhos. Ele usava um

comprido bigode branco, e uma barba estreita brotava do queixo. As sobrancelhas

chegavam até as bochechas. Rand não sabia dizer exatamente o que distinguia o

rosto masculino dele das feições de Erith e de Covril — exceto pela barba e pelo

bigode, claro, além de as sobrancelhas delas serem menores e menos espessas —,

mas os rostos delas pareciam mais delicados. Mesmo que Covril tivesse uma

expressão bastante rígida — a Ogier mais velha lhe parecia familiar, não sabia por

quê — e Erith parecesse preocupada, com as orelhas caídas.

— Peço licença um instante — começou Rand, mas Sulin não permitiu que ele

dissesse outra palavra.

— Viemos falar com os Irmãos das Árvores, Rand al'Thor — declarou ela, com

firmeza. — Você sabe que os Aiel são velhos amigos de água dos Irmãos da Árvore.

Vamos com frequência ao *pouso* deles para fazer negócios.

— Isso é mesmo verdade — murmurou Haman. Ou melhor, murmurou para os

padrões de um Ogier, mas que poderia muito bem ter causado uma avalanche nas

montanhas ao longe.

— E não tenho dúvidas de que os outros vieram mesmo falar com eles — retrucou

Rand. Só de olhar, conseguia identificar cada um dos integrantes de sua guarda entre

a multidão de Aiel. O rosto de Jalani ficou escarlate. Por outro lado, não se viam

Escudos Vermelhos ali, além de Urien e mais de três ou quatro homens espalhados

pela multidão. — Não gostaria de ter que pedir a Enaila e a Somara que cuidem de

voce. — A indignação tomou o rosto bronzeado de Sulin, destacando ainda mais a

cicatriz que ela conseguira por ter seguido Rand. — Vou conversar com eles

sozinho. *Sozinho* — enfatizou, encarando Liah e Cassin. — A não ser que vocês

achem que preciso de proteção contra esses Ogier.

A última frase apenas aumentou a irritação de Sulin, e ela reuniu as Donzelas com

gestos rápidos na linguagem de sinais — o que, para qualquer um que não fosse

Aiel, teria parecido um ataque de raiva. Alguns dos homens entre a multidão de Aiel

deram risadinhas ao vê-las saírem, e Rand supôs que tivesse feito alguma piada sem

querer.

Enquanto as Donzelas saíam, Haman afagou a longa barba.

— Nem sempre os humanos nos consideraram tão confiáveis, sabe. Não, não. —

O murmúrio dele soava como uma imensa colmeia de abelhas. — Está nos registros

antigos. Muito antigos. Apenas fragmentos, na verdade, mas datados de logo depois

da...

— Ancião Haman — interrompeu Covril, com muita educação —, talvez seja

melhor nos atermos ao assunto em questão? — A colmeia dela ressoava em um tom

um pouco mais agudo.

Ancião Haman. Onde Rand ouvira aquele nome, antes? Cada *pouso*

tinha seu

próprio Conselho de Anciões.

Haman suspirou profundamente.

— Muito bem, Covril, mas essa sua pressa é um tanto inquietante.
Você mal nos

deu tempo de nos lavarmos, depois que chegamos. Você começou a
cabriolar feito

um... — Seus olhos enormes se voltaram para Rand, e ele disfarçou a
frase com

uma tossidela, cobrindo a boca com a mão enorme, do tamanho de um
pernil.

Os Ogier consideravam os humanos muito apressados, sempre
tentando fazer

agora o que não teria a menor importância até o dia seguinte. Ou até
o ano seguinte,

já que os Ogier viam tudo a longo prazo. Também consideravam
afrontoso lembrar

aos humanos de quanto eles “cabriolavam”.

— Tivemos uma viagem bastante árdua aqui Fora — prosseguiu
Haman, para

Rand. — Nosso tempo aqui não ficou menos difícil quando soubemos
que os Aiel

Shaído tinham sitiado Al’cair’rahienallen, o que foi mesmo
extraordinário.

Considerando isso, assim como o fato de que você de fato estava lá,
mas foi embora

antes que pudéssemos nos apresentar, e... não consigo deixar de
pensar que fomos

muito impetuosos. Não. Não, fale você, Covril. Foi por você que
larguei meus

estudos e ensinamentos para percorrer o mundo. A essa altura, minhas turmas já

devem estar armando uma revolução. — Rand quase abriu um sorriso. Se seguissem

os costumes Ogier, as turmas de Haman levariam mais de meio ano para concluir

que ele de fato partira, depois passariam mais um ano inteiro debatendo como

proceder a respeito.

— Você não pode culpar uma mãe por se preocupar — retrucou Covril, as orelhas

peludas tremelizando. Ela parecia em conflito entre o respeito que devia demonstrar

a um Ancião e a impaciência, pouco adequada aos modos Ogier. Ela se virou para

Rand, empertigando-se, as orelhas bem erguidas e o queixo firme. — O que você fez

com o meu filho?

Rand ficou boquiaberto.

— Filho?

— Loial! — Covril o encarou como se ele estivesse louco. Erith olhava para os

dois, ansiosa, as mãos entrelaçadas contra o peito. — Você disse ao Ancião dos

Anciões do Pouso Tsofu que cuidaria dele — prosseguiu Covril. — Os Anciões me

contaram. Você ainda não tinha se proclamado Dragão, naquela época, mas foi você

mesmo. Não foi, Erith? Alar não disse que foi Rand al'Thor? — Ela não deu tempo

para a jovem fazer mais do que assentir. Sua voz foi ganhando velocidade, e uma

careta de desgosto surgiu no rosto de Haman. — Meu Loial é jovem demais para

estar aqui Fora, jovem demais para viajar pelo mundo fazendo as coisas que o

senhor com certeza o está botando para fazer. O Ancião Alar me falou do senhor. O

que é que o meu Loial tem a ver com os Caminhos e os Trollocs e a Trombeta de

Valere? O senhor me devolva meu filho agora mesmo, por favor, para que eu possa

casá-lo com Erith, como é o correto. Ela vai pôr um fim nessa vontade de viajar

dele.

— Ele é muito bonito — murmurou Erith, encabulada, as orelhas tremelizando

tanto de vergonha que os tufos de pelos escuros viraram um borrão. — E acho que

ele também é muito corajoso.

Rand levou um instante para recuperar o equilíbrio mental. Um Ogier falando

com tamanha firmeza era feito uma montanha desabando. Mas um Ogier falando

com aquela firmeza e tão rápido...

Pelos costumes dos Ogier, Loial *era mesmo* jovem demais para sair do *pouso*

sozinho. Loial tinha pouco mais de noventa anos, mas os Ogier tinham uma vida

bastante longa. Desde o dia que em que o conhecera, sempre ansioso para ver o

mundo, Loial morria de medo do que aconteceria quando os Anciões percebessem

que ele fugira. E, acima de tudo, morria de medo de que sua mãe partisse para

buscá-lo com uma noiva a tiracolo. Ele dizia que o noivo não tinha voz nesses

assuntos, segundo a cultura Ogier, e que mesmo a noiva só podia opinar muito

pouco — tudo ficava a cargo das duas mães. Não era nada impossível que um Ogier

se visse comprometido com uma mulher que só iria conhecer no dia em que a mãe o

apresentasse às futuras noiva e sogra.

Loial parecia pensar que o casamento seria o fim de tudo para ele — ou pelo

menos o fim de seus anseios em ver mais do mundo. Bem, estivesse ele certo ou

não, Rand não podia entregar um amigo de bandeja a seus maiores temores. Estava

prestes a dizer que não sabia o paradeiro de Loial e sugerir que os três retornassem

ao *pouso* e aguardassem que ele voltasse — chegou até a abrir a boca para isso —,

quando uma dúvida lhe ocorreu. Ficou um pouco constrangido por não conseguir se

lembrar de algo tão importante — pelo menos para Loial.

— Há quanto tempo ele está longe do *pouso*?

— Tempo demais — resmungou Haman, feito pedregulhos rolando montanha

abaixo. — O garoto nunca se dedicava. Sempre falando em conhecer o mundo aqui

Fora, como se de fato algo fosse diferente do que há nos livros que ele deveria estar

estudando. Hum, hum. Que diferença faz se os humanos alteram as linhas de um

mapa? A terra continua sendo...

— Ele está Fora faz tempo demais — acrescentou a mãe de Loial, com a firmeza

de um mourão fincado em barro seco.

Haman franziu o cenho para ela, que devolveu um olhar igualmente firme, mesmo

com as orelhas vibrando de constrangimento.

— J-Já faz mais de cinco anos — contou Erith. Suas orelhas murcharam por

alguns instantes, depois subiram de volta, resistentes. Em uma imitação muito boa

de Covril, ela completou: — Quero que ele seja meu marido. Soube disso assim que

o vi pela primeira vez. Não vou deixar que ele morra. Não por conta dessas

bobagens que ele faz.

Rand e Loial tinham conversado sobre muitos assuntos, e um deles fora a

Saudade, embora Loial não gostasse de falar nisso. A Ruptura do Mundo fez os

humanos fugirem para qualquer lugar seguro que encontrassem, e também fez os

Ogier se afastarem dos *pousos*. Os humanos vagaram durante longos anos,

atravessando um mundo que mudava algumas vezes ao longo do dia, e os Ogier

também vagaram, buscando seus *pousos* perdidos com as mudanças da terra. Foi

quando passaram a sofrer de Saudade. Um Ogier longe do *pouso* sempre desejava

retornar. Um Ogier que ficava longe do *pouso* por muito tempo *precisava* retornar.

Um Ogier muito tempo longe do *pouso* acabava morrendo.

— Ele me contou de um Ogier que ficou longe por mais tempo — respondeu

Rand, baixinho. — Dez anos, acho que foi isso.

Haman já balançava a imensa cabeça em negativa antes mesmo que Rand

concluísse o pensamento.

— Isso não importa. Pelo que sei, cinco ficaram Fora por tanto tempo assim e

conseguiram voltar vivos, e acho que eu saberia se houvesse outros. Tamanha

loucura decerto teria sido registrada nos livros. Três desses Ogier morreram menos

de um ano depois de voltarem, e o quarto ficou inválido pelo resto da vida. O quinto

não ficou muito longe disso e passou o resto da vida precisando de uma bengala para

caminhar, apesar de não ter parado de escrever. Hum, hum. Dalar tinha umas coisas

bem interessantes a dizer sobre... — Desta vez, quando Covril abriu a boca para

protestar, Haman virou a cabeça de repente e a encarou, as compridas sobranceiras

curvadas para cima, até que a mulher começou a ajeitar as saias. Porém mesmo

assim Covril sustentou seu olhar. — Cinco anos é pouco tempo, eu sei — continuou

Haman, encarando Covril com um olhar de esguelha penetrante —, mas estamos

atados ao *pouso*. Não ouvimos na cidade nada que indicasse que Loial está aqui, e,

pelo alarido que suscitamos, acho que teríamos ouvido alguma notícia da presença

dele. No entanto, se o senhor nos disser onde ele está, será um bem enorme para ele.

— Em Dois Rios — respondeu Rand. Salvar a vida de um amigo não era traição.

— Quando o vi pela última vez, Loial estava em boa companhia, rodeado de amigos.

Dois Rios é um lugar tranquilo. Seguro. — Ou pelo menos voltara a ser, graças a

Perrin. — E ele estava bem, uns meses atrás. — Era o que ouvira de Bo, quando as

garotas relataram o que acontecera pelas bandas de casa.

— Dois Rios — murmurou Haman. — Hum, hum. Pois sim, eu sei onde fica.

Mais uma longa caminhada.

Os Ogier não tinham o costume de montar a cavalo. Poucos cavalos eram capazes

de sustentá-los, e os Ogier preferiam avançar nos próprios pés.

— Temos que partir imediatamente — declarou Erith, com firmeza, ainda que seu

tom fosse menos grave se comparado ao de Haman.

Covril e Haman a encararam, surpresos, e as orelhas dela desabaram de vez.

Afinal, ela era uma moça jovem demais na companhia de um Ancião e de uma

mulher que Rand suspeitava de ser de alguma importância entre os seus, pela

maneira com que enfrentava Haman. Erith não devia ter um dia a mais que oitenta

anos.

Pensando nisso, Rand sorriu. Ela era uma garotinha, lá pelos seus setenta anos.

— Por favor, aceitem a hospitalidade do Palácio. Uns poucos dias de descanso

podem até acelerar sua viagem. E o senhor talvez possa me ajudar, Ancião Haman.

— Naturalmente, Loial estava sempre falando de seu professor, o Ancião Haman. O

Ogier que, segundo Loial, sabia tudo. — Preciso localizar os Portais dos Caminhos.

Todos eles.

Os três Ogier falaram ao mesmo tempo:

— Portais dos Caminhos? — perguntou Haman, erguendo as orelhas e sobranceiras ao mesmo tempo. — Os Caminhos são muito perigosos. Perigosos demais.

— Uns poucos dias? — protestou Erith. — Meu Loial pode estar morrendo.

— Uns poucos dias? — inquiriu Covril, a voz um tom acima da de Erith. — Meu

Loial pode estar... — Ela calou a boca e encarou a mais jovem, comprimindo os

lábios e tremelizando as orelhas.

Haman olhou feio para as duas, afagando a barba estreita, irritado.

— Não sei por que me deixei convencer de uma coisa dessas. Eu devia estar

dando minhas aulas, me reunindo com o Cepo... Covril, se você não fosse uma

Oradora tão respeitada...

— Se você não fosse casado com a minha irmã... — retrucou a mulher, incisiva.

— Voniel mandou que você cumprisse seu dever, Haman. — As sobrancelhas de

Haman baixaram até que as compridas pontas tocassem as bochechas, e as orelhas

de Covril pareceram perder quase toda a rigidez. — Quer dizer, Voniel *pediu* —

corrigiu ela. Não foi uma correção apressada, e ela não perdeu a pose, mas

definitivamente não hesitou em completar: — Pela Árvore e quietude, não quis

ofendê-lo, Ancião Haman.

Haman pigarreou alto — o que, para um Ogier, era muito alto — e virou-se para

Rand, puxando o casaco como se o arrumasse.

— Há Crias da Sombra usando os Caminhos — explicou Rand, antes que Haman

pudesse abrir a boca. — Deixei guardas nos poucos que pude. — Incluindo o que

ficava logo ao lado do Pouso Tsofu, depois de partirem. Aqueles três não poderiam

ter vindo a pé desde o Pouso Tsofu depois de sua última visita inútil ao local. —

Mas foram poucos. Todos precisam ser vigiados, ou então Myrddraal e Trollocs

poderão surgir do nada e nos pegar desprevenidos. Mas não faço ideia de onde ficam

todos.

Isso não adiantaria de nada para os portões, naturalmente. Às vezes ele se

perguntava por que um dos Abandonados simplesmente não abria um portão para o

palácio e mandava alguns milhares de Trollocs. Dez mil, talvez vinte. Seria muito

difícil impedir um ataque dessa magnitude, isso se *conseguisse* impedir. Seria, na

melhor das hipóteses, uma carnificina. Bem, não podia fazer nada em relação a um

portão, a menos que estivesse nele. Mas podia tomar atitudes para se proteger dos

Portais dos Caminhos.

Haman e Covril se entreolharam. Os dois foram para um canto conversar aos

sussurros — incrivelmente, falaram baixo o suficiente para que Rand ouvisse apenas

um zunido, como um imenso enxame de abelhas preso no telhado. Estava certo

sobre a mãe de Loial ser de alguma importância: uma Oradora, um título que

parecera relevante. Considerou agarrar *saidin* para poder ouvir a conversa, mas

rejeitou a ideia, enojado. Ainda não se rebaixara a bisbilhotar. A atenção de Erith

estava dividida entre Rand e seus anciões, e ela alisou as saias sem

perceber que o

fazia.

Rand torceu para que eles não decidissem perguntar por que não pedira aquilo ao

Conselho de Anciões no Pouso Tsofu. Alar, a Anciã dos Anciões de lá, fora bastante

firme: o Cepo estava se reunindo, e uma coisa tão estranha — e tão peculiar, algo

que jamais se cogitara fazer — quanto entregar a um humano o controle dos Portais

dos Caminhos só poderia ser feita com o apoio do Cepo. Quem ele era parecia não

importar — nem para ela e nem para aqueles três ali.

Haman enfim retornou, franzindo o cenho e agarrando as lapelas do casaco.

Covril também franzia a testa.

— Isso tudo está indo rápido demais, rápido demais — começou Haman, em um

tom grave, soando como o rolar de pedregulhos. — Queria poder debater isso com...

bem, não posso. Crias da Sombra, o senhor disse? Hum, hum. Muito bem, se é

preciso ligeireza, então é preciso ligeireza. E que não digam que os Ogier não sabem

agir com rapidez quando é necessário. E talvez agora seja necessário. O senhor

precisa entender que o Conselho de Anciões de qualquer *pouso* pode lhe negar isso,

e também o Cepo.

— Mapas! — gritou Rand, tão alto que os três Ogier deram um salto.

— Preciso

de mapas! — Ele deu meia-volta, procurando algum dos serviçais que pareciam

estar sempre por perto, um *gai'shain*, qualquer um. Sulin meteu a cabeça porta

adentro e espiou o pátio. Claro que ela estaria ali por perto, depois de tudo o que

Rand dissera. — Mapas — vociferou para ela. — Quero todos os mapas do Palácio.

E uma pena, e tinta. Agora! Rápido! — Sulin o encarou com uma expressão de

quase desdém e deu meia-volta. Os Aiel não usavam mapas, até alegavam que eram

desnecessários. — Corra, *Far Dareis Mai*! — gritou.

Sulin o encarou por cima do ombro... e correu. Rand se perguntou que cara estava

fazendo naquele momento para ter sido obedecido, querendo usá-la de novo quando

fosse preciso.

Pela expressão no rosto de Haman, o Ancião já estaria retorcendo as mãos em

desespero se tivesse um pouquinho menos de dignidade.

— Na verdade, tem pouca coisa que podemos de fato dizer que o senhor já não

saiba. Cada *pouso* tem apenas um Portal, bem ao lado. — Essa parte não era

novidade. Os primeiros Portais dos Caminhos não poderiam ter sido feitos dentro do

pouso, que bloqueava a canalização. E, mesmo quando os Ogier receberam o

Talismã do Crescimento e puderam eles próprios fazer com que os Caminhos

crecessem e abrissem novos Portais, ainda havia Poder envolvido, por mais que não

fosse usado para canalizar. — E tem um em cada cidade com um bosque Ogier.

Embora aqui a cidade pareça ter crescido *por cima* do bosque. E em

Al'cair'rahienallen... — A voz de Haman foi morrendo, e ele balançou a cabeça.

Era um nome que poderia muito bem sintetizar a questão. Três mil anos antes, ou

quase isso, existira uma cidade erguida pelos Ogier chamada Al'cair'rahienallen. O

local passara a se chamar Cairhien, e o bosque que os construtores Ogier plantaram

em memória de seu *pouso* era parte de uma propriedade que pertencia ao mesmo

Barthanes cujo palácio agora abrigava a escola de Rand. Ninguém, além dos Ogier e

talvez de algumas Aes Sedai, sabia de Al'cair'rahienallen. Nem mesmo os

cairhienos.

Fosse lá em que Haman acreditasse, muita coisa podia mudar em três mil anos.

Imensas cidades construídas por Ogier tinham deixado de existir, algumas sem

deixar nada além do nome. E algumas grandes cidades foram erguidas sem a mão

dos Ogier. Segundo Moiraine, Amador era uma delas, criada depois das Guerras dos

Trollocs — assim como Chachin, em Kandor, e Shol Arbela, em Arafel,

e Fal

Moran, em Shienar. Em Arad Doman, Bandar Eban fora construída sobre as ruínas

de uma cidade devastada durante a Guerra dos Cem Anos — uma cidade que

Moiraine conhecia por três nomes diferentes, nenhum deles confirmado, e que fora

erguida sobre uma cidade sem nome que desaparecera nas Guerras dos Trollocs.

Rand sabia de um Portal dos Caminhos no interior de Shienar, próximo a uma

cidade de porte médio que conservara parte do nome da gigantesca cidade arrasada

pelos Trollocs. Sabia também de outro, dentro da Praga, em Malkier, um reino

destruído pela Sombra. Outros locais tinham apenas passado por mudanças ou

crescido bastante, como apontara o próprio Haman. O Portal dos Caminhos ali em

Caemlyn agora ficava em um porão. Um porão bem escondido. Rand sabia que

havia um Portal dos Caminhos em Tear, entre os campos de pastoreio onde os Grão-

lordes criavam seus famosos rebanhos equinos. Devia haver outro em algum ponto

das Montanhas da Névoa, onde um dia ficara Manetheren — fosse lá onde fosse.

Quanto aos *pousos*, sabia apenas onde ficava o Pouso Tsofu. Moiraine não

considerara os *pousos* ou os Ogier parte essencial da educação de Rand.

— O senhor não sabe onde ficam os *pousos*? — perguntou Haman, incrédulo,

quando Rand terminou de explicar. — Isso é alguma piada Aiel? Nunca entendi o

humor do Deserto.

— Para os Ogier, já faz um bom tempo que os Caminhos foram criados —

explicou Rand, educadamente. — Para os humanos, faz uma eternidade.

— Mas o senhor nem ao menos *se lembra* de Mafal Dadaranell, Ancohimia,

Londaren Cor, ou...?

Covril pôs uma das mãos no ombro de Haman, mas a compaixão em seus olhos

era para Rand.

— Ele não se lembra — murmurou ela. — Os humanos já se esqueceram. —

Covril falava como se aquilo fosse a pior perda imaginável. Erith, apertando as mãos

sobre a boca, parecia a ponto de chorar.

Sulin voltou, fazendo questão de mostrar que não corria, seguida por um grande

grupo de *gai'shain* com braços abarrotados de rolos de mapas de todos os tamanhos,

alguns arrastando nas pedras do pavimento do pátio, de tão compridos. Um homem

de toga branca trazia uma caixa de escrita de marfim entalhado.

— Mandei alguns *gai'shain* procurarem mais — anunciou Sulin, em um tom

rígido —, junto com alguns aguacentos.

— Obrigado — respondeu Rand. Um pouco da tensão se esvaiu do rosto da Aiel.

Rand se agachou e começou a espalhar e organizar os mapas ali mesmo, nas

pedras do pavimento. Vários eram da cidade, e outros tantos representavam apenas

partes de Andor. Ele logo encontrou um que exibia toda a faixa das Terras da

Fronteira, e só a Luz sabia o que aquele mapa estava fazendo em Caemlyn. Alguns

dos mapas, já envelhecidos e puídos, mostravam fronteiras que não existiam mais e

nomeavam nações extintas centenas de anos antes.

As fronteiras e os nomes foram suficientes para ele classificar os mapas em ordem

cronológica. Nos mais antigos, Hardan margeava o norte de Cairhien. Então, com o

passar dos anos, Hardan desaparecia, e as fronteiras de Cairhien avançaram até a

metade de Shienar antes de voltarem, quando ficou claro que o Trono do Sol

simplesmente não conseguiria dar conta de tantas terras. Primeiro Maredo ficava

entre Tear e Illian, depois desapareceu, e Tear e Illian passaram a fazer fronteira nas

Planícies de Maredo, mas ambas foram se retirando aos poucos do local — pelos

mesmos motivos de Cairhien. Caralain desapareceu, assim como Almoth, Mosara,

Irenvelle e outras, por vezes absorvidas por outras nações, quase sempre virando

territórios indômitos, terras de ninguém. Aqueles mapas narravam uma história de

perecimento que começara com a ruína do império de Asa-de-gavião, um lento

recuo da humanidade. Um segundo mapa das Terras da Fronteira mostrava apenas

Saldaea e parte de Arafel, com a Fronteira da Praga cinquenta milhas mais longe a

norte. A humanidade recuava, e a Sombra avançava.

Um homem magro e careca, usando um uniforme do Palácio mal-ajustado ao

corpo, veio correndo pátio adentro com outro monte de mapas, e Rand suspirou e

prosseguiu com a seleção.

Haman, muito sério, examinava a caixa de escrita que lhe fora entregue pelo

gai'shain, então tirou outra, quase tão grande quanto, embora bastante simples, de

um espaçoso bolso do casaco. A pena que saiu da caixa era de madeira polida, bem

mais grossa que o polegar de Rand e comprida o bastante para parecer fina, mas

encaixava-se perfeitamente nos dedos robustos do Ogier. Haman apoiou-se sobre as

mãos e os joelhos e foi engatinhando por cima dos mapas que Rand estendera, vez

ou outra molhando a pena no frasco de tinta do *gai'shain* e rabiscando em uma

caligrafia que parecia grande demais, mas que para ele era bastante pequena. Covril

o acompanhava, espiando por cima do ombro de Haman, mesmo

depois de ele

perguntar duas vezes se a mulher achava que ele cometeria algum erro.

Foi uma aula para Rand, começando com sete *pousos* espalhados pelas Terras da

Fronteira. Bem, os Trollocs de fato tinham medo de entrar nos *pousos*, e até os

Myrddraal precisavam de um bom incentivo. A Espinha do Mundo, a Muralha do

Dragão, abrigava treze, incluindo o que havia na Adaga do Fratricida — apenas

algumas milhas separavam o Pouso Shangtai, ao sul, do Pouso Qichen e do Pouso

Sanshen, ao norte.

— A terra realmente mudou com a Ruptura do Mundo — explicou Haman,

quando Rand deu voz à surpresa. Ele prosseguiu com as marcações, um tanto ávido.

Ou melhor, ávido para os padrões Ogier. — A terra virou mar, e o mar virou terra,

mas a terra também se dobrou. Às vezes o que era bem distante se aproximou, e o

que era próximo se distanciou. Embora, claro, ninguém possa dizer se Qichen e

Sanshen começaram muito longe um do outro.

— Você se esqueceu de Cantoine — anunciou Covril, assustando um serviçal de

uniforme, que jogou longe a nova braçada de mapas.

Haman olhou feio para ela e rabiscou o nome logo acima do Rio Iralell, não muito

longe a norte de Haddon Mirk. Na faixa a oeste da Muralha do Dragão, da fronteira

sul de Shienar até o Mar das Tempestades, havia apenas quatro *pousos*, todos

considerados recém-encontrados pelos Ogier — o que significava que o mais

recente, Tsofu, abrigava Ogier havia apenas seiscentos anos, e nenhum dos outros

era habitado havia mais de mil anos. Alguns dos locais foram tão surpreendentes

quanto as Terras da Fronteira, como as Montanhas da Névoa, que abrigava seis, e a

Costa da Sombra. As Colinas Negras também tinham seus *pousos*, assim como as

florestas acima do Rio Ivo, e as montanhas acima do Rio Dhagon, logo ao norte de

Arad Doman.

O mais triste era a lista de *pousos* abandonados, desocupados por causa da grande

redução da população Ogier. A Espinha do Mundo, as Montanhas da Névoa e a

Costa da Sombra também estavam nessa lista, assim como um *pouso* nas

profundezas da Planície de Almoth, perto da imensa floresta de Paerish Swar, e de

um nas montanhas baixas ao longo do norte da Ponta de Toman, diante do Oceano

de Aryth. Talvez mais triste ainda fosse o *pouso* assinalado bem na extremidade da

Praga, em Arafel — os Myrddraal podiam ser relutantes em adentrar um *pouso*, mas,

à medida que a Praga avançava para o sul, ia varrendo tudo em seu caminho.

Haman hesitou e comentou, em um tom triste:

— Sherandu foi tragado pela Grande Praga há 1.843 anos, e Chandar já não existe

há 968.

— Que suas memórias floresçam e prosperem sob a Luz — murmuraram Covril e

Erith, em uníssono.

— Eu sei de um que o senhor não marcou — avisou Rand.

Perrin lhe contara que tinha se abrigado nesse *pouso*. Ele puxou um mapa de

Andor, para leste do Rio Arinelle, e tocou um ponto bem acima da estrada de

Caemlyn, rumo à Ponte Branca — se não acertou o ponto exato, ao menos sabia que

ficava bem perto.

Haman fez uma careta, quase um rosnado.

— Onde seria a cidade de Asa-de-gavião. Esse nunca chegou a ser reivindicado.

Muitos *pousos* foram encontrados, mas não reivindicados. Tentamos nos manter

afastados das terras dos homens.

Todas as marcações ficavam em montanhas escarpadas, em locais que os homens

consideravam difíceis de entrar, ou, em uns poucos casos, apenas longe de qualquer

habitação humana. O Pouso Tsofu ficava bem mais perto de um local habitado por

homens, mas mesmo ele ficava a um dia inteiro de viagem da aldeia mais próxima.

— Esse seria um ótimo debate para algum outro momento — ralhou Covril.

Falava com Rand, mas claramente se dirigia a Haman, como indicava seu olhar de

esguelha. — Quero chegar o mais a oeste que der antes do cair da noite.



Haman suspirou pesadamente.

— Ah, mas vocês não vão ficar aqui um pouco? — protestou Rand. — Devem

estar exaustos, depois de toda essa caminhada, vindos de Cairhien.

— As mulheres não se exaurem nunca — reclamou Haman —, só exaurem os

outros. É um ditado Ogier muito antigo.

Covril e Erith fungaram com desdém ao mesmo tempo. Resmungando sozinho,

Haman seguiu com sua lista, mas agora de cidades construídas pelos Ogier —

cidades que tinham abrigado bosques, cada qual com seu Portal dos

Caminhos, para

que os Ogier pudessem entrar e sair dos *pousos* sem ter de passar pelas
sempre

conturbadas terras dos homens.

Ele marcou Caemlyn, naturalmente, assim como Tar Valon, Tear,
Illian, Cairhien,

Maradon e Ebou Dar. Era tudo, no que dizia respeito às cidades que
ainda existiam,

e ele escreveu Barashta em vez de Ebou Dar. Talvez o lugar de
Barashta fosse com

as outras marcas, que indicavam locais onde os mapas não mostravam
nada além de

uma aldeia, quando muito: Mafal Dadaranell, Ancohima, Londaren
Cor, claro, e

Manetheren; além de Aren Mador, Aridhol, Shaemal, Braem, Condaris,
Hai

Ecorimon, Iman... a lista crescia, e Rand começou a ver manchinhas
úmidas em

cada mapa, quando Haman terminava. Levou um instante para
perceber que o

Ancião Ogier estava chorando em silêncio, deixando que as lágrimas
vertessem

enquanto assinalava cidades mortas e esquecidas. Talvez ele chorasse
pelo povo,

talvez pelas lembranças. A única certeza de Rand era que o choro não
era pelas

cidades em si, não era pelo trabalho perdido dos pedreiros Ogier —
para os Ogier, o

trabalho de cantaria era apenas uma função que haviam aprendido
durante o Exílio.

E que trabalho de cantaria poderia se comparar à grandiosidade das

árvores?

Um daqueles nomes lhe pareceu familiar, e a localização também. A leste de

Baerlon, vários dias de viagem para cima da Ponte Branca e Arinelle.

— Tinha um bosque aqui? — perguntou, o dedo sobre a marcação.

— Em Aridhol? — perguntou Haman. — Sim. Tinha, sim. Que tristeza.

Rand não ergueu a cabeça.

— Em Shadar Logoth — corrigiu. — Foi mesmo uma tristeza. Vocês poderiam...

vocês me mostrariam esse Portal dos Caminhos, se eu os levasse até lá?



CAPÍTULO 21

PARA SHADAR LOGOTH

— Se você nos levasse até lá? — indagou Covril, examinando o mapa nas mãos de

Rand com uma carranca descomunal. — Seria um desvio enorme do nosso caminho,

se bem me lembro onde fica Dois Rios. Precisamos encontrar Loial, e não aceito

desperdiçar nem mais um dia.

Erith assentiu com firmeza.

Haman, as bochechas ainda molhadas de lágrimas, balançou a cabeça, desapontado com a afobação das duas, mas disse:

— Não posso permitir uma coisa dessas. Aridhol... Ou Shadar Logoth, como

vocês chamam agora, um nome muito apropriado, aliás, não é lugar para alguém

jovem como Erith. Não é lugar para ninguém, aliás.

Rand se levantou, deixando o mapa cair. Conhecia Shadar Logoth melhor do que

gostaria.

— Vocês não vão perder tempo. Na verdade, vão ganhar. Levarei vocês em uma

Viagem, abrindo um portão até Shadar Logoth. Assim, vocês percorreriam mais da

metade do caminho até Dois Rios ainda hoje. E não vamos demorar. Sei que vocês

conseguiriam me guiar direto até o Portal dos Caminhos.

Ogier eram capazes de sentir os Portais dos Caminhos, se não estivessem muito

longe.

A proposta gerou outra pequena conferência diante da fonte, e dessa vez Erith

exigiu participar. Rand só conseguiu entre ouvir alguns trechos, mas estava claro que

Haman se opunha, pela forma como balançava a cabeça insistentemente; enquanto

Covril, com as orelhas tão rígidas que dava a impressão de estar tentando parecer o

mais alta possível, acreditava que deveriam aceitar. No começo, Covril franzia o

cenho tanto para Erith quanto para Haman — fosse qual fosse a relação entre sogra e

nora para os Ogier, a mãe de Loial deixava bem claro que, para ela, Erith não

deveria opinar. Mas logo mudou de ideia: as duas Ogier se uniram contra Haman,

insistentes e implacáveis.

— ... muito perigoso. Muito, muito perigoso — dizia Haman, feito um trovão

distante.

— ... quase lá ainda hoje... — argumentava um trovão mais leve, de Covril.

— ... já está Fora há muito tempo... — acrescentava o ribombar sonoro de Erith.

— ... a pressa não compensa...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... Mashadar sob nossos pés...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... como Ancião...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

Haman voltou até Rand ajeitando o casaco, como se tivesse sido rasgado ao meio,

seguido de perto pelas duas. Covril parecia mais serena que Erith, que

fazia um

esforço visível para sufocar o sorriso, mas as duas estavam com as orelhas peludas

apontadas no mesmo ângulo, transmitindo animação e satisfação.

— Nós decidimos — começou Haman, muito rígido — aceitar sua oferta. Vamos

acabar logo com esse passeio para eu poder retomar as aulas. E voltar ao Cepo.

Hum, hum. Há muito a dizer sobre o senhor, diante do Cepo.

Rand não se importava se Haman dissesse ao Cepo que ele intimidara os três. Os

Ogier mantinham distância dos homens, só aparecendo para efetuar reparos em

antigos trabalhos de cantaria, e era improvável que pudessem influenciar a opinião

de qualquer humano sobre ele.

— Ótimo — respondeu. — Vou mandar alguém buscar seus pertences na

estalagem.

— Estamos com tudo bem aqui — anunciou Covril.

A mulher foi até o outro lado da fonte, agachou-se e pegou duas trouxas que os

Ogier haviam escondido ali atrás. Qualquer uma daquelas trouxas seria uma carga

bem pesada para um homem, mas ela entregou uma a Erith e pendurou a alça da

outra nos ombros, acomodando-a enviesada no peito e apoiada nas costas.

— Imaginamos que, se Loial estivesse aqui — explicou Erith, ajeitando a trouxa

—, já estaríamos com tudo pronto para voltar ao Pouso Tsofu sem mais demora. Se

não o encontrássemos, estaríamos prontos para partir. Sem demora.

— Na verdade, o problema são as camas — confidenciou Haman, erguendo as

mãos apartadas, formando entre elas um espaço do tamanho de uma criança humana.

— Nos tempos antigos, todas as estalagens daqui de Fora tinham dois ou três quartos

para Ogier, mas hoje em dia é uma dificuldade encontrar mobília para o nosso

tamanho. É difícil de entender por quê. — Ele olhou os mapas marcados e soltou um

suspiro. — *Era* difícil entender.

Rand esperou apenas por tempo suficiente para Haman apanhar a própria trouxa,

então agarrou *saidin* e abriu um portão ali mesmo, ao lado da fonte. O buraco no ar

exibia uma rua devastada, repleta de ervas daninhas e construções em ruínas.

— Rand al'Thor — chamou Sulin, entrando no pátio em um passo quase casual, à

frente de um grupo de serviçais e *gai'shain* abarrotadas de mapas. Liah e Cassin

estavam junto, com a mesma naturalidade fingida. — Você pediu mais mapas.

O olhar de Sulin para o portal era quase acusatório.

— Posso me proteger melhor lá sozinho do que com vocês — explicou Rand, com

frieza. Não pretendia ser frio, mas, envolto no Vazio, não havia como a voz soar

mais que fria e distante. — Não há nada que suas lanças possam combater, e há

algumas coisas que as lanças não venceriam.

Sulin ainda exibia boa parte da irritação de mais cedo.

— Por isso mesmo deveríamos ir.

Aquilo não faria sentido para ninguém que não fosse Aiel, mas...

— Eu não vou discutir — declarou Rand. Sulin tentaria ir atrás, caso ele

recusasse. Ela convocaria Donzelas que tentariam pular portal adentro, mesmo que a

abertura já estivesse se fechando. — Imagino que todo o restante da guarda de hoje

deve estar logo ali dentro, na próxima sala. Convoque todas com um assobio. Mas

quero que todos fiquem perto de mim e tomem o cuidado de não tocar em nada. Seja

rápida. Quero acabar logo com isso.

Suas lembranças de Shadar Logoth não eram nada agradáveis.

— Eu as mandei embora, como você insistiu — retrucou Sulin, indignada. —

Conte devagar até cem.

— Dez.

— Cinquenta.

Rand assentiu, e a mulher remexeu os dedos. Jalani disparou para dentro, e Sulin

remexeu as mãos outra vez. Três *gai'shain*, atônitas, largaram o monte de mapas que

carregavam, ergueram os longos robes brancos e correram de volta para o Palácio

por caminhos diferentes. As mulheres pareciam muito surpresas, e nenhum Aiel

nunca demonstrava tamanha surpresa. Sulin nem esperou: já tinha desaparecido

quando as *gai'shain* começaram a se afastar.

Quando Rand chegou a vinte, Aiel começaram a saltar pátio adentro, pulando

pelas janelas, jogando-se das sacadas. Ele quase perdeu a conta. Todos estavam

velados, e havia apenas algumas Donzelas. Os Aiel olharam em volta, confusos por

verem apenas Rand e três Ogier, que olharam de volta para eles, curiosos. Alguns

baixaram os véus. Os serviçais do Palácio se encolheram, aproximando-se uns dos

outros de modo apreensivo.

O fluxo de Aiel continuou mesmo depois de Sulin voltar, o véu baixado, no exato

instante em que ele chegou a cinquenta. O pátio estava tomado de Aiel. Logo ficou

claro que a mulher espalhara a notícia de que o *Car'a'carn* estava em perigo, a única

forma que encontrara de reunir lanças suficientes no tempo que lhe fora concedido.

Os homens resmungaram, amargurados, mas a maioria logo concluiu que era uma

boa piada, e alguns soltaram risadinhas e bateram as lanças nos broquéis. Ainda

assim, nenhum foi embora. Eles olharam o portão e se endireitaram, agachados,

tentando ver o que estava acontecendo.

Com os ouvidos aguçados pelo Poder, Rand ouviu Nandera, uma Donzela bem

musculosa, ainda bela apesar dos cabelos mais grisalhos que louros, sussurrar para

Sulin:

— Você falou com as *gai'shain* como se fossem *Far Dareis Mai*.

Os olhos azuis de Sulin encararam os verdes de Nandera com firmeza.

— Falei. Lidaremos com isso ainda hoje, depois que Rand al'Thor estiver seguro.

— Depois que ele estiver seguro — concordou Nandera.

Sulin logo destacou vinte Donzelas, inclusive algumas que tinham composto a

guarda naquela manhã. Quando Urien começou a escolher seus Escudos Vermelhos,

homens de outras sociedades insistiram para serem incluídos. Aquela cidade para

além do portão parecia um lugar cheio de inimigos, e o *Car'a'carn* tinha que ser

protegido. Na verdade, nenhum Aiel dava as costas a uma possibilidade de luta — e

quanto mais jovens, mais provável que corressem atrás de uma. Uma nova discussão

começou quando Rand declarou que não poderia haver mais homens do que as

Donzelas — o que desonraria as *Far Dareis Mai*, posto que elas carregavam sua

honra —, e que Sulin não poderia escolher mais nenhuma Donzela. Falara sério

quando dissera que estava levando aqueles Aiel a um lugar onde nenhuma de suas

habilidades de batalha poderia protegê-los, e cada um que levava era um a mais em

quem ficar de olho. Claro que não explicou isso. Não havia como saber quem ficaria

ofendido com aquilo.

— Lembrem-se de não tocar em nada — ressaltou, assim que todos foram

selecionados. — Não peguem nada, nem mesmo tomem um gole de água. E fiquem

sempre à vista. Não entrem em nenhuma casa, não importa o motivo.

Haman e Covril assentiram com vigor, o que pareceu impressionar mais os Aiel

que as palavras de Rand. Bem, não importava. Bastava que ficassem impressionados.

O grupo cruzou o portal e adentrou uma cidade morta — uma cidade mais do que

morta.

O sol dourado, já a mais de meio caminho do zênite, escaldava as ruínas

grandiosas. Aqui e ali ainda havia imensos domos intactos sobre palácios de

mármore claro, porém era mais comum ver construções sem teto, e na maioria dos

casos restavam apenas as ruínas de algum fragmento curvo. Compridas passarelas

sustentadas por colunas ligavam torres mais altas do que Cairhien jamais sonhara

ter, algumas com extremidades irregulares. Por todo lado se viam tetos

desmoronados das casas, além de tijolos e pedras espalhados pelas

pedras rachadas

do pavimento, resquícios de construções e muralhas desabadas. Fontes espatifadas e

monumentos destruídos decoravam cada cruzamento. As imensas montanhas de

entulho eram pontilhadas de árvores atrofiadas, morrendo pela falta de água. Ervas

mortas revestiam as rachaduras das ruas e dos edifícios. Nada se movia — nem um

pássaro, nem um rato, nem a brisa. O silêncio dominava Shadar Logoth. Onde a

Sombra Espreita.

Rand deixou o portão se fechar. Nenhum Aiel baixou o véu. Os Ogier olhavam

em volta, tensos, as orelhas bem para trás. Rand agarrou-se a *saidin*, naquela luta

que, como dizia Taim, fazia o homem saber que estava vivo. Mesmo se não pudesse

canalizar — especialmente nesse caso, talvez —, naquele lugar era bom ser

lembrado de que estava vivo.

Aridhol era uma capital magnífica nos tempos das Guerras dos Trollocs, aliada de

Manetheren e do restante das Dez Nações. Essas guerras duraram tanto tempo que

faziam a Guerra dos Cem Anos parecer breve, e também davam a impressão de que

a Sombra estava vencendo em todos os cantos e que cada vitória da Luz servia

apenas para se ganhar tempo. Foi quando Mordeth tornou-se conselheiro de Aridhol

e convencerá o governante de que, para ganhar a guerra — para sobreviver à guerra

—, a cidade teria que ser ainda mais forte que a Sombra, ainda mais cruel e menos

confiável que a Sombra. E isso foi se estabelecendo aos poucos, até que, por fim,

Aridhol se tornou um lugar tão tenebroso quanto a Sombra — se não mais. A Guerra

dos Trollocs seguia, feroz, mas Aridhol voltou-se para si mesma — virou-se contra

si mesma. Consumindo-se.

E algo foi deixado para trás. Algo que impedia qualquer um de voltar a viver ali.

Até a menor pedrinha daquele lugar estava maculada com o ódio e a desconfiança

que tinham assassinado Aridhol e deixado Shadar Logoth em seu lugar. Com o

tempo, até a menor pedrinha deixava uma mácula própria.

E ali ainda resistia algo além da mácula, embora essa já fosse forte o suficiente

para afastar qualquer homem são.

Rand girou o corpo bem devagar, mantendo-se no mesmo lugar, examinando cada

janela como se fosse uma órbita oca, os olhos arrancados das construções. O sol

ainda estava alto, mas ele já sentia os olhos invisíveis o observando. Quando passara

por ali antes, a sensação só ficara forte daquele jeito depois de o sol começar a

baixar. Muito mais do que a mácula persistia ali. Um exército de Trollocs morrerá

enquanto acampava ali, desaparecera por completo, deixando apenas manchas de

sangue nas paredes — mensagens implorando ao Tenebroso que os salvasse. Shadar

Logoth não era um bom local para se estar à noite.

Este lugar me dá medo, murmurou Lews Therin, por trás do Vazio .
Você não fica

com medo?

Rand ficou sem fôlego. A voz estava mesmo falando com ele? *Fico.*

A escuridão está aqui. Um negrume mais negro que o negro mais intenso. Se o

Tenebroso escolhesse viver entre os homens, viveria aqui.

Sim. Viveria.

Preciso matar Demandred.

Rand ficou sem reação.

Demandred tem alguma ligação com Shadar Logoth? Com este lugar?

Eu agora me lembro de que matei Ishamael. A voz transmitia um quê admirado,

como se acabasse de descobrir isso. *Ele mereceu morrer. Lanfear também mereceu,*

mas fico feliz que não tenha sido por minhas mãos.

Será que a voz apenas parecia estar falando com ele, por acaso? Ou Lews Therin

estava ouvindo, respondendo?

Como foi que eu... que você matou Ishamael? Me conte.

Morte. Quero a morte completa. Mas não aqui. Não quero morrer aqui.

Rand suspirou. Era apenas por acaso. Também não queria morrer ali. Um palácio

próximo, com as colunas da frente quebradas, estava bem inclinado em direção à

rua. Poderia desabar a qualquer momento, soterrando-os ali mesmo.

— Podem guiar — disse a Haman. E alertou os Aiel: — Lembrem-se do que eu

disse. Não toquem em nada, não peguem nada e não sumam de vista.

— Não achei que estivesse tão ruim — murmurou Haman. — Quase abafa a

sensação do Portal dos Caminhos.

Erith soltou um gemido de lamento, e Covril teria soltado outro, se não fosse tão

ativa. Os Ogier eram muito sensíveis à atmosfera de um lugar. Haman apontou. O

suor em seu rosto não tinha nenhuma relação com o calor.

— Por aqui.

O pavimento rachado estalava sob as botas de Rand feito ossos sendo

esmigalhados. Haman conduziu o grupo pelas ruas e esquinas, passando por diversas

ruínas, mas sempre seguro da direção. Os Aiel à volta avançavam nas pontas dos

pés. Seus olhos, a única parte do rosto visível por entre as dobras dos véus negros,

indicavam que não esperavam um ataque — para eles, o ataque já tinha começado.

Os olhos invisíveis que os observavam e as construções destroçadas trouxeram

memórias que Rand preferia evitar. Fora ali que Mat iniciara a jornada que o levaria à

Trombeta de Valere — uma jornada que quase o matara, e talvez a mesma jornada

que o conduzira a Rhuidean e ao *ter'angreal* do qual ele não queria falar. Ali, Perrin

desaparecera quando todos foram forçados a fugir no meio da noite — quando Rand

enfim o reencontrou, o amigo tinha olhos dourados tristes e segredos que Moiraine

jamais revelara.

Ele próprio não escapara incólume, embora Shadar Logoth não o tivesse tocado

diretamente. Padan Fain seguira todos até ali: Rand, Mat, Perrin, Moiraine, Lan,

Nynaeve e Egwene. Padan Fain, o mascate que sempre visitava Dois Rios. Padan

Fain, o Amigo das Trevas. Que agora, segundo Moiraine, era mais que Amigo das

Trevas — algo pior. Fain seguira todos até Shadar Logoth, mas o que saiu de lá foi

mais — ou menos — do que entrou. Padan Fain, ou quanto ainda restara dele, queria

ver Rand morto. Já ameaçara todos os que Rand amava caso o garoto não fosse ao

seu encontro. E Rand não fora. Perrin lidara com a ameaça e protegera Dois Rios,

mas — Luz! — como doía. E o que Fain estava fazendo com os Mantos-brancos?

Será que Pedron Niall era Amigo das Trevas? Se algumas Aes Sedai podiam ser,

então o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz também podia.

— Lá está — anunciou Haman, e Rand levou um susto.

Shadar Logoth era o pior lugar do mundo para se perder em devaneios.

O Ancião estava parado onde já houvera uma praça enorme. Um dos cantos estava

cheio de entulho enferrujado. No meio, onde talvez existisse uma fonte, havia uma

cerca com filigranas de algum metal brilhante. Era da altura de um Ogier, e, ao

contrário do restante dos escombros da cidade, permanecera intocada pela ferrugem.

A cerca envolvia o que parecia uma pedra alta com entalhes de vinhas e folhas ao

sabor da brisa — tinham sido esculpidas com tamanho esmero que parecia que a

brisa logo voltaria a soprar. Pareciam tão bem-feitas que era uma surpresa notar seu

tom cinza e pétreo, não verde. Era o Portal dos Caminhos, mesmo que não se

parecesse com um portal.

— Derrubaram o bosque assim que os Ogier partiram para os

pousos — resmungou Haman, irritado, as compridas sobrancelhas caídas. Mal

esperaram uns vinte ou trinta anos para expandir a cidade.

Rand tocou a cerca com um fluxo de Ar, perguntando-se como transpor aquele

obstáculo. Piscou, surpreso, quando a estrutura inteira se desfez em vinte ou mais

pedaços, que desabaram com um estrépito que fez os Ogier darem um salto. Rand

balançou a cabeça. Claro. Qualquer metal que tivesse sobrevivido tanto tempo sem o

menor pontinho de ferrugem *só podia* ter sido feito a partir do Poder. Talvez fosse

um resquício da Era das Lendas. Mas os fluxos que uniam as placas de metal já

estavam enfraquecidos havia muito, só esperando um bom solavanco.

Covril botou a mão em seu ombro.

— Queria pedir que o senhor não abrisse. Loial com certeza lhe ensinou como

fazer... ele sempre teve interesse demais nesse tipo de coisa. Mas os Caminhos são

perigosos.

— Posso trancar — anunciou Haman —, para que não possa mais ser aberto sem

o Talismã do Crescimento. Hum, hum. É bem simples. A solução é muito óbvia. —

Mas ele não parecia ansioso por tentar, e nem fez menção de se aproximar do portal.

— Talvez o portal tenha que ser usado às pressas, sem que se tenha tempo de

pegar um Talismã do Crescimento — explicou Rand.

Todos os Caminhos talvez tivessem que ser usados, a despeito dos perigos. Se

pudesse dar um jeito de purificá-los... era um projeto quase tão ambicioso quanto o

anúncio que fizera a Taim de que purificaria *saidin*.

Começou criando tessituras em torno do Portal usando todos os Cinco Poderes,

erguendo as partes da cerca de volta para o lugar. Desde o primeiro fluxo que

canalizou, sentiu que a mácula parecia pulsar dentro dele — uma vibração que aos

poucos tomava seu corpo. Devia ser em resposta ao mal de Shadar

Logoth, um mal

ecoando o outro. Mesmo dentro do Vazio, ficou tonto com tantas reverberações,

como se o mundo oscilasse sob seus pés. A sensação o deixou com ânsia, querendo

vomitare tudo o que já comera na vida. Ainda assim, perseverou. Não podia botar

homens de guarda ali, assim como não podia enviar batedores para explorar a

cidade.

A trama que ele urdiu, para então inverter, era uma armadilha horrível, adequada

para aquele lugar. Um selo de proteção da mais profunda e completa vilania. Podia

erguer um selo contra humanos ou um selo contra Crias da Sombra, mas não os dois.

Por aquele ali, humanos passariam incólumes, e talvez até os Abandonados

conseguissem atravessar — e quem sabe não conseguiriam nem notar sua presença.

Ainda assim, se alguma Cria da Sombra passasse por ali... bem, era a questão da

vilania. A criatura não morreria imediatamente, e talvez até vivesse para transpor as

muralhas da cidade. Tempo suficiente para chegar bem longe, sair dali e não servir

de aviso para o próximo Myrddraal que passasse. Tempo suficiente para a

debandada de um exército de Trollocs, talvez deixando alguns para trás pelo

caminho. E seria uma morte cruel o bastante para um Trolloc. Fazer

aquilo o enojava

tanto quanto a mácula em *saidin*.

Trançar os últimos nós da trama e soltar *saidin* só lhe trouxe um pouco de alívio.

O resíduo de podridão que sempre parecia persistir ainda pulsava, e Rand quase

sentia como se o chão pulsasse debaixo de suas botas. Os dentes e as orelhas doíam.

Mal via a hora de sair dali.

Respirou fundo e preparou-se para canalizar outra vez, abrir um portão... então

parou, franzindo o cenho. Contou todos depressa, depois recontou, mais devagar.

— Está faltando alguém. Quem é?

Os Aiel levaram apenas um instante para conferir.

— Liah — anunciou Sulin, por baixo do véu.

— Ela estava logo atrás de mim. — A voz de Jalani era inconfundível.

— Talvez ela tenha visto alguma coisa. — Parecia ser a voz de Desora.

— Eu mandei todo mundo ficar junto! — A ira irrompeu pelo Vazio como ondas

arrebentando contra um rochedo, espumando. Alguém estava faltando, e eles ainda

encaravam a situação com a maldita frieza Aiel. Uma *Donzela* faltando. Uma mulher

desaparecida em Shadar Logoth. — Ah, quando eu encontrar aquela... — Ele

combateu a fúria que ameaçava engolir o vazio à sua volta, ganhando plegada a

plegada de autocontrole. Queria era gritar com Liah até ela desmaiar,

então mandá-

la para Sorilea pelo resto de sua vida. Sua fúria era incandescente, assassina. —

Dividam-se em pares. Chamem o nome dela, procurem por toda parte, mas não

entrem em prédio nenhum, não importa o motivo. E fiquem longe das sombras. Aqui

um homem pode morrer sem nem se dar conta. Todos vocês podem morrer sem nem

se darem conta. Se virem Liah dentro de alguma construção, me chamem primeiro,

mesmo que ela pareça completamente normal. Me chamem, a não ser que ela vá até

vocês.

— Conseguiríamos procurar mais rápido sozinhos — sugeriu Urien, e Sulin

assentiu em concordância. Houve acenos afirmativos demais entre os outros Aiel.

— Em pares! — Rand teve que lutar outra vez contra a fúria. *Que a Luz queime*

essa teimosia Aiel! — Pelo menos assim cada um tem alguém de apoio. Façam o que

eu digo na hora que eu digo, pelo menos uma vez na vida. Eu já estive aqui antes, sei

um pouco mais do que vocês sobre este lugar.

Alguns minutos depois, quase todos gastos em um debate sobre quantos deveriam

permanecer ao lado de Rand, vinte pares de Aiel se espalharam pela cidade em

ruínas. Só uma ficou — Jalani, Rand achava, mas era difícil ter certeza por conta do

véu. Pela primeira vez, a mulher não parecia nem um pouco satisfeita em vigiá-lo.

Seus olhos verdes exibiam um brilho firme de contrariedade.

— Acho que podemos formar mais uma dupla — sugeriu Haman, olhando para

Covril.

A Ogier assentiu.

— E Erith pode ficar aqui.

— Não! — gritaram Rand e Erith, quase no mesmo instante.

Os Ogier mais velhos se viraram, os rostos graves e cheios de desaprovação. As

orelhas de Erith afundaram até quase a ponto de desabar.

Rand conteve o mau humor com mais firmeza. Antes, quando estava no Vazio,

toda a raiva parecia permanecer em um lugar distante, ligada a ele por apenas um

fio. Só que cada vez mais a raiva ameaçava arrebatá-lo, arrebatá-lo o Vazio. O que

poderia ser um desastre. Bem, fora isso...

— Peço desculpas. Não tinha o direito de gritar com o senhor, Ancião Haman,

nem com a senhora, Oradora Covril. — Seria a forma apropriada de se dirigir a eles?

Eram mesmo aqueles títulos, para início de conversa? Nada na expressão dos dois

lhe deu qualquer resposta. — Agradeceria muito se permanecessem aqui comigo.

Podemos procurar todos juntos.

— É claro — concordou Haman. — Não vejo como lhe oferecer mais

proteção do

que o senhor é capaz de oferecer a si mesmo, mas o pouco que tenho a
lhe oferecer é

sua. — Covril e Erith assentiram em aprovação. Rand não fazia ideia
do que Haman

estava falando, mas não parecia hora de perguntar, com os três
parecendo preparados

para protegê-lo. Não tinha dúvidas de que conseguiria manter os três a
salvo, desde

que não se afastassem.

— Contanto que siga suas próprias regras, Rand al'Thor. — A Donzela
de olhos

verdes de fato era Jalani, soando animada por não ter que ficar ali
esperando.

Rand torceu para que os outros tivessem entendido bem o perigo
daquele lugar.

A busca já começou frustrante. Percorreram as ruas vigiadas por olhos
invisíveis

de cima a baixo, por vezes escalando entulho, sempre gritando por
Liah. Os berros

de Covril faziam ranger as paredes inclinadas, e os de Haman
arrancavam grunhidos

abomináveis das ruínas. Não se ouvia resposta. Os únicos outros sons
eram os gritos

das outras duplas de busca e os ecos zombeteiros se dissipando pelas
ruas. Liah!

Liah!

O sol já estava quase a pino quando Jalani comentou:

— Não acho que ela teria vindo tão longe, Rand al'Thor. A não ser que
estivesse

tentando fugir de nós, coisa que não faria.

Rand, que examinava as colunas sombrias no topo de amplos degraus de pedra,

tentando ver o interior de um amplo aposento mais adiante, virou-se para a Aiel. Até

onde pudera ver, não havia nada ali além de poeira. Nenhuma pegada. Os olhos

invisíveis tinham esvanecido — não pareciam ter ido embora, mas quase.

— Temos que procurar o máximo que der. Talvez ela... — Não soube como

concluir a frase. — Não quero abandonar Liah aqui, Jalani.

O sol subiu mais ainda, então começou a descer. Rand estava no topo do que um

dia fora um palácio, talvez um bloco inteiro de edifícios. Agora era uma colina, tão

desgastada pelos anos que só o punhado de tijolos quebrados e os pedaços de

madeira trabalhada despontando do chão seco davam indícios de que um dia fora

outra coisa.

— Liah! — gritou, entre as mãos em concha. — Liah!

— Rand al'Thor! — chamou uma Donzela da rua de baixo, descendo o véu para

que ele a reconhecesse. Sulin. Ela e sua dupla, ainda velada, estavam com Jalani e os

Ogier. — Desça aqui.

Ele desceu depressa, fazendo subir uma nuvem de poeira e uma chuva de

fragmentos de tijolo e pedras. Foi tão rápido que quase caiu duas

vezes.

— Encontraram?

Sulin balançou a cabeça.

— Mas já teríamos encontrado, se ela estivesse viva. Liah não teria ido tão longe

sozinha. Se alguém a levou, acho que a levou morta. Ela não cederia tão fácil. E, se

está ferida a ponto de não conseguir responder a nossos chamados, isso também

deve significar que ela está morta.

Haman soltou um suspiro triste. As compridas sobrelanceiras das outras duas Ogier

desabaram até as bochechas. Por alguma razão, seus olhares tristes e pesados se

voltaram para Rand.

— Continuem procurando — mandou.

— Podemos olhar dentro das construções? Tem muitas salas que não conseguimos ver de fora.

Rand hesitou. Ainda estava perto do meio da tarde, mas já voltara a sentir aqueles

olhos invisíveis à espreita. Tão forte quanto sentira no sol poente, da primeira vez

que estivera lá. As sombras não eram seguras em Shadar Logoth.

— Não. Mas vamos continuar procurando.

Não soube ao certo por quanto tempo seguiu gritando pelas ruas. Depois de um

tempo, Urien e Sulin pararam diante dele, ambos desvelados. O sol já tocava os

topos das árvores a oeste, uma bola vermelho-sangue no céu sem nuvens. As

sombras se estiravam, compridas, por sobre as ruínas.

— Eu procuro pelo tempo que você quiser — começou Urien —, mas gritar por

ela não vai adiantar de mais nada. Se pudéssemos entrar nas construções...

— Não. — A resposta saiu fraca e rouca, e Rand pigarreou.

Luz, como queria água. Os vigias invisíveis estavam em cada janela, cada fresta,

aos milhares, aguardando, antecipando. As sombras envolviam a cidade. As sombras

não eram seguras em Shadar Logoth, mas a escuridão era pior — trazia apenas a

morte. Mashadar surgia ao pôr do sol.

— Sulin, eu...

Não conseguia se obrigar a dizer que precisavam desistir, deixar Liah para trás,

não importava se a mulher estava viva ou morta, ou talvez caída em algum lugar,

inconsciente, fora de vista, atrás de um muro ou sob uma pilha de tijolos desabados.

Poderia estar.

— Seja lá o que estiver nos vigiando, acho que está esperando o cair da noite —

comentou Sulin. — Olhei para dentro de janelas e senti que algo me encarava de

volta, mas não havia nada para ver. Não será nada fácil dançar as lanças com algo

que os olhos não podem ver.

Rand então percebeu quanto desejava que Sulin falasse outra vez que Liah devia

estar morta, que era melhor irem embora. Liah poderia estar ferida, caída em algum

lugar por ali — era possível. Apalpou o bolso do casaco. O *angreal* do homenzinho

gordo estava em Caemlyn, junto com sua espada e o cetro. Não sabia ao certo se

conseguiria proteger o grupo todo, depois do cair da noite. Moiraine revelara que

achava que nem a Torre Branca inteira conseguiria matar Mashadar — isso se

Mashadar pudesse ser considerado um ser vivo.

Haman pigarreou.

— Pelo que me lembro de Aridhol, ou melhor, de Shadar Logoth — comentou,

franzindo o cenho —, quando o sol cair, nós provavelmente morreremos.

— Sim — concordou Rand, em um sussurro relutante.

Liah, que talvez estivesse viva. Todos os outros. Covril e Erith, um pouco

afastadas, conversavam em particular. Conseguiu ouvir um sussurro: “Loial.”

O dever é mais pesado que a montanha. A morte, mais leve que a pluma.

O comentário de Lews Therin só podia ter sido tirado das memórias e dos

pensamentos do próprio Rand — ao que parecia, as memórias atravessavam aquela

barreira para todos os lados —, mas a frase o afetou profundamente.

— Temos que ir — anunciou. — Não importa se Liah estiver viva ou

morta,

nós... nós temos que ir.

Urien e Sulin apenas assentiram, mas Erith se aproximou e afagou seu ombro com

uma delicadeza surpreendente, considerando que a mão era grande o bastante para

envolver sua cabeça.

— Se me permite incomodá-lo — começou Haman —, já ficamos aqui bem mais

tempo do que o esperado. — Ele apontou para o sol poente. — Eu ficaria muito

agradecido se o senhor fizesse a gentileza de nos levar para fora da cidade daquela

mesma maneira que nos trouxe até aqui.

Rand então se lembrou da floresta que ficava nas cercanias de Shadar Logoth.

Dessa vez não haveria Myrddraal ou Trollocs por lá, mas ainda assim era uma

floresta densa, e só a Luz sabia a que distância ou em que direção ficava a aldeia

mais próxima.

— Vou fazer melhor que isso. Posso levar vocês direto até Dois Rios, e tão rápido

quanto viemos para cá.

Os dois Ogier mais velhos assentiram, muito sérios.

— Que a bênção da Luz e a quietude retribuam a sua ajuda — murmurou Covril.

As orelhas de Erith tremelicaram de ansiedade — talvez tanto por ver Loial

quanto por enfim sair de Shadar Logoth.

Rand hesitou por um instante. Loial decerto estava em Campo de Emond, mas não

poderia levar os Ogier direto até lá. Era muito provável que a notícia de sua visita se

espalhasse para além de Dois Rios. Teria que ir para um ponto longe da aldeia, longe

o bastante para evitar as fazendas ali por perto.

Abriu o portão — um feixe de luz vertical despontou no ar e se alargou, e a

mácula se revirou outra vez dentro dele. Estava pior que antes, e agora o chão

parecia pulsar sob as solas de suas botas.

Seis Aiel pularam portão adentro, e os três Ogier os seguiram com uma pressa

nem um pouco inesperada, dadas as circunstâncias. Rand hesitou e olhou para trás,

para a cidade em ruínas. Tinha prometido que permitiria que as Donzelas morressem

por ele.

Assim que o último Aiel passou, ouviu Sulin soltar um silvo de dor. Olhou para

ela, mas a mulher encarava a mão dele — o dorso da mão, no qual Rand esfregara as

unhas até tirar sangue. Envolto no Vazio como estava, a dor parecia pertencer a

outra pessoa. A marca física não importava, o ferimento logo cicatrizaria, mas a

ferida interna era mais profunda, em um lugar onde ninguém poderia ver. Um corte

para cada Donzela morta, feridas que ele jamais deixava cicatrizar.

— Terminamos por aqui — anunciou, atravessando para Dois Rios. A palpitação

da mácula desapareceu com o portão.

Rand tirou um momento para se orientar, franzindo o cenho. Não era fácil

posicionar um portão com precisão, ao menos em um local desconhecido, mas

escolhera uma área bem familiar: um prado coberto de ervas daninhas a sul do

vilarejo, a boas duas horas de caminhada de Campo de Emond — um lugar

desocupado e sem qualquer utilidade. Ainda assim, avistou formas se movendo sob a

luz pálida do crepúsculo — ovelhas, um rebanho grande, e um garoto de cajado nas

mãos e arco pendurado nas costas, encarando o grupo de recém-chegados a cerca de

cem passadas de distância. Rand nem precisaria do olhar aguçado pelo Poder para

dizer que o pastorzinho estava de olhos arregalados. O garoto largou o cajado e saiu

correndo para uma casa que não estava lá quando Rand viu o lugar pela última vez.

Uma casa com telhado de telhas.

Por um instante, ele se perguntou se estava mesmo em Dois Rios. A atmosfera

local era familiar, assim como os cheiros. Mas todas aquelas mudanças de que Bo e

as outras meninas lhe falaram... Rand não as tinha assimilado de fato, porque nada

mudava em Dois Rios. Será que devia mandar as meninas de volta para ali, para

casa? *Você tem é que ficar longe delas*, pensou, irritado.

— Campo de Emond é por ali — anunciou Rand. Campo de Emond. Perrin. Tam

também devia estar lá, hospedado na estalagem Fonte de Vinho, junto dos pais de

Egwene. — É lá que Loial deve estar. Não sei se vocês conseguem chegar antes do

cair da noite, talvez seja melhor vocês irem falar com o pessoal daquela casa ali, eles

com certeza cederão um lugar para vocês dormirem. Mas não falem de mim, nem

revelem a ninguém como vocês chegaram aqui.

Já tinha sido visto por aquele garoto, mas o que ele contasse poderia muito bem

ser tido como exagero quando três Ogier aparecessem.

Haman e Covril se entreolharam enquanto ajeitavam a trouxa nas costas, e a Ogier

declarou:

— Não contaremos nada sobre como chegamos até aqui. Deixe que as pessoas

inventem as histórias que quiserem.

Haman afagou a barba e pigarreou.

— Não vá se matar.

Mesmo no Vazio, Rand levou um susto com o comentário.

— O quê?

— A estrada à sua frente é longa e escura — explicou Haman, em sua voz

retumbante — e eu temo que esteja muito manchada de sangue.
Também temo que o

senhor acabe levando todos nós por essa estrada. Mas não se esqueça
de que precisa

viver para chegar ao fim do caminho.

— Eu vou — respondeu Rand, sem rodeios. — Sigam com a Luz. —
Tentou

imprimir algum afeto ao que dizia, qualquer sentimento que fosse,
mas não sabia se

conseguira.

— Siga com a Luz — respondeu Haman, e as mulheres repetiram.

Os três Ogier deram as costas para o grupo, rumo à casa mais adiante.
Mas nem

mesmo Erith parecia acreditar que ele conseguiria seguir com a Luz.

Rand ficou um instante a mais ali, parado. Algumas pessoas tinham
saído da casa

e observavam os Ogier se aproximarem, mas os olhos de Rand
estavam voltados

para noroeste — não na direção de Campo de Emond, e sim da
fazenda onde

crescera. Dar meia-volta e abrir um portão para Caemlyn foi como
arrancar o

próprio braço — aquela dor seria um lembrete muito mais adequado
da morte de

Liah do que um mero arranhão.



CAPÍTULO 22

RUMO AO SUL

Mat jogava as cinco pedras para cima, formando um círculo que girava suavemente

logo acima das mãos — uma vermelha, uma azul, uma verde-clara e as outras duas

com listras em padrões interessantes. Não parara de cavalgar enquanto jogava as

pedras, conduzindo Pips com os joelhos, a lança de cabo preto enfiada atrás da cinta

da sela, no lado oposto em que repousava o arco desencordado. As pedras

lembravam Thom Merrilin, que lhe ensinara a arte do malabarismo, e ele se

perguntou se o velho ainda estaria vivo. Pouco provável. Parecia ter passado uma

eternidade desde que Rand mandara o menestrel ir atrás de Elayne e Nynaeve,

querendo que ele cuidasse das duas — se existiam duas mulheres que precisassem

menos de cuidados, Mat não conhecia. Só sabia que não havia dupla de mulheres

mais capazes de fazer um homem acabar morto simplesmente por não dar ouvidos a

seus conselhos. Nynaeve se metia em tudo o que um homem fazia, dizia ou pensava

e sempre puxava aquela maldita trança na cara de quem fosse, e aquela maldita

Filha-herdeira sempre achava que conseguiria deixar as coisas do jeito dela se

empinasse bem o nariz e explicasse o que queria tão mal quanto Nynaeve — mas

com Elayne era ainda pior, já que, se a petulância gélida não desse certo, a garota

sorria, deixando as covinhas à mostra, e esperava que acabassem cedendo só porque

ela era bonita. Mat torcia para que Thom tivesse sobrevivido às duas. E torcia para

que elas também estivessem bem, mesmo que não fosse se importar muito se

tivessem se metido em apuros vez ou outra desde que partiram às pressas sabia lá a

Luz para onde. Elas que vissem como era difícil não ter Mat sempre por perto para

descascar os abacaxis — e não tinham agradecido nem uma única vez quando ele

estava sempre lá para ajudar. E nem precisavam ter encontrado algum abacaxi muito

grande, só algo difícil o suficiente para desejarem que Mat Cauthon estivesse ali

para resgatá-las de novo, como o idiota que era.

— E você, Mat? — indagou Nalesean, puxando as rédeas para se aproximar. — Já

pensou alguma vez em como seria ser Guardião?

Mat quase deixou cair as pedras. Daerid e Talmanes o encaravam, muito suados,

esperando a resposta. O sol já deslizava em direção ao horizonte, e em pouco tempo

teriam que parar. O crepúsculo parecia durar cada vez mais conforme os dias iam se

encurtando, mas Mat queria já estar sossegado com seu cachimbo quando a noite

enfim caísse. E, além do mais, aquele era o tipo de terreno onde era muito fácil os

cavalos quebrarem as pernas, se viajassem no escuro. Os cavalos e os homens.

Vinham do norte, e o Bando se estendia atrás dele, patas de cavalos e pés

humanos levantando um rastro de poeira. Os estandartes drapejavam ao vento, mas

os tambores estavam quietos conforme o grupo atravessava as colinas baixas

cobertas por um matagal esparsos com aglomerados de árvores aqui e

ali. Avançavam

mais rápido do que Mat imaginara: fazia onze dias que tinham partido de Maerone,

mas já estavam na metade do caminho — talvez um pouco além — para Tear. E só

tinham gastado um dia inteiro com o descanso dos cavalos. Claro que não sentia a

menor pressa para tomar o lugar de Weiramon, mas não conseguia deixar de se

perguntar quanto mais conseguiriam percorrer se avançassem entre o nascer e o pôr

do sol, caso precisassem. Até ali, o máximo que tinham conseguido era quarenta e

cinco milhas de uma só vez. Claro que os carroções com mantimentos levariam

metade da noite para alcançá-los, mas, nos últimos dias, os homens a pé tinham feito

questão de demonstrar que conseguiriam acompanhar os cavalos ao longo da

viagem, ainda que não se mantivessem emparelhados com os animais a todo

momento.

Um pouco mais para trás, a leste, havia um grupo de Aiel no topo de uma

elevação cercada por árvores, todos correndo sem a menor dificuldade, diminuindo a

distância pouco a pouco. Deviam estar viajando desde o nascer do sol e era certo que

continuariam avançando até o cair da noite — isso se não avançassem por mais

tempo. Se passassem pelo Bando enquanto ainda houvesse luz para vê-

los, seria um

bom estímulo para os homens no dia seguinte. Sempre que os Aiel os ultrapassavam,

os homens pareciam dispostos a tentar avançar uma ou duas milhas a mais no dia

seguinte.

Algumas milhas à frente, os aglomerados de árvores iam se alargando até virarem

outra vez uma floresta densa, então era melhor descerem para um pouco mais perto

do Erinin antes de avançarem até a mata. Quando chegaram no topo de uma colina,

Mat avistou o rio, onde os cinco barcos que haviam sido contratados ostentavam o

estandarte da Mão Vermelha, enquanto outros quatro barcos — que transportavam

principalmente forragem para os cavalos — voltavam a Maerone para serem

recarregados. O que ele não conseguia avistar ainda, mas que sabia que estava lá, era

as pessoas que andavam ao longo das margens, algumas rio acima, outras rio abaixo,

e algumas mudando de direção sempre que encontravam um grupo liderado por

alguém com alguma lábia. Umas poucas tinham carroças, que em geral eram

puxadas por seus próprios donos, e outras tinham carroções, mas a maioria levava

apenas o que podia carregar — até os salteadores mais obtusos já tinham aprendido

que não havia por que gastar tempo com aquela gente. Mat não fazia

ideia de para

onde aquele povo ia — coisa que nem mesmo aquelas pessoas sabiam —, mas o

fluxo de gente ainda era o suficiente para congestionar aquela trilha ridícula ao

longo do rio, que muitos teimavam em chamar de estrada. O Bando ganhava tempo

indo ali por cima. Se tentassem seguir pela trilha no mesmo ritmo, precisariam abrir

caminho a pauladas.

— Um Guardião? — repetiu Mat, guardando as pedras no alforje. Conseguiria

encontrar mais pedras daquelas em qualquer lugar que fosse, mas gostava das cores

das que tinha. Também estava guardando uma pena de águia, uma pedra desgastada,

branca como a neve, que, no passado, devia ser coberta de entalhes. Também ficara

tentado a levar consigo um pedregulho que parecia ter sido a cabeça de alguma

estátua, mas para isso precisaria de um carroção. — Nunca. São um bando de tolos,

idiotas o bastante para se deixar serem arrastados pela orelha por uma Aes Sedai. De

onde você tirou essa ideia de jerico?

Nalesean deu de ombros. Estava bastante suado, mas mesmo assim usava o casaco

— que naquele dia era vermelho com listras azuis — abotoado até o pescoço. O

casaco de Mat estava aberto, mas mesmo assim ele sentia como se estivesse assando

ao sol.

— Acho que foi por causa das Aes Sedai ali perto — sugeriu o taireno.

— Que me

queime a alma, mas não dá para não pensar. Quer dizer, que me
queime a alma, o

que elas estão tramando?

Ele estava falando das Aes Sedai no outro lado do Erinin, que, segundo
os

batedores, estavam subindo e descendo o rio às pressas, um pouco
mais rápido que

os andarilhos na outra margem.

— O que eu acho é que é melhor não pensar nelas — retrucou Mat.

Através da camisa, tocou a cabeça de raposa de prata. Mesmo com ela,
ficou feliz

em saber que as Aes Sedai estavam do outro lado do rio. Alguns dos
seus soldados

viajavam naquelas embarcações, e, mesmo havendo poucas aldeias,
seguiram as

ordens de Mat e atracavam sempre que passavam por alguém na
margem oposta, só

para saber que notícias o viajante trazia. Até aquele momento, as
notícias não tinham

sido nada reveladoras e eram quase sempre desagradáveis. Aquele
monte de Aes

Sedai por ali era o menor dos problemas.

— E como não pensar nelas? — questionou Talmanes. — Acha que a
Torre

controlava mesmo Logain?

Aquela era uma das novidades, uma notícia que chegara havia apenas
dois dias.

Mat tirou o chapéu apenas por tempo suficiente para enxugar a testa. Quando

caísse a noite, ficaria um pouco mais fresco. Mas continuaria sem vinho, sem

cerveja, sem mulheres e sem jogos. Quem é que virava soldado por opção?

— Eu, por mim, acho que não duvido de quase nada vindo das Aes Sedai. — Ele

deslizou o dedo por trás do cachecol preso ao pescoço e o afrouxou. Uma coisa boa

em ser Guardião, pelo que sabia de Lan, era que eles pareciam não suar. — Mas

isso? Veja, Talmanes, mais fácil eu acreditar que você é uma Aes Sedai. E você não

é, é?

Daerid se curvou sobre o cepilho da sela de tanto gargalhar, e Nalesean quase caiu

do cavalo. Talmanes ficou muito rígido, mas acabou sorrindo — até quase riu: o

sujeito podia não ter muito senso de humor assim, mas tinha alguma coisa.

A seriedade logo voltou.

— E os Devotos do Dragão? Se for verdade, Mat, temos um problema.

O comentário cortou a gargalhada dos outros como se tivesse sido decepada por

um machado.

Mat fez careta. Aquela era a última notícia — ou boato, ficava a gosto do freguês

— que chegara, no dia anterior: uma aldeia incendiada em algum lugar de Murandy.

E pior, pelo que se dizia, tinham matado todos que não jurassem fidelidade ao

Dragão Renascido, executando as famílias junto.

— Rand vai resolver isso. Se for verdade. Aes Sedai, Devotos do Dragão, isso

tudo é problema dele e a gente não tem nada com isso. Temos nossos próprios

problemas.

Claro que aquilo não diminuiu a preocupação no rosto de nenhum deles. Já tinham

visto muitas aldeias incendiadas, e todos suspeitavam de que veriam outras tantas

logo que chegassem a Tear. Quem é que queria ser soldado?

Um cavaleiro despontou o topo da colina logo à frente e vinha galopando até eles.

O sujeito fez o cavalo saltar por cima dos arbustos, em vez de desviar, mesmo na

descida. Mat sinalizou para que os homens parassem e acrescentou:

— Nada de trompetes.

A ordem foi viajando atrás dele, em murmúrios, mas Mat manteve o olhar fixo no

cavaleiro.

Transpirando aos borbotões, Chel Vanin puxou as rédeas do capão pardo bem

diante de Mat. Usava um casaco cinza grosseiro que caía como um saco no corpo

calvo e também se sentava na sela como se fosse um saco. Vanin era gordo, e não

havia como disfarçar. Porém, por mais improvável que fosse, conseguia cavalgar

qualquer coisa viva e era muito bom nisso.

Muito antes de chegarem a Maerone, Mat surpreendera Nalesean, Daerid e

Talmanes pedindo os nomes dos melhores caçadores ilegais e ladrões de cavalo

entre seus homens — gente que eles sabiam que eram culpados, mas contra os quais

não se podia provar nada. Os dois nobres não quiseram admitir que tinham esse tipo

de gente sob seu comando, mas, depois de certa insistência, acabaram revelando os

nomes de três cairhienos, dois tairenos e — para surpresa de Mat — dois andorianos.

Achava que nenhum andoriano estivesse entre eles por tempo suficiente para já ter

aquela fama, mas parecia que as notícias se espalhavam rápido.

Mat chamou os sete sujeitos de lado e explicou que precisava de batedores, e um

bom batedor utilizava praticamente as mesmas habilidades que um caçador ilegal ou

um ladrão de cavalos. Ignorando as negativas fervorosas de que eles já tivessem

cometido qualquer tipo de crime — cada um soltou mais negativas do que Talmanes

e Nalesean juntos, e com a mesma eloquência, ainda que com palavras bem mais

vulgares —, Mat ofereceu perdão para quaisquer delitos praticados antes daquele

dia, além de o triplo do pagamento e nenhum requisito sobre como conduziram o

trabalho, contanto que lhe contassem a verdade. Alertou que seriam

enforcados logo

na primeira mentira. Muitos homens podiam acabar mortos por causa de uma

mentira de um batedor. Mesmo com a ameaça, todos toparam sem nem pestanejar —

claro que devia ser mais pelo trabalho fácil do que pela prata extra.

Só que sete não bastavam, então Mat tratou de pedir que sugerissem outros, tendo

em mente o que ele dissera sobre as habilidades necessárias e sem esquecer que eles

conseguirem ficar vivos para coletar o pagamento triplo dependeria em grande

medida da capacidade dos homens que indicassem. Aquilo gerou muito coçar de

queixos e olhares nervosos, mas os homens acabaram oferecendo mais onze nomes,

sempre enfatizando que não estavam acusando os tais sujeitos de nada. Onze

homens, todos caçadores ilegais e ladrões de cavalo bons o bastante para que nem

Daerid nem Talmanes tivessem suspeitado deles, mas não o suficiente para passarem

despercebidos pelos sete primeiros. Mat lhes fez a mesma oferta, tornando a pedir

mais nomes. Quando chegou ao ponto em que não conseguia mais nenhuma nova

indicação, Mat já contava com quarenta e sete batedores. Os tempos difíceis tinham

levado muitos homens a se tornarem soldados, em vez de seguirem o ofício que

teriam preferido.

O último, apontado por todos os três que foram recomendados antes dele, era Chel

Vanin, um andoriano que antes morava em Maerone, mas que sempre atuara muito

nas duas margens do Erinin. Vanin era capaz de roubar os ovos de uma fêmea de

faisão ainda no ninho sem nem perturbá-la, embora fosse mais provável que ele

levasse a coitada da ave junto. Vanin conseguia roubar um cavalo com o nobre ainda

montado na sela, e o sujeito só descobriria dois dias depois. Ao menos foi o que

disseram a seu respeito, sempre em tom de admiração. Com o sorriso faltando

alguns dentes e um olhar da mais absoluta inocência no rosto redondo, Vanin

protestara, alegando que não passava de um mero cavaleiro e, quando conseguia,

mantinha o ofício de ferrador — mas completou dizendo que aceitaria o trabalho

pelo quádruplo do pagamento normal do Bando. Até aquele momento, o pagamento

mais do que valera a pena.

Sentado em seu capão pardo diante de Mat naquele topo de colina, Vanin parecia

incomodado. O sujeito ficara feliz com o fato de Mat não querer ser tratado por

“milorde”, já que não gostava muito de fazer reverências, mas mesmo assim tocou a

testa com os dedos, em uma espécie de saudação.

— Acho que tem uma coisa que você precisa ver. Não sei o que dizer,

você tem

que ver com seus próprios olhos.

— Esperem aqui — ordenou Mat aos demais. Virou-se para Vanin e completou:

— Me mostre.

Não era muito longe, cruzaram apenas as duas colinas seguintes e subiram ao

longo de um regato sinuoso com margens largas de lama seca. O cheiro anunciou o

que Vanin queria que Mat visse antes que os primeiros abutres bambolessem e

levantassem voo — muitos dos pássaros só bateram as asas por umas poucas

passadas antes de voltarem a pousar, sacudindo as cabeças peladas e guinchando

provocações, mas o pior foram os que nem tiraram a cabeça do jantar, formando um

amontoado de penas negras manchadas.

Havia um carroção tombado na passagem. Mais parecia uma casinha sobre rodas,

e a madeira em tons intensos de verde, azul e amarelo o marcava como a morada de

Latoeiros. Da caravana em volta, poucos carroções tinham escapado do fogo. Havia

corpos por toda parte, homens, mulheres e crianças com roupas coloridas rasgadas e

escurecidas pelo sangue seco. Parte de Mat analisou tudo aquilo com frieza, mas o

restante queria vomitar ou sair correndo, qualquer coisa que não fosse ficar ali,

sentado no dorso de Pips. Os agressores tinham vindo do oeste. Quase todos os

corpos de homens e garotos mais velhos estava por ali, misturados ao que ainda

restava de vários cães grandes, como se tivessem tentado formar uma barreira para

deter os assassinos enquanto as mulheres e crianças fugiam. Uma luta inútil.

Cadáveres empilhados indicavam o lado para onde tinham tentado fugir, quando

veio o segundo ataque. Só os abutres se moviam pela cena.

Vanin cuspiu por uma fresta entre os dentes, enojado.

— A gente sempre tem que expulsar esses daí antes que eles roubem muita coisa.

E se a pessoa não ficar esperta, eles pegam as crianças e levam pra criar. E de vez

em quando é preciso dar uns chutes para eles irem embora mais rápido, mas isso não

se faz. Quem seria capaz de uma barbaridade dessas?

— Não sei. Ladrões, talvez.

De fato, os cavalos não estavam por ali. Mas ladrões sempre queriam apenas

roubar, não matar, e nenhum Latoeiro resistiria, nem se quisessem levar sua última

moeda e os fizessem tirar a roupa do corpo, do casaco às botas. Mas se obrigou a

diminuir o aperto das mãos nas rédeas. Não havia para onde se virar sem esbarrar os

olhos em uma mulher ou criança morta. Quem tinha feito aquilo, fosse quem fosse,

não queria sobreviventes. Deu uma volta na área, bem devagar, tentando ignorar os

guinchos dos abutres, que abriam as asas à sua passagem. O chão estava seco demais

para exibir rastros precisos do que acontecera, mas, pelo que via, Mat achava que os

cavalos tinham fugido por todos os lados, na hora da confusão. Voltou para perto de

Vanin.

— Você poderia ter me contado — protestou. — Eu não precisava ver.

Luz, não precisava!

— Eu podia ter contado que não encontrei nenhum rastro — retrucou Vanin,

virando o cavalo e avançando pelo regato raso. — Mas achei que o senhor precisava

ver isto aqui.

O carroção tombado de lado fora quase completamente consumido pelo fogo, mas

o anexo sobre rodas amarelas de aros vermelhos, onde ficava a cama, permanecera

intacto. Um sujeito metido em um casaco escurecido pelas chamas, ainda com

alguns pedaços remanescentes do tecido de um tom azul de doer os olhos, jazia

estatelado contra a parede de madeira, uma das mãos coberta de sangue seco

enegrecido e caída aberta para o lado. Ele escrevera uma mensagem no carroção

intocado, e as letras trêmulas se destacavam, mais escuras que a madeira de fundo:

CONTE AO DRAGÃO RENASCIDO

Contar o quê?, pensou Mat. Que alguém assassinara uma caravana inteira de

Latoeiros? Vai ver o homem tinha morrido antes de conseguir completar a frase.

Não seria a primeira vez que um grupo de Latoeiros encontrava alguma informação

importante. Se fosse uma história, o sujeito teria vivido por tempo suficiente para

conseguir escrever aquele trecho vital que levaria à vitória do bem. Ora, fosse qual

fosse a mensagem, ninguém àquela altura iria descobrir mais nenhuma palavra.

— Você estava certo, Vanin — concordou Mat. Então hesitou. Contar o que para

o Dragão Renascido? Não tinha por que gerar ainda mais boataria. — Antes de ir

embora, cuide de queimar o que resta desse carroção. E, se alguém perguntar, só o

que tinha por aqui eram homens mortos.

E mulheres, e crianças.

Vanin aquiesceu.

— Esses selvagens imundos — resmungou, cuspendo outra vez pelo buraco do

sorriso. — Acho até que pode ter sido um grupo deles.

O sujeito estava reclamando do grupo de Aiel que enfim os alcançara, cerca de

trezentos ou quatrocentos homens. Vinham trotando encosta abaixo e cruzaram o

regato a não mais que cinquenta passadas dos carroções. Alguns

ergueram a mão em

cumprimento. Mat não reconheceu nenhum rosto, mas muitos dos Aiel já tinham

ouvido falar do amigo de Rand al'Thor, um sujeito de chapéu contra o qual era

melhor não apostar. Depois de atravessado o regato e subido a encosta seguinte, os

Aiel seguiram em frente — para eles, todos aqueles corpos podiam muito bem nem

ter existido.

Malditos Aiel, pensou Mat. Sabia que os Aiel evitavam os Latoeiros, que os

ignoravam. Não sabia bem por quê, mas aquilo...

— Mas acho que não foram eles — opinou. — Não se esqueça de tocar fogo no

carroção, Vanin.

Talmanes e os outros dois estavam no mesmíssimo lugar onde os deixara, claro.

Quando Mat contou o que havia à frente e explicou que precisariam designar alguns

destacamentos para os enterros, os homens assentiram com tristeza. E Daerid

resmungou, descrente:

— Latoeiros?

— Vamos acampar aqui — acrescentou Mat.

Esperava algum comentário em protesto — ainda havia luz para avançarem mais

algumas milhas, e aqueles três também tinham se envolvido nos debates sobre

quanto o Bando conseguiria avançar por dia, tinham até feito suas apostas. Mas

Nalesean só respondeu:

— Vou mandar um homem ir lá embaixo dar um sinal para os navios, antes que se

distanciem demais.

Talvez os três também se sentissem como ele. A menos que dessem uma grande

volta para chegarem ao rio, não haveria como evitar ao menos a visão dos abutres

espalhados pelo céu acima dos destacamentos. Só porque o sujeito já tinha visto a

morte de perto não significava que ia querer ver uma coisa daquelas. Mat, de sua

parte, achava que acabaria esvaziando o estômago se visse aqueles pássaros mais

uma vez. Pela manhã, haveria apenas túmulos — e bem longe do alcance dos olhos.

Mas a cena não saía da cabeça, mesmo depois de sua tenda ter sido montada bem

no topo daquela colina, onde talvez passasse uma brisa do rio, caso surgisse alguma

brisa. Corpos destroçados por assassinos, bicados por abutres. Fora pior que na

batalha contra os Shaido, nos arredores de Cairhien. Algumas Donzelas tinham

morrido naquela batalha, mas Mat pelo menos não vira nenhuma, e não houvera

crianças. Os Latoeiros não lutavam nem para defender a própria vida. Ninguém

matava o Povo Errante. Mat mal tocou na sua porção de carne com

feijão e se

recolheu o mais cedo possível. Nem mesmo Nalesean queria conversar, e Talmanes

parecia mais tenso do que nunca.

A notícia da matança se espalhou. Uma quietude inédita tomou o acampamento.

Em geral, a escuridão da noite era cortada por pelo menos algumas gargalhadas, e

muitas vezes as canções desafinadas e de gosto duvidoso quebravam o silêncio até

que os porta-estandartes finalmente convenciam o grupo dos que não admitiriam

estar cansados a irem dormir. Aquela noite era como nas vezes em que tinham

encontrado uma aldeia que ainda não enterrara seus muitos mortos ou um grupo de

refugiados assassinados enquanto tentavam evitar que bandidos levassem o pouco

que possuíam. Poucos conseguiam rir ou cantar depois de cenas como aquelas, e

quase sempre eram silenciados pelos outros.

Mat ficou deitado, fumando seu cachimbo enquanto a noite caía. A tenda estava

fechada para visitas, mas o sono não viria, com tantas memórias de Latoeiros mortos

— e outras memórias, mais antigas, de outros mortos mais antigos. Eram batalhas

demaís, mortos demais. Dedilhou a lança, tateando a inscrição na Língua Antiga ao

longo do cabo preto.

Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.

O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.

O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.

Ficara com a pior parte daquele trato.

Depois de um tempo, Mat pegou um cobertor. Hesitou um instante, então pegou

também a lança e saiu da tenda só com as roupas de baixo, o pingente de prata de

cabeça de raposa em seu peito desnudo refletindo a luz da nesga de lua no céu. Uma

leve brisa soprava, um discreto revolver do vento com um frescor mínimo que mal

fazia o estandarte da Mão Vermelha tremular no mastro cravado no chão diante da

tenda. Ainda assim era melhor do que lá dentro.

Mat estendeu o cobertor entre os arbustos e se deitou de peito para cima. Quando

era garoto, às vezes se deitava ao relento e dormia identificando as constelações.

Naquele céu claro, a lua, mesmo minguante, proporcionava luz suficiente para

ofuscar quase todas as estrelas, mas ainda deixava algumas. Lá estavam a Carroça de

Feno, bem acima de sua cabeça; assim como as Cinco Irmãs e, mais ao lado, os Três

Gansos, indicando o norte. A constelação do Arqueiro, a do Fazendeiro, a do

Ferreiro, a da Serpente — que os Aiel chamavam de Dragão. E também a do

Escudo, que alguns chamavam de “Escudo de Asa-de-gavião” — ver

aquelas

estrelas o deixou meio agitado: em algumas das suas memórias, não gostava nem um

pouco de Artur Paendrag Tanreall —, além de a do Cervo e a do Carneiro. Ah, e

logo ali a da Xícara e a da Viajante, o cajado bem destacado.

Mat ouviu um barulho, mas não conseguiu identificar o que era. Se a noite não

estivesse tão parada, o ruído tênue poderia não ter parecido furtivo, mas, com a

calmaria, foi exatamente essa a impressão que passou. Quem estaria se esgueirando

ali por cima? Curioso, Mat ergueu o tronco, apoiando-se só no cotovelo — e

congelou.

Vultos se moviam ao redor de sua tenda, sombras ao luar. A lua iluminou um

deles o suficiente para que Mat identificasse um rosto velado. Seriam Aiel? Como

assim, pela Luz? Em silêncio, os vultos cercaram a tenda e se aproximaram cada vez

mais. O brilho do metal reluziu na noite, e Mat ouviu o tecido ser rasgado, então

todos sumiram de vista. Saíram da tenda apenas um momento depois, muito atentos

ao acampamento em volta. Havia luz suficiente para notar sua inquietação.

Mat ergueu o corpo, mas permaneceu de cócoras. Se ficasse abaixado, talvez

conseguisse escapulir sem ser ouvido.

— Mat! — gritou Talmanes, para o alto da colina. Pela voz, parecia bêbado.

Ficou imóvel. Talvez Talmanes fosse embora, se achasse que ele estava dormindo. Os Aiel pareciam ter desaparecido, mas Mat tinha certeza de que só

havam se abaixado exatamente onde estavam.

O som das botas de Talmanes contra o chão foi ficando mais perto.

— Tenho um pouco de conhaque aqui, Mat. Acho que você devia tomar um gole.

É bom para os sonhos. Você não vai se lembrar de nenhum.

Mat se perguntou se, caso saísse correndo, os Aiel o ouviriam por cima do alarde

de Talmanes. Estava a pouco mais de dez passadas dos homens adormecidos mais

próximos — naquela noite, era o Primeiro Estandarte do Cavalo, os Raios de

Talmanes, que ganharam a “honra” de cercá-lo naquela noite —, mas os Aiel

estavam a menos de dez passadas, ao lado de sua tenda. Os homens do Deserto eram

rápidos, mas, com duas passadas de vantagem, Mat achava que conseguiria ter

cinquenta homens quase ao alcance quando os Aiel o alcançassem.

— Mat? Sei que que você não está dormindo. Vi sua cara, mais cedo. Vai

melhorar depois que você matar os sonhos. Pode acreditar.

Mat ficou agachado, agarrando a espada, e respirou fundo. Só precisava de duas

passadas de vantagem.

— Mat? — Talmanes estava mais perto. A qualquer momento, o idiota acabaria

pisando em um Aiel. Acabaria com a garganta cortada, e os agressores não fariam

nem um ruído.

Que a Luz o queime, Mat pensou. *Só preciso de duas passadas.*

— Às armas! — gritou, dando um pinote e se levantando de vez. — Os Aiel estão

atacando! — Saiu correndo encosta abaixo. — Todos para o estandarte! Todos para

a Mão Vermelha! Corram, seu bando de ladrões de tumba!

Aquilo acordou todos em volta — claro, o que mais poderia acontecer, com Mat

berrando feito um touro no estouro da boiada? Ouviu gritos de todas as direções. Os

tambores começaram a ribombar, os trompetes ressoavam em convocação. Homens

do Primeiro Cavalo irromperam dos lençóis e saíram correndo em direção ao

estandarte, espadas em riste.

Ainda assim, o fato era que os Aiel tinham uma distância menor a percorrer do

que os soldados e sabiam o que estavam procurando. Por instinto, por sorte ou

simplesmente por ser *ta'veren* — Mat com certeza não ouviu nada em meio àquele

alvoroço —, algo o fez se virar justo no instante em que o primeiro vulto de véu

apareceu atrás de si, como se brotando do ar. Não teve nem tempo para pensar.

Bloqueou a investida de uma lança Aiel com o cabo de sua lança estranha, mas o

sujeito defendeu o contra-ataque com um broquel e deu um chute na barriga de Mat.

O desespero lhe deu forças para manter as pernas eretas, mesmo sem nenhum ar nos

pulmões, e Mat desviou depressa para o lado, escapando de uma ponta de lança que

tentava se enfiar entre suas costelas. Então passou o cabo de sua própria lança por

trás das pernas do Aiel, derrubando-o, e enfiou a ponta da arma no coração do

agressor. Luz, torcia para que fosse um homem.

Mat sacudiu a lança, soltando a lâmina bem a tempo de se defender do ataque

seguinte. *Eu devia ter fugido quando tive a chance!* Começou a usar a lança feito um

bastão, os golpes fluindo em movimentos mais rápidos e intensos do que em toda a

vida, girando e bloqueando investidas de lanças Aiel. Não tinha nem tempo de

contra-atacar. Eram muitos. *Devia ter fechado essa minha matraca e dado no pé!*

Conseguiu recuperar o fôlego.

— Avancem, seus ladrões de ovelha com tripas de pombo! Estão surdos? Limpem

esses ouvidos e venham logo!

Mat começou a se perguntar por que ainda não estava morto — tivera sorte na luta

contra aquele primeiro Aiel, mas não havia sorte que desse conta daquilo tudo —,

até que reparou que não estava mais sozinho. Viu um cairhieno magricela só de

roupas de baixo cair ali perto, quase aos seus pés, com um grito estridente. O sujeito

logo foi substituído por um taireno, a camisa solta tremulando, a espada rodopiando

sem parar. Outros homens se amontoaram, aos berros de “Lorde Matrim, vitória!”;

“Avante Mão Vermelha!” e “Matem esses vermes!”

Mat recuou, deixando os soldados darem conta daquilo. *Tolo é o general que*

lidera na linha de frente. As palavras vinham de uma daquelas memórias antigas, a

fala de alguém cujo nome não acompanhara a lembrança. *Os homens morrem fácil,*

na linha de frente. Aquele pensamento era só dele, mesmo.

No fim das contas, foi mesmo uma questão de números. Eram pouco mais de dez

Aiel contra várias centenas de homens, se não o Bando inteiro, que conseguiram

chegar no topo da colina antes que a coisa toda terminasse. Os Aiel morreram e,

como se tratava de Aiel, levaram quase vinte homens do Bando, deixando o dobro

de gente ou até mais sangrando, mas ainda vivos para se lamuriar. Mesmo tendo

passado pouco tempo em luta, Mat estava dolorido e sangrava de cinco cortes

diferentes — e suspeitava de que pelo menos três precisariam de suturas.

A lança serviu bem como bengala quando Mat foi mancando até

Talmanes,

estirado no chão com Daerid amarrando um torniquete em sua perna esquerda.

Havia duas manchas escuras na camisa branca de Talmanes.

— Parece que Nerim vai ter outra chance de treinar suas mãos de costureira na

minha pele — comentou, ofegante. — Que o queime, ele tem patas de touro.

Nerim era serviçal de Talmanes e remendava a pele de seu senhor com quase a

mesma frequência com que remendava as roupas do nobre.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Mat, baixinho.

Daerid deu de ombros. Estava só de bombachas.

— Acho que ele está sangrando menos que você. — Quando o sujeito ergueu a

cabeça para responder, Mat notou que ele teria uma nova cicatriz para a coleção que

ostentava no rosto. — Foi bom ter saído da frente deles, Mat. Ficou bem claro que

vieram atrás de você.

— Que bom que não conseguiram o que queriam. — Talmanes se esforçou para

ficar de pé, fazendo uma careta de dor enquanto se apoiava com o braço por sobre o

ombro de Daerid. — Seria uma pena perder a sorte do Bando para uns selvagens que

apareceram no meio da noite.

Mat pigarreou.

— Também fiquei pensando nisso.

Lembrou-se dos Aiel desaparecendo tenda adentro e estremeceu. Luz, por que

aqueles Aiel queriam acabar com ele?

Nalesean apareceu, vindo de onde tinham disposto os corpos dos Aiel. Ainda

estava com o casaco, apesar de desabotoado, e não parava de olhar feio para uma

mancha de sangue na lapela — talvez fosse seu próprio sangue, talvez não.

— Que minha alma queime, sabia que mais cedo ou mais tarde esses selvagens

iam nos atacar. Acho que eram parte daquele grupo que nos passou, mais cedo.

— Duvido — contestou Mat. — Se aqueles Aiel estivessem atrás de mim, teriam

me enfiado num espeto e me colocado para assar no fogo antes que qualquer um de

você notasse minha ausência. — Ele deu um jeito de ir mancando até os corpos dos

Aiel e examinou um a um, usando a luz de uma lanterna que tinham trazido para

ampliar sua visão à luz do luar. O alívio de encontrar apenas rostos masculinos

quase fez seus joelhos bambearem. Não conhecia nenhum daqueles homens, mas de

fato não conhecia muitos Aiel. — Devem ser Shaido — sugeriu, voltando com a

lanterna para junto dos outros.

Poderiam ser Shaido. Poderiam ser Amigos das Trevas — Mat tinha plena

consciência de que havia Amigos das Trevas entre os Aiel. E claro que

Amigos das

Trevas tinham muitos motivos para querer vê-lo morto.

— Amanhã acho que deveríamos tentar encontrar uma daquelas Aes Sedai no

outro lado do rio — ponderou Daerid. — Nosso Talmanes aqui vai sobreviver, a

menos que todo o conhaque tenha vazado pelos cortes, mas alguns dos outros feridos

talvez não tenham tanta sorte.

Nalesean não se pronunciou, mas deu um grunhido que já dizia muita coisa. Ele

era taireno, afinal — gostava menos das Aes Sedai do que Mat.

Mesmo assim, Mat não hesitou em concordar. Não permitiria que Aes Sedai

nenhuma canalizasse nele — de certo modo, cada cicatriz era a marca de uma

pequena vitória, de mais uma ocasião em que evitara as Aes Sedai —, mas não

poderia pedir a um homem que morresse por ele. Depois de resolvido isso, tratou de

falar sobre os outros assuntos que tinha em mente.

— Um fosso? — questionou Talmanes, descrente.

— Dando a volta em todo o acampamento? — A barba pontuda de Nalesean

estremeceu quando ele falou. — A cada noite?

— E uma paliçada?! — exclamou Daerid. Então olhou em volta e baixou a voz:

ainda havia soldados demais ali por perto, arrastando os mortos. — Os homens vão

se rebelar, Mat.

— Não vão, não. Quando a manhã raiar, cada homem aqui vai saber que os Aiel

se esgueiraram por todo o acampamento para chegar à minha tenda. Metade não vai

nem mais dormir, com medo de acordar com uma lança nas costelas. Vocês três

tratem de garantir que eles entendam direitinho como uma paliçada pode evitar que

os Aiel entrem outra vez no acampamento. — Bem, se não os impedisse, pelo menos

os atrasaria. — Agora vão embora, quero dormir pelo menos um pouco esta noite.

Depois que os nobres saíram, Mat examinou sua tenda. Havia cortes compridos

nas paredes de tecido, as frestas por onde os Aiel tinham entrado, e o tecido meio

solto volta e meia balançava com a brisa. Com um suspiro, foi voltando para o

lençol em meio aos arbustos, então parou. Lembrou-se do barulho que o alertara. Os

Aiel não tinham feito nenhum outro som, nem mesmo um farfalhar. Qualquer Aiel

fazia tanto ruído ao se mover quanto uma sombra. Então de onde viera o barulho?

Apoiado na lança, mancando, Mat deu a volta na tenda, examinando o chão em

volta. Não tinha certeza do que estava procurando. Não havia qualquer rastro que

pudesse identificar à luz da lanterna. Duas das cordas da tenda tinham sido cortadas

e pendiam ao longo das paredes de tecido, mas... Mat largou a lanterna no chão e

tateou as cordas. O ruído podia ter sido feito ao cortar uma corda tensionada, mas

não era preciso cortar nenhuma corda para entrar na tenda. Algo chamou sua atenção

no ângulo dos cortes, na forma como se alinhavam. Pegou a lanterna e iluminou em

volta. Um arbusto próximo estava com a lateral podada, e os resquícios dos galhos

finos ainda cheios de folhinhas repousavam no chão. Tinha sido uma poda muito

bem-feita: perfeitamente reta, as pontas dos galhos cortadas bem lisinhas, como se

tivessem sido aplainadas por um marceneiro.

Mat sentiu um arrepio. Ali fora aberto um daqueles buracos que Rand usava para

Viajar. Já era ruim o bastante ter Aiel tentando matá-lo, mas ainda por cima tinham

sido enviados por alguém capaz de fazer um daqueles... portões, como Rand

chamava. Luz, se não estava a salvo dos Abandonados nem no meio do Bando, onde

mais estaria? Ficou se perguntando como faria para dormir sob o brilho das tochas

de segurança que teria que dispor ao redor da tenda. E os guardas — anunciaria uma

guarda de honra, tentando amenizar um pouco a necessidade de escolher sentinela

para ficar em torno da tenda. Da próxima vez, era provável que mandassem cem

Trollocs — ou mil —, em vez de um bando de Aiel. Quer dizer, será que ele era

importante o bastante para merecer isso? Se decidissem que era, poderia acabar

recebendo a visita de um dos Abandonados. Sangue e cinzas! Não pedira para ser

ta'veren, não pedira para ficar amarrado ao maldito Dragão Renascido.

— Sangue e malditas...!

Foi alertado por um barulho de passos no chão seco e rachado. Com um rosnado,

já girou o corpo com a lança em riste... e conseguiu frear a investida a tempo: Olver

gritou e caiu de costas, os olhos arregalados fixos na ponta de lança.

— Pelo maldito Poço da Perdição, o que você está fazendo aqui? — ralhou Mat.

— Eu... Eu... — O garoto parou para engolir em seco. — Estão dizendo que

cinquenta Aiel tentaram matar o senhor durante o sono, Lorde Mat, mas que o

senhor deu conta de matar todos primeiro. Mas eu queria ver se está tudo bem e se...

Ah, veja: Lorde Edorion comprou sapatos para mim! — Ele ergueu o pé calçado.

Resmungando sozinho, Mat ajudou Olver a se levantar.

— Não foi isso que eu perguntei. Por que você não ficou em Maerone? Edorion

não encontrou ninguém lá para cuidar de você?

— A mulher só estava interessada nas moedas de Lorde Edorion, não queria nada

comigo. E já tinha seus próprios filhos, eram seis. Mestre Burdin me

dá bastante

comida, e só preciso dar de comer e beber para os cavalos dele. E escovar o pelo

também. E gosto disso, Lorde Mat. Mas ele não me deixa montar.

Alguém pigarreou.

— Lorde Talmanes me enviou, milorde.

Era Nerim, um sujeito baixo até para um cairhieno, muito magricela e grisalho,

com um rosto tristonho que parecia dizer que nada ia bem, mas que, no fim das

contas, ainda assim era um dia melhor do que a maioria.

— Se milorde me perdoar a intromissão, devo dizer que essas manchas de sangue

nunca mais sairão de suas roupas de baixo. Mas, se milorde me permitir, talvez eu

consiga dar um jeito nesses cortes. — Nerim estava com a caixa de costura debaixo

do braço. — Garoto, me arrume um pouco de água. E não quero ouvir nem um pio.

Água para milorde, e rápido. — O criado de Talmanes aproveitou enquanto fazia

uma reverência para pegar a lanterna no chão. — Será que milorde não quer entrar?

O ar da noite não é bom para ferimentos.

Pouco depois, Mat já estava estirado ao lado das roupas de cama — afinal,

“Milorde não vai querer manchar os lençóis” —, permitindo que Nerim limpasse o

sangue ressecado e suturasse as feridas. Talmanes tinha razão: no que dizia respeito

à arte da agulha e linha, o criado era um excelente cozinheiro. Com Oliver ali perto,

não lhe restou escolha senão cerrar os dentes e aguentar a dor.

Tentando manter a mente bem longe da agulha de Nerim, Mat apontou para a

bolsa de pano pendurada no ombro de Oliver.

— O que tem aí? — perguntou, arfando.

Oliver apertou a bolsa esfarrapada contra o peito. O garoto continuava magricela,

mas pelo menos estava mais limpo. Os sapatos eram bem robustos, e as calças e a

camisa de lã pareciam novas.

— É tudo meu — declarou, na defensiva. — Não roubei nada. — Passado um

momento, ele abriu a bolsa e foi retirando seus pertences: o par de calças

sobressalente, as outras duas camisas e os pares de meias não despertaram o

interesse de Mat, mas o garoto continuou listando o que tinha: — Esta aqui é a

minha pena de falcão-vermelho, Lorde Mat, e esta pedra aqui é da cor do sol. Está

vendo? — Ele mostrou uma bolsinha: — Tenho cinco moedas de cobre e uma de

prata. — Então revelou um pano enrolado, amarrado com um barbante, junto de uma

caixinha de madeira: — Meu jogo de Cobras e Raposas. Foi meu pai que fez, ele

mesmo desenhou o tabuleiro. — Ele franziu o cenho por um instante, consternado,

então prosseguiu: — E olhe só, tem uma cabeça de peixe grudada nesta pedra aqui.

Não tenho ideia de como o peixe foi parar nela. E este aqui é o meu casco de

tartaruga, de uma tartaruga de dorso azul. Dá para ver as listras?

Mat fez careta ao levar uma estocada particularmente forte da agulha de sutura e

estendeu a mão, tateando o pano enrolado. Ficava bem melhor quando respirava pelo

nariz. Estranho como funcionavam aquelas lacunas em sua memória. Sabia como

jogar Cobras e Raposas, mas não tinha qualquer lembrança de já ter jogado.

— É mesmo um belo casco de tartaruga, Olver. Já tive um. De uma verde, essas

que gostam de sol. — Mat esticou a mão para o lado e pegou a bolsa, de onde

pescou duas coroas de ouro cairhienas. — Pode botar essas aqui na sua bolsa, Olver.

Os homens precisam sempre andar com um pouco de ouro.

Olver se retesou e começou a guardar seus pertences de volta.

— Não sou de pedir dinheiro, Lorde Mat. Posso trabalhar por comida. Não sou



nenhum mendigo.

— Não foi minha intenção sugerir uma coisa dessas. — Mat tentou encontrar

algum motivo para pagar as duas coroas ao garoto. — Eu... Eu preciso de alguém

para ser meu mensageiro. Não posso pedir isso a ninguém do Bando, estão todos

ocupados com suas tarefas de soldado. Claro que você teria que cuidar do seu

próprio cavalo, não tenho como pedir para fazerem isso no seu lugar.

Olver se endireitou.

— Eu teria o meu próprio cavalo? — indagou, incrédulo.

— Claro. Mas tem mais um detalhe. Meu nome é Mat. Se me chamar de *Lorde*

Mat mais uma vez, vou arrancar seu nariz e dar um nó. — Mat soltou um berro e até

encolheu o corpo de tanta dor. — Que o queime, Nerim! Isto aí é uma perna, não

uma droga de um bife!

— Como milorde quiser — murmurou Nerim. — Sua perna não é mesmo nenhum

pedaço de bife. Obrigado, milorde, pelo esclarecimento.

Olver levou a mão ao nariz, hesitante, como se considerasse se era possível

arrancá-lo para dar um nó.

Gemendo, Mat se endireitou. Tinha acabado de se comprometer com um garoto, e

aquilo não fora nenhum favor ao coitado — não se Olver estivesse por perto, da

próxima vez que os Abandonados tentassem reduzir a quantidade de *ta'veren* no

mundo. Bem, se o plano de Rand funcionasse, haveria um Abandonado a menos. Se

fosse só pela vontade de Mat Cauthon, ficaria bem longe de confusões e perigos até

que não existisse mais nenhum Abandonado.



PARA ENTENDER A MENSAGEM

Graendal conseguiu se impedir de ficar olhando em volta quando entrou no

apartamento, mas o vestido de estraiite ficou completamente negro antes que ela

conseguisse retomar o autocontrole e voltar ao azul diáfano. Sammael fizera

mudanças suficientes para que qualquer pessoa que entrasse naquela câmara se

perguntasse se estava mesmo no Grande Salão do Conselho, em Illian. Bem, em

todo caso, ficaria muito surpresa se alguém além do próprio Sammael chegasse até

ali sem ter sido convidado — estava, afinal, bem dentro dos aposentos de “Lorde

Brend”.

O ar tinha um frescor agradável. Em um dos cantos estava o cilindro oco e vertical

de um permutador. As esferas de luz, bem fortes e de brilho estável, destacavam-se

estranhamente contra os pesados candelabros de ouro onde estavam apoiadas,

iluminando muito mais intensamente do que as velas e lamparinas a óleo daquela

Era. Uma caixinha de música repousava no tampo de mármore da cornija da lareira,

emitindo as suaves melodias das memórias de uma escultura sonora que, muito

provavelmente, não era ouvida fora daquele aposento havia bem mais que três mil

anos. Além disso, reconheceu várias das obras de arte nas paredes.

Graendal parou diante da obra de Ceran Tol conhecida como “Ritmo do Infinito”.

Não era uma reprodução.

— Alguém poderia pensar que você roubou um museu, Sammael. —
Era difícil

mascarar a inveja na voz, e ela só deu conta de que falhara quando notou o discreto

sorriso dele.

Sammael serviu vinho em dois cálices de prata chanfrados e entregou um a

Graendal.

— Foi só uma caixa de estase que encontrei. Imagino que, nos últimos dias,

tenham tentado guardar tudo o que podiam para a posteridade.

O sorriso de Sammael repuxava a cicatriz horrorosa que cruzava seu rosto. Ele foi

atravessando a câmara, mas se deteve para lançar um olhar afetuoso para o tabuleiro

de zara, que projetava o campo de caixas transparentes e imóveis no ar. Sammael

sempre apreciara os jogos violentos, e a presença de um tabuleiro de zara naquela

caixa de estase só podia indicar que um seguidor do Grande Senhor selecionara os

itens para a posteridade — nos tempos antigos, estar de posse de uma única peça,

que um dia tinha sido um ser humano, resultava em, no mínimo, aprisionamento —

quando a pessoa era pega pelo outro lado, ao menos. O que mais Sammael tinha

encontrado?

Bebericando o vinho — e suprimindo um suspiro por ser um vinho comum

daquela Era, quando tivera esperança de que fosse no mínimo um delicado Satare ou

ao menos um dos requintados Comolad —, Graendal alisou o vestido com os dedos

cheios de anéis.

— Também encontrei uma, mas, fora um tanto de estraite, só continha um monte

de quinquilharias — admitiu.

Sammael a convidara para ir ali e a deixara ver aquilo tudo — era hora das

confidências, afinal. *Pequenas* confidências, ao menos.

— Mas que infelicidade. — Sammael abriu outro sorriso discreto. Ele de fato

encontrara mais do que brinquedos e quinquilharias bonitas. — Por outro lado,

imagine só como teria sido horrível abrir uma caixa e, digamos, incitar o ninho de

um cafar. Ou uma jumara, ou qualquer uma das outras criaçõezinhas de Aginor.

Sabia que tem jumaras à solta na Praga? E já adultas, mas agora já não conseguem

atingir a metamorfose. São chamadas de Vermes.

Sammael gargalhou tão alto que o corpo se balançou com a risada.

Graendal abriu um sorriso bem mais caloroso do que sentia, e, se o vestido mudou

de cor, foi apenas em alguma leve nuance do tom. Já tivera uma experiência bem

desagradável — na verdade, quase fatal — com uma das criações de Aginor. O

homem fora brilhante, é verdade, mas fora um louco. Só um louco teria criado coisas

como os *gholam*.

— Você parece de muito bom humor.

— E por que não deveria estar? — retrucou Sammael, expansivo. — Estou prestes

a me apossar de alguns *angreal* escondidos, sem falar no que mais pode haver entre

eles. Ah, não precisa fingir tanta surpresa, eu obviamente sei que você e os outros

andam tentando espiar por cima dos meus ombros, na esperança de ter alguma dica

de onde estão esses *angreal*. Bem, não vai adiantar nada no seu caso. Ah, claro que

vou compartilhar minha descoberta, mas só depois de me apossar do que quer que

seja e escolher os melhores primeiro.

Esparramando-se sobre uma poltrona coberta de bordados dourados — podiam até

ser de fios de ouro de verdade, o que seria bem de seu feitio —, Sammael apoiou o

pé calçado sobre a ponta da outra bota e alisou a barba dourada.

— Além disso, mandei um emissário para al'Thor. A resposta foi bem favorável.

Graendal quase cuspiu o vinho.

— Favorável? Ouvi dizer que ele matou o mensageiro.

Se Sammael se abalou por ela saber daquilo, conseguiu disfarçar bem. Ele até

sorriu.

— Al'Thor não matou ninguém; Andris foi até lá para morrer. Acha mesmo que

eu ficaria esperando algum animal mensageiro, um *pombo*? A morte dele foi o que

me deu a resposta de al'Thor.

— Que foi? — indagou, cuidadosa.

— Uma trégua.

A Graendal, parecia que dedos gélidos agarravam seus cabelos, tocando o couro

cabeludo. Não podia ser verdade. Não podia, mas Sammael de fato parecia muito

mais tranquilo do que da última vez que o vira, desde o despertar.

— Lews Therin nunca...

— Lews Therin morreu faz tempo, Graendal — interrompeu ele, em um tom

divertido, até zombeteiro. Sem a menor raiva.

Fingindo beber, a mulher disfarçou um suspiro. Podia mesmo ser verdade?

— Ele ainda está reunindo seu exército em Tear. Eu vi com meus próprios olhos.

Não parece muito uma trégua.

Sammael nem se preocupou em disfarçar a risada.

— Redirecionar um exército demora. Pode acreditar, aquele exército não vai se

voltar contra mim.

— Acha mesmo que não? Um ou dois dos meus amiguinhos afirmam que ele quer

você morto, depois de ter matado algumas de suas Donzelas de estimação. Se eu

fosse você, começaria a pensar em morar em algum lugar menos vistoso, onde ele

não me encontrasse tão fácil...

Não se notava nem o mais leve tremelicar de cílios nele. Era como se todas as

cordinhas que antes o faziam se mexer tivessem sido cortadas.

— Quem liga para a morte de algumas Donzelas? — O rosto dele parecia cheio de

uma confusão genuína. — Foi uma batalha, soldados morrem. Al'Thor pode ser

fazendeiro, mas tem generais a seu lado para lutar suas batalhas e explicar como são

as coisas. Duvido que tenha notado.

— Ah, você nunca olhou de verdade para essas pessoas. Elas mudaram tanto

quanto a terra, Sammael. E não só os Aiel. De muitas maneiras, os outros povos

mudaram ainda mais. Aqueles soldados eram mulheres. Para Rand al'Thor, isso faz

diferença.

O homem deu de ombros, desdenhoso, e Graendal reprimiu o desprezo que sentia,

mantendo o estraite estável em um enevoadado tranquilo. Sammael nunca conseguira

compreender que era preciso entender as pessoas para fazê-las agir conforme sua

vontade. A Compulsão funcionava bem, era verdade, mas não podia ser usada com o

mundo inteiro.

Graendal se perguntou se não era na verdade a caixa de estase — a mesma que

guardara aquelas coisas expostas ali na câmara — o achado que ele afirmava que

logo teria em mãos. Se Sammael estivesse de posse de um único *angreal*... Bem, ela

descobriria se fosse o caso, mas provavelmente só quando ele revelasse por conta

própria.

— Então suponho que logo vamos descobrir quão mais sábio se tornou o

primitivo Lews Therin — comentou ela, erguendo uma sobrancelha desconfiada e

forçando um sorriso. Nenhuma reação dele. Onde Sammael encontrara rédeas tão

fortes para o próprio gênio? A mera menção do nome de Lews Therin deveria ter

bastado para ele perder um pouco o controle. — Bem, se ele não botar você parar

correr de Illian feito um cosa disparando para o alto de uma árvore, então...

— Talvez você tenha que esperar sentada — interrompeu ele, com toda a

delicadeza. — Digo, o tempo de espera cansaria sua beleza.

— Isso deveria ser uma ameaça, Sammael? — O vestido mudou para um rosa-

claro, mas ela manteve a nova cor. Queria que o homem soubesse que estava com

raiva. — Achei que você já tivesse aprendido, há muito tempo, que me ameaçar é

um erro.

— Não é nenhuma ameaça, Graendal — retrucou ele, muito calmo. Todos os seus

pontos fracos estavam entorpecidos, nada parecia tirá-lo daquela indiferença bem-

humorada. — São só os fatos. Al'Thor não vai me atacar, e eu também não vou

atacar o coitado. E claro que concordei em não prestar nenhum auxílio a outro

Escolhido, se ele ou ela cair nas mãos de al'Thor. Tudo de acordo com as ordens do

Grande Senhor, não acha?

— Claro.

Graendal manteve o rosto sereno, mas o estraite passara a um rosa mais escuro,

perdendo um pouco o aspecto enevado. Em parte, a cor ainda denotava raiva.

Estavam faltando algumas peças naquela história, mas como poderia descobrir quais

eram?

— O que significa que — prosseguiu ele —, no Dia do Retorno, é bem provável

que eu seja o único Escolhido restante para enfrentar al'Thor.

— Duvido de que ele vá conseguir matar todos nós — afirmou Graendal, irritada.

Mas a irritação também lhe incomodava o estômago. Já tinham morrido

Escolhidos demais. Sammael devia ter encontrado um jeito de se manter afastado e

ficar por último. Era a única explicação.

— Acha mesmo que não? Nem se ele descobrir onde vocês estão se escondendo?

— O sorrisinho no rosto dele só aumentou. — Eu já sei com certeza o que

Demandred está tramando, mas onde ele está se escondendo? E onde está

Semirhage? Mesaana? E ainda tem Asmodean e Lanfear? E Moghedien?

Aqueles dedos frios voltaram a agir, deixando sua marca gélida no crânio de

Graendal. Sammael não ficaria parado diante dela com aquela tranquilidade e não

falaria daquele jeito — ele sequer ousaria sugerir o que estava sugerindo — se não...

— Asmodean e Lanfear estão mortos, e é quase certo que Moghedien também

esteja. — Graendal ficou surpresa ao notar que a própria voz saía rouca e um tanto

hesitante. O vinho não pareceu ter diminuído a secura na garganta.

— E os outros? — Foi uma pergunta bem simples, e a voz dele não soava nem um

pouco insistente.

Graendal ficou arrepiada.

— Eu já lhe disse o que sei, Sammael.

— E não me disse nada. Quando eu for o Nae'blis, vou escolher quem estará logo

abaixo de mim. Esse escolhido tem que estar vivo para receber o toque do Grande

Senhor.

— Está dizendo que você foi a Shayol Ghul? Que o Grande Senhor lhe

prometeu...?

— Você vai saber quando for a hora, não antes. Mas ouça um pequeno conselho,

Graendal: já comece a se preparar. Onde estão os outros?

Graendal sentia a mente trabalhar freneticamente. O Grande Senhor só podia ter

feito a promessa a Sammael. Só podia. Mas por que *ele*? Bem, não tinha tempo para

especulações — o Grande Senhor escolhia como lhe apetecesse. E Sammael sabia o

paradeiro dela, mesmo se não soubesse o de mais algum Escolhido. Bem, podia fugir

de Arad Doman e se estabelecer em outro lugar — nem seria difícil. Teria que abrir

mão dos joguinhos que conduzia por ali. Ora, mesmo se tivesse que abrir mão das

disputas maiores, seria uma perda pequena em comparação a ter Rand al'Thor — ou

Lews Therin — em seu encalço. Não tinha a menor intenção de encará-lo. Se era

verdade que Ishamael e Rahvin tinham caído diante do garoto, não era ela que

testaria a força de Rand — não diretamente. O Grande Senhor *só podia* ter

prometido o posto a Sammael. E bem, se ele morresse... Ah, o homem com certeza

estava agarrado a *saidin*, não seria louco de dizer tudo aquilo sem o amparo do

Poder. E com certeza sentiria caso Graendal abraçasse *saidar* — ela é que acabaria

morta. O Grande Senhor só podia ter prometido...

— Eu... eu não sei onde Demandred e Semirhage estão escondidos. Mesaana...

Mesaana está na Torre Branca. É tudo o que sei. Juro.

Sentiu diminuir o aperto em seu peito quando ele enfim aquiesceu.

— Você vai encontrar os outros para mim. — Não foi uma pergunta.
— Todos,

Graendal. Se quiser me fazer acreditar que algum deles morreu, então me mostre o

cadáver.

Graendal queria muito ter a coragem de matá-lo. O vestido ondulou em tons

violentos de vermelho, reverberando a raiva, o medo e a vergonha que sentia,

envolvendo-a em ondas incontroláveis. Muito bem, Sammael que pensasse que ela

estava intimidada — pelo menos por ora. Que importava se ele entregasse Mesaana

a al'Thor — se entregasse todos os Escolhidos a al'Thor? Bastava que al'Thor

ficasse bem longe da garganta dela.

— Vou tentar.

— Faça mais do que tentar, Graendal. Mais do que tentar.

* * *

Depois que a mulher foi embora e Sammael viu fechar o portão que a levaria de volta

ao palácio em Arad Doman, ele deixou o sorriso se dissolver. As mandíbulas doíam

de tanto esforço que fizera para sustentar a expressão afável. Graendal pensava

demais — ela estava tão acostumada a fazer os outros agirem em sua defesa que não

conseguia nem cogitar como se defender por conta própria. Sammael se perguntou o

que ela diria se descobrisse como fora manipulada daquele jeito — com a mesma

habilidade que ela própria manipulara tantos tolos em seus tempos de glória.

Apostaria qualquer coisa que fosse que a mulher não conseguira descobrir o

verdadeiro propósito da conversa. Então Mesaana estava na Torre Branca? Mesaana

na Torre e Graendal em Arad Doman. Ah, aquela mulher de fato conheceria o medo,

se pudesse ver seu rosto agora. Não importava o que acontecesse, Sammael seria o

único de pé no Dia do Retorno — seria nomeado Nae'blis e derrotaria o Dragão

Renascido.



A MISSÃO DIPLOMÁTICA

Egwene, muito bem-humorada, deu as costas para a dupla de músicos na esquina —

uma mulher suada que soprava uma flauta comprida e um sujeito de rosto corado

dedilhando uma sabiola de nove cordas — e começou a abrir caminho pela multidão.

O sol era uma bola de ouro líquido bem alta no céu, e o chão de paralelepípedos

estava tão quente que o calor atravessava as botas macias e queimava a sola de seus

pés. Suor pingava de seu nariz, o xale mais parecia um cobertor, mesmo preso

frouxamente na altura dos cotovelos, e o ar estava tão poeirento que ela já estava

com vontade de se lavar de novo. Ainda assim, Egwene sorria. Algumas pessoas

olhavam de soslaio quando achavam que ela não ia reparar, o que quase a fez rir. Era

assim que olhavam para os Aiel. As pessoas sempre viam o que esperavam ver e

reparavam apenas nas suas roupas de mulher Aiel, ignorando a cor de seus olhos e

sua baixa estatura.

Mascates e ambulantes ofereciam suas mercadorias aos gritos, competindo com os

berros de açougueiros e artesãos, com o chocalhar e retinir de oficinas de prateiros

ou ceramistas, e com o chiado de eixos mal lubrificados de carroças. Condutores

praguejando impropérios e homens andando ao lado de carros de boi

disputavam no

grito a passagem com liteiras de laca escura e carruagens sóbrias, ostentando os

símbolos de Casas nas portas trabalhadas. Havia músicos, acrobatas e malabaristas

por toda parte. Um grupo de mulheres pálidas, portando espadas e usando vestidos

de montaria, cruzou a passos arrogantes, imitando o comportamento que julgavam

ver nos homens, soltando gargalhadas altas e exageradas enquanto abria caminho

com uma atitude que, se fossem mesmo homens, teria desencadeado mais de dez

brigas a cada cem passadas. O martelo de um ferreiro ressoou contra a bigorna.

Pairava no ar aquele zum-zum-zum alvoroçado, o barulho típico de uma cidade —

quase se esquecera de como era aquilo, em seu tempo entre os Aiel. Talvez tivesse

até sentido falta.

Pensando nisso, a risada de fato saiu — e bem ali, no meio da rua. Ficara quase

completamente desorientada da primeira vez em que escutara o barulho de uma

cidade. Às vezes, parecia que aquela garota de olhos esbugalhados era outra pessoa.

Uma mulher, conduzindo a égua baia pela multidão, virou-se para Egwene,

curiosa. Sininhos de prata estavam amarrados na cauda e na crina comprida da égua,

e a mulher também ostentava sinos no cabelo preto, solto até quase o

meio das

costas. Era bela e não podia ser muito mais velha que Egwene, mas tinha uma

expressão dura, um olhar penetrante e portava nada menos que seis facas no cinto —

uma delas quase tão grande quanto a de um Aiel. Só podia ser uma Caçadora da

Trombeta.

Um homem alto e bonito de casaco verde, com duas espadas às costas, ficou

olhando a mulher passar. Devia ser outro. Aquela gente parecia estar por todos os

lados. A multidão foi engolindo a mulher montada na égua baia, e o homem pegou

Egwene o encarando. O sujeito abriu um sorriso interessado, endireitou os ombros

largos e foi até ela.

Egwene foi logo armando a expressão mais fria que tinha, tentando misturar a

rigidez de Sorilea com a seriedade de Siuan Sanche quando ostentava a estola do

Trono de Amyrlin nos ombros.

O sujeito parou, parecendo surpreso, então deu meia-volta. Egwene pôde ouvi-lo

resmungar um “Aiel chamuscados” e não conseguiu conter o riso. O sujeito deve ter

ouvido, mesmo com o alarido da multidão, já que enrijeceu e balançou a cabeça —

mas não olhou para trás.

Tinha dois motivos para seu bom humor. O primeiro era que as Sábias

finalmente

tinham concordado que uma caminhada pela cidade era um exercício tão bom

quanto dar a volta ao redor das muralhas. Sorilea, em particular, não parecia

conseguir entender por que Egwene iria querer passar um minuto a mais que o

necessário naquele amontoado de aguacentos, ainda mais fechada entre muralhas. O

segundo, porém principal motivo de seu bom humor, era as Sábias terem decidido

que, com o desaparecimento das dores de cabeça que tanto as intrigaram — Egwene

nunca conseguia esconder a dor muito bem —, ela logo poderia voltar a visitar

Tel'aran'rhiod. Claro que não a tempo do encontro seguinte, que seria dali a três

noites, mas sem dúvida antes do outro que haveria depois desse.

Para Egwene, a permissão era um alívio em mais de um sentido. Nada mais de

entrar escondida no Mundo dos Sonhos. Nada mais de se desdobrar para tentar

entender tudo sozinha. Nada mais de viver preocupada, temendo que as Sábias a

encontrassem e se recusassem a ensinar a ela. Nada mais de mentiras inevitáveis. E a

mentira fora mesmo inevitável: Egwene não podia perder tempo. Havia muito o que

aprender, e ela duvidava de que teria tempo suficiente. Ainda assim, as Sábias nunca

entenderiam.

Havia alguns Aiel na multidão, alguns de *cadin'sor* e outros com o branco dos

gai'shain — os *gai'shain* iam para onde eram mandados, mas os outros podiam

muito bem estar ali entre as muralhas pela primeira e, muito provavelmente, última

vez. Os Aiel não pareciam gostar tanto de cidades, embora muitos tivessem

adentrado as muralhas seis dias antes, querendo acompanhar o enforcamento de

Mangin. Corria o boato de que o próprio homem passara o nó em volta do pescoço e

fizera uma de suas piadas de Aiel sobre se seria a corda que quebraria o pescoço ou

o pescoço que partiria a corda. Já vira vários Aiel repetirem a piada, mas nenhum

comentário sobre o enforcamento. Sabia que Rand gostava de Mangin — tinha

certeza. Berelain informara as Sábias sobre a sentença com a casualidade de quem

avisa que as roupas colocadas para lavar voltariam limpas no dia seguinte, e as

Sábias receberam a notícia com a mesma falta de preocupação. Egwene achava que

nunca entenderia os Aiel. E receava que já não entendesse mais Rand. Já Berelain

ela compreendia bem até demais — a mulher só estava interessada em um tipo de

homem: os vivos.

Perdida naqueles pensamentos, teve que fazer um esforço para recuperar o bom

humor. A cidade não estava mais fresca do que o acampamento do lado de fora das

muralhas — na verdade, era capaz até de estar mais quente, sem a brisa e com o

tamanho da multidão —, e o ar estava quase tão empoeirado quanto lá fora, mas pelo

menos ela não estava caminhando sem nada para olhar além das cinzas de Portão da

Frente. Mais alguns dias e poderia voltar aos ensinamentos, enfim aprendendo de

verdade. Aquilo devolveu um sorriso ao seu rosto.

Parou perto de um sujeito magrelo com o rosto úmido de suor. Era fácil definir

seu ofício: o sujeito era — ou melhor, tinha sido — Iluminador: o bigode espesso

não estava coberto pelo véu diáfano dos tarabonianos, mas as calças folgadas com

bordados nas pernas e a camisa igualmente folgada com bordados no peito já

tornavam possível identificá-lo. Ele estava vendendo pássaros, pardais e pintassilgos

presos em gaiolas rústicas. Depois que a sala do capítulo fora incendiada pelos

Shaido, vários Iluminadores vinham tentando buscar meios de retornar a Tarabon.

— Ouvi de uma fonte das mais confiáveis — ia dizendo o Iluminador, para uma

bela mulher grisalha, metida em um vestido de seda azul e corte simples. Sem

dúvida era mercadora, tentando ganhar seu sustento com as pessoas que esperavam

por tempos melhores ali em Cairhien. O Iluminador continuou confidenciando suas

descobertas, aos sussurros, reclinado sobre uma gaiola: — Elas estão divididas, as

Aes Sedai. Estão em guerra. Entre si.

A mercadora assentiu.

Egwene parou de fingir que considerava a ideia de comprar um pássaro de cabeça

verde e seguiu em frente. Teve que saltar para fora do caminho de um menestrel de

rosto redondo que avançava a seu lado a passos largos, cheio de floreios pomposos

da capa coberta de retalhos. Menestréis sabiam muito bem que estavam entre os

poucos aguacentos bem recebidos no Deserto e nunca se intimidavam com os Aiel

— ou, pelo menos, fingiam que não.

Ficou incomodada com o boato do Iluminador. O problema não era o falatório de

que a Torre estivesse dividida — isso não poderia ter sido mantido em segredo por

muito tempo —, e sim aquela história de uma guerra entre as Aes Sedai. Ter as

únicas mulheres capazes de manejar o Poder vivendo um conflito interno era como

ter um lado da família em pé de guerra com o outro, uma disputa que ela só

conseguia tolerar porque sabia os motivos. Ainda assim, a hipótese de que aquilo

fosse virar algo mais sério... Se ao menos houvesse como Curar a Torre, unificá-la

sem precisar de um banho de sangue.

Descendo um pouco mais a rua, encontrou uma mulher de Portão da Frente —

estava toda suada e talvez ficasse bonita, se conseguisse limpar o rosto. Ela

espalhava boatos junto com as fitas e os broches que vendia de uma bandeja presa

em seu pescoço por uma correia. A mulher usava um vestido de seda azul com a saia

cheia de tiras vermelhas horizontais que claramente fora confeccionado para uma

mulher mais baixa. A bainha, muito desgastada, ficava elevada o bastante para

revelar os sapatos robustos, e buracos nas mangas e no corpete indicavam os pontos

de onde antigos bordados tinham sido arrancados.

— Pois vou lhe contar uma verdade — informou a mulher, para as clientes que

vinham olhar sua bandeja. — Soube de gente que viu Trollocs pela cidade. Ah, sim,

isso mesmo, estas contas verdes vão realçar seus olhos. Sim, sim, centenas de

Trollocs. E também...

Egwene nem parou para ouvir. Se um único Trolloc tivesse aparecido em

qualquer lugar nas redondezas da cidade, os Aiel teriam descoberto muito antes que

virasse fofoca de rua. Quem dera as Sábias fofocassem — bem, elas às vezes

fofocavam, mas só sobre os outros Aiel: nada dos aguamentos atraía o interesse do

povo do Deserto. O problema era que ter a capacidade de viajar toda vez que

quisesse para o gabinete de Elaida em *Tel'aran'rhiod*, onde podia ler suas

correspondências, deixara Egwene mal-acostumada, sempre sabendo o que se

passava no mundo.

De repente, reparou que mudara sua forma de examinar a cidade ao redor,

encarando o rosto das pessoas. Em Cairhien, tão certo quanto havia suor, havia

olhos-e-ouvidos das Aes Sedai. A cada dia, pelo menos um pombo devia alçar voo

levando um relatório para Elaida. Espiões da Torre, das Ajahs e até de algumas Aes

Sedai. E estavam por toda parte — em geral era quem menos se esperava. Por que

aqueles dois acrobatas estavam ali parados, sem fazer nada? Estariam recuperando o

fôlego ou vigiando-a? Os dois voltaram à ação de repente — com um pinote, um

deles virou uma cambalhota no ar e pousou plantando bananeira apoiado nos ombros

do colega.

Certa vez, sob ordens de Elaida, uma espiã da Ajah Amarela tentara mandar

Elayne e Nynaeve de volta para Tar Valon. Egwene não sabia se Elaida também

estava atrás dela, mas presumir o contrário seria uma grande tolice. Não conseguia

se convencer de que a Vermelha perdoaria uma Aceita que tivesse

trabalhado sob a

orientação da Amyrlin que ela depusera.

Aliás, algumas das Aes Sedai de Salidar também deviam ter olhos-e-ouvidos pela

cidade. Se a informação sobre “Egwene Sedai da Ajah Verde” chegasse a elas...

Podia ser qualquer pessoa: aquela mulher magrinha na porta da loja, parecendo

examinar um rolo de tecido cinza-escuro; ou quem sabe aquela outra, toda

desgrenhada, encostada ao lado da porta da taverna enquanto abanava o rosto com o

avental; ou talvez o sujeito gordo da carroça cheia de tortas — por que ele a

encarava daquele jeito estranho? Egwene quase decidiu ir embora pelo primeiro

portão que achasse para fora da cidade.

Mas foi justamente o sujeito gordo quem a fez parar — ou ao menos o modo

como ele tentou cobrir as tortas com as mãos. O homem a encarara daquele jeito

porque *ela* o encarara. Devia estar com medo de que uma Aiel “selvagem” quisesse

levar algumas de suas mercadorias sem pagar.

Egwene soltou uma risadinha fraca. Aiel. Mesmo quando a encaravam bem de

perto, achavam que ela era Aiel. Se houvesse alguma agente da Torre atrás dela,

passaria a seu lado sem nem olhar duas vezes. Sentindo-se um pouco melhor, ela

voltou a perambular pelas ruas, ouvindo as conversas e boatarias sempre que podia.

O problema era que estava acostumada a saber das coisas apenas semanas, no

máximo dias, depois de terem acontecido — e ainda por cima com a garantia de que

acontecera mesmo da forma relatada. Boatos podiam atravessar cem milhas em um

só dia ou levar um mês para andar alguns metros, e a cada dia geravam mais dez. Só

naquela volta pela cidade, já descobrira vários boatos conflitantes: Siuan fora

executada porque tinha exposto a existência da Ajah Negra; Siuan *era* Ajah Negra e

ainda estava viva; a Ajah Negra expulsara todas as Aes Sedai de outras Ajahs da

Torre. Não eram histórias novas, só variações de boatos mais antigos. Mas havia

uma história nova, uma que vinha se espalhando feito um incêndio no prado em

pleno verão: a Torre estivera por trás de todos os falsos Dragões. Toda vez que ouvia

aquela história, Egwene ficava tão irritada que começava a andar mais rápido e com

as costas mais rígidas — o que, claro, significava que ela passava um bom tempo

andando rápido e com as costas eretas. Também ouviu as histórias de que, com a

suposta morte de Morgase, os andorianos em Aringill tinham decidido que uma

nobre — Dylin, Delin, o nome variava — agora era sua rainha; o que poderia muito

bem ser verdade, aliás. E ouvira que havia Aes Sedai zanzando por Arad Doman,

fazendo coisas muito improváveis, o que com certeza era mentira. E havia boatos de

que o Profeta estava vindo para Cairhien; de que o Profeta fora coroado rei de

Ghealdan — não, de Amadícia —, de que o Dragão Renascido condenara o Profeta à

morte por blasfêmia. E dizia-se que os Aiel estavam partindo; mas também que o

povo do Deserto pretendia se estabelecer por ali. Falavam que Berelain seria coroada

no Trono do Sol. E um homenzinho esquelético de olhos evasivos parado na área

externa de uma taverna quase apanhou só por afirmar que Rand era um Abandonado

— Egwene nem hesitou em se intrometer para acabar com a confusão.

— Vocês não têm honra? — questionou, com frieza.

Os quatro brutamontes que estavam a ponto de agarrar o sujeito magricela apenas

piscaram, confusos. Eram cairhienos, não muito mais altos que ela, mas bem mais

encorpados. Tinham marcas de narizes quebrados e as juntas dos dedos afundadas

típicas dos brigões, mas ela conseguiu mantê-los quietos apenas com a intensidade

do olhar — intensidade e a presença de vários Aiel ali pela rua. Considerando o

entorno, aqueles homens não cometeriam a tolice de se indispor com uma Aiel,

como pensavam que ela era.

— Se quiserem lutar contra um homem por conta do que ele diz, lutem um de

cada vez. E com honra — acrescentou. — Isto não é uma batalha. Vocês deveriam

sentir vergonha de quererem lutar quatro contra um.

Os homens a encararam como se ela fosse doida, e Egwene começou a corar.

Torceu para que achassem que era de raiva. O problema não era aqueles sujeitos

ameaçarem alguém mais fraco, e sim não quererem permitir uma luta justa, um a

um. Ah, acabara de passar um sermão como se aqueles homens seguissem *ji'e'toh*.

Claro que, se fosse o caso, não teria havido a necessidade de um sermão.

Um dos brutamontes inclinou a cabeça em uma quase reverência. O nariz, além de

torto, não tinha a ponta.

— Hum... é... senhora? Ele já foi. Podemos ir?

Era verdade. O sujeito magricela se aproveitara da interferência dela para dar no

pé. Egwene sentiu um lampejo de desprezo: o homem saía correndo só por medo de

encarar quatro adversários. Como conseguia suportar tamanha vergonha? Luz! Já

estava pensando como Aiel de novo.

Abriu a boca para dizer que era óbvio que eles podiam ir embora, mas nenhuma

palavra saiu. Os homens interpretaram o silêncio como consentimento — ou talvez

tenham achado que fosse uma desculpa para sair correndo —, mas Egwene mal

reparou. Ela se distraiu com um grupo a cavalo, que seguia rua acima.

Não reconheceu os quase dez soldados de capas verdes que abriam caminho pela

multidão, mas identificou na hora quem eles escoltavam. Só via as costas das cinco

ou seis mulheres entre os soldados — parte das costas, na verdade, mas era mais do

que suficiente. Muito mais. As mulheres usavam capas de viagem leves de linho

claro, todas em tons de marrom, e Egwene acabou encarando intensamente o que

parecia um disco branco bordado nas costas de uma das capas. Apenas alguns

detalhes bordados diferenciavam o círculo alvo do branco da Chama de Tar Valon

em seu interior, então a mulher devia ser da Ajah Branca. De relance, avistou um

símbolo verde, um vermelho... Vermelho?! Cinco ou seis Aes Sedai cavalgando

para o Palácio Real, onde uma cópia do estandarte do Dragão tremulava ao sabor da

brisa inconstante, posicionado no topo de uma torre escalonada bem ao lado de uma

das bandeiras carmesim de Rand, com o antigo símbolo das Aes Sedai. Alguns

diziam que *aquele* era o estandarte do Dragão, outros alegavam que as bandeiras

vermelhas eram o estandarte de al'Thor ou até mesmo dos Aiel, sem falar nas outras

dezenas de possibilidades e boatos.

Egwene foi ziguezagueando pela multidão, seguindo as mulheres por cerca de

vinte passadas, então parou. A presença daquela irmã Vermelha — ao menos a que

tinha visto, poderia haver outras — só podia significar que aquela era a tão

aguardada missão diplomática da Torre, que Elaida enviara para escoltar Rand até

Tar Valon. Já fazia mais de dois meses que o anúncio da vinda da comitiva chegara

a Cairhien, trazida por um mensageiro incansável. O grupo devia ter saído de Tar

Valon logo depois do mensageiro.

E não encontrariam Rand ali, a não ser que ele tivesse aparecido sem aviso.

Egwene estava certa de que Rand conseguira redescobrir um antigo Talento

chamado Viagem, mas saber o que ele fazia não a ajudava a descobrir como. Bem,

não importava se as Aes Sedai fossem ou não encontrar o Dragão — não poderiam

encontrar Egwene. Se isso acontecesse, mesmo na melhor das hipóteses ela seria

identificada como uma Aceita longe da Torre sem uma irmã completa para

supervisioná-la — isso se Elaida não estivesse caçando-a. Ainda assim, elas iriam

arrastá-la de volta para Tar Valon e Elaida. Egwene não alimentava ilusões de que

conseguiria resistir a cinco ou seis Aes Sedai.

Com uma última olhada para o grupo de Aes Sedai já se afastando, Egwene

ergueu as saias e saiu em disparada, desviando de algumas pessoas e esbarrando em

outras, abaixando-se sob os focinhos de parelhas de animais que puxavam os

carroções e as carruagens, deixando uma trilha de gritos indignados. Quando enfim

cruzou um dos altos portões de arco triunfal que levavam para fora das muralhas,

sentiu o golpe do vento quente no rosto. Sem as paredes e as construções como

obstáculo, o ar carregava tanta poeira que fez Egwene tossir, mas ela continuou

correndo até chegar às tendas baixas das Sábias.

Para sua surpresa, encontrou uma égua cinza lustrosa com sela e rédea trabalhadas

e bordadas em ouro do lado de fora da tenda de Amys, sob os cuidados de um

gai'shain que só tirava os olhos do chão para dar tapinhas amistosos no animal

irrequieto. Quando se abaixou para entrar na tenda, encontrou a cavaleira: Berelain

bebericava chá com Amys, Bair e Sorilea, todas estiradas em almofadas borladas e

reluzentes. Uma mulher de robe branco, Roderia, estava ajoelhada em um canto,

aguardando a hora de encher as xícaras de novo.

— Aes Sedai chegaram na cidade — alertou Egwene, assim que entrou. — Vão

em direção ao Palácio do Sol. Deve ser a missão diplomática de Elaida

para Rand.

Berelain levantou-se com muita graça. Mesmo a contragosto, Egwene tinha que

admitir: a mulher era elegante. E o vestido de cavalgada tinha um corte decente —

nem mesmo ela era tola o bastante para cavalgar ao sol com o decote habitual. As

outras mulheres também se levantaram.

— Bem, parece que preciso voltar para o palácio — anunciou Berelain, com um

suspiro. — Só a Luz sabe o que elas vão pensar se não tiver ninguém lá para recebê-

las. Amys, se souber de Rhuarc, pode mandar um recado para ele ir me encontrar?

Amys assentiu, mas Sorilea que falou:

— Melhor não depender tanto de Rhuarc, garota. Rand al'Thor entregou Cairhien

aos seus cuidados. Para os homens, se você dá a mão, logo eles querem o braço

inteiro. E, se for um chefe de clã, dê um dedo e ele logo vai estar querendo a sua

cabeça.

— É verdade — murmurou Amys. — Rhuarc é a sombra do meu coração, mas é

verdade.

Berelain calçou as finas luvas de cavalgada que estavam presas no cinto.

— Ele me lembra meu pai. Às vezes, até demais. — Ela abriu um breve sorriso

pesaroso. — Mas dá bons conselhos. E sabe quando precisa ficar por

perto e por

quanto tempo permanecer. Acho que até as Aes Sedai ficariam impressionadas com

Rhuarc cravando os olhos nelas.

Amys deu uma risadinha.

— Ele é mesmo impressionante. Pode deixar que vou mandar Rhuarc para você.

— Dizendo aquilo, ela beijou a testa e as bochechas de Berelain com toda a

delicadeza.

Egwene ficou olhando. Era um beijo de mãe para o filho ou a filha. *O que* estava

acontecendo entre Berelain e as Sábias? Claro que não podia perguntar — uma

pergunta daquela só traria vergonha para ela e para as Sábias. E para Berelain,

mesmo que ela não fosse ficar sabendo, e mesmo que Egwene não se importasse de

envergonhar Berelain até ela ficar careca.

Quando Berelain estava se virando para sair da tenda, Egwene a segurou pelo

braço.

— Tome cuidado com elas. As Aes Sedai não serão amigáveis com Rand, mas as

palavras erradas, ou mesmo um movimento errado, podem fazer com que se tornem

inimigas declaradas.

Aquilo era verdade, mas não era o que Egwene precisava dizer. Preferia que lhe

arrancassem a língua do que ter que pedir um favor de Berelain.

— Já lidei com Aes Sedai antes, Egwene Sedai — afirmou a Primeira de Mayene,

seca.

Egwene se conteve e evitou respirar fundo. Teria que pedir, mas não permitiria

que a mulher percebesse como estava sendo difícil.

— Elaida não será uma amiga para Rand, não mais que uma doninha pode ser

amiga de uma galinha, e essas Aes Sedai são de Elaida. Se elas ficarem sabendo de

uma Aes Sedai que o apoia e que está por aqui, ao alcance, essa Aes Sedai pode

acabar desaparecendo logo no dia seguinte.

Ela encarou o rosto indecifrável da Primeira de Mayene, sem conseguir se obrigar

a dizer mais nada. Depois de um longo instante, Berelain sorriu.

— Egwene Sedai, vou fazer o que estiver ao meu alcance. Por Rand.

— Tanto o

sorriso quanto a voz pareciam insinuar alguma coisa.

— Garota... — advertiu Sorilea, ríspida, e foi uma surpresa ver que Berelain

corou de leve.

Sem olhar para Egwene e com uma voz cuidadosamente neutra, a Primeira de

Mayene respondeu:

— Eu agradeceria se vocês não contassem nada a Rhuarc.

Na verdade, ela não olhava para ninguém, mas fazia um esforço para ignorar a

presença de Egwene.

— Não vamos contar — retrucou Amys, sem demora, deixando Sorilea boquiaberta. — Não vamos contar. — A repetição era para Sorilea, a voz um misto

de firmeza e pedido, até que a idosa enfim aquiesceu, ainda que relutante. Berelain

chegou a suspirar de alívio antes de se abaixar e sair da tenda.

— Essa criança é espirituosa — gargalhou Sorilea, assim que Berelain saiu. Ela se

reclinou de volta nas almofadas e deu tapinhas no lugar ao lado, sinalizando para

que Egwene se sentasse. — Deveríamos encontrar o marido ideal para ela, um

homem à altura dela. Se é que tal homem existe entre os aguacentos.

Esfregando as mãos e o rosto com o pano úmido que Roderia trouxera, Egwene se

perguntou se aquilo já lhe dava abertura suficiente para perguntar sobre Berelain

sem causar desonra. Ela aceitou a xícara de chá de porcelana verde do Povo do Mar

e tomou seu lugar no círculo de Sábias. Se uma das outras respondesse ao

comentário de Sorilea, talvez bastasse.

— Tem certeza de que essas Aes Sedai representam perigo para o *Car'a'carn*? —

perguntou Amys, antes que outra pudesse se pronunciar.

Egwene corou. Estava perdida em fofocas enquanto havia questões tão importantes a tratar.

— Tenho — respondeu mais do que depressa. Então completou, mais

calma: —

Pelo menos... não sei se o que elas querem exatamente é fazer mal a Rand. Pelo

menos não de propósito. — A carta de Elaida de fato dizia que deviam tratá-lo com

“a honra e o respeito” que o Dragão merecia. Quanto respeito uma antiga irmã

Vermelha achava que um homem capaz de canalizar merecia? — Mas não duvido de

que elas vão querer ter algum controle sobre ele, obrigar Rand a fazer o que Elaida

quiser. Não querem ser aliadas. — E até que ponto as Aes Sedai de Salidar eram

aliadas? Luz, precisava falar com Elayne e Nynaeve. — E não vão se importar se ele

é o *Car’a’carn*.

Sorilea grunhiu, amargurada.

— Acha que elas vão tentar fazer mal a você? — perguntou Bair.

Egwene assentiu.

— Se descobrirem que eu estou aqui... — Tentou disfarçar o arrepio tomando um

golinho do chá de menta. Fosse para ter um meio de controlar Rand ou para levá-la

embora como a Aceita não supervisionada que era, aquelas mulheres fariam de tudo

para arrastá-la de volta para a Torre. — Elas não me deixarão livre, se tiverem

opção. Elaida não vai querer que Rand ouça ninguém além dela mesma.

Bair e Amys trocaram olhares sérios.

— Então a resposta é simples. — Sorilea soou como se tudo estivesse decidido.

— Você vai ficar aqui nas tendas, e elas não terão como encontrá-la.
As Sábias

sempre evitam Aes Sedai, de qualquer forma. Se ficar mais alguns anos com a gente,

acho que você dará ótima Sábua.

Egwene quase deixou a xícara cair.

— Fico lisonjeada — respondeu, hesitante —, mas, uma hora ou outra, terei que ir

embora.

Sorilea não pareceu convencida. Egwene aprendera a se impor com Amys e Bair,

depois de um tempo, mas Sorilea...

— Bem, não tão cedo — retrucou Bair, abrindo um sorriso para que as palavras

soassem amigáveis. — Você ainda tem muito o que aprender.

— Tem, e está ansiosa para voltar a estudar — acrescentou Amys.
Egwene se

esforçou para não corar, e a Sábua franziu o cenho. — Você parece estranha. Andou

se esforçando demais, hoje de manhã? Eu tinha certeza de que você já estava

recuperada o bastante...

— Já me recuperei — garantiu Egwene, mais do que depressa. — É verdade, já

me recuperei. Faz dias que não tenho dor de cabeça. Foi a poeira do vento, quando

eu estava correndo de volta para cá. E a multidão na cidade está maior do que eu me

lembrava. E sem falar que eu estava tão empolgada que não comi bem no café da

manhã.

Sorilea chamou Roderia com um gesto.

— Traga pão de mel, se ainda tiver, e queijo. E qualquer fruta que conseguir

encontrar. — Ela cutucou as costelas de Egwene. — As mulheres não devem ser só

pele e osso — disse a mulher que parecia ter sido largada ao sol até que quase toda a

carne tivesse ressecado.

Egwene não se importava de ter que comer, já que estava tão empolgada naquela

manhã que de fato se esquecera, mas Sorilea ficou olhando cada pedaço ser

engolido, e aquele escrutínio dificultava um pouco as coisas. Isso e o fato de que as

Sábias queriam discutir o que fazer quanto às Aes Sedai — se as mulheres da Torre

se mostrassem hostis a Rand, então teriam que ser vigiadas. As Sábias precisavam

encontrar um jeito de preservar e proteger o *Car'a'carn*. Até Sorilea estava meio

nervosa com a possibilidade de terem que se colocar diretamente contra as Aes Sedai

— nervosa, mas não com medo: o que a incomodava era ter que ir contra seus

costumes. De qualquer forma, fariam o que fosse preciso pelo *Car'a'carn*.

Egwene estava preocupada com a possibilidade de que as Sábias transformassem

em ordem aquela sugestão de Sorilea, de que ela permanecesse entre as tendas. Não

haveria como escapar, passar despercebida por aqueles cinquenta olhos, a não ser

ficando dentro da tenda. Como Rand fazia para Viajar? As Sábias fariam o que fosse

preciso, desde que não fosse contra os princípios de *ji'e'toh*. As Sábias podiam

muito bem ter interpretações criativas de alguns aspectos, mas se agarravam a essas

interpretações com a mesma firmeza de qualquer outro Aiel. Luz, a própria Roderá

era Shaido — uma dentre os milhares que foram capturados na batalha para expulsar

os Shaido de Cairhien —, mas as Sábias a tratavam como qualquer outro *gai'shain*.

E, pelo que Egwene via, Roderá também não se comportava nem um pouco

diferente de qualquer outro *gai'shain*. Nenhuma delas se disporia a contrariar

ji'e'toh, não importava quanto fosse preciso.

Por sorte, não tocaram de novo naquele assunto. Mas, para seu azar, falaram

bastante de sua saúde. As Sábias não sabiam Curar nem verificar o estado de alguém

com o Poder, então faziam testes com seus próprios métodos — alguns ela

reconhecia das aulas de Nynaeve, quando queria se tornar Sabedoria, como examinar

os olhos, ouvir o coração com um tubo oco de madeira; outros eram tipicamente

Aiel, como tocar os dedos do pé até ficar tonta, pular no lugar até achar que os olhos

iam saltar da cabeça e correr ao redor das tendas das Sábias até sua vista ficar cheia

de pontinhos negros. Quando um *gai'shain* trouxe água para derramar em sua

cabeça, ela bebeu o que pôde, ergueu as saias e correu mais um pouco. Aiel eram

grandes adeptos de manter um corpo resistente, e, se ela fosse um passinho mais

lenta, se vacilasse e parasse antes que Amys mandasse, as Sábias decidiriam que ela

ainda não se recuperara o suficiente.

Quando Sorilea enfim assentiu, completando com um “você está tão saudável

quanto uma Donzela”, Egwene já estava cambaleando, ofegante. Tinha certeza de

que nenhuma Donzela estaria naquele estado, mas mesmo assim ficou orgulhosa de

si mesma. Nunca se considerara molenga, mas tinha plena consciência de que, antes

de viver entre os Aiel, teria caído de cara no chão na metade do teste. *Mais um ano e*

vou conseguir correr tão bem quanto qualquer Far Dareis Mai, pensou.

Egwene também não estava com muita vontade de voltar para a cidade. Juntou-se

às Sábias na tenda de vapor — desta vez não recebeu ordens de derramar água nas

rochas quentes, e Roderá cuidou disso —, aproveitando o calor úmido enquanto os

músculos relaxavam. Só saiu porque Rhuarc e dois outros chefes de clã

— Timolan,

dos Miagoma, e Indirian, dos Codarra — se juntaram a elas, todos homens altos e

imensos, com rostos duros e austeros e cabelos já grisalhos. Quando os viu, saiu

correndo da tenda, então tratou de enrolar o xale no corpo. Sempre que isso

acontecia, esperava ouvir gargalhadas, mas os Aiel nunca entendiam por que ela saía

correndo da tenda de vapor sempre que um homem entrava. Se entendessem, já

teriam feito suas típicas piadas Aiel. Por sorte, simplesmente não faziam a conexão,

para a felicidade de Egwene.

Egwene recolheu o restante das roupas em meio às pilhas bem arrumadas ali fora

e saiu depressa para sua própria tenda. O sol já estava baixo no céu, e, depois de uma

refeição leve, estaria pronta para dormir. Estava cansada demais para sequer pensar

em *Tel'aran'rhiol*. Cansada demais, também, para se lembrar da maioria dos sonhos

que teve — coisa que as Sábias vinham tentando lhe ensinar a fazer —, e a maioria

dos que conseguiu se recordar envolvia Gawyn.



CAPÍTULO 25

COMO RELÂMPAGOS E CHUVA

Apesar dos sonhos que teve a noite inteira, Egwene acordou se sentindo

inexplicavelmente revigorada quando Cowinde veio chamá-la bem cedo, ainda no

céu cinza que precede a alvorada. Renovada e pronta para tentar descobrir alguma

coisa em sua ida à cidade. Depois de bocejar e se espreguiçar, levantou-se sem

delongas, cantarolando enquanto se lavava e se vestia às pressas, mal parando para

pentear os cabelos direito. Teria saído correndo da área das tendas, sem nem gastar

tempo com o desjejum, mas deu de cara com Sorilea, o que pôs um fim a seus

planos de sair às pressas. No fim das contas, também acabou sendo bom.

— Você não devia ter saído tão cedo da tenda de suor — comentou Amys, que

estava recebendo cerca de vinte Sábias em sua tenda. Ela pegou uma tigela de

mingau e frutas secas das mãos de Roderia, que, junto de Cowinde e um homem de

robe branco chamado Doilan, outro Shaido, corria para servir a todos. — Rhuarc

tinha muito o que dizer sobre suas irmãs. Talvez você possa acrescentar mais

algumas coisas.

Depois de meses de fingimento, Egwene nem se perguntava quem seriam essas

irmãs — sabia que a mulher estava falando da missão diplomática da Torre.

— Vou lhe contar o que puder. O que ele disse?

Para começar, havia seis Aes Sedai. E duas eram Vermelhas, não uma. Egwene

não conseguia acreditar na arrogância — ou talvez na burrice — de Elaida, de ter

enviado uma única Vermelha que fosse. Pelo menos o comando estava nas mãos de

uma Cinza. As Sábias estavam acomodadas em um grande círculo, a

maioria

deitada, seus corpos parecendo delinear os raios de uma roda, embora houvesse

algumas de pé ou ajoelhadas nos espaços. Todas se voltaram para Egwene assim que

ela foi informada dos nomes das Aes Sedai visitantes.

— Infelizmente só conheço duas dessas — declarou a jovem, hesitante.
— Temos

muitas Aes Sedai, afinal, e não sou irmã completa há tanto tempo, para conhecer

tantas. — Várias assentiram, aceitando a explicação. — Nesune Bihara é bem justa,

escuta todos os lados antes de tomar uma decisão, mas sempre consegue identificar

incongruências, por menores que sejam. Ela vê tudo, se lembra de tudo. Passa os

olhos numa página uma única vez e consegue repetir palavra por palavra, e também

é capaz de repetir uma conversa que ouviu um ano antes. E ela às vezes fala sozinha,

enunciando os pensamentos sem nem se dar conta de que está falando em voz alta.

— Rhuarc falou que essa mulher estava interessada na Biblioteca Real.
— Bair

mexeu seu mingau, a atenção voltada para Egwene. — Disse que a escutou

resmungar alguma coisa sobre selos.

Um murmúrio se espalhou por entre as outras Sábias, mas foi silenciado quando

Sorilea pigarreou bem alto.

Egwene pensou por um instante, remexendo o mingau com a colher — notou

lascas de ameixa seca e alguma baga doce na mistura. Se Elaida tivesse interrogado

Siuan antes da execução, devia saber que três selos já haviam sido quebrados. Rand

mantinha dois outros escondidos em algum lugar — Egwene queria muito saber

onde, mas seu velho amigo não parecia confiar em ninguém, nos últimos tempos —

e Nynaeve e Elayne tinham encontrado um em Tanchico e o levado para Salidar.

Bem, Elaida não tinha como saber destes. A menos que contasse com espiões em

Salidar, mas... Não. Era especulação para outro momento, seria inútil cogitar aquilo

agora. Elaida devia estar desesperada atrás dos outros selos. Parecia sensato enviar

Nesune para a segunda maior biblioteca do mundo, perdendo apenas para a

biblioteca da própria Torre Branca. Engolindo algumas ameixas secas, Egwene

revelou suas conclusões às Sábias.

— Eu já tinha falado isso ontem à noite — grunhiu Sorilea. — Aeron, Colinda,

Edarra, vão para a Biblioteca. Três Sábias devem bastar para encontrar o que houver

para ser encontrado antes de uma Aes Sedai. — Três rostos assumiram uma

expressão irritada. A Biblioteca Real era imensa. Mas a ordem partira de Sorilea, e,

apesar de terem resmungado e suspirado, as mulheres escolhidas deixaram suas

tigelas de mingau no chão e saíram imediatamente. — Você disse que conhecia duas

— prosseguiu a Sábida mais velha, antes mesmo que as três tivessem saído. —

Nesune Bihara e quem mais?

— Sarene Nemdahl — respondeu Egwene. — Mas vejam bem, conheço as duas

apenas superficialmente. Sarene é como a maioria das Brancas, pondera tudo com

muita lógica e às vezes parece surpresa quando alguém age com o coração, mas é

geniosa. Ela quase sempre consegue se controlar, mas basta um passo errado na hora

errada e ela acaba... arrancando seu nariz antes de você entender o que está

acontecendo. Ainda assim, ela sempre escuta outras opiniões e admite que estava

errada, mesmo depois de um ataque. Quer dizer, pelo menos depois que passa o

acesso de raiva.

Enfiando uma colherada de bagas e mingau na boca, Egwene tentou examinar as

Sábias sem que elas percebessem. Nenhuma parecia ter percebido sua hesitação. Ela

quase dissera que Sarene mandaria alguém esfregar o chão antes que a pessoa

pudesse entender o que estava acontecendo. Só conhecia as duas das aulas dos

tempos de noviça. Nesune, uma kandoriana esguia com olhos afiados de águia,

conseguia perceber mesmo de costas quando alguém deixava de prestar atenção.

Assistira a várias aulas dela. Quanto a Sarene, só fora a duas de suas palestras sobre

a natureza da realidade, mas era difícil esquecer uma mulher que afirmava como a

beleza e a feiura eram ilusões, mesmo tendo um rosto que fazia qualquer homem

parar para olhar com atenção.

— Espero que você consiga se lembrar de mais coisas — comentou Bair, apoiada

no cotovelo, inclinando-se para Egwene. — Parece que você é a nossa única fonte de

informações.

Egwene precisou de um momento para entender o que a mulher dizia. Sim, claro.

Bair e Amys deviam ter tentado espiar o sonho das Aes Sedai, na noite anterior, mas

todas as Aes Sedai protegiam os sonhos com barreiras — uma habilidade que se

arrependia de não ter aprendido antes de deixar a Torre.

— Farei o possível. Onde ficam os aposentos delas lá no palácio?

Se quisesse falar com Rand na próxima vez em que ele visitasse a cidade, seria

bom não ir parar nos aposentos delas enquanto tentava encontrar o caminho.

Sobretudo os de Nesune. Sarene talvez não se lembrasse de uma noviça entre tantas

outras, mas tinha quase certeza de que Nesune se lembraria. Aliás, qualquer uma das

mulheres que não conhecia também poderia se lembrar dela, já que houve muito

falatório a seu respeito quando estava na Torre.

— As Aes Sedai recusaram a oferta de sombra de Berelain, mesmo por uma única

noite. — Amys franziu o cenho. Entre os Aiel, uma oferta de hospitalidade sempre

devia ser aceita. A recusa, mesmo entre inimigos de sangue, era desonrosa. — Estão

hospedadas com uma mulher chamada Arilyn, uma nobre dos Assassinos da Árvore.

Rhuarc acredita que Coiren Saeldain já conhecia essa Arilyn antes de chegarem,

ontem.

— É uma espiã de Coiren — garantiu Egwene. — Ou da Ajah Cinza.

Várias das Sábias resmungaram entre dentes, irritadas. Sorilea grunhiu alto de

desgosto, e Amys soltou um longo suspiro de desapontamento.

Algumas outras não

pareceram tão convencidas. Corelna, de olhos verdes e um rosto que lembrava um

falcão, ostentando grandes mechas cinza nos cabelos louros, balançou a cabeça em

dúvida; já Tialin, uma ruiva esguia de nariz pontudo, encarou Egwene sem esconder

a descrença.

Espionagem era uma violação de *ji'e'toh* — Egwene só não entendera ainda por

que isso não se aplicava quando as Andarilhas dos Sonhos bisbilhotavam os sonhos

alheios. Seria inútil ressaltar que as Aes Sedai não seguiam *ji'e'toh*. Aquelas

mulheres sabiam disso, só achavam difícil de acreditar ou de compreender, tratando-

se de Aes Sedai ou de qualquer outra pessoa.

Não importava o que algumas das Sábias achavam; Egwene sabia que estava certa

e apostaria o que fosse. Galdrian, o último Rei de Cairhien, tivera uma conselheira

Aes Sedai antes de ser assassinado. Niande Moorwyn fora uma presença quase

invisível naquelas terras, mesmo antes de ter que desaparecer após a morte de

Galdrian, mas Egwene conseguira descobrir que a mulher fizera algumas visitas às

propriedades rurais de Lady Arilyn. E Niande era uma Cinza.

— Ao que parece, puseram cem guardas debaixo do teto de Arilyn — comentou

Bair, depois de algum tempo. Então completou, em uma voz completamente sem

emoção: — As Aes Sedai alegam que a situação na cidade ainda está instável, mas

acho que estão com medo dos Aiel.

Olhares muito interessados surgiram em vários rostos — chegava a ser um pouco

perturbador.

— Cem!? — exclamou Egwene. — Elas trouxeram *cem* homens?

Amys negou com a cabeça.

— Trouxeram mais de quinhentos. Os batedores de Timolan encontraram grande

parte acampados a menos de meio dia de viagem a norte. Rhuarc mencionou os

homens, e Coiren Saeldain explicou que eram uma guarda de honra, mas que tinham

deixado a maioria esperando nos arredores da cidade para não *alarmar* ninguém.

— Elas acham mesmo que vão escoltar o *Car'a'carn* para Tar Valon. — Sorilea

falava em uma voz tão dura que poderia rachar uma pedra, e sua expressão fazia o

tom parecer bem suave. Egwene não fizera segredo do que dizia a carta de Elaida

para Rand, e as Sábias pareciam gostar menos da mensagem a cada vez que a

ouviam.

— Rand não é tolo o bastante para aceitar a oferta — declarou Egwene, mas não

estava pensando na carta.

Quinhentos homens de fato poderiam ser apenas uma guarda de honra, e Elaida

podia muito bem achar que o Dragão Renascido esperaria honrarias do tipo e ficaria

até lisonjeado. Pensou em diversas possibilidades, mas precisava prosseguir com

cuidado. Bastava uma palavra errada para que Amys, Bair ou, pior ainda, Sorilea —

escapar dela era como tentar sair de um espinheiro — lhe dessem ordens que não

seria capaz de obedecer se tivesse que dar conta do que só ela própria tinha como

resolver. Ou que só ela estava disposta a resolver.

— Imagino que os chefes estejam de olho nesses soldados fora da cidade, certo?

— Meio dia a norte estava mais para um dia inteiro de marcha, já que os soldados

não eram Aiel. Era longe demais para representar qualquer perigo, mas um pouco de

cautela nunca caía mal. Amys assentiu, e Sorilea olhou para Egwene como se ela

tivesse perguntado se o sol ainda estaria no céu ao meio-dia. A jovem pigarreou. —

Ah, claro que estão. — Era pouco provável que os chefes de clã fossem cometer um

erro tão ingênuo. — Bem, tenho algumas sugestões. Se uma dessas Aes Sedai for ao

palácio, algumas Sábias capazes de canalizar deveriam ir atrás, para garantir que ela

não deixe nenhuma armadilha com o Poder.

As Sábias aquiesceram. Dois terços das presentes conseguiam manejar

saidar.

Algumas não tinham muito mais habilidade que Sorilea, mas outras tinham o mesmo

nível de Amys, que era tão forte quanto a maioria das Aes Sedai que Egwene já

conhecera. Era mais ou menos a mesma proporção dali para todas as Sábias dos

Aiel. Suas habilidades eram bem distintas das Aes Sedai — sabiam menos de alguns

aspectos e mais de outros, mas no geral era o mesmo nível de poder, apenas em

áreas distintas. Ainda assim, era provável que as Sábias conseguissem detectar

“presentes” indesejados.

— E temos que ter certeza de que vieram só seis representantes da Torre —

completou Egwene.

Teve que explicar essa parte. As Sábias tinham lido livros de aguacentos, mas

nem as capazes de canalizar conheciam os rituais que as Aes Sedai haviam

desenvolvido para lidar com homens capazes de tocar *saidin*. Entre os Aiel, um

homem capaz de canalizar acreditava ser um escolhido e partia para o norte, para a

Praga, caçando o Tenebroso. Nenhum nunca voltava. A própria Egwene não sabia

dos rituais até ir para a Torre. Era raro as histórias que ouvira quando criança terem

qualquer relação com a realidade.

— Rand consegue dar conta de duas mulheres de uma só vez — declarou

Egwene, e sabia disso por experiência própria. — E pode ser que dê conta de seis.

Mas, se estiverem em maior número do que afirmam, seria no mínimo prova de que

mentiram, mesmo que apenas por omissão.

Quase se encolheu diante das testas franzidas daquelas mulheres. Quem mentia

incorria em *toh* para com qualquer um que ouvisse a mentira. No seu caso, a mentira

era inevitável. *Era mesmo.*

Durante todo o restante do café, as Sábias decidiram quem iria ao palácio naquele

dia e quais chefes poderiam ser confiados para escolher homens e Donzelas para

vasculharem a cidade em busca de mais Aes Sedai. Alguns poderiam relutar em agir

contra qualquer Aes Sedai, não importava como — as Sábias não declararam isso,

apenas deram a entender pelas coisas que diziam, e sempre com amargor —, e

outros talvez acreditassem que qualquer ameaça ao *Car'a'carn*, mesmo por parte das

Aes Sedai, seria mais bem resolvida com a lança — e algumas Sábias também

pareciam partilhar daquela opinião. Sorilea recusara com muita ênfase as sugestões

evasivas de que esse problema seria resolvido se Aes Sedai simplesmente não

estivessem mais na cidade. No fim das contas, Rhuarc e Mandelain,

dos Daryne,

foram os dois únicos chefes de Clã que todas concordaram em chamar.

— Mas fiquem atentas para eles não escolherem nenhum *siswai'aman*
— advertiu

Egwene.

Os *siswai'aman*, a lança do Dragão, com certeza recorreriam à violência ao menor

sinal de ameaça. O alerta lhe rendeu muitos olhares, tanto inexpressivos quanto

irônicos — as Sábias são eram tolas. Ainda assim, Egwene estava incomodada com

uma coisa: nenhuma delas mencionou o que já estava tão acostumada a ouvir quase

sempre que o povo do Deserto mencionava as mulheres da Torre: no passado, os

Aiel tinham falhado com as Aes Sedai e seriam destruídos se falhassem de novo.

Exceto por aquele único comentário, Egwene se manteve de fora da discussão,

ocupando-se de uma segunda tigela de mingau — dessa vez com pera seca junto das

ameixas —, o que gerou um meneio de aprovação de Sorilea. Mas não buscava

aprovação de Sorilea — estava com fome, verdade, mas queria mesmo que aquelas

mulheres esquecessem que ela estava ali. Pareceu funcionar.

Depois de encerrados o café da manhã e as discussões, Egwene voltou para sua

tenda e se agachou junto da aba, do lado de dentro, observando um pequeno grupo

de Sábias que partia rumo à cidade, lideradas por Amys. Quando as mulheres

cruzaram o portão mais próximo, Egwene deu um pinote e saiu outra vez. Havia

Aiel por toda parte, *gai'shain* e outros, mas todas as Sábias estavam em suas tendas,

e ninguém pareceu olhá-la quando saiu andando para a muralha, tentando não

caminhar rápido demais. Se alguém a notasse, poderia pensar que ela só estava

fazendo seu exercício matinal. O vento aumentou, soprando ondas de poeira e

resquícios das cinzas de Portão da Frente, mas ela manteve o ritmo. Estava apenas se

exercitando.

Na cidade, a primeira pessoa para quem ela pediu informação, uma mulher

magrela vendendo maçãs murchas a um preço exorbitante, não soube dizer o

caminho para o palácio de Lady Arilyn. Nem a segunda, uma costureira

rechonchuda que arregalou os olhos ao ver o que parecia uma Aiel entrando em sua

loja, muito menos o cuteleiro meio careca que achou que Egwene estaria muitíssimo

interessada em suas facas. Por fim, conseguiu a informação com uma prateira de

olhos estreitos que a encarou com muita atenção durante todo o tempo que ela

passou na loja. Egwene balançou a cabeça, desapontada, enquanto avançava a passos

largos por entre a multidão. Às vezes esquecia como era grande uma cidade do porte

de Cairhien — grande a ponto de que nem todo mundo saber onde ficava cada lugar.

Tão grande era a cidade que Egwene acabou se perdendo três vezes e precisou

pedir informação a duas outras pessoas antes de acabar se esgueirando pela lateral de

um estábulo que alugava cavalos, espiando o outro lado da rua. Sua atenção estava

concentrada em uma construção que consistia em um amontoado de pedras escuras

com janelas estreitas, varandas anguladas e torres inclinadas. Era pequeno para um

palácio, mas parecia enorme para uma casa comum. Se bem lembrava, Arilyn estava

um pouco acima da média da nobreza de Cairhien. Soldados com casacos verdes,

usando placas peitorais e elmos, montavam guarda na espaçosa escadaria frontal,

diante de cada portão visível e nas varandas. Estranhamente, eram todos jovens —

bem, isso não importava. Havia mulheres canalizando dentro daquela casa, e não

eram quantidades pequenas de *saidar*, para ela estar sentindo ali da rua — e sentindo

com tanta intensidade. A quantidade de poder sendo canalizado diminuiu de repente,

mas continuava significativa.

Egwene mordeu o lábio inferior. Não tinha como saber o que estavam fazendo ali

dentro, não sem ver os fluxos. Por outro lado, as mulheres que estavam canalizando

também precisavam ver os fluxos para tecê-los. Mesmo que estivessem diante de

alguma janela mais escondida, se houvesse um fluxo sendo canalizado para fora da

mansão, Egwene só não conseguiria ver se fossem todos voltados para o sul, para

longe do Palácio do Sol — longe de tudo. O que elas estariam fazendo?

Um dos portões se abriu apenas por tempo suficiente para deixar sair uma parelha

de seis baios puxando uma carruagem preta toda fechada com um brasão laqueado

nas portas — duas estrelas de prata em um fundo de listras vermelhas e verdes. A

carruagem rumou para o norte, abrindo caminho por entre a multidão. O condutor,

de libré, abusava do chicote comprido, usando-o tanto para afastar as pessoas quanto

para incitar os cavalos. Seria Lady Arilyn indo a algum lugar, ou seria alguém da

missão diplomática?

Bem, não tinha ido até ali para ficar olhando. Recuando até só conseguir espiar

para a rua com um dos olhos e apenas o suficiente para divisar o casarão, Egwene

tirou uma pequena pedra vermelha da bolsinha do cinto, respirou fundo e começou a

canalizar. Se uma das Aes Sedai estivesse olhando para fora naquela direção,

conseguiria ver os fluxos, mas não a veria. Bem, precisava correr o risco.

A pedra lisa era apenas isso — uma pedra polida de algum regato. Mas Egwene

aprendera aquele truque com Moiraine e, como esta usara uma pedra para se

concentrar — na verdade uma pedra preciosa, mas a qualidade do material não fazia

diferença —, Egwene também usava. Teceu principalmente Ar, com um toque de

Fogo. A tessitura permitia ouvir a conversa alheia — ou espionar, como diriam as

Sábias. Egwene não ligava para como chamavam, só queria descobrir as intenções

das Aes Sedai enviadas pela Torre.

Tocou a tessitura com todo o cuidado na abertura de uma janela — bem de leve,

com toda a delicadeza... Depois tocou em outra, e mais outra. Apenas silêncio. E

então...

— ... daí virei pra ele — anunciou uma voz feminina, em seu ouvido — e falei

bem assim: ah, você quer essas camas pra agora, é? Pois vai ficar querendo, Alwin

Rael!

Outra mulher respondeu:

— Até parece que você falou isso mesmo!

Egwene abriu um sorriso amargo. Criadas.

Uma mulher corpulenta carregando uma cesta de pão no ombro passou por ali,

encarando Egwene, confusa. Claro que estaria confusa: ouvia duas mulheres e via

apenas uma garota ali, parada, com os lábios imóveis. Egwene resolveu o problema

do jeito mais rápido que conhecia: encarou a mulher com tanta irritação que ela

levou um susto e quase deixou cair a cesta quando disparou para o meio da multidão.

Um pouco relutante, Egwene reduziu a intensidade da tessitura. Não ouviria tão

bem, mas também não atrairia mais olhares curiosos. Uma Aiel espremida contra a

parede já atraía muitos olhares, embora ninguém sequer hesitasse antes de seguir

adiante, já que não queriam confusão com os Aiel. Não quis se preocupar com os

curiosos. Foi movendo a tessitura de janela em janela. Suava em bicas, e não só por

conta do calor, que já aumentava. Se uma única Aes Sedai visse seus fluxos, mesmo

que de relance, mesmo que não reconhecesse a tessitura, todas saberiam que alguém

estava canalizando contra elas. E claro que imaginariam o propósito da tessitura.

Egwene se escondeu ainda mais — só aparecia metade do olho.

Silêncio. Silêncio. Um farfalhar — alguém andando? Chinelos num carpete? Mas

nenhuma palavra. Silêncio. Um homem resmungando — parecia estar esvaziando

penicos e nem um pouco contente. Sentindo as orelhas quentes, Egwene prosseguiu

com a busca. Silêncio. Silêncio. Silêncio.

— ... acha mesmo que é necessário? — A voz da mulher chegava como um

sussurro, mas mesmo assim soava intensa e cheia de si.

— Precisamos estar preparadas para qualquer eventualidade, Coiren
— retrucou

outra mulher, com uma voz que parecia uma barra de ferro. — Ouvi um boato

surpreendente...

Uma porta bateu com força, cortando o restante da conversa.

Egwene encostou na parede de pedra do estábulo, desanimada. Queria gritar de

tanta frustração. Ouvira a Cinza que estava no comando, e a outra só podia ser uma

das Aes Sedai que a acompanhavam, ou não teria falado daquele jeito com Coiren.

Não poderia ter encontrado conversa melhor para ouvir, mas *claro* que as duas

saíram da sala onde estavam. Que boato surpreendente? Que eventualidades? Como

elas iam se preparar? A canalização dentro da mansão voltou a aumentar. O que

aquelas mulheres estavam armando? Egwene respirou fundo e recomeçou,

obstinada.

O sol ia cada vez mais alto, e ela ouviu uma infinidade de barulhos, quase todos

impossíveis de identificar, além de muitas conversas e fofocas dos serviçais. Uma

mulher chamada Ceri estava grávida de novo, e teriam que servir

vinho de Arindrim

— Egwene não fazia ideia de que lugar era esse — para as Aes Sedai junto com a

refeição do meio-dia. A descoberta mais interessante foi que era mesmo Arilyn

naquela carruagem. A nobre tinha ido se encontrar com o marido, na área rural.

Grande coisa. Uma manhã inteira desperdiçada.

As portas principais da mansão se escancaram, e os serviços de libré se curvaram

em mesuras. Os soldados não pareceram tensos, apenas um pouco mais atentos.

Nesune Bihara saiu, seguida por um jovem alto que aparentava ter sido talhado em

pedra — em um pedregulho, na verdade.

Egwene soltou depressa a tessitura, largou *saidar* e respirou bem fundo, tentando

se acalmar. Não era hora de entrar em pânico. Nesune e seu Guardião trocaram

algumas palavras, então a irmã Marrom de cabelo escuro olhou para os dois lados

rua abaixo. Não restava dúvida de que estava atrás de alguma coisa.

Achando que, afinal, talvez fosse uma boa hora para entrar em pânico, Egwene

começou a se afastar bem devagar, sem querer atrair o olhar atento de Nesune, e

tratou de dar meia-volta assim que saiu de vista. Ergueu as saias e saiu correndo,

abrindo caminho à força pela multidão. Correu três passadas, até que deu de cara

com uma parede de pedra e caiu sentada no meio da rua, batendo no chão com tanta

força que até quicou nos paralelepípedos quentes.

Ergueu os olhos, confusa — e só ficou ainda mais confusa. A parede de pedra era

Gawyn, que a encarava de cima, parecendo tão estarecido quanto ela. Os olhos dele

eram azuis brilhantes e intensos, e aqueles cachos dourados... Sentiu o rosto corar,

pensando em como queria enroscar os dedos outra vez naqueles cachos neles. *Você*

nunca fez isso, corrigiu-se, com firmeza. Foi só um sonho!

— Machuquei você? — perguntou o rapaz, ansioso, abaixando-se para se ajoelhar

a seu lado.

Egwene conseguiu se levantar, meio sem jeito, e espanou a poeira do corpo. Se

pudesse ter um único desejo realizado naquele exato momento, seria perder a

capacidade de corar. Os dois já haviam atraído um círculo de curiosos, e ela

enroscou o braço no de Gawyn e o puxou pela rua na direção em que estava indo

antes de esbarrarem. Com uma olhadela por cima do ombro, viu que deixavam para

trás apenas uma aglomeração agitada. Mesmo que Nesune fosse exatamente para

aquela esquina, veria apenas um grupo de curiosos confusos. Ainda assim, não

desacelerou, e a multidão abria passagem sem reclamar para a Aiel e seu

companheiro, alto o bastante para também ser Aiel, mesmo carregando uma espada

— e o modo como Gawyn se movia indicava que sabia como usá-la. Ele se portava

como um Guardião.

Depois de se afastarem algumas passadas, Egwene desenroscou o braço do dele,

embora relutante. Gawyn, por sua vez, agarrou sua mão antes que ela pudesse se

afastar muito, e Egwene permitiu que ele a segurasse enquanto caminhavam.

— Bem, imagino que é para ignorar o fato de você estar vestida como uma Aiel

— comentou o jovem, depois de alguns instantes. — A última notícia que tive era de

que você estava em Illian. E imagino que eu também não deva comentar que você

estava fugindo de um palácio onde seis Aes Sedai estão hospedadas. Um

comportamento estranho para uma Aceita.

— Nunca fui a Illian — retrucou ela, olhando em volta, querendo ver se algum

Aiel estaria perto o bastante para entreouvir. Vários olharam em sua direção, mas

nenhum estava ao alcance da voz. De repente, Egwene assimilou o que Gawyn

dissera. Encarou o casaco verde dele, do mesmo tom do casaco dos soldados. —

Você veio com elas. Com as Aes Sedai da Torre.

Luz, era uma tola por não ter percebido isso assim que o viu.

A expressão dele se suavizou. Por um instante, seu rosto ficara duro como pedra.

— Eu comando a guarda de honra das Aes Sedai para escoltar o Dragão

Renascido até Tar Valon. — Sua voz era uma estranha mistura de ironia, raiva e

cansaço. — Isso se ele quiser. E se estiver mesmo aqui. Fiquei sabendo que ele...

aparece e some. Coiren está irritada.

Egwene sentia o coração na garganta.

— Eu... Eu preciso lhe pedir um favor, Gawyn.

— Faço qualquer coisa, a não ser minhas poucas restrições — retrucou ele,

simplesmente. — Não farei nenhum mal a Elayne ou a Andor e não me tornarei um

Devoto do Dragão. Qualquer outra coisa que possa fazer por você, farei.

Várias pessoas se viraram na direção deles dois. A menor menção aos Devotos do

Dragão já atraía muitos ouvidos. Quatro durões que levavam chicotes de condutor de

carroção enrolados por cima dos ombros olharam feio para Gawyn e estalaram os

dedos daquele jeito ameaçador que alguns homens faziam antes de uma briga.

Gawyn apenas os encarou. Não eram pequenos, mas sua beligerância esvaneceu sob

o olhar daquele rapaz. Dois até o saudaram levando o punho à testa antes de

desaparecerem em meio ao mar de gente. Ainda assim, restaram muitos olhares

curiosos, muitos rostos tentando observá-los furtivamente. Com aqueles trajés,

Egwene atrairia olhares mesmo sem dizer uma só palavra. Ao lado daquele homem

de cachos dourados com bem mais que uma braça de altura e que parecia um

Guardião, não tinha como não chamar atenção.

— Precisamos conversar a sós — sugeriu ela.

Ah, se alguma Aes Sedai tiver feito Gawyn seu Guardião, eu vou... Mas era uma

ameaça vazia.

Sem retrucar, Gawyn a levou a uma estalagem próxima chamada Homem

Comprido. Uma coroa dourada arremessada ao estalajadeiro roliço resultou em uma

saudação quase reverente e uma pequena sala de jantar privada com painéis escuros,

cadeiras e uma mesa bem polida, além de uma lareira apagada sobre a qual

repousava um vaso azul cheio de flores secas. Gawyn fechou a porta, e eles de

repente pareceram muito desconfortáveis ali, a sós. Luz, como ele era lindo. Tão

lindo quanto Galad. E o cabelo cacheando em torno das orelhas...

Gawyn pigarreou.

— O calor parece cada dia pior. — Ele secou o rosto com um lenço, então o

ofereceu. Então pareceu se dar conta de que o lenço estava usado e pigarreou outra

vez. — Hã, acho que tenho outro.

Egwene pegou seu próprio lenço enquanto ele vasculhava os bolsos.

— Gawyn, como você pode servir a Elaida depois do que ela fez?

— A Jovem Guarda serve a Torre — retrucou ele, rígido, mas balançou a cabeça,

desconfortável. — Desde que... Siuan Sanche... — Por um momento, seus olhos

viraram uma pedra de gelo. Só por um momento. — Egwene, minha mãe sempre

dizia que até uma rainha precisa obedecer às leis que cria, ou não existiria lei. — Ele

balançou a cabeça, irritado. — Eu não deveria ter ficado surpreso por encontrá-la

aqui. Eu devia saber que você estaria junto de Al'Thor.

— Por que esse ódio dele? — Se a voz dele não estava cheia de ódio, então nunca

tinha ouvido ódio na vida. — Gawyn, ele realmente é o Dragão Renascido. Você

deve ter ouvido falar do que aconteceu em Tear. Ele...

— Ele pode até ser o próprio Criador encarnado — retrucou o rapaz, irritado. —

Al'Thor matou a minha mãe!

Os olhos de Egwene ficaram tão arregalados que quase saltaram do rosto.

— Não, Gawyn! Não matou, não!

— Pode jurar isso? Estava lá quando ela morreu? Todos estão falando nisso. O

Dragão Renascido tomou Caemlyn e matou Morgase. E deve ter matado Elayne

também. Não tenho nenhuma notícia dela. — Toda aquela fúria foi drenada, e

Gawyn pareceu perder as forças. Deixou a cabeça cair para a frente, cerrou os

punhos, fechou os olhos. — Não consigo descobrir nada sobre ela — sussurrou.

— Elayne está ilesa — avisou Egwene.

Ficou surpresa ao notar que estava bem diante dele. Então se levantou e ficou

surpresa outra vez quando ergueu a mão e acariciou os cachos de Gawyn enquanto

erguia sua cabeça. A sensação era idêntica à da memória do sonho. Então recolheu a

mão como se tivesse sido queimada. Tinha certeza de que estava corando tanto que

seu rosto em breve pegaria fogo. Só que... Manchas de cor brotaram nas bochechas

de Gawyn. Claro. Ele também se lembrava, embora achasse que tinha sido um sonho

só dele. Aquilo deveria ter deixado Egwene ainda mais corada, porém, de alguma

forma, sua reação foi o oposto. O ruborizar de Gawyn acalmou seus nervos e a fez

até querer sorrir.

— Elayne está em segurança, Gawyn. Isso, eu *posso* jurar.

— Onde ela está? — A voz dele era pura angústia. — E por onde andou? O lugar

dela é em Caemlyn. Quer dizer, não em Caemlyn. Não enquanto al'Thor estiver lá.

Mas é em Andor. Onde ela está, Egwene?

— Eu... não posso dizer. Não posso, Gawyn.

Ele a analisou, o rosto completamente inexpressivo, então suspirou.

— A cada vez que nos vemos, você é mais Aes Sedai. — Ele riu. A risada soou

forçada. — Sabia que eu às vezes pensava em ser seu Guardiã? Que tolice, não é?

— Você vai ser o meu Guardiã.

Egwene só percebeu que dissera aquilo quando as palavras já tinham saído da

boca. No entanto, soube que era verdade. Aquele sonho. Gawyn se ajoelhando diante

dela para que segurasse sua cabeça. O significado daquilo poderia ser cem coisas ou

nada, mas Egwene sabia.

Gawyn sorriu. O idiota achava que ela estava brincando!

— Ah, com certeza não serei eu. Galad, talvez. Só que você vai ter que espantar

as outras Aes Sedai com uma vara. As Aes Sedai, as serviçais, as rainhas, as

camareiras, as mercadoras, as mulheres de fazendeiros... Todas só têm olhos para

ele. Nem tente dizer que não acha Galad...

O jeito mais simples de acabar com aquela baboseira foi cobrir a boca dele com a

mão.

— Eu não amo Galad. Eu amo você.

Gawyn continuou tentando fingir que era zombaria, sorrindo por trás de seus

dedos.

— Eu não posso ser Guardiã. Serei o Primeiro Príncipe da Espada de Elayne.

— Se a Rainha de Andor pode ser Aes Sedai, então um Primeiro Príncipe pode ser

Guardião. E você vai ser o meu. Trate de meter isso nessa sua cabeça dura, porque

estou falando sério. E eu te amo.

Gawyn simplesmente a encarou. Pelo menos tinha parado com aquele sorriso. Só

que ele não disse nada, ficou apenas olhando. Egwene afastou a mão do rosto dele e

perguntou:

— E então? Não vai dizer nada?

— Quando você passa tanto tempo desejando ouvir algo — começou ele,

hesitante —, então ouve de repente, sem aviso, é como escutar relâmpagos e ver a

chuva cair no solo seco e rachado depois de uma longa seca. É um choque, mas você

não quer ouvir outra coisa.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo — repetiu Egwene, sorrindo. — E então?

Em resposta, ele a ergueu nos braços e a beijou. Cada detalhe foi tão bom quanto

nos sonhos. Foi ainda melhor. Foi... Quando ele a botou de volta no chão, Egwene

se agarrou em seus braços — ela sentia que os joelhos não estavam funcionando

direito.

— Milady Aiel Egwene Aes Sedai, eu te amo. Não vejo a hora de me tornar seu

Guardião. — Deixando de lado a falsa formalidade e assumindo um

tom mais leve,

ele acrescentou: — Eu te amo, Egwene al’Vere. Você disse que queria um favor.

Qual era? A lua em um colar? Mando um ourives dar um jeito nisso em menos de

uma hora. Estrelas para usar no cabelo? Vou...

— Não conte a Coiren e as outras que estou aqui. Nem mencione o meu nome.

Egwene esperava alguma hesitação, mas Gawyn apenas respondeu, sem rodeios:

— Elas não vão ficar sabendo de nada por mim. E, se eu puder evitar, ninguém

vai dizer nada. — Ele fez uma breve pausa, então segurou seus ombros e a encarou.

— Egwene, não vou perguntar por que você está aqui. Não, ouça o que tenho a

dizer. Sei que Siuan a envolveu em suas tramas e entendo que você seja leal a um

homem da sua própria aldeia. Isso não importa. Mas você deveria estar na Torre

Branca, estudando. Eu me lembro de todas lá comentarem que você seria uma Aes

Sedai poderosa um dia. Você tem algum plano para voltar sem... sem ser punida? —

Egwene balançou a cabeça, muda, e ele prosseguiu, apressado: — Talvez eu consiga

arranjar um jeito, caso você não pense em nada antes. Sei que você não tinha opção

senão obedecer Siuan, mas duvido que Elaida vá considerar isso. Só de mencionar o

nome da antiga Amyrlin perto dela a pessoa corre o risco de sair sem

cabeça. Vou

tentar descobrir um jeito, qualquer que seja. Eu juro. Mas me prometa que, até eu

conseguir, você não vai... não vai fazer nenhuma bobagem. — Durou apenas um

instante, mas ele apertou seu ombro quase a ponto de doer. — Só me prometa que

vai tomar cuidado.

Luz, se metera em uma encrenca daquelas. Não podia dizer a ele que não tinha a

menor intenção de voltar à Torre enquanto Elaida ainda ocupasse o Trono de

Amyrlin. E essa tal bobagem que ele queria que ela não fizesse com certeza estava

relacionada a Rand. Gawyn parecia tão preocupado. Com ela.

— Eu vou tomar cuidado, Gawyn. Prometo. — *O máximo de cuidado possível,*

emendou, para si mesma. Era apenas um pequeno detalhe, mas dificultou ainda mais

o que precisava dizer: — Preciso lhe pedir um segundo favor. Rand não matou sua

mãe. — Como podia dizer aquilo e esperar que ele ficasse menos tenso? Bem, com

ou sem tensão, precisava ser feito. — Me prometa que não vai levantar a mão contra

Rand até eu ter como provar que ele não matou sua mãe.

— Eu juro.

A resposta mais uma vez veio sem hesitação, mas a voz estava rouca, e as mãos a

apertaram de novo por alguns instantes, e com mais força que antes.

Egwene não se

encolheu. Aquela leve dor foi como uma compensação para a dor que infligia nele.

— Tem que ser assim, Gawyn. Não foi ele, mas preciso de tempo para provar.

Ah, Luz, como faria isso? A palavra de Rand não bastaria. Que enrascada! Bem,

precisava se concentrar em uma coisa de cada vez. E o que aquelas Aes Sedai

estariam tramando?

Gawyn deixou-a sobressaltada ao respirar com pesar.

— Eu posso abrir mão de tudo, trair tudo, por você. Fuja comigo, Egwene. Vamos

deixar isso tudo para trás. Eu tenho uma pequena propriedade ao sul de Ponte

Branca, com um vinhedo e uma aldeia. É tão embrenhada na zona rural que por lá o

sol se levanta com dois dias de atraso. Mal vamos ficar sabendo do que tem

acontecido no mundo. Podemos nos casar no caminho. Não sei quanto tempo temos,

com al'Thor e Tarmon Gai'don. Não sei quanto tempo teremos, mas podemos passá-

lo juntos.

Egwene o encarou, pasma. Em seguida, ela se deu conta de que falara em voz alta,

perguntando o que as Aes Sedai estariam tramando. Só então entendeu a palavra que

ele usou — trair. Gawyn achava que Egwene queria que ele espionasse as Aes Sedai.

E espionaria. Estava desesperado atrás de um modo de não ter que fazer isso, mas

faria, se ela pedisse. Quando Gawyn prometera que faria qualquer coisa, estava

falando de qualquer coisa mesmo, não importava o que lhe custasse. Foi quando

Egwene fez uma promessa para si mesma — para ele, na verdade, mas não era o tipo

de promessa que podia ser feita em voz alta. Se Gawyn deixasse escapar alguma

coisa, ela usaria a informação — não tinha opção. Mas não iria tentar extrair

qualquer informação dele, por menos que fosse. Não importava o que poderia lhe

custar. Sarene Nemdahl jamais compreenderia aquilo, mas era a única coisa que

poderia se equiparar à lealdade que ele lhe prometera.

— Eu não posso — respondeu, baixinho. — Você nunca vai conseguir compreender quanto eu quero isso, mas não posso. — Ela começou a rir de repente,

sentindo lágrimas brotarem em seus olhos. — E nem você. Trair? Gawyn Trakand,

essa palavra faz tanto sentido na sua boca quanto dizer que a escuridão é coisa do

sol. — Suas promessas mudas podiam ser ótimas e muito verdadeiras, mas não

podia deixar por aquilo mesmo. Sabia que usaria a lealdade que ele lhe dedicara, e

usaria contra o que ele acreditava ser certo. Precisava oferecer uma parte de si em

troca. — Eu durmo nas tendas, mas venho passear pela cidade todas

as manhãs.

Atravesso o Portão da Muralha do Dragão pouco depois do nascer do sol.

E Gawyn compreendeu, claro. Para retribuir a lealdade de Gawyn, ela oferecia sua

fé nas palavras dele, depositava sua liberdade nas mãos dele. Gawyn tomou suas

mãos dela e virou-as, beijando as palmas com toda a delicadeza.

— É um presente muito precioso. Se eu for todas as manhãs ao Portão da Muralha

do Dragão, alguém com certeza vai notar. E pode ser que eu não consiga ir todas as

manhãs. Mas não fique surpresa em me ver a seu lado quase todos os dias, logo

depois de você entrar na cidade.

Quando Egwene finalmente saiu da estalagem, o sol já percorrera uma distância

considerável. Era a hora mais quente da tarde, o que diminuía um pouco a multidão.

Despedir-se levou bem mais tempo do que imaginara. Além disso, beijar Gawyn

talvez não fosse bem o tipo de exercício que as Sábias tinham em mente, mas seu

coração estava acelerado como se tivesse corrido.

Afastou aqueles pensamentos com firmeza — na verdade, teve que fazer bastante

esforço para deixar o rapaz em segundo plano, já que afastá-lo da mente por

completo parecia muito além de suas possibilidades — e voltou ao ponto de

observação perto do estábulo. Alguém ainda canalizava lá dentro da mansão, e

provavelmente era mais de uma pessoa — a menos que uma única pessoa estivesse

tecendo algo bem grande. Dali de fora, a sensação estava mais fraca, mas ainda era

forte. Viu uma mulher de cabelo escuro entrando na propriedade — não a

reconheceu, mas o rosto duro de idade indefinida deixava bem claro o que a mulher

era. Não tentou ouvir mais conversas e não ficou muito tempo ali — se as mulheres

iam ficar entrando e saindo, havia uma grande chance de acabar sendo vista e

reconhecida, apesar das roupas. Enquanto saía, às pressas, um pensamento ainda

martelava em sua cabeça: o que elas estariam tramando?

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon

— informou Katherine Alruddin, remexendo-se de leve no assento. Nunca tinha

entendido se as poltronas cairhienas eram tão desconfortáveis quanto pareciam ou se

sua mente acreditava que fossem desconfortáveis apenas pela aparência. — Depois

que ele deixar Cairhien para ir a Tar Valon, haverá... um vácuo aqui.

Lady Colavaere, acomodada na poltrona dourada diante dela, não sorriu, apenas

se inclinou um pouco para a frente.

— Isso desperta meu interesse, Katerine Sedai. — Então se virou para os serviçais

e completou: — Podem ir.

Katerine sorriu.

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon

— declarou Nesune, a voz muito controlada revelando uma pontinha de irritação.

Apesar do rosto sereno, o taireno à sua frente não parava de remexer os pés, ansioso

por estar na presença de uma Aes Sedai e talvez apreensivo com a possibilidade de

ela começar a canalizar. Só um amadiciano estaria pior. — Depois que ele deixar

Cairhien para ir a Tar Valon, Cairhien precisará de uma figura poderosa.

O Grão-senhor Meilan umedeceu os lábios.

— Por que está me dizendo isso?

O sorriso de Nesune poderia significar qualquer coisa.

* * *

Quando Sarene entrou na sala de estar, só encontrou Coiren e Erian, bebericando

chá. Além do serviçal esperando para servi-las, claro. Sarene gesticulou para que o

homem saísse.

— Ela pode se revelar bem difícil, essa Berelain — opinou, assim que a porta se

fechou. — Não sei se o que funcionaria melhor com ela seria a maçã ou o chicote.

Eu deveria encontrar Aracome amanhã, não é mesmo? Mas acho que precisaremos

de mais tempo com Berelain.

— Maçã ou chicote — ponderou Erian, a voz contrita. — No caso, usamos o que

for preciso.

Sarene pensou em como o rosto de Erian parecia ser de mármore claro emoldurado por asas de corvo — seu vício secreto era a poesia, mas jamais

permitiria que descobrissem que ela se interessava por algo tão... emotivo. Morreria

de vergonha se Vitalien, seu Guardiã, descobrisse que ela já escrevera versos

comparando-o a um leopardo, além de outros animais graciosos, poderosos e

perigosos.

— Controle-se, Erian. — Como de costume, Coiren falava como se discursasse.

— Sarene, ela está assim incomodada por um rumor que Galina escutou. Corre o

boato de que uma irmã Verde estava em Tear com o jovem Rand al'Thor e que essa

mulher agora está aqui em Cairhien.

Coiren *sempre* se referia ao garoto como “o jovem Rand al'Thor”, como se

quisesse lembrar a todos de que o rapaz era muito jovem — e, portanto,

inexperiente.

— Moiraine é uma Verde — matutou Sarene. Aquilo de fato poderia indicar

problemas. Elaida insistia que Moiraine e Siuan tinham agido sozinhas, permitindo

que al'Thor ficasse à solta sem orientação, mas, mesmo que o boato fosse de apenas

mais uma Aes Sedai envolvida, poderia significar que outras também estavam, o que

poderia ser um fio condutor que levasse até algumas, quiçá muitas, das que tinham

ido embora da Torre quando Siuan foi deposta. — Mas é só um boato.

— Talvez não seja — alertou Galina, entrando na sala. — Não ouviram? Alguém

canalizou contra nós hoje de manhã. Por que eu não sei, mas acho que dá para ter

um palpite. E com muitas chances de estar certo.

As contas presas às trancinhas escuras de Sarene estalaram quando ela balançou a

cabeça.

— Isso não comprova a presença de uma Verde, Galina. Não prova nem que era

uma Aes Sedai. Poderia ser alguma coitada qualquer mandada embora da Torre por

não ter passado no teste para Aceita. E você sabe tão bem quanto eu que algumas

daquelas Aiel podem canalizar.

Galina sorriu, os dentes brancos se destacando no rosto negro e duro.

— Acho que comprova a presença de Moiraine. Ouvi dizer que ela tinha a mania

de ouvir as conversas alheias e não acredito nada nessa história tão

oportuna de ela

ter morrido. Não sem nenhum cadáver de prova e nem ninguém para dar detalhes de

como foi.

Sarene também se incomodava bastante com aquilo. Em parte porque gostava de

Moiraine, antes daquela história toda. Tinham sido amigas durante seu tempo de

noviças e Aceitas, mesmo Moiraine estando um ano à frente, e a amizade se

mantivera em seus poucos encontros nos anos seguintes. E em parte porque aquela

história estava mesmo muito estranha, e era bastante conveniente que Moiraine

tivesse morrido — ou melhor, desaparecido — agora que havia um mandato de

prisão para sua cabeça. Naquelas circunstâncias, a Azul podia muito bem ter forjado

a própria morte.

— Então você acredita que teremos que lidar com Moiraine e com uma irmã

Verde desconhecida? Isso tudo é especulação, Galina.

O sorriso de Galina não se alterou, mas os olhos brilharam. A mulher era

inflexível demais para a lógica, acreditava no que acreditava, não importando as

evidências. Ainda assim, Sarene sempre achava que havia um fogo intenso e

incandescente ardendo em algum lugar das profundezas de Galina.

— Eu acredito é que *Moiraine* é essa irmã Verde misteriosa — revelou

Galina. —

Que jeito melhor de escapar da prisão do que morrer e reaparecer como outra

mulher, de outra Ajah? Já ouvi falar até que essa Verde é baixa, e todas sabemos

como Moiraine está longe de ser uma alta. — Erian se endireitou na poltrona, rígida

feito uma rocha, as labaredas de ultraje ardendo em seus grandes olhos castanhos.

Galina se virou para ela: — Quando pegarmos essa *irmã Verde*, acredito que o

melhor será deixá-la sob sua responsabilidade durante a jornada de volta à Torre.

Erian assentiu, ávida, mas o calor não se dissipou de seus olhos.

Sarene estava estarrecida. Moiraine fingindo ser de outra Ajah? Claro que não.

Sarene nunca se casara — não havia nada de lógico em pensar que duas pessoas

poderiam permanecer compatíveis por uma vida inteira —, mas a única comparação

que lhe vinha à cabeça era que se passar por outra Ajah era como se deitar com o

marido de outra mulher. No entanto, foi a acusação em si que a deixou estarrecida,

não a possibilidade de que aquela fantasia pudesse ser verdade. Estava prestes a

retrucar, observando que havia muitas mulheres baixas no mundo e que a pouca

estatura de alguém era algo relativo, quando Coiren voltou a falar, naquela voz

retumbante:

— Sarene, é sua vez de novo. Precisamos estar preparadas, aconteça o que

acontecer.

— Ah, nem gosto de falar nisso — reclamou Erian. — No caso, parece que

estamos nos preparando para o fracasso.

— O que é apenas lógico — retrucou Sarene. — Mesmo se dividirmos nosso

tempo pela menor medida possível, continua sendo impossível afirmar com certeza

factível o que vai acontecer entre um momento e outro. Se formos a Caemlyn atrás

de al'Thor, podemos muito bem chegar lá apenas para descobrir que ele veio para

cá, é melhor continuarmos aqui, para onde podemos afirmar com razoável certeza

que ele vai voltar em algum momento. O problema é que isso pode acontecer

amanhã ou daqui a um mês. Qualquer acontecimento isolado em qualquer momento

dessa espera, ou ainda qualquer combinação de eventos, poderia nos deixar sem

alternativa. Portanto, é apenas lógico estarmos preparadas para o pior.

— Muito bem explicado — retrucou Erian, seca.

A mulher não levava muito jeito para a lógica, e Sarene às vezes achava que

aquilo era uma característica comum às mulheres bonitas, apesar de não haver

qualquer lógica aparente nessa relação.

— Temos todo o tempo de que precisamos — anunciou Coiren, com

ares de

grandeza. Mesmo quando não estava discursando, parecia fazer um pronunciamento.

— Beldeine chegou hoje e alugou um quarto perto do rio, mas Mayam não

conseguirá chegar em menos de dois dias. Precisamos tomar muito cuidado, e essa

demora nos dá tempo.

— Continuo sem gostar nada dessa história de me preparar para o fracasso —

murmurou Erian, para sua xícara de chá.

— Não considero nem um pouco inoportuno se tivermos algum tempo para levar

Moiraine à justiça — opinou Galina. — Já esperamos esse tempo todo, não há tanta

pressa assim para resolver as coisas com al'Thor.

Sarene suspirou. Aquelas mulheres eram tão boas em suas especialidades, mas

não conseguia entender como. Não havia um pinga de lógica em qualquer uma



delas.

Retirou-se para seus aposentos, sentou-se diante da lareira apagada e começou a

canalizar. Seria mesmo possível que esse tal Rand al'Thor tivesse redescoberto a arte

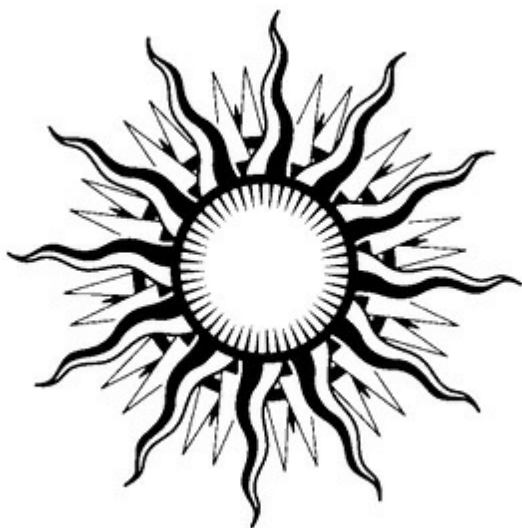
de Viajar? Era muito mais do que se poderia acreditar, mas era a única explicação.

Que tipo de homem ele era? Bem, descobriria quando o conhecesse, não antes.

Preenchida por *saidin* quase a ponto de a doçura se transformar em dor, começou a

repassar os exercícios das noviças — aquilo serviria tão bem quanto qualquer outra

preparação mental. E se preparar era apenas lógico.



CAPÍTULO 26

LIGANDO AS LINHAS

Em um ressoar contínuo, trovões ribombavam pelas colinas baixas e cobertas de

grama já amarronzada em um contínuo ressoar, embora não houvesse

uma só nuvem

no céu, apenas o sol escaldante, que ainda não chegara ao topo. Rand estava no

cume de uma colina, segurando as rédeas, o Cetro do Dragão apoiado no cepilho da

sela, esperando. O trovão foi crescendo aos poucos, aumentando. Era difícil não

olhar para trás, para o sul, na direção de Alanna — a Verde machucara o tornozelo e

ralara a mão naquela manhã, além de estar de péssimo humor. Não sabia como nem

por quê, nem ao menos tinha ideia de como estava tão certo daquilo. O trovão

chegou ao ápice.

Os cavaleiros saldaeanos despontaram no topo da colina mais próxima, os três

galopando lado a lado, encabeçando a longa linha serpenteante que descia encosta

abaixo até chegar ao campo extenso entre as muitas colinas — nove mil homens,

uma serpente bem comprida. Eles se dividiram assim que chegaram ao pé de uma

nova colina: a coluna do meio seguiu adiante, mas as outras deram uma guinada para

a esquerda e a direita, então cada coluna se dividiu de novo e de novo, até

cavalgarem em centenas de pequenas fileiras que ultrapassavam umas as outras. Os

cavaleiros começaram a se erguer nas selas, uns apoiados nos pés, outros, nas mãos.

Alguns se balançaram bem rente ao chão, acertando-o com a palma da

mão em uma

manobra impossível, uma vez de cada lado da montaria. Outros homens desceram

das selas e se penduraram embaixo dos cavalos ainda em disparada; enquanto alguns

se jogaram no chão para correr ao lado do animal antes de montar outra vez, para

depois pular para o outro lado e repetir a proeza.

Rand ergueu as rédeas e cravou os calcanhares em Jeade'en. Quando o

sarapintado começou a avançar, os Aiel à sua volta também se puseram em

movimento. Naquela manhã, quem acompanhava a escolta das Donzelas eram os

Dançarinos da Montanha, *Hama N'dore* — mais da metade usava a faixa vermelha

dos *siswai'aman*. Caldin, um homem grisalho e de pele curtida, tentara convencer

Rand a permitir mais de vinte homens na escolta, considerando a quantidade de

aguacentos armados que haveria na exibição. Nenhum dos Aiel se preocupou em

olhar com desprezo para a espada que ele carregava. Nandera, por exemplo, estava

mais preocupada com as duzentas e tantas mulheres que seguiam o grupo a cavalo.

A seus olhos, havia mais ameaça nas nobres saldaeanas e nas esposas dos oficiais do

que naqueles soldados. Depois de ter conhecido algumas mulheres daquela terra,

Rand não estava disposto a discutir com ela — a própria Sulin decerto concordaria.

Foi quando reparou que não via Sulin desde... desde que tinham voltado de Shadar

Logoth. Fazia oito dias. Será que a ofendera de algum jeito?

Não era hora de se preocupar com Sulin ou o *ji'e'toh*. Ele contornou o vale até o

topo da colina de onde os saldaeanos tinham vindo. Bashere também cavalgou até lá,

observando a demonstração — por uma irônica coincidência, ele fez isso tudo de pé

sobre a sela.

Rand agarrou *saidin*, soltando-o um instante depois. Com a visão aguçada pelo

Poder, não fora difícil notar as duas pedras brancas perto do pé da encosta, a quatro

passos de distância uma da outra, exatamente onde Bashere as colocara na noite

anterior — com sorte, sem ser visto. E, com sorte, ninguém faria muitas perguntas

sobre aquela manhã. No prado abaixo, alguns homens cavalgavam dois cavalos, um

pé em cada sela, ainda mantendo um galope ligeiro, enquanto outros sustentavam

um soldado nos ombros. Muitas vezes, esse segundo soldado estava de cabeça para

baixo, equilibrando-se com as mãos nos ombros do cavaleiro.

Olhou em volta, ouvindo um cavalo avançar em sua direção. Deira ni Ghaline

t'Bashere cavalgava entre os Aiel visivelmente despreocupada. Armada apenas com

uma faquinha no cinturão de prata e usando um vestido de montaria de seda cinza

com bordados prateados nas mangas e na gola alta, a mulher parecia desafiá-los a

atacá-la. Era uma mulher grande, tão alta quanto muitas das Donzelas e quase um

palmo maior que o marido. Não era corpulenta ou mesmo rechonchuda, apenas

grande. Mechas brancas despontavam de cada lado dos cabelos negros, e os olhos

escuros e oblíquos estavam fixos em Rand. Devia ser uma bela mulher, quando a

presença do Dragão Renascido não transformava seu rosto em granito.

— E meu marido está conseguindo... *entretê-lo*? — Ela nunca usava nenhum

título para Rand nem nunca o chamava pelo nome.

Rand olhou para as outras saldaeanas, que o encaravam feito uma tropa de

cavalaria pronta para avançar — seus rostos também eram puro granito, e os olhos

oblíquos, gélidos. Estavam só esperando a ordem de Deira. Não tinha a menor

dificuldade de acreditar nas histórias sobre as saldaeanas pegando as espadas dos

maridos que tinham caído em batalha e conduzindo seus homens de volta para a luta.

Tentar ser agradável não surtira qualquer efeito positivo com a esposa de Bashere. O

próprio general apenas dava de ombros e dizia que ela de fato podia ser bem difícil,

isso tudo com um sorriso enorme no rosto que só podia ser de orgulho.

— Pode dizer a Lorde Bashere que fiquei satisfeito — respondeu Rand.

Virou

Jeade'en para começar a voltar para Caemlyn. Sentia os olhos das saldaeanas

cravados em suas costas.

Lews Therin soltou uma risadinha — pelo menos essa parecia ser a melhor forma

de descrever o som. *Nunca provoque uma mulher desnecessariamente. Qualquer*

uma mataria com menos aviso ou motivo do que um homem ofendido, mesmo que

depois acabe chorando sobre o cadáver.

Você está mesmo aí? , perguntou Rand. *Você é mais que uma voz?*

Em resposta, veio apenas aquela risada baixa e louca.

Ele ficou ruminando a respeito de Lews Therin durante todo o trajeto de volta a

Caemlyn, mesmo quando passaram por um dos longos mercados comunitários de

teto azulejado enfileirados próximo aos portões da Cidade Nova. Temia estar

enlouquecendo — não apenas pela loucura em si, embora isso já fosse ruim o

bastante, mas porque, se enlouquecesse, como faria o que precisava ser feito? —,

embora não notasse qualquer indício de loucura. Por outro lado, como saberia se sua

mente de fato sucumbisse? Nunca conhecera um louco, só tinha o exemplo da voz

de Lews Therin dentro de sua cabeça. Será que a loucura de todos os homens era

igual? Será que acabaria daquele jeito, rindo e chorando por coisas

que ninguém

mais via ou notava? Sabia que tinha uma chance de sobreviver, por mais que

parecesse impossível. *Se quiser viver, terá que morrer* — uma das três coisas que

Rand sabia que só podiam ser verdade, pois lhe tinham sido reveladas dentro de um

ter'angreal onde as respostas eram sempre verdadeiras, ainda que não fossem fáceis

de compreender. Mas uma vida daquelas... não tinha certeza, mas talvez fosse

melhor morrer.

A multidão caminhando pela Cidade Nova abriu caminho para os mais de

quarenta Aiel que o acompanhavam, e alguns até reconheceram o Dragão Renascido

— talvez mais pessoas tivessem reconhecido, mas Rand não recebeu muitas

saudações. “Que a Luz brilhe sobre o Dragão Renascido!”, “A glória da Luz ao

Dragão Renascido!” e “O Dragão Renascido, o rei de Andor!”

Aquela última sempre o incomodava, e dessa vez ouviu a saudação mais de uma

vez. Precisava encontrar Elayne. Sentia os dentes rangendo. Não conseguia nem

olhar para o povo — queria deixar todos de joelhos, berrar que Elayne era a rainha.

Tentando não ouvir, Rand encarou o céu, os telhados — tudo, menos a multidão. E

foi por isso que conseguiu ver o homem de manto branco que escalou um telhado de

telhas vermelhas e ergueu uma besta na direção dele.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos. Rand agarrou *saidin* e canalizou enquanto

a flecha voava em sua direção — o projétil atingiu uma barreira de Ar, uma massa

de prata azulada suspensa no meio da rua, chocando-se com um clangor de metal

contra metal. Uma bola de fogo irrompeu de sua mão, acertando o homem no peito

enquanto a flecha ricocheteava para longe do escudo de Ar. As chamas envolveram

o desconhecido e ele caiu do telhado ainda agonizando. Então alguém se atirou em

cima de Rand, jogando-o para fora da sela.

Ele caiu feio no chão de paralelepípedos, sentindo um peso sobre seu corpo, e

largou *saidin* ao mesmo tempo em que perdia o fôlego. Tentando respirar, lutou

contra o peso, jogando-o para o lado... e viu que segurava Desora pelos braços. A

mulher sorriu para ele — um belo sorriso —, então sua cabeça desabou para o lado.

Os olhos azuis o encaravam, já cegos e embotados. Uma flecha da besta despontava

de seu peito, pressionando o punho de Rand. Por que ela sempre escondera aquele

sorriso tão lindo?

Rand foi agarrado e erguido por Donzelas e Dançarinos da Montanha que o

empurraram para o canto da rua, bem ao lado da loja de um funileiro, e se

dispuseram em um círculo bem fechado à sua volta — todos velados, os arcos de

chifre prontos, os olhos perscrutando ruas e telhados. Gritos e berros irromperam por

toda parte, mas a rua já estava completamente livre mais de cinquenta passadas de

cada lado do círculo de Aiel, e a multidão virou uma massa fervilhante desesperada

para ir embora. A rua estava vazia, exceto pelos corpos: Desora e mais seis, três

deles Aiel. Rand achou que havia mais uma Donzela abatida. Era difícil ter certeza

daquela distância, ainda mais com a pessoa caída feito uma boneca de pano.

Rand começou a andar, e os Aiel à sua volta apertaram ainda mais o círculo, em

uma muralha de carne.

— Esses lugares parecem tocas de coelhos — comentou Nandera, displicente,

mas ainda de rosto velado, vigiando os arredores. — Se entrar na dança aqui, pode

acabar levando uma facada nas costas antes de desconfiar de que há perigo.

Caldin assentiu.

— Isso me lembra uma batalha perto de Fenda de Sedar, quando... Bem, pelo

menos temos um prisioneiro. — Alguns dos *Hama N' dore* tinham saído de uma

taverna do outro lado da rua, empurrando um homem com os braços e os cotovelos

amarrados nas costas. O homem não parou de se debater até ser

derrubado de

joelhos sobre o chão de paralelepípedos, as lanças coladas a seu pescoço. — Talvez

ele diga quem ordenou isso. — Caldin não parecia ter a menor dúvida de que o

homem falaria.

Um instante depois, algumas Donzelas saíram de outra casa trazendo um segundo

homem amarrado — o sujeito mancava e estava com o rosto ensanguentado. Não

demorou para os Aiel alinharem quatro homens ajoelhados na rua. Enfim o

semicírculo que envolvia Rand se afrouxou.

Os quatro pareciam durões, mas o que estava todo sujo de sangue cambaleou e

revirou os olhos para os Aiel. Dois outros pareciam desafiadores, e o quarto os

olhava com desprezo.

Rand sentiu as mãos tremerem.

— Têm certeza de que eles estavam envolvidos? — Não conseguia acreditar na

brandura e na firmeza de sua voz. Um tanto de fogo devastador resolveria tudo.

Fogo devastador não, protestou Lews Therin, ofegante. *Nunca mais*. — Têm

certeza?

— Estavam — respondeu uma Donzela, mas ele não soube dizer quem era por

trás do véu. — E os que matamos estavam usando isso aqui.

A mulher deu um puxão, soltando o manto preso pelos braços atados do sujeito

com o rosto ensanguentado. Era um manto branco surrado, encardido e manchado

com um raio de sol dourado bordado na parte que deveria ficar sobre o peitoral. Os

outros três usavam mantos iguais.

— Foram enviados para ficar de vigia — acrescentou um Dançarino da Montanha

— e informar aos superiores caso o ataque fosse malsucedido. — Ele soltou uma

risada seca e curta. — Esses superiores não imaginavam o tamanho do fracasso.

— Nenhum desses homens disparou uma besta? — perguntou Rand. Fogo

devastador. *Não*, ganiu Lews Therin, de longe. Os Aiel se entreolharam e negaram

com as cabeças envoltas nas *shoufas*. — Enforcuem todos — ordenou.

O sujeito ensanguentado quase desabou. Rand o sustentou com fluxos de Ar e o

pôs de pé. Só então percebeu que agarrara *saidin*. Aceitou de bom grado aquela luta

pela sobrevivência, aceitou até a mácula, que corroía seus ossos feito lodo ácido. O

Poder diminuía a consciência das coisas que preferia não lembrar, das emoções que

preferia não sentir.

— Qual é o seu nome?

— F-Faral, m-milorde. D-Dimir Faral. — Os olhos, tão arregalados que quase

saltavam das órbitas, encaravam Rand por trás daquela máscara de sangue. — P-Por

favor, não me e-enforque, m-milorde. Eu c-caminharei pela Luz, eu juro!

— Você é um sujeito de muita sorte, Dimir Faral — começou Rand, sua própria

voz soando tão distante quanto os gritos de Lews Therin. — Você vai assistir ao

enforcamento dos seus amigos — Faral começou a chorar —, depois receberá um

cavalo, então vai contar a Pedron Niall que um dia eu também o enforcarei pelo que

aconteceu aqui hoje. — Quando Rand soltou os fluxos de Ar, Faral desabou no chão,

gemendo e afirmando que iria até Amador sem parar nem uma vez. Os três que

estavam à beira da morte encararam o homem soluçante com desprezo. Um até

cuspiu no chão.

Rand eliminou todos os pensamentos sobre aqueles homens. Niall era o único de

quem precisava lembrar. Ainda havia uma coisa a fazer. Afastou *saidin*, travando a

luta para escapar sem ser obliterado, a luta para se forçar a soltar o Poder. Não

queria nenhum filtro que o apartasse das emoções que viriam com o que precisava

fazer.

Uma Donzela estava ajeitando o corpo de Desora, que já estava com o véu

erguido. A mulher ergueu o braço para detê-lo quando Rand tocou o

algode negro,

então hesitou, o encarou e se afastou, agachando.

Rand ergueu o véu e memorizou o rosto da Donzela caída. Parecia estar

dormindo. Desora, do ramo Musara dos Aiel Reyn. Tantos nomes. Liah, dos

Chareen Cosaida; Dailin, dos Taardad dos Nove Vales; Lamelle, dos Miagoma da

Água Esfumada... tantos. Ele às vezes percorria nome por nome daquela lista, mas

havia um nome que não fora culpa sua: Ilyena Therin Moerelle. Não sabia como

Lews Therin pusera aquele nome ali, mas, mesmo que soubesse, não o removeria.

Afastar-se de Desora foi ao mesmo tempo um esforço e um alívio, mas foi puro

alívio descobrir que o corpo que ele achava que era de uma segunda Donzela na

verdade era de um homem — um sujeito baixo para um Aiel. Rand também

lamentava pelos homens que morriam por ele, mas com suas mortes sempre vinha à

sua mente um antigo ditado: *“Deixe que os mortos descansem, cuide dos vivos.”*

Não era fácil, mas conseguia se obrigar a seguir aquelas palavras. Entretanto, nunca

conseguia sequer invocar o ditado quando era uma mulher quem morria.

Seu olhar foi atraído pela visão de uma saia esparramada no chão de paralelepípedos. Os mortos não eram apenas Aiel.

A mulher levava uma flechada de besta bem entre as omoplatas. Quase nenhum

sangue manchava as costas do vestido — uma morte rápida, o que era um pequeno

consolo. Rand se ajoelhou e virou o corpo com toda a delicadeza. A outra ponta da

flecha projetava-se do peito. A mulher tinha um rosto quadrado de meia-idade, com

toques de fios grisalhos nos cabelos. Os olhos escuros estavam arregalados, e ela

parecia surpresa. Não sabia seu nome, mas memorizou as feições. Aquela mulher

morrera apenas por estar na mesma rua que ele.

Agarrou o braço de Nandera, que se desvencilhou para que ele não a atrapalhasse

caso precisasse usar o arco, mas ainda assim o encarou.

— Encontre a família desta mulher e dê a eles o que precisarem. Ouro... — Não

era o bastante. Precisavam era da esposa de volta, da mãe. Mas isso ele não podia

dar. — O que precisarem. E descubra o nome dela.

Nandera estendeu a mão em sua direção, então voltou a segurar o arco. Quando

Rand se levantou, notou que as Donzelas o observavam. Ah, claro que aqueles olhos

estavam sempre atentos a tudo, mas os rostos velados pareciam se voltar para ele

com um pouco mais de frequência. Sulin sabia como Rand se sentia, mesmo que não

soubesse da lista, mas ele não tinha certeza se ela contara ou não às outras. Se

tivesse contado, não fazia ideia do que as outras achavam.

Foi andando de volta para onde tinha caído e pegou o Cetro do Dragão, com suas

borlas. Teve que fazer um esforço para se agachar, e a lança curta e ornamentada

parecia muito pesada. Jeade'en não fora muito longe com a sela vazia, era um cavalo

bem-treinado. Rand montou de volta no sarapintado.

— Já fiz tudo o que podia por aqui — anunciou, enfiando os calcanhares no

lombo do cavalo. Os outros que pensassem o que quisessem.

Se não podia deixar as lembranças para trás, deixaria os Aiel. Ao menos por um

tempo. Entregara Jeade'en a um cavalariaço e adentrara o Palácio antes de Nandera e

Caldin o alcançarem, trazendo cerca de dois terços da escolta de Donzelas e

Dançarinos da Montanha. Alguns tinham ficado cuidando dos mortos. Caldin

parecia irritado e, pela fúria nos olhos de Nandera, Rand se considerou sortudo por

ela não estar velada.

Antes que a mulher pudesse reclamar, a Senhora Harfor se aproximou e curvou-se

em uma mesura profunda.

— Milorde Dragão — começou, com uma voz grave e firme —, a Mestra das

Ondas do clã Catelar, dos Atha'an Miere, fez uma petição para uma audiência.

Se o corte sofisticado do vestido vermelho e branco de Reese não

bastasse como

indicativo de que “Criada-chefe” não era uma boa designação para seu posto, os

modos sem dúvida eram. A mulher rechonchuda, de cabelos grisalhos e queixo

comprido, encarava Rand nos olhos, mesmo tendo que empinar o queixo para tanto,

e conseguia mesclar o grau apropriado de deferência a uma total falta de servilismo e

a um desinteresse que a maioria das nobres não conseguia atingir. Tal qual Halwin

Norry, Reese permanecera no reino mesmo depois que a maioria dos outros criados

fugiu — Rand tinha a leve suspeita de que a mulher ficara para defender o Palácio

dos invasores e não ficaria surpreso em descobrir que ela fazia revistas periódicas

em seus aposentos atrás de bens do Palácio; não ficaria surpreso sequer em saber que

ela tentara revistar os Aiel.

— O Povo do Mar? O que é que eles querem?

Reese o encarou com um olhar paciente, tentando ser compreensiva com sua

ignorância. Apenas tentando.

— A petição não informa, milorde Dragão.

Se Moiraine sabia alguma coisa a respeito do Povo do Mar, não priorizara o

tópico em seus conselhos, mas, pela atitude de Reese, aquela mulher que pedia uma

audiência era importante. O título de Mestre das Ondas decerto soava

importante.

Bem, teria que usar o Grande Salão. Não visitara o lugar desde que voltara de

Cairhien — não que tivesse qualquer motivo para evitar o salão do trono,

simplesmente não houvera necessidade de usá-lo.

— Hoje à tarde — respondeu, hesitante. — Diga que a verei no meio da tarde. A

senhora ofereceu boas acomodações a ela e à comitiva? — Duvidava de que uma

pessoa com um título tão imponente fosse viajar sozinha.

— Ela recusou, e todos se hospedaram na Bola e Argola. — Reese Harfor pareceu

meio irritada com aquilo; ao que parecia, não considerava a recusa muito apropriada,

por mais importante que fosse uma Mestre das Ondas. — Estavam todos muito sujos

e cansados por conta da viagem, quase não conseguiam se manter de pé. Vieram a

cavalo, não de coche, e acredito que não estejam muito acostumados a esse tipo de

viagem. — Ela piscou, parecendo surpresa por ter falado tanto, então recuperou a

discrição como se vestisse um manto. — Outra pessoa deseja vê-lo, milorde Dragão.

— Sua voz assumiu o mais leve tom de desgosto. — Lady Elenia.

Até ele teve que conter uma careta. Elenia decerto preparara mais um discurso

reivindicando seus direitos ao Trono do Leão. Até então, Rand conseguira evitar

ouvir mais de uma em cada três palavras. Bem, seria fácil dispensá-la. Ainda

assim... precisava de uma informação a respeito da história de Andor, e ninguém

por ali sabia mais do assunto do que Elenia Sarand.

— Bem, leve Lady Elenia aos meus aposentos, por favor.

— É verdade que pretende levar a Filha-herdeira ao trono?

A pergunta não veio em um tom ríspido, mas Reese não demonstrava a menor

deferência. Seu rosto permanecia impassível, mas Rand tinha certeza de que, com a

resposta errada, a mulher berraria “Por Elayne e o Leão Branco!” e tentaria esmagar

seu crânio, com ou sem escolta Aiel em volta.

— Pretendo — respondeu ele, com um suspiro. — O Trono do Leão é de Elayne.

Pela Luz e por minha esperança de renascimento e salvação, é dela.

Reese o avaliou por um instante, então abriu as saias em mais uma medida

profunda.

— Vou mandar Lady Elenia entrar, milorde Dragão.

A mulher se afastou a passos graciosos, as costas eretas. Mas era sempre assim, e

não havia como dizer se ela acreditara no que ouvira.

— Um inimigo ardiloso — começou Caldin, irritadiço, antes que Reese avançasse

cinco passadas — prepara uma emboscada fraca para que o alvo consiga escapar.

Com a confiança de ter enfrentado a ameaça, o alvo então baixa a

guarda e caminha

direto para a segunda emboscada, mais poderosa.

Nandera, quase falando por cima de Caldin, declarou, em uma voz gélida:

— Os rapazes podem ser impetuosos, podem ser impulsivos, podem até ser

idiotas. O *Car'a'carn* não pode se permitir ser um rapaz.

Rand olhou para os dois por cima do ombro antes de começar a se afastar. Parou

apenas por tempo suficiente para dizer:

— Vamos voltar para o palácio. Escolham os dois da escolta.

Não foi nenhuma surpresa ver que Nandera e Caldin escolheram a si mesmos,

menos ainda que o tenham seguido pisando duro, em um silêncio muito rígido.

Rand parou diante da porta para seus aposentos e pediu que mandassem Elenia

entrar quando ela chegasse, então os deixou no corredor. Havia ponche de ameixa

em uma jarra folheada a prata, mas ele nem pensou em beber. Ficou apenas

encarando a jarra, tentando planejar o que diria — até que notou o que estava

fazendo e soltou um grunhido de surpresa. O que havia para planejar?

Uma batidinha na porta anunciou Elenia. A mulher de cabelos cor de mel se

curvou em uma mesura ao entrar. Usava um vestido trabalhado em rosas douradas

— em qualquer outra mulher, Rand teria pensado que eram simples rosas; em

Elenia, só podia simbolizar a Coroa de Rosas.

— Milorde Dragão agradeço a imensa cortesia de me receber.

— Quero fazer algumas perguntas sobre a história de Andor — respondeu Rand.

— Gostaria de um pouco de ponche de ameixa?

Elenia não conseguiu se conter e arregalou os olhos em deleite. Sem dúvida já

planejava conduzir a conversa para as próprias reivindicações, mas Rand lhe dera

um pretexto de graça. Ela abriu um sorriso em seu rosto de raposa.

— Posso ter a honra de servir milorde Dragão? — perguntou, mas não esperou

que Rand assentisse. A mulher estava tão satisfeita com a reviravolta que ele quase

podia imaginá-la empurrando-o para uma cadeira e obrigando-o a pôr os pés para

cima. — Sobre que parte da história posso lhe fornecer algum esclarecimento?

— Um cenário mais geral... — Rand franziu o cenho, aquilo daria à nobre a

desculpa perfeita para começar a listar sua linhagem com detalhes dali a duas frases.

— Por exemplo, quero saber o que levou Souran Maravaile a trazer a esposa para cá.

Ele era de Caemlyn?

— Foi Ishara quem trouxe Souran, milorde Dragão. — O sorriso de Elenia mudou

um pouco, assumindo um ar indulgente. — A mãe de Ishara era Endara Casalain, a

governante local de Artur Asa-de-gavião quando Andor era apenas

uma província.

Ela também era neta de Joal Ramedar, o último Rei de Aldeshar. Souran era só

um... um general. — Rand podia apostar que a mulher estava para dizer que ele era

plebeu, mas pensou melhor a tempo. — Claro que era o melhor dos generais de Asa-

de-gavião. Endara renunciou à coroa e se ajoelhou perante Ishara, elevando-a a

Rainha. — Rand não conseguia acreditar que a coisa tinha ocorrido exatamente

dessa forma, ou pelo menos não daquele jeito tão pacífico. — Claro que foi uma

época terrível, tão ruim quanto as Guerras dos Trollocs, tenho certeza. Com Asa-de-

gavião morto, todos os nobres queriam se tornar reis. Ou rainhas. No entanto, Ishara

sabia que ninguém poderia dar conta de todo o território. Eram facções demais, além

das muitas alianças, e a maioria se desfazia assim que era selada. Ela convenceu

Souran a suspender o cerco de Tar Valon e vir para cá com a maior parcela do

exército que ele conseguiria manter por aqui.

— Souran Maravaile estava no comando do sítio de Tar Valon? — perguntou

Rand, atônito.

Artur Asa-de-gavião mantivera Tar Valon sitiada durante vinte anos, oferecendo

recompensas pelas cabeças de todas as Aes Sedai.

— Apenas no último ano, de acordo com os registros — respondeu a mulher, um

tanto impaciente. Era visível que ela não estava nem um pouco interessada em

Souran, exceto por ser marido de uma nobre. — Ishara era muito esperta, ela

prometeu às Aes Sedai que sua filha mais velha seria enviada para estudar em Tar

Valon, o que lhe rendeu o apoio da Torre e uma conselheira Aes Sedai chamada

Ballair. Ela foi a primeira governante com uma conselheira da Torre. Claro que

outros a imitaram, mas o fizeram porque queriam o trono de Asa-de-gavião. —

Elenia desatou a falar, muito animada, o cálice esquecido enquanto ela gesticulava

com a mão livre. As palavras saíram em uma torrente. — Uma geração inteira se

passou antes de essa ideia fenecer, mas Narasim Bhuran insistiu em suas tentativas

até os últimos dez anos da Guerra dos Cem Anos. Seus planos eram deploráveis e o

fizeram acabar com uma lança cravada na cabeça um ano depois. Esmara Getares

também tinha tentado, cerca de trinta anos antes, e obteve um progresso considerável

até que decidiu conquistar Andor. A mulher passou os últimos doze anos de vida

como *convidada* da Rainha Telaisien. Esmara foi assassinada, mas não há registro de

por que alguém iria querer a mulher morta, depois que Telaisien destruiu seu poder.

Veja bem, as Rainhas que vieram depois de Ishara... todas elas, de Alesinde a

Lyndelle, deram seguimento às suas ideias, e não apenas no costume de enviar uma

filha para a Torre. Ishara mandou Souran proteger as terras vizinhas a Caemlyn,

começando com apenas algumas milhas, mas aos poucos foi expandindo o controle.

Ora, levou cinco anos para seu domínio chegar ao Rio Erinin. A posse das Rainhas

de Andor sobre as terras que controlavam era incontestável, ainda mais em uma

época em que a maioria dos que se intitulavam reis ou rainhas estavam mais

interessados em conquistar algumas poucas terras do que em fortalecer as que já

possuíam.

A mulher parou para tomar fôlego, e Rand aproveitou a brecha. Elenia falava

daquela gente como se os conhecesse, mas ele já estava tonto com tantos nomes

desconhecidos.

— Por que não existe a Casa Maravaile?

— Nenhum dos filhos de Ishara viveu além dos vinte anos. — Elenia deu de

ombros e bebericou o ponche. O assunto não a interessava, mas deu abertura para

um novo tópico. — Nove rainhas reinaram durante a Guerra dos Cem Anos, e

nenhuma teve um filho que vivesse mais de vinte e três anos. As batalhas eram

constantes, e Andor sofria pressão de todos os lados. Ora, durante o reinado de

Maragaine, quatro reis reuniram seus exércitos contra ela. Inclusive, existe uma

cidade nomeada em homenagem à batalha, que se passou por lá. Os reis eram...

— Mas todas as rainhas são descendentes de Souran e Ishara? — perguntou Rand,

mais que depressa. A mulher descreveria em detalhes cada dia daquela maldita

guerra, se ele deixasse. Ele se sentou e gesticulou para que Elenia se acomodasse em

alguma poltrona.

— Sim — respondeu a nobre, relutante. A hesitação decerto estava em incluir

Souran na lista. Ela logo se animou. — Veja bem, a questão é o quanto do sangue de

Ishara a pessoa tem. Quantas linhas ligam a rainha a ela, e em que grau. No meu

caso...

— Para mim não é tão fácil entender. Por exemplo, Tigraine e Morgase. Morgase

tinha mais direito que Tigraine. Suponho que isso signifique que Morgase e Tigraine

eram parentes próximas?

— Elas eram primas.

Elenia se esforçava para esconder a irritação em ser interrompida com tanta

frequência, ainda mais agora, quando estava tão perto do que queria dizer. Mesmo

assim, comprimiu os lábios e aceitou. Parecia uma raposa querendo abocanhar uma

galinha que escapava a todo instante.

— Entendi.

Primas. Rand tomou um gole, esvaziando quase todo o cálice.

— Somos todos primos. Todas as Casas. — O silêncio dele pareceu revigorá-la.

Seu sorriso voltou. — Com os casamentos entre nobres já há mais de mil anos, não

existe uma só Casa sem uma gota do sangue de Ishara. Mas o que importa é o grau,

assim como a quantidade de linhas de ligação. No meu caso...

Rand piscou.

— Vocês são *todos* primos? *Todos* vocês? Isso não parece muito poss...

— Ele se

inclinou para a frente, atento. — Elenia, se Morgase e Tigraine fossem pessoas mais

simples, como mercadoras, ou fazendeiras... qual seria o grau de parentesco entre

elas?

— Fazendeiras? — perguntou a mulher, encarando-o. — Milorde Dragão, que

pergunta mais curios... — A nobre começou a empalidecer. Rand fora fazendeiro,

afinal. Ela umedeceu os lábios e estalou a língua, tensa. — Eu suponho que... eu

teria que pensar. Fazendeiras. Suponho que para isso eu teria que imaginar que todas

as Casas fossem compostas de fazendeiros. — Ela soltou uma risada nervosa,

abafando-a com ponche. — Bem, se as duas fossem fazendeiras, acho que ninguém

as consideraria parentes, na verdade. Todas as ligações são bem distantes. Mas elas

não eram fazendeiras, milorde Dragão...

Rand desviou mais da metade da atenção para os próprios pensamentos e se

afundou de novo na cadeira. Não eram parentes.

— ... tenho trinta e uma linhas de ligação até Ishara, enquanto Dyelin tem apenas

trinta, e...

Por que de repente se sentia tão tranquilo? Sentiu nós de tensão nos músculos se

desfazermem — nós que ele nem notara que tinha.

— ... se me permite dizer, milorde Dragão.

— O quê? Peço desculpas. Deixei a cabeça voar longe por um instante... os

problemas de... perdi a última coisa que a senhora disse.

Perdera, mas algo no que ela dissera o deixara intrigado.

Elenia ostentava aquele sorriso lisonjeiro e prestativo que ficava tão estranho em

seu rosto.

— Ora, eu só estava dizendo que o senhor mesmo é um pouco parecido com

Tigraine, milorde Dragão. O senhor deve ter um toque do sangue de Ishara... — A

frase acabou com um gritinho abafado, e Rand percebeu que se levantara.

— Estou... um pouco cansado. — Ele tentou falar em um tom normal,

mas sua

voz soava distante, como se estivesse envolto no Vazio. — Peço à senhora a

gentileza de me deixar sozinho.

Não sabia como estava seu rosto, mas Elenia se levantou de um pulo e correu para

botar o cálice na mesa. A mulher tremia. Se antes seu rosto estava pálido, agora

parecia papel. Curvando-se em uma mesura mais adequada a um ajudante de

cozinha pego roubando, a nobre saiu correndo para a porta, cada passo mais ligeiro

que o outro, sem nunca parar de olhá-lo por cima do ombro. Ela abriu a porta com

um empurrão, e Rand ouviu suas sandálias ressoando corredor afora. Nandera enfiou



a cabeça para dentro da sala, querendo ver como ele estava, então fechou a porta.

Rand ficou um longo tempo encarando o nada. Não era de se admirar que aquelas

rainhas antigas o encarassem daquele jeito. Sabiam o que ele estava pensando,

mesmo quando ele próprio não fazia ideia. A sementinha de preocupação que o

corroía, súbita e invisível, desde que ele descobrira o nome verdadeiro da mãe...

Mas Tigraine não era parente de Morgase. Sua mãe não fora parente da mãe de

Elayne. Ele não era parente de...

— Você é um libertino da pior laia — declarou, a voz alta e amarga.
— Você é

um imbecil e um...

Desejou que Lews Therin se pronunciasse para que ele pudesse dizer a si mesmo

que o outro sim era um louco e ele era são. O que sentia eram os olhares das

governantes mortas de Andor, ou seria Alanna? Avançou até a porta e a abriu com

um tranco. Nandera e Caldin estavam acorados sob uma tapeçaria de pássaros

coloridos.

— Reúnam a escolta — declarou. — Vou a Cairhien. Por favor, não contem a

Aviendha.



CAPÍTULO 27

PRESENTES

Durante a caminhada de volta para o acampamento das Sábias, Egwene tentava se

recompor, mas era como se seus pés sequer tocassem o chão. Ela sabia que não era o

caso, já que cada passo contribuía para as ondas de poeira varridas pelas lufadas de

vento quente. Tossindo, ela desejou que as Sábias também usassem véus. Um xale

enrolado na cabeça não produzia o mesmo resultado e ela se sentia como uma tenda

de vapor ambulante. Ainda assim, a sensação era de que caminhava nas nuvens. O

cérebro parecia girar, e não era por conta do calor.

Primeiro achou que Gawyn não fosse encontrá-la, mas ela o viu assim que

começou a caminhar pela multidão. Os dois acabaram passando a manhã inteira de

mãos dadas na sala privada da estalagem O Homem Comprido, conversando

enquanto tomavam chá. Egwene foi completamente descarada e o

beijou logo que a

porta se fechou, sem nem dar a Gawyn tempo de tomar a iniciativa, e chegou até a se

sentar no colo dele, embora não por muito tempo. Aquilo a fez se lembrar dos

sonhos de Gawyn, e ela considerou voltar a visitá-lo enquanto dormiam, fantasiando

coisas que nenhuma mulher decente deveria sequer cogitar! Ao menos não uma

mulher solteira. Com a reprimenda mental, ela se levantara de um pulo, feito corça

assustada, o que acabou por assustá-lo também.

Olhou em volta, ansiosa. As tendas ainda estavam a meia milha de distância, e

não havia vivalma por perto. Mesmo se houvesse alguém, não teria notado como ela

corara. Reparando que sorria feito uma idiota por trás do xale, Egwene tratou de

ficar séria. Luz, precisava se controlar. Tinha que esquecer a sensação dos braços

fortes de Gawyn e se lembrar de por que tinham passado tanto tempo no salão da

estalagem.

Enquanto abria caminho pela multidão, deu uma olhada ao redor, em busca de

Gawyn, tentando — sem sucesso — parecer despreocupada. Afinal, não queria que

ele pensasse que estava desesperada para vê-lo. De repente, um homem se inclinou

para perto dela e sussurrou:

— *Me siga até O Homem Comprido.*

Egwene deu um pulo — não conseguiu evitar. Levou um momento para reconhecer Gawyn, que usava um casaco marrom simples com uma fina sobrecapa

pendendo às costas, o capuz puxado quase escondendo o rosto. Não era o único de

capa nos arredores — todos os não Aiel que iam para além das muralhas da cidade

sempre as usavam —, mas poucos mantinham o capuz levantado naquele calor

infernol.

Ela agarrou a manga dele com força quando Gawyn tentou ir andando na frente.

— *O que o faz pensar que vou seguir você até uma estalagem, Gawyn Trakand?*

— *perguntou, estreitando os olhos. Ainda assim, manteve a voz baixa. Não havia*

por que atrair olhares. — A gente ia caminhar. Se você está achando que...

Gawyn fez uma careta e se apressou a responder, aos sussurros:

— *As mulheres com quem vim para cá estão atrás de uma pessoa. Uma mulher*

com a sua descrição. Elas não falam muito perto de mim, mas escutei aqui e ali.

Venha comigo.

Sem nem olhar para trás, ele saiu a passos largos, e Egwene não teve opção senão segui-lo, mesmo com o estômago se revirando.

As lembranças devolveram firmeza a seus pés. O chão, assado pelo sol, estava tão

quente que ela sentia o calor através da sola das botas macias — um calor quase tão

intenso quanto o dos paralelepípedos da cidade. Egwene não conseguia parar de

pensar no encontro enquanto se arrastava em meio à poeira. Gawyn não sabia muito

mais do que lhe contara naquele primeiro momento e argumentou que poderiam não

estar atrás dela em especial, bastava que Egwene tomasse cuidado ao canalizar e que

tentasse o máximo possível ficar fora de vista. O problema era que nem mesmo ele

parecia muito convencido daquilo que dizia, ainda mais depois de ter tentado

disfarçar as roupas de guardião. Egwene evitou mencionar o que ele vestia, pois

Gawyn já parecia preocupadíssimo com os problemas que ela teria se aquelas Aes

Sedai a encontrassem, ou se o seguissem e chegassem até ela, embora tenha deixado

bem claro que não estava disposto a parar com aqueles encontros furtivos, mesmo

que a sugestão tivesse partido dele próprio. Aliás, Gawyn estava convencido de que

Egwene precisava encontrar um jeito de voltar às escondidas para Tar Valon e se

restabelecer na Torre — isso ou fazer logo as pazes com Coiren e as outras e voltar

com elas. Luz, Egwene devia ter se irritado por ele achar que sabia o que seria

melhor para seu futuro mais do que ela própria. Ainda assim, por algum motivo, pensar

naquilo só a fazia querer abrir um sorriso indulgente — mesmo agora.
Por algum

motivo misterioso, seu cérebro parecia parar de funcionar quando o assunto era

Gawyn. Sem falar que o rapaz parecia surgir em sua mente o tempo inteiro, mesmo

quando ela estava pensando em outras coisas.

Egwene mordeu o lábio inferior e se concentrou no verdadeiro problema: as Aes

Sedai da Torre. Se ao menos conseguisse dar um jeito de interrogar Gawyn... Não

seria traição fazer só algumas perguntinhas, saber quais eram as Ajahs, para onde

iam ou... Não! A promessa que fizera fora para si mesma, mas quebrá-la traria

desonra a ele. Nada de perguntas. Só o que Gawyn contasse espontaneamente.

E não importava o que ele dissesse, não havia motivo nenhum para acreditar que

aquelas mulheres estavam atrás de Egwene al’Vere — mas também precisava

admitir, mesmo relutante, que não havia motivos para pensar que não estavam atrás

dela, apenas suposições e esperanças. Mesmo que uma agente da Torre não

reconhecesse Egwene al’Vere nos trajes de uma Sábia, isso não significava que a

agente nunca tivesse escutado seu nome ou ouvido falar de Egwene Sedai da Ajah

Verde. Ela fez careta. Dali em diante, precisaria tomar muito cuidado quando fosse à

cidade. Mais cuidado do que já estava pensando em tomar.

Chegou na área das tendas. O acampamento se espalhava por várias milhas,

cobrindo as colinas a leste da cidade, arborizadas ou não. Aiel se moviam por entre

as tendas baixas, mas havia poucos *gai'shain* por perto. E não se via nenhuma Sábia.

Egwene quebrara uma promessa que fizera a elas — a Amys, na verdade, mas que se

estendia para todas. O argumento da necessidade que tivera de quebrar a promessa

parecia um junco cada vez mais fino para sustentar a mentira.

— Venha se juntar a nós, Egwene — chamou uma voz feminina.

A não ser que estivesse cercada de garotas muito jovens, Egwene não era difícil

de identificar entre os Aiel, mesmo com a cabeça coberta. Surandha, aprendiz de

Sorilea, enfiara a cabeça de cabelos louro-escuros para fora de uma das tendas e

acenava para ela.

— As Sábias se reuniram de novo entre as tendas, todas elas, e disseram que

temos o dia só para nós. O dia todo.

Aquele era um luxo raro, que Egwene não deixaria passar.

Lá dentro, encontrou algumas mulheres deitadas, esparramadas sobre almofadas,

lendo à luz de lamparinas a óleo — a tenda ficava fechada para bloquear a poeira, o

que também deixava o interior escuro — e outras sentadas costurando, tricotando ou

bordando. Duas brincavam com barbantes, em um jogo complexo de cama de gato.

A tenda estava tomada por um murmúrio baixo de conversas casuais, e várias das

presentes trocavam sorrisos. Nem todas eram aprendizes, havia visitas: duas mães e

diversas irmãs-primeiras. As aprendizes mais velhas usavam tantas joias quanto as

Sábias, e todas estavam com as blusas desamarradas e os xales enrolados na cintura,

embora o calor retido na tenda não parecesse incomodá-las.

Um *gai'shain* ia de um lado ao outro oferecendo chá. Algo no modo como ele se

movia indicava que se tratava de um artesão, não de um *algai'd'siswai*. Tinha o

rosto duro dos Aiel, ainda que parecesse um pouco mais delicado em comparação, e

manter o comportamento dócil não parecia demandar tanto esforço dele. O sujeito

usava uma daquelas bandanas vermelhas que o identificavam como *siswai'aman*.

Nenhuma das mulheres parecia se incomodar com aquilo, mesmo que os *gai'shain*

supostamente só devessem usar branco.

Egwene amarrou o xale na cintura e aceitou, agradecida, um pouco de água para

lavar as mãos e o rosto, então desfez alguns dos laços da blusa e foi ocupar uma

almofada vermelha com borlados entre Surandha e Estair, a aprendiz ruiva de Aeron.

— Por que as Sábias se reuniram? Alguém sabe o motivo?

Mesmo tendo perguntado aquilo, seu pensamento não estava nas Sábias —

pensava em como não tinha a menor intenção de evitar a cidade. Concordara em

visitar a estalagem do Homem Comprido a cada manhã, no caso de Gawyn estar lá,

mesmo que o sorriso afetado da estalajadeira roliça tivesse feito suas bochechas

arderem — só a Luz sabia o que a mulher devia pensar dela! Ainda assim, estava

certo de que não tentaria mais ouvir as conversas na mansão de Lady Arilyn. Depois

de se despedir de Gawyn, fora ver a casa — chegara quase perto o bastante para

sentir que a canalização prosseguia lá dentro, mas acabou indo embora depois de

uma espiadela da esquina. Só de chegar perto, era tomada pela desconfortável

sensação de que Nesune apareceria de repente atrás dela.

— Suas irmãs, é claro — retrucou Surandha, com uma risada. — O que mais

deixaria as Sábias aos pinotes, como se tivessem sentado em espinhos de *segade*?

Surandha tinha belas feições fortes, além de grandes olhos azuis, e a risada só a

deixava mais bonita. Era cerca de cinco anos mais velha que Egwene e conseguia

canalizar com tanta força quanto muitas das Aes Sedai. A jovem aguardava, ansiosa,

o chamado para ser dona do próprio forte. Claro que, enquanto isso, ainda pulava só

de Sorilea *pensar* em mandá-la pular.

— Deveríamos mandar Sorilea ir falar com elas — sugeriu Egwene, aceitando

uma xícara de chá de listras verdes que o *gai'shain* lhe ofereceu.

Gawyn havia comentado que a Jovem Guarda estava ocupando todos os quartos

que as Aes Sedai tinham deixado livres, e mesmo assim parte deles teve que se

hospedar nos estábulos — com isso, o rapaz deixara escapar que não havia mais

espaço nem para uma copeira e que as Aes Sedai não pareciam preparar mais

quartos. Uma boa notícia.

— Sorilea conseguiria fazer até mesmo Aes Sedai se sentarem direito —

acrescentou Surandha, jogando a cabeça para trás de tanto rir.

A risada de Estair foi mais tímida e um pouco escandalizada. A jovem esbelta de

olhos cinza e sérios costumava se comportar sempre como se houvesse uma Sábia de

olho. Egwene ficava muito impressionada em pensar como Sorilea tinha uma

aprendiz tão alegre e divertida, enquanto Aeron, uma mulher agradável e sorridente

que nunca usava palavras ríspidas, tinha uma aprendiz que parecia caçar regras para

obedecer.

— Acredito que seja por causa do *Car'a'carn* — ponderou Estair, completamente

séria.

— Por quê? — perguntou Egwene, sem muita atenção.

Teria mesmo que evitar a cidade. A não ser pelos encontros com Gawyn, claro —

por mais constrangedor que fosse ter que admitir, não abdicaria de encontrá-lo por

nada menos que a certeza de que Nesune a aguardava na sala privativa do Homem

Comprido. O que significava que voltaria a caminhar ao redor das muralhas da

cidade para se exercitar, no meio de toda a poeira do vento. Aquela manhã fora uma

exceção, mas não daria nenhuma desculpa às Sábias para postergar seu retorno a

Tel'aran'rhiod. Naquela noite, as mulheres se encontrariam sozinhas com as Aes

Sedai de Salidar, mas, dali a sete noites, Egwene estaria com elas.

— O que ele fez agora? — indagou para as outras duas.

— Você não ficou sabendo? — perguntou Surandha.

Dali a dois ou três dias, poderia ir atrás de Nynaeve e Elayne, ou falar com elas

em seus sonhos — tentar falar, ao menos. Nunca dava para ter certeza de que a

pessoa sabia que aquilo era mais que um sonho, a menos que também estivesse

habituada a se comunicar daquela forma, o que Nynaeve e Elayne decerto não

estavam. Egwene só conversara com elas nos sonhos uma única vez. Em todo caso,

pensar em se encontrar com elas ainda a deixava um tanto desconfortável, e tivera

mais um quase pesadelo meio nebuloso a respeito. Quando uma das duas falava,

tropeçava e caía de cara no chão, deixava cair uma xícara ou um prato ou derrubava

um vaso — sempre algum objeto que se estilhaçava com o impacto. Desde que

interpretara o sonho sobre Gawyn se tornar seu Guardião, vinha fazendo o mesmo

esforço com todos os outros sonhos que tinha. Claro que ainda não conseguira

nenhuma interpretação sensata, mas tinha certeza de que aquele sonho em especial

guardava algum significado. Talvez fosse melhor esperar o encontro seguinte para

falar com uma das duas. Além disso, poderia acabar trombando de novo com os

sonhos de Gawyn, ser atraída para eles. Suas bochechas coravam só de pensar.

— O *Car'a'carn* voltou — anunciou Estair. — Ele vai se encontrar com suas

irmãs hoje à tarde.

Gawyn e os sonhos desapareceram da mente, e Egwene franziu o cenho para a

xícara de chá. Duas visitas em dez dias. Era atípico dele voltar em tão pouco tempo.

Por que teria vindo? Será que soubera das Aes Sedai enviadas da Torre? Como?

Além disso, só a presença dele já provocava a pergunta de sempre: *como ele faz*

aquilo?

— Como ele faz o quê? — indagou Estair.

Egwene piscou, sobressaltada, reparando que falara em voz alta.

— Como ele consegue me deixar com esse nó no estômago?

Surandha balançou a cabeça em comiseração, mas também sorriu:

— Ele é homem, Egwene.

— Ele é o *Car'a'carn* — ressaltou Estair, com muita ênfase e mais que um toque

de reverência. Egwene não ficaria surpresa se ela passasse a usar aquela faixa idiota

enrolada na cabeça.

Surandha logo confrontou Estair, querendo saber como a outra mulher conseguiria

lidar com um chefe de forte ou, pior ainda, um chefe de clã ou de ramo, se não

entendia que nenhum homem deixava de ser homem só porque era um líder. Estair

retrucou, enfática, que o caso do *Car'a'carn* era diferente. Mera, uma das mais

velhas na tenda, que viera para visitar a filha, inclinou-se na direção das três e disse

que lidar com qualquer chefe, fosse de forte, de ramo, de clã ou o próprio

Car'a'carn, era o mesmo que lidar com um marido. O comentário suscitou uma

gargalhada de Baerin, também ali para visitar a filha, que completou dizendo que

aquela era uma boa maneira de fazer uma senhora do teto depositar sua faca aos pés

dela — uma declaração de rixa. Baerin tinha sido Donzela antes de se casar, mas

qualquer um poderia declarar uma rixa contra qualquer Aiel que não

fosse uma

Sábia ou um ferreiro. Não importava: antes mesmo que Mera terminasse seu

primeiro comentário, todas as presentes — exceto os *gai'shain*, claro — já tinham se

metido na conversa, massacrando a pobre Estair. O *Car'a'carn* era um chefe entre os

chefes e nada mais, isso era certo. A conversa prosseguiu em uma discussão sobre se

era melhor abordar um chefe diretamente ou por meio de sua senhora do teto.

Egwene não prestou muita atenção ao falatório. Claro que Rand não cometeria

nenhuma tolice. Seu amigo se mostrara relutante em relação à carta de Elaida, mas,

ainda assim, acreditara na sinceridade da mensagem de Alviarín — que, além de ser

mais cordial, era absolutamente lisonjeira. Rand achava que tinha encontrado amigas

e até mesmo seguidoras na Torre. Egwene duvidava muito. Com ou sem os Três

Juramentos, estava convencida de que Elaida e Alviarín tinham mancomunado para

escrever aquela segunda carta, mesmo com toda aquela besteirada de “servir sua

glória”. Tudo não passava de uma artimanha para levá-lo até a Torre.

Encarando as próprias mãos, arrependida, Egwene suspirou e largou o chá. A

xícara foi recolhida antes mesmo que pudesse afastar as mãos.

— Preciso ir — anunciou para as duas outras aprendizes. — Acabei de me

lembrar que ainda preciso resolver um assunto.

Surandha e Estair falaram que queriam ir junto — na verdade, estavam prestes a

se levantar e ir com ela, pois os Aiel nunca falavam da boca para fora —, mas algo

no debate lhes chamou a atenção, e elas não discutiram quando Egwene insistiu que

ficassem. Enrolando o xale de volta na cabeça e deixando as vozes cada vez mais

elevadas para trás — Mera ia dizendo a Estair, sem um pinga de hesitação, que

jovem até poderia se tornar uma Sábua, algum dia, mas que até lá ainda tinha muito o

que aprender com uma mulher que dera conta de um marido e criara três filhas e

dois filhos sem nenhuma esposa-irmã para ajudar —, Egwene saiu para a poeira e o

vento.

Já na cidade, tentou se esgueirar pelas ruas cheias sem parecer muito furtiva,

tentou ficar atenta aos arredores enquanto aparentava olhar apenas para o caminho

que seguia. As chances de trombar com Nesune eram pequenas, mas... À frente,

duas mulheres com vestidos muito sóbrios e aventais engomados deram um passo

para o lado, desviando uma da outra. Por azar, ambas escolheram o mesmo lado e

acabaram ficando cara a cara. Depois de murmurarem desculpas, deram mais um

passo para o lado — o mesmo lado. Mais desculpas e, como se

dançassem, foram

outra vez mais um passo para o mesmo lado. Quando Egwene as ultrapassou, as

duas ainda estavam andando de um lado para o outro em perfeita sincronia, os rostos

já corando, as desculpas sendo engolidas por trás dos lábios comprimidos. Egwene

não fazia ideia de quanto tempo aquilo ainda poderia durar, mas serviu para lembrá-

la de que Rand estava na cidade. Luz, quando ele estava por perto, não seria nem um

pouco absurdo se acabasse de cara com as seis Aes Sedai da Torre justo no instante

em que uma lufada de vento arrancasse seu xale da cabeça e três pessoas gritassem

seu nome e a chamassem de Aes Sedai. Com ele por perto, não acharia absurdo nem

se desse de cara com Elaida.

Avançou, apressada, cada vez mais preocupada com a possibilidade de sofrer a

influência de *ta'veren* de Rand, o olhar cada vez mais irritado. Por sorte, uma Aiel

irritada de rosto coberto — aquelas pessoas ao menos sabiam da diferença entre um

xale e um véu? — fazia todos saírem do caminho, o que lhe permitia acelerar o

passo até quase correr. Ainda assim, ela não respirou tranquila até se enfiar no

Palácio do Sol, entrando por uma portinha de empregados que ficava nos fundos.

Um forte cheiro de comida no fogo pairava no corredor estreito, e

mulheres e

homens de libré andavam às pressas de um lado a outro. Foi recebida pelos olhares

atônitos de alguns serviçais descansando sem o casaco e algumas criadas que se

abanavam com o avental. Provavelmente não era comum ver ninguém além dos

serviçais tão perto das cozinhas, muito menos uma Aiel. Todos pareciam esperar que

ela fosse tirar uma lança de debaixo das saias.

Egwene apontou para um homenzinho rechonchudo que enxugava o pescoço com

um lenço.

— Sabe onde está Rand al'Thor?

O sujeito levou um susto, voltando os olhos para os colegas, que já se afastavam.

Ele batia os pés, ansioso, doido para ir atrás dos outros.

— O Lorde Dragão, é... Senhora? Nos aposentos dele? É o que eu acho, ao

menos. — Ele começou a se virar de lado, curvando-se em uma medida. — Se a

Senhora... é... se milady me permitir, preciso voltar para o...

— Você vai me levar até lá — interrompeu Egwene, a voz firme. Dessa vez, não

ficaria perambulando à toa.

Voltando os olhos uma última vez em busca dos amigos desaparecidos, o sujeito

suprimiu um suspiro, lançou um rápido olhar assustado para ver se não a havia

ofendido e disparou atrás do casaco. O homem sabia se orientar muito bem naquele

emaranhado de corredores palacianos, andando rápido e fazendo uma medida a cada

curva. Quando, com uma última reverência, o sujeito enfim apontou para as portas

altas decoradas com sóis nascentes dourados e vigiadas por uma Donzela e um Aiel,

Egwene sentiu uma pontada de desdém e o dispensou. Não conseguia entender por

que sentira aquilo quando o sujeito estava apenas fazendo o que era pago para fazer.

Quando ela se aproximou, o Aiel se levantou. Era um sujeito de meia-idade e

muito alto, com um tórax e ombros que lembravam os de um touro e olhos cinzentos

e frios. Egwene não o conhecia, e o Aiel parecia prestes a mandá-la embora. Por

sorte, ela conhecia a Donzela.

— Deixe-a passar, Marie — disse Somara, abrindo um sorriso. — Esta é a

aprendiz de Amys, e também de Bair e Melaine. A única aprendiz que eu conheço

que serve a três Sábias. E, pela cara dela, foi enviada às pressas com palavras bem

contundentes para Rand al'Thor.

— Às pressas? — O gracejo de Marie não suavizou a dureza de seu rosto ou de

seus olhos. — Parece mais que veio se arrastando.

Ele retomou a posição de guarda.

Egwene não precisou perguntar o que ele queria dizer. Desenterrou um lenço do

fundo da bolsa do cinto e esfregou o rosto. Ninguém era levado a sério sujo daquele

jeito, e Rand precisava ouvi-la com atenção.

— São mesmo palavras importantes, Somara. Espero que ele esteja sozinho. As

Aes Sedai ainda não vieram?

O lenço voltou cinza, e ela o devolveu à bolsa com um suspiro.

Somara balançou a cabeça.

— Ainda falta um bom tempo para elas chegarem. Você vai pedir para ele tomar

cuidado? Não tenho intenção de desrespeitar suas irmãs, mas ele se joga sem pensar

onde vai cair. É muito cabeça-dura.

— Vou pedir, sim.

Egwene não conseguiu suprimir um sorrisinho. Já ouvira Somara falar daquele

jeito, com o tom orgulhoso e exasperado que uma mãe teria ao falar de um filho

excessivamente aventureiro de dez anos de idade — e ouvira o mesmo tom sendo

usado por outras Donzelas. Só podia ser alguma brincadeira Aiel. Bem, mesmo que

não entendesse do que se tratava, apoiava qualquer comportamento que evitasse que

Rand acabasse muito cheio de si.

— Também vou mandar ele lavar as orelhas. — Somara até assentiu, antes de se

conter e voltar à expressão séria. Egwene respirou fundo. — Somara, minhas irmãs

não podem saber que estou aqui. — Marie, que examinava cada serviçal que cruzava

o corredor, a encarou com curiosidade. Egwene precisava tomar cuidado. — Nós

não somos muito próximas, Somara. Na verdade, dá para dizer que sempre fomos o

mais distantes possível, em se tratando de irmãs.

— Não há rixa pior que as rixas entre irmãs-primeiras — afirmou Somara,

assentindo. — Entre. Não direi nada a elas sobre você. E se a língua de Marie ficar

muito agitada, dou um nó nela.

Marie apenas abriu um leve sorriso, sem nem olhar para Somara — a mulher batia

abaixo de seu ombro e devia ter metade de seu peso.

As Donzelas sempre a mandavam entrar sem ser anunciada, o que já causara

alguns constrangimentos, mas dessa vez ela não encontrou Rand tomando banho. Só

de olhar, dava para notar que aqueles eram os antigos aposentos reais, e a antessala

estava mais para uma miniatura de sala do trono — ou melhor, miniatura se

comparada à verdadeira. As únicas curvas na decoração eram os raios ondulados de

um sol dourado, cada um de uma braçada de largura, gravados no piso de pedra

polido. Espelhos altos em molduras de ouro austeras enfileiravam-se nas paredes sob

largas faixas retas com douraduras, e a enorme cornija da lareira era toda de

triângulos dourados que se sobrepunham feito escamas. Poltronas cobertas de

douraduras estavam dispostas de cada lado do sol nascente, em duas fileiras tão

rígidas quanto os espaldares altos, uma perfeitamente de frente para a outra. Rand

estava sentado em uma poltrona com o dobro de douraduras e o espaldar duas vezes

mais alto que as outras apoiada sobre um pequeno estrado também incrustado de

douraduras. O jovem trajava um casaco de seda vermelho com bordados de ouro,

ostentando uma careta de preocupação enquanto segurava aquela lança Seanchan

entalhada apoiada no cotovelo. Parecia um rei — um rei prestes a cometer um

assassinato.

Egwene apoiou os punhos cerrados na cintura.

— Somara disse que você devia ir lavar estas orelhas agora mesmo, meu jovem

— ralhou, fazendo-o erguer a cabeça.

A surpresa e o leve ultraje duraram apenas um instante. Abrindo um sorriso, Rand

se levantou e largou a ponta de lança no assento da cadeira.

— Luz, o que você andou fazendo? — perguntou ele, atravessando o aposento,

agarrando-a pelos ombros e virando-a de frente para o espelho mais próximo.

Egwene fez uma careta involuntária. Que visão. A poeira que atravessara o xale

— poeira não: já virara lama, com todo aquele suor — desenhava linhas em suas

bochechas e espirais nos pontos de sua testa que esfregara com o lenço antes.

— Vou mandar Somara providenciar um pouco de água — afirmou ele, seco. —

Talvez ela ache que é para as minhas orelhas.

Ah, aquele sorriso insuportável!

— Não precisa — respondeu Egwene, com o máximo de dignidade que conseguiu

reunir. Não iria simplesmente se lavar com ele ali, assistindo. Puxou o lenço

encardido da bolsa e tentou dar um jeito nas piores partes. — Daqui a pouco você

vai se encontrar com Coiren e as outras. Não preciso avisar que elas são perigosas,

preciso?

— Acho que você acabou de avisar. Bem, nem todas elas virão. Eu disse que não

receberia mais que três, então apenas três foram enviadas. — Pelo espelho, Egwene

notou a cabeça dele se inclinando, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Rand

assentiu, a voz baixando até não passar de um murmúrio: — É, consigo dar conta de

três, se não forem muito fortes. — De repente, ele pareceu notar que era observado.

— Claro que, se alguma delas for Moghedien de peruca, ou Semirhage disfarçada,

vou acabar encrencado.

— Rand, você precisa levar isso a sério. — O lenço não estava ajudando muito.

Com toda a relutância do mundo, cuspiu no tecido para ver se melhorava. Não havia

maneira digna de cuspir em um lenço. — Eu sei o quanto você é forte, mas elas são

Aes Sedai. Você não pode se comportar como se fossem apenas camponesas.

Mesmo que ache que Alviarin *vai* se ajoelhar aos seus pés, junto com todas as

amigas que trazer, essas mulheres foram enviadas por Elaida. Você não pode

acreditar que virão com qualquer intenção além de atar uma coleira em seu pescoço.

Serei franca e direta: você deveria mandar todas embora.

— E confiar nas suas amigas escondidas? — indagou ele, a voz suave. Suave

demais.

Egwene concluiu que não havia como dar jeito no rosto. Devia ter deixado Rand

mandar trazer água. Bem, não tinha mais como pedir, não depois de ter recusado.

— Você sabe que não pode confiar em Elaida — advertiu, hesitante, virando-se

para ele. Lembrando-se do desfecho da última conversa, não queria nem mencionar

as Aes Sedai de Salidar. — Você sabe.

— Eu não confio em nenhuma Aes Sedai. Elas... — Ele hesitou, como se fosse

usar alguma palavra... Egwene não fazia ideia de qual poderia ser. —
Elas tentarão

me usar, e eu tentarei usar cada uma delas. Uma bela troca, não acha?

Se Egwene algum dia tivesse considerado a possibilidade de deixá-lo
chegar perto

das Aes Sedai de Salidar, teria desistido ao ver o olhar de Rand — era
tão duro e

gélido que ela ficou arrepiada.

Talvez, se ele ficasse zangado o bastante, se trocasse farpas com
Coiren até

obrigar a missão diplomática a voltar para a Torre de mãos
abanando...

— Se você acha uma bela troca, então suponho que seja. Você é o
Dragão

Renascido, afinal. Bem, já que pretende continuar com isso, então é
melhor fazer as

coisas direito. Só não se esqueça de que são Aes Sedai. Até um rei
trata as mulheres

da Torre com respeito, mesmo quando não concorda com o que dizem.
E até um Rei

iria correndo a Tar Valon, se fosse convocado. Até os Grão-senhores
tairenos iriam,

até Pedron Niall. — Ah, o tonto voltou a sorrir; ou pelo menos exibiu
os dentes, já

que o restante do rosto estava tão inexpressivo quanto uma pedra de
rio. — Espero

que esteja prestando atenção, estou tentando ajudar. — Bem, e estava.
Só não do

jeito que ele pensava. — Se quer usar essas mulheres, não pode deixá-
las feito gatas

arrepiadas. Elas não ficarão mais impressionadas do que eu com você,

Dragão

Renascido, mesmo com esses casacos enfeitados, esse trono e esse cetro idiota. —

Egwene olhou com desprezo para a ponta de lança borlada. Luz, aquele troço lhe

causava arrepios! — As Aes Sedai não cairão de joelhos quando chegarem, e você

não vai morrer por isso. Também não vai morrer se demonstrar alguma cortesia.

Curve esse seu pescoço teimoso. Não é humilhação agir com a deferência

apropriada, mostrar um pouco de humildade.

— A deferência apropriada — repetiu ele, pensativo. Suspirando, Rand balançou

a cabeça com pesar e passou a mão no cabelo. — Bem, suponho que eu não possa

falar com uma Aes Sedai como falo com um lorde qualquer que vem tramando

contra mim. É um bom conselho, Egwene. Vou tentar. Serei humilde feito um rato.

Tentando não parecer espantada, Egwene disfarçou os olhos arregalados

esfregando o rosto com o lenço. Não podia afirmar com certeza se os olhos estavam

a ponto de saltar das órbitas, mas achou que deviam. A vida inteira, sempre que

apontava que era melhor ir pela direita, Rand levantava o queixo e insistia na

esquerda! Por que ele teve de escolher justo aquele momento para ouvi-la?

Havia algo de bom no jeito como as coisas estavam? Ao menos não

faria mal a ele

demonstrar algum respeito. Mesmo que elas estivessem do lado de Elaida, a ideia de

alguém se mostrar impertinente com qualquer Aes Sedai de fato a aborrecia. Só que

ela *queria* que ele fosse impertinente, tão arrogante quanto jamais havia sido. Não

havia razão para tentar desfazer aquilo, não havia como. Ele não era obtuso. Apenas

irritante.

— Foi só para isso que você veio? — indagou Rand.

Não podia ir embora, não ainda. Talvez tivesse uma chance de consertar as coisas,

ou pelo menos de ter certeza de que Rand não era cabeça oca a ponto de concordar

em ir para Tar Valon.

— Sabia que tem uma Senhora das Ondas do Povo do Mar num navio lá no rio, o

Botão? — Era uma mudança brusca, mas para um assunto tão bom quanto

qualquer outro. — Ela veio ver você, e ouvi dizer que a mulher já está ficando

impaciente.

Ficara sabendo por Gawyn. Erian fora remando até o navio para descobrir o que o

Povo do Mar estava fazendo tão dentro do continente, mas não recebeu permissão

para embarcar. A mulher voltara em tal estado de espírito que, se não fosse Aes

Sedai, diriam que estava prestes a explodir de ódio. Egwene tinha

mais do que

suspeitas de por que aquela gente estava ali, mas não as revelaria para Rand. Seria

bom para ele finalmente se encontrar com alguém sem a expectativa de que a outra

pessoa fosse se curvar a seus pés.

— Ao que parece, os Atha'an Miere estão por toda parte. — Rand se sentou em

uma das cadeiras. Por algum motivo, parecia de bom humor. Egwene podia jurar que

não tinha nada a ver com o Povo do Mar. — Berelain disse que tenho que me

encontrar com essa Harine din Togara Dois Ventos, mas, se a mulher tiver metade

do gênio que Berelain relatou, então pode esperar. Já tenho que lidar com uma boa

quota de mulheres zangadas, por enquanto.

Aquilo era quase uma abertura, mas não era o suficiente.

— Não consigo entender por quê. Você é tão cativante. — Egwene se arrependeu

assim que falou. Aquelas palavras só reforçavam o que *não* queria que ele fizesse.

Rand franziu o cenho — não pareceu nem ter ouvido o comentário ácido.

— Egwene, sei que você não gosta de Berelain, mas a questão não vai muito além

disso, não é? Quer dizer, você é tão boa em se passar por Aiel que dá para imaginá-

la se oferecendo para dançar as lanças com ela. Berelain estava incomodada com

alguma coisa, parecia desconfortável, mas não queria dizer o que era.

Bem, talvez tivesse encontrado um homem que lhe tivesse dito não.
Bastaria isso

para deixar a Primeira de Mayene tremendo nas bases.

— Não troquei nem dez palavras com ela desde que saímos da Pedra de Tear, e

não nos falamos muito mais que isso por lá. Rand, você não acha que...

Uma das portas se abriu só o suficiente para deixar entrar Somara, que a fechou

depressa atrás de si.

— *Car'a'carn*, as Aes Sedai estão aqui.

Rand virou a cabeça para a porta, o rosto duro feito pedra.

— Elas só deveriam chegar daqui a...! Ah, estão pensando que vão me pegar de

guarda baixa, é? Elas precisam aprender quem é que dita as regras por aqui.

Egwene não se importaria nem se as mulheres da Torre estivessem tentando

flagrar Rand só com as roupas de baixo. Berelain desapareceu da sua mente. Somara

gesticulou, discretamente, parecendo expressar sua pena de Egwene.
Bem, também

não se importava com aquilo. Se pedisse, sabia que Rand poderia evitar que as

mulheres a levassem. Só teria que ficar perto dele dali em diante, para que as

mulheres não a atacassem e a blindassem assim que botasse a cara na rua, levando-a

embora às pressas. Bastava pedir e se colocar sob a proteção dele. A

diferença era

minúscula entre isso ou ser arrastada de volta para a Torre dentro de uma saca — tão

tênue que lhe fez doer o estômago. Primeiro porque jamais se tornaria Aes Sedai se

ficasse se escondendo atrás dele, segundo porque a ideia de ficar escondida atrás de

quem quer que fosse a irritava demais. Só que as enviadas da Torre estavam bem ali,

do outro lado da porta, e ela em menos de uma hora poderia acabar metida na tal

saca, ou coisa parecida. Respirar fundo e bem devagar não surtiu nenhum efeito para

acalmar seus nervos, tão à flor da pele.

— Rand, tem alguma outra saída? Se não tiver, vou me esconder em um dos

outros quartos. Elas não podem saber que estou aqui. Rand? Rand! Está me

ouvindo?

Rand respondeu, mas não estava falando com ela.

— Ah, você *está* aí! — sussurrou, rouco. — É coincidência demais você pensar

nisso justo agora. — Ele encarava o nada com um olhar de fúria, talvez de medo. —

Que o queime, me responda! Eu sei que você *está* aí!

Sem conseguir se conter, Egwene umedeceu os lábios. Somara o encarava com o

que só poderia ser descrito como preocupação maternal — e Rand nem notava o

gracejo da Aiel —, mas Egwene sentia o estômago se retorcer. Ele não

podia ter

enlouquecido tão rápido. Não podia. Ainda assim, parecia que Rand ouvira alguma

voz oculta, momentos antes. Talvez tivesse falado com a tal voz.

Não se lembrava de ter se aproximado tanto dele, mas logo estava com a mão

firme contra a testa de Rand. Nynaeve sempre dizia para primeiro verificar se havia

febre, mas não fazia ideia se isso adiantaria, àquela altura... Se ao menos ela

soubesse mais do que o básico sobre Cura. Bem, também não adiantaria nada. Não

se ele estivesse...

— Rand...? Você está bem?

Ele se recompôs, afastou o rosto da mão dela e a encarou com desconfiança. No

momento seguinte, já estava de pé, segurando-a pelo braço, praticamente arrastando-

a pela sala — ia tão depressa que Egwene quase tropeçou nas próprias saias

enquanto tentava acompanhá-lo.

— Fique ali parada — ordenou, ríspido, deixando-a plantada ao lado do estrado,

então se afastou um pouco.

Esfregando o braço com vigor suficiente para que Rand não deixasse de reparar,

Egwene fez menção de ir atrás dele. Os homens não tinham noção de como eram

fortes. Nem mesmo Gawyn, embora, no caso dele, ela não se importasse muito.

— O que você pensa que...?

— Não se mexa! — Então, contrariado, acrescentou: — Ah, que o queime, parece

que ondula quando você se mexe. Vou prender no chão, mas mesmo assim é melhor

não ficar se mexendo muito. Não sei de que tamanho consigo fazer, e agora não é

hora de descobrir.

Somara ficou boquiaberta — deu para ver, mesmo ela tendo fechado a boca logo

em seguida.

Prender o que no chão? Do que ele estava falando...? A compreensão se abateu

sobre ela, tão de repente que esqueceu de se perguntar quem seria esse “ele”. Rand

tecera uma trama de *saidin* em torno dela. Egwene arregalou os olhos. Estava

ofegante, respirando rápido demais, mas não conseguia parar. Será que a trama

estava muito perto? Cada fiapo de razão lhe dizia que a mácula não poderia escorrer

das tramas que ele fizesse — Rand já a tocara com *saidin*, em outra ocasião. Ainda

assim, pensar naquilo só fez piorar as coisas. Instintivamente, encolheu os ombros e

segurou as saias à frente do corpo, as mãos bem juntas.

— O que...? O que você fez? — Ficou orgulhosa por ter mantido a voz firme.

Podia até estar um pouquinho instável, mas nada perto da lamúria que queria deixar

escapar.

— Olhe naquele espelho — retrucou ele, rindo. Rindo!

Ela obedeceu, meio a contragosto... e ficou sem fôlego. Ali, no espelho prateado,

estava a cadeira dourada sobre o estrado. O reflexo também mostrava parte do

apósito. Mas não havia nenhuma imagem dela.

— Eu estou... invisível — sussurrou.

Certa vez, Moiraine escondera todos eles por trás de uma cortina de *saidar*. Mas

como Rand aprendera aquilo?

— Muito melhor do que se esconder debaixo da minha cama — comentou,

dirigindo-se ao ar, os olhos fixos em um ponto um palmo à direita da cabeça dela.

Como se Egwene sequer tivesse *cogitado* essa possibilidade! — Quero que você

veja como sei ser respeitoso. Além do quê — ele assumiu um tom mais sério —,

talvez você perceba algo que eu deixe passar. E talvez até esteja disposta a me contar

o quê, mais tarde. — Com uma risada alta e curta, Rand subiu no estrado, pegou a

ponta de lança borlada e se sentou. — Mande elas entrarem, Somara. Permita que a

missão diplomática da Torre Branca fale com o Dragão Renascido.

O sorriso retorcido no rosto dele deixou Egwene quase tão desconfortável quanto

a proximidade da urdidura de *saidin*. Quão perto estava aquele troço maldito?

Somara saiu da sala, e as portas se abriram de novo momentos depois.

Uma mulher de vestido azul-escuro, muito imponente e rechonchuda, que só

podia ser Coiren, vinha à frente. A seu lado, porém uma passada atrás, vinha

Nesune, usando uma lã simples marrom, junto de uma Aes Sedai de cabelos negros

como penas de corvo trajando seda verde — era muito bonita, de rosto redondo, com

lábios fartos e chamativos. Egwene desejou que as Aes Sedai sempre usassem as

cores das suas Ajahs — as Brancas usavam sempre que podiam. Não sabia a Ajah

daquela terceira mulher, mas não acreditava fosse uma Verde — não com o olhar

firme que ela lançou a Rand no instante em que pôs os pés no aposento. Uma

serenidade fria quase mascarava o desprezo em seus olhos — e talvez mascarasse,

para alguém que não estivesse acostumado a lidar com Aes Sedai. Será que Rand

tinha percebido? Talvez não, já que parecia concentrado em Coiren, cujo rosto era

completamente indecifrável. Nesune, claro, estava atenta a tudo, os olhos de pássaro

disparando para um lado e para o outro.

Egwene ficou muito grata pelo manto de invisibilidade que ele tecera. Deu

batidinhas no rosto com o lenço, que ainda tinha nas mãos, então ficou paralisada.

Rand disse que prenderia a trama no chão. Teria mesmo prendido?

Luz, pelo pouco

que sabia, poderia muito bem estar completamente exposta. Mas então o olhar de

Nesune passou por ela sem nenhuma pausa. O suor escorria pelo rosto. Pingava. Que

a Luz queimasse Rand! Ficaria perfeitamente feliz escondida debaixo da cama dele.

Atrás das Aes Sedai veio mais uma dúzia de mulheres com roupas simples e

sobrecapas ásperas de linho pendendo das costas. A maioria era bem troncuda, mas

parecia penar com o peso de dois baús nada pequenos, as alças de latão polido

trabalhadas com a Chama de Tar Valon. As serviçais depositaram os baús no chão

com suspiros de alívio bem audíveis, alongando os braços e as costas discretamente

enquanto as portas se fechavam. Coiren e as outras Aes Sedai mergulharam em

medidas na mais perfeita sincronia, ainda que não muito profundas.

Rand se levantou antes mesmo que as três Aes Sedai endireitassem as costas. O

brilho de *saidar* cercava as três — tinham se unido. Egwene tentou se lembrar do

que vira, de como aquilo era feito. Apesar do brilho intenso, nada abalou a calma em

seus rostos quando Rand passou direto, indo até as serviçais, analisando cada um de

seus rostos.

O que ele estava...? Ah, claro. Estava querendo se certificar de que nenhuma

tinha o rosto de idade indefinida de uma Aes Sedai. Egwene balançou a cabeça,

então voltou a ficar imóvel. Rand era um tolo se achava que aquilo bastava. Quase

todas as servas pareciam já ter certa idade — não eram velhas, mas já tinham a

marca da passagem dos anos —, só que duas eram jovens o bastante para terem sido

elevadas havia pouco tempo. Nenhuma era — Egwene só conseguia sentir a

capacidade de canalização das três Aes Sedai, e estava perto o bastante para ter

sentido, caso houvesse a fagulha em alguma das outras mulheres. Ainda assim, Rand

não podia afirmar só de olhar se aquelas mulheres eram ou não capazes de manejar o

Poder.

Rand estendeu a mão e ergueu o queixo de uma jovem robusta, encarando-a com

um sorriso.

— Não tenha medo — disse ele, baixinho. A mulher cambaleou como se estivesse

prestas a desmaiar. Com um suspiro, Rand deu meia-volta. Nem olhou para as Aes

Sedai quando passou por elas.

— Vocês não vão canalizar perto de mim — advertiu, firme. — Soltem.

Nesune pareceu pensativa por uma fração de segundo, mas as outras duas

permaneceram completamente serenas enquanto ele voltava a se sentar e esfregava o

braço. Egwene estivera presente quando ele desenvolveu aquela comichão. Rand

acrescentou, com uma voz mais firme:

— Eu disse que vocês não vão canalizar perto de mim. Não vão nem abraçar

saidar.

Houve um longo momento de hesitação, e Egwene rezou em silêncio. O que Rand

faria se as mulheres continuassem abraçando a Fonte? Tentaria cortar a conexão?

Interromper o acesso a *saidar* depois que a mulher já o abraçara era bem mais difícil

do que criar uma barreira antes de acontecer. Não sabia nem se ele conseguiria lidar

com três mulheres ao mesmo tempo, ainda por cima unidas. E pior — o que elas

fariam se Rand tentasse alguma coisa? O brilho esvaneceu, e Egwene conseguiu —

por pouco — suprimir um enorme suspiro de alívio. Aquela trama que ele fizera a

tornava invisível, mas obviamente não isolava o som.

— Bem melhor. — Rand abriu um sorriso caloroso voltado para as três, mas o

calor não chegou aos seus olhos. — Vamos começar de novo. Vocês são convidadas

de honra e acabaram de entrar aqui neste exato momento.

Elas entenderam, claro. Rand não estava apenas supondo que as três estavam

canalizando — ele sabia. Coiren se enrijeceu de leve, e a mulher de cabelos escuros

como um corvo arregalou os olhos. Nesune apenas assentiu para si mesma,

acrescentando aquilo às anotações mentais. Egwene torcia para que ele tomasse

cuidado — Nesune não deixaria passar nada.

Com esforço visível, Coiren tratou de se acalmar, alisou o vestido e quase ajustou

um xale que nem ao menos estava usando.

— Eu tenho a honra — anunciou, com uma voz límpida — de ser Coiren Saeldain

Aes Sedai, Embaixadora da Torre Branca e emissária de Elaida do Avriny a'Roihan,

a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin.

Com apresentações um pouco menos floreadas, ainda que com as honrarias

completas de Aes Sedai, ela anunciou as outras duas. A mulher de olhar firme e

cabelos negros era Galina Casban.

— Eu sou Rand al'Thor.

A simplicidade assinalava um contraste nítido. Corina não mencionara o título de

Dragão Renascido e ele também não, mas aquela omissão pareceu fazer o título

ressoar de leve pela sala.

Coiren respirou fundo, inclinando a cabeça como se ouvisse o tal sussurro.

— Trazemos um nobre convite ao Dragão Renascido. O Trono de Amyrlin tem

plena consciência de que os sinais foram dados e as profecias foram cumpridas, de

que... — A mulher, sempre com uma voz alta e límpida, chegou rápido demais ao

ponto, dizendo que Rand deveria acompanhá-las, “com a honra e o respeito

merecidos”, até a Torre Branca, e que, caso ele aceitasse o convite, Elaida oferecia a

proteção da Torre e todo o peso de sua autoridade e influência por trás do título de

Amyrlin. Seguiu-se mais uma boa dose de discursos floreados antes que ela

terminasse com um: — ... e, como símbolo de boa vontade, o Trono de Amyrlin

envia este humilde presente.

Coiren se virou para os baús e ergueu as mãos. Então ficou parada, abrindo uma

leve careta de irritação. Precisou gesticular duas vezes até que as serviçais

compreendessem o que ela queria e puxassem as alças de latão para abrir as tampas

dos baús. Ao que parecia, a mulher tivera intenção de abrir as tampas usando *saidar*.

Os baús estavam completamente cheios de sacas de couro. Depois de um outro

gesto, mais firme, as serviçais começaram a desamarrá-las.

Egwene conteve um suspiro. Não era de se surpreender que aquelas mulheres

tivessem precisado de tanto esforço para carregar os baús! As sacas abertas tiveram

seu conteúdo derramado: moedas de ouro de todos os tamanhos, anéis reluzentes,

colares cintilantes e gemas soltas. Mesmo se as sacas logo abaixo da

primeira

camada contivessem apenas entulho, tratava-se de uma fortuna.

Reclinando-se na poltrona em forma de trono, Rand examinava os baús com um

princípio de sorriso. As Aes Sedai o analisavam, os rostos cobertos com suas

máscaras de autocontrole, mas Egwene achou ver um quê de complacência nos

olhos de Coiren e um leve desdém nos lábios carnudos de Galina. Mas Nesune...

Nesune representava o verdadeiro perigo.

As tampas se fecharam de repente, sem que ninguém as tocasse. As serviçais

deram um pinote para trás, sem sequer abafarem os gritinhos de susto. As Aes Sedai

se enrijeceram, e Egwene rezava com a mesma intensidade com que o suor escorria

do corpo. Claro que queria um Rand arrogante e um tanto insolente, mas apenas o

bastante para deixar as três irritadas, não a ponto de elas decidirem tentar amansá-lo

ali mesmo.

Foi então que lhe ocorreu que, até o momento, Rand não mostrara nada daquele

lado “humilde feito um rato”. Ah, ele nunca sequer tivera a intenção de mostrar

humildade, apenas zombara dela! Se não estivesse tão aterrorizada, iria até ele e lhe

daria uma bela bofetada na orelha.

— É bastante ouro — afirmou Rand. Parecia tranquilo, o sorriso

enchendo o rosto

todo. — Eu sempre encontro utilidade para ouro. — Egwene apenas piscou,

surpresa. Rand soava quase ganancioso!

Coiren respondeu com um sorriso, uma imagem perfeita de arrogância ponderada.

— O Trono de Amyrlin é de extrema generosidade, claro. Quando você chegar à

Torre Branca...

— Quando eu chegar à Torre — interrompeu Rand, como se pensasse alto. —

Sim, mal posso esperar pelo dia em que entrarei na Torre. — Ele se inclinou um

pouco para a frente, apoiando o cotovelo no joelho, o Cetro do Dragão dependurado

para além das pernas. — Mas, entendam, não posso ir imediatamente. Primeiro

tenho compromissos por aqui, além de em Andor e em outros lugares.

Coiren comprimiu os lábios apenas por uma fração de segundo. Ainda assim, sua

voz se manteve tranquila e firme como sempre.

— Com certeza não fazemos nenhuma objeção a descansar alguns dias por aqui

antes de iniciarmos a jornada de volta a Tar Valon. Enquanto isso, permita-me

sugerir que uma de nós fique disponível para aconselhá-lo em caso de necessidade.

Ouvimos falar, claro, do triste destino de Moiraine. Não posso me oferecer, mas

Nesune e Galina estão à disposição.

Rand analisou a dupla, franzindo o cenho, e Egwene prendeu a respiração. Ele

mais uma vez parecia estar ouvindo alguma voz — ou tentando ouvir. Nesune o

encarava com a mesma atenção com que ele a analisava. Galina alisou as saias por

reflexo, sem nem reparar no que seus dedos faziam.

— Não — respondeu, por fim, recostando-se de volta e repousando os cotovelos

nos braços da poltrona. Com aquilo, Rand a fazia parecer ainda mais um trono. —

Não é muito seguro. Eu não gostaria que uma de vocês, por acidente, acabasse com

uma lança atravessada entre as costelas. — Coiren abriu a boca para protestar, mas

ele continuou falando. — Para sua própria segurança, nenhuma de vocês deve ficar a

menos de uma milha de mim sem minha permissão. Aliás, o melhor é também

manterem essa distância do Palácio, a não ser que eu permita. Vocês serão

informadas quando eu estiver pronto para acompanhar a comitiva de volta a Tar

Valon. Eu prometo. — Rand se levantou de repente. De cima do estrado, ficava alto

o bastante para que as Aes Sedai precisassem levantar o pescoço, e as três deixaram

muito claro que desgostavam daquilo tanto quanto das restrições impostas. Três

rostos entalhados em pedra ergueram os olhos para fitá-lo. — Agora vou deixar que

voltem ao seu descanso. Quanto mais rápido eu conseguir resolver certas questões,

mais rápido poderei ir para a Torre. Mandarei avisar quando pudermos nos encontrar

outra vez.

As três não ficaram nada satisfeitas com aquela dispensa tão súbita, muito menos

com o fato de terem sido dispensadas. Eram as Aes Sedai que definiam quando uma

audiência se encerrava. Ainda assim, havia pouco que pudessem fazer além de

reverências mínimas, a contrariedade quase esfacelando a famosa calma das

mulheres da Torre.

Quando davam meia-volta para ir embora, Rand se pronunciou mais uma vez, em

um tom casual:

— Esqueci de perguntar: como está Alviarín?

— Está bem. — Galina passou alguns instantes boquiaberta, os olhos arregalados.

Parecia surpresa por ter respondido.

Coiren hesitou, prestes a usar aquela abertura para falar mais, porém Rand já dava

sinais de impaciência, quase batendo os pés no chão. Quando as mulheres saíram,

ele desceu do tablado ainda carregando a ponta de lança, os olhos fixos nas portas

que se fecharam atrás delas.

Egwene não perdeu tempo, foi logo avançando para cima dele.

— Que jogo é este que você está jogando, Rand al'Thor? — Já avançara quase

cinco passos quando um vislumbre de seu reflexo nos espelhos a fez perceber que

atravessara a tessitura de *saidin*. Pelo menos não reparara quando foi tocada por

aquelas tramas cheias de mácula. — Pois bem?

— Ela é uma das mulheres de Alviarin — comentou ele, em tom pensativo. —

Galina. Ela é uma das amigas de Alviarin. Posso até apostar.

Egwene parou diante dele e fungou com desdém.

— Você perderia sua moeda e ainda acabaria com um ancinho no próprio pé. Se

Galina não é Vermelha, nunca vi uma Vermelha na vida.

— Só porque ela não gosta de mim? — Rand a encarava, e Egwene quase desejou

que ele desviasse os olhos. — Porque ela tem medo de mim? — Ele não franziu a

testa nem olhou feio para ela. Nem ao menos a encarava com dureza. Ainda assim,

seus olhos pareciam saber coisas que ela desconhecia. Egwene *odiou* aquela

sensação. O sorriso de Rand surgiu tão de repente que ela teve que piscar. —

Egwene, espera que eu acredite que você consegue identificar a Ajah de uma mulher

só de olhar para o rosto dela?

— Não, mas...

— Seja como for, até as Vermelhas podem acabar me seguindo. Elas conhecem as

Profecias tão bem quanto qualquer um. “A torre imaculada se divide e se ajoelha

perante o símbolo esquecido.” Foram escritas antes de existir uma Torre Branca,

mas o que mais poderia ser essa “torre imaculada”? E o símbolo esquecido? É meu

estandarte, Egwene, com o antigo símbolo Aes Sedai.

— Que o queime, Rand al’Thor! — O xingamento que escapou de seus lábios

soava mais estranho do que Egwene esperava. Não estava acostumada a dizer aquele

tipo de coisa. — Que a Luz o queime! Você não pode estar pensando em ir mesmo

com elas. Não pode!

Rand abriu um sorriso divertido. Divertido!

— Ora, eu não fiz o que você queria? Fiz o que você me disse para fazer e o que

você queria.

Ela comprimiu os lábios, indignada. Já era ruim que ele soubesse que seus planos

tinham falhado, mas era uma verdadeira grosseria jogar na cara dela daquele jeito.

— Rand, por favor, me escute. Elaida...

— A questão é como fazer você voltar para as tendas sem elas descobrirem sua

presença. Acho que elas têm olhos-e-ouvidos no Palácio.

— Rand, você precisa...

— Que tal escapulir dentro de um daqueles cestos grandes da lavanderia? Posso

mandar duas Donzelas carregarem.

Egwene quase gritou de frustração. Rand estava tão ansioso para se ver livre dela

quanto das Aes Sedai.

— Pode deixar que meus próprios pés já são o bastante, obrigada. — Um cesto de

lavanderia, ora essa! — Se me dissesse como faz para vir de Caemlyn para cá na

hora que quiser, eu não precisaria me preocupar. — Ela não entendia por que era tão

difícil perguntar a ele. — Sei que você não tem como me ensinar, mas, se me

dissesse como faz, talvez eu pudesse dar um jeito de imitar o truque usando *saidar*.

Em vez de zombar dela, o que Egwene já praticamente esperava que acontecesse,

Rand segurou as pontas de seu xale com ambas as mãos.

— Tem o Padrão — começou ele. — Aqui é Caemlyn — um dos dedos da mão

esquerda se ergueu, elevando o tecido de lã —, e aqui é Cairhien. — Um dedo da

outra mão se ergueu do outro lado, então ele uniu as pontas dos dois dedos. — Eu

dobro o Padrão, então faço um buraco de um ponto ao outro. Não sei o que é que

escavo para abrir esse buraco, mas não há espaço entre uma ponta e a outra. — Ele

deixou o xale cair. — Isso ajuda?

Egwene mordeu o lábio e encarou o xale de cenho franzido, amargurada. Não

ajudava em nada. Ficava enjoada só de pensar em abrir um buraco no Padrão. Tivera

a esperança de que fosse ser como algo que ela descobrira em relação a

Tel'aran'rhiod — não que pretendesse usar sua descoberta, claro, mas tivera todo

aquele tempo nas mãos, e as Sábias não paravam de resmungar a respeito das

perguntas das Aes Sedai sobre como entrar lá em carne e osso. Egwene achava que a

solução seria criar uma semelhança — esse parecia o único meio de descrever o que

precisava ser feito — entre o mundo real e seu reflexo no Mundo dos Sonhos. O que

criaria um lugar onde seria possível simplesmente passar de um mundo para o outro.

Se a Viagem de Rand tivesse uma relação mínima com isso, Egwene estaria disposta

a tentar. Mas aquilo... *Saidar* sempre obedecia aos desejos de quem canalizava,

bastava se ter consciência de que o Poder era muito mais forte que qualquer pessoa e

precisava ser conduzido com delicadeza. Tentar forçar algo errado poderia resultar

em morte, ou a pessoa acabaria exaurida antes mesmo de conseguir gritar.

— Rand, tem certeza de que não existe um meio de tornar as coisas mais iguais...

ou... — Não sabia explicar. Em todo caso, ele balançou a cabeça antes mesmo que

ela começasse a diminuir a voz em busca das palavras certas.

— Me parece muito que essa sua ideia mudaria a tessitura do Padrão. Acho que eu

acabaria destruído se tentasse. Eu só faço um buraco — completou, cutucando-a

para demonstrar.

Bem, não havia sentido em tentar aprender aquilo. Egwene ajeitou o xale, irritada.

— Rand, e quanto ao Povo do Mar? Não sei nada sobre eles além do que li. — Na

verdade sabia, mas não contaria a ele. — Mas deve ser um assunto importante para

eles virem tão longe só para falar com você.

— Luz — murmurou Rand, distraído —, você pula de um assunto a outro feito

uma gota d'água na frigideira quente. Vou receber o Povo do Mar quando tiver

tempo. — Ele esfregou a testa, e seus olhos pareciam não ver. Então piscou, e já a

encarava de novo. — Pretende ficar aqui até elas voltarem?

Ao que parecia, Rand queria mesmo se ver livre dela.

Egwene parou diante da porta, antes de sair, mas Rand já começara a andar de um

lado a outro pela sala, as mãos entrelaçadas às costas, falando sozinho. Falava bem

baixo, mas ela conseguiu entender uma parte:

— Que o queime, onde você está se escondendo? Sei que está aí!

Arrepiada, Egwene saiu. Se Rand estivesse mesmo enlouquecendo, não havia o

que fazer. Bem, haveria de ser o que a Roda tecesse, e teriam que lidar com a

tessitura que viesse.

Egwene se obrigou a se acalmar quando notou que estava atenta aos serviçais que

passavam de um lado a outro do corredor, perguntando-se quais seriam agentes das

Aes Sedai. Haveria de ser o que a Roda tecesse. Cumprimentando Somara com um

meneio de cabeça, ela endireitou os ombros e fez um esforço enorme para não sair

correndo até a entrada de serviço mais próxima.

* * *

Não havia muita conversa no interior da melhor carruagem de Arilyn, que partia do

Palácio do Sol seguida pelo carroção que antes levara os baús, mas que agora

transportava apenas as serviçais e o condutor. Nesune, que passara um tempo

tamborilando sobre as costuras do banco de couro, começou a bater os dedos contra

os lábios, pensativa. Que jovem interessante. Um objeto de estudo fascinante. Seu pé

encostou em uma das caixas para catalogação de espécimes sob o assento — Nesune

nunca ia a lugar algum sem seus compartimentos apropriados para catalogar os

novos espécimes que encontrasse. Era de se pensar que o mundo inteiro já tivesse

sido catalogado, mas, desde que partiram de Tar Valon, ela já armazenara cinquenta

plantas, o dobro de insetos, a pele e os ossos de uma raposa, três tipos

de cotovias e

nada menos que cinco espécies de esquilos terrestres que tinha certeza de que ainda

não estavam em nenhum registro.

— Eu não sabia que você e Alviarin eram amigas — comentou Coiren, depois de

um tempo.

Galina fungou com desdém.

— Não é preciso ser amiga dela para saber que ela estava bem quando partimos.

Nesune se perguntou se Galina sabia que estava fazendo um beicinho de irritação.

Bem, talvez fosse apenas o formato natural da boca... ora, a pessoa precisava

aprender a lidar com o próprio rosto.

— Acha que ele sabia mesmo? — prosseguiu Galina. — Que ele sabia que

estávamos... não é possível. Devia ser um palpite.

Nesune quase se aprumou, atenta, mas não parou de tamborilar os lábios. Era um

esforço óbvio para mudar de assunto, assim como um sinal de que Galina estava

nervosa. O silêncio persistira por todo aquele tempo porque ninguém queria tocar no

nome de al'Thor. Ao mesmo tempo, parecia não haver nenhum outro assunto

possível. Por que Galina não queria falar sobre Alviarin? As duas decerto não eram

amigas; era raro uma Vermelha ter amizade com alguém de outra Ajah. Nesune

registrou a dúvida em seu arquivo mental.

— Se era só um palpite, ele poderia fazer fortuna nas apostas das feiras. — Coiren

não era boba. Era explosiva até além da conta, mas não era nada boba. — Não

importa o quanto essa ideia pareça ridícula, temos que presumir que ele pode sentir

saidar numa mulher.

— Isso pode ser um desastre — resmungou Galina. — Não, não é possível. Só

pode ter sido um palpite. Qualquer homem capaz de canalizar presumiria que

estávamos abraçadas a *saidar*.

Nesune realmente se irritava com aquele beicinho; se irritava com aquela

expedição toda. Estaria mais do que feliz em fazer parte da empreitada se tivessem

lhe pedido para ir, mas Jesse Bilal não pedira, apenas a colocara no cavalo quase à

força. Não importava como eram as coisas nas outras Ajahs, ninguém esperava que a

líder do conselho das Marrons agisse daquela forma. E o pior de tudo era que suas

acompanhantes estavam tão concentradas no jovem al'Thor que pareciam ter ficado

cegas para qualquer outra coisa.

— O que acharam da irmã presente naquela audiência? — indagou, pensando alto.

Talvez não fosse uma irmã — sempre encontrava três Aiel quando ia à Biblioteca

Real, e duas delas eram capazes de canalizar. Ainda assim, queria ver as reações das

outras. Não estava desapontada — ou melhor, estava. Coiren apenas se endireitou,

mas Galina a encarou, chocada. Nesune fez um esforço enorme para conter um

suspiro. As duas realmente eram cegas. Tinham ficado a poucas passadas de uma

mulher capaz de canalizar, mas não a sentiram só porque não podiam enxergá-la.

— Não sei como ela se escondeu — prosseguiu —, mas vai ser interessante

descobrir.

Só podia ter sido obra dele, já que as três teriam notado qualquer tessitura de

saidar. As outras não perguntaram se ela tinha certeza, pois sabiam que ela sempre

deixava claro quando estava apenas conjecturando.

— É uma confirmação de que Moiraine está viva — declarou Galina, recostando-

se no assento da carruagem com um sorriso sombrio. — Minha sugestão é mandar

Beldeine atrás dela. Aí nós a pegamos e a deixamos amarrada no porão. Isso vai

manter a mulher longe de al'Thor, pelo menos. E podemos arrastar Moiraine de



volta para Tar Valon junto com o garoto. Duvido de que ele vá perceber, basta

ofuscar sua vista com bastante ouro.

Coiren balançou a cabeça com vigor, em uma negativa enfática.

— Não temos nenhuma confirmação a mais do que já tínhamos, não de Moiraine.

Pode ser essa Verde misteriosa. Quanto a essa ideia de descobrir quem quer que seja,

eu concordo. Mas precisamos pensar bem antes de agir. Não vou arriscar todo o

nosso plano, feito com tanto cuidado. Temos que nos manter cientes de que al'Thor

tem uma ligação com essa irmã, quem quer que ela seja, e que ele pode ter perdido

mais tempo apenas como uma estratégia. Por sorte, temos tempo.

Galina assentiu, ainda que relutante — a mulher se casaria e iria morar em uma

fazenda antes de arriscar os planos.

Nesune se permitiu um suspiro tímido. Além daquela pompa toda, o outro único

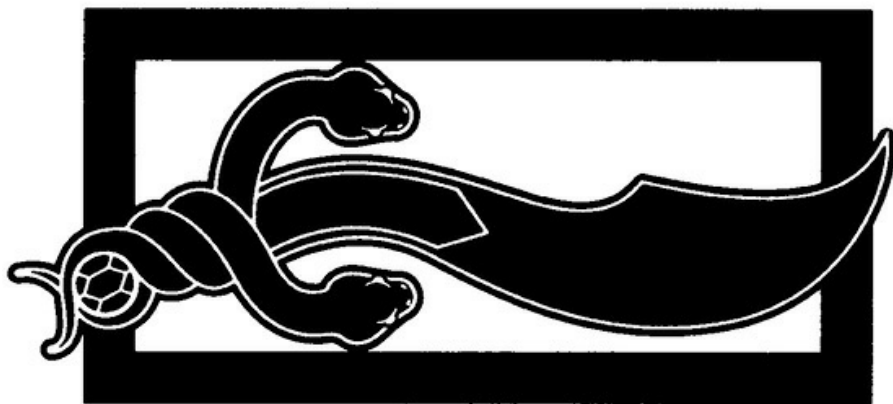
verdadeiro defeito de Coiren era sua mania de afirmar o óbvio. A mulher de fato

tinha a cabeça boa, quando a usava. E de fato tinham tempo. Seu pé encostou outra

vez em uma das caixas de espécimes catalogados. Não importava como tudo

transcorreria, o registro que pretendia escrever sobre al'Thor seria o ápice de sua

vida.



CAPÍTULO 28

CARTAS

Lews Therin *estava* lá — Rand tinha certeza —, mas em sua mente não havia

nenhum sussurro que não fosse dele próprio. No restante do dia, chegou a tentar

pensar em outras coisas, por mais inúteis que fossem. Berelain quase perdeu as

estribeiras com o tanto de vezes que ele apareceu do nada para perguntar sobre

algum assunto que ela era perfeitamente capaz de resolver sozinha. Rand não tinha

certeza, mas achava que a mulher começara a evitá-lo. Até Rhuarc

começou a se

mostrar incomodado depois da décima vez que Rand o encurralou querendo falar

sobre os Shaido — os Shaido estavam imóveis, e Rhuarc só via duas saídas: deixá-

los em paz na Adaga do Fratricida ou expulsá-los à força. Herid Fel tinha saído sem

destino, o que Idrien logo apontou que ele fazia com frequência, ocasiões em que

nunca era encontrado em lugar nenhum — quando Fel se perdia em pensamentos, às

vezes também se perdia pela cidade. Rand acabou gritando com a diretora. Fel não

era culpa dela, muito menos sua responsabilidade, mas Rand a deixou pálida e

trêmula. Seu humor oscilava feito uma rajada de trovões varrendo o horizonte. E

também gritou com Meilan e Maringil até os dois começarem a tremer nas bases e se

retirarem, pálidos, além de reduzir Colavaere a lágrimas e ter chegado a pôr

Anaiyella para correr, as saias erguidas até os joelhos. Inclusive, quando Amys e

Sorilea foram perguntar o que ele tinha conversado com as Aes Sedai, gritou com as

duas também — pela cara que Sorilea fez enquanto as suas Sábias iam embora,

suspeitou de que fosse a primeira vez que alguém erguia a voz para ela na vida.

Estava incomodado por saber — *sem sombra de dúvida* — que Lews Therin estava

ali, que era mais do que uma voz, era um homem escondido dentro de sua cabeça.

Quando a noite caiu, quase teve medo de adormecer, medo de Lews Therin

assumir o controle enquanto ele dormia. Quando enfim conseguiu dormir, não parou

de se remexer e resmungar em meio a sonhos turbulentos. O primeiro raio de luz que

entrou pelas janelas já o acordou — estava de olhos ardidos, embolado em meio aos

lençóis molhados de suor, com as pernas doloridas e um gosto de cavalo morto havia

seis dias na boca. Todos os sonhos que recordava eram ele correndo de algo que não

conseguia ver. Levantou-se da imensa cama de dossel e foi até o lavatório coberto de

douraduras. O céu lá fora ainda estava ficando cinza, então os *gai'shain* que trariam

a água fresca ainda não tinham aparecido. Bem, a água da noite anterior bastaria.

Estava quase terminando de se barbear quando parou, a lâmina apoiada na

bochecha, encarando o próprio reflexo no espelho da parede. Fugindo. Nos sonhos,

tivera certeza de que estava correndo para fugir dos Abandonados, ou do Tenebroso,

ou de Tarmon Gai'don — talvez até de Lews Therin. Estava tão cheio de si... *claro*

que o Dragão Renascido sonharia que era perseguido pelo Tenebroso. Apesar de

sempre protestar que ainda era Rand al'Thor, parecia ser tão fácil para ele se

esquecer quanto para qualquer outro. Na verdade, Rand al'Thor tinha fugido de

Elayne, de seu medo de amar Elayne, assim como fugira do medo de amar

Aviendha.

O espelho se espatifou, os estilhaços caíram no lavatório de porcelana. Os pedaços

que sobraram na moldura refletiam uma imagem fragmentada de seu rosto.

Rand soltou *saidin*, enxaguou com cuidado os últimos resquícios de espuma do

rosto e se demorou em guardar a lâmina de barbear. Nada mais de correr. Faria o que

tinha de fazer, mas sem correr.

Quando saiu, duas Donzelas aguardavam no corredor. Harilin, uma ruiva

magricela mais ou menos de sua idade, saiu correndo em busca das outras assim que

o viu. Chiarid, uma loura de olhar alegre com idade para ser sua mãe, o acompanhou

pelos corredores — os poucos serviçais que circulavam ficaram surpresos em vê-lo

tão cedo. Chiarid sempre gostava de fazer piada à custa de Rand quando estavam

sozinhos — algumas ele até entendia. A mulher o via como um irmão mais novo que

precisava de uns freios para não se envaidecer demais. Naquela manhã, percebendo

seu humor, ela ficou calada. Até olhou feio para a espada, mas apenas uma vez.

Nandera e as outras Donzelas os alcançaram antes que chegassem à

metade do

caminho até o aposento reservado às Viagens. Elas também logo perceberam seu

silêncio taciturno, assim como os homens de Mayene e os Olhos Negros que

vigiavam a porta de entalhes quadrados. Rand estava começando a achar que

conseguiria sair de Cairhien sem que ninguém dissesse uma palavra quando uma

jovem usando o vermelho e azul característico dos serviçais de Berelain se

aproximou, afobada, e curvou-se em uma mesura profunda justo no instante em que

ele abriu o portão.

— A Primeira lhe enviou isso — anunciou a jovem, ofegante, estendendo uma

carta com um selo grande e verde. Ela parecia ter corrido até ali. — É do Povo do

Mar, milorde Dragão.

Rand enfiou a carta no bolso do casaco e deu um passo à frente, adentrando o

portão, ignorando a pergunta da jovem sobre que resposta mandar. Queria um pouco

de silêncio. Passou o polegar pelo entalhe do Cetro do Dragão. Seria firme e forte,

nada mais de ficar se lamentando.

O ambiente escuro do Grande Salão de Caemlyn trouxe Alanna de volta. Ainda

era noite, mas ela estava acordada — Rand sabia disso, assim como sabia que ela

estivera chorando, assim como soube que as lágrimas cessaram apenas instantes

depois de ele fechar o portão atrás da última Donzela. Ainda restava um emaranhado

de emoções caóticas e indecifráveis no fundo da mente, mas tinha certeza de que a

Verde sabia que ele voltara. Alanna e seu elo sem dúvida tinham contribuído para

sua fuga, mas ele agora aceitava o elo, por mais que não gostasse. Esse pensamento

quase o fez soltar uma risadinha amarga. Melhor aceitar, já que não havia o que

fazer. Alanna atara nele um fio — Luz, que não passasse disso —, então

supostamente só teria problemas se a deixasse se aproximar o bastante para

transformar o fio em uma correia. Desejou que Thom Merrill estivesse ali. Thom

devia saber tudo sobre Guardiões e elos; ele sabia sobre as coisas mais surpreendentes. Bom, encontraria o menestrel quando encontrasse Elayne. Era isso.

Saidin se abriu em um globo de luz; Fogo e Ar iluminando a saída do salão do

trono. Muito acima, as antigas rainhas, cobertas pela escuridão, não o incomodavam

nem um pouco. Eram apenas imagens em vidro colorido.

O mesmo não se podia dizer de Aviendha. Quando chegaram aos seus aposentos,

Nandera dispensou todas as Donzelas menos Jalani, e as duas entraram com ele para

vistoriar os quartos enquanto ele usava o Poder para acender as

lâmpadas e largava o

Cetro do Dragão em uma mesinha de mármore marchetada, embora com muito

menos douraduras do que teria uma equivalente no Palácio do Sol. Toda a mobília

ali seguia esse estilo, com menos ouro e mais entalhes, em geral de leões ou rosas.

Um imenso carpete vermelho cobria o chão, bordado com rosas de fios de ouro.

Se não estivesse cheio de *saidin*, provavelmente não teria ouvido as passadas

suaves das Donzelas. Mas Aviendha surgiu antes mesmo que as duas cruzassem a

antessala, embora o barulho não passasse de um farfalhar. A jovem saiu pisando

duro do dormitório ainda escuro, os cabelos desgrenhados e a faca de cintura na

mão. Completamente nua. Quando o viu, a ruiva enrijeceu feito um poste e entrou de

volta quase correndo. Notou um leve brilho passar pelas frestas da porta — uma

lâmpada acesa. Nandera soltou uma risadinha baixa e trocou olhares divertidos com

Jalani.

— Nunca vou entender os Aiel — resmungou Rand, largando a Fonte.
— A

questão não era as Donzelas considerarem a situação engraçada, fazia tempo que

desistira de compreender o humor Aiel. O problema era Aviendha, que achava *muito*

engraçado se despir na frente dele antes de dormir, mas parecia uma

gata escaldada

quando revelava sequer um pedacinho de tornozelo sem querer. E claro que ele é

que levava a culpa por ter visto.

Nandera deu mais uma risadinha.

— Não são os Aiel que você não entende, e sim as mulheres. Homem nenhum

jamais conseguiu compreender as mulheres.

— Por outro lado, os homens são muito simples — observou Jalani.

Rand a encarou, o rosto ainda redondo feito o de uma criança, e ela corou de leve.

Nandera parecia prestes a irromper em uma gargalhada.

Morte, sussurrou Lews Therin.

Rand se esqueceu de tudo em volta. *Morte? Como assim?*

A morte vem.

Que tipo de morte? , inquiriu Rand. *Do que você está falando?*

Quem é você? Onde estou?

Rand sentiu como se um punho apertasse sua garganta. Tivera tanta certeza,

mas... Bem, era a primeira vez que Lews Therin deixava tão evidente que estava

falando com ele. *Eu sou Rand al'Thor. Você está dentro da minha cabeça.*

Dentro...? Não! Eu sou eu mesmo! Eu sou Lews Therin Telamon! Eu sou eeeeeuuuuu!

O grito foi sumindo ao longe.

Volte aqui! , gritou Rand . *Que morte? Responda, que o queime!*

Silêncio. Ele se remexeu, inquieto. Saber era uma coisa, mas ter aquele

homem

morto dentro dele falando de morte... aquilo o fazia se sentir impuro, era como um

leve toque da mácula de *saidin*.

Sentiu um toque no braço e quase voltou a agarrar a Fonte antes de perceber que

era Aviendha. Considerando o tempo que se passara, a ruiva devia ter enfiado as

roupas às pressas, mas parecia ter levado uma hora arrumando cada fio de cabelo.

Diziam que os Aiel não demonstravam qualquer emoção, mas a verdade era que eles

apenas eram mais reservados. Para quem sabia o que procurar, seus rostos revelavam

tanto quanto o de qualquer povo. Aviendha parecia dividida entre a preocupação e a

raiva.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estava só pensando — respondeu Rand.

Não deixava de ser verdade. *Responda, Lews Therin! Volte aqui e me responda!*

Como ele podia ter pensado que gostaria de um pouco de silêncio?

Infelizmente, Aviendha acreditou no que ele disse. Como não havia nada com que

se preocupar... ela apoiou as mãos cerradas na cintura. Ah, eis uma coisa que ele

compreendia muito bem sobre as mulheres, fossem Aiel ou de Dois Rios ou de

qualquer lugar: mãos cerradas em punhos na cintura eram sinônimo de problemas.

Nem precisava ter se dado ao trabalho de acender as lamparinas, pois os olhos da

ruiva, em brasas, já teriam bastado para iluminar a sala.

— Você saiu sem mim de novo. Prometi às Sábias que ficaria perto de você até

chegar a hora de eu ir embora, mas você faz pouco caso da minha promessa. E isso

faz com que você tenha *toh* para comigo, Rand al'Thor. Nandera, de agora em diante

quero saber aonde ele vai e quando. E Rand não tem permissão de sair sem mim, já

que tenho o dever de ficar junto dele.

Nandera não hesitou um instante sequer antes de assentir.

— Será como deseja, Aviendha.

Rand se virou, olhando para as duas.

— Ora, podem parar com essa história! Ninguém será informado das minhas idas

e vindas, a não ser que eu mande.

— Eu dei minha palavra, Rand al'Thor — retrucou Nandera, impassível,

encarando-o. Seus olhos demonstravam que a mulher não tinha a menor intenção de

voltar atrás.

— E eu dou a minha — completou Jalani, com a mesma firmeza.

Rand abriu a boca, então fechou. Maldito *ji'e'toh*. Claro que seria inútil lembrar a

elas que era o *Car'a'carn*. Aviendha pareceu um pouco surpresa por ele ter

protestado — ao que parecia, já considerava o assunto resolvido. Rand

se remexeu,

incomodado, mas não por causa da jovem ruiva. Ainda sentia aquela impureza,

agora mais forte. Talvez Lews Therin tivesse voltado. Rand o chamou em

pensamento, mas não houve resposta.

Ouviram uma batidinha à porta e a Senhora Harfor entrou quase um segundo

depois, fazendo a profunda reverência costumeira. A aparência impecável da Criada-

chefe não dava sinais do horário cedo demais, claro — independentemente da hora

do dia, Reese Harfor sempre parecia ter acabado de se vestir.

— Algumas pessoas vieram para a cidade, milorde Dragão, e Lorde Bashere

achou que o senhor deveria ser informado o quanto antes. Lady Aemlyn e Lorde

Culhan chegaram ontem ao meio-dia e estão hospedados com Lorde Pelivar. Lady

Arathelle chegou uma hora mais tarde, com uma grande comitiva. Lorde Barel,

Lorde Macharan, Lady Sergase e Lady Negara não vieram juntos, mas chegaram

todos agora à noite, cada um com apenas alguns serviçais. Ninguém veio prestar

seus respeitos ao Palácio. — A última frase saiu no mesmo tom impassível que não

deixava transparecer sua opinião a respeito disso.

— Isso é uma boa notícia — respondeu Rand. E era, não importava que os nobres

tivessem prestado seus respeitos ou não. Aemlyn e o marido, Culhan, eram quase tão

poderosos quanto Pelivar, e Arathelle era a mais influente de todos, exceto por

Dyelin e Luan. Os outros eram de Casas menores, e apenas Barel era um Grão-

Trono de sua casa, mas os nobres que tinham se oposto a “Gaebril” estavam

começando a se unir. Bem, claro que só seria uma boa notícia se encontrasse Elayne

antes que o grupo decidisse tomar Caemlyn.

A Senhora Harfor o encarou por um instante, então lhe entregou uma carta com

um selo azul.

— Isto foi entregue ontem à noite, bem tarde, milorde Dragão. Veio com um

cavaliço. Um rapazote todo sujo. A Mestra das Ondas do Povo do Mar veio para a

audiência e não ficou muito feliz ao descobrir que o Dragão não estaria aqui para

recebê-la. — Desta vez, o tom de reprovação estava evidente, embora não desse para

saber se era em relação à Mestra das Ondas, a Rand ter perdido a audiência ou à falta

de higiene do mensageiro da carta.

Ele suspirou. Tinha se esquecido do Povo do Mar ali em Caemlyn. Bem, serviu

para lembrá-lo da mensagem que Berelain repassara em Cairhien. Rand pegou a

carta e notou que tanto o selo verde quanto o azul tinham o mesmo padrão, embora

não fosse possível distinguir o que era. A imagem gravada consistia em duas coisas

que pareciam vasos achatados com uma linha ornamentada correndo de um a outro.

As duas cartas estavam endereçadas ao “Coramoor”, fosse quem ou o que isso fosse.

Supunha que fosse um título para ele próprio. Talvez fosse como o Povo do Mar

chamava o Dragão Renascido.

Rompeu o selo azul primeiro. Não havia saudação, a mensagem era completamente distinta de qualquer outra coisa que Rand já vira endereçada ao

Dragão Renascido.

Querendo a Luz, talvez o senhor algum dia retorne a Caemlyn. Como viajei de muito longe para vê-lo, talvez encontre tempo para recebê-lo quando retornar.

Zaida din Paredde Asa-negra

Mestra das Ondas do Clã Catelar

Ao que parecia, a Senhora Harfor tinha razão: a Mestra das Ondas não estava nada

satisfeita. O selo verde não guardava mensagem muito melhor.

Se aprover à Luz, eu o receberei no convés do Borbotão assim que lhe for conveniente.

Harine din Togara Dois Ventos

Mestra das Ondas do Clã Shodein

— Alguma notícia ruim? — perguntou Aviendha.

— Eu não sei. Acho que não.

Ainda de cenho franzido para as cartas, Rand mal notou quando a Senhora Harfor

recebeu uma mulher de uniforme vermelho e branco, com quem trocou algumas

palavras sussurradas. Nenhuma daquelas mulheres do Povo do Mar parecia alguém

que ele desejasse encontrar. Já lera todas as traduções das Profecias do Dragão que

encontrara, e, embora as mais claras quase sempre fossem muito nebulosas, não se

lembrava de nada que mencionasse os Atha'an Miere. Talvez fossem um povo

intocado por ele ou Tarmon Gai'don, já que viviam em navios no mar e em ilhas

longínquas. Devia um pedido de desculpas àquela Zaida, mas talvez pudesse enrolá-

la mandando Bashere em seu lugar — ele tinha títulos suficientes para saciar a

vaidade de qualquer um.

A serviçal recém-chegada se atirou de joelhos diante dele, a cabeça coberta de

branco abaixada, as mãos erguidas bem alto para oferecer uma terceira carta, essa

em um pergaminho grosso. Rand hesitou, encarando a postura subserviente da

mulher. Nem em Tear vira uma criada tão servil, quem dirá em Andor. A Senhora

Harfor franzia o cenho e balançava a cabeça em desaprovação. A mulher de joelhos

falou, ainda de cabeça baixa.

— Isto chegou para milorde Dragão.

— Sulin? — perguntou, surpreso. — O que você está fazendo? O que está

fazendo nesse... *vestido*?

Sulin ergueu a cabeça. Estava com uma aparência terrível, feito um lobo que se

esforçava ao máximo para fingir que era uma corça.

— É o que usam as mulheres que servem e obedecem em troca de moedas. — Ela

balançou levemente as mãos erguidas, que ainda sustentavam a carta. — Fui

ordenada a lhe informar que isso acabou de chegar para milorde Dragão, por... um

cavaleiro que foi embora assim que me entregou.

A Criada-chefe estalou a língua, irritada.

— Quero uma resposta direta — retrucou ele, agarrando o pergaminho selado das

mãos da mulher. Ela se levantou de um salto assim que o papel foi arrancado de suas

mãos. — Volte aqui, Sulin. Sulin, eu quero uma resposta!

Mas Sulin correu até as portas, rápida como se ainda usasse o *cadin'sor*, e saiu

sem responder.

Por algum motivo, a Senhora Harfor olhou feio para Nandera.

— Eu avisei que isso não iria funcionar. E avisei às duas que, enquanto ela usar o

uniforme do Palácio, espero que ela honre o Palácio, não importa se é uma Aiel ou a

Rainha de Saldaea. — Com uma mesura, ela murmurou um “milorde Dragão”

apressado para Rand e saiu pisando duro, resmungando sozinha sobre os Aiel

loucos.

Rand estava muito de acordo. Ele encarou primeiro Nandera, depois Aviendha e

por fim Jalani. Nenhuma das três parecia nem um pouco surpresa. Nenhuma parecia

ter presenciado nada fora do comum.

— Querem me dizer o que está acontecendo, pela Luz? Aquela era Sulin!

— Primeiro — começou Nandera —, Sulin e eu fomos até as cozinhas. Ela achou

que esfregar panelas ou coisa assim seria adequado. Mas um sujeito lá disse que já

tinha todos os ajudantes de que precisava. Ele parecia pensar que Sulin arrumaria

briga com os outros. Não era um sujeito muito alto — observou, indicando um ponto

logo abaixo do queixo de Rand —, mas era grandalhão, e acho que teria nos

convidado para dançar as lanças se não tivéssemos ido embora de uma vez. Então

fomos até essa mulher, Reese Harfor, já que ela parece ser a senhora deste teto. —

Nandera não conseguiu conter uma leve careta de desprezo. Para um Aiel, não havia

necessidade do posto de Criada-chefe: ou a mulher era senhora do teto ou não era.

— Bem, a mulher não entendeu, mas pelo menos concordou. Quase achei que Sulin

fosse mudar de ideia quando percebeu que Reese Harfor iria querer

que ela usasse

um vestido, mas claro que isso não aconteceu. Sulin é muito mais corajosa que eu.

Preferia ser feita *gai'shain* por um *Seia Doon*.

— Eu preferia passar um ano inteiro levando surras diárias do irmão-primeiro do

meu pior inimigo na frente da minha mãe — intrometeu-se Jalani, enfática.

Nandera estreitou os olhos em desaprovação e chegou a flexionar os dedos, mas,

em vez de usar a linguagem de sinais, disse, em alto e bom som:

— Você exagera como uma Shaido, garota.

Se Jalani fosse um pouco mais velha, aqueles três insultos muito calculados

poderiam ter causado problema, mas ela apenas fechou os olhos com força para não

ter que olhar para as pessoas que tinham presenciado a sua humilhação.

Rand passou a mão nos cabelos.

— Reene não entendeu? Eu também não, Nandera. Por que é que ela está fazendo

isso? Sulin abriu mão da lança? Se ela tiver se casado com um andoriano... —

Coisas mais estranhas já tinham acontecido. — Olha, se for o caso, eu dou a ela ouro

suficiente para comprar uma fazenda ou seja lá o que quiserem. Sulin não precisa

virar serviçal.

Jalani arregalou os olhos, e as três mulheres o encararam como se *ele* fosse o

louco.

— Sulin está pagando a sua *toh*, Rand al'Thor — respondeu Aviendha com

firmeza. Ela estava muito ereta, e seus olhos o encaravam diretamente, em uma

ótima imitação de Amys. Só que a cada dia a postura era menos imitação e mais ela

própria. — Isso não lhe diz respeito.

Jalani meneou a cabeça, concordando. Nandera só ficou ali, parada, absorta,

examinando a lança.

— Sulin é problema meu, sim — retrucou ele. — Se algo acontecer a ela...

Ele então se lembrou da conversa que entreouvira antes de ir a Shadar Logoth.

Nandera acusara Sulin de falar com algumas *gai'shain* como se fossem *Far Dareis*

Mai, e Sulin respondera que discutiriam aquilo depois. Não vira Sulin desde que

voltaram de Shadar Logoth, mas tinha presumido que a mulher só estava irritada

com ele e que deixara as outras na função de vigiá-lo. Ah, devia ter percebido. Ficar

perto de um Aiel por muito tempo ensinava bastante de *ji'e'toh*, e as Donzelas eram

as mais rígidas no assunto, exceto talvez pelos Cães de Pedra e os Olhos Negros.

Além disso, ainda tinha as lições de Aviendha, em suas tentativas de transformá-lo

em um Aiel.

A situação era simples, ou tão simples quanto tudo o mais no *ji'e'toh*.
Se não

estivesse tão preocupado com outras coisas, teria entendido desde o princípio. Não

era crime lembrar diariamente um *gai'shain* de sua vida antes do branco, mesmo que

se tratasse de uma senhora do teto — isso provocaria uma profunda vergonha, mas

era permitido e por vezes até encorajado. No entanto, quando se tratava dos

integrantes de nove das treze sociedades, trazer essa lembrança à tona era uma

desonra profunda, exceto sob um punhado de circunstâncias das quais não se

recordava. As *Far Dareis Mai* sem dúvida estavam entre essas sociedades. Era uma

das poucas formas de incorrer em *toh* para com um *gai'shain*, mas era considerada a

obrigação mais dura a se pagar. Ao que parecia, Sulin optara por restaurar sua *toh*

aceitando uma vergonha ainda maior — ao menos aos olhos dos Aiel — do que a

que causara. A *toh* era dela, então ela escolhia como pagá-la e quanto tempo ficaria

fazendo algo que desprezava. Afinal, quem melhor do que ela própria para definir o

valor de sua honra ou a profundidade de sua obrigação? Ainda assim, Sulin só fizera

o que fizera porque ele não lhe dera tempo suficiente.

— A culpa é minha — declarou Rand.

Foi a coisa errada a dizer. Jalani o encarou, surpresa. Aviendha corou, envergonhada — ela com frequência enfatizava que não havia desculpas em relação

ao *ji'e'toh*; se salvar o próprio filho ocasionasse uma obrigação para com um

inimigo de sangue, era preciso pagar o preço sem titubear.

O olhar que Nandera lançou a Aviendha ia muito além do desprezo.

— Se você parasse de suspirar pelos cantos pelas sobranceiras dele, essas suas

lições seriam melhores.

Aviendha corou, indignada. Nandera se virou para Jalani e fez algum comentário

na linguagem de sinais, e a Donzela mais jovem gargalhou, o que deixou o rosto de

Aviendha ainda mais vermelho, dessa vez de pura vergonha. Parte de Rand esperava

que a mulher fosse chamar as outras duas para dançar as lanças — bem, não

exatamente isso, já que Aviendha lhe ensinara que nem as Sábias e nem suas

aprendizes faziam esse tipo de coisa. Mas não se surpreenderia se ela desse um tapa

nas orelhas de Nandera.

Rand se pronunciou, querendo evitar qualquer das possibilidades.

— Como fui o responsável por Sulin ter feito o que fez, não tenho *toh* para com

ela?

Bem, com aquilo concluiu que de fato poderia fazer um papel de idiota ainda

maior do que com o comentário anterior. O rosto de Aviendha ficou ainda mais

vermelho, sabia a Luz como, e Jalani encarou o tapete a seus pés, de repente muito

interessada nos desenhos de rosas. Até Nandera parecia um tanto constrangida com

sua ignorância. Ele sabia que era possível alguém ser informado de que tinha *toh* ou

mesmo ser lembrado do caso, embora isso fosse uma espécie de insulto, mas ter que

perguntar significava que a pessoa não sabia. Bem, ele sabia. Poderia começar

ordenando que Sulin largasse aquele trabalho ridículo de serviçal, deixar que ela

pusse outra vez o *cadin'sor*, e... e impedi-la de cumprir sua *toh*. Qualquer coisa

que fizesse para suavizar o fardo de Sulin seria uma interferência na honra dela. A

toh era de Sulin, então a escolha também era dela. Havia algum detalhe, mas não

conseguia entender o que seria. Talvez pudesse perguntar a Aviendha. Bem, faria

isso mais tarde, quando ela não fosse morrer de constrangimento. Os rostos das três

deixavam claro que ele já a envergonhava mais do que o suficiente com aquela

conversa. Luz, que confusão!

Enquanto pensava em uma possível saída, percebeu que ainda segurava a carta

que Sulin trouxera. Ele a enfiou no bolso e desafivelou o cinturão, que largou sobre

o Cetro do Dragão, então pegou o pergaminho de volta. Quem lhe enviaria uma

mensagem por um cavaleiro que nem sequer fizera uma pausa para tomar café da

manhã? Não havia nada escrito do lado de fora, nenhum nome. Apenas o

mensageiro, agora desaparecido, poderia ter dito para quem era endereçada a

mensagem. O selo era outro brasão que ele não reconhecia, alguma flor prensada

sobre uma cera roxa. O pergaminho era pesado, do tipo mais caro que havia. O

conteúdo, escrito em uma caligrafia fina e floreada, trouxe um sorriso pensativo a

seu rosto.

Primo,

Vivemos tempos delicados, mas senti que deveria escrever para assegurá-lo de minha boa vontade e expressar minha esperança de, em troca, também ter sua simpatia. Não tema, eu o reconheço e legítimo. No entanto, há alguns que não veriam com bons olhos alguém que se aproximasse de você diretamente, sem primeiro passar por eles. A única coisa que quero de você é que guarde minhas confidências nas chamas de seu coração.

Alliandre Maritha

— Que sorriso é esse? — perguntou Aviendha, curiosa, espiando a carta. Ainda

havia um toque de raiva nas marcas ao redor de sua boca, um resquício da irritação

pela vergonha que ele a fizera passar.

— É bom receber notícias de alguém tão transparente — respondeu.

O Jogo das Casas era simples se comparado ao *ji'e'toh*. O nome já dizia muito

sobre o remetente, mas, se o pergaminho caísse em mãos erradas, pareceria apenas

um bilhete para um amigo ou talvez uma resposta calorosa a algum favor que lhe

fora pedido. Alliandre Maritha Kigarin, Abençoada pela Luz, Rainha de Ghealdan,

jamais trataria alguém que nunca vira com tanta intimidade, ainda mais o Dragão

Renascido. Era óbvia sua preocupação com os Mantos-brancos em Amadícia, assim

como com o Profeta Masema. Teria que fazer alguma coisa a respeito de Masema.

Alliandre fora muito cautelosa, sem arriscar pôr mais que o necessário no papel. E o

lembrara de queimar a carta depois de ler — *nas chamas de seu coração*. Ainda

assim, era a primeira vez que um governante o reconhecia sem que ele segurasse a

espada no pescoço de sua nação. Pois bem, se ao menos ele conseguisse encontrar

Elayne e lhe devolver Andor antes que tivesse outra batalha para enfrentar naquelas

terras...

A porta se abriu bem devagar, e Rand ergueu os olhos para a sala. Não reparou em

nada relevante, então se voltou outra vez para a carta, ponderando se assimilara toda

a mensagem. Enquanto lia, teve que esfregar o nariz, incomodado.
Lews Therin e

aquela história de morte. Não conseguia se livrar daquela sensação de imundície.

— Jalani e eu vamos assumir nossas posições lá fora — anunciou Nandera.

Rand assentiu, absorto, contemplando a carta. Tinha certeza de que Thom

encontraria seis coisas que ele deixara escapar, e só em uma primeira leitura.

Aviendha tocou seu braço, mas afastou a mão com um sobressalto.

— Rand al'Thor, precisamos conversar.

De súbito, tudo fez sentido. Ele vira a porta se abrindo. Não estava com aquele

incômodo no nariz porque sentia cheiro de imundície, não porque se sentia

maculado. Na verdade, não era bem um cheiro. Deixando cair a carta, empurrou

Aviendha com tanta força que ela perdeu o equilíbrio, soltando um grito assustado

— ao menos estava longe dele, longe do perigo. O tempo pareceu desacelerar. Rand

agarrou *saidin* enquanto dava meia-volta.

Nandera e Jalani também se viraram para ver o que fizera Aviendha gritar. Rand

teve que olhar com muita atenção para conseguir ver o homem alto de casaco cinza

que nenhuma Donzela vira passar. O homem tinha os olhos escuros e sem vida fixos

em Rand. Mesmo sabendo que o intruso estava diante de si, Rand se sentiu tentado a

desviar os olhos do Homem Cinza — era isso que ele era, um dos assassinos da

Sombra. A carta ainda pousava no chão quando o Homem Cinza percebeu que Rand

o avistara. O grito de Aviendha ainda ecoava, ela havia acabado de cair com força no

chão. Uma faca surgiu na mão do Homem Cinza, que manteve a lâmina abaixada e

avançou. Quase com descaso, Rand o envolveu em espirais de Ar — uma barra de

fogo incandescente e grossa feito um braço passou zunindo por cima de seu ombro e

abriu um buraco bem no meio do peito do Homem Cinza, um buraco do tamanho de

um punho. O assassino morreu sem nem reagir. A cabeça desabou para o lado —

seus olhos, tão mortos quanto antes, ainda encaravam Rand.

Depois de morto, o poder misterioso que tornava o Homem Cinza tão difícil de

notar já não fazia efeito. Depois de morto, o sujeito ficou tão visível quanto qualquer

outra pessoa. Aviendha, ainda no chão, mas já começando a se levantar, soltou uma

exclamação de surpresa, e Rand sentiu os arrepios que indicavam que ela abraçara

saidar. Nandera subiu o véu, deixando escapar um grunhido surpreso, e Jalani

começou a erguer o dela.

Rand deixou o corpo desabar, mas continuou agarrado a *saidin* quando se virou

para Taim, parado na porta.

— Por que o matou? — perguntou para o recém-chegado. O Vazio era responsável apenas por parte da frieza em sua voz. — Eu o tinha capturado. Ele

poderia ter dito alguma coisa, talvez até revelasse quem o enviou. Aliás, o que você

está fazendo aqui no meu quarto, entrando desse jeito?

Taim avançou até ele em um passo muito calmo, bem à vontade. Usava um casaco

preto com dragões entrelaçados ao redor das mangas vermelhas e azuis. Aviendha se

levantou depressa, empunhando a faca de cintura. Apesar de estar abraçada a *saidar*,

o brilho em seus olhos deixava claro que ela estava tão inclinada a cravar a lâmina

em Taim quanto a embainhá-la de volta. Nandera e Jalani continuavam veladas e

estavam a postos, as lanças em riste. Taim as ignorou. Rand sentiu quando o outro

homem largou o Poder. Nem ao menos parecia preocupado com o fato de Rand

ainda estar preenchido por *saidin*. Quando encarou o Homem Cinza morto, aquele

quase sorriso tão peculiar contorceu seus lábios.

— Coisas hediondas, esses Sem-alma. — Qualquer outra pessoa teria se arrepiado

com a visão, mas não Taim. — Abri um portão para a sua varanda porque achei que

você iria querer saber imediatamente.

— Alguém andou aprendendo depressa demais? — interrompeu Rand, e Taim

abriu outra vez aquele meio sorriso.

— Não, não é um dos Abandonados disfarçado. A não ser que tenha conseguido

se disfarçar de um garoto de pouco menos de vinte anos. O rapaz se chama Jahar

Narishma, ele tem a centelha, mas ainda não a manifesta. A habilidade tende a se

manifestar mais tarde nos homens do que nas mulheres. Você deveria visitar a

escola. Vai ficar surpreso com as mudanças.

Rand não duvidava. Jahar Narishma não era nem de longe um nome andoriano.

Pelo que sabia, as Viagens não impunham limites, e parecia que Taim se arriscara a

ir bem longe no recrutamento. Rand não disse nada, só encarou o corpo estirado no

tapete.

Taim fechou a cara, mas não perdeu a compostura, apenas pareceu irritado.

— Pode acreditar, eu também queria que esse aí ainda estivesse vivo. Vi o

Homem Cinza e agi sem pensar, já que a última coisa que quero é você morto. Você

preendeu o assassino no instante em que canalizei, mas foi tarde demais para frear o

golpe.

Tenho que matá-lo, murmurou Lews Therin, e o Poder explodiu dentro de Rand.

Paralisado, lutou para afastar *saidin* — foi uma luta difícil. Lews Therin tentava se

agarrar à Fonte, tentava canalizar. Por fim, o Poder Único se esvaiu aos poucos, feito

água escoando de um balde furado.

Por quê? , inquiriu Rand. *Por que quer ele morto?* Não houve resposta, apenas, ao

longe, uma risada louca e um choro angustiado.

Aviendha o encarava, o rosto cheio de preocupação. Ela largara a faca, mas Rand

ainda sentia aquele formigamento que lhe indicava que ela continuava em contato

com *saidar*. As duas Donzelas tinham baixado os véus depois de se certificarem de

que a chegada de Taim não era um ataque. Mesmo atentas a Taim e ao ambiente em

volta, elas trocaram um olhar constrangido — só restava saber o motivo do

constrangimento.

Rand sentou-se em uma cadeira ao lado da mesa onde estava a espada, apoiada no

Cetro do Dragão. A luta durara apenas alguns instantes, mas sentia os joelhos fracos.

Lews Therin quase assumira o controle, quase agarrara *saidin*. Antes, na escola, ele

foi capaz de fingir para si mesmo que não tinha notado, mas não conseguiria desta

vez.

Se Taim percebeu alguma coisa, não deixou transparecer. O homem se inclinou

para apanhar a carta e deu uma olhadela antes de entregá-la a Rand, curvando-se na

mais ínfima das medidas.

Rand enfiou o pergaminho no bolso. Nada abalava Taim, nada perturbava seu

equilíbrio. Por que Lews Therin o queria morto?

— Considerando como você estava querendo ir atrás das Aes Sedai, estou

surpreso por ainda não ter ouvido uma sugestão de atacar Sammael. Eu, você e mais

alguns alunos mais fortes atacando-o lá em Illian, chegando de surpresa por um

portão. Você sabe que o Homem Cinza só pode ter vindo de Sammael.

— Talvez — respondeu Taim, sem rodeios, examinando o corpo no chão. — Eu

daria tudo para ter certeza. — Ele soava completamente sincero. — Quanto a Illian,

duvido que seja simples como acabar com algumas Aes Sedai. Fico pensando no que

eu faria, se estivesse no lugar de Sammael. Já teria envolvido Illian em um selo de

proteção que me apontasse qualquer homem que sequer pensasse em canalizar e

reduziria até o chão ao redor dele a cinzas sem nem dar tempo de o coitado piscar.

Rand também já pensara nisso. Ninguém defendia um lugar melhor que Sammael.

Talvez a questão fosse apenas a loucura de Lews Therin. Talvez também a inveja.

Rand tentou dizer a si mesmo que não estava evitando a escola porque era *ele* o

invejoso, mas sempre sentia uma pontada estranha quando estava perto de Taim.

— Você já contou a novidade. Sugiro que vá cuidar do treinamento desse tal Jahar

Narishma. Treine-o bem. Pode ser que a habilidade dele seja necessária muito em

breve.

Os olhos escuros de Taim cintilaram por um breve instante, então ele baixou a

cabeça em uma leve mesura. Sem mais uma palavra, o homem agarrou *saidin* e abriu

um portão ali mesmo. Rand se obrigou a ficar sentado, sem canalizar, até Taim ir

embora; o portão se afinando até virar uma linha fulgurante. Não podia se arriscar

em mais uma luta contra Lews Therin, não considerando a chance de perder e

começar a lutar contra Taim. *Por que* Lews Therin queria aquele homem morto?

Luz, Lews parecia querer todos mortos, incluindo a si mesmo.

Tinha sido uma manhã agitada, sobretudo considerando que o céu ainda estava

começando a clarear. Bem, houvera mais notícias boas do que ruins. Ele encarou o

Homem Cinza estendido no tapete. A ferida decerto fora cauterizada no instante em

que se abria, mas a Senhora Harfor faria questão de avisá-lo se houvesse qualquer

manchinha no tecido — ah, com certeza ele ficaria sabendo, mesmo que ela não

pronunciasse uma palavra a respeito. Quanto à Mestra das Ondas do Povo do Mar...

Bem, a mulher podia ir se afogar na própria petulância, no que lhe

dizia respeito. Já

tinha muito com que lidar sem *mais uma* mulher melindrosa.

Nandera e Jalani ainda remexiam os pés perto da porta. Deveriam ter ido ocupar

seus postos do lado de fora da porta assim que Taim partiu.

— Se as duas ainda estão chateadas por conta do Homem Cinza, podem esquecer

o assunto. Só uma idiota esperaria notar um Sem-alma sem ser por puro acaso, e

nenhuma de vocês é idiota.

— Não é isso — retrucou Nandera, rígida.

Jalani cerrara o maxilar com tanta força que era evidente que estava se esforçando

para segurar a língua.

Então Rand compreendeu. As duas não achavam que deveriam ter percebido o

Homem Cinza, mas mesmo assim sentiam a vergonha de não terem conseguido

notar o ataque. Além da vergonha, havia o medo da humilhação ainda por vir caso a

notícia de seu “fracasso” se espalhasse.

— Não quero que ninguém saiba que Taim esteve aqui, nem o que ele disse. O

povo já fica ansioso demais por saber que a escola fica aqui perto da cidade, as

pessoas não precisam do medo de achar que Taim ou um dos alunos pode aparecer

de repente. Acho que o melhor é não falarmos sobre nada do que aconteceu hoje de

manhã. Não temos como esconder um corpo, mas quero que as duas jurem que vão

apenas dizer que um homem tentou me matar e morreu por conta disso. É tudo o que

eu pretendo revelar, e não quero que me pintem como um mentiroso.

A gratidão em seus rostos foi surpreendente.

— Eu tenho *toh* — murmuraram, quase ao mesmo tempo.

Rand pigarreou de repente. Não fora essa sua intenção, mas pelo menos as

tranquilizara. Foi então que teve uma ideia para lidar com Sulin. A mulher não iria

gostar, mas ainda estaria cumprindo sua *toh* — talvez ainda mais por não gostar. E

aliviaria sua consciência, pelo menos um pouco, além de pagar parte de sua *toh* para

com ela.

— Agora voltem para seus postos, ou então vou começar a achar que vocês é que

querem ficar suspirando pelas minhas sobrancelhas. — Nandera não tinha dito isso?

Dado a entender que Aviendha estava fascinada por suas *sobrancelhas*? — Andem.

E mandem alguém para recolher esse sujeito daqui. — As duas saíram sorridentes,

conversando na linguagem de sinais. Ele ficou ali, parado, então segurou Aviendha

pelo braço. — Você disse que precisamos conversar. Vamos ficar no quarto até este

apósito estar limpo.

Se houvesse alguma mancha, talvez Rand pudesse canalizar para

limpá-la.

Aviendha se desvencilhou com um puxão.

— Não! Lá, não! — Ela respirou fundo e moderou o tom, mas ainda parecia

desconfiada e um tanto irritada. — Por que não podemos conversar aqui?

Não havia motivo além do homem morto no chão, o que para ela parecia não fazer

diferença. Aviendha o empurrou de volta para a cadeira, quase com violência, então

o encarou e respirou fundo antes de falar.

— O *ji'e'toh* é a base da sociedade Aiel, é o que *somos*. Hoje de manhã você me

envergonhou até os ossos.

Com os braços cruzados e encarando-o de frente, a ruiva lhe passou um sermão

sobre sua ignorância e a importância de encobri-la até que ela conseguisse retificar a

questão, depois explicou que a *toh* precisava ser satisfeita a qualquer custo. Ah,

nessa parte ela gastou tempo.

Rand sabia que não era esse o assunto que a ruiva tivera em mente quando o

chamou para conversar, mas estava gostando de analisar aqueles olhos — gostando

mais do que deveria. Apreciando. Pouco a pouco, foi contendo o prazer de olhar nos

olhos de Aviendha, então esmagou a satisfação até restar apenas um desejo abafado.

Achou que disfarçara os sentimentos, mas decerto algo mudara em sua

expressão.

A voz de Aviendha foi morrendo, e ela ficou ali, encarando-o, a respiração alta e

entrecortada. Então desviou os olhos com um esforço visível.

— Pelo menos agora você entendeu — murmurou ela. — Tenho que... preciso...

contanto que você entenda.

Ela ergueu as saias e saiu em disparada. Contornou o corpo como se não passasse

de um arbusto em seu caminho.

Rand foi deixado para trás, naquela sala que por algum motivo lhe pareceu mais

escura, sozinho com o corpo de um homem morto. Aquilo caía bem até demais.

Quando os *gai'shain* chegaram para recolher o corpo, encontraram Rand rindo

baixinho.

Padan Fain estava sentado com os pés apoiados em uma banqueta almofadada,

observando a beleza da luz do sol nascente refletindo na lâmina curva da adaga que

ele girava em suas mãos. Não era suficiente ter a arma presa ao cinto; de tempos em

tempos ele simplesmente precisava tocá-la. O enorme rubi no punhal reluzia com

uma malevolência intensa. A adaga era parte dele — ou ele era parte da adaga. A

arma era parte de Aridhol, que os homens chamavam de Shadar Logoth. Por outro

lado, ele também era parte de Aridhol — ou Aridhol era parte dele.

Estava louco e

sabia bem disso, mas não se importava, já que estava louco. A luz do sol refletia no

aço, aço mais letal do que qualquer lâmina de Thakan'dar.

Um farfalhar chamou sua atenção e ele olhou para o Myrddraal do outro lado do

cômodo, sentado, aguardando que ele terminasse. A criatura não tentou encará-lo —

já fazia um bom tempo que Fain o fizera parar de tentar.

Ele tentou retornar à contemplação da lâmina, tentou voltar a apreciar a beleza

perfeita da morte perfeita, a beleza do que Aridhol já fora e do que voltaria a ser,

mas o Myrddraal quebrara sua concentração. Estragara tudo. Quase se levantou e

matou a criatura. Os Meio-homens levavam muito tempo para morrer. Quanto tempo

aquele levaria, se Fain usasse a adaga? Parecendo sentir seus pensamentos, a criatura

se remexeu outra vez. Não, melhor não, ela ainda podia ser útil.

De todo modo, era difícil permanecer concentrado por muito tempo em uma coisa

só. Exceto em Rand al'Thor, claro. Sentia o garoto, podia apontar para a direção em

que ele estava, até estimar a distância. Al'Thor o puxava, puxava até doer. Algo

mudara nos últimos tempos, a mudança chegara de repente, quase como se alguém

tivesse se apossado de parte de al'Thor e, no processo, tivesse tomado uma parte que

o próprio Fain possuía. Não era problema. O garoto era dele.

Desejou poder sentir a dor de al'Thor — não conseguia acreditar que não tivesse

ao menos lhe causado alguma dor. Por enquanto tinham sido apenas agulhadas, no

máximo, mas uma quantidade suficiente de agulhadas acabaria por esgotá-lo. Os

Mantos-brancos estavam firmes na oposição ao *Dragão Renascido*. Fain contorceu

os lábios em um riso desdenhoso. Pouco provável que Niall algum dia apoiasse

al'Thor mais do que Elaida o teria apoiado, mas era melhor não tomar nada como

certo, quando se tratava daquele garoto maldito. Bem, já conseguira resolver a

situação daqueles dois com o que trazia de Aridhol — talvez até conseguisse confiar

nas próprias mãos de novo, mas nunca confiariam em al'Thor.

A porta se abriu de repente, e o jovem Perwyn Belman irrompeu no recinto,

seguido pela mãe. Nan Belman era uma mulher vistosa, embora agora fosse raro

para Fain notar se uma mulher era ou não vistosa. Nan era uma Amiga das Trevas e

achava que seus juramentos eram apenas minimamente perversos até Padan Fain

bater à sua porta. Nan achava que ele também era Amigo das Trevas, alguém

importante nos conselhos. Claro que Fain estava longe disso — estaria morto assim

que um dos Escolhidos pusesse as mãos nele. O pensamento suscitou

uma risadinha.

Tanto Perwyn quanto a mãe se intimidaram com a visão do Myrddraal, claro, mas

o garoto se recompôs primeiro, alcançando Fain enquanto a mulher ainda tentava

recuperar o fôlego.

— Mestre Mordeth, Mestre Mordeth — chamou o garoto de casaco vermelho e

branco, em uma voz esganiçada, trocando o peso de um pé para o outro

nervosamente —, trago a notícia que o senhor queria.

Mordeth. Então tinha usado esse nome? Às vezes, Fain não conseguia lembrar o

nome que usara em determinada situação, não conseguia saber qual nome era o dele.

Abriu um sorriso afetuoso, embainhando a adaga por baixo do casaco.

— E que notícia seria essa, meu jovem?

— Alguém tentou matar o Dragão Renascido hoje de manhã. Um homem. O

sujeito morreu, mas passou pelos Aiel e conseguiu entrar nos aposentos do Lorde

Dragão.

Fain sentiu o sorriso virar um rosnado. Alguém tentara matar al'Thor? Al'Thor

era dele! O garoto morreria pelas suas mãos, e de ninguém mais! Mas... O assassino

passara pelos Aiel e entrara nos aposentos de al'Thor?

— Um Homem Cinza! — Não reconheceu o som rouco como sua própria voz.

Homens Cinza eram coisa dos Escolhidos. Será que nunca se livraria da interferência

deles?

Toda aquela ira precisava ser extravasada ou ele iria explodir. Em um gesto quase

displicente, roçou a mão no rosto do garoto, que arregalou os olhos e começou a

tremar — tremia tão intensamente que rangia os dentes.

Fain não entendia muito bem aqueles truques que conseguia fazer. Talvez fosse

um toque do Tenebroso, talvez de Aridhol. Começara lá, depois que deixara de ser

apenas Padan Fain. Só sabia que agora conseguia fazer certas coisas, bastava tocar o

alvo.

Nan desabou de joelhos ao lado da cadeira dele, agarrando seu casaco.

— Piedade, Mestre Mordeth — implorou, ofegante. — Por favor, tenha piedade.

Ele é só uma criança. Uma criança!

Fain a encarou, durante um instante, curioso, inclinando a cabeça. Era mesmo

uma mulher muito bonita. Plantou o pé no peito dela e a empurrou para longe,

querendo espaço para se levantar. O Myrddraal, que assistia à cena furtivamente,

virou a cabeça depressa quando viu que ele notara. Ah, o Meio-homem se lembrava

muito bem de seus... truques.

Fain andou de um lado a outro. Precisava se mexer. Al'Thor tinha que cair por

suas mãos. Suas! Não dos Escolhidos. Como conseguiria feri-lo outra vez, apunhalá-

lo bem no coração? Bem, havia aquelas garotas abestalhadas lá no Sabujo de Culain.

Mas se al'Thor não saíra do lugar quando Dois Rios foi atacada, de que se

importaria se Fain incendiasse a estalagem com aquelas garotinhas atrevidas dentro?

Ah, o que ele tinha para usar? Só restavam alguns dos homens que tirara dos Filhos

da Luz. A verdade é que aquilo fora apenas um teste — ah, o homem que

conseguisse matar al'Thor naquela brincadeira teria implorado a ele para ser

esfolado vivo! Ainda assim, a empreitada lhe custara alguns números. Só tinha o

Myrddraal, um punhado de Trollocs escondidos fora da cidade, uns poucos Amigos

das Trevas reunidos em Caemlyn e a caminho de Tar Valon. Sentia al'Thor

puxando, arrastando-o. Havia uma mudança interessante em relação aos Amigos das

Trevas. Em teoria, não deveria haver nada que os distinguisse de qualquer outra

pessoa, mas Fain descobrira que podia identificá-los apenas com um olhar, mesmo

que a pessoa tivesse pensado apenas em prestar o juramento à Sombra. Era como se

tivessem uma marca na testa.

Não! Tinha que se concentrar. Concentrar! Clarear as ideias. Seus olhos caíram

sobre a mulher, no chão, gemendo e afagando o filho. O garoto ainda balbuciava, e

ela falava com ele baixinho, como se isso fosse ajudar. Fain não fazia ideia de como

parar um de seus truques depois que já começara. Depois que a coisa toda acabasse,

o garoto sobreviveria, embora não ileso. Fain não se dedicara ao golpe de coração.

Tinha que clarear as ideias. Pensar em outra coisa. Uma bela mulher. Quanto tempo

fazia desde que possuía uma mulher?

Sorrindo, Fain a tomou pelo braço. Precisava afastá-la daquele garoto tolo.

— Venha comigo. — Sua voz estava diferente, mais grandiosa, sem o sotaque de

Lugard. Mas ele não percebeu. Nunca percebia. — Tenho certeza de que você, pelo



menos, sabe demonstrar o respeito apropriado. Se me deixar satisfeito, nenhum mal

lhe acontecerá.

Por que ela resistia? Fain sabia que estava sendo charmoso. Ora, teria que

machucá-la. Era tudo culpa de al'Thor.



CAPÍTULO 29

FOGO E ESPÍRITO

Nynaeve parou à sombra, logo em frente à Pequena Torre, secou o rosto e então

enfiou o lenço de volta na manga. Claro que não adiantou muito — o suor voltou a

brotar assim que o secou —, mas queria entrar lá com a melhor aparência possível.

Queria parecer tranquila, serena, digna... embora não fosse conseguir. Sentia as

têmporas latejando, e o estômago parecia... frágil. Nem conseguira olhar para o café

da manhã. Era só efeito do calor, claro, mas sua vontade era voltar para a cama,

deitar em posição fetal e morrer. Para completar, sua capacidade de escutar o vento a

estava atormentando — aquele sol candente já deveria estar encoberto

por nuvens

negras turbulentas, todas soltando relâmpagos ameaçadores.

A um olhar pouco atento, os Guardiões descansando ali na frente não pareciam

guardas, embora fossem. Aqueles homens lembravam os Aiel da Pedra de Tear —

até dormindo deviam parecer lobos. Um sujeito careca de rosto quadrado, mais ou

menos da sua altura, mas quase tão largo quanto alto, saiu correndo da Pequena

Torre e seguiu rua abaixo, a espada presa às costas, o cabo despontando por cima do

ombro. Até mesmo Jori — Guardião de Morvrin — conseguia parecer perigoso.

Uno passou com seu coque, abrindo caminho a cavalo pela multidão. Ele mal

parecia registrar o calor, mesmo com a armadura de malha e placas de aço que

cobriam seu corpo do ombro para baixo. Ele girou na sela para encará-la com o olho

bom, e Nynaeve fechou a cara. Ah, Birgitte tinha falado com ele! Toda vez que o

homem a via, ficava bem óbvio que ele estava esperando o pedido de cavalos. E ela

estava quase pedindo — nem mesmo Elayne podia dizer que o que estavam fazendo

por ali adiantava alguma coisa. Bem, na verdade ela não só podia como dizia, mas

estava redondamente enganada.

Uno fez uma curva e sumiu de vista, e Nynaeve suspirou. Estava tentando protelar

em vez de entrar logo na Pequena Torre. Myrelle talvez estivesse lá.
Secou o rosto

outra vez, franzindo o cenho para a mão enrugada. Já estava no
décimo primeiro dia

de esfregação de panelas, com mais vinte e nove pela frente. Vinte e
nove!

Quando finalmente entrou no que já fora o salão da estalagem que
agora era a

Pequena Torre, notou que estava um pouquinho mais fresco, o que
ofereceu certo

alívio para sua dor de cabeça. Todos tinham passado a se referir ao
aposento como

“sala de espera”, e ali não se perdera tempo com reparos. Faltavam
pedras nas

lareiras e o reboco esburacado deixava ripas à mostra. Areina e Nicola
varriam o

chão junto de outra noviça, mas a limpeza não fazia muito efeito no
assoalho

castigado pelo tempo. Areina estava de cara feia, mas ela sempre
parecia irritada

quando precisava cumprir tarefas com as noviças. Ora, ninguém ficava
à toa em

Salidar. Na outra extremidade do salão, Romanda conversava com
duas Aes Sedai

esbeltas e bem mais velhas — seus rostos até tinham aquele ar de
idade indefinida,

mas o cabelo era branco — que claramente haviam acabado de
chegar, a julgar pelas

finas sobrecapas que usavam. Nenhum sinal de Myrelle, o que fez
Nynaeve suspirar

de alívio — a mulher a enfiava em um espeto e mandava para o fogo a
cada

oportunidade, depois ainda a fazia virar de um lado para o outro!
Algumas Aes

Sedai estavam sentadas às mesas, todas de estilos diferentes, mas dispostas em

fileiras muito retas. Estavam ocupadas com pergaminhos ou despachando ordens

para Guardiões e serviçais, mas havia menos delas do que na primeira vez em que

Nynaeve estivera lá. Àquela altura, só as Votantes e suas serviçais ainda moravam

nos andares superiores, todas as outras tinham sido remanejadas para as Aes Sedai

terem um espaço onde trabalhar. A Pequena Torre assumira as mesmas funções da

Torre Branca e a mesmíssima formalidade. Da primeira vez que entrou ali no salão,

o lugar estava tomado por um burburinho, havia um ar de diligência no local, de que

algo estava sendo feito — uma falsa sensação, no caso. Agora, o ambiente parecia

envolvido em um marasmo, mas era como entrar na Torre Branca.

Nynaeve foi até uma das mesas — mas não a mais próxima — e fez uma

reverência calculada.

— Perdoe a intromissão, Aes Sedai, mas fiquei sabendo que Siuan e Leane estão

aqui. Pode me informar onde eu as encontro?

Brendas parou de escrever e ergueu os olhos frios e escuros. Nynaeve decidira ir

falar com ela em vez de com alguma mulher mais perto da porta porque Brendas era

uma das poucas Aes Sedai que nunca a interrogara a respeito de Rand. Além disso,

quando ainda era Amyrlin, Siuan apontara Brendas como uma pessoa de confiança

— aquilo não tinha nada a ver com a situação do momento, mas Nynaeve buscava

pequenos consolos.

— Elas estão com algumas Votantes, criança. — A voz de Brendas era feito um

badalar, e tão sem emoção quanto o rosto pálido. Era raro as Brancas demonstrarem

qualquer emoção, mas Brendas ia além: a mulher nunca externava nada.

Nynaeve conteve um suspiro irritado. Se as Votantes estivessem ouvindo os

relatos dos olhos-e-ouvidos das antigas Azuis, talvez ainda levasse algumas horas

para que elas fossem liberadas. Talvez ficassem lá dentro até o fim do dia. A essa

altura, Nynaeve já estaria com a cabeça enfiada nas painéis.

— Obrigada, Aes Sedai.

Brendas interrompeu sua mesura com um gesto.

— Theodrin fez algum progresso com você ontem?

— Não, Aes Sedai.

Se sua voz saiu contida e seca, foi porque tinha motivo: Theodrin dissera que

pretendia tentar tudo, e ao que parecia era tudo *mesmo*. Na véspera, tinha feito

Nynaeve bebericar vinho para ficar relaxada. Só que Nynaeve acabara tomando mais

do que uns poucos golinhos. Ela nunca se esqueceria de ter sido carregada para o

quarto cantando — cantando! — e já ficava vermelha só de lembrar. Não tinha como

Brendas não saber. Todo mundo já devia ter ouvido a respeito. Nynaeve queria se

enfiar em um buraco no chão.

— Só pergunto porque isso parece estar comprometendo seus estudos. Ouvi

diversas irmãs comentando que você parou com as descobertas notáveis. Talvez o

problema sejam as atividades suplementares, mas Elayne ainda consegue trazer uma

novidade por dia, mesmo dando aulas e esfregando com as panelas. Várias irmãs

estão ponderando se não seriam mais preparadas do que Theodrin para ajudar. Se

nos revezássemos, se fizéssemos você se esforçar o dia inteiro, todos os dias, poderia

acabar sendo mais proveitoso do que essas sessões informais com alguém que, no

fim das contas, é apenas pouco mais que uma Aceita. — Tudo aquilo foi dito em um

tom equilibrado e sem o menor ar acusatório, mas o rosto de Nynaeve ficou

vermelho como se a Aes Sedai tivesse gritado com ela.

— Tenho certeza de que Theodrin em breve vai conseguir dar um jeito nisso, Aes

Sedai — respondeu, quase sussurrando. — Vou me esforçar mais, Aes Sedai.

Curvando-se em uma reverência apressada, Nynaeve tratou de dar

meia-volta

antes que Brendas pudesse interrompê-la outra vez. Com isso, acabou quase

trombando em uma das recém-chegadas de cabelo branco. As duas eram tão

parecidas que poderiam ser irmãs, quase imagens espelhadas uma da outra, com

ossos finos e rostos compridos de traços aristocráticos.

A quase trombada não passou de um leve toque, e Nynaeve até tentou se

desculpar, mas a Aes Sedai a encarou com um olhar tão intenso que qualquer falcão

teria ficado com inveja.

— Preste atenção por onde anda, Aceita. Na minha época, uma Aceita que

tentasse atropelar uma Aes Sedai só terminaria de esfregar o chão quando estivesse

com o cabelo mais branco que o meu.

A outra tocou o braço da mulher irritada.

— Ah, deixe a criança ir, Vandene. Temos trabalho a fazer.

Vandene fungou com desdém, mas se permitiu ser levada para fora.

Nynaeve decidiu deixá-las saírem na frente. Viu Sheriam surgir de uma das salas

de reunião acompanhada de Myrelle, Morvrin e Beonin. Myrelle também a viu e fez

menção de ir em sua direção, mas só conseguiu dar um passo antes de Sheriam e

Morvrin a segurarem e falarem algo depressa e em voz baixa, sem nem mesmo olhar

para Nynaeve. Ainda conversando, as quatro atravessaram o aposento e

desapareceram por outra porta.

Nynaeve esperou até estar do lado de fora da Pequena Torre para dar um puxão

firme e deliberado na trança. As Aes Sedai tinham se encontrado com as Sábias na

noite anterior, e era fácil imaginar por que as outras impediram Myrelle de falar com

ela. Se Egwene finalmente tivesse ido à reunião na Pedra de Tear, ela não deveria

ficar sabendo. Nynaeve al'Meara caíra em desgraça. Nynaeve al'Meara estava

esfregando panelas feito uma noviça, quando poderia estar pelo menos um nível

acima que o de Aceita. Nynaeve al'Meara não estava chegando a lugar nenhum com

Theodrin e tinha parado de fazer aquelas descobertas maravilhosas. Nynaeve

al'Meara jamais seria uma Aes Sedai. Sabia que tinha sido um erro começar a

concentrar todo o conhecimento de Moghedien em Elayne. Sabia!

Sentia a língua se contorcer com a memória daquele gosto repugnante — rabo-de-

gato fervida com folha-sábua em pó. Um antídoto que usara muitas vezes em

crianças que não paravam de mentir. Tudo bem que ela própria sugerira usá-lo, mas

ainda assim fora um erro. As Aes Sedai já não falavam mais sobre suas inovações, e

sim sobre a falta delas. Aes Sedai que nunca tinham demonstrado mais

que um

interesse passageiro em seu bloqueio agora queriam ajudar a desfazê-lo. Não tinha

como vencer. De um jeito ou de outro, acabaria com as Aes Sedai examinando-a da

cabeça aos pés, de sol a sol.

Nynaeve deu um puxão ainda mais forte na trança, forte o bastante para machucar,

o que, considerando a dor que já sentia, não fez nada para melhorar seu humor. Um

soldado de elmo achatado, usando o gibão acolchoado comum dos arqueiros,

diminuiu o passo para encará-la com curiosidade, mas ela retribuiu a encarada com

um olhar tão maligno que ele tropeçou nos próprios pés e tratou de sumir na

multidão. *Por que* Elayne era tão teimosa?

Sentiu mãos masculinas apertarem seus ombros, então deu a volta já soltando

impropérios, preparando-se para arrancar a cabeça do sujeito. Mas as palavras

morreram ainda na língua.

Thom Merrill sorria para ela por baixo daquele bigode branco comprido, os

olhos azuis penetrantes brilhando no rosto cheio de marcas.

— Pela sua cara, Nynaeve, quase daria para pensar que você está zangada, mas sei

que seu temperamento é tão doce que as pessoas chegam até a lhe pedir para enfiar o

dedo no chá delas.

Juilin Sandar estava logo ao lado, um homem esguio que parecia entalhado em

madeira escura escorado em um cajado de bambu da grossura de um polegar. Juilin

era taireno, não taraboniano, mas mesmo assim usava aquele ridículo chapéu

vermelho cônico de topo achatado, que estava ainda mais esfarrapado do que na

última vez que o vira. Juilin tirou o chapéu ao reparar no olhar de Nynaeve. Os

homens estavam empoeirados e pareciam cansados da viagem, com rostos muito

magros e abatidos — bem, na verdade nenhum deles jamais fora muito rechonchudo

ou corpulento, para início de conversa. Ambos pareciam ter passado todas aquelas

semanas desde que deixaram Salidar usando as mesmas roupas, desmontando das

selas apenas para dormir.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, foram atingidos por uma avalanche

humana. Elayne se jogou sobre Thom com tanta força que o velho cambaleou. Claro

que o menestrel — que ainda mancava discretamente — passou as mãos debaixo dos

braços da jovem e a ergueu e rodopiou em círculos feito uma criança. O velho estava

gargalhando quando devolveu a garota ao chão, e Elayne também. A Filha-herdeira

então puxou o bigode de Thom, e ambos apenas gargalharam ainda mais. Thom

examinou as mãos da jovem, tão acabadas quanto as de Nynaeve, e perguntou em

que tipo de problema ela conseguira se meter sem ele ali por perto para mantê-la na

linha. Elayne respondeu que não precisava de ninguém lhe dizendo o que fazer, mas

estragou a reprimenda ao ficar com as bochechas coradas, dar risadinhas e morder

o lábio.

Nynaeve respirou fundo. Às vezes, aqueles dois levavam a brincadeira de pai e

filha um pouco longe demais. Às vezes, Elayne parecia pensar que tinha dez anos, e

Thom parecia concordar com a garota.

— Achei que você tinha que dar aula para as noviças hoje de manhã, Elayne.

A Filha-herdeira a encarou de soslaio, então se recompôs. A tentativa de manter a

compostura acabou chegando tarde demais, e ela teve que se contentar em endireitar

o vestido listrado.

— Pedi a Calindin que me substituísse — respondeu, em um tom casual. — Achei

que seria melhor lhe fazer companhia. E que bom que fiz isso — acrescentou,

sorrindo para Thom. — Agora vamos poder ouvir tudo o que vocês descobriram em

Amadícia.

Nynaeve fungou com desdém. Companhia? Ora essa. Não se lembrava de tudo o

que acontecera na véspera, mas ainda tinha bem fresca a memória de Elayne

gargalhando enquanto tirava sua roupa e a botava para dormir antes que o sol já

tivesse sumido no céu. E tinha certeza de que se recordava de ouvi-la perguntando se

ela queria um balde de água para esfriar a cabeça.

Thom não percebeu nada. Os homens eram quase todos cegos, embora ele fosse

mais esperto que a média.

— Precisamos ser rápidos — afirmou o velho menestrel. — Agora que Sheriam já

nos espremeu, pretende nos obrigar a ir falar pessoalmente com algumas Votantes.

Por sorte, isso simplifica as coisas. Não tem Mantos-brancos o suficiente ao longo

do Eldar para impedir sequer um rato de cruzar o rio, mesmo se esse rato tivesse

tambores e trompetes para anunciar sua passagem com um dia de antecedência.

Tirando o forte contingente na fronteira taraboniana e os homens que Niall colocou

para tentar conter o Profeta, lá no norte, o tal Comandante dos Filhos parece estar

reunindo todos os Mantos-brancos restantes em torno de Amadícia. E Ailron

também está juntando seus soldados. Já tinha começado a aparecer conversa sobre

Salidar nas ruas antes de irmos embora, mas, se Niall chegou a pensar na cidade, não

encontrei nenhum indício disso.

— Tarabon — resmungou Juilin, analisando o chapéu. — Ouvi dizer que é um

país muito perigoso para quem não sabe se cuidar.

Nynaeve não tinha certeza de qual dos dois era mais dissimulado, mas estava certa

de que ambos eram perfeitamente capazes de mentiras tão deslavadas que deixariam

um mercador de lã verde de inveja. E também não tinha dúvidas de que estavam

escondendo alguma coisa.

Elayne percebeu na hora. Agarrando Thom pela lapela, ela ergueu os olhos e o

encarou.

— Vocês ouviram alguma coisa sobre minha mãe — afirmou, calma. Não era

uma pergunta.

Thom cofiou o bigode.

— Tem centenas de boatos em cada rua de Amadícia, criança, cada um mais

louco que o outro. — Seu rosto curtido e cheio de rugas era pura inocência e

franqueza, mas aquele homem perdera a inocência logo ao nascer. — Dizem que a

Torre Branca inteira está aqui em Salidar, com dez mil Guardiões prontos para

cruzar o Eldar. E que as Aes Sedai estão no controle de Tanchico, que Rand tem asas

e sai voando por aí à noite e...

— Thom — interrompeu Elayne.

O menestrel bufou, olhando de Juilin para Nynaeve como se aquilo fosse culpa

deles.

— É só um boato, criança, tão louco quanto qualquer outro. Não consegui

confirmar nada, e pode acreditar que tentei. Não queria nem mencionar. Só vai lhe

trazer sofrimento. Deixe estar, criança.

— Thom. — A voz de Elayne saiu bem mais firme dessa vez.

Juilin remexeu os pés, parecendo querer estar em outro lugar. Thom só parecia

emburrado.

— Bem, se você faz questão... Ao que parece, todo mundo em Amadícia acha

que sua mãe está na Fortaleza da Luz e que ela vai liderar um exército de Mantos-

brancos de volta a Andor.

Elayne balançou a cabeça e soltou uma risada baixa.

— Ah, Thom, acha que eu me preocuparia com esse tipo de coisa? Mamãe nunca

pediria ajuda aos Mantos-brancos. Eu até preferia que fosse o caso. Queria que ela

estivesse viva para isso. Esse negócio de levar soldados estrangeiros para Andor,

ainda mais Mantos-brancos, é uma afronta a tudo o que ela me ensinou, mas ainda

assim eu gostaria que fosse verdade. Bem, se desejar adiantasse de alguma coisa...

— Ela abriu um sorriso triste, mas de uma tristeza contida. — Já respeitei meu

tempo de luto, Thom. Minha mãe morreu, e agora tenho que fazer meu melhor para

ser digna de sucedê-la. Ela jamais teria ido atrás da verdade em boatos ridículos,

nem ficaria chorando pelos cantos.

— Criança — interveio Thom, meio sem jeito.

Nynaeve se perguntou o que o menestrel sentia a respeito da morte de Morgase, se

é que sentia alguma coisa. Pareia difícil de acreditar, mas Thom já fora amante de

Morgase quando a rainha era jovem e Elayne mal passava de uma bebê. Naquela

época, ele não devia parecer um pano deixado por tempo demais ao sol para secar.

Não sabia muito sobre como e por que tudo acabara, só que ele tinha ido embora de

Caemlyn de fininho, com um mandado de prisão nos calcanhares. Não era um amor

para se contar em histórias. Ele no momento só parecia preocupado em saber se

Elayne estava falando a verdade ou escondendo sua mágoa. Ele deu alguns tapinhas

no ombro da jovem e afagou seu cabelo. Se Nynaeve não quisesse tanto que eles

brigassem como pessoas normais pelo menos uma vez, teria achado a cena muito

bonita.

Alguém pigarreou, interrompendo-os.

— Mestre Merrill? — chamou Tabiya, abrindo o vestido branco em uma mesura

ligeira. — Mestre Sandar? Sheriam Sedai manda informar que as Votantes estão

prontas para receber os dois. E acrescenta que os senhores ainda não podem sair da

Pequena Torre.

— Pequena Torre, é? — indagou Thom, seco, examinando a antiga estalagem. —

Elas não podem nos prender lá para sempre, Elayne. Quando terminarmos, nós dois

vamos conversar sobre... sobre o que você quiser.

O menestrel gesticulou para Tabiya ir na frente e marchou estalagem adentro, o

coxear bem nítido era prova de como estava cansado. Juilin endireitou os ombros e o

seguiu; parecia andar para a força. Era mesmo taireno.

Nynaeve e Elayne ficaram ali, paradas, sem olhar uma para a outra.

Por fim, Nynaeve falou:

— Eu não estava...

Ao mesmo tempo, Elayne disse:

— Eu não deveria...

As duas pararam de falar ao mesmo tempo, enrubescendo e endireitando as saias.

— Está quente demais para ficar aqui — opinou Nynaeve, por fim.

Não era muito provável que as Votantes ocupadas com os relatos de Siuan e

Leane fossem parar para ouvir Thom e Juilin. Elas sempre dividiam esse tipo de

trabalho. Só restava Logain, mesmo Nynaeve preferindo que não fosse o caso. Não

descobriria nada novo. Bem, era melhor do que ficar sem fazer nada até aparecerem

dez Aes Sedai despejando suas tarefas sobre ela.

Com um suspiro, foi avançando rua abaixo. Elayne a acompanhou, como se

tivesse sido convidada, o que ajudou Nynaeve a encontrar a raiva necessária. De

repente, reparou que os pulsos de Elayne estavam desnudos.

— Onde está o bracelete? — perguntou, baixinho. Ninguém na rua entenderia, se

escutasse, mas bastava abrir mão da cautela uma vez para começar a deixá-la de lado

sempre. — Onde está Marigan?

— Está na minha bolsinha, Nynaeve. — Elayne se afastou, abrindo passagem para

uma carroça de roda grande, então se aproximou de volta. — Marigan está lavando

roupa junto com vinte outras mulheres. E gemendo a cada vez que se move. Ela fez

um comentário que achou que Birgitte não fosse ouvir, e Birgitte... Olha, eu *tive* que

tirar aquele troço, Nynaeve. Birgitte estava com a razão, e *doeu*. Eu disse para

Marigan falar que tinha caído da escada.

Nynaeve fungou com reprovação, mas não estava realmente contrariada. Não

havia usado muito o bracelete nos últimos tempos, e não porque não pudesse mais

apresentar como suas as descobertas que conseguisse arrancar da Abandonada.

Ainda tinha certeza de que Moghedien sabia *alguma coisa* a respeito da Cura,

mesmo que nem ela própria percebesse — ninguém podia ser tão cego —, e ainda

havia o truque de detectar a canalização de um homem, coisa que Moghedien

sempre dizia que as duas estavam quase aprendendo. A verdade era que estava com

medo de fazer coisa pior do que Birgitte, caso tivesse mais contato além do

absolutamente necessário com a Abandonada. Talvez fosse porque a mulher sempre

parecesse ligeiramente satisfeita, mesmo quando reclamava da dor gerada pelas

tentativas de Nynaeve de dominar a arte da detecção. Talvez fosse a lembrança de

quão assustada se sentira quando ficara sozinha com a mulher sem o bracelete.

Talvez fosse um desgosto crescente por ter que evitar que uma Abandonada fosse a

juízo. Talvez fosse um pouco de tudo isso. O que sabia era que, ultimamente,

precisava se obrigar a colocar o bracelete, e mal podia conter a vontade de socar o

rosto de Moghedien sempre que a via.

— Eu não deveria ter rido de você — declarou Elayne. — Peço desculpas.

Nynaeve parou de andar tão de repente que um cavaleiro atrás delas precisou

puxar as rédeas para não a atropelar. O homem ainda deu uns berros antes de sumir

na multidão, mas o choque abafou tanto suas palavras que não havia possibilidade de

serem ouvidas. Não era um choque pelo pedido de desculpas. Era pelo que precisava

dizer. Pois era o certo a se dizer. Era verdade.

Incapaz de olhar para Elayne, Nynaeve retomou a caminhada.

— Você tinha todo o direito de rir. Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu é que fiz

papel de idiota. — E fizera, mesmo. Theodrin a mandara tomar só uns goles, um

copo, e ela bebera cada gota do cântaro. Se era para fracassar, melhor não ser por

falta de tentativa. — Você devia ter pegado aquele balde e enfiado minha cabeça

dentro da água até eu conseguir recitar “A Grande Caçada à Trombeta” sem errar.

Ela arriscou uma olhada de rabo de olho. Elayne ainda tinha pequenos pontinhos

vermelhos nas bochechas. Ah, então houvera mesmo aquela sugestão do balde.

— Poderia ter acontecido com qualquer um — rebateu a Filha-herdeira.

Nynaeve sentiu as próprias bochechas esquentarem. Quando acontecera com

Elayne, Nynaeve tinha ensopado a cabeça da garota para tirar o efeito do vinho.

— Você devia ter feito o que fosse preciso para... me deixar sóbria.

Aquela era a discussão mais inusitada que conseguia se lembrar entre elas duas:

enquanto insistia que agira como uma completa idiota e que merecia sofrer as

consequências de suas ações, Elayne dava uma desculpa atrás da outra para justificar

seu comportamento. Nynaeve não entendia por que assumir toda a culpa era tão

revigorante, não se lembrava de jamais ter feito coisa parecida, sempre se esquivava

até onde podia. Quase se irritou com Elayne, por não concordar que ela tinha agido

como uma tonta infantil. A discussão perdurou até as duas chegarem à casinha de

palha na extremidade da aldeia onde Logain estava sendo mantido.

— Se você não parar com isso — afirmou Elayne, por fim —, juro que vou buscar

um balde d'água agora mesmo.

Nynaeve abriu a boca, então a fechou. Mesmo com a euforia de ter admitido que

estava errada, aquilo já era um pouco demais. Não poderia encarar Logain sentindo-

se tão bem daquele jeito. Bem, sentindo-se bem daquele jeito qualquer coisa seria

inútil sem Moghedien e o bracelete que definitivamente se sentia bem demais para

colocar. Deu uma olhada nos dois Guardiões que montavam guarda ao lado da porta

de batente de pedra. Não estavam perto o bastante para ouvir, mas mesmo assim

baixou a voz.

— Vamos, Elayne. Hoje à noite. — Com Thom e Juilin em Salidar, não haveria

necessidade de pedir a Uno que encontrasse cavalos. — Não precisamos ir para

Caemlyn, se você não quiser. Vamos para Ebou Dar. Merilille nunca vai encontrar

aquela tigela, e Sheriam não vai deixar a gente ir procurar. Que tal? Hoje à noite?

— Não, Nynaeve. Que bem faremos a Rand se as Aes Sedai nos considerarem

duas fugitivas? E é isso que seríamos. Você prometeu, Nynaeve. Você prometeu

ficar se encontrássemos alguma coisa.

— Prometi ficar se encontrássemos alguma coisa útil. Só encontramos isto! —

exclamou, esticando os braços e abrindo as mãos enrugadas debaixo do nariz da

Filha-herdeira.

A firmeza sumiu do rosto e da voz de Elayne. A jovem comprimiu os lábios e

encarou o chão.

— Nynaeve, você sabe que eu disse para Birgitte que iríamos ficar. Bem, parece

que ela contou a Uno que não era para ele arranjar nenhum cavalo a você sob

nenhuma circunstância, a menos que ela mandasse. E falou que você estava

pensando em fugir. Só descobri quando já era tarde demais. — Ela balançou a

cabeça, irritada. — Se ter um Guardiã é assim, então não sei como alguém poderia

querer um.

Nynaeve achou que os olhos fossem saltar das órbitas de tanta indignação. Então

era por isso que Uno ficava olhando para ela. A euforia sumiu, se dissipando em um

calor que... bem, era parte raiva, parte humilhação. O homem *sabia* e achava que

ela... Ora, vejam só. Franziu o cenho para Elayne, então decidiu não fazer a

pergunta que lhe viera à mente: será que Birgitte só alertara a Uno sobre ela ou o

nome de Elayne estava incluído? Que bela família adotiva a Filha-herdeira

encontrara. Thom, um pai indulgente que queria lhe ensinar tudo o que sabia, e

Birgitte, uma irmã mais velha que achava que era seu papel evitar que a garota

quebrasse o pescoço montando em cavalos que ainda não sabia controlar.

— Se é assim — disse, indiferente —, vamos ver o que consigo descobrir com

Logain.

Era uma casa pequena, de apenas dois cômodos, mas as grossas paredes de pedra

deixavam o ambiente relativamente fresco. Logain estava de camisa, fumando um

cachimbo e lendo junto a uma janela. As Aes Sedai estavam cuidando bem dele: as

poltronas e as mesas eram tão boas quanto qualquer outra em Salidar — nada muito

grandioso, mas tudo bem-feito, mesmo sem combinar com qualquer outra peça da

mobília —, e um tapete vermelho e dourado cheio de volutas cobria quase todo o

piso, que havia sido tão bem varrido que Nynaeve duvidou de que Logain é que

tivesse dado conta da limpeza.

Quando entraram, Logain baixou o livro sem parecer incomodado por elas não

terem batido à porta. Ele se levantou devagar, esvaziou o cachimbo, vestiu o casaco

e só então curvou a perna em uma reverência delicada.

— É bom ver vocês de novo depois de tanto tempo. Achei que tivessem se

esquecido de mim. Que tal um pouco de vinho? As Aes Sedai só me permitem uma

quantidade limitada, mas não é de má qualidade.

A oferta de vinho já bastou, e Nynaeve por pouco não se encolheu toda — ora,

como se precisasse de mais bebida. Considerando o que descobrira de Uno, só o fato

de estar diante de um homem já era o bastante. Não precisava alimentar a raiva com

seus sentimentos sobre a Pequena Torre, mas pensar neles ajudou um pouco. A

Fonte Verdadeira de repente estava ali, um calor invisível quase à vista. Ela se abriu

e *saidar* a inundou. Se o que tinha sentido antes era euforia, aquilo era mais que um

êxtase — *estava* se rendendo, e que a Luz queimasse Theodrin!

— Sente-se — mandou, fria. — Não vim jogar conversa fora. Responda o que lhe

for perguntado. Do contrário, fique de boca fechada.

Logain simplesmente deu de ombros e obedeceu, dócil feito um

cãozinho — não,

não era docilidade: aquele sorriso era pura insolência. Parte era causada pelo que

sentia a respeito das Aes Sedai, Nynaeve tinha certeza, mas outra parte... O homem

ficou olhando enquanto Elayne se sentava em outra poltrona, ajustando as saias com

movimentos meticulosos. Mesmo que Nynaeve não tivesse visto para onde ele

estava olhando, saberia que era para uma mulher. Não havia nenhum sorrisinho,

nenhum olhar lascivo, só... Nynaeve não sabia o quê, só sabia que Logain lhe

dirigiu o mesmo olhar. De repente, teve total consciência de que era mulher e que

ele era homem. Talvez fosse só por ele ser todo bonitão e de ombros largos, mas

gostava de pensar que estava acima disso. Claro que não era a aparência dele.

Ela pigarreou e teceu filamentos de *saidar* em volta dele — Ar, Água, Fogo, Terra

e Espírito. Todos os elementos da Cura, mas os utilizaria para uma sondagem.

Ajudaria se o tocasse, mas não conseguiu se obrigar a fazê-lo. Já era ruim o bastante

ter que tocá-lo com o Poder. O homem estava saudável feito um touro e quase tão

forte quanto um. Não havia nem um pelo errado com ele, exceto o buraco.

Não era bem um buraco, era mais a sensação de que algo que parecia contínuo

acabava de repente, que o que parecia suave e direto estava, na verdade, margeando

uma ausência. Conhecia bem aquela sensação, estudara aquilo com muita atenção

nos primeiros dias, quando achava que poderia aprender alguma coisa. Ainda lhe

dava calafrios.

Logain ergueu os olhos e os fixou nela. Nynaeve não se lembrava de ter se

aproximado tanto. O rosto dele era uma máscara do mais puro desdém. Ela podia

não ser Aes Sedai, mas estava bem perto disso.

— Como você conseguiu fazer aquilo tudo de uma vez? — indagou Elayne. —

Não consegui acompanhar nem metade.

— Silêncio — murmurou Nynaeve. Disfarçando o esforço que teve que fazer para

tocá-lo, agarrou a cabeça de Logain com força. Sim. Contato físico facilitava as

coisas, as impressões ficavam mais nítidas.

Direcionou todo o fluxo de *saidar* para onde o buraco deveria estar... e quase se

surpreendeu ao se deparar com um vazio. Como sempre, não esperava descobrir

nada. Homens eram tão diferentes de mulheres no que dizia respeito ao Poder quanto

na parte de carne e osso, talvez até mais. Era como estudar uma pedra querendo

descobrir mais sobre os peixes. Era difícil se manter concentrada no que estava

fazendo, sabendo que sua presença ali era uma formalidade, que estava passando o

tempo, por assim dizer.

O que Myrelle vai dizer? Será que não passaria adiante uma mensagem de

Egwene? Aquele vazio, tão pequeno que poderia até ser desconsiderado, se mostrou

enorme e vasto assim que permitiu que os fluxos o penetrassem, imenso o bastante

para engolir a todos. Se ao menos eu tivesse como falar com Egwene... Aposto que

assim que ela souber que a Torre está mandando uma missão diplomática atrás de

Rand e que as Aes Sedai daqui estão de braços cruzados, ela vai me ajudar a

convencer Elayne de que já fizemos tudo o que podíamos por aqui. Um vasto vazio,

um nada. Lembrou-se do que encontrara em Siuan e Leane, aquela sensação de algo

rompido. Tinha certeza de que era real, mesmo que a sensação fosse fraca. Homens e

mulheres podiam até ser diferentes, mas talvez... Só preciso dar um jeito de falar

com ela. Egwene vai concordar que Rand estaria melhor com a gente por perto. E

Elayne vai dar ouvidos a ela, já que acha que Egwene conhece Rand melhor que

ninguém. Lá estava. Algo rompido. Era só uma impressão, mas era a mesma com

Siuan e Leane. Mas como vou me encontrar com ela? Ah, se Egwene pudesse

aparecer em nossos sonhos outra vez... Aposto que consigo convencê-la a

vir se

juntar a nós. Nós três nos sairíamos bem melhor com Rand. Juntas, poderíamos

contar a ele o que aprendemos em Tel'aran'rhiod , evitar que ele cometa algum erro

ingênuo com aquelas Aes Sedai. Ela vai concordar. Havia algo naquele rompimento... Se fosse remendado com Fogo e Espírito, talvez...

Foi o ligeiro arregalar dos olhos de Logain que comprovou o que ela acabara de

fazer. Nynaeve sentiu a respiração ficar presa na garganta. Afastou-se dele tão

rápido que tropeçou na própria saia.

— Nynaeve — chamou Elayne, se endireitando —, qual é o prob...?

Nynaeve piscou, agarrou toda a *saidar* que conseguia canalizar e o blindou.

— Vá buscar Sheriam — mandou, quase atropelando as palavras. — Mais

ninguém, só Sheriam. Diga a ela... — Nynaeve respirou tão fundo que pareceu que

era o primeiro ar em seu pulmão em horas. Seu coração estava tão acelerado que

batia mais rápido que cavalos a galope. — Diga a ela que Curei Logain.



CAPÍTULO 30

CURAR DE NOVO

Nynaeve sentiu algo empurrar a blindagem que tecera entre Logain e a Fonte

Verdadeira, uma pressão que foi se intensificando até a tessitura começar a se curvar

e a tremer, chegando quase a ponto de se romper. Deixou que *saidar* percorresse seu

corpo, a doçura atingindo o limiar da dor, e canalizou cada fio em Espírito para a

barreira.

— Anda logo, Elayne! — Não se incomodou nem um pouco por a voz ter saído

tão aguda.

Elayne, que a Luz sempre brilhasse sobre ela, não perdeu tempo com perguntas. A

garota se levantou de um pulo e saiu correndo na mesma hora.

Logain não movera um único músculo. Estava com os olhos — que pareciam

brilhar — fixos nos de Nynaeve. Luz, o homem era grande, de ombros

extremamente largos. Toda atrapalhada, Nynaeve tentou pegar a faca no cinto, então

percebeu como estava sendo ridícula. Ele provavelmente conseguiria desarmá-la

sem suar nem uma gota a mais do que já estava. Ela desviou alguns dos fluxos para

Ar, criando elos que o deixaram preso exatamente onde estava, ainda sentado,

amarrado pelos braços e pelas pernas. Logain continuava sendo grande, mas de

repente pareceu mais normal e menos ameaçador. Só então lhe ocorreu que

diminuíra a força da barreira — bem, não conseguiria canalizar nem mais um fio de

cabelo. A pura alegria que era *saidar* já era tão intensa em seu corpo que ela quase

quis chorar. Logain sorriu.

Um dos Guardiões meteu a cabeça porta adentro, um homem de cabelo escuro

com nariz pronunciado e uma cicatriz branca profunda ao longo do queixo magro.

— Alguma coisa errada? A outra Aceita saiu correndo como se tivesse sentado

numa urtiga.

— Está tudo absolutamente sob controle — respondeu Nynaeve, com a voz

tranquila. Ou ao menos o mais tranquila que conseguiu. *Ninguém pode saber,*

ninguém! Não até que tivesse a chance de conversar com Sheriam, de trazer a

mulher para seu lado. — Elayne esqueceu uma coisa e foi buscar. — A

desculpa

soou esfarrapada. — Pode sair. Estou ocupada.

Tervail — era o nome dele, Tervail Dura, Guardião de Beonin. Luz, por que

estava preocupada com o nome dele? Antes de se retirar, Tervail abriu um sorriso

irônico e fez uma reverência zombeteira. Os Guardiões não deixavam as Aceitas

agirem como Aes Sedai.

Precisou de um esforço considerável para evitar umedecer os lábios. Analisou

Logain. Por fora, o homem estava calmo, como se nada tivesse mudado.

— Não há necessidade disso, Nynaeve. Acha que eu vou atacar uma aldeia com

centenas de Aes Sedai? Elas fariam picadinho de mim antes que eu desse dois

passos.

— Fique quieto — retrucou ela, sem nem pensar. Muito atrapalhada, encontrou

uma cadeira atrás de si e, sem nunca tirar os olhos dele, se sentou. Luz, por que

Sheriam estava demorando tanto? Ela precisava entender que tinha sido um acidente.

A raiva de si própria era a única coisa que a mantinha canalizando. Como pudera ser

tão descuidada, uma idiota cega?

— Não tenha medo — insistiu Logain. — Não vou me voltar contra elas, não a

esta altura. Elas estão fazendo exatamente o que eu queria, mesmo

que não

percebam. A Ajah Vermelha acabou. Daqui a um ano, não haverá nenhuma Aes

Sedai que ouse admitir que é Vermelha.

— Eu mandei você ficar quieto! — ralhou Nynaeve. — Acha que acredito que

você só odeia as Vermelhas?

— Olha, já vi um homem que vai causar mais problemas do que eu já causei.

Talvez seja o Dragão Renascido, não sei. Foi quando atravessaram Caemlyn comigo,

depois que fui capturado. Ele estava longe, mas eu vi um... um brilho. Foi quando

soube que ele iria abalar o mundo. Enjaulado como eu estava, não tive como não rir.

Nynaeve moveu parte do fluxo de Ar que o mantinha preso e o forçou entre as

mandíbulas de Logain como uma mordança. Seu rosto assumiu uma expressão

raivosa e sombria, mas a emoção se dissipou quase imediatamente. Nynaeve nem se

importou. Conseguira detê-lo. Pelo menos... Logain não tentara resistir, nem um

pouco, mas talvez fosse porque soubera desde o princípio que seria inútil. Talvez.

Mas com que força ele tentara romper a barreira? A pressão que ela havia sentido

contra a blindagem não fora lenta, mas também não fora rápida. Fora quase como

um homem alongando músculos há muito não utilizados, empurrando algo sem

querer de fato movê-lo, apenas pela necessidade de exercitar os músculos. Só de

pensar nisso seu estômago foi tomado por gelo.

Os olhos de Logain brilhavam, divertidos, quase como se o homem soubesse tudo

o que havia se passado pela cabeça dela, o que só deixou Nynaeve ainda mais

irritada. Logain estava com a boca escancarada feito um idiota, preso e blindado,

mas *ele* estava tranquilo. Como pudera ser tão tola? Nynaeve não estava apta a ser

Aes Sedai, não se sua barreira desmoronasse naquele instante. Não estava apta para

ser deixada sozinha. Melhor dizerem a Birgitte para ficar de olho nela, antes que

caísse de cara no chão ao tentar atravessar a rua.

Não foi intencional, mas ficar criticando a si mesma manteve a raiva borbulhando

até a porta se escancarar. Não era Elayne.

Sheriam entrou logo depois de Romanda, com Myrelle, Morvrin e Takima

seguindo de perto, depois entraram Lelaine, Janya, Delana, Bharatine e Beonin.

Então vieram outras, aglomerando-se até lotarem o aposento. Nynaeve conseguia ver

outras mulheres do outro lado da porta, que não tinha espaço para ser fechada. As

que estavam lá dentro a encaravam, analisando também a tessitura. Estavam tão

compenetradas que ela engoliu em seco, e toda a raiva cultivada com tanto cuidado

se desfez. E, claro, desfizeram-se também a barreira e os elos que prendiam Logain.

Antes que Nynaeve pudesse pedir a outra pessoa que o blindasse, Nisao se plantou

diante dela. Mesmo baixinha como era, a mulher conseguiu se assomar diante dela.

— Então que história é essa de você ter Curado este homem?

— Foi isso mesmo que ela disse que fez? — Logain até conseguiu parecer

surpreso.

Varilin se aproximou e parou ao lado de Nisao. A Cinza esbelta era tão alta

quanto Logain e se assomava acima de Nynaeve.

— Era isso que eu temia quando todo mundo começou a afagá-la por conta das

descobertas. Assim que as novidades se esgotaram, os afagos cessaram. Claro que

ela tentaria alguma maluquice para recuperá-los.

— É nisso que dá deixar a garota ficar *estudando* Siuan e Leane — interveio

Romanda, firme. — E este sujeito. Deveriam ter dito a ela de uma vez que certas

coisas não podem ser Curadas e ponto final!

— Mas eu Curei! — protestou Nynaeve. — Eu Curei! Por favor, blindem Logain.

Vocês precisam blindá-lo, por favor!

As Aes Sedai diante dela se viraram para Logain, abrindo o mínimo de espaço de

que ela precisava para também olhá-lo. O desgraçado devolveu os olhares com uma

expressão inocente. Chegou até a dar de ombros!

— Acho que o mínimo que podemos fazer é mantê-lo blindado até termos certeza

absoluta — sugeriu Sheriam.

Romanda aquiesceu, e uma blindagem despontou, sendo aumentada até se tornar

forte o bastante para prender um gigante. O brilho de *saidar* envolvia quase todas as

mulheres presentes. Romanda restaurou um pouco da ordem nomeando seis

mulheres para manter uma blindagem menor, mas ainda assim mais que suficiente.

Myrelle agarrou o braço de Nynaeve.

— Você vai nos perdoar, Romanda, mas precisamos conversar a sós com

Nynaeve.

Sheriam agarrou o outro braço.

— Melhor acabarmos logo com isso.

Romanda assentiu, distraída. Estava franzindo o cenho para Logain, como quase

todas as Aes Sedai ali. Ninguém fez menção de sair.

Sheriam e Myrelle puseram Nynaeve de pé e a puxaram para a porta.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Nynaeve, sem fôlego. — Para onde

estão me levando?

Do lado de fora, as três foram se acotovelando pela multidão de Aes Sedai. Muitas

mulheres a encaravam com um olhar intenso, até acusador. Passaram aos empurrões

por Elayne, que fez uma careta culpada. Nynaeve a encarou por cima do ombro

enquanto as duas Aes Sedai a arrastavam tão depressa que ela não conseguia evitar

tropeçar. Não que esperasse que Elayne fosse ajudá-la, mas podia ser a última vez

que Nynaeve a via. Beonin estava falando alguma coisa para Elayne, que disparou

pelo meio da multidão.

— O que vocês vão fazer comigo? — ganiu Nynaeve.

— Poderíamos deixar você esfregando panelas para o resto da vida — respondeu

Sheriam em tom casual.

Myrelle assentiu.

— Você poderia passar o dia trabalhando nas cozinhas.

— Ou poderíamos açoitá-la todos os dias.

— Arrancar seu couro pedacinho por pedacinho.

— Pregiar você dentro de um barril e só passar comida pelo buraquinho na tampa.

— Mas só mingau. Mingau dormido.

Nynaeve sentiu os joelhos fraquejarem.

— Foi um acidente! Eu juro! Foi sem querer!

Sem diminuir o passo, Sheriam sacudiu-a.

— Não seja tola, criança. Você pode ter feito algo impossível.

— Vocês acreditam em mim? Acreditam! Por que não disseram nada quando

Nisao e Varilin e... Por que não disseram nada?

— Eu disse “pode ter feito”, criança. — Ela sentiu uma pontada de

tristeza ao

notar o tom neutro de Sheriam.

— Outra possibilidade — acrescentou Myrelle — é seu cérebro ter inchado de

tanto esforço. — Ela encarou Nynaeve com um olhar desconfiado. — Você ficaria

surpresa com a quantidade de Aceitas e até de noviças que afirmam ter redescoberto

algum Talento perdido ou descoberto um novo. Quando eu era noviça, uma Aceita

chamada Echiko estava tão convencida de que sabia voar que pulou do alto da Torre.

Atordoada, Nynaeve olhava de uma mulher para a outra. Acreditavam nela ou

não? Será que achavam mesmo que estava *louca*? *O que, sob a Luz, elas vão fazer*

comigo? Tentava encontrar palavras para convencê-las — não estava mentindo, não

estava maluca, e *tinha mesmo* Curado Logain —, mas sua boca abria e fechava sem

fazer barulho, e foi assim até entrarem às pressas na Pequena Torre.

Só quando adentraram o que antes era uma sala de jantar privada da antiga

estalagem, um aposento comprido onde agora havia uma mesa estreita cercada de

cadeiras junto a uma parede, foi que Nynaeve se deu conta de que havia seguidoras

em seu encalço. Mais de dez Aes Sedai foram entrando atrás delas: Nisao, de braços

cruzados; Dagdara, com o queixo projetado para a frente como se pretendesse

atravessar uma parede; Shanelle, Therva e... Todas da Ajah Amarela, salvo Sheriam

e Myrelle. Aquela mesa sugeria a câmara de um magistrado, e a fileira de rostos

taciturnos indicava um julgamento. Nynaeve engoliu em seco.

Sheriam e Myrelle a deixaram ali, de pé, e deram a volta para se juntar às Aes

Sedai perto da mesa. Então, de costas para ela, começaram a conversar em voz baixa

entre si. Quando se viraram de volta, seus rostos estavam indecifráveis.

— Você afirma ter Curado Logain. — Havia um quê de desdém na voz de

Sheriam. — Você afirma ter Curado um homem amansado.

— Vocês têm que acreditar em mim — protestou Nynaeve. — Você disse que

acreditava.

Ela deu um pulo, como se algo invisível a tivesse golpeado com força na cintura.

— Olhe os modos, Aceita — retrucou Sheriam com frieza. — Você ainda afirma

isso?

Nynaeve encarou a mulher. Sheriam é que estava louca, mudando de comportamento daquele jeito. Ainda assim, conseguiu soar respeitosa:

— Sim, Aes Sedai.

Dagdara soltou uma exclamação de surpresa e desdém.

Sheriam gesticulou para aquietar um murmúrio entre as Amarelas.

— E você diz que o que fez foi um acidente. Se for o caso, suponho que não haja

nenhuma chance de repetir o feito para provar que diz a verdade.

— Como ela poderia? — indagou Myrelle, parecendo achar graça. *Graça!* — Se

ela foi fazendo o que fez às cegas, como conseguiria repetir? Não que faça diferença,

a menos que ela realmente tenha Curado o homem.

— Responda! — exclamou Sheriam, e aquele açoite invisível a golpeou outra vez.

Desta vez, Nynaeve conseguiu não se sobressaltar. — Existe alguma chance de você

se lembrar do que fez, ao menos em parte?

— Eu me lembro, Aes Sedai — afirmou Nynaeve, soturna, com medo de uma

nova agressão. O golpe não veio, mas já conseguia ver o brilho de *saidar* em torno

de Sheriam. Aquele brilho parecia ameaçador.

Houve uma pequena comoção à porta, e Carlinya e Beonin abriram caminho pela

fileira de Amarelas. Uma empurrava Siuan à frente, a outra trazia Leane.

— Elas não queriam vir — anunciou Beonin, exasperada. — Acreditam que elas

tiveram a audácia de tentar dizer que estavam ocupadas?

Leane tinha a expressão tão inescrutável quanto a de qualquer Aes Sedai, mas

Siuan disparava olhares irados para todas as presentes, sobretudo para Nynaeve.

Foi então que Nynaeve enfim compreendeu. Tudo se encaixou. A presença das

irmãs Amarelas. Sheriam e Myrelle acreditando nela, depois não

acreditando mais,

ameaçando-a, agredindo-a. Foi tudo de propósito, tudo para deixá-la com raiva

suficiente para que ela usasse sua Cura em Siuan e Leane, para que provasse seu

feito para as Amarelas. Não. Pelas expressões em seus rostos, aquelas mulheres

estavam ali para vê-la fracassar. Nynaeve não fez nenhum esforço para esconder o

puxão que deu na trança — inclusive puxou outra vez, caso alguém não tivesse visto

da primeira vez. Queria esbofetear *todas*. Queria dar a elas uma dose de um

preparado de ervas que, só com o cheiro, faria todas se sentarem no chão e chorarem

feito bebês. Queria arrancar o cabelo de todas e estrangulá-las com os fios, queria...

— Eu preciso mesmo aguentar essa baboseira? — rosnou Siuan. — Tenho coisas

importantes a fazer. Mesmo que eu só tivesse que cortar a cabeça de peixes, seria

mais imp...

— Ah, cale a boca — interrompeu Nynaeve, irritadiça.

Com um passo, tomou a cabeça de Siuan nas mãos, como se pretendesse quebrar

o pescoço da mulher. Tinha acreditado naquelas bobagens, até na história do barril!

Aquelas mulheres a manipularam e ela tinha caído direitinho!

Saidar preencheu-a, e Nynaeve canalizou como fizera com Logain, combinando

todos os Cinco Poderes. Desta vez sabia o que estava buscando, aquela sensação de

algo rompido que quase não parecia estar lá. Espírito e Fogo para remendar a fenda,

e...

Por um momento, Siuan só a encarou, impassível. Em seguida, o brilho de *saidar*

a envolveu. Murmúrios de surpresa tomaram a sala. Bem devagar, Siuan se inclinou

para a frente e deu um beijo em cada bochecha de Nynaeve. Uma lágrima escorreu

por seu rosto, depois outra, e, de repente, Siuan estava chorando, abraçando a si

mesma, trêmula. A aura reluzente ao seu redor se dissipou. Sheriam a envolveu em

um abraço reconfortante e também parecia prestes a chorar.

As demais presentes encaravam Nynaeve. O choque que substituíra toda aquela

serenidade de Aes Sedai foi muito satisfatório, e até mesmo a decepção em seus

rostos foi gratificante. Os olhos azul-claros de Shanelle pareciam prestes a saltar das

órbitas. Nisao ainda estava de queixo caído, até que a mulher notou que Nynaeve

estava olhando e tratou de fechar a boca.

— O que fez você pensar em usar Fogo? — indagou Dagdara em uma voz

estrangulada que pareceu extremamente aguda para uma mulher tão grande. — E

Terra? Você usou Terra. A Cura se faz com Espírito, Água e Ar.

Aquilo abriu as comportas, e ela foi inundada por perguntas vindas de todas as

presentes. Mas, na verdade, eram sempre as mesmas perguntas, apenas com palavras

diferentes.

— Não sei por quê — respondeu Nynaeve, quando encontrou uma brecha. — Só

me pareceu certo. Eu quase sempre uso tudo.

Aquilo que gerou uma rodada de broncas. A Cura se fazia com Espírito, Água e

Ar. Na Cura, era perigoso experimentar. Um erro poderia matar não só a Aes Sedai,

mas também o paciente. Nynaeve não respondeu, e as advertências logo cessaram,

abafadas entre olhares contrariados e saias amarrotadas. Além de não matar

ninguém, Nynaeve ainda Curara o que elas diziam que era impossível ser Curado.

Leane exibia um sorriso tão esperançoso que chegava quase a doer. Nynaeve se

aproximou dela, também abrindo um sorriso, mascarando a irritação ardente que

sentia por dentro. A Ajah Amarela e todo aquele suposto conhecimento sobre a

Cura. Quantas vezes ela não estivera disposta a implorar de joelhos para que elas lhe

ensinassem. Ora, entendia mais de Cura do que qualquer uma delas!

— Agora prestem bastante atenção, vocês não vão ter outra chance de ver como se

faz tão cedo.

Conforme canalizava, Nynaeve sentiu uma aproximação, mas ainda não sabia

dizer o que se aproximava. A Cura em Leane e Siuan era um pouco diferente da de

Logain. Bem, como vivia dizendo a si mesma, homens e mulheres *eram* diferentes.

Luz, ainda bem que isso funciona com elas tão bem quanto funcionou com ele!

Aquilo provocou algumas perguntas desagradáveis. E se certas coisas exigissem

Curas distintas em homens e mulheres? Talvez seu conhecimento não fosse mesmo

tão grande quanto o das Amarelas.

A reação de Leane foi diferente. Nada de lágrimas. A mulher abraçou *saidar*,

abriu um sorriso agradecido e soltou, apesar de o sorriso permanecer. Então agarrou

Nynaeve em um abraço, apertando até suas costelas estalarem.

— Obrigada, obrigada, obrigada — sussurrava, sem parar.

Um murmúrio despontou entre as Amarelas, e Nynaeve se preparou para se

deleitar com os elogios que receberia. Aceitaria as desculpas com elegância. Foi

quando ouviu o que as mulheres estavam falando:

— ... usou Fogo e Terra como se estivesse abrindo um buraco numa pedra —

comentou Dagdara em tom de reprovação.

— Um toque mais suave seria melhor — concordou Shanelle.

— ... ver se Fogo pode ser útil em problemas com o coração — ponderou Therva,

tamborilando o narigão.

Beldemaine, uma arafeliana rechonchuda com sininhos de prata no cabelo,

aquiesceu, pensativa, e completou: — ... se Terra fosse combinada com Ar assim,

então...

— Fogo tecido em Água...

— Terra misturada com Água...

Nynaeve ficou boquiaberta. As mulheres já tinham se esquecido dela! Achavam

que poderiam aprimorar a demonstração que tinham acabado de ver!

Myrelle deu um tapinha em seu braço.

— Você se saiu muito bem — murmurou. — Não se preocupe. Depois elas serão

só elogios. Agora ainda estão um pouco desconcertadas.

Nynaeve fungou alto com desdém, mas nenhuma das Amarelas pareceu notar.

— Espero que isso ao menos signifique que não preciso mais esfregar panelas.

Sheriam se virou para ela de repente, sobressaltada.

— Por que não precisaria, criança? Que ideia é essa? — A mulher ainda tinha o

braço em torno de Siuan, que, bastante envergonhada, enxugava os olhos com um

lenço rendado. — Se qualquer pessoa pudesse quebrar regras ao bel-prazer, fazer o

que bem entendesse, e escapar de punições só por fazer algo positivo para

compensar... o mundo seria um caos.

Nynaeve suspirou. Devia ter imaginado.

Afastando-se das outras Amarelas, Nisao pigarreou. Disparou a Nynaeve um

breve olhar que só poderia ser acusatório.

— Suponho que isso signifique que teremos que amansar Logain de novo. — Pelo

tom de voz, ela parecia querer fingir que nada daquilo acontecera.

Quando as presentes começaram a aquiescer, Carlinya se pronunciou, tão gélida

que o aposento pareceu ficar mais frio.

— Mas será que devemos? — Todos os olhos se voltaram para ela, que apenas

prosseguiu, muito calma e tranquila. — Temos que considerar as implicações éticas.

Como podemos apoiar um homem que é capaz de canalizar, um homem que está

tentando juntar outros homens com a mesma habilidade, e, ao mesmo tempo,

continuarmos agindo como antes, amansando os que encontramos? Na prática, que

efeito isso terá quando ele descobrir? Por mais aflitiva que seja a atual situação, ela

vai ajudá-lo a nos ver como um grupo dissociado da Torre e, mais importante, de

Elaida e da Ajah Vermelha. Se amansarmos um único homem que seja, podemos

perder essa diferenciação. Com isso, perdemos a chance de estabelecer nossa

influência sobre ele antes de Elaida.

Quando ela parou, o silêncio caiu como um manto sobre o ambiente.

Aes Sedai

trocaram olhares preocupados, e os olhares dirigidos a Nynaeve fizeram o de Nisao

parecer gentil. Irmãs tinham morrido na captura de Logain. E, mesmo que ele

estivesse blindado, Nynaeve o transformara em um problema de novo e ainda dera

um jeito de piorar a situação.

— Acho que você deveria ir — advertiu Sheriam, baixinho.

Nynaeve nem discutiu. Fez suas medidas o mais rápido possível e fez o possível

para não sair correndo.

Quando saiu, Elayne já estava se levantando da escadinha de pedra.

— Me desculpe, Nynaeve — pediu ela, esfregando a saia. — Eu estava tão

empolgada que deixei escapar tudo para Sheriam antes de me dar conta de que

Romanda e Delana estavam lá.

— Não importa — respondeu Nynaeve, com firmeza, começando a andar pela rua

lotada. — Elas ficariam sabendo mais cedo ou mais tarde. — Mas não era justo, não

era. *Eu fiz uma coisa que elas disseram que não podia ser feita e ainda tenho que*

esfregar panelas! — Elayne, não me importa o que você disser, temos que ir

embora. Carlinya estava falando de “estabelecer influência” sobre Rand. Esse

peçoal não é diferente da Elaida. Thom ou Juilin podem arranjar cavalos para nós, e

Birgitte pode ir pentear capim.

— Receio que já seja tarde demais — ponderou Elayne em tom infeliz.

— A

notícia já está se espalhando.

Vindas de direções opostas, Larissa Lyndel e Zenare Ghodar atacaram Nynaeve

feito dois falcões disputando uma lebre. Larissa era uma mulher ossuda cujo rosto

simples quase se sobrepunha à idade indefinida de Aes Sedai, e Zenare era um tanto

rechonchuda e com arrogância suficiente para fazer frente a duas rainhas, mas ambas

pareciam ávidas e ansiosas. Eram da Ajah Amarela, embora nenhuma das duas

estivesse presente quando Nynaeve Curou Siuan e Leane.

— Quero ver você fazer tudo de novo passo a passo — afirmou Larissa,

agarrando firme um de seus braços.

— Nynaeve! — exclamou Zenare, tomando o outro braço. — Se você repetir a

tessitura algumas vezes, aposto que vou descobrir umas cem coisas em que você

nunca pensou.

Salita Toranes, uma tairena quase tão escura quanto as pessoas do Povo do Mar,

pareceu surgir do nada.

— Vejo que foram mais rápidas. Bem, que minha alma queime se vou ficar

esperando na fila.

— Eu cheguei primeiro, Salita — advertiu Zenare, firme, apertando mais o braço

de Nynaeve.

— *Eu* cheguei primeiro — corrigiu Larissa, apertando também.

Nynaeve lançou um olhar de puro terror para Elayne, mas recebeu de volta apenas

um olhar de pena e um dar de ombros — era disso que a jovem estava falando

quando disse já ser tarde demais. Nynaeve não teria mais um instante de paz.

— ... com raiva? — ia dizendo Zenare. — Pois eu consigo pensar em cinquenta

coisas que a deixariam com raiva suficiente até para mastigar pedras.

— *Eu* consigo pensar em *cem* — interveio Larissa. — E *eu* pretendo quebrar esse

bloqueio dela, nem que seja a última coisa que eu faça.

Magla Daronos se enfiou entre o grupo abrindo caminho com os ombros, coisa

que tinha de sobra. Parecia alguém hábil no manejo da espada ou de um machado de

ferreiro.

— *Você* vai quebrar, Larissa? Rá! No caso, eu é que já pensei em várias maneiras

de acabar de uma vez com essa história.

Nynaeve só queria gritar.

* * *

Siuan tentou com todas as suas forças não abraçar e segurar *saidar*, pois achou que

fosse começar a chorar de novo, e isso seria inaceitável. Além de tudo, ficaria

parecendo uma noviça boba aos olhos das mulheres que se amontoavam em torno

dela na sala de espera. Cada expressão de fascínio e deleite, cada acolhida calorosa

como se ela tivesse passado anos longe era como um bálsamo, sobretudo daquelas

de quem já era amiga antes de se tornar Amyrlin, antes que o tempo e o dever as

afastassem. Lelaine e Delana a envolveram em abraços como não faziam havia

longos anos. Moiraine tinha sido sua única amiga mais próxima, a única além de

Leane que ela conseguira manter por perto depois de receber a estola, e o dever as

ajudara a permanecer juntas.

— É tão bom ter você de volta — disse Lelaine, risonha.

— Tão, tão bom — murmurou Delana, com uma voz calorosa.

Siuan gargalhou e teve que enxugar as lágrimas das bochechas. Luz, qual era o

problema dela? Não chorava assim desde criança!

Talvez fosse apenas alegria por recuperar *saidar*, por todas as reações calorosas ao

seu redor. Só a Luz sabia, mas aquilo era o bastante para abalar qualquer um. Nunca

ousara sonhar que aquele dia chegaria, mas, agora que tinha chegado, não guardava

rancor de nenhuma daquelas mulheres, perdoava a frieza da distância de antes, assim

como da insistência anterior para que Siuan jamais pensasse que era uma igual. A

divisão entre Aes Sedai e não Aes Sedai era clara — Siuan insistira nisso antes de

ser estancada, e não precisava dizer que tornaria a fazê-lo —, e ela sabia como antes

era preciso lidar com dureza com mulheres estancadas, para o próprio bem delas e

daquelas que ainda eram capazes de canalizar. Como antes. Era estranho se dar conta

de que aquilo jamais se repetiria.

De rabo de olho, Siuan avistou Gareth Bryne subindo a escada lateral do

apósito.

— Me deem licença um momentinho — disse, e foi correndo atrás dele.

Mesmo às pressas, precisou parar a cada dois passos para aceitar mais congratulações durante todo o caminho até a escada, de modo que só o alcançou

quando Bryne já estava em um corredor no segundo andar. Correu para ultrapassá-lo

e se plantou diante dele. O cabelo quase todo grisalho do homem estava assanhado

pelo vento, o rosto quadrado e o casaco de camurça desgastada estavam

empoeirados. Ele parecia tão sólido quanto uma pedra.

Bryne ergueu um maço de papéis e disse, tentando contorná-la:

— Tenho que entregar isto aqui, Siuan.

Ela se moveu para bloquear seu caminho.

— Eu fui Curada. Posso canalizar de novo.

Ele assentiu — só assentiu!

— Eu fiquei sabendo. Suponho que isso signifique que, de agora em diante, você

vai canalizar para limpar minhas camisas. Quem sabe agora elas fiquem limpas de

verdade. Já me arrependi de ter aberto mão de Min tão fácil.

Siuan o encarou. O homem não era bobo. Por que estava fingindo que não

entendia?

— Eu voltei a ser Aes Sedai. Você espera mesmo que uma Aes Sedai *lave as suas*

roupas?

Só para deixar bem claro, ela abraçou *saidar* — aquela doçura da qual sentia tanta

falta era tão maravilhosa que seu corpo chegou a estremecer —, envolveu-o em

fluxos de Ar e o suspendeu — ou melhor, tentou suspender. Pasma, abraçou mais,

tentou com mais força... até que a doçura a apunhalou feito mil anzóis. As botas do

homem sequer saíram do chão.

Era impossível. Tudo bem que suspender algo era uma das coisas mais difíceis de

se fazer ao canalizar, mas ela antes podia erguer quase três vezes o próprio peso.

— Era para eu ficar impressionado? — perguntou Bryne, com toda a calma. —

Sheriam e suas amigas me deram sua palavra, o Salão me deu sua palavra, e, mais

importante, você me deu a sua palavra, Siuan. Não deixaria você se safar com menos

do que me prometeu nem se você voltasse a ser a Amyrlin. Agora trate de desfazer o

que quer que tenha feito, senão, quando eu mesmo me soltar, vou lhe virar de cabeça

para baixo e lhe dar uns tapas no traseiro por ser tão infantil. É bem raro você ser

infantil, então não vá pensando que, a esta altura, vou deixar que você comece com

isso.

Quase aturdida, Siuan soltou a Fonte. Não fora por conta da ameaça dele — Bryne

cumpriria a ameaça, como já fizera outras vezes, embora não por esse motivo — e

nem pelo choque de não ter conseguido levantá-lo. Lágrimas pareciam brotar de

repente em seus olhos, e ela esperava que soltar *saidar* pudesse contê-las. Algumas,

contudo, continuaram a descer pelas bochechas, mesmo depois de ela piscar com

força.

Antes de Siuan se dar conta de que o homem se movera, Gareth já tomara a

cabeça dela entre as mãos.

— Luz, mulher, não vá me dizer que eu a assustei. Achava que você não teria

medo nem se fosse largada numa cova com um bando de leopardos.

— Eu não estou com medo — retrucou ela, firme.

Bom. Ainda conseguia mentir. Por dentro, as lágrimas brotavam.

— Temos que encontrar um jeito de parar de atacar um ao outro o tempo todo —

ponderou ele, em voz baixa.

— Não temos por que dar um jeito em nada. — As lágrimas estavam vindo.

Estavam vindo. Ah, Luz, ele não podia ver. — Só me deixe em paz, por favor. Por

favor, apenas suma.

Para sua surpresa, ele hesitou apenas por um momento antes de fazer o que ela

pediu.

Ouvindo os passos de Bryne atrás de si, Siuan só conseguiu virar o corredor

transversal antes que a represa arrebetasse e ela caísse de joelhos, debulhando-se

em lágrimas. Àquela altura, já sabia o motivo. Alric, seu Guardião — seu Guardião

morto, assassinado quando Elaida a depôs. Consequia mentir — os Três Juramentos

tinham mesmo sido desfeitos —, mas alguma parte do elo com Alric, um elo de

carne com carne e mente com mente, voltara. A dor da morte dele, antes mascarada

pelo choque de descobrir as intenções de Elaida e depois enterrada com o

estancamento... aquela dor a tomou por completo. Encolhida junto à parede, aos

prantos, seu único consolo era Gareth não estar ali. *Não tenho tempo para o amor,*

que o queime!

Pensar aquilo foi como levar um balde de água fria no rosto. A dor permaneceu,

mas as lágrimas cessaram, e ela conseguiu se levantar com certo esforço. Amor?

Aquilo era tão impossível quanto... quanto... Siuan não conseguia pensar em nada

tão impossível. Aquele homem era impossível!

De repente, percebeu que Leane estava ali, parada, a menos de duas passadas de

distância, observando-a. Ergueu a mão para limpar as lágrimas do rosto, mas

desistiu. Não havia nada além de compaixão no rosto da amiga.

— Como você lidou com a... morte de Anjen, Leane? — Já fazia quinze anos.

— Eu chorei — respondeu Leane. — Passei um mês me segurando durante o dia e

gastando a noite inteira chorando encolhida na minha cama. Depois de já ter

transformado os lençóis em farrapos. Por outros três meses, as lágrimas brotavam

sem mais nem menos. Só parou de doer mais de um ano depois. Por isso que nunca

mais criei nenhum elo. Achava que não suportaria passar por tudo aquilo de novo.

Mas passa, Siuan. — Ela conseguiu abrir um sorriso travesso. — Hoje em dia acho

que já daria conta de dois ou três Guardiões, se não quatro.

Siuan assentiu. Poderia chorar à noite. Quanto ao maldito Gareth Bryne... Não

havia nada. Não havia!

— Acha que elas já estão prontas? — Lá embaixo, só tinham conseguido alguns

momentos para conversar. Aquele anzol precisava ser posicionado rápido, ou não

seria nem lançado.

— Talvez. Não tive muito tempo. E tive que tomar cuidado. — Leane hesitou. —

Tem certeza de que quer continuar com isso, Siuan? Vai mudar tudo para o que

trabalhamos tão de repente e... eu não sou tão forte quanto antes, Siuan, nem você.

A maior parte das mulheres aqui consegue canalizar mais que nós duas. Luz, acho

que até algumas Aceitas conseguiriam, sem contar Elayne ou Nynaeve.

— Eu sei — ponderou Siuan. Precisava correr o risco. O outro plano não passara

de um paliativo por conta de não ser mais Aes Sedai. Agora que voltara a ser... bem,

fora deposta com pouco ou quase nenhum respeito às leis da Torre. Se voltara a ser

Aes Sedai, por que não poderia ser Amyrlin de novo?

Ela endireitou os ombros e partiu lá para baixo, para enfrentar o Salão.

* * *

Deitada de camisola, Elayne conteve um bocejo e continuou a esfregar o creme que

recebera de Leane. A mistura pareceu surtir algum efeito — ao menos achava que as

mãos estavam mais macias. Uma brisa noturna entrava pela janela, fazendo

bruxulear a vela solitária; ainda assim as lufadas de ar só serviam, se muito, para

esquentar ainda mais o quarto.

Nynaeve entrou cambaleante, bateu a porta e se jogou na cama, de onde encarou

Elayne.

— Magla é a mulher mais baixa, odiosa e *desprezível* do mundo todo —

resmungou. — Não, essa é Larissa. Ou melhor, Romanda.

— Então quer dizer que elas conseguiram deixá-la com raiva suficiente para

canalizar. — Nynaeve grunhiu, fazendo a expressão mais irritada e maligna que

conseguia, e Elayne tratou de mudar de assunto. — Teve que fazer a demonstração

para quantas delas? Achei que você fosse conseguir voltar bem mais cedo. Eu

procurei por você no jantar, mas não a vi em lugar nenhum.

— Jantei um pãozinho — resmungou Nynaeve. — Um pãozinho! Tive que

demonstrar para todas elas, até a última Amarela aqui de Salidar. Só que aquelas

mulheres nunca ficam satisfeitas. Agora querem falar comigo uma de cada vez. Até

montaram um esquema de revezamento! Amanhã de manhã é Larissa, e isso antes

mesmo do café da manhã! Depois vem Zenare, depois... Ah, e elas não paravam de

trocar ideias sobre como me irritar, falando como se eu nem estivesse presente! —

Ela ergueu a cabeça, antes apoiada na colcha. Parecia ansiosa. —
Estão competindo

para ver quem consegue quebrar meu bloqueio, Elayne. Parecem
moleques tentando

agarrar o porco ensebado no dia do festival. E eu sou o porco!

Com um bocejo, Elayne passou para ela o pote de creme para as mãos.
Instantes

depois, Nynaeve se virou na cama e começou a esfregar o unguento
nas palmas —

mesmo com todos os novos compromissos, continuava tendo que
gastar um bom

tempo com as panelas.

— Olha, peço desculpas por não ter feito como você queria naquele
dia, Nynaeve.

Poderíamos ter tecido disfarces como os de Moghedien e fugido no
meio do dia sem

que ninguém percebesse... — De repente, Nynaeve parou de esfregar
as mãos. — O

que foi?

— Eu não tinha pensado nisso. Nunca nem *pensei* nisso!

— Não? Eu achei que tivesse. Você é que aprendeu a tessitura
primeiro.

— Tonto nem pensar nas coisas que não podemos compartilhar com as
irmãs. —

A voz de Nynaeve soava insípida feito gelo, além de quase tão fria e
dura quanto. —

Bem, tarde demais. Estou tão cansada que não conseguiria canalizar
nem mesmo se

você tacasse fogo no meu cabelo. E acho que vou passar o resto da
minha vida

cansada, no que depender dessas mulheres. Elas só me liberaram hoje à noite porque

não consegui agarrar *saidar* nem quando Nisao... — Nynaeve estremeceu e voltou a

esfregar as mãos, espalhando o creme.

Elayne deixou escapar um suspiro contido. Quase se atrapalhara com as palavras.

Também estava cansada. Admitir que estivera errado sempre fazia o outro se sentir

um pouco melhor, mas não fora sua intenção sugerir usarem *saidar* para criar algum

disfarce — inclusive, era o que temia que Nynaeve fosse sugerir. Ali, ao menos,

poderiam ficar de olho nas Aes Sedai de Salidar e talvez conseguissem passar

informações a Rand através de Egwene, quando ela enfim voltasse a visitar

Tel'aran'rhiod. Na pior das hipóteses, ainda tinham um mínimo de influência

através de Siuan e Leane.

Como se convocadas pelos pensamentos de Elayne, a porta se abriu e as duas

entraram no quarto. Leane trazia uma bandeja de madeira com pão e uma tigela de

sopa, além de uma xícara de cerâmica vermelha e um jarro branco vitrificado. Havia

até um ramalhete fresco em um vasinho azul.

— Siuan e eu achamos que você talvez estivesse com fome, Nynaeve. Disseram

que as Amarelas abusaram de você.

Elayne não sabia ao certo se devia se levantar. Eram só Siuan e Leane, mas as

duas agora eram Aes Sedai de novo — ou ao menos ela achava que fossem. As

recém-chegadas resolveram o impasse ao se sentarem: Siuan se acomodou no pé da

cama de Elayne, e Leane, na de Nynaeve, que encarou as duas com desconfiança

antes de se sentar, as costas coladas na parede e a bandeja apoiada nos joelhos.

— Ouvi rumores de que você se apresentou ao Salão, Siuan — comentou Elayne,

hesitante. — Deveríamos ter feito medidas?

— Quer saber se voltamos a ser Aes Sedai, garota? Sim. Elas bateram boca feito

um monte de vendedoras de peixe na feira, mas pelo menos concordaram com isso.

Siuan trocou olhares com Leane, e suas bochechas adquiriram um leve tom

rosado. Elayne suspeitou de que jamais descobriria com o que as Votantes não

tinham concordado.

— Myrelle teve a gentileza de ir atrás de mim para contar — explicou Leane,

cortando o breve silêncio. — Acho que vou escolher a Verde.

Nynaeve se engasgou com a colherada de sopa.

— Como assim? Dá para mudar de Ajahs?

— Não, não dá — respondeu Siuan. — Mas o Salão decidiu que, apesar de ainda

sermos Aes Sedai, passamos um tempo sem ser. E, como elas insistem

em dizer que

toda aquela baboseira de deposição foi legal, todos os nossos antigos laços, elos,

associações e títulos já não têm mais valor — explicou, a voz tão áspera que serviria

como lixa de madeira. — Amanhã vou falar com as Azuis para ver se me aceitam de

volta. Nunca ouvi falar de uma Ajah que rejeitasse alguém. Tudo bem que uma

Aceita, quando é elevada, já foi abraçada pela Ajah certa, mesmo que não perceba

que seus passos estão sendo guiados. Bem, pelo jeito como estão conduzindo essas

questões, eu não ficaria surpresa se as Azuis batessem a porta na minha cara.

— E *como* as questões estão sendo conduzidas? — indagou Elayne. Tinha alguma

coisa errada. Siuan era de intimidar, espicaçar e torcer o braço das pessoas com

quem queria resolver algum assunto, não de trazer sopa, sentar ao pé da cama e bater

papo como boas amigas. — Achei que tudo estivesse caminhando tão bem quanto se

poderia esperar.

Nynaeve a encarou com um olhar ao mesmo tempo incrédulo e abatido. Bem, a

amiga com certeza sabia o que Elayne quis dizer.

Siuan se virou para encará-la, mas não deixou Nynaeve de lado.

— Passei na casa de Logain. Tem seis irmãs mantendo a blindagem, igual a

quando o capturaram. Ele tentou se libertar quando descobriu que já sabíamos que

ele tinha sido mesmo Curado, e as irmãs de lá disseram que ele teria conseguido se

fossem apenas cinco mantendo a barreira. Ou seja, o homem está tão forte quanto

antes, ou com a força tão parecida que quase não faz diferença. Eu, não. Nem Siuan.

Quero que você tente de novo, Nynaeve.

— Eu sabia! — Nynaeve arremessou a colher de volta para a bandeja.
— Sabia

que vocês queriam alguma coisa! Bem, estou cansada demais para canalizar, e,

mesmo se não estivesse, não adiantaria de nada. Não se pode Curar o que já foi

Curado. Agora caiam fora e levem essa sopa nojenta com vocês!

Restava menos da metade da sopa nojenta, e a tigela era bem grande.

— Eu sei que não vai funcionar! — retrucou Siuan, irritada. — Hoje de manhã eu

também sabia que era impossível Curar um estancamento!

— Espere um pouco, Siuan — interrompeu Leane. — Nynaeve, você entende o

que estamos arriscando, vindo aqui juntas? Isto aqui não é um quarto escondido num

beco, com aquela sua amiga arqueira montando guarda. Tem mulheres pela casa

toda, mulheres com olhos para ver e bocas para falar. Se descobrirem que Siuan e eu

estamos fazendo esse joguinho com todo mundo, mesmo que só descubram daqui a

dez anos... bem, basta dizer que Aes Sedai também podem ser punidas e que é

muito provável acabarmos numa fazenda capinando repolhos até muito depois de

nosso cabelo ficar branco. Viemos aqui pelo que você fez por nós, queremos

recomeçar do zero.

— Por que não procuraram uma das Amarelas? — questionou Elayne.
— A esta

altura, a maioria já deve saber tanto quanto Nynaeve.

A amiga a encarou, indignada, por cima da colherada de sopa. Não estava

nojenta?

Siuana e Leane se entreolharam, até que a antiga Amyrlin confessou, relutante:

— Se falarmos com alguma irmã, mais cedo ou mais tarde todo mundo vai acabar

sabendo. Se Nynaeve nos ajudar, pode ser que alguma das irmãs que conseguiu nos

analisar hoje ache que cometeu um erro. Supostamente as irmãs são todas iguais, e já

houve uma ou outra Amyrlin que quase não conseguia canalizar o suficiente para

ganhar a estola. Ainda assim, segundo costume, exceto nos casos envolvendo um

título como o de Amyrlin ou de líder de uma Ajah, se uma irmã é mais forte com o

Poder, espera-se que a mais fraca fique fora de seu caminho.

— Não entendo — comentou Elayne. Era uma bela aula sobre as políticas internas

da Torre. Aquela hierarquia fazia sentido, mas devia ser um dos aspectos da vida na

Torre que só se aprendia vivendo como Aes Sedai. De um jeito ou de outro, já

encontrara muitos indícios de que o verdadeiro aprendizado só começava depois de

se adquirir o xale. — Se Nynaeve conseguir Curar vocês de novo, vocês ficarão mais

fortes?

Leane balançou a cabeça.

— Ninguém nunca foi Curado de um estancamento. Talvez as outras passem a

encarar esse retorno ao Poder como encaram as bravias, que acabam em um status

um pouco mais baixo do que teriam considerando-se apenas a força no Poder.

Talvez ter sido mais fraca agora valha de alguma coisa. Bem, se Nynaeve não

conseguiu nos Curar por completo da primeira vez, talvez agora consiga nos levar a

dois terços do que éramos, ou quem sabe à metade. Até isso seria melhor do que o

que temos agora, mas mesmo assim muitas irmãs aqui ainda seriam tão fortes quanto

ficaríamos, e boa parte seria ainda mais forte.

Elayne a encarou, ainda mais confusa. Nynaeve parecia ter levado uma paulada na

cara.

— Tudo entra na conta — explicou Siuan. — Quem aprendeu mais rápido, quem

passou menos tempo como noviça e Aceita... Há nuances de todos os tipos. Não se

pode afirmar a força de ninguém com muita precisão. Duas mulheres podem parecer

igualmente fortes, e talvez até sejam, mas só se poderia afirmar com certeza se

houvesse um duelo, e estamos acima disso, pela graça da Luz. Se Nynaeve não nos

devolver toda a nossa força, corremos o risco de acabar bem abaixo na hierarquia.

Leane voltou a falar.

— A hierarquia não deveria ditar mais do que as regras da vida cotidiana, mas

dita. O conselho de alguém em uma posição mais alta tem mais peso. Isso não

importava enquanto estávamos estancadas, já que não ocupávamos posição

nenhuma, e as irmãs consideravam o que dizíamos apenas pelo mérito do

argumento. Só que não vai mais ser assim.

— Entendo — retrucou Elayne, hesitante. Não era de surpreender que muitos

acreditavam que as Aes Sedai tinham inventado o Jogo das Casas! Elas faziam o

Daes Dae'mar parecer simples.

— É um consolo ver que eu ter Curado vocês lhes trouxe ainda mais problemas

do que a mim mesma — resmungou Nynaeve. Ela encarou o fundo da tigela, soltou

um suspiro e esfregou o último naco de pão no restinho da sopa.

Siuan fechou a cara, mas conseguiu manter a voz equilibrada.

— Entenda, estamos aqui nos abrindo com você. E não é só para convencê-la a

tentar nos Curar de novo. Você me devolveu... minha vida. É isso. Eu já tinha

conseguido me convencer de que ainda estava viva, mas parecia era que eu estava

morta, se comparado com a vida com o Poder. Então vamos fazer o que Leane

sugeriu e recomeçar do zero. Como amigas, se vocês me aceitarem. Se não, ao

menos como tripulantes do mesmo barco.

— Amigas — rebateu Elayne. — Amigas soa bem melhor.

Leane abriu um sorriso para ela, mas a antiga Curadora e Siuan logo voltaram a

atenção para Nynaeve, que apenas olhou de uma para outra.

— Se Elayne pode fazer uma pergunta, então eu também tenho esse direito. O que

Sheriam e as outras descobriram com as Sábias, noite passada? E não venha me

dizer que não sabe, Siuan. Até onde eu sei, sempre que elas formulam uma ideia,

você descobre exatamente qual foi menos de uma hora depois.

Siuan cerrou o maxilar, teimosa, assumindo um brilho intimidador naqueles olhos

azul-escuros. De repente, ela soltou um gritinho e se curvou para esfregar o

tornozelo.

— Conte — mandou Leane, ajeitando a perna que acabara de estender para chutar

a amiga. — Ou você conta ou conto eu. E fale tudo, Siuan.

A mulher cravou os olhos em Leane e inspirou, irritada, tão fundo que Elayne

achou que ela fosse explodir. Então pousou os olhos em Nynaeve e suavizou a

expressão. As palavras saíram meio arrastadas, mas saíram:

— A missão diplomática de Elaida chegou a Cairhien. Rand se encontrou com

elas, mas parece estar tentando ganhar tempo. Ao menos é o que esperamos que ele

esteja fazendo. Sheriam e as outras estão muito satisfeitas porque, para variar,

conseguiram não bancar as tolas diante das Sábias. E Egwene irá à próxima reunião.

Por algum motivo, aquela última informação foi a que pareceu sair com mais

relutância.

Nynaeve se animou, sentando-se mais ereta.

— Egwene? Maravilha! Ah, então desta vez elas não fizeram papel de tolas... Eu

já tinha imaginado, já que não vieram nos arrastar para mais uma aula. — Ela

estreitou os olhos para Siuan, mas até seu olhar desconfiado parecia animado. — O

mesmo barco, é? E quem é a capitã?

— Eu, sua mulherzinha miserável... — Leane pigarreou, e Siuan parou e respirou

fundo. Então continuou, mais calma: — Bem, que tal uma capitania conjunta?

Responsabilidades iguais. — Então acrescentou, quando Nynaeve

começou a abrir

um sorriso: — Mas alguém precisa manejar o leme, e serei *eu*.

— Tudo bem — concordou Nynaeve, depois de uma longa pausa. Então, após um

momento de hesitação, remexendo a colher, ela perguntou, com uma voz tão casual

que Elayne quase jogou as mãos para o alto, desistindo das negociações: — Alguma

chance de vocês talvez me... nos ajudarem... nos tirarem das cozinhas? — Os rostos

das duas não pareciam muito mais velhos do que o de Nynaeve, mas ambas tinham

sido Aes Sedai por longos anos, e seus olhos ainda se lembravam de como dar

aquele olhar impassível de Aes Sedai. Nynaeve conseguiu encará-las com uma

expressão mais tranquila do que Elayne teria conseguido, deixando transparecer

apenas uma leve inquietação. Ainda assim, não foi nenhuma surpresa quando ela

murmurou: — Bem, imaginei que não.

— Temos que ir — anunciou Siuan, já se levantando. — Acho que Leane

subestimou o risco que corremos em sermos descobertas. Nós acabaríamos sendo as

primeiras Aes Sedai a ter o couro arrancado em público, e já fui a primeira em coisas

demais na vida.

Para a surpresa de Elayne, Leane se curvou para abraçá-la, sussurrando:

— Amigas.

Ela retribuiu o abraço e a declaração com o mesmo calor.

Leane também abraçou Nynaeve, murmurando palavras que Elayne não

conseguiu entender, e Sivan também as abraçou, resmungando um agradecimento

relutante.

Pelo menos foi o que ela interpretou da situação, mas assim que as duas saíram,

Nynaeve comentou:

— Nossa, Elayne, Sivan estava quase chorando. Talvez tenha sido mesmo sincera.

Acho que eu deveria tentar ser mais gentil com ela. — Um suspiro que logo se

transformou em bocejo a fez pausar por um momento, então: — Ainda mais agora

que ela voltou a ser Aes Sedai.

Dizendo isso, Nynaeve dormiu ali mesmo, como estava, com a bandeja ainda

apoiada nos joelhos.

Abafando um bocejo com o dorso da mão, Elayne se levantou para guardar a

bandeja debaixo da cama de Nynaeve. Demorou para conseguir tirar o vestido da

amiga e acomodá-la na cama em uma posição mais confortável, mas nem assim a

outra mulher acordou. Depois que apagou a vela e se acomodou, abraçando o

travesseiro, ainda ficou um tempo deitada sem dormir, encarando a escuridão,

pensativa. Rand estava tentando dar conta de um grupo de Aes Sedai enviadas por

Elaida? Ah, aquelas mulheres iam comê-lo vivo. Quase queria ter sido capaz de

considerar aceitar a sugestão de Nynaeve, quando aquela ideia maluca ainda tinha

alguma chance de êxito. Com o que aprendera com a mãe — mais os conhecimentos

que adquirira com Thom —, sabia que se estivesse ao lado de Rand poderia guiá-lo

por quaisquer armadilhas que aquelas mulheres preparassem, e ele sempre lhe daria

ouvidos. E se estivesse lá também poderia criar um elo com ele. Não precisara

esperar até usar o xale para criar um elo com Birgitte, por que teria que esperar para

tornar Rand seu Guardião?

Ela se remexeu, inquieta, e se aconchegou ainda mais no travesseiro. Rand teria

que ficar para depois. Ele estava em Caemlyn, não em Salidar, mas... Siuan não

tinha dito que ele estava em Cairhien. Como...?

Estava cansada demais, e o pensamento se esvaiu. Siuan... Siuan ainda estava

escondendo alguma coisa. Tinha certeza.

O sono chegou, e, com ele, veio um sonho: estava em um barco, com Leane

sentada na proa flertando com um sujeito que parecia mudar de rosto a cada vez que

Elayne olhava. Na popa, Siuan e Nynaeve brigavam, cada uma tentando virar o leme

para um lado. A disputa continuou até Elayne se levantar e assumir o comando. Um

motim era justificado quando a capitã guardava segredos demais.

Siuan e Leane voltaram na manhã seguinte, antes mesmo de Nynaeve abrir os

olhos, o que foi mais que o bastante para deixá-la com raiva suficiente para

canalizar. Porém o esforço de nada adiantou: não havia como Curar o que já tinha

sido Curado.

* * *

— Farei o possível, Siuan — respondeu Delana, inclinando-se para a frente para dar

um tapinha amigável em seu braço. As duas estavam sozinhas na sala de estar, e as

xícaras de chá na mesinha entre elas permaneciam intocadas.

Siuan suspirou, parecendo desolada — bem, como mais poderia estar, depois da

forma como se comportara diante do Salão? A luz do começo da manhã entrava

pelas janelas, e Delana pensou no desjejum que ainda não tomara. Aquela era Siuan,

afinal. Era uma situação desconcertante, e Delana não gostava nada de ficar

desconcertada. Passara muito tempo se esforçando para não reconhecer sua velha

amiga no rosto daquela mulher — o que não era muito difícil, já que a mulher em

questão não se parecia em nada com a Siuan Sanche de que Delana se lembrava,

mesmo depois de tantos anos de amizade. O primeiro choque viera logo que Siuan

reapareceu, ainda que em uma forma mais jovem e bonita. O segundo foi encontrar

Siuan à sua porta com o sol ainda por nascer, querendo sua ajuda. Siuan nunca pedia

ajuda. Então veio o maior choque de todos, que se renovava toda vez que ela

encontrava Siuan desde que aquela mulher al'Meara realizara o tal milagre: Delana

agora era mais forte que Siuan. Bem mais. Sempre fora o contrário. Siuan assumira a

dianteira quando as duas ainda eram noviças, antes até de passarem a Aceitas. Bem,

ainda assim, aquela *era* Siuan, e parecia bem cabisbaixa, coisa que Delana não se

lembrava de já ter visto. Siuan até podia ficar chateada, mas nunca deixava

transparecer. Era uma tristeza não poder fazer mais pela mulher com quem roubara

bolinhos e que, mais de uma vez, levara a culpa por brincadeiras em que ambas

estavam envolvidas.

— Siuan, eu posso fazer pelo menos o seguinte: Romanda ficaria mais do que

feliz se aqueles *ter'angreal* dos sonhos acabassem sob os cuidados do Salão. Ela não

tem influência com um número suficiente de Votantes para garantir isso, mas se

Sheriam pensar que ela tem, se achar que você usou a sua influência junto a mim e a

Lelaine para impedir isso de acontecer... ora, ela não vai ter como recusar sua

proposta. Sei que Lelaine vai concordar. Apesar de eu não conseguir imaginar por

que você quer se encontrar com aquelas Aiel. Romanda fica sorrindo feito uma gata

presa num pombal quando Sheriam volta daquelas reuniões e fica por aí batendo o

pé, muito mal-humorada. Você, com esse seu temperamento, vai acabar quebrando

alguma coisa de tanta raiva.

Que mudança. Em outros tempos, Delana não teria nem cogitado mencionar o

temperamento de Siuan, mas agora o fazia sem nem pestanejar.

O semblante cabisbaixo de Siuan deu lugar a um sorriso.

— Ah, eu tinha esperanças de que você fosse ajudar com algo do tipo. Vou falar

com Lelaine. E com Janya, acho que ela também ajudaria. Mas você precisa garantir

que Romanda não leve isso adiante. Pelo pouco que sei, Sheriam já tem ao menos

uma noção de como lidar com essas Aiel, e Romanda teria que começar do zero.

Claro que isso talvez não seja importante para o Salão, mas eu preferiria não ter

minha primeira interação com elas quando todo mundo já estivesse com um anzol

nas guelras.

Delana reprimiu um sorriso ao levar Siuan até a porta e dar um abraço na amiga.

Sim, era muito importante para o Salão manter uma relação pacífica com as Sábias,

embora Siuan não tivesse como saber daquilo. Antes de entrar de volta, ficou um

tempo ali, parada, assistindo enquanto Siuan seguia apressada pela rua. Ao que tudo

indicava, ela é que teria que proteger a amiga, a partir de agora. Esperava se sair tão

bem no papel quanto Siuan.

O chá ainda estava morno, então decidiu mandar Miesa, sua serviçal, ir buscar

alguns pãozinhos e frutas. Quando ouviu uma batidinha tímida na porta da sala,

ficou surpresa em ver não Miesa, e sim Lucilde, uma das noviças que tinham trazido

da Torre.

A garota magricela baixou o corpo depressa em uma mesura nervosa. Bem,

Lucilde sempre estava nervosa.

— Delana Sedai? Chegou uma mulher hoje de manhã, e Anaiya Sedai disse que

era para eu trazer a visita aqui até você? O nome dela é Halima Saranov? Ela diz que

conhece a senhora? — anunciou a garota, sempre hesitante.

Delana abriu a boca para responder que nunca tinha ouvido falar de nenhuma

Halima Saranov, mas ficou quieta quando uma mulher surgiu à porta. Não conseguiu

evitar encará-la. A mulher conseguia ser ao mesmo tempo esbelta e curvilínea,

trajando um vestido de montaria cinza ridiculamente decotado, o cabelo negro

comprido e brilhante emoldurando o rosto e os olhos verdes que decerto deixavam

boquiabertos todos os homens que os encarassem. Claro que não foi por isso que

Delana ficou surpresa ao encará-la. A mulher estava com as mãos soltas de cada lado

do corpo, mas com os polegares bem presos entre o indicador e o médio. Delana

nunca imaginou que veria uma mulher que não usasse o xale fazendo aquele sinal, e

aquela Halima Saranov não tinha capacidade de canalizar — sabia disso, estava

perto o bastante para ter certeza.

— Ah, sim — respondeu Delana —, eu me lembro, sim. Pode ir, Lucilde. E,

criança, tente se lembrar de que nem toda frase é uma pergunta.

A noviça baixou o corpo depressa, em uma medida tão rápida e profunda que

quase caiu. Em outras circunstâncias, Delana teria suspirado. Nunca se saía bem com

as noviças, mesmo sem entender por quê.

Quase antes de a garota sair, Halima foi rebolando até a cadeira em que pouco

antes estivera Siuan e se sentou sem esperar convite. A mulher apanhou uma das

xícaras intocadas, cruzou as pernas e bebericou o chá, encarando-a.

Delana devolveu um olhar firme.

— Quem você pensa que é, mulher? Não importa quão importante

você pensa que

é, ninguém está acima de uma Aes Sedai. E onde foi que aprendeu aquele sinal?

Seu olhar sério não surtiu efeito — devia ser a primeira vez em sua vida que

aquilo acontecia.

Halima respondeu com um sorriso zombeteiro.

— Você acha mesmo que os segredos da... Ajah *mais escura*, por assim dizer, são

assim tão secretos? E quanto à sua posição como Aes Sedai... ora, você sabe muito

bem que se um mendigo lhe fizesse os sinais apropriados, você daria um pinote e

obedeceria sem pestanejar. A minha história é que, por um tempo, fui companheira

de viagem de uma mulher chamada Cabriana Mecandes, uma irmã Azul. Por

infortúnio, Cabriana veio a falecer ao cair do cavalo, e depois disso o Guardião dela

simplesmente se recusou a sair da cama ou a comer. Ele também acabou morrendo.

— Halima abriu um sorriso gentil, como se perguntasse se Delana estava

acompanhando. — Cabriana e eu conversamos muito antes de ela morrer, e foi

assim que fiquei sabendo de Salidar. Ela também me contou diversas coisas que

tinha descoberto acerca dos planos da Torre Branca para vocês, aqui, e para o

Dragão Renascido.

Ela abriu outro sorriso, um rápido lampejo de dentes brancos, e voltou a bebericar

o chá, observando Delana com atenção.

Delana nunca fora mulher de desistir fácil; já coagira reis a estabelecer acordos de

paz quando queriam guerra e arrastara rainhas pela nuca para assinar tratados que

precisavam ser assinados. Era verdade que teria obedecido ao tal mendigo

hipotético, caso ele fizesse os sinais adequados e dissesse as palavras certas. Mas a

posição das mãos de Halima, mais cedo, a identificaram como pertencente à Ajah

Negra, o que via agora, com toda certeza, que a mulher não era. Talvez achasse que

aquela fosse a única maneira de convencer Delana a recebê-la para uma conversa, ou

podia ser que também quisesse demonstrar seu conhecimento proibido. Delana não

gostava nada dessa Halima.

— E imagino que você esteja querendo que eu faça o Salão acreditar na

veracidade dessas suas informações? — rebateu, áspera. — Não deve ser problema,

supondo que você saiba o suficiente sobre Cabriana para sustentar essa história.

Nisso não tenho como ajudar, já que só encontrei a mulher duas vezes na vida, no

máximo. E imagino que a chance de ela reaparecer e estragar a sua história é nula.

Certo?

— Exatamente. — Outra vez aquele sorriso rápido e zombeteiro. — E eu poderia

relatar a vida inteira de Cabriana, sei coisas até de que ela já tinha esquecido.

Delana apenas assentiu. Matar uma irmã era sempre lamentável, mas a pessoa

precisava fazer o que tinha que ser feito.

— Então não vai haver problema. O Salão vai recebê-la como convidada, e posso

me certificar de que as Votantes vão ouvir sua história.

— Convidada não era bem o que eu estava imaginando. Estou pensando em algo

mais permanente... Sua secretária, por exemplo. Ou, melhor ainda, sua

companheira. Preciso me assegurar de que esse Salão será guiado com mão firme. E,

além dessa história de Cabriana, de tempos em tempos trarei instruções para você.

— Ora, você me escute bem! Eu...!

Halima a interrompeu. Nem precisou levantar a voz.

— Disseram que eu deveria mencionar um nome quando a encontrasse. Um nome

que eu às vezes uso. Aran'gar.

A Aes Sedai se deixou cair na cadeira. Aquele nome já aparecera em seus sonhos.

Pela primeira vez em anos, Delana Mosalaine estava com medo.



CAPÍTULO 31

LACRE DE CERA VERMELHA

Eamon Valda avançava aos poucos pelas ruas lotadas, os passos do capão negro

abafados pelo barulho da multidão de Amador. O suor brotava de cada poro,

intensificado pelo calor da armadura e da placa peitoral. Os metais haviam sido

polidos à perfeição e reluziam mesmo sob a camada de poeira. O calor só aumentava

com o manto branco feito a neve estirado sobre a anca larga do cavalo musculoso.

Ainda assim, Eamon era tão bom em esconder o incômodo que quem o visse

pensaria que aquele era um agradável dia de primavera. Ele se esforçava ao máximo

para ignorar as mulheres e os homens sujos que pediam esmola na rua — havia até

mesmo crianças —, todos com rostos desolados e roupas desgastadas pela viagem.

Até ali havia mendigos. Até ali.

Pela primeira vez na vida, não sentiu seu humor melhorar ante a visão majestosa

das grandes muralhas de pedra da Fortaleza da Luz, uma construção inexpugnável

cheia de torres e estandartes, o bastião da verdade e da retidão. Desmontou no pátio

principal e jogou as rédeas para um Filho, vociferando algumas instruções de como

o sujeito deveria cuidar do animal. O rapaz sabia o que fazer, claro, mas Valda

precisava descontar a raiva em alguém. Havia homens de manto branco andando

apressados por toda parte, todos parecendo muito enérgicos e ativos, apesar do calor

intenso. Eamon torcia para que aquela prontidão para resolver as coisas fosse além

das aparências.

O jovem Dain Bornhald veio correndo pelo pátio, apertando o punho contra o

peitoral em uma saudação animada.

— Que a Luz o ilumine, Milorde Capitão. Fez boa viagem de Tar Valon, espero?

— Ele estava com os olhos vermelhos e fedia a conhaque. Não havia desculpa para o

sujeito estar bebendo durante o dia.

— A viagem pelo menos foi rápida — grunhiu Valda, descalçando as luvas e

enfiando-as no cinturão da espada.

A resposta atravessada não fora motivada pelo cheiro de conhaque,

embora fosse

repreender o rapaz por conta daquilo. A jornada de fato fora rápida, considerando a

distância. Recompensaria a legião com uma noite na cidade assim que os homens

acabassem de montar o acampamento ali nos arredores de Amador. A jornada fora

rápida, mas ele não estava nada satisfeito com as ordens que o convocaram de volta

justo quando uma forte ofensiva poderia ter tombado a Torre, já frágil, e deixado as

bruxas enterradas sob os escombros. Ele e seus homens tinham viajado a um passo

impressionante, mesmo que cada dia tivesse sido pontuado por notícias ainda piores

que as anteriores. Al'Thor em Caemlyn. Não importava que o homem fosse um

Dragão falso ou o verdadeiro: era um homem capaz de canalizar, e essa capacidade

só existia em Amigos das Trevas. Uma turba de Devotos do Dragão em Altara.

Aquele tal de Profeta arrastando sua rale por Ghealdan e pela própria Amadícia.

Ao menos conseguira matar parte daquela escória, embora fosse difícil enfrentar

inimigos que estavam mais dispostos a bater em retirada e se misturar à multidão do

que a lutar, gente que conseguia se esconder entre os malditos refugiados, uma turba

de errantes desmiolados que pareciam pensar que al'Thor acabara com toda a ordem

do mundo. Ah, mas ele encontrara uma solução para aquele desastre, ainda que não

tivesse sido totalmente satisfatória. Sua legião deixara as ruas cheias, e os corvos

provavelmente comeriam até explodir. Se não podia diferenciar a gentilha do

Profeta da multidão imunda de refugiados, então melhor matar qualquer um que

obstruísse seu caminho. Os inocentes deveriam ter ficado em suas casas, onde era o

lugar deles — o Criador abrigaria os justos, afinal. Para Eamon Valda, os errantes

foram apenas as ameixas no bolo.

— Ouvi boatos na cidade de que Morgase está aqui — comentou.

Não acreditava naquilo, ainda mais porque mais da metade dos rumores em Andor

especulava sobre quem teria matado Morgase, e então foi uma grande surpresa

quando Dain aquiesceu.

A surpresa virou desgosto conforme o jovem ia tagarelando sobre os aposentos de

Morgase e as caçadas de que ela participava, sobre quão bem a mulher estava sendo

tratada por ali e como Dain achava que ela logo assinaria um acordo com os Filhos.

Valda não escondeu a cara de desgosto. Bem, não devia ter esperado coisa melhor de

Niall — ele tinha sido um dos melhores soldados de sua época, sempre visto como

um grande capitão, mas a velhice acabou amolecendo o homem. Valda se deu conta

disso no instante que recebeu as ordens de Senhor Capitão Comandante, em Tar

Valon. Niall deveria ter se deslocado até Tear com um batalhão assim que começou

o burburinho a respeito de al"Thor, e assim teria conseguido reunir a força necessária

durante a marcha. Nações inteiras teriam aderido à marcha dos Filhos contra um

falso Dragão. Pelo menos no começo. Agora al"Thor estava em Caemlyn, forte o

bastante para assustar os mais covardes. Mas Morgase estava ali. Se Morgase

estivesse sob a responsabilidade de Eamon, ela teria assinado aquele acordo logo no

primeiro dia, mesmo que alguém precisasse segurar sua mão ao redor da pena. Pela

Luz, aquela mulher aprenderia a dar um pinote toda vez que ele a mandasse pular. E

caso se recusasse a voltar para Andor com os Filhos, ele a levaria amarrada em um

mastro. Ela daria um ótimo estandarte para conduzir a ofensiva até Andor.

Dain foi atrás dele, solícito, sem dúvida esperando um convite para o jantar

daquela noite. Como era um oficial mais baixo na hierarquia, ele não podia convidar

um mais antigo, porém deixava bem claro que queria conversar com seu velho

comandante — sobre Tar Valon, talvez até sobre seu falecido pai. Valda não gostava

muito de Geofram Bornhald. O homem era muito mole.

— Encontro você às seis para jantar no acampamento. E quero que esteja sóbrio,

Filho Bornhald.

Não restava dúvidas de que Dain Bornhald andara bebendo. O jovem ficou um

instante boquiaberto e gaguejou uma resposta sem jeito antes de fazer a saudação e

partir. Valda se perguntou o que teria acontecido. Dain tinha sido um bom jovem

oficial — ele se preocupava demais com besteiras, como arranjar provas de culpa

quando não havia como obtê-las, mas mesmo assim era bom. Não era mole como o

pai. Uma pena vê-lo se perder na bebida.

Resmungando sozinho — oficiais bebendo em plena Fortaleza da Luz, mais um

sinal de que a influência nefasta de Niall apodrecera todas as maçãs do cesto —,

Valda foi até seus aposentos. Pretendia dormir no acampamento, mas um banho

quente não seria nada mau.

Um jovem Filho de ombros largos se aproximou de Valda no corredor de pedra

bruta, o cajado de pastor escarlate, símbolo da Mão da Luz, despontava por trás do

fulgurante sol dourado em seu peito. Sem parar de andar, sem sequer olhar para

Valda, o Questionador murmurou, em um tom muito deferente:

— Milorde Capitão talvez devesse visitar o Domo da Verdade.

Valda franziu o cenho. Não gostava de Questionadores — a seu modo,

eles até

faziam um bom trabalho, mas sempre tivera a sensação de que aqueles homens só

optavam pelo cajado para evitar enfrentar um inimigo armado. Ele quase começou a

falar, levantando bem a voz para vociferar uma bronca, mas se deteve.

Questionadores eram desleixados com a disciplina, mas um deles Filho jamais falaria

daquele jeito com um Senhor Capitão sem que houvesse um motivo. Talvez o banho

pudesse esperar.

O Domo da Verdade era uma visão maravilhosa, e o lugar enfim o ajudou a

recobrar um pouco do bom humor. O exterior da construção era todo branco, e o

interior folheado a ouro refletia a luz de mil lampiões pendurados no teto. Espessas

colunas brancas sem adornos, polidas até reluzirem, circundavam a câmara, mas o

domo propriamente dito se estendia por mais cem passadas sem nenhum suporte e

tinha cinquenta passadas de altura no cume, encimando o centro do aposento. Era lá

que ficava o estrado simples de mármore branco, apoiado no piso também de

mármore branco, onde o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz se

posicionava, de pé, para se dirigir aos Filhos nas reuniões mais solenes, nas

cerimônias mais sérias. Um dia, ele ficaria ali, de pé. Niall não viveria para sempre.

Dezenas de Filhos perambulavam pela enorme câmara — era mesmo uma visão

maravilhosa, embora ninguém além dos Filhos jamais pudesse aproveitá-la. Bem,

não recebera um chamado para admirar o Domo. Disso tinha certeza. Por trás das

grandes colunas havia fileiras de colunas menores, tão simples e tão bem polidas

quanto as maiores, além de nichos imensos onde afrescos de mais de mil anos

ilustravam cenas de triunfos dos Filhos. Valda percorreu o aposento, observando

cada reentrância. Enfim notou o homem alto e agrisalhado examinando uma das

pinturas — Serenia Latar sendo conduzida ao cadafalso; a única Amyrlin que os

Filhos conseguiram enforcar. A mulher já estava morta na ocasião, claro, até porque

é difícil conseguir enforcar uma bruxa viva, mas não era esse o ponto. Seiscentos e

noventa e três anos antes, a justiça havia sido feita de acordo com a lei.

— Algum problema, meu filho? — A voz era suave, quase mansa.

Valda se enrijeceu um pouco. Rhadam Asunawa até podia ser o Grão-inquisidor,

mas ainda era um Questionador. E Valda era um Senhor Capitão, Ungido pela Luz,

não alguém a ser tratado como “meu filho”.

— Não que eu tenha percebido — respondeu, sem rodeios.

Asunawa suspirou. Seu rosto abatido era um retrato do sofrimento de um mártir, e

o suor poderia ter passado por lágrimas, mas seus olhos profundos pareciam arder

com o calor que cozinhou toda a carne que lhe faltava nas bochechas. Em seu manto

havia apenas o desenho do cajado, sem nenhum sol reluzente, como se ele não

fizesse parte dos Filhos — ou, talvez, como se estivesse acima de todos.

— Vivemos tempos confusos. A Fortaleza da Luz abriga uma bruxa.

Valda se conteve para não lançar um olhar irônico ao outro homem. Covardes ou

não, os Questionadores podiam ser perigosos até para um Senhor Capitão. Aquele ali

talvez jamais conseguiria enforcar uma Amyrlin, mas decerto sonhava em ser o

primeiro a enforcar uma rainha. Valda não se importava se Morgase morreria ou

não, desde que antes pudesse arrancar toda e qualquer serventia da mulher. Optou

por simplesmente não responder, e as espessas sobrancelhas grisalhas de Asunawa

baixaram, aumentando a cavidade de seus olhos até eles parecerem espreitar de

dentro de cavernas escuras.

— Vivemos tempos confusos — repetiu — e não podemos permitir que Niall

destrua os Filhos da Luz.

Valda ficou longos minutos parado, examinando a pintura. Talvez o artista tivesse

sido bom, talvez não — não entendia nada daquelas coisas e ligava para isso menos

ainda. Bem, o sujeito fizera um trabalho decente com as armas e armaduras dos

guardas, e a corda e o cadafalso pareciam reais. Daquilo ele entendia.

— Estou pronto para ouvir — declarou, por fim.

— Então vamos conversar, meu filho. Mais tarde, quando houver menos olhos

para ver e menos ouvidos para ouvir. Que a Luz o ilumine, meu filho.

Asunawa saiu andando sem mais uma palavra, o manto branco ondulando de leve,

os passos ecoando tão alto pelo aposento que parecia que o homem estava tentando

cravar as botas nas pedras. Alguns dos Filhos se curvaram em profundas reverências

quando ele passou.

* * *

De uma janela estreita bem acima do pátio, Niall ficou olhando enquanto Valda

desmontava, falava com o jovem Bornhald e saía a passos firmes e irritados. Valda

sempre estava irritado. Se houvesse como convocar os Filhos que estavam em Tar

Valon e deixar Valda por lá, Niall teria feito isso alegremente. O homem até era um

comandante de batalha competente, mas era mais talhado para lidar com multidões

em polvorosa. Sua única ideia de tática era a investida, e sua estratégia... também

era a investida.

Balançando a cabeça, Niall seguiu para a câmara de audiências. Tinha

assuntos

mais importantes que Valda com que se preocupar. Morgase ainda resistia, firme

feito um exército com vantagem territorial, água de sobra e moral elevado. A mulher

se recusava a admitir que estava encurralada em um vale sem saída e que seu

inimigo é que tinha a vantagem do terreno mais elevado.

Balwer se levantou da escrivaninha assim que Niall entrou na antessala.

— Omerna veio aqui, milorde. Deixou isto. — O homem indicou um maço de

papéis amarrados com fita vermelha sobre a mesa. — E isto. — Ele estreitou os

lábios finos quando tirou do bolso um minúsculo cilindro de osso.

Resmungando, Niall pegou o tubo e foi para a câmara interna. Por algum motivo

misterioso, Omerna estava mais inútil a cada dia. Deixar os relatórios com Balwer já

era ruim o bastante, a despeito das bobagens que decerto continham, mas até aquele

maldito sabia muito bem que não deveria entregar nenhum daqueles tubos com três

listras vermelhas a ninguém que não o próprio Niall. Analisou o tubo à luz de um

lâmpião para examinar o lacre de cera — intacto. Abriu o lacre com a unha do

polegar. Precisava ter uma conversa muito séria com Omerna, deixar o sujeito com

tanto medo que ele imploraria para ser incendiado pela Luz. O imbecil não seria um

bom disfarce para o verdadeiro chefe da espionagem se ao menos não tentasse fazer

o trabalho da melhor maneira que podia.

Era outra mensagem de Varadin, naquela cifra secreta de Niall escrita em

garranchos finos, cobrindo a tira de papel bem fino. Quase queimou a mensagem

sem ler, até que um detalhe bem no fim do bilhete lhe chamou a atenção. Voltando

ao começo dos garranchos, foi decifrando a cifra de memória. Queria ter certeza

absoluta. Era o mesmo de sempre, alguma baboseira sobre Aes Sedai presas em

coleiras e estranhas criaturas, até que, bem no fim... Varadin tinha ajudado Asidim

Faisar a encontrar um esconderijo em Tanchico. Mais tarde ele tentaria tirar Faisar

da cidade sem ser reconhecido, mas os Predecessores estavam mantendo uma guarda

tão cuidadosa que nem um sussurro passava pelas muralhas sem permissão.

Niall esfregou o queixo, absorto. Faisar era um dos homens que enviara a Tarabon

para ver se ainda poderiam salvar alguma coisa por lá. Faisar não sabia de Varadin,

que também não deveria saber nada a respeito de Faisar. Os Predecessores

mantinham uma guarda tão cuidadosa que nem um sussurro passaria pelas muralhas.

Garranchos de um louco.

Ele enfiou o papel no bolso e voltou para a antessala.

— Balwer, qual é a última notícia do oeste?

Entre eles, “oeste” sempre significava a fronteira com Tarabon.

— Nenhuma mudança, milorde. As patrulhas que chegam bem a fundo no

território de Tarabon não conseguem voltar. O pior problema perto da fronteira são

os refugiados tentando atravessar.

Patrulhas que chegavam bem a fundo. Tarabon era uma cova cheia de víboras

venenosas e ratos infectados, mas...

— Em quanto tempo você conseguiria mandar um mensageiro a Tanchico?

Balwer nem pestanejou. Ele não pareceria surpreso nem mesmo se algum dia seu

cavalo começasse a falar com ele.

— O problema é arranjar cavalos novos depois que o mensageiro cruzar a

fronteira, milorde. Em circunstâncias normais eu diria vinte dias para ir e voltar,

talvez um pouco menos, num passo bom. Mas agora é o dobro disso, e se tivermos

sorte. Talvez seja o dobro só para chegar em Tanchico.

Aquela cidade era uma cova que poderia engolir um mensageiro. Nem os ossos

seriam encontrados

Bem, o sujeito não precisaria voltar, mas Niall guardou a informação só para si.

— Mande providenciarem um homem, Balwer. A carta estará pronta em uma

hora. Eu mesmo vou falar com o mensageiro.

Balwer assentiu com uma mesura, mas também esfregou as mãos no manto,

ofendido. Que ficasse. Havia uma chance muito pequena de concretizar aquilo sem

expor Varadin — precaução desnecessária se o homem fosse mesmo insano, claro,

mas se não fosse... Revelar a identidade do espião não aceleraria as coisas.

De volta à câmara de audiência, Niall analisou a mensagem de Varadin outra vez

antes de tocar o papel na chama de uma lamparina e vê-lo se queimar. Amassou as

cinzas entre os dedos.

O Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz sempre seguia quatro regras

para lidar com as informações que recebia: nunca fazer planos sem saber o máximo

possível sobre o inimigo, nunca hesitar em mudar os planos quando surgisse uma

nova informação, nunca acreditar que sabia tudo e nunca esperar até saber tudo.

Quem espera até saber tudo fica sentado na tenda enquanto o inimigo atea fogo na

lona. Niall respeitava suas próprias regras. Só as deixara de lado uma vez na vida,

seguindo uma intuição — tinha sido em Jhamara, onde, por nenhuma razão além de

uma comichão no fundo da mente, destacara um terço do exército para vigiar

montanhas que todos diziam serem intransponíveis. Enquanto

manobrava o restante

das forças para esmagar os murandianos e altaranos, um exército illianense que

supostamente estava a cem milhas dali se abateu sobre o destacamento, vindo

daquelas passagens “intransponíveis”. Só pôde bater em retirada sem ser esmagado

por ter seguido aquela “intuição”. E ali estava, outra vez, a mesma comichão.

* * *

— Eu não confio nele — declarou Tallanvor com firmeza. — Ele me lembra um

jovem trapaceiro que encontrei certa vez em um festival, o camarada tinha uma cara

de bebê inocente, conseguia olhar qualquer um nos olhos e ainda sorrir enquanto

escondia a carta marcada na manga.

Daquela vez, Morgase achou até fácil controlar o gênio. O jovem Paitr tinha

relatado que o tio finalmente conseguiria dar um jeito de tirá-la sem ser vista da

Fortaleza da Luz — ela e os outros. Os outros é que tinham sido o problema até

então. Já fazia um tempo que Torwyn Barshaw declarara que conseguiria tirá-la de

lá sozinha, mas Morgase não deixaria seus companheiros para trás, à mercê dos

Mantos-brancos. Não deixaria nem mesmo Tallanvor.

— Compreendo que você se sinta assim — respondeu ela de forma indulgente. —

Só não vá deixar que esses sentimentos atrapalhem. Algum ditado que se encaixe

nessa situação, Lini? Algo que possa ajudar o jovem Tallanvor a lidar com seus

sentimentos? — Luz, por que sentia tanto prazer em provocá-lo? O homem estava

sempre a um passo da traição, mas ela era sua rainha, não... Recusava-se a concluir

o pensamento.

Lini estava sentada perto das janelas, onde enrolava um novelo de lã azul da

meada embolado nas mãos de Breane.

— Paitr me lembra aquele rapaz que foi ajudante de cavalaria um pouco antes de

você ir para a Torre Branca. Aquele que engravidou duas moças e foi pego tentando

fugir da mansão com uma saca cheia das pratarias da sua mãe.

Morgase comprimiu o maxilar, mas nada estragaria sua diversão, nem mesmo o

olhar de Breane, que parecia achar que também devia ter permissão de opinar. Paitr

se deleitara com a fuga iminente de Morgase — em parte, claro, porque parecia

esperar algum tipo de recompensa do tio, ou ao menos era o que dava a entender

com alguns de seus comentários, algo sobre se redimir de um fracasso em casa.

Bem, o jovem só faltou sair dançando quando Morgase concordou com o plano que

tiraria todos da Fortaleza naquele mesmo dia e os veria fora de Amador no pôr do

sol do dia seguinte. Iriam para longe de Amador, a caminho de Ghealdan, onde

arranjariam soldados que não tentariam tirar vantagem de Andor. Dois dias antes, o

próprio Barshaw tinha ido discutir o plano com ela. O sujeito narigudo e atarracado

viera disfarçado de um lojista que fazia a entrega de agulhas de tricô e um novelo —

o homem tinha olhar colérico e boca zombeteira, mas suas palavras saíram com um

respeito satisfatório. Difícil acreditar que aquele era tio de Paitr, sendo os dois tão

diferentes, e ainda mais difícil aceitar que o homem era mercador. Ao fim das

contas, o plano era de uma simplicidade maravilhosa, ainda que não fosse muito

digno, e só precisava de uma quantidade suficiente de gente no exterior da Fortaleza

para dar certo. Morgase sairia da Fortaleza da Luz enterrada no fundo de uma

carroça cheia de refugos da cozinha.

— Agora vocês todos já sabem o que fazer — anunciou. Contanto que ela

permanecesse em seus aposentos, seus acompanhantes podiam se deslocar com uma

liberdade considerável, e tudo dependia disso. Bem, nem tudo, mas todas as fugas

que não a dela. — Lini, você e Breane têm que estar no quintal da lavanderia quando

o sino soar a hora mais alta. — Lini aquiesceu, complacente, mas Breane apenas a

encarou, em silêncio, com um olhar de reprovação. Já tinham repassado aquilo quase

vinde vezes. Ainda assim, Morgase não permitiria que alguém acabasse sendo

deixado para trás por algum erro bobo. — Tallanvor, você deixará a espada para trás

e vai esperar na estalagem chamada O Carvalho e o Espinho. — O homem abriu a

boca para protestar, mas ela se antecipou, firme. — Já ouvi suas argumentações.

Você vai conseguir outra espada. Se deixar a arma aqui, vão pensar que você

pretende voltar. — Tallanvor fez cara feia, mas assentiu. — Lamgwin vai esperar na

estalagem A Cabeça Dourada, e Basel na...

Uma breve batidinha na porta, e ela se abriu o suficiente para dar acesso à cabeça

quase careca de Basel.

— Minha Rainha, tem um homem... um Filho... — Ele olhou por cima do

ombro, para o corredor. — É um Questionador, minha Rainha.

Tallanvor levou as mãos ao punho da espada, claro, e só as tirou de lá depois de

Morgase gesticular duas vezes e olhar de cara feia para ele.

— Deixe-o entrar.

Conseguiu manter a voz calma, mas sentia um frio tão intenso na barriga que era

como se tivesse engolido um bloco de gelo. Um Questionador? Será que a situação

estava prestes a piorar com a mesma rapidez com que começara a

melhorar?

Um sujeito alto de nariz aquilino empurrou Basel para fora do caminho e fechou a

porta na cara dele. O tabardo branco e dourado com o cajado carmesim despontando

no ombro indicava sua patente de Inquisidor. Morgase não conhecia Einor Saren

pessoalmente, mas já tinham apontado o sujeito para ela na rua. Ele projetava uma

segurança inabalável.

— Você foi convocada pelo Senhor Capitão Comandante — anunciou o sujeito,

tranquilo. — Você virá agora mesmo.

Os pensamentos de Morgase se tornaram um turbilhão. Já estava acostumada a ser

convocada — Niall nunca ia até ela, agora que a tinha como refém na Fortaleza —,

chamada a comparecer perante o homem para mais um falatório sobre seu dever para

com Andor ou para o que supostamente seria uma conversa amigável em que Niall

tentaria provar que só estava agindo de acordo com os interesses dela e de Andor.

Estava acostumada com isso, mas não com aquele tipo de mensageiro. Se estivesse

sendo entregue aos Questionadores, não haveria subterfúgios: Asunawa enviaria

homens suficientes para arrastá-la dali e levar todos os seus companheiros junto.

Morgase falara brevemente com o líder dos Questionadores, e o homem lhe dera

calafrios. Por que tinham enviado um Inquisidor para convocá-la?
Expôs sua dúvida,

e Saren respondeu com o mesmo tom de voz gélido.

— Eu estava com o Senhor Capitão Comandante e já ia passar aqui
perto. Já

terminei o que tinha que fazer, agora vou levá-la até ele. A senhora é
uma rainha,

afinal, e merece o devido respeito. — O homem falou aquilo tudo com
um ar meio

aborrecido, um tanto impaciente, até que no final um quê de zombaria
e ironia

brotou em sua voz, que em nenhum momento perdeu a frieza.

— Muito bem — concordou ela.

— Devo acompanhar minha rainha? — Tallanvor fez uma mesura
formal. Ao

menos demonstrava deferência quando havia alguém de fora por
perto.

— Não. — Levaria Lamgwin em vez dele. Não, nada disso: levar
qualquer um

dos homens faria parecer que Morgase achava que precisava de
guarda-costas. Saren

a apavorava quase tanto quanto Asunawa, mas não permitiria que o
homem notasse

nem o menor sinal de seu receio. A rainha abriu um sorriso casual e
tolerante. —

Tenho certeza de que não preciso de nenhuma proteção aqui.

Saren também sorriu, ou ao menos sua boca se abriu em um sorriso.
Mas parecia

estar rindo dela.

Do lado de fora, quando Basel e Lamgwin lhe lançaram olhares

temerosos,

Morgase quase mudou de ideia quanto a levar um acompanhante. E teria mesmo

mudado, se não tivesse se pronunciado contra lá dentro. Bem, dois homens não

tinham como protegê-la, se aquilo de fato fosse alguma armadilha, e mudar de ideia

seria uma demonstração de fraqueza. E ela com certeza se sentiu fraca enquanto

avanchava pelos corredores de pedra ao lado de Saren, não parecia em nada com uma

rainha. Não mesmo. Talvez gritasse como uma pessoa qualquer, se os

Questionadores a trancassem em suas masmorras — bem, não havia talvez nesse

caso. Não era tola o bastante para acreditar que a carne da realeza era diferente de

qualquer outra, numa situação como aquela. Ainda assim, seria quem era enquanto a

situação permitisse. Usando toda a sua força de vontade, tratou de ignorar o bloco de

gelo na barriga.

Saren a conduziu até um pequeno pátio de lajotas, onde homens de peito nu

golpeavam postes de madeira com a espada.

— Aonde vamos? — perguntou ela. — Este não é o mesmo caminho que fiz das

outras vezes para o gabinete do Senhor Capitão Comandante. Ele está em outro

lugar?

— Eu peguei o caminho mais curto — retrucou o homem, com

aspereza. —

Tenho assuntos mais importantes para tratar do que... — Ele não concluiu a frase e

nem diminuiu o passo.

Morgase não teve opção senão seguiu-lo corredor adentro, passando por fileiras de

quartos compridos cheios de catres estreitos e homens, a maioria de peito nu ou

vestindo ainda menos. Manteve os olhos fixos nas costas de Saren, formulando as

frases duras que pretendia dizer a Niall. Eles cruzaram o pátio de um estábulo, o ar

fedendo a cavalos e esterco, onde um ferrador manipulava as patas dos cavalos a um

canto; depois percorreram mais um corredor de casernas; depois outro, onde as

cozinhas de um dos lados emanavam um forte aroma de ensopado no fogo; até que

chegaram a outro pátio... Morgase ficou paralisada.

Um cadafalso alto e comprido repousava no centro do pátio. Três mulheres e mais

de dez homens estavam sobre ele, as mãos e os pés atados, nós apertados em volta

dos pescoços. Alguns choravam copiosamente, mas a maioria apenas parecia

aterrorizada. Os dois últimos homens na extremidade oposta eram Torwyn Barshaw

e Paitr — o garoto estava só de camisa, em vez do casaco vermelho e branco que

Morgase mandara fazer especialmente para ele. Paitr não estava chorando, mas seu

tio, sim. Paitr parecia horrorizado demais para as lágrimas.

— Pela Luz! — bradou um oficial Manto-branco, e outro empurrou uma alavanca

comprida na ponta do cadafalso.

Os alçapões abaixo de cada pessoa se abriram com estalos ruidosos, e as vítimas

sumiram de vista. Algumas das cordas estiradas tremeram enquanto os homens e as

mulheres nas extremidades se engasgavam e perdiam a vida, sem a piedade da morte

rápida por um pescoço quebrado. Paitr foi uma das mortes lentas — e a fuga tão bem

orquestrada de Morgase morria com ele. Talvez devesse ter ficado tão preocupada

com o rapaz quanto estava por si própria, mas só conseguia pensar na fuga, na saída

da armadilha em que ela própria se metera. Estava presa, e Andor estava ali junto

com ela.

Saren a encarava e estava óbvio que esperava que a rainha fosse desmaiar ou

vomitare.

— Tanta gente de uma só vez? — perguntou, orgulhosa do equilíbrio em sua voz.

A corda de Paitr parara de se agitar, só balançava devagar para um lado e para o

outro. Não haveria fuga.

— Enforcamos Amigos das Trevas todos os dias — respondeu Saren, seco. — Em

Andor você talvez os liberte depois de um simples sermão. Nós não

somos

indolentes.

Morgase retribuiu o olhar do homem. O caminho mais curto, é? Então aquela era

a nova tática de Niall: não ficou surpresa por não ouvir nenhuma menção ao seu

plano de fuga, o Senhor Capitão Comandante era sutil demais para isso. Morgase era

uma hóspede de honra, e Paitr e seu tio tinham sido enforcados por acaso por algum

crime que nada tinha a ver com sua presença ali. Quem seria o próximo a ir para a

força? Lamgwin ou Basel? Lini ou Tallanvor? Estranho, mas pensar em Tallanvor

com uma corda no pescoço doía ainda mais que pensar em Lini na mesma situação.

A mente pregava peças bem peculiares. Vislumbrou Asunawa por cima do ombro de

Saren, encarando-a de uma janela que dava para o cadafalso. Olhando diretamente

para ela. Talvez aquilo fosse obra dele, não de Niall. Não fazia diferença. Não podia

permitir que sua gente morresse à toa. Não podia permitir que Tallanvor morresse.

Pecças bem peculiares, mesmo, as que a mente pregava.

Arqueando a sobrancelha em uma expressão de deboche, ela declarou, em uma

voz suave e nem um pouco afetada pelo que acabara de ver:

— Se a cena o deixou de pernas bambas, acho que podemos esperar até você

recobrar suas forças.

Que a Luz permitisse que não vomitasse.

Saren fechou a cara, deu meia-volta e saiu andando. Morgase o seguiu em um

passo imponente, sem olhar para a janela de Asunawa e tentando não pensar no

cadafalso.

Talvez fosse mesmo o caminho mais curto, já que, no corredor seguinte, Saren a

conduziu por lances de escada bem íngremes que a deixaram na câmara de

audiências de Niall mais depressa do que ela se lembrava de ter chegado nas outras

vezes. Como de costume, Niall não se levantou e não havia cadeira para ela, de

forma que era obrigada a ficar de pé diante dele, feito uma peticionária. O homem

parecia distraído, sentado em silêncio, encarando-a sem parecer enxergá-la.

Niall vencera, mas não estava nem olhando para ela. Ficou irritada com aquilo.

Luz, o homem tinha vencido. Talvez devesse voltar para seus aposentos. Se

mandasse Tallanvor, Lamgwin e Basel a tirarem de lá à força, os homens tentariam.

Iam morrer, assim como ela. Morgase jamais empunhara uma espada, mas, se desse

essa ordem absurda, pegaria em uma. Ela morreria, e Elayne ocuparia o Trono do

Leão — assim que al'Thor fosse tirado de lá, claro. A Torre Branca cuidaria para

que Elayne ficasse com o que era dela. A Torre. Se a Torre garantisse o trono para

sua filha... Parecia loucura, mas confiava ainda menos na Torre do que em Niall.

Não, precisava salvar Andor por conta própria. Mas haveria um preço. E esse preço

devia ser pago.

Teve que forçar as palavras a saírem:

— Estou pronta para assinar seu acordo.

Niall nem pareceu ouvir. Então piscou e, logo depois, de repente, soltou uma

risada irônica e balançou a cabeça. Aquilo também a irritou. Fingir surpresa. Não

tinha tentado fugir. Era uma hóspede. Como queria ver aquele homem pendurado no

cadafalso.

O Senhor Capitão Comandante agiu tão depressa que Morgase quase duvidou de

sua apatia de momentos antes. Em poucos instantes, mandou entrar o secretário

caquético, trazendo um longo pergaminho com tudo já escrito e até uma cópia do

selo de Andor — tão bem-feita que nem ela conseguiria distinguir do selo original.

Mesmo não tendo escolha sobre assinar ou não, fez questão de ler os termos: não

havia nada diferente do que esperara. Niall lideraria os Mantos-brancos na retomada

do trono, mas havia um preço, ainda que no acordo não fosse apresentado desta

maneira: mil Mantos-brancos se aquartelariam em residência permanente em

Caemlyn, com seus próprios tribunais e sem se sujeitar à lei de Andor, além de a

ordem de Mantos-brancos passar a ser considerada igual à Guarda da Rainha e com

o mesmo poder por toda Andor. Poderia levar a vida inteira para desfazer aquele

acordo, e também a vida de Elayne, mas a alternativa era al'Thor levar o Trono do

Leão como troféu. Se alguma mulher voltasse a reinar ali, seria Elenia, Naeen ou

alguém dessa estirpe, e apenas como fantoche de al'Thor. Era isso ou Elayne como

fantoche da Torre, e *não conseguia* se convencer de que podia confiar na Torre.

Assinou seu nome com caligrafia precisa e pressionou o Selo falso na cera

vermelha que o secretário de Niall pingou ao pé da página. O Leão de Andor

cercado pela Coroa de Rosas. Pronto, era a primeira rainha a aceitar soldados

estrangeiros em solo andoriano.

— As legi...? — A pergunta saiu com mais dificuldade do que imaginara. — As

legiões partirão em quanto tempo?

Niall hesitou, encarando a mesa à frente. Não havia nada ali além de caneta e

tinta, uma tigela de pó de pedra-pomes e um toco de cera de selagem recém-

queimado, como se ele tivesse acabado de escrever uma carta. O

homem rabiscou a

própria assinatura no acordo e gravou seu selo, um sol fulgurante em cera dourada,

então entregou o pergaminho para o secretário.

— Guarde na sala de documentação, Balwer. E receio que eu não vá conseguir

avançar tão rápido quanto esperava, Morgase. Preciso considerar algumas questões

que vêm se desenrolando. Mas não precisa se preocupar. É só uma questão de como

se deslocar melhor nas áreas que não têm relação com Andor. Insisto que veja esse

pequeno adiamento apenas como um tempo a mais para que eu possa desfrutar de

sua companhia.

Balwer fez uma reverência graciosa, ainda que um tanto austera, mas Morgase

teve a impressão de que o homem estivera prestes a encarar Niall com alguma

surpresa. Ela mesma por pouco não ficou boquiaberta. O homem a pressionara sem

parar desde que ela chegara ali, mas agora tinha outras questões a considerar?

Balwer saiu apressado, como se temesse que Morgase fosse tentar pegar o

documento de volta e rasgá-lo, mas não poderia estar mais enganado. Ao menos não

haveria mais enforcamentos. Tudo o mais seria resolvido quando fosse possível. Um

passo de cada vez. Sua resistência tenaz acabara falhando, mas agora tinha tempo de

novo — o tempo era uma dádiva inesperada que não podia ser desperdiçada. Então

ele queria o prazer de sua companhia?

Morgase abriu um sorriso caloroso.

— Eu sinto como se tivesse tirado um grande um peso dos meus ombros. Ora, o

senhor joga pedras?

— Sou conhecido como um jogador razoável. — O sorriso em resposta foi

primeiro de surpresa, depois de animação.

A rainha ruborizou, mas conseguiu se controlar para não demonstrar raiva. Talvez

fosse melhor Niall achar que a tinha derrotado. Ninguém vigiava um inimigo

combalido com tanta atenção nem o mantinha em tão alta conta, e, se ela tomasse

cuidado, poderia começar o processo de recuperar aquilo de que abrisse mão antes

mesmo de os soldados de Niall deixarem Amadícia. Morgase tivera um excelente

professor no Jogo das Casas.

— Bem, tentarei não ser uma adversária tão ruim, caso o senhor aceite jogar.

Ela era bem mais que razoável no jogo das pedras, e talvez fosse até mais que

uma boa jogadora, mas teria que perder, claro. Bem, não podia perder tão feio a

ponto de deixá-lo entediado. Odiava perder.

Franzindo o cenho, Asunawa tamborilava os dedos no braço coberto de douraduras

da cadeira. Acima de sua cabeça, no espaldar, fora entalhado um cajado de pastor

trabalhado em laca brilhante sobre um disco branco.

— A bruxa ficou surpresa — murmurou.

Saren respondeu como se aquilo fosse uma acusação.

— Os enforcamentos afetam mesmo algumas pessoas. Aqueles Amigos das

Trevas foram apanhados ontem, pelo que ouvi estavam entoando algum catecismo

para a Sombra quando Trom arrombou a porta. Eu até perguntei aos Filhos que os

capturaram, mas ninguém pensou em tentar descobrir se algum deles tinha relação

com ela. — Pelo menos o homem conseguiu evitar remexer os pés, permanecendo

com uma postura tão ereta quanto era apropriado para um integrante da Mão da Luz.

Asunawa dispensou as explicações com um discreto aceno. Claro que não havia

relação entre ela e aqueles condenados à forca, afora o fato de que Morgase era uma

bruxa e aqueles eram Amigos das Trevas. A bruxa estava na Fortaleza da Luz,

afinal. Ainda assim, estava incomodado.

— Niall me mandou buscá-la como se eu fosse um cachorro — reclamou Saren.

— Quase vomitei tudo o que tinha no estômago só por estar tão perto de uma bruxa.

Minhas mãos chegaram a tremer de vontade de agarrar a garganta da maldita.

Asunawa não deu ao trabalho de responder e mal escutou. Claro que Niall

odiava a Mão. A maioria dos homens odiava o que temia. Não, seus pensamentos

estavam voltados para Morgase. A mulher não era fraca, não mesmo. Tinha

conseguido se defender bem de Niall, e ainda mais quando a maioria teria desabado

logo depois de entrar na Fortaleza. A mulher arruinaria parte dos planos dele se



acabasse se mostrando fraca, afinal. Já tinha todos os detalhes na cabeça, cada dia do

julgamento dela, com embaixadores de cada terra que ainda era capaz de enviar um,

até que Morgase enfim fizesse sua confissão dramática, arrancada com tamanha

habilidade que ninguém encontraria nenhum vestígio em seu corpo. Então viriam as

cerimônias da execução. Um cadafalso especial só para ela, a ser

preservado

posteriormente para marcar a ocasião.

— Vamos torcer para que ela continue resistindo a Niall — afirmou, abrindo um

sorriso que alguns definiriam como brando e devoto. Nem mesmo a paciência de

Niall poderia durar para sempre. Ao final, ele teria que entregá-la à justiça.



CAPÍTULO 32

CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS

Para Egwene, a visita de Rand a Cairhien lembrava uma daquelas grandes

apresentações de fogos de artifício de Iluminadores das quais apenas ouvira, mas

que nunca tinha visto. O reverberar dos ecos parecia não ter fim.

Não voltou ao palácio, claro, mas as Sábias que iam até lá todos os dias em busca

de armadilhas montadas com *saidar* contavam o que se passava. Nobres se

entreolhavam com desconfiança, tanto tairenos quanto cairhienos.

Berelain parecia

estar se escondendo de algo, recusando-se a receber qualquer pessoa cuja audiência

não fosse absolutamente necessária. Ao que parecia, Rhuarc ralhara com ela por

negligenciar suas obrigações, mas o efeito foi mínimo. Aliás, o chefe do clã parecia

ser o único indiferente em todo o palácio — até os serviços se sobressaltavam

quando alguém olhava para eles, embora isso talvez se devesse ao fato de as próprias

Sábias estarem por todos os cantos.

Nas tendas, a situação não era muito melhor, ao menos não entre as Sábias — os

outros Aiel estavam como Rhuarc: calmos e firmes. O contraste de posturas fazia a

rabugice das Sábias ainda maior em um momento em que já era grande o suficiente.

Amys e Sorilea voltaram do encontro com Rand quase espumando de raiva. Não

disseram por quê, pelo menos não na frente de Egwene, mas o sentimento se

espalhou pelas Sábias mais rápido que um raio, até que cada uma delas começou a

andar por aí feito gatas eriçadas prontas para enfiar as garras em qualquer coisa que

se mexesse. As aprendizes andavam pisando em ovos e falando manso, mas

continuavam levando broncas pelo que antes teria passado despercebido e recebendo

punições pelo que em circunstâncias normais teria resultado em

apenas uma bronca.

Ver as Sábias Shaido no acampamento não ajudava — pelo menos Therava e

Emerys eram Sábias, a terceira era a própria Sevanna, andando para cima e para

baixo cheia de si, usando a blusa tão aberta que rivalizava com Berelain, não

importava quanto o vento soprasse a poeira. Therava e Emerys afirmavam que

Sevanna era uma Sábia, e, apesar dos resmungos de Sorilea, eram obrigadas a aceitá-

la como tal. Egwene tinha certeza de que as mulheres estavam ali para espionar, mas

Amys só olhava feio sempre que ela insinuava aquilo. Protegidas pelos costumes, as

mulheres tinham passagem livre pelas tendas e eram bem recebidas por todas as

Sábias, inclusive Sorilea, acolhidas como amigas íntimas ou irmãs-primейras. Ainda

assim, a presença delas piorava o humor de todos — o de Egwene em especial.

Sevanna, aquela pantera de sorriso afetado, sabia quem ela era e não se esforçava

para esconder seu prazer em mandar “a aprendiz baixinha” ir buscar um copo d’água

ou qualquer outra besteira em toda oportunidade. E Sevanna também a encarava

com um olhar analítico, um olhar que lembrava Egwene de alguém analisando uma

galinha e pensando em como a cozinaria depois de roubá-la. E não parava por aí:

para piorar, as Sábias não lhe contavam sobre o que conversavam com as Shaído —

era assunto das Sábias, não das aprendizes. Qualquer que fosse o motivo para

aquelas três estarem ali, seu interesse no comportamento das outras Sábias era

evidente. Mais de uma vez, em momentos em que Sevanna achava que não estava

sendo observada, Egwene a flagrou sorrindo ao ver Amys, Malindhe ou Cosain

passarem por ela falando sozinhas ou ajeitando o xale sem necessidade. Claro que

ninguém dava ouvidos a Egwene, e um excesso de advertências a respeito das

Shaído acabaram por lhe render a punição de passar quase um dia todo cavando um

buraco “grande o bastante para se enfiar lá dentro sem ser vista” — e, para coroar o

castigo, quando saiu do buraco toda suja e ensopada de suor para obedecer às ordens

de tapá-lo de novo, viu que Sevanna a observava.

Dois dias depois da partida de Rand, Aeron e algumas outras Sábias mandaram

três Donzelas pularem escondidas a muralha do palácio de Arilyn, à noite, para ver o

que conseguiam descobrir, e isso só piorou a situação. As três conseguiram passar

despercebidas pelos guardas de Gawyn, mesmo que com mais dificuldade do que

esperavam, mas passar pelas Aes Sedai acabou sendo mais complicado. Quando

ainda estavam no topo do telhado, tentando encontrar uma maneira de adentrar o

sótão, acabaram envolvidas por tramas do Poder e puxadas para dentro do casarão.

Por sorte, Coiren e as outras pareceram pensar que as Aiel só estavam ali para

roubar, embora as Donzelas talvez não tivessem considerado aquilo tanta sorte. As

três foram jogadas de volta na rua depois de uma sova tão grande que mal

conseguiram andar — ainda estavam tentando conter os gemidos de dor quando

voltaram para as tendas. As Sábias se revezaram repreendendo Aeron e as amigas,

quase todas em particular, mas Sorilea pareceu fazer questão de confrontá-las diante

do máximo de gente possível. Sevanna e as outras duas Shaido sorriam com um

desdém bem explícito sempre que avistavam Aeron ou uma das outras, especulando

em tons bastante audíveis sobre o que as Aes Sedai fariam quando descobrissem a

verdade sobre a invasão. Até Sorilea olhou torto para as três ao ouvir os

comentários, mas ninguém se pronunciou. Aeron e suas amigas passaram a andar

parecendo pisar nos mesmos ovos que as aprendizes, que começaram a tentar se

esconder sempre que não estavam desempenhando suas tarefas habituais ou

envolvidas nas aulas. Os ânimos ficaram ainda mais exaltados.

Fora o buraco que tivera que cavar, Egwene conseguiu evitar o pior daquilo tudo,

mas só porque passava boa parte do tempo longe das tendas — e o fazia sobretudo

para ficar longe de Sevanna, antes que acabasse dando uma lição na mulher. Não

tinha dúvidas de como terminaria, caso ousasse se manifestar: Sevanna era aceita

como Sábã, não importava as caras feias quando ela não estava por perto, e Amys e

Bair provavelmente deixariam as Shaïdo pensarem em um castigo para Egwene.

Pelo menos não era tão difícil ficar afastada. Ela podia ser aprendiz, mas só Sorilea

fazia qualquer esforço para lhe ensinar as milhares de coisas que uma Sábã

precisava saber, e até Amys e Bair lhe darem permissão para voltar a *Tel'aran'rhiod*,

Egwene tinha os dias e as noites livres — só precisava dar um jeito de escapar de ser

convocada, junto com Surandha e as outras aprendizes, para lavar a louça, recolher

esterco para as fogueiras ou coisa parecida.

Egwene não conseguia entender por que os dias pareciam passar tão devagar.

Achava que podia ter algo a ver com ter que esperar a decisão de Amys e Bair.

Encontrava Gawyn na estalagem O Homem Comprido todas as manhãs, e já estava

acostumada com os sorrisinhos sugestivos da estalajadeira gorducha, apesar de ter

considerado dar um belo pontapé na mulher em uma ou duas ocasiões. Talvez três,

porém não mais que isso. Ah, aquelas horas da manhã passavam voando. Mal se

sentava no colo dele e já era hora de endireitar o cabelo e ir embora. Não ficava mais

incomodada de se sentar no colo de Gawyn — não que algum dia isso a tivesse

incomodado de verdade, mas a experiência foi ficando cada vez melhor. Se por

vezes pensava coisas que não deveria, e se esses pensamentos a faziam enrubescer...

bem, nessas horas Gawyn sempre passava os dedos em seu rosto, murmurando seu

nome de um jeito que ela poderia ouvi-lo repetir a vida inteira. O rapaz deixava

escapar menos sobre o que vinha se passando com as Aes Sedai do que ela ficava

sabendo em outros lugares, mas Egwene mal se importava.

Eram as outras horas que se arrastavam como se estivessem atoladas na lama.

Havia tão pouco a fazer que ela achava que ia acabar explodindo de tanta frustração.

As Sábias escolhidas para ficar de olho na mansão de Arilyn não relataram mais

nenhuma novidade sobre a presença das Aes Sedai — escolhidas entre as que eram

capazes de canalizar, as vigias afirmavam que as mulheres da Torre continuavam

maneando o Poder lá dentro dia e noite sem parar, mas Egwene não ousava se

aproximar. Mesmo se tivesse coragem, não saberia o que elas estavam fazendo sem

ver os fluxos. Se as Sábias não estivessem tão irritadiças, poderia passar o tempo

lendo em sua tenda — na única vez em que pegou um livro, a não ser à noite, sob a

luz de uma lamparina, Bair resmungou tanto sobre as garotas que desperdiçavam os

dias deitadas com preguiça que Egwene acabou murmurando que se esquecera de

alguma coisa só para sair correndo, antes que a Sábida lhe arrumasse alguma coisa

para fazer. E uma conversa de poucos instantes com uma aprendiz poderia ser tão

perigosa quanto pegar um livro: ser flagrada por Sorilea em uma pequena pausa para

falar com Surandha, escondida sob a sombra de uma tenda dos Cães de Pedra, lhe

rendeu uma tarde inteira cuidando da lavagem das roupas. Até teria ficado feliz em

cuidar de algumas tarefas pelo simples fato de ter o que fazer, mas

Sorilea foi

examinar as roupas impecavelmente limpas penduradas dentro da tenda, protegidas

da poeira onipresente, fungou e mandou que fizessem tudo de novo — e isso

aconteceu duas vezes! Sevanna também testemunhou parte desse castigo.

Quando ia à cidade, Egwene sempre ficava tensa — ainda assim, no terceiro dia,

foi de fininho até as docas, se esgueirando como um rato roubando leite de um gato.

Um sujeito todo enrugado com um barquinho estreito coçou o cocuruto coberto de

cabelos ralos e pediu um marco de prata para levá-la a remo até o navio do Povo do

Mar. Nada na vida era de graça, mas aquele preço era ridículo. Egwene encarou o

homem, respondendo que ele receberia apenas uma moeda comum de prata — o que

ainda era bem caro, aliás —, e esperou que a barganha que viria a seguir não lhe

custasse todas as moedas da bolsa, pois não tinha muitas. Todos se sobressaltavam

ou se encolhiam diante dos Aiel, mas, quando o assunto era dinheiro, esqueciam-se

do *cadin'sor* e das lanças e lutavam feito leões. O homem abriu a boca banguela,

então fechou, espiou Egwene de cima a baixo, resmungou para si mesmo e, para a

surpresa da garota, aceitou, acrescentando que ela estava roubando o pouco pão que

ele tinha para comer.

— Vamos logo — grunhiu o sujeito. Vamos de uma vez. Não posso perder o dia

todo por essa ninharia. Ora, essa mulher querendo intimidar um pobre trabalhador.

Querendo roubar meu último naco de pão.

Ele não parou de resmungar mesmo quando começou a remar, impulsionando o

barco minúsculo para as vastas águas do Alguenya.

Egwene não sabia se Rand já encontrara essa Senhora das Ondas, mas esperava

que sim. De acordo com Elayne, o Dragão Renascido era o Coramoor do Povo do

Mar, o Escolhido, e bastava ele aparecer para que aquela gente atendesse a todos os

seus chamados. Ainda assim, torcia para que o Povo do Mar não tivesse se rebaixado

tanto. Rand já tinha gente de mais disposta a lhe beijar os pés. Mas não fora até lá

com aquele barqueiro ranzinza por causa de Rand. Elayne conhecera alguns Atha'an

Miere, viajara em um de seus navios. E a amiga dizia que as Chamadoras de Ventos

do Povo do Mar podiam canalizar — ao menos algumas delas. Talvez a maioria.

Tratava-se de um segredo que os Atha'an Miere guardavam muito bem, mas a

Chamadora de Ventos da embarcação de Elayne estivera mais do que disposta a

compartilhar seus conhecimentos, depois de ser descoberta. Uma Chamadora de

Ventos do Povo do Mar entendia bem dos assuntos do clima, e Elayne alegava que

elas sabiam ainda mais do assunto do que as Aes Sedai, dizendo que a Chamadora

de Ventos do navio em que estivera tecera fluxos enormes para gerar ventos

favoráveis. Egwene não tinha ideia de quanto daquilo era verdade e quanto era

apenas empolgação, mas aprender um pouco sobre o clima com certeza seria melhor

do que ficar de braços cruzados, sem conseguir decidir se ser pega por Nesune talvez

não fosse melhor do que lidar com as Sábias e Sevanna. Com o que sabia até então,

não conseguiria fazer chover nem se os céus estivessem negros — mas conseguiria

invocar relâmpagos. Bem, o sol ardia, dourado, no céu sem nuvens, e ondas de calor

dançavam sobre a água escura. Pelo menos não havia poeira rio adentro.

Quando o barqueiro finalmente recolheu os remos e deixou a pequena embarcação

deslizar até a lateral do navio, Egwene se levantou, ignorando os resmungos do

homem de que acabaria fazendo ambos caírem no rio.

— Olá? — gritou. — Olá? Posso subir a bordo?

Egwene já estivera em várias embarcações fluviais e se orgulhava de conhecer os

termos corretos — aquela gente da navegação se ofendia sempre que ouvia um

termo errado —, mas aquele navio era diferente. Já vira embarcações

mais longas,

porém nenhuma tão alta. Parte da tripulação estava nos cordames ou escalando os

mastros oblíquos — homens de pele escura e peito nu, descalços, trajando calças

coloridas folgadas presas por faixas brilhantes, e mulheres de pele escura com blusas

de cores fortes.

Estava prestes a gritar outra vez, ainda mais alto, quando uma escada de cordas se

desenrolou na lateral da embarcação. Não ouviu resposta do convés, mas aquilo

parecia convite o bastante. Egwene subiu. Foi difícil — não a escalada, e sim manter

as saias fechadas e as pernas cobertas com um mínimo de decência, o que a fez

entender por que as mulheres do Povo do Mar usavam calças —, mas acabou

chegando à amurada.

Seus olhos logo pousaram sobre uma mulher no convés, a menos de uma braça de

distância. A blusa e as calças eram de seda azul, com uma faixa mais escura na

cintura. Ela usava três argolas de ouro trabalhadas em cada orelha, além de uma

correntinha da qual pendiam minúsculos medalhões cintilantes descendo de uma das

orelhas até uma argola no nariz. Elayne descrevera a joia e até chegara a mostrá-la

em *Tel'aran'rhiod*, mas ver a coisa ao vivo fez Egwene se encolher. Só que havia

algo mais: conseguia sentir a capacidade de canalizar da mulher.
Encontrara a

Chamadora de Ventos.

Ela abriu a boca para falar com a mulher, então uma mão escura empunhando

uma adaga reluzente surgiu de repente diante dos seus olhos. Antes que pudesse

gritar, a lâmina cortou as cordas da escada. Ainda se segurando no objeto já sem

serventia, Egwene despencou.

Foi só então que gritou — o grito durou um piscar de olhos, então ela caiu no rio,

os pés mergulhando primeiro, afundando rapidamente. A água entrou depressa em

sua boca aberta, abafando o grito. Achou que tinha engolido metade do rio. Ela se

debateu, tentando desenrolar as saias em volta da cabeça e se livrar do que restava da

escada. Não entrou em pânico. Não entrou. Quão fundo mergulhara? Via apenas

uma escuridão lamacenta ao redor. Para que lado ficava a superfície? Tiras de ferro

apertavam seu peito, mas ela expirou pelo nariz e ficou olhando o caminho das

bolhas, que lhe pareceram ir para baixo e para a esquerda. Virou-se e nadou para a

superfície. Faltava muito? Os pulmões ardiam.

Sua cabeça irrompeu para a luz do dia e, engasgando e tossindo, Egwene respirou

fundo. Para a sua surpresa, o barqueiro estendeu a mão e a arrastou aos poucos para

dentro do barco, resmungando para que ela parasse de se debater antes que irritasse

as pessoas no navio, acrescentando que o Povo do Mar era uma gente muito

sensível. O homem se inclinou de volta para recuperar o xale de Egwene antes que a

peça afundasse de volta. Apanhou o xale das mãos do barqueiro, que recuou como se

pensasse que ela iria bater nele com o tecido molhado. Sentia as saias pesadas, a

blusa e a anágua grudando no corpo, o lenço todo torto no meio da testa. Uma poça

começou a se formar sob seus pés no chão do barco.

O barquinho estava a cerca de vinte passadas do navio. A Chamadora de Ventos

estava na amurada, junto com mais duas mulheres, uma usando roupas de seda verde

comum e a outra com vestes de um tecido vermelho bordado com fios de ouro. Os

brincos, anéis e correntes refletiam o sol.

— O presente da passagem é negado a você — afirmou a mulher de verde, e a de

vermelho gritou:

— Avise às outras que esses disfarces não nos enganam. Não temos medo de

você. O presente da passagem é negado a todas vocês!

O barqueiro encarquilhado pegou os remos, mas Egwene apontou o dedo em riste

bem para o nariz estreito dele.

— Pare agora mesmo — ordenou Egwene. Como ousavam jogá-la na

água

daquele jeito, sem uma palavra de cortesia?

Egwene respirou fundo, abraçou *saidar* e canalizou quatro fluxos antes que a

Chamadora de Ventos pudesse reagir. Então a mulher entendia do clima, era? Será

que também conseguiria canalizar quatro fluxos de uma vez? Não eram muitas as

que conseguiam, nem mesmo entre as Aes Sedai. Com um fluxo de Espírito, ela

blindou a Chamadora de Ventos para impedi-la de interferir — isso se a mulher

soubesse como. Todos os outros três foram de Ar, tecidos com toda a delicadeza ao

redor de cada mulher, prendendo seus braços à lateral do corpo. Erguê-las no ar não

foi exatamente difícil, mas também não foi fácil.

A tripulação do barco gritou quando as mulheres começaram a levitar até o rio.

Egwene escutou o barqueiro se lamuriando, mas não estava interessada nele. As três

mulheres do Povo do Mar sequer protestaram. Fazendo um esforço, ergueu-as ainda

mais, a dez ou vinte passadas da superfície. Não importava quanto se empenhasse,

aquele parecia ser seu limite. *Bem, não quero machucar ninguém*, pensou, soltando

os fluxos. *Agora elas vão gritar.*

As três se enrolaram feito bolas assim que começaram a cair, giraram e

estenderam os corpos com os braços esticados à frente. Mergulharam graciosamente,

quase sem espirrar água. Momentos depois, três cabeças escuras despontaram na

superfície, e as mulheres nadaram depressa de volta para o navio.

Egwene fechou a boca. *Se eu erguer as três pelo tornozelo e enfiar a cabeça de*

cada uma na água, aí elas vão... O que estava pensando? Aquelas mulheres tinham

que gritar só porque ela gritara? Não estava mais ou menos molhada do que as três.

Devo estar parecendo uma rata molhada! Canalizou com cuidado — empregar os

fluxos em si mesma sempre exigia cautela, já que não conseguia ver a trama muito

bem —, e a água foi escorrendo do corpo, se esvaindo das roupas. A poça no chão

do barco aumentou.

Só quando notou que o barqueiro a encarava com a boca escancarada e os olhos

esbugalhados é que ela se deu conta do que fizera. Tinha canalizado no meio do rio,

sem nada para escondê-la de qualquer Aes Sedai que pudesse ver. Com ou sem sol,

de repente sentiu os ossos gelarem.

— Agora já pode me levar de volta para a margem. — Não havia como saber

quem estava no cais, e, àquela distância, era impossível diferenciar um homem de

uma mulher. — Mas não para a cidade. Para a beira do rio.

O sujeito obedeceu na hora, começando a remar tão rápido que Egwene quase

caiu para trás. Ele a levou até um ponto da margem quase todo coberto por rochas

lisas do tamanho da cabeça dela. Não havia ninguém à vista, mas, assim que o barco

raspou nas pedras, Egwene saltou, ergueu as saias e disparou pelo barraco íngreme,

mantendo o mesmo pique até estar de volta à tenda, onde desabou, ofegante, suando

em bicas. Desde então, não foi mais à cidade. A não ser para ver Gawyn, claro.

Os dias se passaram, e o vento, já quase constante, carregava dia e noite lufadas

de poeira e areia. Na quinta noite, Bair acompanhou Egwene ao Mundo dos Sonhos,

um breve passeio de teste pelo trecho de *Tel'aran'rhiod* que Bair conhecia melhor: o

Deserto Aiel, uma terra acidentada e ressecada que fazia até aquela Cairhien

arrasada pela seca parecer formosa e exuberante. Uma viagem rápida, então Bair e

Amys vieram acordá-la para conferir se a empreitada provocara algum efeito

negativo. Não provocara. Nisso as duas acabaram concordando, depois de a

obrigarem a correr e saltar várias vezes, e mesmo assim apenas após examinarem

cuidadosamente seus olhos e seu coração. Ainda assim, na noite seguinte, Amys

levou-a para mais uma voltinha no Deserto, seguida de mais um exame tão cansativo

que Egwene ficou feliz quando enfim pôde se arrastar de volta para os lençóis e cair

em um sono profundo.

Naquelas duas noites, Egwene não voltou ao Mundo dos Sonhos, mas foi mais por

exaustão do que por falta de vontade. Antes daqueles pequenos testes, sempre dizia a

si mesma que devia parar de ir a *Tel'aran'rhiod* sozinha — não seria nada bom ser

pega violando as restrições justo quando as Sábias estavam prestes a suspendê-las

—, mas sempre acabava decidindo que uma viagemzinha curta não teria problema, se

fosse rápida o bastante para reduzir as chances de ficar exposta. O que de fato

evitava era o lugar entre *Tel'aran'rhiod* e o mundo desperto, onde os sonhos

flutuavam. Tomou essa decisão ao perceber como estava tentada a encontrar uma

maneira de bisbilhotar os sonhos de Gawyn sem ser atraída para eles — mas sempre

dizendo a si mesma que, caso isso acontecesse, tudo não passaria de um sonho.

Tentava lembrar a si mesma, o tempo todo, que era uma mulher adulta, não uma

garotinha tola. Ainda assim, estava feliz por ninguém mais saber da confusão que

Gawyn criava em sua cabeça. Amsy e Bair gargalhariam até chorar.

Na sétima noite, Egwene se preparou com todo o cuidado antes de dormir,

botando uma camisola limpa e escovando o cabelo até deixá-lo

brilhando. Nada

daquilo seria relevante em *Tel'aran'rhiod*, mas servia para distraí-la de como seu

estômago parecia dar piruetas. Naquela noite, as Aes Sedai estariam esperando por

ela no Coração da Pedra, e não Elayne ou Nynaeve. Não deveria fazer diferença, a

menos que... A escova de cabelo de marfim parou no meio de uma mecha. A menos

que uma das Aes Sedai revelasse que ela era apenas uma Aceita. Como não tinha

pensado naquilo? Luz, gostaria de poder falar com Nynaeve e Elayne. O problema

era que também não via como falar com as amigas adiantaria de alguma coisa, e ela

tinha certeza de que aquele sonho com objetos caindo no chão e se estilhando

significava que algo acabaria dando muito errado caso tentasse entrar em contato

com as amigas.

Mordiscando o lábio inferior, considerou ir dizer a Amys que não estava se

sentindo bem — nada grave, só um incômodo no estômago, mas que achava que não

daria conta de visitar o Mundo dos Sonhos naquela noite. Retomariam as aulas

depois do encontro, mas... Seria mais uma mentira, além de uma covardia. Egwene

não era covarde. A coragem não vinha igual e nem no mesmo nível para todos, mas

a covardia era desprezível. Não importava o que acontecesse naquela

noite, tinha

que se forçar a encarar o que viesse de frente.

Firme e decidida, largou a escova, apagou o lampião com um sopro e foi

rastejando até o catre. Estava cansada o bastante para não ter problemas em pegar no

sono, embora já soubesse se obrigar a dormir a qualquer momento, quando

necessário, ou pelo menos a entrar no leve transe que a levaria parcialmente ao

Mundo dos Sonhos, mas a manteria desperta o suficiente para conseguir falar —

talvez balbuciar — com alguém que estivesse aguardando junto a seu corpo. A

última coisa que lhe ocorreu antes de cair no sono foi perceber, muito surpresa, que

o estômago não estava mais se revirando.

Estava em uma grande câmara abobadada repleta de espessas colunas de pedra

vermelha polida — o Coração da Pedra, na Pedra de Tear. Acima, lampiões

dourados pendiam de correntes. Estavam apagados, mas claro que havia luz, aquela

iluminação que vinha de todas as partes e de lugar nenhum. Amys e Bair já estavam

lá, com a mesma aparência daquela manhã, tirando o fato de que todos os colares e

braceletes cintilavam um pouco mais do que o normal, mesmo sendo de ouro.

Conversavam em vozes tranquilas, mas pareciam irritadas. Egwene só conseguiu

ouvir algumas palavras, mas tinha certeza de que houve uma menção a “Rand

al”Thor”.

De repente, percebeu que usava um vestido branco de Aceita com bainha listrada.

Assim que reparou, sua roupa se tornou uma cópia da vestimenta das Sábias, mas

sem as joias. Achou que as outras duas não tinham percebido — ou que, caso

tivessem, não soubessem o significado do vestido. Em alguns casos, a rendição fazia

a pessoa perder menos *ji* e adquirir menos *toh*, mas Aiel nenhum consideraria isso

sem pelo menos tentar lutar.

— Elas estão atrasadas de novo — reclamou Amys, irritada, andando até o espaço

aberto logo abaixo do grande domo da câmara. No chão de pedra estava o que

parecia uma espada de cristal — era a *Callandor* da profecia, um *sa’angreal*

masculino dos mais poderosos já criados. Rand deixara a espada ali para que os

tairenos se lembrassem dele — como se houvesse chance de esquecerem —, mas

Amys mal olhou para o objeto. Para muitos, A Espada Que Não É Espada até podia

ser um símbolo do Dragão Renascido, mas para aquela Sábia aquilo era coisa dos

aguacentos. — Bem, considerando a reunião passada, ao menos podemos esperar

que elas não vão tentar fingir que sabem de tudo e que nós não

sabemos de nada. As

Aes Sedai se saíram bem melhor na última vez.

Bair fungou de um jeito que teria deixado Sorilea sem reação.

— Elas não vão melhorar nunca. O mínimo que podiam fazer era chegar na hora

combi...

A frase ficou por terminar. Sete mulheres apareceram de repente do outro lado de

Callandor.

Egwene reconheceu todas, até a jovem de olhos azuis e determinados que

encontrara antes, em *Tel'aran'rhiod*. Quem seria? Amys e Bair já tinham falado das

demais — quase sempre com amargura —, mas nunca mencionaram aquela mulher.

Ela usava um xale com bordas azuis; todas estavam de xale, na verdade. Os vestidos

volta e meia mudavam de cor e de corte, mas os xales nunca sequer tremeluziam.

Assim que chegaram, as Aes Sedai se voltaram para Egwene, como se as Sábias

nem existissem.

— Egwene al'Vere — começou Sheriam, em um tom muito formal —, você está

convocada a comparecer ao Salão da Torre. — A Aes Sedai estreitou os olhos de

leve, tentando disfarçar alguma emoção. Egwene sentiu um aperto no peito: elas

sabiam que estava se passando por uma irmã completa.

— Não pergunte o motivo da convocação — advertiu Carlinya, logo depois de

Sheriam terminar, sua voz gélida aumentando ainda mais a sensação de formalidade.

— Seu dever é responder, não perguntar.

Por algum motivo misterioso, Carlinya cortara o cabelo escuro bem curto. O

detalhe irrelevante de repente pareceu importante para Egwene. Não queria ficar

pensando no que tudo aquilo significava, não mesmo. As frases cerimoniais vieram

em sucessão, em um ritmo imponente. Amys e Bair ajeitaram os xales e franziram o

cenho, a irritação começando a virar preocupação.

— Não adie sua vinda — continuou Anaiya. Egwene sempre a tinha achado

bondosa, mas a mulher de rosto gentil soava tão firme quanto Carlinya, com uma

formalidade quase tão fria quanto a da Branca. — Seu dever é obedecer com

presteza.

As três falaram em uníssono:

— É bom temer as convocações do Salão. É bom obedecer com presteza e

humildade, sem questionar. Você está convocada a se ajoelhar perante o Salão da

Torre e aceitar seu julgamento.

Egwene se forçou a controlar a respiração, ao menos o suficiente para conseguir

evitar parecer ofegante. Qual seria a punição para o que fizera?

Suspeitava de que

não seria nada branda, a julgar por toda aquela cerimônia. Todas a encaravam.

Tentou decifrar alguma coisa naqueles rostos de Aes Sedai — seis deles exibiam

apenas a serenidade da idade indefinida, talvez uma leve intensidade no olhar. A

jovem Azul ostentava a calma tranquila de alguém que já era Aes Sedai havia anos,

mas não conseguia esconder o sorriso discreto e satisfeito.

Elas pareciam estar esperando resposta.

— Vou assim que puder. — Seu coração estava tão apertado que parecia prestes a

ser esmagado, mas Egwene conseguiu deixar a voz em um tom à altura do das

mulheres. Nada de covardia. Ela ainda se tornaria Aes Sedai. Isso se deixassem,

depois de tudo o que fez. — Só não sei se consigo chegar assim tão rápido. O

caminho é longo, e não sei exatamente onde fica Salidar, só sei que é algum lugar ao

longo do Rio Eldar.

Sheriam e outras Aes Sedai se entreolharam. Seu vestido passou de uma seda

azul-clara a um cinza-escuro de saias plissadas.

— Temos certeza de que existe uma maneira de fazer essa jornada mais depressa.

Se as Sábias ajudarem, claro. Siuan está certa de que não precisaríamos de mais de

um ou dois dias, se você entrar fisicamente em *Tel'aran'rhiod*...

— Não — interrompeu Bair, irritada, no mesmo instante em que Amys retrucava:

— Não vamos ensinar uma coisa dessas para ela. Isso já foi usado para o mal, e é

uma habilidade maligna. Quem faz uma coisa dessas, não importa quem seja, perde

uma parte de si mesmo.

— Você não pode saber disso com certeza — retrucou Beonin, em um tom muito

paciente —, já que, ao que parece, nenhuma de vocês nunca nem tentou. Mas, se

sabem que existe um jeito, devem ter alguma ideia de como se faz. Com essa

informação, podemos descobrir a parte que vocês não souberem.

O tom paciente não foi a abordagem correta. Amys ajustou o xale e se endireitou,

a postura ainda mais ereta que de costume. Bair plantou as mãos na cintura,

encarando Beonin com um olhar duro e ameaçador. Em poucos instantes, haveria

uma daquelas brigas que as Sábias tinham dado a entender que aconteciam. Ah, as

duas iam ensinar àquelas Aes Sedai algumas lições sobre o que podia ser feito em

Tel'aran'rhiol, deixando bem claro quão pouco aquelas mulheres da Torre sabiam.

As Aes Sedai retribuíram os olhares irritados com expressões muito calmas e cheias

de confiança. Os xales permaneciam estáveis, mas os vestidos se alternavam quase

tão rápido quanto as batidas do coração de Egwene — só a roupa da

jovem Azul

parecia mais estável, tendo mudado apenas uma vez durante todo aquele longo

silêncio.

Egwene tinha que acabar com aquilo. Precisava ir a Salidar, e não ajudaria em

nada sua situação se ela testemunhasse aquelas Aes Sedai serem humilhadas.

— Eu sei como faz. Acho que sei. E estou disposta a tentar. — Se não desse certo,

ainda poderia ir cavalgando. — Mas preciso saber onde é. Pelo menos melhor do

que sei agora.

Amys e Bair desviaram a atenção das Aes Sedai para ela. Nem Carlinya

conseguiria rivalizar com aqueles olhares frios — nem mesmo Morvrin teria

conseguido. Egwene sentiu o coração se apertar mais um tanto.

Na mesma hora, Sheriam começou a dar as coordenadas — a tantas milhas dessa

aldeia, a tantas léguas ao sul daquela outra —, mas a jovem Azul apenas pigarreou e

disse:

— Isto aqui talvez seja mais útil. — A voz soava familiar, mas Egwene não

conseguia se lembrar daquele rosto.

Ela parecia não ter muito mais controle sobre as próprias roupas do que as outras

Aes Sedai, no fim das contas — a seda verde suave foi adquirindo um tom azul-

escuro enquanto ela falava, e a gola alta bordada virou um rufo de renda ao estilo

taireno enquanto uma touca cravejada de pérolas surgia em sua cabeça —, mas até

que possuía algum conhecimento sobre *Tel'aran'rhiol*. Um mapa enorme se

materializou no ar, mais para o lado. Um ponto vermelho reluzente em uma das

extremidades indicava “Cairhien”, anotado com letras garrafais, e um segundo

indicava “Salidar”, na outra extremidade. O mapa foi se expandindo e se

modificando, e de repente as montanhas não eram apenas linhas, e sim relevos; as

florestas adquiriram tons de verde e marrom; e os rios passaram a cintilar feito água

azul à luz do sol. O mapa foi crescendo até virar um paredão que cobria toda a

lateral da Pedra. Era como olhar de cima para o mundo inteiro.

Até as Sábias ficaram impressionadas — ao menos não deixaram a desaprovação

clara até o vestido taireno da mulher se transformar em uma veste de seda amarela

com bordados de prata na gola. Mas a jovem não estava interessada nas Aiel. Por

algum motivo, fitava as outras Aes Sedai com um olhar desafiador.

— Esplêndido, Siuan — opinou Sheriam, depois de um momento.

Egwene ficou surpresa. Siuan? Devia ser outra mulher com o mesmo nome. A

jovem Siuan pareceu muito satisfeita consigo mesma e aquiesceu — sua expressão

assertiva lembrava muito Siuan Sanche, mas era impossível. *Você só está enrolando,*

ralhou consigo mesma.

— Bem, isso com certeza é o suficiente para eu encontrar Salidar, podendo ou

não... — Ela olhou de esguelha para Amys e Bair, que a encaravam com um olhar

tão cheio de reprovação silenciosa que mais pareciam esculpidas em pedra invernal.

— Podendo ou não entrar neste mundo em carne e osso. De um jeito ou de outro,

prometo que estarei em Salidar assim que possível.

O mapa desapareceu. *Luz, o que elas vão fazer comigo?*

Chegou a abrir a boca para perguntar, mas Carlinya a interrompeu, ríspida,

voltando ao tom cerimonioso, agora ainda mais intenso e rigoroso.

— Não pergunte o motivo da convocação. Seu dever é responder, não perguntar.

— Não adie a sua vinda — completou Anaiya. — Seu dever é obedecer com

presteza.

As Aes Sedai se entreolharam e sumiram, indo embora tão depressa que Egwene

chegou a suspeitar de que achavam que ela faria alguma pergunta.

Aquilo a deixou a sós com Amys e Bair. Mas, quando se virou para as Sábias,

sem saber se deveria começar por uma explicação ou por um pedido de desculpas ou

se apenas imploraria por compreensão, as duas também sumiram. Ficou sozinha,

cercada pelas colunas de pedra vermelha, com *Callandor* cintilando a seu lado. Não

havia desculpas no *ji'e'toh*.

Egwene suspirou, tristonha, e saiu de *Tel'aran'rhiod* de volta para seu corpo

adormecido.

Ela despertou na mesma hora — acordar por vontade própria era uma parte tão

importante do treinamento de uma Andarilha dos Sonhos quanto adormecer quando

queria, e ela de fato prometera ir o mais depressa possível. Canalizando, acendeu

todas as lamparinas. Precisaria de luz. Esforçou-se para ser rápida ao se ajoelhar

junto de um dos bauzinhos encostados nas paredes da tenda e desencavar as roupas

que não usara desde que chegara ao Deserto. Parte de sua vida chegava ao fim, mas

ela não choraria por aquela perda. Não mesmo.

* * *

Assim que Egwene sumiu, Rand saiu de detrás das colunas. Às vezes ia ali dar uma

olhada em *Callandor*. A primeira visita tinha sido depois de Asmodean ensinar a ele

a inverter os fluxos. Depois disso, tinha mudado as armadilhas dispostas ao redor do

sa'angreal para que apenas ele conseguisse ver as tramas. Se podia acreditar nas

Profecias, quem conseguisse empunhar a espada depois dele seria seu “sucessor”.

Não tinha certeza de quanto ainda acreditava naquilo, mas não precisaria correr

riscos desnecessários.

Lews Therin resmungava em algum lugar no fundo de sua mente — isso

acontecia sempre que Rand chegava muito perto de *Callandor*.
Naquela noite, no

entanto, a espada de cristal reluzente não lhe despertou nenhum interesse. Em vez

disso, olhava para o ponto onde o imenso mapa fora estendido — no fim das contas



a coisa se revelou não apenas um mapa, e sim algo mais. Que lugar seria aquele?

Será que a pura sorte o conduzira até ali, naquela noite, em vez da noite anterior ou

da seguinte? Teria sido um dos puxões de *ta'veren* no Padrão? Não importava.

Egwene aceitara a convocação sem protestar, coisa que jamais faria se aquilo fosse

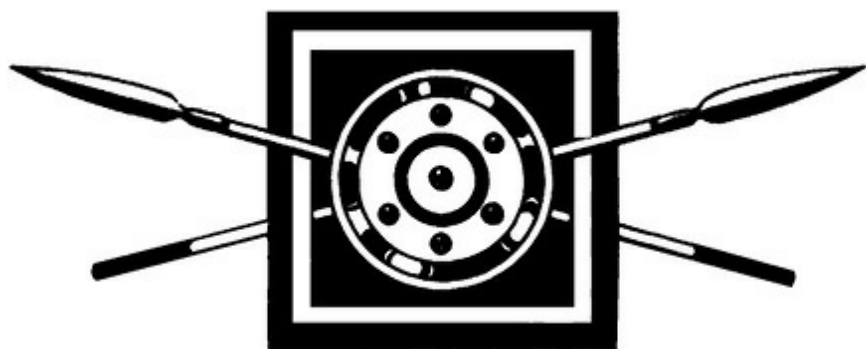
obra da Torre e de Elaida. Essa tal de Salidar era onde estavam escondidas suas

amigas misteriosas. Onde estava Elayne. E aquelas mulheres tinham lhe entregue a

localização de bandeja.

Com uma gargalhada, Rand abriu um portão para o reflexo do Palácio em

Caemlyn.



CAPÍTULO 33

CORAGEM PARA FORTIFICAR

Ajoelhada, ainda só de camisola, Egwene franziu o cenho, examinando o vestido de

cavalgada de seda verde-escura que estava usando quando chegou ao Deserto, tanto

tempo antes. Ainda tinha muito a fazer. Tirara alguns instantes para escrever um

bilhete apressado e depois acordara Cowinde para mandar que ela o entregasse na

estalagem O Homem Comprido logo de manhã.

O bilhete não dizia muito, só explicava que precisara ir embora — e Egwene

tampouco sabia muito mais que isso —, mas não podia simplesmente desaparecer

sem deixar nenhuma explicação para Gawyn. Algumas das coisas que escrevera

ainda a deixavam corada só de lembrar — dizer que o amava era uma coisa, mas

chegara a *pedir* a ele que a esperasse! Bem, conseguira ser justa com ele, pelo menos

tanto quanto possível. Só precisava terminar de se arrumar, e mal sabia para quê.

A abertura da tenda foi erguida, e Amys entrou com Bair e Sorilea. As três

ficaram paradas, lado a lado, encarando-a de cima. Três olhares inflexíveis de

reprovação. Egwene teve que se esforçar para não apertar o vestido contra o peito —

só de camisola, como estava, sentia-se muito mais vulnerável. Embora, pensando

bem, até de armadura estaria vulnerável diante daquelas três. A questão era que sabia

que estava errada. Ficou surpresa por elas terem demorado tanto tempo para

aparecer.

Egwene respirou fundo.

— Se vieram me punir, não tenho tempo para carregar água, cavar buracos e nem

nada disso. Peço desculpas, de verdade, mas eu prometi que partiria assim que

pudesse, e acho que elas vão contar cada minuto.

Amys ergueu as sobrancelhas claras, surpresa, e um olhar confuso perpassou o

rosto de Bair e Sorilea.

— Como poderíamos punir você? — indagou Amys. — Você deixou de ser nossa

pupila no instante em que as suas irmãs a convocaram, e agora tem que ir atender ao

chamado delas como a Aes Sedai que é.

Egwene conteve a careta, disfarçando a expressão enquanto examinava o vestido

de cavalgada. Achou impressionante como o tecido estava pouco amassado, mesmo

depois de passar todos aqueles meses enrolado em um baú. Então se obrigou a

encará-las.

— Sei que estão zangadas comigo e têm motivo para...

— Zangadas? — estranhou Sorilea. — Não estamos zangadas. Achei que você

nos conhecesse melhor que isso. — Ela de fato não parecia zangada, mas ainda

exibia a mesma expressão de censura das outras duas.

Egwene encarou cada uma delas, demorando-se em Amys e Bair.

— Mas vocês falaram que acham errado o que vou fazer. Que eu não devia nem

pensar em fazer uma coisa dessas. E eu tinha dito que nem mesmo pensaria, mas

pensei assim mesmo e descobri como se faz.

Para sua surpresa, um sorriso brotou no rosto enrugado de Sorilea. A profusão de

braceletes retiniu quando ela ajeitou o xale, parecendo satisfeita.

— Viram só? Eu disse que ela entenderia. Ela poderia ser Aiel.

A tensão no rosto de Amys pareceu diminuir um pouco, e a de Bair

cedeu ainda

mais. Egwene enfim compreendeu. As Sábias não estavam irritadas porque ela ia

entrar em *Tel'aran'rhiod* em carne e osso — aquilo ainda era errado a seus olhos,

mas entendiam quando alguém precisava fazer o que julgava ser necessário. E,

mesmo que desse certo, Egwene só incorreria em obrigação para com ela mesma. As

Sábias não estavam nem um pouco irritadas, ao menos não ainda. O que as

incomodava era a mentira. Egwene sentia o estômago palpitar. Só sabiam da mentira

que admitira. Que talvez fosse a menor das mentiras.

Teve que parar mais uma vez para respirar fundo, preparando a garganta para as

palavras que precisava se forçar a dizer.

— Também menti sobre outras questões. Entrei em *Tel'aran'rhiod* sozinha,

mesmo depois de ter prometido que não entraria. — Amys ficou séria outra vez.

Sorilea, que não era Andarilha dos Sonhos, apenas balançou a cabeça com pesar. —

Prometi obedecer como pupila, mas, depois que me machuquei e vocês me disseram

para esperar, explicando que o Mundo dos Sonhos era perigoso demais, eu voltei lá

mesmo assim. — Bair cruzou os braços, o rosto inexpressivo. Sorilea resmungou

algo sobre garotas tolas, mas sem muita raiva. Egwene respirou fundo uma terceira

vez, preparando-se para a parte mais difícil de dizer. Nem sentia mais as palpitações

no estômago, pois o que havia dentro dela agora era uma dança tão louca e intensa

que era surpreendente o corpo todo não estar tremendo. — O pior de tudo é que eu

não sou Aes Sedai. Sou só uma Aceita. É como ser aprendiz. Ainda faltam alguns

anos para eu ser elevada a Aes Sedai, se é que algum dia serei, depois disso.

Sorilea ergueu a cabeça ao ouvir aquilo, comprimindo os lábios finos em uma

linha firme, mas nenhuma das três disse uma única palavra. Egwene é quem

precisava esclarecer e resolver a situação. As coisas nunca mais seriam exatamente

como eram, mas...

Você admitiu tudo, sussurrou uma vozinha. Agora é melhor tratar de descobrir

em quanto tempo consegue chegar em Salidar. Você algum dia ainda pode ser

elevada a Aes Sedai, mas não se deixar as Aes Sedai mais irritadas do que elas já

estão.

Egwene baixou os olhos, encarando os tapetes coloridos dispostos em camadas, a

boca se retorcendo de desdém. Desdém por aquela vozinha. E vergonha por tê-la em

sua mente, por poder pensar aquilo. Iria embora, sim, mas antes precisava resolver a

situação — e dava para resolver, com o *ji'e'toh*. Depois de fazer o que

julgava ser

necessário, era preciso pagar o preço; era assim que as coisas funcionavam. Muitos

meses antes, no Deserto, Aviendha lhe mostrara como era cobrado o preço de uma

mentira.

Reunindo cada fragmento de coragem que conseguiu encontrar e torcendo para

que fosse o suficiente, Egwene deixou o vestido de seda de lado e se levantou.

Estranhamente, parecia mais fácil prosseguir com aquilo depois de ter começado.

Ainda teve que erguer os olhos para encarar as três, mas encarou-as com orgulho, de

cabeça erguida, e não precisou forçar as palavras.

— Eu tenho *toh*. — Não sentia mais o estômago palpitar. — Peço a vocês o favor

de me ajudarem a cumprir minha *toh*.

Salidar teria que esperar.

* * *

Apoiado no cotovelo, Mat examinava o jogo de Cobras e Raposas disposto no chão

da tenda. De tempos em tempos, uma gota de suor caía de seu queixo, quase

pingando no tabuleiro. Não chegava a ser bem um tabuleiro, na verdade, só um

pedaço de pano vermelho com as tramas das linhas desenhadas à tinta preta e setas

identificando os possíveis sentidos de movimentos por cada linha —

algumas

permitiam ir apenas em uma direção, por outras era possível transitar nos dois

sentidos. Dez discos de madeira clara, cada um com um triângulo pintado,

marcavam as raposas, e outros dez com uma linha sinuosa eram as cobras. Duas

lamparinas pousadas de cada lado proporcionavam luz mais que suficiente.

— Nós vamos ganhar esta, Mat — empolgou-se Olver. — Sei que vamos.

— Talvez — respondeu o mais velho. Os dois discos que os representavam,

marcados com manchas pretas, estavam quase de volta ao círculo no meio do

tabuleiro, mas eram as cobras e as raposas que jogariam os dados dessa vez. A

maioria dos jogadores não conseguia nem chegar à ponta para começar a voltar. —

Jogue os dados.

Não encostava no copo com os dados desde que o dera para o garoto — se iam

jogar aquilo, melhor que fosse sem a ajuda da sua sorte.

Abrindo um sorriso enorme, Olver chacoalhou o copo de couro e deixou cair os

dados de madeira, feitos por seu próprio pai. Ele gemeu, examinando as faces dos

dados — três mostravam lados marcados com um triângulo, e os outros três exibiam

linhas sinuosas, indicando que as três peças de cada lado se moveriam. Quando era a

vez do inimigo, as cobras e as raposas se moviam em direção às peças dos jogadores

seguindo pelo caminho mais curto, e se uma delas pousasse no mesmo ponto que

uma peça... Uma cobra caiu em Olver, e uma raposa, em Mat — dava para ver que,

se o garoto completasse a jogada, mais duas cobras teriam alcançado sua peça.

Era só um jogo para crianças, e um jogo impossível de vencer enquanto as regras

fossem respeitadas. Olver logo estaria velho o bastante para compreender isso e,

como qualquer outra criança, deixaria de jogar. Era apenas uma brincadeira de

crianças, mas Mat não gostava de ver as raposas alcançando sua peça, e muito

menos as cobras. Aquilo lhe trazia más recordações, mesmo que o jogo não tivesse

nada a ver com suas memórias.

— Ah, bem, quase ganhamos — resmungou Olver. — Mais uma? — Sem esperar

resposta, o garoto dispôs as peças nas posições iniciais do jogo, um triângulo

perpassado por uma linha sinuosa, então entoou: — “Coragem para fortificar, fogo

para cegar, música para encantar, ferro para selar.” Mat, por que dizemos isso? Aqui

não tem fogo, nem música e nem ferro.

— Não sei.

Os versos faziam remexer algo no fundo de sua mente, mas Mat não sabia bem o

quê. As antigas memórias que ganhara no *ter'angreal* pareciam ter sido escolhidas

ao acaso — e provavelmente tinham sido mesmo —, e além disso ainda havia todas

aquelas lacunas em suas próprias memórias, aquelas lembranças confusas. Bem,

Olver sempre fazia perguntas que Mat não sabia responder, e quase todas

começavam com um “por que”.

Daerid entrou na tenda, permitindo um vislumbre da noite lá fora, e levou um

susto ao ver os dois. Estava com o rosto reluzindo de suor, mas usava o casaco,

ainda que desamarrado. A nova cicatriz criara um sulco que ia de um lado ao outro

das linhas brancas que já ziguezagueavam seu rosto.

— Acho que já passou da sua hora de dormir, Olver — anunciou Mat, levantando-

se. Sentiu algumas pontadas das feridas, mas não doía muito. Estavam cicatrizando

bem. — Guarde o tabuleiro. — Foi para perto de Daerid e baixou a voz até um

sussurro. — Corto a sua garganta se você abrir o bico para alguém.

— Por quê? — indagou Daerid, seco. — Você está se saindo um pai maravilhoso.

O garoto assemelha-se muito a você. — Mat teve a impressão de que o homem se

esforçou para conter um sorriso, mas a vontade pareceu passar no instante seguinte.

— O Lorde Dragão está vindo para o acampamento — anunciou, sério como a

morte.

O impulso de socar o rosto de Daerid se dissipou. Mat puxou a aba da tenda para

o lado e se abaixou, mergulhando na noite só de camisa. Seis dos homens de Daerid,

parados ao redor da tenda, enrijeceram quando ele apareceu — todos besteiros, já

que piques não seriam muito úteis para guardas. Era noite, mas o acampamento não

estava escuro: o brilho luminoso da lua crescente quase cheia no céu límpido era até

solapado pelo resplendor dos fogos acesos entre as fileiras de tendas e homens

dormindo no chão. Sentinelas montavam guarda a cada vinte passadas ao longo de

toda a paliçada de toras. Não era o que Mat queria, mas, caso houvesse um ataque

surpresa...

O terreno ali era quase plano, o que lhe permitia uma visão bem clara de Rand

vindo em sua direção — e não estava sozinho: dois Aiel velados avançavam a seu

lado, atentos, virando a cabeça sempre que um dos homens do Bando se revirava

durante o sono ou quando um sentinela mudava de posição para observá-los. Aquela

Aviendha também estava com ele, carregando uma trouxa às costas e avançando a

passos duros, parecendo prestes a pular na garganta do primeiro que cruzasse seu

caminho. Mat não entendia por que Rand não a mandava para longe.

trazem problemas, pensou, mal-humorado, e nunca vi uma mulher mais disposta a

criar problemas do que essa aí.

— Aquele é mesmo o Dragão Renascido? — perguntou Olver, impressionado,

quase pulando de tanta empolgação, o jogo enrolado bem apertado junto ao peito.

— É, sim — confirmou Mat. — Agora vá para a cama. Aqui não é lugar para

garotos.

Olver foi embora resmungando, mas se calou logo ao chegar nos limites da tenda

mais próxima. De rabo de olho, Mat foi acompanhando enquanto ele saía de vista,

correndo em disparada, e o viu reaparecer ali perto, bisbilhotando.

Deixou o garoto em paz, mesmo depois de notar a expressão de Rand — pela cara

dele, Mat não sabia se aquele seria lugar para homens adultos, quanto mais para um

garoto como Olver. Aquele rosto parecia tão duro que poderia ser usado como arma

de cerco para derrubar uma muralha, mas ainda havia um vislumbre de alguma

emoção tentando se revelar — ansiedade, talvez, ou empolgação. Os olhos de Rand

emitiam um brilho febril. Ele trazia um pergaminho grande enrolado em uma das

mãos, e a outra alisava o punho da espada distraidamente. A fivela de Dragão do

cinto reluzia à luz do fogo, e volta e meia a cabeça de um dos Dragões despontava

por baixo das mangas do casaco.

Quando chegou diante de Mat, Rand não perdeu tempo com cumprimentos.

— Preciso falar com você. A sós. Preciso que você faça uma coisa.

A noite parecia um forno escuro. Rand usava um casaco verde de gola alta com

bordados de ouro, mas não suava nem uma gota.

Daerid, Talmanes e Nalesean estavam parados a poucas passadas de distância,

observando, cada um deles já meio despido para a cama. Mat gesticulou para que

aguardassem e meneou a cabeça, indicando a própria tenda para Rand. Deixou o

amigo entrar primeiro, então atravessou a abertura do tecido apalpando a cabeça de

raposa de prata através da camisa. Pelo menos não tinha com o que se preocupar.

Talvez.

Rand dissera que a conversa seria a sós, mas Aviendha parecia pensar que aquilo

não se aplicava a ela: ficou parada a exatamente duas passadas dele, nem um triz a

mais ou a menos. Ela passava quase todo o tempo encarando Rand com uma

expressão indecifrável, mas volta e meia disparava uma olhadela para Mat, franzindo

o cenho e analisando-o de alto a baixo. Rand a ignorava completamente. Toda a

pressa de antes parecia ter desaparecido. Ele passou os olhos pela tenda — Mat se

perguntou, incomodado, se o homem estava mesmo vendo alguma coisa. Bem, não

havia muito o que ver: Olver botara as lamparinas de volta sobre a mesinha

dobrável, e havia uma cadeira também dobrável, assim como o lavatório e a cama.

Tudo era de laca preta com linhas douradas. Se tinha dinheiro, melhor gastar. Ainda

dava para ver as fendas abertas pelos Aiel no tecido da tenda, apesar de terem sido

muito bem remendadas.

O silêncio começou a incomodar Mat.

— O que foi, Rand? Espero que não tenha decidido mudar os planos tão em cima

da hora.

Nenhuma resposta. Ao ouvi-lo, Rand mudou de expressão, como se só então se

desse conta de onde estava, o que deixou Mat um pouco nervoso. A despeito do que

Daerid e o restante do Bando pensassem, ele se esforçava muito para ficar longe de

qualquer batalha, mas, ainda assim, às vezes o fato de ser *ta'veren* pesava contra sua

sorte. Pelo menos era assim que via a questão. Achava que Rand tinha algo a ver

com aquilo, já que era o *ta'veren* mais forte — tão forte que, de vez em quando, Mat

praticamente sentia o puxão que o levava de volta para perto do tal Dragão

Renascido. Se Rand resolvesse se meter, Mat não ficaria surpreso de, ao ir tirar um

cochilo em um celeiro isolado, acabar acordando no meio de uma batalha.

— Mais alguns dias e chego em Tear. As balsas vão levar o Bando até o outro

lado do rio, então, alguns dias depois, alcançaremos Weiramon. Já é tarde demais

para uma maldita intromissão...

— Quero que você leve Elayne para... para Caemlyn — começou Rand, de

repente. — Quero que a conduza em segurança até Caemlyn, aconteça o que

acontecer. E não saia do lado dela até que ela ocupe o Trono do Leão. — A Aiel

atrás dele pigarreou. — Ah, sim... — Por algum motivo, sua voz ficou tão fria e

dura quanto o rosto. Bem, se ele estava enlouquecendo, precisava mesmo de um

motivo? — Aviendha vai com você. Acho melhor assim.

— *Você* acha melhor assim? — indagou ela, indignada. — Se eu não tivesse

acordado na hora em que acordei, nunca teria descoberto que você tinha encontrado

Elayne. Você não pode me mandar ir a lugar nenhum, Rand al'Thor. Tenho que falar

com Elayne para me... Tenho meus motivos para falar com ela.

— Acho mesmo ótimo você ter encontrado Elayne — começou Mat, escolhendo

bem as palavras. Se ele fosse Rand, teria deixado aquela doida onde estava. Luz, até

Aviendha seria melhor! Pelo menos as Aiel não andavam por aí de nariz empinado,

achando que o sujeito devia dar um pinote só porque tinham mandado ele pular.

Claro que alguns dos joguinhos das mulheres do Deserto eram bem pesados, e elas

realmente tentavam matar homens inocentes de vez em quando... — Só não entendo

por que você precisa de mim. Pegue um daqueles seus portões, ponha a mulher no

colo, dê um beijo nela e a arraste de lá.

Aviendha o encarou, ultrajada. Pelo ar ofendido, parecia até que Mat aconselhara

o amigo a roubar um beijo *dela*.

Rand desenrolou o enorme pergaminho sobre a mesa, usando as lamparinas para

prender as extremidades.

— É bem aqui que ela está. — Era um mapa, um trecho do Rio Eldar com cerca

de cinquenta milhas para o lado em cada margem. Uma seta azul fora desenhada

apontando para a floresta, e a legenda indicava Salidar. Rand cutucou um ponto

próximo à margem leste do mapa; também era arborizado. Era quase tudo mato. —

Aqui tem uma clareira bem grande, dá para ver que a aldeia mais próxima fica a

quase vinte milhas a norte. Vou abrir um portão até a clareira para você e o Bando.

Mat deu um jeito de fazer a hesitação sair como um sorriso forçado.

— Olha, se tem que ser eu, por que não vou só eu? Faça esse seu portão até

Salidar, eu coloco a mulher no lombo de um cavalo e...

E o quê? Rand também abriria um portão de Salidar para Caemlyn? Era uma

longa cavalgada do Eldar até Caemlyn — bem longa, e acompanhado apenas de uma

nobre metida e uma Aiel, a viagem pareceria ainda mais longa.

— O Bando, Mat — irrompeu Rand. — Você e o Bando todo! — Ele inspirou

fundo, trêmulo, e amansou a voz. Mas o rosto não perdeu a rigidez, e os olhos

continuavam com aquele brilho febril. Quase dava para pensar que ele estava doente

ou sentindo muita dor. — Tem Aes Sedai em Salidar, Mat. Não sei quantas.

Centenas, pelo que ouvi, mas não ficaria surpreso se estiver mais para cinquenta. Do

jeito que elas falam sobre a Torre, essa história de estar inteira e pura, duvido que

você vá ver mais que isso. Quero colocar você a uns dois ou três dias de distância,

para que elas saibam que você está a caminho. Não tem por que assustá-las, elas

poderiam pensar que é um ataque dos Mantos-brancos. Essas mulheres começaram

uma rebelião contra Elaida e devem estar assustadas o bastante para que você não

precise fazer muito mais do que chegar dizendo que Elayne precisa ser coroada em

Caemlyn para elas permitirem que ela vá. Se você achar que são

confiáveis, ofereça

sua proteção a elas. E a minha. Já que supostamente estão do meu lado, pode ser que

fiquem felizes até com a *minha* proteção. Aí você escolta Elayne e quantas das Aes

Sedai quiserem ir junto. Vá direto por Altara e Murandy até chegar em Caemlyn. É

só mostrar meus estandartes e anunciar o que está fazendo, duvido de que os

altaranos e murandianos criem problemas, basta você se manter na estrada. Se

encontrar algum Devoto do Dragão, pode levar junto. Acho que a maioria deles vai

acabar virando bandido se eu não amarrar todos com uma corda logo, logo. E olha

que já ouvi um ou dois boatos sobre isso. Bem, você vai atrair esse tipo se levantar

meus estandartes. — Ele abriu um sorriso súbito e irritado, mas nada se comparava

àqueles olhos em chamas. — Quantos coelhos com uma cajadada só, Mat? Você

atravessa Altara e Murandy com seis mil homens, arrasta os Devotos do Dragão

junto e ainda pode acabar me entregando esses dois países.

Tantos aspectos daquilo o deixavam irritado que Mat já não daria mais a mínima

nem se Rand estivesse com dez dentes doendo e espinhos enfiados nas duas botas.

Deixar as Aes Sedai achando que ele pretendia atacá-las? Não mesmo. E ainda teria

que intimidar cinquenta delas? Não tinha medo de Aes Sedai, nem

mesmo se fossem

cinco ou seis juntas, mas *cinquenta*? Apalpou outra vez a cabeça de raposa através

da camisa — talvez acabasse descobrindo até onde ia sua sorte, afinal. E já até podia

ver o desastre que seria atravessar Altara e Murandy a cavalo: todos os nobres cujas

terras cruzasse ficariam inflados feito galos pomposos e tentariam bicá-lo assim que

ele virasse as costas. Se aquela loucura de *ta'veren* se manifestasse, era provável que

trombasse com algum lorde ou lady reunindo um exército bem no seu caminho.

Mat tentou mais uma vez.

— Rand, não acha que isso pode atrair a atenção de Sammael para o norte? Você

não quer que ele se concentre no leste? É para isso que estou aqui, lembra? Para

fazer ele se voltar para cá.

Rand balançou a cabeça, enfático.

— Ele só vai ver uma guarda de honra escoltando a Rainha de Andor até

Caemlyn, isso se descobrir antes de vocês chegarem no Trono do Leão. Quanto

tempo para você se aprontar?

Mat abriu a boca para protestar, mas desistiu. Nada o faria mudar de ideia.

— Duas horas.

Precisava de menos tempo para o Bando estar arrumado e já nas selas, mas Mat

não estava com pressa, e a última coisa que queria era que o Bando achasse que eles

estavam se deslocando para um ataque.

— Ótimo. Também preciso de mais ou menos uma hora. — Para o quê, Rand não

disse. — Fique junto de Elayne, Mat. Cuide bem dela, mantenha-a segura. Nada

disso fará sentido se ela não chegar viva para a coroação.

Rand achava mesmo que ele não sabia que passara os dias se enroscando com a

Filha-herdeira em cada canto da Pedra, na última vez em que estiveram juntos?

— Vou tratá-la como minha própria irmã. — As irmãs tinham feito de tudo para

tornar a vida de Mat uma desgraça. Bem, esperava o mesmo de Elayne, só que de

um jeito diferente. Talvez Aviendha fosse um pouco melhor. — Não vou perder a

mulher de vista até enfiá-la no Palácio Real.

E se ela ficar bancando a metidinha comigo, vai levar um belo de um chute!

Rand aquiesceu.

— Isso me lembra uma coisa: Bodewhin está em Caemlyn. Com Verin e Alanna,

além de mais duas garotas de Dois Rios. Estão indo treinar para virar Aes Sedai.

Não sei bem onde vai ser esse treinamento, mas não tem a menor chance de eu

permitir que elas sigam para a Torre, do jeito que as coisas estão. Talvez as Aes

Sedai que você levar para lá possam cuidar disso.

Mat ficou boquiaberto. Sua irmã, Aes Sedai? Bo, que sempre corria para contar

para a mãe toda vez que ele tentava fazer alguma coisa divertida?

— Tem mais — continuou Rand. — Egwene talvez chegue em Salidar antes de

você. Acho que descobriram que ela vinha se passando por Aes Sedai. Faça o

possível para livrá-la de qualquer punição. Diga que vou fazer ela voltar para as

Sábias assim que possível. É provável que ela esteja mais do que disposta a

acompanhar você, mas pode ser que não. Você sabe como ela sempre foi teimosa.

Elayne é o principal. Lembre-se: não saia do lado dela até chegar a Caemlyn.

— Prometo que não vou sair — resmungou Mat. Como, sob a Luz, Egwene podia

estar em algum ponto do Eldar? Tinha certeza de que a mulher estava em Cairhien

quando ele saiu de Maerone. A menos que ela tivesse aprendido o truque dos portões

de Rand, mas aí nesse caso poderia voltar na hora em que quisesse. Ou talvez dar um

pulo em Caemlyn e ainda criar um portão para ele e o Bando. — E não precisa se

preocupar com Egwene; vou arrastar ela para longe de lá, não importa o problema

em que tiver se metido, não importa nem se ela resolver dar uma de mula empacada.

Não seria a primeira vez que tiraria as castanhas de Egwene da lareira

antes que

queimassem. E dessa vez também era bem provável que não fosse receber nenhum

agradecimento. *Bo ia virar Aes Sedai? Sangue e malditas cinzas!*

— Ótimo — disse Rand. — Ótimo. — Ele continuava encarando o mapa com

atenção, até que desviou os olhos. Por um instante, Mat achou que ele pretendia

dizer algo a Aviendha. Mas apenas desviou o rosto, irritado. — Thom Merrilin deve

estar com Elayne. — Rand puxou uma carta do bolso, dobrada e lacrada. — Dê um

jeito de entregar isto a ele. — Rand enfiou a carta nas mãos de Mat e saiu depressa

da tenda.

Aviendha deu um passo para segui-lo, fazendo menção de erguer a mão, abrindo a

boca daquele jeito de quem está prestes a falar. Então, rápida como se movera,

fechou a boca, enterrou as mãos nas saias e estreitou os olhos. Ah, então era assim

que soprava o vento, não era? *E ela quer conversar com Elayne.* Como Rand tinha

conseguido se meter naquela confusão? O amigo sempre soubera lidar com as

mulheres. Ele e Perrin.

Ainda assim, não era problema seu. Mat encarou a carta. O nome de Thom estava

escrito com uma letra feminina, e o selo era de um tipo que ele não reconhecia, uma

árvore frondosa encimada por uma coroa. Que nobre estaria escrevendo para um

velho enrugado feito Thom? Também não era problema dele. Jogou a carta em cima

da mesa e apanhou o cachimbo e a algibeira.

— Olver — chamou, enchendo o forninho de tabaco de Dois Rios —, peça para

Talmanes, Nalesean e Daerid virem aqui falar comigo.

Veio um gritinho de surpresa lá de fora, junto da aba da tenda, seguido de uma

resposta e de alguém saindo a passos apressados:

— Sim, Mat.

Aviendha o encarou, os braços cruzados e a expressão firme, mas Mat se

antecipou:

— Enquanto estiver viajando com o Bando, você está sob o meu comando. Não

quero confusão, e espero que você faça a sua parte para evitar problemas.

Se a mulher provocasse o mínimo que fosse, seria entregue a Elayne amarrada na

algibeira de uma sela, nem que precisasse de dez homens para a enfiar lá.

— Eu sei obedecer, líder de batalha. — Ela pontuou a frase com uma fungada

sarcástica. — Mas você já deveria saber que nem todas as mulheres são moles feito

as aguacentas. Se tentar colocar uma mulher em cima de um cavalo contra a

vontade, ela pode acabar enfiando uma faca nas suas costelas.

Mat quase deixou o cachimbo cair. Sabia que as Aes Sedai não podiam ler

pensamentos — se pudessem, seu couro já estaria pendurado em alguma parede da

Torre Branca havia muito —, mas talvez as Sábias Aiel... *Claro que não. É só um*

daqueles truques femininos. Se parasse para pensar, conseguiria descobrir como ela

fazia aquilo. Só não se deu ao trabalho.

Pigarreou, enfiou o cachimbo apagado entre os dentes e se curvou para examinar

o mapa. Se ele forçasse a marcha, o Bando provavelmente conseguiria cobrir a

distância entre a clareira e Salidar em um dia, mesmo naquele terreno arborizado,

mas Mat queria que levassem dois ou até três. Daria muitos avisos para as Aes

Sedai; não as queria mais assustadas do que já deviam estar. E pensar em uma Aes

Sedai assustada era quase uma contradição. Mesmo com o medalhão, não estava

nem um pouco ansioso para descobrir do que uma Aes Sedai assustada seria capaz.

Sentia os olhos de Aviendha cravados em sua nuca, ouvindo um ruído irritante. A

jovem, sentada de pernas cruzadas apoiada na parede da tenda, passava a lâmina da

faca do cinto por uma pedra de amolar enquanto o observava.

Quando Nalesean entrou com Daerid e Talmanes, Mat já foi logo falando:

— Estamos indo fazer cócegas em umas Aes Sedai, resgatar uma mula

e levar

uma garota de nariz empinado até o Trono do Leão. Ah, sim: esta aqui é Aviendha.

Não olhem feio para ela, ou a mulher vai tentar cortar sua garganta e acabar

rasgando a própria traqueia por engano.

Aviendha gargalhou, como se ele tivesse feito a piada mais engraçada do mundo.

Mas não parou de amolar a faca.

* * *

Por um momento, Egwene não conseguiu entender por que a dor tinha parado de

aumentar. Em seguida, tratou de se levantar, erguendo o corpo com dificuldade dos

tapetes da tenda, soluçando tanto que até tremia. Queria muito assoar o nariz. Não

sabia por quanto tempo chorara daquele jeito tão desesperado, só conseguia pensar

no fogo que sentia da cintura até a parte de trás dos joelhos. Quase não conseguiu

ficar de pé. A camisola que estava usando quando tudo começou, uma proteção

mínima, havia sido descartada muito tempo antes. As lágrimas escorriam por seu

rosto, mas ela só ficou ali, parada, chorando copiosamente.

Sorilea, Amys e Bair a encaravam com expressões muito sóbrias, e não eram as

únicas, embora quase todas as outras estivessem sentadas em almofadas ou apenas

estiradas, conversando e desfrutando do chá servido por uma *gai'shain* esbelta. Uma

mulher, graças à Luz. Todas ali eram mulheres, Sábias e aprendizes — mulheres

para as quais Egwene mentira alegando ser Aes Sedai. Foi uma felicidade saber que

só a mentira explícita contava, e não a simples omissão ou ter deixado entenderem

que era Aes Sedai — não teria sobrevivido a isso! A punição era apenas para as

vezes em que a mentira saía de sua boca. Mas houvera algumas surpresas. Tanto

Estair quanto Cosain, uma loura esguia dos Miagoma Cordilheira da Espinha,

dissera com aspereza que Egwene não tinha *toh* para com ela, mas que ficaria para o

chá. Aeron, por outro lado, parecia querer cortá-la em dois, e Surandha...

Piscando para limpar os olhos daquela nuvem de lágrimas, Egwene olhou para

Surandha. A mulher estava sentada com três Sábias, conversando e olhando volta e

meia na direção de Egwene. Surandha fora absolutamente impiedosa — não que

alguma delas tivesse aliviado a mão. O cinto que Egwene encontrara em um de seus

baús era fino e flexível, mas duas vezes mais largo que sua mão, e aquelas mulheres

tinham braços pesados. A meia dúzia de golpes que levou de cada uma delas foi se

acumulando até uma dor insuportável.

Nunca sentira tanta vergonha em toda a vida, e não fora por ter ficado nua, toda

vermelha e chorando feito um bebê — bem, o choro era um fator. O problema não

fora todas elas a terem visto amarrada, quando não estavam se revezando com cinto.

O que a envergonhava era ter reagido tão mal a tudo. Até uma criança Aiel teria sido

mais estoica — bem, criança nenhuma jamais precisaria passar por aquilo, mas ainda

não deixava de ser verdade.

— Acabou? — Aquela voz rouca e hesitante era mesmo a dela? Como aquelas

mulheres ririam se soubessem como ela se esforçara para reunir coragem para se

pronunciar.

— Só você sabe o valor da sua honra — respondeu Amys, em um tom neutro,

ainda segurando o cinto pela fivela, a tira de couro balançando ao lado do corpo. O

murmúrio das conversas cessara.

Egwene respirou fundo, tremendo entre cada soluço. Bastava uma palavra sua e

pronto: tudo estaria terminado. Poderia ter dito que já bastava depois que cada

mulher lhe batera uma única vez. Poderia...

Ela se encolheu, se ajoelhou e se deitou nos tapetes. Enfiou as mãos por baixo das

saias de Bair, agarrando-se aos tornozelos ossudos dela por cima das botas macias.

Desta vez, Egwene se manteria firme em sua coragem. Desta vez, não choraria.

Desta vez, não daria pontapés, não se debateria e nem... O cinto ainda não a

golpearia. Ela ergueu a cabeça e piscou, tentando ver as Sábias por trás do borrão de

lágrimas.

— O que estão esperando? — Sua voz ainda saía trêmula, mas também continha

mais que um quê de raiva. Iam fazê-la *esperar*, além de tudo? — Tenho uma viagem

para iniciar ainda hoje à noite, caso tenham esquecido. Andem logo com isso.

Amys largou o cinto ao lado da cabeça de Egwene.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo. — Era a voz fina de Bair.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo — acrescentou Sorilea, com mais ênfase,

então se curvou e afastou o cabelo úmido do rosto de Egwene. — Eu sabia que, em

seu coração, você era uma Aiel. Agora não se exceda em seu orgulho, garota. Você

cumpriu seu *toh*. Levante-se, antes que a gente ache que você está se exibindo.

Então as três a ajudaram a ficar de pé, abraçando-a e secando suas lágrimas,

depois lhe deram um lenço para que ela enfim pudesse assoar o nariz. As outras

mulheres se aproximaram, cada uma anunciando que Egwene não tinha *toh* para

com ela antes de oferecerem seus próprios abraços e sorrisos. Os sorrisos é que

foram o mais chocante. Surandha sorria com a mesma alegria de sempre. Pensando

bem, era óbvio: a *toh* deixava de existir assim que era cumprida. Fosse lá o que

tivesse causado a obrigação poderia muito bem jamais ter acontecido. A pequena

parte de Egwene que não estava completamente envolvida na vida regida pelo

ji'e'toh achava que o que tinha dito no final talvez também tivesse ajudado, assim

como — e principalmente — o fato de ter voltado a se prostrar. Talvez não tivesse

começado com a indiferença de uma Aiel, mas, no fim das contas, Sorilea tinha

razão: Egwene se tornara Aiel em seu coração. E achava que agora uma parte sua

sempre seria Aiel.

As Sábias e as aprendizes foram saindo aos poucos. Parecia que deveriam passar a

noite toda ou até mais lá, rindo e conversando com Egwene, mas era só um costume,

e não *ji'e'toh*. Então, com a ajuda de Sorilea, conseguiu convencê-las de que

simplesmente não tinha tempo. Por fim, restaram apenas ela, Sorilea e as duas

Andarilhas dos Sonhos. Todos os abraços e sorrisos tinham reduzido as lágrimas de

Egwene a um gotejar, e, mesmo que seus lábios ainda tremessem, ela pelo menos

conseguia sorrir. A verdade era que queria chorar de novo, mas por um outro motivo

— quer dizer, pelo menos em parte por outro motivo, já que ainda sentia o traseiro

pegando fogo.

— Vou sentir tanta saudade de todas vocês.

— Bobagem. — Sorilea bufou, enfatizando como achava aquilo uma tolice. — Se

tiver sorte, elas vão lhe dizer que agora você nunca mais vai poder ser Aes Sedai. Aí

poderá voltar para nós. Você vai ser minha aprendiz. Daqui a três ou quatro anos, vai

ter seu próprio forte. Já tenho até um marido para você: o neto mais novo da minha

neta Amaryn, um rapaz chamado Taric. Ele um dia vai ser chefe de clã, acho, então

você precisa ficar de olhos abertos para encontrar uma esposa-irmã que possa ser a

senhora do teto dele.

— Obrigada. — Egwene riu. Parecia que teria para onde voltar se o Salão de

Salidar a mandasse mesmo embora.

— E Amys e eu encontraremos você em *Tel'aran'rhiod* — avisou Bair —, para

contar o que ficarmos sabendo sobre os acontecimentos daqui e tudo o que envolver

Rand al'Thor. Você agora vai trilhar seu próprio caminho em *Tel'aran'rhiod*, mas,

se quiser, eu ainda posso ensiná-la.

— Eu quero, sim. — Isso se o Salão permitisse que ela sequer se

aproximasse de

Tel'aran'rhiol. Bem, não era como se aquelas mulheres pudessem impedi-la de ir ao

Mundo dos Sonhos. Não importava o que decidissem, isso elas não tinham como

fazer. — Por favor, vigiem Rand e as Aes Sedai de perto. Não sei o que aquele

garoto está tramando, mas tenho certeza de que é mais perigoso do que ele imagina.

Amys não se pronunciou sobre continuar ensinando a Egwene, claro. A mulher

tinha dado sua palavra sobre o que faria, e aquilo não seria apagado nem mesmo por

Egwene ter cumprido sua *toh*. Em vez disso, ela disse:

— Sei que Rhuarc vai se arrepender de não estar aqui hoje à noite. Ele foi atrás

dos Shaido no norte, por conta própria. Não fique receosa por não ter cumprido sua

toh para com ele. Você terá a oportunidade de se redimir assim que os dois se

encontrarem de novo.

Egwene ficou boquiaberta, mas conseguiu disfarçar a surpresa assoando o nariz

pelo que parecia a décima vez. Esquecera-se completamente de Rhuarc. Claro que

nada dizia que ela era obrigada a pagar suas obrigações para com ele da mesma

maneira que pagara para as Sábias. Talvez seu coração fosse ao menos em parte

Aiel, mas, por um momento, sua mente buscou outra solução. Tinha que haver um

jeito. E teria bastante tempo para descobrir como resolver isso antes de voltar a vê-

lo.

— Ficarei muito grata — respondeu, baixinho.

E também havia Melaine. E Aviendha. Luz! Achava que já tinha terminado com

aquilo. Não conseguia parar de se contorcer, não importava quanto tentasse ficar

imóvel. Tinha que haver outro jeito.

Bair abriu a boca para dizer algo, mas Sorilea a interrompeu.

— Precisamos deixar Egwene se vestir. Ela tem uma jornada pela frente.

O pescoço fino de Bair se enrijeceu, e a boca de Amys arqueou para baixo. Estava

claro que nenhuma das duas aprovava o que Egwene tentaria fazer.

Talvez as duas quisessem ficar ali para tentar convencê-la a não ir, mas Sorilea

começou a resmungar sozinha sobre pessoas tolas que tentam impedir uma mulher

de fazer o que ela achava que precisava ser feito. As mais novas endireitaram os

xaes — Bair devia ter setenta ou oitenta anos, mas com certeza era mais nova que



Sorilea —, deram abraços de despedida em Egwene e saíram com murmúrios de

“Que você sempre encontre água e sombra”.

Sorilea esperou só um pouco mais.

— Pense no que eu disse sobre Taric. Eu devia ter pedido para ele ir à tenda de

vapor para que você pudesse vê-lo. Bem, lembre-se disso enquanto a mente ainda

conseguir lembrar: nós sempre sentimos mais medo do que gostaríamos, mas sempre

temos como ser mais corajosas do que esperamos. Mantenha-se fiel ao seu coração,

e as Aes Sedai não conseguirão ferir quem você é de fato, que é o cerne de seu

coração. Elas não estão tão acima de nós quanto pensávamos. Que você sempre

encontre água e sombra, Egwene. E lembre-se sempre de seguir seu coração.

Sozinha, Egwene ficou alguns momentos ali, parada, olhando para o nada e

refletindo. Seu coração. Talvez tivesse mesmo mais coragem do que pensava. Ali

com as Sábias, fizera o que precisava ser feito e se tornara uma Aiel. Em Salidar,

precisaria se lembrar disso. Os métodos das Aes Sedai eram bem diferentes dos das

Sábias em alguns aspectos, mas as mulheres não a tratariam com mais brandura se

soubessem que Egwene se passara por Aes Sedai. Se soubessem. Não conseguia

imaginar por que mais a convocariam com tanta frieza, mas Aiel nenhum se rendia

antes de encarar a batalha.

Com um sobressalto, voltou a si. *Se não vou me render sem lutar*, pensou, ácida, é

melhor encarar logo a batalha.



CAPÍTULO 34

A JORNADA PARA SALIDAR

Egwene precisou lavar o rosto duas vezes. Pegou os alforjes e ajeitou suas coisas.

Guardou o espelho, o pente e a escova de marfim, assim como a caixinha de costura

— um pequeno cubo de madeira cheio de lindas douraduras que, muito

provavelmente, já abrigara algum dia as joias de uma lady — e uma pasta branca de

sabão com aroma de rosas, meias-calças, camisolas e lenços limpos, fora outra

porção de coisas. As bolsas de couro acabaram tão inchadas que ela mal conseguia

afivelar as abas. Vários vestidos, mantos e um xale Aiel sobraram para uma outra

trouxa, que ela amarrou muito bem com uma corda. Feito isso, olhou em volta em

busca de algo mais que talvez quisesse levar. Era tudo seu. Ganhara até aquela tenda,

que com certeza era pesada demais para carregar, assim como os tapetes e as

almofadas. O lavatório de cristal era bem bonito, mas pesadíssimo. O mesmo valia

para os baús, apesar de vários terem alças ricamente trabalhadas e lindos entalhes.

Só então, enquanto pensava nos baús e em tudo mais, que se deu conta de que

estava tentando postergar a pior parte daquela preparação.

— Coragem — lembrou a si mesma, seca. — Tenha um coração Aiel.

Descobriu que não era muito complicado vestir as meias-calças ainda de pé, só

deu alguns pulinhos de um lado a outro para se equilibrar. Em seguida calçou os

sapatos robustos, bons para o caso de precisar andar muito, e vestiu

uma anágua de

seda branca e macia, botando por cima o vestido de cavalgada verde-escuro, com as

saias plissadas e estreitas que, por azar, acabaram ficando um pouco apertadas no

quadril — o suficiente para lembrá-la, sem necessidade, de que passaria um bom

tempo sem querer se sentar.

Não havia razão para sair da tenda. Bair e Amys deviam estar deitadas, mas não

queria correr o risco de que uma das duas a visse fazendo aquilo. Seria como dar um

tapa na cara delas — e isso se desse certo. Se não desse, teria uma longa cavalgada

pela frente.

Esfregando os dedos nas palmas, muito nervosa, ela abraçou *saidar* e se deixou

preencher. E remexeu os pés. *Saidar* a deixava mais consciente de tudo, inclusive do

próprio corpo, coisa que no momento ela preferia esquecer. Tentar uma habilidade

nova, uma coisa que, até onde sabia, ninguém jamais tentara, deveria ser feito

devagar e com cuidado, mas, dessa vez, Egwene queria se ver livre da Fonte

Verdadeira o mais rápido possível. Canalizou os fluxos de Espírito depressa, sem

muita atenção.

O ar no meio da tenda tremeluziu ao longo da tessitura, ocultando o outro lado em

brumas. Se estivesse certa, tinha acabado de criar um lugar onde o interior da própria

tenda era tão similar a seu reflexo em *Tel'aran'rhiod* que não existia diferença

nenhuma — um lado *era* o outro. Bem, só havia um jeito de ter certeza.

Egwene jogou os alforjes por cima do ombro, enfiou a trouxa debaixo do braço,

atravessou a tessitura e soltou *saidar*.

Estava em *Tel'aran'rhiod*. Teve certeza só de ver que as lamparinas, antes acesas,

já não ardiam mais, porém ainda havia luz no ambiente. Tudo parecia se mover e

mudar alguns detalhes entre uma olhada e outra — o lavatório, um dos baús. Estava

em *Tel'aran'rhiod*, e em carne e osso. A sensação não era diferente de quando ia lá

em sonho.

Egwene se agachou e saiu da tenda. Estava em uma Cairhien que parecia

estranhamente distante e envolta por sombras, onde uma lua crescente derramava

seu brilho por sobre tendas sem nenhum fogo crepitando nem ninguém se movendo.

Só lhe restava descobrir como chegar a Salidar. Já havia pensado naquilo. Boa parte

da questão dependia de saber se tinha tanto controle do ambiente em carne e osso

quanto ao entrar em sono.

Concentrando a mente no que iria encontrar, deu a volta ao redor da tenda... e

sorriu. Ali estava Bela, a égua baixinha e desgrehada que usara para ir embora de

Dois Rios no que parecia uma vida inteira atrás. Só uma Bela de sonhos, mas a égua

robusta ergueu o focinho ao vê-la e relinchou.

Egwene largou a bagagem e abraçou a cabeça do animal.

— Também estou feliz de ver você de novo — sussurrou.

Aquele olho escuro e úmido que a encarava *era* de Bela, reflexo ou não.

A égua também estava com a sela de patilha alta que Egwene imaginara — era

confortável para viagens longas, mas nada macia. Olhou de soslaio para aquele

troço, se perguntando como a sela ficaria com um acolchoado, quando um

pensamento lhe ocorreu. Podia mudar qualquer coisa em *Tel'aran'rhiod*, até a si

própria, bastava saber como. Se tinha controle suficiente para fazer Bela aparecer

quando estava no Mundo dos Sonhos em carne e osso... Egwene se concentrou no

próprio corpo.

Com um sorriso, apertou os alforjes e a trouxe atrás da sela e montou, assentando-

se com bastante conforto.

— Não é trapaça — explicou para a égua. — Elas não esperavam que eu fosse

cavalgando desse jeito até Salidar. — Bem, parando para pensar, talvez esperassem.

Mas tudo tinha limites, com ou sem coração Aiel. Virou Bela e esporou

as costelas

da égua com delicadeza. — Preciso ir o mais rápido possível, então você vai ter que

correr como o vento.

Antes que tivesse tempo de rir da imagem que lhe veio à mente, visualizando a

égua rechonchuda correndo feito o vento, Bela já estava em disparada. A paisagem

virou um borrão, passando depressa como um raio. Por um momento, Egwene se

grudou no cepilho da sela, boquiaberta. Era como se cada passo em trote de Bela as

transportasse por várias milhas. Logo no primeiro passo, Egwene só teve um instante

para se dar conta de que estavam na margem do rio abaixo da cidade, com

embarcações flutuando nas águas escuras por entre intervalos de luz do luar. Quando

fez menção de puxar as rédeas para impedir que a égua fosse correndo em disparada

e caísse no rio, o passo seguinte levou-as para colinas cheias de touças.

Jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Aquilo era maravilhoso! Fora a

paisagem borrada, não sentia como se estivesse indo tão rápido. O cabelo mal tinha

tempo de esvoaçar antes que o vento daquela correria parasse e retornasse no

momento seguinte. A marcha de Bela tinha o mesmo trote arrastado de que ela se

recordava, mas o salto repentino de tudo o que a cercava era emocionante. Estava

em uma rua de aldeia, silenciosa e sem lua no céu, mas, no instante seguinte, chegou

a uma estrada de interior serpenteando por entre colinas, e depois a um prado onde o

feno se erguia quase à altura dos ombros do animal. Egwene só fazia uma pausa aqui

e ali para se orientar — o que não era nenhum problema, com aquele mapa

maravilhoso ainda fresco na cabeça, cortesia daquela mulher que também se

chamava Siuan. Fora isso, deixava Bela trotar livre. As aldeias e as cidades surgiam

e sumiam em borões, grandes cidades — teve quase certeza de que uma delas era

Caemlyn, quando avistou as muralhas de um branco prateado na noite. Em dado

momento, ao passar por entre colinas arborizadas, viu a cabeça e os ombros de uma

imensa estátua despontando do chão, resquício de alguma terra perdida na história.

A cara de pedra, feia e desgastada, surgiu tão de repente ao lado de Bela que Egwene

quase gritou — só se segurou porque a imagem sumiu antes que pudesse soltar o

berro preso na garganta. A lua não se movia entre um salto e outro e quase não saía

do lugar conforme avançavam à toda. Um ou dois dias para chegar a Salidar? Era o

que Sheriam dissera. As Sábias estavam certas: todos tinham passado tanto tempo

acreditando que as mulheres da Torre sabiam de tudo que até as próprias Aes Sedai

acreditavam nisso. Naquela noite, Egwene provaria que elas estavam erradas, mas

era improvável que as Aes Sedai fossem dar sinais de ter reparado naquela prova.

Ainda assim, elas *saberiam*.

Depois de algum tempo, quando tinha certeza de que já estava em um ponto

qualquer bem dentro do território de Altara, Egwene começou a permitir que Bela

desse saltos menores, puxando as rédeas com mais frequência e até cavalgando

normalmente durante alguns intervalos, sobretudo quando havia alguma aldeia por

perto. Algumas estalagens cobertas pela escuridão da noite informavam o nome da

aldeia em suas placas, como a Estalagem Marella ou a Estalagem Fonte Ionina, e o

lunar combinado com aquela iluminação inusitada particular de *Tel'aran'rhiod*

facilitava muito a leitura. Pouco a pouco, Egwene foi tendo certeza de onde estava

em relação a Salidar e passou a dar saltos ainda menores, até não saltar mais, apenas

conduzir Bela em seu trote normal, avançando por florestas com árvores altas que

tinham acabado com quase toda a vegetação rasteira e em que tudo o que sobrara

fora levado pela seca.

Ainda assim, ela se surpreendeu quando uma aldeia de tamanho considerável

apareceu de repente, silenciosa e escura sob o luar. Só podia ser o

lugar certo.

Parando diante da linha de casas de pedra com telhados de palha, Egwene

desmontou e descarregou seus pertences. Estava tarde, mas talvez ainda houvesse

pessoas por ali, no mundo desperto. Não havia por que assustá-las aparecendo do

nada. Se uma Aes Sedai a visse e confundisse sua identidade, ela poderia acabar sem

a oportunidade de encarar o Salão.

— Você correu mesmo como o vento — murmurou, dando um último abraço em

Bela. — Queria que você pudesse ir comigo.

Uma fantasia tola. O que acontecia em *Tel'aran'rhiod* só poderia existir lá.

Aquela não era a Bela de verdade. Ainda assim, sentiu uma pontada de tristeza

quando deu as costas para a égua a fim de tecer a cortina de Espírito bruxuleante —

não pararia de imaginar Bela, permitiria que ela existisse ali enquanto possível. De

cabeça erguida, atravessou a passagem. Estava com o coração Aiel pronto para

encarar o que viesse.

Mal dera o primeiro passo quando parou de repente, arregalando os olhos.

— Ai!

Assim como Bela, as transformações que criara em *Tel'aran'rhiod* não

perdurariam no mundo real: a ardência voltou com tudo, trazendo junto a voz de

Sorilea ao pé do ouvido: *Se você fizer parecer que a consequência de cumprir sua*

toh nunca aconteceu, como terá cumprido sua toh ? Não vá se esquecer de que tem

seu coração de Aiel, garota.

Sim. Não esqueceria. Estava ali para uma batalha, quer as Aes Sedai soubessem

quer não. Estava pronta para lutar pelo direito de ser Aes Sedai, para encarar... Luz,

o que estava acontecendo?

Tinha gente nas ruas, algumas poucas pessoas andando por entre as casas de

janelas acesas. Mancando de leve, Egwene abordou uma mulher magricela de

avental branco e rosto sofrido.

— Com licença, meu nome é Egwene al’Vere e sou uma Aceita — a mulher

lançou um olhar cortante para seu vestido de cavalgada — e acabei de chegar.

Poderia me levar a Sheriam Sedai? Preciso falar com ela. — Era muito provável que

Sheriam já estivesse dormindo, mas, se fosse o caso, Egwene pretendia acordá-la.

Tinham ordenado que ela fosse o mais rápido possível, então ia fazer tudo ao seu

alcance para que Sheriam soubesse que chegara.

— Ah, todo mundo sempre vem atrás de mim — resmungou a mulher.
— Será

que ninguém sabe resolver nada sozinho? Não, querem sempre que Nildra resolva.

Vocês, Aceitas, são as piores. Olha, não tenho a noite inteira. Se quer mesmo que eu

a leve, então é melhor apertar o passo. Se não, acho que você consegue encontrar

Sheriam por conta própria. — Nildra saiu andando sem nem olhar para trás.

Egwene seguiu em silêncio. Se abrisse a boca, temia que fosse dizer à mulher o

que pensava, o que só serviria para começar a estadia em Salidar com o pé esquerdo

— não importava quão curta fosse ser essa estadia. Egwene gostaria que seu coração

Aiel e sua cabeça de Dois Rios pudessem se fundir.

Não era tão longe assim. Seguiram um trecho da rua de terra batida e viraram a

esquina até uma outra ainda mais estreita. Ela ouviu risadas de algumas das casas.

Nildra parou diante de uma construção silenciosa, embora a luz ainda brilhasse pelas

janelas do aposento da frente.

A mulher parou apenas por tempo suficiente para bater à porta e entrou sem

esperar resposta. Ao passar pela porta, fez uma medida perfeitamente adequada,

ainda que rápida, e falou em um tom um tanto mais respeitoso do que o que usara

com Egwene:

— Aes Sedai, tem uma garota aqui dizendo que se chama Egwene e ela... — Não

conseguiu falar mais.

Todas as sete Aes Sedai do Coração da Pedra estavam lá, e nenhuma parecia

pronta para dormir, embora todas, exceto a jovem chamada Siuan, estivessem de

robe. Estavam sentadas com as cadeiras muito próximas, e Egwene teve a impressão

de que interrompera alguma conversa séria. Sheriam foi a primeira a se levantar,

acenando para que Nildra saísse.

— Luz, criança! Já?

Ninguém deu a menor importância para a reverência de Nildra ou para sua

fungada de desgosto por ser dispensada daquele jeito.

— Não estávamos esperando você — completou Anaiya, tomando Egwene pelos

braços com um sorriso caloroso. — Não tão cedo. Seja bem-vinda, criança. Bem-

vinda.

— Teve algum efeito colateral? — indagou Morvrin. Ela não se levantou, assim

como Carlinya e a jovem Aes Sedai, mas se inclinou para a frente, ansiosa pela

resposta. Todas usavam robes de seda de diversos tons, alguns bordados ou

adornados, mas o dela era de lã marrom comum, embora parecesse macio e muito

bem-feito. — Você está sentindo alguma mudança depois da experiência? Tínhamos

pouquíssimo conhecimento para basear nosso palpite. Para ser sincera, estou

surpresa por ter dado certo.

— Teremos que ver isso na prática para saber se funciona mesmo tão bem. —

Beonin fez uma pausa para tomar um gole de chá, então depositou a xícara e o pires

em uma mesinha lateral de pernas bambas. A xícara e o pires não combinavam, mas

nenhuma mobília ali combinava, e a maior parte parecia tão bamba quanto a

mesinha. — Se houver efeitos colaterais, ela pode ser Curada. Vai ficar tudo bem.

Egwene se afastou depressa de Anaiya e largou seus pertences junto à porta.

— Não, estou muito bem. Estou mesmo.

Poderia ter hesitado. Anaiya a teria Curado sem nem perguntar. Mas seria uma

trapaça.

— Ela parece bastante bem — opinou Carlinya, tranquila. Estava mesmo de

cabelo curto, os cachos escuros mal cobrindo as orelhas, não fora apenas em

Tel'aran'rhiad. A mulher ainda usava branco, claro, até os bordados da roupa eram

brancos. — Podemos pedir a uma das Amarelas que faça um exame mais minucioso

mais tarde, só para garantir.

— Deixem a menina botar os pés no chão antes de começar a arrastá-la para lá e

para cá — disse Myrelle, rindo. Flores frondosas amarelas e vermelhas cobriam seu

robe, eram tantas que mal se via algum verde. — Ela acabou de percorrer mil léguas

em uma noite. Em horas.

— Vocês não têm tempo para deixar a garota ficar de pé pra cima — ponderou a

jovem Aes Sedai com firmeza. A mulher parecia mesmo um peixe fora d'água

naquela reunião, com o seu vestido amarelo de saias listradas em azul e a gola

redonda bem cavada com bordados azuis. Além da roupa, era a única de quem dava

para deduzir a idade. — Pela manhã, o Salão vai fazer um enxame completo. Se ela

não estiver preparada, Romanda vai estripá-la feito uma carpa gorda.

Egwene ficou boquiaberta. Prestou mais atenção na voz do que nas palavras.

— Você é Siuan Sanche. Impossível!

— Ah, é possível, sim — retrucou Anaiya, seca, encarando a jovem Aes Sedai

com um olhar resignado.

— Siuan voltou a ser Aes Sedai — explicou Myrelle, com um olhar mais

exasperado do que resignado.

Só podia ser verdade — as Aes Sedai tinham *dito* que era —, mas Egwene não

conseguia acreditar. Achou difícil acreditar mesmo com a explicação de Sheriam.

Nynaeve tinha Curado um *estancamento*? Siuan não parecia nem um dia mais velha

que Nynaeve porque *tinha sido estancada*? Siuan sempre fora uma

comandante

durona e muito séria, com um coração igualmente duro, não uma mulher bonita e de

bochechas rosadas, dona de uma boca quase delicada.

Egwene não conseguiu tirar os olhos da antiga Amyrlin enquanto Sheriam falava.

Aqueles olhos azuis ainda eram os mesmos. Como podia ter visto aquele olhar, forte

o bastante para martelar pregos, e não ter se dado conta? Bem, aquele rosto já era um

bom motivo. Mas Siuan também sempre fora muito forte com o Poder. Quando uma

garota começava a canalizar, era preciso fazer testes para verificar quão forte ela

seria, mas não depois que sua força já se assentara e estabelecera. Egwene já tinha

conhecimento suficiente para avaliar outra mulher, pelo menos em determinados

aspectos. Além da própria Egwene, Sheriam era a mais forte ali, seguida de Myrelle,

embora fosse difícil saber com certeza. Todo o resto parecia semelhante, exceto

Siuan — ela era a mais fraca, e por uma boa margem.

— Esta foi mesmo a descoberta mais notável de Nynaeve — afirmou Myrelle. —

As Amarelas estão aprendendo com ela e fazendo suas próprias inovações, mas foi

Nynaeve quem começou com tudo. Sente-se, criança. É uma história longa demais

para ouvir de pé.

— Prefiro continuar de pé, obrigada. — Quando viu a cadeira de espaldar reto

com assento de madeira que Myrelle indicou, Egwene mal conseguiu conter um

calafrio. — E Elayne? Também está bem? Quero saber tudo sobre ela e Nynaeve.

A descoberta *mais* notável de Nynaeve? Aquilo implicava que havia mais de uma.

Parecia que ficara para trás junto com as Sábias e teria que correr para alcançar as

amigas. Ao menos achava que ainda teria permissão para estudar. Era difícil que

aquelas mulheres a tivessem saudado com tanta animação se fossem expulsá-la.

Egwene não fizera reverências ou chamara qualquer uma delas de Aes Sedai uma

única vez, porém isso fora mais por falta de chance do que por qualquer motivo. Não

era uma boa ideia enfrentar as Aes Sedai demonstrando rebeldia. Ainda assim,

nenhuma delas a repreendera. Talvez não soubessem, afinal. Mas, então, por que a

tinham convocado?

— Bem, tirando um probleminha com panelas que ela e Nynaeve estão enfrentando... — começou Sheriam, mas Siuan a interrompeu, meio irritada:

— Por que vocês ficam tagarelando feito garotas desmioladas? É tarde demais

para ficar com medo de seguir em frente. Já começou, e vocês é que começaram. Ou

acabam logo com isso, ou Romanda vai pendurar o couro de todas

para secar ao sol

ao lado desta garota. E Delana, Faiselle e todo o Salão estarão lá para ajudar a

prendê-las na corda.

Sheriam e Myrelle se viraram para encará-la quase ao mesmo tempo. Todas as

Aes Sedai se viraram, aliás, e Morvrin e Carlinya até giraram o corpo nas cadeiras.

Rostos gélidos de Aes Sedai fitando com olhos gélidos de Aes Sedai.

Siuan primeiro respondeu àqueles olhares com uma encarada igualmente

desafiadora, tão Aes Sedai quanto elas, ainda que parecesse muito mais jovem.

Então sua cabeça fraquejou um pouco, e manchas vermelhas surgiram em suas

bochechas. Ela se levantou da cadeira, mantendo os olhos baixos.

— Eu me precipitei — resmungou.

Mas seus olhos não mudaram. Talvez as Aes Sedai não tenham percebido, mas

Egwene notou. Ainda assim, não era do feitio de Siuan.

Egwene também reparou que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

Não se tratava só de uma Siuan Sanche dócil feito uma gata de casa, ainda que

obrigada a agir com docilidade. Isso era o menos significativo. O que aquelas

mulheres tinham começado? Por que *ela* seria colocada ao sol para secar, caso

decidissem parar?



As Aes Sedai se entreolharam da forma mais indecifrável que podiam.
Morvrin

foi a primeira a assentir.

— Você foi convocada por um motivo muito especial, Egwene —
anunciou

Sheriam, solene.

Egwene sentiu o coração bater mais rápido. Elas não sabiam de sua
farsa. Não

sabiam. Mas o que era, então?

Sheriam finalmente explicou:

— Você será o próximo Trono de Amyrlin.



CAPÍTULO 35

NO SALÃO DAS VOTANTES

Egwene encarou Sheriam, imaginando se deveria rir. Podia ser que, no tempo que

passara com os Aiel, ela tivesse se esquecido do que era considerado engraçado

entre as Aes Sedai. Sheriam a encarou de volta com aquele rosto sem idade definida,

imperturbável, e os olhos verdes amendoados pareciam nem piscar. Egwene olhou

para as demais. Sete rostos sem expressão, apenas um ar de expectativa. Sivan talvez

até estivesse sorrindo de modo discreto, mas esse suposto sorriso poderia muito bem

ser a curva natural dos seus lábios. A luz oscilante das lamparinas tornou suas

feições repentinamente estranhas e inumanas.

Egwene se sentia tonta, os joelhos bambos. Sem pensar, ela se deixou desabar na

cadeira de encosto reto. Também se levantou de um pulo. Aquilo, com

certeza, a

ajudou a clarear a mente. Um pouco, pelo menos.

— Nem Aes Sedai eu sou — afirmou, sem fôlego. A declaração parecia suficientemente evasiva. Tinha que ser algum tipo de brincadeira ou... ou... ou

alguma coisa.

— Podemos dar um jeito nisso — respondeu Sheriam com firmeza, apertando

ainda mais o laço da sua faixa azul-clara para enfatizar o que tinha dito.

As tranças cor de mel de Beonin balançavam enquanto ela assentia com a cabeça.

— Ela é Aes Sedai, o Trono de Amyrlin. A lei é bem clara. Em vários pontos se

Menciona “o Trono de Amyrlin como Aes Sedai”, mas não consta em lugar nenhum

que é necessário ser Aes Sedai para se tornar Amyrlin. — Qualquer Aes Sedai

estaria familiarizada com as leis da Torre, mas, como mediadoras, as Cinzas tinham

que conhecer as leis de todas as terras, e Beonin assumiu um tom professoral, como

se explicasse algo que ninguém conhecesse tão bem quanto ela. — A lei que

estabelece como a Amyrlin deve ser escolhida faz referência apenas à “mulher que é

convocada” ou “àquela que se apresenta diante do Salão” ou algo assim. Do começo

ao fim elas não são mencionadas uma única vez, as palavras “Aes Sedai”. Nunca.

Alguns diriam que era essa a intenção das legisladoras, e ela deve ser considerada,

mas está claro, seja qual for a intenção das mulheres que escreveram a lei, que... —

Beonin franziu a testa quando Carlinya a interrompeu.

— Sem dúvida, elas acharam tão óbvio que não havia a necessidade de deixar

explícito. Por outro lado, é lógico que uma lei significa o que nela está escrito, a

despeito da interpretação das legisladoras.

— As leis raramente dizem respeito à lógica — afirmou Beonin, ácida.
— Neste

caso, no entanto — admitiu ela após alguns instantes —, você tem toda a razão. —

Ela se virou para Egwene e prosseguiu: — E ele também enxerga assim, o Salão.

Todas estavam sérias, inclusive Anaiya, quando disse:

— Você vai se tornar Aes Sedai, criança, assim que for elevada ao Trono de

Amyrlin. De maneira bem geral, é isso.

Até Siuan parecia estar falando sério, apesar daquele sorriso minúsculo. Era um

sorriso.

— Você vai poder fazer os Três Juramentos logo que voltarmos para a Torre —

avisou Sheriam. — Chegamos a considerar que você os pronunciasse de qualquer

forma, mas, sem o Bastão dos Juramentos, pode ser visto como uma farsa. Melhor

esperar.

Egwene quase se sentou de novo antes de se conter. Talvez as Sábias tivessem

razão. Talvez viajar por *Tel'aran'rhiod* em carne e osso tivesse afetado a mente dela

de algum modo.

— Isso é uma loucura — protestou Egwene. — Eu não posso ser Amyrlin. Eu

sou... Eu sou... — As objeções se embolavam em sua língua em um emaranhado

que não a deixava dizer nada. Ela era jovem demais. A própria Siuan fora a Amyrlin

mais jovem de todos os tempos, e já tinha trinta anos quando foi elevada. Egwene

mal iniciara seus estudos, independentemente de quanto soubesse sobre o Mundo

dos Sonhos. As Amyrlins eram cultas e experientes. E sábias. Deveriam, com

certeza, ser sábias. Ela só se sentia confusa e desorientada. A maioria das mulheres

passava dez anos como noviça e dez como Aceita. Algumas progrediam mais rápido,

verdade, e até bem mais rápido. Foi o caso da própria Siuan. Mas Egwene passara

menos de um ano como noviça e fora Aceita por menos tempo ainda. — É

impossível! — Foi o melhor que acabou conseguindo dizer.

A bufada de Morvrin a fez se lembrar de Sorilea.

— Acalme-se, criança, ou eu mesma vou cuidar disso. Não é hora de você

começar a se agitar ou de desmaiar em cima de nós.

— Mas eu não saberia o que fazer! Não faria a mínima ideia! —
Egwene respirou

fundo. Aquilo não chegou a acalmar seu coração acelerado, mas ajudou. Um pouco.

Coração de Aiel. O que quer que aquelas mulheres fizessem, ela não permitiria que a

intimidassem. Com o olhar fixo no rosto sério e duro de Morvrin, acrescentou: *Ela*

pode até me arrancar o couro, mas não vai me intimidar. — Isso é ridículo, isso

sim. Não vou bancar a tola na frente de todo mundo, e a minha decisão é essa. Se foi

para isso que o Salão me convocou, minha resposta é não.

— Receio que você não tenha essa opção. — Anaiya soltou um suspiro enquanto

alisava o robe, que era, surpreendentemente, de seda rosa com babados e delicadas

rendas marfim nas bainhas. — Você não pode recusar uma convocação para se

tornar Amyrlin, assim como não pode recusar uma convocação para um julgamento.

Até os textos das convocações são os mesmos. — *Aquilo* era encorajador. Ah, sim, e

como era.

— A escolha agora é do Salão. — Myrelle soou levemente triste, o que não

melhorou em nada o astral de Egwene.

Com um sorriso repentino, Sheriam pôs o braço em torno dos ombros de Egwene.

— Não se preocupe, criança. Nós vamos ajudá-la e guiá-la. É para isso que

estamos aqui.

Egwene não disse nada. Não conseguia formular uma resposta. Obedecer a lei não

significava ser intimidada, mas a sensação era a mesma. Para elas, o silêncio era

consentimento, e Egwene supôs que fosse o caso. Sem delongas, ordenou-se que

Siuan, que saiu resmungando por ter recebido a incumbência, se retirasse e fosse

acordar pessoalmente as Votantes para avisá-las que Egwene havia chegado.

A casa se transformou em um furacão antes mesmo de Siuan chegar à porta. O

vestido de cavalcada de Egwene entrou na pauta de uma discussão importante — da

qual ela não participou. Uma serviçal rechonchuda foi despertada do seu cochilo em

uma cadeira no quarto dos fundos e, com duras advertências para que ela não

deixasse escapar uma palavra sobre o assunto, ordenada a se retirar para ir buscar

todo e qualquer vestido de Aceita que conseguisse encontrar que tivesse alguma

chance de caber em Egwene. Ela experimentou oito ali mesmo, no quarto da frente,

antes de achar um que, de certa maneira, cabia. Era apertado demais no busto, mas,

felizmente, folgado no quadril. Enquanto a serviçal ficou levando vestidos para

Egwene experimentar, Sheriam e as outras aproveitaram para, uma de cada vez,

sairem para se vestir e, revezando-se, orientavam-na a respeito do que iria acontecer

e do que ela precisava fazer e dizer.

As mulheres a obrigavam a repetir tudo. As Sábias achavam que falar uma vez só

bastava, e coitada da aprendiz que não as ouvisse com atenção. Egwene se lembrava

de uma parte do que precisava dizer por conta de uma aula para noviças na Torre e

acertou todas as palavras logo na primeira tentativa, mas as Aes Sedai repassavam

tudo de novo, e de novo e depois de novo. Egwene não conseguia entender. Fossem

quaisquer outras pessoas que não as Aes Sedai, teria afirmado que elas estavam

nervosas, rostos serenos ou não. Egwene começou a se perguntar se estava

cometendo algum erro e passou a enfatizar palavras diferentes.

— Fale do jeito que nós dissermos — irrompeu Carlinya, fria feito gelo trincando,

e Myrelle, tão gélida quanto, completou:

— Você não pode cometer nenhum erro, criança. Nenhum!

Elas a obrigaram a repetir tudo outras cinco vezes, e quando Egwene protestou

que havia pronunciado todas as palavras de maneira correta e listou quem estaria em

que lugar e quem diria o quê da mesma maneira que elas tinham dito, achou que

Morvrin fosse esbofeteá-la. Isso se Beonin ou Carlinya não a estapeassem primeiro.

Ali, seus cenhos franzidos eram tão duros quanto tapas, e Sheriam fitava-a como se

ela estivesse se comportando feito uma noviça emburrada. Egwene suspirou e

começou outra vez.

— Eu entro com três de vocês me escoltando...

Foi uma procissão silenciosa que abriu caminho pelas ruas quase vazias

iluminadas pelo luar. Apenas uma ou outra das pessoas que ainda estavam ali fora

sequer as olhava de relance. Seis Aes Sedai com uma única Aceita entre elas podiam

ser ou não uma imagem comum por ali, mas a impressão era de que não se tratava de

uma situação suficientemente estranha para gerar falatório. Janelas que estiveram

iluminadas mais cedo já se encontravam escuras, e a cidade estava tão quieta que os

passos das mulheres na terra batida eram audíveis. Egwene trazia no dedo o anel da

Grande Serpente, de volta em sua mão esquerda. Seus joelhos tremiam. Ela estivera

preparada para encarar qualquer coisa, mas sua lista de “quaisquer coisas” jamais

incluía aquilo.

Elas pararam diante de uma construção retangular de pedra de três andares. Todas

as janelas estavam escuras, mas, à luz do luar, o prédio tinha o aspecto de uma

estalagem. Carlinya, Beonin e Anaiya iriam permanecer ali, e as duas primeiras, pelo

menos, não estavam muito contentes. Não fizeram nenhuma reclamação, tal como

não tinham feito ainda na casa, mas ajeitavam as saias sem necessidade e mantinham

as cabeças eretas de maneira rija, sem nem olhar para Egwene.

Anaiya alisou o cabelo de Egwene para tranquilizá-la.

— Vai dar tudo certo, criança. — Trazia uma trouxa debaixo do braço, o vestido

que Egwene usaria depois que tudo estivesse terminado. — Você aprende rápido.

Dentro da construção de pedra, um gongo emitiu um som profundo, uma, duas,

três vezes. Egwene quase deu um pulo. Silêncio por um instante, e então o gongo

repetiu a melodia. Myrelle alisou o vestido sem parecer se dar conta. Silêncio de

novo, então as três batidas.

Sheriam abriu a porta e Egwene a acompanhou, Myrelle e Morvrin em seus

calcanhares. Pelo modo como as três a cercavam, Egwene não teve como não pensar

em guardas estrategicamente posicionados para garantir que ela não fugisse.

O aposento interno grande e de pé-direito alto não estava escuro, longe disso.

Havia lamparinas alinhadas sobre as cornijas das quatro grandes lareiras de pedra, e

outras mais se enfileiravam nos degraus que conduziam ao andar seguinte e no

passadiço com gradil que dava para o aposento. Duas luminárias de chão compridas

e cheias de ramificações foram colocadas diante de espelhos em lados opostos do

apartamento para aumentar a luminosidade. Cobertores presos às janelas mantinham

toda aquela luz lá dentro.

Nove cadeiras haviam sido dispostas de cada lado do apartamento, viradas para o

centro em fileiras de três. As mulheres que as ocupavam, as Votantes das seis Ajahs

representadas em Salidar, usavam seus xales e vestidos nas cores das suas

respectivas Ajahs. As cabeças giraram em direção a Egwene, os rostos sem exibir

nada além de uma serenidade plácida.

Na extremidade oposta do apartamento havia outra cadeira sobre uma pequena

plataforma mais parecida com uma caixa achatada. Alta e pesada, os pés e o encosto

com espirais entalhados, a cadeira fora pintada de amarelo e azul, verde e branco,

cinza, marrom e vermelho. Uma estola jazia perpassada sobre os braços, listrada em

sete cores. Parecia que milhas separavam o ponto em que Egwene estava e a estola.

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre? — indagou Romanda com uma

voz alta e clara. Estava sentada bem abaixo da cadeira colorida, em frente às três

irmãs Azuis. Sheriam deu um passo suave para o lado e revelou Egwene.

— Alguém que vem com obediência, pela Luz — respondeu Egwene.

Sua voz

deveria estar trêmula. Claro que elas não iriam mesmo seguir adiante com aquilo.

— Quem se põe perante o Salão da Torre? — Romanda tornou a perguntar.

— Alguém que vem com humildade, pela Luz. — Em algum momento, aquela

farsa se transformaria no julgamento dela por fingir ser Aes Sedai. Não, isso não. Se

esse fosse o caso, elas teriam simplesmente feito uma blindagem e a deixado

trancada até que chegasse a hora. Mas com certeza...

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre?

— Alguém que vem sob a convocação do Salão, obediente e humilde pela Luz,

pedindo apenas para aceitar a vontade do Salão.

Entre as Cinzas abaixo de Romanda, levantou-se uma mulher esbelta de pele

escura. Por ser a Votante mais jovem, Kwamesa ficou responsável por proferir a

indagação ritual que datava da Ruptura do Mundo:

— Há alguém presente que não seja mulher?

Romanda jogou o xale para trás deliberadamente e, ao se levantar, deixou-o sobre

o encosto da cadeira. Como a mais velha, seria a primeira a responder. Também de

maneira deliberada, desamarrou o vestido e o baixou até a cintura, descendo a

anágua junto.

— Eu sou mulher — pronunciou.

Com cuidado, Kwamesa repousou seu xale sobre a sua própria cadeira e se

desnudou até a cintura.

— Eu sou mulher — disse.

As outras então se levantaram e começaram a se despir, cada qual enunciando as

mesmas palavras tão logo provava que também era mulher. Egwene sentiu um

pouco de dificuldade com o corpete apertado do vestido de Aceita que lhe fora

encontrado e precisou da ajuda de Myrelle com os botões, mas, bem depressa, todas

as quatro estavam tão nuas quanto qualquer uma das demais.

— Eu sou mulher — falou Egwene junto com as outras.

Kwamesa andou devagar pelo aposento, fazendo uma pausa diante de cada mulher

para uma encarada quase insultuosa, e então parou de novo à frente da própria

cadeira para anunciar que não havia ninguém presente que não fosse mulher. As Aes

Sedai se sentaram e a maior parte delas começou a vestir os corpetes de volta. Não

exatamente com pressa, mas também foram poucas as que se demoraram. Egwene

quase balançou a cabeça. Não podia se cobrir até um momento posterior da

cerimônia. Muito tempo atrás, a pergunta de Kwamesa teria demandado mais

provas. Naqueles dias, as cerimônias formais eram realizadas “sob a

vestimenta da

Luz”, o que significava dizer que não se usava nada além da própria pele. O que

aquelas mulheres achariam de uma tenda de vapor Aiel ou de um banho shienarano?

Não havia tempo para imaginar isso.

— Quem representa esta mulher — indagou Romanda —, e se compromete por

ela, coração por coração, alma por alma, vida por vida? — A mulher se sentava ereta

com toda a dignidade, seu busto redondo ainda desnudo.

— Eu me comprometo — afirmou Sheriam com firmeza, seguida um instante

depois pelas vozes fortes de Morvrin e Myrelle, uma de cada vez.

— Aproxime-se, Egwene al’Vere — ordenou Romanda com rispidez. Egwene

deu três passos e se ajoelhou. Sentia-se entorpecida. — Por que você está aqui,

Egwene al’Vere?

Ela estava, de fato, entorpecida. Não era capaz de sentir nada. Também não

conseguia se lembrar das suas respostas, mas, de alguma forma, elas lhe saíam

rolando pela língua.

— Fui convocada pelo Salão da Torre.

— O que deseja, Egwene al’Vere?

— Servir à Torre Branca, nada mais e nada menos. — Luz, elas iam mesmo

seguir adiante com aquilo!

— E como pretende servir, Egwene al’Vere?

— Com meu coração, minha alma e minha vida, pela Luz. Sem medo ou

favoritismo, pela Luz.

— Onde pretende servir, Egwene al’Vere?

Egwene respirou fundo. Ainda *podia* parar com aquela idiotice. Não era possível

que estivesse mesmo prestes a...

— No Trono de Amyrlin, se for da vontade do Salão da Torre. — Sua respiração

paralisou. Já era tarde demais para voltar atrás. Desde o Coração da Pedra talvez já

fosse tarde demais.

Delana foi a primeira a se levantar, depois Kwamesa e Janya, e então outras, até

nove Votantes estarem de pé à frente das suas cadeiras, o que significava aceitação.

Romanda ainda estava firme em seu assento. Nove de dezoito. A aceitação precisava

ser unânime, já que o Salão sempre buscava o consenso. Ao final, todas as votações

eram unâнимes, embora muita conversa fosse necessária para se chegar lá, mas,

naquela noite, não haveria conversas além das frases cerimoniais, e aquilo

significava quase a rejeição absoluta. Sheriam e as outras haviam feito pouco caso

da sugestão de Egwene de que aquilo talvez acontecesse, desprezando a ideia com

tanta rapidez que ela poderia ter ficado preocupada se a coisa toda

não fosse tão

ridícula, mas, quase por alto, tinham avisado que sim, isso poderia ocorrer. Não uma

rejeição, mas uma manifestação de que as Votantes que permaneceram em seus

assentos não pretendiam servir de capacho. Só um gesto simbólico, segundo

Sheriam, mas, com base na expressão severa de Romanda, bem como na de Lelaine,

só um pouco menos severa acima do peito nu, Egwene não tinha nenhuma certeza

daquilo. Elas também haviam dito que talvez fossem três ou quatro mulheres.

Sem dar um pio, as mulheres de pé retomaram seus lugares. Nenhuma delas falou,

mas Egwene sabia o que fazer. Seu entorpecimento desaparecera.

Ela se levantou e se moveu na direção da Votante mais próxima, uma Verde de

rosto penetrante chamada Samalin, que permanecera sentada. Quando Egwene

tornou a se ajoelhar à frente de Samalin, Sheriam ficou de joelhos ao lado dela,

segurando uma bacia larga com água. Ondulações dançavam na superfície do

líquido. Sheriam parecia tranquila e seca, enquanto Egwene começava a reluzir de

suor, mas as mãos de Sheriam tremiam. Morvrin se ajoelhou e entregou um pano

para Egwene, enquanto Myrelle ficou aguardando ao lado com pedaços de um tecido

atoalhado sobre o braço. Por algum motivo, Myrelle aparentava estar

zangada.

— Por favor, me permita servir — disse Egwene. Com o olhar fixo à frente,

Samalin suspendeu as saias até a altura do joelho. Seus pés estavam descalços.

Egwene lavou cada pé e os secou, e então foi até a Verde seguinte, uma mulher

levemente rechonchuda chamada Malind. Sheriam e as demais lhe haviam dito os

nomes de todas as Votantes. — Por favor, me permita servir. — Malind tinha um

rosto bonito, com lábios carnudos e olhos escuros que davam a impressão de que

gostavam de sorrir, mas, naquele momento, não havia sorriso. Era uma das que

havam se levantado, mas seus pés também estavam descalços.

Os pés de todas as Votantes estavam descalços. Enquanto lavava todos aqueles

pés, Egwene se perguntou se as Votantes já sabiam quantas permaneceriam sentadas.

Estava tão óbvio que elas já sabiam que algumas ficariam, que aquele serviço seria

exigido. Quase tudo o que Egwene sabia a respeito de como funcionava o Salão da

Torre fora do que ouvira naquela aula enquanto noviça: para todos os fins práticos,

não sabia nada. Sua única opção era continuar.

Ela lavou e secou o último pé — pertencia a Janya, que tinha o cenho franzido

como se tivesse outros assuntos em mente. Pelo menos fora uma das que se

levantaram. Largando o pano na bacia, voltou para o seu lugar ao pé das fileiras e se

ajoelhou.

— Por favor, me permitam servir. — Mais uma chance.

Novamente, Delana foi a primeira a se levantar, mas Samalin desta vez fez o

mesmo logo depois. Ninguém se pôs de pé de um salto, mas, uma a uma, todas

foram se levantando, até que apenas Lelaine e Romanda continuavam sentadas

olhando uma para a outra, e não para Egwene. Por fim, Lelaine deu de ombros

sutilmente, puxou o corpete sem a menor pressa e se levantou. Romanda virou a

cabeça e olhou para Egwene. Encarou-a por tanto tempo que Egwene tomou

consciência do suor que lhe escorria por entre os seios e pelas costelas. Enfim, com

uma vagarosidade imponente, Romanda se vestiu e se juntou às demais. Egwene

escutou um arquejo de alívio vindo de trás dela, onde Sheriam e as outras estavam

aguardando.

Ainda não havia acabado, claro. Romanda e Lelaine se aproximaram ao mesmo

tempo para conduzi-la até a cadeira colorida. Egwene ficou de pé diante dela

enquanto as duas lhe puxaram o corpete e puseram a estola do Trono de Amyrlin

sobre seus ombros. Em uníssono, todas as Votantes disseram:

— Você está elevada ao Trono de Amyrlin, pela glória da Luz, que a Torre

Branca possa perdurar para sempre. Egwene al’Vere, a Vigia dos Selos, a Chama de

Tar Valon, o Trono de Amyrlin. — Lelaine removeu o anel da Grande Serpente da

mão esquerda de Egwene e entregou-o a Romanda, que o passou para a mão direita.

— Que a Luz ilumine o Trono de Amyrlin e a Torre Branca.

Egwene riu. Romanda apenas piscou, chocada, enquanto Lelaine se sobressaltou

— e elas não foram as únicas.

— Acabei de me lembrar de uma coisa — disse ela, acrescentando: —, filhas. —

Era como a Amyrlin chamava as Aes Sedai. Do que ela se lembrara foi o que veio

em seguida. Egwene não pôde deixar de pensar que se tratava de uma compensação

pelo alívio que tivera em sua viagem por *Tel’aran’rhiod*. Egwene al’Vere, a Vigia

dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin, foi capaz de se sentar

naquela cadeira de madeira dura sem aparentar muito cuidado e sem se retrair de

dor. Considerou as duas coisas triunfos da sua força de vontade.

Sheriam, Myrelle e Morvrin deram um passo à frente — olhando os rostos

igualmente serenos, não era possível saber qual delas tinha soltado uma exclamação

surpresa — e as Votantes formaram uma fila logo atrás delas que se estendia até a

porta. Foi organizada por ordem de idade, com Romanda na última posição.

Numa medida profunda, Sheriam abriu as saias.

— Por favor, me permita servir, Mãe.

— Você pode servir à Torre, filha — respondeu Egwene no tom mais sério que

pôde. Sheriam beijou seu anel e se afastou, enquanto Myrelle fez sua medida.

Foi assim ao longo da fila inteira. Aquele arranjo proporcionou algumas

surpresas. Nenhuma das Votantes era jovem de fato, apesar dos seus rostos de Aes

Sedai, mas Delana, com seus cabelos claros, que Egwene pensara ser tão velha

quanto Romanda, estava mais ou menos pelo meio da fila. Lelaine e Janya, duas

mulheres bem bonitas sem um único fio grisalho em seus cabelos escuros, ficaram à

frente apenas da Amarela de cabelo louro. Cada qual fez sua reverência e beijou o

anel de Egwene com o rosto impassível — embora algumas tenham olhado de

relance para as faixas da bainha de Egwene — e deixaram o aposento por uma porta



nos fundos sem dar mais nenhum pio. O normal era que tivesse havido mais rituais,

mas o restante da cerimônia deveria esperar até de manhã.

Enfim, Egwene se viu sozinha com as três mulheres que haviam se comprometido

por ela. Ainda não tinha certeza do que aquilo significava. Assim que ela se

levantou, Myrelle saiu para deixar entrar as três que haviam ficado do lado de fora.

— O que teria acontecido se Romanda não tivesse se levantado? —
Em tese, teria

havido mais uma chance, mais uma rodada de lavagem de pés e pedidos de

permissão para servir, mas Egwene tinha certeza de que, se Romanda tivesse votado

não na segunda vez, também teria votado na terceira.

— Então é bem provável que ela própria fosse se elevar a Amyrlin daqui a alguns

dias — opinou Sheriam. — Ela ou Lelaine.

— Não foi isso que eu quis dizer — rebateu Egwene. — O que teria

acontecido

comigo? Teria simplesmente voltado a ser uma Aceita? — Anaiya e as outras

apareceram apressadas, sorrindo, e Myrelle começou a ajudar Egwene a trocar o

vestido branco com faixas por um de seda verde-clara que ela só iria usar pelo tempo

que levasse para chegar até sua cama. Era tarde, mas a Amyrlin não podia andar por

aí com um vestido de Aceita.

— Muito provavelmente — disse Morvrin após alguns instantes. — Não posso

dizer se isso seria sorte ou não, ser uma Aceita que todas as Votantes sabiam que

quase havia ocupado o Trono de Amyrlin.

— Aconteceu pouquíssimas vezes — explicou Beonin —, mas uma mulher que é

recusada após se apresentar para ser elevada ao Trono de Amyrlin costuma ser

exilada. O Salão busca sempre a harmonia, e, querendo ou não, ela sempre acabaria

causando desarmonia.

Sheriam encarou os olhos de Egwene, como que para reforçar suas palavras.

— Nós teríamos sido exiladas. Myrelle, Morvrin e eu, com certeza, já que nos

comprometemos por você, e é provável que Carlinya, Beonin e Anaiya também. —

Seu sorriso foi abrupto. — Mas não foi isso que aconteceu. A nova Amyrlin deveria

passar a primeira noite em contemplação e oração, mas, assim que Myrelle terminar

com esses botões, talvez seja melhor lhe darmos ao menos uma palavrinha sobre

como estão as coisas em Salidar.

Todas observavam Egwene. Myrelle estava atrás dela, cuidando do último botão,

mas ela conseguia sentir os olhos da mulher em sua nuca.

— É, eu acho que é melhor, sim.



CAPÍTULO 36

A AMYRLIN É ELEVADA

Egwene levantou a cabeça do travesseiro, olhou em volta e por um momento ficou

surpresa ao se ver em uma cama com dossel em um grande quarto. A primeira luz da

manhã entrava pelas janelas, e uma mulher bonita e rechonchuda trajando um

vestido simples de lã cinza estava colocando um grande jarro branco de água quente

no lavatório. Chesa lhe fora apresentada na véspera como sua criada.

A criada da

Amyrlin. Uma bandeja tampada já estava ao lado do seu pente e da sua escova em

uma mesinha estreita diante de um espelho com moldura trabalhada em prata. O

quarto cheirava a pão quente e peras cozidas.

Anaiya havia preparado o quarto para a chegada de Egwene. Os móveis ali

também não combinavam, mas eram os melhores de Salidar, da poltrona acolchoada

estofada com seda verde ao espelho de chão no canto, com todas as suas douraduras

intactas, e ao armário com entalhes decorativos que agora guardava seus pertences.

Infelizmente, parecia que o gosto de Anaiya pendia fortemente para babados e

rendas espalhafatosas. Ambos bordejavam o dossel e as cortinas da cama, que

estavam abertas, e um ou outro adornavam a mesa e seu banquinho, os braços e os

pés da poltrona acolchoada, a manta que Egwene jogara no chão e até mesmo o

lençol fino de seda que ela deixara cair logo em seguida. As cortinas das janelas

também eram rendadas. Egwene deitou a cabeça. Havia rendas nas extremidades dos

travesseiros também. Corria um sério risco de morrer sufocada pelos babados e

rendas daquele quarto.

Tinham conversado muito depois que Sheriam e as outras a levaram para aquele

lugar, ao qual se referiam como a Pequena Torre, mas Egwene quase não abrisse a

boca. As mulheres não estavam muito interessadas no que ela achava que Rand

estaria tramando, ou no que Coiren e as demais poderiam querer. Havia uma missão

diplomática a caminho de Caemlyn a cargo de Merana, que sabia o que fazer,

embora elas tivessem sido bem vagas quanto a qual seria, exatamente, a missão. Na

maior parte do tempo, elas falaram e Egwene escutou, e suas perguntas foram

deixadas de lado. As respostas a algumas delas não tinham importância, disseram-

lhe, ao menos por enquanto. As que foram respondidas tiveram apenas uma

explicação rápida antes que as mulheres voltassem ao que era mais importante.

Missões diplomáticas haviam sido despachadas para cada governante, e o nome de

cada um deles foi revelado a Egwene, com uma explicação sobre o porquê de ele ou

ela ser absolutamente vital para a causa de Salidar — ao que parecia, todos eram.

Elas não chegaram a dizer com todas as letras que tudo estaria perdido se ao menos

um dos governantes se posicionasse contra, mas a ênfase dada a cada um já deixava

isso claro. Gareth Bryne estava montando um exército que acabaria se mostrando

forte o bastante para defender seus direitos — ou os de Egwene — diante de Elaida,

se fosse preciso. As Aes Sedai não pareciam achar que seria o caso, apesar da

exigência de Elaida para que voltassem à Torre. Elas pareciam acreditar que, assim

que a notícia sobre a elevação de Egwene al’Vere ao Trono de Amyrlin se

espalhasse, as Aes Sedai viriam até ela, inclusive algumas das que estavam na Torre

naquele momento, o suficiente para que Elaida não tivesse outra opção a não ser

aceitar a exigência de renunciar. Por algum motivo, os Mantos-brancos andavam

quietos, de forma que Salidar estava tão segura quanto qualquer outro local, até onde

sabiam. O fato de Logain ter sido Curado, assim como Siuan — e também Leane,

naturalmente, já que estava em Salidar —, surgiu na conversa quase por acaso.

— *Não precisa se preocupar com isso — disse Sheriam de modo tranquilizador.*

Estava de pé junto a Egwene, que se encontrava sentada na poltrona acolchoada,

com as demais formando um arco ao seu redor. — O Salão vai ficar discutindo se

deve ou não amansar Logain de novo até ele morrer de velhice e a questão se

resolver sozinha.

Egwene tentou conter outro bocejo — estava ficando tarde — e Anaiya disse:

— Temos que deixá-la dormir. Amanhã vai ser quase tão importante quanto hoje,

criança. — De repente ela fez uma pausa e riu. — Mãe. Amanhã também é

importante, Mãe. Vamos mandar Chesa vir ajudá-la a se preparar para dormir.

Mesmo após elas terem saído, ir para a cama não foi fácil. Enquanto Chesa ainda

desabotoava o vestido de Egwene, Romanda apareceu com várias sugestões para a

Amyrlin, oferecendo-as com uma voz firme e equilibrada, e, tão logo ela saiu,

Lelaine entrou, como se só estivesse esperando a saída da Amarela. A Azul tinha

seus próprios conselhos, dados com Egwene já sentada na cama após Chesa ter sido

expulsa do quarto com palavras gentis, mas firmes. Suas recomendações eram

completamente diferentes das de Romanda — que por sua vez também se

contrapunham às de Sheriam — e vieram acompanhadas de um sorriso caloroso e

até afetuoso, mas seu tom, como o das outras duas, traía a certeza de que Egwene

precisaria ser guiada durante os seus primeiros meses. Nenhuma mulher disse

exatamente que teria mais preparo do que Sheriam para orientar Egwene e garantir

que ela tomasse as melhores decisões para a Torre, ou que Sheriam e seu pequeno

círculo talvez acabassem brigando entre si, ou que elas pudessem dar conselhos

ruins, mas tudo isso ficou subentendido. Romanda e Lelaine também insinuaram que

a outra poderia ter suas próprias intenções ocultas, que, sem a menor dúvida,

causariam sofrimentos incalculáveis.

Quando canalizou para apagar a última lamparina, Egwene esperava um sono

repleto de pesadelos. Na verdade, na manhã seguinte só se lembrou de dois. No

primeiro, ela era Amyrlin — uma Aes Sedai, mas sem prestar os juramentos — e

tudo o que fazia resultava em desastres. Ela despertou só para poder escapar, mas

teve certeza de que não se tratava de nada com algum significado oculto. Foi uma

experiência muito parecida com aquela pela qual passou dentro do *ter'angreal* em

que fizera o teste para se tornar uma Aceita. Até onde se sabia, elas não tinham

nenhuma relação com a realidade. Não com aquela realidade. O outro foi o tipo de

bobagem que Egwene esperava. Ela já conhecia os próprios sonhos o suficiente para

saber disso, ainda que tenha precisado acordar para finalmente escapar também

daquele segundo. Sheriam tinha tirado a estola dos ombros dela e todas as pessoas

ao redor começaram a gargalhar e apontar para Egwene, uma bobalhona que

acreditou mesmo que uma garota que mal tinha dezoito anos poderia ser Amyrlin.

Não estavam só as Aes Sedai, mas todas as Sábias, além de Rand, Perrin e Mat,

Nynaeve e Elayne, e quase todo mundo que ela conhecera algum dia, enquanto ela

ficava lá nua, tentando desesperadamente colocar um vestido de Aceita que talvez

coubesse em uma garotinha de dez anos.

— Você já não pode passar o dia todo deitada na cama, Mãe.

Egwene abriu os olhos.

A expressão no rosto de Chesa era de uma falsa severidade, e ela sorria com os

olhos. Com pelo menos o dobro da idade de Egwene, a mulher, desde o momento

em que foram apresentadas, assumira logo de cara a mistura de respeito e

familiaridade que se poderia esperar de uma criada experiente.

— O Trono de Amyrlin não pode dormir até tarde, ainda mais num dia como hoje.

— Isso nem passou pela minha cabeça. — Egwene se levantou da cama com

dificuldade e se espreguiçou antes de tirar a camisola suada. Mal podia esperar pelo

dia em que sua experiência com o Poder a faria parar de suar. — Vou usar o de seda

azul com as estrelas d'alva brancas na gola. — Egwene notou que Chesa fez questão

de desviar o olhar das pernas de Egwene ao lhe entregar uma anágua limpa. Os

efeitos de ter cumprido sua *toh* haviam diminuído um pouco, mas sua pele

continuava visivelmente marcada. — Sofri um acidente na vinda para cá — disse,

enfiando a cabeça com pressa na anágua nova.

Chesa assentiu com a cabeça, entendendo na mesma hora.

— Cavalos são criaturas terríveis e pouco confiáveis. Você nunca vai me ver em

cima de um, Mãe. Uma carroça boa e robusta é sempre muito mais segura. Se eu

caísse assim de um cavalo, também não contaria para ninguém. Nildra não falaria

noutra coisa, e Kaylin... Ah, você não iria acreditar nas coisas que algumas

mulheres são capazes de dizer assim que você vira as costas. Claro que com o Trono

de Amyrlin é diferente, mas é o que eu faria. — Segurando a porta do armário

aberta, a criada olhou de soslaio para ver se Egwene havia entendido.

Egwene sorriu para ela.

— Gente é gente, independente da posição — afirmou com sinceridade.

Chesa abriu um largo sorriso e foi buscar o vestido azul. Anaiya podia até tê-la

escolhido, mas ela era criada do Trono de Amyrlin, e era leal ao Trono de Amyrlin.

E ela também tinha razão quanto à importância daquele dia.

Comendo rápido — apesar de Chesa resmungar baixinho que engolir a comida

fazia mal ao estômago e que leite morno com mel e especiarias era imbatível para

acalmar uma barriga nervosa —, Egwene esfregou os dentes e se lavou às pressas,

deixou Chesa dar uma escovada de leve em seu cabelo e se vestiu o

mais depressa

que a criada permitiu, ajudando-a a passar o vestido de seda azul pela cabeça.

Ajustou a estola de sete listras nos ombros e parou para se olhar no espelho. Com ou

sem estola, não se parecia muito com o Trono de Amyrlin. *Mas eu sou. Isso não é*

um sonho.

No amplo aposento do andar de baixo, as mesas continuavam tão vazias quanto na

véspera. Apenas as Votantes estavam presentes, usando seus xales e divididas de

acordo com as Ajahs. Sheriam estava sozinha. Todas ficaram quietas enquanto

Egwene descia a escada e fizeram medidas quando ela chegou lá embaixo. Romanda

e Lelaine lhe lançaram olhares penetrantes e então se viraram, claramente evitando

olhar para Sheriam, e retomaram suas conversas. Quando Egwene permanecia

calada, as outras faziam o mesmo. Vez ou outra, uma delas lhe dava uma olhadinha.

Mesmo cochichando, suas vozes pareciam altas demais. Fazia silêncio lá fora, uma

quietude absoluta. Egwene puxou o lenço da manga e secou o rosto com delicadeza.

Nenhuma *delas* suava uma gota sequer.

Sheriam se aproximou e ficou ao lado dela.

— Vai dar tudo certo — disse em voz baixa. — Basta você se lembrar do que

deve dizer. — Aquele foi outro ponto que elas haviam repassado com riqueza de

detalhes na noite anterior. Egwene tinha um discurso para fazer naquela manhã.

A Amyrlin assentiu. Era estranho. Seu estômago deveria estar se revirando, os

joelhos, trêmulos. Não estavam, e ela não conseguia entender por quê.

— Não precisa ficar nervosa — disse Sheriam. A mulher falava como se pensasse

que Egwene estava, e sua intenção era tranquilizá-la, mas, antes que pudesse tornar a

abrir a boca, Romanda falou bem alto:

— Está na hora.

Com um farfalhar de saias, as Votantes se alinharam de acordo com suas idades,

Romanda à frente dessa vez, e marcharam até o lado de fora. Egwene andou até

junto da porta. Nada de palpitações, ainda. Talvez Chesa tivesse razão quanto ao

leite morno.

Após mais alguns momentos de silêncio, Romanda finalmente se pronunciou, a

voz mais alta do que seria possível sem a ajuda do Poder:

— Temos um Trono de Amyrlin.

Egwene pôs os pés do lado de fora e sentiu um calor que não teria esperado para

aquela hora do dia. Quando terminou de descer os degraus da entrada, seu pé pousou

numa plataforma tecida com Ar. As filas de Votantes se estendiam em ambos os

lados de Egwene, cada qual brilhando com a luz de *saidar*.

— Egwene al’Vere — entoou Romanda, sua voz chegando mais longe com a

ajuda das tessituras do Poder —, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono

de Amyrlin.

As mulheres suspenderam-na com Ar durante o pronunciamento de Romanda,

literalmente elevando a Amyrlin até que ela ficasse quase na altura do telhado de

palha. Para qualquer mulher que não fosse capaz de canalizar, Egwene pareceria

capaz de caminhar sobre o ar.

Havia bastante gente reunida para vê-la delineada pelo sol que se levantava, e uma

segunda tessitura fez a luz formar um halo ao redor dela. Homens e mulheres

lotavam as ruas. Nas esquinas, perdia-se a multidão de vista. Pessoas observavam de

cada porta, janela e telhado, exceto os da própria Pequena Torre. O brado que se

elevou da multidão quase abafou a voz de Romanda, e as ondas de aclamações se

espalharam pela aldeia. Egwene correu os olhos pela multidão em busca de Nynaeve

e Elayne, mas não conseguiu encontrá-las naquele mar de rostos voltados para ela.

Uma era inteira pareceu se passar antes que tudo estivesse suficientemente calmo

para que ela falasse. A tessitura que transportara a voz de Romanda passou para a

dela.

Elas haviam preparado o discurso, Sheriam e as demais, uma exortação empolada

que Egwene talvez fosse capaz de realizar sem ficar ruborizada caso tivesse o dobro

da idade que tinha, ou, ainda melhor, o triplo. Então ela decidira fazer algumas

modificações.

— Nós nos unimos em uma busca pela verdade e pela justiça que só vai acabar

quando a falsa Amyrlin, Elaida, for deposta do lugar que usurpou. — A única

mudança foi o “só vai” no lugar de “só pode”, o que ela considerou melhor e mais

forte. — Como Amyrlin, vou liderá-los nessa busca e não vou fraquejar, como sei

que vocês também não vão. — Tratava-se de uma baita exortação. Ela não tinha a

intenção de permanecer ali em cima pelo longo tempo que seria necessário para

repetir tudo o que elas queriam que fosse dito. Afinal, estaria apenas repetindo o que

já fora dito com outras palavras. — Como minha Curadora das Crônicas, eu nomeio

Sheriam Bayanar.

Aquelas palavras geraram aclamações bem mais tímidas. Uma Curadora não era

uma Amyrlin, afinal. Egwene olhou para baixo e aguardou até avistar Sheriam

saindo às pressas, ainda envolvendo os ombros com a estola da Curadora, em azul,

para mostrar que fora elevada da Ajah Azul. Havia sido decidido que não se faria

uma cópia do cajado da Amyrlin, encimado por uma chama dourada, que a Curadora

tradicionalmente carregava. Até que o cajado verdadeiro fosse recuperado da Torre

Branca, elas teriam que passar sem ele. Sheriam estivera esperando um discurso bem

mais longo, e olhou para Egwene com nítida exasperação. Nas filas de Votantes, as

expressões de Romanda e Lelaine permaneceram impassíveis. Cada qual tinha sido

muito enfática em sua sugestão para Curadora, e era desnecessário dizer que

nenhuma das duas sugerira Sheriam.

Egwene respirou e se voltou para a multidão que esperava.

— Em honra a este dia, decreto que todas as Aceitas e noviças estão absolvidas de

suas penitências. — Essa era uma tradição, e o anúncio gerou gritos de júbilo apenas

de garotas vestidas de branco e de algumas Aceitas que ficaram felizes demais para

se lembrarem de agir com decoro. — Em honra a este dia, decreto que Theodrin

Dabei, Faolain Orande, Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand, a partir de agora, estão

elevadas ao xale, tornando-se irmãs completas e Aes Sedai. — A frase foi recebida

com uma espécie de silêncio questionador e murmúrios aqui e ali. Essa parte não

estava nem um pouco de acordo com os costumes. Longe disso. Mas

agora a ordem

já fora proferida, e foi bom Morvrin ter mencionado Theodrin e Faolain. Hora de

retornar ao que as mulheres lhe haviam escrito. — Decreto que este é um dia de festa

e celebração. Que não se realize nenhum trabalho além do necessário para a alegria.

Que a Luz brilhe sobre todos vocês e que a mão do Criador os proteja. — A última

parte acabou engolida por um clamor tão alto que sobrepujou a tessitura que

transportava as palavras de Egwene. Algumas pessoas começaram a dançar ali

mesmo na rua, embora mal houvesse espaço para se mexer.

A plataforma de Ar talvez tenha baixado um tantinho mais rápido do que

ascendera. As Votantes fitavam-na quando ela desceu, e o brilho de *saidar* das

mulheres se apagou assim que Egwene tocou o chão.

Sheriam disparou para agarrar o braço de Egwene, que sorria para as Votantes

com suas expressões pétreas.

— Tenho que mostrar para a Amyrlin o gabinete dela. Me perdoem. — Egwene

não diria exatamente que Sheriam quase a arrastou para dentro, mas também não

podia dizer que não fora o caso. Não acreditava que Sheriam tentaria levá-la à força,

mas achou melhor apanhar as saias com a mão livre e dar passadas mais largas para

não correr o risco de descobrir.

O gabinete, nos fundos da sala de espera, acabou se mostrando um pouco menor

que o quarto dela, com duas janelas, uma escrivaninha, uma cadeira de encosto

vertical por trás e outras duas à frente. Mais nada. Carcomidos pelos besouros, os

painéis das paredes haviam sido encerados e ganharam um brilho meio fosco, mas a

mesa estava vazia. Havia um pequeno tapete florido no chão.

— Perdoe-me se fui abrupta, Mãe — desculpou-se Sheriam, soltando o braço de

Egwene —, mas achei que deveríamos conversar em particular antes que você

falasse com qualquer uma das Votantes. Todas ajudaram na preparação do seu

discurso e...

— Eu sei que fiz algumas mudanças — disse Egwene com um largo sorriso —,

mas eu me sentiria uma idiota ali em cima, falando sem parar. — *Todas* elas tinham

ajudado? Então não era de se surpreender que o discurso parecesse escrito por uma

velha pomposa que não sabia calar a boca. Egwene quase gargalhou. — Seja como

for, eu disse o que precisava ser dito, a alma do discurso. Elaida precisa ser deposta,

e eu vou liderá-las para cumprir nosso objetivo.

— Certo — concordou Sheriam sem muita certeza —, mas pode ser que haja

algumas perguntas sobre algumas das outras... mudanças. Theodrin e Faolain com

certeza vão ser elevadas a Aes Sedai assim que tivermos de volta a Torre e o Bastão

dos Juramentos, e é bem provável que Elayne também, mas Nynaeve ainda não

consegue nem acender uma vela sem primeiro puxar a trança na cara das pessoas.

— Era exatamente esse ponto que eu queria levantar — intrometeu-se Romanda,

entrando sem bater. — Mãe — acrescentou, após uma pausa bem evidente. Lelaine

também chegou e quase bateu na cara de várias outras Votantes.

— Me pareceu a coisa certa a se fazer — ponderou Egwene, arregalando os olhos.

— Pensei nisso ontem à noite. Fui elevada a Aes Sedai sem ter sido testada e sem

fazer os Três Juramentos, e, se eu fosse a única, isso me tornaria uma exceção. Com

outras quatro, já não vai mais parecer tão estranho. Não para quem está aqui, pelo

menos. Elaida pode tentar tirar algum proveito disso quando ficar sabendo, mas a

maioria das pessoas sabe tão pouco sobre as Aes Sedai que, de um jeito ou de outro,

não vai nem saber no que acreditar. O que mais importa nisso tudo são as pessoas.

Elas precisam confiar em mim.

Qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai teria ficado boquiaberta. Romanda, por

sua vez, quase gaguejou.

— Pode até ser verdade — começou a dizer Lelaine, em tom irritado, dando um

puxão em seu xale de bordas azuis, e então parou. *Era verdade*. Mais que isso, o

Trono de Amyrlin decretara publicamente que aquelas mulheres eram Aes Sedai. O

Salão talvez conseguisse mantê-las como Aceitas, ou o que quer que Theodrin e

Faolain fossem, mas não podia apagar memórias e não evitaria que todos soubessem

que elas haviam se mostrado contrárias à Amyrlin em seu primeiro dia. Seria uma

maneira de garantir que as pessoas jamais confiassem em Egwene.

— Eu espero, Mãe — ponderou Romanda com a voz firme —, que, na próxima

vez, você primeiro consulte o Salão. Ir contra os costumes pode ter consequências

inesperadas.

— Ir contra a lei pode ter consequências infelizes — afirmou Lelaine sem rodeios,

acrescentando, atrasada: — Mãe. — Aquilo era um absurdo, ou perto disso. As

condições para alguém ser elevada a Aes Sedai estavam definidas pela lei, era um

fato, mas a Amyrlin podia decretar quase tudo o que quisesse. Ainda assim, uma

Amyrlin sábia não compraria brigas com o Salão, a menos que fosse inevitável.

— Ah, no futuro eu vou consultar, sim — respondeu Egwene, séria. — Mas me

pareceu a forma correta de agir. Agora vocês me dão licença, por

favor? Eu

realmente preciso conversar com a Curadora.

As mulheres quase estremeceram. As mesuras foram discretas, as palavras de

despedida perfeitamente corretas no que dizia respeito a palavras, mas resmungadas,

no caso de Romanda, e, no de Lelaine, pronunciadas em tom cortante.

— Você se saiu muito bem — disse Sheriam depois que as mulheres se retiraram.

Parecia surpresa. — Mas é preciso ter em mente que o Salão pode criar problemas

para qualquer Amyrlin. Um dos motivos para eu ser a sua Curadora é poder

aconselhá-la e mantê-la bem longe desse tipo de problema. É melhor você me

perguntar antes de decretar as coisas. E, caso eu não esteja por perto, pergunte para

Myrelle, Morvrin e as outras. Estamos aqui para ajudá-la, Mãe.

— Eu compreendo, Sheriam. Prometo escutar com atenção qualquer coisa que

você disserem. Eu gostaria de falar com Nynaeve e Elayne, se for possível.

— Deve ser — disse Sheriam, sorrindo —, embora eu talvez tenha que arrancar

Nynaeve de alguma Amarela. Siuan está vindo ensinar você a etiqueta da função de

Amyrlin, e há muito o que aprender sobre esse assunto, mas vou dizer para ela vir

um pouco mais tarde.

Depois que Sheriam saiu, Egwene ficou olhando para a porta. Em

seguida, virou-

se e ficou encarando a mesa. Absolutamente vazia. Nenhum relatório para ser lido,

nenhum registro a estudar. Nem mesmo caneta e tinta para escrever um bilhete,

muito menos um decreto. E Siuan vindo dar aulas sobre etiqueta.

Quando ouviu uma tímida batidinha na porta, ela ainda estava ali de pé.

— Entre — respondeu, imaginando se seria Siuan ou, quem sabe, uma serviçal

trazendo bolo de mel já devidamente cortado em pedacinhos para o lanche.

Hesitante, Nynaeve pôs a cabeça para dentro, e então Elayne empurrou-a gabinete

adentro. Lado a lado, ambas executaram medidas perfeitas, profundas, abrindo as

saídas brancas de barras listradas e murmurando:

— Mãe.

— Não façam isso, por favor — reprovou Egwene. Na verdade, saiu mais como

uma lamentação. — Vocês são as duas únicas amigas que eu tenho, e se

começarem... — Luz, Egwene estava quase a ponto de chorar!

Elayne antecipou-se ao choro por muito pouco e abraçou Egwene. Nynaeve ficou

calada e, nervosa, mexia e remexia um bracelete fino de prata.

— Ainda somos suas amigas, Egwene, mas você é o Trono de Amyrlin. Luz, eu

lembro que um dia falei que você seria a Amyrlin, quando eu fosse...
— Elayne não

terminou a frase, fazendo uma leve careta. — Bem, em todo caso, você é. Não

podemos simplesmente chegar para a Amyrlin e dizer “Egwene, esse vestido me

deixa gorda?”. Não seria adequado.

— Seria, sim — retrucou Egwene, resoluta. — Pelo menos quando estivermos a

sós — acrescentou após um instante. — Quando estivermos só nós três, eu *quero*

que vocês me digam se um vestido me deixa gorda ou se... ou o que vocês

quiserem. — Sorrindo para Nynaeve, ela deu um puxão bem delicado na trança da

mulher. Nynaeve tomou um susto. — E quero que você dê puxões na sua trança

perto de mim, se sentir vontade. Preciso de amigas, de alguém que não veja apenas

essa... essa maldita estola o tempo todo, ou eu vou acabar ficando louca. Falando

em vestidos, por que vocês ainda estão com esses? Eu tinha certeza de que, a esta

altura, vocês já poderiam ter se trocado.

Nynaeve realmente deu um puxão na trança ao ouvir isso.

— Aquela Nisao me falou que devia ter sido um erro qualquer e me arrastou com

ela, dizendo que não iria desperdiçar a sua vez só por causa de uma celebração. —

Do lado de fora, os sons dos festejos começavam a aumentar, um burburinho

indistinto, alto o bastante para penetrar as paredes de pedra, além de uma música

ecoando ao longe.

— Não houve erro nenhum, ora — contestou Egwene. Era a vez de Nisao? Bem,

não era o melhor momento para pedir explicações. Nynaeve não parecia nada feliz, e

Egwene queria que a ocasião fosse o mais alegre possível. Puxando a cadeira de trás

da mesa, viu duas almofadas gorduchas de retalhos no assento e sorriu. Chesa. —

Nós vamos nos sentar aqui e conversar, e depois eu vou ajudar vocês a encontrar os

dois melhores vestidos de Salidar. Me falem sobre essas descobertas de vocês.

Anaiya tocou no assunto e Sheriam também, mas não consegui fazer as duas

sossegarem por tempo suficiente para me contar os detalhes.

Ao mesmo tempo, as duas fizeram uma pausa antes de se sentar e se

entreolharam. Por algum motivo, pareciam relutantes em falar sobre qualquer coisa

que não fosse Nynaeve ter Curado Siuan e Leane — Nynaeve repetiu três vezes, e

com bastante nervosismo, que Curar Logain havia sido um acidente — e sobre

Elayne ter aprendido a fazer *ter'angreal*. Eram feitos notáveis, em especial o de

Nynaeve, mas não havia muito o que elas pudessem contar, e Egwene não podia

apenas continuar repetindo que elas haviam feito coisas maravilhosas e ela estava

com inveja. A demonstração de Nynaeve não durou muito. Egwene não tinha a

menor aptidão para Cura, e menos ainda, em particular, para aquela complicada

tapeçaria que Nynaeve tecia sem nem pensar. Embora tivesse certa afinidade com

metais e fosse bastante forte tanto com o Fogo quanto com a Terra, Elayne perdeu a

atenção dela quase de imediato. Claro que elas queriam saber como era a vida entre

os Aiel. Pelas expressões surpresas e risadas chocadas, interrompidas de forma

abrupta, Egwene não sabia se as amigas acreditaram em tudo o que contou, e ela

com certeza deixou muito de fora. Falar nos Aiel as fez falar em Rand, naturalmente.

As duas prestaram atenção durante toda a narrativa de Egwene sobre o encontro dele

com as Aes Sedai. Concordaram que ele não sabia onde estava se metendo e que

precisava de alguém para guiá-lo antes que caísse numa armadilha. Elayne achou

que Min poderia ajudar nesse sentido, assim que a missão diplomática chegasse a

Caemlyn — foi a primeira notícia que Egwene tivera de que Min estava com ele, ou

que estivera em Salidar —, embora, na realidade, Elayne parecesse desanimada. E

ela acabou resmungando algo bem estranho, como se estivesse repetindo uma

verdade desagradável.

— Min é uma mulher melhor que eu. — Por algum motivo, aquilo suscitou um

olhar de compaixão da parte de Nynaeve. — Eu queria que *eu* estivesse lá —

prosseguiu Elayne com uma voz mais forte. — Para guiá-lo, quero dizer. — Seu

olhar passou de Egwene para Nynaeve, e suas bochechas ficaram vermelhas. — Ah,

e por outros motivos também. — Nynaeve e Egwene começaram a gargalhar tanto

que quase caíram das cadeiras, e Elayne se juntou às duas quase de imediato.

— Isso, sim, é algo que vale a pena contar, Elayne — brincou Egwene, sem

fôlego, ainda tentando se recuperar. Foi quando percebeu exatamente o que iria

dizer, e por quê. Luz, em que enrascada ela havia se metido, e enquanto gargalhava!

— Eu lamento pela sua mãe, Elayne. Você não imagina o quanto eu gostaria de ter

oferecido as minhas condolências antes. — Elayne pareceu confusa, como seria de

se esperar. — A questão é que Rand pretende conceder a você o Trono do Leão e o

Trono do Sol. — Para a surpresa de Egwene, Elayne se empertigou na cadeira.

— Ah, é, é? — indagou, a voz serena e impassível. — Ele pretende me conceder

os dois. — Ergueu o queixo de leve. — Eu tenho direito de reivindicar o Trono do

Sol, de certa forma, e se optar por fazer isso, vou fazer isso por conta própria.

Quanto ao Trono do Leão, quem Rand al'Thor pensa que é para me *conceder* o que

é meu por direito?

— Não foi isso que ele quis dizer — protestou Egwene. *Será que foi?* —
Ele ama

você, Elayne. Eu sei que ama.

— Quem dera fosse simples assim — resmungou Elayne. Egwene não sabia o que

a amiga queria dizer com aquilo.

Nynaeve fungou com desdém.

— Os homens sempre se justificam falando que não era bem “isso” que eles

queriam dizer. Daria até para pensar que falam outra língua.

— Quando eu puser as mãos nele de novo — disse Elayne com determinação —,

vou ensiná-lo a falar a língua certa. Me *conceder*! Como ousa!

Egwene teve que se esforçar ao máximo para não cair na gargalhada de novo. Na

próxima vez que Elayne pusesse as mãos em Rand, estaria ocupada demais

procurando um cantinho isolado para pensar em ensinar alguma coisa. Era como nos

velhos tempos.

— Agora que é Aes Sedai, pode ir até ele na hora em que quiser. Ninguém pode

impedir você.

As duas se entreolharam de novo.

— O Salão não vai deixar ninguém simplesmente arrumar a mala e ir embora —

ponderou Nynaeve. — E, mesmo que ela pudesse partir, nós encontramos algo que

eu acho mais importante.

Elayne assentiu.

— Também acho. Vou admitir: a primeira coisa que me passou pela cabeça

quando ouvi você ser anunciada como Amyrlin foi que, agora, eu e Nynaeve talvez

podéssemos ir procurar nós mesmas. Bem, a segunda. A primeira foi uma espécie de

alegria estarrecida.

Egwene apenas piscou, confusa.

— Vocês encontraram algo. Mas agora precisam ir procurar. — Inclinando-se

para a frente, as duas quase se atropelaram para responder.

— Encontramos — explicou Elayne —, mas só em *Tel'aran'rhiod*.

— Nós usamos a necessidade como guia — acrescentou Nynaeve. — Nós, com

certeza, precisávamos de *algo*.

— É uma tigela — continuou Elayne —, um *ter'angreal*, e eu acho que pode ser

forte o bastante para alterar o clima.

— Só que a tigela está em algum ponto de Ebou Dar, num labirinto tenebroso de

ruas sem nenhuma placa ou qualquer coisa que ajude. O Salão mandou uma carta

para Merilille, mas ela nunca vai encontrar sozinha.

— Ainda mais porque ela deve estar ocupada convencendo a Rainha Tylin de que

a *verdadeira* Torre Branca está aqui.

— Nós dissemos a elas que um homem precisava participar da canalização. —

Nynaeve suspirou. — Claro que isso foi antes de Logain, apesar de eu achar que elas

não confiariam nele.

— Não precisa de um homem, na verdade — emendou Elayne. — Nós só

queríamos fazê-las acreditar que elas *precisavam* de Rand. Não sei quantas mulheres

são necessárias de fato. Talvez um círculo completo com treze.

— Elayne diz que ele é muito poderoso, Egwene. Poderia consertar o clima. Eu

ficaria feliz se encontrássemos só por eu poder voltar a escutar o vento direito.

— A tigela *pode* consertar as coisas, Egwene. — Elayne trocou olhares alegres

com Nynaeve. — Tudo o que você precisa fazer é nos mandar a Ebou Dar.

O turbilhão cessou, e Egwene tornou a se recostar em sua cadeira.

— Vou fazer o possível. Pode ser que não haja objeções, agora que vocês são Aes

Sedai. — Porém ela teve a sensação de que haveria. Elevá-las parecera uma decisão

ousada, mas Egwene estava começando a acreditar que não era assim tão simples.

— O que for possível? — contestou Elayne, incrédula. — Você é o Trono de

Amyrlin, Egwene. Basta você dar a ordem, e todas as Aes Sedai pulam na hora para

obedecer. — Ela abriu um sorrisinho rápido. — Diga “pule” e eu provo para você.

Fazendo careta, Egwene se remexeu nas almofadas.

— Eu sou a Amyrlin, mas... Elayne, Sheriam não precisa se esforçar muito para

se lembrar de uma noviça chamada Egwene, olhando para tudo com os olhos

arregalados e sendo mandada passar o ancinho no Jardim Novo só por ter comido

maças depois da hora de ir para a cama. Ela pretende me pegar pela mão e me guiar

a cada passo, ou talvez até me levar arrastada pela orelha. Romanda e Lelaine

queriam ser a Amyrlin, as duas, e também ainda se lembram muito bem daquela

noviça. E elas pretendem me dizer por onde andar tanto quanto Sheriam.

Preocupada, Nynaeve franziu a testa, mas Elayne ficou indignada.

— Não pode deixá-las simplesmente... *intimidarem você*. Você é a *Amyrlin*. É a

Amyrlin quem diz para o Salão como proceder, e não o contrário. Você precisa

mostrar autoridade e fazê-las verem o Trono de Amyrlin, não a noviça.

A gargalhada de Egwene teve um quê de amargura. Havia sido mesmo na noite

anterior que ela tinha se sentido tão resistente contra intimidações?

— Isso vai levar um pouco de tempo, Elayne. Veja só, eu finalmente entendi por

que elas me escolheram. Em parte por Rand, eu acho. Talvez elas acreditem que ele

vai nos dar ouvidos mais fácil se me vir usando a estola. O outro motivo é por elas

se lembrarem daquela novilha. Uma mulher, ou melhor, uma garota! E que está tão

acostumada a fazer o que mandam que será fácil fazê-la agir como elas querem. —

Ela passou o dedo na estola listrada ao redor do pescoço. — Bem, quaisquer que

tenham sido as razões delas, elas me escolheram como Amyrlin, e eu pretendo *ser* a

Amyrlin, mas preciso tomar cuidado, pelo menos de início. Talvez Siuan fizesse o

Salão pular toda vez que franzia o rosto — Egwene ficou se perguntando se aquilo

era verdade mesmo —, mas, se eu tentar fazer o mesmo, posso virar a primeira

Amyrlin deposta um dia depois de ter sido elevada.

Elayne parecia atônita, mas Nynaeve assentiu devagar com a cabeça. Ter sido

Sabedoria e lidado com o Círculo das Mulheres em Dois Rios talvez tivesse lhe dado

uma noção melhor do real funcionamento do Trono de Amyrlin e do Salão da Torre

do que todo o treinamento de Elayne como Filha-herdeira.

— Quando a notícia se espalhar e os governantes souberem a meu respeito,

Elayne, vou poder começar a fazer o Salão perceber que elas escolheram uma

Amyrlin, e não um fantoche, mas, até lá, elas de fato poderiam arrancar essa estola

de mim tão rápido quanto me deram. Se eu não sou mesmo uma Amyrlin, ora, então

não é difícil se ver livre de mim. Poderia haver alguns resmungos

contrários, mas eu

não tenho dúvida de que elas conseguiriam calá-los bem depressa. Se qualquer

pessoa fora de Salidar ouvisse falar algum dia que alguém chamada Egwene al’Vere

foi elevada a Amyrlin, não passaria de um daqueles boatos estranhos que surgem

sobre as Aes Sedai.

— O que você vai fazer? — perguntou Elayne bem baixinho. — Você não vai

aceitar isso tão fácil.

As palavras fizeram Egwene abrir um sorriso sincero. Não era uma pergunta, mas

uma afirmação contundente.

— Não, eu não vou. — Ela escutara vários sermões de Moiraine para Rand a

respeito do Jogo das Casas. À época, pensava que o Jogo era algo absurdo, pior que

uma trama ardilosa. Mas ali estava ela desejando que pudesse se lembrar de tudo o

que ouvira. Os Aiel sempre diziam: “Use as armas que tiver.” — O fato de elas

estarem tentando apertar três coleiras diferentes no meu pescoço pode ser útil. Eu

posso fingir que estou sendo conduzida por uma ou por outra, dependendo de qual

esteja mais perto do que eu mesma quero fazer. De vez em quando, posso fazer o

que eu bem entender, como fiz quando elevei vocês duas, mas ainda não com tanta

frequência. — Ela endireitou os ombros e as encarou. — Eu gostaria de afirmar que

e levei vocês duas porque vocês mereceram, mas a verdade é que eu fiz isso porque

vocês são minhas amigas e porque eu espero que, como irmãs completas, vocês

possam me ajudar. Realmente não sei mais em quem posso confiar além de vocês

duas. Vou mandar vocês para Ebou Dar assim que puder, mas, antes e depois disso,

vocês são as duas pessoas com quem eu posso conversar. Sei que vão me dizer a

verdade. A tal viagem a Ebou Dar pode não demorar tanto quanto vocês talvez

estejam pensando. Vocês duas andaram descobrindo todo tipo de coisas, foi o que eu

ouvi dizer, mas, se eu conseguir desvendar algumas coisas, posso também ter feito

minha própria descoberta.

— Vai ser maravilhoso — disse Elayne, embora seu tom de voz fosse quase

distraído.



CAPÍTULO 37

QUANDO A BATALHA COMEÇA

O silêncio que se seguiu foi muito peculiar, e Egwene não conseguia entender o

porquê. Elayne olhou para Nynaeve, e então ambas fitaram o fino bracelete de prata

de Nynaeve. A amiga mais velha finalmente se voltou para Egwene, de olhos bem

arregalados, e logo voltou a encarar o chão.

— Tenho uma confissão — disse ela, quase sussurrando. Sua voz se manteve

baixa, mas as palavras saíram feito uma rajada. — Eu capturei Moghedien. — Sem

levantar os olhos, ergueu o pulso onde estava o bracelete. — Isso é um *a'dam*. Ela é

nossa prisioneira, mas ninguém sabe. Exceto Siuan, Leane e Birgitte. E agora você.

— Fomos obrigadas — explicou Elayne, inclinando-se para a frente. — Elas a

teriam executado, Egwene. Sei que seria merecido, mas ela sabe coisas sobre as

quais nem sonhamos. Foi assim que fizemos todas as nossas *descobertas*. Exceto

Nynaeve ter Curado Siuan, Leane e Logain, e o meu *ter'angreal*. Elas a teriam

executado sem tentar aprender nada!

As perguntas que vieram à mente de Egwene foram tantas que ela quase ficou

tonta. Elas haviam capturado uma Abandonada? Como? Elayne fizera um *a'dam*?

Egwene sentiu um calafrio e mal conseguiu olhar para o bracelete. Não se parecia

em nada com o *a'dam* que ela conhecia até bem demais. Ainda assim, como as duas

tinham conseguido esconder uma Abandonada entre tantas Aes Sedai? Uma

Abandonada fora feita prisioneira. Não tinha sido julgada nem executada.

Desconfiado do jeito que estava, se algum dia Rand descobrisse aquilo, jamais

voltaria a confiar em Elayne.

— Quero falar com ela — acabou por dizer, sem emoção. Nynaeve pulou da

cadeira e saiu correndo para buscar Moghedien. Os ruídos de celebração, risadas,

músicas e canções entraram por alguns instantes antes que a porta se fechasse.

Egwene esfregou a têmpora. Uma Abandonada. — É um baita segredo para se

guardar.

As bochechas de Elayne enrubesceram. Por quê, sob a Luz...? Claro.

— Elayne, não tenho nenhuma intenção de fazer perguntas sobre... sobre

ninguém de quem eu não deveria saber a respeito.

A mulher de cabelos dourados se sobressaltou.

— Eu... Talvez eu possa contar. Mais tarde. Amanhã. Talvez. Egwene, você

precisa me prometer que não vai dizer nada, para ninguém, a menos que eu deixe.

Pouco importa o que você... o que você vir.

— Se é isso que você quer... — Egwene não entendia por que a amiga estava tão

agitada. Não fazia a menor ideia. Elayne tinha um segredo do qual Egwene sabia,

mas a descoberta não só fora por acaso como, desde então, ambas vinham fingindo

que ainda se tratava de um segredo que só pertencia a Elayne. Ela se encontrara com

Birgitte, a heroína das lendas, em *Tel'aran'rhiod*. Talvez ainda se encontrassem.

Mas... Nynaeve havia revelado algo mais. Birgitte sabia a respeito de Moghedien.

Será que ela estava mesmo falando da mulher esperando em *Tel'aran'rhiod* até que

a Trombeta de Valere a convocasse de volta? Será que *Nynaeve* sabia do segredo

que Elayne se recusara a admitir para Egwene mesmo após ela ter sido descoberta?

Não. Egwene deixou o pensamento de lado. Não queria que aquilo se transformasse

em uma rodada de acusações e negativas.

— Elayne, eu sou a Amyrlin, a Amyrlin de fato, e já tenho planos. As Sábias que

conseguem canalizar/manejam boa parte das suas tessituras de modo diferente das

Aes Sedai. — Elayne já sabia das Sábias, apesar de, agora que fazia uma pausa e

pensava no assunto, Egwene não saber dizer se as Aes Sedai também sabiam. As

outras Aes Sedai, no caso. — Às vezes, o que elas executam é mais complicado ou

mais rudimentar, porém algumas vezes é mais simples do que como nos ensinaram

na Torre e funciona tão bem quanto.

— Você quer que as Aes Sedai estudem com as Aiel? — A boca de Elayne se

retorceu como se a amiga estivesse prestes a rir. — Egwene, elas *nunca* vão

concordar com isso, nem se você viver mil anos. Mas suponho que, quando ficarem

sabendo, elas vão querer testar as garotas Aiel para ver se poderiam virar noviças.

Ajeitando-se em suas almofadas, Egwene hesitou. As Aes Sedai estudando com as

Sábias, como aprendizes? Impossível, mas Romanda e Lelaine, em especial,

poderiam se beneficiar de algumas aulas sobre *ji'e'toh*. E Sheriam, e Myrelle, e...

Ela encontrou um jeito mais confortável de se sentar e desistiu das suas fantasias.

— Duvido que as Sábias fossem concordar com a ideia de garotas Aiel

virarem

noviças. — Algum dia talvez tivessem concordado, mas com certeza não àquela

altura. No momento, o máximo que Egwene podia esperar era que elas falassem com

as Aes Sedai de maneira civilizada. — Pensei em algum tipo de parceria. Existem

menos de mil Aes Sedai, Elayne. Se a gente contar com as que ainda estão no

Deserto, acho que existem mais Sábias capazes de canalizar do que Aes Sedai.

Talvez bem mais. Seja como for, elas não perdem nenhuma que nasceu com a

centelha. — Quantas mulheres haviam morrido neste lado da Espinha do Dragão só

porque, de repente, conseguiam canalizar, talvez sem nem perceber, e não havia

ninguém para ensinar a elas? — Quero trazer mais mulheres, Elayne. Que tal

mulheres capazes de aprender, mas que não foram encontradas por nenhuma Aes

Sedai antes que as considerassem velhas demais para se tornar noviças? Eu acho

que, se a mulher quiser aprender, precisamos deixá-la tentar, mesmo que já tenha

quarenta ou cinquenta anos, ou que seus netos já tenham netos.

Elayne gargalhou tanto que chegou a abraçar a própria barriga.

— Ah, Egwene, as Aceitas vão *adorar* dar aula para essas suas noviças.

— Elas vão ter que aprender a gostar — retrucou Egwene com firmeza. Ela não

via problema algum. As Aes Sedai sempre disseram que às vezes a pessoa era velha

demais para se tornar uma noviça, mas se a pessoa quisesse aprender... Elas já

havam mudado parcialmente de ideia. Na multidão, Egwene tinha visto rostos mais

velhos que o de Nynaeve usando o branco das noviças. — A Torre sempre foi severa

demais na hora de excluir pessoas, Elayne. Se você não for forte o bastante, elas a

mandam embora. Recuse-se a fazer o teste e você é expulsa. Se fizer o teste, mas não

passar, adeus. Elas deveriam ter permissão para ficar, se quisessem.

— Mas os testes existem para garantir que sejamos fortes o bastante — protestou

Elayne. — Não só com o Poder Único, mas por dentro. Você com certeza não vai

querer Aes Sedai que vão se entregar ou desistir no primeiro obstáculo, não é? Ou

então Aes Sedai que mal conseguem canalizar.

Egwene fungou com desdém. Sorilea teria sido mandada embora da Torre sem

nem fazer o teste para Aceita.

— Talvez elas não possam ser Aes Sedai, mas isso não significa que sejam

inúteis. Afinal, já se confia que essas mulheres são capazes de usar o Poder com

certo discernimento, ou elas não seriam liberadas da Torre. O meu sonho é que todas

as mulheres capazes de canalizar estejam conectadas com a Torre de alguma forma.

Absolutamente todas.

— Até as Chamadoras de Ventos? — Elayne se encolheu quando Egwene

assentiu com a cabeça.

— Você não as traiu, Elayne. Não consigo acreditar que elas tenham conseguido

guardar segredo por tanto tempo.

Elayne soltou um suspiro profundo.

— Bem, o que está feito, está feito. “O mel não volta para o favo”, como dizem

por aí. Mas se essas suas Aiel tiverem uma proteção especial, o Povo do Mar

também deveria ter. Deixe as Chamadoras ensinarem as garotas delas. As mulheres

do Povo do Mar também não devem ser levadas por Aes Sedai contra a sua vontade.

— De acordo. — Egwene cuspiu na palma da mão e estendeu-a, e, após um

momento, Elayne cuspiu na dela e sorriu quando as duas apertaram as mãos para

selar o pacto.

O sorriso foi sumindo devagar.

— Isso tem a ver com Rand e a anistia dele, Egwene?

— Em parte. Elayne, como esse homem consegue ser tão...? — Não sabia como

concluir a frase, e a amiga também não sabia como responder, de qualquer forma. A

outra mulher apenas assentiu com um quê de tristeza, talvez também de

compreensão, concordância ou ambos.

A porta se abriu, e uma mulher forte trajando lã escura apareceu trazendo uma

bandeja de prata com três copos e um jarro de prata de gargalo comprido contendo

vinho. Tinha um rosto sofrido, o rosto da mulher de um fazendeiro, mas seus olhos

escuros reluziam enquanto ela analisava Egwene e Elayne com um olhar irrequieto.

Egwene mal teve tempo de se sentir surpresa ao ver o colar de prata apertado no

pescoço da mulher, apesar do vestido sem graça; Nynaeve entrou depois dela e

fechou a porta. Devia ter corrido feito o vento, já que havia encontrado tempo para

trocar o vestido de Aceita por um de seda azul-marinho bordado com ornamentos

dourados ao longo da gola e da bainha. Não era nem de perto tão decotado quanto o

que Berelain usava, mas, ainda assim, era consideravelmente mais revelador do que

Egwene esperava ver em Nynaeve.

— Essa é *Marigan* — disse Nynaeve, puxando a trança por cima do ombro em um

movimento ensaiado. Seu anel dourado da Grande Serpente estava na mão direita.

Egwene teve o impulso de perguntar por que ela enfatizou tanto o nome, quando,

de repente, percebeu que o colar de “Marigan” combinava com o bracelete no pulso

de Nynaeve. Não conseguiu deixar de encarar. A mulher certamente

não se parecia

em nada com o que ela esperaria de uma Abandonada. Egwene disse exatamente

isso e Nynaeve gargalhou.

— Veja só, Egwene.

Ela fez mais que ver: quase saltou da cadeira e abraçou *saidar*. Tão logo Nynaeve

falou, o brilho já envolvia “Marigan”. Apenas por um instante, mas, antes que

desaparecesse, a mulher no vestido simples de lã mudou por completo. Mudanças

pequenas, na verdade, mas que, somadas, mostravam uma mulher completamente

diferente, de traços fortes porém belos, e nem um pouco acabada — uma mulher

orgulhosa e até majestosa. Só os olhos permaneciam os mesmos, com um brilho

perigoso, mas, apesar de inquietos, Egwene era capaz de acreditar que aquela mulher

era Moghedien.

— Como? — Foi tudo o que disse. Egwene escutou com atenção quando Nynaeve

e Elayne explicaram como teciam disfarces e invertiam tessituras, mas seus olhos

permaneceram em Moghedien. Ela *estava* orgulhosa e cheia de si, orgulhosa por

voltar a ser ela mesma.

— Transformem de novo — ordenou Egwene assim que as duas terminaram a

explicação. Uma vez mais, o brilho de *saidar* só durou uns poucos

instantes e, assim

que esvaneceu, não havia tessituras que ela conseguisse enxergar. Moghedien estava

acabada e simples outra vez, uma mulher do campo que vivera uma vida difícil e que

parecia mais velha do que a idade que tinha. Seus olhos negros fitavam Egwene,

tomados pelo ódio e também, talvez, por asco dela própria.

Ao perceber que ainda abraçava *saidar*, Egwene se sentiu uma tola. Nem Nynaeve

nem Elayne haviam abraçado a Fonte. Porém, Nynaeve estava usando aquele

bracelete. Egwene se levantou sem tirar os olhos de Moghedien e estendeu a mão.

Nynaeve pareceu até ansiosa para tirar aquela coisa do pulso, o que Egwene podia

compreender.

Ao entregar o bracelete, Nynaeve disse:

— Ponha a bandeja na mesa, Marigan. E trate de se comportar bem. Egwene tem

vivido com os Aiel.

Egwene virou o bracelete prateado em suas mãos, examinando-o, e tentou não

sentir um calafrio. Um trabalho de muita astúcia, segmentado de modo tão

inteligente que aparentava ser quase sólido. Ela já havia estado na outra extremidade

de um *a'dam*. Um artefato Seanchan, com uma corrente de prata ligando o colar ao

bracelete, mas, no fim das contas, a mesma coisa. Seu estômago agora

estava

agitado de um modo que não estivera nem diante do Salão nem da multidão, em um

rebuliço que parecia tentar compensar a calma de antes. Em um gesto decidido,

fechou o bracelete de prata em torno do pulso. Tinha alguma ideia do que esperar,

mas, mesmo assim, quase pulou de susto. As emoções da outra mulher foram

reveladas diante dela, além do seu estado físico, tudo reunido em uma porção

delimitada de sua mente. Em especial, sentia um medo pulsante, mas o asco de si

mesma que Egwene achava que percebera vibrava de maneira quase tão intensa

quanto o medo. Moghedien não gostava da sua aparência atual. Talvez não gostasse,

em especial, após o breve retorno a quem ela era de fato.

Egwene pensou em quem era aquela mulher diante de seus olhos: uma

Abandonada, alguém cujo nome fora usado para atemorizar crianças durante

séculos, uma mulher cujos crimes mereciam centenas de vezes a pena de morte.

Pensou no conhecimento que havia naquela cabeça. Obrigou-se a sorrir. Um sorriso

nada bonito. Não pretendia que fosse, mas acreditava que não teria conseguido

mesmo que tivesse tentado.

— Ela falou a verdade. Eu estava vivendo entre os Aiel. Então, se você espera que

eu seja tão bondosa quanto Nynaeve e Elayne, trate de esquecer. Dê um único passo

em falso comigo e eu vou fazer você implorar pela morte. Só que eu não vou matar

você. Só vou encontrar um jeito de tornar esse sofrimento permanente. Por outro

lado, se você fizer algo pior que um único passo em falso... — Egwene foi abrindo

ainda mais seu sorriso, até deixá-lo absolutamente ameaçador.

O medo ficou tão intenso que sobrepujou todas as outras emoções e chegou a

tentar derrubar as paredes daquele espaço delimitado na mente de Egwene. De pé

diante da mesa, Moghedien agarrou as saias com os nós dos dedos já esbranquiçados, tremendo visivelmente. Nynaeve e Elayne olhavam para Egwene

como se jamais a tivessem visto. Luz, as duas esperavam que ela fosse educada com

uma Abandonada? Sorilea amarraria a mulher em uma estaca sob o sol para obrigar

Moghedien a obedecê-la, isso se simplesmente não lhe cortasse a garganta com as

próprias mãos.

Egwene se aproximou de Moghedien. A outra mulher era mais alta, mas se curvou

para trás, contra a mesa, derrubando os copos de vinho da bandeja e fazendo o jarro

balançar. Egwene deixou a voz ainda mais fria — não que a diferença fosse muito

grande.

— O dia em que eu perceber qualquer mentira sua, eu juro que executo você eu

mesma. Preste atenção. Considerei a hipótese de viajar de um lugar para o outro

fazendo um buraco, digamos, daqui até lá. Um buraco através do Padrão, de forma

que não haja distância entre uma ponta e a outra. Vai funcionar?

— Não, nem com você nem com qualquer mulher — respondeu Moghedien na

hora, sem fôlego. Àquela altura, o medo que fervia dentro dela estava estampado em

seu rosto. — Os homens é que Viajam assim. — Ela estava se referindo a um dos

Talentos perdidos. — Se você tentar, vai ser sugada para... Não sei o que é aquilo.

O espaço entre os fios do Padrão, talvez. Acho que você não sobreviveria por muito

tempo. Sei que jamais voltaria.

— Viajar — resmungou Nynaeve com desgosto. — Nunca pensamos em Viajar!

— Não mesmo. — Elayne não parecia mais satisfeita consigo mesma. — Fico me

perguntando no que mais nós nunca pensamos.

Egwene as ignorou.

— Como, então? — perguntou com delicadeza. Uma voz calma era sempre

melhor que gritaria.

Moghedien se encolheu como se ela tivesse gritado.

— Tornando os dois lugares idênticos no Padrão. Posso mostrar a você. Exige um

certo esforço, por causa da... do colar, mas eu posso...

— Assim? — indagou Egwene, abraçando *saidar* e tecendo fluxos de Espírito.

Desta vez, não estava tentando tocar no Mundo dos Sonhos, mas esperava um efeito

parecido, caso desse certo. O que aconteceu foi bem diferente.

A fina cortina que ela teceu não produziu o efeito tremeluzente esperado e só

durou um momento, antes de se fechar e estourar em uma linha vertical que, de

repente, virou um rasgo de luz azul prateada. A própria luz se expandiu depressa, ou

talvez, como pareceu para ela, se transformou em... algo. Ali, bem no meio do

assoalho, havia um... portão, mas que nada tinha a ver com a imagem indistinta que

ela tivera de *Tel'aran'rhiod* em sua tenda, um portão que se abria para uma terra tão

arrasada pelo sol que a pior seca em Salidar ainda pareceria de uma diversidade

exuberante. Pináculos de pedra e picos afiados avultavam-se sobre uma planície

empoeirada cor de barro rasgada por fissuras e pontilhada por alguns arbustos de

matagal que, mesmo à distância, tinham um aspecto espinhoso.

Egwene ficou encarando o portão. Dava para o Deserto Aiel, na metade do

caminho entre o Forte das Pedras Frias e o vale de Rhuidean, um ponto onde era

muito improvável que fosse haver alguém para vê-lo — ou se ferir. As precauções

de Rand com seu aposento especial no Palácio do Sol serviram que ela também se

precavesse — mas Egwene não tivera certeza se conseguiria alcançá-lo, apenas

esperanças, e pensara que o portão consistiria em uma cortina tremeluzente.

— Luz! — respirou Elayne. — Você sabe o que fez, Egwene? Sabe? Eu acho que

consigo também. Se você fizer a tessitura de novo, sei que vou me lembrar.

— Se lembrar do quê? — perguntou Nynaeve quase em tom choroso. — Como

foi que ela conseguiu? Ah, *maldito* bloqueio idiota! Elayne, dê um chute no meu

tornozelo. Por favor.

O rosto de Moghedien tinha ficado quieto demais. A incerteza corria pelo

bracelete com quase a mesma intensidade que o medo. Decifrar emoções era bem

diferente de ler palavras em uma página, mas aquelas duas estavam claras.

— Quem...? — Moghedien lambeu os lábios. — Quem lhe ensinou isso?

Egwene sorriu como tinha visto as Aes Sedai sorrirem. Ao menos, esperava ter

transmitido mistério.

— Nunca tenha tanta certeza de que eu já não saiba a resposta — respondeu, fria.

— Lembre-se. Você só vai mentir para mim uma única vez. — De repente, percebeu

como aquilo poderia soar para Nynaeve e Elayne. Elas haviam capturado e mantido

a mulher prisioneira em meio às circunstâncias mais impossíveis, arrancado dela

todo tipo de informação. Virando-se para as duas, Egwene soltou uma risadinha

triste. — Me desculpem. Não era a minha intenção tomar as rédeas de nada.

— Por que você deveria se desculpar? — Elayne exibia um largo sorriso. —

Espera-se que você tome as rédeas, Egwene.

Nynaeve deu um puxão na trança e então olhou para o cabelo.

— Parece que nada funciona! Por que não consigo ficar com raiva? Ah, por mim,

você pode ficar com ela. Não conseguimos levá-la para Ebou Dar, afinal. *Por que* eu

não consigo ficar com raiva? Oh, sangue e malditas cinzas! — Seus olhos se

arregalaram assim que se deu conta do que dissera, e ela cobriu a boca com a palma

da mão.

Egwene deu uma olhada para Moghedien. A mulher estava colocando os copos

novamente de pé e servindo o vinho com aroma de especiarias doces, mas algo

passara pelo bracelete enquanto Nynaeve estava falando. Um choque, talvez? Talvez

ela preferisse senhoras que já conhecia, em vez de uma que a ameaçou de morte

quase que desde o primeiro instante.

Ouiu-se uma batida firme à porta, e Egwene soltou *saidar* às pressas. A abertura

para o Deserto desapareceu.

— Entre.

Siuan deu um passo para dentro do gabinete e parou, analisando Moghedien, o

bracelete no pulso de Egwene, Nynaeve e Elayne. Ao fechar a porta, fez uma

reverência tão mínima quanto as de Romanda e Lelaine.

— Mãe, vim para instruí-la sobre etiqueta, mas se preferir que eu volte mais

tarde... — Suas sobrancelhas se ergueram de modo interrogativo.

— Pode ir — disse Egwene a Moghedien. Se Nynaeve e Elayne a deixavam à

solta, o *a'dam* devia limitá-la de alguma maneira, ainda que não tanto quanto uma

corrente. Correndo o dedo pelo bracelete, que ela odiava, mas que pretendia usar dia

e noite, Egwene prosseguiu: — Mas fique por perto. Vou tratar uma tentativa de

fuga como uma mentira. — O medo chegou em borbotões pelo *a'dam* enquanto

Moghedien saía apressada. Aquilo poderia ser um problema. Como Nynaeve e

Elayne tinham conseguido viver com aquelas torrentes de terror? Em todo caso, era

assunto para depois.

Ela encarou Siuan e cruzou os braços.

— Não adianta fazer essa cara, Siuan. Eu sei de tudo. Filha.

Siuan inclinou a cabeça.

— Às vezes, saber algo não dá nenhum tipo de vantagem. Às vezes, significa

apenas compartilhar o perigo.

— Siuan! — exclamou Elayne, parte chocada e parte em tom de ameaça, e, para a

surpresa de Egwene, a outra mulher fez algo que ela nunca esperara ver Siuan

Sanche fazer: ficou ruborizada.

— Você não pode esperar que eu me transforme em outra pessoa da noite para o

dia — resmungou a mulher, irritada.

Egwene suspeitou de que Nynaeve e Elayne poderiam ajudar com o que ela tinha

que fazer em seguida, mas, se fosse mesmo ser a Amyrlin, Egwene tinha de fazê-lo

sozinha.

— Você deve estar louca para tirar esse vestido de Aceita, Elayne. Por que não

vai dar um jeito nisso? E depois vá ver o que consegue descobrir sobre

Talentos

perdidos. Você também, Nynaeve.

As duas se entreolharam, deram uma olhadela para Siuan e se levantaram para

fazer reverências perfeitas.

— Como ordenar, Mãe — murmuraram respeitosamente. Siuan não reagiu,

apenas se manteve de pé, observando Egwene com uma expressão sarcástica

enquanto as duas saíam.

Egwene tornou a abraçar *saidar*, por um breve instante, apenas para fazer a

cadeira deslizar de volta para o seu lugar atrás da mesa, e então ajustou a estola e se

sentou. Por um longo momento, ficou encarando Siuan em silêncio.

— Preciso de você — disse, por fim. — Você sabe o que é ser a Amyrlin, o que a

Amyrlin pode e não pode fazer. Você conhece as Votantes, como elas pensam, o que

querem. Preciso de você e pretendo tê-la ao meu lado. Sheriam, Romanda e Lelaine

podem achar que eu ainda uso o branco das noviças por debaixo desta estola, e

talvez todas elas pensem assim, mas você vai me ajudar a mostrar para elas que não

é o caso. Eu não estou pedindo, Siuan. Eu *vou* ter a sua cooperação. — Tudo o que

se podia fazer, então, era esperar.

Siuan ficou olhando-a, então balançou de leve a cabeça e riu baixinho.

— Elas cometeram um erro muito grande, não foi? Eu errei primeiro, claro. A

piabinha que elas iam servir como petisco no jantar acaba por se mostrar um lúcio

do tamanho da sua perna. — Abrindo bem as saias, fez uma medida profunda,

inclinando a cabeça. — Mãe, me permita servi-la e aconselhá-la, por favor.

— Desde que você saiba que é só para aconselhar, Siuan. Já tem gente demais

pensando que pode amarrar fios nos meus braços e nas minhas pernas como se eu

fosse uma marionete. Não vou aceitar isso de você.

— Eu preferiria tentar amarrar fios em mim mesma — respondeu Siuan, seca. —

Sabe, eu nunca gostei muito de você. Talvez fosse porque eu via muito de mim

mesma em você.

— Nesse caso — ponderou Egwene em um tom de voz igualmente seco —, pode

me chamar de Egwene. Quando estivermos sozinhas. Agora sente-se e me explique

por que o Salão ainda está sentado de braços cruzados aqui e como posso colocá-las

para trabalhar.

Siuan começou a puxar uma das cadeiras antes de se lembrar de que, naquele

momento, poderia movê-la usando *saidar*.

— Elas estão paradas porque, quando descruzarem os braços, a Torre Branca vai

estar dividida de verdade. Com relação a como colocá-las para trabalhar, o meu

conselho é... — O conselho de Siuan tomou um bom tempo. Parte dele seguiu por

caminhos que Egwene já tinha pensado, e todo ele pareceu muito bom.

* * *

Em seu quarto na Pequena Torre, Romanda servia chá de menta para três outras

Votantes, só uma delas Amarela. O aposento ficava nos fundos, mas os barulhos da

comemoração chegavam até lá. Romanda fazia questão de ignorá-los. Aquelas três

estiveram prontas para apoiá-la para o Trono de Amyrlin, e votar pela garota havia

sido, acima de tudo, uma maneira de evitar que Lelaine fosse elevada. Lelaine ficaria

furiosa se algum dia descobrisse aquilo. Agora que Sheriam tinha posto sua

garotinha no Trono, as três ainda estavam dispostas a ouvir. Especialmente após a

decisão de elevar Aceitas ao xale por decreto. Aquilo tinha que ser obra de Sheriam.

Ela e o grupinho dela haviam mimado as quatro. Fora ideia delas pôr Theodrin e

Faolain acima das demais Aceitas, e, certa vez, elas também tinham sugerido o

mesmo para Elayne e Nynaeve. Com a testa franzida, ela se perguntava por que

Delana estava atrasada, mas deu início à reunião mesmo assim, após tecer alguns

selos de proteção no quarto para evitar que alguém as bisbilhotasse com o Poder.

Quando chegasse, Delana teria que pegar a conversa pelo meio. O que importava era

que Sheriam iria aprender que não tinha tanto poder quanto pensava só por ter

conseguido se tornar Curadora.

* * *

Em uma casa no outro lado de Salidar, Lelaine estava servindo vinho frio para

quatro Votantes, só uma delas da Ajah Azul. Uma tessitura de *saidar* protegia o

ambiente contra qualquer um que tentasse ouvir a conversa. Os sons da celebração a

fizeram sorrir. As quatro mulheres que a acompanhavam haviam sugerido que ela

própria tentasse se tornar o Trono de Amyrlin, e Lelaine não se mostrara relutante,

mas se falhasse isso teria significado que, em vez dela, Romanda seria elevada, o

que seria tão doloroso quanto ser exilada. Como Romanda rangeria os dentes se

descobrisse algum dia que todas haviam votado na garota só para evitar que a estola

fosse parar nos ombros da própria Romanda. O que aquelas mulheres tinham se

reunido para discutir, porém, era como diminuir a influência de Sheriam, que

conseguira tomar para si a estola de Curadora. Que absurda aquela história de elevar

Aceitas a Aes Sedai por meio do decreto da garota! O poder tinha

subido à cabeça de

Sheriam. Conforme a conversa prosseguiu, Lelaine começou a se perguntar onde

estaria Delana. Àquela altura, já deveria ter chegado.

* * *

Delana estava sentada em seu quarto e encarava Halima, sentada na beira da cama de

Delana. O nome Aran'gar jamais deveria ser utilizado. Por vezes, Delana temia que

Halima fosse ficar sabendo mesmo que ela apenas pensasse nele. A proteção contra

bisbilhotagem com o Poder era pequena, estendendo-se só a elas duas.

— Isso é uma loucura — conseguiu dizer, por fim. — Você não entende? Se eu

continuar tentando apoiar todas as facções, mais cedo ou mais tarde elas vão

descobrir!

— Todo mundo precisa correr alguns riscos. — A firmeza na voz da mulher

contradizia o sorriso naquela boca macia. — E você vai continuar pressionando para

Logain ser amansado de novo. Ou isso ou matá-lo. — Uma careta sutil acabou

tornando a mulher, de alguma forma, ainda mais bonita. — Se elas algum dia o

deixassem sair daquela casa, eu mesma resolveria a questão.

Delana não conseguia imaginar como, mas não duvidaria da mulher até vê-la

falhar.

— O que eu não entendo é por que você está com tanto medo de um homem que

vive com seis irmãs blindando-o de sol a sol.

Os olhos verdes de Halima ardiam de raiva quando ela se levantou de um pulo.

— Eu não estou com medo, e nunca mais insinue isso! Quero ver Logain apartado

ou morto, e isso é tudo o que você precisa saber. Estamos entendidas?

Não foi a primeira vez que Delana considerou matar a outra mulher, mas, como

sempre, teve uma incômoda certeza de que seria ela quem morreria. De alguma

forma, Halima sabia quando ela abraçava *saidar*, mesmo que a própria Halima não

conseguisse canalizar. O pior de tudo era a possibilidade de que, caso falhasse,

Halima não a matasse por ainda precisar dela. Delana não conseguia imaginar o que

ela poderia fazer em vez disso, mas a vaga ameaça já lhe dava calafrios. Ela deveria

conseguir de matar a mulher ali, naquele momento.

— Estamos, Halima — respondeu, mansa, e sentiu ódio de si mesma.

* * *

— Que bondade a sua — murmurou Siuan, segurando a xícara para Lelaine

acrescentar um pinguinho de conhaque em seu chá. O sol já se punha, avermelhado,

mas as ruas lá fora ainda estavam em polvorosa. — Você não tem ideia do quanto é

cansativo tentar ensinar etiqueta àquela garota. Ela parecia achar que, desde que se

comportasse como uma Sabedoria da terra dela, tudo estaria bem. Achava que o

Salão era como o Círculo das Mulheres ou algo do tipo.

Lelaine emitiu sons compreensivos em cima do próprio chá.

— Você falou que ela estava reclamando de Romanda.

Siuan deu de ombros.

— Sim, ela falou algo sobre Romanda insistir para ficarmos aqui, em vez de

marchar contra Tar Valon, pelo que entendi. Luz, a garota tem o gênio de um bica-

peixe na época do acasalamento. Fiquei com vontade de agarrar os ombros dela e

sacudi-la, mas claro que, agora, é ela que usa a estola. Bem, assim que eu terminar as

aulas, não quero mais olhar na cara dela. Você se lembra...?

Sorrindo por dentro, Siuan observou Lelaine sorver suas armadilhas junto com o

chá. Só a primeira frase havia sido realmente importante. Aquela parte sobre o

temperamento difícil havia sido acréscimo dela, mas poderia servir para fazer

algumas das Votantes tomarem um pouco mais de cuidado com Egwene. Além

disso, ela suspeitava que pudesse ser verdade. Ela própria jamais voltaria a ser a

Amyrlin, e tinha quase certeza de que tentar manipular Egwene seria tão fútil quanto

tentar manipulá-la havia sido, e igualmente doloroso, mas ensinar

uma Amyrlin a ser

Amyrlin... Siuan ansiava por isso como não ansiara por nada em muito tempo.

Egwene al’Vere seria uma Amyrlin que faria tronos tremerem.

* * *

— Mas e o meu bloqueio? — questionou Nynaeve, e Romanda franziu a testa para

ela. Elas estavam no quarto da Votante na Pequena Torre, e aquele era o momento

em que, de acordo com o esquema montado pelas Amarelas, Romanda deveria

recebê-la. A música e as risadas lá fora pareciam irritar a Aes Sedai mais velha.

— Você não estava tão ansiosa para tratar disso antes. Ouvi dizer que você falou

para Dagdara que também era Aes Sedai e que ela podia ir atrás de um lago para

enfiar a cabeça.

O calor se intensificou no rosto de Nynaeve. Claro que seu gênio difícil sempre

tinha que dificultar as coisas.

— Talvez eu só tenha me dado conta de que só porque virei Aes Sedai isso não

significa que agora eu seja capaz de canalizar quando quero.

Romanda fungou com desdém.

— Aes Sedai. Seja como for, você ainda tem um longo caminho até chegar lá...

Muito bem, então. Algo que ainda não tentamos até agora. Fique pulando num pé só.

E conversar. — Ela se sentou numa poltrona entalhada perto da cama, ainda de cara

feia. — Podemos fofocar, eu acho. Falar de coisas leves. Por exemplo, sobre o que

foi que a Amyrlin disse que Lelaine queria conversar?

Por um momento, Nynaeve fitou-a de volta indignada. Pular num pé só? Aquilo

era ridículo! Ainda assim, ela não estava ali por causa do bloqueio. Suspendeu as

saías e começou a pular.

— Egwene... a Amyrlin... não falou muita coisa. Algo sobre ter que permanecer

em Salidar. — Melhor que aquilo funcionasse, ou Egwene iria ouvir poucas e boas,

sendo a Amyrlin ou não.

* * *

— Acho que este aqui vai funcionar melhor, Sheriam — disse Elayne, entregando

um anel retorcido com manchas azuis e vermelhas que, naquela manhã, havia sido

pedra. Na verdade, não era diferente de nenhum outro que ela confeccionara. Elas

estavam afastadas da multidão, na entrada de uma viela estreita iluminada pelo sol

vermelho. Em algum ponto atrás delas, músicos tocavam rabecas e flautas.

— Obrigada, Elayne. — Sheriam enfiou o *ter'angreal* na bolsinha do cinto sem

nem olhar direito. Elayne finalmente conseguira a atenção de Sheriam quando a

mulher fizera uma pausa para descansar da dança. Seu rosto estava um pouco

avermelhado por debaixo de toda aquela serenidade de Aes Sedai, mas o olhar verde

e límpido que fizera os joelhos de Elayne tremerem em seus tempos de noviça estava

fixo no rosto da garota. — Por que eu estou com a sensação de que esse não é o

único motivo para você ter vindo falar comigo?

Elayne fez uma careta, revirando o anel da Grande Serpente em sua mão direita.

Mão direita. Ela não podia esquecer que agora também era Aes Sedai.

— É sobre Egwene. Quer dizer, sobre a Amyrlin. Ela está preocupada, Sheriam, e

eu pensei que talvez você pudesse ajudá-la. Você é a Curadora, e eu não sei a quem

mais recorrer. Ainda estou um pouco perdida. Você sabe como Egwene é. Não diria

um “ai” nem se o pé dela fosse amputado. Creio que o problema seja Romanda,

embora ela tenha mencionado Lelaine. Acho que uma delas, ou ambas, não a deixa

em paz, querendo que ela prometa ficar aqui em Salidar e não se deslocar por ser

perigoso demais.

— É um bom conselho — ponderou Sheriam devagar. — Não sei desse perigo,

mas é o conselho que eu mesma daria a ela.

Elayne deu de ombros com ar derrotado.

— Eu sei. Ela me falou que você disse isso, mas... Ela não admitiu

com essas

palavras, mas acho que Egwene está com um pouco de medo daquelas duas. Eu sei

que ela agora é a Amyrlin, mas acho que elas fazem Egwene se sentir como uma

noviça. Acho que Egwene tem medo de que, se fizer o que elas querem, mesmo que

seja um bom conselho, as duas vão esperar que ela faça o mesmo numa próxima vez.

Eu acho... Sheriam, ela está com medo de não conseguir dizer não na próxima vez,

caso diga sim agora. E... e eu também estou com medo. Ela é o *Trono* de Amyrlin,

Sheriam. Ela não deveria ter que obedecer a Romanda, a Lelaine e nem a ninguém.

Só *você* pode ajudá-la. Não sei como, mas você é a única que pode ajudar.

Sheriam ficou quieta por tanto tempo que Elayne começou a achar que a outra

mulher iria lhe dizer que tudo aquilo era ridículo.

— Vou fazer o que puder — garantiu Sheriam, por fim.

Elayne sufocou um suspiro de alívio antes de perceber que não teria atrapalhado a

atuação.

* * *

Inclinada para a frente, Egwene estava com os braços apoiados nas laterais da

banheira de cobre, sem prestar atenção na tagarelice de Chesa, que lhe esfregava as

costas. Ela havia sonhado com um banho de verdade, mas o fato era que estar

sentada naquela água com sabão, aromatizada com um óleo floral, lhe causava certa

estranheza depois das tendas de vapor Aiel. Ela dera seu primeiro passo como

Amyrlin, comandara seu exército em desvantagem e iniciara seu ataque. Lembrava-

se de ouvir Rhuarc dizer que, uma vez que a batalha começasse, um comandante já

não tinha mais nenhum controle sobre os acontecimentos. Àquela altura, tudo o que

podia fazer era esperar.

— Mesmo assim — afirmou baixinho para si mesma —, acho que as Sábias

estariam orgulhosas.





CAPÍTULO 38

UM SÚBITO DESÂNIMO

O sol calcinante ainda subia por trás de Mat. Estava feliz por seu chapéu de aba larga

lhe garantir uma pequena sombra no rosto. O inverno deixava as árvores da floresta

altarana desfolhadas e mais marrons do que seria de se esperar na estação. Pinheiros,

folhas-de-couro e outras árvores perenes tinham um aspecto ressequido, enquanto

carvalhos, freixos e liquidâmbares estavam completamente pelados. O meio-dia

ainda estava por vir, assim como o pior do calor, e o dia já parecia um forno. O

manto de Mat estava jogado por cima dos alforjes, mas o suor deixava sua fina

camisa de linho grudada no corpo. As patas de Pips esmigalhavam as samambaias

mortas e as folhas caídas que cobriam o solo, e o deslocar do Bando fazia o chão da

mata estalar. Poucas aves davam as caras, não passando de lampejos rápidos em

meio aos galhos, e não se viam esquilos. Havia moscas, no entanto, além de

picadinhas, como se se estivesse no auge do verão, e não a menos de um mês da

Festa das Luzes. Nada diferente do que Mat encontrara lá no Erinin, na realidade,

mas se ver diante daquilo até mesmo naquela região o deixava desconfortável. O

mundo inteiro estaria realmente em chamas?

Aviendha ia caminhando ao lado de Pips com sua trouxa às costas, não parecendo

incomodada nem com as árvores moribundas nem com as moscas que os picavam,

além de fazer muito menos barulho do que o cavalo, apesar das saias. Seus olhos

vasculhavam as árvores do entorno como se ela não confiasse nos batedores e

flanqueadores do Bando para impedirem que eles caíssem em uma emboscada.

Aviendha não aceitara cavalgar nem uma única vez, o que Mat, de qualquer forma,

já esperara, sabendo como os Aiel se sentiam em relação a cavalos, mas ela também

não criara problemas, a menos que ter afiado sua faca a cada pausa do grupo para

descansar pudesse ser encarado como uma provocação. A não ser pelo que

acontecera com Olver. Montado no capão cinza que Mat encontrara para ele em

meio aos animais reserva, Olver mantinha um olhar cuidadoso direcionado a ela. O

garoto havia tentado matar a mulher com sua faca de cinto logo na segunda noite,

gritando a plenos pulmões que os Aiel haviam matado seu pai. Claro que Aviendha

só desarmou o menino, mas mesmo depois de Mat tê-lo rendido e tentado explicar a

diferença entre os Shaido e os outros Aiel — algo que Mat não tinha certeza nem se

ele próprio compreendia —, Olver passava o tempo todo olhando para ela. Não

gostava dos Aiel. Aviendha, por sua vez, também parecia incomodada com o garoto,

o que Mat não entendia nem um pouco.

As árvores eram altas o bastante para ter permitido que uma brisa soprasse sob a

esparsa cobertura vegetal acima deles, mas o estandarte da Mão Vermelha pendia

inerte, assim como os dois que Mat desenterrara na outra noite, tão logo Rand os

mandara por aquele portão até um prado escuro: um estandarte do Dragão, a figura

vermelha e dourada escondida nos vincos brancos, e um daqueles que o Bando

chamava de Estandarte de al'Thor, o antigo símbolo das Aes Sedai, felizmente

também encolhido pela falta de vento. Um porta-estandarte grisalho trazia o da Mão

Vermelha, um sujeito de olhos estreitos e com mais cicatrizes que Daerid que

insistia em carregar o estandarte por algumas horas diariamente, o que poucos porta-

estandartes faziam. Talmanes e Daerid haviam escolhido homens do segundo

esquadrão para carregar os outros dois, jovens de rosto saudável que se mostraram

firmes o bastante para assumir aquela pequena responsabilidade.

Fazia três dias que eles atravessavam Altara, três dias na floresta sem o menor

sinal de um único Devoto do Dragão — ou de ninguém mais, aliás —, e Mat torcia

para que continuassem assim por pelo menos aquele quarto dia antes de chegarem a

Salidar. Além das Aes Sedai, Mat não sabia como faria para evitar que Aviendha

avançasse na garganta de Elayne. Ele tinha um palpite sobre por que ela vivia

amolando aquela faca, cujo gume cintilava feito pedras preciosas. Temia acabar

precisando levar a Aiel presa até Caemlyn, com a maldita Filha-herdeira exigindo, a

cada passo da jornada, que ele a enforcasse. Rand e suas malditas mulheres! Na

opinião de Mat, qualquer coisa que atrasasse o Bando e o mantivesse longe da

enrascada que ele esperava enfrentar em Salidar era uma boa. Parar cedo e marchar

tarde ajudava. Bem como os carroções com mantimentos ao fim da coluna,

deslocando-se lentamente pela floresta. Mas o Bando não viajava devagar o

suficiente. Em pouco tempo, Vanin com certeza encontraria algo.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Mat, o batedor gorducho surgiu em

meio às árvores mais adiante acompanhado de quatro cavaleiros. Ele havia partido

com seis antes do amanhecer.

Mat ergueu o punho cerrado para sinalizar uma parada, e murmúrios percorreram

a coluna. Sua primeira ordem ao sair do portão havia sido “nada de tambores, nada

de trompetes, nada de flautas e nenhuma maldita cantoria”, e, se no começo houvera

alguns rostos desalentados, após o primeiro dia de viagem por aquele terreno de

mata fechada, onde nunca era possível enxergar com clareza a mais de cem

passadas, as objeções cessaram.

Com a lança repousada atravessada na sela, Mat esperou até que Vanin parasse e,

em um gesto casual, levasse o punho à testa.

— Encontrou?

Ainda montado em seu cavalo, o homem quase careca se inclinou para um dos

lados para cuspir pelo espaço entre dois dentes. Suava tanto que parecia prestes a

derreter.

— Encontrei. A oito ou dez milhas a oeste. Há Guardiões por aquelas bandas. Vi

um capturar Marr. Surgiu do nada com um daqueles mantos de camuflagem e o

varreu do alto da sela. Bateu bastante nele, mas acho que não matou.
Ladwin

também não apareceu mais, imagino que pelo mesmo motivo.

— Então elas sabem que estamos aqui. — Com força, Mat soltou ar pelo nariz.

Não esperava que nenhum homem fosse conseguir esconder qualquer informação

dos Guardiões, e menos ainda das Aes Sedai. Bem, elas acabariam sabendo, mais

cedo ou mais tarde. Mat só desejara que fosse mais tarde. Ele tentou matar uma

mosca-azul, que escapou e saiu zumbindo após deixar um pontinho de sangue em

seu pulso. — Quantas?

Vanin cuspiu de novo.

— Mais do que eu esperava. Cheguei na aldeia a pé e vi aqueles rostos de Aes

Sedai por toda parte. Duzentas, talvez trezentas. Ou quatrocentas. Eu não quis ser

óbvio demais e perder tempo contando. — Antes que Mat tivesse tempo de assimilar

aquele golpe, o homem deu outro. — Elas também têm um exército. Acampado

principalmente ao norte. Maior que o seu. Talvez com o dobro do tamanho.

Enquanto isso, Talmanes, Nalesean e Daerid haviam cavalgado até ali em cima,

suando e tentando — sem sucesso — espantar moscas e picadinhas.

— Vocês ouviram? — perguntou, e os três assentiram de modo sombrio. Sua

sorte para as batalhas era ótima, mas uma desvantagem de dois para um, além das

Aes Sedai, podia derrotar a sorte de qualquer um. — Não estamos aqui para lutar —

lembrou ele, mas não houve mudança nos semblantes ansiosos. O lembrete, aliás,

também não o ajudou a se sentir melhor. O que importava era se as Aes Sedai

queriam ou não que o exército delas lutasse.

— Preparem o Bando para o caso de sofrermos um ataque — ordenou ele. —

Desmatem o máximo que puderem e usem os troncos para montar barricadas. — A

careta de Talmanes foi quase tão feia quanto a de Nalesean. Eles gostavam de lutar

montados e em movimento. — Pensem. Pode haver Guardiões nos observando neste

exato momento. — Mat ficou surpreso ao ver Vanin assentir e dar uma olhada

significativa para a direita deles. — Se virem que estamos nos preparando para nos

defender, então vai ficar claro que não pretendemos atacar. Pode ser que isso faça

com que eles decidam nos deixar em paz, e, caso isso não ocorra, pelo menos vamos

estar prontos. — Aquilo fez sentido mais rápido para Talmanes que para Nalesean.

Daerid já estava assentindo desde o início.

Enrolando sua barba oleada, Nalesean resmungou:

— E depois você pretende fazer o quê? Apenas sentar e esperar por eles?

— É isso que vocês vão fazer — informou Mat. *Que a Luz queime Rand e suas*

“mais para cinquenta Aes Sedai”! Que a Luz queime Rand e seu “basta chegar

dizendo” isso ou aquilo! Ter que ficar ali esperando alguém da aldeia aparecer e

perguntar quem eles eram e o que queriam parecia uma ideia muito boa. Nada de

contar com seus poderes de *ta'veren*. Qualquer possível batalha teria que ir atrás

dele. Não era ele que iria atrás.

— Eles estão para lá? — perguntou Aviendha, apontando. Sem esperar resposta,

pôs a trouxa nas costas e partiu em direção ao oeste.

Mat ficou olhando para a mulher. *Malditos Aiel*. Era provável que algum

Guardião também tentasse capturá-la e se arrependesse amargamente. Ou talvez não,

Guardiões sendo como eram. Se ela tentasse esfaquear um deles, era possível que o

Guardião a ferisse. Além disso, se ela encontrasse Elayne primeiro e as duas

começassem a puxar os cabelos uma da outra por causa de Rand, ou, pior, se a Aiel

resolvesse esfaquear a Filha-herdeira... Aviendha ia caminhando depressa, quase

correndo, doida para chegar a Salidar. *Sangue e malditas cinzas!*

— Talmanes, você está no comando até eu voltar. Só arredem o pé daqui se

alguém pular com as duas botas em cima do Bando. Esses quatro vão contar a você

o que talvez tenha que encarar. Vanin, você vem comigo. Olver, fique junto de

Daerid para o caso de ele precisar mandar mensagens. Você pode ensinar a ele a

jogar Cobras e Raposas — acrescentou, com um sorrisinho para Daerid. — Ele me

disse que gostaria de aprender. — Daerid ficou boquiaberto, mas Mat já estava indo

embora. Seria ótimo se um Guardião acabasse arrastando-o para Salidar com um

galo na cabeça. Como diminuir as chances de aquilo acontecer? Os estandartes lhe

chamaram a atenção. — Você, fique aqui — disse ele para o porta-estandarte

grisalho. — Vocês dois, venham comigo. E mantenham essas coisas enroladas.

O pequeno e estranho destacamento de Mat logo alcançou Aviendha. Se havia

alguma coisa que podia convencer os Guardiões a deixá-los passar desimpedidos era

olhar para eles. Uma mulher e quatro homens não representavam ameaça alguma,

ainda mais quando não faziam o menor esforço para se esconder, com dois

estandartes a tiracolo. Ele passou pelos homens do segundo esquadrão. Ainda não

havia brisa alguma, mas eles mantinham os estandartes presos aos mastros. Seus

rostos estavam tensos. Só um tolo iria querer passar a cavalo em meio às Aes Sedai e

ver aqueles troços se desfraldarem com uma brisa súbita.

Aviendha olhou para Mat de soslaio e então tentou tirar a bota dele do estribo.

— Me deixe subir — ordenou ela, rude.

Por que, sob a Luz, ela agora queria ir a cavalo? Bem, ele não iria deixá-la montar

aos trancos e barrancos e, muito provavelmente, derrubá-lo da sela. Já tinha visto

Aiel montarem num cavalo uma ou duas vezes. Não era uma cena bonita.

Mat deu outro tapa em uma mosca, inclinou-se e pegou a mão dela.

— Segure-se — disse ele, puxando-a para cima com um grunhido e colocando-a

atrás dele. Aviendha era quase da altura dele, e pesada. — Coloque o braço em torno

da minha cintura. — Ela só olhou para ele e ficou se retorcendo de um jeito esquisito

até se sentar com uma perna para cada lado, a pele nua acima dos joelhos, mas sem

se mostrar minimamente preocupada com aquilo. Belas pernas, mas Mat não se

envolveria com nenhuma outra Aiel, mesmo que ela não estivesse caidinha por

Rand.

Depois de um tempo, Aviendha falou às costas dele:

— O garoto, Olver. Os Shaido mataram o pai dele?

Mat assentiu sem virar o rosto. Será que ao menos veria algum Guardiã antes

que fosse tarde demais? À frente do grupo, Vanin, como sempre, cavalgava arriado

feito uma saca de sebo, mas com os olhos atentos a tudo.

— A mãe dele morreu de fome? — continuou ela.

— Isso, ou de alguma doença. — Os Guardiões usavam aqueles mantos que

podiam se camuflar em qualquer lugar. Era possível passar bem na frente deles sem

nem saber. — Olver não foi muito claro e eu não fiquei pedindo detalhes. Ele

mesmo a enterrou. Por quê? Você acha que deve algo a ele pelos Aiel terem matado

sua família?

— Dever algo a ele? — Ela soou assustada. — Não matei nenhum deles, e, se

tivesse matado, eram Assassinos da Árvore. Como eu poderia ter *toh*?
— Sem fazer

nenhuma pausa, seguiu em frente como se estivesse apenas continuando a frase. —

Você não cuida direito dele, Mat Cauthon. Eu sei que homens não entendem nada a

respeito de criar crianças, mas ele é jovem demais para passar todo o tempo com

homens adultos.

Mat ficou sem reação. Aviendha tinha tirado o lenço e estava ocupada passando

um pente de pedra-verde polida nos cabelos avermelhados. Toda a sua concentração

parecia estar naquilo. Naquilo e em não cair. Ela também colocara um colar de prata

trabalhado e um bracelete largo de marfim entalhado.

Mat balançou a cabeça e voltou a examinar a floresta. Aiel ou não, todas as

mulheres eram iguais em alguns aspectos. *O mundo pode estar acabando e mesmo*

assim uma mulher vai querer um tempo para ajeitar o cabelo. O mundo pode estar

acabando e mesmo assim uma mulher vai ter tempo de apontar para um homem

alguma coisa que ele fez errado. Isso teria sido o suficiente para fazê-lo sorrir, se ele

não estivesse ocupado demais imaginando se os Guardiões não estariam observando-

o naquele exato momento.

O sol atingiu o zênite e já começava a descer no momento em que a floresta

terminou abruptamente. Menos de cem passadas de área desmatada a separavam das

árvores da aldeia e, a julgar pelo aspecto do solo, não fazia muito tempo que havia

sido desbastado. Salidar era uma aldeia de tamanho considerável de edificações

cinzentas de pedra e telhados de palha, e as ruas estavam movimentadas. Mat vestiu

seu manto. Da melhor lã verde, bordado em ouro nos punhos e na gola alta, deveria

ser um traje suficientemente adequado para um encontro com as Aes Sedai. Mat, no

entanto, o deixou aberto. Não morreria de calor nem pelas Aes Sedai.

Ninguém tentou detê-lo quando o grupo adentrou a cavalo, mas as pessoas

interromperam o que faziam e todos os olhos se voltaram para Mat e sua pequena e

estranha comitiva. Elas sabiam, então. Todos sabiam. Ele desistiu de

contar os rostos

de Aes Sedai quando a soma atingiu cinquenta, número ao qual chegou rápido

demais para conseguir qualquer paz de espírito. Não havia soldados na multidão, a

menos que contasse com os Guardiões, alguns trajando aqueles mantos que pareciam

mudar de cor e outros correndo os dedos pelo punho da espada conforme os

observavam passar. A ausência de soldados na aldeia significava simplesmente que

todos estavam nos acampamentos que Vanin mencionara. Todos os soldados

acampados significava que eles estavam se preparando para fazer alguma coisa. Mat

esperava que Talmanes estivesse seguindo suas instruções. Talmanes tinha algum

juízo, mas poderia estar quase tão ansioso para partir para o ataque contra alguém

quanto Nalesean. Mat preferiria ter deixado Daerid no comando — Daerid já

presenciara batalhas demais para ficar ansioso —, mas o nobre jamais teria aceitado.

Parecia que em Salidar também não havia nenhuma mosca. *Talvez elas saibam de*

algo que eu não sei.

Uma mulher atraiu sua atenção, uma bela mulher com roupas estranhas, largas

calças amarelas e um casaco branco curto, seu cabelo dourado preso numa elaborada

trança que ia até a cintura. Carregava um arco, o que era bem curioso.

Não eram

muitas as mulheres que optavam pelo arco. Ela percebeu que o homem a observava

e se esgueirou por uma viela estreita. Algo nela lhe pareceu familiar, mas Mat não

sabia dizer o quê. Esse era um problema de todas aquelas lembranças antigas. Ele

sempre via pessoas que o faziam recordar de alguém que já estava morto havia mais

de mil anos quando, por fim, identificava quem era. Talvez já tivesse até visto

alguém parecido com ela. Aquelas lacunas nas lembranças da própria vida eram

confusas e tortuosas. *É provável que seja mais uma Caçadora da Trombeta*, pensou

ele com sarcasmo, e tirou-a da mente.

Não fazia sentido continuar montado esperando alguém falar com ele. Mat tinha a

impressão de que ficaria esperando até ter cabelos brancos. Puxou as rédeas e

meneou a cabeça para uma mulher magra de cabelo escuro, que ergueu um olhar frio

e questionador em sua direção. Bonita, mas magra demais para o gosto dele, mesmo

sem aquele rosto de idade indefinida. Quem queria ossos lhe espetando toda vez que

desse um abraço?

— Meu nome é Mat Cauthon — disse ele em um tom de voz neutro. Se ela

esperava reverências e um tom respeitoso era melhor esperar sentada, mas mostrar-

se hostil também seria tolice. — Estou procurando Elayne Trakand e Egwene

al’Vere. Ou então Nynaeve al’Meara. — Rand não a mencionara, mas Mat sabia que

ela tinha ido com Elayne.

Surpresa, a Aes Sedai pestanejou, mas logo recobrou a serenidade. Analisou Mat

e os demais um a um, detendo-se em Aviendha, e então passou tanto tempo olhando

para os homens do esquadrão que Mat ficou se perguntando se ela conseguia divisar

o Dragão e o disco preto e branco pelo tecido dobrado.

— Sigam-me — disse, por fim. — Vou ver se o Trono de Amyrlin pode recebê-

los. — Segurou as saias e partiu rua acima a passos rápidos.

Quando Mat esperou Pips para fazê-lo seguir a mulher, Vanin deixou seu baio

ficar para trás, resmungando:

— Pedir qualquer coisa para uma Aes Sedai nunca é uma boa ideia. Eu poderia ter

mostrado a você aonde ir. — Ele moveu a cabeça na direção de uma construção de

pedra de três andares logo à frente. — Elas chamam o lugar de Pequena Torre.

Mat deu de ombros de um jeito desconfortável. Pequena Torre? E elas tinham

alguém ali que chamavam de Trono de Amyrlin? Ele duvidava de que a mulher

estivesse se referindo a Elaida. Rand estava enganado de novo. Estas mulheres não

estavam apavoradas. Estavam malucas, convencidas demais para sentir medo.

Diante da construção de pedra, a Aes Sedai magricela afirmou categoricamente:

— Esperem aqui. — E desapareceu porta dentro.

Aviendha deslizou para o chão e Mat foi logo fazendo o mesmo, pronto para

agarrá-la caso aquela Aiel maluca tentasse sair em disparada. Mesmo que lhe

custasse um pouco de sangue, ele não iria permitir que Aviendha saísse correndo e

cortasse a garganta de Elayne antes que ele pudesse falar com essa tal Amyrlin. Mas

a Aiel só ficou ali parada, os olhos fixos à frente, as mãos cruzadas à cintura e o xale

jogado por cima dos ombros. Dava a impressão de estar absolutamente tranquila,

mas Mat achava que ela também poderia muito bem estar apavorada. Se tivesse um

pingo de juízo, ela estaria. Eles haviam atraído uma multidão.

Mais Aes Sedai apareceram, cercando-os contra a entrada da sua Pequena Torre,

fitando-o em silêncio, e, quanto mais tempo ele passava ali, mais grosso ficava o

arco de mulheres. Na verdade, elas pareciam tão interessadas em Aviendha quanto

nele, mas Mat podia sentir cada um daqueles olhares frios e indecifráveis. Foi por

pouco que não correu os dedos pela cabeça de raposa de prata pendurada sob a

camisa.

Uma Aes Sedai sem qualquer expressão no rosto abriu caminho até a frente da

multidão, conduzindo uma jovem esbelta de olhos grandes que trajava branco. Mat

se lembrava vagamente de Anaiya, mas ela mal reparou nele.

— Tem certeza, criança? — perguntou ela para a noviça.

A boca da jovem se comprimiu um pouco, mas ela não deixou a irritação

transparecer em sua voz.

— Ele ainda parece reluzir, ter um brilho. Eu estou enxergando, sim. Só não sei

por quê.

Anaiya abriu um sorriso satisfeito para a garota.

— Ele é *ta'veren*, Nicola. Você descobriu seu primeiro Talento. Você é capaz de

enxergar *ta'veren*. Agora, de volta para a aula. Rápido. Você não vai querer ficar

para trás. — Nicola fez uma mesura profunda e, com uma última olhadela para Mat,

adentrou a multidão de Aes Sedai que os cercava e foi embora.

Anaiya, então, voltou sua atenção para Mat com um daqueles olhares de Aes

Sedai cujo objetivo era desestabilizar um homem. E foi exatamente o que ela fez.

Claro que algumas Aes Sedai sabiam a respeito dele — algumas sabiam bem mais

do que ele gostaria e, parando para pensar, ele se lembrou de que Anaiya era uma

dessas —, mas ouvir aquilo ser anunciado daquela maneira, diante de só a Luz sabia

quantas mulheres com aqueles olhos frios de Aes Sedai... Suas mãos alisaram o

cabo entalhado da lança. Com ou sem cabeça de raposa, elas estavam em número

suficiente para simplesmente pôr as mãos nele e carregá-lo para onde quisessem.

Malditas Aes Sedai! Maldito Rand!

Mat, no entanto, só reteve o interesse de Anaiya por um momento. Aproximando-

se de Aviendha, ela disse:

— E qual é o seu nome, criança? — Seu tom de voz era agradável, mas deixava

claro que ela esperava uma resposta.

Aviendha encarou-a de frente, uma cabeça mais alta e usando cada fio de cabelo a

seu favor.

— Sou Aviendha, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad.

A boca de Anaiya ensaiou um leve sorriso por conta daquele quê de desafio.

Mat ficou se perguntando quem iria vencer aquele duelo de olhares, mas, antes

que pudesse fazer uma aposta consigo mesmo, uma outra Aes Sedai se juntou a elas,

uma mulher cujas maçãs do rosto ossudas sugeriam certa idade, apesar das

bochechas sem rugas e do cabelo castanho brilhoso.

— Garota, você sabia que, no caso, é capaz de canalizar?

— Sabia — respondeu Aviendha, curta e grossa, fechando a boca em seguida

como se não pretendesse dizer mais nada. Concentrou-se em ajustar o xale, mas já

dissera o bastante. As Aes Sedai cercaram-na feito abelhas, empurrando Mat para

longe.

— Quantos anos você tem, criança?

— Você é muito forte, mas poderia aprender muito mais como noviça.

— Morrem muitas garotas Aiel de uma doença misteriosa quando ainda são

alguns anos mais jovens que você?

— Há quanto tempo você...?

— Você poderia...

— Você deveria mesmo...

— Você tem que...

Nynaeve surgiu tão de repente à porta que pareceu ter brotado no ar. Com os

punhos apoiados na cintura, encarou Mat.

— O que você está fazendo em Salidar, Matrim Cauthon? Como chegou aqui?

Acho que é pedir demais que você tenha alguma coisa a ver com esse exército de

Devotos do Dragão que está prestes a nos atacar.

— Na verdade — retrucou ele, seco —, eu estou no comando.

— Você...! — Nynaeve ficou ali de pé boquiaberta e então se recompôs, puxando

o vestido azul como se precisasse ajustá-lo. Era mais revelador do que qualquer

outro que Mat se recordava de tê-la visto usando antes, o bastante

para ostentar algo

que podia ser chamado de decote, com arabescos amarelos ao redor da gola e da

bainha. Totalmente diferente do que ela usara em casa. — Bem, venha comigo —

disse ela com firmeza. — Vou levar você até a Amyrlin.

— Mat Cauthon — chamou Aviendha, a respiração um pouco sôfrega. Olhava por

cima e para um lado e para o outro das Aes Sedai tentando encontrá-lo. — Mat

Cauthon. — Apenas isso, mas, para uma Aiel, parecia desesperada.

As Aes Sedai que a cercavam continuavam a falar, as vozes calmas, ponderadas e

implacáveis.

— Para você, o melhor seria...

— Você precisa considerar...

— É bem melhor...

— Nem cogite...

Mat deu um sorrisinho. Ela poderia sacar sua faca em um instante, mas, em meio

àquela multidão, ele duvidou de que lhe seria de grande serventia. Aviendha não

sairia à caça de Elayne tão cedo, isso era certo. Mat se perguntou se a encontraria

usando um vestido branco quando voltasse, então arremessou sua lança para Vanin e

disse:

— É só mostrar o caminho, Nynaeve. Vamos lá falar com essa sua *Amyrlin*.

Ela olhou para ele com a testa muito franzida e o levou para dentro dando puxões

em sua trança e resmungando — apenas em parte consigo mesma:

— Isso é coisa de Rand, não é? Eu sei que é. Deve ter dedo dele nessa história.

Mas que ideia, quase matou todo mundo de susto. Olhe bem por onde anda, *Senhor*

General Cauthon, ou eu juro que você vai desejar que eu tivesse pego você

roubando mirtilos de novo. Ele deixou todo mundo apavorado! Até mesmo um

homem deveria ter mais juízo! E tire esse sorrisinho da cara agora mesmo, Mat

Cauthon. Não sei o que ela vai achar disso tudo.

Havia Aes Sedai nas mesas lá dentro — parecia o salão de uma estalagem para

Mat, mesmo com aquelas mulheres sérias rabiscando ou dando ordens a criados —,

mas elas não fizeram mais do que dar uma olhadela para ele e Nynaeve quando

ambos atravessaram o ambiente. A cena ilustrava bem o nível do espetáculo que elas

estavam apresentando ali. Uma Aceita passou resmungando sozinha e nenhuma das

Aes Sedai a repreendeu. Mat ficara na Torre pelo menor tempo que pôde, mas sabia

que aquele não era o modo como as Aes Sedai tocavam suas atividades.

Nos fundos do aposento, Nynaeve empurrou uma porta em condições ruins. Tudo

lá dentro estava em condições ruins, para dizer a verdade. Mat entrou

logo depois...

e ficou paralisado. Ali estava Elayne, linda de morrer com aqueles cabelos dourados,

mas com aquele seu ar de importância costumeiro, em um vestido de seda verde com

gola alta rendada e exibindo um daqueles sorrisos condescendentes, as sobrancelhas

erguidas para ele. E ali estava Egwene, sentada atrás de uma mesa, um sorriso

inquisitivo no rosto. E uma estola com sete listras por sobre o vestido amarelo-claro.

Mat deu uma rápida espreitada lá fora e fechou a porta antes que alguma Aes Sedai

pudesse olhar para dentro.

— Talvez vocês achem isso engraçado — rosnou ele, atravessando o trecho

atapetado o mais rápido que conseguiu —, mas elas vão arrancar o couro de vocês se

descobrirem essa brincadeira. Elas *nunca* vão deixar vocês irem embora, nenhuma

de vocês, se... — Arrancando a estola do pescoço de Egwene, ele começou a

arrastá-la da cadeira... e a cabeça de raposa de prata ficou fria como a morte em seu

peito.

Mat deu um último empurrãozinho para afastar Egwene da mesa e fitou as três.

Egwene só o olhou, perplexa, mas Nynaeve ficou boquiaberta, e os enormes olhos

azuis de Elayne pareciam prestes a saltar das órbitas. Uma delas havia tentado usar o

Poder contra ele. A única coisa boa que resultara da jornada dele dentro daquele

ter'angreal era o medalhão com a cabeça de raposa. Mat supunha que o objeto

também só podia ser um *ter'angreal*, mas, ainda assim, estava grato por ele. Desde

que o medalhão estivesse tocando sua pele, o Poder Único não podia atingi-lo. Pelo

menos não *saidar*. Ele já tivera mais provas disso do que gostaria. O medalhão

ficava frio sempre que alguém tentava.

Arremessando a estola e seu chapéu em cima da mesa, Mat fez menção de se

sentar, mas precisou de uma pausa rápida para tirar algumas almofadas da cadeira e

jogá-las no chão. Descansou uma das botas em cima da mesa e ficou olhando para

aquelas tolas.

— Vocês vão precisar dessas almofadas se essa tal Amyrlin descobrir essa

brincadeirinha de vocês.

— Mat — começou Egwene com a voz firme, mas ele a interrompeu.

— Não! Se você quisesse falar, deveria ter falado, em vez de me atacar com o seu

maldito Poder. Agora você vai ouvir.

— Como você...? — quis saber Elayne, admirada. — Os fluxos simplesmente...

desapareceram.

Quase no mesmo instante, Nynaeve se pronunciou num tom ameaçador:

— Mat Cauthon, você está cometendo o maior...

— Eu mandei vocês ouvirem! — Ele apontou para Elayne. — Você eu vou levar

de volta para Caemlyn, isso se conseguir salvá-la de Aviendha. Se não quiser que

cortem esse seu pescocinho esbelto, é melhor não sair da minha vista e fazer o que

eu mandar, sem questionar! — O dedo passou a apontar para Egwene. — Rand disse

que vai mandá-la de volta para as Sábias se você quiser, e se o que eu vi até agora é

alguma indicação dos problemas em que estão prestes a se meter, acho melhor você

aceitar e arrumar as malas agora mesmo! Como parece que você sabe Viajar —

Egwene se sobressaltou —, pode abrir um portão até Caemlyn para o Bando. Não

quero discussão, Egwene! E você, Nynaeve! Eu devia deixá-la aqui, mas, se quiser

vir junto, pode vir. Mas vou logo avisando: puxe essa sua trança uma única vez para

mim e eu juro que deixo esse seu traseiro ardido!

As três encaravam-no como se chifres de Trolloc tivessem brotado em sua testa,

mas pelo menos se mantiveram de boca fechada. Talvez ele tivesse conseguido

enfiar um pouco de juízo na cabeça delas. Não que qualquer uma delas fosse lhe

agradecer algum dia por ter salvado seus couros. Ah, não, elas não. Como de

costume, diriam que teriam pensado em um plano sozinhas com só um

pouquinho

mais de tempo. Aquelas mulheres eram capazes de dizer que você estava se metendo

onde não era chamado quando as salvava de uma masmorra, então Mat esperava

qualquer coisa delas.

Mat tomou fôlego e continuou:

— É o seguinte: quando a pobre coitada que elas escolheram para ser a Amyrlin

aparecer aqui, deixem que eu falo. Ela não deve ser das mais espertas, ou elas nunca

teriam conseguido enfiá-la na função. Que ideia mais ridícula, o Trono de Amyrlin

de uma aldeia no meio do nada. Tratem de ficar de boca fechada, façam suas

melhores medidas e deixem que eu tiro vocês dessa confusão. — Elas só ficaram

olhando. Ótimo. — Já sei tudo sobre o exército dela, mas também tenho o meu. Se

ela for louca o bastante para achar que é capaz de tirar a Torre de Elaida... Bem,

duvido de que ela se arrisque a sofrer baixas só para manter vocês três aqui. Abra o

tal do portão, Egwene, e eu deixo vocês três em Caemlyn amanhã, ou no máximo no

dia seguinte, e aí essas malucas podem ir ser mortas por Elaida, se é o que querem.

Talvez vocês até tenham companhia. Não é possível que sejam todas loucas. Rand

está disposto a oferecer um refúgio. Basta uma medida aqui, um juramento de

lealdade a ele ali e Rand vai evitar que Elaida enfie a cabeça delas em estacas na

frente de Tar Valon. Elas não podem pedir mais que isso. Então? Algo a declarar?

— Até onde Mat pôde ver, as três nem piscaram. — Um simples “Obrigada, Mat” já

basta. — Nenhuma palavra. Nem uma piscadinha.

Uma tímida batida à porta foi seguida por uma noviça, uma linda garota de olhos

verdes que fez uma mesura profunda, os olhos bem abertos em total veneração.

— Me mandaram ver se desejava algo, Mãe. Para o... general. Vinho ou... ou...

— Não, Tabiya. — Egwene puxou a estola listrada de baixo do chapéu de Mat e

arrumou-a nos ombros. — Quero falar a sós com o *General* Cauthon um pouco

mais. Diga a Sheriam que vou mandar chamá-la daqui a pouco para me aconselhar.

— Feche essa boca, Mat, antes que você engula uma mosca — disse Nynaeve, em

um tom de voz repleto de satisfação.



CAPÍTULO 39

POSSIBILIDADES

Ajustando a estola, Egwene examinou Mat. Esperara vê-lo com cara de urso

encurralado, mas ele só parecia perplexo e suado. Havia tantas perguntas que ela

desejava fazer — Como Rand descobriu onde ficava Salidar? Como sabia que ela

aprendera a Viajar? O que Rand achava que estava fazendo? —, mas não iria fazê-

las. Mat e seu Bando da Mão Vermelha a tinham deixado com a mente em turbilhão.

Talvez Rand tivesse lhe entregado um presente dos céus.

— A minha cadeira — pediu ela, calma. Torcia para que Mat tivesse percebido

que ela não estava suando, assim como Elayne e Nynaeve. A segunda suava um

pouquinho, na verdade. Suan ensinara o truque, que não tinha nada a ver com o

Poder; era só uma questão de se concentrar de um certo modo. Nynaeve ficara bem

zangada por Suan não ter lhes ensinado antes, o que não era surpresa, mas a mulher

só fez responder com toda a calma que aquele conhecimento se destinava às Aes

Sedai, não às Aceitas. Até então, Egwene tinha conseguido controlar os pensamentos

de modo adequado quando havia irmãs por perto, e o rosto sereno, em vez de suado,

de fato parecia ajudar no comportamento delas. De algumas delas. Deveria funcionar

às maravilhas com Mat. Isso se algum dia ele parasse de ficar só olhando fixo para

ela e a enxergasse de verdade. — Mat? A minha cadeira.

Ele se sobressaltou, então se levantou e se afastou para o lado, sem dar um pio e

com os olhos indo de Egwene para Elayne e para Nynaeve como se elas fossem

algum tipo de quebra-cabeças. Bem, Nynaeve e Elayne também estavam olhando

para ele quase da mesma forma, e com certeza tinham motivos

melhores para tal.

Egwene sacudiu o pó das almofadas antes de recolocá-las na cadeira. Lembrou-se

de Chesa com carinho. Depois de dois dias, já não precisava mais das almofadas

macias, não muito, mas ou ela abria mão de tomar banho ou as aceitava até que as

manchas roxas sumissem por completo. Se Egwene mandasse, Chesa retiraria as

almofadas. Rosto suado ou sereno, ela era o Trono de Amyrlin, perante o qual reis e

rainhas se curvavam, embora nenhum tivesse feito isso ainda. Era ela quem faria

Elaida ser julgada e executada, normalizando a situação da Torre Branca e,

consequentemente, do mundo. Chesa lhe obedeceria, mas lançaria olhares tão

sentidos e acusatórios por ter sido impedida de cuidar dela que deixar as almofadas

ali era bem mais fácil de suportar.

Ela se ajeitou na cadeira com as mãos sobre a mesa e disse:

— Mat...

— Isso é mesmo uma loucura, sabia? — interrompeu ele, em voz baixa. Baixa,

mas bem firme. — Vão acabar cortando a sua cabeça, Egwene. A de todas vocês.

Vão cortar... as cabeças... de vocês.

— Mat — interveio ela num tom mais severo, mas ele seguiu em frente.

— Olha, vocês ainda podem sair dessa. Se elas pensam que você é a

Amyrlin,

você pode ir comigo para... inspecionar o Bando. Aí você abre um portão e nós

vamos embora antes que essa cambada de lunáticas com cérebro de cabra consiga

piscar.

Nynaeve vira com os próprios olhos que Mat era imune a *saidar*, mas já lidara

com homens teimosos muito antes de ter aprendido a canalizar. Rosnando um

“Deixar *o meu* traseiro ardido?” abafado que Egwene achou que não era para ter sido

ouvido, Nynaeve levantou as saias e deu um pontapé certo no traseiro *dele*, com

tanta força que Mat cambaleou até a parede, onde se apoiou com uma das mãos.

Elayne deixou escapar o início de uma gargalhada que foi imediatamente sufocada,

embora a Filha-herdeira continuasse balançando com o esforço de se conter, os

olhos ainda risonhos.

Egwene mordeu o lábio para também abafar o riso. A cena foi cômica, de fato.

Mat virou a cabeça devagar para encarar Nynaeve, os olhos arregalados em um

misto de indignação e ultraje. Em seguida, suas sobrancelhas baixaram e,

endireitando o manto desabotoado, ele começou a caminhar lentamente em direção a

ela. Lentamente porque estava mancando. Egwene cobriu a boca. Gargalhar não

seria bom mesmo.

Nynaeve se empertigou, e, então, talvez, algumas coisas lhe tenham ocorrido. Ela

podia estar zangada o suficiente para canalizar, mas *saidar* parecia não surtir efeito

com ele. Mat era alto para um homem de Dois Rios, bem mais alto que ela, além de

bem mais forte, e havia, decididamente, um brilho perigoso em seu olhar. Nynaeve

deu uma olhadinha para Egwene e ajeitou o vestido, tentando manter o rosto

impassível. Mat chegou ainda mais perto, o rosto tal qual um trovão. Outra

olhadinha afobada, com a preocupação começando a transparecer, e Nynaeve

chegou a dar um passinho para trás.

— Mat — disse Egwene em um tom equilibrado. Ele não parou. — Mat, pare com

essa besteira. Você está numa bela encrenca, mas eu devo conseguir salvar sua pele,

caso você tenha juízo.

Por fim, ele parou. Com uma última encarada e balançando o dedo em riste para

Nynaeve, Mat se virou de costas para ela e plantou os punhos na escrivaninha.

— *Eu* estou encrencado? Egwene, você saltou de uma árvore para dentro da jaula

de um urso e só acha que está tudo bem porque ainda não terminou de cair!

Ela sorriu para ele com toda a calma.

— Mat, não são muitos aqui em Salidar que têm os Devotos do Dragão em alta

conta. Lorde Bryne com certeza não é um deles, nem os soldados sob seu comando.

Já ouvimos histórias bem perturbadoras. E algumas repugnantes.

— Devotos do Dragão! — ganiu ele. — O que eu tenho a ver com isso? Eu não

sou nenhum maldito Devoto do Dragão!

— Claro que é, Mat. — Ela fez aquilo soar como a maior obviedade do mundo. O

que era, parando para pensar. — Você vai aonde quer que Rand mande. O que mais

you seria se não um Devoto do Dragão? Mas, se você me escutar, posso impedir

que eles enfiem *a sua* cabeça num pique. Na verdade, acho que Lorde Bryne não

usaria um pique, já que está sempre reclamando de não ter piques suficientes, mas

tenho certeza de que ele usaria alguma outra coisa.

Mat olhou para as outras duas mulheres e Egwene comprimiu os lábios por um

instante. A Amyrlin fora bem clara, mas Mat aparentava estar em busca de uma pista

sobre o que ela estava querendo dizer. Elayne lhe devolveu um meio sorriso e um

aceno de cabeça confirmatório. Podia até não estar entendendo aonde Egwene queria

chegar, mas sabia que ela não estava falando só por gostar de ouvir a própria voz.

Nynaeve, ainda se esforçando para manter uma expressão severa e dando puxões na

trança, só fazia encará-lo, mas talvez fosse melhor assim, embora ela estivesse

começando a transpirar. Nynaeve perdia a concentração quando se zangava.

— Agora ouça, Egwene — continuou Mat. Bem, talvez a ajuda das amigas não

fosse suficiente, afinal. Ele deu um jeito de combinar um tom razoável com a

complacência mais ofensiva possível. — Se você quer se chamar de Amyrlin, você

pode se chamar de Amyrlin. Rand a receberia de braços abertos em Caemlyn mesmo

se você não levasse todas essas Aes Sedai até ele, mas eu sei que ele ficaria nas

nuvens se você ainda por cima fizesse isso. Sejam quais forem os seus problemas

com Elaida, ele pode resolver. Ela sabe que ele é o Dragão Renascido. Luz, você se

lembra da carta dela. Ora, você vai ter a sua Torre Branca reunificada antes que

consiga dizer Jak das Brumas. Sem batalhas. Sem derramamento de sangue. Você

sabe que não quer um banho de sangue, Egwene.

Isso ela não queria. Assim que a primeira gota de sangue fosse derramada entre

Salidar e Tar Valon, seria difícil reunificar a Torre. Assim que o primeiro sangue de

Aes Sedai fosse derramado, poderia ser impossível. No entanto, Elaida tinha que ser

deposta, e Egwene faria o que precisava ser feito. Só não gostaria nem um pouco. E

não gostava de ver Mat lhe dizendo o que ela já sabia, e gostava menos ainda de ele

estar certo. E definitivamente menos ainda naquele tom de voz. Manter as mãos

paradas sobre a mesa exigiu um esforço tremendo. Sua vontade era levantar e

esbofeteá-lo.

— Independentemente de como eu decidir lidar com Rand — retrucou ela com

tranquilidade —, você pode ter certeza de que não vai ser conduzindo as Aes Sedai

para jurar lealdade a ele ou a qualquer outro homem. — Tranquila, e sem discutir.

Uma exposição serena dos fatos. — E Elaida é problema meu, não seu. Se você tiver

algum bom senso, Mat, vai manter essa boca fechada enquanto estiver em Salidar e

vai pisar de mansinho. Se sair por aí falando para as outras Aes Sedai o que Rand vai

fazer quando elas se ajoelharem diante dele, pode ser que você não goste das

respostas que vai ouvir. Se continuar com essa história de me levar embora, ou

mesmo Nynaeve ou Elayne, vai ser *muita* sorte se não lhe enfiarem uma espada

goela abaixo.

Com um olhar penetrante, ele se empertigou.

— Vou conversar de novo com você quando estiver pronta para escutar a voz da

razão, Egwene. Thom Merrilin está por aqui? — Ela respondeu com um breve gesto

de cabeça. O que ele queria com Thom? Provavelmente, se embebedar de vinho.

Bem, boa sorte para ele na tentativa de achar uma taverna em Salidar.
— Quando

você estiver pronta para escutar — repetiu Mat emburrado, e foi mancando em

direção à porta.

— Mat — disse Elayne —, se eu fosse você, não tentaria ir embora.
Entrar em

Salidar é muito mais fácil do que sair.

Ele abriu um sorriso insolente para ela, e, pelo modo como a olhou de cima a

baixo, teve sorte de Elayne não ter lhe dado um tapa tão forte que lhe afrouxasse

todos os dentes.

— Você, minha bela lady, eu vou levar de volta para Caemlyn e para Rand nem

que tenha que ser amarrada, e que a Luz me queime se eu estiver mentindo. E eu vou

embora na maldita hora em que quiser. — A reverência que fez para Elayne e

Egwene foi debochada. Nynaeve só recebeu um olhar assassino e mais um dedo em

riste balançado ameaçadoramente em sua direção.

— Como Rand consegue ser amigo de um sujeito tão grosseiro, baixo e insuportável? — Elayne não dirigiu a pergunta a ninguém em particular, e falou

antes mesmo que a porta fosse fechada.

— Seu linguajar, com certeza, está cada dia pior — rosnou Nynaeve com a voz

profunda, jogando a cabeça de um jeito que fez sua trança girar por cima do ombro.

Egwene achou que ela poderia estar com medo de que fosse arrancá-la pela raiz caso

não a deixasse fora de alcance.

— Eu deveria tê-lo deixado fazer o que queria, Nynaeve. Você precisa se lembrar

de que agora é Aes Sedai. Não pode sair por aí chutando as pessoas, nem dando

bofetadas, e nem as espancando com pedaços de pau.

Nynaeve encarou Egwene, boquiaberta, e ficou vermelha. Elayne começou a

examinar o tapete com muito interesse.

Com um suspiro, Egwene dobrou a estola listrada e repousou-a sobre um dos

lados da mesa. Era sua maneira de lembrar a Elayne e Nynaeve que elas estavam

sozinhas. Às vezes, a estola as fazia falar com o Trono de Amyrlin, e não com

Egwene al’Vere. Como de costume, funcionou. Nynaeve respirou bem fundo. Antes

que ela pudesse falar, no entanto, Elayne disse:

— Você pretende juntar Mat e esse Bando da Mão Vermelha às forças de Gareth

Bryne?

Egwene balançou a cabeça. Os Guardiões disseram que havia seis ou sete mil

pessoas no Bando de Mat, mais do que ela se lembrava de Cairhien, e um número

considerável, ainda que não tão grande quanto o que aqueles dois

homens

capturados diziam, mas os soldados de Bryne de fato não gostavam muito de

Devotos do Dragão. Além disso, Egwene tinha seu próprio plano, que explicou

enquanto elas puxaram as outras cadeiras para perto da mesa. Era como se sentar

para conversar na cozinha. Egwene afastou a estola ainda mais.

— Isso é brilhante. — O sorriso sincero de Elayne indicava que ela realmente

pensava assim. Mas, para falar a verdade, Elayne sempre dizia o que pensava. — Eu

também achava que o outro não iria funcionar, mas esse é *brilhante*.

Nynaeve fungou, irritada.

— O que faz você pensar que Mat vai concordar? Ele vai dificultar as coisas só

por diversão.

— Acho que ele fez uma promessa — disse Egwene simplesmente, e Nynaeve

concordou com a cabeça. Devagar, relutante, mas concordou. Elayne parecia

perdida, claro. Não o conhecia. — Mat só faz o que quer, Elayne. Sempre foi assim.

— Pouco importa quantos nabos ele já teve que descascar como punição por

causa disso — resmungou Nynaeve — ou quantas surras acabou levando.

— É, o Mat é assim mesmo — suspirou Egwene. Ele fora o garoto mais irresponsável do Campo de Emond, e talvez de Dois Rios. — Mas, se dá a palavra,

ele cumpre. E acho que ele prometeu para Rand que levaria você de volta para

Caemlyn, Elayne. Perceba que no meu caso ele recuou e passou a pedir — de certo

modo, era isso que estava fazendo —, mas, com você, ele não mudou de ideia. Acho

que ele vai tentar ficar tão perto de você quanto a bolsinha do seu cinto. Mas nós não

vamos deixá-lo nem pôr os olhos em você, a menos que ele faça o que queremos. —

Ela fez uma pausa. — Elayne, se você quiser ir com ele, tudo bem. Ir para Rand,

quero dizer. Depois que tirarmos todo o proveito que pudermos de Mat e do Bando

dele.

Elayne mal hesitou antes de balançar a cabeça, e o fez com firmeza.

— Não, Ebou Dar é importante demais. — Aquela fora uma baita vitória sobre as

outras Aes Sedai, obtida, de maneira surpreendente, com uma simples sugestão.

Elayne e Nynaeve iriam se juntar a Merilille na corte de Tylin. — Se ele ficar

mesmo por perto, pelo menos vou ter alguns dias para tentar dar uma olhada nesse

ter'angreal. Só pode ser isso, Egwene. Não tem outra explicação.

Egwene não podia discordar. Sua intenção havia sido apenas envolvê-lo em Ar e

paralisá-lo, só um lembrete gentil de com quem ele estava tentando bancar o durão,

mas os fluxos encostaram nele e derreteram. Era a única explicação. Os fluxos

deixaram de existir no instante em que tocaram nele. Egwene ainda ficava chocada

ao se lembrar daquele momento e percebeu que não era a única que, de repente,

estava ajeitando saias que não precisavam ser ajeitadas.

— Podemos mandar alguns Guardiões revirarem os bolsos dele. — Nynaeve soou

mais do que satisfeita ao imaginar a cena. — Vamos ver o que o Mestre Mat

Cauthon acha disso.

— Se nós tirarmos coisas dele — ponderou Egwene com paciência —, vocês não

acham que ele pode se recusar quando começarmos a lhe dizer o que fazer? — Mat

nunca fora muito bom em acatar ordens, e sua resposta habitual às Aes Sedai e ao

Poder Único era aproveitar a primeira chance para dar um jeito de ir embora. Talvez

sua promessa a Rand o segurasse por mais tempo, e ele tinha que ter prometido, já

que nada mais explicava o seu comportamento, mas ela não iria correr o risco. Com

muita má vontade, Nynaeve aquiesceu.

— Talvez... — Elayne ficou pensativa por um momento, olhando para o nada e

tamborilando na mesa. — Talvez pudéssemos levá-lo a Ebou Dar. Assim, posso ter

mais sorte com o *ter'angreal*. Só que, se ele bloqueia *saidar*, não sei como vou

conseguir estudá-lo.

— Levar aquele rufião com a gente?! — Nynaeve se empertigou na cadeira. —

Você não pode estar falando sério, Elayne. Ele transformaria cada dia em um

suplício. É muito bom nisso. Nunca faz o que mandam. Além disso, Mat jamais vai

aceitar. Está tão decidido a levá-la a Caemlyn que você não conseguiria fazê-lo

desempacar nem com uma alavanca e uma parelha de cavalos.

— Mas se a intenção dele é ficar de olho em mim até eu estar em Caemlyn —

analisou Elayne —, então ele não tem escolha senão ir conosco. É perfeito.

— Talvez não seja má ideia — opinou Egwene enquanto Nynaeve buscava algum

outro argumento. Mandá-lo ir atrás da tigela ainda parecia correto, porém quanto

mais ela pensava em onde elas teriam que procurar, mais preocupada ficava. —

Alguns soldados podem ser uma boa ideia, a menos que vocês já tenham escolhido

Guardiões sem que eu soubesse. Thom e Juilin são ótimos, Birgitte também, mas o

lugar para onde vocês vão não é nada tranquilo.

— *Alguns* soldados podem não ser de todo ruim — ponderou Elayne, enrubescendo de leve. — Desde que eles saibam obedecer a ordens.

Nynaeve não chegou a olhar para Elayne, mas houve uma nítida pausa antes que

ela balançasse a cabeça de maneira irritada.

— Não estamos indo lá para disputar duelos, Egwene, não importa

quão

esquentadinhos esses eboudarianos sejam. Thom e Juilin já vão bastar.
Na minha

opinião, creio que a intenção por trás de todas essas histórias que
temos ouvido é nos

fazer querer desistir. — Todos já haviam escutado histórias sobre Ebou
Dar desde

que se espalhara a notícia de que elas estavam indo para lá. Chesa
ouvira várias,

cada qual mais deplorável e horrenda que a outra, com estranhos
sendo assassinados

em um piscar de olhos apenas por olharem torto para alguém, esposas
enviuadas e

crianças órfãs por causa de uma palavra atravessada, e *mulheres*
lutando com facas

nas ruas. — Não, se sobrevivemos a Tanchico só com Thom e Juilin,
além de

Liandrin e algumas outras irmãs Negras, vamos nos sair muito bem em
Ebou Dar

sem Mat Cauthon ou qualquer soldado. Mat comandando soldados!
Ele só se

lembrava de ordenhar as vacas do pai dele quando o sentavam no
banquinho e

entregavam o balde.

Egwene soltou um leve suspiro. Qualquer menção a Birgitte resultava
nisso. Elas

se assustavam como se tivessem sido picadas por uma agulha de
costura, e depois ou

ficavam gaguejando ou seguiam em frente como se nem tivessem
mencionado seu

nome. Um olhar convencera Egwene de que a mulher que seguia

Elayne e Nynaeve

por aí — Elayne em especial, por algum motivo — era a mulher que ela havia visto

em *Tel'aran'rhiod*, a Birgitte das lendas, a arqueira que nunca errava, uma dentre os

heróis mortos que aguardavam o chamado da Trombeta de Valere. Uma heroína

morta, não uma mulher viva andando pelas ruas de Salidar, mas, ainda assim, a

mesma mulher. Elayne não dera nenhuma explicação, apenas um murmúrio tímido e

cuidadoso sobre não poder falar a respeito de algo que tinham combinado manter

segredo. A própria Birgitte, a heroína das lendas, começava a andar em outra direção

ou se metia em vielas estreitas sempre que via Egwene se aproximar. Ordenar que a

mulher fosse ao seu gabinete e exigir uma explicação estava fora de questão, já que,

afinal, ela prometera isso, por mais que a situação a fizesse se sentir tola. Em todo

caso, não parecia haver muito perigo. Ela só gostaria de saber o porquê daquilo. E o

como.

Egwene afastou Birgitte de seus pensamentos e se inclinou sobre a mesa na

direção de Nynaeve.

— Pode ser que a gente não consiga exatamente que Mat obedeça às nossas

ordens, mas não seria ótimo vê-lo de cara feia por ter que ser seu guarda-costas?

— Com certeza valeria a pena — ponderou Elayne, pensativa —, caso Rand

realmente o tenha nomeado general. Mamãe costumava dizer que os melhores

homens eram relutantes em receber ordens, e que sempre valia a pena ensinar a eles.

Não consigo ver Mat como um dos melhores, e Lini bem diz que “os tolos só

escutam a si mesmos”, mas, se pudermos lhe ensinar o suficiente para que ele não se

faça de idiota em um lugar em que não haja ninguém para resgatá-lo, vamos estar

fazendo um grande favor a Rand. Além disso, eu preciso de *tempo* se for mesmo

estudar o *ter’angreal*.

Egwene tentou não sorrir. Elayne sempre entendia tudo tão rápido. E, além disso,

ela provavelmente tentaria ensinar Mat a se sentar direito. Algo que ela pagaria para

ver. Egwene gostava de Elayne e admirava sua força, mas, nessa disputa, apostaria

em Mat. Por um triz.

Nynaeve acabou cedendo, embora teimosamente. Mat não batia bem da cabeça,

diria “para baixo” se elas dissessem “para cima” só para atazaná-las. Era capaz de

criar problemas mesmo preso dentro de um barril. Elas passariam a noite inteira

arrastando-o para fora de tavernas e antros de jogatina. Mais para o final da

conversa, só restou a Nynaeve dizer que Mat provavelmente beliscaria

Elayne na

primeira vez em que a garota virasse de costas, então Egwene soube que estavam

finalmente derrubando as objeções dela. Era verdade que Mat passava muito tempo

correndo atrás de mulheres, o que Egwene não podia aprovar, mas Nynaeve com

certeza sabia tão bem quanto ela que, apesar de olhares inapropriados em momentos

impróprios, ele parecia ter uma habilidade incomum para identificar quais mulheres

queriam ser cortejadas, até as mais improváveis. Infelizmente, justo quando ela tinha

certeza de que Nynaeve estava prestes a dar o braço a torcer, uma batida na porta

anunciou Sheriam.

A mulher não esperou ter permissão para entrar. Nunca esperava. Com os olhos

tranquilos e sua estola azul, parou e fitou Nynaeve e Elayne. Vice da Amyrlin ou

não, a Curadora não tinha nenhuma autoridade real sobre as Aes Sedai, exceto pelo

que a Amyrlin decidia conceder a ela e, com certeza, nenhuma autoridade para

dispensar ninguém da presença da Amyrlin, ainda que aquele olhar certamente fosse

de dispensa.

Elayne se levantou em um movimento gracioso e fez uma mesura profunda e

formal para Egwene.

— Se me dá licença, Mãe, é melhor eu ir procurar Aviendha.

Nynaeve, por outro lado, ficou encarando Sheriam até Egwene pigarrear e

recolocar a estola listrada sobre os ombros.

Enrubescendo, Nynaeve fez uma mesura e se levantou.

— Melhor eu ir também. Janya disse que iria conversar comigo sobre Talentos

perdidos.

A recuperação daqueles Talentos estava se provando não ser tão fácil quanto

Egwene esperara. As irmãs estavam suficientemente dispostas a falar. O problema

era fazer Moghedien compreender o que estava sendo dito apenas por uma vaga

descrição ou às vezes só por um nome, e então torcer para que ela realmente

soubesse de algo. Ótimo saber, por exemplo, que Alinhar a Matriz fortalecia metais,

mas a mulher entendia ainda menos de metais que da Cura. E o que, sob a Luz,

significava Girar Fogo Terrestre? E Ordenhar Lágrimas?

Moghedien parecia disposta a ajudar, desesperada até, em especial depois que

Siuan ensinou o truque de ignorar o calor. Ao que parecia, ela havia mentido para

Nynaeve e Elayne a respeito daquilo. Convencida de que Egwene interpretaria isso

como “uma única mentira” dela, a mulher ficara de joelhos, chorando e implorando,

batendo os dentes e beijando-lhes as barras das saias. Ansiosa para

ajudar ou não,

seu medo se elevava a novos patamares. A chuva nauseante e incessante de terror

choroso era insuportável. Apesar do que Egwene pretendia fazer inicialmente, o

bracelete do *a'dam* estava guardado em sua bolsinha. Àquela altura, ela já o teria

dado a Nynaeve — e estaria feliz por se ver livre dele —, mas ficar passando aquilo

para lá e para cá na frente dos outros acabaria gerando comentários mais cedo ou

mais tarde.

Em vez disso, ela falou:

— Nynaeve, talvez seja melhor você evitar Mat até que ele se acalme.

— Ela não

tinha certeza de que Mat de fato levaria sua ameaça adiante, mas se havia alguém

que o incitasse a tal, esse alguém era Nynaeve, e não seria possível convencê-la se

isso acontecesse. — Ou pelo menos tome o cuidado de só se dirigir a ele quando

houver muita gente em volta. Talvez alguns Guardiões.

Nynaeve abriu a boca e então, momentos depois, fechou. Suas bochechas

empalideceram um pouco e ela engoliu em seco.

— Certo. É, acho que pode ser melhor, Mãe.

Sheriam assistiu à porta se fechar com o cenho levemente franzido, e a expressão

permaneceu quando ela se virou para Egwene.

— A conversa foi difícil, Mãe?

— Apenas o que se espera quando velhos amigos se encontram depois de muito

tempo. Nynaeve se lembra de Mat como um moleque travesso, mas ele já não tem

mais dez anos e se ressentiu disso. — Impedidas de mentir por conta do Juramento,

as Aes Sedai haviam transformado meias verdades e insinuações em arte. Uma arte

muito útil, na opinião de Egwene. Especialmente com Aes Sedai. Os Três

Juramentos não eram bons para ninguém, menos ainda para as Aes Sedai.

— Às vezes é difícil lembrar que as pessoas mudam. — Sheriam se sentou sem ter

sido convidada e arrumou suas saias azuis de seda com cuidado. — Presumo que

quem quer que esteja no comando dos Devotos do Dragão tenha mandado o jovem

Mat com uma mensagem de Rand al'Thor, não? Espero que você não tenha dito

nada que ele possa interpretar como uma promessa, Mãe. Um exército de Devotos

do Dragão a menos de dez milhas daqui nos põe em uma posição muito delicada.

Não vai ajudar em nada se o comandante deles acreditar que descumprimos uma

promessa.

Egwene analisou a outra mulher por um momento. Nada abalava Sheriam. Não

que ela deixasse alguém perceber, pelo menos. Sheriam sabia bastante

sobre Mat,

assim como o sabiam várias outras irmãs em Salidar. Será que aquilo poderia ser

usado para pressioná-lo na direção correta ou o faria dar no pé? *Depois eu cuido de*

Mat, pensou ela com firmeza. *Preciso me concentrar em Sheriam.*

— Você poderia pedir para alguém trazer chá, Sheriam? Estou com um

pouquinho de sede.

O rosto de Sheriam se alterou apenas levemente, um mero estreitamento daqueles

olhos amendoados, tão pequeno que mal perturbou sua aparente serenidade.

Egwene, no entanto, podia quase enxergar a pergunta querendo brotar. O que ela

dissera a Mat e que agora não queria revelar? Que promessas tinha feito? De que

enrascada Sheriam teria de resgatá-la sem ter que ceder a Romanda e Lelaine?

A única coisa que Sheriam fez foi dizer umas poucas palavras para alguém do

lado de fora e, quando retomou seu assento, Egwene não lhe deu chance para abrir a

boca. Em vez disso, acertou-a entre os olhos, por assim dizer.

— Parece que Mat é o comandante, Sheriam, e, de certa forma, o exército é a

mensagem. Aparentemente, Rand gostaria que todas nós fôssemos para junto dele

em Caemlyn. Houve até uma menção a juramentos de lealdade.

Sheriam levantou a cabeça, os olhos se arregalando. Só em parte,

porém, em

ultraje àquela sugestão. Havia um claro quê de... bem, em qualquer pessoa que não

fosse Aes Sedai, Egwene teria chamado de medo. Bastante compreensível, se fosse o

caso. Se ela tivesse prometido aquilo — e eles eram da mesma aldeia, e uma das

utilidades de ter Egwene como Amyrlin era o fato de ela ter sido criada com Rand

—, seria como tentar escapar de um atoleiro sem fim. A notícia se espalharia a

despeito do que Sheriam fizesse para abafá-la. Uma parte do Salão talvez pusesse a

culpa nela, ou usaria o caso como pretexto, de qualquer forma. Romanda e Lelaine

não eram as únicas Votantes a ter alertado Egwene quanto a seguir os conselhos de

Sheriam sem consultar o Salão. Na verdade, Delana era a única que parecia apoiar

Sheriam sem restrições, mas sempre advertia que Romanda e Lelaine também

deveriam ser ouvidas, como se realmente fosse possível seguir por três caminhos de

uma só vez. E, ainda que se pudesse contornar o Salão, tão logo a notícia da

promessa, bem como da sua revogação, chegasse aos ouvidos de Rand, seria dez

vezes mais difícil lidar com ele. Cem vezes.

Egwene só aguardou até que os lábios de Sheriam se abrissem, e então tornou a se

antecipar:

— Claro que eu falei para ele que era uma ideia ridícula.

— Claro. — A voz de Sheriam não estava tão firme quanto já estivera. Muito

bom.

— Mas você tem toda razão. A situação é delicada. É uma pena. O seu conselho

sobre como lidar com Romanda e Lelaine foi bom, mas creio que aumentar os

preparativos para um deslocamento já não seja mais suficiente.

Romanda a colocara contra a parede e a advertira com severidade quanto à pressa

levar à ruína. O exército de Gareth Bryne deveria ter seus números aumentados, até

ficar grande o bastante para que a notícia sobre o seu tamanho intimidasse Elaida.

Por sinal, Romanda não poderia ser mais contundente ao enfatizar uma vez mais que

missões diplomáticas para governantes *tinham* que ser suspensas. Somente as Aes

Sedai deveriam saber de quaisquer problemas na Torre. Lelaine não dava a mínima

nem para o exército do Lorde Bryne nem para governantes — ambos eram

irrelevantes —, embora tenha recomendado cautela e espera. As abordagens

adequadas às Aes Sedai que ainda estavam na Torre por certo dariam frutos: Elaida

poderia ser removida do Trono de Amyrlin e Egwene empossada de tal forma que

ninguém além de umas poucas irmãs jamais teria certeza do que realmente ocorreria.

Com o tempo, o fato de a Torre Branca um dia ter se rompido seria visto como não

mais que um boato de camponês. Poderia até ter dado certo, se elas tivessem mais

tempo. Caso esperar não desse a Elaida exatamente a mesma chance de atuar junto

às irmãs que estavam ali.

A outra diferença com relação a Lelaine era que ela dissera tudo aquilo com um

sorriso apropriado para se dirigir a uma noviça promissora ou a uma Aceita da qual

ela estava orgulhosa. Egwene ter redescoberto a Viagem fez com que várias Aes

Sedai sorrissem, embora só umas poucas fossem fortes o bastante para abrir um

portão maior que o necessário para a passagem de um braço, e a maioria, nem isso.

Romanda queria usar os portões para retirar da Torre o Bastão dos Juramentos e

certos outros objetos — não disseram a Egwene exatamente quais —, para que elas

pudessem elevar Aes Sedai “de verdade” em Salidar, privando Elaida dessa

capacidade, e era certo que Egwene queria ser uma Aes Sedai “de verdade”. Lelaine

concordava com esse último ponto, mas não com o uso de portões na Torre. Havia

grandes chances de que eles fossem detectados, e, se as mulheres na Torre

aprendessem a Viajar, uma vantagem importante demais seria perdida. Esses

argumentos haviam tido um peso considerável junto ao Salão, o que não deixou

Romanda nada satisfeita.

Sheriam também tinha sorrido por finalmente concordar com Lelaine em alguma

coisa, mas, àquela altura, já não sorria mais.

— Não tenho certeza se entendi, Mãe — disse ela, em um tom tolerante demais.

— Preparativos certamente são o bastante para mostrar ao Salão que você não vai se

deixar intimidar. Mas avançar antes que tudo esteja em ordem pode ter

consequências desastrosas.

Egwene deu um jeito de exibir uma expressão inocente.

— Eu entendo, Sheriam. Não sei o que eu faria sem os seus conselhos.
— Como

ela queria que chegasse o dia em que poderia acabar com aquilo. Sheriam seria uma

excelente Curadora, e talvez até uma boa Amyrlin, mas Egwene sentiria muito

prazer no dia em que pudesse ensinar à mulher que ela era a *Curadora*, não a

Amyrlin. A ela e ao Salão. — É que agora Mat está com esse exército de Devotos do

Dragão aqui na nossa porta. O que Lorde Bryne vai fazer? Ou alguns dos soldados

dele, talvez por conta própria? Todo mundo fala sobre como ele queria enviar

homens para caçar esses Devotos do Dragão que supostamente andam incendiando

aldeias. Sei que disseram para ele manter as rédeas bem curtas, mas...

— Lorde Gareth vai agir exatamente como nós... como você ordenar, e nada

mais.

— Pode ser. — Ele não estava tão feliz com essa rédea curta quanto Sheriam

acreditava. Sivan passava um bom tempo com Gareth Bryne, por mais que

reclamasse do homem, e ele lhe contava coisas. Egwene, entretanto, não podia dizer

nada a Sheriam que denunciasse a relação dos dois. — Espero que se possa dizer o

mesmo de todos os soldados dele. Não podemos nos deslocar para o oeste e entrar

em Amadícia, mas achei que talvez pudéssemos seguir rio abaixo, para Ebou Dar.

Talvez por um portão. Tenho certeza de que as Aes Sedai são bem-vindas lá. Lorde

Bryne poderia acampar fora da cidade. Se nos deslocássemos, estaríamos

ênfatizando que não vamos aceitar a... oferta de Rand, se é que pode ser chamada

disso. E se vamos fazer mais preparativos, tenho certeza de que acharíamos tudo

muito mais fácil numa cidade grande, com estradas e navios chegando e saindo do

porto.

O controle de Sheriam titubeou de novo, a ponto de chegar a deixá-la com a voz

fraca.

— Ebou Dar não é um lugar muito convidativo assim, Mãe. Algumas irmãs é algo

bem diferente de algumas centenas, ainda mais com um exército às costas. Isso pode

fazer Tylin achar que nossa intenção é tomar a cidade, Mãe. Não só Tylin como

também vários nobres altaranos que adorariam ter uma desculpa para derrubá-la e se

apossar do Trono dos Ventos. Uma enrascada desse tipo arruinaria nossa imagem

diante de todos os governantes. Não, Mãe, é totalmente fora de cogitação.

— Mas como podemos ficar aqui agora? Mat não vai fazer nada, mas basta que

um punhado de soldados de Lorde Bryne resolva fazer justiça com as próprias mãos.

— Egwene franziu o cenho olhando para as saias, alisou-as como se estivesse

preocupada, e então suspirou. — Quanto mais ficarmos aqui sentadas sem fazer nada

com um exército de Devotos do Dragão olhando para nós, pior vai ser. Não vou ficar

surpresa se ouvir boatos de que eles pretendem nos atacar, e pessoas dizendo que

deveríamos fazer isso primeiro. — Se a conversa não funcionasse, esses boatos com

certeza surgiriam. Nynaeve, Elayne, Sivan e Leane cuidariam disso. Seria perigoso,

mas ela poderia encontrar um jeito de fazer Mat recuar antes de a coisa pegar fogo,

caso se chegasse a esse ponto. — Olha, pela forma como os boatos se espalham, eu

não ficaria surpresa se em menos de um mês metade de Altara achasse que *nós*

somos Devotas do Dragão. — Esse era um boato que, se soubesse como, ela teria

refreado. O Salão não trazia mais nobres para se encontrar com Logain desde que ele

tinha sido Curado, mas os recrutadores de Bryne continuavam saindo, assim como

grupos de Aes Sedai que iam caçar novas noviças, e homens que, com suas carroças

e seus carroções, empreendiam a longa jornada até as aldeias mais próximas para

comprar comida. Cem caminhos para rumores se espalharem, e bastava um. —

Sheriam, eu sinto como se estivéssemos presas dentro de um caixote, e, se não

sairmos logo, nada de bom vai acontecer. Nada mesmo.

— A solução é mandar os Devotos do Dragão embora — retrucou Sheriam, já

sem a mesma paciência de antes. — Eu lamento deixar Mat escapar de novo, mas

não há o que fazer, infelizmente. Você disse para ele que recusávamos a *oferta*,

então mande-o embora.

— Quem me dera fosse simples assim. Não acho que basta a gente pedir a ele que

vá embora, Sheriam. Mat deu a entender que ficaria onde está até que alguma coisa

acontecesse. Ele pode estar esperando ordens de Rand, ou até o próprio Rand. Corria

um boato em Cairhien de que ele passou a gostar de Viajar de vez em

quando com



alguns daqueles homens que reuniu. Aqueles que ele está ensinando a canalizar,

sabe? Se isso acontecer, não sei o que vamos fazer.

Sheriam encarou-a, a respiração ofegante para alguém com feições tão tranquilas.

Um barulhinho à porta foi seguido por Tabiya trazendo uma bandeja de prata lisa.

Sem perceber o clima pesado, ela resolve arrumar as xícaras e o bule de chá de

porcelana verde com todo o esmero, assim como o pote de mel de prata, o jarrahinho

de creme e os guardanapos de linho com bordas rendadas, até Sheriam finalmente

explodir com a garota e mandá-la terminar logo que Tabiya soltou um ganido,

abaixou-se com os olhos arregalados para fazer uma medida que quase terminou

com sua cabeça enfiada no chão e saiu correndo.

Por um momento, enquanto recuperava a compostura, Sheriam se

ocupou em

alisar as saias.

— Talvez — disse, por fim, relutante —, seja mesmo necessário deixar Salidar.

Antes do que eu gostaria.

— Mas o único caminho que resta é o norte. — Egwene arregalou os olhos. Luz,

como ela odiava aquilo! — Vai parecer que estamos indo em direção a Tar Valon.

— Eu sei — retrucou Sheriam, quase irritada. Respirou fundo e moderou o tom.

— Me perdoe, Mãe. Me sinto um pouco... Não gosto de ser forçada a nada, e meu

medo é de que Rand al'Thor tenha nos forçado a entrar no jogo antes de estarmos

prontas.

— Vou ter uma conversa séria com ele quando o encontrar — afirmou Egwene.

— Não consigo nem imaginar o que eu faria sem os seus conselhos. — Talvez ela

descobrisse um jeito de mandar Sheriam ir estudar com as Sábias como aprendiz. A

ideia de Sheriam depois de, digamos, meio ano com Sorilea a fez abrir um sorriso

tão grande que a Curadora chegou até a sorrir de volta. — Com mel ou amargo? —

perguntou Egwene, levantando o bule.



CAPÍTULO 40

GARGALHADA INESPERADA

— Você precisa me ajudar a colocar algum juízo na cabeça delas — disse Mat sem

tirar o cachimbo da boca. — Está ouvindo, Thom?

Os dois estavam sentados em barriletes tombados na sombra pífia de uma casa de

dois andares, fumando seus cachimbos, e o menestrel velho e magrelo parecia mais

interessado em examinar a carta que Rand lhe enviara. Àquela altura, já a enfiara no

bolso do manto com o selo em cera azul ainda intacto. O zum-zum-zum de vozes e o

rangido de eixos vindos da rua no final da viela pareciam distantes. O suor pingava

do rosto de ambos. Naquele momento, ao menos uma coisa já estava resolvida. Mat

saía da Pequena Torre para descobrir que um grupo de Aes Sedai

havia arrastado

Aviendha para algum lugar. Ela não esfaquearia ninguém tão cedo.

Thom tirou o cachimbo da boca. Tinha uma piteira bem comprida, com folhas de

carvalho e nozes entalhadas.

— Uma vez eu tentei resgatar uma mulher, Mat. Laritha era um botão de rosa e

casada com um brutamontes de olhar furioso que confeccionava botas numa aldeia

onde fiz uma parada por alguns dias durante minhas viagens. Um brutamontes.

Gritava com ela caso o jantar não estivesse pronto na hora e a ameaçava com um

chicote se a visse trocar mais que duas palavras com qualquer homem.

— Thom, onde é que no Poço da Perdição isso tem alguma coisa a ver com

aquelas mulheres passarem a ter algum juízo?

— Apenas me ouça, garoto. O modo como ele tratava a mulher era de conhecimento geral na aldeia, mas foi a própria Laritha que me contou, se

lamuriando o tempo todo sobre como gostaria que alguém a resgatasse. Eu tinha

ouro na minha bolsa e uma bela carruagem, com condutor e serviçal. Eu era jovem e

bonitão. — Thom esfregou o bigode branco e suspirou. Era difícil acreditar que

aquele rosto envelhecido já havia sido bonito. Mat piscou. Uma carruagem? Desde

quando um menestrel tinha carruagem? — A situação daquela mulher partiu o meu

coração, Mat. E não vou negar que o rosto dela também me conquistou. Como eu

disse, eu era jovem, achei que estava apaixonado, como um herói saído das histórias.

Então um dia, sentado debaixo de uma macieira que estava florando, bem longe da

casa do fabricante de botas, me ofereci para levá-la embora. Eu daria uma criada e

uma casa só para ela, e a cortejaria com músicas e versos. Quando ela finalmente

entendeu, me deu um chute tão forte no joelho que passei um mês inteiro mancando,

além de ter me batido com o banco.

— Parece que todas elas gostam de dar chutes — resmungou Mat, ajustando seu

peso em cima do barrilete. — Suponho que ela não tenha acreditado em você, e

quem pode culpá-la?

— Ah, ela acreditou. E se sentiu ultrajada por eu ter achado que algum dia ela

abandonaria o amado marido dela. Palavra dela: amado. Ela saiu correndo de volta

para ele o mais rápido que os pés dela aguentavam, e só me restou escolher entre

matá-lo ou pular para dentro da minha carruagem. Tive que deixar para trás quase

tudo o que eu tinha. Creio que ela ainda esteja vivendo com ele exatamente como

antes: segurando os cordames da bolsa bem apertado em sua mão e dando com a

vassoura na cabeça dele toda vez que ele vai à estalagem para tomar

uma cerveja. De

mesmo jeito que ela sempre fez, como eu descobri depois de algumas discretas

investigações. — Ele meteu o cachimbo de volta entre os dentes como se tivesse

chegado a uma conclusão.

Mat coçou a cabeça.

— Não entendi o que uma coisa tem a ver com a outra.

— Você não deveria pensar que conhece a história toda quando só ouviu uma

parte. Por exemplo, você sabia que Elayne e Nynaeve vão partir para Ebou Dar

daqui um ou dois dias? E que Juilin e eu devemos ir junto?

— Ebou...! — Mat quase não conseguiu pegar o cachimbo antes que ele caísse

nas ervas daninhas mortas que recobriam a viela. Nalesean contara algumas histórias

sobre uma visita a Ebou Dar, e mesmo Mat sabendo que ele exagerava quando se

tratava de mulheres que conhecera e brigas em que se metera, o lugar parecia difícil.

Então elas achavam que conseguiriam levar Elayne embora na calada da noite, é? —

Thom, você precisa me ajudar...

— O quê? — interrompeu Thom. — A salvá-las do artesão de botas? — Soprou

uma serpentina de fumaça azul. — Não vou fazer isso, garoto. Você ainda não sabe

a história toda. Como você se sente com relação a Egwene e Nynaeve? Pensando

melhor, considere só Egwene.

Mat franziu a testa, imaginando se o homem pensava que conseguiria confundi-lo

ao ficar andando em círculos.

— Eu gosto de Egwene. Eu... Que a Luz me queime, Thom, ela é a Egwene. Só

isso já diz tudo. Por isso é que eu estou tentando salvar o pescoço daquela idiota.

— Salvá-la do artesanato de botas dela, você quer dizer — murmurou Thom, mas

Mat continuou.

— O pescoço dela e o de Elayne também. Até o de Nynaeve, se eu mesmo resistir

à tentação de estrangulá-la com as minhas próprias mãos. Luz! Eu só quero ajudá-

las. Além disso, Rand vai quebrar o *meu* pescoço se eu deixar alguma coisa

acontecer com Elayne.

— Você já pensou em ajudá-las a fazer o que elas querem, em vez do que você

quer? Se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito, já estaria com Elayne num cavalo a

caminho de Andor. Ela precisa fazer outras coisas primeiro, *precisa*, eu acho, então

eu fico correndo por aí atrás dela, preocupado dia e noite se alguém vai conseguir

matá-la sem que eu possa fazer nada para evitar. Ela só vai para Caemlyn quando

estiver pronta. — Cheio de complacência, Thom trago o cachimbo, mas sua voz

soou levemente cortante no final, como se não gostasse tanto das suas palavras

quanto fingia gostar.

— A impressão que eu tenho é de que elas querem entregar a cabeça delas para

Elaida. — Quer dizer que Thom estaria com aquela juvenzinha tola em cima de um

cavalo, não é? Um menestrel levando a Filha-herdeira na marra para ser coroada!

Realmente Thom se tinha em alta conta.

— Você não é bobo, Mat — disse Thom, calmo. — Você sabe muito bem.

Egwene... É difícil ver aquela criança como Amyrlin... — Mat soltou um grunhido

amargo, concordando. Thom nem lhe deu atenção. — ... mas creio que ela tenha

estômago para isso. Ainda é muito cedo para dizer se algumas coisas são só

coincidência, mas estou começando a acreditar que ela também pode ter o cérebro. A

questão é: será que ela é forte o bastante? Se lhe faltar isso, elas vão comê-la viva,

estômago, cérebro e tudo.

— Quem? Elaida?

— Ah, ela. Se tiver a chance. Essa aí tem força de sobra. Mas as Aes Sedai daqui

mal veem Egwene como Aes Sedai. Como Amyrlin, talvez, mas não como Aes

Sedai, mesmo que isso seja difícil de se acreditar. — Thom balançou a cabeça. —

Eu não entendo, mas é verdade. O mesmo vale para Elayne e Nynaeve. Elas tentam

manter isso só entre elas, mas nem as Aes Sedai disfarçam tanto quanto acreditam,

se você olhar bem e prestar atenção. — O homem tornou a puxar a carta e só ficou

virando-a nas mãos para um lado e para o outro, sem olhar. — Egwene está

caminhando na beira de um precipício, Mat, e três facções aqui em Salidar... até

onde sei são três... podem empurrá-la lá de cima se ela der um único passo em falso.

Elayne vai junto se isso acontecer, e Nynaeve também. Ou talvez elas empurrem

primeiro as duas para que Egwene seja arrastada junta.

— Só aqui em Salidar — repetiu Mat, sem emoção. Thom assentiu com a cabeça

calmamente, e Mat não conseguiu evitar que sua voz subisse de tom. — E você quer

que eu as deixe aqui?

— Quero que pare de pensar que você vai *obrigá-las* a fazer o que for. Elas já

decidiram o que vão fazer, e você não tem como mudar isso. Mas talvez, e só talvez,

você possa me ajudar a mantê-las vivas.

Mat se levantou rapidamente. A imagem de uma mulher com uma faca enterrada

entre os seios lhe viera à mente, e não se tratava de uma das lembranças

emprestadas. Ele chutou o barrilete em que estivera sentado e o fez sair rolando viela

abaixo. Ajudar um *menestrel* a mantê-las vivas? Uma lembrança tênue ressurgiu,

algo com relação a Basel Gill, um estalajadeiro de Caemlyn, falando alguma coisa a

respeito de Thom, mas foi como se Mat tentasse agarrar fumaça, e o pensamento se

dissipou.

— De quem é a carta, Thom? De alguma outra mulher que você resgatou? Ou

you a deixou num lugar onde ela poderia acabar decapitada?

— Deixei — respondeu Thom, tranquilo. Levantou-se e se afastou sem dizer mais

nenhuma palavra.

Mat fez menção de detê-lo e chegou até a abrir a boca. Só não conseguia pensar

no que dizer. *Velho maluco!* Não, não era maluco. Egwene era teimosa como uma

mula, e Nynaeve a fazia parecer dócil. Pior, ambas subiriam numa árvore para

enxergar melhor um relâmpago. Quanto a Elayne, as mulheres nobres nunca tinham

bom senso suficiente para sair da chuva. E depois ficavam indignadas quando se

molhavam.

Dando tapinhas para esvaziar o cachimbo, Mat apagou as brasas com os

calcanhares antes que as ervas daninhas secas pudessem pegar fogo, então apanhou o

chapéu no chão e saiu mancando pela rua. Precisava obter informações de uma fonte

melhor que um menestrel que tinha delírios de grandeza por ter passado tempo

demais com aquela Filha-herdeira de nariz em pé. À sua esquerda, ao longe, Mat viu

Nynaeve saindo da Pequena Torre e disparou atrás dela, serpenteando por entre

carroças puxadas por bois ou cavalos. Talvez ela pudesse ajudá-lo a entender

melhor. Se quisesse. Sentiu uma pontada no quadril. *Que me queime, ela me deve*

algumas respostas.

Foi quando Nynaeve o avistou e ficou visivelmente tensa. Por um momento,

observou-o se aproximar e então, de maneira abrupta, apressou-se na direção

contrária, numa clara tentativa de evitá-lo. Ela olhou por cima do ombro duas vezes

antes de as pessoas e as carroças a encobrirem.

Mat parou, com a expressão carrancuda, e puxou o chapéu para baixo. Primeiro, a

mulher lhe dera um pontapé sem motivo e agora se recusava a falar com ele.

Estavam querendo deixá-lo abalado, ela e Egwene, até que Mat saísse correndo

sempre que elas lhe apontassem o dedo. *Bem, elas escolheram o homem errado para*

esse joguinho, e que a Luz queime seus couros!

Vanin e os demais estavam do lado de fora de um estábulo, junto de uma

construção de pedra que, no passado, com certeza fora uma estalagem. Àquela

altura, Aes Sedai entravam e saíam do local. Pips e o restante dos cavalos estavam

amarrados a um poste, e Vanin e os dois batedores que haviam sido capturados

estavam agachados junto da parede. Não havia dois homens mais diferentes entre si

do que Marr e Ladwin; um alto, magrelo e de rosto duro, o outro baixo, troncudo e

de aspecto pacato, mas ambos pareciam absolutamente envergonhados quando Mat

apareceu. Nenhum dos dois havia se recuperado de como a captura dele tinha sido

fácil. Rijos, os dois homens do esquadrão estavam de pé e ainda seguravam os

estandartes bem justos junto às hastes, como se ainda houvesse sentido naquilo.

Pareciam mais do que só um pouco apreensivos. Uma batalha era uma coisa, todas

aquelas Aes Sedai eram outra bem diferente. Numa batalha, um homem tinha

chances de vencer. Havia dois Guardiões de olho neles. Não abertamente. Estavam

do outro lado do pátio do estábulo, mas não teriam optado por ficar ali, de pé no sol

a pino, só para conversar.

Mat alisou o focinho de Pips e, em seguida, instantes depois, começou a examinar

os olhos do cavalo. Um sujeito de colete de couro saiu do estábulo e seguiu rua

acima empurrando um carrinho de mão cheio de esterco. Vanin se aproximou para

observar o olho de Pips. Sem olhar para ele, Mat disse:

— Você consegue ir até o Bando?

— Talvez. — Vanin franziu o cenho e levantou a pálpebra de Pips. — Com um

pouco de sorte, talvez. Mas odeio ter que abandonar o meu cavalo.

Mat assentiu, observando o olho mais de perto.

— Avise a Talmanes que eu disse para ele ficar onde está. Pode ser que eu fique

aqui alguns dias, e não quero nenhuma maldita tentativa de resgate. Tente voltar

para cá. Sem ser visto, se possível.

Vanin cuspiu na poeira debaixo de Pips.

— Um homem que se mistura com Aes Sedai põe uma rédea em si mesmo e uma

sela em suas costas. Vou voltar assim que puder. — Balançando a cabeça, ele se

misturou à multidão, um gorducho desalinhado e de andar bamboleante que ninguém

suspeitaria de que fosse capaz de ser furtivo.

Um dos homens do esquadrão pigarreou com hesitação e deu um passo em

direção a Mat.

— Milorde, está tudo...? Foi isso que você planejou, não foi, milorde?

— Tudo dentro do plano, Verdin — respondeu Mat, dando tapinhas em Pips. Ele

fora enfiado de cabeça numa saca, e com os barbantes bem amarrados. Havia

prometido a Rand que levaria Elayne em segurança a Caemlyn e não podia ir

embora sem ela. E também não podia dar no pé e deixar Egwene com o pescoço

estirado no cepo. Podia ser que... Luz, como aquilo o irritava! Mas podia ser que ele

tivesse de seguir o conselho de Thom. Tentar manter a maldita cabeça daquelas

malditas mulheres sobre seus malditos ombros dando um jeito de ajudá-las a fazer

aquele plano completamente maluco dar certo. E, de quebra, tentava manter o

próprio pescoço intacto. Sem falar em deixar Aviendha bem longe da goela de

Elayne. Bem, pelo menos ele poderia estar por perto para levá-las embora quando

tudo desse errado. Belo consolo. — Está tudo indo às mil maravilhas.

* * *

Elayne esperara encontrar Aviendha na sala de espera ou talvez no lado de fora, mas

não precisou investigar muito para descobrir por que a Aiel não estava nem num

lugar nem noutro. Havia dois assuntos nas conversas entre as outras Aes Sedai, e

todas elas estavam falando, os papéis importantes abandonados sobre as mesas. A

maioria das línguas se ocupava com Mat. Até as serviçais e noviças que passavam às

pressas pela sala de espera faziam pausas na realização das suas incumbências para

trocar uma ou outra palavra a respeito dele. Ele era *ta'veren*. Era seguro permitir que

um *ta'veren* permanecesse em Salidar? Ele havia estado mesmo na

Torre e

simplesmente teve permissão para ir embora? Era verdade que comandava um

exército de Devotos do Dragão? Será que ele seria preso pelas atrocidades das quais

elas tinham ouvido falar? Era verdade que ele era da mesma aldeia que o Dragão

Renascido e a Amyrlin? Havia boatos de *dois ta'veren* ligados ao Dragão Renascido.

Quem seria o segundo e onde ele poderia ser encontrado? Talvez Mat Cauthon

soubesse. Parecia haver tantas opiniões quanto pessoas para dá-las.

Havia duas perguntas que Elayne esperava ouvir e que não ouviu: o que Mat

queria em Salidar e como Rand soubera para onde mandá-lo? Ninguém as fez, mas,

num canto, uma Aes Sedai mexia de repente no xale como se estivesse com frio e se

sobressaltava quando alguém falava com ela, e, no outro, uma serviçal parada no

meio do aposento olhava para o nada antes de recobrar a consciência com uma

sacudidela, ou uma noviça disparava olhares apavorados para as irmãs. Mat não era

exatamente um gato à solta entre os pombos, mas chegava perto. O simples fato de

Rand saber onde elas estavam parecia o suficiente para causar calafrios.

Aviendha gerava menos comentários, mas as irmãs não tinham como evitar falar

sobre ela, e não só para mudar de assunto. Não era todo dia que uma

bravia

simplesmente aparecia por conta própria, em especial com aquela força notável e,

ainda por cima, sendo uma Aiel. Esse último aspecto causava verdadeiro fascínio em

todas as irmãs. Nenhuma Aiel jamais treinara na Torre, e poucas Aes Sedai já

havam adentrado o Deserto Aiel.

Bastou uma única pergunta para ela descobrir onde estavam mantendo-a presa.

Não oficialmente presa, mas Elayne sabia como as Aes Sedai podiam ser quando

queriam que uma mulher se tornasse noviça.

— Ao cair da noite, ela já vai estar de branco — afirmou Akarrin de modo

confiante. A Marrom esbelta assentia para dar ênfase a quase todas as palavras. As

duas irmãs que a acompanhavam aquiesceram com a mesma certeza.

Resmungando sozinha, Elayne saiu apressada para a rua. À sua frente, conseguia

avistar Nynaeve quase trotando e olhando por cima do ombro com tanta frequência

que acabava esbarrando nas pessoas. Sem se importar em ter companhia, Elayne

cogitou alcançá-la, mas não estava disposta a correr naquele calor, com ou sem a

concentração que a impedia de suar, e aquela parecia ser a única alternativa. Ainda

assim, ela acabou suspendendo um pouco as saias e apertou o passo.

Antes que tivesse percorrido cinquenta passadas, sentiu Birgitte se

aproximando e

virou-se para vê-la correndo rua abaixo. Areina estava com ela, mas parou não muito

longe e cruzou os braços fazendo cara feia. A mulher era intratável, e com certeza

não mudara de opinião só porque Elayne passara a ser de fato uma Aes Sedai.

— Achei que você deveria saber — disse Birgitte, em voz baixa. — Acabei de

saber que, quando formos partir para Ebou Dar, Vandene e Adeleas vão junto.

— Entendi — murmurou Elayne. Podia ser que a dupla, por algum motivo, fosse

se juntar a Merilille, embora já houvesse três Aes Sedai na corte de Tylin, ou talvez

tivessem uma missão específica em Ebou Dar. Elayne não acreditava em nenhuma

das duas hipóteses. Areina já tinha feito seus julgamentos, e o Salão também: Elayne

e Nynaeve teriam duas Aes Sedai *de verdade* como babás. — Ela já entendeu bem

que *ela* não vai.

Birgitte espiou na direção para onde Elayne estava olhando, para Areina, e deu de

ombros.

— Ela sabe, e não está nem um pouco contente com isso. Da minha parte, não

vejo a hora de ir.

Elayne hesitou por um breve momento. Tinha prometido que guardaria segredos,

o que não gostava de fazer, mas não que pararia de tentar convencer a outra mulher

de que não havia necessidade.

— Birgitte, a Egwene...

— Não!

— Por que não? — Não fazia muito tempo que Elayne tinha Birgitte como

Guardiã quando decidira que, assim que estabelecesse um elo com Rand, daria um

jeito de obrigá-lo a prometer que ele a obedeceria, ao menos nas coisas importantes.

Nos últimos dias, ela se contentaria com uma outra promessa: ele teria que responder

às perguntas dela. Birgitte respondia quando queria, fazia-se de desentendida quando

tinha vontade e às vezes só exibía uma expressão teimosa, como era o caso naquele

momento. — Me diga por que não e, se a justificativa for boa, eu nunca mais

pergunto de novo.

De início, Birgitte apenas encarou-a com raiva, mas, em seguida, pegou Elayne

pelo braço e quase a arrastou até a entrada de uma viela. Nenhum transeunte deu

mais que uma única olhadela para as duas, e Areina permaneceu onde estava, ainda

que com uma expressão mais irritada do que antes, mas Birgitte, mesmo assim,

olhou com cuidado para os lados e falou sussurrando:

— Sempre que a Roda girou e lançou para fora, eu nasci, vivi e morri

sem saber

que estava presa à Roda. Eu só ficava sabendo disso nos intervalos, em

Tel'aran'rhiod. Algumas vezes, eu me tornei conhecida, e até famosa, mas era como

qualquer outra pessoa, e não alguém que saiu de uma lenda. Desta vez, eu fui

arrancada, não lançada. É a primeira vez em carne e osso que eu sei quem sou. Pela

primeira vez, outras pessoas também podem saber. Thom e Juilin sabem. Não falam

nada, mas eu tenho certeza. Eles não olham para mim como as outras pessoas me

olham. Se eu dissesse que iria escalar uma montanha de vidro e matar um gigante só

com as mãos, eles só perguntariam se eu iria precisar de alguma ajuda para encontrar

o caminho, e não esperariam que eu precisasse.

— Eu não estou entendendo — disse Elayne devagar e Birgitte suspirou, baixando

a cabeça.

— Não sei se estou à altura disso tudo. Em outras vidas, eu fiz o que tinha de

fazer, o que parecia certo, o bastante para Maerion, Joana ou qualquer mulher.

Agora, eu sou a *Birgitte* das histórias. Todos que sabem disso vão ter *expectativas*.

Me sinto como uma dançarina com tanga de pena chegando num conclave tovano.

Elayne nem perguntou. Quando Birgitte mencionava coisas de vidas passadas, as

explicações costumavam gerar mais confusão que a pura ignorância.

— Isso é bobagem — opinou ela com firmeza, pegando a outra mulher pelo

braço. — *Eu sei, e eu com certeza não espero que você saia matando gigantes.*

Egwene também não. E ela *já* sabe.

— Enquanto eu não admitir — resmungou Birgitte — é como se ela não soubesse.

Nem tenha o trabalho de dizer que isso também é bobagem. Eu sei que é, e isso não

muda nada.

— E o que você me diz do seguinte: ela é a Amyrlin e você é uma Guardiã. Ela

merece a sua confiança, Birgitte. Ela precisa dela.

— Você já terminou o que tinha para fazer com ela? — quis saber Areina, a uma

passada de distância. — Se você está indo embora e vai me abandonar, o mínimo

que pode fazer é me ajudar com o arco, como disse que faria.

— Eu vou pensar — disse Birgitte, com tranquilidade, para Elayne. Virando-se

para Areina, ela pegou a mulher pela trança junto à base da nuca. — Nós vamos

conversar sobre o arco, sim — confirmou, puxando-a para cima —, mas, primeiro,

vamos falar sobre boas maneiras.

Balançando a cabeça, Elayne de repente se lembrou de Aviendha e saiu às pressas.

A casa não ficava muito longe.

Ela levou um momento para reconhecer Aviendha. Estava acostumada a vê-la de

cadin'sor, com seu cabelo avermelhado cortado bem curto, não de saia, blusa e xale,

com o cabelo abaixo dos ombros e preso atrás da cabeça por um lenço dobrado. À

primeira vista, não parecia estar em nenhuma dificuldade. Sentada meio sem jeito

numa cadeira — os Aiel não estavam habituados a cadeiras —, dava a impressão de

estar bebericando chá em absoluta paz com outras cinco irmãs que formavam um

círculo na sala de estar. Casas que abrigavam Aes Sedai tinham essas coisas, apesar

de Elayne e Nynaeve ainda estarem em seu quartinho apertado. Numa segunda

análise, Aviendha lançava olhares assustados para as Aes Sedai por cima da borda

da xícara de chá. Não houve tempo para uma terceira análise. Ao ver Elayne,

Aviendha se pôs de pé instintivamente e deixou a xícara cair no chão limpo. Exceto

na Pedra de Tear, Elayne tinha visto poucos Aiel, mas sabia que eles escondiam suas

emoções, coisa que Aviendha fazia muito bem. Só que, dessa vez, sua expressão era

sofrida.

— Me desculpem — disse Elayne para todas as presentes em um tom suave —,

mas eu preciso tirá-la da conversa com vocês por alguns momentos. Talvez vocês

possam falar com ela mais tarde.

A hesitação de várias irmãs beirou os protestos, embora não devesse ter havido

nenhuma. Era bem claro que ela era, de longe, a mais forte do aposento, tirando

Aviendha, e nenhuma daquelas Aes Sedai era Votante ou fazia parte do conselho de

Sheriam. Elayne ficou muito feliz por Myrelle não estar lá, já que a mulher morava

na casa. Ela optara pela Verde, fora aceita, e só então descobriu que Myrelle era a

líder da Ajah Verde em Salidar. Myrelle, que não fazia nem quinze anos que era Aes

Sedai. Com base em coisas que já haviam sido ditas, Elayne sabia que existiam

Verdes em Salidar que já usavam o xale havia ao menos cinquenta anos, embora

nenhuma delas exibisse um único fio grisalho. Se Myrelle estivesse presente, toda a

força de Elayne não teria valido de nada caso a líder da sua Ajah quisesse manter

Aviendha ali. Como não era o caso, apenas Shana, uma Branca dos olhos saltados

que Elayne achava parecida com um peixe, não fez mais que abrir a boca um pouco

mais e depois tornar a fechá-la, ainda que de forma bem contrariada, após Elayne ter

erguido uma das sobrancelhas.

As cinco mais que comprimiram os lábios, mas Elayne ignorou a tensão.

— Obrigada — agradeceu, com um sorriso sem vontade.

Aviendha jogou uma trouxa escura nas costas, mas só deixou de hesitar quando

Elayne de fato pediu para ela ir. Já na rua, Elayne disse:

— Peço desculpas por elas. Vou tomar cuidado para que não se repita.

— Ela

devia ser capaz de proteger Aviendha, tinha certeza. Ou Egwene seria, por certo. —

Infelizmente não há muitos lugares para se conversar a sós. Meu quarto é bem

quente a esta hora do dia. Poderíamos tentar encontrar uma sombra, ou tomar um

chá, caso elas ainda não tenham entupido você.

— No seu quarto. — Ela não chegou a ser exatamente rude, mas estava claro que

Aviendha não queria conversar, ainda não. De repente, ela disparou na direção de

uma carroça com lenha que passava e apanhou um dos galhos que seriam partidos

em gravetos, maior que seu braço e mais grosso que seu polegar. A Aiel voltou para

perto de Elayne e começou a descascá-lo com a faca do seu cinto. A lâmina afiada

raspava os galhinhos menores feito uma navalha. A expressão não era mais sofrida.

Ela parecia determinada.

Elayne observou-a de soslaio enquanto as duas caminhavam. Não pensava que

Aviendha pretendia lhe fazer qualquer mal, a despeito do que dissera aquele ogro

chamado Mat Cauthon. E então... Ela sabia um pouco sobre *ji'e'toh*. Aviendha lhe

explicara alguns pontos quando elas estiveram juntas na Pedra. Talvez Rand tivesse

dito ou feito algo. Talvez aquele labirinto desconcertante de honras e obrigações

exigisse que Aviendha... Não parecia possível. Mas talvez...

Quando chegaram ao quarto, Elayne decidiu tocar primeiro no assunto. Cara a

cara com a outra mulher — e, muito deliberadamente, sem abraçar *saidar* —, ela

falou:

— Mat diz que você veio até aqui para me matar.

Aviendha ficou sem reação.

— Aguacentos sempre invertem tudo — afirmou, surpresa. Ela deixou o graveto

no pé da cama de Nynaeve e depositou a faca ao lado com todo o cuidado. — Minha

quase-irmã Egwene me pediu para vigiar Rand al'Thor para você, o que eu prometi

que faria. — A trouxa e o xale foram parar no chão junto da porta. — Tenho *toh*

para com ela, mas maior ainda para com você. — Ela desamarrou a blusa, puxou-a

por sobre a cabeça, depois baixou a anágua até a cintura. — Eu amo Rand al'Thor, e

certa vez me permiti me deitar com ele. Tenho *toh*, e peço a você que me ajude a

cumpri-la. — Virando-se de costas, ficou de joelhos no pequeno espaço que ainda

restava. — Você pode usar o graveto ou a faca como quiser. A *toh* é minha, mas a

escolha é sua. — Aviendha ergueu o queixo e esticou o pescoço. Seus olhos se

fecharam. — O que você escolher, eu aceito.

Elayne pensou que seus joelhos fossem ceder. Min dissera que a terceira mulher

seria perigosa, mas Aviendha? *Espere! Ela disse que... Com Rand!* Sua mão se

contraiu em direção à faca em cima da cama, e ela tratou de cruzar os braços,

prendendo as mãos junto do corpo.

— Levante-se. E vista a sua blusa. Eu *não* vou bater em você... — Talvez só

algumas vezes? Ela retesou os braços para manter as mãos onde estavam. — E *com*

certeza não vou encostar naquela faca. Por favor, tire isso daqui. — Elayne até a

teria entregado para a outra mulher, mas não estava certa de que era seguro tocar em

uma arma naquele momento. — Você não tem *toh* para comigo. — Acreditava que a

frase fosse aquela. — Eu amo Rand, mas não me importo se você o amar também.

— A mentira lhe queimou a língua. Aviendha havia mesmo *se deitado* com ele?

Girando de um lado para o outro ainda de joelhos, Aviendha franziu o cenho.

— Não tenho certeza se entendi. Você está propondo dividi-lo comigo? Elayne,

nós somos amigas, eu acho, mas, se vamos ser esposas-irmãs, devemos ser como

irmãs-primeiras. Vai levar tempo para saber se podemos ser.

Ao perceber que sua boca estava escancarada, Elayne fechou-a.

— Suponho que sim — ponderou com a voz fraca. Min vivia dizendo que elas

iriam dividi-lo, mas com certeza não daquele jeito! Só pensar naquilo já era

indecente! — É um pouco mais complicado do que você sabe. Tem uma outra

mulher que também o ama.

Aviendha ficou de pé tão rápido que simplesmente pareceu estar num lugar e,

logo depois, no outro.

— Qual é o nome dela? — Seus olhos verdes ardiam, e a tal faca estava em sua

mão.



Elayne quase gargalhou. *Uma hora, fala de dividir, na outra, fica tão violenta*

quanto... quanto... Tão violenta quanto eu, concluiu, não muito contente com o

pensamento. Aquilo poderia ter sido pior, bem pior. Poderia ter sido Berelain. Já

que teria de ser alguém, melhor que fosse Aviendha. *E é melhor eu aceitar, em vez*

de ficar chutando as minhas saias como se fosse uma criancinha. Ela se sentou na

cama e entrelaçou as mãos no colo.

— Trate de embainhar isso e se sente aqui, Aviendha. E, por favor, vista a sua

blusa. Tenho uma porção de coisas para falar com você. Tem uma mulher, uma

amiga minha, minha quase-irmã, chamada Min...

Aviendha chegou a se vestir, mas se passou um tempo considerável até que ela se

sentasse, e outro ainda mais considerável até que Elayne conseguisse convencê-la de

que elas não deveriam se juntar para matar Min. Ao menos com isso Aviendha

concordou. Relutante, ela disse:

— Eu preciso conhecê-la. Não vou dividi-lo com uma mulher que eu não consiga

amar como uma irmã-primeira. — E tudo isso com um olhar inquisitivo para Elayne,

que suspirou.

Aviendha consideraria dividi-lo com ela. Min estava preparada para dividi-lo com

ela. Seria ela a única normal das três? Com base no mapa sob o colchão, Min deveria

estar em Caemlyn em pouco tempo, ou talvez já estivesse. Elayne não sabia o que

queria que acontecesse lá, apenas que Min usasse suas visões para ajudá-lo. O que

significava que Min tinha que permanecer perto dele. Enquanto Elayne ia para Ebou

Dar.

— Existe alguma coisa simples na vida, Aviendha?

— Não quando envolve homens.

Elayne não sabia qual a surpresa maior: a gargalhada dela ou a de Aviendha.



CAPÍTULO 41

UMA AMEAÇA

Apesar de conduzir o cavalo a um passo lento pelas ruas de Caemlyn, exposta sob o

sol escaldante do meio da manhã, Min não viu muito da cidade. Mal reparou nas

pessoas a pé ou em liteiras, carroções e carruagens que atulhavam a cidade, exceto

quando desviava a égua baia ou abria caminho para alguém. Sempre sonhara em

morar em uma cidade grande e viajar para lugares estranhos, mas as torres coloridas

cobertas de azulejos cintilantes e a linda vista das colinas quase

passaram

despercebidas. Grupos de Aiel caminhavam pela multidão, atraindo a atenção

conforme as pessoas lhes davam passagem. Seu olhar também se voltava para as

patrulhas de homens a cavalo, todos com nariz aquilino e quase sempre barbados,

mas só porque elas se lembravam dos boatos que chegaram à boca do povo quando

ela ainda estava em Murandy. Merana ficara irritada com aquelas histórias, e ainda

mais nas duas vezes em que toparam com os restos carbonizados que indicavam a

passagem dos Devotos do Dragão, mas Min achava que algumas das outras Aes

Sedai estavam mais para preocupadas do que para irritadas. O melhor era evitar falar

sobre o que achavam da anistia de Rand.

Parou diante da praça em frente ao Palácio Real, puxando as rédeas de Rosa, e

secou o suor do rosto com toda a delicadeza, usando um lenço de bordas rendadas

que tratou de enfiar de volta na manga do casaco. Apenas umas poucas pessoas

pontilhavam a grande praça oval, mas essa ausência de gente talvez pudesse ser

explicada pelos Aiel montando guarda nos portões principais do palácio, bem

abertos. Havia mais Aiel de pé nas varandas de mármore e andando para lá e para cá

pelas pontes e travessias elevadas, apoiadas em colunas. O Leão

Branco de Andor

tremulava ao sabor da brisa acima da cúpula mais alta do palácio, e outra bandeira

carmesim panejava em um dos pináculos, um pouco mais baixo que a cúpula branca.

A brisa movia o tecido rubro apenas o suficiente para deixar ver o antigo símbolo

das Aes Sedai, preto e branco.

Vendo os Aiel, ficou feliz por ter recusado a oferta de uma dupla de Guardiões

como escolta — suspeitava de que misturar os dois grupos poderia causar atritos. E

também não fora exatamente uma oferta, e sua recusa só fora bem-sucedida por Min

ter ido embora de fininho uma hora antes do que deveria estar marcado no relógio da

cornija da lareira da estalagem. Quando as duas finalmente chegaram, logo antes do

amanhecer, foram direto para o que Merana, que era de Caemlyn, dizia ser a melhor

estalagem da Cidade Nova.

Ainda assim, não eram os Aiel que deixavam Min hesitante — ao menos não só

eles, pois já ouvira toda sorte de histórias terríveis sobre Aiel de véus negros. Ela

usava casaco e calças da melhor e mais suave lã que se podia encontrar em Salidar,

toda de um tom rosa-claro e com florezinhas azuis e brancas bordadas nas lapelas,

nos punhos e pela lateral externa das pernas. A camisa também tinha o corte típico

das vestimentas masculinas, mas era de seda creme. Depois que seu pai morrera,

quando ainda estava em Baerlon, as tias tentaram transformá-la no que alegavam ser

uma “mulher direita” — tia Miren talvez soubesse que, depois de Min passar dez

anos nas minas usando roupas de menino, talvez fosse tarde demais para enfiar a

sobrinha em vestidos, mas elas tentaram mesmo assim. Min combateu as tentativas

com a mesma teimosia com que se recusara a aprender a manejar a agulha. Tirando

aquele episódio infeliz quando estava servindo mesas na estalagem Pouso dos

Mineiros — o lugar era barra-pesada, mas ela não passara muito tempo lá: assim que

ficaram sabendo do novo trabalho de Min, Rana, Jan e Miren fizeram questão de

tirá-la de lá, apesar dos protestos da sobrinha sobre já ter vinte anos. Tirando essa

única vez, nunca usara um vestido de bom grado. Só que, ali parada, estava

pensando que talvez devesse ter mandado fazer um, em vez de usar aquele conjunto

de casaco e calças. Quem sabe um vestido de seda, com decote profundo e justo no

corpete e...

Ele vai ter que me aceitar como sou, pensou, irritada, mexendo nas rédeas. Não

vou mudar por homem nenhum. Ainda assim, nem tanto tempo antes Min teria usado

roupas tão simples como as de um fazendeiro, não estaria com o cabelo quase até os

ombros e arrumado em cachos, e não ouviria aquela vozinha sussurrando em sua

mente: *Você vai ser o que achar que ele quer que seja.* Min massacrou aquelas

palavras com a mesma força e intensidade com que massacrava qualquer cavaliço

que tentava ser mais grosseiro e, com um mínimo a mais de delicadeza, esporou

Rosa. Sentia ódio só de pensar em como as mulheres podiam ser fracas quando se

tratava de um homem. Só que o problema é que tinha quase certeza de que, muito

em breve, sentiria aquela fraqueza na pele.

Desmontou bem na frente dos portões do palácio e, examinando os Aiel com

desconfiança, deu um tapinha amigável na égua, explicando que o chute não fora de

propósito. Metade dos Aiel ali eram mulheres e, tirando uma, eram todas bem mais

altas que ela. Os homens eram quase sempre tão grandes quanto Rand, alguns até

maiores. Todos estavam bem atentos à sua presença — bem, pareciam atentos a

tudo, então com certeza também estavam prestando atenção nela. De tão atentos,

parecia que nenhum deles sequer piscava. Portavam lanças e broquéis, além dos

arcos presos às costas e as aljavas na cintura, junto das facas largas — pareciam

prontos para matar. Aquelas tiras de pano negro pendendo sobre o peito deviam ser

os véus. Já ouvira falar que os Aiel não matavam ninguém sem cobrir os rostos.

Espero que seja verdade.

Decidiu falar com a menor mulher ali. O rosto bronzeado, emoldurado por um

cabelo ruivo reluzente e tão curto quanto Min usava antes, era tão rígido que poderia

muito bem ter sido entalhada em madeira, mas a mulher chegava até a ser um pouco

mais baixa que ela.

— Vim ver Rand al'Thor — anunciou, um tanto insegura. — O Dragão

Renascido. — Aqueles Aiel não piscavam nunca? — Eu me chamo Min. Ele me

conhece, e trago uma mensagem importante.

A ruiva se virou para as outras Aiel, fazendo alguns gestos rápidos com a mão

livre. Quando ela se virou de volta para responder, as mulheres estavam rindo.

— Vou levá-la até ele, Min. Mas se ele não souber quem você é, vai sair de lá

muito mais rápido do que entrou. — Algumas das Aiel também riram disso. — Eu

me chamo Enaila.

— Ele me conhece — insistiu Min, ruborizando. Levava um par de facas

escondidas nas mangas do casaco. Aprendera a usar as lâminas com Thom Merrilin,

mas tinha a sensação de que aquela Enaila não teria dificuldades em

desarmá-la e

descascá-la com as próprias facas. Viu uma imagem tremeluzir sobre a cabeça da

mulher, mas desapareceu rápido. Alguma guirlanda, mas não tinha ideia do que

poderia significar. — É para eu levar minha égua junto? Acho que Rand não está

com saudades dela. — Para sua surpresa, alguns dos Aiel deram risadinhas, tanto

homens quanto mulheres, e Enaila contorceu os lábios, como se também quisesse rir.

Um sujeito veio pegar Rosa — também parecia Aiel, apesar dos olhos tristonhos e

do robe branco —, então ela acompanhou Enaila portões adentro, cruzando um largo

pátio até o Palácio propriamente dito. Foi um certo alívio ver serviçais de uniforme

vermelho e branco atravessando apressados os corredores repletos de tapeçarias,

todos observando os Aiel que ficavam por ali com cautela — mas a mesma cautela

com que olhariam para um cão estranho. Min já estava achando que encontraria um

Palácio povoado apenas de Aiel, com Rand cercado por aquela gente, talvez até

usando casaco e calças naqueles tons de marrom, cinza e verde e encarando-a sem

nunca piscar.

Enaila a levou até portas duplas, largas e imensas, entalhadas com leões. Estavam

abertas, e ela fez uma pausa e deu um aceno para a Aiel que estava de

guarda. Todas

ali eram mulheres. Uma delas, de cabelo claro e consideravelmente mais alta do que

a maioria dos homens, remexeu os dedos em resposta.

— Espere aqui — advertiu Enaila, e entrou.

Min fez menção de segui-la, mas, em um movimento despreocupado, a Aiel de

cabelos claros bloqueou seu caminho com a lança — quer dizer, talvez não tenha

sido tão despreocupado, mas Min não ligava. Consequia ver Rand dali.

Ele estava sentado em um grande trono dourado que parecia todo feito de

Dragões, usando um casaco vermelho cheio de brocados de ouro, e, para a surpresa

de Min, portava um cabo de lança borlado verde e branco. Um segundo trono,

também dourado, repousava sobre um pedestal logo atrás, esse com um leão de

pedras preciosas brancas encrustado no fundo vermelho. O Trono do Leão, segundo

os rumores. Bem, Rand poderia estar usando o trono até como apoio para os pés e

Min não teria se importado. Ele parecia cansado. Ah, e era tão bonito que ela sentia

um aperto no peito. Via imagens dançando ao redor dele, sem parar. Quando aquela

enxurrada acontecia com as Aes Sedai e os Guardiões, ela sempre tentava sair de

perto — não sabia o que significavam as visões, não mais do que saberia se fosse

outra pessoa qualquer, mas as visões estavam *sempre* lá. Com Rand, Min precisava

se concentrar para vê-las, senão ficaria apenas encarando o rosto dele. Uma das

imagens ela já conhecia, pois a vira toda vez que esteve diante dele: milhares de

luzes cintilantes, como estrelas ou pirilampos, investiam contra uma massa escura

enorme, querendo preenchê-la, mas acabavam engolidas. Parecia que tinha mais

luzes do que nunca, mas a escuridão também absorvia os pontos brilhantes mais

depressa. E tinha algo mais, algo novo: uma aura amarela, marrom e roxa que fez

seu estômago se retesar.

Tentou examinar as imagens dos nobres parados diante de Rand — só podiam ser

nobres, com aqueles casacos bordados e ricos vestidos de seda —, mas não havia o

que ver — e era quase sempre assim, com quase todos; quando ela de fato via algo,

era quase certo que não teria ideia do que a imagem predizia. Ainda assim, estreitou

os olhos e tentou. Se conseguisse identificar uma imagem, uma aura que fosse,

talvez pudesse ajudar Rand. Pelas histórias que ouvira desde que chegara a Andor,

Rand parecia precisar de toda a ajuda que pudesse ter.

Suspirando pesadamente, ela enfim desistiu. Estreitar os olhos e forçar a vista só

faria diferença se houvesse o que ver.

Foi quando notou que os nobres estavam se retirando. Rand se levantou e Enaila

gesticulou para que ela entrasse. Rand estava sorrindo, e Min achou que o coração

fosse sair pela boca. Então era assim que se sentiam aquelas mulheres de quem ela

tanto rira ao vê-las se jogando aos pés de algum homem. Não. *Ela* não era frívola.

Era mais velha que Rand, dera seu primeiro beijo quando, para ele, pastorear ovelhas

ainda era a coisa mais divertida do mundo, tinha... *Luz, por favor, que meus joelhos*

não cedam.

* * *

Rand largou o Cetro do Dragão na poltrona em que estivera sentado, saltou do

estrado de um pulo só e atravessou correndo o Grande Salão. Assim que alcançou

Min, agarrou-a em um abraço e a rodopiou no ar várias vezes, sem nem esperar

Dyelin e os outros saírem. Alguns nobres ficaram olhando. Que olhassem à vontade:

Rand não estava nem aí.

— Luz, Min, mas como é bom ver seu rosto!

Ele riu. Era um rosto consideravelmente melhor que as feições pétreas de Dyelin

ou de Ellorien. E teria ficado feliz em vê-la mesmo que Aemlyn, Arathelle, Pelivar,

Luan e todos os outros parecessem felizes com a notícia de que Elayne estava a

caminho de Caemyln, em vez de simplesmente o encararem cheios de dúvida,

parecendo achar que ele estava mentindo.

Quando ele a botou de volta no chão, Min se deixou cair contra seu peito,

abraçando-o com força, ofegante.

— Ah, me desculpe — pediu Rand. — Não queria deixar você tonta. É que estou

mesmo feliz em vê-la.

— Bem, e você realmente me deixou tonta, seu pastorzinho cabeça de lâ —

balbuciou ela contra seu peito. Min se afastou e, de cara feia, ergueu os olhos de

cílios compridos para ele. — A cavalgada foi bem longa, cheguei praticamente no

meio da noite, e você me joga de um lado e para o outro feito uma saca de aveia.

Não lhe ensinaram a ter modos?

— Cabeça de lâ! — Ele riu baixinho. — Min, pode me chamar de mentiroso, se

quiser, mas juro que senti saudade de ouvir você me chamar assim.

Ela não respondeu, só ergueu os olhos para ele, já sem fazer cara feia. Seus cílios

de fato pareciam mais compridos do que ele se recordava.

Rand se lembrou de onde estavam, então segurou sua mão e a puxou atrás de si. O

salão do trono não era lugar para reencontrar velhos amigos.

— Vamos, Min. Podemos tomar um ponche gelado na sala de estar. Somara, vou

para meus aposentos. Pode mandar todo mundo embora.

Somara não pareceu muito feliz com aquilo, mas dispensou todas as Donzelas,

restando apenas ela mesma e Enaila. Ambas pareciam um pouco emburradas, o que

Rand não compreendeu. Ele só permitira que Somara mantivesse tantos Aiel dentro

do palácio porque Dyelin e os outros tinham ido visitá-lo. E Bashere estava fora, no

acampamento dos cavaleiros dele ao norte da cidade, pelo mesmo motivo. As

Donzelas ficaram no palácio como lembrete, e Bashere fora mandado para longe

porque talvez fosse lembrete demais. Esperava que aquelas duas não planejassem

dar uma de mãe — achava que elas se revezavam mais do que deviam na guarda

dele, mas Nandera era tão irredutível quanto Sulin, quando ele tentava definir que

donzela deveria fazer o quê. Rand até podia comandar as *Far Dareis Mai*, mas não

era uma Donzela, e aquilo não era da sua conta.

Enquanto conduzia Min pela mão pelo corredor, viu que ela analisava as

tapeçarias, as mesas, os baús incrustados, as vasilhas douradas e os vasos compridos

de porcelana do Povo do Mar arrumados em alguns nichos. A jovem examinou

Enaila e Somara da cabeça aos pés três vezes, mas mal olhou para ele e não disse

uma palavra. Sua mão envolvia toda a dela, e Rand podia sentir a

pulsação de Min

mais acelerada que cavalos a galope. Torcia para que ela não estivesse irritada de

verdade por ele tê-la deixado tonta.

Para seu imenso alívio, Somara e Enaila assumiram seus lugares uma de cada lado

da porta. Ainda assim, elas apenas o encararam quando ele pediu ponche, e Rand

precisou se repetir. Na sala de estar, ele tirou o casaco e o jogou sobre uma cadeira.

— Sente-se, Min. Sente-se. Fique à vontade. Alguém já deve estar trazendo o

ponche. Agora me conte tudo. Por onde você andou, como chegou aqui, por que

chegou no meio da noite. Não é muito seguro viajar de noite, Min. E menos ainda

nesses tempos. Vou botar você nos melhores aposentos do Palácio. Quer dizer, no

segundo melhor, já que estou ocupando os melhores. E vou destacar uma escolta

Aiel para levar você aonde quiser. Qualquer encenqueiro vai tirar o chapéu e

abaixar a cabeça na hora, isso se não sair correndo pelas ruas laterais de onde você

estiver passando.

Rand achou que ela fosse rir, parada junto à porta, mas Min apenas respirou fundo

e sacou uma carta do bolso.

— Não posso contar de onde vim. Eu prometi, Rand. Mas Elayne está lá e...

— Salidar — interrompeu ele, então sorriu ao vê-la arregalar os olhos, surpresa.

— Eu sei de algumas coisas, Min. Talvez mais do que acham que sei.

— É... parece que sabe mesmo — retrucou ela, sem forças. Então empurrou a

carta nas mãos dele e se afastou de volta. Com a voz mais firme, completou:

— Jurei que lhe entregaria isto assim que o visse. Leia de uma vez.

Rand reconheceu o selo — um lírio pressionado na cera amarela escura — ao lado

de seu nome, escrito na caligrafia floreada de Elayne, e hesitou antes de abrir. Era

melhor acabar tudo de uma vez, e Rand tomara o cuidado de acabar com tudo

mesmo, mas não conseguiu se conter ao ver aquela carta em suas mãos. Leu, então

se sentou, sem reparar que estava em cima do casaco, e leu de novo. Era bem curta.

Rand,

Deixei meus sentimentos bem claros, e saiba que nada mudou.

Espero que você sinta por mim o mesmo que sinto por você. Min

pode ajudá-lo, se você aceitar os conselhos dela. Eu a amo como a

uma irmã, e espero que você a ame da mesma forma.

Elayne

A tinta devia estar acabando, porque as últimas linhas saíram em um garrancho

apressado, bem diferente da caligrafia elegante do restante da mensagem. Min

passara aquele tempo todo inquieta, se remexendo e tentando ler a

carta sem que ele

reparasse, mas se afastou depressa quando ele se levantou para tirar o casaco de

baixo do corpo — o *angreal* do homenzinho gordo estava no bolso, incomodando.

— Será que todas as mulheres fazem o possível para enlouquecer os homens? —

murmurou.

— O quê?

Rand fitou a carta e murmurou, quase falando sozinho.

— Elayne é tão linda que é difícil tirar os olhos dela, mas metade das vezes não

sei se ela quer que eu a beije ou que eu me ajoelhe a seus pés. E é verdade que

algumas vezes eu quis mesmo me ajoelhar e... e idolatrá-la, a Luz que me ajude.

Aqui ela diz que eu sei como ela se sente, mas recebi duas cartas antes desta; uma

cheia de declarações de amor e a outra dizendo que ela nunca mais queria me ver.

Ah, quantas vezes não fiquei desejando que a primeira fosse verdade e a outra fosse

alguma brincadeira, um engano ou... E tem Aviendha. Ela também é bem bonita,

mas cada dia era uma batalha. Nada de me beijar, não mais, e não deixava nenhuma

dúvida do que sente por mim. E acho que ela ficou mais feliz de poder se afastar de

mim do que eu fiquei em vê-la partir. Só que continuo achando que vou vê-la

sempre que me viro. E, quando não a vejo, é como se faltasse um pedaço de mim.

Até sinto falta daquela luta constante, e algumas vezes me pego pensando: *há coisas*

pelas quais vale a pena lutar.

Algo no silêncio de Min o fez erguer os olhos. Ela o encarava, o rosto tão

inexpressivo quanto o de uma Aes Sedai.

— Ninguém nunca lhe falou que não é educado falar de uma mulher para outra?

— Sua voz estava completamente neutra. — E muito menos de *duas* outras?

— Min, você é minha amiga — protestou ele. — Não vejo você como mulher.

Era a coisa errada a se dizer, e ele soube assim que as palavras saíram da boca.

— Ah, é?

Ela arrancou o casaco e plantou as mãos na cintura. Não era aquela postura

irritada tão familiar, nada disso. Apoiara as mãos de forma que os dedos apontavam

para cima, em vez de na direção do umbigo, e por algum motivo isso fazia toda a

diferença. Além disso, ela ficou parada com um dos joelhos um pouco flexionado, e

aquilo... Pela primeira vez, Rand a enxergou de verdade. Não viu apenas sua amiga

Min, também notou sua aparência. Ela não usava o casaco marrom e comum e as

calças de sempre, e sim um traje vermelho-claro com bordados. E não usava mais o

cabelo cortado de qualquer jeito e mal cobrindo as orelhas, agora tinha cachos que

chegavam até o pescoço.

— Eu por acaso pareço um menino?

— Min, eu...

— Eu pareço um homem? Um cavalo?

Em um único passo rápido, a jovem cruzou a distância entre eles dois e se plantou

em seu colo.

— Min — começou Rand, perplexo —, o que você está fazendo?

— Convencendo você de que eu sou mulher, seu cabeça de lã. Eu não pareço uma

mulher? Não tenho cheiro de mulher? — Rand só agora percebia o leve perfume de

flores que emanava dela. — Meu toque não é...? Bem, já chega. Responda à

pergunta, pastorzinho.

Rand teria ficado alarmado, mas o “pastorzinho” e o “cabeça de lã” o tranquilizaram. Na verdade, era bom senti-la sentada em seu colo. Mas aquela era

Min, que o achava um camponês com cabelo ainda cheio de feno e sem nenhum

juízo.

— Luz, Min, eu sei que você é mulher. Não falei por mal, mas você também é

minha amiga. Eu me sinto à vontade com você, é isso. Não me importo de fazer

papel de bobo na sua frente. Posso lhe contar coisas que não diria a mais ninguém,

nem mesmo para Mat ou Perrin. Quando estou com você, eu relaxo e todo o peso em

meus ombros parece desaparecer. Entende? Eu gosto de ficar perto de você. E senti

saudades.

Cruzando os braços, Min olhou para ele de soslaio, franzindo o cenho. Ela sacudia

a perna — se o pé encostasse no chão, ela estaria batendo o pé, ansiosa e impaciente.

— E toda aquela conversa sobre Elayne e essa... Aviendha. Quem é ela, aliás?

Parece que você ama as duas. Ah, pare de enrolar! Você me deve algumas respostas,

depois de dizer que não sou... Bem, responda de uma vez: você ama as duas?

— Pode ser que sim — respondeu ele, hesitante. — Que a Luz me ajude, acho que

amo, sim. Ah, Min, o que eu sou: um devasso, ou só um idiota ganancioso? — Min

abriu a boca, então fechou e balançou a cabeça, irritada, comprimindo os lábios.

Rand se apressou para explicar, antes que ela pudesse lhe dizer qual das duas

combinava mais com ele. Não queria ouvir aquilo vindo dela, não mesmo. — Ah,

seja como for, isso não importa mais. Acabou. Mandeí Aviendha embora e não vou

deixar que ela volte. Nem vou me permitir ficar a uma milha que seja dela e de

Elayne. Ou mesmo dez milhas, se puder impedir.

— Pela Luz...! Por quê, Rand? O que lhe dá o direito de fazer uma

escolha dessas

por elas?

— Você não entende, Min? Eu sou um alvo. E qualquer mulher que eu ame

também se torna um alvo. A flecha pode acertar essa mulher, mesmo que estejam

mirando em mim. E poderia ser mirada nela. — Ele soltou um suspiro e se recostou,

apoiando os cotovelos nos braços com entalhes de rosas da poltrona. Min se virou

um pouco, examinando-o com a expressão mais séria que ele já vira em seu rosto.

Min estava sempre sorrindo, sempre parecia se divertir um pouco com tudo. Era

bom ver que ela não parecia se divertir muito naquela situação; ele próprio estava

seriíssimo. — Lan me falou que pareço com ele em muitas coisas, e é verdade. E

disse que existem homens que irradiam morte. Como ele. E eu. Quando um homem

desse se apaixona, o melhor presente que pode dar à mulher é se manter o mais

longe possível dela. Você entende?

— O que eu entendo... — Ela hesitou por um momento. — Olha só, eu sou

mesmo sua amiga, é verdade, e acho ótimo que você saiba disso. Mas não vá

pensando que vou desistir. Ainda vou convencer você de que eu não sou nem um

homem nem um cavalo.

— Min, eu disse que...

— Ah, não, pastorzinho. Isso não basta. — Ela se contorceu em seu colo de um

jeito que o fez pigarrear, então cutucou seu peito, ameaçadora. — Quero ver

lágrimas nos seus olhos, quando você se convencer. Quero você babando e

gaguejando. Não pense que não vou fazer você pagar por isso.

Rand não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Min, é tão bom ter você aqui. Você só me vê como um plebeu de Dois Rios,

não é?

O temperamento dela mudou do nada, rápido como um relâmpago.

— Eu vejo você, Rand — rebateu ela, estranhamente calma. — Eu só vejo você.

— Min pigarreou e se ajeitou, toda empertigada, botando as mãos nos joelhos. Pelo

menos o mais empertigada que dava para ficar sentada no colo dele.

— Melhor eu

continuar com o que vim fazer aqui. Parece que você já sabe de Salidar. Garanto que

isso vai surpreender muita gente. Mas o que você provavelmente não sabe é que não

vim sozinha. Tem uma missão diplomática de Salidar aqui em Caemlyn, elas vieram

ver você.

Lews Therin praguejou baixinho, como um trovão ao longe. Desde Alanna e a

criação do elo, qualquer menção às Aes Sedai sempre o despertava tão facilmente

quanto a presença de Taim.

Mesmo com os resmungos de Lews Therin, Rand quase sorriu. Suspeitara de que

Salidar enviara alguém assim que Min lhe entregou a carta de Elayne, e, bem, a

confirmação era mais uma prova de que estava certo em seu palpite de que as Aes

Sedai de Salidar estavam apavoradas. E não poderiam estar de outro jeito, em

rebelião aberta contra a Torre, vendo-se obrigadas a se esconder nos arredores das

regiões onde os Mantos-brancos eram mais influentes. E era muito provável que

também estivessem buscando descobrir um jeito de voltar para a Torre Branca,

roendo as unhas enquanto pensavam em uma maneira de reconquistar a boa vontade

de Elaida. Pelo que conhecia da Vermelha, achava que aquelas mulheres tinham uma

chance muito pequena de conseguir voltar às boas graças da Torre, e elas decerto

sabiam disso melhor que ele. Se tinham enviado uma missão diplomática para o

Dragão Renascido, um homem capaz de canalizar, deviam estar quase prontas para

aceitar sua proteção — não eram como Elaida, que parecia achar que Rand poderia

ser comprado e mantido preso em uma gaiola de vime como um pardal cantador. As

promessas nebulosas de Egwene sobre Aes Sedai que o apoiavam estavam prestes a

se cumprir.

— Quem veio com você? — indagou para Min. — Talvez eu a conheça.

Não conhecia nenhuma Aes Sedai muito bem — tirando Moiraine, que já estava

morta —, mas já se encontrara com algumas. Se fosse alguma conhecida, as coisas

talvez fossem um pouco mais difíceis. Quando Moiraine o conheceu, ele ainda era

o camponês de quem Min tanto falava, um fazendeiro que se encolhia todo quando

alguma Aes Sedai sequer olhava em sua direção.

— Tem mais de uma, Rand. Na verdade, são nove. — Rand se sobressaltou, e ela

acrescentou depressa: — É uma honra, Rand, um sinal de respeito. É três vezes mais

mulheres do que mandariam para um rei ou uma rainha. Quem está no comando é

Merana, uma Cinza. Ela vem aqui sozinha, hoje à tarde. Sempre que vierem falar

com você, será uma Aes Sedai sozinha, sem nenhuma outra, a menos que você

aceite ficar perto de mais de uma ao mesmo tempo. Elas estão hospedadas na

estalagem A Coroa de Rosas, na Cidade Nova. Ocuparam quase o lugar todo, com

todos os Guardiões e serviçais que trouxeram. Merana me mandou vir aqui antes de

todas porque já nos conhecemos, para preparar o terreno. Elas não têm a menor

intenção de lhe fazer mal. Tenho certeza.

— E essa certeza vem de uma visão ou é a sua opinião? — perguntou Rand.

A princípio parecia estranho ter uma conversa séria com uma mulher sentada em

seu colo, mas aquela era Min, o que mudava tudo. Só não podia parar de lembrar

isso a si mesmo.

— É minha opinião — admitiu ela, relutante. — Rand, passei todos os dias da

longa jornada desde Salidar observando cada uma delas. Se essas mulheres

quisessem lhe fazer algum mal, eu teria notado. Tenho certeza de que eu já teria

notado alguma visão suspeita, depois de todo esse tempo. — Ela se remexeu,

mudando de posição, e o encarou com um olhar preocupado, que logo se

transformou em uma expressão firme e determinada. — Melhor eu lhe contar logo

essa outra coisa, enquanto ainda está fresca na minha cabeça: vi uma aura ao seu

redor na sala do trono. Algumas Aes Sedai vão lhe fazer mal, ou pelo menos

algumas mulheres capazes de canalizar, enfim. Foi bem confuso. Não tenho muita

certeza sobre a parte das Aes Sedai. E ainda pode ser que aconteça mais de uma vez,

talvez fosse por isso que tudo parecia tão embaralhado. — Rand a encarou, sem

dizer nada, e ela sorriu. — Eu gosto disso em você, Rand. Você aceita o que eu

posso interpretar e não reclama sobre o que não sei, não pergunta se tenho certeza ou

quando é que algo vai acontecer. Você nunca pergunta mais do que eu sei.

— Bem, Min, uma coisa eu vou ter que perguntar. Você pode ter certeza de que

essas Aes Sedai da sua visão não são as mesmas Aes Sedai com quem você veio

para cá?

— Não — respondeu ela, sem rodeios. E *ele* gostava disso: Min nunca tentava se

esquivar de dizer a verdade.

Preciso tomar cuidado, sussurrou Lews Therin, absorto. *Até essas garotas destreinadas podem ser perigosas, se estiverem em nove. Preciso...*

Eu é que preciso, retrucou Rand, firme. Lews Therin pareceu confuso por um

instante, então escapou de volta para os recônditos obscuros da mente. Era o que

passara a fazer sempre que Rand falava com ele — o problema era que Lews Therin

parecia estar vendo e ouvindo mais do mundo, além de planejando fazer algo a

respeito do que percebia. Não houvera nenhum outro incidente em que o homem

tentara agarrar *saidin*, mas Rand agora tomava cuidado. Aquele louco queria sua

mente e seu corpo para si, acreditava que fossem dele. Rand não podia garantir que

conseguiria recuperar o controle se aquela voz em sua mente conseguisse assumir as

rédeas uma só vez que fosse. Lews Therin Telamon voltaria a andar pelo mundo, e

Rand al'Thor não passaria de uma voz em sua cabeça.

— Rand — começou Min, ansiosa —, não olhe assim para mim. Estou do seu

lado, se é para eu me posicionar, e pode ser que eu precise me posicionar. Elas

acham que eu vou contar tudo o que você me falar, mas não vou, Rand. Elas só

querem saber como lidar com você, o que esperar das reuniões, mas não vou dizer

uma única palavra sem a sua autorização. E minto se você me pedir para mentir.

Elas não sabem das minhas visões. Minhas visões são suas, Rand. Você sabe que

não tenho problemas em ler quem quer que você me peça para ler, e isso inclui

Merana e as outras.

Rand se obrigou a suavizar a expressão, acalmando os lábios que se retesavam em

um rosnado, e tentou deixar a voz agradável antes de falar:

— Fique tranquila, Min. Sei que você está do meu lado. — Era a mais pura

verdade: suspeitar de Min seria como suspeitar de si mesmo. Lews Therin estava

apaziguado, pelo menos por enquanto, então era hora de lidar com essa Merana e sua

missão diplomática. — Diga a elas para virem de três em três.

Fora o conselho de Lews Therin, quando ele recebeu as Aes Sedai em Cairhien:

não mais que três de uma vez. O homem parecia acreditar que conseguiria dar conta

de três Aes Sedai — inclusive, parecia desdenhar um pouco das mulheres que se

intitulavam Aes Sedai, naqueles tempos. Mas agora as coisas eram diferentes: o

número, que em Cairhien fora um limite imposto, parecia mais uma concessão ali.

Merana queria que Rand fosse tranquilizado e os ânimos estivessem acalmados antes

que qualquer única Aes Sedai se aproximasse dele. Bem, ela que ficasse tentando

decifrar o convite para três mulheres de uma vez.

— Além disso — continuou —, avise que nenhuma delas pode entrar na Cidade

Interna sem minha permissão. E nada de tentar canalizar perto de mim. Diga isso a

elas, Min. Vou saber no instante em que elas agarrarem a Fonte, e não vou ficar nada

contente. Diga isso a elas.

— Elas também não vão ficar muito contentes com isso, pastorzinho — rebateu a

jovem, seca. — Mas vou dizer.

Um estrondo fez Rand virar a cabeça.

Sulin estava de pé junto à porta, usando o vestido vermelho e branco. Seu rosto

estava tão corado que a cicatriz na bochecha parecia se sobressair, ainda mais pálida

que o habitual. O cabelo branco crescera bastante desde que ela começara a usar o

uniforme de serviçal, mas ainda era mais curto que o comum para as mulheres que

trabalhavam no castelo. A Senhora Harfor mandara arrumar as mechas em um

emaranhado de cachos, e Sulin odiava o penteado. Uma bandeja de prata com a

borda de entalhes de ouro estava a seus pés, os cálices dourados com detalhes em

prata deitados de lado no chão. O cântaro de vinho bambeou uma última vez e, como

que por milagre, acabou parando de pé, mas parecia ter tanto ponche na bandeja e no

tapete quanto talvez ainda restasse no cântaro.

Min já estava se levantando, sem jeito, quando Rand agarrou sua cintura e a

puxou de volta para o colo dele — já fazia tempo mais que suficiente para que todas

ali compreendessem que ele não queria mais nada com Aviendha, e Min não se

importaria de ajudar a esclarecer aquilo. Tanto não se importaria que, depois de um

instante de resistência, ela se inclinou contra ele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Sulin, uma boa serviçal não fica jogando bandejas por aí — ralhou.
— Agora

trate de juntar tudo e fazer como se deve.

Sulin o encarou com um olhar sombrio, quase tremendo de raiva.

Em um golpe de genialidade, Rand tinha encontrado um jeito de permitir que

Sulin cumprisse sua *toh* ao mesmo tempo que minimizava ao menos parte de sua

obrigação para com ela. Colocara a mulher para cuidar de seus aposentos, atendendo

apenas aos pedidos dele de trazer e levar o que quer que fosse. Ela odiava, claro,

sobretudo porque Rand a via naquela situação todos os dias, mas pelo menos não

arrasava a coluna esfregando o chão do Palácio todo ou carregando uma quantidade

infinita de pesados baldes de água para lavar roupa. Rand suspeitava de que a

mulher preferiria que todos os Aiel que estavam do lado de cá da Muralha do

Dragão testemunhassem sua vergonha no lugar dele, mas o novo arranjo diminuiria

consideravelmente a carga de trabalho de Sulin, o que aliviara parte do peso que ele

sentia na consciência. E se trabalhar para ele a fazia decidir que sua *toh* seria

cumprida mais rápido... bem, melhor ainda. Sulin devia usar o *cadin'sor* e carregar

lanças, não ficar dobrando roupas de cama metida em uma libré de serviçal.

Ela pegou a bandeja, atravessou o aposento às pressas e a largou sem cuidado

sobre uma mesa incrustada de marfim. Quando se virou para sair, Rand continuou:

— Sulin, esta aqui é Min. Ela é minha amiga e não conhece bem os modos dos

Aiel. Eu não ficaria nada feliz se ela acabasse enfrentando dificuldades por isso. —

Acabara de lhe ocorrer que as Donzelas também deviam ter uma opinião em vê-lo

mandar Aviendha embora só para segurar outra mulher nos braços assim que ela

virava as costas. Deviam ter mais que uma opinião: poderiam até ter uma maneira

própria de lidar com a situação. — Na verdade, se algum mal acontecer a ela, vou

considerar um mal feito a mim.

— Por que alguém além de Aviendha desejaria fazer mal a essa mulher? —

questionou Sulin, irritada. — Ela desperdiçou tempo demais sonhando com você,

mas passou poucas horas ensinando o que você deveria saber. — Ela se recompôs e

disse, em um rosnado que Rand achou que era para ter sido um murmúrio: —

Milorde Dragão. — A mulher quase perdeu o equilíbrio duas vezes ao fazer a

mesura, antes de voltar a ficar ereta, e bateu a porta com força ao sair.

Min virou a cabeça para encará-lo.

— Acho que nunca tinha visto uma criada dessas... Se ela tivesse uma faca, teria

cortado seu pescoço.

— Ah, ela até me chutaria, mas não chegaria a me esfaquear — gracejou Rand. —

Sulin me tem como um irmão que não via há muito tempo. — O olhar de Min se

tornou distante e confuso. Dava para ver centenas de perguntas que ela gostaria de

fazer. — É uma longa história, eu conto melhor depois.

Contaria só uma parte, claro. Ninguém iria saber de tudo o que ele

tinha que

aguentar de Enaila, Somara e algumas das outras. Bem, todas as Donzelas já sabiam,

porém mais ninguém precisava ouvir aquilo.

Melaine entrou na sala daquele jeito dos Aiel. Ou seja, meteu a cabeça porta

adentro, deu uma espiada e só então entrou de vez no aposento. Rand nunca

conseguira descobrir o que faria um Aiel recuar e esperar do lado de fora. Chefes,

Sábias e Donzelas já tinham entrado com ele só de roupas de baixo, deitado ou

tomando banho. A Sábua de cabelos dourados se aproximou com um tilintar dos

braceletes, aninhou-se no tapete poucas passadas diante dele e de Min, mantendo as

pernas cruzadas, e ajeitou as saias com todo o cuidado. Seus olhos verdes

observavam Min com uma expressão neutra.

Dessa vez, Min não fez nem menção de se levantar. Aliás, pelo modo como a

jovem estava se apoiando nele, com a cabeça em seu peito, e pela respiração cada

vez mais lenta, Rand achava que ela talvez estivesse pegando no sono. Min não tinha

dito que chegara no meio da noite, afinal? De repente, reparou na mão que mantinha

encaixada na curva da cintura dela e agarrou, determinado, o braço da cadeira. Min

soltou um suspiro quase queixoso e se aconchegou mais a seu corpo. Com certeza

estava quase dormindo.

— Tenho novidades — informou Melaine —, mas não sei bem qual é a mais

importante. Egwene foi embora das tendas, está a caminho de um lugar chamado

Salidar, onde há outras Aes Sedai. Essas são as Aes Sedai que talvez o apoiem, e não

viemos falar delas antes porque Egwene nos pediu. Bem, agora venho lhe dizer que

essas mulheres são teimosas, indisciplinadas, briguentas e convencidas além da

conta. — A voz foi se acalorando conforme a Sábida falava, pontuando as palavras

com um balançar enfático da cabeça.

Ah, então uma das Andarilhas dos Sonhos de Cairhien tinha entrado nos sonhos

de Melaine e conversado com ela — era praticamente tudo o que sabia a respeito das

capacidades das Andarilhas; uma habilidade que poderia lhe ser útil, mas era raro as

Sábidas se dispuserem a colocá-la à disposição dele. A novidade era toda aquela

irritação de Melaine. Os Aiel quase todos agiam como se achassem que as Aes Sedai

fossem lhes dar uma surra a qualquer instante e ainda acreditavam que seria

merecido, tendo toda a intenção de suportar cada golpe sem nem vacilar. Até as

Sábidas falavam com respeito das Aes Sedai, isso quando falavam. Algumas coisas

tinham mesmo mudado. Ainda assim, Rand respondeu com um

simples:

— Eu sei. — Se Melaine tivesse qualquer intenção de lhe contar por que pensava

daquela forma, contaria sem que ele perguntasse. Se ela não quisesse contar,

perguntar não traria nenhuma resposta. — E também sei sobre Egwene e sobre

Salidar. Tem nove mulheres de Salidar aqui em Caemlyn. Esta aqui é Min, que veio

com elas.

Min se remexeu contra seu peito e murmurou qualquer coisa. Lews Therin voltou

a resmungar, mas baixo demais para que ele conseguisse entender, e Rand ficou feliz

com a distração da sensação de Min em seu colo. Tê-la ali era bem... agradável. Min

ficaria ofendidíssima se soubesse — ou, considerando a promessa que ela fizera

mais cedo, talvez fosse rir. Talvez. Ela às vezes podia ser bem temperamental.

Melaine não demonstrou nenhuma surpresa por ele saber, nem sequer mexeu no

xale. Desde que se casara com Bael, a mulher parecia estar mais... bem, “calma” não

era bem o termo, uma palavra plácida demais para Melaine. Mas de fato ficara

menos irritadiça.

— Essa era a minha segunda notícia. Você precisa tomar muito cuidado com elas,

Rand al’Thor, e ter mão firme. Só assim elas vão respeitá-lo.

É, as coisas tinham mesmo mudado.

— Você vai ter duas filhas — murmurou Min. — Gêmeas idênticas.

Melaine compensou toda a falta de surpresa de antes com o assombro em ouvir

aquelas palavras de Min. Ela arregalou os olhos e quase pulou de susto.

— Como você...? — começou, incrédula, mas parou para se recompor. Quando

prosseguiu, ainda parecia incrédula. — Eu mesma só fui ter certeza de que carregava

uma criança hoje de manhã. Como você sabia?

Min enfim se levantou, lançando a Rand um olhar que ele conhecia muito bem —

ela o culpava, sabia a Luz por que motivo. Até mesmo Min tinha lá seus defeitos,

mesmo que pequenos. Ela começou a remexer no casaco, olhando para todos os

lados, menos para Melaine. Quando seus olhos pousaram nele de novo, foi com uma

variação do primeiro olhar. Rand a metera naquilo, ele é que devia tirá-la da

enrascada.

— Está tudo bem, Min — tranquilizou-a Rand. — Melaine é uma Sábia, imagino

que ela saiba de coisas que a deixariam de cabelo em pé. — Só que o cabelo de Min

já estava um tanto para cima, bagunçado depois de ela ter passado tanto tempo

encostada nele. Mas continuava sedoso.... como as mulheres conseguiam? — Tenho

certeza de que ela vai jurar guardar seu segredo, e você pode confiar na promessa

dela.

Melaine quase atropelou as palavras, tão rápida foi ao jurar segredo.

Não adiantou nada: Rand recebeu mais um olhar daqueles antes que Min se

sentasse ao lado de Melaine. Tinha um toque de repreensão. Como Min *esperava*

que ele fosse conseguir tirá-la dessa enrascada? Melaine não deixaria o assunto de

lado só por um pedido seu, mas manteria a promessa e guardaria segredo. Pelo

menos era muito boa em não contar nada para Rand.

Apesar de toda a relutância, Min deu uma explicação bem mais detalhada do que

ele próprio já ouvira — o que talvez tenha sido resultado das muitas perguntas de

Melaine e também da sua mudança de atitude. Era como se a Sábua tivesse passado a

pensar que a habilidade de Min fazia dela uma igual, não uma mera aguacenta.

— Impressionante — afirmou Melaine, por fim. — É como interpretar um sonho

sem sonhar. Gêmeos, é? Duas garotas? Bael vai ficar tão feliz... Dorindha lhe deu

três filhos, mas nós duas sabemos que ele queria uma menina.

Min piscou, atônita, e ficou sem entender. Claro. Como ela poderia saber daquela

história de esposa-irmã?

Dali, as duas logo mudaram de assunto para os partos. Nenhuma delas

nunca

tivera filhos, mas ambas já haviam auxiliado parteiras.

Rand pigarreou bem alto. Não que algum daqueles detalhes o incomodasse, já

ajudara no parto de ovelhas, éguas e vacas. Só ficava irritado de as duas ficarem ali,

sentadas, entre cochichos, como se ele tivesse deixado de existir. Min e Melaine só o

encararam quando ele pigarreou uma segunda vez, alto o bastante para cogitar se

teria machucado a garganta.

Melaine se inclinou ainda mais para perto de Min e cochichou, mas em um tom

que daria para ouvir da sala ao lado:

— Os homens sempre desmaiam.

— E sempre no pior momento possível — concordou Min, no mesmo tom.

O que elas diriam se o vissem no celeiro do pai de Mat, coberto de sangue e de

fluidos de parto até os ombros, com três costelas quebradas pelo coice que levava —

era o primeiro parto da égua, que estava apavorada. Ela não coiceou mais na

segunda gestação. Mas, ah, que belo potro fora aquele.

— Bem, antes que eu desmaie — começou, sarcástico, juntando-se às duas no

tapete —, talvez seja melhor uma de vocês falar mais sobre as Aes Sedai?

Teria se levantado ou se sentado no chão com Melaine mais cedo, se não estivesse

com o colo ocupado. Entre os Aiel, apenas os chefes de clãs possuíam cadeiras, que

só eram usadas para passar julgamentos ou aceitar a submissão de um inimigo.

As duas mulheres assumiram uma expressão culpada — e era bom que tivessem

mesmo entendido a reprimenda. Nenhuma falou nada, mas ajustaram respectivamente o xale e o casaco, sem necessidade, e não cruzaram o olhar com o

dele. Tudo acabou assim que elas começaram a falar. Min continuou a insistir que as

Aes Sedai de Salidar não representavam perigo para Rand e que poderiam sim

prestar auxílio, se fossem tratadas direito — ou seja: com o máximo respeito em

público. Ela contaria a Rand sobre cada sussurro que escutasse, quando estivessem a

sós.

— Entenda que não estou traindo ninguém, Melaine. Conheci Rand muito antes

de encontrar qualquer Aes Sedai. Exceto Moiraine, é verdade, mas o fato é que ele

conquistou minha lealdade muito antes de ela morrer.

Melaine não via Min como traidora, muito pelo contrário, e a jovem pareceu até

subir em seu conceito. As Sábias tinham sua própria versão do que os Aiel

entendiam como espiões. Ainda assim, Melaine argumentava que, com algumas

poucas exceções, as Aes Sedai eram tão dignas de confiança quanto os Shaido — ou

seja, só seriam de confiança depois de capturadas e transformadas em *gai'shain*. Ela

não chegou a sugerir que as Aes Sedai fossem mantidas cativas na estalagem em que

estavam, mas não ficou muito longe disso.

— Como você pode confiar nelas, Rand al'Thor? Na minha opinião, essas

mulheres não têm honra. Só Egwene al'Vere, e ela... — Melaine mexeu outra vez no

xale. — Só confiarei em uma Aes Sedai quando ela me demonstrar tanta honra quanto

Egwene demonstrou, mas não antes.

O próprio Rand mais ouviu que falou, e mesmo sem soltar mais que dez palavras

aprendeu um bocado. Rebatendo as argumentações de Melaine, Min listou todas as

integrantes da missão diplomática, contando o que cada mulher dissera sobre apoiar

ou não Rand e acabando por admitir que nem tudo era um mar de rosas. Merana

Ambrey e Kairen Stang, uma Azul, eram ambas andorianas e, mesmo com toda

aquela história de que as Aes Sedai renunciavam a qualquer aliança que não fosse

com a Torre Branca — e talvez até por terem se rebelado contra a Torre —, as duas

se preocupavam em ver Rand ocupando Caemlyn, assim como se preocupavam com

os rumores de que ele poderia ter assassinado Morgase. Rafela Cindal, também

Azul, até estava feliz com as mudanças que Rand realizara em Tear,

onde antes a

canalização era ilegal e uma garota que se descobrisse capaz de manejar o Poder era

levada às pressas para fora do país, mas falou pouco e também estava preocupada

com o desaparecimento de Morgase. Seonid Traighan, uma Verde, sempre ficava

pensativa quando ouvia algum boato sobre Cairhien, onde nascera, e guardava suas

opiniões só para si. E Faeldrin Harella, a outra irmã Verde, às vezes comparava as

atrocidades que os Devotos do Dragão tinham cometido em Altara e Murandy ao

que estava acontecendo em Tarabon, recusando-se a reconhecer que a guerra civil já

devastara aquela terra antes mesmo de começarem a surgir os primeiros Devotos do

Dragão por aquelas bandas. Bem, não importava quanto Melaine pressionasse: Min

insistia que cada uma daquelas Aes Sedai reconhecia Rand como o Dragão

Renascido, alegando inclusive que, durante a jornada, todas tinham vindo perguntar

— e com todo o respeito e a delicadeza — como ele era e qual seria a melhor forma

de abordá-lo sem ofendê-lo nem o assustar.

Rand grunhiu alto ao ouvir como aquelas mulheres estavam com medo de assustá-

lo. Melaine começou a insistir que, se a maioria das mulheres daquela missão

diplomática tinha tantos motivos para estar contra Rand, então não se

poderia contar

com o grupo nem para apanhar esterco para a fogueira. Min, tomando o cuidado de

parar um momento e lançar um olhar arrependido para Rand, tratou de continuar seu

relato. Arad Doman já tinha tantos Devotos do Dragão quanto Tarabon, e a guerra

civil também já chegara lá, mas Demira Eriff, da Ajah Marrom, só parecia

preocupada com dois assuntos: o encontro com Rand e o rumor de que ele abrira

alguma escola em Cairhien — a seus olhos, nenhum homem que tivesse aberto uma

escola podia ser assim tão ruim. Berenicia Morsad, uma irmã Amarela de Shienar,

ouvira de alguns contrerrâneos que estavam por Salidar que Rand fora recebido em

Fal Dara pelo grande capitão Lorde Agelmar Jagad, uma honra que ela parecia

considerar grandiosa, visto que Lorde Agelmar jamais teria recebido um canalha, um

rufião ou um desmiolado — e isso também parecia pesar muito para Masuri Sokawa,

uma Marrom de Arafel, que fazia fronteira com Shienar. E, por fim, Valinde

Nathenos parecia muito ávida — o que Min considerava um comportamento atípico

para alguém da Ajah Branca — para que Rand expulsasse Sammael de Illian.

Segundo Min, caso Rand promettesse que faria isso, ou que ao menos tentaria, não

seria nenhuma surpresa se Valinde acabasse jurando fidelidade a ele. Melaine deixou

bem clara sua descrença e chegou até a revirar os olhos, alegando que nunca vira

uma Aes Sedai com tanto bom senso. Para Rand, esse comentário foi mais que

surpreendente: a Sábua gargalharia se ele lhe pedisse um juramento do tipo. Ainda

assim, Min insistia que era tudo verdade, a despeito do que a Aiel dissesse.

— Vou dedicar o máximo de respeito possível às Aes Sedai sem me ajoelhar —

declarou Rand, assim que Min concluiu seu relato. Então acrescentou, para Melaine:

— E não confiarei nem um pouco em nenhuma delas até que me

provem o contrário.

Achava que aquilo fosse agradar as duas, já que, no fim das contas, cada uma

tinha conseguido o que queria. Mas, a julgar pelos cenhos franzidos, nenhuma delas

ficou muito satisfeita.

Depois de tanta discussão, Rand achou que as duas acabariam engalfinhadas, mas

parecia que a gravidez de Melaine e a visão de Min tinham servido para criar um

laço entre elas. Quando todos enfim se levantaram, as mulheres eram só sorrisos e

abraços, e Melaine ainda disse:

— Achei que eu não fosse gostar de você, Min, mas gosto. Nomearei uma de

minhas filhas em sua homenagem, porque você foi a primeira pessoa a saber da

existência dela. Tenho que ir contar a Bael, para ele não ficar com ciúmes de Rand

al'Thor ter descoberto antes dele. Que você sempre encontre água e sombra, Min. —

E, para Rand, acrescentou: — Fique de olho nessas Aes Sedai, Rand al'Thor, e

ofereça sua proteção a Min sempre que ela precisar. Essas mulheres vão tentar feri-la

se souberem que ela é fiel a você. — Depois da advertência, ela partiu com a mesma

falta de cerimônia da chegada, apenas meneando a cabeça em despedida.

Rand ficou outra vez a sós com Min. O que, por algum motivo, o deixou um

pouco constrangido.



CAPÍTULO 42

A TORRE NEGRA

Rand e Min ficaram ali parados, olhando um para o outro, até que ele finalmente

falou:

— Quer visitar a fazenda comigo?

Min se sobressaltou ao ouvi-lo falar tão de repente.

— Que fazenda?

— Na verdade, é uma escola. Um lugar para os homens que vierem até

mim pela

anistia.

Min ficou pálida.

— Não, acho que não... Merana deve estar esperando notícias. E é melhor elas

saberem logo das suas regras. Pode ser que acabem perambulando pela Cidade

Interna sem saber, e você não iria gostar nada disso... Tenho mesmo que ir.

Rand não entendia. Min tinha medo daqueles alunos, daqueles homens capazes de

canalizar ou que queriam aprender como, mesmo sem conhecer nenhum deles.

Acharia bem compreensível se fosse qualquer outra pessoa, mas *ele* canalizava, e

Min não parecia ver nenhum problema em bagunçar seu cabelo, cutucar suas

costelas ou lhe dizer algumas verdades.

— Quer uma escolta para voltar até A Coroa de Rosas? Tem salteadores pela

cidade, mesmo de dia. Não são muitos, mas não quero que nada lhe aconteça.

Min riu, uma risada um tanto hesitante. Ela estava mesmo incomodada com a

fazenda.

— Eu já me cuidava sozinha enquanto você estava atrás das ovelhas, camponês.

— De repente, ela empunhou uma faca em cada mão. Com um único floreio, mas

sem a mesma fluidez de antes, as lâminas voltaram para o esconderijo

das mangas

do casaco. Ela então prosseguiu, mais séria: — Você precisa se cuidar, Rand. Durma

um pouco. Parece cansado. — Para sua surpresa, a jovem se ergueu na pontinha dos

pés e esticou o pescoço, roçando os lábios nos dele em um beijo rápido. — Foi bom

ver você, pastorzinho.

E com outra risada, agora muito satisfeita, ela saiu.

Resmungando sozinho, Rand vestiu o casaco e foi até o quarto para pegar a

espada atrás do guarda-roupa, um móvel grande e escuro com entalhes de rosas, alto

e largo o suficiente para abrigar as roupas de quatro homens. Estava mesmo virando

um bode sem-vergonha. Min estava só se divertindo à custa dele. Só podia imaginar

quanto tempo ela ficaria provocando, só para se vingar de um comentário inocente.

Escondida sob as meias guardadas em uma cômoda encrustada de lápis-lazúli

estava uma bolsa de pano um tanto larga, e o conteúdo retiniu quando ele a enfiou

em um dos bolsos do casaco. Pegou outra bolsa de veludo, essa bem menor, e a

deixou por cima do *angreal*. O prateiro que confeccionara os conteúdos da bolsa

maior ficara mais do que feliz por servir ao Dragão Renascido e tentara recusar o

pagamento só pela honra do trabalho. O ourives que fabricara a peça única na bolsa

de veludo exigira quatro vezes o que Bashere dissera que o serviço valia e ainda

pedira que uma dupla de Donzelas o escoltasse até ele acabar.

Já fazia um tempo que ele andava planejando essa ida até a fazenda. Não gostava

de Taim, e Lews Therin sempre aparecia quando o sujeito estava por perto, mas não

podia continuar evitando a escola. Ainda mais agora. Até onde sabia, Taim

consequira manter os alunos longe da cidade — pelo menos ele não ficara sabendo

de nenhum incidente, e teria ouvido relatos —, mas as notícias de Merana e a missão

diplomática acabariam chegando à fazenda junto com as carroças de suprimentos ou

com os novos alunos. E, sabendo como eram os boatos, nove Aes Sedai logo se

tornariam nove irmãs Vermelhas — ou noventa — caçando homens para serem

amansados. Qualquer que fosse a reação diante da novidade, de alunos fugindo à

noite a alunos vindo a Caemlyn para dar o primeiro golpe, ele tinha que se adiantar

antes que os rumores provocassem pânico.

Já corriam boatos demais sobre as Aes Sedai pelas ruas de Caemlyn, outro motivo

para ir até lá. Considerando o que se ouvia nas ruas, Alanna, Verin e as garotas de

Dois Rios já tinham virado quase meia Torre, e ainda havia uma infinidade de outras

histórias de Aes Sedai chegando escondidas na cidade, esgueirando-se

portões

adentro durante a noite. Havia um boato persistente de que uma Aes Sedai andava

Curando gatos de rua, e o próprio Rand já estava quase acreditando naquilo. Ainda

assim, todos os esforços de Bashere para verificar a veracidade dos rumores o

levavam a crer que a história era tão verídica quanto o boato de que as mulheres que

escoltavam o Dragão Renascido por toda parte eram, na verdade, Aes Sedai

disfarçadas.

Rand se virou, sem nem notar que o fazia, e ficou encarando uma parede listrada

com relevos de leões e rosas — na verdade, fitava algo além. Alanna não estava

mais na estalagem O Sabujo de Culain. E estava tensa; se ela não fosse Aes Sedai,

Rand poderia dizer que a mulher estava com os nervos à flor da pele. Rand acordara

no meio da noite porque ela estava chorando, de tão forte fora a sensação. Às vezes,

quase se esquecia de que ela estava ali, até que uma coisa dessas acontecia. Bem,

pelo visto era possível se acostumar a qualquer coisa. Naquela manhã, Alanna

estava... ansiosa — é, essa parecia ser a palavra certa. Rand poderia apostar Caemlyn

inteira que, se seguisse em linha reta até Alanna, ele a encontraria na estalagem A

Coroa de Rosas. E poderia apostar que Verin estava junto. Não eram

nove Aes

Sedai. Eram onze.

Lews Therin murmurou, desconfortável. Um homem se perguntando se estava ou

não encurralado. E Rand se perguntava o mesmo. Onze, e bastava treze para capturá-

lo tão fácil quanto se apanhassem uma criança. Isso se ele lhes desse a chance. Lews

Therin começou a rir baixinho, uma risada mesclada a um choro rouco. Então foi

para longe outra vez.

Rand refletiu um pouco sobre Somara e Enaila, então abriu um portão ali mesmo,

em cima do tapete com estampas azuis e douradas do quarto. Carrancudas como

estavam naquela manhã, uma das duas com certeza acabaria soltando alguma bronca

antes que voltassem da fazenda. Além do mais, considerando as visitas anteriores,

não queria os alunos preocupados, com medo de serem alvo das quase vinte

Donzelas de sua escolta. Era o tipo de coisa que não ajudava muito a aumentar a

autoconfiança de seus homens, e eles precisariam de autoconfiança para sobreviver.

Bem, em uma coisa concordava com Taim: agarrado a *saidin*, um homem sabia

que estava vivo, e isso ia além dos sentidos aguçados. Apesar da mácula do

Tenebroso, apesar daquela sensação oleosa de matéria em decomposição manchando

os ossos, era quando o Poder tentava derreter seu corpo e congelá-lo até estilhar, era

quando um passo em falso ou um momento de fraqueza significava a morte... Luz,

era então que um homem sabia que estava vivo. Ainda assim, afastou-se da Fonte

logo que adentrou o portão, e não só para se livrar da mácula antes que o estômago

decidisse se esvaziar — ela agora parecia ainda pior, ainda mais vil, se é que era

possível. Não, abandonara o Poder porque não se achava capaz de encarar Taim com

saidin ainda pulsando no corpo enquanto Lews Therin ocupava sua mente.

A vegetação rasteira da clareira estava mais marrom do que ele se lembrava, com

mais folhas estalando sob suas botas e menos ainda nas árvores. Alguns pinheiros

estavam amarelos, e várias folhas-de-couro pareciam mortas, os troncos cinzentos e

desfolhados. Mas a mudança da clareira não era nada comparada com a fazenda, que

fora alterada quase além do reconhecível.

A casa sede ficara muito melhor com a nova cobertura de sapé, e o celeiro decerto

fora inteiramente reconstruído, já que estava bem maior e nem um pouco torto, com

um enorme cercado cheio de cavalos na lateral, enquanto os currais de vacas e

ovelhas tinham sido deslocados mais para longe. As cabras também estavam presas,

e o galinheiro tinha fileiras de gaiolas organizadas. Tinham derrubado mais um tanto

da floresta, que parecia mais distante, e havia uma fileira de mais de dez barracas

brancas e compridas atrás do celeiro. Ali perto também se viam os pilares de

madeiras de duas construções bem maiores que a sede, com um grupo de mulheres

sentadas do lado de fora, costurando e cuidando de algumas crianças que jogavam

bola, rolavam argolas e brincavam de boneca. Ainda assim, a maior mudança era nos

alunos: a maioria agora usava casacos pretos justos de gola alta, e apenas poucos

ainda suavam. Devia haver bem mais de cem, e de todas as idades. Rand não sabia

que as viagens de recrutamento de Taim tinham sido tão bem-sucedidas. *Saidin*

parecia tomar o ar. Alguns homens praticavam tessituras, ateando fogo a cepos,

espatifando rochas ou enredando uns aos outros em espirais de Ar; enquanto outros

canalizavam para apanhar água — sustentando os baldes com Ar —, empurrar

carroças de esterco até o celeiro ou empilhar lenha. Mas nem todos canalizavam.

Henre Haslin mantinha o olhar atento a uma fileira de homens de peito nu, todos

praticando as posturas com espadas de treino. Haslin, que tinha apenas uma leve

penugem de cabelo branco e um nariz bulboso vermelho, suave mais que seus

alunos, sem dúvida por conta da ânsia por vinho, mas ele os observava com atenção,

corrigindo as formas com tanto afincio quanto na época em que era Mestre

Espadachim da Guarda da Rainha. Saeric, um Goshien Água Vermelha de cabelo

grisalho que não tinha mais mão direita, encarava duas fileiras de homens sem

camisa com aquele olhar de pedra. Os homens de uma fileira praticavam chutes no

ar, alternando os pés que erguiam bem acima da cabeça enquanto o outro ficava

plantado no chão. A outra fila praticava socos, golpeando o nada à sua frente com

toda a velocidade que conseguiam. A situação mudara completamente desde sua

última visita — aquele não era mais o grupo deplorável de antes.

Um sujeito de casaco preto já quase chegando à meia-idade parou diante dele.

Tinha o nariz afilado e um sorriso sarcástico.

— E quem é você? — inquiriu, com seu sotaque taraboniano. — Deve ter vindo

aqui para a Torre Negra querendo aprender, sim? Devia ter esperado o carroção que

vem de Caemlyn. Assim teria aproveitado pelo menos mais um dia com esse seu

belo casaco.

— Eu sou Rand al'Thor — rebateu Rand, tranquilo. Mantivera a voz tranquila

para não deixar escapar o súbito arroubo de raiva. Não custava nada ser educado, e

se aquele idiota não reparasse logo que era melhor ser gentil do que pagar o preço...

O desdém apenas se acentuou.

— Então você é ele, é? — O homem o encarava de cima a baixo, insolente. —

Mas você não parece tão magnânimo. Acho que eu mesmo poderia...

O fluxo de Ar só se formou quase no instante em que o golpe acertou o sujeito,

um sopapo bem no pé do ouvido. Ele caiu duro no chão.

— Às vezes precisamos de uma disciplina mais firme — comentou Taim,

aproximando-se para examinar o homem caído. Sua voz saiu quase divertida, mas os

olhos negros que o encaravam de viés lançaram um olhar quase assassino ao homem

que golpearia. — Não dá para dizer a um homem que ele tem poder suficiente para

fazer a terra tremer e depois esperar que ele seja humilde. — Os Dragões que subiam

pelas mangas do casaco preto reluziam à luz do sol. O dourado devia ser bordado

com fios de ouro, mas o que fazia aquele dragão azul brilhar tanto? Taim gritou de

repente: — Kisman! Rochaid! Levem Torval daqui e joguem água na cara dele até o

infeliz acordar. E nada de usar a Cura. Uma dor de cabeça talvez ensine a ele a

segurar a língua.

Dois sujeitos de casaco preto vieram correndo. Eram mais jovens que Rand. Os

dois se curvaram sobre Torval, mas pararam de repente e olharam, meio culpados,

para Taim. Um instante depois, Rand sentiu *saidin* preenchê-los.
Fluxos de Ar

ergueram o corpo flácido de Torval, e a dupla saiu andando rápido, levando o sujeito

flutuando.

Eu devia ter matado esse homem há muito tempo, grunhiu Lews Therin.
Devia...

devia... Ele tentou alcançar a Fonte.

Não, que o queime!, pensou Rand. *Não, você não vai! Você não passa de uma*

droga de voz! Lews Therin fugiu, seu gemido se perdendo na distância.

Rand respirou fundo. Taim o encarava, ainda ostentando aquele meio sorriso.

— Você ensina os homens a Curar?

— A primeira coisa que aprendem é o pouco que sei. Isso antes até de como não

morrer de tanto suar, neste calor. Qualquer arma perde a utilidade se não pode mais

ser usada logo na primeira ferida. Até o momento, um se matou agarrando demais da

Fonte e três acabaram por se exaurir, mas ninguém morreu por conta de uma espada.

— Ele conseguiu impor uma boa dose de desdém à palavra “espada”.

— Entendi — respondeu Rand, sem rodeios. Um morto e três exauridos. Será que

as Aes Sedai perdiam tantas mulheres, na Torre? Bem, em todo caso, elas iam com

mais calma, porque podiam se dar ao luxo. — O que é essa Torre

Negra de que o

sujeito estava falando? Não gosto nada disso, Taim.

Lews Therin voltara a resmungar e a se lamuriar de novo, mas ainda não dava

para distinguir nenhuma palavra.

O sujeito de nariz aquilino deu de ombros, examinando a fazenda e os alunos com

o olhar orgulhoso de um dono.

— É só um nome que os alunos deram. Não dava para continuar chamando o

lugar de “fazenda”. Eles não se sentiam bem com isso e queriam algo mais. Então

veio a Torre Negra, como contraponto à Torre Branca. — Taim inclinou a cabeça,

examinando Rand quase de soslaio. — Posso reprimir isso, se você quiser. É fácil

tirar uma palavra da boca dos homens.

Rand hesitou. Talvez fosse mesmo fácil tirar uma palavra da boca daqueles

homens, mas não das mentes. O lugar precisava mesmo de um nome, não tinha

pensado nisso antes. E por que não Torre Negra? Se bem que, examinando a casa

sede e a estrutura das novas construções — que eram maiores, mas ainda eram

apenas madeira —, aquele nome até o fazia abrir um sorriso.

— Deixe estar — retrucou.

Talvez, no começo, a Torre Branca também fosse igualmente humilde. Não que a

Torre Negra fosse ter tempo de crescer e se transformar em algo que rivalizasse com

a Branca — pensar nisso desfez o sorriso em seu rosto, e ele olhou com pesar para as

crianças que brincavam ali perto. Assim como elas, Rand estava brincando, fingindo

que havia alguma chance de construir algo duradouro.

— Reúna os alunos, Taim. Tenho algumas coisas para falar com eles.

Rand tinha ido até ali na expectativa de reunir os alunos, avaliar quantos eram,

talvez falar de cima daquela velha carroça bamba que já parecia ter sido descartada.

Mas Taim mandara fazer uma plataforma de pronunciamentos, um simples bloco de

pedra preta lavrada e tão bem polida que brilhava feito um espelho à luz do sol, com

dois degraus talhados na parte de trás. Ficava em um descampado atrás da casa sede,

e o chão em volta era de terra batida, muito plano. As mulheres e crianças ficaram

meio de lado, assistindo e ouvindo.

Do alto do bloco, Rand conseguia ter uma noção melhor de quão longe fora Taim

com o seu recrutamento. Jahar Narishma, aquele jovem com a centelha de quem

Taim lhe falara, tinha olhos escuros grandes como os de uma garota e um rosto

pálido cheio de confiança; o rapaz usava o cabelo comprido em duas tranças com

sinos de prata nas pontas. Taim tinha dito que fora até Arafel, mas Rand reconheceu

a cabeça raspada e o coque shienarano em outro homem, e mais duas pessoas

usavam os véus transparentes de Tarabon. Também notou olhos enviesados de

Saldaea e homens baixos e de pele clara, um tipo tão comum em Cairhien. Um

sujeito mais velho tinha a barba oleada e de corte pontiagudo, imitando um lorde

taireno — coisa que sem dúvida não era, não com o rosto todo marcado de sol —, e

pelo menos três ostentavam barbas sem bigode. Rand torcia para que Taim não

tivesse despertado o interesse de Sammael, quando fora recrutar em Illian. Estava

esperando ver homens jovens, mas os rostos imberbes de Eben e Fedwin faziam

frente a cabeças grisalhas ou quase carecas, algumas com até mais fios cinza que a

de Damer. Ora, pensando bem, não havia mistério — era bem compreensível haver

tanto avôs quanto garotos querendo aprender.

Rand não sabia fazer discursos, mas já pensara bastante no que queria dizer

àqueles homens. Só não pensara nas primeiras notícias, mas isso, com sorte, acabaria

rápido.

— Todos vocês já devem ter ouvido histórias de que a Torre... a Torre Branca...

está dividida. Bem, é verdade. Algumas Aes Sedai rebeldes podem decidir se juntar

a mim, e elas enviaram emissárias. São nove, e estão em Caemlyn

neste exato

momento, esperando que eu dê o ar da graça. Então, quando ouvirem falar em Aes

Sedai em Caemlyn, quero que não acreditem em qualquer boato. Vocês sabem por

que elas estão lá e podem rir na cara do sujeito que vier contar histórias

mirabolantes.

Não houve reação. Eles só ficaram ali, parados, encarando-o quase sem piscar.

Taim tinha uma expressão sarcástica, muito sarcástica. Apalpando a sacola de pano

maior no bolso do casaco, Rand prosseguiu com o discurso, entrando na parte que já

planejara melhor.

— Vocês precisam de um nome. Na Língua Antiga, “Aes Sedai” significa “Servo

ou Serva de Todos” ou algo bem próximo. Não é fácil traduzir a Língua Antiga. —

Ele próprio só sabia umas poucas palavras, coisas que aprendera de Asmodean e de

Moiraine, outras que tinham escapado de Lews Therin. Mas Bashere é que fornecera

o que ele precisava. — Outra palavra na Língua Antiga é *asha'man*, que significa

“guardião” ou “guardiões”. Ou “defensor”, e talvez signifique mais que isso. Como

já disse, a Língua Antiga é muito flexível. Ainda assim, a melhor tradução parece ser

“guardião”. Só que não é qualquer defensor ou guardião, a expressão *asha'man* não

pode ser usada para definir um homem que defende uma causa injusta, nem nunca

poderia ser usada para alguém mau. Um *asha'man* era um homem que defendia a

verdade, a justiça e o que era certo para todos. Um guardião que não sucumbiria nem

quando já não restasse esperança. — Só a Luz sabia como toda a esperança acabaria

quando chegasse Tarmon Gai'don, isso se não acabasse antes. — E vocês estão aqui

para se tornar um desses defensores. Quando terminarem o treinamento, serão

considerados Asha'man.

Ergueu-se uma onda de murmúrios, como folhas mexidas pela brisa, todas aquelas

vozes repetindo a mesma palavra. Mas as vozes logo esmaeceram. Rostos atentos

erguiam o olhar para ele, dava até para ver cada rosto ansioso para ouvir as palavras

seguintes. Pelo menos era um pouco melhor que a reação anterior. A sacola de pano

tilintou de leve quando ele a retirou do bolso do casaco.

— Aes Sedai começam como noviças, depois viram Aceitas, e então, por fim, são

elevadas a Aes Sedai completas. Vocês também terão níveis, mas não como os delas.

Não haverá expulsões ou dispensas. — Dispensas? Luz, faria tudo que estivesse a

seu alcance para manter ali todo e qualquer homem capaz de canalizar. Tudo, menos

amarrá-lo contra a vontade. — Quando um homem chegar à Torre

Negra... — não

gostava nada daquele nome — ... será chamado de soldado, porque é isso que um

homem se torna quando se junta a nós, o que todos vocês se tornaram: soldados na

luta contra a Sombra. E não só contra a Sombra, também contra qualquer um que se

oponha à justiça ou oprima os mais fracos. Quando um soldado atingir certo estágio

em suas habilidades, passará a ser chamado de Dedicado, então vai poder usar isto.

— Ele tirou da bolsa um dos distintivos que o prateiro confeccionara, uma pequena

espada de prata reluzente e perfeita com o punho comprido, o guarda-mão inclinado

e a lâmina um tanto curva. — Taim.

Taim andou a passos rígidos até o bloco de pedra, e Rand se curvou para prender

a espada de prata no alto da gola de seu casaco. O broche parecia brilhar ainda mais

forte sobre a lã negríssima. O rosto de Taim era tão expressivo quanto a pedra logo

abaixo das botas de Rand, que lhe entregou a bolsa com um sussurro:

— Entregue os broches para aqueles que você achar que estão prontos. Mas tenha

certeza de que estão prontos.

Ele se endireitou outra vez, torcendo para que houvesse broches o bastante. Não

esperara ver tantos homens ali.

— Dedicados que avançarem o bastante em suas habilidades serão

chamados de

Asha'man. Eles usarão isto.

Rand tirou a bolsinha de veludo do bolso e pegou outro broche, erguendo-o para

mostrar a todos. A luz do sol cintilava no ouro ricamente trabalhado e no belo

esmalte vermelho da forma sinuosa idêntica à que havia no estandarte do Dragão. O

broche também foi preso na gola de Taim, do lado oposto do anterior: uma espada e

um Dragão reluziam de cada lado da garganta dele.

— Bem, imagino que eu tenha sido o primeiro Asha'man — disse Rand para os

alunos —, mas Mazrim Taim é o segundo. — O rosto de Taim poderia fazer uma

pedra parecer macia. Qual era o problema com ele? — Espero que todos acabem se

tornando Asha'man, mas, quer esse dia chegue, quer não, lembrem-se de que todos

somos soldados. Ainda há muitas batalhas por vir, talvez nem sempre as que

esperamos. E, no fim de tudo, haverá a Grande Batalha. Queira a Luz que seja a

última. Se a Luz brilhar sobre nós, vamos vencer. E vamos vencer porque não há

outra opção que não a vitória.

Deveria ter havido algum viva qualquer quando ele terminou de falar. Rand não se

achava o tipo de orador capaz de fazer a multidão dar pulos e vivas, mas aqueles

homens sabiam por que estavam ali. Dizer a eles que acabariam vencendo deveria

ter gerado uma resposta, mesmo que fraca. Mas a resposta foi apenas silêncio.

Rand desceu do bloco de pedra e Taim se pronunciou:

— Dispensados para suas aulas e tarefas.

Os alunos — os soldados — tomaram seus rumos. Continuavam quase que no

mesmo silêncio de antes, no máximo trocavam alguns sussurros. Taim saiu na

direção da casa sede; segurava a bolsa com os broches de espada com tanta força que

era de se espantar que não tivesse sido espetado através do pano.

— Milorde Dragão por acaso tem tempo para uma taça de vinho?

Rand assentiu. Queria encerrar aquele assunto antes de voltar ao Palácio.

A sala de entrada da casa sede era exatamente o que se poderia esperar, com o

chão simples muito bem varrido e poltronas de couro descombinadas dispostas

diante de uma lareira de tijolinhos vermelhos tão limpa que parecia impossível que

algum dia já tivesse sido acesa. Um pano branco com flores bordadas recobria uma

mesinha. Sora Grady entrou sem fazer barulho e pousou em cima do pano uma

bandeja de madeira com um cântaro azul brilhoso cheio de vinho e duas canecas

brancas vitrificadas. Rand achava que o olhar dela não o machucaria mais, depois de

tanto tempo, mas a acusação em seus olhos o fez suspirar de alívio quando ela saiu.

Percebeu que ela estivera suando. Taim jogou a bolsa na bandeja e tratou de esvaziar

uma caneca de vinho.

— Você não ensina aquele truque da concentração para as mulheres?
— indagou

Rand. — É crueldade deixar elas suando tanto enquanto seus maridos não

transpiram uma só gota.

— A maioria não quer se meter — respondeu Taim, sem paciência. — Os maridos

e os namoradinhos tentam ensinar, mas a maioria se recusa sequer a ouvir. Sabe,

talvez tenha a ver com *saidin*.

Rand espiou o vinho escuro na caneca. Precisava ir com calma. Nada de estragar

as coisas só porque ficara irritado.

— Fico feliz de ver o recrutamento indo tão bem. Você disse que acabaria

fazendo frente à Torre... à Torre Branca... — Torre Branca, Torre Negra. O que

diriam nas histórias? Isso se houvesse um futuro para ter histórias. — ... e que

conseguiria isso em menos de um ano. Se mantiver esse ritmo, vai mesmo conseguir.

Não entendo como você encontra tantos homens.

— Se peneirar bastante areia, vai acabar encontrando alguns grãos de ouro —

rebateu Taim, firme. — Já comecei a delegar o recrutamento, tirando

uma ou duas

incursões que eu mesmo faço. Tenho Damer, Grady e mais uns dez homens em

quem posso confiar para saírem sozinhos por um dia, homens com idade suficiente

para não fazer nenhuma burrice. E tenho jovens fortes o suficiente para abrir um

portão, se não bem mais que isso, e eles acompanham os mais velhos que não são

capazes de fazer essa tessitura. Em menos de um ano você terá os mil que queria. E

aqueles que eu mandei para Caemlyn? Já montou um exército com eles? Já tem os

seus mil por lá, até bem mais.

— Deixo isso a cargo de Bashere — afirmou Rand, sem se alterar.

Taim contorceu os lábios em desdém, e Rand pousou a caneca de volta na mesa

antes que a quebrassem sem querer, tamanha a força com que a apertava. Pelo que

sabia, Bashere estava em um acampamento em algum ponto a oeste da cidade,

lidando com aqueles homens como podia, considerando que eram, como se dizia em

Saldaea, um grupo de fazendeiros falidos, aprendizes fugitivos e artesãos sem

sucesso que nunca tinham empunhado uma espada, montado um cavalo encilhado ou

viajado para mais de cinco milhas além do local onde haviam nascido. Rand já tinha

muito com o que se preocupar, não daria importância a esse tipo de coisa, e dissera a

Bashere para que fizesse o que bem entendesse com os homens e que só o

perturbasse se alguns se amotinassem.

Encarando Taim, que não fazia o menor esforço para esconder o desdém, botou as

mãos para trás das costas e cerrou os punhos. Lá longe, Lews Therin resmungava,

um eco de sua própria raiva.

— O que deu em você? Parece que tem um carrapicho nas calças desde que lhe

entreguei os distintivos. Tem alguma coisa a ver com eles? Se for, então não

entendo. Aqueles homens vão respeitar mais os distintivos por terem visto você

receber os seus diretamente do Dragão Renascido. Aliás, eles vão respeitar mais

você. Talvez não precise mais sair dando pancadas na cabeça de ninguém para

manter a disciplina. Então, o que me diz?

Começara bem o bastante, em um tom calmo e controlado, ainda que não

exatamente ameno — mesmo porque não queria soar ameno. Mas, enquanto falava,

sua voz foi ficando mais alta e firme. Não chegou a virar um grito, apesar de a

última pergunta ter estalado feito um chicote.

Taim sofreu uma transformação das mais notáveis, começando a tremer

visivelmente — e Rand achava que era de raiva, não de medo —, mas, quando a

tremedeira cessou, retomou à calma pétrea de antes. Não era uma atitude amigável,

não mesmo, e tinha um quê de zombaria, mas Taim parecia muito relaxado e

controlado.

— Como você deve saber, o que me preocupa são as Aes Sedai. E você, claro.

Nove Aes Sedai chegaram em Caemlyn, onde já há mais duas, então são onze. Aí,

pode ser que haja mais uma ou outra... Ainda não consegui encontrar nenhuma,

mas...

— Eu falei para você ficar longe da cidade — declarou Rand, impassível.

— Encontrei homens que podem fazer perguntas por mim — retrucou Taim, em

um tom seco como poeira. — Onde estamos agora foi o mais perto que cheguei da

cidade desde que o salvei daquele Homem Cinza.

Rand deixou passar, mas por pouco. Quase não conseguiu. A voz em sua cabeça

estava baixa demais para ser compreendida, mas soava como um trovão frio.

— Mais fácil conseguirem agarrar fumaça com os dedos do que ouvirem algum

boato útil. — Aquelas palavras saíram com todo o desdém que Rand sentia. Taim

dissera que o *salvara*?

Taim pareceu inquieto — por fora, ainda mantinha a aparente tranquilidade, mas

seus olhos reluziam como gemas escuras.

— E se elas se juntarem às Vermelhas? — Sua voz estava serena e bem-

humorada, mas aquele brilho em seus olhos... — Tem irmãs Vermelhas espalhadas

pelo interior. Vários grupos chegaram nos últimos dias, querendo interceptar os

homens a caminho daqui.

Vou matar esse homem, berrou Lews Therin, e Rand sentiu sua tentativa

atrapalhada de alcançar *saidin*.

Vá embora, mandou Rand, com firmeza. Ele continuou a tentar. Permaneceu

gritando.

Vou matar primeiro ele, depois os outros. Os outros só podem servir a ele.
É

óbvio que os outros só podem servir a ele.

Vá embora, rebateu Rand, aos gritos, mas ainda em silêncio. *Você é só uma voz*

na minha cabeça! Ele continuava tentando alcançar a Fonte.

Ah, Luz, eu matei todos. Todos os que eu amava. Mas vai ser bom matar esse

homem. Vou me redimir se eu finalmente conseguir matar esse maldito.
Não... nada

pode redimir o que eu fiz. Mas posso matá-lo mesmo assim. Vou matar todos. Tenho

que matar, tenho.

Não! gritou Rand, ainda na mente. *Você está morto, Lews Therin. Eu estou vivo.*

Que o queime, você está morto! Você está morto!

Foi quando, de repente, percebeu que estava debruçado sobre a mesa, os joelhos

quase cedendo. E resmungava baixinho:

— Você está morto! Eu estou vivo e você está morto!

Mas não agarrara *saidin*. E nem Lews Therin. Estremecendo, ele olhou para Taim,

surpreso de ver preocupação em seu semblante.

— Você precisa aguentar firme — disse Taim, baixinho. — Se puder se agarrar à

sanidade, então é isso que tem que fazer. O preço do fracasso é alto demais.

— Não vou fracassar — afirmou Rand, endireitando-se. Lews Therin estava

quieto. Parecia não haver nada em sua mente além dele mesmo. E da presença

constante de Alanna, claro. Rand finalmente perguntou: — Essas Vermelhas

pegaram alguém?

— Não que eu saiba. — Taim o examinava, receoso, como se esperasse outro

arroubo. — Quase todos os alunos agora chegam por meio de portões. E, mesmo

assim, com tanta gente pelas estradas não deve ser fácil identificar um homem vindo

para cá. A menos que o sujeito saia gritando aos quatro ventos. — Ele hesitou. —

Em todo caso, posso dar um jeito nelas.

— Não. — Lews Therin tinha mesmo sumido? Gostaria que sim, mas sabia que

seria tolice acreditar nisso. — Terei que tomar alguma atitude se as Aes Sedai

começarem a capturar os homens. Mas, por ora, elas não representam nenhuma

ameaça se ficarem no campo. E pode acreditar: nenhuma enviada de Elaida vai

querer se juntar às Aes Sedai na cidade. Mais fácil essas mulheres aceitarem ter você

entre elas do que aceitarem se unir às rivais.

— E essas que não estão no campo? Não são onze? Alguns acidentes poderiam

reduzir esse número para algo bem mais seguro. Se não quiser sujar suas mãos, eu

sempre posso...

— Não! Quantas vezes tenho que dizer? Se sentir algum homem capaz de

canalizar em Caemlyn, venho atrás de você na hora, Taim. Juro pela Luz. E não

pense que basta ficar longe do Palácio e isso vai me impedir de sentir qualquer coisa.

Se qualquer uma dessas Aes Sedai cair morta sem motivo, vou saber muito bem de

quem é a culpa. Não duvide de mim!

— Você impõe limites demais — reclamou Taim, seco. — Se Sammael ou

Demandred decidirem provocá-lo com algumas Aes Sedai mortas à sua porta, então

minhas veias acabarão abertas?

— Eles ainda não fizeram isso, e é melhor torcer para que não comecem agora. Eu

já avisei.

— E eu já ouvi, milorde Dragão, e claro que vou obedecer. — O homem de nariz

aquilino se curvou bem devagar em uma reverência. — Ainda assim, repito que onze

é um número perigoso.

Rand riu, mesmo sem querer.

— Taim, tenho toda a intenção de ensinar essas mulheres a dançarem ao som da

minha flauta.

Luz, fazia quanto tempo que não tocava flauta? E onde estava sua flauta? Bem ao

longe, ouviu Lews Therin soltar uma risadinha.





CAPÍTULO 43

A COROA DE ROSAS

A carruagem que Merana alugara sacolejava ao longo do lento trajeto pelas ruas

cheias de gente até a estalagem A Coroa de Rosas. Por fora, Merana estava calma:

uma mulher de cabelos escuros e olhos mel tranquilos, os dedos magros cruzados

por sobre as saias de seda cinza clara. Por dentro, não estava tão serena. Trinta e oito

anos antes, tivera por puro acaso a oportunidade de negociar um tratado entre Arad

Doman e Tarabon — um tratado que, em teoria, colocaria um ponto final na disputa

pela Planície de Almoth. Domaneses e tarabonianos passaram o encontro todo

tentando se esquivar e quase acabaram declarando três guerras diferentes durante as

negociações. Ela passara todo aquele tempo sorridente e com uma expressão de

absoluta boa vontade. Quando as assinaturas enfim secaram no papel, Merana sentia

como se tivesse sido enfiada dentro de um barril cheio de espetos e rolada ladeira

abaixo por colinas acidentadas. Depois de tudo aquilo, o tratado acabou valendo

menos que a cera das fitas para a feitura dos selos. Esperava que o que iniciara

naquela tarde, no Palácio Real, terminasse melhor — tinha que terminar —, mas, por

dentro, sentia como se tivesse acabado de sair de um segundo barril.

Min estava recostada no assento, de olhos fechados. A jovem sempre parecia

cochilar quando não havia nenhuma Aes Sedai se dirigindo a ela. As outras duas

irmãs na carruagem volta e meia olhavam para a garota; Seonid, serena e reservada

em seu verde brocado, e Masuri, de corpo magro e olhar alegre, usando um vestido

marrom com bainha bordada com vinhas fluorescentes. Todas tinham se vestido com

formalidade, usando os xales e as cores das Ajahs.

Merana tinha certeza de que as outras pensavam o mesmo sempre que olhavam

para Min. Seonid decerto compreendia a jovem, mas não dava para ter certeza — ela

era metódica e prática demais no trato com os próprios Guardiões, comportando-se

um pouco como a dona de um par de lobos premiados pelos quais até sentia certa

afeição. Bem, Masuri talvez compreendesse o coração da garota, já

que gostava

tanto de danças e até de flertes, apesar da propensão a se esquecer do pobre coitado

com quem estava sempre que ouvia qualquer rumor sobre algum manuscrito antigo

escondido. A própria Merana não se apaixonava desde bem antes daquele Quinto

Tratado de Falme, mas se lembrava bem da sensação. Bastara ver como Min olhava

para al'Thor para saber que a mulher perdera o juízo e resolvera que era uma ótima

ideia pensar com o coração.

Não que aquilo fosse prova de que Min ignorara todas as advertências e quebrara

a promessa que fizera, contando tudo para al'Thor, mas o fato é que o rapaz sabia de

Salidar. E mais: ele sabia que Elayne estava lá e até achara graça — graça! — em

suas tentativas de se esquivar das perguntas. Bem, não importava muito se Min

havia traído ou não a confiança que tinham nela; só por a menina estar apaixonada já

teriam que passar a tomar cuidado com o que diziam perto dela. De qualquer forma,

a situação como um todo era assustadora — e Merana não estava acostumada com a

sensação. Claro que já sentira medo antes, e com alguma frequência, como no ano

seguinte ao da morte de Basan — jamais criara um elo com outro Guardião depois

dele, e ao menos parte dessa resistência era por não querer passar por

tudo aquilo de

novo, embora a outra parte fosse estar ocupada demais para procurar o homem certo.

Ainda assim, aquela tinha sido a última vez em que sentira mais que apreensão antes

da Guerra dos Aiel. Só que agora estava com medo, e não gostava nada disso.

Talvez tudo ainda fosse dar certo e nada desastroso tivesse ocorrido naquela reunião,

afinal, mas o próprio al'Thor a deixava de pernas bambas.

A carruagem alugada deu um último solavanco e parou no estábulo da estalagem.

Cavaleiros usando colete com bordados de rosas se adiantaram para remover as

rédeas dos animais e abrir as portas.

O salão da estalagem combinava bem com a construção de três andares de pedra

branca bem lavrada: tinha as paredes cobertas de painéis de madeira escura polida e

imensas lareiras revestidas de mármore branco. Uma das cornijas abrigava um

relógio bem largo, com badalos marcando as horas e algumas douraduras delicadas.

As serviçais usavam vestidos azuis e aventais brancos com bordado de anéis de

rosas. Todas sorriam, eram educadas e eficientes, e mesmo as que não eram bonitas

tinham boa aparência. A Coroa de Rosas era a estalagem favorita dos nobres que

vinham do interior, mas que não possuíam mansões em Caemlyn. Naquele

momento, no entanto, havia apenas Guardiões às mesas, sem contar Alanna e Verin,

sentadas lá no fundo. Se dependesse só de Merana, elas estariam esperando nas

cozinhas, junto das serviçais. Todas as outras irmãs tinham saído. Não havia tempo a

perder.

— Se não se importa — pediu Min —, acho que vou dar uma volta. Queria ver

um pouco de Caemlyn antes de anoitecer.

Merana concordou. A jovem saiu depressa, e ela trocou olhares com Seonid e

Masuri, perguntando-se quanto tempo Min levaria para voltar ao Palácio.

A Senhora Cinchonine apareceu de repente, tão redonda quanto qualquer

estalajadeira que Merana já vira, distribuindo medida e esfregando as mãos rosadas

no avental.

— Posso ajudar em alguma coisa, Aes Sedai? Deseja que eu providencie algo? —

A mulher já recebia Merana com frequência, e sempre muito bem, desde antes de

descobrir que ela era Aes Sedai.

— Chá de frutas vermelhas — pediu Merana, sorrindo. — Na sala privada lá de

cima.

Manteve o sorriso no rosto até a estalajadeira sair apressada, chamando uma das

serviçais. Acenou rápido para Alanna e Verin, para que as duas a

acompanhassem

escada acima, e as cinco subiram em silêncio.

Quem quisesse olhar pelas janelas da sala de estar teria uma boa vista da rua, mas

Merana não estava muito interessada. Tratou de fechar as janelas ainda abertas,

diminuindo um pouco do barulho que entrava, e se virou para as outras. Seonid e

Masuri já estavam sentadas, mas Alanna e Verin permaneciam de pé, bem entre as

outras. Mesmo bem-passado, o vestido de lã escura de Verin tinha um aspecto

amarrotado, e a mancha de tinta na ponta do nariz não ajudava a complementar o

visual, mas a Marrom tinha olhos de pássaro, aguçados e vigilantes. Os olhos de

Alanna também cintilavam, mas o mais provável é que fosse de raiva — suas mãos

volta e meia pareciam tremer de leve, e ela agarrava as saias do vestido de seda azul

e corpete amarelo, tão amarrotado que parecia que a mulher dormira naquela roupa.

E até havia desculpa, no caso dela. Havia mesmo, mas não era o suficiente.

— Ainda não sei se seus atos surtiram algum efeito negativo, Alanna — começou

Merana, a voz firme. — Ele não mencionou o elo que você criou *contra a vontade*

dele, mas foi contundente, muito contundente, e...

— Ele impôs mais restrições? — interrompeu Verin, inclinando a cabeça de leve.

— Me parece que tudo está indo bem. Ele não fugiu quando ouviu a notícia de que

você estavam por aqui e ainda recebeu três irmãs de uma vez. E com alguma

cortesia, ou vocês estariam cuspidos marimbondos. O rapaz sente um pouco de

medo, o que é bom, ou não estaria impondo limites. Mas, se ele não tiver imposto

mais nenhuma restrição, continuamos tendo tanta liberdade quanto antes, o que

significa que ele não está apavorado. O mais importante é não assustá-lo além da

conta.

A maior dificuldade era que Verin e Alanna não faziam parte da delegação de

Merana, que, portanto, não tinha autoridade sobre elas. As duas haviam ouvido sobre

a história de Logain e as Vermelhas e concordado que não se podia permitir que

Elaida permanecesse no Trono de Amyrlin, mas aquilo não queria dizer nada.

Alanna ainda não era um problema, mas poderia se tornar — ela e Merana tinham

quase a mesma força, tão próximas que só se poderia dizer qual vinha na frente se

houvesse uma disputa direta, coisa de noviças, pelo menos até as noviças serem

pegas. Alanna passara seis anos como noviça, e Merana ficara apenas cinco; o mais

relevante, no entanto, era que Merana já era Aes Sedai havia mais de trinta anos

quando a parteira ajudou a trazer Alanna para o colo da mãe, e isso encerrava a

questão e lhe dava precedência. Ninguém considerava aqueles termos até que não

houvesse jeito, mas ambas sabiam daquilo e ajustavam seu comportamento de

acordo. Não que Alanna fosse acatar suas ordens, mas sua deferência instintiva a

manteria sob algum nível de controle — isso e, claro, o que Alanna fizera.

O problema era Verin, e fora ela quem a fizera pensar nessa questão de força e

precedência. Merana se permitiu sentir outra vez a força da outra mulher com o

Poder, mesmo já tendo certeza do que encontraria: não havia como afirmar qual

delas era mais forte. Cada uma passara cinco anos como noviça e seis como Aceitas

— o tipo de coisa que todas as Aes Sedai sabiam umas sobre as outras, mesmo que

não soubessem mais nada além do nome. Só que Verin era mais velha — e talvez a

diferença de idade fosse similar à dela para Alanna. O toque grisalho nos cabelos de

Verin só enfatizava isso. Se a Marrom fosse parte da missão diplomática, talvez não

houvesse nenhuma dificuldade na questão. Mas não era, e mesmo assim Merana

percebeu que a ouvia com atenção e agia com deferência mesmo sem pensar. Já

precisara parar duas vezes só naquela manhã para lembrar a mesma de que Verin

não estava no comando. Só o que tornava a situação tolerável era Verin

provavelmente sentir que compartilhava parte da culpa de Alanna. Sem isso, a

Marrom decerto teria se sentado em uma das cadeiras, agindo como igual, em vez de

ficar de pé ao lado da Verde. Se houvesse ao menos algum jeito de fazê-la passar dia

e noite no salão da estalagem onde estava, O Sabujo de Culain, para vigiar aquele

maravilhoso tesouro que havia encontrado nas garotas de Dois Rios...

Escolhendo seu lugar para que ela, Seonid e Masuri cercassem a dupla, Merana se

sentou e ajustou as saias e o xale com todo o cuidado. Sentia uma certa elevação

moral por se ver sentada enquanto as outras permaneciam de pé. O que Alanna fizera

era quase um estupro.

— Na verdade, ele impôs uma nova restrição. Não há o menor problema em vocês

duas terem descoberto onde fica essa *escola* dele, mas agora faço questão de sugerir

que deixem de lado qualquer ideia que possam ter tido sobre fazer uma visita. Ele

cobrou que... que ficássemos bem longe de seus... homens.

Ainda podia vê-lo se inclinando para a frente naquele trono monstruoso, o Trono

do Leão em destaque logo atrás, sobre um pedestal, enquanto empunhava um pedaço

de lança entalhado — sem dúvida um costume Aiel.

— *Ouçã bem, Merana Sedai — começou ele, em um tom firme e cordial.*
— *Eu*

não quero problemas entre as Aes Sedai e os Asha'man. Já falei para os soldados

ficarem longe de vocês, mas não vou permitir que eles acabem virando presa das

Aes Sedai. Se forem caçar na Torre Negra, podem acabar virando o jantar. E ambos

queremos evitar isso.

Merana já era Aes Sedai havia tempo suficiente para não ficar aterrorizada sempre

que sentia um calafrio, mas daquela vez foi por pouco. Asha'man. A Torre Negra.

Mazrim Taim! Como isso podia ter ido tão longe? E Alanna tinha certeza de que

havia mais de cem homens, embora não tenha dado detalhes de como descobrira isso

— claro: nenhuma irmã expunha seus olhos-e-ouvidos à toa. Bem, não importava

como. Já dizia o velho ditado: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. E

al'Thor era o pássaro mais importante do mundo, então teriam que deixar outros de

lado.

— Ele...? Ele ainda está aqui ou já foi? — Verin e Alanna pareciam encarar a

aparente capacidade de Viajar de al'Thor com muita tranquilidade, enquanto pensar

que *ele* redescobrira esse Talento só deixava Merana enjoada. O que mais ele

aprendera sozinho que as Aes Sedai já tinham se esquecido? —

Alanna? Alanna!

A irmã Verde esbelta levou um susto e só então despertou de seus pensamentos.

Ela vinha se distraíndo muito.

— Ele está na cidade. Acho que está no Palácio. — Ela ainda soava um tanto

distante. — Foi... Ele está machucado na lateral do corpo. É uma ferida antiga, mas

ainda não terminou de cicatrizar. Tenho vontade de chorar sempre que me permito

pensar nela. Como ele consegue viver com uma coisa dessas?

Seonid a encarou com um olhar de repreensão. Toda mulher que já estabelecera

um elo com um Guardião já sentira suas feridas, mas ela sabia o que Alanna estava

enfrentando, tão cedo depois de perder Owein. Quando Seonid falou, sua voz soou

quase gentil e só um pouco severa.

— Ora, Teryl e Furen sofreram lesões que quase me fizeram desmaiar, mesmo

que a sensação para nós seja sempre embotada. Mas eles nunca nem diminuíram o

passo. Nem uma única vez.

— Eu acho que estamos perdendo o fio da meada — comentou Masuri, com a voz

tranquila. Ela sempre falava com a mesma tranquilidade, mas, ao contrário de muitas

Marrons, era sempre bem direta.

Merana aquiesceu.

— É verdade. Considerarei assumir o lugar de Moiraine ao lado dele...

Uma batida na porta anunciou uma mulher de avental branco com a bandeja,

trazendo um bule de chá de prata e xícaras de porcelana. A Coroa de Rosas estava

habituada a atender à nobreza. O chá foi servido e a serviçal saiu, e Alanna já não

parecia mais distante: seus olhos escuros cintilavam com todo aquele fogo que

Merana sempre via neles. As Verdes tinham bastante ciúme de seus Guardiões, e

al'Thor agora pertencia a Alanna, não importava como o elo tinha sido estabelecido.

Nessa questão, a deferência ia por água abaixo. A Verde ficou ali, de pé,

empertigada e pronta feito uma lâmina, só esperando as próximas palavras de

Merana para decidir se iria mesmo golpear e cortar. Mas Merana esperou até o chá

de mirtilo estar servido, com todas já de volta a suas cadeiras, e chegou até a dizer a

Verin e Alanna que se sentassem. Aquela tonta merecia passar um pouco de

desgosto, mesmo considerando o que estava sofrendo por Owein. O que ela fez

talvez não fosse apenas *quase* um estupro.

— Considerei — continuou, finda a pausa —, mas rejeitei a ideia. Talvez tivesse

seguido com a possibilidade se você não tivesse feito o que fez, Alanna, mas ele

agora está tão desconfiado das Aes Sedai que talvez ria na minha cara

se eu sugerir

uma coisa dessas.

— Está tão arrogante quanto qualquer rei — opinou Seonid, sucinta.

— Ele é tudo o que Elayne e Nynaeve disseram e mais — acrescentou Masuri,

balançando a cabeça. — Alega saber quando uma mulher canaliza. Quase abracei

saidar para mostrar que ele estava enganado, mas ele poderia ficar muito alarmado

com qualquer demonstração que eu fizesse com o poder.

— E todos aqueles Aiel... — comentou Seonid, a voz bem tensa. Ela era

cairhiena, afinal. — Tanto homens quanto mulheres. Acho que aqueles selvagens

tentariam nos atacar com suas lanças se piscássemos rápido demais. E tinha uma,

aquela mulher de cabelo dourado, a única com a decência de usar saia, que não fazia

o menor esforço para esconder o quanto estava descontente com nossa presença.

Merana às vezes achava que Seonid não tinha muita noção de que o próprio

al'Thor poderia representar perigo.

Sem reparar no que fazia, Alanna mordiscava o lábio inferior feito uma garotinha.

Bom saber que a mulher tinha Verin para cuidar dela, já que não parecia em

condições de andar por aí sozinha. A Marrom só bebericava o chá e observava a

conversa, assistindo a tudo com aqueles olhos tão desconcertantes.

Merana acabou cedendo. Lembrava-se muito bem de como ficara fragilizada

depois da morte de Baran, os nervos à flor da pele.

— Por sorte, parece que as suspeitas dele talvez tenham rendido bons frutos. Ele

recebeu emissárias de Elaida, lá em Cairhien, e não fez questão de esconder o fato.

Acredito que essa desconfiança toda vai fazer com que ele mantenha distância delas.

Seonid pousou a xícara no pires.

— Al'Thor acha que vai nos colocar umas contra as outras.

— E talvez consiga — ponderou Masuri, secamente. — Ao menos sabemos mais

sobre ele do que Elaida jamais poderia saber. Acho que ela deve ter mandado as

emissárias para encontrar um pastor, mesmo que um pastor de casaco de seda. E,

bem, seja lá o que ele tenha se tornado, al'Thor já não é mais isso. Parece que

Moiraine o treinou bem.

— Já tinham nos avisado disso — concordou Merana. — E realmente acho muito

provável que elas tenham recebido o mesmo aviso.

Alanna piscou de modo surpreso, encarando as emissárias.

— Então eu não estraguei tudo? — As três assentiram, e ela enfim respirou fundo,

alisando as saias de cenho franzido, como se tivesse acabado de notar o tecido

amassado. — Eu talvez ainda consiga fazer com que ele me aceite. — Ela acalmou o

rosto, perdendo a expressão de preocupação, a voz mais calma e confiante a cada

palavra. — Quanto a essa anistia dele... bem, talvez tenhamos que suspender nossos

planos, por enquanto, mas isso não significa que não podemos planejar nada. Esse

tipo de perigo não pode ser ignorado.

Por um momento, Merana se arrependeu de ter cedido — depois de fazer aquilo a

um homem, a única coisa que de fato preocupava a Verde era se sua atitude

comprometera as chances de sucesso da Torre. Mas, relutante, acabou admitindo

que, se aquilo servisse para garantir a obediência de al'Thor, ela taparia o nariz.

— Primeiro temos que tomar as rédeas de al'Thor, por assim dizer. E suspenderemos nossos planos pelo tempo que for preciso, Alanna.

A Verde estreitou a boca, mas enfim aquiesceu — ou ao menos pareceu aceitar

ouvir.

— E como faremos para assumir as rédeas dele? — indagou Verin. — Al'Thor

precisa ser tratado com delicadeza, ele é um lobo preso a uma correia da grossura de

um barbante.

Merana hesitou. Não era sua intenção compartilhar tudo com aquelas duas, ainda

mais porque ambas demonstravam uma lealdade muito tênue para com o Salão de

Salidar. Temia pelo que aconteceria se Verin tentasse assumir as

rédeas — e ainda

mais se ela tivesse êxito. Mas sabia manejar a situação, tinha sido escolhida

justamente por ter vivido uma vida dedicada à mediação de disputas delicadas e à

negociação de tratados entre partes que se odiavam. Era parte da natureza humana

ver acordos quebrados e tratados violados, mas, nos seus oitenta anos de ofício, seu

único insucesso real foi o Quinto Tratado de Falme. Merana sabia bem disso tudo,

mas ainda havia os instintos e as cautelas que aprendera ao longo dos anos, já tão

enraizados.

— Estamos fazendo contato com alguns nobres. Por sorte, estão todos em

Caemlyn agora...

* * *

— Eu me preocupo é com Elayne — comentou Dyelin, com firmeza.

A mulher falava com ainda mais firmeza por estar sozinha com uma Aes Sedai na

sala de estar — uma mulher da Torre podia fazer uma pressão forte quando a pessoa

fraquejava por estar sozinha. Sobretudo quando ninguém mais sabia desse encontro

a sós.

Kairen Sedai sorriu, mas nem o sorriso e nem os olhos azuis serenos revelavam

qualquer coisa.

— É bem possível que a Filha-herdeira acabe se sentando no Trono do Leão.

Obstáculos que podem parecer insuperáveis para outros raramente o são para as Aes

Sedai.

— O Dragão Renascido diz que...

— Os homens dizem muitas coisas, Lady Dyelin, mas você sabe que eu não



minto.

* * *

Luan olhou para os lados, para o caso de algum criado entrar nas estrebarias, e deu

um tapinha no pescoço do garanhão tairino cinzento. Mal conseguiu desviar da

mordida daqueles dentes terríveis. O Guardião de Rafela os alertaria caso alguém se

aproximasse, mas Luan não confiava em ninguém, nos últimos tempos. Ainda mais

com uma visita daquela.

— Não sei bem se entendi direito — respondeu, sem rodeios.

— A unidade é melhor que a divisão — respondeu Rafela —, a paz é melhor que

a guerra, a paciência é melhor que a morte. — Luan mexeu a cabeça em

contrariedade àqueles chavões, e a Aes Sedai de rosto redondo sorriu.

— Não vai ser

melhor para Andor se Rand al'Thor deixar a terra unida e em paz, Lorde Luan?

* * *

Segurando o robe fechado, Ellorien fitava a Aes Sedai que conseguira abordá-la

durante o banho — e sem ser anunciada, talvez até sem ser vista por mais ninguém.

A mulher de pele cor de cobre a encarava, sentada em um banquinho no outro lado

da banheira de mármore cheia, agindo com toda a naturalidade.

— E quem ocuparia o Trono do Leão, Demira Sedai? — perguntou, por fim.

— Há de ser o que a Roda tecer. — Foi a única resposta, e Ellorien sabia que não

teria nenhuma outra.



CAPÍTULO 44

A COR DA CONFIANÇA

Tão logo Vanin havia partido para dizer ao Bando que ficasse onde estava, Mat

descobriu que não restava nenhuma estalagem em Salidar que não tivesse sido

ocupada pelas Aes Sedai, e que até os cinco estábulos estavam completamente

lotados. Porém, quando deslizou uma moedinha de prata para um cavaleiro de rosto

fino, o sujeito foi buscar sacas de aveia e fardos de feno em um pátio rodeado por

paredes de pedra que abrigaria seis cavalos. Também mostrou para Mat e os outros

quatro homens do Bando lugares para dormir no depósito de feno, que era um pouco

mais fresco que o lado de fora.

— Não peçam nada — advertiu Mat para seus homens enquanto

dividia o restante

das moedas entre eles. — Paguem por tudo e não aceitem presentes. O Bando não

vai ficar devendo nada a ninguém daqui.

Seu falso ar de confiança se transmitiu aos demais, que nem hesitaram quando ele

os mandou afixarem os estandartes junto à porta de entrada do depósito para que

pendessem à frente do estábulo, em carmesim e branco, o disco branco e preto e o

Dragão bem à vista de todos. Os olhos do cavaleiro se arregalaram e ele exigiu

saber o que Mat estava fazendo.

Ele apenas sorriu e jogou um marco de ouro para o camarada de rosto fino.

— Só para que todos saibam quem está aqui. — Mat queria que Egwene

entendesse que ele não seria intimidado, e, algumas vezes, fazer as pessoas en

xergarem isso significava ter que tomar algumas atitudes esquisitas.

O problema foi que os estandartes não surtiram efeito. Ah, todos que passavam

por ali ficavam boquiabertos e apontavam para eles, e várias Aes Sedai vinham só

para dar uma olhada, os olhos frios e sem expressão, mas Mat estivera esperando um

pedido indignado para que eles fossem removidos, o que nunca aconteceu. Quando

ele voltou para a Pequena Torre, uma Aes Sedai, que — milagrosamente —

conseguia ter cara de ameixa seca apesar das bochechas lisas e do rosto de idade

indefinida, mexeu no xale de franjas marrons e disse a ele, irredutível, que o Trono

de Amyrlin estava ocupado e que talvez pudesse recebê-lo dentro de um ou dois

dias. Talvez. Elayne parecia ter desaparecido, assim como Aviendha, mas ninguém

parecia ter tentado assassinar ninguém ainda. Mat suspeitava de que a Aiel poderia

estar em algum lugar metida em um vestido branco. Para ele, não mudava nada,

desde que a paz fosse mantida, já que Mat não queria ter que contar a Rand que uma

havia matado a outra. Ele chegou a avistar Nynaeve, mas a mulher se esgueirou por

uma esquina e já havia sumido quando Mat alcançou o local.

Ele passou a maior parte da tarde à procura de Thom e Juilin. Tinha esperança de

que um dos dois pudesse explicar melhor o que estava acontecendo e, além disso,

Mat precisava se desculpar com Thom por seus comentários sobre aquela carta.

Infelizmente, ninguém também parecia saber onde os homens se encontravam. Bem

antes do cair da noite, Mat chegou à conclusão de que eles estavam sendo mantidos

longe dele. Egwene queria mesmo desestabilizá-lo, deixá-lo cozinhando, mas ele a

faria perceber que não estava nem em fogo baixo. Para ajudá-lo com isso, Mat saiu

para dançar.

A impressão era de que as celebrações por conta da nova Amyrlin deveriam

prosseguir durante um mês, e embora todos em Salidar parecessem atarefados ao

longo do dia, fogueiras eram acesas em todas as esquinas assim que a noite caía, e

surgiam rabecas, flautas e até um ou dois saltérios. Música e gargalhadas tomavam

conta do ar, e os festejos reinavam até a hora de ir para a cama. Mat via Aes Sedai

dançando nas ruas com carroceiros e cavaleiros ainda trajando suas roupas pesadas

de trabalho e Guardiões dançando com serviçais e cozinheiras que haviam deixado

de lado os aventais. Nada de Egwene, no entanto. O maldito Trono de Amyrlin não

ficaria saltitando e rodopiando pelas ruas. Nada também de Elayne ou Nynaeve, e

nada de Thom ou Juilin. Thom não teria dispensado uma dança nem com as duas

pernas quebradas, a menos que tivesse realmente sido impedido. Mat sossegou para

poder se divertir, deixar que todos vissem que ele não dava a mínima para qualquer

outra coisa. Acabou não funcionando exatamente como ele queria.

Mat dançou um pouco com a mulher mais linda que já tinha visto em toda a sua

vida, magra e de seios fartos, que queria saber tudo sobre Mat Cauthon. A atenção o

deixara lisonjeado, especialmente quando ela perguntou se ele queria

dar uma

voltinha. Mas, depois de um tempo, Mat notou que Halima tinha um jeitinho de

encostar nele, de se inclinar para olhar para alguma coisa, de um modo que não lhe

dava escolha senão olhar seu decote. Era provável que Mat tivesse gostado, o

problema era que ela toda vez olhava para o rosto dele com um olhar penetrante e

um sorriso divertido. Não era uma boa dançarina — para começo de conversa, ficava

tentando conduzi-lo —, até que ele, por fim, pediu licença e foi embora.

Não deveria ter sido um problema, mas, antes que Mat tivesse dado dez passos, a

cabeça de raposa pendurada em seu pescoço ficou fria feito gelo. Ele se virou e,

furioso, procurou pela culpada. O que viu foi Halima encarando-o à luz da fogueira.

Apenas por um instante, até que a mulher pegou um Guardião alto pelos braços e

voltou a rodopiar e dançar, mas Mat tinha certeza de ter identificado uma expressão

surpresa naquele lindo rosto.

As rabecas entoavam uma melodia conhecida. Uma das velhas lembranças em sua

mente a reconheceu, pelo menos, pois não havia mudado muito, considerando-se que

já se passara bem mais de mil anos. Os versos da canção deviam ter mudado por

completo, já que as velhas palavras que ecoavam em sua mente jamais

teriam sido

aprovadas ali:

Pode confiar em mim, disse a Aes Sedai.

Lembre: sem mim, o mundo inteiro cai.

Confie em mim, sempre faço o que é certo.

Cuidarei de tudo, ficarei aqui por perto.

Mas a confiança é da cor das trevas brotando.

A confiança é da cor do sangue pingando.

A confiança é da cor do derradeiro corte.

A confiança é da cor da morte.

— Aes Sedai? — repetiu desdenhosamente uma jovem rechonchuda quando ele

foi perguntar a respeito de Halima. Era bonita e, em outras circunstâncias, Mat

poderia ter investido em busca de uns beijinhos e de calor humano. — Halima é só a

secretária de Delana Sedai. Sempre provocando os homens, essa aí. Como uma

criancinha com um brinquedo novo. Provoca só para ver se consegue. Já teria ficado

com água quente até o pescoço umas dez vezes, se Delana não a protegesse.

Pode confiar em mim, disse a rainha,

lembre: carrego esse fardo sozinha.

Confie em mim para liderar, julgar e governar,

que você é um tolo, homem nenhum vai pensar.

Mas a confiança é o som do mau auguro.

A confiança é som do ardil no escuro.

A confiança é o som do derradeiro corte.

A confiança é o som da morte.

Talvez ele tivesse se enganado. Talvez ela só tivesse ficado chocada por ele ter

ido embora. Poucos homens dispensariam uma mulher com aquela aparência, pouco

importando seu jeito de provocar ou dançar. Tinha que ser isso. Mas ainda restava a

dúvida: então quem e por quê? Mat olhou em volta, para quem dançava e para as

peessoas que observavam do limiar das sombras, onde esperavam sua vez. A

Caçadora da Trombeta de cabelos dourados que lhe parecera familiar saiu

rodopiando com um sujeito de rosto particularmente encaroçado, sua trança quase

que se sobressaindo às costas. Mat conseguia identificar Aes Sedai pelos seus rostos

— na maioria dos casos, pelo menos —, mas não havia como saber qual delas tinha

tentado... o que quer que tivesse tentado.

Ele saiu andando rua abaixo em direção à fogueira seguinte mais para escapar

daquela canção do que por qualquer outro motivo, antes que, em sua mente, a letra

da música passasse de “o rei no alto” e “a lady e o lorde” para “o amor da sua vida”.

Naquela velha lembrança, ele se recordava de ter escrito aquela canção por conta do

amor da sua vida. *A confiança tem o gosto da morte.* Na outra esquina, um

rabequista e uma mulher com uma flauta tocavam o que soava como “Afofem as

Penas”, uma bela dança do interior.

Até onde ele podia confiar em Egwene? Ela agora era Aes Sedai. Devia mesmo

ser, se agora era a Amyrlin, ainda que uma Amyrlin de meia-tigela numa aldeia de

meia-tigela. Bem, o que quer que fosse, ela era Egwene, e ele não conseguia

acreditar que ela o atacaria do nada daquele jeito. Claro que Nynaeve seria capaz,

mesmo sem a intenção real de machucá-lo. Seu quadril, porém, ainda doía. O chute

o deixara com um hematoma. E só a Luz sabia do que uma mulher como Elayne

seria capaz. Elas ainda estavam tentando forçá-lo a ir embora, ele concluiu. Era

provável que houvesse outras tentativas. O melhor a fazer era ignorá-las. Mat quase

torcia para que elas tentassem de novo. Não podiam tocá-lo com o Poder e, quanto

mais tentassem e fracassassem, ora, mais teriam que reconhecer que ele não seria

manipulado.

Myrelle apareceu e ficou ao lado dele, observando o povo que dançava. Mat se

lembrava dela vagamente. Não achava que ela soubesse de algo perigoso a seu

respeito. Pelo menos achava que não. Não era tão bela quanto Halima,

claro, mas,

ainda assim, era bem mais que apenas bonita. Sombras tremeluzentes dançavam em

seu rosto de modo que Mat quase poderia esquecer que ela era Aes Sedai.

— Noite quente — disse a mulher, sorrindo, e começou a fazer um discurso tão

descontraído enquanto Mat se deleitava olhando para ela que ele precisou de um

certo tempo para perceber aonde ela estava querendo chegar com aquela conversa.

— Acho que não — respondeu educadamente ele quando ela fez uma pausa. Era

isso que dava esquecer. Aes Sedai eram Aes Sedai.

Ela apenas sorriu.

— Haveria muitas vantagens, e eu não tentaria prendê-lo às minhas saias. Muitas

vantagens. Você escolheu uma vida perigosa, ou a escolheram para você. Um

Guardião deve ter mais chances de sobreviver.

— Eu realmente acho que não. Eu recuso, mas agradeço a proposta.

— Pense um pouco, Mat. A menos que... A Amyrlin criou um elo com você?

— Não. — Egwene não faria isso. Faria? Ela não poderia enquanto ele estivesse

usando o medalhão, mas será que faria se ele não o usasse? — Você me dá licença?

— Mat fez uma curta reverência e partiu na direção de uma bela jovem de olhos

azuis que batia o pé no ritmo da música. Ela tinha uma boca

suculenta, perfeita para

beijar, e ele queria se divertir, maldição. — Eu vi os seus olhos e não pude deixar de

vir aqui. Quer dançar?

Já era tarde demais quando ele viu o anel da Grande Serpente na mão direita da

mulher, justo quando aquela boca suculenta se abriu e uma voz que ele reconheceu

disse, seca:

— Uma vez eu perguntei, garoto, se você estaria presente quando a casa

começasse a pegar fogo, mas parece que você gosta de pular em fogueiras. Agora

saia daqui e encontre alguém que queira dançar com você.

Siuan Sanche! Ela tinha sido estancada e morta! Mas ali estava ela, fitando-o com

o rosto que roubara de alguma jovem, fosse ela o que fosse, e usando um anel de

Aes Sedai! Ele tinha tirado *Siuan Sanche* para dançar!

Enquanto Mat ainda tinha os olhos fixos nela, uma domanesa jovem e esbelta veio

rodopiando com um vestido verde-claro transparente o bastante para que a luz da

fogueira delineasse toda a sua silhueta. Lançando um olhar gélido na direção de

Siuan, que o devolveu com interesse, a domanesa praticamente arrastou Mat para o

meio das pessoas dançando. Era tão alta quanto uma Aiel, os olhos escuros até um

pouco mais altos que os dele.

— Meu nome é Leane, aliás — disse a mulher com uma voz que parecia uma

carícia açucarada —, caso você não tenha me reconhecido. — Sua risadinha baixa

também era quase uma carícia.

Mat deu um pulo e quase se atrapalhou todo no primeiro giro. Ela também usava o

anel. Ele concluiu o passo apenas por instinto. Alta ou não, Leane era como uma

pluma nas mãos dele, graciosa como um cisne, mas com certeza nada disso era

suficiente para abafar a pergunta que continuava a explodir na cabeça dele feito os

fogos de artifício de um Iluminador: Como? Como, sob a Luz? Para completar,

quando a dança acabou, ela disse:

— Você dança muito bem — disse naquela voz sedutora, e então o beijou com

uma intensidade com que Mat jamais havia sido beijado. Ele ficou tão chocado que

nem tentou se afastar. Suspirando, ela lhe deu um tapinha na bochecha. — Dança

muito bem mesmo. Na próxima vez, pense nisso como uma dança e você vai se sair

bem melhor. — E lá foi ela embora gargalhando, de volta para dançar com algum

sujeito que tirou do meio dos espectadores.

Mat decidiu que já passara pelo máximo que um homem poderia suportar em uma

única noite. Voltou ao estábulo e caiu no sono usando a própria sela como

travesseiro. Seus sonhos teriam sido agradáveis, se não tivessem envolvido Myrelle,

Siuan, Leane e Halima. Em se tratando de sonhos, um homem simplesmente não

tinha bom senso suficiente nem para tirar uma pedra da própria bota.

O dia seguinte só poderia ser melhor, pensou ele, em especial quando a alvorada

chegou revelando Vanin no depósito, dormindo em sua sela. Ele contou que

Talmanes tinha recebido a mensagem e ficaria onde estava. Guardiões haviam sido

vistos observando os preparativos do Bando, sem dúvida porque se permitiram ser

vistos, mas nenhum deles se aproximara dos homens de Mat. Uma surpresa menos

agradável foi deparar com o cavalo cinza de Olver no pátio atrás do estábulo, e o

próprio Olver todo enrolado nos lençóis em um canto.

— Você precisa de alguém na retaguarda — justificou-se o menino, sombrio,

quando Mat perguntou o que ele estava fazendo ali. — Não pode confiar nela. —

Não precisou citar o nome de Aviendha.

Olver não mostrou interesse em brincar com as crianças da aldeia, e Mat teve que

suportar olhares e sorrisos conforme o garoto o seguia por toda Salidar, fazendo seu

melhor para imitar o andar fluido de um Guardiã e olhando em nove direções ao

mesmo tempo à procura de Aviendha. E Mat continuava sem vê-la em lugar algum,

assim como Elayne e Nynaeve. E a “Amyrlin” ainda estava ocupada. Thom e Juilin

também estavam “ocupados”. Vanin conseguiu ouvir algumas coisas, mas nada que

deixasse Mat feliz. Se Nynaeve realmente tivesse Curado Siuan e Leane, ela estaria

pior do que nunca. Ela sempre se tivera em alta conta e, depois de conseguir fazer o

que ninguém julgara possível, seu peito estaria mais estufado que o de um pombo.

Mas essa não era a pior parte. A história sobre Logain e a Ajah Vermelha deram

calafrios em Mat. Aquilo soava como o tipo de coisa que nenhuma Aes Sedai

perdoaria. Se Gareth Bryne era o líder do exército delas, não se tratava de um

amontoado de fazendeiros e varredores de rua com alguns Guardiões para dar mais

corpo. Considerando-se tudo isso e as provisões que Vanin viu serem empacotadas

ou acondicionadas em barris para viagem, a única conclusão era que haveria

problemas. O pior tipo de problema que Mat poderia imaginar, pouco melhor do que

dar de cara com um dos Abandonados na mesa ao lado e mais uma dúzia de Trollocs

entrando pela porta. Nada daquilo as tornava menos tolas, apenas tolas muito

perigosas. Thom e seu “ajudá-las a fazer o que elas querem”. Se o menestrel sáísse

da toca algum dia, talvez pudesse tirar um “como” daquelas suas histórias.

À noite, Myrelle voltou a conversar com Mat a respeito de ele se tornar um

Guardião, e seus olhos se estreitaram em desagrado quando Mat lhe disse que a

proposta dela era a quinta que ele dispensava desde o nascer do sol. Ele não teve

certeza se ela acreditou, já que a mulher foi embora com o andar mais exasperado

que ele já vira em uma Aes Sedai. Porém, era verdade. A primeiríssima, quando ele

ainda tentava tomar o café da manhã, fora da mesma Delana para quem Halima

trabalhava, uma mulher corpulenta de cabelo claro e olhos azuis que chegou perto de

tentar intimidá-lo a aceitar. Naquela noite, ele se manteve longe da dança e foi

dormir com as músicas e gargalhadas em seus ouvidos. Desta vez, soavam amargas.

Foi no meio da tarde do segundo dia inteiro de Mat em Salidar que uma garota de

vestido branco, bonita, sardenta e se esforçando bastante para demonstrar uma

dignidade gélida — e quase sendo bem-sucedida —, abordou-o com uma

convocação exatamente assim:

— Você vai se apresentar imediatamente perante o Trono de Amyrlin.
— Ponto

final, e mais nenhuma palavra.

Mat sinalizou para que ela fosse na frente. Pareceu adequado, e ela pareceu gostar.

Estavam todas elas naquele aposento da Pequena Torre, Egwene,

Nynaeve,

Elayne e Aviendha, embora Mat tenha precisado olhar duas vezes para reconhecer a

Aiel em um vestido azul de lã cara, com gola e punhos rendados. Pelo menos nem

Aviendha nem Elayne estavam tentando estrangular uma a outra, mas ambas tinham

uma expressão pétrea. Assim como Egwene e Nynaeve, aliás. Os rostos estavam

todos indecifráveis, e todos os olhos voltaram-se para ele. Conseguiu segurar a

língua enquanto Egwene expôs as alternativas de Mat, na opinião dela, sempre

sentada por detrás da mesa e com aquela estola listrada sobre os ombros.

— Caso você ache que não é capaz de fazer nenhuma das duas coisas — concluiu

ela —, lembre-se de que eu posso amarrar você no seu cavalo e mandá-lo de volta

para esse seu Bando da Mão. Em Salidar, não há lugar para preguiçosos e gente que

faz corpo mole. Eu não vou permitir uma coisa dessas. Você tem duas escolhas,

Mat: ou vai para Ebou Dar com Elayne e Nynaeve ou vai embora para ver quem

você consegue impressionar com bandeiras e estandartes.

O que o deixava sem escolha, claro. Quando ele apontou isso, nenhuma expressão

se alterou. Se muito, Nynaeve se mostrou ainda mais severa. E Egwene disse apenas:

— Fico feliz que tudo esteja resolvido, Mat. Agora tenho mil coisas

para fazer.

Vou tentar vê-lo antes de você ir. — Dispensado feito um cavaliço. A Amyrlin

estava ocupada. O mínimo que poderia ter feito era lhe jogar uma moeda de cobre.

Foi por isso que na terceira manhã de Mat em Salidar ele foi até a entrada do

lugar, na área descampada entre a aldeia e a floresta.

— Pode ser que elas continuem aqui até eu voltar — disse Mat para Talmanes,

olhando por cima do ombro em direção às casas. Elas viriam logo, e Mat não queria

que nada daquilo chegasse aos ouvidos de Egwene. Se pudesse, ela tentaria pôr um

fim nos seus planos. — Bem, é o que eu espero. Se elas se des locarem, siga-as

aonde quer que seja, mas nunca tão de perto a ponto de assustá-las. E se uma jovem

chamada Egwene aparecer, não faça perguntas, trate apenas de capturá-la e levá-la

para Caemlyn, mesmo que seja preciso passar por cima de Gareth Bryne. — Claro

que eles poderiam estar pretendendo ir a Caemlyn. Havia essa chance. Mas Mat

temia que o alvo delas fosse Tar Valon. Tar Valon e o machado do carrasco. — E

leve Nerim com você.

Talmanes balançou a cabeça.

— Se Nalesean estiver indo com você, vou ficar ofendido se você não permitir

que eu envie um dos meus homens para cuidar das suas coisas. — Mat gostaria que

Talmanes sorrisse de vez em quando. Ajudaria a saber quando ele estava falando

sério. Ele certamente soava sério.

Nerim estava parado de pé ali perto, com Pips, e sua própria égua marrom roliça,

além de dois burros de carga com cestos de vime atulhados até a boca. O homem de

Nalesean, um sujeito robusto chamado Lopin, conduzia apenas um animal de carga,

além do seu capão com focinho em formato de martelo e do imenso garanhão negro

de Nalesean.

A comitiva não acabava aí. Ninguém parecia querer dizer a Mat mais do que o

ponto de encontro e quando ele deveria estar lá, mas, durante outra conversa

tentando convencê-lo a se tornar Guardião, Myrelle deixara escapar que já não havia

mais problema se ele se comunicasse com o Bando, desde que não tentasse trazê-los

para mais perto de Salidar. Ele nem tinha cogitado uma coisa dessas. Vanin estava

ali naquela manhã porque suas habilidades como batedor seriam úteis, assim como

cerca de dez soldados do Bando, selecionados por conta dos ombros pesados e por

terem se mostrado capazes de manter a ordem enquanto ainda eram Braços

Vermelhos em Maerone. Pelo que Nalesean dissera, clavas e punhos

ligeiros

deveriam dar conta de qualquer confusão em que Nynaeve e Elayne se metessem, ao

menos por tempo suficiente para levá-las embora na surdina. Lá no final vinha

Olver, montado no cavalo cinza que batizara de Vento, um nome que o animal de

pernas compridas até poderia merecer. Claro que ele levaria Olver junto. O Bando

poderia muito bem se meter em problemas se acabasse tendo que acompanhar aquele

monte de malucas. Talvez não problemas com Bryne, mas havia grandes chances de

os nobres ficarem eriçados ao verem dois exércitos cruzando suas terras e

resolverem atacar os cavalos à noite e atirarem flechas matagal sim, matagal não.

Para um garoto, qualquer cidade havia de ser mais segura que isso.

Ainda não havia qualquer sinal de nenhuma Aes Sedai, e o sol já começava a

assá-los por sobre as copas das árvores.

Num gesto irritado, Mat puxou o chapéu para baixo.

— Nalesean conhece Ebou Dar, Talmanes. — O taireno deu um risinho em meio

ao suor e assentiu. A expressão de Talmanes não se alterou. — Ah, está bem. Nerim

vem com a gente. — Talmanes inclinou a cabeça. Talvez tivesse falado sério.

Por fim, houve uma movimentação na aldeia, um grupo de mulheres conduzindo

cavalos. Elayne e Nynaeve estavam acompanhadas, embora Mat não estivesse

esperando mais ninguém. Aviendha trajava um vestido de cavalgada cinza, mas

olhava para a sua égua parda esguia com um ar mais que duvidoso. Aquela Caçadora

da trança dourada demonstrava mais confiança com um capão de ancas pesadas da

cor de um camundongo, e parecia estar tentando convencer Aviendha de algo em

relação à sua égua. O que aquelas duas estavam fazendo ali? Também havia duas

Aes Sedai — outras duas Aes Sedai além de Nynaeve e Elayne, melhor dizendo —,

mulheres esbeltas com cabelos brancos que Mat ainda não tinha visto em Aes Sedai.

Um sujeito de certa idade, magro, porém musculoso, e quase careca — os poucos

fios que ainda restavam eram grisalhos — vinha atrás delas com um animal de

carga, além da sua própria montaria. Mat levou um tempo para perceber que se

tratava de um Guardiã, com um daqueles mantos furta-cor lhe pendendo às costas.

Essa era a vida de um Guardiã. As Aes Sedai faziam o sujeito trabalhar até ele

perder os cabelos, e então, depois que o pobre coitado morresse, provavelmente

ainda encontrariam serventia para os seus ossos.

Thom e Juilin vinham não muito atrás, e também traziam um burro de carga. As

mulheres pararam a umas cinquenta passadas à esquerda junto do Guardião idoso,

mal olhando para Mat e seus homens. O menestrel deu uma olhada furtiva na

direção de Nynaeve e as demais e, a seguir, falou com Juilin, e ambos conduziram

seus cavalos na direção de Mat, parando um pouco antes dele como se não tivessem

certeza de que eram bem-vindos. Mat se aproximou.

— Tenho que lhe pedir desculpas, Mat — disse Thom, apertando o bigode. —

Elayne foi bem enfática ao me proibir de continuar conversando com você. Só

mudou de ideia hoje de manhã. Num momento de fraqueza há alguns meses, prometi

obedecer às ordens dela, e ela joga isso na minha cara nas situações mais esquisitas.

Ela não ficou muito feliz por eu ter lhe dito o que disse.

— Nynaeve ameaçou me dar um soco no olho se eu chegasse perto de você —

revelou Juilin em tom tristonho, apoiando-se em seu cajado de bambu. Estava

usando um chapéu taraboniano vermelho que não oferecia tanta proteção contra o

sol, e até o chapéu parecia triste.

Mat desviou o olhar na direção das mulheres. Nynaeve o espiava por cima da

própria sela, mas, quando percebeu que ele estava olhando, agachou-se atrás do

animal, uma égua marrom atarracada. Ele não teria pensado que nem Nynaeve seria

capaz de mandar em Juilin, mas o apanhador de ladrões de pele escura estava bem

longe de ser o homem com quem Mat convivera um pouco em Tear. Aquele Juilin

se mostrara pronto para tudo. Este Juilin, com a testa franzida, parecia sempre

preocupado com alguma coisa.

— Nós vamos ensinar para elas um pouco de boas maneiras durante esta viagem,

Juilin. Thom, eu é que tenho que pedir desculpas. Aquilo que eu disse sobre a carta...

Foi o calor que me fez falar sem pensar, e eu estava preocupado com certas mulheres

idiotas. Espero que as notícias tenham sido boas. — Foi tarde demais quando ele se

recordou do que Thom dissera. O homem abandonara à morte a mulher que tinha

escrito aquela carta.

Thom, porém, só deu de ombros. Mat não sabia o que pensar dele sem o manto de

menestrel.

— Notícias boas? Eu ainda nem decifrei aquela carta. É comum não se saber se

uma mulher é amiga, inimiga ou amante até já ser tarde demais. Às vezes, ela é os

três. — Mat esperava uma gargalhada, mas Thom franziu a testa e suspirou. — As

mulheres parecem gostar de se passar por misteriosas, Mat. Posso dar um exemplo.

Você se lembra de Aludra?

Mat precisou pensar.

— A Iluminadora que salvamos em Aringill?

— A própria. Juilin e eu a encontramos durante as nossas viagens e ela não sabia

quem eu era. Não que ela não tenha me reconhecido, já que é normal conversar com

companheiros de viagem desconhecidos para poder conhecê-los melhor. Aludra não

quis me conhecer, e mesmo sem eu saber por quê, não vi razão para impor nada.

Encontrei-a como uma estranha e a deixei como uma estranha. E aí, você a veria

como uma amiga ou uma inimiga?

— Talvez como amante — respondeu Mat, seco. Ele não se importaria em

encontrar Aludra de novo. Ela lhe dera alguns fogos de artifício que se provaram

bem úteis. — Se você quiser saber sobre mulheres, pergunte para Perrin, não para

mim. Não entendo nada desse assunto. Eu costumava achar que Rand em tendia, mas

Perrin com certeza entende. — Elayne estava conversando com as duas Aes Sedai de

cabelo branco sob o olhar atento da Caçadora. Uma das Aes Sedai mais velhas deu

uma olhada inquisitiva na direção de Mat. Agiam como Elayne, serenas como uma

rainha em seu maldito trono. — Bem, com sorte, não vou precisar aturar essas

malucas por muito tempo — resmungou Mat consigo mesmo. — Com sorte, o que

quer que elas estejam indo fazer lá não vai demorar muito e em cinco ou dez dias

estaremos de volta. — Com sorte, ele poderia estar de volta antes que o Bando

precisasse começar a seguir aquelas loucas. Seguir não apenas um exército, mas

dois, seria fácil como roubar tortas, claro, mas Mat não queria passar nem um dia a

mais que o necessário na companhia de Elayne.

— Dez dias? — indagou Thom. — Mesmo com esse tal de “portão”, Mat, vamos

precisar de cinco ou seis dias só para chegar a Ebou Dar. É melhor que uns vinte,

mas...

Mat parou de prestar atenção. Cada gota de irritação que ele vinha acumulando

desde a primeira vez em que tornou a pousar os olhos em Egwene transbordou de

uma só vez. Ele apanhou o chapéu e foi andando decidido até Elayne e as outras.

Deixá-lo sem saber nada já era ruim o bastante — como ele poderia mantê-las longe

de confusão se elas não lhe contavam nada? —, mas aquilo era ridículo. Nynaeve o

viu se aproximando e, por algum motivo, escondeu-se atrás de sua égua.

— Vai ser interessante viajar com um *ta'veren* — comentou uma das Aes Sedai

de cabelo branco. Mesmo de perto, ele ainda não conseguia dizer quantos anos a

mulher tinha, mas, de alguma forma, algo em seu rosto transmitia

certa idade. Devia

ser o cabelo. A outra Aes Sedai parecia um reflexo da primeira. Talvez elas

realmente fossem irmãs. — Meu nome é Vandene Namelle.

Mat não estava no clima para falar sobre ser um *ta'veren*. Nunca sentia vontade

de fazer isso, mas menos ainda naquele momento.

— Que história é essa de que a gente vai levar cinco ou seis dias para chegar a

Ebou Dar? — O velho Guardião se endireitou, encarando-o com severidade, e Mat

também o reavaliou. Podia ser magro, mas era duro feito raízes velhas. Mas isso não

bastou para fazê-lo moderar o tom de voz. — Vocês podem abrir um portão na

frente de Ebou Dar. Não somos nenhum maldito exército que vá assustar alguém, e,

quanto a aparecer do nada, vocês são Aes Sedai. As pessoas já esperam que vocês

apareçam do nada e atravessem paredes.

— Receio que você esteja falando com a Aes Sedai errada — disse Vandene. Mat

olhou para a outra mulher de cabelo branco, que balançou a cabeça enquanto

Vandene disse: — Não, não Adeleas. Parece que não somos fortes o bastante para

algumas das novidades.

Mat hesitou, então afundou o chapéu na cabeça e se virou para Elayne.

A mulher empinou o nariz imediatamente.

— Parece que você sabe ainda menos do que pensa, Mestre Cauthon
— afirmou

ela com frieza. Não estava suando, ele percebeu, não mais que as
duas... as outras

duas... Aes Sedai. A Caçadora olhava para ele de modo desafiador. Por
acaso ele

tinha enfiado uma abelha no seu ouvido para ela ficar olhando-o com
aquela cara?

— Há aldeias e fazendas num entorno de cem milhas de Ebou Dar —
prosseguiu

Elayne, como se tentasse explicar o óbvio para alguém não muito
inteligente. —

Portões são perigosos. Não quero matar as ovelhas e vacas de um
pobre coitado

qualquer, e muito menos o próprio pobre coitado.

Não era só aquele tom de voz que Mat odiava. Elayne estava certa, e
ele também

odiava isso. Mas não estava a ponto de admitir, não para ela, e,
buscando uma

maneira de se retirar, avistou Egwene saindo da aldeia acompanhada
por vinte ou

mais Aes Sedai, a maioria delas usando os xales com as franjas
coloridas. Ou

melhor, ela vinha, e as mulheres a seguiam. Cabeça bem erguida,
Egwene olhava

para a frente, aquela estola listrada sobre os ombros. As outras vinham
caminhando

logo atrás em pequenos grupos. Sheriam, trajando a estola azul da
Curadora,

conversava com Myrelle e uma Aes Sedai de rosto austero que
consequia ter uma

expressão maternal. Exceto por Delana, ele não reconheceu nenhuma das demais —

uma tinha o cabelo grisalho preso num coque, e ele se perguntou quantos anos uma

Aes Sedai precisava ter para que seu cabelo ficasse completamente grisalho ou

branco —, mas todas conversavam entre si, ignorando a mulher que haviam elevado

a Amyrlin. Egwene poderia muito bem estar sozinha. Parecia sozinha. Mat a

conhecia bem, e sabia que ela provavelmente estava fazendo tudo a seu alcance para

se tornar quem aquelas mulheres queriam que ela fosse, e ainda assim elas a

deixavam caminhar sozinha daquela forma e ficavam apenas olhando.

Elas que vão para o Poço da Perdição se acham que podem tratar desse jeito

uma mulher de Dois Rios, pensou Mat, irritado.

Apertou o passo para alcançar Egwene, então tirou o chapéu e fez uma reverência,

executando o melhor movimento de perna que conseguiu — Mat sabia que era capaz

de fazer alguns floreios quando precisava.

— Bom dia, Mãe, e que a Luz brilhe sobre você — cumprimentou, alto o bastante

para ser ouvido até na aldeia. Mat se ajoelhou, tomou a mão direita de Egwene e

beijou o anel da Grande Serpente. Sabendo que Egwene impedia seu rosto de ser

visto pelas mulheres atrás dela, ele lançou um rápido olhar de reprovação para

Talmanes e os outros, que se ajoelharam aos trancos e barrancos e bradaram “Que a

Luz a ilumine, Mãe” ou algo do tipo. Até Thom e Juilin os imitaram.

De início, Egwene pareceu assustada, embora logo tenha escondido isso. Então,

sorriu e, com delicadeza, disse:

— Obrigada, Mat.

Por um momento, ele apenas ficou olhando para a amiga, então pigarreou e se

levantou, esfregando os joelhos. Sheriam e todas as outras atrás de Egwene o

observavam.

— Eu não esperava ver vocês aqui — afirmou ele, em voz baixa —, mas, pelo

visto, parece que há muitas coisas que eu não esperava. A Amyrlin sempre se

despede das pessoas que vão viajar? Você não quer mesmo me contar do que se trata

tudo isso?

Por um instante, Mat achou que ela fosse contar, mas a boca de Egwene se

comprimiu e ela balançou de leve a cabeça.

— Eu sempre me despeço dos meus amigos, Mat. Eu teria falado com você antes

de hoje se não andasse tão ocupada. Tente não se meter em problemas em Ebou Dar,

Mat.

Ele apenas a olhou, indignado. Mat tinha se ajoelhado e beijado o seu anel de Aes

Sedai, e agora ela vinha dizer para *ele* ficar longe de confusão, quando tudo o que

queria era evitar que arrancassem a pele de Elayne e Nynaeve.

— Vou tentar, Mãe — retrucou, sarcástico, mas não muito. Sheriam e algumas

das demais poderiam estar perto o bastante para ouvir. — Se me dá licença, preciso

ir cuidar dos meus homens.

Outra reverência, e ele recuou alguns passos ainda virado para ela antes de sair

caminhando até onde Talmanes e os outros continuavam ajoelhados.

— Vocês pretendem ficar assim até criar raízes? — resmungou ele. — Montem.

— Mat obedeceu à própria ordem e todos, menos Talmanes, subiram em suas selas o

mais rápido possível.

Egwene foi se despedir de Elayne e Nynaeve enquanto Vandene e Adeleas

conversavam com Sheriam, e então logo chegou a hora, depois de dias de tanta

enrolação. Mat até esperava algum tipo de cerimônia, com Egwene ali presente com

a estola de Amyrlin, mas ela e as demais só se afastaram um pouco. Elayne se

afastou e, de repente, um rasgo de luz surgiu à sua frente e se ampliou até virar um

buraco com vista para o que parecia ser o topo de uma colina baixa coberta por uma

vegetação marrom, que girou até parar. Exatamente como o de Rand fez.

— Desmontem — ordenou Mat. Elayne demonstrava estar bem satisfeita consigo

mesma. Quem visse aquele sorriso de pura alegria, que pedia que Nynaeve e

Aviendha sorrissem com ela, nunca suspeitaria de como ela era uma mulher

intragável. Mas, contente ou não, o portão não era tão grande quanto o que Rand

abrira para o Bando. Claro que o grupo atual era bem menor, mas o mínimo que ela

poderia ter feito era abrir um portão com altura suficiente para que o atravessassem a

cavalo.

Do outro lado, Mat via colinas suaves com grama seca até onde a vista alcançava,

mesmo quando tornou a montar em Pips, embora uma massa escura ao sul parecesse

sugerir uma floresta. Colinas secas e com muita poeira.

— Melhor não forçarmos muito os cavalos — sugeriu Adeleas, montando com

extrema facilidade em sua égua baia tão logo o portão desapareceu. O animal

rechonchudo provavelmente se sairia muito melhor em um celeiro.

— Ah, não mesmo — concordou Vandene. A montaria da mulher era um capão

negro de flancos quadrados e passos leves. As duas partiram rumo ao sul,

senalizando para que todos as seguissem. O velho Guardião as seguia de perto.

Nynaeve e Elayne trocaram olhares irritados, e então esporaram suas éguas para

alcançar as mulheres mais velhas, levantando poeira até emparelharem. A Caçadora

da trança dourada as acompanhava da mesma maneira que o Guardião seguia a outra

dupla.

Com um suspiro, Mat desatou o lenço preto em seu pescoço e o amarrou por cima

do nariz e da boca. Mesmo que adorasse ver as Aes Sedai mais velhas ensinarem

aquelas duas a se comportarem direito, o que ele queria mesmo era uma cavalgada

tranquila, uma estadia curta em Ebou Dar, e estar de volta a Salidar o mais rápido

possível, antes que Egwene fizesse algo estúpido e irremediável. As mulheres

sempre lhe criavam problemas. Ele não compreendia por quê.

* * *

Quando o portão se apagou, Egwene soltou um suspiro. Talvez Elayne e Nynaeve,

juntas, conseguissem evitar que Mat se metesse em confusões demais. Mantê-lo

completamente longe de problemas era pedir muito. Ela sentia uma pontada de

arrependimento por usá-lo, mas ele poderia vir a ser útil em Ebou Dar e precisava

ser afastado do Bando. Além disso, Mat merecia. Talvez Elayne *fosse* ensinar-lhe

algumas boas maneiras.

Virando-se para as demais, o Salão, Sheriam e seu círculo, disse:

— Vamos? Já está na hora.

Todos os olhos se voltaram para o cairhieno de manto escuro que só àquela altura

montava em seu cavalo junto às árvores. Egwene achava que Mat dissera que o

nome do homem era Talmanes. Ela não ousara fazer muitas perguntas. Ele

examinou-as por um momento e balançou a cabeça antes de cavalgar de volta para a

floresta.

— Aquele ali tem cara de quem vai criar problemas — afirmou Romanda.

Lelaine aquiesceu.



— Vai ser muito bom ter algumas milhas entre nós e aqueles homens.

Egwene não se permitiu sorrir. O Bando de Mat havia servido ao seu primeiro

propósito, mas muita coisa dependia exatamente de que ordens ele deixara com esse

tal de Talmanes. Egwene achava que podia contar com Mat. Sivan dissera que

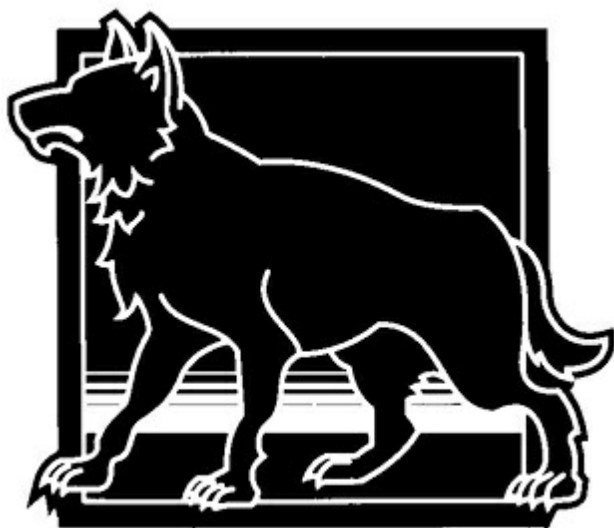
aquele tal de Vanin desencavara certas coisas antes que ela pudesse colocá-las

debaixo do nariz dele. E se fosse para ela “escutar a voz da razão” e correr atrás do

Bando em busca de proteção, então o Bando teria que estar perto dela.

— Vamos buscar os cavalos? — perguntou. — Se partirmos agora, devemos

alcançar Lorde Bryne bem antes do pôr do sol.



CAPÍTULO 45

UM PENSAMENTO AMARGO

Vilnar estava perdido em pensamentos, cogitando fazer a barba enquanto conduzia a

patrulha montada pelas ruas da Cidade Nova, não muito longe da imensa muralha

externa, cujas pedras cinzentas reluziam em listras brancas e prateadas ao sol do

meio-dia. Alguns dos outros homens já estavam de rosto liso. Mesmo que todos

dissessem que aquele calor não era normal, com certeza devia estar

mais fresco em

Saldaea.

Ali era seguro o suficiente para ele deixar os pensamentos vagarem.
Conseguia

conduzir o cavalo até de olhos fechados, e só um ladrãozinho muito tolo para tentar

exercer seu ofício tão perto de dez saldaeanos. A patrulha cavalgava sem roteiro

certo, para que os sujeitos nunca soubessem onde era seguro operar. Aliás, era mais

comum os bandidos se entregarem do que eles terem que ir atrás de foragidos. O

valentão mais durão de Caemlyn preferiria correr para os braços de um saldaeano do

que deixar que um Aiel o prendesse. Por isso, Vilnar mantinha só metade da atenção

na rua, deixando a mente viajar. Pensava na garota que o esperava em Melar, sua

terra natal. O pai dela era mercador, e sua vontade de ter um filho soldado talvez só

fosse maior que a vontade de Teryane de se casar com um. Pensou no jogo que

aquelas Aiel tinham sugerido — “O Beijo da Donzela” parecia uma brincadeira

inocente, mas viu um brilho suspeito nos olhos delas quando deram a sugestão. No

entanto, pensava principalmente nas Aes Se dai.

Vilnar sempre quis ver uma Aes Sedai de perto, e com certeza não havia lugar

melhor para realizar seu desejo do que ali em Caemlyn, a menos que algum dia

viajasse para Tar Valon. Parecia que havia Aes Sedai por toda Caemlyn — fora

visitar a estalagem O Sabujo de Culain, onde os rumores diziam que havia cem, mas

não teve coragem de entrar . Era bem valente com uma espada na mão, um cavalo

entre as pernas e homens ou Trollocs à frente, mas ficava tímido só de pensar nas

Aes Sedai. E aquela estalagem não teria acomodado cem mulheres, aliás. E nenhuma

das garotas que vira poderia ser Aes Sedai, sem chance. Também fora visitar A

Coroa de Rosas, que ficara observando do outro lado da rua, mas não deu para ter

certeza se alguma das mulheres que avistara era uma Aes Sedai, o que só poderia

significar que não eram.

Olhou desconfiado para uma mulher magra de nariz grande que saiu de uma casa

imponente que devia pertencer a algum mercador. A mulher ficou um tempo parada,

encarando a rua de cenho franzido, antes de finalmente enfiar um chapéu de palha de

aba larga na cabeça e ir embora apressada. Vilnar balançou a cabeça. Não sabia

afirmar a idade dela, mas isso só não bastava. Sabia reconhecer uma Aes Sedai. Jidar

podia continuar dizendo que eram mulheres tão bonitas que podiam matar qualquer

homem só com um sorriso; e Rissen podia insistir que todas eram um pé mais altas

que qualquer homem — Vilnar sabia que era pelo rosto que se sabia se a mulher era

ou não Aes Sedai, aquele rosto sem idade definida, o rosto de uma imortal. Era algo

impossível de confundir.

Vilnar se esqueceu de vez das Aes Sedai quando a patrulha parou diante do

enorme arco abobadado do Portão da Ponte Branca. Do outro lado, uma das feiras se

estendia ao longo da estrada, com grandes barracões de pedra cobertos com telhas

vermelhas ou roxas; currais repletos de bezerros, porcos e carneiros, galinhas, patos

e gansos; e barracas que vendiam de tudo, de feijões a nabos. O normal nessas feiras

era uma cacofonia de mercadores oferecendo seus produtos, mas não se ouviam as

vozes humanas, restando apenas o som dos animais conforme a marcha silenciosa

avançava mercado adentro até o portão, uma das procissões mais estranhas que ele já

vira.

Quatro fileiras de feirantes formavam uma longa coluna, quase todos a cavalo, e

parecia haver carroções logo atrás — só podiam ser os fazendeiros, considerando

seus casacos grosseiros, mas Vilnar notou que cada homem trazia a tiracolo o maior

arco que ele já vira, além de uma aljava cheia pendurada de um lado do corpo e uma

faca comprida ou espada curta do outro. À frente da procissão havia

um estandarte

branco com bordas vermelhas e uma cabeça de lobo vermelha, e quem encabeçava a

procissão era um grupo tão inusitado quanto a própria coluna: três Aiel — todos a

pé, claro , sendo duas Donzelas —, junto com um sujeito cujo casaco vistoso de

listras verdes e as calças de um tom amarelo berrante indicavam ser um Latoeiro,

mas que só podia ser outra coisa, considerando a espada que levava às costas. O

homem de roupas berrantes conduzia um cavalo de tração de Nashun com uma sela

apropriada para um gigante. O líder parecia um sujeito de cabelo desgrenhado, com

ombros largos e barba curta, levando no cinto um machado pavoroso. A seu lado

vinha uma saldaeana com saias divididas estreitas e escuras, e a mulher não parava

de lançar olhares afetuosos ao sujeito...

Vilnar se endireitou mais para a frente na sela. Reconhecia a saldaeana e pensou

em Lorde Bashere, que estava no Palácio Real. E mais: pensou em Lady Deira, e

isso fez seu sangue gelar — ela também estava no Palácio. Vilnar acharia uma

maravilha se alguma Aes Sedai sacudisse os braços e transformasse toda aquela

coluna em Trollocs. Talvez aquele fosse o preço de sonhar acordado. Se tivesse ele

mantido a mente concentrada no dever, a patrulha já estaria bem

longe dali e ele não

teria que lidar com aquilo. Ainda assim, tinha ordens a cumprir.

Posicionou os homens diante do portão, cogitando se Lady Deira mandaria

cortarem a sua cabeça.

* * *

Perrin deixou o garanhão castanho seguir a um passo lento, só puxando as rédeas a

menos de dez passadas do portão da cidade. Galope também ficou feliz em parar,

pois não gostava nada do calor. A julgar pelos narizes pronunciados e pelos olhos

enviesados, os homens a cavalo que bloqueavam o portão só podiam ser saldaeanos.

Alguns ostentavam lustrosas barbas negras, outros usavam bigodes grossos, mas

havia alguns de rosto limpo. Todos, menos um, estavam com a mão pousada no

punho da espada. Mesmo sem brisa, o ar parecia se agitar ao redor deles, e não havia

cheiro de medo. Olhou para Faile, que estava curvada por cima do pescoço arqueado

de Andorinha, muito concentrada em tatear a rédea da égua negra. Ela cheirava a

sabão de ervas e ansiedade, mas era um cheiro tênue. Tinham ouvido sobre os

saldaeanos em Caemlyn nas últimas duzentas milhas ou mais de viagem. As tropas

supostamente eram comandadas pelo pai de Faile. Aquilo não pareceu preocupá-la,

mas a menina tinha certeza de que a mãe também estaria em Caemlyn — e dizia que

aquilo também não a preocupava.

— Nem precisamos dos arqueiros — opinou Aram, baixinho, passando a mão no

punho da espada despontando por cima do ombro. Seus olhos escuros denotavam

certa ansiedade, e ele de fato cheirava a ansiedade. — Só são dez. Eu e você

sozinhos daríamos conta de passar por cima deles.

Gaul já velara o rosto, e Perrin estava quase certo de que Bain e Chiad, do outro

lado de Faile, tinham feito o mesmo.

— Nada de arqueiros, e nada de passar por cima de ninguém — retrucou Perrin.

— E nada de lanças, Gaul.

Não falou nada com Bain ou Chiad — as duas só davam ouvidos para Faile, em

todo caso, e ela não parecia disposta a erguer os olhos ou dizer uma palavra que

fosse, não tão cedo. Gaul simplesmente deu de ombros e baixou o véu. Aram franziu

o cenho, desapontado.

Perrin manteve o rosto tranquilo enquanto se virava para os saldaeanos. Seus

olhos amarelos às vezes deixavam os homens nervosos.

— Eu sou Perrin Aybara. Acho que Rand al'Thor vai querer me receber.

O sujeito barbado, o único que não encostara na espada, fez uma pequena

reverência do alto da sela.

— Lorde Aybara, eu sou Vilnar Barada, subtenente jurado pela espada ao Lorde

Davram Bashere. — O homem falou bem alto. Perrin reparou que ele também

evitava olhar para Faile. Sua esposa suspirou com a menção ao pai e fez uma careta

para Barada; seu olhar ficou ainda mais feio quando o homem continuou a ignorá-la.

— Pelas ordens de Lorde Bashere — continuou, então completou, como se só então

tivesse se lembrado —, e do Lorde Dragão, nenhum nobre pode ter permissão de

entrar em Caemlyn com mais de vinte homens armados ou cinquenta serviçais.

Aram ficou inquieto, ainda montado. Ele ficava ainda mais irritado com ataques à

suposta honra de Perrin do que Faile, que já o defendia com unhas e dentes. Graças à

Luz ele não desembainharia a espada contra as ordens que recebera.

Perrin virou para trás e falou, por cima do ombro:

— Dannil, leve todo mundo de volta para aquela campina, umas três milhas atrás,

e monte acampamento. Se algum fazendeiro aparecer para reclamar, dê um pouco de

ouro e trate de acalmar o sujeito. Deixe bem claro que ele vai receber compensação

por qualquer prejuízo. Aram, vá com eles.

Dannil Lewin, um sujeito magro feito um caniço com um bigode grosso que quase

escondia a boca, levou a mão à testa, mesmo Perrin tendo dito tantas vezes que

bastava um simples “tudo bem”. Ele na mesma hora começou a dar as ordens de

meia-volta. Claro que Aram se enrijeceu todo — ele nunca gostava de ficar longe de

Perrin —, mas também claro que ele não protestou. Às vezes, Perrin achava que o

antigo Latoeiro era na verdade um cão de caça. Não era bom que homem nenhum se

comportasse daquela maneira, mas não sabia o que fazer a respeito.

Achava que Faile fosse reclamar bastante da ordem para que todos voltassem, e

ficou esperando ela mencionar os direitos da suposta posição que ele ocupava e

insistir em levar os vinte homens que Barada permitiria, junto com o mais próximo

dos cinquenta servos que conseguissem arranjar. Mas Faile estava inclinada para

fora da sela, cochichando com Bain e Chiad. Perrin fez questão de não ouvir, mas

conseguiu entender algumas partes. Algo sobre homens, e com um ar divertido. As

mulheres sempre pareciam ou divertidas ou irritadas quando falavam sobre homens.

Era por causa de Faile que tinha toda aquela gente atrás dele — e isso sem falar no

estandarte, mesmo Perrin ainda não tendo entendido de onde ela tirara aquilo. E

havia *serviçais* nos carroções lá atrás, homens e mulheres usando *libré* com uma

cabeça de lobo bordada no ombro. Nem mesmo a gente de Dois Rios reclamava, e

todos pareciam tão orgulhosos daquilo quanto qualquer um dos refugiados.

— Satisfeito? — perguntou a Barada. — Você pode nos escotar até Rand, se não

quiser que a gente fique à solta por aí.

— Acho que... — Os olhos escuros de Barada encontraram os de Faile, mas

voltaram depressa. — Acho que seria melhor.

Faile se endireitou, e Bain e Chiad trotaram até a linha de cavaleiros, passando

pelo meio como se nem houvesse gente ali. Os saldaeanos não pareceram surpresos

— deviam estar acostumados com os Aiel, todos os boatos mencionavam que

Caemlyn já estava repleta deles.

— Preciso encontrar meus irmãos-de-lança — anunciou Gaul, de repente. — Que

você sempre encontre água e sombra, Perrin Aybara. — E lá se foi atrás das

mulheres. Faile escondeu um sorriso divertido com a mão enluvada.

Perrin balançou a cabeça. Gaul queria que Chiad se casasse com ele, mas era ela

quem precisava pedir, de acordo com os costumes Aiel. Segundo Faile, a mulher até

estava disposta a se tornar amante dele, mas não abriria mão da lança para se casar.

Gaul parecia tão ofendido quanto uma garota de Dois Rios ficaria em seu lugar. E

Bain também parecia fazer parte daquilo, mas Perrin não entendia como. Faile

afirmou que não sabia, mesmo tendo mudado de assunto depressa demais, e Gaul

ficava meio mal-humorado sempre que ele perguntava. Os Aiel eram mesmo um

povo estranho.

Os saldaeanos foram abrindo caminho pela multidão , mas Perrin prestou pouca

atenção às pessoas ou à cidade. Já vira Caemlyn antes, ao menos em parte, e já não

gostava tanto de cidades grandes. Era raro os lobos se aproximarem da área urbana,

e já fazia dois dias que ele não sentia nenhum de seus irmãos. Em vez disso, se

ocupou de analisar a esposa com olhares discretos, tentando não ser surpreendido.

Bem, não teria feito diferença se a tivesse encarado abertamente: Faile sempre

cavalgava ereta, mas estava rija sobre a sela, os olhos cravados nas costas de Barada

— que, por sua vez, estava curvado como se conseguisse sentir o peso do olhar de

Faile. Nem um falcão cravava um olhar tão intenso quanto ela.

Perrin achava que Faile estava preocupada com a mesma coisa que ele, embora

talvez não exatamente da mesma forma: a reação do pai dela. Sua esposa talvez

tivesse que dar algumas explicações, afinal, fugira para se tornar uma Caçadora da

Trombeta, mas Perrin é que teria que encarar Lorde Bashere, Tyr e

Sidona para

anunciar que um ferreiro se casara com sua filha e herdeira — e não estava muito

ansioso para isso. Perrin não se achava lá muito corajoso, nem julgava que fosse

bravura simplesmente fazer o que precisava ser feito, mas nunca pensara em si como

um covarde. Até aquele momento. Ficava com a boca seca só de pensar no pai de

Faile. Talvez fosse melhor acompanhar a montagem do acampamento, poderia

enviar uma carta explicando tudo a Lorde Bashere. Deveria levar dois ou três dias

para escrever uma boa carta, talvez até mais, já que não era muito bom com as

palavras.

Bastou um vislumbre do estandarte carmesim que tremulava preguiçosamente

acima do Palácio Real para que se recompusesse. Já ouvira rumores sobre aquele

símbolo e sabia que não era o estandarte do Dragão, a despeito do que diziam os

boatos — os boatos eram dos mais loucos, havia até quem afirmasse que o símbolo

indicava que as Aes Sedai estavam servindo a Rand, enquanto outros alegavam que

era o Dragão quem servia às mulheres da Torre. Perrin ficou se perguntando por que

o amigo não estendera o próprio estandarte sobre o Palácio. Pensou em Rand. Ainda

conseguia senti-lo puxando, um *ta'veren* maior atraindo um menor —

aquilo não

servia para indicar a posição exata do amigo, não era aquele tipo de puxão. Perrin

deixara Dois Rios pensando em cavalgar até Tear, ou para onde só a Luz sabia, mas

acabara chegando ali depois da enxurrada de rumores e histórias que atravessavam

Andor. Histórias e rumores perturbadores. Não, o que sentia era mais uma

necessidade de estar perto de Rand — ou quem sabe a necessidade que Rand tinha

de sua presença —, tudo isso se traduzindo em um comichão entre os ombros, em

um ponto onde ele não dava conta de coçar. Agora sentia como se quase estivesse

alcançando o ponto exato da coceira, mas chegava a desejar que não estivesse. Tinha

um sonho. Faile, que gostava tanto de se meter em aventuras, daria risada se

soubesse. Sonhava em morar com ela em uma casinha em algum lugar do interior,

longe de cidades e de confusão. Sempre havia confusão perto de Rand. Mas o amigo

precisava de Perrin, então ele faria o que precisava ser feito.

Quando chegaram a um belo pátio ladeado por colunas e cercado por varandas de

mármore e pináculos pontiagudos, Perrin largou o cinto sobre a sela — era um alívio

estar livre do peso daquele machado, ao menos por um tempo. Um homem e uma

mulher de robe branco vieram buscar Galope e Andorinha. Depois de

trocarem

algumas palavras, Barada deixou ele e Faile com alguns Aiel de olhar frio, muitos

usando lenços escarlate com aquele disco branco e preto. Os Aiel os levaram para

dentro e, com ainda menos palavras do que a troca de antes, deixaram-nos a cargo de

Donzelas, todas tão frias quanto qualquer Aiel. Perrin não reconheceu nenhuma

delas da Pedra, e seus esforços para iniciar alguma conversa foram recebidos com

olhares inexpressivos. Elas gesticulavam na linguagem de sinais das Donzelas, e

uma delas, uma mulher magra de cabelo cor de areia que parecia ter mais ou menos

a idade de Faile, foi escolhida para conduzir os dois Palácio adentro. A mulher se

apresentou como Lerian, e foi só aquilo que falou, além das advertências para que

não perambulassem por ali. Perrin queria que Bain ou Chiad estivessem por lá. Seria

bom ver um rosto familiar. Faile deslizava pelos corredores como a lady que era,

mesmo olhando depressa para os lados a cada cruzamento — ela obviamente não

queria ser surpreendida pelo pai.

Enfim chegaram diante de portas duplas, cada qual com um leão entalhado. Duas

Donzelas que estavam agachadas ali montando guarda se levantaram e começaram a

conversar com Lerian naquela língua de sinais, até que a Donzela de

cabelo cor de

areia entrou sem bater.

Perrin ficou se perguntando se dali em diante seria sempre daquele jeito quando

estivesse perto de Rand: um monte de guardas Aiel, todas caladas. De repente, as

portas se escancaram e lá estava Rand, em camisa de manga.

— Perrin! Faile! Que a Luz brilhe sobre seu casamento — cumprimentou ele,

risonho, e cumprimentou Faile com um leve beijo na bochecha. — Queria ter estado

lá.

Faile parecia tão confusa quanto Perrin se sentia.

— Como você soube? — perguntou ele para o amigo, e Rand riu outra vez,

dando-lhe um tapa amigável no ombro.

— Bo está bem aqui, Perrin. Bo, Jancy e todas elas. Quer dizer, estão em

Caemlyn, no caso. Verin e Alanna trouxeram todas para cá antes de ficarem sabendo

do que aconteceu na Torre. — Ele parecia cansado, os olhos vermelhos, mas sua

risada soava animada. — Luz, Perrin, me falaram de tanta coisa que você andou

aprontando... Lorde Perrin de Dois Rios, é? O que a Senhora Luhhan acha disso?

— Ela me chama de Lorde Perrin — respondeu, irônico. Quando ainda era

criança, levava mais palmadas de Alsbet Luhhan do que da própria mãe. — Ela faz

até medidas, Rand! Não estou brincando.

Faile olhou para ele de soslaio. A mulher sempre dizia que Perrin deixava as

pessoas constrangidas quando tentava fazê-las parar com todas aquelas medidas e

reverências, e explicava que o constrangimento que ele sentia quando os outros

agiam assim era apenas parte do preço a se pagar.

A Donzela que entrara antes deles passou por Rand, saindo, e ele levou um susto.

— Luz, deixei vocês na porta! Entrem, entrem. Lerian, avise a Sulin que preciso

de mais ponche. De melão, agora. E diga para ela ser rápida. — Inexplicavelmente,

as três Donzelas riram como se Rand tivesse feito alguma piada.

Depois de dar um único passo para dentro do aposento, Perrin não precisou nem

olhar para o ambiente para saber que havia uma mulher ali dentro — sentiu logo um

aroma floral no ar. Quando a viu, ficou encarando.

— Min? — O cabelo estava diferente, arrumado em cachos, e as calças e o casaco

azul bordado não eram nada como ele se lembrava, mas o rosto era o mesmo. —

Min, é você! — Ele a ergueu num abraço apertado, rindo. — Ah, pelo visto é uma

reunião. Faile, esta aqui é Min. Eu já falei dela.

Foi aí que Perrin reparou no cheiro que emanava da esposa, então tratou de pôr

Min de volta no chão enquanto a amiga ainda estava sorrindo. De

repente, teve total

consciência de como aquelas calças justas delineavam o contorno das pernas de Min.

Faile era uma mulher de poucos defeitos, mas de fato tinha uma tendência a sofrer

de ciúmes. Não era para ele saber que a mulher perseguira Calle Coplin com um

pedaço de pau por meia milha — como se ele fosse olhar para qualquer outra

mulher, agora que tinha aquela a seu lado.

— Faile — cumprimentou Min, estendendo a mão. — Qualquer mulher capaz de

aguentar este cabeludo idiota e se casar com ele tem minha admiração. Talvez ele até

possa render um bom marido, depois que você o treinar.

Faile tomou as mãos de Min com um sorriso, mas aquele aroma pungente era

arrepiante.

— Ainda não consegui treiná-lo, Min, mas vou insistir até pelo menos ele

aprender o mínimo.

— A Senhora Luhhan faz reverências quando vê você? — Rand balançava a

cabeça, incrédulo. — Só acredito vendo ! E Loial? Veio? Vocês não deixaram ele lá

fora, não é?

— Mais ou menos — respondeu Perrin, tentando ficar de olho em Faile sem

parecer muito óbvio. — Ele ficou pelo caminho, disse que não conseguia vir por

enquanto. Ele falou que estava cansado, que precisava encontrar um *pouso* , então

mandei ele para um que eu conhecia, um lugar abandonado ao norte da estrada que

sai de Ponte Branca. Ele foi logo andando para lá, dizendo que conseguiria sentir o

local exato quando estivesse a menos de dez milhas.

— Você deve conhecer Rand e Perrin muito bem — deduziu Faile.

Min deu uma olhadinha para Rand.

— Faz um tempinho. Conheci os dois logo depois que eles saíram de Dois Rios

pela primeira vez. Quando ainda achavam que Baerlon era uma cidade enorme.

— A pé? — perguntou Rand.

— Isso — confirmou Perrin, hesitante. O cheiro de Faile estava mudando, o

ciúme esmaecendo. Mas por quê? — Ele preferiu ir do jeito dele, entende? E ainda

apostou uma coroa de ouro que estaria aqui em Caemlyn menos de dez dias depois

da gente. — As duas mulheres se olhavam, Faile sorrindo e Min corando de leve.

Pelo cheiro, Min estava um tanto constrangida, e Faile parecia contente. Contente e

surpresa, embora sua expressão disfarçasse isso. — Não quis tomar o dinheiro dele,

já que ele precisou se afastar cinquenta milhas ou mais do caminho, mas Loial

insistiu. Queria apostar cinco dias.

— Loial sempre disse que conseguia correr mais rápido que qualquer

cavalo —

comentou Rand, com uma risadinha, que morreu logo. — Espero que ele chegue

bem — afirmou, mais sério.

Rand *estava mesmo* cansado, e também estava diferente. O Rand que Perrin vira

em Tear não parecera fraco, longe disso, mas aquele ali fazia o de Tear parecer um

moleque inocente do interior. O amigo mal piscava, como se só de piscar pudesse

deixar de ver alguma coisa importante. E Perrin reconhecia alguma coisa naquele

olhar, vira o mesmo nos semblantes dos homens de Dois Rios, depois de ataques de

Trollocs — depois do quinto, do décimo, quando parecia que não havia mais

esperança, mas todos continuavam lutando, porque o preço de desistir era alto

demais.

— Milorde Dragão — começou Faile. Perrin levou um susto: ela sempre o

chamara de Rand, mas já ouviam o título desde Ponte Branca. —, se você me

perdoa, quero dar uma palavrinha com meu marido, mas depois deixo vocês dois

conversarem.

Faile mal esperou Rand assentir, surpreso, para se aproximar de Perrin e virá-lo,

ficando de costas para Rand.

— Estarei logo ali, meu coração. Min e eu vamos conversar sobre

assuntos que

provavelmente o deixariam entediado. — Então, ajeitando as lapelas do casaco dele,

a mulher começou a falar bem rápido e baixinho, em uma voz tão delicada que só

ele conseguia ouvir sem precisar se esforçar muito. Às vezes, Faile se lembrava de

sua audição aguçada. — Não esqueça que ele não é mais o seu amigo de infância,

Perrin. Ao menos, não é mais só isso. Ele é o Dragão Renascido, o Lorde Dragão. E

você é o Lorde de Dois Rios. Sei que vai defender a si mesmo e à sua terra. — Ela

abriu um sorriso cheio de amor e confiança, e Perrin quis beijá-la ali mesmo. —

Pronto — anunciou, já em um tom normal. — Já arrumei. — Faile já não exalava o

menor cheiro de ciúme.

A mulher fez uma mesura graciosa a Rand, murmurando um “Milorde Dragão”, e

estendeu a mão para Min, chamando-a.

Min tinha bem menos prática em fazer medidas, e Rand se sobressaltou ao vê-la

se curvar.

Antes que as duas chegassem à saída, uma das portas se abriu com um estrondo, e

uma mulher alta e uniformizada entrou com uma bandeja com cálices e um cântaro

que exalava aroma de vinho e suco de melão doce. Perrin teve que se conter para

não ficar encarando a mulher. Apesar do vestido vermelho e branco, ela poderia ser

mãe de Chiad — ou talvez a avó, com aquele cabelo branco curto e cacheado.

Franzindo a testa para as mulheres que saíam, ela avançou a passos largos até a mesa

mais próxima e deixou a bandeja lá. Seu semblante era uma máscara de docilidade

que parecia congelada no rosto.

— Disseram quatro pessoas, milorde Dragão — comentou ela, em um tom

esquisito, como se estivesse tentando demonstrar respeito e humildade, mas com

algo entalado na garganta —, então trouxe quatro xícaras .

A mesura dela fazia a de Min parecer elegante, e a mulher bateu a porta ao sair.

Perrin olhou para Rand.

— Às vezes você não acha que as mulheres são... estranhas?

— Por que está me perguntando isso? Você é que é casado. — Rand encheu um

cálice chanfrado em prata e o entregou a Perrin. — Se você não sabe, vai ter que

perguntar para o Mat. Entendo menos de mulheres a cada dia que passa.

— Eu também — retrucou Perrin, com um suspiro. O ponche era mesmo

refrescante. Rand não parecia nem estar suando. — Aliás, cadê o Mat? Se eu tiver

que tentar adivinhar, diria que está na taverna mais próxima, com um copo com

dados na mão ou com uma garota no colo.

— Espero que você esteja muito errado — retrucou Rand, sarcástico, pousando o

cálice sem nem tocar no ponche. — Ele está incumbido de trazer Elayne para cá,

para ser coroada. E espero que traga Egwene e Nynaeve também. Luz, tenho tantas

coisas para fazer antes de ela chegar... — Ele olhou de um lado a outro, feito um

urso acuado, então fixou o olhar em Perrin. — Você iria a Tear para mim?

— Tear! Rand, faz mais de dois meses que estou na estrada, meu traseiro já ficou

com o formato da sela.

— Com minha ajuda, você poderia chegar lá hoje à noite. Hoje mesmo. E aí pode

dormir numa tenda de general e ficar bem longe de selas pelo tempo que quiser.

Perrin o encarou. Rand parecia sério. Foi quando se perguntou como andaria a

sanidade do amigo. Luz, ele precisava se manter são , pelo menos até Tarmon

Gai'don. Tomou um gole demorado de ponche, tirando aquele pensamento amargo

da boca. Uma péssima coisa a se pensar a respeito de um amigo.

— Rand, mesmo que você pudesse me fazer chegar na Pedra de Tear neste exato

momento, eu ainda diria não. Tenho assuntos a tratar com uma pessoa que está aqui

em Caemlyn. E também queria ver Bo e as outras.

Rand não parecia estar ouvindo. Ele se jogou em uma das poltronas com

douraduras e fitou Perrin, o olhar vazio.

— Você se lembra de como Thom fazia malabarismos com todas aquelas bolas e

ainda fazia parecer fácil? Bem, eu estou fazendo malabarismos , tentando com todas

as minhas forças, e não é fácil. Sammael está em Illian, e só a Luz sabe onde estão

os outros Abandonados... Às vezes, acho que eles nem são a pior parte. Ainda tem os

rebeldes, que acham que eu sou um falso Dragão. E os Devotos do Dragão, que

acham que podem incendiar aldeias em meu nome... Já ouviu falar no Profeta,

Perrin? Bem, não importa. Ele não é pior que o resto. Tenho aliados que se odeiam,

e o melhor general que eu poderia nomear para enfrentar Illian só quer saber de

atacar e acabar sendo morto. Com sorte, Elayne chega aqui em um mês e meio,

talvez, mas pode ser que uma rebelião acabe caindo no meu colo antes disso. Luz,

quero entregar uma Andor unida. Pensei em ir buscá-la eu mesmo, mas é a pior

coisa que eu poderia fazer... — Ele esfregou o rosto com as mãos, então enfatizou,

por entre os dedos: — A pior.

— E o que Moiraine diz disso tudo?

Rand baixou as mãos apenas o suficiente para encará-lo por cima dos dedos.

— Moiraine morreu, Perrin. Ela matou Lanfear e morreu.

Perrin se sentou. Moiraine? Impossível.

— Se Alanna e Verin estão aqui... — Ele girava o cálice entre as palmas das

mãos. Não conseguia se convencer de que podia confiar em nenhuma das duas. —

Você pediu o conselho delas?

— Não! — Rand fez um gesto brusco com a mão, como se cortasse alguma coisa.

— Elas têm que ficar longe de mim, Perrin. Deixei isso bem claro para as duas.

Perrin decidiu pedir a Faile que falasse com Alanna ou Verin e descobrisse o que

tinha acontecido. Aquelas duas sempre o deixavam um tanto desconfortável, mas

Faile parecia se dar bem com elas.

— Rand, nós dois sabemos muito bem como é perigoso irritar uma Aes Sedai.

Moiraine veio atrás da gente... ou melhor, de você, mas algumas vezes achei que ela

fosse matar *nós três*. — Rand não respondeu, mas ao menos parecia ouvir, a cabeça

inclinada. — Se um décimo das histórias que venho escutando desde Baerlon forem

só meias verdades, esta talvez seja a pior época para ter Aes Sedai irritadas com

você. Não vou dizer que sei o que está acontecendo na Torre, mas...

Rand se recompôs e chegou mais perto.

— A Torre está dividida, Perrin. Metade acha que sou um porco que pode ser

comprado num mercado, a outra metade... Não sei bem o que elas acham. Passei três

dias seguidos me encontrando com a missão diplomática que elas enviaram, e deve

ter outra hoje à tarde, mas ainda não sei dizer. Elas perguntam bem mais do que

respondem e não parecem muito felizes em não ter mais respostas do que me dão.

Pelo menos Elaida, que é a nova Amyrlin, caso você não tenha ouvido falar... pelo

menos o pessoal dela fala alguma coisa, mesmo parecendo achar que vou ficar tão

impressionado em ver Aes Sedai fazendo medidas para mim que não vou nem querer

saber o que elas querem.

— Luz... — Perrin suspirou. — Luz! Está dizendo que tem mesmo uma rebelião

entre as Aes Sedai e que você acabou se enfiando exatamente entre a Torre e as

rebeldes? São dois ursos prontos para brigar, e você colhendo amoras-silvestres

entre os dois! Nunca pensou que as Aes Sedai talvez já lhe trouxessem problemas

suficientes sem isso? Olha, Rand, vou ser bem sincero: Siuan Sanche fazia meus

dedos se encolherem todos dentro das botas, mas, com ela, pelo menos dava para

saber onde se estava pisando. A mulher me fazia sentir como se eu fosse um cavalo

e ela estivesse tentando decidir se eu serviria para uma cavalgada longa, mas pelo

menos deixava claro que não era ela que iria me encilhar.

Rand riu, uma risada rouca demais para parecer alegre.

— Acha mesmo que as Aes Sedai me deixariam em paz só porque as deixei em

paz? Eu, sendo quem sou? Para mim, a Torre se dividir foi a melhor coisa que

poderia ter acontecido. Elas estão ocupadas demais umas com as outras para

concentrar toda a atenção em mim. Sem isso, haveria vinte Aes Sedai para qualquer

lugar que eu me virasse. Cinquenta. Pelo menos tenho Tear e Cairhien comigo, além

de ter um ponto de apoio aqui. Sem essa divisão, a cada vez que eu abrisse a boca

teria alguém dizendo: “É, mas segundo as Aes Sedai...” Perrin, Moiraine fez o que

pôde para amarrar cordas em mim, até eu obrigá-la a parar. E, verdade seja dita, não

tenho tanta certeza de que ela tenha mesmo parado. Quando uma Aes Sedai fala que

vai aconselhar você e deixá-lo decidir, na verdade está dizendo que sabe muito bem

o que você deveria fazer e que, se puder, vai obrigá-lo a fazer o que ela acha melhor.

— Ele ergueu o cálice e bebeu com sofreguidão. Quando o baixou, parecia mais

calmo. — Se a Torre estivesse unida, eu teria tantas cordas amarradas a mim que já

não conseguiria mover um dedo sem pedir permissão para seis Aes Sedai.

Perrin também quase deu risada — e uma tão sem alegria quanto a de

Rand.

— Então acha que é melhor fazer o quê, colocar as Aes Sedai rebeldes contra a

Torre? “Torça para o touro ou torça para o urso. Torcendo para os dois, vai acabar

pisoteado e jantado.”

— Não é tão simples assim, Perrin, mas elas não sabem disso — afirmou Rand

muito convencido, balançando a cabeça. — Tem um terceiro lado, um lado pronto

para se ajoelhar aos meus pés. Isso se conseguirem fazer contato outra vez. Luz! Não

é assim que deveríamos estar passando nossa primeira hora juntos depois de tanto

tempo, falando sobre Aes Sedai. E Campo de Emond, Perrin? — Sua expressão se

suavizou, quase voltando a ser o Rand de que Perrin se lembrava, então abriu um

sorriso ansioso. — Passei pouquíssimo tempo com Bo e as outras, mas elas falaram

de todo tipo de mudanças. Me conte o que mudou, Perrin. Me conte o que está igual.

Os dois passaram um bom tempo falando sobre os refugiados e todas as coisas

novas que aquelas pessoas tinham trazido, como novos tipos de feijões e abóboras,

novas variedades de peras e maçãs, a fiação de belos tecidos e talvez tapetes, a

confeção de tijolos e telhas, trabalhos em pedra e madeira mais ornamentados que

qualquer coisa que chegava a Dois Rios havia muito tempo, se era que

algum dia

chegara. Perrin acabara se acostumando com a grande quantidade de pessoas que

tinham cruzado as Montanhas da Névoa, mas isso foi uma surpresa para Rand.

Falaram bastante sobre as vantagens e desvantagens da muralha que alguns queriam

erguer em torno de Campo de Emond e das outras aldeias, assim como da diferença

entre muralhas de pedra ou de troncos. Rand às vezes soava como seu velho amigo,

rindo de como todas as mulheres começaram criticando os vestidos tarabonianos e

domaneses, mas que depois se dividiram entre as que não usariam nada que não

fossem os bons e resistentes vestidos de Dois Rios e as que tinham transformado

todos os antigos vestidos em retalhos. Ou de como vários homens mais jovens

estavam cultivando bigodes como os dos tarabonianos ou domaneses, vez ou outra

com direito a um cavanhaque de Planície de Almoth, e os mais desajuizados

pareciam ter um bichinho peludo preso bem debaixo dos narizes. Perrin não se deu

ao trabalho de acrescentar que barbas como a dele estavam ainda mais populares.

Mas foi um choque quando Rand deixou claro que não tinha intenção de visitar o

acampamento, apesar de vários conhecidos seus estarem por lá.

— Não posso proteger você nem Mat — explicou, em voz baixa —,

mas posso

proteger essas pessoas.

A conversa foi morrendo aos poucos, até Rand enfim reparar que ele é que dera o

golpe final. Ele então se levantou, suspirando e esfregando as mãos no cabelo,

olhando para os lados com certa insatisfação.

— Você deve querer se lavar e descansar, Perrin. Não vou mais prender você

aqui. Vou mandar preparar quartos para você. — Então, levando Perrin até a porta,

acrescentou: — Você vai pensar a respeito de Tear? Preciso de você lá. Não tem

nenhum perigo. Vou contar o plano todo, caso você decida ir. E você seria apenas o

quarto homem a conhecer o verdadeiro plano. — O semblante de Rand se

endureceu. — E precisa guardar isso só para você, Perrin. Não conte nem para Faile.

— Eu consigo segurar a língua — retrucou Perrin, rígido. E um pouco triste. O

novo Rand estava de volta. — E vou pensar sobre Tear.



CAPÍTULO 46

ALÉM DO PORTÃO

Perrin mal prestou atenção às instruções que Rand deu a uma Donzela.

— Mande Sulin preparar quartos para Perrin e Faile e diga que é para obedecer

aos dois como obedeceria a mim. — Considerando o modo como gargalharam,

chegando até a bater nas próprias coxas de tanto rir, as duas Aiel nunca tinham

ouvido piada mais engraçada.

Perrin nem deu atenção, estava concentrado em um sujeito esguio um pouco mais

à frente no corredor repleto de tapeçarias. Não tinha a menor dúvida de que aquele

era Davram Bashere. Não achava isso só porque o sujeito era saldaeano — afinal,

ele não era nada parecido com Faile, com aquele bigode espesso cheio de fios

grisalhos e curvos que quase escondia a boca. Também não era alto como Faile,

talvez fosse até um pouco mais baixo. A questão era o modo como ele se portava, os

braços cruzados, o rosto feito o de um falcão com os olhos cravados em um

galinheiro. Era aquilo que fizera Perrin ter certeza. E o homem sabia, disso Perrin

também tinha certeza.

Perrin terminou de se despedir de Rand, respirou fundo e saiu pelo corredor.

Chegou até a desejar que estivesse com o machado, já que o homem portava uma

espada.

— Lorde Bashere? — Ele até fez uma reverência, que não foi correspondida. Uma

fúria gélida emanava daquele homem. — Eu sou Perrin Aybara.

— Nós vamos conversar — respondeu Bashere, sem rodeios, então deu meia-

volta e saiu andando. Perrin não teve opção senão ir atrás. E mesmo tendo as pernas

mais longas que as do sogro, precisou apressar o passo.

Depois de virarem em dois corredores, Bashere o conduziu a uma salinha de estar

e fechou a porta. Janelas altas deixavam entrar bastante luz e até mais calor do que o

pé-direito alto conseguia aliviar. Havia duas cadeiras almofadadas de espaldar alto

com volutas entalhadas, uma de frente para a outra, e um jarro de prata de gargalo

comprido com duas taças também de prata repousavam em uma mesa incrustada de

lápiz-lazúli. Não era ponche — pelo cheiro, devia ser algum vinho encorpado.

Bashere encheu as taças e estendeu uma para Perrin, então gesticulou para uma

das cadeiras, como se o mandasse se sentar. Ele parecia sorrir por trás do bigode,

mas os olhos e o sorriso podiam muito bem vir de dois rostos distintos. Aquele olhar

era tão duro que poderia servir para martelar pregos.

— Eu imagino que Zarine tenha lhe falado sobre minhas propriedades antes de

você... se casar com ela. Tenha contado tudo sobre a Coroa Partida. Ela sempre foi

bem tagarela.

O homem permaneceu de pé, então Perrin não se sentou. Que coroa partida? Faile

nunca tinha mencionado nenhuma coroa, muito menos partida.

— Ela começou dizendo que o senhor era comerciante de peles. Ou talvez

primeiro tenha sido comerciante de madeira, só depois de peles. E o senhor também

já vendeu pimentas-de-gelo. — Bashere parecia incrédulo, murmurando

“Comerciante de peles?” Perrin tratou de continuar: — A história sempre mudava,

mas aqui e ali ela comentava alguma coisa que o senhor tinha dito sobre como um

general deveria se comportar, e decidi perguntar de uma vez. — Olhou para o vinho,

então se forçou a encarar os olhos do homem. — Quase desisti do casamento quando

descobri quem o senhor era, mas Faile já tinha decidido. E, quando Faile mete

alguma coisa na cabeça, é mais fácil lidar com uma parelha de mulas que decidiram

empacar todas de uma vez. E eu a amava. Amo.

— Faile? — indagou Bashere. — Pelo Poço da Perdição, quem é Faile? Estamos

falando é da minha filha, Zarine, e do que você fez com ela!

— Faile é o nome que ela adotou quando se tornou Caçadora da Trombeta —

explicou Perrin, muito paciente. Precisava causar uma boa impressão. Viver em

conflito com o sogro era quase tão ruim quanto viver em conflito com a sogra. —

Isso foi antes de ela me conhecer.

— Se tornou Caçadora? — O orgulho era evidente na voz do homem, e o súbito

sorriso também se fazia notar. O cheiro de raiva quase sumiu. — Essa danadinha

nunca me falou disso. É, tenho que admitir: Faile combina mais com ela do que

Zarine. O nome foi ideia da mãe, e eu... — Ele se recompôs, de repente, e encarou

Perrin com suspeita. O cheiro de raiva voltou a emanar. — Não tente mudar de

assunto, garoto. Estamos tratando é de você, da minha filha e desse suposto

casamento.

— Suposto? — Perrin sempre fora muito bom em controlar o temperamento. A

Senhora Luhhan até dizia que ele nem parecia se irritar nunca. Quando a pessoa era

maior e mais forte que os outros garotos e podia acabar machucando alguém sem

querer, logo aprendia a controlar o temperamento. Mas, naquele momento, manter o

controle estava sendo um tanto complicado. — Nossa Sabedoria realizou a

cerimônia, a mesma com a qual todos se casam em Dois Rios desde sempre.

— Garoto, não faria a menor diferença nem se a cerimônia tivesse sido oficializada por um Ancião Ogier com seis Aes Sedai como testemunhas. Zarine

ainda não tem idade para se casar sem a permissão da mãe, coisa que ela não

solicitou e muito menos recebeu. Ela está com Deira agora. Se a menina não

convencer a mãe de que já tem idade para casar, vai voltar para o acampamento,

provavelmente para trabalhar como ajudante da mãe. E você... —

Bashere acariciou

o punho da espada, parecendo nem reparar que o fazia. Então completou, em um

tom quase alegre: — Você eu mesmo mato.

— Faile é minha — grunhiu Perrin. Sentiu vinho escorrer pelo pulso e, surpreso,

baixou o olhar para a caneca: estava amassada em seu punho. Com todo o cuidado,

depositou o monte de prata retorcida na mesa, ao lado do jarro. Só não conseguiu

fazer nada para conter a voz. — Ninguém pode tirar ela de mim. Ninguém! Se você

tentar levá-la de volta para o seu acampamento ou qualquer lugar que seja, eu vou

atrás dela!

— Tenho nove mil homens sob meu comando — rebateu o general, em um tom

surpreendentemente ameno.

— E algum deles é mais difícil de matar que um Trolloc? Nem tente levar Faile

para longe de mim! Ou nós vamos descobrir!

Perrin percebeu que tremia, as mãos estavam cerradas em punho com tanta força

que até doíam. Ficou chocado. Fazia tanto tempo que não sentia raiva, que não

ficava zangado de verdade, que já nem lembrava como era.

Bashere o encarou de alto a baixo e balançou a cabeça.

— Seria uma pena matar você. Precisamos de sangue novo. A Casa está se

enfraquecendo. Meu avô sempre dizia que estávamos ficando mais moles, e ele até

tinha razão. Sou metade do homem que ele foi, e, mesmo que me envergonhe

admitir, Zarine é terrivelmente mole. Não é fraqueza, entenda... — Ele franziu o

cenho, mas aquiesceu ao notar que Perrin não interviria alegando que Faile era fraca.

— ... mas ela é mole, o que dá no mesmo.

Aquilo deixou Perrin tão chocado que ele teve que se sentar — não tinha nem

reparado que andara até a cadeira. Quase se esqueceu da raiva. Aquele homem era

louco, mudando de ideia daquela maneira? E Faile era mole? Bem, ela às vezes era

macia e suave, verdade, mas qualquer homem que a achasse mole daquele jeito que

Bashere sugeria acabaria sofrendo as consequências terríveis da ira de Faile.

Inclusive Perrin.

Bashere pegou a caneca amassada e a analisou, então recolocou-a na mesa e se

sentou na outra cadeira.

— Zarine me falou muito a seu respeito antes de ir se encontrar com a mãe,

contou tudo sobre o Lorde Perrin de Dois Rios, Assassino de Trollocs. Essa parte é

boa. Gosto de homens capazes de ficar frente a frente com um Trolloc sem recuar.

Mas quero saber que tipo de homem você é. — Dito isso, ele começou a bebericar o

vinho e ficou esperando resposta.

Perrin queria ainda ter um pouco daquele ponche de melão que bebera com Rand,

ou talvez até a caneca de vinho ainda intacta. Sentiu a garganta secar. Queria causar

uma boa impressão, mas teve que começar pela verdade:

— A verdade dos fatos é que eu não sou nenhum lorde. Sou um ferreiro. Veja

bem, quando os Trollocs apareceram... — Ele parou de falar porque Bashere

gargalhava tanto que teve até que secar as lágrimas.

— Garoto, as Casas não foram feitas pelo Criador. Há quem se esqueça disso,

mas, voltando no tempo, toda Casa começou com um plebeu que demonstrou uma

coragem incomum ou que manteve a calma e assumiu o comando quando todos

corriam de um lado para o outro feito gansos depenados. E repare que muitos

também gostam de esquecer que o caminho ladeira abaixo também pode começar

assim de repente. Tenho duas criadas em Tyr que seriam ladies se, duzentos anos

atrás, seus antepassados não tivessem sido tão tolos que nem mesmo um tolo os

seguiria. E conheço um lenhador em Sidona que afirma que seus ancestrais de antes

de Artur Asa-de-gavião eram reis e rainhas. Ele pode estar falando a verdade, já que

é um bom lenhador. Há tantas subidas quanto descidas, e o caminho ladeira abaixo é

tão escorregadio quanto qualquer outro. — Bashere bufou tão forte que o bigode se

mexeu. — O tolo fica se lamuriando quando a sorte o coloca para baixo, mas só um

verdadeiro tolo lamenta quando a sorte o faz subir. Não quero saber o que você era,

nem estou tão interessado no que você é agora, estou querendo que você me conte

como é por dentro. Se minha esposa não arrancar o couro de Zarine e se você sair

vivo daqui... bem, você sabe como tratar uma esposa?

Ainda tentando causar uma boa impressão, Perrin decidiu não explicar que acharia

muito melhor voltar a ser ferreiro.

— Trato Faile tão bem quanto sei tratar alguém — respondeu, hesitante.

Bashere bufou.

— Tão bem quanto sabe tratar alguém. — A voz neutra já virara um rosnado. —

Melhor saber bem, ou eu vou... Escute aqui: uma esposa não é nenhum subordinado,

para sair correndo depois de uns gritos. Dá para dizer que as mulheres são mais

como pombas: é preciso segurar com metade da força que você acha necessária, ou

pode acabar machucando a coitada. E você não quer machucar Zarine. Está me

entendendo? — Ele de repente abriu um sorriso desconcertante, a voz assumindo um

tom quase amigável. — Você pode servir bem como genro, Aybara, mas, se deixar

minha menina triste... — Ele tateou o punho da espada outra vez.

— Vou tentar fazer Faile feliz — afirmou Perrin, muito sério. — A última coisa

que quero é machucar minha esposa.

— E acho bom, porque seria a última coisa que você faria, garoto. — Aquilo

também foi dito com um sorriso, mas não havia dúvidas de que Bashere faria valer

cada palavra. — Acho que está na hora de irmos falar com Deira. Se ela e Zarine

ainda não tiverem acabado a discussão, é melhor a gente se meter antes que acabem

se matando. Elas sempre ficam com os ânimos um pouco exaltados sempre que

discutem, e Zarine já está grande demais para Deira encerrar o assunto com umas

bofetadas. — Bashere pousou a taça na mesa e continuou falando enquanto o

conduzia até a porta. — Olha, você precisa entender que as mulheres, quando dizem

que acreditam em alguma coisa, não estão necessariamente falando a verdade.

Podem até acreditar, mas a coisa não vira necessariamente verdade só porque uma

mulher acredita que seja. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. — Perrin achou que tinha entendido. Faile e a verdade

muitas vezes pareciam apenas meras conhecidas. Nunca quando se tratava de algo

importante, ou pelo menos que ela considerasse importante, mas, quando a mulher

prometia que faria algo que não queria fazer, sempre dava um jeito de deixar uma

frestinha aberta por onde poderia escapar ainda mantendo a promessa, mesmo

fazendo exatamente o que queria. Só não conseguia entender o que aquilo poderia

ter a ver com o encontro que teria com a sogra.

Foi uma longa caminhada pelo Palácio, passando por corredores com colunatas e

subindo vários lances de escada. Não parecia haver muitos saldaeanos por ali, mas

havia um bom número de Aiel, incluindo Donzelas e vários serviçais uniformizados

que se curvavam ou faziam reverências, além de homens e mulheres usando robes

brancos iguais aos das pessoas que tinham pegado os cavalos quando ele chegou.

Esses de branco zanzavam apressados, carregando bandejas ou pilhas de toalhas,

mantendo os olhos baixos e parecendo não notar a presença de ninguém. Notou,

surpreso, que vários usavam o mesmo pano escarlate preso à testa que muitos Aiel

— também deviam ser do Deserto. E ainda notou mais um detalhe: tanto mulheres

quanto homens de branco usavam o lenço escarlate, assim como muitos homens de

calça e casaco pardos, mas nenhuma Donzela, ao menos não que ele tenha visto.

Gaul já lhe falara um pouco sobre os Aiel, mas nunca mencionara aqueles lenços.

Quando ele e Bashere entraram em um aposento com mesinhas e poltronas

incrustadas de marfim dispostas sobre um tapete com padrões vermelhos, dourados e

verdes, seus ouvidos captaram vozes femininas abafadas, cada vez mais elevadas,

discutindo em um aposento interno próximo. Não conseguiu compreender as

palavras que captava através da porta de madeira grossa, mas conseguia reconhecer a

voz de Faile. De repente, ouviu uma bofetada, logo seguida de outra. Perrin se

retraiu. Só um perfeito cabeça de lã se metia entre a sogra e a esposa durante uma

discussão — nos poucos eventos em que presenciara algo assim, ambas acabaram se

voltando contra o pobre infeliz. Além disso, sabia muito bem que, em circunstâncias

normais, Faile era mais que capaz de se defender sozinha. Em todo caso, já vira

mulheres fortes, muitas mães e até avós, se permitirem ser tratadas como crianças

pelas próprias mães.

Perrin estufou o peito e foi até a porta, mas Bashere chegou primeiro, batendo

tranquilamente, como se tivessem todo o tempo do mundo. Claro que o homem não

escutava o que os ouvidos de Perrin captavam com tanta clareza quanto um sujeito

normal ouviria dois gatos se digladiando dentro de uma sacola. E gatos molhados.

As batidas de Bashere interromperam a briga, cortando a discussão como uma

faca afiada.

— Pode entrar — autorizou uma voz serena, em alto e bom som.

Perrin teve que fazer o maior esforço do mundo para não empurrar Bashere para o

lado. Assim que entrou, seus olhos ansiosos logo buscaram Faile: estava sentada em

uma poltrona de braços largos, posicionada no ponto exato em que a luz que vinha

das janelas parecia iluminar menos. Ali o tapete era quase todo vermelho-escuro, um

tom que lembrava sangue, e uma das tapeçarias estampava uma mulher a cavalo

matando um leopardo com uma lança, enquanto outra ilustrava uma batalha furiosa

sob um estandarte do Leão Branco. O cheiro que ela emanava era uma mistura de

emoções que Perrin não conseguia discernir, e a bochecha esquerda tinha a marca

vermelha de uma mão. Mas ela sorriu, ainda que fosse um sorriso tênue.

Perrin ficou surpreso quando finalmente pôs os olhos na mãe de Faile. Estava

esperando uma mulher frágil, com toda aquela conversa de Bashere sobre pombas,

mas Lady Deira era algumas polegadas mais alta que o marido e tinha um porte...

escultural. Não era grande como a Senhora Luhhan, que também era bem roliça,

nem como Daise Congar, que parecia forte o bastante para manejar

um martelo de

ferreiro. Lady Deira tinha seios fartos — coisa que homem nenhum devia reparar a

respeito da sogra — e, olhando para ela, ficava bem claro de onde vinha a beleza de

Faile. O rosto de sua esposa era igual ao da mãe, mas sem a faixa branca no cabelo,

saindo das têmporas. Se era assim que Faile ficaria naquela idade, Perrin era um

homem de muita sorte. Por outro lado, quando os olhos enviesados da sogra se

cravaram nele, aquele nariz pronunciado a fez parecer uma águia — uma águia de

olhar ardente, pronta para enfiar as garras bem fundo naquele coelho particularmente

insolente. A mulher cheirava a fúria e desprezo. Ainda assim, a verdadeira surpresa

foi a marca vermelha de uma mão em sua bochecha.

— Ah, papai, estávamos falando de você — comentou Faile, com um sorriso

amoroso, deslizando até Bashere e tomando suas mãos. Beijou as bochechas do pai,

e Perrin sentiu uma súbita estocada de desapontamento. Pai nenhum merecia toda

aquela atenção quando o marido estava de pé logo ali, depois de receber apenas um

breve sorriso.

— Opa, é melhor eu sair correndo e me esconder, Zarine? — gracejou Bashere,

dando uma risadinha. Ah, e que risadinha animada... ele nem pareceu notar que a

esposa e a filha tinham se agredido!

— Ela agora prefere Faile, Davram — retrucou Lady Deira, em um tom bem

distraído. Cruzando os braços sob aquele busto farto, ela encarou Perrin de cima a

baixo, sem fazer o menor esforço para disfarçar.

Perrin ouviu quando Faile sussurrou para o pai, bem baixinho.

— Agora só depende dele.

Bem, e devia depender, mesmo, se ela e a mãe tinham mesmo chegado a se

agredir. Estufando o peito, ele se preparou para dizer à sogra que trataria Faile com a

mesma delicadeza que usaria para lidar com uma gatinha e que ele próprio seria

dócil como uma ovelha. Essa última parte era mentira, claro, já que Faile faria

picadinho de qualquer homem muito dócil, mas a paz precisava ser mantida. Além

do quê, para falar a verdade, *tentava* ser gentil com a esposa. Talvez fosse por causa

de Lady Deira que Bashere falara tanto em gentileza, já que homem nenhum teria

coragem de tratar aquela mulher de outra forma.

Antes que pudesse abrir a boca, a mãe de Faile se adiantou.

— Os olhos amarelos sozinhos não fazem o lobo. Você é forte o bastante para dar

conta da minha filha, garoto? Pelo que ela me disse, você é um mariquinhas que

cede a todos os caprichos e deixa a menina fazer gato e sapato de você.

Perrin encarou a sogra. Bashere se sentara na poltrona que Faile ocupava quando

eles chegaram, concentrado em examinar as botas com complacência, as pernas

cruzadas e os pés apoiados um sobre o outro. Faile, sentada no braço largo da

poltrona, encarou a mãe de cenho franzido, indignada, então sorriu para Perrin com

toda a confiança que demonstrara quando disse que ele deveria enfrentar Rand.

— Eu não acho — retrucou, hesitante. Faile até que tentava, mas Perrin não

achava que tivesse deixado isso acontecer. Talvez vez ou outra, só para agradá-la.

Lady Deira fungou de um jeito desdenhoso que já transmitia tudo o que queria

dizer.

— Os fracotes nunca acham. As mulheres precisam de homens fortes, pelo menos

mais fortes que elas. Uma força que vem daqui. — Dizendo isso, cutucou o peito de

Perrin com tanta força que ele chegou a grunhir. — Nunca vou me esquecer da

primeira vez que Davram me agarrou pela nuca e me mostrou que era o mais forte

de nós dois. Foi magnífico! — Perrin ficou sem reação. Aquela imagem mental não

parecia apropriada. — Se a mulher for mais forte que o homem, vai acabar

desprezando o marido, pois suas duas opções vão ser tiranizá-lo ou se diminuir para

não diminuí-lo. Mas, se o marido for forte... — ela o cutucou outra vez com ainda

mais força —, a mulher pode ser tão forte quanto ele, tão forte quanto puder ser. E

você vai ter que provar para Faile que é mesmo forte. — Outra cutucada, ainda mais

forte. — As mulheres da minha família são leopardos. Se você não puder treiná-la

para caçar sob seu comando, Faile vai pintar e bordar com você, e vai ser merecido.

Você é forte? — Desta vez, o cutucão o fez recuar um passo.

— Pode parar com isso? — grunhiu Perrin. Conseguiu se conter e não esfregar o

peito. Faile não estava ajudando em nada, só ficava com aquele sorriso de

encorajamento. Bashere o encarava, erguendo uma das sobrancelhas. — Se eu às

vezes faço as vontades dela, é porque quero. Gosto de ver Faile sorrir. Se espera que

eu vá atropelá-la, então pode esquecer. — Talvez, com aquilo, tivesse perdido. A

sogra o encarou com uma expressão inusitada, e seu cheiro era um emaranhado que

ele não conseguia discernir, embora a raiva ainda estivesse presente, junto com um

desdém gélido. Bem, passando uma boa impressão ou não, estava farto de tentar

dizer o que Bashere e a esposa queriam ouvir. — Eu amo Faile, e ela me ama. Até

onde eu sei, é isso que importa.

— Ele disse — começou Bashere, devagar — que, se você levar nossa

filha

embora, vai lá buscá-la de volta. E parece achar que nove mil saldaeanos a cavalo

não são páreo para algumas centenas de arqueiros de Dois Rios.

Lady Deira encarou Perrin com um olhar pensativo. Então se recompôs,

endireitando a postura e erguendo a cabeça.

— E parece tudo ótimo, mas qualquer homem consegue manejar uma espada. O

que eu quero saber é se você pode domar uma mulher obstinada, cabeça-dura,

desobediente...

— Já chega, Deira — interrompeu Bashere, com toda a delicadeza. — Já que

ficou óbvio que você decidiu que Zarine... ou melhor, Faile não é mais criança, acho

que o rapaz vai se sair bem.

Para a surpresa de Perrin, a sogra curvou a cabeça, dócil.

— Como quiser, meu coração. — Então encarou Perrin com uma olhada nada

dócil, como se dissesse que era assim que um homem devia tratar uma mulher.

Bashere murmurou alguma coisa sobre netos e sobre voltar a fortalecer o sangue.

E Faile? Ela abriu um sorriso que Perrin nunca tinha visto em seu rosto, uma

expressão que o deixava decididamente desconfortável. Com as mãos entrelaçadas,

os tornozelos cruzados e a cabeça enviesada para um dos lados, ela parecia...

submissa. Faile, submissa! Talvez tivesse entrado para uma família de malucos.

* * *

Rand fechou a porta quando Perrin saiu, terminou de beber a taça de ponche e foi se

esparramar em uma poltrona, pensativo. Torcia para que Perrin se desse bem com

Bashere, mas se os dois acabassem trocando farpas, o amigo poderia passar a ver a

ida a Tear com bons olhos. Precisava de Perrin ou Mat por lá para convencer

Sammael de que aquele era o verdadeiro ataque. O pensamento lhe trouxe uma

risada fraca e amarga. Luz, que coisa a se pensar sobre um amigo. Lews Therin dava

risadinhas e resmungava coisas indistintas sobre amigos e traição. Ah, Rand queria

poder passar um ano dormindo.

Min entrou sem bater ou ser anunciada, claro. As Donzelas às vezes olhavam

estranho para ela, mas, depois do que quer que Sulin ou talvez Melaine tivesse dito,

Min fora incluída na pequena lista dos que podiam entrar não importava o que ele

estivesse fazendo. E a jovem já tirava proveito disso. Em uma das vezes, insistira em

se sentar no banquinho ao lado da banheira e ficar conversando enquanto ele tomava

banho como se aquilo fosse muito normal. Depois de entrar, a jovem só se deteve

para encher um cálice de ponche, então se acomodou no colo dele, se remexendo um

pouquinho. Seu rosto estava coberto de uma leve camada reluzente de suor. Min

nem quisera tentar aprender o truque para ignorar o calor, só dava risada e dizia que

não era Aes Sedai e nem tinha planos de se tornar uma. Rand agora era seu assento

favorito para aqueles encontros, mas tinha certeza de que, se fingisse não notar, Min

logo desistiria daquele jogo. Por isso que se escondera o máximo que pôde na água

da banheira, em vez de vender os olhos dela com Ar. Se ela soubesse que o estava

afetando, nunca pararia com aquilo. Além disso, ainda que se envergonhasse de

admitir, ter uma garota no seu colo o fazia se sentir bem. Ele não era feito de pedra,

afinal.

— A conversa com Faile foi boa?

— Não durou muito. O pai dela apareceu e a chamou, e ela estava ocupada

demais pendurada no pescoço dele para notar minha presença. Aí fui dar uma

voltinha.

— Não gostou dela? — indagou Rand, e Min esbugalhou os olhos, os cílios

longos fazendo-os parecer ainda maiores. As mulheres nunca esperavam que um

homem percebesse ou compreendesse algo que não queriam que ele notasse.

— Não é que eu desgoste dela, não exatamente... — começou Min, forçando as

palavras. — É que... Bem, ela quer o que quer e na hora que quer e não aceita não

como resposta. Tenho pena do coitado do Perrin, casado com ela. Sabe o que Faile

queria comigo? Se assegurar de que eu não tinha nenhuma intenção de me

aproximar demais de seu precioso marido. Você não deve ter notado, os homens

nunca notam essas coisas... — Ela parou e ergueu os olhos para Rand, encarando-o

cheia de suspeita por trás daqueles cílios compridos. Ele já demonstrara ser capaz de

notar certas coisas, afinal. Assim que ficou satisfeita em ver que ele não parecia

prestes a rir ou fazer algum gracejo, prosseguiu: — Só com aquele encontro rápido,

vi que Perrin está enfeitiçado por ela, coitado. E ela por ele, se é que isso é bom.

Acho que ele nem sequer olharia para qualquer outra mulher, mas Faile não acredita.

Pelo menos não se essa outra mulher olhar primeiro. Enfim, ele encontrou o falcão, e

eu não me surpreenderia se ela o matar quando o gavião aparecer. — Min fez uma

pausa para respirar, então ergueu os olhos para Rand outra vez e tratou de beber o

ponche.

Min explicaria aquela coisa de falcão e gavião, se ele perguntasse — até onde

Rand lembrava, a mulher nunca revelava nada sobre suas visões que não dissesse

respeito à pessoa que perguntava, mas algo fizera Min mudar em relação a ele nos

últimos tempos. Passara a tentar ter visões de qualquer pessoa que ele pedisse,

contando tudo o que visse. Só que fazer aquilo a deixava desconfortável.

Cale-se! , gritou para Lews Therin, em sua cabeça. *Vá embora! Você está morto!*

Não adiantou. Já fazia um tempo que parara de funcionar. A voz continuou

balbuciando alguma coisa, talvez sobre ser traído por amigos, talvez sobre traí-los.

— Você viu algo que tenha a ver comigo? — perguntou.

Com um sorriso agradecido, Min se aninhou em seu peito com uma intimidade de

amigos de longa data — ao menos era o que ela provavelmente pretendia que fosse...

se bem que, pensando melhor, talvez não — e começou a falar entre um gole de

ponche e outro.

— Quando vocês dois estavam juntos, vi aqueles vagalumes e a escuridão mais

fortes do que nunca. Hum... Eu gosto de ponche de melão. Mas, com os dois no

mesmo ambiente, os vagalumes pareciam resistir, em vez de serem engolidos mais

rápido do que conseguiam se juntar, que é o que acontece quando você está sozinho.

E vi uma outra coisa quando vocês estavam juntos: haverá duas

ocasiões em que

Perrin deverá estar presente, ou você... — Ela encarou o cálice, sem querer ver o

rosto de Rand. — Se ele não estiver, algo ruim vai acontecer com você. — A voz

soava diminuta e assustada. — Algo muito ruim.

Mesmo querendo saber mais — como por exemplo o quê, onde e quando —,

Rand não fez perguntas. Min teria contado, se soubesse.

— Então só preciso manter Perrin por perto — ponderou, no tom mais animado

que conseguiu. Não gostava de ver Min assustada.

— Não sei se isso basta — murmurou ela, para o ponche. — Vai acontecer se ele

não estiver presente, mas não vi nada que indicasse que não aconteceria se ele

estivesse. E vai ser bem ruim, Rand. Só de pensar naquela visão, eu fico...

Rand ergueu o rosto dela e se surpreendeu ao ver lágrimas.

— Eu não sabia que essas visões podiam machucar tanto você, Min — comentou

ele, com a voz suave. — Me desculpe.

— Você não sabe de um montão de coisas, pastorzinho — resmungou ela,

arrancando um lenço com bordas rendadas da manga e secando os olhos. — Entrou

um cisco, só isso. Você devia mandar Sulin limpar este lugar com mais frequência.

— O lenço voltou para o lugar com um floreio. — Melhor eu voltar para A Coroa de

Rosas. Só precisava contar o que vi a respeito de Perrin.

— Tenha cuidado, Min. Talvez não seja bom você vir tanto aqui. Não acho que

Merana a deixaria impune se descobrisse o que você anda fazendo.

Ela abriu um sorriso que lembrava muito o da antiga Min, e seus olhos pareciam

alegres, mesmo ainda brilhando com as lágrimas.

— Pode deixar que eu me preocupo com isso, pastorzinho. Elas acham que estou

toda abobalhada com o que vejo em Caemlyn, como qualquer outra jeca de interior.

Se eu não viesse aqui todo dia, como você ficaria sabendo que elas estão se reunindo

com os nobres?

A caminho do Palácio, no dia anterior, Min por acaso vira Merana despontando na

janela de uma mansão que ela descobrira pertencer a Lorde Pelivar. As chances de

que Pelivar e seus convidados fossem os únicos presentes eram as mesmas de que

Merana tivesse ido até lá para limpar os ralos.

— Tenha cuidado — insistiu Rand, com firmeza. — Não quero que você se

machuque, Min.

Ela o analisou por um instante, muda, então se ergueu só o suficiente para o beijar

bem de leve nos lábios. Ao menos... Bem, foi de leve, mas aquilo acabara se

tornando uma espécie de costume sempre que ela ia embora, e Rand achava que

aqueles beijos estavam ficando um pouco menos leves a cada dia.

— Preferia que você não fizesse isso — comentou, apesar de todas as promessas

que fizera a si mesmo. Deixar que ela se sentasse em seu colo era uma coisa, mas

aqueles beijos já estavam indo longe demais.

— Sem choro, fazendeiro. — Ela sorriu. — E sem gaguejar. — Min afagou seu

cabelo como se Rand ainda tivesse dez anos e foi andando até a porta. Só que ela o

fez em um balançar gracioso que podia não produzir lágrimas nem deixá-lo

gaguejando, mas que com certeza tornavam difícil desviar os olhos, não importava

quanto tentasse evitar. Quando Min se virou, Rand tratou de levar os olhos depressa

para o rosto dela. — Ora, como você está corado, pastorzinho. Achei que o calor não

incomodasse mais você. Bem, não importa. Só queria dizer que vou tomar cuidado.

Nos vemos amanhã. Não se esqueça de calçar meias limpas.

Assim que a porta se fechou com firmeza atrás dela, Rand deixou escapar um

longo suspiro. Meias limpas? Ora, botava roupas limpas todos os dias! Só lhe

restavam duas alternativas: poderia continuar fingindo que Min não estava causando

nenhum impacto até que ela desistisse ou poderia se resignar e gaguejar, como ela

queria — ou talvez implorar. Se implorasse, ela talvez parasse, mas aí poderia

espezinhá-lo com isso para o resto da vida, e como ela gostava de provocar... A

única outra opção, que era manter seus encontros sempre curtos e agir com muita

frieza, também estava fora de questão. Min era sua amiga. Seria como tentar ser frio

com... só conseguia pensar em Aviendha e Elayne, mas elas não se encaixavam na

situação. Seria como ser frio com Mat e Perrin. Só não entendia por que ainda se

sentia tão confortável perto de Min. Não deveria, com ela provocando-o daquele

jeito, mas era assim que se sentia.

Os murmúrios de Lews Therin tinham começado a se intensificar no instante em

que Min mencionou as Aes Sedai, e ele já falava com toda a clareza. *Se elas estão*

tramando algo com os nobres, tenho que tomar uma providência.

Vá embora, ordenou Rand.

Em nove, elas são perigosas, mesmo destreinadas. Muito perigosas. Não posso

permitir. Não. Ah, não...

Vá embora, Lews Therin!

Eu não estou morto!, ganiu a voz . *Eu mereço morrer, mas estou vivo! Vivo! Vivo!*

Você está morto! , rebateu Rand gritando dentro da própria mente. *Você está*

morto, Lews Therin!

A voz foi definhando, ainda uivando “Vivo!” até desaparecer.

Trêmulo, Rand se levantou e encheu o cálice outra vez, bebendo tudo de um gole

só. Seu rosto pingava de suor, a camisa estava colada ao corpo. Retomar a

concentração demandava esforço. Lews Therin estava cada vez mais persistente.

Uma coisa era certa: se Merana estivesse tramando algo com os nobres, sobretudo

com os nobres que estavam a ponto de declarar rebelião caso ele não apresentasse

Elayne rápido o bastante, então precisava mesmo tomar uma providência.

Infelizmente, não tinha ideia de qual.

Mate as mulheres, sussurrou Lews Therin. *Em nove, elas são perigosas demais.*

Mas se eu matar algumas, se expulsar as outras daqui... é só matar... deixá-las com

medo de mim... Aí não vou morrer de novo...

Eu mereço morrer, mas quero viver... Ele começou a chorar, mas continuou

sussurrando.

Rand encheu o cálice outra vez e tentou não ouvir.

* * *

Quando viu o Portão Origan, a entrada para a Cidade Interna, Demira Eriff diminuiu

o passo. Vários homens na multidão a olhavam com admiração conforme se

espremiavam para passar, e, no que talvez fosse a milésima vez, ela considerou que

talvez devesse parar de usar os vestidos de sua terra natal, Arad Doman — e,

também pelo que devia ser a milésima vez, desconsiderou imediatamente. Vestidos

não faziam tanta diferença, já fazia anos que apenas mandava fazer cópias dos

mesmos seis modelos, e se algum homem não notasse que ela era Aes Sedai e

ficasse um pouco mais atrevido, não era difícil fazê-lo entender com quem estava se

metendo. Aquilo sempre os fazia largar de seu pé bem depressa, quase sempre tão

rápido quanto conseguiam correr.

Naquele instante, só tinha olhos para o Portão Origan, um grande arco de

mármore branco cravado na muralha branca e cintilante, e para o fluxo de gente,

carroças e carroções que o cruzavam sob os olhares dos dez Aiel — suspeitava de

que eles não estivessem tão desatentos e relaxados quanto pareciam, e talvez

pudessem reconhecer uma Aes Sedai só de olhar. Era surpreendente, mas algumas

pessoas tinham essa capacidade. Além disso, fora seguida desde A Coroa de Rosas

— aqueles casacos e calças feitos para se camuflar na paisagem de rochas e

arvoredos chamavam muita atenção nas ruas da cidade. Então, mesmo que ela

quisesse entrar na Cidade Nova, mesmo que estivesse disposta a correr o risco de

irritar Merana, entrando sem a permissão de al"Thor, não conseguiria.
Ah, como

aquilo a irritava! Aes Sedai precisando da *permissão* de um homem. Só queria ver

Milam Harnder, o Segundo Bibliotecário do Palácio Real, seu agente havia quase

trinta anos.

A biblioteca do Palácio não se comparava à da Torre Branca, ou mesmo à

Biblioteca Real de Cairhien, ou à Biblioteca Terhana, em Bandar Eban, mas

conseguir acesso a qualquer uma dessas seria tão fácil quanto criar asas e voar. Bem,

se Milam tivesse recebido sua mensagem, já teria começado a procurar os livros de

que ela precisava. A biblioteca do Palácio poderia muito bem ter informações sobre

os selos da prisão do Tenebroso, quem sabe até algumas fontes catalogadas — mas

talvez isso já fosse esperar demais. A maioria das bibliotecas possuía alguns

volumes largados, livros que já deveriam ter sido registrados havia muito, mas que

permaneceram esquecidos por cem ou quinhentos anos, às vezes até mais. Quase

todas as bibliotecas guardavam segredos de que nem os bibliotecários suspeitavam.

Ficou esperando, com toda a paciência, deixando a multidão fluir ao redor, atenta

apenas às pessoas que saíam pelo portão, mas não avistou a cabeça calva e o rosto

redondo de Milam. Por fim, suspirou. Ele não recebera a mensagem, ou teria

inventado alguma desculpa para estar ali na hora marcada. Teria que esperar pela sua

vez de acompanhar Merana até o Palácio e torcer para que o jovem al"Thor lhe desse

permissão — *permissão!* — para procurar na biblioteca.

Desviou os olhos da multidão, sem querer cruzando olhar com o de um sujeito

alto de rosto magro com colete de carroceiro que a fitava com admiração excessiva.

Quando seus olhos se encontraram, ele deu uma piscadela!

Ah, não aguentaria aquilo durante todo o caminho de volta até a estalagem. *Eu*

não posso me esquecer de mandar fazer uns vestidos mais comuns , pensou,

perguntando-se por que ainda não tomara essa providência. Por sorte, já visitara

Caemlyn antes, alguns anos atrás. Stevan estaria esperando na estalagem A Coroa de

Rosas — o homem poderia ser um bom sinalizador para acrescentar àquelas

caminhadas, se houvesse necessidade. Deslizou para a penumbra de uma abertura

estreita entre a oficina de um couteleiro e uma taverna.

Da última vez que visitara a cidade, as vielas estreitas de Caemlyn estavam

enlameadas. Agora, mesmo secas, quanto mais ela avançava, pior era o cheiro. As

paredes eram lisas, sem janelas, e era raro ver uma porta estreita ou um portão

apertado, e os que ela via pareciam não ser abertos havia muito tempo. Gatos

raquíticos espiavam em silêncio do alto de barris e de paredes, e cães de rua com

costelas pronunciadas voltavam as orelhas para trás, por vezes rosnando antes de

escaparem, sorrateiros, por alguma passagem transversal, que era como chamavam

essas vielas naquela região. Não tinha nenhum medo de ser arranhada ou mordida.

Os gatos sempre pareciam sentir algo nas Aes Sedai, e nunca ouvira falar de uma

que tivesse sido arranhada nem mesmo pelo gato mais feroz. Verdade que os cães

sempre se mostravam hostis, praticamente como se pensassem que as Aes Sedai

fossem gatos, mas quase sempre saíam de fininho depois de rosnar um pouco.

Havia bem mais cães e gatos nas passagens do que ela se lembrava, todos

magrelos, mas tinha bem menos gente. Não vira uma alma sequer até dobrar uma

última esquina e dar de cara com cinco ou seis Aiel que vinham em sua direção,

todos rindo e conversando. Pareceram assustados em vê-la.

— Perdão, Aes Sedai — murmurou um deles, e todos se apertaram contra uma

das laterais da passagem, mesmo já havendo espaço o bastante para passar.

Demira se perguntou se seriam os mesmos que a haviam seguido mais cedo, já

que um daqueles rostos parecia um tanto familiar — era um sujeitinho atarracado

com olhos vilanescos. Ainda assim, assentiu e agradeceu baixinho enquanto passava.

O choque foi tão grande ao sentir a lança penetrando a lateral do corpo que

Demira nem gritou. Buscou *sair*, desesperada, mas sentiu outra pontada

trespassando pelo lado do corpo, então caiu na poeira. Aquele rosto familiar estava

colado ao seu, os olhos negros com um brilho zombeteiro, rosnando palavras que ela

não ouvia enquanto tentava abraçar *sair* , tentava... Então veio a escuridão.

* * *

Quando Perrin e Faile finalmente se viram livres daquela entrevista interminável

com os pais dela, Sulin, aquela serviçal esquisita, já estava esperando no corredor.

Perrin estava ensopado de suor, que deixara manchas escuras em seu casaco, e sentia

como se tivesse corrido dez milhas sendo açoitado a cada passada. Faile tinha um

sorriso estampado no rosto e andava quase saltitando. Estava radiante, bonita, e

parecia tão orgulhosa de si mesma quanto na ocasião em que chegara com os

homens de Colina da Vigília no exato instante em que os Trollocs estavam prestes a

quebrar o cerco de Emond. Sulin fazia uma medida toda vez que um

dos dois olhava

para ela, sempre tão desajeitada que ficava a ponto de cair. Seu rosto coriáceo com a

cicatriz descendo pela bochecha estava congelado em um sorriso prestativo, mas que

parecia pronto para se espatifar com uma única respiração. Donzelas transitavam

pelos corredores, gesticulando umas para as outras com as mãos, e Sulin também

fazia reverências para elas, ainda que rangesse os dentes alto o bastante para Perrin

ouvir com clareza. Até Faile começou a olhar para ela com cautela.

Depois que a mulher os conduziu a seus aposentos — uma sala de estar e um

quarto com uma cama de dossel grande o bastante para dez pessoas, além de uma

varanda de mármore comprida que dava para um pátio com uma fonte —, ela

insistiu em explicar e mostrar tudo, até o que já conseguiam ver. Os cavalos haviam

sido esfregados e levados para a estrebaria. Os alforjes tinham sido retirados da

bagagem e dependurados no guarda-roupa, junto com a cinta do machado de Perrin,

e quase todos os seus escassos pertences estavam guardados em perfeita ordem em

um gaveteiro. O machado de Perrin estava escorado ao lado da lareira de mármore

cinza, como se tivesse sido feito para cortar gravetos. Dois jarros de prata reluzentes

por conta da condensação continham chá gelado de menta e ponche

de ameixa. Sulin

fez questão de apontar os dois espelhos de moldura dourada, mesmo que fossem tão

evidentes que nem um cego teria deixado de ver; um estava apoiado sobre uma mesa

de cabeceira, sobre a qual também estavam a escova e o pente de marfim de Faile; o

outro era um espelho grande de pé com suportes entalhados.

Enquanto Sulin explicava que estavam trazendo a água para o banho e mostrava

as banheiras de cobre, Perrin enfiou uma coroa de ouro em sua palma calejada.

— Obrigado — agradeceu —, mas se você não se incomodar, pode ir...
— Por um

momento, achou que a mulher fosse atirar a moeda em cima dele, mas ela

simplesmente fez outra reverência trêmula e bateu a porta ao sair.

— Ora, acho que quem treina as criadas não entende muito do assunto
— opinou

Faile. — Uma solução ótima, aliás. Você foi educado, mas firme. Se ao menos fosse

assim com os *nossos* serviçais. — Quando ela virou as costas magras, baixou a voz a

um murmúrio: — Desabotoa o vestido para mim?

Perrin sempre sentia que tinha dedos muito grossos e desajeitados quando

precisava lidar com os botõezinhos minúsculos das roupas de Faile, e sempre ficava

com receio de arrancá-los ou de rasgar o vestido. Por outro lado, gostava de despir a

esposa. Ela em geral pedia ajuda a uma criada, e Perrin tinha certeza de que era por

causa dos muitos botões que já perdera.

— Aquelas bobagens para a sua mãe... alguma coisa daquilo era a sério?

— Ora, meu marido, você não me domou? — retrucou Faile, sem nem se virar

para olhá-lo. — Não me ensinou que devo me empoleirar em seu pulso ao menor

chamado? Eu não corro para fazer suas vontades? Não obedeco até seus menores

caprichos?

Faile estava com um cheiro quase debochado, e sua voz com certeza soava

divertida. O problema era que também parecia estar falando sério, com o mesmo

tom e ênfase que falara aquelas mesmas palavras para a mãe, mantendo a cabeça

erguida e imbuindo a voz com o máximo de orgulho que podia sentir. As mulheres

eram mesmo estranhas, não havia o que fazer. E a mãe dela...! Aliás, até o pai...!

Talvez fosse melhor mudar de assunto. O que era mesmo aquele negócio que

Bashere mencionara?

— Faile, o que é uma coroa partida? — Tinha certeza de que era aquele o nome.

Ela soltou um muxoxo irritado e começou a cheirar meio incomodada.

— Rand está fora do Palácio, Perrin.

— E qual é o problema? — Ele se curvou para encarar um botãozinho

de

madrepérola minúsculo de perto e franziu o cenho às costas dela. —
Como é que

você sabe?

— As Donzelas. Bain e Chiad me ensinaram um pouco daquela
linguagem de

sinais. Não conte para ninguém, Perrin. Pela cara que fizeram quando
ficaram

sabendo que tinha Aiel aqui na cidade, acho que não deviam ter me
ensinado. Bem,

talvez seja bom entender as conversas sem que elas saibam. Ficam
tantas perto de

Rand... — Ela se virou, encarando-o com um olhar malicioso e
passando a mão em

sua barba. — Aquelas primeiras Donzelas que encontramos acharam
que você tem

ombros bonitos, mas não acharam isso aqui muito charmoso. As Aiel
não sabem

apreciar uma bela barba.

Balançando a cabeça, Perrin esperou Faile dar as costas de novo para
guardar no

bolso, sorrateiro, o botão que caíra quando ela virou de repente.
Talvez ela não

notasse. Ele mesmo passara uma semana sem um dos botões do
casaco, só reparou

quando Faile comentou. Quanto à questão da barba, a julgar pelo que
Gaul lhe

contara, os Aiel sempre se mantinham de rosto liso. Bain e Chiad
tinham feito

brincadeirinhas estranhas sobre a barba espessa de Perrin — naquele
calor, ele mais

de uma vez chegara a considerar raspá-la, mas Faile gostava mesmo da barba.

— E Rand? Por que está me contando que ele saiu do Palácio?

— Só porque você deveria saber o que seu amigo anda fazendo pelas suas costas.

Óbvio que você não sabia que ele ia sair. Não se esqueça de que ele é o Dragão

Renascido. É quase como um rei, um rei dos reis, e os reis às vezes usam até os

próprios amigos, tanto por acaso quanto de propósito.

— Rand não faria uma coisa dessas. O que você está sugerindo, afinal? Que eu

fique espionando meu amigo?

Tinha sugerido aquilo de brincadeira, mas Faile respondeu:

— Você não, meu amor. Essa é uma missão para uma esposa.

— Faile! — Perrin se endireitou tão depressa que quase arrancou outro botão,

então segurou-a pelos ombros e virou-a de frente para ele. — Você não vai espionar

Rand, está me ouvindo? — Ela o encarou com um olhar obstinado, abrindo a boca

para retrucar e estreitando os olhos. A mulher estava praticamente fedendo a

teimosia, mas Perrin também sabia ser teimoso. — Faile, quero ver um pouco

daquela obediência de que você estava se gabando mais cedo. — Faile sempre só

fazia o que ele pedia quando queria. Do contrário, ela simplesmente não obedecia e

nem levava em conta se ele estava ou não certo em pedir o que fosse.

— Estou

falando sério, Faile. Quero que me prometa que não vai fazer isso. Eu não vou

participar de...

— Eu prometo, meu coração — interrompeu ela, tocando de leve a boca de Perrin

com os dedos. — Prometo que não vou espionar Rand. Viu? Eu obedeço ao meu

marido. Você ainda se lembra de quantos netos minha mãe falou que quer?

Perrin piscou, pego de surpresa pela súbita mudança de assunto. Bem, ao menos

ela prometera, e isso é que importava.

— Seis, eu acho. Perdi a conta quando ela começou a falar de quantos meninos e

meninas.

Lady Deira os fizera ouvir alguns conselhos assustadoramente francos a respeito

de como poderiam atingir logo a quantidade ideal de netos de cada sexo, e Perrin por

sorte não prestara atenção — estava mais ocupado se perguntando se era mesmo

para ficar ali na sala até ela terminar. Faile apenas assentira, como se fosse a coisa

mais natural do mundo falar daquilo com o marido e o pai presentes.

— Pelo menos seis — corrigiu ela, com um sorriso realmente perverso. — Perrin,

minha mãe só vai nos deixar em paz quando eu puder dizer que o primeiro já vem

logo, então pensei que se algum dia você conseguisse abrir o resto dos

meus

botões... — Ela ainda ruborizava, mesmo depois de meses de casamento, mas aquele

sorriso malicioso permaneceu. — Ver uma cama de verdade depois de tantas

semanas me deixa atrevida feito uma fazendeira na época da colheita.

Perrin às vezes ficava pensando nessas garotas de fazenda saldaeanas de que Faile

sempre falava. Enrubescendo ou não, se fossem tão atrevidas quanto a esposa era

quando ficavam a sós, aquele país nunca devia ver uma safra colhida. Arrebentou

outros dois botões enquanto tirava o vestido de Faile, que não se importou nem um

pouco e até deu um jeito de rasgar sua camisa.

* * *

Demira ficou surpresa ao abrir os olhos, chocada por se ver deitada na cama do

próprio quarto na estalagem A Coroa de Rosas. Deveria estar morta, não nua e

metida entre lençóis de linho. Stevan estava sentado em um banco ao pé da cama.

Conseguia parecer aliviado, preocupado e irritado ao mesmo tempo. O esbelto

Guardião cairhieno era uma cabeça mais baixo que ela e quase vinte anos mais

jovem, mesmo com todos os fios grisalhos nas têmporas, mas, às vezes, tentava se

comportar como um pai e praticamente afirmava que ela não conseguiria dar conta

de si mesma sem ele para conduzi-la pela mão. Demira só temia que esse episódio

fosse lhe dar crédito nas disputas intermináveis que os dois teriam, durante os meses

por vir. Merana estava ao lado da cama, solene, e Berenicia estava do outro lado. A

irmã Amarela e rechonchuda sempre tinha um ar um tanto solene, mas dessa vez

estava ainda pior.

— Como? — perguntou com dificuldade.

Luz, estava fraca. Era efeito da Cura. Precisou de um esforço enorme para tirar os

braços de sob o lençol. Devia ter chegado muito perto da morte. A Cura não deixava

cicatrizes, mas a memória da dor e a fraqueza já eram mais que suficientes.

— Um homem veio beber no salão da estalagem — explicou Stevan.
— Pediu um

pouco de cerveja. E disse que tinha visto alguns Aiel seguindo uma Aes Sedai. Ele

descreveu você toda, dos pés à cabeça, e falou que os Aiel tinham a intenção de

matar a mulher. Assim que ele falou, eu senti...

O rosto do guardião ficou sombrio.

— Stevan me pediu para ir junto — contou Berenicia. — Só faltou me arrastar, e

não paramos de correr nem um segundo. Para ser sincera, eu não sabia se tínhamos

chegado a tempo até ver você abrir os olhos, agora.

— Claro que foi tudo parte da mesma armadilha, do mesmo aviso —

ponderou

Merana, a voz neutra. — Os Aiel e aquele homem. Uma pena termos deixado ele

escapar, mas estávamos tão preocupadas com você que ele conseguiu escapulir antes

que alguém sequer pensasse em detê-lo.

Demira estava pensando em Milam e em como aquilo afetaria a busca na

biblioteca, em quanto tempo precisaria para Stevan se acalmar. Só as últimas

palavras de Merana lhe chamaram a atenção.

— Detê-lo? Aviso? Do que você está falando?

Berenicia resmungou sobre Demira só entender se a explicação estivesse escrita

em um livro. A Amarela às vezes tinha uma língua bem ácida.

— Viu alguém entrar no salão da estalagem e pedir uma bebida desde que

chegamos aqui, Demira? — perguntou Merana, muito paciente.

Verdade, ninguém ia lá. Uma ou duas Aes Sedai não afetavam muito a clientela

de uma estalagem em Caemlyn, mas, quando eram nove, a conversa mudava. Nos

últimos dias, a Senhora Cinchonine parecia fazer questão de ressaltar isso.

— Então o objetivo era que vocês soubessem que aqueles Aiel tinham me matado.

Ou talvez era para eu ser encontrada antes de morrer... — Então se lembrou dos

grunhidos daquele sujeito de rosto vilanesco. — Me mandaram avisar a vocês que é

para ficar longe de al'Thor. As palavras foram: “Avisé às outras bruxas para ficarem

longe do Dragão Renascido.” Bem, eu não tinha como dar o recado morta, não é

mesmo? As feridas foram onde?

Stevan se remexeu no banco, encarando-a com olhar sofrido.

— Foram dois cortes, nenhum atingiu qualquer órgão que pudesse tê-la matado na

hora, mas a quantidade de sangue que você perdeu...

— E o que vamos fazer? — perguntou Demira para Merana. Não queria dar

chance para Stevan apontar como fora tola por se deixar apanhar daquele jeito.

— Acho que deveríamos encontrar os Aiel responsáveis e usá-los para dar o

exemplo — respondeu Berenicia, com firmeza. Ela era da área onde havia disputas

territoriais, as Marcas de Shienar, e ataques Aiel tinham sido uma constante em sua

juventude. — Seonid concorda comigo.

— Ah, não! — protestou Demira. — Não vou deixar arruinarem minha primeira

chance de estudar os Aiel. Eles mal nos dirigem duas palavras do jeito que está

agora. E foi o meu sangue, afinal. Além do quê, a menos que o homem que tenha

dado o aviso também fosse Aiel, acho bem óbvio que eles agiram sob ordens de

alguém. E só há um homem em Caemlyn que pode dar ordens para os Aiel.

— Eu e as outras concordamos com você, Demira — interveio Merana, encarando

Berenicia com firmeza. — Não quero mais ouvir falar em perder tempo e energia

para encontrar uma matilha de cães em meio a centenas quando o homem que os

manda sair para caçar anda por aí com um sorriso no rosto.

Berenicia pareceu um pouco irritada antes de baixar a cabeça e assentir, mas isso

já era comum.

— Temos que pelo menos mostrar a al"Thor que ele não pode tratar nenhuma Aes

Sedai desse jeito — concluiu Berenicia, contundente. Uma olhadela de Merana a fez

moderar o tom, mas ela ainda não soava muito satisfeita ao continuar: — Mas não

com tanta firmeza a ponto de arruinar os nossos planos, claro.

Demira tocou os lábios com as pontas dos dedos e suspirou. Estava mesmo fraca.

— Bem, mas ainda temos uma questão: se o acusarmos abertamente, claro que ele

vai negar, e não temos provas para jogar na cara dele. E não só isso: pode ser mais

inteligente deixar todos saberem que ele se sente livre para caçar Aes Sedai como

coelhos. — Merana e Berenicia se entreolharam e aquiesceram, ainda com firmeza.

O pobre Stevan franziu o cenho, irritadíssimo. Nunca deixara ninguém que a

machucara sair impune. — Será que não é melhor simplesmente não dizer nada?

Isso com certeza vai fazê-lo queimar um pouco os miolos. Vai ficar se perguntando

por que não dissemos nada, querendo saber o que vamos fazer... Não sei medir

quanto somos capazes de abalar a confiança dele, mas podemos pelo menos deixá-lo

um tanto inquieto.

— Um argumento válido — comentou Verin, junto à porta. — Al'Thor precisa

respeitar as Aes Sedai, ou não teremos como trabalhar com ele. — Ela gesticulou

para que Stevan saísse. O Guardião esperou o meneio de Demira, claro, mas saiu. A

Marrom se sentou no banco que ele ocupara. — Pensei que, como você é que foi o

alvo... — Então parou e fez cara feia para Merana e Berenicia. — Vocês não vão se

sentar? Não quero ficar com torcicolo de ter que olhar para cima. — Verin

prosseguiu enquanto as duas ainda traziam a única cadeira do quarto e um segundo

banquinho ao lado da cama. — Como você foi o alvo, Demira, seria bom nos ajudar

a decidir como Mestre al'Thor deve aprender essa lição. E parece que você já

começou a pensar nisso.

— O que eu acho... — começou Merana, mas Verin a cortou.

— Só um momento, Merana. Demira tem direito de fazer a primeira sugestão.

Demira prendeu a respiração, esperando pelo rompante de Merana. Ela sempre

parecia querer que suas decisões fossem aprovadas por Verin — o que era até

natural, dadas as circunstâncias, embora um tanto constrangedor —, mas era a

primeira vez que Verin simplesmente assumia o controle. Ao menos na frente de

outras. Ainda assim, Merana apenas encarou a Marrom rechonchuda por um

momento, comprimindo os lábios, então baixou a cabeça. Demira ficou se

perguntando se aquilo significava que Merana estava abrindo mão da missão

diplomática em favor de Verin, já que não parecia haver outra coisa que pudesse

fazer. Todas se voltaram para Demira, esperando. O olhar de Verin era particularmente penetrante.

— Se quisermos deixar o rapaz preocupado com o que vamos fazer, sugiro que

ninguém vá ao Palácio hoje. Talvez sem nenhuma explicação, ou, caso achem isso

um pouco extremo demais, ao menos com uma explicação que o deixe apreensivo.

— Merana assentiu. Então, o que parecia mais importante, a julgar por como a

situação estava se desenrolando, Verin também assentiu. Demira decidiu se

aventurar um pouco mais. — Talvez seja bom passar vários dias sem mandar

ninguém, deixá-lo pensando no que pode ter acontecido. Com certeza o

comportamento de Min vai nos indicar o momento em que ele estiver

mais agitado

e...

Não importava o que elas decidissem fazer, queria estar envolvida. O sangue

derramado fora *dela* , afinal, e só a Luz sabia por quanto tempo teria que postergar



suas pesquisas na biblioteca — isso por si só já era quase uma razão tão boa para

ensinar uma bela lição a al'Thor quanto ele ter se esquecido de como se comportar

diante das Aes Sedai.



CAPÍTULO 47

A MULHER ERRANTE

Mat desejava uma cavalgada tranquila até Ebou Dar, e, de certa forma, seu desejo foi

atendido. Mas, por viajar com seis mulheres, quatro delas Aes Sedai, aborrecimentos

não lhe faltaram.

Eles chegaram à floresta distante no primeiro dia, com o sol ainda relativamente

alto no céu, e cavalgaram por várias horas debaixo de copas de árvores com ramos

praticamente desfolhados. Os cascos dos cavalos faziam estalar os galhos secos e as

folhas mortas no chão durante a passagem do grupo, até pararem pouco antes do pôr

do sol para montar acampamento próximo de um tímido córrego. Harnan, com sua

mandíbula fina e um falcão tatuado na bochecha, encabeçava a fileira e logo tratou

de cuidar para que os homens do Bando se instalassem, os cavalos

fossem

esfregados e coxeados, as sentinelas se posicionassem e as fogueiras fossem acesas.

Nerim e Lopin andavam de um lado para o outro se lamuriando por não terem

levado tendas. Como um homem poderia adivinhar que passaria várias noites

dormindo no chão sem que seu mestre lhe dissesse nada?, choramingavam. Aliás, se

esse mestre acabasse morto, a culpa não seria deles. Um era magricelo e o outro,

robusto, mas os dois conseguiam soar como ecos. Vanin cuidou de si mesmo, claro,

apesar de ter ficado de olho em Olver e até esfregado as partes de Vento que o

garoto não conseguia alcançar nem se usasse sua sela como banco. Todos sempre

cuidavam de Olver.

Tecnicamente, as mulheres ficaram no mesmo acampamento, mas, de certa forma,

o seu lado ficava tão à parte que era como se estivesse a cinquenta passadas de

distância. Uma linha invisível parecia dividir o acampamento ao meio, com algum

aviso implícito advertindo os homens do Bando para que não atravessassem.

Nynaeve, Elayne e as duas mulheres de cabelo branco se reuniram em torno da

própria fogueira junto com Aviendha e a Caçadora de cabelo dourado, e era raro que

até mesmo olhassem na direção em que Mat e seus homens estendiam

seus

cobertores. Conversavam em murmúrios que Mat mal conseguia escutar, e o pouco

que foi capaz de identificar tinha a ver com a preocupação de Vandene e Adeleas de

que Aviendha pretendesse arrastar seu cavalo até Ebou Dar, em vez de montá-lo.

Thom tentou trocar umas palavras com Elayne e acabou recebendo um tapinha

amigável na bochecha antes de ela mandá-lo voltar a se sentar com Juilin e Jaem, o

Guardião idoso e magro — embora musculoso — que pertencia a Vandene e que

parecia passar todo o seu tempo afiando a espada.

Mat não se opunha às mulheres ficarem separadas. Pairava sobre elas uma tensão

que ele não conseguia compreender. Pelo menos era assim com Nynaeve e Elayne, e

a Caçadora também parecia contaminada. Às vezes, ficavam olhando para as Aes

Sedai — as *outras* Aes Sedai, e ele não tinha certeza se algum dia conseguiria se

acostumar a pensar em Nynaeve e Elayne como tal — com certo excesso de

concentração, apesar de Vandene e Adeleas parecerem tão distraídas quanto

Aviendha. Fosse qual fosse o motivo, Mat não queria parte naquilo. Uma discussão

parecia estar se armando e, independentemente do desfecho, um homem sábio

passaria longe de discussões entre mulheres. Com ou sem medalhão de

raposa, um

homem sábio passaria ainda mais longe se essas mulheres fossem Aes Sedai.

Tratava-se apenas de um pequeno aborrecimento, assim como o seguinte, que no

caso era culpa dele mesmo: a comida. Não demorou muito para sentirem cheiro de

carneiro e de algum tipo de sopa, vindo da fogueira das Aes Sedai. Esperando uma

viagem curta e rápida até Ebou Dar, ele não mencionara nada sobre comida para

Vanin e os demais, o que significava que os homens traziam nos alforjes um pouco

de carne-seca e pedaços duros de pão ázimo. Mat mal vira um pássaro ou um

esquilo, muito menos qualquer sinal de um veado, de forma que caçar estava fora de

questão. Quando Nerim montou uma mesinha dobrável e um banquinho para Mat —

Lopin estava montando outro para Nalesean —, Mat mandou que ele dividisse entre

o grupo o que ele havia enfiado nos cestos dos burros de carga. O resultado não foi

tão bom quanto ele esperava.

Nerim ficou por perto da mesa de Mat, servindo água com um jarro de prata como

se fosse o vinho mais fino e observando com ar pesaroso as iguarias desaparecerem

nas goelas dos homens do Bando.

— Ovos de codorna na salmoura, milorde — anunciava ele em tom fúnebre. —

Teriam caído muito bem no café de manhã de milorde em Ebou Dar. E a melhor

língua defumada, milorde. Se milorde fizesse ideia do que eu precisei passar para

encontrar língua defumada com mel naquela aldeia horrorosa, correndo contra o

tempo, pois tudo o que havia de melhor já tinha sido tomado pelas Aes Sedai. — Na

realidade, a maior queixa do homem parecia ser o fato de Lopin ter encontrado

cotovias em conserva para Nalesean. Toda vez que este dava uma mordida em seu

jantar, o sorriso convencido de Lopin aumentava, assim como a careta infeliz de

Nerim. Mas ficava claro, pelo modo como alguns homens farejavam o ar, que eles

prefeririam ter comido um pedaço de carneiro ou uma tigela de sopa do que todo o

estoque de Mat de língua defumada com mel ou de patê de fígado de ganso. Olver

olhava para a fogueira das mulheres com olhar abertamente desejoso.

— Quer ir comer com elas? — Mat perguntou para o menino. — Se quiser, não

tem problema.

— Eu adoro enguia curada — respondeu Olver com determinação. Em um tom

mais sombrio, acrescentou: — De qualquer forma, ela pode colocar alguma coisa

dentro. — Seus olhos acompanhavam Aviendha sempre que ela se movia, e o garoto

aparentava ter começado a implicar também com a Caçadora, talvez

por ela passar

boa parte do tempo conversando amigavelmente com a Aiel. Aviendha devia ter

sentido o olhar do menino, já que o encarou de volta com o cenho franzido.

Mat esfregava o queixo e observava a fogueira das Aes Sedai — pensando bem,

ele próprio também preferiria ter comido carneiro e tomado sopa — quando se deu

conta de que Jaem não estava à vista. Vanin se irritou por ter sido mandado sondar o

terreno de novo, mas Mat o enviou pelo mesmo motivo que designara o homem para

ir como batedor à frente durante o dia, apesar do fato de Jaem também tê-lo feito.

Não queria depender do que as Aes Sedai escolhiam lhe contar. Poderia ter confiado

em Nynaeve — não achava que ela fosse mentir para ele, já que, enquanto

Sabedoria, Nynaeve sempre fora implacável com mentirosos —, mas ela continuava

espreitando-o por cima do ombro de Adeleas de um modo muito suspeito.

Para a surpresa dele, Elayne se levantou assim que Mat terminou de comer e,

como que deslizando pelo chão, atravessou aquela linha invisível. Algumas

mulheres tinham um andar tão elegante que pareciam mal tocar o chão.

— Quer dar uma volta comigo, Mestre Cauthon? — indagou em tom frio. Não

exatamente educada, mas também não exatamente rude.

Mat gesticulou para que Elayne fosse na frente, e ela saiu flutuando em direção às

árvores sombreadas pelo luar, logo depois das sentinelas. Aquela cabeleira dourada

se lhe caía pelos ombros, emoldurando um rosto que atrairia o olhar de qualquer

homem. O luar atenuava seu ar arrogante. Fosse ela qualquer coisa diferente do que

era... E Mat não se referia apenas a ser Aes Sedai, nem mesmo ao fato de ela

pertencer a Rand. Aliás, Rand parecia estar se envolvendo com o pior tipo de

mulher, considerando que sempre tivera jeito com elas. Foi então que Elayne

começou a falar, e Mat se esqueceu de todo o resto.

— Você tem um *ter'angreal* — afirmou, sem preâmbulos e sem sequer olhar para

ele. Apenas seguia deslizando, farfalhando as folhas no solo como que esperando

que ele seguisse em seu encaixe feito um cão de caça. — Há quem afirme que todos

os *ter'angreal* pertencem às Aes Sedai, mas não vou exigir que você se desfaça dele.

Ninguém vai tirá-lo de você. Só que esses objetos precisam ser estudados. Por esse

motivo, quero que você me entregue o *ter'angreal* toda noite, quando pararmos. Eu

vou devolvê-lo todas as manhãs antes de sairmos.

Mat olhou para ela de soslaio. Estava falando sério, não havia dúvida.

— Muito gentil da sua parte me deixar ficar com o que é meu. Mas não sei por

que você acha que eu estou com um desses... como foi que você disse? Ter'alguma

coisa?

Ah, aquilo a fez se enrijecer e também dirigir o olhar a Mat. Ele ficou surpreso

por não ver nenhum fogo saltar dos olhos dela para iluminar a noite. Sua voz, por

outro lado, era o mais puro cristal de gelo.

— Você sabe *muito bem* o que é um *ter'angreal*, Mestre Cauthon. Eu ouvi quando

Moiraine lhe falou a respeito deles na Pedra de Tear.

— Na Pedra? — estranhou ele, desinteressado. — Sim, eu me lembro da Pedra.

Foram dias ótimos os que todos nós passamos por lá. Você se lembra de algo na

Pedra que lhe dá o direito de me exigir alguma coisa? Eu não. Só estou aqui para

evitar que ninguém arranque o seu couro e o de Nynaeve em Ebou Dar. Você pode

perguntar para Rand sobre o *ter'angreal* depois que eu entregar você para ele.

Por um longo momento, ela ficou encarando-o como se pretendesse vencê-lo só

com a força do pensamento, e então deu uma volta sem dizer mais uma palavra. Ele

a acompanhou de volta ao acampamento e se surpreendeu ao vê-la caminhar ao

longo da fileira de cavalos coxeados. Ela examinou as fogueiras e o modo como os

cobertores estavam dispostos, fazendo uma pausa para balançar a cabeça com pesar

ao ver os restos da refeição dos homens do Bando. Mat não fez ideia do que Elayne

pensava até ela se virar para ele com o nariz empinado.

— Seus homens se saíram muito bem, Mestre Cauthon — disse, alto o bastante

para que todos ouvissem. — De modo geral, estou mais que satisfeita. Mas se você

tivesse planejado tudo antes de maneira adequada, eles não precisariam ter se

empanturrado de comidas que vão deixá-los sem dormir direito. Ainda assim, no

geral, você se saiu bem. Tenho certeza de que você vai se planejar melhor no futuro.

— Completamente tranquila, foi andando de volta para a própria fogueira antes que

Mat pudesse pronunciar uma única palavra.

Porém, se aquilo fosse tudo, se os problemas se resumissem à maldita Filha-

herdeira achar que ele era um dos súditos dela, e a tanto ela quanto Nynaeve ficarem

sempre de cara feia perto de Vandene e Adeleas... Se aquilo fosse tudo, ele teria

dançado uma giga. Logo depois da “inspeção” de Elayne, antes mesmo que ele

conseguisse deitar nos seus cobertores, a cabeça de raposa ficou gelada.

O choque foi tão grande que Mat só ficou ali parado, olhando para o próprio peito,

sem nem pensar em olhar em direção à fogueira das Aes Sedai.

Quando finalmente

fez isso, ele as viu de pé lado a lado ao longo daquela linha invisível que os dividia.

Aviendha estava com elas. Elayne murmurou algo que ele não conseguiu ouvir e as

duas Aes Sedai de cabelo branco assentiram, Adeleas o tempo todo mergulhando

apressada a ponta de uma caneta num frasco de tinta dentro de uma espécie de

bainha em sua cintura e fazendo anotações em um livreto. Nynaeve puxava sua

trança e resmungava sozinha.

Tudo isso só durou alguns instantes. Em seguida, a cabeça de raposa voltou à

temperatura normal e todas retornaram à fogueira conversando em voz baixa. De vez

em quando, uma delas olhava de soslaio na direção de Mat, até que ele, por fim, foi

se deitar.

No segundo dia, eles chegaram a uma estrada e Jaem tirou seu manto de

Guardião. Era um trecho largo de terra batida onde, em alguns lugares, uma ponta de

um velho paralelepípedo ainda se fazia ver, mas a via não tornou a viagem tão mais

rápida. Para começar, ia serpenteando pelo meio de uma floresta cada vez mais

acidentada. Algumas daquelas colinas mereciam ser chamadas pelo menos de

pequenas montanhas, formações pontudas com picos escarpados e pináculos

pedregosos erguendo-se em meio às árvores. Além disso, um fluxo constante de

pessoas, ainda que tímido, seguia em ambas as direções, em sua maioria amontoados

de gente encardida com semblantes distantes que mal pareciam ter o bom senso de

sair do meio do caminho da carroça de roda grande puxada pelos bois de um

fazendeiro, e muito menos do comboio de um mercador, com seus carroções

cobertos de lona viajando a toda por detrás das parelhas de seis ou oito cavalos.

Algumas fazendas com casas e celeiros de pedra clara pareciam presas por um fio

nas encostas das colinas, e, na metade do terceiro dia, foi avistada a primeira aldeia

de construções de reboco branco com telhados achatados cobertos por telhas claras

avermelhadas.

Os aborrecimentos, porém, continuavam. Elayne seguia com suas inspeções

noturnas. Quando, no acampamento da segunda noite, ao lado da estrada, Mat lhe

disse de forma sarcástica que estava contente por ela estar satisfeita, Elayne abriu

um daqueles seus sorrisos majestosos e deliberados.

— Você deveria estar mesmo, Mestre Cauthon — disse ela, soando como se cada

palavra dele tivesse sido sincera.

Quando eles passaram a parar em estalagens, ela começou a inspecionar os

cavalos nos estábulos e o local de dormir dos homens do Bando nos depósitos de

feno. Quando pediu a ela que não fizesse isso, recebeu como resposta apenas uma

sobrancelha arqueada. Quando mandou, não recebeu nem o arquear da sobrancelha.

Ela simplesmente o ignorou. Elayne o mandava fazer coisas que ele já decidira fazer,

tais como verificar as ferraduras de todos os cavalos na primeira estalagem que

tivesse um ferrador, e, mais irritante ainda, coisas que ele já teria resolvido se tivesse

ficado sabendo delas antes de Elayne. Como ela descobriu que Tad Kandel estava

tentando esconder um furúnculo no traseiro, Mat não fazia ideia, nem como ela

ficara sabendo que Lawdrin Mendair tinha nada menos que cinco cantis de conhaque

escondidos em seus alforjes. Irritação não começava nem a descrever o que

significava fazer algo que ela mandara, mas o furúnculo de Kandel precisava ser

lancetado — alguns membros do Bando haviam adotado a resistência de Mat com

relação a serem Curados — e o conhaque de Mendair precisou ser jogado fora, além

de diversas outras coisas pequenas.

Mat quase queria que ela o mandasse fazer, uma única vez, algo que não precisava

ser feito, só para poder responder que não faria. Definitivamente, não! Se ela tivesse

pedido o *ter'angreal* de novo teria sido perfeito, mas ela jamais voltou a mencioná-

lo. Mat explicou para os homens do Bando que eles não tinham obrigação de

obedecer a ela, e ele nunca chegara a ver nenhum deles obedecendo, mas os homens

começaram a dar sorrisinhos satisfeitos sempre que Elayne fazia elogios a respeito

de quão bem eles cuidavam dos cavalos, e estufavam o peito quando ela dizia que,

aos olhos dela, eles pareciam bons soldados. Quando viu Vanin levar a mão à testa e

murmurar um “Obrigado, milady” para Elayne sem um pingão de ironia, Mat quase

morreu de desgosto.

Ele tentava ser agradável, mas nenhuma das mulheres lhe dava abertura, não só

Elayne. Aviendha lhe disse que ele não tinha honra e que se ele não fosse capaz de

demonstrar mais respeito por Elayne, ela própria o ensinaria a ser respeitoso. Logo

Aviendha! A mulher que Mat ainda suspeitava de que estava só esperando uma

chance para cortar a goela de Elayne! Ela passara a chamar Elayne de sua quase-

irmã! Vandene e Adeleas o olhavam como se ele fosse um inseto esquisito pregado

numa tábua. Mat se ofereceu para atirar flechas com a Caçadora por algumas

moedas ou só por diversão — o arco que ela carregava devia ter atizado a

imaginação fértil da mulher, já que seu nome de Caçadora era Birgitte —, mas ela só

fez lançar um olhar muito esquisito para Mat e recusou a oferta. Aliás, manteve-se

bem longe dele depois disso. Ficava grudada em Elayne, exceto quando a Filha-

herdeira se aproximava dele. E Nynaeve...

Por todo o caminho desde Salidar, ela o evitou como se ele estivesse cheirando

mal. Na terceira noite de viagem, a primeira em uma estalagem, um lugarzinho

chamado A Faca de Casamento, Mat a encontrou no estábulo coberto por telhas

dando uma cenoura murcha para a égua roliça que montava, e decidiu que,

independentemente de qualquer outra coisa que estivesse acontecendo, ele poderia

ao menos conversar com ela sobre Bo. Não era todo dia que a irmã de um homem ia

embora para se tornar uma Aes Sedai, e Nynaeve saberia o que Bo tinha pela frente.

— Nynaeve — chamou Mat, aproximando-se dela —, eu quero falar com você...

— Não conseguiu nem terminar a frase.

A mulher praticamente pulou três palmos com o susto e já desceu balançando o

punho para ele, apesar de logo tê-lo escondido em uma das pregas da saia.

— Me deixe em paz, Mat Cauthon — quase gritou. — Está me ouvindo? Me

deixe em paz! — E foi saindo apressada, passando por ele meio de

lado e tão eriçada

que ele esperava ver a trança dela erguida feito o rabo de um gato. Depois daquilo,

Mat não só cheirava mal, como também devia ter alguma doença repugnante e

contagiosa. Se tentasse até mesmo se aproximar de Nynaeve, ela se escondia atrás de

Elayne e ficava encarando-o por cima do ombro da outra mulher, parecendo que

estava prestes a lhe mostrar a língua. As mulheres eram completamente malucas.

Não havia outra explicação.

Ao menos Thom e Juilin se mostravam dispostos a cavalgar ao lado dele durante o

dia, sempre que Elayne não exigia a atenção dos dois. Ela às vezes o fazia só para

mantê-los longe de Mat, ele tinha certeza, embora não conseguisse entender o

porquê. Tão logo o grupo passou a se hospedar em estalagens, os dois ficaram mais

do que felizes em tomar uma caneca de cerveja ou de ponche com ele e Nalesean à

noite. Eram estalagens de interior, com salões tranquilos e paredes de alvenaria,

onde a diversão era ficar observando o gato malhado local e nas quais a própria

estalajadeira servia as mesas, sempre uma mulher cujos quadris davam a impressão

de que, caso alguém se arriscasse a dar um beliscão, acabaria com os dedos

quebrados. A conversa girava principalmente em torno de Ebou Dar,

lugar do qual

Thom sabia bastante, mesmo sem nunca ter estado lá. Sempre que lhe faziam

perguntas, Nalesean se mostrava mais que disposto a relembrar sua única visita ao

local, apesar de preferir se concentrar nos duelos que presenciara e nas apostas em

corridas de cavalos. Juilin sabia de histórias de homens que conheciam sujeitos que

havam estado lá, isso quando o relato não tinha fontes ainda mais distantes, que

pareciam impossíveis de se acreditar até Thom ou Nalesean as confirmarem. Em

Ebou Dar, homens travavam duelos por mulheres, *mulheres* duelavam *por homens*,

e, em ambos os casos, o prêmio — era a palavra que se usava — concordava em

ficar com o ganhador. No dia do casamento, os homens davam uma faca de presente

para as mulheres e pediam que elas a utilizassem para matá-los caso eles as

desagradassem — as *desagradassem!* —, e o assassinato de um homem por uma

mulher era considerado justificável, a menos que se provasse o contrário. Em Ebou

Dar, os homens pisavam em ovos perto das mulheres e se forçavam a sorrir diante de

ofensas que teriam sido motivo para matarem outro homem. Elayne iria adorar

aquele lugar. Nynaeve também.

Algo mais surgiu daquelas conversas. Parecia que Mat não havia

imaginado o

desprazer de Nynaeve e Elayne com relação a Vandene e Adeleas, por mais que elas

tivessem tentado esconder esse fato. Nynaeve aparentava se contentar em ficar

encarando as outras duas e murmurando coisas para si mesma. Elayne não fazia cara

feia nem murmurava nada, mas tentava assumir o controle o tempo todo e parecia

pensar que já era a Rainha de Andor. A despeito da quantidade de anos que aqueles

rostos de Aes Sedai escondiam, Vandene e Adeleas tinham que ter idade suficiente

para serem mães das duas mais jovens, se não avós. Mat não se surpreenderia se

descobrisse que elas já eram Aes Sedai quando Nynaeve e Elayne eram bebês. Nem

Thom era capaz de compreender tanta tensão, e parecia que, para quem não passava

de um simples menestrel, o homem de fato entendia de uma porção de assuntos.

Quando Thom tentou fazer um delicado protesto, Elayne quase arrancou o nariz dele

e lhe *disse* que ele não entendia, nem podia entender. Parecia que as duas Aes Sedai

mais velhas eram extremamente tolerantes. Quando Elayne dava ordens, Adeleas

agia como se nem tivesse reparado, e tanto ela quanto Vandene pareciam ficar

surpresas quando acabavam se dando conta.

— Vandene falou para ela: “Bem, criança, se você faz questão, claro

que

podemos” — murmurou Juilin antes de tomar um gole de cerveja ao
rememorar um

incidente. — Seria de se imaginar que alguém que não passava de
uma Aceita há

poucos dias ficaria contente. Mas os olhos de Elayne me pareceram
uma tempestade

de inverno. Nynaeve rangeu os dentes com tanta força que eu achei
que eles fossem

rachar.

Eles estavam no salão da estalagem A Faca de Casamento. Vanin,
Harnan e os

demais ocupavam bancos nas outras mesas, junto com vários locais.
Os homens

trajavam coletes compridos, alguns coloridos o suficiente para um
Latoeiro, a

maioria sem camisa por baixo, e as mulheres usavam vestidos claros
com decotes

profundos, as saias levantadas até um dos joelhos, deixando à mostra
anáguas tão

coloridas que acabavam por fazer os coletes empalidecerem. Muitos
dos homens e

todas as mulheres ostentavam grandes brincos de argola e
costumavam trazer nas

mãos três ou quatro anéis que reluziam com vidros coloridos. Tanto
homens quanto

mulheres corriam os dedos por longas facas curvadas enfiadas em seus
cintos e

lançavam olhares sombrios para os forasteiros. Havia dois comboios
de mercadores

de Amadícia hospedados ali, mas os mercadores tinham jantado em

seus quartos e os

condutores permaneciam nos carroções. Elayne, Nynaeve e o restante das mulheres

também se encontravam no andar de cima.

— As mulheres são... diferentes — afirmou Nalesean às gargalhadas em resposta

a Juilin, embora, cofiando a ponta da barba, dirigisse as palavras a Mat. Não

costumava ser tão formal com plebeus, mas Juilin era um plebeu tairino, e isso

parecia fazer certa diferença, especialmente porque Juilin o olhava nos olhos quando

Nalesean falava com ele. — Há um ditado camponês em Tear: “Uma Aes Sedai é

dez mulheres numa única pele.” Os camponeses têm uma boa dose de sabedoria, às

vezes, e que minha alma queime se não é verdade.

— Pelo menos ninguém fez nada, digamos, drástico — ponderou Thom —, apesar

de eu ter achado que chegou perto quando Elayne deixou escapar que tinha

transformado Birgitte na primeira Guardiã dela.

— A Caçadora?! — exclamou Mat. Vários locais lhe lançaram olhares firmes, e

ele baixou a voz. — Ela também é Guardiã? Guardiã de Elayne? — Aquilo com

certeza explicava algumas coisas.

Thom e Juilin se entreolharam por cima da borda das canecas.

— Ela vai ficar feliz por saber que você achou que ela era uma Caçadora da

Trombeta — afirmou Thom, limpando a cerveja do bigode. — Ela é Guardiã, sim, e

foi isso que quase causou um bate-boca. Jaem passou a encará-la como uma irmã

mais nova, mas Vandene e Adeleas... — O menestrel soltou um suspiro profundo. —

Nenhuma das duas ficou muito contente por Elayne já ter escolhido uma Guardiã.

Aparentemente, a maioria das Aes Sedai passa anos sozinha antes de formar um elo.

E não ficaram contentes por ela ainda por cima ter escolhido uma mulher. E o fato

de elas não estarem contentes deixou Elayne ainda mais zangada.

— Elas não parecem gostar de fazer coisas que ainda não foram feitas —

acrescentou Juilin.

— Uma Guardiã mulher — resmungou Nalesean. — Eu sabia que tudo iria mudar

com o Dragão Renascido, mas uma Guardiã mulher?

Mat deu de ombros.

— Eu creio que ela vai dar conta, desde que saiba mesmo atirar com aquele arco.

Desceu pelo buraco errado? — perguntou para Juilin, que começara a se engasgar

com a cerveja. — Troco uma espada por um bom arco em qualquer situação. O

melhor é um cajado, mas um arco também serve. Só espero que ela não tente se

meter no meu caminho quando chegar a hora de levar Elayne para Rand.

— Acho que ela sabe. — Thom inclinou-se por cima da mesa para dar um tapinha

nas costas de Juilin. — Acho que ela sabe, Mat.

Mas se Nynaeve e as demais estavam prestes a puxar os cabelos umas das outras

— e Mat não iria querer ficar a menos de dez milhas delas se algo assim

acontecesse, com ou sem o amuleto de raposa —, não demonstravam nada disso.

Tudo o que ele via era uma frente sólida, e mais tentativas de canalizar nele,

começando enquanto ele encilhava Pips na manhã seguinte à primeira tentativa. Por

sorte, ele estava ocupado tentando dispensar Nerim, que achava que encilhar o

cavalo de Mat era tarefa sua e insinuava que era capaz de fazer aquilo melhor que

ele, mas, como o lampejo frio só durou um instante, Mat não deu sinal de que

chegara a perceber algo. Aquela, ele determinou, seria a sua resposta. Nada de

encarar, nada de fazer cara feia, nada de acusar. Ele as ignoraria e as deixaria

cozinhar em seu próprio caldo.

Mat teve diversas oportunidades para ignorá-las. O medalhão de prata se resfriou

mais duas vezes antes que eles encontrassem a estrada, e várias vezes mais durante o

dia, naquela noite, e em todos os dias e noites subsequentes. Às vezes, o frio vinha e

sumia em um piscar de olhos, e às vezes ele tinha certeza de que

perdurava por uma

hora. Não era possível dizer qual delas era a responsável, claro. Ou normalmente não

era possível. Uma vez, quando o calor o presenteara com uma assadura nas costas e

o cachecol em torno do pescoço pareceu a ponto de lhe decapitar como uma serra,

ele flagrou Nynaeve olhando para ele no momento em que o medalhão foi esfriando.

A mulher fazia uma careta tão feia que um fazendeiro que passava ali perto,

cutucando seu boi com um pedaço de pau para tentar fazer o animal andar mais

rápido, espiou-a por cima do ombro como se estivesse com medo de que aquele

olhar pudesse se voltar para ele a qualquer momento, talvez matando o boi preso às

traves da carroça. Foi só quando Mat devolveu a careta que se sobressaltou e quase

caiu da sela, e o frio cessou. Quanto às demais ocasiões, ele simplesmente não

conseguia saber. Algumas vezes, podia ver duas ou três delas observando-o,

inclusive Aviendha, que continuava a pé puxando sua égua. Outras, no momento em

que ele se virava para olhá-las, estavam conversando entre si ou observando uma

águia a voar pelo céu límpido, ou um grande urso negro, com uma vez e meia a

altura de um homem, ficar de pé em meio às árvores numa encosta íngreme à vista

da estrada. A única coisa boa em tudo isso era que Mat tinha a impressão de que

Elayne estava descontente. Ele não sabia por quê, e não se importava. Como ela

ousava. Inspecionava os seus homens. Elogiava-o com tapinhas nas costas. Fosse ele

o tipo de homem capaz deste tipo de coisa, teria dado um pontapé nela.

Na realidade, contudo, ele começou a ficar um pouco presunçoso. O que quer que

aquelas mulheres estivessem fazendo, não surtia nenhum efeito nele que um dedo de

uma das pomadas de Nerim não pudesse curar. Nerim lhe garantiu que não se tratava

de uma ulceração. Mat se sentiu presunçoso até a quarta tarde. Estava voltando

depois de guardar Pips no estábulo da estalagem — O Arco do Sul era uma

construção imunda de dois andares de tijolos com reboco branco em So Tehar, uma

aldeia imunda de tijolos com reboco branco e muitas moscas — quando algo macio

o acertou em cheio entre os ombros. Com as narinas impregnadas do cheiro de

esterco de cavalo, ele se virou, pronto para torcer o pescoço de algum jovem

cavaliço ou de um dos grosseirões taciturnos de So Tehar, sem nem ligar se o

sujeito tinha ou não uma faca. Não havia nenhum jovem cavaliço e nenhum

grosseirão. Só Adeleas, rascunhando compenetrada em seu livreto e assentindo para

si mesma. Suas mãos estavam bem limpas.

Mat entrou, pediu um ponche para a estalajadeira, e então mudou de ideia e a fez

lhe servir, em vez disso, um conhaque, um líquido turvo que a mulher magricela

jurava ser feito de ameixa, mas cujo sabor era de algo que talvez servisse para

remover ferrugem. Juilin se contentou em apenas fungar, e Thom não fez nem isso.

Até Nalesean só fez dar um golinho antes de pedir um ponche, e Nalesean bebia

qualquer coisa. Mat perdeu a conta de quantos minúsculos copinhos de estanho

esvaziou, mas, independentemente de quantos tenham sido, foram necessários Nerim

e Lopin juntos para levá-lo para a cama. Ele nunca se permitira pensar muito sobre

se a cabeça de raposa tinha algum limite. Já tivera provas mais que suficientes de

que ela deteria *saidar*, mas se tudo o que elas precisassem fazer fosse usar o Poder

para apanhar algum objeto e arremessá-lo nele... *Melhor que nada*, ficava repetindo

para si mesmo, deitado em seu colchão encaroçado e observando as sombras do luar

cruzarem o teto devagar. *Bem melhor que nada*. Mas, se tivesse sido capaz de

levantar sozinho, teria voltado lá para baixo para tomar mais conhaque.

E era por isso que ele estava de péssimo humor, com a língua parecendo estar

revestida de penas e a cabeça tomada por tocadores de tambor a martelá-los, além do

suor lhe escorrendo pelo corpo por conta do sol a pino, quando, no quinto dia, a

estrada chegou ao topo de uma elevação que revelou Ebou Dar ali abaixo,

estendendo-se no amplo Rio Eldar com uma grande baía repleta de navios mais

além.

Sua primeira impressão da cidade foi o branco. Construções brancas, palácios

brancos, pináculos e torres brancas. Nas cúpulas parecidas com nabos ou peras

brancas afiadas, viam-se com frequência anéis carmesins, azuis ou dourados, mas a

cidade era, principalmente, branca, e refletia a luz do sol até quase doer nos olhos. O

portão para onde a estrada conduzia dava num arco largo, alto e pontiagudo numa

parede de reboco branco tão grossa que Mat cavalgou à sombra por vinte passadas

antes de tornar a emergir para o sol. Parecia ser uma cidade de praças, canais e

pontes, praças grandes cheias de gente, com fontes e estátuas no centro, canais

largos e canais estreitos com homens prendendo barcaças a estacas ao longo de seus

curtos, pontes de todos os tamanhos, umas baixas, outras arqueando lá em cima,

algumas tão grandes que até lojas se enfileiravam em suas laterais. Palácios com

grossos pórticos colunados ficavam lado a lado com lojas que ofertavam tapetes e

tecidos. Casas de quatro andares com imensas janelas em arco escondidas por detrás

de venezianas horizontais ladeavam estábulos, cuteleiros e peixeiros.

Foi numa dessas praças que Vandene puxou as rédeas para discutir algo com

Adeleas, enquanto Nynaeve franzia o cenho para as duas e Elayne observava tudo

como se seus olhos fossem transformá-las em gelo. A pedido de Elayne, Aviendha

montara em seu baio magricelo para a entrada na cidade, mas, àquela altura, já tinha

descido com a mesma falta de habilidade com que subira na sela. Olhava para tudo

quase com a mesma curiosidade de Olver, cujos olhos haviam se arregalado desde o

primeiro momento em que a cidade surgiu. Birgitte dava a impressão de estar

tentando se manter no encaixe de Elayne numa imitação de Jaem com Vandene.

Mat aproveitou a oportunidade para se abanar com o chapéu e dar uma olhada no

entorno.

O maior palácio que ele já tinha visto ocupava um lado inteiro da praça, repleto de

cúpulas, pináculos e colunatas três ou quatro andares acima do chão. Nos outros três

lados, casarões se misturavam a estalagens e lojas, cada qual tão branca quanto a

outra. Uma estátua de mulher com as vestes ao vento, mais alta que

um Ogier, ficava

num pedestal ainda mais alto bem no meio da praça, um dos braços erguido para

apontar para o sul, na direção do mar. Só havia umas poucas pessoas andando pelos

paralelepípedos claros, o que, naquele calor, não era de se surpreender. Algumas

faziam sua refeição do meio-dia no primeiro degrau do pedestal, e pombos e

gaivotas revoavam aqui e ali lutando por restos de comida. Era uma cena de pura

tranquilidade. Mat não entendeu por que, de repente, sentiu os dados rolando em sua

cabeça.

Conhecia muito bem aquela sensação. Às vezes, sentia-a na jogatina quando sua

sorte estava à toda. Ela sempre aparecia quando uma batalha se aproximava. E a

sensação também parecia surgir quando havia alguma decisão vital a ser tomada, do

tipo em que a escolha errada poderia muito bem ser fatal.

— Agora vamos entrar por um dos portões menores — anunciou Vandene.

Adeleas estava assentindo com a cabeça. — Merilille vai cuidar para que nos deem

quartos para descansar.

Aquilo devia significar que aquele era o Palácio Tarasin, onde Tylin Quintara, da

Casa Mitsobar, ocupava o Trono dos Ventos e, na prática, governava talvez até cem

milhas em torno de Ebou Dar. Uma das poucas coisas que Mat conseguira descobrir

a respeito dos objetivos da viagem era que elas iriam se encontrar com outra Aes

Sedai no palácio, e com Tylin, claro. As Aes Sedai teriam um encontro com a

Rainha. Mat olhou para aquela imensidão de mármore reluzente e pedra com reboco

branco e pensou em como seria ficar naquele local. Costumava apreciar palácios.

Gostava, pelo menos, de qualquer lugar com serviçais e ouro, e uma cama de penas

cairia bem. Mas um Palácio Real significava avistar nobres sempre que se virasse a

cabeça para o lado. Mat preferia nobres em doses moderadas — até Nalesean podia

ser irritante. Um palácio daquele tamanho ou o faria se perguntar o tempo inteiro

onde Nynaeve e Elayne estariam ou talvez ficar o tempo todo de olho nelas. Mat não

tinha certeza se seria pior se elas permitissem que ele as acompanhasse até lá como

um guarda-costas ou se recusassem. Ele quase era capaz de escutar Elayne dizendo

com aquela voz calma: “Encontrem por gentileza acomodações para Mestre Cauthon

e para os meus homens. Cuidem para que eles sejam alimentados e tenham água.”

Ah, ela com certeza faria isso. Apareceria de supetão para as suas inspeções e para

mandá-lo fazer alguma coisa que ele já estava a ponto de fazer. Ainda assim, se

havia algum local onde ela e Nynaeve estariam seguras, esse local era dentro do

palácio de uma rainha. Além disso, o que Mat queria era algum lugar onde pudesse

colocar os pés para cima e tomar ponche com uma garota em seu colo para lhe

acalmar os ânimos. Toalhas úmidas também caíam bem. Sua cabeça doía. O

sermão afetado que Elayne dera naquela manhã sobre os males da bebida e sobre dar

exemplo para os outros homens ainda ecoava em seus ouvidos. Era mais uma razão

pela qual ele precisava bater o pé. Estivera fraco demais para retrucar, tendo acabado

de sair da cama e já se perguntando se conseguiria se lançar sobre o dorso de Pips, e

ela já tinha ido longe demais muitas vezes. Se ele não botasse logo um ponto final

naquilo, Elayne acabaria fazendo com que *ele* a saudasse com a mão na testa.

Tudo aquilo lhe passou pela cabeça no intervalo de tempo necessário para

Vandene virar seu capão baio na direção do palácio.

— Vou providenciar quartos em uma destas estalagens para os meus homens —

disse ele bem alto. — Se você ou Elayne quiserem sair para a rua, Nynaeve, podem

mandar me avisar, e eu trato de trazer alguns homens para acompanhá-las por aí. —

Provavelmente não iriam querer, já que quando uma mulher achava que sabia cuidar

de si, ninguém poderia convencê-la do contrário, mesmo se ela estivesse querendo

pular numa fossa com ursos para lutar com as próprias mãos, mas Mat podia apostar

que Vanin conseguiria dar um jeito de descobrir sempre que elas saíssem. E, se não,

havia Juilin. Um caçador de ladrões deveria ser capaz disso. — Pode ser aquela ali.

— Escolhendo aleatoriamente, Mat apontou para uma construção larga no outro lado

da praça. Uma placa que ele não conseguia identificar balançava em cima da entrada

em arco.

Vandene olhou para Adeleas. Elayne olhou para Nynaeve. Aviendha franziu a

testa para ele.

Mat, porém, não deu chance para que nenhuma delas dissesse nada.

— Thom, Juilin, que tal umas canecas de ponche? — Talvez água fosse melhor.

Nunca em sua vida ele havia bebido tanto assim.

Thom balançou a cabeça.

— Quem sabe mais tarde, Mat. Melhor eu ficar por perto, caso Elayne precise de

mim. — O sorriso quase paternal que o homem dirigiu a ela sumiu quando ele a viu

encarando Mat com uma expressão pasma. Juilin não sorriu, o que já quase não fazia

nos últimos tempos, mas também respondeu que deveria ficar por perto e que, mais

tarde, talvez.

— Como quiserem — respondeu Mat, recolocando o chapéu. — Vanin.
Vanin! —

O gordo tomou um susto e desfez o olhar de veneração que dirigia a Elayne. Chegou

até a enrubescer! Luz, aquela mulher era má influência.

Enquanto Mat girava Pips, a voz de Elayne o alcançou pelas costas, ainda mais

afetada que naquela manhã:

— Você não pode deixar que eles bebam em excesso, Mestre Cauthon.
Alguns

homens não sabem a hora de parar. Você com certeza não deveria permitir que um

garotinho veja marmanjos bebendo além da conta.

Mat trincou os dentes e cruzou a praça a cavalo sem olhar para trás. Olver estava

olhando para ele. Mat teria de alertar os homens quanto a ficarem bêbados na frente

do garoto, Mendair em especial. Luz, mas como Mat odiava que ela lhe dissesse o

que ele deveria fazer!

A estalagem acabou por se chamar A Mulher Errante, mas a placa acima da porta

e o salão prometiam tudo o que Mat queria. O aposento de pé-direito alto por certo

era mais fresco que a rua, com suas janelas largas em arco escondidas por detrás de

venezianas de madeira entalhadas em forma de arabesco. Parecia haver mais buracos

que madeira, mas elas ensombreciam o ambiente. Forasteiros misturavam-se aos

locais, um murandiano magricelo com bigode curvo, um kandoriano robusto com

duas correntes de prata a lhe perpassarem o peitoral do casaco, e outros que Mat não

reconheceu logo de cara. Uma névoa sutil de fumaça de cachimbo preenchia o ar, e

duas mulheres tocando flautas estridentes e um sujeito com um tambor entre os

joelhos ofereciam um tipo estranho de música. O melhor de tudo: as atendentes eram

bonitas e homens jogavam dados em quatro mesas. O mercador kandoriano estava

jogando cartas.

A imponente estalajadeira se apresentou como Setalle Anan, embora seus olhos

cor de mel não fossem de Ebou Dar.

— Bem, milordes... — Grandes argolas de ouro em suas orelhas se sacudiram

quando ela curvou a cabeça tanto para Mat quanto para Nalesean. — A Mulher

Errante poderia lhes oferecer suas humildes acomodações?

Apesar de alguns fios grisalhos, a mulher era bonita, mas Mat observou seus

olhos. Setalle usava uma faca de casamento que pendia de uma gola justa, o cabo

cravejado de pedras vermelhas e brancas aninhando-se em seu decote generoso, e ela

também carregava na cintura uma daquelas facas curvas. Mesmo assim, ele não pôde



deixar de sorrir.

— Senhora Anan, eu já me sinto em casa.

O estranho era que os dados haviam parado de rolar em sua cabeça.



CAPÍTULO 48

APOIADAS NA FACA

Nynaeve saiu da grande banheira de cobre, uma toalha branca enrolada na cabeça, e

se secou bem devagar. A serviçal roliça de cabelos grisalhos tentou ajudar a vesti-la,

mas Nynaeve a mandou embora, ignorando seus protestos e olhares assustados, e

botou as roupas sozinha, examinando no espelho o vestido verde-escuro de saias

estreitas e gola larga de renda de Merada clara. O pesado anel de ouro de Lan

repousava em sua bolsinha — melhor nem pensar nele — ao lado de um dos anéis

ter'angreal retorcidos, enquanto a Grande Serpente reluzia no terceiro dedo da mão

direita. Mão direita. Melhor também não pensar naquilo.

Havia uma pintura bonita no teto alto, um céu azul com nuvens brancas, e, apesar

de toda a mobília estar elevada e amparada por patas de leão douradas estranhamente

grandes e os suportes da cama, pés das cadeiras e qualquer armário ou mesinha ter

caneluras e douraduras demais para seu gosto, ainda era um quarto mais confortável

do que qualquer um em que estivera em muito tempo. Um aposento agradável,

fresco e ameno. Todas essas observações eram porque Nynaeve estava tentando se

acalmar.

Não funcionou, claro. Sentira *saidar* sendo tecida e, assim que saiu do quarto, viu

o selo de proteção que Elayne confeccionara e atara ao redor da sala de estar.

Birgitte e Aviendha também já estavam lá, todas asseadas e vestidas.

Quatro quartos davam para uma única sala de estar, o que Birgitte afirmou se

tratar de um arranjo até bem comum na região. A sala também tinha o teto alto com

pinturas de céu e nuvens, e quatro janelas altas em arco se abriam para uma

comprida varanda envolvida por uma grade de ferro pintado de branco e forjado em

padrão tão intrincado que uma pessoa ali, parada, conseguiria espiar a Praça Mol

Hara lá embaixo sem ser vista por quem estivesse andando pela frente do Palácio.

Uma brisa tênue entrava pelas janelas, trazendo cheiro de maresia, e — o que era

incrível — deixando o ambiente até um pouco fresco. A raiva interferia na

concentração, e Nynaeve estava morrendo de calor desde que tinham chegado ao

Palácio Tarasin.

Thom e Juilin haviam sido alojados em um quarto em algum lugar nas profundezas dos alojamentos dos serviçais, o que pareceu irritar mais Elayne do que

qualquer um dos dois. Thom até riu. Em todo caso, *ele* podia se dar ao luxo de rir

dessas coisas.

— Tome um pouco deste chá, Nynaeve, está delicioso — recomendou Elayne,

coabrindo as saias azuis com um guardanapo branco.

Assim como tudo na sala de estar, a cadeira larga em que a jovem estava

acomodada tinha aquelas mesmas bolas douradas nos pés, além de outras no topo do

imenso espaldar acima de sua cabeça. Aviendha estava sentada ao lado dela, mas no

chão, mantendo as pernas cruzadas sob a saia de um vestido de gola alta que por

pouco não tinha o tom exato do ladrilho verde-claro abaixo. O intrincado colar de

prata caía muito bem com a roupa. Nynaeve achava que nunca vira a Aiel sentada

em uma cadeira — ela havia recebido alguns olhares estranhos nas duas estalagens

em que tinham se hospedado.

— É de menta e amoras-silvestres — acrescentou Birgitte, enchendo outra

delicada xícara de porcelana dourada, sem esperar que ela concordasse em beber.

Birgitte usava calças folgadas de um tom cinza e um casaquinho curto azul. Vez

ou outra a mulher até usava vestidos, mas Nynaeve nunca ficava muito feliz com a

escolha dos modelos. Ah, estavam todas as três vestidas e enfeitadas, mas ninguém

as queria.

O cântaro de prata reluzia com a condensação, e o chá estava gelado e refrescante.

Nynaeve admirou o rosto de Elayne, calmo e seco — ela própria já se sentia meio

suada de novo, apesar da brisa.

— Devo dizer que esperava uma recepção diferente — resmungou.

— Esperava mesmo? — indagou Elayne. — Depois da forma como Vandene e

Adeleas nos trataram?

Nynaeve suspirou.

— Tudo bem, tudo bem: *torcia* por uma recepção diferente.
Finalmente virei Aes

Sedai, uma Aes Sedai de verdade, e ninguém parece acreditar. Estava mesmo

torcendo para ver alguma diferença depois de sair de Salidar.

O encontro delas com Merilille Caendevin não tinha ido bem. A apresentação

delas para a mulher, melhor dizendo. Vandene as apresentara com palavras quase

superficiais, então foram dispensadas para que as *verdadeiras* Aes Sedai pudessem

conversar. Merilille apenas dissera que elas com certeza gostariam de se refrescar

um pouco, mas tinha sido uma dispensa, e lhes restara apenas a opção de saírem da

sala como Aceitas obedientes ou de se recusarem feito crianças mimadas. Só de

lembrar, Nynaeve falhava em todas as tentativas de se acalmar e o suor voltava a

escorrer por seu rosto.

Serem dispensadas não foi a pior parte, na verdade. Merilille era uma cairhiena

esbelta, com a pele de uma palidez elegante, cabelo preto lustroso e olhos grandes e

límpidos. A mulher era uma Cinza que parecia não se surpreender com nada — nem

nunca ter se surpreendido na vida, aliás —, mas arregalara os olhos escuros quando

ouviu que Nynaeve e Elayne eram Aes Sedai, e mais ainda ao ficar sabendo que

Egwene fora elevada a Trono de Amyrlin. E também ficou ainda mais pasma ao

saber que Birgitte era Guardiã, apesar de àquela altura já ter conseguido se recuperar

a ponto de conter a reação a uma simples encarada e uma breve contração dos lábios.

Aviendha foi a que escapou mais fácil; Merilille só murmurou alguma coisa sobre

como a Aiel iria adorar ser noviça. Então veio a dispensa, junto com uma sugestão

— uma sugestão que mais soara uma ordem — para que passassem vários dias se

recuperando dos rigores da viagem.

Nynaeve tirou o lenço da manga e abanou o rosto com o quadrado rendado. Claro

que não adiantou de muita coisa.

— Ainda acho que elas estão escondendo alguma coisa.

— Sério, Nynaeve? — Elayne balançou a cabeça. — Eu também não gosto nada

de como estamos sendo tratadas, mas você está fazendo tempestade num copo

d'água. Se Vandene e Adeleas quiserem procurar fugitivas, deixe procurarem.

Preferiria que estivessem tentando assumir o controle da busca pela tigela?

Fora exatamente o medo de ter as duas mais velhas assumindo o comando da

busca que as levava a quase não mencionarem o *ter'angreal* durante a viagem.

Tivessem aqueles temores se concretizado ou não, Nynaeve ainda achava que

aquelas duas estavam escondendo algo. Elayne só não queria admitir. Adeleas não

percebeu quando Nynaeve a ouviu comentar que buscariam fugitivas assim que elas

chegassem a Ebou Dar, e quando perguntou se as duas achavam mesmo que

encontrariam alguma, Vandene respondeu depressa demais, alegando que sempre se

mantinham alertas para jovens que tivessem fugido da Torre. E aquilo não fazia

sentido. Ninguém fugira de Salidar, apesar de algumas noviças de fato fugirem da

Torre Branca, volta e meia — a vida dura lá não era fácil, e teriam anos de

obediência pela frente, antes de poderem se dar ao luxo de começar a agir de acordo

com a própria vontade —, e até algumas Aceitas mais desesperadas com a

perspectiva de o dia de usar o xale nunca chegar, mas até Nynaeve sabia que poucas

conseguiriam sair da ilha de Tar Valon e quase todas acabavam arrastadas de volta.

Claro que a pessoa poderia ser expulsa, fosse pela falta de força com o Poder, por

não passar ou até se recusar a fazer o teste para Aceita ou para Aes Sedai — teste do

qual ela e Elayne tinham se livrado, aliás. Mas ir embora da Torre nunca era uma

decisão pessoal, a menos que a pessoa já usasse o xale.

Então, se era tão raro haver fugitivas bem-sucedidas, por que Vandene e Adeleas

achavam que encontrariam alguma em Ebou Dar? E por que tinham ficado tão

quietas quando ela perguntou? Bem, de todo modo, achava que sabia a resposta da

última pergunta e teve que se controlar muito para não puxar a trança. Achava que

estava ficando melhor naquela coisa de autocontrole.

— Pelo menos Mat finalmente sabe que somos Aes Sedai — grunhiu. Ah, pelo

menos agora podia dar conta dele. Mat que tentasse alguma coisa, aí veria como era

ser alvo de tudo o que ela conseguisse jogar nele com fluxos de Ar. — Já não era

sem tempo.

— Por isso que você o evita feito uma cheltana fugindo do coletor de impostos?

— indagou Birgitte, abrindo um sorriso, e Nynaeve sentiu o rosto enrubescer.

Estivera convencida de que tinha conseguido disfarçar seus sentimentos.

— Ele é muito irritante, até para um homem — murmurou Aviendha. — Você

deve ter viajado muito, Birgitte. Sempre comenta de lugares de que eu nunca ouvi

falar. Um dia, queria viajar pelas terras aguacentas e ver todos esses lugares

estranhos. Onde fica essa... Cheltan? Chelta?

A pergunta tirou aquele sorriso irritante da cara de Birgitte. Fosse onde fosse,

aquele lugar já devia estar morto havia mil anos, talvez até datasse de uma Era mais

antiga. Ah, ela sempre falava de lugares e objetos antigos. Nynaeve queria ter estado

lá para vê-la admitir para Egwene o que esta já sabia — a jovem adquirira uma força

impressionante durante o tempo que viveu com os Aiel, e passara a tolerar poucas

coisas que considerasse bobagem. Birgitte voltara da conversa com cara de quem

levara uma boa bronca.

Ainda assim, gostava bem mais de Birgitte que de Aviendha — a Aiel às vezes a

deixava muito desconfortável, com aqueles olhares firmes e a sua sede de sangue. E

não importava quão irritante Birgitte pudesse ser: Nynaeve prometera que a ajudaria

a guardar seu segredo.

— Mat... me ameaçou — afirmou, mais do que depressa. Foi o primeiro assunto

que lhe veio à cabeça para distrair Aviendha, mas era a última coisa que gostaria que

alguém mais soubesse. Sentiu as bochechas esquentarem outra vez. Elayne até

chegou a sorrir, embora tenha tido a delicadeza de esconder o rosto com a xícara. —

Não desse jeito que vocês estão pensando — acrescentou, quando Aviendha franziu

o cenho e levou a mão à faca do cinto. A Aiel parecia pensar que tudo se resolvia

com violência. — Foi só... — Aviendha e Birgitte a encararam, todas

ouvidos. —

Ele só disse...

Elayne a acudiu, como ela fizera com Birgitte.

— Acho que chega de falar sobre Mestre Cauthon — opinou a Filha-herdeira,

com firmeza. — Ele só está aqui para que não fique amolando Egwene, e posso

descobrir como lidar com aquele *ter'angreal* mais tarde. — Ela comprimiu os lábios

por um momento. Não ficara nada feliz quando Vandene e Adeleas começaram a

canalizar em Mat sem nem se consultar com ela, e menos ainda quando o rapaz

escapou para aquela estalagem. Claro que não havia o que fazer. Elayne alegava que,

ao mandá-lo fazer o que ele já teria que fazer de qualquer jeito, poderia fazê-lo criar

o hábito de obedecer-lhe. Bem, boa sorte para ela. Elayne concluiu o pensamento

com uma voz ainda mais firme: — Ele é o que menos importa nesta viagem.

— É mesmo. — Nynaeve quase não conseguiu disfarçar o alívio na voz. — É, o

que importa é a tigela.

— Acho que é melhor eu primeiro fazer um reconhecimento do lugar — ponderou

Birgitte. — Ebou Dar me parece mais turbulenta do que me lembro, e o distrito que

você descreveu pode ser ainda pior que... — Ela tentou disfarçar quando olhou para

Aviendha. — Que o resto da cidade — concluiu, com um suspiro.

— Se temos que fazer algum reconhecimento — intrometeu-se a Aiel, ansiosa —,

quero estar envolvida. Ainda tenho um *cadin'sor*.

— Um bom batedor sempre precisa se misturar — retrucou Elayne, com toda a

delicadeza. — Acho melhor encontrarmos vestidos típicos daqui para *todas* nós, aí

poderemos ir procurar juntas, e assim ninguém vai chamar atenção. Se bem que vai

ser muito mais fácil para Nynaeve — acrescentou, sorrindo para Birgitte e

Aviendha.

Até onde tinham visto, as locais tinham cabelo escuro, e a maioria parecia ter

olhos quase negros.

Aviendha soltou um suspiro desalentado, e Nynaeve quase a imitou, pensando

naqueles decotes reveladores. Eram profundos demais, mesmo que fossem estreitos.

Birgitte até sorriu — a mulher não tinha o menor pudor.

Antes que a conversa progredisse, uma mulher de cabelo preto e curto trajando o

uniforme da Casa Mitsobar entrou sem bater, o que Nynaeve considerava falta de

educação, não importava quanto Elayne insistisse que se tratava de um

comportamento adequado para serviçais. A mulher usava um vestido branco cuja

saia aberta na altura do joelho esquerdo deixava à mostra a anágua

verde, com um

corpete apertado com o brasão da Âncora e da Espada bordado em verde no seio

esquerdo. Até o decote estreito do uniforme era tão baixo quanto qualquer vestido

local, pelo que Nynaeve se lembrava. A mulher rechonchuda, já em algum ponto da

meia-idade, hesitou ao entrar, então fez uma reverência e se dirigiu a todas:

— A Rainha Tylin deseja ver as três Aes Sedai, caso seja possível.

Nynaeve trocou olhares inquisitivos com Elayne e as outras.

— Somos apenas duas Aes Sedai — respondeu Elayne, depois de um instante. —

Será que não era com Merilille que você deveria ter ido falar?

— Fui orientada até aqui... Aes Sedai. — A pausa foi tão curta que mal se podia

notar, mas o título foi acompanhado de um leve tom indagativo.

Elayne se levantou, alisando as saias. Nenhum estranho suspeitaria de que aquele

rosto calmo escondia alguma raiva, mas havia um quê de tensão nos cantos dos

olhos e da boca.

— Vamos, então? Nynaeve? Aviendha? Birgitte?

— Eu não sou Aes Sedai, Elayne — retrucou Aviendha.

A serviçal logo ressaltou:

— Apenas as Aes Sedai, foi o que me disseram.

— Aviendha e eu podemos dar uma olhada na cidade enquanto vocês conversam

com a Rainha — sugeriu Birgitte, antes que Elayne pudesse abrir a boca.

A Aiel pareceu se animar. Elayne lançou um olhar penetrante para as duas, mas

acabou acrescentando, com um suspiro:

— Bem, ao menos tomem cuidado. Nynaeve, você vem ou também quer ir dar

uma olhada na cidade? — A última frase saiu meio seca, com mais uma olhadela

para Birgitte.

— Ah, eu não perderia isso por nada — rebateu Nynaeve. — Vai ser bom

finalmente conversar com alguém que... — Não podia terminar a frase com a criada

ali, então apenas disse: — Melhor não deixarmos a Rainha esperando.

— Ah, não — concordou a serviçal. — Melhor não arriscar, já que o preço é alto.

Não importava qual fosse o preço, ainda levaram um tempo atravessando os

corredores. Como se para compensar todo o branco lá fora, o Palácio era cheio de

cor. Um dos corredores tinha o teto pintado de verde e as paredes de azul, e outro

tinha paredes amarelas e o teto rosa-claro. Os ladrilhos do piso eram em forma de

diamantes, alguns em variados tons de vermelho, outros de uma combinação em

branco e preto, outros em azul e amarelo e em quase qualquer combinação e tom.

Havia pouquíssimas tapeçarias, e em geral de cenas marinhas, mas uma boa

quantidade de compridos vasos de porcelana dourada do Povo do Mar repousava em

nichos arqueados, junto com grandes pedaços de cristal entalhado, estatuetas, vasos

e vasilhas — tudo aquilo saltava aos olhos de Nynaeve e também de Elayne.

Claro que havia serviçais apressados por toda parte, e a versão masculina do

uniforme era composta de calças brancas e um colete verde bem longo por cima de

uma camisa branca com mangas pregueadas e folgadas. Antes que avançassem

muito, Nynaeve avistou uma pessoa vindo na direção delas e agarrou o braço de

Elayne. Era Jaichim Carridin. Quando ele passou, Nynaeve não conseguiu tirar os

olhos do sujeito alto e grisalho, com aqueles olhos profundos e cruéis que sequer se

viraram para as duas, o manto branco esparramando-se atrás dele. O rosto estava

coberto de suor, mas ele ignorava as gotículas com a mesma ênfase que as ignorou.

— O que ele está fazendo aqui? — indagou Nynaeve.

Aquele homem fora responsável por uma carnificina em Tanchico, e só a Luz

sabia por onde mais a matança se espalhara.

A serviçal a encarou, questionadora.

— Ora, os Filhos da Luz também enviaram uma missão diplomática, meses atrás.

A Rainha... Aes Sedai? — Outra vez aquela hesitação ao usar o título.

Elayne conseguiu aquiescer com toda a graça e delicadeza do mundo, mas

Nynaeve não conseguiu disfarçar a aspereza na própria voz:

— Bem, melhor não a deixar esperando.

Merilille deixara escapar que a tal de Tylin se tratava de uma mulher muito

meticulosa e formal. Mas, se também começasse a duvidar de que as duas eram Aes

Sedai... bem, Nynaeve estava com o humor certo para provar seu título.

A serviçal as conduziu até um grande aposento de teto azul-claro e paredes

amarelas, e uma sucessão de imensas janelas de arcos triplos dava para uma

comprida varanda de ferro, por onde entrava uma brisa marinha bastante agradável.

Ao se ver diante da Rainha, Nynaeve e Elayne fizeram suas medidas, ambas

apropriadas a uma Aes Sedai diante de um governante: uma inclinação sutil,

acompanhada de uma discreta medida com a cabeça.

Tylin era uma mulher das mais imponentes. Da altura de Nynaeve, portava-se

com tamanha majestade que Elayne precisaria se esforçar muito para fazer frente a

ela, mesmo em seus melhores dias. A mulher deveria ter respondido com uma

medida idêntica, mas não o fez. Em vez disso, seus grandes olhos negros as

examinaram com uma intensidade imperial.

Nynaeve retribuía o olhar o melhor que pôde. Ondas de cabelo negro lustroso, já

grisalho nas têmporas, pendiam até bem abaixo dos ombros de Tylin, emoldurando o

rosto bonito, ainda que com rugas. Para sua surpresa, viu duas cicatrizes nas

bochechas da Rainha, ambas muito finas e tão antigas que já tinham quase

desaparecido. Claro que ela usava uma daquelas facas curvas enfiada em um cinto

de ouro trançado, o punho e a bainha com gemas tão grandes incrustadas que

Nynaeve teve certeza de que eram puro exibicionismo. O vestido de seda azul de

Tylin não era nada que alguém fosse trajar para um duelo, com babados de renda

brancos como a neve que ficavam a ponto de esconder os dedos caso ela abaixasse

as mãos. A frente da saia acabava logo acima dos joelhos, expondo camadas de

anáguas de seda verde e branca, mas atrás se esparramavam por uma passada ou

mais. O corpete, enfeitado com a mesma renda, era tão apertado que Nynaeve não

sabia se devia ser mais desconfortável ficar sentada ou de pé com aquilo. Uma

gargantilha de ouro trançado sobre a gola alta do vestido, com ainda mais renda

acumulando sob o queixo, sustentava uma faca de casamento, com o cabo para

baixo, pendendo sobre a fenda oval do decote — um decote tão profundo que

rivalizava com qualquer um que ela já vira.

— Vocês duas devem ser Elayne e Nynaeve. — Tylin ocupou uma cadeira

entalhada para imitar bambu, ainda que coberta de douraduras, e arrumou as saias

com cuidado, sem tirar os olhos das duas. Tinha uma voz profunda, melodiosa e

impositiva. — Soube também de uma terceira... Aviendha?

Nynaeve e Elayne se entreolharam. Não houvera nenhum convite para que se

sentassem, nem mesmo uma olhada na direção de alguma cadeira.

— Ela não é Aes Sedai — começou Elayne, com toda a calma.

Antes que a jovem pudesse dizer qualquer outra coisa, Tylin se adiantou:

— E vocês são? Você viveu no máximo dezoito invernos, Elayne. E você,

Nynaeve, me encarando feito um gato com o rabo preso, viveu quantos? Vinte e

dois? Vinte e três, talvez? Ah, que me espetem o fígado! Já visitei Tar Valon, fui à

Torre Branca. Duvido que alguma mulher da idade de vocês já tenha usado esse anel

de serpente na mão direita.

— Vinte e seis! — retrucou Nynaeve. Depois de viver com boa parte do Círculo

das Mulheres de Campo de Emond a achando jovem demais para ser Sabedoria,

tinha adquirido o hábito de se vangloriar de todos os dias do nome que pudesse

reivindicar para si. — Tenho vinte e seis e sou uma Aes Sedai da Ajah

Amarela. —

Ainda sentia uma pontada de orgulho ao dizer aquilo. — Elayne até pode ter dezoito,

mas também é Aes Sedai, e da Ajah Verde. Acha que Merilille ou Vandene nos

deixariam usar estes anéis de brincadeira? Muita coisa mudou, Tylin. O Trono de

Amyrlin, Egwene al’Vere, tem a mesma idade de Elayne.

— Tem, é? — retrucou a Rainha, com a voz neutra. — Não me disseram.

Primeiro a Aes Sedai que estive ao meu lado desde que assumi o trono, e que, antes

de mim, aconselhava meu pai, volta para a Torre de repente e sem nenhuma

explicação, só depois descubro que os boatos sobre a Torre dividida são

verdadeiros... Depois os Devotos do Dragão parecem brotar do chão, então uma

Amyrlin é escolhida para se opor a Elaida, e as dissidentes reúnem um exército

comandado por um dos grandes capitães, dentro de Altara sem eu nem ficar

sabendo... Bem, com tudo isso acontecendo, não se pode esperar que eu vá morrer

de amores com essas surpresas.

Nynaeve torcia para que seu rosto não transmitisse o enjoo que sentia. Por que

não aprendia a controlar a língua? De repente, percebeu que não conseguia mais

sentir a Fonte Verdadeira — a raiva e a vergonha não conviviam muito bem. Bom,

talvez fosse melhor assim. Se pudesse canalizar, talvez fizesse ainda mais papel de

tola.

Sem nem hesitar, Elayne tomou a iniciativa de pôr panos quentes:

— Sei que já ouviu isto antes, mas me permita acrescentar minhas desculpas às de

Merilille e as outras. Foi um erro reunir um exército dentro de suas fronteiras sem

sua permissão. Só o que posso lhe oferecer como atenuante é que tudo aconteceu

muito rápido e que nós, em Salidar, também acabamos pegas de surpresa com a

magnitude de tudo. Não que isso seja desculpa. Posso jurar que não há intenção de

fazer nenhum mal a Altara e que nunca tivemos a menor intenção de insultar o

Trono dos Ventos. Agora mesmo, enquanto conversamos, Gareth Bryne está

conduzindo o exército para o norte, para fora de Altara.

Tylin a encarou sem nem piscar.

— Não ouvi nenhuma palavra de desculpas ou de arrependimento antes das suas.

Bem, qualquer governante de Altara deve aprender a engolir insultos de forças mais

poderosas, e sem um copo d'água para ajudá-los a descer. — Ela respirou fundo e

indicou a cadeira, as rendas das mangas balançando. — Sentem-se, as duas.

Apoiem-se nas facas e soltem a língua. — O pequeno sorriso que ela abriu parecia

prestes a se alargar. — Não sei como dizem isso em Andor. Fiquem à vontade e

podem falar o que vier à cabeça.

Nynaeve achou ótimo ver os olhos azuis de Elayne se arregalarem de surpresa, já

que ela própria arfou bem alto. Era aquela a mulher que Merilille afirmara exigir

cerimônia entalhada em mármore polido? Ficou mais que satisfeita em se sentar.

Considerando todas as correntes que se escondiam entre as Aes Sedai de Salidar,

ficou se perguntando se Tylin estaria tentando... bem, tentando o quê? Já passara a

esperar que todos que não fossem amigos bem próximos tentassem manipulá-la.

Elayne se sentou bem na pontinha da cadeira, muito rija.

— Eu estou falando sério — insistiu Tylin. — Não importa o que as duas

disserem, prometo não me ofender.

Ainda assim, a julgar pelo modo como ela tamborilava no punho incrustado da

faca presa à cintura, o silêncio poderia ser considerado uma ofensa.

— Não sei bem por onde começar — disse Nynaeve por fim, um tanto hesitante.

Preferia que Elayne não tivesse aquiescido ao ouvi-la falar aquilo. Ela é que devia

saber como lidar com reis e rainhas. Por que a menina não começava logo a falar?

— Bem, comece contando o porquê — rebateu a Rainha, impaciente.

— Por que

mais quatro Aes Sedai vieram de Salidar aqui para Ebou Dar? Não pode ser para

diminuir a influência da missão diplomática de Elaida, já que Teslyn nem se atreve a

se chamar disso, e só vieram ela e Joline... Ah, vocês não sabiam? — Jogando o

corpo para trás, na cadeira, a Rainha começou a rir, apertando a mãos contra os

lábios. — Vocês pelo menos sabem dos Mantos-brancos, não sabem? — Ela sacudiu

a mão livre, como se cortasse o ar diante de si. O arroubo de divertimento foi se

amainando aos poucos. — Mas que ousadia dos Manto-brancos! Mas, bem, preciso

ouvir a todos que me cortejam, tanto o Lorde Inquisidor Carridin quanto os outros.

— Mas por quê? — indagou Nynaeve. — Fico feliz que você não goste dos

Mantos-brancos, mas, nesse caso, por que precisa escutar Carridin? Aquele homem é

um carniceiro!

Na mesma hora, soube que cometera outro erro. Soube disso assim que viu o

modo como Elayne de repente passou a analisar a enorme lareira branca, com a larga

cornija entalhada em ondas altíssimas — a certeza veio antes mesmo que o último

vestígio da risada de Tylin se apagasse feito uma vela.

— Bem, vocês de fato me levaram ao pé da letra — afirmou a Rainha, tranquila.

— Ora, eu disse para vocês soltarem a língua, então... — Aqueles

olhos escuros se

voltaram para os ladrilhos do piso, e ela pareceu se recompor.

Em busca de alguma pista do que fizera de errado — ou melhor, de como

consertar as coisas —, Nynaeve olhou para Elayne, que apenas a encarou de soslaio

e balançou a cabeça bem de leve, antes de voltar a analisar as ondas de mármore.

Será que também deveria evitar olhar para Tylin? Mas a Rainha, ainda encarando o

chão, fez algo que lhe chamou a atenção: com uma das mãos, alisou o punho da

adaga curva enquanto, com a outra, correu os dedos pelo punho da arma menor,

aninhada entre os seios.

A faca de casamento dizia muito sobre Tylin. Vandene e Adeleas tinham se

mostrado mais que dispostas a explicar algumas coisas sobre Ebou Dar, em geral os

aspectos que faziam a cidade parecer pouco segura para qualquer um que não

andasse cercado por dez guardas em armaduras. A bainha branca indicava que a

Rainha ficara viúva e não pretendia voltar a se casar, enquanto as quatro pérolas e a

gota de fogo incrustada no punho da arma, envolto em ouro, indicavam que ela dera

à luz quatro filhos e uma filha. Por sua vez, o esmalte branco que amparava a gota

de fogo e o esmalte vermelho em três das pérolas salientavam que apenas um dos

filhos sobrevivera — e todos tinham pelo menos dezesseis anos quando morreram

em algum duelo, ou as joias estariam amparadas em esmalte preto. Como seria

carregar aquela lembrança o tempo todo? Vandene dissera que as mulheres viam o

esmalte vermelho e o branco como motivo de orgulho, fossem para amparar pérolas,

gotas de fogo ou vidro colorido. Vandene ainda dissera que muitas mulheres

removiam as pedras dos filhos com mais de dezesseis anos que se recusavam a

duelar e nunca mais sequer dirigiam a palavra a eles.

Depois de um bom tempo, Tylin ergueu a cabeça. Estava com o rosto tranquilo, e

a mão soltou a adaga no cinto. Ainda assim, ela não parou de dedilhar a faca de

casamento, distraída.

— Quero que meu filho me suceda no Trono dos Ventos — comentou, em tom

ameno. — Beslan tem a sua idade, Elayne. Esse seria o curso normal das coisas em

Andor, embora ele tivesse que ser mulher... — Ela abriu um sorriso sincero,

parecendo achar aquilo divertido. — E seria assim em qualquer outra terra, exceto

Murandy, onde as questões são bem parecidas com Altara. Nos mil anos que se

passaram desde o reinado de Artur Asa-de-gavião, apenas uma Casa ocupou o trono

por cinco gerações, e a queda de Anarina foi tão abrupta que, até hoje,

a Casa

Todande lambe as botas de qualquer um que deixe. Nenhuma outra Casa jamais teve

mais do que dois governantes em sequência.

“Quando o meu pai assumiu o trono, havia Casas com mais posses pela cidade do

que os Mitsobar. Se ele sáisse deste palácio sem guardas, seria amarrado numa saca

cheia de pedras e jogado no rio. Quando ele morreu, deixou para mim tudo o que

tenho hoje. É pouco, em comparação com outros governantes. Um homem com

cavalos descansados conseguiria atingir os limites de meus domínios em apenas um

dia de cavalgada intensa. Bem, mas não fiquei aqui parada sem fazer nada. Quando

chegaram as notícias sobre o Dragão Renascido, tive certeza de que poderia entregar

o dobro do que possuo a Beslan e deixar ainda mais aliados para ele. A Pedra de

Tear e *Callandor* mudaram tudo. Agora, agradeço a Pedron Niall quando ele faz

algum acordo para que Illian tome apenas uma faixa de cem milhas do território de

Altara, em vez de nos invadir de vez. Recebo Jaichim Carridin sem cuspir na cara

dele, a despeito dos muitos altaranos que morreram na Guerra dos Mantos-brancos.

Escuto Carridin, Teslyn e Merilille e rezo para que com isso ainda me reste algo para

passar ao meu filho, em vez de acabar afogada na banheira do meu

quarto no mesmo

dia em que Beslan sofrer um acidente fatal durante uma caçada.”

Tylin respirou fundo. Seu rosto permanecia calmo, mas a voz saía cortante.

— Chega. Já me expus como se estivesse com os seios nus no mercado de peixe.

Agora me respondam: por que essa honra de receber mais quatro Aes Sedai?

— Estamos aqui atrás de um *ter’angreal* — respondeu Elayne. Nynaeve a

encarou, perplexa, mas a jovem contou tudo, desde *Tel’aran’rhiod* até os detalhes

sobre a poeira que cobria a sala onde estava a tigela.

— Ah, acertar o clima seria uma bênção, um milagre — divagou Tylin, hesitante.

— Mas parece que vocês estão descrevendo o bairro Rahad, do outro lado do rio.

Até a Guarda Civil pisa em ovos por lá. Me perdoem, entendo que vocês sejam Aes

Sedai, mas, se forem ao Rahad, podem acabar com uma faca enterrada nas costas em

um piscar de olhos. E, se as suas roupas forem de boa qualidade, eles vão usar uma

lâmina bem estreita para não sangrar muito. Talvez seja melhor deixar essa busca a

cargo de Vandene e Adeleas. Acho que elas já viveram alguns anos a mais, já

andaram por lugares desse tipo.

— Elas falaram alguma coisa sobre a tigela?! — questionou Nynaeve, franzindo o

cenho, mas a Rainha fez que não com a cabeça.

— Só disseram que estavam aqui procurando alguma coisa. As Aes Sedai nunca

dizem mais que o estritamente necessário. — Mais uma vez aquele sorriso. Ela

parecia feliz, embora o sorriso deixasse suas cicatrizes mais evidentes, linhas finas

lhe cortando as bochechas. — Isso era o que eu pensava antes de conhecer vocês

duas. Que os anos não as transformem tanto assim. Sempre me pego pensando em

como seria bom se Cavandra não tivesse voltado para a Torre, a gente conseguia ter

essas conversas bem francas. — Ela se levantou, mas gesticulou para que as duas

permanecessem sentadas, então foi até o outro lado da sala, golpeando um gongo de

prata com um martelo de marfim. O badalar foi bem alto para um cilindro tão

pequeno. — Vou mandar trazer chá de menta fresco, aí podemos conversar. E vocês

vão me dizer como posso ajudar. Se eu enviar soldados para o Rahad, vai ser pior

que os Motins do Vinho. E quem sabe vocês até possam me explicar por que a baía

está cheia de navios do Povo do Mar, mas eles nunca atracam nem fazem comércio...

As três passaram um bom tempo entre chá e conversas, principalmente sobre os

perigos em Rahad e o que Tylin não poderia fazer por elas. Acabaram convocando

Beslan, um jovem tranquilo que se curvou respeitosamente e as encarou com seus

belos olhos negros. O garoto até pareceu aliviado quando a mãe disse que ele podia

sair. Beslan não duvidou nem por um momento de que elas fossem Aes Sedai.

Depois de um tempo, as duas atravessaram outra vez os corredores coloridos no

caminho de volta para seus aposentos.

— Então elas também querem assumir a busca — murmurou Nynaeve, olhando

de um lado para o outro, querendo se certificar de que não havia serviçais perto o

bastante para ouvir. Tylin ficara sabendo de muito e bem rápido. E não importava

quanto sorrisse: estava contrariada com a presença das Aes Sedai em Salidar. —

Elayne, acha que foi mesmo inteligente contar tudo para ela? Talvez ela ache que a

melhor maneira de garantir que o garoto assuma o trono é nos deixar encontrar a

tigela e depois contar para Teslyn.

Ainda se lembrava um pouco de Teslyn, uma Vermelha muito desagradável.



— Eu sei como a minha mãe se sentia a respeito das Aes Sedai viajando por

Andor sem avisar ou falar o que estavam fazendo. E sei como eu me sentiria. Além

do quê, finalmente me lembrei do que aprendi sobre aquela frase de se apoiar na faca

e tudo mais. A única maneira de insultar quem lhe disse aquilo é contar uma

mentira. — Ela empinou o nariz de leve. — Quanto a Vandene e Adeleas... bem,

elas acham que assumiram o controle. Rahad pode até ser um lugar perigoso, mas

não consigo pensar em nada pior que Tanchico, e não teremos que nos preocupar

com a Ajah Negra aqui. Aposto que já teremos a tigela daqui a dez dias, e que

também já vou saber o que permite que o *ter'angreal* de Mat faça o impossível e que

já estaremos voltando para Egwene com ele levando a mão à testa tão rápido quanto

Mestre Vanin. E Vandene e Adeleas ainda vão estar aqui com Merilille

e Teslyn

tentando descobrir o que aconteceu.

Nynaeve não conseguiu conter a gargalhada. Um serviçal magrelo que endireitava

um vaso imenso de porcelana dourada a encarou, e ela mostrou a língua para o

sujeito. O homem quase deixou o vaso cair.

— Não entro nessa aposta, tirando a parte de Mat. Dez dias, então.



CAPÍTULO 49

O ESPELHO DE BRUMAS

Rand, muito satisfeito, baforava o cachimbo, sentado sem o casaco, apoiado em uma

das colunas brancas e delgadas que rodeavam o pequeno pátio oval enquanto assistia

à água que borrifava na fonte de mármore à frente, as gotas cintilando feito gemas à

luz do sol. Como era de manhã, ainda havia uma sombra agradável naquele trecho

do pátio. Até Lews Therin estava quieto.

— Tem certeza de que não vai reconsiderar a ida para Tear?

Sentado contra a coluna ao lado e também sem casaco, Perrin soprou dois anéis de

fumaça e encheu outra vez o cachimbo, um trambolho muito ornamentado entalhado

com cabeças de lobo.

— E as visões de Min?

Rand tentou fazer seu próprio anel de fumaça, mas se atrapalhou dando um

grunhido amargo, o que resultou em uma mera baforada. Min não tinha o direito de

mencionar aquilo onde Perrin poderia ouvir.

— Quer mesmo ficar amarrado no meu cinto, Perrin?

— O que eu quero não parece contar muito desde que conhecemos Moiraine, lá

em Campo de Emond — retrucou o amigo, seco. Ele suspirou. — Você é quem é,

Rand. Se você cair, tudo vem abaixo.

Ele se inclinou para a frente e franziu o cenho, encarando uma porta larga atrás

das colunas, à esquerda dos dois.

Um longo instante depois, Rand ouviu passos naquela direção — passos pesados

demais para serem de algum humano. A figura corpulenta que se agachou ao passar

pela porta e veio caminhando a passos largos até o pátio tinha mais que o dobro da

altura da serviçal que quase corria para acompanhar as pernas compridas do Ogier.

— Loial! — exclamou Rand, levantando-se de um pulo. Ele e Perrin chegaram ao

Ogier ao mesmo tempo. O sorriso na boca larga de Loial quase dividia o enorme

rosto em dois. O casaco comprido que chegava a cobrir o topo das botas de abas

dobradas que iam até o joelho ainda estava empoeirado da viagem. Os bolsos

enormes também estavam salientes, cheios de formas quadradas. Loial nunca ficava

longe dos livros. — Tudo bem com você?

— Você parece cansado — comentou Perrin, conduzindo o Ogier até a fonte. —

Sente-se aí na beirada.

Loial se deixou levar, mas as longas sobancelhas que pendiam do rosto e as

orelhas cheias de tufo tremeram, meio atrapalhadas, enquanto ele olhou de um para

o outro. Sentado, era tão alto quanto Perrin de pé.

— Tudo bem? Cansado? — A sua voz era um estrondo. — Claro que estou bem.

E, se estou cansado, é porque andei bastante. Preciso admitir que voltar a andar com

meus próprios pés foi ótimo. Sempre dá para saber aonde nossos pés estão nos

levando; com um cavalo, nunca dá para ter certeza. Bem, seja como for: meus pés

são mais rápidos. — De repente, ele deixou escapar uma gargalhada ensurdecedora.

— Ah, Perrin, você me deve uma coroa de ouro, Perrin. Você e seus dez dias!

Aposto outra coroa que você não chegou aqui mais do que cinco dias antes de mim.

— Você vai ganhar a sua coroa — respondeu Perrin, com uma risada. Então, se

virou para Rand: — Gaul o corrompeu. Loial agora joga dados e aposta em corridas

de cavalo, mesmo mal conseguindo diferenciar um bicho do outro.

O comentário deixou as orelhas de Loial vibrando de indignação. Rand sorriu.

Loial sempre vira os cavalos sob uma luz meio duvidosa — o que não era de se

surpreender, já que tinha pernas mais compridas que as de qualquer equino.

— Tem certeza de que está tudo bem, Loial?

— Encontrou o *pouso* abandonado? — indagou Perrin, com o cachimbo na boca.

— Ficou lá por tempo o bastante?

— Do que vocês dois estão falando? — Loial franziu o cenho de um jeito que

fazia as extremidades das sobrancelhas descerem até as bochechas. — Só queria

voltar a ver um *pouso*, sentir um... Já estou pronto para mais dez anos.

— Não é o que a sua mãe diz — contestou Rand, sério.

Loial se levantou antes mesmo de Rand terminar a frase, olhando para todos os

lados, as orelhas apontadas para trás, tremelicando.

— Minha mãe? Aqui? Ela está aqui?

— Não, não está — tranquilizou-o Perrin. As orelhas de Loial ficaram flácidas de

álvio. — Mas parece que ela está em Dois Rios. Ou pelo menos estava, um mês

atrás. Rand fez um truque dele para viajar por aí, levando sua mãe e o Ancião

Haman... Qual é o problema?

Quando ouviu o nome do Ancião Haman, Loial, que já estava tornando a se

sentar, ficou paralisado, os joelhos ainda meio dobrados. De olhos fechados, ele se

abaixou o que restava até a beira da fonte, bem devagar.

— O Ancião Haman — murmurou, esfregando o rosto com a mão de dedos

grossos. — O Ancião Haman e minha mãe... — Ele olhou para Perrin. Então para

Rand. Baixou a voz, ou ao menos o fez para os padrões Ogier. Ainda soava como

um zangão gigante zumbindo dentro de um garrafão quando perguntou, em um tom

falsamente despreocupado: — Tinha mais alguém com eles?

— Sim, uma jovem Ogier chamada Erith — respondeu Rand. — Você... — Mas

foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Com um gemido, Loial se levantou de um salto. Os serviçais enfiaram as cabeças

para dentro das portas e janelas, querendo descobrir a origem daquele barulho tão

alto, mas desapareceram de volta quando viram Rand. Loial começou a andar de um

lado a outro, as orelhas e sobrancelhas tão caídas que ele parecia estar derretendo.

— Uma esposa... — balbuciou. — Não pode ser outra coisa, não com mamãe e o

Ancião Haman. Uma esposa! Sou jovem demais para me casar! — Rand escondeu

um sorriso atrás de uma das mãos. Loial podia até ser jovem para um Ogier, mas

isso significava que tinha pelo menos mais de noventa anos. — Ela vai me arrastar

de volta para o Pouso Shangtai. Sei que não vai me deixar viajar com vocês, e ainda

estou longe de juntar anotações suficientes para meu livro. Ah, Perrin, pode rir. Faile

faz tudo o que você manda. — Perrin se engasgou com a fumaça do cachimbo e

resfolegou até Rand dar um tapa em suas costas. — Mas é diferente com o meu povo

— explicou Loial. — Não fazer o que a esposa manda é considerado rude, *muito*

rude. Sei que ela vai me fazer trabalhar em algo mais seguro e respeitável, como

cantar para as árvores ou... — Ele franziu o cenho e parou de andar. — Você disse

Erith? — Rand assentiu. Perrin parecia estar recuperando o fôlego, mas encarava

Loial com uma espécie de prazer malévolo. — Erith, filha de Iva, filha de Alar? —

Rand assentiu outra vez, e Loial tornou a se sentar na fonte. — Mas eu a conheço.

Você se lembra dela, Rand. Nós a conhecemos no Pouso Tsofu.

— Isso era o que eu estava tentando lhe dizer — respondeu Rand, com toda a

paciência e uma boa dose de bom humor. — Foi aquela que falou que você era

bonito. E que lhe deu uma flor, se me lembro bem.

— Ah, pode ter falado. — murmurou Loial, na defensiva. — Pode ter falado, mas

não me lembro. — Mesmo alegando aquilo, a mão foi inconscientemente tatear um

bolso do casaco cheio de livros, e Rand podia apostar que ele guardara a flor entre

alguma daquelas páginas. O Ogier pigarreou, produzindo um estrondo profundo. —

Erith é muito bonita. Nunca vi ninguém tão linda. E inteligente. Ela ficou escutando

com toda a atenção quando expliquei a teoria de Serden. Serden, filho de Kolom,

filho de Radlin... ele escreveu sua teoria há cerca de seiscentos anos. E, quando

expliquei a teoria de como os Caminhos... — Ele parou de falar, como se tivesse

acabado de notar os sorrisos largos dos dois. — Bem, ela ouviu. Com atenção.

Estava muito interessada.

— Com certeza estava — concordou Rand, evasivo.

Aquela menção aos Caminhos o fez pensar: quase todos os Portais dos Caminhos

ficavam perto de *pousos*, e se o que a mãe de Loial e o Ancião Haman diziam fosse

verdade, Loial precisava estar em um *pouso* — bem, Rand não poderia levá-lo para

dentro de um por meio de um portão, já que, assim como não se podia canalizar

dentro de um *pouso*, também não dava para chegar lá canalizando.

— Escute, Loial. Quero colocar guardas em todos os Portais dos Caminhos. Para

isso, preciso de alguém que possa encontrá-los, mas que também seja capaz de

conversar com os Anciões e conseguir a permissão deles.

— Luz — grunhiu Perrin, desanimado. Deu tapinhas para esvaziar o cachimbo e,

com o calcanhar da bota, amassou o resto de tabaco no paralelepípedo do pátio. —

Luz! Você manda Mat ir atrás das Aes Sedai, quer me enfiar no meio de uma guerra

de Sammael com algumas centenas de homens de Dois Rios, alguns inclusive

conhecidos seus, e agora quer mandar Loial embora, sendo que ele acabou de

chegar? Que o queime, Rand! Olhe só para ele! Loial precisa descansar. Tem alguém

que você não vá usar? Não quer que Faile vá caçar Moghedien ou Semirhage? Luz!

A raiva brotou dentro de Rand, uma tempestade que o fez tremer. Aqueles olhos

amarelos o encaravam, carrancudos, mas ele rebateu feito um trovão:

— Vou usar quem for preciso. Você mesmo falou: eu sou o que sou. E estou me

usando, Perrin, porque é preciso. Estou me usando assim como vou usar qualquer

um que for preciso. Não tenho mais escolha. Ninguém tem: nem eu, nem você, nem

ninguém!

— Rand, Perrin — murmurou Loial, preocupado. — Fiquem calmos.
Não

briguem. Não quero vocês brigando. — A mão do tamanho de um
pernil de porco

deu um tapinha desajeitado no ombro de cada um. — Vocês dois
deveriam ir

descansar em um *pouso*. São lugares muito tranquilos, muito
relaxantes.

Rand encarou Perrin, que o encarava de volta. Ainda sentia a raiva, os
lampejos e

relâmpagos numa tempestade que não se dissiparia. Ao longe, os
resmungos de

Lews Therin de vez em quando ribombavam.

— Me desculpem — pediu, baixinho.

Perrin gesticulou, talvez sinalizando que não havia nada pelo que se
desculpar,

talvez aceitando, mas não ofereceu um pedido de desculpas. Em vez
disso, virou a

cabeça de volta para as colunas, na direção da porta por onde Loial
entrara. Mais

uma vez passaram-se alguns momentos antes que Rand ouvisse
alguém se

aproximando.

Min adentrou o pátio em uma carreira desabalada. Ignorando Loial e
Perrin, ela

tomou Rand pelos braços.

— Elas estão vindo — ofegou. — Já estão a caminho.

— Calma, Min — falou Rand. — Acalme-se. Eu estava começando a
achar que

todas estavam de cama que nem... como foi que você disse que ela se

chamava?

Demira?

Na verdade, sentia um alívio considerável com a vinda das mulheres, embora os

queixumes e as risadas de Lews Therin tivessem aumentado com a simples menção

das Aes Sedai. Merana passara três dias indo ao castelo, tão regular quanto a arte dos

melhores relojoeiros e sempre acompanhada de duas irmãs, mas as visitas tinham

cessado cinco dias antes sem nenhuma explicação. Min não fazia ideia de por quê.

Rand andara preocupado que elas tivessem se ofendido com suas ordens e

planejassem ir embora.

Mas Min ainda o fitava, parecendo angustiada. Percebeu que ela estava tremendo.

— Me escute! São sete, não três, e não me mandaram vir pedir permissão ou

informar você ou nada disso. Escapei de lá antes delas e vim a galope com Rosa.

Elas querem entrar no Palácio antes que você perceba que estão aqui. Ouvi Merana

falando com Demira quando não sabiam que eu estava por preto. Pretendem chegar

ao Grande Salão primeiro, para que você tenha que ir ao encontro delas.

— Acha que pode ser a sua visão? — conjecturou, ainda calmo.

Min tinha dito que mulheres capazes de canalizar iam feri-lo. São sete! , sussurrou

Lews Therin, rouco. *Não! Não! Não!* Rand o ignorou. Não havia muito mais que

pudesse fazer.

— Não sei — respondeu Min, aflita. Rand ficou surpreso em perceber que o

brilho em seus olhos escuros era resultado de lágrimas contidas. — Acha que eu não

diria se soubesse? Só sei que elas estão vindo e que...

— E que não há nada a temer — interrompeu Rand, com firmeza.

As Aes Sedai deviam ter mesmo a assustado, para ela estar a ponto de chorar.

Sete, gemeu Lews Therin. *Não consigo enfrentar sete, não de uma vez. Sete, não.*

Rand pensou no *angreal* do homenzinho gordo, e a voz esmaeceu até os murmúrios,

mas ainda parecia incomodada. Pelo menos Alanna não era uma delas. Rand podia

senti-la a alguma distância, parada — ou pelo menos sem avançar em sua direção.

Não tinha certeza se ousaria ficar cara a cara com ela outra vez.

— Mas também não temos tempo a perder — completou. — Jalani?

A jovem Donzela de bochechas rechonchudas surgiu tão de repente de trás de

uma coluna que Loial ficou de orelha em pé. Min pareceu finalmente se dar conta da

presença do Ogier e de Perrin. E também se assustou.

— Jalani, diga a Nandera que estou indo para o Grande Salão, onde espero as Aes

Sedai daqui a pouco.

A mulher tentou manter uma expressão tranquila, mas o sorriso satisfeito fez suas

bochechas parecerem ainda mais cheias.

— Bernalna já foi informar Nandera, *Car'a'carn*.

Ao ouvir o título, as orelhas de Loial tremeluziram de surpresa.

— Então poderia ir dizer para Sulin me encontrar nos quartos de vestir atrás do

Grande Salão e levar meu casaco? E o Cetro do Dragão.

Jalani abriu um largo sorriso.

— Sulin já saiu correndo com o vestido de aguacenta, indo mais rápido que uma

égua de focinho cinza que se sentou em espinhos de *segade*.

— Nesse caso, pode levar meu cavalo para o Grande Salão.

A jovem Donzela ficou boquiaberta, ainda mais quando Perrin e Loial se

curvaram de tanto rir.

Min socou suas costelas, fazendo-o soltar um grunhido.

— Isso não é motivo para brincadeiras, seu fazendeiro cabeça dura! Merana e as

outras estavam se enrolando nos xales como se estivessem vestindo armaduras.

Agora preste atenção: vou ficar de lado, atrás das colunas, de modo que você possa

me ver e elas não. Aí, se eu vir alguma coisa, faço um sinal.

— Você vai ficar aqui com Perrin e Loial — retrucou ele. — Não sei que tipo de

sinal você poderia fazer que eu entendesse, e se elas a virem, vão saber que você me

avisou. — Min olhou feio para ele com as mãos nos quadris, aquela postura típica

das mulheres irritadas. — Min?

Para sua surpresa, ela suspirou e respondeu:

— Está bem, Rand — disse, com voz mansa.

Vinda dela, aquela obediência o deixava tão desconfiado quanto se tivesse vindo

de Elayne ou Aviendha, mas, se quisesse estar no Grande Salão antes de Merana,

não tinha tempo de ficar conjecturando. Aquiescendo, esperou não aparentar toda a

insegurança que sentia.

Enquanto se perguntava se não deveria ter pedido a Perrin e Loial que a

mantivessem ali — Min teria adorado —, Rand foi depressa até os quartos de vestir

atrás do Grande Salão, com Jalani em seus calcanhares, ainda resmungando

querendo saber se o cavalo fora ou não brincadeira. Sulin já estava lá, estendendo

um casaco vermelho com bordados em ouro e o Cetro do Dragão. A ponta de lança

gerou um grunhido de aprovação, embora ela sem dúvida a teria achado mais

aceitável sem as borlas verdes e brancas, com uma haste de tamanho apropriado e

sem entalhes. Rand bateu para se assegurar que o *angreal* estava no bolso. Estava.

Enfim respirou com mais tranquilidade, apesar de Lews Therin ainda ofegar de

ansiedade.

Rand atravessou correndo o quarto de vestir com painéis de leões e adentrou o

Grande Salão, só para descobrir que todos tinham sido tão rápidos quanto Sulin.

Bael, de braços cruzados, se assomava ao lado do estrado do trono, e Melaine estava

de pé no outro lado, ajustando o xale escuro com toda a calma. Agachadas sobre um

dos joelhos e sob o olhar vigilante de Nandera, cem ou mais Donzelas no traje

completo, com as lanças, os broquéis, arcos de chifre cobertos às costas e aljavas

cheias nas cinturas, formavam filas a partir de todas as portas. Só os olhos

despontavam acima dos véus negros. Jalani correu para se juntar a uma das filas. Por

trás delas, mais Aiel atulhavam-se em meio às espessas colunas, tanto homens

quanto Donzelas, apesar de nenhum parecer estar armado com mais que as facas de

lâminas pesadas. Ainda assim, havia vários rostos soturnos — não deviam estar

vendo com bons olhos a ideia de um confronto com as Aes Sedai, e não por medo do

Poder. Não importava o que Melaine e as Sábias dissessem a respeito das mulheres

da Torre, quase todos os Aiel ainda tinham o antigo fracasso de seu povo muito vivo

na memória.

Bashere não estava presente, claro — ele e a esposa estavam em um

dos campos

de treinamento —, assim como nenhum dos nobres andorianos que andavam em

grupos pelo Palácio. Rand tinha certeza de que Naeon, Elenia, Lir e todo aquele

peçoal tinham ficado a par daquela assembleia assim que os preparativos

começaram — eles nunca perdiam uma audiência do trono, a menos que Rand os

mandasse embora. Sua ausência só poderia indicar que, enquanto estavam a caminho

do Grande Salão, também tinham descoberto o motivo. O que significava que as Aes

Sedai já estavam no Palácio.

De fato, assim que Rand se sentou no Trono do Dragão com o Cetro em seus

joelhos, a Senhora Harfor entrou às pressas, nervosa, o que era bastante incomum

para ela. Encarando Rand e todos os Aiel com a mesma perplexidade, anunciou:

— Mandei serviçais para todos os lados atrás de você. Tem Aes Sedai... — Foi

tudo o que ela conseguiu dizer antes que sete Aes Sedai surgissem diante das

enormes portas duplas.

Rand sentiu Lews Therin tentando buscar *saidin* e tocar o *angreal*, mas assumiu o

controle da situação, agarrando a torrente furiosa de fogo e gelo, imundície e doçura,

com tanta força quanto segurava o pedaço de lança Seanchan.

Sete, balbuciou Lews Therin, sombrio. *Eu mandei virem só três, e vieram sete.*

Preciso ser cauteloso. Sim. Cauteloso.

Quem mandou vir três foi eu, Lews Therin, retrucou Rand. *Eu! Rand al'Thor! A*

voz ficou em silêncio, mas os resmungos distantes não tardaram a recomeçar.

Alternando o olhar entre Rand e as sete mulheres nos xales com franjas, a Senhora

Harfor pareceu decidir que ali no meio não era lugar para se estar. As Aes Sedai

receberam a primeira reverência, e Rand ficou com a segunda, então, em uma

excelente demonstração de calma, a mulher caminhou até uma das laterais da porta.

Porém, quando as Aes Sedai entraram e se alinharam uma ao lado da outra, a

Senhora Harfor acabou deslizando para fora com um leve quê de pressa.

Em cada uma das suas três visitas, Merana trouxera Aes Sedai diferentes, e Rand

reconheceu todas — menos uma —, de Faeldrin Harella, na extrema direita, com o

cabelo escuro preso em uma profusão de trancinhas finas trabalhadas com contas de

cores brilhantes, à robusta Valinde Nathenos, na extrema esquerda, usando o xale de

franjas brancas e o vestido também branco. Todas usavam as cores das suas Ajahs.

Rand sabia quem devia ser a única que não reconheceu: a mulher bela e graciosa de

pele morena e vestido de seda bronze só podia ser Demira Eriff, a irmã Marrom que

Min dissera estar de cama. Mas ela estava de pé bem no centro da fila, um passo à

frente das outras, enquanto Merana se punha entre Faeldrin e a rechonchuda Rafela

Cindal, com seu rosto redondo, que parecia ainda mais séria do que durante o

encontro em que viera com Merana, seis dias antes. Todas pareciam muito sérias.

Elas hesitaram um momento e o encararam, impassíveis, ignorando os Aiel. Então

deslizaram para a frente, primeiro Demira, depois Seonid e Rafela, então Merana e

Masuri — uma ponta de flecha apontada diretamente para Rand. Não precisou do

formigamento na pele para saber que tinham abraçado *saidar*. A cada passo, elas

pareciam mais altas.

Então elas acham que vão me impressionar com o Espelho de Brumas? A risada

incrédula de Lews Therin foi se dissipando até minguar em risinhos ensandecidos.

Rand não precisava de explicação: já vira Moiraine fazer algo parecido, e Asmodean

também chamara aquilo de Espelho de Brumas — assim como de Ilusão.

Melaine mexeu no xale, irritada, e fungou alto com desdém, mas Bael parecia

prestes a enfrentar sozinho uma investida de centenas. Pela sua expressão, não

pretendia recuar, mas também não esperava nenhum resultado positivo. Aliás,

algumas Donzelas se agitaram, até que Nandera as olhou feio por cima do véu. Isso

não fez cessar o discreto ruído de pés Aiel se movendo inquietos em meio às

colunas.

Demira Eriff começou a falar, e ficou bem claro que aquilo também envolvia

canalização. Ela não gritou, mas sua voz preencheu o Grande Salão, parecendo vir

de todos os lados.

— Dadas as circunstâncias, chegamos ao consenso de que eu deveria falar por

todas. Hoje não viemos com a intenção de lhe fazer mal algum, mas as restrições

que aceitamos antes para que você se sentisse seguro agora serão refutadas. Você

obviamente não aprendeu a ter o devido respeito pelas Aes Sedai, mas agora precisa

aprender. Daqui em diante, passaremos a ir e vir conforme nossa vontade, mas ainda

o manteremos informado com certa antecedência, se nos aprover, quando

quisermos falar com você. Os vigias Aiel posicionados em volta de nossa estalagem

serão removidos, e ninguém deve nos vigiar nem seguir. Qualquer futuro insulto à

nossa dignidade será punido, embora devemos considerar aqueles a quem devemos

punir como crianças, sendo você o responsável pela dor que sofrerem.

É assim que

deve ser; é assim que será. Saiba que somos Aes Sedai.

Quando aquela longa ponta de flecha parou diante do trono, Rand notou que

Melaine o encarava de cenho franzido, sem dúvida se perguntando se ele estaria

impressionado. E, se não tivesse alguma noção do que estava acontecendo, ele com

certeza estaria, e mesmo assim não podia afirmar com certeza que não estava um

pouco impressionado, no fim das contas. As sete Aes Sedai pareciam duas vezes

mais altas que Loial, talvez até mais, as cabeças a quase meio caminho do teto

abobadado, com suas janelas de vitrais coloridos. Fria e impassível, Demira o

encarava como se pensasse se o agarrava ou não com uma das mãos, que parecia

grande o bastante.

Rand se forçou a continuar reclinado, em uma postura muito tranquila e casual,

estreitando os lábios ao perceber que aquilo lhe demandava certo esforço, ainda que

nada tão grande. Lews Therin ainda se mantinha distante, mas gritava algo sobre não

esperar, sobre atacar ali mesmo. Demira enfatizara algumas palavras, como se ele

devesse compreender seu significado. Dadas quais circunstâncias? Elas tinham

aceitado as restrições antes, por que aquilo de repente virara uma falta de respeito?

Por que as Aes Sedai tinham decidido de uma hora para a outra que, em vez de

precisar fazer com que ele se sentisse seguro, podiam ameaçá-lo?

— As emissárias da Torre em Cairhien aceitam essas mesmas restrições e não

parecem ofendidas. — Bem, pelo menos não muito. — E, em vez de ameaças vagas,

me oferecem presentes.

— Não somos elas. Elas não estão aqui. Nós não vamos comprá-lo.

O desdém na voz de Demira foi como um tapa. As articulações dos dedos de Rand

doíam pela força com que ele agarrava o Cetro do Dragão. A raiva que sentia era um

eco da de Lews Therin, e ele de repente notou que o homem voltava a tentar agarrar

a Fonte.

Que o queime! , pensou Rand. Pensou em criar uma blindagem sobre elas, mas

Lews Therin se pronunciou, ofegante e quase em pânico.

Não há força o bastante. Mesmo com o angreal , talvez não haja força o bastante.

Não para deter sete delas. Seu tolo! Você esperou tempo demais! É perigoso demais!

Criar uma blindagem de fato exigia uma boa dose de força. Com o *angreal*, Rand

estava convencido de que conseguiria lidar com as sete, mesmo já abraçadas a

saidar. Mas se ao menos uma delas conseguisse quebrar a blindagem... Ou mais de

uma. Queria impressioná-las com sua força, não oferecer uma chance

de superá-lo.

Bem, havia outra maneira: tecendo Espírito, Fogo e Terra com todo o cuidado,

investiu quase como se fosse de fato criar uma barreira.

O Espelho de Brumas das Aes Sedai se estilhaçou. De repente, tudo o que havia

diante dele eram sete mulheres normais e estupefatas. Mas o choque logo se dissipou

por detrás da fachada de tranquilidade Aes Sedai.

— Você ouviu nossas exigências — afirmou Demira, com a voz normal, mas

ainda impositiva, como se nada tivesse acontecido. — Esperamos que sejam

cumpridas.

Rand as encarou, surpreso. O que precisava fazer para mostrar que não seria

intimidado? *Saidin* rugia dentro dele, uma fúria em ebulição. Não ousava soltá-lo.

Lews Therin gritava feito um maníaco, tentando se agarrar à Fonte, tirá-la de suas

mãos. Rand fazia de tudo para continuar firme. Então se levantou, bem devagar.

Com a altura adicional do estrado, erguia-se acima delas. Sete rostos de Aes Sedai

inabaláveis levantaram os olhos para ele.

— As restrições estão mantidas — avisou, tranquilo. — E tenho mais outra

exigência: de agora em diante eu é que espero ver o respeito que mereço. Eu sou o

Dragão Renascido. Estão dispensadas. Esta audiência acabou.

Durante o tempo de quase dez batidas do coração, as mulheres permaneceram ali,

sem nem piscar, como se quisessem demonstrar que não dariam um único passo para

lhe obedecer. Então Demira assentiu, em um movimento minúsculo, e se virou.

Quando passou por Seonid e Rafela, as duas a seguiram, e as outras também, uma de

cada vez, todas deslizando suavemente e sem pressa, percorrendo os ladrilhos

vermelhos e brancos até saírem do Grande Salão.

Rand desceu do estrado enquanto as mulheres ainda desapareciam corredor

adentro.

— O *Car'a'carn* lidou bem com elas — opinou Melaine, alto o bastante para ser

ouvida de todos os cantos. — É preciso ser duro com as Aes Sedai para elas

aprenderem o que é honra, mesmo que isso as faça chorar.

Bael não conseguia esconder o desconforto por ouvir falarem daquele jeito sobre

Aes Sedai.

— Será que também não é assim que se deve lidar com as Sábias? — indagou

Rand, abrindo um sorriso.

Melaine baixou a voz e mexeu no xale, irritada.

— Não seja tolo, Rand al'Thor.

Bael deu uma risadinha, o que fez a esposa cravar os olhos nele. Bem, pelo menos

Rand conseguira arrancar uma risada. Ainda assim, não achou muita graça na

própria piada, e não só por causa da proteção do Vazio. Quase queria ter deixado

Min comparecer. Havia muitas jogadas ocultas por ali, muito que ele não conseguia

compreender, e temia que houvesse ainda outras que ele sequer percebia. O que

aquelas mulheres queriam de verdade?

* * *

Min fechou a pequena porta do quarto de vestir, recostou-se em um painel de parede

escuro com um leão entalhado e respirou bem fundo. Faile fora buscar Perrin para

tratar de alguma coisa, e apesar de Loial ter protestado, alegando que Rand queria

que ela ficasse ali, o Ogier acabara sucumbindo a seu argumento de que Rand não

tinha o direito de obrigá-la a fazer o que fosse. Era óbvio que, se Loial tivesse

alguma noção do que ela pretendia fazer, talvez tivesse tentado segurá-la — com

toda a gentileza, claro — e ficado no pátio lendo para ela.

A questão era que, mesmo tendo ouvido tudo, não vira muita coisa além das Aes

Sedai se agigantando diante do trono e do estrado. Deviam estar canalizando, o que

em geral obscurecia as imagens e auras, mas Min ficara tão pasma que sequer teria

percebido se houvesse alguma imagem para ver. Quando enfim se

recompôs, as Aes

Sedai já estavam menores, e a voz de Demira não vinha mais de todas as direções.

Min começou a pensar, desesperada, mordiscando o lábio inferior. Até onde via,

tinha dois problemas, e o primeiro era Rand e suas exigências de respeito, o que quer

que ele quisesse dizer com aquilo. Se esperava que Merana fosse fazer medidas até

enterrar a cabeça no chão, teria que esperar sentado. Depois do que ele fizera, elas

decerto estariam zangadas. Devia haver alguma maneira de pôr panos quentes, só

precisava saber como. O segundo problema eram as Aes Sedai. Rand parecia achar

que aquilo era alguma espécie de rompante que ele conseguiria aplacar caso se

posicionasse com firmeza, mas Min não achava que as Aes Sedai tinham rompantes.

E, se tivessem, estava convencida de que aquilo era mais sério. Ainda assim, só

conseguiria descobrir do que se tratava de volta na estalagem.

Depois de pegar Rosa no estábulo, foi trotando com a égua baia de volta para a

estalagem, onde a deixou com um cavaleiro orelhudo, pedindo que o animal fosse

esfregado e alimentado com um pouco de aveia. A égua galopara com presteza até o

Palácio, então merecia uma recompensa por ter ajudado a frustrar o plano de Merana

e das outras. Considerando a fúria gélida na voz de Rand, Min não

sabia dizer o que

teria acontecido caso ele acabasse descobrindo tarde demais, e de surpresa, que sete

Aes Sedai o esperavam no Grande Salão.

O salão da estalagem parecia quase o mesmo de quando ela zanzara apressada

pelas cozinhas, mais cedo. Havia Guardiões às mesas, alguns jogando dominó ou

pedras, outros lançando dados. Quase como se fossem um, todos ergueram o olhar

quando ela entrou; então, reconhecendo-a, retomaram o que estavam fazendo. A

Senhora Cinchonine estava de pé diante da adega — nada de barris de cerveja e

vinho empilhados ao longo da parede do salão, não naquela estalagem —, de braços

cruzados e uma expressão amarga no rosto. Os Guardiões eram os únicos clientes e,

via de regra, bebiam pouco e muito raramente. Uma boa quantidade de canecas e

copos de estanho repousava sobre as mesas, mas, pelo que viu, estavam intocados. E

também viu um homem que poderia estar disposto a lhe contar certas coisas.

Mahiro Shukosa estava sentado, sozinho, tentando decifrar alguns quebra-cabeças

de taverna. As duas espadas que costumava usar às costas ainda estavam à mão,

apoiadas na parede. Com os cabelos já meio grisalhos nas têmporas e um nariz

nobre, Mahiro tinha uma beleza meio grosseira, e só uma mulher

apaixonada diria

que ele era bonito. Um lorde de Kandor, já tinha visitado as cortes de quase todas as

terras e viajava sempre com uma pequena biblioteca. Mahiro ganhava e perdia

jogatinas com o mesmo sorriso fácil, mas sabia recitar poesia e tocar harpa, além de

dançar como um sonho. Em suma: exceto por ser Guardiã de Rafela, era

exatamente o tipo de homem de quem Min gostava antes de conhecer Rand — e

ainda gostava, na verdade, quando conseguia olhar para quem fosse sem pensar em

Rand. Para sua sorte — ou seu azar —, Mahiro a via de um jeito que Min suspeitava

de que fosse peculiar de Kandor: uma espécie de irmã mais nova que, vez ou outra,

precisava de alguém para conversar e lhe dar conselhos de forma a não acabar

quebrando o pescoço enquanto fazia suas maluquices. Mahiro dizia que ela tinha

pernas bonitas, mas que jamais pensaria em tocá-las e que quebraria o pescoço de

quem pensasse em fazer isso sem a permissão dela.

Deslizando as intrincadas peças de ferro com toda a destreza de volta para os

lugares, Mahiro deixou o quebra-cabeças na pilha dos que já solucionara e pegou um

da outra pilha enquanto Min se sentava à sua frente.

— E aí, repolhinha — cumprimentou ele, abrindo um sorriso. — Vejo que voltou

com o pescoço intacto, não foi sequestrada e ainda está solteira.

Algum dia ainda ia perguntar o que significava aquela frase que ele sempre

repetia.

— Aconteceu alguma coisa depois que eu saí, Mahiro?

— Fora as irmãs voltando do Palácio parecendo uma tempestade nas montanhas?

Como era de se esperar, o quebra-cabeças foi solucionado como se ele tivesse

canalizado.

— Por que ficaram tão irritadas?

— Imagino que tenha alguma coisa a ver com al"Thor. — O quebra-cabeças

voltou à posição inicial com a mesma rapidez, então foi jogado na pilha de descartes.

O seguinte da pilha de ainda não solucionados também passou direto para a segunda.

— Já resolvi esse há uns anos — explicou.

— Mas como, Mahiro? O que aconteceu?

Os olhos escuros a encararam. Se os leopardos tivessem olhos quase negros,

seriam como os de Mahiro.

— Min, um potro que enfia o focinho na toca errada pode acabar perdendo as

orelhas.

Min se retraiu. Era verdade. Ah, as tolices que uma mulher fazia por amor...

— É o que eu quero evitar, Mahiro. Só estou aqui para levar mensagens entre

Merana e o Palácio, mas sempre entro lá sem a menor ideia de em que estou me

metendo. Não sei por que as irmãs pararam de encontrar com ele todos os dias, nem

por que voltaram e nem por que várias foram lá hoje, em vez de apenas três. Se eu

não souber, posso acabar sem mais que as orelhas. E Merana não vai contar, ela

nunca me fala nada que não seja “vá lá e faça isso”. Só uma dica, Mahiro. Por favor.

O homem analisou o quebra-cabeças em suas mãos, mas Min soube que ele estava

pensando em outra coisa só de ver que as peças interligadas se moveram entre seus

dedos compridos, mas nada se soltou.

Uma movimentação nos fundos do salão chamou sua atenção, e Min começou a

virar a cabeça — até que congelou. Duas Aes Sedai voltavam do banho, a julgar

pelo aspecto de quem acabara de se lavar. Fazia meses que não via aquelas duas,

desde que tinham deixado Salidar com base no palpite de Sheriam de que Rand

estava em algum lugar do Deserto Aiel. Bera Harkin e Kiruna Nachiman tinham ido

para o Deserto, não para Caemlyn.

Não fosse o rosto de idade indefinida, Bera pareceria uma mulher de fazendeiro

qualquer, com seu cabelo castanho curto emoldurando o rosto quadrado. Mas,

naquele momento, aquele rosto estava determinado e carrancudo.

Kiruna, sempre

elegante e muito escultural, parecia exatamente quem era: irmã do Rei de Arafel,

uma lady poderosa por direito. Seus enormes olhos escuros reluziam como se ela

estivesse prestes a ordenar uma execução com todo o prazer. Imagens e auras

piscavam ao redor das duas, como sempre acontecia com Aes Sedai e Guardiões.

Uma em especial chamou a atenção de Min, piscando em volta das duas mulheres ao

mesmo tempo, tudo em um tom amarelo amarronzado somado a um púrpura intenso.

As cores em si não significavam nada, mas aquela aura fez Min perder o fôlego.

A mesa não ficava longe do pé da escada, mas as duas nem olharam para Min

quando se viraram para subir. Nenhuma nem mesmo olhara para ela com atenção,

quando estavam em Salidar, e agora estavam absortas em sua própria conversa.

— Alanna já deveria ter botado ele em seu lugar faz tempo. — Kiruna falava

baixo, mas a raiva em sua voz era quase explícita. — Era o que eu teria feito.

Quando ela chegar, vou falar o que penso, e que o Tenebroso carregue a

formalidade.

— Deveriam amarrar logo uma rédea nele — concordou Bera, em um tom neutro

—, antes que ele possa fazer mais mal a Andor. — Ela era andoriana,

afinal. — E

quanto antes, melhor.

Conforme as duas foram subindo os degraus, Min percebeu o olhar de Mahiro

fixo nela.

— Como elas vieram parar aqui? — perguntou, surpresa por como a voz parecia

perfeitamente normal.

Com Kiruna e Bera, já eram treze. Treze Aes Sedai. E aquela aura.

— Elas seguiram as notícias de al'Thor. Estavam na metade do caminho para

Cairhien quando ouviram que ele estava aqui. Eu ficaria longe delas, Min. Os Gaidin

das duas disseram que elas estão de mau humor.

Kiruna tinha quatro Guardiões, e Bera, três.

Min conseguiu abrir um sorriso. Queria dar no pé da estalagem, mas isso

levantaria suspeitas até em Mahiro.

— Acho que é um bom conselho. E a minha dica?

O sujeito hesitou por mais um momento, então pousou o quebra-cabeças na mesa.

— Não vou dizer o que é nem o que não é, mas, para bom entendedor... Talvez

al'Thor esteja irritado. Talvez seja bom pensar em perguntar se outra pessoa não

pode entregar as mensagens, quem sabe um de nós. — Ele estava falando dos

Guardiões. — Talvez as irmãs tenham decidido ensinar a ele uma lição sobre

humildade. E isso, repolhinha, talvez seja um pouco mais do que eu deveria ter dito.

E então, vai pensar a respeito?

Min não sabia se a “pequena lição” era o que acontecera no Palácio ou se era algo

que ainda estava para acontecer, mas tudo se encaixava. E aquela aura...

— Também me parece um bom conselho. Mahiro, se Merana vier me procurar

para levar alguma mensagem, pode dizer que eu vou passar os próximos dias

visitando a Cidade Interna?

— Uma longa jornada. — Ele deu uma risadinha zombeteira, mas gentil. — Se

não tomar cuidado, vai acabar sequestrando um marido.

O moço orelhudo da estrebaria olhou surpreso quando Min insistiu para que ele

tirasse Rosa da cocheira e a encilhasse outra vez. Deixou o pátio do estábulo a um

passo tranquilo, mas, logo que a primeira curva fez A Coroa de Rosas sumir de vista,

enfiou os calcanhares na égua, fazendo a multidão pular para sair do caminho

quando partiu a galope direto para o Palácio, correndo o máximo que Rosa podia.

* * *

— Treze — repetiu Rand, em um tom neutro.

Foi o suficiente para Lews Therin tentar tomar outra vez o controle de *saidin*.

Rand entrou em uma luta muda contra aquela fera, que rosnava e

mostrava os

dentes. Assim que Min falou que, na verdade, havia treze Aes Sedai em Caemlyn,

Rand mal conseguiu agarrar o Poder antes de Lews Therin se lançar para cima da

Fonte. O suor escorria por seu rosto, e manchas escuras se espalhavam pelo casaco

— só conseguia se concentrar em manter *saidin* fora do alcance de Lews Therin. Um

músculo da bochecha pulsava com o esforço. A mão direita tremia.

Min parou de andar a passos rápidos de um lado para o outro, cruzando o tapete

da sala quase pulando de ansiedade.

— Não é só isso, Rand — alertou, desesperada. — É a aura. Sangue, morte, o

Poder Único, aquelas mulheres e você... tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar. —

Estava outra vez com os olhos brilhando, mas agora as lágrimas escorriam

livremente pelas bochechas. — Kiruna e Bera não gostam de você, nem um pouco!

Lembra-se daquela visão que tive sobre você? Mulheres capazes de canalizar lhe

fazendo mal. As auras, e as treze, e tudo... Rand, é coisa demais!

Min sempre dizia que suas visões todas as vezes se tornavam realidade, mas

nunca podia afirmar se isso aconteceria dali a um dia, um ano ou dez — e, se

permanecesse ali em Caemlyn, Rand achava que seria questão de dias. Mesmo que a

voz se limitasse a um rosnado em sua cabeça, sabia que Lews Therin queria atacar

Merana e as outras antes que elas tivessem qualquer chance de atacá-lo. Aliás,

aquela ideia lhe parecia tão atraente que chegava a ser desconfortável. Talvez fosse

apenas obra do acaso, algo como sua distorção de *ta'veren* se voltando contra ele,

mas não dava para negar os fatos: Merana decidira desafiá-lo no mesmíssimo dia em

que passou a haver treze Aes Sedai na cidade.

Ele se levantou e foi até o quarto, mas só para pegar a espada guardada atrás do

armário, já presa ao cinturão com fivela em forma de Dragão.

— Você vem comigo, Min — anunciou, pegando o Cetro do Dragão e indo até a

porta.

— Para onde? — indagou a jovem, secando as bochechas com um lenço.

Apesar da pergunta, Rand já estava no corredor, e ela acabou indo atrás. Jalani se

levantou com um pinote um tantinho mais ligeiro que o de Beralna, uma ruiva

magrela de olhos azuis e sorriso ferino.

Quando havia apenas Donzelas por perto, Beralna sempre o encarava como se

estivesse considerando fazer ou não o grande favor de atender a seus pedidos.

Daquela vez, Rand tratou de encará-la primeiro. O Vazio deixava sua voz fria e

distante. Lews Therin estava contido, choramingando baixinho, mas Rand não

ousava relaxar — não em Caemlyn, não *perto* de Caemlyn.

— Bernalna, vá atrás de Nandera e diga para ela me encontrar nos aposentos de

Perrin com quantas Donzelas quiser levar. — Não podia deixar Perrin para trás, e

não por conta daquela visão de Min. Quando Merana tivesse notícia de sua partida,

poderia muito bem mandar uma das Aes Sedai criar um elo com Perrin, assim como

Alanna fizera com ele. — Pode ser que eu não volte mais para cá. Se alguém vir

Perrin, Faile ou Loial, diga a eles para também me encontrarem por lá. Jalani, vá

falar com a Senhora Harfor. Avise a ela que preciso de caneta, tinta e papel. —

Tinha que escrever algumas cartas antes de partir. Sentiu que as mãos voltaram a

tremer, então acrescentou: — Bastante papel. O que estão esperando? Vão logo!

Vão!

As duas trocaram um único olhar e saíram correndo. Rand seguiu na direção

oposta, com Min quase trotando para conseguir acompanhá-lo.

— Para onde estamos indo, Rand?

— Cairhien. — Com o Vazio envolvendo-o, a resposta saiu com a frieza de uma

bofetada na cara. — Min, confie em mim. Não vou machucar você. Seria mais fácil

cortar meu braço fora do que machucar você.

A jovem ficou quieta, até que Rand enfim baixou os olhos. Min o encarava com

um semblante esquisito.

— Muito bom ouvir isso, pastorzinho. — A voz estava tão estranha quanto o

rosto. Devia ter ficado mesmo apavorada com a ideia de treze Aes Sedai atrás dele.

O que não era de se espantar, claro.

— Min, se eu tiver que enfrentar essas mulheres, prometo dar um jeito de manter

você longe do perigo.

Como um homem conseguiria enfrentar treze delas? Só de pensar naquilo, Lews

Therin explodiu outra vez, aos berros.

Para a surpresa de Rand, Min tirou as conhecidas facas das mangas com um

floreio, então guardou tudo de volta com a mesma delicadeza — devia estar

treinando.

— Você pode me puxar pela orelha daqui até Cairhien ou qualquer outro lugar,

mas acho bom você pensar duas vezes se pretende me mandar para onde for,

pastorzinho.

Rand não sabia por quê, mas tinha certeza de que não era aquilo que ela pretendia

dizer quando começou a falar. Foi apenas o que acabou saindo.

Quando chegaram aos aposentos de Perrin, Rand deu de cara com

uma multidão.

De um dos lados da sala de estar estavam Perrin e Loial, ambos sem nem terem

vestido o casaco, sentados de pernas cruzadas sobre o tapete azul enquanto fumavam

seus cachimbos com Gaul, um Cão de Pedra que Rand se lembrava de ter visto na

queda da Pedra de Tear. Faile estava sentada do outro lado do aposento, igualmente

no chão, junto de Bain e Chiad, que também tinham estado presentes na Pedra. Pela

porta aberta que dava para o aposento anexo, Rand viu Sulin trocando as roupas de

cama, jogando-as de qualquer jeito como se preferisse rasgá-las em pedacinhos.

Todos ergueram os olhos quando ele e Min entraram, e Sulin veio até a porta.

Houve uma boa dose de confusão quando Rand explicou sobre as treze Aes Sedai

e o que Min ouvira. Mas nada sobre as visões. Alguns ali sabiam, mas alguns

poderiam não saber, e ele não contaria aquilo para ninguém — não sem que Min

decidisse contar, o que não era o caso. E também não falou nada de Lews Therin,

claro. Não que tivesse medo do que poderia lhe acontecer em uma cidade com treze

Aes Sedai, mesmo que elas não fizessem nada. Aquelas mulheres que pensassem

que ele estava com medo, se quisessem — e ele próprio não podia afirmar que não

estava. Lews Therin se mantivera calado, mas Rand ainda podia senti-lo, olhos

intensos observando-o durante a noite. Raiva e medo e talvez até pânico se

arrastavam pela parede externa do Vazio feito aranhas enormes.

Perrin e Faile começaram a arrumar a bagagem na mesma hora, e Bain e Chiad

conversaram naquela linguagem de sinais antes de anunciar que iriam acompanhar

Faile, ao que Gaul anunciou que acompanharia Perrin. Rand não entendia o que

estava se passando ali, mas tinha algo a ver com Gaul não olhar para Bain ou Chiad

e as duas não olharem para ele. Loial saiu correndo, resmungando sozinho sobre

quanto Cairhien era bem mais longe de Dois Rios do que Caemlyn e sobre a fama da

mãe de conseguir andar bastante. Quando ele voltou, carregava uma trouxa mal

amarrada debaixo do braço e alforjes imensos por cima do ombro, com camisas

saindo pelos bolsos e pelas aberturas. Loial estava pronto para partir imediatamente.

Sulin também sumiu e voltou trazendo uma trouxa de vestidos vermelhos e brancos.

Com a expressão congelada naquela expressão servil incongruente, ela grunhiu

alguma coisa sobre ter recebido ordens de servir a *ele*, a *Perrin* e a *Faile*, e só um

lagarto com insolação acharia isso possível com ela em Caemlyn enquanto todos

estavam em Cairhien. Até acrescentou um “Milorde Dragão” no final, que soou mais

como um xingamento, e uma mesura. Surpreendentemente, daquela vez ela não

perdeu o equilíbrio em nenhum momento, o que pareceu deixá-la tão impressionada

quanto Rand.

Nandera chegou quase junto com a Senhora Harfor, que trazia um estojo com

várias canetas de ponta de aço, além de papel, tinta e cera de selagem suficientes

para cinquenta cartas, o que acabou por vir a calhar.

Perrin quis escrever para Dannil Lewin, mandando-o seguir viagem com os outros

homens de Dois Rios — não parecia ter a menor intenção de deixá-los para as Aes

Sedai —, e só não pediu para que levassem Bo e as outras garotas quando Rand e

Faile salientaram que, para começo de conversa, as Aes Sedai não as deixariam ir e

que, além de tudo, era pouco provável que elas quisessem acompanhá-los. Faile fora

com ele à estalagem, mais de uma vez, e até mesmo Perrin teve que admitir que as

garotas pareciam impacientes para se tornarem logo Aes Sedai.

A própria Faile tinha duas cartas rápidas para escrever, tanto para a mãe quanto

para o pai, para que eles não se preocupassem. Rand não sabia qual carta era para

quem, mas as duas pareciam ter sido escritas em tons muito diferentes. A primeira,

Faile recomeçou várias vezes para então rasgar o pergaminho, e cada palavra a

deixava de cenho franzido; a outra foi escrita às pressas, em meio a sorrisos e

risadinhas — Rand achou que devia ser a da mãe. Min escreveu para um amigo

chamado Mahiro, também hospedado com as Aes Sedai. Por algum motivo, ela fez

questão de dizer a Rand que se tratava de um homem mais velho, mesmo corando ao

mentonar a idade do sujeito. Até Loial pegou papel e caneta, depois de alguma

hesitação. Teve que usar sua própria pena, já que as canetas humanas seriam

engolidas naquelas mãos enormes. Ele selou o bilhete e o entregou à Senhora Harfor

com um pedido acanhado para que, se houvesse oportunidade, ela o entregasse

pessoalmente. O polegar do tamanho de uma salsicha gorda cobria quase todo o

nome do destinatário, escrito tanto no alfabeto humano quanto nas letras dos Ogier,

mas, com o Poder Único aguçando a visão, Rand identificou o nome de Erith. Ainda

assim, Loial não demonstrava querer esperar e entregar ele mesmo a mensagem.

Suas cartas foram tão difíceis de escrever quanto a primeira mensagem de Faile,

mas por motivos distintos. O suor que gotejava do rosto fazia a tinta se espalhar, e

sua mão tremia tanto que ele precisou recomeçar mais de uma vez depois de tanto

manchar e borrar o papel. Ainda assim, Rand sabia muito bem o que queria dizer.

Para Taim, enviou um alerta sobre as treze Aes Sedai e uma reiteração das ordens de

se manter longe das mulheres. Para Merana mandou um tipo diferente de alerta,

junto com uma espécie de convite. Era inútil que tentasse se esconder, já que Alanna

poderia encontrá-lo em qualquer lugar do mundo, mas o encontro seria em seus

termos, se ele pudesse garantir isso.

Passou um tempo encarando a Senhora Harfor quando ela lhe entregou um selo de

pedra-verde com um Dragão entalhado, mas a mulher respondeu com um olhar

neutro inabalável. Quando enfim selou as cartas, Rand se virou para Nandera.

— Já reuniu suas vinte Donzelas?

Nandera ergueu as sobrancelhas.

— Vinte? Seu recado foi para eu trazer quantas quisesse e que talvez você não

fosse voltar. Tenho quinhentas, e teria trazido mais se não tivesse decidido eu

própria estabelecer um limite.

Rand apenas assentiu. Sua cabeça estava quieta, apenas com os próprios

pensamentos, mas *sentia* Lews Therin ali, junto com ele no Vazio, aguardando feito

uma mola tensionada. Só depois de passar todos pelo portão que dava para a câmara

em Cairhien e deixar a passagem se fechar, diminuindo a percepção de Alanna para

uma vaga impressão de que ela estava em algum ponto a oeste; só então Lews

Therin pareceu se afastar. Foi como se, exaurido pela luta por controle, o homem

tivesse caído no sono. Por fim, Rand afastou *saidin*, só então reparando em quanto

estava desgastado por conta do embate. Loial teve que o carregar até seus aposentos

no Palácio do Sol.

* * *

Merana estava sentada, bem quieta, junto à janela da sala de estar, de costas para a

rua, com a carta de Rand al'Thor no colo. Já sabia o conteúdo de cor.

Começava com “Merana”. Não com “Merana Aes Sedai”, nem mesmo “Merana

Sedai”.

Merana,

Certa vez, um amigo me disse que, na maioria dos jogos de dados,

o número treze é considerado quase tão azarado quanto lançar os

Olhos do Tenebroso. Também acho que treze é um número azarado.

Estou indo para Cairhien. Pode me seguir como puder, sem levar

mais que cinco outras irmãs. Assim, estará em pé de igualdade com

as emissárias da Torre Branca. Ficarei muito descontente se você

tentar levar mais mulheres. Não me pressione mais. Me resta pouca

confiança para depositar em quem quer que seja.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido

A parte final fora escrita com tanta força que a caneta quase rasgara o papel. Em

comparação com o restante da carta, aquelas duas últimas linhas quase pareciam ter

sido escritas por outra mão.

Merana estava sentada bastante quieta. Não estava sozinha. As outras mulheres da

missão diplomática — se ainda podia ser chamada assim — haviam se acomodado

em cadeiras ao longo das paredes, em vários estados. O que mais a irritava era que

apenas Berenicia se encontrava sentada com a mesma quietude e humildade que ela,

as mãos gorduchas entrelaçadas sobre o colo, a cabeça meio baixa, os olhos sérios e

bem atentos. Não dizia uma palavra, a menos que se dirigissem a ela. Faeldrin, por

sua vez, ostentava uma postura bem orgulhosa e falava quando queria, assim como

Masuri e Rafela. Seonid estava quase como elas, sentada bem na beira da cadeira e

volta e meia abrindo um sorriso obstinado. As outras agiam mais como Valinde:

quase calmas. Todas estavam presentes, exceto Verin e Alanna, e um Gaidin fora

enviado para encontrá-las. Kiruna e Bera, paradas de pé no meio da sala, faziam

notar sua presença.

— Tenho nojo só de pensar que existe alguém capaz de enviar uma carta dessas

para uma Aes Sedai. — Kiruna não falava alto, e sua voz soava ao

mesmo tempo

serena, calma e enérgica. Mas seus olhos escuros relampejavam. —
Demira, seu

informante pode confirmar se al"Thor foi mesmo para Cairhien?

— Ele Viajou — murmurou Bera, incrédula. — E pensar que justo ele
redescobriu esse Talento...

As contas brilhantes nas tranças de Faeldrin tilintaram quando ela
assentiu.

— É impossível cogitar outra possibilidade. Talvez ele seja mais
poderoso até do

que Logain ou Mazrim Taim, sim?

— Não podemos fazer nada a respeito de Taim? — O rosto redondo de
Rafela,

sempre calmo e aprazível, estava severo, e a voz, em geral doce, soava
impassível.

— Tem pelo menos cem homens capazes de canalizar, cem! E a menos
de vinte

milhas daqui.

Kairen aquiesceu, resoluto, mas não se pronunciou.

— Eles vão ter que esperar — retrucou Kiruna, com firmeza. — Luz e
honra, não

sei quantas irmãs vamos precisar para dar conta de tantos. Al"Thor é
que importa, e

desse nós damos conta. Demira?

Demira tinha esperado as outras terminarem, claro. Baixando a cabeça
bem de

leve, respondeu:

— Só sei que ele foi embora, ao que parece levando um grande
número de Aiel, e

é bem possível que também tenha levado Perrin Aybara.

Verin, que tinha entrado sem fazer alarde logo que Demira começou a falar,

acrescentou:

— Não podemos ter dúvidas quanto ao paradeiro de Perrin. Mandeí Tomas

verificar o acampamento do pessoal de Dois Rios. Parece que enviaram dois homens

ao Palácio para apanhar os cavalos de Perrin e da esposa, e os outros já largaram os

carroções e serviçais e estão cavalgando para o leste o mais depressa possível.

Marcham com a cabeça de lobo de Perrin e a Águia Vermelha de Manetheren.

Um sorriso fraco curvou de leve os lábios de Verin, como se ela achasse aquilo

divertido. Kairen deixava bem claro que não era da mesma opinião, soltando um

murmúrio de surpresa e comprimindo os lábios logo em seguida, formando uma

linha estreita.

Merana também não achou aquilo nada engraçado, mas era um detalhe tão ínfimo

em comparação com o todo... Um cheirinho tênue de coisa estragada quando já

estavam sentadas sobre um monte de dejetos; um cachorro rosnando para alguém já

com as saias abocanhadas por lobos. E pensar que se preocupara demais com Verin,

se esforçara tanto... A verdade era que a Marrom mal conseguira botar os planos em

prática, exceto por levar Demira a sugerir aquele confronto infeliz. Tudo tinha sido

conduzido com muita habilidade, e Merana achava que ninguém que não fosse da

Ajah Cinza teria percebido. No entanto, ela própria concordara com o curso de ação:

bater de frente com al'Thor — ou pelo menos tentar — era o mínimo que poderiam

ter feito. Tinha se preocupado com Verin, então Kiruna e Bera apareceram.

Nenhuma das duas respondia à sua autoridade e ambas eram pelo menos tão fortes

quanto Masuri, Faeldrin ou Rafela.

— Isso, sim, é jogar um nabo estragado no cozido — resmungou Bera, emburrada.

Kairen e várias outras assentiram.

— Mas é um nabinho de nada — rebateu Kiruna, o tom bem seco. Quase todas

assentiram, tirando Merana e Verin. Merana apenas suspirou baixinho, e Verin ficou

examinando Kiruna com aquele olhar de pássaro, a cabeça enviesada. — Por que

Alanna está demorando? — indagou a mulher, perguntando para ninguém em

particular. — Não quero ter que me repetir.

Bem, Merana achava que talvez ela mesma tivesse começado com aquilo tudo,

abstendo-se da disputa de poder com Verin. Ainda era a líder da delegação e todas

seguiam suas ordens, inclusive Masuri, Rafela e Faeldrin, mas todas

tinham notado a

mudança de poder. E não tinha certeza se Kiruna ou Bera agora estavam no

comando — e nem fazia diferença, no que dizia respeito à posição entre as Aes

Sedai, que uma tivesse nascido na fazenda e a outra, em um palácio. Bem, sua única

certeza era de que sua missão diplomática estava desmoronando ao seu redor, o tipo

de coisa que jamais teria acontecido quando a Torre Branca era inteira, quando uma

embaixadora contava com todo o poder da Torre e do Trono de Amyrlin, pouco

importando se levava trinta anos para ascender ao xale e mal tivesse força para ter

sido aceita. Àquela altura, elas não passavam de um punhado de Aes Sedai que

adotavam para suas posições na cadeia de poder geral sem nem fazer uma pausa para

pensar.

Como se tivesse ouvido tocarem em seu nome, Alanna apareceu na sala assim que

Bera abria a boca — ela e Kiruna atacaram a recém-chegada:

— Al'Thor afirma que foi para Cairhien — começou Bera, sem rodeios.
— Você

tem algo a acrescentar?

Alanna encarou as duas com orgulho e um brilho perigoso nos olhos escuros.

Estavam falando de seu Guardião, afinal.

— Ele está em algum lugar a leste, é tudo o que eu sei. Pode ser

Cairhien.

— Se ia criar um elo sem primeiro falar com ele — começou Kiruna, o tom bem

impositivo —, por que, pela Luz mais sagrada, não usou esse elo para fazê-lo se

curvar à sua vontade? Em comparação com o que você fez antes, isso é só um tapa

no pulso.

Alanna ainda mantinha pouco controle sobre as próprias emoções. As bochechas

ficaram coradas, em parte pela raiva, a julgar pelo lampejo em seus olhos, e, com

toda a certeza, em parte pela vergonha.

— Ninguém falou para vocês? — indagou a Verde, alegre demais. — Bem,

imagino que ninguém queira pensar no assunto, mesmo. Eu, com certeza, não quero.

— Faeldrin e Seonid encaravam o chão, e não eram as únicas. — Tentei compelir

al'Thor logo que estabeleci o elo — explicou, como se não tivesse notado o

constrangimento no ambiente. — Já tentou arrancar um carvalho do chão só com as

mãos, Kiruna? Foi igualzinho.

Kiruna foi arregalando os olhos e soltando um suspiro lento. Bera murmurou:

— Isso é impossível. Impossível.

Alanna jogou a cabeça para trás e gargalhou. As mãos na cintura deram um ar de

desdém à risada, fazendo Bera comprimir os lábios e deixando os

olhos de Kiruna

com um brilho frio. Verin as encarava, e Merana achou, com certo desconforto, que

parecia o olhar de um pintarroxo observando minhocas. Verin sempre parecia deferir

sem deferir, embora Merana não conseguisse entender como.

— Ninguém nunca criou um elo com um homem capaz de canalizar — afirmou

Alanna, quando parou de rir. — Pode ser que seja isso.

— Bem, seja como for — rebateu Bera, com a voz e o olhar muito firmes. — Seja

como for. Você ainda consegue localizá-lo.

— Isso mesmo — concordou Kiruna. — Você virá conosco, Alanna.

A Verde piscou, como se recobrasse a consciência. Então baixou um tanto a

cabeça, aquiescendo.

Merana decidiu que aquela era a hora. Se quisesse manter a delegação unida,

aquela era sua última chance. Ela se levantou, dobrando a carta de al"Thor para

ocupar as mãos.

— Quando eu trouxe esta missão diplomática até Caemlyn — começou,

lembrando a todas que era a líder. Graças à Luz, conseguiu falar com uma voz

estável —, recebi ordens muito flexíveis, ainda que o objetivo da missão parecesse

óbvio. Então nós — escolheu o pronome para lembrá-las de que todas compunham a

delegação — nos dedicamos à questão com uma expectativa justa de sucesso.

Al'Thor deveria ser incitado a sair de Caemlyn para trazermos Elayne de volta e vê-

la coroada, deixando Andor a nosso lado. Aos pouquinhos, al'Thor se convenceria

de que éramos dignas de confiança, pois não lhe faríamos mal. E ele também seria

levado a nos demonstrar o devido respeito. Duas ou três, escolhidas com todo o

cuidado, assumiriam o lugar de Moiraine, aconselhando-o e guiando-o. Alanna

inclusive, claro.

— Como você sabe se não foi ele quem matou Moiraine — interrompeu Bera —,

já que dizem que ele matou Morgase?

— Temos ouvido boatos de todo tipo a respeito da morte dela — acrescentou

Kiruna. — Alguns até dizem que ela morreu lutando contra Lanfear. A maioria, no

entanto, afirma que ela estava sozinha com al'Thor quando morreu.

Merana precisou se esforçar um pouco para não responder. Se permitisse uma só

palavra a seus instintos tão enraizados, eles acabariam assumindo o controle de todas

elas.

— Isso tudo estava sendo tratado quando vocês duas chegaram — continuou. —

Sei que só nos encontraram aqui por acaso, e apenas obedecendo às instruções que

receberam de encontrá-lo, mas vocês elevaram o número de Aes Sedai a treze. Que

homem da estirpe de al'Thor não fugiria o mais rápido possível ao ouvir que há treze

Aes Sedai reunidas? Bem, o fato, puro e simples, é que qualquer prejuízo causado

aos nossos planos deve ser atribuído a você, Kiruna, e a você, Bera. — Depois

daquilo, só lhe restava esperar. Se tivesse conseguido elevar um pouco a própria

moral...

— Você já acabou? — perguntou Bera, fria.

Kiruna foi ainda mais direta. Apenas se virou para as outras e falou:

— Faeldrin, você pode vir conosco para Cairhien, se quiser. E vocês também,

Masuri e Rafela.

Merana estremeceu, amassando a carta dobrada no punho.

— Vocês não entendem? — berrou. — Vocês falam como se pudéssemos

continuar como antes, como se nada tivesse mudado. Tem uma missão diplomática

de Elaida em Cairhien, uma missão da Torre Branca. É isso que al'Thor deve estar

pensando. Precisamos mais dele do que ele precisa de nós, e meu medo é que ele

saiba disso!

Por um momento, todos os rostos pareceram chocados — todos, menos o de

Verin, que só assentiu, pensativa, abrindo um sorrisinho dissimulado. Por um

momento, todos os outros rostos eram só olhos esbugalhados, estupefatos. Aquelas

palavras pareciam reverberar no ar. *Precisamos mais dele do que ele precisa de nós.*

Não precisavam dos Três Juramentos para saber que era verdade.

Então Bera disse, com toda a firmeza:

— Sente-se, Merana, e se acalme.

Sem nem reparar que obedecia, Merana já estava sentada. Ainda trêmula, ainda

querendo gritar, mas sentada, apertando a missiva de al'Thor com toda a força.

Kiruna se virou de costas deliberadamente.

— Seonid, você vem, claro. Dois Gaidin a mais são sempre úteis. E Verin, eu

acho. — Verin assentiu, como se aquilo fosse um pedido. — Demira — prosseguiu

Kiruna —, sei que você tem certa prioridade nas queixas sobre o garoto, mas não

queremos deixar al'Thor em pânico outra vez, e alguém precisa levar aquela coleção

extraordinária de garotas de Dois Rios até Salidar. Você, Valinde, junto com Kairen

e Berenicia, vão auxiliar Merana nisso.

As outras quatro murmuraram, acatando as ordens sem a menor hesitação. Merana

sentiu um calafrio. A delegação não estava desmoronando, estava virando pó.

— Eu... — Ela parou de falar quando os olhares de Bera e de Kiruna se voltaram

para ela. E também os de Masuri, Faeldrin e Rafela. Virado pó,

levando junto toda a

sua autoridade. — Vocês com certeza conseguiriam encontrar serventia para uma

Cinza — ponderou, em um fio de voz. — Com certeza haverá negociações, e... —

As palavras continuavam a traí-la. Isso *nunca* teria acontecido quando a Torre ainda

estava inteira.

— Muito bem — cedeu Bera, por fim, em um tom que fez com que Merana

usasse todo o seu autocontrole para evitar que as bochechas ficassem vermelhas de

vergonha.

— Demira, você leva as garotas para Salidar — ordenou Kiruna.

Sentada, Merana nem se mexia. Rezava para que, àquela altura, o Salão já tivesse

escolhido uma Amyrlin. Alguém muito forte no Poder e no coração. Precisariam de



uma nova Deane ou outra Rashima, para voltar a fazer delas o que já tinham sido.

Rezava para que Alanna as conduzisse a al'Thor antes que ele decidisse aceitar a

missão de Elaida. Do contrário, nem mesmo uma nova Rashima as salvaria.



CAPÍTULO 50

ESPINHOS

Rand passou o restante do dia em seus aposentos no Palácio do Sol, deitado naquela

cama imensa com quatro pilares quadrados de madeira negra polidos e lustrosos

mais grossos que sua perna e pés de marfim marchetado. Como se escolhida para

contrastar com todo o ouro da antessala e sala de estar, a mobília do quarto era toda

de madeira negra e marfim, mas tão cheia de linhas retas quanto qualquer decoração

do palácio.

Sulin entrava e saía, afofando as plumas dos travesseiros e ajeitando o lençol de

linho por cima dele, resmungando que era mais saudável dormir no chão, trazendo

chá de menta que ele não pedira e ponche que ele não queria, até que Rand a

mandou parar.

— Como milorde Dragão ordenar — rosnou a mulher, com um sorriso doce. Fez

sua segunda medida perfeita, mas saiu pisando duro e com tanta determinação que

parecia que nem se daria ao trabalho de abrir a porta, atravessando-a direto.

Min também ficou ali com Rand, sentada no colchão, segurando a mão dele com

cara de preocupação. Rand até começou a suspeitar de que Min achava que ele

estava morrendo. Por fim, também a botou para fora, ao menos por tempo suficiente

para vestir um robe de seda cinza que sempre ficava naquele guarda-roupas. E

encontrou outra coisa, bem no fundo do armário: um estojo de madeira estreito e liso

com uma flauta, presente de Thom Merrilin em uma época que parecia de outra vida.

Sentou-se junto de uma das janelas compridas e estreitas e tentou tocar. Depois de

tanto tempo, no começo só saíram guinchos e sopros silenciosos do que qualquer

coisa. E foram os barulhos estranhos que trouxeram Min de volta.

— Toque para mim — pediu ela, com uma risada satisfeita. Satisfeita ou surpresa,

não dava para saber.

Claro que ela se sentou no colo de Rand enquanto ele tentava, com pouco sucesso,

produzir qualquer coisa que lembrasse uma nota musical reconhecível. E foi

exatamente assim que as Sábias surpreenderam os dois. Amys, Bair, Sorilea e mais

quase dez daquelas Aiel de xales entraram, e Min se levantou bem rápido, sem jeito,

com as bochechas vermelhas e ajeitando o casaco de um jeito que parecia que os

dois estavam lutando.

Bair e Sorilea pararam ao lado de Rand antes que ele pudesse sequer dizer uma

palavra.

— Olhe para a esquerda — ordenou Sorilea, erguendo sua pálpebra com o polegar

e enfiando aquela cara enrugada diante da dele. — Olhe para a direita.

— Seu pulso está rápido demais — murmurou Bair, com os dedos ossudos

pressionando a lateral do pescoço de Rand com firmeza.

Ao que parecia, Nandera mandara uma Donzela atrás das Sábias assim que os

joelhos dele falharam. E Sorilea selecionara aquela horda dentre o pequeno exército

de Sábias que tinham se voluntariado para ir ao palácio. E, ao que tudo indicava,

com ou sem Sorilea para contê-las, todas queriam sua vez com o *Car'a'carn*. Depois

que ela e Bair terminaram, vieram Amys e Colinda, uma mulher esguia com olhos

cinza penetrantes que ainda não parecia ter chegado à meia-idade, mas com uma

presença quase tão forte quanto Sorilea — coisa que Amys também tinha, claro, bem

como tantas outras. Rand era cutucado, aguilhoado, encarado e chamado de teimoso

quando se recusava a ficar pulando. Elas pareciam ter certeza de que ele obedeceria.

Min não foi ignorada enquanto as Sábias se revezavam para ficar com ele: as que

ficavam de fora a rodeavam e a enchiam de perguntas, todas sobre suas visões.

Aquilo a deixou de olhos arregalados, para dizer o mínimo, olhando das Sábias para

Rand como se perguntasse se estavam todos lendo seus pensamentos. Amys e Bair

explicaram como sabiam — Melaine não conseguira fazer segredo da notícia sobre

as filhas —, e os olhos de Min quase saltaram das órbitas, de tão arregalados. Até

Sorilea parecia concordar com Melaine que a habilidade de Min a deixava quase em

pé de igualdade com as Sábias. Ainda assim, as Sábias já estavam tão acostumadas a

fazer as coisas à sua própria maneira e ter tudo como queriam — igualzinho às Aes

Sedai — que obrigaram Min a repetir tudo para cada uma delas — e ocasionalmente

repetir mais de uma vez, já que estavam tão ocupadas se preocupando com Rand que

às vezes perdiam uma ou outra palavra, e queriam se certificar de que compreendiam

tudo.

Sorilea e as outras enfim concluíram, ainda que muito relutantes, que Rand só

precisava descansar um pouco. Depois que foram embora, deixando a ordem de que

ele fosse repousar de uma vez, Min voltou para o seu colo.

— Elas conversam nos *sonhos*? — perguntou, balançando a cabeça. — Não

parece possível, parece coisa das lendas. — Estava com o cenho franzido. —

Quantos anos você acha que Sorilea tem? E aquela Colinda. Eu vi... não. Não, não

tem nada a ver com você. Talvez seja o calor me afetando. Quando eu sei, eu *sempre*

sei. Deve ser o calor. — Um brilho malicioso surgiu nos olhos dela, e Min foi se

aproximando mais, bem devagar, fazendo um biquinho como se fosse beijá-lo. — Se

deixar eles assim — murmurou, quando sua boca já quase tocava a dele —, pode ser

que ajude. O último pedaço que você tocou até lembrava um pouco “O Galo na

Gomeira”.

Ele levou um instante para entender a piada, com aqueles olhos preenchendo seu

campo de visão. Quando finalmente compreendeu o que estava se passando, deve ter

feito uma cara muito engraçada. Min desabou, gargalhando com a cabeça apoiada

em seu peito.

Pouco depois chegou um bilhete de Coiren inquirindo sobre sua saúde, fazendo

votos de que não estivesse doente e perguntando se ela poderia visitá-lo com duas de

suas irmãs — estava oferecendo Cura, caso ele desejasse. Lews Therin se remexeu

enquanto Rand lia, como se acordasse de seu sono, mas o murmúrio vago e ranzinza

não chegava nem perto da ira de Caemlyn, e ele voltou a dormir assim que Rand

deixou a carta de lado.

Era um forte contraste em relação ao comportamento de Merana, assim como um

lembrete de que nada acontecia no Palácio do Sol que Coiren não ficasse sabendo

antes do pôr do sol do mesmo dia, senão mais cedo. Respondeu com um

agradecimento e uma recusa educada. Fora da cama ou não, ainda se sentia cansado.

Queria estar em perfeito juízo quando desse de cara com alguma Aes Sedai. Aquilo

era apenas parte do motivo para responder.

No mesmo bilhete, Rand também pediu que Gawyn o visitasse. Só encontrara o

irmão de Elayne uma vez, mas gostava do rapaz. No entanto, Gawyn não foi vê-lo

nem respondeu à carta. Com pesar, Rand concluiu que o rapaz acreditava nos boatos

que circulavam sobre como se dera a morte de sua mãe. Não era bem o tipo de coisa

que ele poderia pedir que a pessoa parasse de acreditar. Ficava com o

humor tão

azedo toda vez que pensava naquilo que Min pareceu desistir de tentar animá-lo.

Nem Perrin nem Loial conseguiam ficar por perto de Rand quando ele se encontrava

naquele estado de espírito.

Três dias depois, veio outra solicitação de Coiren, ainda no mesmo tom cortês, e

uma terceira após mais três dias, mas Rand inventou desculpas educadas para todas

essas. Em parte por causa de Alanna — a sensação ainda era vaga e distante, mas ela

se aproximava mais a cada dia. Aquilo não era surpresa: Rand tinha certeza de que

Merana escolheria Alanna como uma das seis que a acompanhariam. Não tinha a

menor intenção de deixar que a Verde chegasse a menos de uma milha dele, pelo

menos não se pudesse vê-la, mas tinha dito que as deixaria em pé de igualdade com

Coiren, e era isso que pretendia fazer, de forma que Coiren teria que esperar mais

um pouco, e com paciência. Além do mais, estava mesmo ocupado.

Foi fazer uma rápida visita à escola, no antigo palácio de Barathanes, mas acabou

se demorando bastante. Idrien Tarsin o aguardava outra vez diante da porta para

mostrar diversas invenções e descobertas, quase todas incompreensíveis, além das

lojas onde agora se fabricavam arados, ancinhos e segadoras de modelos variados

para a venda. O problema, no entanto, era Herid Fel. Ou talvez Min. Fel devaneou

como de costume, e o homem se esqueceu de que Min estava lá — esqueceu várias

vezes. Quando Rand finalmente conseguia fazer Fel falar mais que duas frases sobre

um assunto específico, o sujeito reparava na presença dela, levava um baita susto e

perdia o fio da meada mais uma vez. Ele ficava se desculpando pelo cachimbo meio

fumado que nunca se lembrava de acender, removendo cinzas de cima do barrigão

opulento e alisando os finos cabelos grisalhos. Min parecia gostar, embora Rand não

entendesse por que alguém apreciaria um sujeito que se esquecia de sua presença.

Ela até beijou o cocuruto de Fel ao se levantar para ir embora com Rand, o que

deixou o sujeito absolutamente chocado. Não foi de muita ajuda para saber o que Fel

descobrira sobre os Selos na prisão do Tenebroso ou a Última Batalha.

No dia seguinte, Rand recebeu um bilhete escrito em um pedaço de pergaminho

rasgado.

Crença e ordem fornecem força. É preciso limpar o cascalho antes de começar a construir. Explicarei da próxima vez que nos virmos.

Não traga a garota. Bonita demais.

Fel

Era um garrancho escrito às pressas, a assinatura espremida quase no ponto em

que o papel fora rasgado, e nada daquilo fazia o menor sentido para Rand. Quando

tentou ir outra vez falar com Fel, descobriu que o homem dissera a Idrien que se

sentia jovem outra vez e fora pescar. No meio de uma seca. Rand se perguntou se o

velho enfim teria perdido o juízo. Min achou o bilhete engraçado e perguntou se

podia guardá-lo, e Rand a viu relendo-o diversas vezes, sempre rindo.

Tendo Fel perdido o juízo ou não, Rand decidiu que não levaria Min na próxima

vez — bem, a verdade era que estava cada vez mais difícil mantê-la por perto

quando queria que ela estivesse ali. A mulher parecia passar mais tempo com as

Sábias do que com ele. Não entendia por que isso o irritava tanto, mas percebeu que

tendia a ser rude com os outros quando Min estava nas tendas. Era bom que a

mulher não passasse tempo demais com ele. As pessoas logo perceberiam, então

falariam e pensariam coisas inapropriadas. Em Cairhien, onde os serviços jogavam

sua própria versão do Jogo das Casas, podia ser perigoso ter gente achando que Min

era importante. Era bom ela ficar longe. Rand tentava não ser rude.

Claro que precisava de Min por perto para saber as auras dos nobres que

começavam a visitá-lo, um de cada vez, sempre perguntando sobre sua saúde — a

fraqueza nos joelhos decerto tinha provocado rumores —, e sempre

sorrindo e

inquirindo por quanto tempo ele pretendia ficar em Cairhien e quais eram seus

planos, se ele não se incomodava se perguntassem. E sorrindo cada vez mais, sempre

sorrindo. O único que não abria um sorriso tão intenso era Dobraine, ainda com a

frente da cabeça raspada à moda dos soldados e as listras do casaco puídas pela placa

peitoral que nunca usava no palácio. E Dobraine fez aquelas mesmíssimas perguntas

em um tom tão lúgubre que Rand ficou quase tão feliz quando ele saiu quanto ficava

ao se ver livre dos demais nobres.

Min sempre dava um jeito de comparecer a essas audiências, espremendo-as no

meio daquelas visitas misteriosas às Sábias — Rand não iria perguntar o que se

passava entre elas. O problema era escondê-la dos nobres.

— Posso fingir ser sua concubina — sugeriu Min, rindo. — Posso me enroscar em

seu pescoço e dar uvas na sua boca. Quer dizer, passas... faz tempo que não vejo

uma uva. E você pode me chamar de lábios de mel. Daí ninguém questionaria o

motivo da minha presença.

— Não — retrucou ele, mais que depressa, e Min pareceu bem séria.

— Acha mesmo que os Abandonados viriam atrás de mim só por isso?

— Pode ser — respondeu ele, no mesmo tom sério. — Um Amigo das Trevas

como Padan Fain viria, se ele ainda estiver vivo. Eu não arriscaria, Min. De todo

modo, não permitirei que esses cairhienos imundos fiquem pensando essas coisas de

você. E nem os tairenos.

Os Aiel eram outra história. Eles achariam a brincadeira muito engraçada, muito

divertida.

Min era mesmo volúvel. Passou de séria a radiante sem meio-termo e ficou toda

sorrisos. Ao menos até as audiências começarem.

Fracassaram com o biombo de madeira ornamentada com douraduras montado no

canto da antessala. Os olhos escuros e cintilantes de Maringil evitavam tanto aquele

ponto do aposento que Rand sabia que o homem reviraria o Palácio do Sol de cima a

baixo para descobrir quem ou o que estava escondido ali. Tiveram mais sucesso com

as reuniões na sala de estar, com Min espiando pelas frestas das portas para a

antessala, mas nem todos os nobres exibiam imagens ou auras durante as audiências,

e o pouco que ela via quando circulavam pelos corredores não levava a nada.

Maringil, de cabelos brancos, magro feito uma lâmina e frio como gelo, morreria

envenenado. Colavaere, que mantivera o rosto mais que belo muito calmo e contido

depois de descobrir que Aviendha não estava ali, morreria enforcada. Meilan, com a

barba pontuda e voz melíflua, morreria com uma facada. O futuro trazia uma conta

pesada para os Grão-Lordes de Tear. Segundo Min, Aracome, Maraconn e Gueyam

também enfrentariam mortes sangrentas, talvez em batalhas. Ela comentou que

nunca vira tantas mortes em um só grupo de pessoas.

Assim que viu sangue cobrindo o largo rosto de Gueyam, no quinto dia em que

estavam em Cairhien, ela se sentiu tão mal que Rand a obrigou a se deitar e mandou

que Sulin trouxesse panos úmidos para molhar sua testa. Foi ele quem ficou sentado

segurando a mão dela dessa vez. Min apertava sua mão de volta com bastante força.

Mas mesmo assim ela não parou com as provocações. Ele sempre podia contar

com sua presença quando praticava com a espada, treinando as formas com quatro

ou cinco dos melhores soldados tairenos e cairhienos, e quando ele e Rhuarc ou Gaul

se engalfinhavam tentando acertar a cabeça um do outro. Ela sempre passava o dedo

pelo peito nu de Rand e fazia alguma piada sobre pastores não suarem muito por

conta do costume de vestir a lã grossa das ovelhas, ou coisa do tipo. Min às vezes

tocava a cicatriz na lateral de seu corpo, aquela ferida que nunca cicatrizara direito, o

círculo de pele rosada. Mas era um toque diferente, mais suave, e ela nunca fazia

piadas sobre o ferimento. Então ela beliscava seu traseiro, o que o deixava no

mínimo espantado quando havia gente por perto. As Donzelas e Sábias quase

rolavam de tanto rir sempre que ele dava um pulo, e Sulin parecia que ia explodir

tentando conter o riso. E Min também se aninhava em seu colo e o beijava sempre

que podia, e até ameaçou ir esfregar suas costas no banho, alguma noite. Quando

Rand fingiu chorar e gaguejar, Min riu e disse que não era bom o bastante.

Ela sempre parava quando alguma Donzela enfiava a cabeça para anunciar uma

visita, sobretudo Loial — o Ogier nunca ficava muito e passava o tempo todo

falando da Biblioteca Real —, ou Perrin, que passava ainda menos tempo e parecia

cada vez mais cansado. Min pulava para longe ainda mais depressa se Faile estivesse

com algum dos dois. Nas duas vezes em que isso aconteceu, a jovem logo escolheu

um livro entre os que Rand guardava no dormitório e se sentou, fingindo ler, abrindo

o livro em algum ponto no meio, como se já tivesse se dedicado a ele por algum

tempo. Rand não entendia os olhares frios que as duas trocavam. Não pareciam

haver bem uma animosidade ou inimizade entre elas, mas Rand suspeitava de que,

se qualquer das duas fizesse uma lista das pessoas com as quais preferia não se

encontrar, o nome da outra estaria logo no início.

O mais engraçado foi que, na segunda vez, ela escolheu o primeiro volume,

encadernado em couro, dos *Ensaio sobre a Razão*, de Daria Gahand — livro que

Rand considerara de difícil compreensão e que pretendia enviar de volta à Biblioteca

da vez seguinte que Loial aparecesse. Min de fato prosseguiu com a leitura por um

tempo depois que Faile foi embora e, apesar das carrancas e dos resmungos, levou o

livro para os próprios aposentos na ala de hóspedes, naquela noite.

Reinava um frio desinteresse entre Min e Faile, mas entre Min e Berelain os

sentimentos beiravam a hostilidade. Quando Somara anunciou a chegada da

Primeira de Mayene, na tarde do segundo dia, Rand vestiu o casaco e foi para a

antessala a passos firmes, ocupando a cadeira comprida e dourada sobre o palanque

antes de mandar Somara trazê-la. Min demorou para chegar ao salão. Quando

Berelain entrou, deslumbrante como sempre em um vestido azul muito decotado, e

deitou os olhos em Min, de casaco rosa-claro e calças... Por longos instantes, foi

como se Rand não existisse. Berelain avaliou Min de cima a baixo, sem disfarçar, e

Min pareceu se esquecer de que ainda estava no quarto de Rand. Ela pôs as mãos na

cintura e permaneceu ali, com um joelho dobrado, analisando Berelain com a mesma

franqueza. As duas trocaram sorrisos — Rand chegou a sentir os pelos da nuca se

erizando com aquela cena; só conseguia pensar em duas gatas que acabavam de

descobrir terem sido trancadas no mesmo quartinho. Parecendo decidir que não

havia sentido em se esconder, Min foi andando — ou, melhor dizendo, foi

rebolando; conseguiu fazer o caminhar de Berelain parecer o de um menino! — e se

sentou, cruzando as pernas, ainda sorrindo. Luz, como aquelas mulheres sorriam.

Berelain enfim virou-se para Rand, abrindo bem as saias e inclinando-se em uma

medida profunda. Ele ouviu Lews Therin em sua cabeça, apreciando a visão daquela

mulher belíssima e mais do que generosa em exibir seus atributos. Rand também

apreciou o que viu, apesar de se perguntar se deveria desviar o olhar pelo menos até

que Berelain se levantasse outra vez, mas havia um motivo para ter optado pelo

palanque. Ele tentou soar sensato e firme.

— Rhuarc deixou escapar que você vem negligenciando suas obrigações,

Berelain. Parece que você andou se escondendo nos seus aposentos durante dias,

depois da minha última visita. Soube que ele teve que ralar com você para que

saiísse de lá. — Rhuarc não tinha dito exatamente isso, mas dera essa impressão. As

bochechas dela coraram, sugerindo que Rand acertara. — Você sabe que está no

comando, não ele. Deve escutar os conselhos de Rhuarc, não deixar tudo a cargo

dele. Não preciso de uma rebelião dos cairhienos por pensarem que você colocou um

Aiel para governá-los.

— Eu estava... preocupada, milorde Dragão. — Apesar da hesitação e do rosto

corado, a voz dela saiu serena. — Desde a chegada das Aes Sedai, os

rumores vêm

crescendo feito ervas daninhas. Se me permite a pergunta, quem é que o senhor

pretende colocar no governo deste lugar?

— Elayne Trakand, a Filha-herdeira de Andor. Agora Rainha de Andor. — Ao

menos seria, em breve. — Não sei de que rumores você está falando, mas preocupe-

se em deixar Cairhien nos eixos, eu me preocupo com as Aes Sedai. Elayne ficará

grata pelo que está fazendo aqui.

Por algum motivo, Min fungou com desdém.

— É uma boa escolha — comentou Berelain, pensativa. — Eu acho que os

cairhienos vão aceitá-la, talvez até os rebeldes das colinas. — Era bom ouvir aquilo.

Berelain era boa em avaliar correntes políticas, talvez tanto quanto qualquer

cairhieno. Ela respirou fundo, fazendo pausar a voz de Lews Therin. — Quanto às

Aes Sedai... os boatos dizem que elas vieram para escoltá-lo até a Torre Branca.

— E *eu* já disse para deixar as Aes Sedai comigo.

Não que desconfiasse de Berelain. Confiava nela para governar Cairhien até que

Elayne assumisse o Trono do Sol, e até confiava que ela própria não almejasse o

trono. Mas também sabia que, quanto menos gente soubesse que ele tinha qualquer

plano em relação às Aes Sedai, menor a chance de Coiren descobrir

que ele visava

algo além de seu ouro e suas joias.

Min fungou outra vez assim que as portas se fecharam atrás de Berelain. Na

verdade, foi mais uma bufada.

— Não sei por que ela se dá ao trabalho de usar roupas. Bem, cedo ou tarde ainda

vai aprender uma lição. Não vi nada de útil a você, só que um homem de branco vai

deixá-la de quatro. Ah, certas mulheres não têm vergonha!

Naquela mesma manhã, Min pediu algumas moedas para contratar costureiras,

posto que chegara a Caemlyn apenas com a roupa do corpo. As mulheres

começaram a produzir casacos, calças e blusas de seda e brocados de todas as cores.

Algumas blusas pareciam ter decotes mais reveladores, mesmo por baixo dos

casacos, e Rand não fazia ideia de como a mulher conseguia entrar em algumas das

calças. Min também praticava arremesso de facas todos os dias de manhã, e ele até

viu Nandera e Enaila ensinando a ela a lutar com as mãos e os pés, uma forma de

luta bem diferente da masculina. As Donzelas não gostaram de tê-lo como plateia e

se recusaram a continuar até que ele saísse. Talvez Perrin tivesse entendido alguma

coisa, mas Rand concluiu, pela milésima vez, que não compreendia as mulheres e

jamais compreenderia.

Rhuarc ia vê-lo todos os dias, ou então Rand ia ao gabinete que o Aiel dividia

com Berelain. Ficava satisfeito em vê-la trabalhando arduamente, debruçada sobre

relatórios de carregamentos de grãos, reassentamentos de refugiados e reparos aos

danos causados pelo que alguns cairhienos já chamavam de Segunda Guerra dos

Aiel, apesar de todos os esforços para denominá-la Guerra dos Shaido. Rhuarc

alegava ter decidido ignorar o que chamava de brincadeiras cairhienas em relação ao

ji'e'toh, embora ainda resmungasse sempre que via uma cairhiena com uma espada

ou jovens rapazes e moças vestidos de branco. Os rebeldes ainda pareciam esperar

nas colinas, cada vez em maior número, mas isso também não o preocupava. Estava

apreensivo era com os Shaido e com quantas lanças ainda rumavam para o sul a cada

dia, em direção a Tear. Os batedores que voltavam relatavam que os Shaido na

Adaga do Fratricida pareciam inquietos. Não havia indício da direção para onde o

grupo pretendia seguir, e nem quando. Rhuarc até mencionou os Aiel que ainda se

entregavam à Desolação e abriam mão da lança, ou se recusavam a parar de usar o

branco dos *gai'shain* mesmo depois de terminado o tempo da obrigação, e se referiu

também aos poucos que ainda rumavam para o norte, a fim de se juntar aos Shaido.

Era uma medida da inquietação que sentia. Rand descobriu, para sua surpresa, que

Sevanna fora às tendas e até visitara a cidade, mas que tinha ido embora no dia

seguinte à chegada de Rand. Rhuarc só mencionou aquilo de passagem.

— Não seria melhor ter prendido a mulher? — perguntou Rand. — Rhuarc, sei

que ela se apresenta como Sábia, mas, pelo que entendi do processo, isso não pode

ser verdade. Eu não me surpreenderia se os Shaido passassem a ter sensatez, sem ela.

— Duvido — respondeu Rhuarc, em um tom seco. Estava sentado em uma

almofada, encostado na parede do gabinete, fumando seu cachimbo. — Amys e as

outras ainda se entreolham pelas costas de Sevanna, mas a acolhem como Sábias. Se

as Sábias dizem que Sevanna é uma delas, então ela é. Já vi chefes a quem não daria

uma bolsa d'água, mesmo que estivesse entre dez lagos, mas eles mesmo assim eram

chefes.

Suspirando, Rand analisou o mapa aberto sobre a mesa. Rhuarc de fato não

parecia precisar dele; mesmo sem olhar, sabia dizer qualquer característica do

terreno retratado. Berelain permanecia sentada na poltrona de espaldar alto, do lado

oposto da mesa, os pés enroscados sob o corpo e uma pilha de papéis no colo.

Segurava uma pena na mão, e um frasco de tinta jazia sobre a mesinha ao lado da

poltrona. Ela de vez em quando olhava em sua direção, mas baixava a cabeça de

volta para os informes sempre que via Rhuarc olhando. E este, por alguma razão,

fechava a cara sempre que olhava para ela, que, por sua vez, corava e cerrava os

dentes, demonstrando teimosia. Rhuarc às vezes exibia um olhar de desaprovação, o

que não fazia o menor sentido, já que Berelain voltara a cuidar de suas obrigações.

— Você vai ter que parar de mandar lanças para o sul — declarou Rand, por fim.

Não gostava nada daquilo. Era de suma importância que Sammael visse o maior

martelo do mundo avançando para cima dele, mas não ao custo de ter que arrancar

os Shaido de Cairhien outra vez. — Não vejo outra saída.

Os dias passaram e Rand continuou ocupado. Teve que receber lordes e ladies que

trocavam tantos sorrisos e cordialidades que só podiam estar tramando uns contra os

outros por baixo dos panos. As Sábias vinham aconselhá-lo sobre como lidar com as

Aes Sedai, fossem as da Torre ou as de Salidar. As sugestões de Amys e Bair faziam

Melaine parecer meiga, e Sorilea fazia seu sangue gelar. Jovens cairhienos se

rebelavam nas ruas contra a proibição dos duelos que Rhuarc estabelecera, e o Aiel

respondia dando um gostinho do que de fato era se tornar *gai'shain*: botava os

rebeldes para passarem o dia sentados, nus, debaixo de sol, muito bem vigiados.

Aquilo saciou um pouco o furor, mas o Aiel não iria tão longe contra os próprios

costumes, colocando aguacentos vestidos de branco, visto que os capturados pelos

Escudos Vermelhos começaram a se vangloriar da situação. Rand entreouviu

Selände dizer a outra jovem, também portando espada e com os cabelos cortados

bem curtos, em um tom bastante presunçoso, que a mulher só compreenderia o

ji'e'toh quando fosse capturada pelos Aiel. Alegava que era uma experiência

edificante, fosse lá o que estivesse querendo dizer com aquilo.

Porém, apesar dos Shaído, dos nobres, das Sábias e dos protestos, apesar da

dúvida se Fel algum dia voltaria daquela pescaria, os dias foram... agradáveis.

Revigorantes, até. Talvez fosse só porque ele chegara tão cansado na cidade. E

talvez de fato fosse só em comparação com aquelas últimas horas em Caemlyn, mas

Lews Therin parecia mesmo mais quieto. Rand até se pegou apreciando as

brincadeirinhas de Min, e uma ou duas vezes teve que lembrar a si mesmo de que

tudo não passava de uma provocação. Por volta do décimo dia em Cairhien,

começou a pensar que não seria um jeito tão ruim de passar o resto da vida. Claro

que aquilo não poderia durar.

* * *

Para Perrin aqueles dez dias não foram nada agradáveis. Ele tratou de buscar a

companhia de Loial, mas o Ogier encontrara seu paraíso na Biblioteca Real, onde

passava a maior parte dos dias. Perrin gostava de ler, e talvez tivesse apreciado

aquelas salas imensas cheias de livros até os tetos abobadados altíssimos, mas

sempre havia uma Aes Sedai rondando aquelas salas — uma mulher magra e de

cabelos negros que nunca piscava. Ela não parecia notar sua presença, mas Perrin

não confiava muito naquelas mulheres, mesmo antes dos eventos em Caemlyn. Sem

a possibilidade da companhia de Loial, Perrin saía bastante para caçar com Gaul, e

algumas vezes com Rhuarc, que conhecera na Pedra. O problema de Perrin era Faile.

Ou talvez fosse Berelain. Ou ambas. Se Rand não estivesse tão ocupado, Perrin teria

ido se aconselhar com ele. Rand em geral entendia bem de mulheres, mas tinha

coisas que homem nenhum simplesmente saía falando por aí.

Começou logo no primeiro dia, e só estivera em Cairhien por tempo suficiente

para ser conduzido a seus aposentos do Palácio do Sol. Faile tinha saído com Bain e

Chiad para explorar, e Perrin estava se lavando, sem camisa, quando sentiu um

perfume no ar. Não era um cheiro forte, mas seu olfato era apurado. Uma voz cálida

atrás dele comentou:

— Sempre imaginei que você tivesse costas lindas, Perrin.

Ele se virou tão depressa que quase bateu no lavatório.

— Ouvi dizer que você veio com... uma esposa? — Berelain estava parada diante

da porta da sala de estar, sorrindo.

Sim, tinha mesmo. Uma esposa que não ficaria nada satisfeita em encontrá-lo

sozinho e sem camisa com qualquer pessoa que usasse vestido, sobretudo a Primeira

de Mayene. Enfiando uma camisa de qualquer jeito, tratou de dizer a Berelain que

Faile tinha saído e que ele não sabia quando ela estaria de volta para receber visitas,

então escoltou-a até o corredor o mais rápido que pôde sem tocá-la nem a jogar para

fora. Achou que aquilo encerraria a questão. Berelain foi embora, e ele tinha

conseguido chamar Faile de esposa em todas as seis frases que dissera, reforçando,

por duas vezes, quanto a amava. Berelain sabia que ele era casado e sabia que ele

amava a esposa. Aquilo não se repetiria.

Quando Faile voltou, algum tempo depois, deu dois passos para dentro

do quarto

e começou a exalar odores de ciúmes e raiva, muito pungentes — uma mistura que

poderia ter feito o nariz de Perrin sangrar. Ele não entendeu o motivo. Ainda podia

sentir o perfume de Berelain, mas seu olfato era quase tão aguçado quanto o de um

lobo, coisa que o de Faile decerto não era. Foi tudo muito estranho. Faile sorriu, e

nenhuma palavra indócil saiu de sua boca. Ela estava amorosa como sempre e até

mais ferosa do que de costume. Chegou a arranhar seus ombros — coisa que jamais

fizera.

Depois, enquanto examinava os cortes sangrentos à luz do lampião, ela mordiscou

sua orelha e riu.

— Em Saldaea — murmurou —, fazemos um talho nas orelhas dos cavalos. Mas

acho que isso basta para marcar você. — Ela ainda exalava aquele cheiro forte de

ciúmes e raiva.

Se tivesse sido só aquilo, estaria tudo resolvido. O ciúme de Faile podia até arder

feito fogo de forja crepitando ao vento forte, mas sempre morria tão rápido quanto se

inflamava, bastava que ela percebesse que não havia motivo para tanto. Porém, na

manhã seguinte, Perrin a viu conversando com Berelain no corredor, ambas sorrindo

como se falassem com uma amiga querida. Conseguiu ouvir a última frase de

Berelain, antes que ela virasse as costas.

— Eu sempre cumprio as minhas promessas. — Era um estranho lembrete, e

aquilo fez o cheiro acre e ciumento voltar a emanar de Faile.

Até perguntou à esposa que promessa era aquela da qual Berelain estava falando,

mas talvez aquilo tivesse sido um erro. Faile piscou, surpresa — às vezes se esquecia

de como ele ouvia bem —, e respondeu:

— Eu realmente não me lembro. Ela é o tipo de mulher que faz muitas promessas

que não é capaz de cumprir.

Os ombros dele ganharam um *segundo* conjunto de arranhões, e não estavam nem

no meio da manhã!

Berelain passou a persegui-lo pelo castelo. No começo aquilo não ficava tão

aparente. A mulher até flertara com ele certa vez, na Pedra de Tear, um flerte sutil e

não muito incisivo, e ela sabia que Perrin agora era casado. A princípio, eram só

alguns encontros acidentais pelos corredores, Perrin tinha certeza, com umas poucas

palavras inofensivas trocadas de passagem. Mas, depois de um tempo, teve certeza

de que ou a sua energia de *ta'veren* estava influenciando o acaso ou Berelain estava

planejando aqueles encontros, por mais improvável que parecesse.

Tentou dizer a si

mesmo que aquilo era ridículo, que deveria estar se achando tão bonito quanto Wil

al'Seen. Wil era o único homem que ele já vira ser disputado por mulheres, e

ninguém nunca correria atrás de Perrin Aybara. Ainda assim, aqueles “encontros

acidentais” já estavam frequentes demais.

E Berelain sempre o tocava. Não era nenhum toque óbvio e ostensivo, apenas um

roçar de dedos em sua mão por um instante ou no braço ou no ombro. Mal se notava.

No terceiro, Perrin se lembrou de algo que lhe deu calafrios: para domar um cavalo

nunca antes montado, era preciso começar com toques leves, até que o animal

reconhecesse que não seria maltratado e ficasse quieto ao ser tocado. Depois disso

vinha o teliz, e então a sela. A rédea sempre vinha por último.

Começou a ter pavor do perfume de Berelain sempre que o sentia por perto.

Começou a dar meia-volta e fugir assim que sentia um leve indício daquele cheiro,

só que não podia dedicar todos os momentos preocupado em detectar a presença

dela. Primeiro porque parecia haver um grande número de jovens cairhienos meio

tontos e muito cheios de si entrando e saindo do palácio, a maioria mulheres —

mulheres com espadas! Sempre contornava qualquer grupo de jovens que se

colocavam deliberadamente em seu caminho, mas por duas vezes teve que derrubar

algum idiota que ficava dançando de um lado a outro diante dele, impedindo sua

passagem. Até se sentiu meio mal por aquilo — os cairhienos eram todos muito

menores que ele —, mas não dava para jogar com a sorte diante de um homem com

a mão no punho da espada. Certa vez, uma moça tentou o mesmo, mas fez um

escarcéu até Perrin lhe devolver a espada que tomou sem a menor dificuldade — o

que pareceu deixá-la chocada. Ela o seguiu aos berros, gritando que ele não tinha

honra, até que algumas Donzelas a levaram, ralhando com ela em um tom bem

firme.

E as pessoas ali do palácio sabiam que ele era amigo do Dragão Renascido.

Mesmo se não tivesse chegado a Cairhien com aquele portão de Rand, alguns Aiel e

tairenos ainda se lembravam dele da Pedra, e as notícias correram rápido. Lordes e

ladies que ele nunca vira na vida vinham se apresentar nos corredores, e Grão-lordes

tairenos que o encaravam com arrogância na Pedra dirigiam-se a ele feito velhos

amigos, agora que estavam em Cairhien. A maioria cheirava a medo e mais um odor

que ele não sabia definir. E reparou que todos pareciam querer a mesma coisa.

— Receio que o Lorde Dragão nem sempre me faça confidências, milady —

respondeu, com toda a educação, a uma mulher de olhar frio chamada Colavaere. —

E, quando faz, a senhora não pode pensar que eu quebraria essa confiança.

A mulher tinha um sorrisinho cheio de superioridade e um ar de quem se

perguntava se o couro de Perrin serviria como cobertor de colo. Ela exalava um

cheiro estranho, ao mesmo tempo duro e suave e, de alguma maneira... cheio de

soberba.

— Não sei muito bem o que Rand pretende fazer — disse ele a Meilan. O homem

ainda tinha o mesmo olhar de superioridade de antes, apesar de ter passado a sorrir

quase tanto quanto Colavaere. E exalava o mesmo cheiro, com a mesma intensidade.

— Talvez o senhor deva perguntar a ele.

— Se eu soubesse mesmo disso, não sairia espalhando pela cidade — respondeu a

Maringil, um sujeito matreiro de cabelos brancos com dentes demais no sorriso. Já

estava se cansando de tantas tentativas de descobrir o que ele sabia. Maringil

também exalava o mesmo cheiro, e com a mesma intensidade dos outros dois.

Nos três, a força daquele odor era muito maior do que qualquer outro nobre.

Sabia, em seu íntimo, que era um cheiro tão perigoso quanto o cume

de uma

montanha logo antes de uma avalanche.

Dividido entre se manter atento aos jovens idiotas e aquele cheiro estranho e tão

arriscado, só conseguiu notar o perfume de Berelain no ar quando ela já estava perto

o suficiente para dar o bote. Bem, a verdade era que a mulher andava pelos

corredores com passadas lânguidas, um cisne nadando em um lago plácido, mas

ainda assim ele sentia como se levasse um bote.

Perdeu a conta de quantas vezes mencionou Faile. Não importava: Berelain

parecia não ouvir. Pediu que ela parasse com aquilo, mas a mulher perguntou do que

ele estava falando. Mandou que ela o deixasse em paz, mas Berelain riu, deu um

tapinha em seu rosto e perguntou o que é que ela tinha que parar de fazer. Aquilo,

naturalmente, ocorreu no instante exato em que Faile irrompia no cruzamento

daquele corredor com outro, no exato instante antes de Perrin se afastar com um

pulo. Óbvio que Faile acabou com a impressão de que ele só se afastara porque a

vira. Sem hesitar por nenhum segundo, a mulher deu meia-volta. Ela nem sequer

diminuiu ou apressou o passo.

Perrin correu atrás da esposa, alcançou-a e foi andando a seu lado, envolvido

naquele silêncio doloroso. Era difícil dizer o que precisava ser dito rodeado de toda

aquela gente. Faile abriu um sorriso satisfeito que sustentou por todo o trajeto até o

quarto, mas como era ácido e espinhoso o cheiro que exalava. Muito espinhoso.

— Não era o que parecia — anunciou, assim que a porta se fechou. Faile não

disse uma só palavra, apenas ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. —

Bom, até que foi... Berelain me deu um tapinha no rosto... — Ela ainda sorria, mas

com as sobrancelhas erguidas de um jeito um tanto mais sombrio, com uma raiva

pungente entre aquele cheiro terrível. — Mas ela simplesmente bateu... Eu não dei

nenhuma abertura, Faile. Ela simplesmente... — Queria que ela dissesse alguma

coisa, mas a mulher apenas o encarava. Achou que ela estivesse esperando alguma

coisa, mas o quê? Sentiu um lampejo de genialidade e disse: — Faile, me desculpe.

A raiva ficou cortante como uma navalha.

— Entendi — declarou ela, e saiu do quarto deslizando em um passo elegante.

Bem, tinha mesmo trocado os pés pelas mãos, e ainda se atrapalhara todo no

processo, embora não conseguisse entender direito no que errara. Tinha pedido

desculpas, e nem sequer fizera qualquer coisa pela qual devesse se desculpar.

Naquela mesma tarde, entreouviu Bain e Chiad debatendo se deveriam ajudar

Faile a dar uma surra nele. Que atrevimento! Não havia como dizer se fora por

sugestão de Faile — ela era mesmo feroz, mas será que àquele ponto? Ainda assim,

suspeitou de que a dupla quisesse que ele ouvisse a conversa, o que só o deixou

irritado. Estava claro que a esposa andava conversando sobre suas questões

conjugais com aquelas duas, e eram assuntos que deveriam permanecer entre marido

e mulher. Aquilo só o deixou ainda mais irritado. Sobre que outras partes da vida

íntima dos dois ela conversava durante um chazinho? Aquela noite, ficou olhando,

estupefato, quando Faile vestiu uma camisola grossa de lã, a despeito do calor.

Quando tentou dar um beijo quase casto em seu rosto, ela resmungou que estava

muito cansada e rolou para o lado, ficando de costas. A mulher cheirava a fúria, um

cheiro tão pungente que parecia empestear o quarto.

Perrin não conseguia dormir com aquele fedor, e, quanto mais tempo continuava

ali, deitado ao lado dela, encarando o teto em meio à escuridão, mais irritado ficava.

Por que Faile estava fazendo aquilo? A mulher não via que era a única que ele

amava? Ele já não demonstrara, vezes sem fim, que seu maior desejo era abraçá-la

para sempre? Era culpa sua uma mulher idiota estar querendo flertar?
O que

precisava fazer era virá-la de cabeça para baixo e espalmar as mãos
em seu traseiro

até Faile recobrar o juízo. Só que já testara aquilo, quando Faile achou
que tinha o

direito de socá-lo toda vez que quisesse defender seu ponto de vista. A
longo prazo,

a atitude o ferira muito mais do que a ela. Não gostava nem de pensar
em Faile se

machucando. Queria estar em paz com ela — e só com ela.

Foi por isso que, ali, deitado, tomou uma decisão enquanto via as
primeiras luzes

cinzentas despontando pela janela. Já era o sexto dia em Cairhien.
Quando estava na

Pedra, soubera de Berelain flertando com vários homens. Fosse lá o
motivo que a

levara a escolhê-lo como presa, a mulher logo escolheria outro, se ele
sumisse de

vista por um tempo. E, quando Berelain escolhesse outra vítima, Faile
recobriria o

bom senso. Parecia simples.

Portanto, jogou umas roupas no corpo assim que pareceu sensato se
levantar e foi

encontrar Loial para o café da manhã, depois o acompanhou até a
Biblioteca Real.

Quando avistou aquela Aes Sedai esguia e ouviu de Loial que a mulher
ia lá todos os

dias — o Ogier ficava acanhado perto de Aes Sedai, mas não se
incomodaria de ter

vinte à sua volta —, farejou Gaul e foi chamá-lo para caçar. Não havia

muitos cervos

ou coelhos nas colinas próximas, claro, e os poucos que viram pareciam sofrer tanto

com a seca quanto o povo local. Bem, se estivessem mesmo atrás de carne, o olfato

de Perrin poderia levá-los a tantas presas quanto fosse preciso. Não chegou a

encaixar nenhuma flecha no arco, mas insistiu em ficar por lá até Gaul começar a

perguntar se ele estava querendo caçar morcegos ao luar. Perrin às vezes esquecia

que os outros não conseguiam ver tão bem à noite quanto ele. No dia seguinte,

também ficou caçando até de noite, assim como em todos os dias que se seguiram.

O problema foi que aquele plano simples começou a desandar. Na primeira noite,

quando voltou ao Palácio do Sol com o arco no ombro, cansado de tanto caminhar,

uma sutil remexida do ar trouxe o perfume de Berelain bem a tempo de impedir que

ele entrasse pela porta principal. Gesticulando um pedido mudo de silêncio aos

guardas Aiel, Perrin fugiu, sorrateiro, até a porta dos serviçais, e teve que socar a

madeira até que um sujeito sonolento o deixasse entrar. Na noite seguinte, Berelain

aguardava no corredor logo ao lado dos aposentos de Perrin, e ele teve que passar

quase metade da noite escondido em um canto, até ela desistir. Cada noite, a mulher

esperava em um ponto diferente, como se fosse forçar um encontro fortuito quando

todos, exceto uns poucos serviçais, estivessem dormindo. Era loucura, por que ela

não resolvia perseguir outro? Além do mais, quando ele enfim conseguia entrar no

quarto, sorrateiro, com as botas nas mãos, Faile estava dormindo com aquela maldita

camisola de lã grossa. Muito antes da sexta noite seguida sem dormir, já tinha

admitido que a ideia fora uma burrice, embora ainda não conseguisse entender por

quê. Ah, mas parecera tão fácil... Só queria uma palavra de Faile, uma dica do que

dizer ou fazer, mas ouvia apenas seus próprios dentes rangendo na escuridão.



* * *

No décimo dia, Rand recebeu mais um pedido de Coiren para uma audiência. A

carta veio no mesmo tom cordial dos três primeiros. Ele ficou um

tempo sentado,

pensativo, esfregando o espesso pergaminho cor de creme entre o polegar e o

indicador. De fato, não tinha como dizer exatamente a que distância estava Alanna,

ainda que a sentisse. Bem, comparando a força do primeiro dia com a daquele

momento, achava que ela estava a meio caminho de Cairhien. Se fosse aquilo

mesmo, Merana não estava perdendo tempo. O que era bom — queria que ela

ficasse mesmo ansiosa. E um pouquinho de remorso também ajudaria, porém era

mais fácil desejar a lua — a mulher era Aes Sedai, afinal. Mais dez dias até que

chegassem a Cairhien, se mantivessem o ritmo, e era provável que mantivessem.

Tempo suficiente para mais dois encontros com Coiren, de modo que teria

concedido três audiências a cada grupo. Que Merana pensasse nisso quando

chegasse. Nenhuma vantagem para ela, a Torre Branca do outro lado, e nenhuma

necessidade de que ela soubesse que preferia enfiar a mão em um ninho de vespas

do que chegar perto da Torre, ainda mais com Elaida como Amyrlin. Mais dez dias,

e comeria as próprias botas se dez mais se passassem antes que Merana concordasse

em dar a ele o apoio de Salidar, sem nenhuma daquela bobajada de querer liderar ou

mostrar o caminho. Então, por fim, poderia voltar toda a atenção a Sammael.

Quando se sentou para escrever para Coiren dizendo que ela poderia trazer duas

de suas irmãs ao Palácio do Sol no dia seguinte de manhã, Lews Therin começou a

resmungar audivelmente. *Sim. Sammael. Dessa vez ele morre. Demandred e*

Sammael e todos eles, desta vez. Sim, vou matá-los.

Rand nem percebeu.



CAPÍTULO 51

A CAPTURA

Rand deixou Sulin ajudá-lo com o casaco só porque para impedi-la teria sido

necessário arrancar a peça das mãos dela. Como de costume, a Aiel tentou enfiar a

roupa nele sem a menor consideração para detalhes mínimos como, por exemplo o

ponto em que de fato ficavam os braços. Claro que, com isso, acabaram envolvidos

em uma dancinha pelo quarto. Lews Therin tagarelava sem parar, gargalhando com

uma alegria insana, alto o bastante para se fazer ouvir. *Sammael, ah, sim! Mas*

Demandred primeiro. Antes de tudo, eu me livro dele. Depois de Sammael. Ah, sim...

Se aquela voz tivesse um corpo e mãos, não pararia de esfregá-las, todo satisfeito.

Rand o ignorou.

— Aja com respeito — resmungou Sulin, entre dentes. — Você não demonstrou o

devido respeito àquelas Aes Sedai de Caemlyn e viu o que aconteceu. As Sábias...

ouvi as Sábias falarem umas coisas... você tem que agir com o devido respeito.

Milorde Dragão — acrescentou, como se só então tivesse se lembrado.

Rand conseguiu terminar de botar o casaco, aos trancos.

— Min já chegou?

— Ela por acaso está aqui? Milorde Dragão. — Sulin puxou um fio imaginário da

seda vermelha, então começou a fechar os botões. Era mais fácil nem tentar impedi-

la. — Min virá quando vier, se vier. Sorilea vai encerrar a lição dela nas tendas

quando for a hora. — Ela o encarou com um olhar penetrante. — O que é que você

quer com a menina? Duvido que queira uns beliscões no traseiro na frente das Aes

Sedai. — Ela nem tentou esconder o sorriso. — Milorde Dragão.

Foi muito difícil não fechar a cara. Tudo estava indo tão bem, mas

agora isso...

Sorilea sabia que ele precisava de Min mais do que em qualquer audiência que já

acontecera, não podiam passar a chance de ela ter alguma visão em relação a Coiren

e duas outras emissárias de Elaida. Sorilea prometera que a devolveria a tempo.

Rand se afastou outra vez, mas Sulin foi atrás, ainda fechando os botões.

— Sulin, quero que você vá à tenda de Sorilea. Encontre Min e traga ela aqui.

Sem perguntas, Sulin. Só obedeça.

A mulher tentou sorrir e ranger os dentes ao mesmo tempo, em uma cena

memorável.

— Como milorde Dragão ordenar.

Com uma mesura suave, ela abriu as saias vermelhas e brancas e baixou o rosto

quase até o chão.

— Até quando? — perguntou Rand, quando ela se virou para ir. Não precisava

explicar a pergunta, e a hesitação de Sulin deixou claro que ela compreendera.

A Aiel enfim respondeu, com calma e firmeza, sem murmúrios.

— Até minha vergonha se igualar à delas. — Ela o encarou bem nos olhos e, por

um instante, voltou a ser a antiga Sulin, mesmo com os cabelos mais compridos.

Mas a máscara logo voltou. — Se milorde Dragão me der licença, preciso correr

para lhe obedecer.

E ela correu: erguendo as saias até os joelhos, Sulin saiu em disparada.
Rand

balançou a cabeça e fechou os últimos botões sozinho.

A verdade era que até se sentia bem. Exceto por Min, claro. Sorilea lhe prometera... Min lhe prometera. Assim que se esquivasse das inevitáveis perguntas

de Coiren sobre ir ou não para Tar Valon, ele se sentaria com Min e... não tinha

certeza do que viria depois. Mas Alanna estava cada dia mais perto. Depois de dar

alguma atenção a Coiren, treinaria com a espada por uma hora.

Demandred, rosnou Lews Therin. *Ele queria Ilyena!* Como de costume, a lembrança de Ilyena o fez voltar ao choro e às lamúrias. *Ilyena! Ah, Luz, Ilyena!*

Rand pegou o Cetro do Dragão e foi até a antessala. Ponderando quem Coiren

levaria daquela vez, sentou-se na cadeira de espaldar alto sobre o palanque, para não

ficar andando de lá para cá — e não seria por conta das Aes Sedai, mas sim de Min.

A mulher sabia quanto Rand precisava dela. Sabia.

Até que uma das portas se entreabriu para deixar passar uma mulher... era Chiad,

não Min.

— As Aes Sedai estão aqui, *Car'a'carn*. — O título saiu em um tom rígido, como

se ela ainda não conseguisse aceitar que um aguacento era o chefe dos chefes ou que

ele de fato fosse o filho de uma Donzela.

Rand assentiu, levantando-se e apoiando a ponta do Cetro do Dragão no joelho.

— Mande elas entrarem.

Teria uma conversa séria com Min sobre essa coisa de dedicar todo o tempo às

Sábias.

Coiren adentrou, deslizando como um cisne roliço e presunçoso, logo seguida de

Galina e outra mulher de olhos duros, cabelos negros feito as penas de um corvo e

aquela expressão de Aes Sedai. Estavam todas de cinza, e Rand suspeitou de que a

cor tinha sido escolhida para disfarçar a poeira. Para sua surpresa, mais uma vez

serviçais com sobrecapas leves vieram atrás das Aes Sedai — quase dez, carregando

dois pesados baús trabalhados em latão, nenhum dos dois pequeno. Algumas das

jovens o encaravam, mas a maioria mantinha a cabeça baixa, talvez por medo, talvez

por estarem concentradas no esforço da tarefa em questão.

Rand quase fez uma careta, mas conseguiu se conter. Aquelas mulheres achavam

mesmo que podiam comprá-lo.

— Uma pena que sua irmã *Verde* não esteja aqui hoje — comentou Galina.

Os olhos de Rand se desviaram das serviçais e se voltaram para ela na hora. As

três Aes Sedai o encaravam atentamente. Como poderiam saber a

respeito de

Alanna?

Porém, não havia tempo para questionamentos. Quase no mesmo instante, ele

sentiu a pele começar a se arrepiar.

Foi tomado pela fúria, e Lews Therin também se abalou. Os dois agarraram *saidin*

quase no mesmo instante. Somada ao desprezo, a ira branca e incandescente se

revolvia nos limites do Vazio, enquanto ele cravava os olhos em Coiren, Galina e

fosse lá quem fosse a terceira. O rosto suave e redondo de Coiren era pura

determinação, e as outras duas chegavam a exibir um sorriso ávido e nem um pouco

agradável. Eram tão idiotas quanto Merana e aquelas outras.

Uma barreira deslizou entre ele e a Fonte Verdadeira, como o fechamento de uma

comporta. O fluxo de *saidin* desapareceu, deixando apenas o resíduo imundo da

mácula. O choque foi tão grande que quase não sentiu o ar que parecia se solidificar

à volta dele, dos pés à cabeça. Aquele escudo o deixou de olhos arregalados — era

impossível. Três mulheres sozinhas não conseguiriam apartá-lo da Fonte depois que

ele tomava o controle de *saidin*, a menos que fossem fortes como Semirhage,

Mesaana, ou... tentou tocar a Fonte, esmurrou aquela muralha de pedras invisível

com mais força, mais força... Lews Therin rosnava feito uma besta frenética,

esmurrando, atacando. Um deles tinha que conseguir tocar *saidin*; derrubar aquela

barreira erguida por apenas três.

O bloqueio só estava erguido havia poucos instantes quando uma das serviçais

deu um passo à frente, parando ao lado de Galina, e Rand sentiu o rosto empalidecer.

Quatro pares de olhos o encaravam em quatro rostos de idade indefinida.

— É mesmo uma pena que tenhamos chegado a este ponto. — Coiren falava em

um tom sereno e claro, mais parecendo se dirigir a um grupo do que a um só

homem. — Queria muito que você viesse a Tar Valon por vontade própria, mas

ficou óbvio que sua única intenção era protelar até desistirmos. Bem, imagino que

você tenha entrado em contato com aquelas pobres coitadas que fugiram depois que

Sanche foi estancada. Achava mesmo que elas poderiam lhe oferecer alguma coisa

melhor do que conseguiria com a Torre Branca? — A mulher de fato parecia

decepcionada com ele.

Rand só conseguia mexer os olhos. Encarou as serviçais ocupadas com um dos

baús que jazia aberto. As mulheres tiraram uma bandeja rasa de lá de dentro. Alguns

daqueles rostos pareciam jovens, mas outros... eram todas Aes Sedai,

tinha certeza.

As cinco mais moças ainda não tinham o rosto de idade indefinida.
Eram as cinco

que haviam olhado para ele, diminuindo suas suspeitas, enquanto o
restante

permanecera de rosto escondido. Quinze Aes Sedai: treze para se
unirem e tecerem

um escudo que homem nenhum poderia quebrar, e duas para atá-lo.
Treze para...

Lews Therin fugiu aos berros.

Galina arrancou o Cetro do Dragão da mão de Rand, balançando a
cabeça.

— Agora eu assumo, Coiren. — Ela nem o olhou. Rand poderia muito
bem ser

uma parte da cadeira. — Segundo o acordo, caso chegássemos a este
ponto, a Ajah

Vermelha assumiria o comando. — Então mandou, entregando o Cetro
do Dragão à

outra mulher de cabelos negros e de roupa cinza: — Ponha isto em
algum lugar,

Katerine. Pode ser um bom souvenir para a Amyrlin.

A Ajah Vermelha. Rand sentia o suor brotar de seu rosto. Se ao menos
as

Donzelas lá fora entrassem. Ou as Sábias, Sulin... qualquer pessoa que
pudesse gritar

por ajuda, despertar o Palácio. Treze Aes Sedai, e a Ajah Vermelha no
comando. Se

pudesse abrir a boca, teria gritado.

Quando as portas se abriram, Bain ficou surpresa. Rand al'Thor acabara de receber

as Aes Sedai. Mas seu olhar automaticamente se desviou ao ver as serviçais

carregando os baús para fora. Uma Aes Sedai de cabelos negros plantou-se diante

dela, e Bain tratou de se levantar. Mal sabia o que pensar da história que as outras

Donzelas tinham contado em Caemlyn, coisas das quais apenas os chefes e as Sábias

tinham conhecimento, mas os olhos negros daquela mulher pareciam saber tudo

sobre o fracasso dos Aiel, tanto tempo antes. Aqueles olhos se fixaram nos de Bain

até que ela tomasse apenas vaga ciência da outra Aes Sedai de cabelos negros que

confrontava Chiad, e da outra, cheia de pompa, que conduzia as mulheres com os

baús para longe. Bain se perguntou se a Aes Sedai que a encarava pretendia matá-la

pelo fracasso dos Aiel. Bem, elas decerto já teriam começado a matança, se fosse

essa a intenção, já que decerto sabiam de tudo. Ainda assim, aqueles olhos escuros

cintilavam com uma dureza que trazia o presságio claro da morte. Bain não tinha

medo de morrer, só queria tempo para se velar antes.

— Parece que o jovem Mestre al'Thor está acostumado a ir e vir de Cairhien a

hora que bem entende — comentou a Aes Sedai, a voz dura como pedra. — Não

estamos acostumadas a ter alguém virando as costas para nós de maneira tão rude.

Se ele voltar ao Palácio nos próximos dias, então também voltaremos. Senão... nossa

paciência não é infinita.

Ela foi embora, desfilando ao lado da outra, indo atrás das mulheres com os baús.

Bain e Chiad trocaram olhares apressados e correram até os aposentos de Rand

al"Thor.

* * *

— Como assim, ele sumiu? — inquiriu Perrin.

As orelhas de Loial tremelicaram na direção dele, mas o Ogier manteve o olhar

fixo no tabuleiro de pedras, assim como Faile. Ela cheirava... Perrin não conseguia

distinguir nada no amontoado de aromas que vinha dela — aquela combinação de

odores o deixava desesperado.

Nandera simplesmente deu de ombros.

— Ele faz isso às vezes. — Parecia bastante calma, os braços cruzados e o rosto

impassível, mas cheirava a irritação, aquele fedor que remetia a pequenos espinhos.

— Ele foge das Donzelas e às vezes passa o dia todo fora. E acha que a gente não

sabe. Pensei que você pudesse saber aonde ele foi. — Algo em sua voz dava a

entender que, se ela descobrisse o paradeiro de Rand, pretendia ir

atrás.

— Não — respondeu, com um suspiro. — Não faço ideia.

— Preste atenção no jogo, Loial — resmungou Faile. — Claro que você não

pretendia pôr uma pedra aí.

Perrin suspirou outra vez. Tinha decidido passar o tempo inteiro ao lado de Faile.

Cedo ou tarde a mulher teria que falar com ele, e Berelain decerto o deixaria quieto

se ele estivesse com a esposa. Bem, ao menos Berelain o deixara em paz. Assim que

Faile percebeu que ele não sairia para caçar, laçou Loial antes que o Ogier pudesse

correr para a Biblioteca, e os dois estavam engatando uma partida de jogo de pedras

atrás da outra. E praticamente sem falar. Perrin queria estar onde quer que Rand

estivesse.

* * *

Deitado de costas na cama, Rand encarava as grossas vigas do porão, mas não

olhava para elas de fato. A cama não era grande, mas os dois colchões com

travesseiros de penas de ganso e os bons lençóis de linho proporcionavam conforto.

No quarto também havia uma cadeira robusta e uma mesa pequena e simples, porém

muito bem-feita. Ainda sentia dor nos músculos por conta do transporte até ali

dentro de um dos baús. Com o Poder, foi fácil dobrar seu corpo, enfiando a cabeça

entre os joelhos, e cordas simples bastaram para transformá-lo em um embrulho.

O som de metal contra metal o fez virar a cabeça. Galina usara uma grande chave

para destrancar uma portinhola na jaula de ferro que circundava a cama, a mesa e a

cadeira. Uma mulher grisalha de rosto enrugado estendeu os braços jaula adentro

apenas o suficiente para botar uma bandeja coberta por um pano na mesa, então se

afastou quase com um salto.

— Pretendo levar você até a Torre com a saúde razoável — declarou Galina, com

frieza, enquanto trancava a portinhola. — Coma, ou será forçado a comer.

Rand voltou a encarar as vigas. Seis Aes Sedai estavam sentadas em cadeiras ao

redor da jaula, sustentando a blindagem. Manteve o Vazio, para caso as mulheres

vacilassem, mas não investiu contra a barreira. Quando elas o empurraram, trôpego,

para dentro da jaula, ele tentou derrubar aquele muro invisível. Algumas riram, ao

menos as que perceberam. Em vez disso, decidiu avançar com cautela em direção à

fúria de *saidin*, uma tempestade de fogo e gelo logo fora de seu campo de visão.

Alcançou-a, sentiu a muralha invisível que o apartava da Fonte, deslizou ao longo

dela como se tentasse encontrar uma aresta. O que encontrou foi um local onde a

muralha parecia se dividir em seis pontos — serviam para barrá-lo tão bem quanto a

parede, mas eram seis, não um, e definitivamente eram pontos distintos.

Fazia quanto tempo que estava ali? Uma desolação se abatera sobre ele,

embotando a passagem do tempo, mergulhando-o em um estado de letargia. Estava

ali havia tempo suficiente para sentir fome, mas o Vazio deixava a sensação distante,

e nem mesmo o cheiro de cozido quente e pão fresco vindo da bandeja suscitava

algum interesse. Levantar-se requeria esforço demais. Até então, doze Aes Sedai se

revezavam ao redor da jaula, nenhuma com um rosto que ele conheceria antes de

chegar naquele porão. Quantas estariam naquela casa? Isso talvez fosse importante

mais tarde. Onde ficava aquela casa, afinal? Não fazia ideia da distância que

percorreria dentro do baú, sacolejando em alguma carruagem ou carroção. Por que se

esquecera do conselho de Moiraine? Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai, nem

um pouquinho, nem por um instante. Seis Aes Sedai usando o poder para sustentar

aquela blindagem deveria ser detectável para qualquer mulher capaz de canalizar que

estivesse lá fora. Só precisava que Amys, Bair ou alguma outra passasse na rua e

desconfiasse. Elas deviam estar achando que ele desaparecera logo que Coiren

deixou o palácio. Bem, isso se houvesse uma rua lá fora. Só precisava...

Tateou outra vez a blindagem, bem lentamente, para que elas não percebessem.

Seis pontos. Seis pontos que poderiam ser descritos como *macios*. Aquilo só podia

significar alguma coisa. Desejou que Lews Therin voltasse a falar, mas o único som

em sua cabeça eram seus próprios pensamentos vagando pelo Vazio. Seis pontos.

* * *

Avançando depressa pela rua que passava junto à grande casa de pedra onde estavam

as Aes Sedai, Sorilea mal sentia que as mulheres ainda canalizavam lá dentro. Sentia



pouco porque só podia canalizar bem pouco, mas não foi por isso que ignorou o que

se passava ali. Aquelas mulheres estavam canalizando dia e noite

desde que haviam

chegado, e mais nenhuma das Sábias continuava perdendo tempo se perguntando o

porquê. Sorilea decerto tinha questões mais importantes em que pensar. No palácio

do Assassino da Árvore, as Donzelas já começavam a ficar irritadas com Rand

al'Thor, resmungando que o *Car'a'carn* teria que dar algumas explicações quando

voltasse. Sorilea já vivera um bom tempo a mais que qualquer uma daquelas

Donzelas, um bom tempo a mais que qualquer Sábia, fosse fraca no Poder ou não, e

estava apreensiva. Como quase todo homem, Rand al'Thor saía e voltava quando

queria, indo sempre para onde queria — nesse aspecto, os homens eram como os

gatos —, mas desta vez ele sumira ao mesmo tempo que Min desaparecera, em

algum ponto do caminho entre as tendas e o Palácio. Sorilea não gostava de

coincidências, não importava quanto elas fossem frequentes quando o assunto era o

Car'a'carn. Apertando o xale contra o corpo para amenizar aquele súbito frio na

espinha, rumou depressa de volta para as tendas.



CAPÍTULO 52

TESSITURAS DO PODER

Os homens sentados em torno da mesa do salão da estalagem A Mulher Errante

eram, em sua maioria, locais. Os que trajavam o colete comprido típico da região

ostentavam a peça em seda brilhante, em geral brocada, sobre camisas claras com

mangas largas. Pedras preciosas ou pérolas adornavam os anéis, os brincos de argola

eram de ouro, não apenas folheados, e pedras-da-lua e safiras cintilavam nos pomos

das facas curvas enfiadas nos cinturões. Vários deles estavam com os coletes de seda

jogados por sobre os ombros, com uma corrente de prata ou ouro presa entre as

estreitas lapelas bordadas com flores ou animais. Os casacos pareciam realmente

estranhos — eram pequenos demais para serem vestidos, sem nenhuma outra

finalidade que não a de uma capa —, mas seus portadores carregavam espadas finas

e compridas, bem como a adaga curva, e pareciam estar muito dispostos a usar

qualquer uma das duas, fosse por ouvir um desaforo, receber um olhar atravessado

ou por simplesmente sentirem vontade.

Ou seja, era um público bem variado. Dois mercadores murandianos com bigodes

enrolados e aquelas barbichas ridículas na ponta do queixo, um domanês de bigode

fino e cabelo abaixo dos ombros que usava um bracelete de ouro, um colar também

de ouro bem justo e uma pérola bem grande na orelha esquerda. Um Atha'an Miere

de pele escura com um casaco verde brilhoso, as mãos tatuadas e duas facas presas

por uma faixa vermelha, um taraboniano com um véu transparente cobrindo o

bigode grosso que quase lhe escondia a boca, além de vários forasteiros que

poderiam ser de qualquer lugar. Mas todos tinham à sua frente uma pilha de moedas,

ainda que de variados tamanhos. Tão perto do Palácio Tarasin, A Mulher Errante

atraía clientes com ouro para gastar.

Mat girou os cinco dados no copo de couro e os lançou sobre a mesa. Quando

pararam, havia duas coroas, duas estrelas e uma taça. Um bom lançamento, nada

mais que isso. Sua sorte vinha em ondas, e, àquela altura, a maré

parecia baixa, o

que significava que ele havia ganhado não mais que metade dos lances. Até aquele

momento, Mat conseguira perder dez seguidas, sequência incomum para ele em

qualquer situação. Os dados passaram para um forasteiro de olhos azuis, um homem

de rosto duro e fino que parecia ter moedas de sobra para jogar, apesar do casaco

marrom bem simples.

Vanin se curvou para cochichar no ouvido de Mat:

— Saíram de novo. Thom diz que ainda não sabe como. — Mat olhou para o

homem gorducho com uma cara tão feia que o fez se endireitar mais rápido do que

seria de se esperar de alguém do seu tamanho.

Mat engoliu metade do ponche de melão da sua taça de prata e franziu o cenho

para a mesa. De novo! O lançamento do homem de olhos azuis rolou por toda a

mesa e os dados pararam mostrando três coroas, uma rosa e uma barra. Os homens

ao redor da mesa sussurraram uns para os outros quando ele ganhou.

— Sangue e cinzas — resmungou Mat. — Só falta a Filha das Nove Luas entrar

aqui e me pegar. — O sujeito de olhos azuis se engasgou com a bebida. — Você

reconhece esse nome? — perguntou Mat.

— Meu ponche desceu pelo lugar errado — respondeu o homem com um sotaque

discreto e arrastado que Mat não reconheceu. — Que nome você disse?

Mat fez um gesto para que o homem deixasse o assunto para lá. Já vira brigas

começarem por muito menos. Arrastando o ouro e a prata de volta para dentro da

bolsa, enfiou-a no bolso do casaco ao se levantar.

— Para mim já chega. Que a Luz abençoe a todos aqui. — A mesa inteira repetiu

a bênção, inclusive os forasteiros. As pessoas eram bastante educadas em Ebou Dar.

Mesmo que ainda não estivesse nem no meio da manhã, o salão estava relativamente cheio, e uma nova partida de dados contribuiu com sua cota de

gargalhadas e lamúrias. Dois dos filhos mais novos da Senhora Anan estavam

ajudando as atendentes a servir o café da manhã dos que haviam levantado tarde. A

própria estalajadeira se encontrava sentada nos fundos do aposento, perto da escada

de pedra branca sem corrimão, de olho em tudo, ao lado de uma bela jovem em

cujos grandes olhos negros se via um cintilar de alegria, como se ela conhecesse

uma piada que ninguém mais conhecia. Seu rosto tinha um formato oval perfeito,

emoldurado pelo cabelo preto brilhoso, e a gola cavada do vestido cinza com cinto

vermelho proporcionava uma visão tentadora. O divertimento em seus olhos se

intensificou quando ela sorriu para Mat.

— Com a sorte que você tem, Lorde Cauthon — disse a Senhora Anan —, meu

marido deveria lhe perguntar para onde mandar os barcos de pesca dele. — Por

algum motivo, seu tom de voz foi bastante seco.

Mat aceitou o título sem pestanejar. Em Ebou Dar, poucos que não fossem lordes

desafiariam um outro lorde. Para ele, era um simples cálculo de riscos. Havia bem

menos lordes que plebeus, o que significava menos chances de que alguém fosse

tentar lhe enfiar uma faca. Ainda assim, Mat tivera que rachar três cabeças nos

últimos dez dias.

— Receio que minha sorte não se estenda a esse tipo de coisa, senhora.

Olver pareceu surgir do nada ao lado dele.

— Podemos ir para a corrida de cavalos, Mat? — quis saber ele, impaciente.

Frielle, a filha do meio da Senhora Anan, chegou correndo e pegou o garoto pelos

ombros.

— Me perdoe, Lorde Cauthon — desculpou-se, ansiosa. — Ele escapou de mim

agora mesmo. Juro pela Luz, ele escapou. — Prestes a se casar, com a gargantilha de

prata bem justa para a faca de casamento já envolvendo o pescoço esbelto, ela se

oferecera para cuidar de Olver, rindo ao dizer que queria ter seis filhos homens. Mat

suspeitava de que a garota estivesse começando a torcer para só ter filhas.

Foi Nalesean, descendo a escada, que atraiu o olhar de Mat, contundente o

bastante para deixar o taireno paralisado. Era Nalesean quem havia inscrito Vento

em duas corridas, e botado Olver para cavalgar — ali, eram os garotos que

cavalgavam —, e sem Mat saber de nada até tudo já estar feito. Que Vento tivesse se

provado tão rápido quanto seu nome não ajudava em nada. Duas vitórias ataçaram o

paladar de Olver para outras mais.

— Não é culpa sua, senhorita — disse Mat para Frielle. — Pode enfiá-lo num

barril se precisar. Tem a minha bênção.

Olver lhe dirigiu um olhar acusatório, mas, logo depois, virou-se de repente para

Frielle para lhe abrir um sorriso insolente que havia aprendido em algum lugar. Com

suas orelhonas e aquela boca grande, pareceu estranho. Ele jamais se tornaria um

rapaz bonito.

— Vou ficar sentado bem quietinho se puder ficar olhando para esses seus olhos.

Eles são lindos.

Frielle tinha muito da mãe, e não só na aparência. Ela riu com doçura e lhe fez um

carinho debaixo do queixo, deixando-o enrubescido. Sua mãe e a jovem de olhos

grandes sorriram diante da cena.

Balançando a cabeça, Mat começou a subir a escada. Precisava ter uma conversa

com o garoto. Ele não podia sorrir daquele jeito para todas as mulheres que visse. E

ainda dizer para uma mulher que ela tinha olhos bonitos! Com aquela idade! Mat

não sabia de onde Olver tirara aquilo.

Quando se pôs lado a lado com Nalesean, o homem disse:

— Escaparam de novo, não é. — Não foi uma pergunta, e, quando Mat assentiu,

ele deu um puxão na barba pontuda e soltou um palavrão. — Vou reunir os homens,

Mat.

Nerim estava irrequieto no quarto de Mat, esfregando a mesa com um pano como

se as criadas já não a tivessem limpado naquela manhã. Ele dividia com Olver um

quarto menor bem ao lado e raramente saía da estalagem. Segundo ele, Ebou Dar era

libertina e pouco civilizada.

— Milorde vai sair? — indagou Nerim num tom lúgubre quando Mat apanhou seu

chapéu. — Com esse casaco? Receio que haja uma mancha de vinho de ontem à

noite no ombro. Eu a teria removido se Milorde não tivesse se vestido com tanta

pressa hoje de manhã, e também tem um rasgo na manga, feito por uma faca,

acredito, que eu teria remendado.

Mat permitiu que o homem trouxesse um casaco cinza com volutas prateadas

bordadas nos punhos e na gola alta e entregou a ele o verde bordado em ouro.

— Espero que milorde pelo menos tente não o sujar de sangue hoje. Manchas de

sangue são muito difíceis de remover.

Os dois haviam chegado a um acordo. Mat aguentava o semblante sombrio e as

observações melancólicas de Nerim, além de deixar o homem apanhar, limpar e lhe

entregar objetos que ele próprio poderia pegar facilmente, e, em troca, Nerim

concordara, com relutância, em não tentar vesti-lo.

Mat verificou as facas acomodadas em suas mangas, debaixo do casaco e nas abas

viradas para baixo das botas, deixou a lança encostada em um canto, junto com o

arco sem corda, e desceu para a frente da estalagem. Aquela lança parecia atrair

idiotas a fim de briga tanto quanto o mel atraía moscas.

Apesar do chapéu, o suor formou gotículas em seu rosto tão logo ele saiu da

sombra e do relativo frescor da estalagem. O sol daquela manhã equivalia ao do

meio-dia de dias normais em pleno verão, mas a Praça Mol Hara estava apinhada de

gente. De início, Mat só ficou ali de pé, o cenho franzido para o Palácio Tarasin.

Com Thom e Juilin vigiando lá dentro e Vanin do lado de fora, como elas estavam

conseguindo sair sem ser vistas? Vinham saindo quase todos os dias.
Depois da

terceira vez, Mat designara homens para ficar de olho em cada porta de saída

daquela montanha abobadada de pedra branca e gesso, e eles assumiam seus postos

antes do amanhecer. Com mais Nalesean e ele, estavam em quantidade suficiente.

Ninguém avistara um vestígio sequer, mas, pouco antes do meio-dia, Thom veio

dizer que as mulheres tinham dado um jeito de escapulir. O velho menestrel dava a

impressão de ter perdido a paciência e parecia prestes a arrancar os cabelos do

bigode. Mat sabia muito bem o que estava acontecendo. Elas vinham fazendo aquilo

só por despeito, para atazanar o juízo dele.

Nalesean e os demais estavam aguardando, formando um grupo de homens suados

e desanimados. Nalesean corria os dedos pelo punho da espada como se torcesse

para ter uma oportunidade de usá-la.

— Hoje vamos dar uma olhada no outro lado do rio — afirmou Mat. Vários

Braços Vermelhos se entreolharam desconfortavelmente. Já tinham ouvido as

histórias.

Vanin balançou a cabeça, inquieto.

— É uma perda de tempo — disse ele, sem rodeios. — Lady Elayne jamais iria se

meter num lugar desses. A Aiel talvez, ou Birgitte, mas não Lady Elayne.

Mat fechou os olhos por um instante. Como Elayne fora capaz de arruinar um

homem tão bom em tão pouco tempo? Ele continuava torcendo para que um tempo

longe da influência negativa dela endireitasse Vanin, mas estava começando a perder

as esperanças. Luz, como ele detestava as mulheres nobres.

— Bem, se não as virmos por lá hoje, podemos esquecer o Rahad, já que, naquele

lugar, elas vão chamar a atenção feito cotovias coloridas em meio a uma revoadada de

melros, mas minha intenção é encontrá-las mesmo que estejam escondidas debaixo

de uma cama no Poço da Perdição. Procurem em duplas, como de costume, e

protejam uns aos outros. Agora vamos tratar de encontrar barqueiros que nos

atravessem até lá. Que me queime, eu só espero que não estejam todos vendendo

frutas para os navios do Povo do Mar.

* * *

Para Elayne, a rua parecia como em *Tel'aran'rhiod*, construções de alvenaria de

cinco e seis andares cobertas de maneira desigual por gesso branco, erguendo-se

coladas uma à outra por sobre um calçamento irregular. Só àquela hora do dia, com

o sol dourado ardendo acima da cabeça, era que as sombras

desapareciam por

completo daquelas vielas estreitas. Moscas zumbiam por toda parte.
As únicas

diferenças em relação ao Mundo dos Sonhos eram as roupas lavadas
dependuradas

nas janelas, as pessoas — não havia muitas pela rua naquele horário,
claro — e o

cheiro, um miasma pungente e podre que a obrigava a tentar não
respirar muito

fundo. Infelizmente, todas as ruas pareciam iguais no Rahad.

Ela pôs uma das mãos no braço de Birgitte para detê-la e divisou um
escabroso

amontoado de tijolos com roupas lavadas encardidas balançando em
metade das

janelas. A fraca lamúria de um bebê chorando ecoava de algum lugar
ali dentro. O

número de andares era correto: seis. Ela tinha certeza de que eram
seis. Nynaeve

insistia em cinco.

— Acho que não deveríamos ficar aqui olhando — opinou Birgitte
com

delicadeza. — As pessoas estão atentas.

Não era bem verdade, apenas Birgitte preocupando-se com ela.
Homens sem

camisa com coletes em geral esfarrapados andavam pomposos pela
rua, a luz do sol

refletindo nos brincos de argola de latão e nos anéis também de latão
com vidros

coloridos incrustados, ou se esgueiravam feito vira-latas que tanto
poderiam rosnar

quanto morder. As mulheres também, aliás, com seus vestidos costumeiramente

desgastados e suas próprias joias de latão e vidro. Todos carregavam uma faca curva

presa ao cinto e, com frequência, uma faca simples de trabalho também.

Na verdade, ninguém olhava duas vezes para ela ou para Birgitte, embora o

semblante do rosto envelhecido de Birgitte costumasse ser desafiador e ela própria

fosse alta para uma eboudariana. Suas aparências tinham sido transformadas por

tessituras não tão simples de Ar e Fogo que Elayne invertera e amarrara. Quando

olhava para Birgitte, o que ela via era uma mulher com rugas sutis nos cantos dos

olhos negros e um cabelo preto com toques de grisalho. Os disfarces eram mais

fáceis quando se mantinham parecidos com os traços originais, de forma que o

cabelo que descia pelas costas de Birgitte, amarrado em quatro pontos com uma fita

verde maltrapilha, era consideravelmente mais comprido que o cabelo das

eboudarianas, mas, em todo caso, Elayne também não havia cortado o seu cabelo e

ninguém parecia ligar. Era um disfarce perfeito. Ela só gostaria que também não

precisasse suar. Além dessa havia a bem mais complexa tessitura de Espírito que

mascarava a habilidade de uma mulher de canalizar, e graças à qual Elayne tinha

passado sem problemas por Merilille ao sair do palácio naquela manhã. Ela ainda

estava usando-a, já que elas haviam avistado Vandene e Adeleas mais de uma vez

naquele lado do rio.

As vestimentas não faziam parte das tessituras, claro, e eram vestidos de lã

surrados com bordados puídos nas mangas e em volta dos decotes profundos. As

anáguas e meias também eram de lã, e as de Elayne, pelo menos, pinicavam. Tylin

forneceira a indumentária, além de vários pequenos conselhos e das facas de

casamento com bainhas brancas. Parecia que mulheres casadas tinham menos

probabilidade de ser desafiadas do que as solteiras, e viúvas que rejeitaram outro

casamento, menos ainda. A idade também ajudava. Ninguém desafiava uma avó de

cabelos grisalhos, embora mulheres mais velhas pudessem muito bem desafiar

alguém.

— Acho que deveríamos entrar — afirmou Elayne, e Birgitte se colocou à frente

dela, uma das mãos na faca que trazia no cinto pouco elegante de lã marrom, para

empurrar e abrir a porta sem pintura. Lá dentro havia um corredor à meia-luz com

uma sucessão de portas rústicas e, nos fundos, uma escadinha apertada e íngreme de

tijolo lascado. Elayne chegou bem perto de soltar um suspiro de alívio.

Com ou sem bainhas brancas, entrar em um edifício onde não se morava era uma

boa maneira de acabar se metendo em uma briga de facas. Assim como fazer

perguntas ou se mostrar curiosa demais. Tylin dera conselhos a respeito disso, mas,

no primeiro dia, elas haviam visitado estalagens, identificadas apenas pelas portas

azuis, planejando dizer que estavam querendo comprar objetos de antigos armazéns

para reformar e vender. Ela formara uma dupla com Birgitte e juntara Nynaeve com

Aviendha para que pudessem cobrir uma área maior. Os salões eram escuros e sujos

e, nas duas estalagens onde pararam, Birgitte saíra com ela às pressas, ambas com as

adagas em punho, antes de uma confusão mais séria acontecer. Na segunda, Elayne

precisou canalizar rapidamente para derrubar duas mulheres que foram até a rua

atrás delas, e, ainda assim, Birgitte estivera convencida de que alguém passara o

resto do dia seguindo-as. Nynaeve e Aviendha enfrentaram o mesmo tipo de

dificuldade, tirando a parte de serem seguidas. Nynaeve chegara até a bater numa

mulher com um banquinho. Assim, mesmo as perguntas mais inócuas pararam de ser

feitas, e elas torciam para que, ao cruzar uma porta, não dessem de cara com uma

faca.

Birgitte subiu os degraus íngremes à sua frente, apesar de não parar de olhar por

cima do ombro, atenta à retaguarda. Os cheiros de comida sendo feita e a fedentina

típica do Rahad formavam uma mistura repugnante. O bebê parou de chorar, mas,

em algum ponto do edifício, uma mulher começou a gritar. No terceiro andar, um

homem de ombros largos sem camisa nem colete abriu uma porta no exato instante

em que elas subiam. Birgitte fez cara feia e ele levantou as duas mãos, as palmas

voltadas para elas, e saiu do corredor, fechando a porta com um chute. No último

andar, onde deveria ficar o armazém caso aquele fosse o edifício correto, uma

mulher sombria trajando uma camisola áspera de linho estava sentada em um banco

junto da porta, onde pegava toda e qualquer brisa que soprasse enquanto afiava sua

adaga. A cabeça da mulher se virou na direção delas, e a lâmina parou de percorrer a

pedra de amolar. Ela não tirou o olho das duas quando elas recuaram devagar e

desceram os degraus, o som do metal raspando na pedra só recomeçando quando

elas chegaram ao pé do lance de escadas. Foi só aí que Elayne deixou escapar um

suspiro de alívio.

Ela ficou mais do que feliz por Nynaeve não ter topado a aposta. Dez dias. Seu

otimismo fora uma tolice. Estavam no décimo primeiro dia desde que ela contara

com o ovo dentro da galinha, cantando vitórias que ainda não tinha alcançado, onze

dias em que, às vezes, sentia como se à noite estivesse na mesma rua onde já haviam

procurado de manhã, onze dias sem nenhuma pista da tigela. Por vezes, elas haviam

permanecido no palácio só para esfriar a cabeça. Aquela busca era muito frustrante.

Pelo menos, Vandene e Adeleas tampouco vinham tendo sorte. Até onde Elayne

tinha visto, ninguém no Rahad diria nem duas palavras de bom grado para Aes

Sedai. As pessoas sumiam assim que percebiam o que elas eram. Elayne já tinha

visto duas mulheres tentarem esfaquear Adeleas, sem dúvida para roubar a tola que

andava pelo Rahad com um vestido de seda, e no momento em que a irmã Marrom

levantou ambas com fluxos de Ar e as atravessou por uma janela dois andares acima,

já não se via mais a alma na rua. Bem, ela não iria permitir que aquelas duas

encontrassem a sua tigela e a tomassem de debaixo do seu nariz.

Assim que voltou à rua, Elayne teve mais um lembrete de que havia coisas piores

no Rahad do que a frustração. Bem à sua frente, um homem esbelto com o peito todo

sujo de sangue e uma faca na mão saltou por uma porta e girou imediatamente para

enfrentar outro homem que o seguia, esse segundo mais alto, mais pesado e com a

lateral do rosto sangrando. Os dois se rodearam, os olhos cravados um no outro, as

lâminas estendidas brilhando enquanto os homens ensaiavam estocadas. Como se

brotasse do chão, uma pequena multidão se reuniu para assistir. Nenhuma pessoa

veio correndo, mas ninguém ignorou a cena.

Elayne e Birgitte se afastaram para a lateral da rua, mas não foram embora. No

Rahad, sair chamaria a atenção, a última coisa que elas queriam. Misturar-se

significava ficar assistindo, mas Elayne deu um jeito de manter a concentração além

dos dois homens, enxergando-os como meros borrões se movendo depressa, até que,

de repente, os movimentos ficaram lentos. Ela piscou e se forçou a olhar. O homem

com o peito sujo de sangue pavoneava-se, sorrindo e gesticulando com uma lâmina

da qual escorria o mesmo líquido vermelho. O homem mais corpulento estava

deitado de cara no chão, tossindo de forma áspera e debilitada, a menos de vinte

passadas dela.

Instintivamente, Elayne se aproximou — sua ínfima habilidade com a Cura era

melhor que nada quando um homem estava sangrando até a morte, e que o que

qualquer um ali pensasse das Aes Sedai fosse parar no Poço da

Perdição —, mas,

antes que desse um segundo passo, uma outra mulher já se punha ajoelhada ao lado

do homem. Talvez um pouco mais velha que Nynaeve, usava um vestido azul com

cinto vermelho num estado de conservação um tanto melhor que o da maioria dos

vestidos do Rahad. De início, Elayne achou que ela fosse a amada do homem

agonizante, em especial quando o vencedor do duelo retomou a sobriedade.

Ninguém movia um músculo para ir embora, todos observando em silêncio enquanto

a mulher virava o homem de barriga para cima.

Elayne tomou um susto quando, em vez de enxugar com ternura o sangue dos

lábios dele, a mulher tirou da bolsa o que pareceu ser um punhado de ervas e enfiou

algumas delas às pressas na boca do homem. Antes que sua mão se afastasse do

rosto dele, o brilho de *saidar* a envolveu e ela começou a tecer fluxos de Cura com

mais destreza do que Elayne poderia ter feito. O homem arquejou com intensidade

suficiente para expelir a maior parte das folhas, estremeceu... e permaneceu deitado,

os olhos entreabertos fitando o sol.

— Tarde demais, ao que parece. — A mulher se levantou e encarou o sujeito

esguio. — Você tem que ir contar para a esposa de Masic que matou o marido dela,

Baris.

— Sim, Asra — respondeu Baris, submisso.

Asra se virou sem voltar a olhar para nenhum dos dois homens e a pequena

multidão foi se abrindo diante dela. Quando ela passou perto de Elayne e Birgitte,

Elayne notou dois detalhes a respeito da mulher. O primeiro foi sua força, que

Elayne avaliou de propósito. Esperava sentir uma força considerável, mas o provável

era que jamais se permitisse que Asra fizesse o teste para Aceita. A Cura devia ser

seu Talento mais forte — talvez o único, já que ela devia ser uma bravia —, e muito

bem lapidado com o uso. Talvez até acreditasse que aquelas ervas eram necessárias.

A segunda coisa que Elayne percebeu foi o rosto da mulher. Não era bronzeado,

como ela supunha de início. Era quase certo que Asra fosse domanesa. O que, sob a

Luz, uma bravia domanesa estava fazendo no Rahad?

Elayne poderia ter seguido a mulher, não fosse o fato de Birgitte tê-la puxado para

a direção oposta.

— Eu reconheço essa expressão no seu olhar, Elayne. — Os olhos de Birgitte

sondaram a rua como se ela presumisse que algum transeunte estivesse ouvindo as

duas às escondidas. — Não sei por que você quer ir atrás daquela mulher, mas ela

parece ser respeitada. Abordá-la pode nos trazer mais lâminas do que eu e você

juntas damos conta.

Era a pura verdade, assim como o fato de que bravias domanesas não eram o que

ela tinha ido procurar em Ebou Dar.

Tocando no braço de Birgitte, ela meneou a cabeça para dois homens que viravam

a esquina logo à frente. Com seu casaco azul com listras de cetim, Nalesean tinha

toda a pinta de um lorde taireno. A indumentária acolchoada o cobria até o pescoço,

e seu rosto suado reluzia quase tanto quanto a barba oleosa. Encarava qualquer

pessoa que lhe desse qualquer olhadela com uma expressão que, àquela altura, com

certeza já teria arranjado briga, exceto por estar acariciando o punho da espada como

se aceitasse uma de bom grado. Mat, por outro lado, não fazia nenhuma careta.

Pavoneava-se ao lado dele e, não fosse por um ar de descontentamento, poderia até

estar se divertindo. Com o casaco desabotoado, o chapéu puxado para baixo e aquele

cachecol enrolado no pescoço, parecia ter passado a noite de taverna em taverna, o

que podia muito bem ser o caso. Para a sua surpresa, Elayne percebeu que passara

vários dias sem pensar nele. Suas mãos coçavam para analisar aquele *ter'angreal*

dele, mas a tigela era infinitamente mais importante.

— Eu nunca tinha pensado nisso — murmurou Birgitte —, mas acho que Mat é o

mais perigoso daqueles dois. Um N'Shar em Mameris. Fico me perguntando o que

eles estão fazendo neste lado do Eldar.

Elayne ficou olhando para ela. Um o quê, onde?

— Provavelmente já beberam todo o vinho do outro lado. É sério, Birgitte, eu

gostaria muito que você se concentrasse no que viemos fazer. — Desta vez, ela *não*

iria pedir uma explicação sobre os termos estranhos.

Quando Mat e Nalesean passaram por elas, Elayne tratou de esquecê-los no

mesmo instante e começou a examinar a rua. Seria maravilhoso encontrar a tigela

logo naquele dia. Em especial porque ela formaria dupla com Aviendha na vez

seguinte em que saíssem. Elayne estava começando a gostar da mulher, apesar de

suas ideias *extremamente* peculiares a respeito de Rand e delas, mas ela de fato tinha

uma tendência a encorajar mulheres que pareciam prontas para sacar uma faca.

Aviendha chegava a parecer desapontada pelos homens baixarem o olhar quando ela

os encarava, em vez de sacarem uma lâmina como as mulheres fariam!

— Aquele ali — disse Elayne, apontando. Nynaeve estava enganada sobre a

construção ter cinco andares. Ou será que não? Elayne torcia muito para que Egwene

tivesse encontrado uma solução.

* * *

Egwene esperava pacientemente enquanto Logain bebia um pouco mais de água. A

tenda dele não era tão espaçosa quanto haviam sido os alojamentos em Salidar, mas

ainda era maior que a maioria das demais no acampamento. Tinha de haver espaço

para as seis irmãs, sentadas em banquinhos, blindando-o noite e dia. A sugestão de

Egwene para que a blindagem fosse amarrada fora encarada com algo próximo ao

choque e não muito distante do desdém. Nenhuma das irmãs estava disposta a acatar

a sugestão, em particular naquele momento, tão pouco tempo depois de ela ter

elevado quatro mulheres a Aes Sedai sem fazerem o teste ou proferirem os votos

com o Bastão dos Juramentos, e talvez nunca. Siuan dissera que elas não iriam. O

costume mandava que fossem seis, embora, caso ele estivesse tão enfraquecido

quanto Siuan e Leane, quaisquer três irmãs no acampamento certamente poderiam

ter dado conta de prendê-lo, e o costume dizia que a blindagem em um homem devia

ser mantida por mulheres canalizando, e não amarrada. Uma única lamparina provia

uma iluminação fraca. Ela e Logain estavam sentados em lençóis dispostos como se

fossem tapetes.

— Deixe-me entender — disse Logain ao baixar o copo de estanho. — Você quer

saber o que *eu* acho da anistia de al'Thor? — Algumas irmãs se agitaram em seus

banquinhos, talvez por ele não a ter chamado de “Mãe”, embora mais provavelmente

por ficarem incomodadas com aquele assunto.

— Quero saber o que você pensa, sim. Você com certeza deve ter uma opinião. Se

estivesse em Caemlyn ao lado dele, é muito provável que você já tivesse recebido

um lugar de honra. Aqui, você pode ser amansado a qualquer momento. Outra coisa,

você diz que conseguiu evitar a loucura por seis anos. Qual é a chance, na sua

opinião, de que quaisquer homens que forem até ele possam fazer o mesmo?

— Elas realmente pretendem me amansar de novo? — Sua voz estava calma, mas

o tom de voz era ferido e raivoso. — Eu me coloquei inteiramente do lado de vocês

e fiz tudo o que me pediram. Me ofereci para prestar qualquer juramento que vocês

mandassem.

— O Salão vai decidir em breve. Algumas prefeririam que, convenientemente,

você morresse. Se as Aes Sedai recontarem a sua história... Bem, todos sabem que as

Aes Sedai não podem mentir. Mas eu não acredito que você precise ficar com medo

disso. Você nos serviu bem demais para eu permitir que lhe façam mal. E, aconteça

o que acontecer, você ainda pode servir e ver a Ajah Vermelha ser punida, como

deseja.

Logain se pôs de joelhos, rosnando de modo ameaçador, mas Egwene abraçou

saidar e, em um piscar de olhos, envolveu-o com segurança em fluxos de Ar. As

irmãs que mantinham a blindagem estavam com toda a sua força voltada só para isso

— outro costume, segundo o qual se devia usar toda a força disponível para manter

um homem blindado —, mas várias eram capazes de dividir suas tessituras e, caso

elas achassem que Logain fosse machucá-la, uma delas poderia ter desviado uma

parte para ele. Mas Egwene não queria correr o risco de que o ferissem.

Os fluxos o mantiveram ali de joelhos, mas ele parecia ignorá-los.

— Vocês querem saber o que eu penso sobre a anistia de al'Thor? Eu queria estar

com ele agora! Que queimem todas vocês! Eu fiz tudo o que vocês pediram! Que a

Luz queime todas vocês!

— Fique calmo, Mestre Logain. — Egwene se surpreendeu por sua voz ter saído

com tanta sobriedade. O coração estava acelerado, embora não por medo dele, claro.

— Uma coisa eu juro: nunca vou machucá-lo e, caso esteja ao meu alcance, não vou

permitir que qualquer pessoa que me siga lhe faça mal, a não ser que você se volte

contra nós. — A fúria desaparecera do seu rosto, substituída por firmeza. Será que

ele estava ouvindo? — Mas o Salão vai fazer o que decidir. Está calmo agora? —

Logain assentiu de modo cansado, e Egwene soltou os fluxos. Ele tornou a afundar

no chão, sem olhar para ela. — Vou conversar com você sobre a anistia quando você

estiver mais calmo. Talvez amanhã ou depois. — Logain voltou a fazer que sim com

a cabeça, seco e ainda sem encará-la.

Quando ela se abaixou e saiu da tenda, os dois Guardiões que montavam guarda

do lado de fora fizeram uma reverência. Ao menos os Gaidin não se importavam por

ela ter dezoito anos, uma Aceita elevada a Aes Sedai só por ter sido elevada a

Amyrlin. Para os Guardiões, uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e a Amyrlin era a

Amyrlin. Ainda assim, ela só se permitiu soltar a respiração quando já estava longe o

bastante para que os dois não escutassem.

O acampamento era bem grande, tendas para centenas de Aes Sedai espalhadas

pela floresta, para Aceitas, noviças e serviçais, carroças, carroções e cavalos por toda

parte. O cheiro de comida da refeição noturna estava forte no ar. Ao redor,

estendiam-se as fogueiras do exército de Gareth Bryne, e a maior parte

dos homens

estava dormindo no chão, não em tendas. O Bando da Mão Vermelha encontrava-se

acampado a não mais que dez milhas ao sul. Por mais de duzentas milhas, Talmanes

não havia permitido que essa distância variasse mais que cerca de uma milha para

qualquer direção, de dia ou de noite. Eles continuavam a desempenhar seu papel no

plano de Egwene, conforme sugerido por Siuan e Leane.

As forças de Gareth Bryne haviam crescido nos dezesseis dias desde a partida de

Salidar. Dois exércitos marchando devagar rumo ao norte pelo meio de Altara,

claramente hostis um ao outro, chamavam atenção. Nobres e suas tropas se

adiantavam para se aliarem ao mais forte entre os dois. É verdade que nenhum

daqueles lordes e ladies teria feito os juramentos que fez se soubesse que não haveria

nenhuma grande batalha em suas terras. É verdade que, se pudessem escolher, todos

teriam dado no pé assim que perceberam que o alvo de Egwene era Tar Valon, não

um exército de Devotos do Dragão. Mas eles haviam feito os juramentos, ao menos

para *uma* Amyrlin, perante Aes Sedai que se intitulavam o Salão da Torre, com

centenas de outras pessoas assistindo. Quebrar esse tipo de voto acabaria trazendo

sérias consequências. Além disso, mesmo que a cabeça de Egwene

terminasse

enfiada numa estaca na Torre Branca, nenhum deles acreditava que Elaida

esqueceria o pacto que eles tinham feito. Apesar de se verem presos a uma aliança e

a uma fidelidade que não tinham pretendido jurar, estariam entre os seus partidários

mais fervorosos. A única saída que tinham dessa situação difícil era ver Egwene

usando a estola em Tar Valon.

Siuan e Leane estavam bastante decididas quanto àquilo. Egwene não tinha

certeza de como se sentia. Se tivesse havido algum jeito de remover Elaida sem

derramar uma única gota de sangue, ela teria aceitado na hora. No entanto, achava

que não havia.

Após um pequeno jantar com carne de cabra, nabo e algo que ela não investigou

muito de perto para ver o que era, Egwene se retirou para a sua tenda. Não era a

maior do acampamento, mas com certeza a maior ocupada por uma única pessoa.

Chesa estava lá esperando para ajudá-la a se despir, radiante por ter adquirido da

criada de uma lady altarana um pedaço do melhor linho que se poderia imaginar, um

material translúcido que renderia camisolas frescas. Egwene costumava deixar

Chesa dormir na tenda com ela para lhe fazer companhia, ainda que uma pilha de

lençóis não chegasse aos pés da cama dobrável da criada. Naquela noite, Egwene

mandou a mulher sair assim que ficou pronta para ir para a cama. Ser a Amyrlin

implicava em ter alguns privilégios. Tais como uma tenda exclusiva para a sua

criada ou poder dormir sozinha em noites em que isso era necessário.

Ela ainda não estava suficientemente cansada para ir dormir, o que não era

problema. Conseguir pegar no sono era uma missão simples para quem fora treinada

por Andarilhas dos Sonhos Aiel. Egwene adentrou *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu de pé no aposento que fora seu gabinete na Pequena Torre durante um

período bem curto. A mesa e as cadeiras permaneciam lá, claro. Mobília não era algo

que se levasse quando se viajava com um exército. Qualquer lugar parecia vazio no

Mundo dos Sonhos, mas a impressão era ainda mais forte nos lugares de fato

desabitados. A Pequena Torre já parecia... oca.

De repente, Egwene percebeu que a estola da Amyrlin estava sobre seus ombros.

Ela a fez desaparecer bem a tempo. No instante seguinte, Nynaeve e Elayne estavam

lá, Nynaeve tão sólida quanto ela, Elayne, enevoadada. Siuan se mostrara relutante em

abrir mão do anel *ter'angreal* original, e uma ordem firme de Egwene havia sido

necessária para fazê-la obedecer. Elayne trajava um vestido verde com rendas que se

derramavam sobre as suas mãos e delineavam um decote estreito, ainda que

assustadoramente cavado, que revelava uma faquinha que pendia de uma gargantilha

de ouro bem justa, o punho aninhado entre seus seios compondo uma massa de

pérolas e gotas de fogo. Aonde quer que fosse, Elayne sempre parecia aderir

imediatamente à moda local. Nynaeve, como esperado, usava uma lã pesada de Dois

Rios, escura e simples.

— Já encontraram? — indagou Egwene, esperançosa.

— Ainda não, mas vamos encontrar. — Elayne pareceu tão otimista que Egwene

quase ficou desconcertada. Era claro seu esforço para soar daquele jeito.

— Estou certa de que não vai demorar muito — garantiu Nynaeve, soando ainda

mais positiva.

As duas deviam estar empacadas. Egwene suspirou.

— Talvez vocês devessem se juntar a mim de novo. Tenho certeza de que vocês

poderiam encontrar a tigela daqui a mais alguns dias, mas fico preocupada com

todas aquelas histórias. — Elas eram capazes de se cuidar. Egwene sabia disso, e

seriam ótimas palavras para se gravar nos túmulos das duas. Sivan disse que

nenhuma das histórias que elas haviam contado era exagerada.

— Ah, não, Egwene — protestou Nynaeve. — A tigela é importante

demais.

Você sabe que é. Se não encontrarmos, as consequências serão terríveis.

— Além disso — acrescentou Elayne —, em que tipo de confusão podemos nos

meter? Passamos todas as noites no Palácio Tarasin, caso você tenha se esquecido, e

Tylin pode até não nos dar um beijo de boa-noite, mas chega perto disso. — O

vestido dela estava diferente. O corte permanecia inalterado, mas o material ficara

áspero e desgastado. Nynaeve trajava quase uma cópia dele, exceto por sua faca não

conter mais do que nove ou dez contas de vidro no punho. Não pareciam roupas para

palácio nenhum. Pior, ela estava tentando parecer inocente. Nynaeve não tinha

nenhuma prática naquilo.

Egwene deixou passar. A tigela *era* importante, as duas *eram* perfeitamente

capazes de cuidar de si mesmas, e ela sabia muito bem que as amigas não estavam

procurando no Palácio Tarasin. Ela quase deixou passar, na verdade.

— Vocês estão usando Mat, não estão?

— Nós... — De repente, Elayne reparou no vestido e se assustou. Por algum

motivo, porém, pareceu que foi a faquinha que realmente a assustou. Com os olhos

se esbugalhando, ela apertou o punho, um monte de contas de vidro vermelhas e

brancas bem grandes, e seu rosto se ruborizou por completo. No instante seguinte, já

trajava um vestido andoriano de gola alta de seda verde.

O engraçado foi Nynaeve ter percebido o que estava usando só um piscar de olhos

depois de Elayne e ter reagido exatamente da mesma maneira. Igualzinho. A

exceção talvez tenha sido que, se Elayne ficou da cor de um pôr do sol, Nynaeve

ficou da cor de dois. Antes até de Elayne ter se trocado, ela já estava de novo com

suas lãs de Dois Rios.

Elayne pigarreou e, com a voz ofegante, disse:

— Mat é bastante útil, eu tenho certeza, mas não podemos deixar que ele nos

atrapalhe, Egwene. Você sabe como ele é. Mas você pode ter certeza de que, se

formos fazer algo perigoso, estaremos com ele e todos os soldados dele um do lado

do outro ao nosso redor. — Nynaeve se manteve em silêncio e com uma cara azeda.

Talvez estivesse se lembrando das ameaças de Mat.

— Nynaeve, você não vai pegar muito pesado com Mat, vai?

Elayne gargalhou.

— Ela não está nem falando com ele, Egwene.

— É a pura verdade — tratou de acrescentar Nynaeve. — Eu não discuti com ele

nenhuma vez desde que chegamos a Ebou Dar.

Em dúvida, Egwene assentiu com a cabeça. Ela poderia resolver

aquela questão,

mas seria preciso... Deu uma olhadinha para baixo para se certificar de que a estola

não havia reaparecido e só a viu surgir e sumir tão rápido que nem ela teria sido

capaz de reconhecê-la.

— Egwene — disse Elayne —, você já conseguiu falar com as Andarilhas dos

Sonhos?

— É — acrescentou Nynaeve. — Elas sabem qual é o problema?

— Já falei — suspirou Egwene. — Não sabem, não.

Tinha sido uma reunião estranha, apenas alguns dias antes, cujo início se dera

quando Egwene achou os sonhos de Bair. Melaine e Bair foram encontrá-la na Pedra

de Tear. Amys dissera que não a ensinaria mais, e, portanto, não foi. No começo,

Egwene se sentiu pouco à vontade. Não conseguia reunir forças para contar para

aquelas mulheres que era Aes Sedai, e menos ainda a Amyrlin, por medo de que elas

fossem pensar que se tratava de mais uma mentira. Com certeza não precisara se

preocupar com a estola aparecer de repente. E também havia a *toh* dela em relação a

Melaine. Egwene tocou no assunto, pensando o tempo todo em quantas milhas teria

que passar em cima de uma sela no dia seguinte, mas Melaine estava tão satisfeita

porque teria filhas — a mulher contou, felicíssima, sobre a visão de

Min — que não

só foi logo anunciando que Egwene não tinha nenhuma *toh* em relação a ela, como

disse que daria a uma das filhas o nome de Egwene. Aquele fora um pequeno

momento de prazer numa noite cheia de perda de tempo e irritação.

— O que elas disseram — prosseguiu ela — foi que nunca tinham ouvido falar de

ninguém tentando encontrar de novo uma coisa por necessidade depois de já tê-la

encontrado. Bair achou que talvez fosse parecido com tentar comer a mesma... maçã

duas vezes. — A mesma *motai*, fora a expressão que Bair tinha usado. Uma *motai*

era uma espécie de larva encontrada no Deserto. Bem doce e crocante, até Egwene

descobrir o que estava comendo.

— Você está dizendo que nós *não podemos* encontrar um jeito de voltar para o

armazém? — suspirou Elayne. — Eu estava torcendo para que estivéssemos fazendo

alguma coisa errada. Ah, pois bem. Nós vamos encontrar mesmo assim. — Elayne

hesitou, e seu vestido tornou a mudar, embora ela não tivesse percebido. Ainda era

andoriano, mas vermelho, com os Leões Brancos de Andor subindo pelas mangas e

por todo o corpete. Um vestido de rainha, mesmo sem a Coroa de Rosas repousando

em seus cachos louros levemente avermelhados. Mas era um vestido de rainha com

corpete bem justo que talvez tivesse um decote maior do que uma rainha andoriana

usaria. — Elas falaram alguma coisa sobre Rand, Egwene?

— Ele está em Cairhien, refestelando-se lá pelo Palácio do Sol, pelo que entendi.

— Egwene conseguiu não se encolher toda. Nem Bair nem Melaine haviam revelado

muito, mas Melaine chegara a resmungar alguma coisa sobre Aes Sedai enquanto

Bair dizia que todas elas mereciam uma boa surra e que, independentemente do que

Sorilea dissesse, uma surra comum devia adiantar. Egwene tinha muito medo de que

Merana, de alguma forma, tivesse metido os pés pelas mãos. Pelo menos ele estava

se esquivando das emissárias de Elaida. Ela não achava nem de longe que ele

soubesse lidar tão bem com elas quanto achava que sabia. — Perrin está com ele. E a

esposa de Perrin! Ele se casou com Faile! — Aquilo gerou exclamações. Nynaeve

disse que Faile era boa demais para ele, mas o comentário foi acompanhado de um

largo sorriso. Elayne falou que torcia para que os dois fossem felizes, mas, por

algum motivo, soou como quem duvidava daquilo. — Loial também está lá. E Min.

Só falta Mat e nós três.

Elayne mordiscou o lábio inferior.

— Egwene, você daria... um recado para Min pelas Sábias? Diga a ela... — Ela

hesitou, mordiscando o lábio enquanto pensava. — Diga a Min que eu torço para

que ela venha a gostar de Aviendha tanto quanto gosta de mim. Eu sei que parece

estranho. — Ela riu. — É um assunto particular nosso. — Nynaeve olhou para

Elayne de um jeito tão esquisito quanto a própria Egwene devia estar olhando.

— Dou, sim, claro. Mas não pretendo falar com elas de novo por um bom tempo.

— Não havia muita razão para tal quando elas se mostravam tão relutantes em

compartilhar informações sobre Rand. E tão hostis em relação às Aes Sedai.

— Ah, tudo bem — disse Elayne depressa. — Não é tão importante assim. Bem,

se não podemos apelar para a necessidade, vamos ter que apelar para a mobilidade,

e, em Ebou Dar, os meus pés estão doendo neste exato momento. Se vocês não se

importam, vou voltar para o meu corpo e dormir de verdade um pouco.

— Pode ir — disse Nynaeve. — Vou ficar só mais um pouco. — Quando Elayne

desapareceu, ela se virou para Egwene. Seu vestido também mudou, e Egwene

achou que sabia muito bem por quê. Virou um azul delicado, decotado. Havia flores

no cabelo, e fitas por toda a trança, como haveria caso ela se casasse em Dois Rios.

O coração de Egwene ficou apertado por ela. — Você ouviu alguma coisa sobre

Lan? — perguntou Nynaeve calmamente.

— Não, Nynaeve, não ouvi. Eu lamento muito. Gostaria de poder lhe dizer mais

que isso. Sei que ele ainda está vivo, Nynaeve. E sei que ele ama você tanto quanto

você o ama.

— Claro que ele está vivo — rebateu Nynaeve com firmeza. — Não vou permitir

nada diferente disso. Quero que ele seja meu. Ele é meu, e eu não vou deixar que o

matem.

Quando Egwene acordou, Siuan estava sentada ao lado da cama dobrável, pouco

visível na escuridão.

— Já? — perguntou Egwene.

O brilho envolveu Siuan à medida que ela teceu um pequeno selo de proteção

contra bisbilhotagem em torno das duas.

— Das seis irmãs em serviço a partir da meia-noite, só três têm Guardiões, e esses

Gaidin vão montar guarda do lado de fora. Alguém vai trazer chá de menta para elas,

com um pequeno ingrediente a mais cujo gosto elas não devem sentir.

Egwene fechou os olhos por um instante.

— Eu estou agindo certo?

— Você pergunta para *mim*? — Siuan se engasgou. — Eu fiz o que mandou, Mãe.

No que dependesse de mim, eu preferiria pular no meio de um cardume de lúcios

famintos do que ajudar aquele homem a escapar.

— Elas vão amansá-lo, Siuan. — Egwene debatera esse assunto com ela, mas

precisava repassar tudo de novo sozinha para convencer a si mesma de que não

estava cometendo um erro. — Nem mesmo Sheriam dá mais ouvidos a Carlinya, e

Lelaine e Romanda estão pressionando. Ou é isso ou alguém vai realmente fazer o

que Delana tem insinuado. Eu não vou permitir assassinatos! Se não pudermos

julgar um homem e executá-lo, não temos o direito de *dar um jeitinho* de fazer com

que ele morra “acidentalmente”. Eu não vou deixar que o assassinem, e não posso

permitir que ele seja amansado. Se Merana realmente deixou Rand irritado por

algum motivo, isso vai jogar ainda mais lenha na fogueira. Eu só gostaria de ter

certeza de que ele vai atrás de Rand para se juntar a ele, em vez de fugir para sabe lá

a Luz onde, para fazer sabe lá a Luz o quê. Assim, pelo menos, poderia haver algum

jeito de controlar o que ele faz. — Ela escutou Siuan se mexendo na escuridão.

— Eu sempre pensei que a estola pesasse mais ou menos o mesmo que três

homens de bom tamanho — ponderou Siuan, tranquila. — A Amyrlin tem poucas

decisões fáceis para tomar, e mais raras ainda são as decisões das quais está

completamente certa. Faça o que deve e, se errar, assuma as consequências. Às

vezes, é preciso enfrentar consequências mesmo quando se acerta.

Egwene riu baixinho.

— Tenho a impressão de já ter ouvido isso antes. — Depois de um tempinho, sua

alegria se dissipou. — Não deixe ele machucar ninguém durante a fuga, Siuan.

— Como ordenar, Mãe.

* * *

— Isso é terrível — resmungou Nisao. — Se ficarem sabendo, a condenação vai ser

suficiente para mandá-la para o exílio, Myrelle. E eu vou junto. Quatrocentos anos

atrás, poderia até ter sido corriqueiro, mas ninguém vai pensar isso nos dias de hoje.

Alguns vão dizer que é um crime.

Myrelle ficou contente pela lua já estar baixa. Isso escondia sua careta. Ela era

capaz de manejar a Cura sozinha, mas Nisao vinha estudando como tratar

enfermidades da mente, algo que o Poder não podia tocar. Myrelle não estava muito

convencida de que aquilo contava como uma enfermidade, mas tentaria qualquer

ferramenta que pudesse dar certo. Nisao podia estar reclamando, mas Myrelle sabia

que a outra preferiria cortar a própria mão a deixar passar aquela chance de

aprofundar seus estudos.

Ela conseguia senti-lo lá fora na noite, aproximando-se. Estavam bem longe das

tendas, bem além dos soldados, só com árvores esparsas rodeando-as. Sentira-o

desde o momento em que seu elo passou para ela, o crime que tanto preocupava

Nisao. Um elo com um Guardiã passado de uma Aes Sedai para outra sem o

consentimento dele. Nisao tinha razão em um ponto: teriam que guardar aquele

segredo pelo máximo de tempo possível. Myrelle conseguia sentir os ferimentos

dele, alguns quase curados, outros recentes. Alguns gravemente infectados. Ele não

teria procurado brigas. Ele tinha que vir atrás dela, tão certo quanto um pedregulho

empurrado do alto de uma montanha tinha que rolar até a base. Mas ele também não

teria nem tentado fugir de uma batalha. Ela sentira a jornada dele à distância e no

sangue. O sangue dele. Por toda Cairhien e Andor, Murandy e, àquela altura, Altara,

por terras infestadas de rebeldes e canalhas, bandidos e Devotos do Dragão,

concentrado nela feito uma flecha voando em direção ao alvo, abrindo caminho pelo

meio de quaisquer homens armados que se interpusessem em seu trajeto. Nem ele

conseguiria fazer aquilo sem se ferir. Em sua mente, ela foi somando todas as lesões

dele e se admirou por ele ainda estar vivo.

Primeiro, ela ouviu o ruído das patas de um cavalo, uma cadência regular, e só

então foi capaz de divisar na noite o imenso cavalo de guerra negro. O cavaleiro

também parecia ser a própria noite. Só podia estar trajando seu manto. O cavalo

parou a uma boa distância, a umas cinquenta passadas dela.

— Você não deveria ter mandado Nuhel e Croi irem me encontrar — afirmou o

cavaleiro indistinto com uma voz ríspida. — Eu quase matei os dois antes de ver

quem eram. Avar, já pode sair de trás da árvore. — Mais à direita, a noite pareceu se

mover. Avar também usava seu manto e não esperaria ter sido visto.

— Isto é uma loucura — murmurou Nisao.

— Fique quieta — murmurou Myrelle. Falando mais alto, ela intimou: — Venha

até mim. — O cavalo não se moveu. Um cão de caça de luto por sua senhora morta

não iria até uma nova senhora com tanta boa vontade. Com delicadeza, ela teceu

Espírito e tocou a parte dele que continha o elo com ela. Tinha de ser com

delicadeza, ou ele ficaria sabendo, e só o Criador sabia que tipo de explosão poderia

resultar daquilo. — Venha até mim.

Dessa vez, o cavalo se aproximou e o homem girou e desceu para, a passos largos,

percorrer as últimas passadas; um homem alto, as sombras do luar

fazendo com que

seu rosto anguloso desse a impressão de ter sido entalhado em pedra.
Ali estava ele

diante dela, olhando-a de cima, e, ao fitar os olhos frios de Lan
Mandraboran, ela viu

a morte. Que a Luz a ajudasse. Como ela conseguiria mantê-lo vivo
por tempo

suficiente?



O FESTIVAL DAS LUZES

Perrin já estava ficando irritado com o povo dançando nas ruas de Cairhien, tão

cheias que era quase impossível abrir caminho pela multidão. Uma fileira de pessoas

passou por ele, serpenteando atrás de um sujeito narigudo e sem camisa tocando

flauta. A última da fila era uma mulherzinha redonda e saltitante, gargalhando feliz,

que soltou uma das mãos agarrada à cintura do homem à sua frente e tentou puxar

Perrin para a fileira. Ele balançou a cabeça em negativa, e os olhos amarelos

assustaram a mulher ou seu mau humor era visível, pois ela engoliu o sorriso e

seguiu adiante, sem parar de olhá-lo por cima do ombro até sumir na multidão. Uma

mulher grisalha e ainda vistosa, ostentando listras coloridas até a cintura no vestido

de seda escura, agarrou o pescoço de Perrin com os braços esguios e foi com a boca

ávida em direção à dele. Acabou levando um susto quando Perrin a agarrou com

toda a delicadeza por debaixo dos braços e a tirou do caminho. Um grupo de homens

e mulheres mais ou menos da sua idade que andava cabriolando ao som de tambores

trombou com ele, rindo alegremente e puxando seu casaco. Eles ignoraram o

balançar negativo da cabeça, até que Perrin empurrou um dos homens para longe

com força e soltou um rosnado para os outros. Por um instante, o riso deu lugar a

olhares embasbacados, mas o grupo logo voltou a berrar, tentando imitar o rosnado,

antes de sair galhofando pela multidão.

Era o primeiro dia do Festival das Luzes, o dia mais curto e o último do ano, e a

cidade celebrava de formas que Perrin jamais teria imaginado. Claro que o povo de

Dois Rios gostava de dançar durante os festejos, mas aquilo era...! Os cairhienos

pareciam determinados a compensar o ano inteiro de reserva e seriedade naqueles

dois dias de festa. O decoro fora posto de lado, assim como todas as barreiras entre

nobres e plebeus, ao menos publicamente. Mulheres transpirando sob a lâ áspera e

simples agarravam homens suados em roupas de seda escura com listras coloridas,

puxando-os para a dança; homens usando casacos de condutor e coletes de

cavalariaço rodopiavam mulheres cujos vestidos exibiam listras coloridas às vezes até

a cintura. Homens de torso desnudo derrubavam vinho no próprio corpo e em quem

mais estivesse por perto. Ao que parecia, qualquer homem podia beijar qualquer

mulher, e qualquer mulher podia beijar qualquer homem. E, em cada canto onde

Perrin olhava, todos pareciam fazer exatamente aquilo. Tentava não ficar olhando

muito tempo para uma só cena. Algumas das nobres que usavam os cabelos em

torres de cachos elaboradas estavam nuas até a cintura, usando apenas capas leves,

que faziam pouco esforço para manter fechadas. Entre os plebeus, poucas mulheres

que tinham tirado as blusas se davam ao trabalho de usar qualquer cobertura além

dos próprios cabelos, que eram quase sempre curtos demais para dar conta do recado

— elas também jogavam vinho por cima do corpo, aliás, e espalhavam bebidas em

todos por perto, no mesmo descontrole dos homens. Gargalhadas sonoras

disputavam espaço com mil notas musicais diferentes, vindas de flautas, tambores,

cornetas, cítaras, sabiolas e saltérios.

O Círculo das Mulheres de Campo de Emond teria tido um ataque com aquilo, e o

Conselho da Aldeia também teria ficado sem palavras, mas aquela depravação era só

mais um detalhe para se somar à irritação de Perrin. Quando Nandera foi procurá-lo,

disse que Rand provavelmente sumiria por umas poucas horas, mas já tinham se

passado seis dias desde seu desaparecimento. E ou Min tinha ido com ele ou estava

com os Aiel, só que ninguém parecia saber de nada. Fora aquela tal de Sorilea, as

Sábias eram tão evasivas quanto as Aes Sedai — isso quando Perrin conseguia botar

alguma contra a parede. Sorilea mandou, sem rodeios, que cuidasse da própria

esposa e mantivesse o bedelho fora de assuntos que não diziam respeito aos

aguacentos. Perrin não fazia ideia de como Sorilea sabia do problema entre ele e

Faile, mas não queria nem saber. Sentia o puxão de Rand feito uma comichão por

sob toda a pele, e estava mais forte a cada dia. Estava voltando da escola, onde fora

em uma última tentativa de encontrá-lo, mas todos por lá estavam ocupados com

bebedeiras, dança e devassidão, feito o restante de Cairhien. Uma mulher chamada

Idrien foi apontada como diretora da escola, mas quando ele enfim conseguiu —

com alguma dificuldade e muito constrangimento — tirá-la dos beijos que dava em

um rapaz com idade para ser filho dela por tempo suficiente para perguntar o que

queria, a mulher só conseguiu responder que talvez um sujeito chamado Fel

soubesse de alguma coisa. Bem, acabou que o tal Fel estava dançando com três

jovens que poderiam ser suas netas. E com as três ao mesmo tempo! Fel mal

conseguia lembrar o próprio nome — o que talvez, dadas as circunstâncias, não

fosse muito surpreendente. Ah, que a Luz queimasse Rand! Tinha ido embora sem

uma palavra, mesmo sabendo sobre a visão de Min, mesmo sabendo que precisaria

de Perrin. Ao que parecia, até as Aes Sedai tinham ficado chocadas com aquilo.

Naquela mesma manhã, Perrin ficara sabendo que elas tinham partido de volta para

Tar Valon havia três dias, depois de afirmarem que não havia mais sentido em

permanecer por ali. O que Rand estaria aprontando? Aquela comichão estava

deixando Perrin desesperado.

Quando chegou ao Palácio do Sol, encontrou todas as lamparinas acesas e velas

queimando em todos os cantos possíveis, fazendo os corredores brilharem feito

pedras preciosas sob o sol. Em Dois Rios, todas as casas também estariam

iluminadas com todos os lampiões e velas disponíveis pelos dois dias seguintes, até

o amanhecer. A maioria dos serviçais do palácio estava pelas ruas, e os poucos que

permaneciam lá dentro dançavam, cantavam e gargalhavam quase tanto quanto

trabalhavam. Mesmo ali, viam-se mulheres nuas até a cintura, tanto garotas que mal

teriam idade para trançar os cabelos em Dois Rios quanto avós de cabeça branca. Os

Aiel nos corredores pareciam incomodados quando reparavam nas comemorações,

embora na maioria das vezes não esboçassem reação. As Donzelas em particular

pareciam furiosas, embora Perrin suspeitasse de que aquela raiva não tivesse a ver

com o desdém das cairhienas — desde o sumiço de Rand, as Donzelas ficavam

mais parecidas com gatas irritadas.

Ali dentro, pelo menos Perrin conseguiu avançar a passos largos pelos corredores.

Quase desejou que Berelain o atacasse. Na imagem que lampejou em sua mente,

cravava os dentes na nuca da mulher e a sacudia até que ela saísse correndo com o

rabo entre as pernas. Talvez tenha sido a sorte que o fez chegar a seus aposentos sem

avistar sequer um fio de cabelo dela.

Teve certeza de que Faile quase desviou os olhos do tabuleiro de pedras quando

ele entrou. A mulher ainda exalava aquele cheiro de ciúmes, mas não era o mais

forte no momento; a raiva estava mais aguçada, ainda que não estivesse no auge. Em

vez disso, o odor mais poderoso era um cheiro insípido e embotado que ele

identificou como decepção. Por que a mulher estava decepcionada com ele? Por que

não queria conversar? Bastava uma palavra, uma só dica de que tudo voltaria a ser

como era, que Perrin cairia de joelhos e aceitaria a culpa por qualquer coisa que

Faile quisesse despejar sobre ele. Mas ela apenas moveu uma pedra preta e

murmurou:

— É a sua vez, Loial. Loial?

As orelhas do Ogier se remexeram, incomodadas, e as compridas sobrancelhas

desabaram. Loial podia ter um péssimo olfato — bem, tão ruim quanto o de Faile,

por exemplo —, mas podia perceber mudanças de humor que nenhum humano

percebia. Quando Perrin e Faile estavam no mesmo ambiente, o Ogier sempre

parecia com vontade de chorar. Ele apenas suspirou, um som que pareceu uma

ventania em uma caverna, e depositou uma pedra branca em um ponto em que

prenderia grande parte das pedras de Faile, se ela não reparasse e tomasse uma

providência. E Faile decerto faria algo a respeito. Ela e Loial eram oponentes do

mesmo nível, jogadores muito melhores do que Perrin.

Sulin saiu do dormitório com um travesseiro nos braços, franzindo o cenho para

Faile e Perrin. Seu cheiro remetia a uma loba que aguentara quanto pudera enquanto

um sem-número de lobinhos puxavam seu rabo em brincadeiras. Também cheirava a

preocupação. E, estranhamente, a medo — bem, Perrin não sabia dizer por que era

estranho encontrar uma serviçal de cabelos brancos cheirando a medo, por mais que

fosse uma de cara curtida e cheia de cicatrizes como Sulin.

Ele pegou um livro de capa de couro trabalhada com douraduras, afundou em uma

poltrona e abriu o exemplar. Só que não leu, nem sequer olhou para o

livro direito

para saber qual volume tinha em mãos. Inspirou profundamente, deixando tudo de

fora, menos Faile. Decepção, raiva, ciúmes, e por baixo de tudo aquilo, ainda mais

sutil que o suave aroma herbóreo de sabão, estava ela. Sorveu-a com sofreguidão.

Uma palavra, era só o que ela precisava dizer.

Bateram à porta e Sulin saiu do quarto pisando duro, balançando as saias de tecido

vermelho e branco e cravando os olhos em Perrin, Faile e Loial como se perguntasse

por que nenhum deles atendera. Quando viu Dobraine ali, parado, Sulin chegou até a

rosnar — coisa que vinha fazendo com bastante frequência desde o sumiço de Rand

—, então respirou fundo, como se reunisse forças, e se obrigou a assumir uma

postura servil. A mesura profunda poderia ter saudado um rei que fizesse as vezes de

carrasco, e a mulher permaneceu naquela posição, com o rosto quase colado ao chão.

De repente, começou a tremer. O cheiro de ira se dissolveu, e até a preocupação foi

sobrepujada por um cheiro como milhares de estilhaços, todos finos como fios de

cabelo e afiados feito a ponta de uma agulha. Perrin já farejara vergonha na Aiel,

mas daquela vez ela parecia prestes a morrer daquilo. Sentiu o cheiro agri-doce que

as mulheres exalavam quando choravam de emoção.

Dobraine, naturalmente, sequer se virou para ela — seus olhos fundos analisaram

Perrin, com o rosto sério e até meio sombrio por sob a testa raspada e empoada.

Dobraine não cheirava nem de leve a bebida, e também não parecia ter dançado

recentemente. Da única vez em que Perrin o vira, achou que o homem cheirava a

cautela — não era medo, era mais como se ele atravessasse uma mata densa cheia de

cobras venenosas. Aquele cheiro estava dez vezes mais forte.

— Que a graça o favoreça, Lorde Aybara — cumprimentou Dobraine, inclinando

a cabeça. — Podemos conversar em particular?

Perrin deitou o livro no chão ao lado da poltrona e apontou para o assento à sua

frente.

— Que a Luz brilhe sobre o senhor, Lorde Dobraine. — Se o homem queria ser

formal, Perrin podia ser formal. Mas havia limites. — Seja lá o que o senhor queira

dizer, minha esposa pode ouvir. Não guardo segredos dela. E Loial é meu amigo.

Sentia o olhar de Faile fixo nele, e o cheiro súbito *dela* quase o arrebatou. Por

alguma razão, associava aquele cheiro ao amor que Faile sentia por ele, pois

costumava surgir em seus momentos mais carinhosos ou quando ela o beijava com

mais ardor. Pensou em pedir que Dobraine se retirasse, assim como a Loial e Sulin

— se Faile estava exalando aquele odor, ele sem dúvida poderia dar um jeito de

acertar as coisas —, mas o cairhieno logo foi se sentando.

— Um homem que tem uma esposa de confiança, Lorde Aybara, tem uma graça

maior que a riqueza. — Ainda assim, Dobraine encarou Faile por um instante antes

de prosseguir. — Hoje, Cairhien sofreu dois infortúnios. Esta manhã, Lorde

Maringil foi encontrado morto em sua cama. Foi envenenado, ao que tudo indica. E,

pouquíssimo tempo depois, o Grão-lorde Meilan foi vítima da facada de um

salteador em plena rua. O que é algo muito incomum durante o Festival das Luzes.

— Por que está me contando isso? — perguntou Perrin, hesitante.

Dobraine espalmou as mãos.

— O senhor é amigo do Lorde Dragão, e ele não está aqui. — O homem hesitou e,

quando prosseguiu, parecia forçar as palavras a saírem. — Ontem à noite, Colavaere

jantou com convidados de algumas das Casas menores. Daganred, Chuliandred,

Annallin, Osiellin, dentre outros. São Casas pequenas, porém numerosas. O assunto

foi a aliança com a Casa Saighan e o apoio a Colavaere em sua reivindicação ao

Trono do Sol. A mulher fez pouco esforço para manter a reunião em segredo. —

Dobraine fez outra pausa, avaliando Perrin com o olhar. Fosse lá o que o sujeito

tinha visto, parecia pensar que a situação exigia mais explicações. —
Isso é muito

estranho, porque tanto Maringil quanto Meilan almejavam o trono, e
os dois teriam

sufocado Colavaere com o próprio travesseiro se ficassem sabendo do
acontecido.

Perrin enfim compreendeu a situação, embora ainda não entendesse
por que o

homem tinha feito tantos rodeios. Desejou que Faile se pronunciasse
— a mulher

tinha muito mais talento do que ele para aquele tipo de coisa. Podia
vê-la com rabo

de olho, a cabeça inclinada por cima do tabuleiro de pedras,
observando-o de

esguelha.

— Se acredita que Colavaere cometeu um crime, Lorde Dobraine, o
senhor

deveria ir... até Rhuarc.

Evitou dizer o nome de Berelain, mas mesmo assim o fio tênue do
ciúme se

intensificou de leve em Faile.

— O Aiel selvagem? — bufou Dobraine. — É melhor ir a Berelain, se
tanto.

Admito que aquela ali até sabe comandar uma cidade, mas ela acha
que todos os dias

são o Festival das Luzes. Colavaere vai mandar fatiar e cozinhar a
mulher com

pimentas. O senhor é amigo do Dragão Renascido. Colavaere... — Ele
parou, depois

de enfim perceber que Berelain entrara sem bater, trazendo nos braços
algo

comprido e delgado envolto em um cobertor.

Perrin tinha ouvido o clique da fechadura da porta, mas ao ver a mayenense ali,

com metade dos seios expostos, a fúria quase varreu todos os seus outros

pensamentos. A mulher fora *até ali* para continuar com aquele flerte, na frente de

sua *esposa*? A ira o fez se levantar, e ele uniu as mãos espalmadas com um estrépito.

— Fora! Fora, mulher! Fora, agora! Saia, ou eu mesmo vou jogá-la para fora, e

com tanta força que vai quicar no chão!

Berelain levou um susto tão grande logo no primeiro berro que deixou cair o que

segurava e deu um passo atrás, arregalando os olhos, mas não se retirou. Quando

Perrin terminou de gritar, percebeu que todos o encaravam. Dobraine parecia

impassível, mas seu odor era de assombro. As orelhas de Loial estavam rígidas e

eretas, o queixo batendo no peito. E Faile estava com um sorriso frio... Perrin não

conseguia entender. Já estava esperando as ondas de ciúme, com Berelain bem ali,

mas por que ela também tinha aquele cheiro tão forte de mágoa?

Foi quando Perrin viu o que Berelain deixara cair. O cobertor se abriu, revelando

a espada de Rand e o cinto com a fivela do Dragão. Rand tinha deixado aquilo para

trás? Perrin gostava de pensar antes de agir — caso se precipitasse, podia acabar

magoando os outros sem intenção —, mas aquela espada caída no chão foi como o

golpe de um raio. No trabalho da forja, era burrice e desleixo agir com pressa, mas,

ali, Perrin sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, e um rosnado ressoou fundo em sua

garganta.

— Ele foi levado! — gritou Sulin, de repente, para surpresa de Perrin. Jogando a

cabeça para trás e fechando os olhos com força, ela soltou um gemido para o teto,

em um tom que fez Perrin estremecer. — As Aes Sedai levaram meu irmão-

primeiro! — Seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Acalme-se, minha boa mulher — retrucou Berelain, com firmeza. — Vá até o

quarto ao lado e acalme-se. — Para Perrin e Dobraine, acrescentou: — Não

podemos permitir que ela espalhe isso...

Sulin tratou de interrompê-la, irada:

— Você não está me reconhecendo com este vestido e o cabelo mais comprido.

Se falar outra vez de mim como se eu não estivesse aqui, farei o que ouvi dizer que

Rhuarc fez com você na Pedra de Tear, coisa que eu já devia ter feito há tempos.

Perrin trocou olhares confusos com Dobraine, Loial e até Faile, antes de a mulher

desviar os olhos. Berelain, por outro lado, alternava-se entre o rubor e a palidez. Seu

cheiro era pura mortificação, um odor trêmulo e encolhido.

Sulin avançou até a porta em passos firmes e abriu-a com vigor antes que

qualquer um dos outros pudesse se mover — Dobraine até fez menção de impedi-la,

mas não foi rápido o suficiente. Uma Donzela jovem e loura que passava a viu e

escancarou um sorriso bem-humorado.

— Tire esse sorriso da cara, Luaine — vociferou a Aiel, o corpo bloqueando o

movimento que fazia com as mãos. O sorriso escancarado de Luaine de fato sumiu

no mesmo instante. — Diga a Nandera que venha aqui agora mesmo. E Rhurc. E

traga meu *cadin'sor* e tesouras para que eu corte o cabelo direito. Corra, mulher!

Você é *Far Dareis Mai* ou *Shae'en M'taal*?

A Donzela saiu em disparada e Sulin voltou para o salão assentindo com a cabeça,

satisfeita, e bateu a porta. Faile estava de queixo caído.

— A graça está conosco — disse Dobraine, aliviado. — Ela não disse nada à Aiel,

a mulher deve estar louca. Podemos decidir o que contar a eles depois de prendê-la e

amordaçá-la.

Ele avançou para fazer justamente aquilo, já puxando um lenço verde-escuro do

bolso do casaco, mas Perrin agarrou seu braço.

— Ela é Aiel, Dobraine — avisou Berelain. — É uma Donzela da Lança. Só não

entendi o uniforme...

Para surpresa de Perrin, Berelain foi alvo de um olhar de advertência de Sulin.

Perrin soltou um suspiro lento. E pensar que tentara proteger aquela velha grisalha

de Dobraine. O cairhieno o encarou com um olhar inquisitivo, erguendo um pouco a

mão que segurava o lenço — ao que parecia, ele ainda era a favor de atá-la e

amordaçá-la. Perrin postou-se entre os dois e apanhou a espada de Rand.

— Quero ter certeza. — De súbito, percebeu que se aproximara bastante de

Berelain. A mulher olhou para Sulin, aflita, e aproximou-se ainda mais dele, como

se buscasse proteção. Mas ela exalava um odor de determinação, não de quem estava

aflita. Era o cheiro de uma caçadora. — Não quero tirar conclusões precipitadas —

continuou ele, caminhando para perto da cadeira de Faile. Sem se afoitar, apenas um

homem indo postar-se ao lado da esposa. — Esta espada por si só não é prova de

nada.

Faile levantou-se e contornou a mesa, com muita elegância, observando o

tabuleiro por trás do ombro de Loial — ou melhor, por trás do cotovelo. Berelain

também avançou, indo em direção a Perrin. Ela ainda lançava olhares temerosos a

Sulin, mas não exalava o menor cheiro de medo. A mayenense ergueu

a mão como

se fosse tomar o braço de Perrin, que foi atrás de Faile, tentando parecer displicente.

— Rand disse que três Aes Sedai não poderiam lhe fazer mal algum, se ele

tomasse cuidado — continuou. Faile deslizou pelo outro lado da mesa, de volta até a

cadeira. — Duvido muito que ele tenha deixado mais de três se aproximarem. —

Berelain o seguiu, lançando olhares comoventes para ele e claramente temerosos na

direção de Sulin. — Fui informado de que apenas três estiveram aqui, no dia em que

ele sumiu.

Perrin foi atrás de Faile, um pouco mais depressa. A mulher se levantou da

cadeira de um pulo, voltando para o lado de Loial. O Ogier gemia, apoiando a

cabeça nas mãos — um gemido que era baixo para um Ogier. Berelain seguiu Perrin

outra vez, arregalando os olhos já grandes, a personificação de uma mulher

buscando proteção. Luz, ela cheirava a determinação!

Perrin virou-se para encará-la, cravando o indicador no peito dela, o que bastou

para fazê-la guinchar de susto.

— Pare aí mesmo! — mandou. Então percebeu onde o dedo estava aninhado e

recolheu a mão, como se o contato tivesse queimado a pele. Ainda assim, conseguiu

manter a voz dura. — Fique aí!

Afastou-se da mayenense, cravando os olhos com força suficiente para rachar uma

muralha de pedras. Entendia por que o ciúme de Faile preenchia suas narinas, mas

por que ela cheirava ainda mais a mágoa do que antes?

— Poucos homens conseguem minha obediência — comentou Berelain, com uma

risadinha —, mas acho que você é um deles. — O rosto, o tom de voz e, mais

importante, o odor assumiram um ar de seriedade. — Fui dar uma busca nos

aposentos do Lorde Dragão porque estava com medo. Todos sabiam que as Aes

Sedai tinham vindo para escoltá-lo até Tar Valon, e eu não estava entendendo por

que elas de repente pareciam ter desistido. Eu mesma recebi pelo menos dez visitas

de várias irmãs para me aconselhar a respeito do que eu deveria fazer quando ele

voltasse à Torre. Pareciam todas muito confiantes de que era isso que ele faria. —

Ela hesitou, e, embora a mulher não olhasse para Faile, Perrin teve a impressão de

que estava avaliando se deveria dizer algo na frente dela. E na frente de Dobraine,

mas o problema maior parecia ser Faile. O cheiro de caçadora voltou. — Dessas

conversas, acabei com a forte impressão de que queriam que eu voltasse a Mayene,

por bem ou por mal.

Sulin resmungou entredentes, mas as orelhas de Perrin ouviram com clareza.

— Rhuarc é um idiota. Se ela fosse mesmo filha dele, o homem não teria tempo

de fazer nada além de dar umas surras nela.

— Dez? — perguntou Dobraine. — Eu só recebi uma visita. Acho que a mulher

ficou bem decepcionada quando deixei claro que havia jurado lealdade ao Lorde

Dragão. Mas, sejam dez ou uma, Colavaere é a chave. Ela sabe tanto quanto

qualquer um que o Lorde Dragão pretende entregar o Trono do Sol a Elayne

Trakand. — O homem fez uma careta. — Deveria ser Elayne Damodred. Taringail

deveria ter insistido para que Morgase adotasse o Damodred dele, em vez de ter ele

adotado o sobrenome Trakand. E ela teria concordado, porque precisava dele

demais. Bom, Elayne Trakand ou Elayne Damodred, ela tem tanto direito ao trono

quanto qualquer um, e de longe mais direito do que Colavaere. Ainda assim, estou

convencido de que Colavaere mandou matar Maringil e Meilan para assegurar o

direito ao trono. Ela jamais teria ousado fazer isso se pensasse que o Lorde Dragão

fosse retornar.

— Então é por isso. — Berelain franziu o cenho de leve, deixando transparecer

uma leve irritação. — Tenho provas de que ela mandou um serviçal

envenenar o

vinho de Maringil. Ela foi descuidada, e eu trouxe dois bons caçadores de ladrões...

Mas não sabia o motivo. — Ela inclinou a cabeça um tantinho, reconhecendo o olhar

de admiração de Dobraine. — Ela será enforcada por isso. Se houver alguma forma

de trazer o Lorde Dragão de volta. Se não houver, temo que seja melhor

descobrirmos uma maneira de preservar nossas próprias vidas.

Perrin apertou a bainha de couro de javali.

— Eu vou resgatar Rand — declarou, com um rosnado. Dannil e os outros

homens de Dois Rios ainda deviam estar na metade do caminho até Cairhien, com o

peso dos carroções. Mas ele tinha os lobos. — Nem que eu tenha que ir sozinho, vou

trazê-lo de volta.

— Sozinho, não — retrucou Loial, a voz dura e inflexível feito uma pedreira. —

Você nunca ficará sozinho enquanto eu estiver aqui, Perrin. — Ele remexeu as

orelhas, constrangido. Sempre ficava envergonhado quando testemunhavam sua

bravura. — Afinal de contas, meu livro não vai acabar bem se Rand for aprisionado

na Torre. E eu não vou poder escrever sobre o resgate se não estiver presente.

— Você não vai sozinho, Ogier — acrescentou Dobraine. — Posso arranjar

quinhentos homens de confiança até amanhã. Bem, não sei o que poderemos fazer

contra seis Aes Sedai, mas mantenho minha palavra. — Olhando para Sulin, ele

dedilhou o lenço ainda em sua mão. — Mas até onde podemos confiar nos

selvagens?

— Até onde podemos confiar nos Assassinos da Árvore? — inquiriu Sorilea, com

uma voz tão rígida e curtida quanto ela própria, entrando sem bater e avançando a

um passo firme.

Rhuarc vinha a seu lado, com um cheiro soturno, acompanhado de Amys, com o

rosto suspeitamente jovem emoldurado por aqueles cabelos brancos e uma expressão

tão fria quanto a de qualquer Aes Sedai, e também de Nandera, que exalava um forte

odor de fúria e carregava um embrulho cinza, marrom e verde.

— Vocês sabem? — perguntou Perrin, incrédulo.

Nandera atirou o embrulho para Sulin.

— Já passa da hora de ver que sua *toh* foi satisfeita. Quase quatro semanas e meia,

um mês inteiro mais metade. Até os *gai'shain* dizem que você é orgulhosa demais.

Ela e Sulin desapareceram dormitório adentro.

Uma rajada daquele cheiro de irritação irrompeu de Faile assim que ela ouviu a

pergunta de Perrin.

— A linguagem de sinais das Donzelas — murmurou a mulher, baixinho demais

para qualquer ouvido além do dele.

Perrin olhou para a esposa, agradecido, mas ela parecia concentrada no tabuleiro

de pedras. Por que não estava participando da discussão? Ela dava bons conselhos, e

Perrin ficaria muito grato com qualquer sugestão que ela estivesse disposta a

oferecer. Faile posicionou uma pedra e olhou feio para Loial, que estava atento a

Perrin e aos outros.

Tentando não suspirar, Perrin disse, simplesmente:

— Não me interessa quem confia em quem. Rhuarc, está disposto a enviar seus

Aiel contra as Aes Sedai? São seis delas. Acho que cem mil Aiel dariam a elas o que

pensar...

Aquele número o fez refletir: dez mil homens já não era pouco para um exército,

mas Rand falara em cem mil, e, pelo que vira no acampamento Aiel das colinas,

Perrin acreditava que houvesse mesmo cem mil. Para sua surpresa, Rhuarc exalou

um odor de hesitação.

— Não conseguiríamos um número tão alto — respondeu o chefe de clã,

hesitante, então fez uma pausa antes de prosseguir: — Chegaram batedores hoje de

manhã e informaram que um grande número dos Shaido está se

deslocando para o

sul, saídos da Adaga do Fratricida, em direção ao coração de Cairhien.
Eu talvez

tenha homens o suficiente para impedir o avanço, já que parece que
não são todos

que estão a caminho. Mas, se eu retirar tantas lanças desta terra, tudo
o que já

fizemos terá que ser refeito. Na melhor das hipóteses, os Shaido terão
terminado de

pillar a cidade muito antes de voltarmos. Ninguém pode afirmar
quanto eles terão

avancado, até mesmo para dentro de outras terras, e quantos serão
levados se

dizendo *gai'shain*. — Um forte odor de desprezo emanou dele com essa
última

frase, mas Perrin não entendeu. De que interessava quanta terra
teriam que

reconquistar, ou mesmo quanta gente morreria? Se bem que essa
última parte do

raciocínio vinha cheia de sofrimento e relutância. Mas a verdade era
que não sabia

como poderiam comparar aquilo à magnitude de ver Rand, o Dragão
Renascido,

sendo levado como prisioneiro de Tar Valon.

Sorilea estava encarando Perrin havia algum tempo. Os olhos das
Sábias eram

como os das Aes Sedai e sempre o faziam se sentir medido e avaliado
nos menores

detalhes. Sorilea era um caso à parte e o fazia sentir-se desmantelado
feito um arado

quebrado, cada pino erguido e examinado para ver se deveria ser

consertado ou

substituído.

— Conte tudo a ele, Rhuarc — mandou a mulher, ríspida.

Amys apoiou a mão no ombro de Rhuarc.

— Ele tem o direito de saber, sombra do meu coração. É quase-irmão de Rand

al'Thor. — A voz dela era mansa, mas o cheiro era bem firme.

Rhuarc lançou um olhar duro às Sábias e encarou Dobraine com uma expressão

de desdém. Então empertigou-se o máximo que pôde.

— Só posso levar Donzelas e *siswai'aman*. — Pelo tom e cheiro, ele preferia

perder um braço a proferir aquelas palavras. — Muitos dos outros não vão dançar as

lanças contra nenhuma Aes Sedai.

Os lábios de Dobraine se curvaram em uma expressão de desprezo.

— Quantos cairhienos aceitam lutar contra Aes Sedai? — perguntou Perrin,

baixinho. — Seis Aes Sedai, e nós só temos aço.

Quantas dessas Donzelas e sis-alguma-coisa Rhuarc conseguiria reunir? Não

importava, sempre havia os lobos. Mas quantos lobos morreriam?

Dobraine desfez a carranca.

— Eu lutarei, Lorde Aybara — declarou, rígido. — Eu e meus quinhentos, mesmo

que sejam sessenta Aes Sedai.

Até a risada de Sorilea soava coriácea.

— Não tema as Aes Sedai, Assassino da Árvore.

De repente, para surpresa de Perrin, uma chama diminuta dançou no ar diante

dela. A mulher podia canalizar!

Sorilea deixou a chama se esvair enquanto começavam os planejamentos, mas a

imagem não saiu da cabeça de Perrin — era uma chama, tremeluzindo fraquinha,

mas era uma declaração de guerra mais forte que trompetes, o princípio de um

combate mortal.

* * *

— Se você cooperar — começou Galina, em um tom casual —, sua vida será mais

agradável.

A garota a encarou de volta, taciturna, e se remexeu no banquinho, ainda um

pouco dolorida. Suava bastante, mesmo sem estar com o casaco. A tenda devia estar

bem quente. Galina às vezes se esquecia completamente da temperatura. Mais uma

vez, sentiu-se curiosa a respeito daquela Min — ou Elmindreda ou qualquer que

fosse seu nome de verdade. Da primeira vez que a vira, a garota usava roupas de

homem e acompanhava Nynaeve al'Meara e Egwene al'Vere. E Elayne Trakand,

mas eram as outras duas que estavam ligadas a al'Thor. Da segunda vez, Elmindreda

revelou ser o tipo de mulher que Galina odiava: toda suspirante e cheia de babados,

sob proteção pessoal de Siuan Sanche. Não conseguia imaginar como Elaida pudera

ser tola o bastante para sequer permitir que ela saísse da Torre. Que conhecimentos

aquela garota guardava? Bem, talvez Elaida não precisasse ter a menina tão cedo —

se bem usada, a garota talvez a ajudasse a capturar Elaida em sua rede feito uma

andorinha. Apesar de Alviarin, Elaida se tornara uma daquelas Amyrlins fortes e

capazes que tomavam as rédeas nas próprias mãos firmes — era por isso que

aprisioná-la decerto enfraqueceria Alviarin. Ah, se bem usada, a garota...

Uma mudança nos fluxos que estava sentindo fez Galina se endireitar na cadeira.

— Conversaremos mais depois que você tiver um tempo para pensar, Min. Pense

muito bem sobre quantas lágrimas um homem vale. — Então, saindo, vociferou para

o Guardião de ombros largos que estava de vigia: — Trate de vigiar direito desta

vez.

Carilo não estivera montando guarda durante o incidente da noite anterior, mas os

Gaidin eram mimados demais por suas Aes Sedai. Já que precisavam daqueles

homens, melhor tratá-los como meros soldados e nada mais.

Ignorando a mesura do Guardião, ela se afastou e foi procurar Gawyn. O rapaz

andava muito recluso desde a captura de al'Thor, e quieto demais.

Não estava

disposta a ter tudo arruinado por conta de um garoto que tentava vingar a mãe. Mas,

quando o encontrou, Gawyn estava na orla do campo, sentado em seu cavalo,

conversando com um bando daqueles garotos que se denominavam Jovem Guarda.

Tinham parado cedo por necessidade, e o sol da tarde projetava sombras

compridas das tendas e dos carroções que ladeavam a estrada. Morros suaves e

colinas baixas circundavam o acampamento, com apenas alguns arbustos esparsos à

vista, a maioria escassos e pequenos. Trinta e três Aes Sedai somavam-se às seis

originais, junto com os serviçais e Guardiões — nove eram Verdes, apenas treze

Vermelhas, e as demais eram Brancas, da antiga Ajah de Alviarin —, formando um

grupo notável mesmo sem contar com Gawyn e seus soldados. O foco da atenção

eram sete Aes Sedai, seis das quais estavam sentadas em banquinhos ao redor de um

baú com bordas de latão, posicionado de modo a pegar todos os raios de sol que

ainda restavam. A sétima era Erian — a mulher não se afastara do baú desde que

al'Thor fora colocado de volta lá, na noite anterior. O rapaz tivera permissão de sair

assim que se afastaram de Cairhien, mas Galina suspeitou de que Erian fosse querer

que ele passasse o restante da viagem dentro do baú.

Assim que se aproximou, a Verde virou-se para ela. Erian sempre fora muito

bonita, com o rosto claro, refinado e oval, mas suas bochechas estavam vermelhas

desde a noite anterior, e os encantadores olhos escuros estavam injetados.

— Ele tentou vencer a blindagem outra vez, Galina. — A ira se mesclava ao

desprezo pela insensatez do homem, tornando sua voz dura e áspera.
— Ele deve ser

punido de novo, no caso. Quero cuidar disso eu mesma.

Galina hesitou. Seria melhor punir Min — aquilo sim deixaria al'Thor quietinho.

Ele ficara furioso ao vê-la ser punida na noite anterior — punição essa que, por sua

vez, fora suscitada pela atitude da jovem ao vê-lo sendo punido. O incidente todo se

dera logo depois que al'Thor descobriu que Min estava no acampamento, quando

um dos Guardiões tivera o descuido de deixá-la sair andando noite adentro, em vez

de mantê-la confinada na tenda. Quem teria imaginado que al'Thor, blindado e

cercado, ficaria transtornado daquele jeito? Além de tentar destruir a blindagem, ele

matara um Guardião com as próprias mãos e ferira outro com a espada do morto —

um ferimento tão grave que o homem acabou morrendo durante a Cura. E isso tudo

durante os poucos instantes que as irmãs levaram para se recuperar do

choque e

refreá-lo com o Poder.

Se dependesse de Galina, já teria reunido as outras Vermelhas e amansado al'Thor

dias antes. Como aquilo estava proibido, melhor entregá-lo à Torre ileso — desde

que ele demonstrasse o mínimo de educação, claro. Mesmo naquela situação, Galina

prezava pela eficácia, e o mais eficaz seria levar Min até ali e deixar que al'Thor a

ouvisse chorar e soluçar, sabendo que era o responsável pela dor que a mulher sofria.

Porém, por acaso, os dois Guardiões mortos eram de Erian. A maioria das irmãs

consideraria a punição direito dela, e a própria Galina queria que a Verde, uma

illianense com cara de boneca, extravasasse a ira de uma vez. Seria muito melhor

percorrer o restante do trajeto podendo admirar aquele rostinho de porcelana com

uma expressão serena.

Galina assentiu.

* * *

Rand piscou com a claridade quando a luz inundou o baú de repente. Também foi

inevitável se encolher — ele sabia o que estava por vir. Lews Therin jazia no Vazio,

imóvel e silencioso — era por pouco que ele ainda sustentava o Vazio, mas tinha

plena consciência dos próprios músculos, que urraram em câimbras quando ele foi

posto de pé. Travou a mandíbula e tentou não estreitar os olhos para se proteger do

que parecia o brilho do meio-dia. O ar estava fresco e maravilhoso, e a camisa

ensopada grudou no corpo, empapado de suor. Nenhuma corda o prendia, mas não

podia dar um passo sequer, nem que fosse para salvar a própria vida. Se não

estivesse sendo sustentado pelo Poder, teria desabado no chão. Só percebeu quanto

tempo passara preso quando notou como o sol estava baixo no céu — todo aquele

tempo preso com a cabeça entre os joelhos, banhado em uma poça de seu próprio

suor.

Ainda assim, mal prestou atenção ao sol. Seus olhos se voltaram para Erian antes

mesmo que a Aes Sedai se posicionasse diante dele. A mulher pequena e esguia

ergueu a cabeça para encará-lo, os olhos escuros cheios de fúria, e ele quase se

encolheu outra vez. Ao contrário da noite anterior, ela não falou. Simplesmente

começou.

O primeiro golpe invisível o atingiu entre os ombros; o segundo, no peito; e o

terceiro bateu atrás das coxas. O Vazio se despedaçou. Ar. Era apenas Ar. Pensando

assim, parecia menos dolorido. Só que cada golpe era uma chibatada

desferida por

um braço mais forte que o de qualquer homem. Já estava com hematomas por conta

da última surra, manchas roxas que iam dos ombros aos joelhos. Tinha consciência

daquelas marcas no corpo — e mais consciência do que gostaria; sentira vontade de

chorar mesmo dentro do Vazio. Quando o Vazio se foi, ele quis berrar.

Mas, em vez disso, cerrou o maxilar. Às vezes um grunhido escapava entre os

dentes e Erian redobrava os esforços quando isso acontecia, como se quisesse mais.

Rand se recusava a dar o que ela queria. Não podia impedir os tremores a cada golpe

daquela chibata invisível, porém não lhe daria mais do que isso. Encarava-a nos

olhos, recusando-se a desviar o olhar e a piscar.

Eu matei minha Ilyena, gemia Lews Therin a cada golpe.

Rand tinha sua própria ladainha. A dor lhe fustigava o peito. *Isso é por confiar*

nas Aes Sedai. O fogo assolava as costas. *Nunca mais, nem um pouquinho, nem por*

um instante. Era como a lâmina de uma navalha. *Isso é por confiar nas Aes Sedai*.

Elas achavam que podiam subjugá-lo. Achavam que podiam fazê-lo rastejar até

Elaida! Obrigou-se a fazer a coisa mais difícil que já fizera na vida: sorriu. Claro que

o sorriso não chegava aos olhos, mas encarou Erian e sorriu. A mulher arregalou os

olhos e sibilou. As chibatadas começaram a vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

O mundo era dor e fogo. Rand não conseguia ver, apenas sentir. Por algum

motivo, tinha ciência das mãos tremendo incontrolavelmente dentro das algemas

invisíveis, mas concentrava-se em manter os dentes cerrados. *Isso é por — Não vou*

gritar! Não vou grit — Nunca mais, nem um pouquinho — Nem um pouquinho, nem por

um instante! Nunca mais — Eu não vou! Nunca mais — Nunca! Nunca! NUNCA!

A primeira coisa que reparou foi que respirava. Ar, tragado avidamente pelas

narinas. Seu corpo latejava, era uma chama pulsante, mas as pancadas tinham

cessado. Reparar nisso foi quase um choque. O cessar de algo que uma parte dele se

convencera de que jamais chegaria ao fim. Sentiu gosto de sangue e percebeu que a

mandíbula doía quase tanto quanto o resto do corpo. Bom. Não tinha gritado. Os

músculos do rosto estavam travados em uma câimbra dolorosa e seria um esforço

abrir a boca, mesmo se quisesse muito.

A visão foi a última a voltar, e então ele se perguntou se estava alucinando por

conta da dor. Viu um grupo de Sábias entre as Aes Sedai, todas remexendo os xales

e encarando as mulheres com a maior arrogância possível. Quando concluiu que a

visão era real — a menos que Galina estivesse conversando com um produto da

imaginação de Rand —, seu primeiro pensamento foi de que estava sendo resgatado.

De algum jeito, as Sábias tinham... era impossível, mas elas... então reconheceu a

mulher que conversava com Galina.

Sevanna andou até ele com um sorriso nos lábios carnudos e vorazes. Os olhos

verde-claros daquele rosto lindo emoldurado por cachos dourados o perscrutaram.

Rand preferia estar diante de um lobo raivoso. Havia uma estranheza na postura da

mulher, que avançava meio inclinada para a frente, os ombros para trás. Por mais

ferido que estivesse, de repente teve vontade de rir — e teria rido, se tivesse certeza

do som que produziria caso abrisse a boca. Lá estava ele, prisioneiro, apanhando

quase até a morte, as pancadas ainda ardendo e o suor aguilhoando, e aquela mulher

que o odiava — tinha certeza disso — e que provavelmente o culpava pela morte do

homem que ela amava estava achando que ele olharia seu decote!

A mulher passou a unha lentamente por sua garganta — na verdade, ela envolveu

seu pescoço o mais que pôde com as pontas das garras —, como se imaginasse sua

decapitação. O que seria apropriado, considerando o fim de Couladin.

— Pronto, já o vi — declarou a mulher, com um suspiro satisfeito e um pequeno

arrepio de prazer. — Você honrou sua parte no acordo, e eu honrei a minha.

A Aes Sedai então o obrigou a se dobrar de volta e o enfiou de novo no baú, a

cabeça mais uma vez entre os joelhos, agachado naquela pequena poça de suor. A

tampa se fechou, e a escuridão o envolveu.

Ele só então remexeu o maxilar até conseguir abrir a boca e soltou um suspiro

longo e trêmulo. Não tinha certeza se, mesmo agora, conseguiria emitir qualquer

som. Luz, estava pegando fogo!

O que Sevanna estava fazendo ali? Que acordo? Não. Muito bem, tinha

descoberto que havia algum acordo entre a Torre e os Shaido, mas depois se

preocuparia com aquilo. Tinha que se concentrar em Min. Precisava escapar.

Aquelas mulheres tinham machucado Min — um pensamento tão terrível que quase

abafava a dor. Quase.

Erguer outra vez o Vazio foi como cruzar um pântano de agonia, mas enfim viu-

se rodeado daquele nada, tentando tocar *saidin*... apenas para encontrar Lews Therin

na mesma prontidão, dois pares de mãos tentando agarrar uma luz que apenas um

deles conseguiria segurar.

Que o queime! , rosnou Rand, na própria cabeça. *Que o queime! Se pelo menos*

você trabalhasse ao meu lado uma vez na vida, em vez de ficar contra mim!

Trabalhe você comigo! , vociferou Lews Therin, em resposta.

Rand quase perdeu o Vazio, de tão chocado. Era inegável: Lews Therin tinha

ouvido e respondido. *Podemos trabalhar juntos, Lews Therin.* Não queria trabalhar

junto com ele, queria que o homem saísse de sua cabeça — mas precisava pensar em

Min. E sabe-se lá quantos dias ainda teriam até Tar Valon. Tinha a certeza de que, se

elas conseguissem botá-lo dentro da Torre, não haveria mais chances. Nunca mais.

A resposta veio na forma de uma risada apreensiva e indecisa. *Juntos?* Outra

risada, completamente transtornada. *Juntos. Seja lá quem você for.* E a voz e a

presença desapareceram.

Rand estremeceu. Ajoelhado ali, acrescentando suor à poça onde sua cabeça

repousava, ele estremeceu.

Tentou tocar *saidin* outra vez, aos poucos... e deu de cara com a blindagem, claro.

Bem, era ela que estava procurando, afinal. Bem devagar, com toda a delicadeza,

tateou toda a extensão daquela barreira invisível, até onde o plano rígido se

transformava em pontos macios.

Macios, declarou Lews Therin, ofegante. *Porque elas ainda estão aqui, sustentando a tessitura. Fica mais rígido quando elas amarram os fluxos.*

Não há o

que fazer quando os pontos ainda estão assim, macios, mas consigo desfazer o nó se

elas atarem os fluxos. Com algum tempo. A voz ficou em silêncio por tanto tempo

que Rand achou que tivesse ido embora outra vez. *Você é real?* , sussurrou por fim.

Então foi embora de vez.

Aos poucos, com todo o cuidado, Rand foi tateando pela blindagem até chegar aos

pontos macios. As seis Aes Sedai. Com algum tempo? Isso se atassem os fluxos, o

que ainda não acontecera em... o quê? Seis dias? Sete? Oito? Não importava. Não

podia se dar ao luxo de esperar tanto. Chegava mais perto de Tar Valon a cada dia.

No dia seguinte tentaria romper a blindagem outra vez — tinha sido como esmurrar

um bloco de pedra, mas esmurrara com toda a força. No dia seguinte, quando Erian

o açoitasse — tinha certeza de que seria ela —, abriria outro sorriso. Então, quando a

dor aumentasse, ele se permitiria gritar. No outro dia, não faria mais do que triscar a

barreira, talvez com força suficiente para elas sentirem, porém não mais que isso, e

só repetiria a tentativa depois de ver se seria ou não punido. Talvez implorasse por

água. Tinha bebido um pouco ao anoitecer, mas estava com sede outra vez. Mesmo

que o deixassem beber mais de uma vez ao dia, implorar seria

adequado. Se ainda

estivesse no baú, talvez implorasse também para ser solto. Achava que estaria —

não eram grandes as chances de que o libertassem por muito tempo sem ter certeza

de que ele aprendera a lição. Seus músculos se contorciam em câimbras diante da

ideia de mais dois ou três dias enfiado ali. Não havia espaço para se mexer, mas o

corpo tentava. Mais dois ou três dias, e as Aes Sedai teriam certeza de que ele fora

subjugado. Pareceria assustado e evitaria olhar as pessoas nos olhos, como um pobre

coitado que poderia ficar fora do baú sem oferecer riscos. Mais importante: um

pobre coitado que elas não precisariam vigiar tão de perto. Então, talvez, elas

decidissem que não precisavam de seis para manter a blindagem, ou que podiam

simplesmente atar a trama ou... qualquer coisa. Precisava de alguma brecha.

Qualquer coisa!

Era um plano desesperado. Percebeu que ria — ria e não conseguia parar.

Também não conseguia parar de tatear a barreira, feito um cego desesperado

deslizando os dedos por um pedaço de vidro liso.

* * *

Galina franziu o cenho depois que as Aiel foram embora, avançando até o topo de

uma montanha e desaparecendo do outro lado do cume. Cada uma daquelas

mulheres, tirando a própria Sevanna, conseguia canalizar, e muitas tinham força

considerável. Sevanna decerto se sentira mais segura rodeada por aquela dezena de

bravias — que engraçado. Aquele bando de selvagens não era nada confiável.

Dentro de poucos dias teria mais alguma serventia para elas, na segunda parte do

“acordo” com Sevanna. A triste morte de Gawyn Trakand e a melhor parte da Jovem

Guarda.

De volta ao centro do acampamento, encontrou Erian ainda vigiando o baú de

al”Thor.

— No caso, Galina, ele está mesmo chorando — comentou a mulher, a voz feroz.

— Está ouvindo? Ele está sim... — De repente, lágrimas começaram a correr pelo

rosto de Erian. Ela ficou ali, parada, soluçando baixinho, agarrando as saias com os

punhos cerrados.

— Vamos para a minha tenda — chamou Galina, em um tom tranquilizador. —

Tenho um bom chá de mirtilo e posso colocar um pano gelado e úmido na sua testa.

Erian sorriu em meio às lágrimas.

— Obrigada, Galina, mas é melhor eu ir. Rashan e Bartol estão me esperando.

Eles estão sofrendo mais do que eu, no caso. Além de sentirem meu sofrimento, eles

sofrem porque sabem que eu soffro. Preciso consolar os dois. —
Apertando a mão de

Galina de leve, agradecida, a Verde foi embora.

Galina franziu o cenho, encarando o baú. Al'Thor de fato parecia chorar — ou

isso, ou estava rindo, o que ela duvidava bastante. Olhou para Erian, que desaparecia

no interior da tenda de seus Guardiões. Ah, al'Thor ia chorar. Tinham pelo menos

mais duas semanas até Tar Valon e a entrada triunfal que Elaida planejava. Sim, pelo

menos mais vinte dias. Dali para a frente, Rand seria punido todos os dias, ao

amanhecer e ao anoitecer, não importava se Erian quisesse participar ou não.

Quando o conduzisse até a Torre Branca, Rand beijaria o anel de Elaida, só falaria



quando se dirigissem a ele e, quando não fosse requisitado, ficaria ajoelhado a um

canto. Com o olhar firme, foi beber o chá de mirtilo sozinha.

* * *

Quando entraram no bosque imenso, Sevanna virou-se para as outras, pensando em

como era impressionante que agora encarasse as árvores com tanta indiferença.

Nunca tinha visto tantas árvores juntas, e tão grandes, antes de cruzar a Muralha do

Dragão.

— Vocês viram todas os meios que elas usaram para prendê-lo? — perguntou,

fazendo soar como se dissesse “todos”, em vez de “todas”.

Therava encarou as outras, que assentiram.

— Sabemos tecer tudo o que elas fizeram — anunciou a mulher.

Assentindo, Sevanna correu os dedos pelo cubinho de pedra com entalhes

intrincados em seu bolso — o estranho aguacento que lhe dera aquilo a orientara a

usá-lo quando al’Thor estivesse preso. E ela de fato pretendia usar, até que viu

al’Thor preso. Naquele momento, decidira jogar o cubo fora. Era viúva de um chefe

que fora a Rhuidean e de um homem que fora chamado de chefe sem ter feito essa

visita. Agora seria a esposa do próprio *Car’a’carn*. Cada lança dos Aiel estaria presa

a ela. Ainda sentia no dedo o pescoço de al’Thor, onde traçara a linha da coleira que

poria nele.

— Está na hora, Desaine — anunciou.

Claro que Desaine apenas piscou, surpresa, e só conseguiu gritar de susto antes

que as outras iniciassem o trabalho. A mulher não parava de reclamar a respeito da

posição de Sevanna, que decidira que poderia empregar melhor seu tempo do que ter

que lidar com a mulher. Exceto por Desaine, todas as outras presentes a seguiam, e

outras mais estavam a seu lado.

Sevanna ficou olhando o que as outras Sábias faziam. O Poder Único a fascinava.

Tantos feitos milagrosos realizados sem qualquer esforço... E era muito importante

que ficasse claro que Desaine fora liquidada com o Poder. Ah, era tão espantoso que

um corpo humano pudesse ser despedaçado espirrando tão pouco sangue...



O CHAMADO

O sol ainda era um brilho tênue sobre a linha do horizonte, mas as ruas de Cairhien

já estavam apinhadas de gente comemorando o segundo dia do Festival das Luzes. A

bem da verdade, as pessoas sequer tinham se recolhido à noite. A celebração deixava

a multidão em uma espécie de frenesi, e pouca gente dispensava mais que uma

olhadela ao homem de barba crespa e rosto soturno, com o machado preso na cintura

enquanto cavalgava um baio alto pelas ruas retas até o rio. Mas alguns até fizeram

uma pausa para olhar seus companheiros de viagem. Ver Aiel andando por aí já se

tornara corriqueiro, por mais que o povo do Deserto mal tivesse posto o pé nas ruas

desde o começo das celebrações, mas não era todo dia que se via um Ogier — a

criatura mais alta que o homem a cavalo ainda por cima estava carregando um

machado apoiado no ombro, o cabo quase de sua altura. A expressão do Ogier fazia

o homem barbado parecer alegre.

Os navios no Alguenya estavam com as lanternas todas acesas, inclusive a

embarcação do Povo do Mar que gerara tamanho falatório — tanto por

simplesmente estar ali em Cairhien quanto por permanecer todo aquele tempo

ancorada quase sem contato com a costa. Segundo os rumores que

Perrin tinha

ouvido, o Povo do Mar via os acontecimentos recentes da cidade com ainda mais

desaprovação que os Aiel, e ele tinha achado que Gaul morreria de choque em ver

tantos homens e mulheres se beijando. O fato de as mulheres estarem ou não

vestidas incomodava muito menos Gaul do que ver todos se beijando no meio da

rua, à vista de todos — aquilo para ele era uma indecência.

Os embarcadouros compridos avançavam sobre o rio, flanqueados por paredões

altos, com barcos de todos os tipos e tamanhos — incluindo balsas que conseguiriam

levar até cinquenta cavalos — amarrados ao longo dos píeres de madeira, mas Perrin

não viu nenhum com mais de um homem. Parou o baio ao chegar a uma embarcação

grande e sem mastro com seis ou sete braças de comprimento presa a uma das

estacas de pedra. Um sujeito grisalho e corpulento, sem camisa, estava ali no deque,

sentado em um barril, com uma mulher grisalha ostentando mais de cinco listras

coloridas no decote do vestido escuro empoleirada em seus joelhos.

— Queremos cruzar o rio — anunciou Perrin, bem alto, tentando olhar apenas por

tempo o suficiente para verificar se o casal parava de se agarrar. Não pararam. Jogou

uma coroa andoriana dentro da balsa, e o som da moeda pesada quicando no convés

fez o sujeito erguer a cabeça. — Queremos cruzar o rio — repetiu, mostrando uma

segunda coroa de ouro na palma da mão. Depois de um instante, acrescentou outra.

O balseiro umedeceu os lábios.

— Vou ter que achar remadores — resmungou, encarando as moedas.

Com um suspiro, Perrin pegou mais duas coroas da bolsa — havia um tempo em

que seus olhos teriam saltado das órbitas só de ver uma daquelas.

O balseiro deu um salto, e a mulher caiu sentada no chão com um baque surdo.

Ele subiu a rampa correndo, ofegante, gritando que levaria só um minutinho,

milorde, só um minutinho. A mulher encarou Perrin com um olhar cheio de

reprovação e saiu desfilando pelo embarcadouro — até tentou ostentar uma postura

digna enquanto avançava, mas o fato de ela ainda estar esfregando o ponto dolorido

em que o traseiro batera no chão atrapalhou um pouco. A nobre não avançou muito

antes de desistir, erguer as saias e sair correndo para se juntar a um grupo de

dançarinos que cabriolavam perto da margem. Perrin ouviu sua risada de longe.

Levou mais que um minutinho, mas a promessa de ouro parecia ter sido

suficiente: em pouco tempo o balseiro tinha reunido homens suficientes para operar

quase todos os remos compridos. Perrin foi afagando o nariz do baio enquanto a

embarcação sacolejava rio adentro. Ainda não decidira o nome do cavalo, que

pegara no estábulo do Palácio do Sol — a ferradura era boa e fora bem colocada, e o

bicho de patas dianteiras brancas parecia tenaz, mas nem de longe tanto quanto

Galope.

O arco de Dois Rios, desencordado, estava enfiado de um dos lados da cilha da

sela, e a aljava cheia pendia logo à frente da sela de patilha alta, sustentando um

embrulho comprido, estreito e muito bem embalado — a espada de Rand. Faile

fizera questão de embalar o fardo ela mesma e lhe entregara sem uma palavra. Ela só

se pronunciou depois que Perrin lhe deu as costas para ir, ao perceber que não

ganharia um beijo de despedida.

“Se você cair”, sussurrou ela, “vou assumir sua espada”.

Ainda não sabia ao certo se ela pretendia ou não que ele ouvisse. O odor que

Faile exalava era uma mixórdia tão intensa que Perrin não conseguiu distinguir nada.

Sabia que deveria estar concentrado no que estava prestes a fazer, mas Faile

sempre dava um jeito de voltar a seus pensamentos. Em determinado ponto, teve

certeza de que ela anunciaria que iria junto, e seu coração se apertou. Se Faile tivesse

decidido ir, achava que não poderia ter se forçado a recusar — afinal, não

conseguiria negar nada a Faile, depois de tudo o que a fizera sofrer.
Mas estavam

indo ao encontro de seis Aes Sedai, e o conflito traria sangue e morte.
Se Faile

morresse, Perrin sabia que enlouqueceria. Achou que ela diria que ia
junto quando

Berelain anunciou que lideraria a Guarda Alada de Mayene no resgate.
Por sorte, a

ideia da Primeira fora posta de lado, ainda que de modo estranho.

“Quantos rumores surgirão se você deixar a cidade onde Rand al’Thor a colocou

para fazer valer a vontade dele?”, perguntou Rhuarc, baixinho. *“Quantos rumores*

não vão surgir se enviar todas as suas lanças? E o que pode nascer dessas histórias?”

Aquilo soava como um conselho, mas ao mesmo tempo, não — algo na voz do

chefe de clã conferia muito mais força àquelas simples perguntas.

Berelain encarou Rhuarc de cabeça erguida, cheirando a teimosia. Mas o odor de

teimosia aos poucos se esvaiu, e ela murmurou para si mesma:

“Às vezes acho que tem homens demais que conseguem...” Só Perrin conseguiu

ouvir. Sorrindo, ela declarou, com a voz bem alta e um tom bastante majestoso:

“Esse é um conselho sensato, Rhuarc. Acho que vou segui-lo.”

O mais notável, entretanto, fora a forma como os odores dela e do Aiel se

mesclavam. Para Perrin lembravam um lobo macho e um filhote quase crescido, um

pai indulgente e terno lidando com a filha amada, embora às vezes ainda fossem

necessários alguns puxões de orelha para que a jovem se comportasse de maneira

adequada. O mais importante, no entanto, foi ver a intenção de se pronunciar

desaparecer dos olhos de Faile. O que ele podia fazer? Se vivesse para ver a esposa

outra vez, o que poderia fazer?

No começo da travessia, os remadores, todos com roupas muito simples e alguns

até sem camisa, entoavam piadas grosseiras em tom quase amistoso sobre como

ouro nenhum poderia comprar o que estavam perdendo. Eles riam enquanto

andavam pelo convés a passadas largas, remando, todos alegando que estavam

dançando ou trocando beijos com uma nobre quando foram interrompidos. Um

sujeito magricela e de queixo pontudo até afirmou que estava com uma nobre

tairena no colo quando saiu para atender ao chamado de Manal, o balseiro, mas

ninguém acreditou — muito menos Perrin. Quando os *tairenos* viram o que estava

acontecendo, a divisão foi bem clara: os homens mergulharam de cabeça na folia,

mas as mulheres tinham se trancado nos quartos e botado guardas nas portas.

As piadas e brincadeiras não duraram muito. Gaul ficou o mais no centro do barco

que podia, os olhos meio perturbados e fixos na costa ao longe, empoleirado nas

pontas dos pés como se estivesse pronto para saltar. Era toda aquela água, claro, mas

os balseiros não tinham como saber daquilo. E Loial, apoiado na arma que

encontrara no Palácio do Sol, um machado de cabo longo e com a cabeça imensa

toda ornamentada, mais parecia uma estátua, o rosto largo dando a impressão de ter

sido esculpido em granito. Os balseiros fecharam o bico e remaram com toda a

força, sem nem se atrever a olhar para os passageiros. Quando a balsa enfim atracou

em um cais de pedra na margem oeste do Alguenya, Perrin deu ao dono da balsa —

ao menos esperava que o homem fosse o dono da balsa — o restante do ouro e um

punhado de prata para que repassasse aos remadores, para tentar compensá-los pelo

medo que sentiram de Loial e Gaul. O homem gordo pegou as moedas tentando

tocar nele o mínimo possível e fez uma medida tão profunda, apesar do tamanho da

barriga, que a cabeça quase encostou nos joelhos. Talvez não fossem só as caras de

Gaul e Loial que metiam medo.

Construções enormes, todas sem janelas, estavam envolvidas por andaimes de

madeira, a pedra escurecida e avariada em vários pontos. Os celeiros tinham sido

incendiados em motins, algum tempo antes, e só agora estavam sendo reformados,

mas não havia vitalma nas ruas cheias de celeiros, estábulos, armazéns e pátios de

carroções. Todos os trabalhadores dali encontravam-se na cidade. Não havia

ninguém à vista, até que, vindos de uma rua lateral, chegaram dois sujeitos a cavalo.

— Estamos prontos, Lorde Aybara — anunciou Havien Nurelle, entusiasmado.

O jovem de rosto corado, consideravelmente mais alto que seu companheiro, era

bem espalhafatoso, com a placa peitoral e o capacete pintados de vermelho, além de

uma única pluma vermelha bem fina no topo do elmo. Ele até cheirava a

empolgação — empolgação e juventude.

— Já estava achando que não viriam — resmungou Dobraine. O nobre estava sem

capacete, usando manoplas com dorso de aço e uma placa peitoral surrada, ainda

com resquícios da antiga ornamentação dourada. Ele olhou para Perrin e

acrescentou: — Pela Luz, Lorde Aybara, não foi minha intenção lhe faltar com o

respeito.

— Temos um longo caminho a percorrer — respondeu Perrin, virando o baio.

Talvez Tenaz fosse um bom nome. E o que ele faria em relação a Faile? Sentia o

puxão de Rand, fazendo a pele formigar. — Elas já têm quatro dias de

vantagem.

Cravou os calcanhares bem de leve e incitou Tenaz a um trote firme. Seria uma

longa caçada, então era melhor tomar cuidado para não dar aguamento nos cascos

dos cavalos. Loial e Gaul não teriam a menor dificuldade de acompanhar o passo.

A maior das ruas retas virava a Estrada de Tar Valon — bem, era a Estrada de Tar

Valon de Cairhien, mas havia outras —, uma larga faixa de terra batida que

avançava para noroeste por entre colinas cobertas de florestas, mais baixas que as

elevações onde Cairhien se assentava. Depois de avançarem uma milha pela estrada,

agora já cercada de floresta, duzentos homens da Guarda Alada de Mayene e

quinhentas cabeças do exército da Casa Taborwin se juntaram a eles, todos

montados nos melhores animais que conseguiram encontrar.

Os mayenenses usavam placas peitorais vermelhas e capacetes que pareciam

caçarolas, com abas que cobriam a nuca, e as lanças ostentavam bandeirolas

vermelhas. Muitos pareciam quase tão ávidos quanto Nurelle. Os cairhienos, mais

baixos, usavam placas peitorais lisas e capacetes feito sinos cortados, deixando à

mostra os rostos severos, e a maioria de seus capacetes e placas estava amassada. As

lanças não ostentavam adornos, embora aqui e ali saltasse aos olhos o

con de

Dobraine — um quadrado pequeno e rígido preso em um bastãozinho azul com dois

diamantes brancos, identificando os oficiais ou lordes menores da Casa Taborwin.

Nenhum parecia ávido para lutar, apenas taciturno. Já tinham visto muitas batalhas.

Em Cairhien, a expressão era “já ter visto o lobo”.

Quando ficou sabendo da expressão, Perrin riu. Ainda não chegara a hora dos

lobos.

Perto do meio-dia, um pequeno grupo de Aiel emergiu das árvores e desceu

correndo a colina até a estrada. Duas Donzelas avançaram para junto de Rhuarc.

Eram Nandera e Sulin, que Perrin só reconheceu depois de um tempo — a Aiel

estava muito diferente no *cadin'sor*, com os cabelos brancos cortados rentes exceto

pelo rabo de cavalo despontando da nuca. Parecia mais... à vontade, algo que jamais

parecera no uniforme de serviçal. Amys e Sorilea vinham junto, os xales enrolados

nos braços e os colares e braceletes de ouro e marfim tilintando. Embora erguessem

as saias pesadas quando corriam colina acima, acompanhavam o passo das outras

sem dificuldade.

Perrin desceu do cavalo para caminhar com eles, à frente de todos os outros.

— Quantos? — Foi sua única pergunta.

Rhuarc olhou para Gaul e Loial, que caminhavam ao lado de Dobraine e Nurelle,

na dianteira da marcha. Mesmo que tivessem a audição de Perrin, estavam longe

demais para ouvi-los, considerando o barulho dos cascos, o tilintar das rédeas e o

chiado das selas, mas Rhuarc manteve a voz baixa.

— Cinco mil homens de sociedades diferentes, talvez um pouco mais. Não

consegui trazer muitos. Timolan já ficou bastante desconfiado por eu não ter ido

com ele enfrentar os Shaido. Se souberem que as Aes Sedai estão mantendo o

Car'a'carn prisioneiro, acho que a Desolação vai engolir todos nós. — Nandera e

Sulin tossiram alto e cravaram os olhos uma na outra, mas Sulin logo desviou o

olhar, enrubescida. Rhuarc, que cheirava a exasperação, apenas olhou rápido para

elas e murmurou: — Também tenho quase mil Donzelas. Se eu não tivesse mantido

o pulso firme, teriam vindo todas correndo atrás de mim, carregando uma tocha para

gritar ao mundo que Rand al'Thor está correndo perigo. — Ele endureceu a voz. —

Qualquer Donzela que vier atrás de nós vai aprender como eu falo sério.

Sulin e Nandera coraram, algo difícil naqueles rostos queimados de sol.

— Eu... — começaram as duas, no mesmo instante.

Trocaram olhares outra vez, e Sulin desviou o olhar de novo, o rosto ainda mais

vermelho. Perrin não se lembrava de ver Bain e Chiad — as duas únicas Donzelas

que realmente conhecia — corando tanto.

— Eu prometi — retrucou Nandera, em um tom rígido —, e *todas* as Donzelas

entraram no juramento. Será como o chefe ordenou.

Perrin se absteve de perguntar o que era aquela tal de Desolação, e também não

quis saber como Rhuarc fizera os Aiel atravessarem o Alguenya sem balsas,

considerando que uma grande barreira de água era a única coisa capaz de conter um

Aiel. Teria gostado de saber, mas aquelas respostas não tinham muita importância.

Seis mil Aiel, quinhentos soldados do exército de Dobraine e duzentos homens da

Guarda Alada. Isso tudo contra seis Aes Sedai, seus Guardiões e cerca de quinhentos

guardas — parecia ser o bastante. Só que as Aes Sedai estavam com Rand. Se o

ameaçassem com uma faca no pescoço, quem ousaria erguer um braço?

— Também temos noventa e quatro Sábias — anunciou Amys. — São as mais

fortes com o Poder Único dentre as que estão próximas à cidade. — A frase saiu

com relutância, mas ela firmou a voz. Perrin achou que as Aiel não gostassem de

admitir que tinham a capacidade de canalizar. — Não teríamos trazido

tantas, mas

todas quiseram vir. — Sorilea pigarreou, e foi a vez de Amys corar. Teria que

perguntar sobre aquilo a Gaul. Os Aiel eram tão diferentes de qualquer povo que já

conhecera... talvez comesçassem a corar com a idade. — Sorilea está na liderança —

acrescentou a Sábia, e a mulher mais velha bufou, parecendo muito satisfeita. Sem

dúvida exalava um cheiro muito satisfeito.

Perrin teve que evitar balançar a cabeça. O que sabia sobre o Poder Único cabia

em um dedal, com espaço de sobra para mais um polegar gorducho, mas viajara com

Moiraine e vira o que Verin e Alanna eram capazes de fazer. Aquela chama de

Sorilea... Se ela era uma das Sábias mais fortes com o Poder, não duvidava de que

seis Aes Sedai conseguiriam embrulhar todas as noventa e quatro em uma trouxinha.

Bem, àquela altura não podia dispensar nem um grupo de camundongos.

— Elas devem estar setenta ou oitenta milhas à frente — anunciou. — Talvez até

cem, se estiverem forçando os carroções. Temos que ir o mais rápido possível.

Enquanto montava de volta na sela, Rhuarc e os outros Aiel já trotavam de volta

colina acima. Perrin ergueu uma das mãos e Dobraine sinalizou para que os

cavaleiros avançassem. Nem lhe ocorreu cogitar por que homens com

idade para ser

seu pai e mulheres com idade para ser sua mãe, além de homens e mulheres

acostumados a comandar, estavam seguindo seu comando.

Estava era preocupado com o deslocamento. Sabia que os Aiel de *cadin'sor*

conseguiam acompanhar o ritmo dos cavalos, mas no começo ficara apreensivo com

as Sábias de saia, algumas talvez da idade de Sorilea. Bem, com ou sem saias, de

cabelos brancos ou não, as Sábias avançavam no mesmo passo rápido que todos os

outros, acompanhando os cavalos enquanto conversavam baixinho.

A estrada à frente estava vazia. Ninguém viajava durante o Festival das Luzes, e

mesmo nos dias que antecedia os festejos poucos pegavam a estrada, a menos que

o assunto fosse tão urgente quanto o dele. O sol subia, as colinas desciam, e, fim do

dia, quando o grupo ergueu acampamento, Perrin estimou que deveriam ter

avancado trinta e cinco milhas. Um bom dia de viagem, excelente para um grupo tão

grande — o dobro do que as Aes Sedai poderiam dar conta, a não ser que estivessem

querendo matar as parelhas à frente dos carroções. Já não se preocupava em alcançá-

las antes de chegarem a Tar Valon, e sim com o que faria quando esse momento

chegasse.

Deitado nos cobertores, a cabeça acomodada na sela, Perrin sorriu para a lua

crescente no céu limpo. Se houvesse uma só nuvem, a noite já não seria tão clara.

Aquela era uma boa noite para a caça. Uma boa noite para os lobos.

Uma imagem se formou em sua mente: um jovem touro selvagem de pelo

encrespado, imponente, com chifres lustrosos feito metal polido ao resplendor da

manhã. Correu o polegar pelo machado que jazia a seu lado, com a lâmina curva

mortal e a ponteira afiada. Os chifres de aço do Jovem Touro — era como os lobos o

chamavam.

Deixou a mente divagar, enviando a imagem noite adentro. Haveria lobos, e eles

saberiam quem era o Jovem Touro. A notícia de um humano capaz de falar com

lobos correria pela terra tão rápido quanto o vento. Perrin conhecera apenas dois

humanos como ele — um era seu amigo, o outro era um pobre coitado que não tinha

conseguido preservar a humanidade. Ouvira relatos dos refugiados que chegavam

em Dois Rios, contando histórias antigas de homens que viravam lobos, narrativas

em que poucos acreditavam e que só serviam para entreter crianças. Três deles, no

entanto, afirmavam ter conhecido homens que se transformaram em lobos

descontrolados, e, por mais que Perrin considerasse os detalhes

estranhos, o

desconforto com que dois deles evitavam seus olhos amarelos era quase uma

confirmação. Esses dois, uma mulher de Tarabon e um homem da Planície de

Almoth, não saíam à noite. E não paravam de presenteá-lo com comidas feitas com

alho, que ele comia com grande prazer. Perrin já não tentava encontrar outros como

ele.

Sentiu lobos, e seus nomes começaram a vir: Duas Luas, Fogo Selvagem, Velho

Cervo e outros tantos vieram à sua mente em cascata. Não eram bem nomes, e sim

imagens e sensações. Jovem Touro era uma imagem bastante simples para

denominar um lobo. Duas Luas era um pequeno lago refletindo o céu da noite, a

superfície lisa feito gelo instantes antes de a brisa soprar seu forte odor de outono,

com uma lua cheia no alto e outra refletida tão perfeitamente na água que era difícil

dizer qual era a verdadeira. Essa era a imagem mais concisa possível.

Durante um tempo houve apenas troca de nomes e odores. Então Perrin pensou:

Procuró gente mais à frente de mim. Aes Sedai e homens com cavalos e carroções.

Não foi exatamente isso o que pensou, claro, assim como Duas Luas não era apenas

a imagem de duas luas. As pessoas eram “duas-pernas”, e os cavalos foram definidos

como “quatro-pernas de pés-duros”. Aes Sedai eram “fêmeas de duas-pernas que

tocam o vento que move o sol e chama o fogo”. Os lobos não gostavam de fogo, e

eram ainda mais cautelosos com as Aes Sedai do que com os outros humanos —

achavam impressionante que ele não fosse capaz de distinguir facilmente uma Aes

Sedai de uma mulher comum, e Perrin só descobrira aquela capacidade dos lobos

por acaso. Para eles, era uma habilidade tão corriqueira quanto ele achava fácil

distinguir um cavalo branco entre uma tropa de pretos: nada que valesse menção ou

que pudesse ser explicado com clareza.

O céu noturno parecia rodopiar em sua mente, de súbito coroando um acampamento de carroções, tendas e fogueiras. A imagem era um pouco distorcida

— os lobos não ligavam muito para nada humano, então os carroções e as tendas

eram vultos indistintos, enquanto as fogueiras pareciam rugir perigosamente e os

cavalos tinham um ar bem apetitoso. Ainda por cima, a mensagem foi passando de

lobo a lobo, até chegar a ele. O acampamento era maior do que Perrin esperava, mas

Fogo Selvagem não tinha dúvidas; sua matilha inclusive vinha margeando os

arredores de onde estavam as “fêmeas de duas-pernas que tocam o vento que move o

sol e chama o fogo”. Perrin tentou perguntar quantas eram, mas os

lobos não

dominavam os números — contavam quantas coisas havia mostrando quantas

tinham visto, e Fogo Selvagem e sua matilha desistiram de se aproximar mais assim

que notaram a presença de Aes Sedai.

Longe quanto? Aquela resposta foi mais clara, ainda que precisasse pensar um

pouco para decifrá-la. E tinha sido outra vez passada de lobo a lobo. Fogo Selvagem

disse que conseguiria andar até a colina onde estava um macho azedo chamado Meio

Rabo, alimentando sua matilha com um cervo, no tempo em que a lua avançava

determinado ponto no céu. Meio Rabo anunciou que alcançaria Fuça de Coelho —

um macho aparentemente jovem e muito feroz — enquanto a lua seguia o mesmo

tanto, mas de um ponto a outro. E assim foi, até que chegou a mensagem de Duas

Luas, que sempre mantinha um silêncio digno, adequado a um macho velho com

mais branco que preto no focinho. Ele e a matilha estavam a pouco mais de uma

milha de distância de Perrin, e seria um insulto sugerir que Perrin não sabia

exatamente onde estavam.

Calculando o melhor que pôde, Perrin chegou a um total de sessenta ou setenta

milhas. No dia seguinte conseguiria dizer melhor a rapidez com que estava se

aproximando. As Aes Sedai sem dúvida não estavam se deslocando tão depressa

quanto ele, não com os carroções.

Por quê? A pergunta veio de Meio Rabo, trazendo seu odor marcante mesmo

depois de passar por tantos lobos.

Perrin hesitou antes de responder. Era a parte que temia. Sentia o mesmo pelos

lobos que pelo povo de Dois Rios. *Elas enjaularam o Matador de Sombras*, pensou,

por fim. Era como os lobos chamavam Rand, mas não tinha ideia se consideravam

Rand importante ou não.

O choque que assomou sua mente valeu como resposta, porém a noite foi tomada

de uivos, próximos e distantes — uivos cheios de raiva e de medo. No acampamento, os cavalos relincharam, temerosos, batendo os cascos, encolhendo-se

e repuxando as cordas das estacas. Alguns homens correram para acalmá-los,

enquanto outros foram perscrutar a escuridão, como se estivessem esperando o

ataque de uma imensa matilha descendo das colinas.

Estamos indo, anunciou Meio Rabo, por fim. Só isso. Então outros responderam,

matilhas com as quais Perrin já conversara naquela noite e matilhas que tinham

ouvido em silêncio, admirando o duas-pernas que sabia falar como os lobos.

Estamos indo. Nada mais.

Perrin rolou de lado e dormiu. Sonhou que era um lobo percorrendo colinas

intermináveis. Na manhã seguinte, não havia nem sinal dos lobos, e nem mesmo os

Aiel tinham visto algum. Mas Perrin podia senti-los, várias centenas deles e ainda

mais a caminho.

O terreno foi se aplainando durante os quatro dias seguintes, até que os aclives

mais altos das colinas suaves sequer faziam jus ao nome “colina”, se comparados

aos das cercanias do Alguenya. A floresta foi minguando até se esvair em pastos

marrons e ressequidos, com moitas cada vez mais espaçadas. Os rios e os córregos

que agora cruzavam mal molharam os cascos dos cavalos, e já eram pequenos antes

daquela seca que os encolhera até virarem rastros de água espremidos por entre

ribanceiras de pedra e lama ressequida pelo sol. Todas as noites, os lobos contavam

a Perrin a que distância as Aes Sedai estavam, que não era muita. A matilha de Fogo

Selvagem as seguia, mas um pouco afastada. Uma coisa ficou bem clara: o grupo de

Perrin sempre percorria a mesma distância do primeiro dia e a cada dia a diferença

entre eles e as Aes Sedai diminuía em cerca de dez milhas. Mas e quando as

alcançassem, o que fariam?

Todas as noites, antes de falar com os lobos, Perrin sentava-se com

Loial, e os

dois fumavam cachimbo e conversavam em voz baixa. Era sobre o “e então” que

Perrin queria conversar. Dobraine parecia ser a favor de atacar e morrer dando o

melhor de si. Rhurarc dizia apenas que precisavam aguardar para ver como seria o dia

de amanhã e que uma hora os homens deviam acordar do sonho, o que não era tão

diferente de Dobraine. Loial podia ser um Ogier jovem, mas tinha lá seus noventa e

tantos — Perrin suspeitava de que Loial lera mais livros do que ele já vira em toda a

vida, e o Ogier sempre revelava conhecimentos surpreendentes em relação às Aes

Sedai.

— Existem muitos livros sobre a conduta das Aes Sedai em relação aos homens

capazes de canalizar. — Loial franziu o cenho, a boca no cachimbo. O forno

entalhado com folhas era do tamanho dos dois punhos de Perrin. — Elora, filha de

Amar, filha de Coura, escreveu *Homens de fogo e mulheres de ar* logo no início do

reinado de Artur Asa-de-gavião. E Ledar, filho de Shandin, filho de Koimal,

escreveu *Um estudo sobre homens, mulheres e o Poder Único entre humanos* faz só

trezentos anos. Esses são os dois melhores, na minha opinião. O de Elora em

particular, já que ela escrevia em um estilo de... não. Serei breve. —

Perrin duvidava

daquilo. A brevidade não estava nem de longe entre as virtudes de Loial quando o

assunto era livros. O Ogier pigarreou. — Pela lei das Aes Sedai, o homem deve ser

levado à Torre Branca para ser julgado antes de poder ser amansado. — As orelhas

de Loial tremelicaram com força, e as sobrancelhas compridas desabaram,

desanimadas, mas isso só durou um instante: ele deu um tapinha no ombro de Perrin,

em um esforço para consolá-lo. — Não acho que seja essa a intenção delas, Perrin.

Ouvi dizer que essas Aes Sedai falaram que iam honrá-lo, e ele é o Dragão

Renascido. Elas sabem disso.

— Honrar? — perguntou Perrin, baixinho. — Talvez estejam botando Rand para

dormir em lençóis de seda, mas um prisioneiro é um prisioneiro.

— Tenho certeza de que o estão tratando bem, Perrin. Tenho certeza. — O Ogier

não parecia confiante, e seu suspiro saiu feito uma ventania retumbante. — E Rand

está seguro até de fato chegar em Tar Valon. O que eu não entendo é como elas

conseguiram capturá-lo. — Ele balançou a imensa cabeça, claramente intrigado. —

Perrin, tanto Elora quanto Ledar dizem que, quando as Aes Sedai encontram um

homem muito poderoso, sempre reúnem treze para vencê-lo. Ah, elas recontam

histórias de quatro ou cinco, e ambas mencionam Caraighan, que levou um homem

até a Torre sozinha, percorrendo mais de duas mil milhas, depois que ele matou seus

dois Guardiões. Mas... Perrin, eles escreveram sobre Yurian Arco-de-pedra e Guaire

Amalasan; sobre Raolin Algoz-as-trevas e até sobre Davian, mas são os dois

primeiros que me preocupam. — Ele acabara de citar quatro dos homens mais

poderosos dentre os que tinham afirmado ser o Dragão Renascido, todos havia muito

tempo, antes do império de Artur Asa-de-gavião. — Seis Aes Sedai tentaram

capturar Arco-de-pedra, mas ele matou três e capturou as outras. Seis tentaram

derrotar Amalasan: ele matou uma e estancou mais duas. Rand sem dúvida é mais

forte que Arco-de-pedra e Amalasan, então será que são apenas seis, mais adiante?

Isso explicaria muita coisa.

Talvez explicasse, mas não trazia nenhum consolo. Treze Aes Sedai conseguiriam

derrotar, sozinhas, sem Guardiões e guardas, qualquer ataque que Perrin preparasse.

Treze Aes Sedai podiam ameaçar amansar Rand, caso Perrin atacasse. Claro que não

amansariam — elas sabiam que Rand era o Dragão Renascido, sabiam que ele

precisava estar presente na Última Batalha —, mas Perrin não sabia se seria capaz de

arriscar, com ou sem a lei da Torre. Ah, e quem conhecia os motivos por trás das

atitudes das Aes Sedai? Nunca conseguira se forçar a confiar nem mesmo em Aes

Sedai que se mostravam amistosas — aquelas mulheres sempre guardavam

segredos. Como um homem poderia ter certeza de qualquer coisa se as sentia

tramando por suas costas, por mais que sorrissem na cara dele? Quem podia dizer o

que as Aes Sedai fariam?

A bem da verdade, Loial não sabia de muita coisa que pudesse ajudar quando o

dia chegasse e estava muito mais interessado em falar sobre Erith. Perrin sabia que

ele deixara duas cartas com Faile, uma endereçada à mãe e outra a Erith, para serem

entregues assim que possível, caso algo lhe acontecesse. O que Loial se desdobrou

para garantir que não aconteceria — o Ogier sempre se preocupava muito em não

alarmar os outros. Perrin escrevera sua própria carta para Faile e Amys a levava para

deixar com as Sábias no acampamento dos Aiel.

— Ela é tão bonita — murmurou Loial, encarando a noite como se a visse diante

de si. — Tem um rosto tão delicado, mas ao mesmo tempo forte... Quando vi

aqueles olhos dela, não consegui ver mais nada. E as orelhas! — As orelhas dele

vibraram, e Loial engasgou no cachimbo. — Por favor — pediu,

ofegante —,

esqueça que eu mencionei... eu não devia ter falado das... você sabe que eu não sou

um grosseirão, Perrin.

— Já esqueci — respondeu Perrin, sem forças. *As orelhas?*

Loial queria saber como era ser casado. Não que tivesse qualquer intenção de se

casar tão cedo, apressou-se em esclarecer. Ainda era muito jovem, tinha seu livro

para terminar. Não estava pronto para sossegar e nunca mais deixar o *pouso*, a não

ser se fosse para visitar outro, como com certeza seria a vontade de uma esposa. Só

estava curioso, só isso. Mais nada.

Então Perrin falou da vida com Faile, de como ela o arrancara de suas raízes sem

ele nem perceber. Dois Rios já tinha sido sua casa, mas sua casa agora era onde Faile

estivesse. Pensar que ela o esperava quando voltasse o fazia apressar o passo. Sua

presença iluminava o ambiente e seu sorriso apagava qualquer preocupação.

Naturalmente, ele não podia falar sobre o sangue que fervia quando pensava nela,

nem sobre o coração que disparava só de olhá-la — não seria decente —, e sem

dúvida não tinha intenção de mencionar a preocupação que ela lhe trazia nos últimos

tempos. O que ia fazer? Estava mesmo disposto a ajoelhar-se diante dela, mas sua

teimosia ferrenha exigia que a mulher primeiro falasse com ele. Se pelo menos ela

disse que queria que as coisas voltassem a ser como antes...

— E o ciúme dela? — perguntou Loial. Foi a vez de Perrin engasgar.
— Todas as

esposas são assim?

— Ciúme? — retrucou Perrin, tentando não se abalar. — Faile não é ciumenta. De

onde você tirou isso? Ela é perfeita.

— Claro que sim — murmurou Loial, espiando o forninho do cachimbo. — Você

tem mais tabaco de Dois Rios? Depois deste aqui eu só tenho uma folha cairhiena

azedada.

Se tudo tivesse corrido daquele jeito, a jornada teria sido razoavelmente tranquila

— ou tão tranquila quanto era possível tratando-se de uma caçada daquele porte. A

terra passava sem vitalma à vista. O sol brilhava feito ouro fundido, verdade, o que

deixava o ar um forno, mas muitos falcões circundavam o céu azul sem nuvens e os

lobos, sem quererem humanos por perto, conduziam cervos para a estrada, muito

mais do que um grupo grande precisaria para viver, e não era incomum avistarem

machos imponentes de galhadas altas e cheias, junto com as fêmeas e alguns

filhotes, parados à plena vista. Mas havia um antigo ditado: “Só vive em paz quem

não tem umbigo.”

Claro que os cairhienos não eram nada simpáticos com os Aiel, sempre olhando

de cara feia ou com desprezo escancarado. Mais de uma vez, Dobraine reclamou

sobre eles estarem em número doze vezes maior — o lorde respeitava as habilidades

de luta daquele povo do Deserto, mas apenas como alguém respeitaria o caráter

perigoso de uma horda de leopardos raivosos. Os Aiel não olhavam de cara feia e

nem com desprezo, apenas deixavam claro que os cairhienos não eram nem dignos

de nota. Perrin não ficaria surpreso se visse um Aiel tentando passar por cima de um

cairhieno só por se recusar a admitir que o sujeito existia. Rhuarc dizia que não

haveria problemas entre os dois grupos, mas que isso dependia apenas dos

Assassinos da Árvore. Dobraine dizia que não haveria problemas, mas que isso

dependia apenas de os selvagens não se meterem em seu caminho. Perrin queria ter

certeza de que os grupos não começariam a matar uns aos outros antes mesmo de

chegarem às Aes Sedai que estavam com Rand.

Nutria certa esperança de que os mayenenses pudessem servir de ponte entre os

dois grupos, mas algumas vezes se arrependia de pensar assim. Os homens com

placas peitorais vermelhas se davam bem com os mais baixos, de

armadura lisa —

Mayene e Cairhien nunca tinham declarado guerra entre si —, e também se

entendiam com os Aiel — fora a Guerra dos Aiel, os mayenenses nunca tinham

enfrentado o povo do Deserto. Dobraine era bem amistoso com Nurelle, com

frequência partilhando a refeição noturna, e Nurelle se habituara a ir fumar cachimbo

com muitos dos Aiel, sobretudo Gaul. Era daí que vinha o arrependimento.

— Andei conversando com Gaul — comentou Nurelle, em um tom acanhado.

Era o quarto dia na estrada, e o sujeito se afastara do grupo de mayenenses para

cavalgar ao lado de Perrin, na dianteira. Perrin escutava sem muita atenção — Fogo

Selvagem permitira que um dos machos mais jovens da matilha fosse espreitar as

Aes Sedai, depois que o grupo começara as movimentações da manhã, e o lobo não

consequira farejar Rand. Ao que parecia, todos os lobos conheciam o cheiro do

Matador de Sombras. Ainda assim, apesar de toda a incerteza do que Nuvens da

Manhã vira, apenas um dos carroções do grupo das Aes Sedai não parecia levar

barris cobertos por lonas. Rand decerto estava dentro de algum carroção, muito mais

confortável e protegido do sol — Perrin já estava pingando de suor.

— Ele estava me contando sobre a Batalha de Campo de Emond —

prosseguiu

Nurelle — e de sua campanha de Dois Rios. Lorde Aybara, eu ficaria muito honrado

em ouvi-lo falar pessoalmente sobre suas batalhas.

Perrin de repente se empertigou na sela, encarando o garoto — não, não era um

garoto, apesar das bochechas rosadas e da franqueza no rosto. Nurelle decerto tinha

mais ou menos a sua idade. Mas o cheiro do homem, um cheiro vivaz e meio

trêmulo... Perrin quase ganiu. Sentira aquele mesmo odor nos garotos de casa, mas

ser idolatrado como herói por um homem de sua idade era quase mais do que ele

podia tolerar.

Ainda assim, não teria se incomodado se aquilo tivesse sido o pior. Já esperava

que os Aiel e os cairhienos não se dessem bem. Já esperava que um rapaz que nunca

presenciara uma batalha fosse admirar alguém que já lutara contra Trollocs. O que

esgotava seus nervos eram as coisas que ele não podia prever — o imprevisível

podia agarrá-lo pelo pé quando menos se esperasse e quando você menos pudesse se

dar ao luxo de se distrair.

Exceto por Gaul e Rhuarc, todos os Aiel usavam uma tira de tecido vermelho

amarrado na testa, com o disco branco e preto logo acima das sobrancelhas. Perrin já

vira aquela tira em Cairhien e em Caemlyn, mas, quando perguntou a Gaul e depois

a Rhuarc se era aquilo que os marcava como os tais *siswai'aman* de quem o chefe de

clã havia falado, ambos tentaram fingir que não sabiam do que se tratava, como se

não conseguissem ver cinco mil homens com faixas vermelhas na testa. Perrin

perguntou até ao sujeito que parecia abaixo de Rhuarc no comando — Urien, um

Reyn Duas Torres que ele já conhecera muito tempo antes. Mas Urien também se

fez de desentendido. Bem, Rhuarc tinha dito que só poderia levar *siswai'aman*,

então era assim que Perrin os via, mesmo sem saber o que o nome significava.

O que de fato sabia era que poderia haver algum desentendimento entre os

siswai'aman e as Donzelas. Perrin sempre farejava uma lufada de inveja quando

alguns daqueles homens olhavam para as Donzelas. Já o odor de algumas das

Donzelas olhando para os *siswai'aman* lembrava um lobo acorçado por sobre a

carcaça de um cervo, sem querer que mais ninguém da matilha desse uma mordida,

nem que morresse engasgado por engolir tudo de uma vez. Perrin nem conseguia

começar a decifrar o motivo, mas o cheiro lá estava e era bem forte.

Aquilo talvez fosse importante algum outro dia. Havia assuntos mais relevantes

no momento. Durante os primeiros dois dias depois de sair da cidade, Sulin e

Nandera se adiantavam toda vez que Rhuarc dizia qualquer coisa em relação às

Donzelas — e era sempre Sulin quem cedia, corando muito, mas ela sempre voltava

a tentar tomar a dianteira na oportunidade seguinte. Na segunda noite, quando o

grupo montou acampamento, as duas tentaram se matar com as próprias mãos.

Pelo menos, foi o que lhe pareceu. As duas se chutavam, socavam e se derrubavam no chão, e Perrin teve certeza de que alguém acabaria com um braço

quebrado... até que a mulher em desvantagem conseguia se desvencilhar com um

giro ou um golpe. Rhuarc o deteve quando ele tentou interferir, até parecendo um

pouco surpreso por ele querer se meter. Um bom número de cairhienos e

mayenenses se reuniu ao redor das duas para assistir e fazer apostas, mas nenhum

Aiel sequer olhou para a luta, nem mesmo as Sábias.

Sulin enfim imobilizou Nandera de cara para baixo, um braço dobrado dolorosamente atrás do corpo, então agarrou-a pelos cabelos e bateu sua cabeça no

chão até a mulher desabar, o corpo inerte. Sulin ficou um bom tempo olhando para

baixo, encarando a mulher que acabara de vencer, então jogou uma Nandera

inconsciente por cima dos ombros e saiu cambaleante.

Perrin concluiu que Sulin tomaria a frente das conversas a partir de então, mas

não foi o caso. A mulher ainda estava sempre presente, mas era Nandera, cheia de

hematomas, que respondia às perguntas de Rhuarc e seguia suas ordens, enquanto

Sulin, igualmente machucada, permanecia em silêncio e acatava qualquer comando

da outra sem nem hesitar. Perrin só coçava a cabeça e se perguntava se os olhos

estavam mesmo certos: será que tinha se enganado a respeito de como a briga

terminara?

As Sábias sempre avançavam em grupos, todos variando em tamanho e com as

integrantes sempre mudando. Ao fim do primeiro dia, Perrin percebeu que toda a

movimentação na verdade se centrava em torno de duas mulheres: Sorilea e Amys.

Ao fim do segundo dia, teve certeza de que as duas instigavam dois pontos de vista

bastante diferentes, e havia muitas carrancas e olhares atravessados. De vez em

quando Perrin as ouvia mencionarem as Aes Sedai, pescando fragmentos sobre

“costume” e “batalha”, mas nunca entendia bem. Amys começou a recuar menos nas

discussões, corando bem menos. Às vezes Rhuarc exalava um fraco odor de

ansiedade ao olhar para a esposa, mas aquele era o único indício de que estava ciente

do que se passava. No terceiro acampamento montado fora da cidade, Perrin quase

esperava que as duas Sábias fizessem uma reinterpretação da briga entre Sulin e

Nandera.

Em vez disso, as duas apanharam um cantil e se afastaram um pouco, sentando-se

sozinhas no chão e retirando os lenços da cabeça, soltando os longos cabelos. Ficou

olhando as duas sob a escuridão, iluminadas apenas pelo fraco luar, mantendo

distância suficiente para não bisbilhotar, nem que fosse por acidente, até a hora de se

deitar. Mas as duas apenas beberam água e conversaram. Na manhã seguinte, as

Sábias ainda pareciam divididas em dois grupos, mas, antes que a comprida fileira

completasse três milhas de marcha, Perrin notou que tudo passara a se centrar em

torno de Sorilea. De vez em quando ela e Amys se afastavam até um canto da

estrada para conversar, mas não se viam mais olhares atravessados. Se as duas

fossem lobos, Perrin diria que alguém desafiara o líder da matilha e fora derrotado,

mas, pelos odores que exalavam, Sorilea agora aceitara Amys quase como igual —

coisa que nada condizia com os lobos.

No sétimo dia da partida de Cairhien, enquanto cavalgava sob o escaldante sol da

manhã, Perrin se preocupava com qual seria a surpresa seguinte dos

Aiel. Será que

eles e os cairhienos passariam mais um dia sem se matarem? O que ele faria quando

encontrasse as Aes Sedai, dali a mais dois ou três dias?

Tudo isso sumiu de sua mente com um chamado de Meio Rabo. Um grande grupo

de homens — e talvez de mulheres, mas os lobos tinham certa dificuldade em

distinguir humanos machos de fêmeas — estava a apenas algumas milhas a oeste,

cavalcando depressa na mesma direção para onde Perrin seguia. Mas foi a silhueta

dos dois estandartes erguidos acima da fileira em marcha que lhe chamou a atenção.

Não demorou a reunir Dobraine, Nurelle, Rhuarc, Urien, Nandera, Sulin, Sorilea e

Amys.

— Sigam em frente — disse ao grupo, virando Tenaz para oeste. — Talvez alguns

amigos venham se juntar a nós, mas não queremos perder tempo.

O grupo de fato seguiu em frente enquanto ele se afastava, mas não o deixou

sozinho. Perrin não cobrira nem um quarto de milha quando viu em seu rastro quase

dez homens da Guarda Alada, o mesmo número de cairhienos, pelo menos vinte

Donzelas lideradas por Sulin e um número igual de *siswai'aman* atrás de um homem

grisalho de olhos verdes e rosto pétreo. Perrin só ficou surpreso por não ver uma ou

duas Sábias.

— Amigos — resmungou Sulin, baixinho, trotando junto ao estribo dele. —

Amigos que aparecem de repente, sem aviso, e ele do nada sabe que estão chegando.

— Ela ergueu os olhos para Perrin e falou, mais alto. — Prefiro não ver você repetir

um feito como o de tropeçar nos lençóis e cair de cara no chão.

Perrin balançou a cabeça, imaginando o que mais ela teria arranjado contra ele

enquanto usava o disfarce de serviçal. Os Aiel eram estranhos.

Cavalgou por quase uma hora sob o sol, guiado pelos lobos, sem desviar do

caminho. Ao chegar no topo de um aclave suave, não ficou surpreso com o que viu

talvez duas milhas adiante: uma longa fileira encabeçada por dois cavaleiros.

Homens de Dois Rios trazendo à frente seu próprio estandarte da Cabeça de Lobo

Vermelha que oscilava sob a brisa leve. O que o surpreendeu foi que de fato havia

mulheres no grupo — nove, pelo que contou —, além de alguns homens que Perrin

tinha certeza de que não eram de Dois Rios. Mas o que o fez cerrar a mandíbula foi

o segundo estandarte: a Águia Vermelha de Manetheren. Perdera a conta de quantas

vezes orientara o grupo a não levar nenhum daqueles símbolos para fora de Dois

Rios — uma das poucas coisas que não conseguira impedir apenas pela força de sua

presença fora o hasteamento daquela bandeira. Ainda assim, a imagem imprecisa

enviada pelos lobos mostrando os estandartes já o preparara.

A fileira não demorou a ver Perrin e seus companheiros, claro; havia bons olhos

naquele grupo. Os homens se aprumaram, à espera, e alguns até tiraram os arcos das

costas — os grandes arcos de Dois Rios, capazes de matar um homem a mais de

trezentas passadas de distância.

— Ninguém entra na minha frente — ordenou Perrin. — Eles não vão atirar se me

reconhecerem.

— Parece que esses olhos amarelos enxergam longe — comentou Sulin, em um

tom inexpressivo. Alguns entre os outros o encaravam com uma expressão estranha.

— Fiquem atrás de mim e pronto — retrucou Perrin, com um suspiro.

Enquanto se aproximava, na liderança daquele estranho grupo, os arcos que

havam sido erguidos foram baixados, e as flechas, desencaixadas. Ficou feliz em

ver que Galope vinha com eles, mas sentiu um leve receio ao notar Andorinha —

Faile não o perdoaria se ele deixasse a égua preta se machucar. Seria bom voltar a

montar o garanhão castanho, mas talvez também ficasse com Tenaz. Um lorde podia

se dar ao luxo de ter dois cavalos, mesmo um lorde com talvez menos de quatro dias

de vida pela frente.

Dannil saiu cavalgando da fileira de Dois Rios, esfregando o bigode grosso, junto

com Aram e as mulheres que vinham com eles. Perrin reconheceu os rostos de idade

indefinida de Aes Sedai mesmo antes de distinguir Verin e Alanna, cavalgando na

retaguarda. Não conhecia nenhuma das outras, mas tinha certeza de quem eram, por

mais que não soubesse como tinham chegado até ali. Nove. Nove Aes Sedai

poderiam ser de grande utilidade dali a três ou quatro dias, mas até onde podia

confiar nelas? Eram nove, e Rand dissera a elas que só poderiam enviar seis para

Cairhien. Ele se perguntou qual delas seria Merana, a líder.

Uma Aes Sedai de rosto quadrado com aspecto de fazendeira, apesar do rosto de

idade indefinida, pronunciou-se antes que Dannil pudesse fazer isso. Ela montava

uma égua marrom lisa.

— Então o senhor é Perrin Aybara. Lorde Perrin, devo dizer. Ouvimos falar muito

do senhor.

— É uma surpresa encontrar o senhor aqui — completou uma mulher arrogante,

porém bela, com uma voz fria — com tantas companhias tão singulares. — Ela

cavalgava um capão escuro de olhar feroz, e Perrin podia apostar que o animal fora

treinado como cavalo de batalha. — Dávamos por certo que o senhor ainda estaria

adiante.

Ignorando as duas — uma devia ser Merana, e ainda não sabia ao certo o que

responder —, Perrin olhou para Dannil.

— Não que eu não esteja feliz em ver vocês, mas como foi que chegaram até

aqui?

Dannil olhou de relance as Aes Sedai e afagou o bigode, ansioso.

— Partimos como o senhor disse, Lorde Perrin, e o mais rápido possível. Quer

dizer, deixamos os carroções e tudo, já que parecia haver alguma razão para que o

senhor tivesse saído tão depressa. Então Kiruna Sedai, Bera Sedai e as outras nos

alcançaram e disseram que Alanna conseguia encontrar Rand... quer dizer, o Lorde

Dragão... E, já que o senhor estava com ele, achei que encontraríamos o senhor onde

ele estivesse, e não havia meio de saber se o senhor tinha saído de Cairhien, e... —

Ele respirou fundo. — De todo modo, parece que elas estavam certas, não é mesmo,

Lorde Perrin?

Perrin franziu o cenho, perguntando-se como Alanna podia encontrar Rand. Bem,

devia mesmo poder, senão Dannil e os outros não estariam ali. Ela e Verin

continuavam na retaguarda, junto de uma mulher esguia de olhos cor

de mel que

suspirava bastante.

— Eu sou Bera Harkin — anunciou a mulher de rosto quadrado —, e esta é

Kiruna Nachiman. — Ela apontou para a companheira altiva. Ao que parecia, as

outras ainda não careciam de apresentações. — Pode nos dizer por que está aqui

enquanto o jovem al'Thor... o Lorde Dragão... está a vários dias de distância a norte?

Não precisava ponderar muito. Não havia muito o que pudesse fazer para impedir

aquelas nove de se juntarem às Aes Sedai mais adiante, se era o que pretendiam.

Mas ter nove Aes Sedai a seu lado...

— Ele foi capturado. Uma Aes Sedai chamada Coiren e pelo menos cinco outras

estão levando Rand para Tar Valon. Pelo menos é o que pretendem. Eu pretendo

impedir isso. — Aquilo deixou todos chocados. Dannil arregalou os olhos, e as Aes

Sedai começaram a falar, todas ao mesmo tempo. Aram era o único que não parecia

afetado, mas, por outro lado, parecia não ligar para qualquer coisa que não fosse

Perrin e sua espada. Apesar das expressões tranquilas, as Aes Sedai exalavam cheiro

de medo e ultraje.

— Precisamos impedi-las, Bera — disse uma mulher de cabelos enfeitados com

tranças e contas tarabonianas.

— Não podemos permitir que ele caia nas mãos de Elaida, Bera — decidiu, ao

mesmo tempo, uma cairhiena pálida, montada em uma égua baia e magricela.

— Seis? — perguntou a mulher de olhos cor de mel, incrédula. — Não teria como

apenas seis o levarem. Tenho certeza.

— Eu falei que ele estava ferido — interveio Alanna, meio chorosa. Perrin

conhecia aquele cheiro bem o bastante: era dor. — Eu falei.

Verin permaneceu em silêncio, mas cheirava a fúria... e a medo.

Kiruna encarou o grupo de Perrin com um olhar sombrio e desdenhoso.

— E o senhor pretende impedir as Aes Sedai com isso, meu jovem? Verin não nos

contou que o senhor era um tolo.

— Tem um pouco mais ainda avançando pela Estrada de Tar Valon — retrucou

Perrin, em um tom seco.

— Então vocês podem se juntar a nós — respondeu Kiruna, como se fizesse uma

concessão. — Isso será bom, Bera, não será? — A outra assentiu.

Não conseguia entender por que a atitude de Kiruna o irritava tanto, mas não era

hora de tentar descobrir.

— Também tenho trezentos arqueiros de Dois Rios que pretendo levar comigo. —

Como Alanna podia saber se Rand estava ferido? — Vocês Aes Sedai

são bem-

vindas a nos acompanhar.

As mulheres não gostaram nada de ouvir aquilo. Elas se afastaram um tanto para

debater — nem mesmo Perrin conseguia ouvir, deviam estar usando o Poder —, e

ele achou que seguiriam cavalgando sozinhas.

No fim das contas, as mulheres se juntaram a ele. Bera e Kiruna foram o caminho

todo até a estrada junto dele, uma de cada lado, alternando-se em repetir que a

situação era perigosa e delicada demais e que ele não devia fazer nada que colocasse

al'Thor em perigo. Bera, pelo menos, lembrou-se de chamar Rand de Dragão

Renascido algumas vezes. Bem, as duas deixaram uma coisa bem clara: Perrin não

deveria dar um passo sequer sem consultá-las. Bera começou a demonstrar certa

irritação por ele não repetir tudo o que ela dizia, mas Kiruna parecia achar que ele já

repetira. Perrin começou a se perguntar se chamá-las para ir junto tinha sido um erro.

Se as Aes Sedai ficaram impressionadas com o grupo de Aiel, mayenenses e

cairhienos que avançavam pela estrada, não deram sinais, nem no olhar e nem no

odor. Ainda assim, acrescentaram seu bocadinho de borbulhas ao caldeirão. Os

mayenenses e os cairhienos pareciam bastante encorajados com a chagada de nove

Aes Sedai e dezesseis Guardiões e se curvavam em reverências quase até o chão

sempre que uma das mulheres se aproximava. Donzelas e *siswai'aman* olhavam as

mulheres como se esperassem ser pisoteados por elas, mas as Sábias, por mais que

tivessem a expressão tão plácida quanto as das Aes Sedai, exalavam ondas de pura

fúria. No começo, as Aes Sedai ignoraram as Sábias por completo, exceto por uma

Marrom chamada Masuri. Mas, depois de Masuri ser rejeitada pelo menos duas

dezenas de vezes nos poucos dias seguintes — ela era persistente, mas as Sábias

eram tão rápidas em evitar as Aes Sedai que Perrin achava que já virara instintivo

—, Bera, Kiruna e as outras passaram a encarar as Sábias e conversar entre si por

detrás de alguma barreira invisível e inacessível a seus ouvidos de lobo.

Teria bisbilhotado, se pudesse, já que as mulheres tinham mais segredos do que

sua conversa sobre as Aiel. Para começar, Alanna recusava-se a revelar como sabia

onde Rand estava e sequer admitia ter afirmado que ele estava ferido. “Alguns

conhecimentos acabariam com a mente de qualquer pessoa que não seja Aes Sedai”,

retrucara, fria e misteriosa, mas exalando um cheiro forte e pungente de dor e

ansiedade. Verin mal dirigia a palavra a ele, limitando-se a observar tudo com

aqueles escuros olhos de ave e um sorrisinho misterioso, embora exalasse ondas de

raiva e frustração. Pelo cheiro, achava que a líder do grupo era Bera ou Kiruna —

Bera, talvez, embora fosse por um triz e às vezes a outra parecia assumir o controle

por um tempo. Todos os dias, uma ou a outra vinha cavalgar do lado dele durante

cerca de uma hora, repetindo variações dos “conselhos” originais e basicamente

pressupondo que estavam no comando. Nurelle parecia concordar, seguindo as

ordens delas sem sequer olhar para Perrin, e Dobraine só se dava ao trabalho de

olhá-lo antes de aquiescer. Perrin passou um dia e meio achando que Merana tinha

permanecido em Caemlyn, e foi um choque ouvir quando chamaram a mulher esguia

de olhos cor de mel daquele nome. Rand tinha dito que ela estava à frente da missão

diplomática de Salidar, mas Perrin a identificou como o lobo de mais baixo status da

matilha — por mais que as Aes Sedai parecessem iguais a quem olhasse de fora. Ela

cheirava a ansiedade, resignação e desilusão. Não era surpresa que as Aes Sedai

guardassem segredos, claro, mas pretendia resgatar Rand das mãos de Coiren e do

bando mais à frente. E gostaria de poder saber se também precisaria resgatá-lo das

mãos de Kiruna e suas companheiras.

Pelo menos era bom estar de volta com Dannil e os outros, ainda que eles fossem

quase tão servis em relação às Aes Sedai quanto os mayenenses e os cairhienos. Os

homens de Dois Rios ficaram tão felizes em vê-lo que poucos resmungaram quando

ele os mandou baixar a Águia Vermelha — seria erguida de novo, Perrin tinha

certeza. Ainda assim, Tell, irmão quase idêntico de Dannil, exceto pelo nariz adunco

e o bigode comprido à moda domanesa, dobrou o estandarte com todo o cuidado e o

guardou nos alforjes. Naturalmente, o grupo ainda ostentava flâmulas. Primeiro ia a

Cabeça de Lobo Vermelha dele — os homens teriam apenas ignorado se ele os

mandasse guardá-la, e o olhar frio e desdenhoso de Kiruna o fazia querer exibir seu



estandarte. Dobraine e Nurelle também estenderam seus estandartes, posto que já

havia um à mostra. Não era o Sol Nascente de Cairhien nem o Gavião

Dourado em

voo de Mayene: cada um trouxera um par dos emblemas de Rand — o Dragão

vermelho e dourado no fundo branco e o disco branco e preto no fundo carmesim.

Os Aiel não pareciam se importar, fosse como fosse. As Aes Sedai encararam aquilo

com bastante frieza, mas as insígnias pareciam apropriadas a Perrin.

No décimo dia, com o sol já quase a meio caminho do meio do céu, Perrin sentia-

se taciturno, a despeito dos estandartes, dos homens de Dois Rios e da garupa de

Galope. O grupo alcançaria os carroções das Aes Sedai logo depois do meio-dia,

mas ele ainda não sabia o que faria. Foi quando veio o chamado dos lobos. *Venha*

agora. Muitos duas-pernas. Muitos, muitos, muitos! Venha agora!



CAPÍTULO 55

POÇOS DE DUMAI

Cavalgando à frente da coluna, Gawyn tentava se concentrar na paisagem. Com seus

amontoados de árvores esparsas, aquele tipo de terreno com colinas suaves era plano

o bastante para fazer qualquer um pensar que era capaz de enxergar a uma distância

bem longa, quando, na verdade, alguns daqueles morros baixos e espinhaços longos

não eram assim tão baixos quanto pareciam. Naquele dia, o vento vinha levantando

ondas de poeira, e a poeira também podia esconder muita coisa. Os Poços de Dumai

se localizavam à direita dele junto da estrada, três poços de pedra num pequeno

bosque. Os barris de água precisavam ser enchidos, e faltavam ao menos quatro dias

para verem água de novo, isso se a Fonte Alianelle não tivesse secado, mas Galina

dera ordens para que não parassem. Gawyn tentava manter a atenção onde deveria,

mas não conseguia.

De tempos em tempos, ele se virava na sela, olhando para trás para aquela longa

fila de carroções serpenteando a estrada, com Aes Sedai e Guardiões cavalgando

lado a lado, e serviçais que não estavam nos carroções vindo a pé. A maior parte da

Jovem Guarda estava no fim da fila, onde Galina ordenara que ficassem. Gawyn não

conseguia ver o único carroção descoberto no centro da coluna, sempre

acompanhado de perto por seis Aes Sedai a cavalo. Se pudesse, Gawyn teria matado

al'Thor, mas o que aquelas mulheres vinham fazendo o enojava. Até Erian se

recusara a participar depois do segundo dia, e a Luz sabia que ela tinha seus motivos

para odiar al'Thor. Galina, porém, estava irredutível.

Ele firmou o olhar à frente e tocou na carta de Egwene no bolso do casaco, onde

ela se encontrava cuidadosamente envolta em camadas e camadas de seda. Só umas

poucas palavras para dizer que o amava, mas que precisava partir de repente. Nada

mais. Ele a lia cinco ou seis vezes por dia. Ela não citou a promessa dele. Bem,

Gawyn nunca levantara a mão contra al'Thor. Ele ficara em choque ao descobrir que

o homem estava preso e que já estava aprisionado havia vários dias quando ficou

sabendo. Ele precisaria dar um jeito de fazer Egwene entender. Havia lhe prometido

que não tocaria em um fio de cabelo do homem, e pretendia manter a promessa

mesmo se isso lhe custasse a vida, mas tampouco moveria uma palha para ajudá-lo.

Egwene tinha que entender. Luz, esperava que ela entendesse.

O suor escorria pelo seu rosto, e ele enxugou os olhos com a manga da roupa. No

que se referia a Egwene, ele ainda não podia fazer nada além de rezar. Quanto a

Min, podia. Precisava dar um jeito de ajudá-la. Ela não merecia ser

levada para a

Torre como uma prisioneira. Ele não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Se os Guardiões pelo menos afrouxassem o cerco, ele poderia... De repente, Gawyn

notou um cavalo galopando de volta pela estrada em meio a ondas de poeira em

direção aos carroções, aparentemente sem ninguém montado.

— Jisao — ordenou ele —, mande os condutores dos carroções pararem. Hal, fale

para Rajar deixar a Jovem Guarda a postos. — Sem dizer nada, os dois deram meia-

volta em seus cavalos e saíram galopando. Gawyn ficou esperando.

Aquele era o capão cinza de Benji Dalfor, e, à medida que o animal foi se

aproximando, Gawyn pôde ver Benji, curvado e agarrado à crina do cavalo. O capão

quase passou por Gawyn antes que ele conseguisse tomar as rédeas.

Benji virou a cabeça sem se endireitar e, com olhos vidrados, olhou para Gawyn.

Havia sangue ao redor da boca e um dos braços apertava o peito como se o homem

estivesse tentando se manter inteiro.

— Aiel — murmurou ele. — Milhares. Por todos os lados, eu acho. — De

repente, ele sorriu. — Frio hoje, não... — Sua boca jorrou sangue, e ele tombou na

estrada, os olhos fixos, sem piscar, no sol.

Gawyn deu meia-volta em seu garanhão e galopou até os carroções. Mais tarde

haveria tempo para enterrar Benji, se algum deles sobrevivesse.

Galina cavalgou ao seu encontro, a sobrecapa de linho drapejando atrás dela, os

olhos escuros ardendo em fúria naquele rosto sereno. Ela estava permanentemente

furiosa desde o dia seguinte ao que al"Thor tentou escapar.

— Quem você pensa que é, dando ordens para os carroções pararem?
— indagou

ela.

— Há milhares de Aiel se aproximando de nós, Aes Sedai. — Ele conseguiu

manter um tom de voz educado. Pelo menos os carroções foram contidos e a Jovem

Guarda estava entrando em formação, mas os condutores corriam os dedos pelas

rédeas de modo impaciente, os serviçais espiavam tudo enquanto se abanavam e as

Aes Sedai conversavam com os Guardiões.

Os lábios de Galina se retorceram de desdém.

— Seu tolo. São só os Shaido. Sevanna disse que nos traria uma escolta. Mas, se

você duvida, pegue a sua Jovem Guarda e vá ver você mesmo. Estes carroções vão

continuar seguindo em direção a Tar Valon. Já passou da hora de você entender que

sou eu quem dá as ordens aqui, não...

— E se não forem os seus Aiel mansinhos? — Não era a primeira vez nos últimos

dias que ela sugeria que ele próprio encabeçasse um grupo de batedores. Gawyn

suspeitava que, se o fizesse, encontraria Aiel, e nada mansos. — Quem quer que

sejam, eles mataram um dos meus homens. — Pelo menos um, já que ainda havia

seis batedores investigando o terreno. — Talvez você devesse considerar a

possibilidade de que sejam os Aiel de al'Thor vindo resgatá-lo. Quando começarem

o ataque, já vai ser tarde demais.

Foi só então que ele se deu conta de que estava gritando, mas a raiva de Galina

acabou desaparecendo. Ela deu uma olhada para o ponto da estrada em que Benji

estava caído e, em seguida, assentiu devagar.

— Talvez não seja insensato ter cautela desta vez.

* * *

Rand lutava para respirar. O ar dentro do baú lhe parecia denso e quente. Por sorte,

ele já não conseguia mais sentir o fedor. Jogavam um balde d'água fria nele todas as

noites, mas aquilo não chegava a ser um banho e, por um tempo, depois que

fechavam a tampa em cima dele a cada manhã e o trancavam lá dentro, o mau cheiro

de mais um dia exposto ao sol quente lhe feria o nariz. Manter-se no Vazio

demandava esforço. Seu corpo estava coberto pelas marcas do chicote dos ombros

aos joelhos, e elas já ardiam antes mesmo de o suor começar a escorrer, como dez

mil chamadas tremeluzindo no limiar do Vazio, tentando consumi-lo. À distância, a

ferida não cicatrizada na lateral do corpo latejava, mas a vacuidade ao seu redor

ameaçava desaparecer a cada pontada. Alanna. Ele conseguia sentir Alanna. Perto.

Não. Não podia perder tempo pensando nela. Mesmo que ela o tivesse seguido, seis

Aes Sedai não seriam capazes de libertá-lo. Isso se não decidissem se unir a Galina.

Não podia confiar nela. Nunca mais confiaria em uma Aes Sedai. De todo modo,

talvez ele estivesse imaginando coisas. Às vezes, preso ali dentro, ele imaginava

coisas, brisas frescas, caminhadas. Às vezes, seu pensamento se perdia de tudo e,

tendo alucinações, ele andava em liberdade. Apenas andava. Horas desperdiçadas.

Rand lutava para respirar e começou a examinar a blindagem escorregadia como

gelo que o apartava da Fonte. Apalpava repetidamente aqueles seis pontos macios.

Macios. Ele não conseguia parar. Era importante continuar examinando.

Escuro, lamuriou-se Lews Therin nas profundezas da mente de Rand.
Chega de

escuridão. Já chega. Repetidas vezes. Mas sem incomodar tanto. Desta vez, Rand só

o ignorou.

De repente, Rand perdeu o fôlego. Sentiu o baú se mover, rangendo alto ao

escorregar pelo carroção. Já era noite? A carne açoitada se encolheu de maneira

involuntária. Haveria outra surra antes que ele fosse alimentado, depois viria o balde

d'água e ele então seria amarrado para dormir do jeito que conseguisse. Mas ele

estaria fora da caixa. A escuridão em torno dele não era total, estava mais para um

cinza profundo. A minúscula fresta ao redor da tampa permitia a entrada da mais

tênue nesga de luz, embora ele não pudesse ver nada com a cabeça enfiada entre os

joelhos, ademais de seus olhos a cada dia demorarem tanto para enxergar qualquer

coisa além da escuridão quanto seu nariz demorava para se acostumar ao mau

cheiro. Ainda assim, devia ser noite.

Rand não pôde deixar de soltar um gemido quando o baú virou. Não havia espaço

para deslizar, mas ele se mexeu, forçando músculos já doloridos além da conta. Sua

diminuta prisão chocou-se com força contra o chão. A tampa não demoraria a se

abrir. Quantos dias sob o sol escaldante? Quantas noites? Perdera a conta. Esta vez

seria qual? Rostos giravam em sua mente. Ele gravara o rosto de cada mulher que se

revezou para açoitá-lo. Àquela altura, eram uma confusão só. Lembrar-se de qual

delas veio antes ou depois parecia além das suas capacidades. Mas ele sabia que

Galina, Erian e Katherine tinham sido as mais frequentes, as únicas que vieram mais

de uma vez. Seus rostos reluziam na mente dele com uma luz selvagem. Com que

frequência queriam ouvir seus gritos?

Foi de repente que Rand se deu conta de que, àquela altura, o baú já deveria ter

sido aberto. Será que elas pretendiam deixá-lo ali a noite inteira e depois sob o sol

do dia seguinte e... Músculos doloridos e extenuados demais para se mover deram

um jeito de se impulsionar freneticamente.

— Me tirem daqui! — berrou ele, a voz rouca. Cheios de dor, os dedos arranharam o baú às suas costas sem qualquer efeito. — Me tirem daqui! — gritou.

Pensou ter ouvido a risada de uma mulher.

Durante um tempo, chorou, mas suas lágrimas logo secaram para, como uma

fornalha, se transformar em fúria. *Me ajude*, rosnou ele para Lews Therin.

Me ajude, gemeu o homem. *Que a Luz me ajude*.

Resmungando de modo sombrio, Rand voltou a sentir às cegas aquela área plana e

lisa até os seis pontos macios. Mais cedo ou mais tarde, elas o deixariam sair. Mais

cedo ou mais tarde, arrefeceriam a guarda em cima dele. E quando o fizessem... Ele

nem percebeu quando começou a soltar uma gargalhada rouca.

Rastejando pelo aclave, Perrin espiou por cima do pico e viu uma cena digna dos

sonhos do Tenebroso. Os lobos haviam lhe dado certa noção do que esperar, mas

noções empalideciam diante da realidade. A talvez uma milha de onde ele se

encontrava deitado sob o sol do meio-dia, uma imensa montanha de Shaido cercava

inteiramente o que parecia ser um círculo de carroções e homens reunidos em um

pequeno grupo de árvores não muito longe da estrada. Vários carroções já tinham

sido incendiados, as chamas dançando ao longe. Bolas de fogo, algumas pequenas

como um punho e outras grandes como pedregulhos, alvejavam os Aiel e explodiam

em bolhas de fogo, transformando dezenas deles em tochas vivas de uma só vez.

Relâmpagos irrompiam de um céu sem nuvens, fazendo voar terra e figuras

indistintas trajando o *cadin'sor*. Entretanto, os raios prateados dos relâmpagos

também atingiam os carroções, e os Aiel também atiravam suas bolas de fogo. Boa

parte das chamas se dissipava de repente ou explodia antes de atingir o alvo, muitos

dos raios se interrompiam de repente, mas, embora a batalha parecesse pender

ligeiramente a favor das Aes Sedai, a mera quantidade de Shaido acabaria se

provando devastadora.

— Deve haver umas duzentas ou trezentas mulheres canalizando ali embaixo, se

não mais. — Kiruna, deitada ao lado dele, soava impressionada. Sorilea, ao lado da

irmã Verde, com certeza parecia estar. A Sábia cheirava a preocupação. Não medo,

mas uma espécie de apreensão. — Nunca vi tantas tessituras juntas — prosseguiu a

Aes Sedai. — Acho que há pelo menos trinta irmãs no acampamento. Você nos

trouxe para um caldeirão fervendo, jovem Aybara.

— Quarenta mil Shaido — resmungou um emburrado Rhuarc do outro lado de

Perrin. Tinha até cheiro de emburrado. — Pelo menos quarenta mil, o que explica,

tarde demais, por que eles não mandaram mais para o sul.

— O Lorde Dragão está lá embaixo? — perguntou Dobraine, olhando por cima de

Rhuarc. Perrin assentiu. — E você pretende ir até lá e trazê-lo para cá? — Perrin

tornou a fazer que sim com a cabeça, e Dobraine suspirou. Cheirava a resignação,

não medo. — Nós vamos entrar na batalha, Lorde Aybara, mas não acredito que

vamos sair. — Rhuarc aquiesceu ao ouvir o comentário.

Kiruna olhou para os homens.

— Vocês estão vendo que não estamos em número suficiente. Nove. Mesmo que

suas Sábias sejam capazes de canalizar alguma coisa, não somos o bastante para

fazer frente àquilo. — Sorilea bufou alto com desdém, mas Kiruna manteve os olhos

onde estavam.

— Então dê meia-volta e cavalgue para o sul — disse-lhe Perrin. — Não vou

deixar Rand cair nas garras de Elaida.

— Ótimo — retrucou Kiruna, sorrindo. — Porque eu também não vou. — Perrin

gostaria que o sorriso dela não lhe desse arrepios. Claro que, tivesse ela visto o olhar

malévolo que Sorilea direcionou às suas costas, ela própria também poderia ter

ficado arrepiada.

Perrin apontou para as pessoas que se encontravam na base do espinhaço, e

Sorilea e a Verde escorregaram colina abaixo até que pudessem voltar a se levantar,

para dispararem em direções opostas.

O que eles tinham não era bem um plano. Em resumo, a ideia era dar um jeito de

alcançar Rand, libertá-lo de alguma forma e depois torcer para que ele não estivesse

ferido demais para abrir um portão para quem pudesse escapar com ele antes que os

Shaido e as Aes Sedai no acampamento conseguissem matá-los. Sem dúvida, não

passavam de pequenos obstáculos para o herói de uma história ou um caso contado

por um menestrel, mas Perrin gostaria de ter tido tempo para um plano de verdade,

não só o que ele, Dobraine e Rhuarc haviam formulado com o chefe de clã correndo

o mais rápido que podia em meio aos cavalos dos três. Entretanto, tempo era uma

das muitas coisas que eles não tinham. Não havia como afirmar se as Aes Sedai da

Torre seriam capazes de conter os Shaido nem mesmo por mais uma hora.

Divididos em duas companhias, os primeiros a se deslocar foram os homens de

Dois Rios e a Guarda Alada, uns cercando a pé as Sábias, e os outros, as Aes Sedai e

os Guardiões a cavalo. Atravessaram o espinhaço pela direita e pela esquerda.

Dannil permitiu que voltassem a carregar o estandarte da Águia Vermelha, além da

Cabeça de Lobo Vermelha. Rhuarc nem olhava na direção em que Amys caminhava

não muito longe do capão escuro de Kiruna, mas Perrin escutou o homem murmurar

“Que possamos ver o sol nascer juntos, sombra do meu coração”.

Os homens de Dois Rios e os mayenenses dariam cobertura às Sábias e às Aes

Sedai caso batessem em retirada, ou talvez fosse o contrário. Em todo caso, Bera e

Kiruna não pareceram gostar do plano e queriam muito estar junto de Rand.

— Tem certeza de que não vai a cavalo, Lorde Aybara? — perguntou Dobraine

do alto de sua sela. Para ele, o pensamento de lutar a pé era quase ofensivo.

Perrin deu um tapinha no machado pendurado em sua cintura.

— Isto aqui não tem muita serventia em cima de um cavalo. — Tinha, na verdade,

mas ele não queria expor nem Galope nem Tenaz ao que vinha pela frente. Homens

podiam escolher se queriam ou não se lançar no meio de armas e da morte e, como

era ele que decidia pelos seus cavalos, naquele dia escolheu não os expor ao perigo.

— Quem sabe você não me empresta um estribo quando chegar a hora. — Como

cairhienos faziam pouco uso de infantaria, Dobraine ficou chocado, mas logo

pareceu entender e fez que sim com a cabeça.

— Está na hora de os flautistas tocarem — avisou Rhurarc, levantando o véu

negro, embora ali não fosse haver nenhum flautista tocando, o que desagradou

alguns dos Aiel. Muitas das Donzelas não gostavam das tiras de pano que foram

obrigadas a amarrar em torno do braço para que os aguacentos as distinguíssem das

Donzelas Shaido. Elas pareciam achar que qualquer pessoa deveria saber só de

olhar.

Formando uma coluna compacta, *siswai'aman* e Donzelas com véus negros

começaram a correr encosta acima, e Perrin desceu com Dobraine para onde Loial já

se encontrava de pé à frente dos cairhienos, as duas mãos agarradas com firmeza ao

machado e as orelhas apontadas para trás. Aram também estava lá, a pé e armado

com a espada. O antigo Latoeiro exibia um sorriso ansioso. Por detrás dos

estandartes gêmeos de Rand, Dobraine acenou com os braços para que eles

avançassem, e as selas rangeram quando uma pequena floresta de quinhentas lanças

foi escalando ao lado dos Aiel.

Nada mudara na batalha, o que foi uma surpresa para Perrin, até ele se dar conta

de que só alguns momentos haviam se passado desde a vez anterior que a observara.

O intervalo parecera bem maior. A grande massa de Shaido ainda pressionava as

forças encurraladas, carroções ainda eram queimados, talvez mais do que antes, os

relâmpagos continuavam caindo do céu, e o fogo voava em bolas e vagalhões.

Os homens de Dois Rios estavam quase em posição, com os mayenenses, as Aes

Sedai e as Sábias, deslocando-se praticamente sem pressa pela planície de colinas

suaves. Perrin os teria mantido mais para trás para dar a eles mais chance de

escaparem quando chegasse a hora, mas Dannil continuou insistindo que eles

precisavam se aproximar e se posicionar a pelo menos trezentas passadas para que

seus arcos fossem eficazes, e Nurelle se mostrara igualmente ansioso para não ficar

para trás. Até as Aes Sedai, que Perrin estava convencido de que só precisavam estar

perto o bastante para enxergar com clareza, haviam insistido em se aproximar mais.

Nenhum dos Shaido notara a presença deles. Ou pelo menos ninguém apontava para

a ameaça que se aproximava devagar por trás deles. Ninguém virara o corpo para

encará-los. Todos pareciam concentrados em investir contra o círculo de carroções,

recuando momentaneamente diante do fogo e dos relâmpagos, mas logo voltando a

atacar. Bastaria que um deles olhasse para trás, mas o inferno à frente prendia a

atenção deles.

Oitocentas passadas. Setecentas. Os homens de Dois Rios desmontaram e

empunharam os arcos. Seiscentas. Quinhentas. Quatrocentas.

Dobraine sacou sua espada e ergueu-a bem alto.

— Ao Lorde Dragão, a Taborwin e à vitória! — bradou, e o grito ecoou de

quinhentas gargantas no momento em que as lanças se posicionaram.

Perrin só teve tempo de agarrar o estribo de Dobraine antes que o cairhieno

avançasse com toda a fúria. As longas pernas de Loial acompanhavam os cavalos

passada a passada. Deixando o cavalo puxá-lo com passos e saltos compridos, Perrin

enviou a mensagem mental. *Venham.*

Um solo coberto com vegetação marrom, à primeira vista vazio, de

repente

revelou cerca de mil lobos, grande parte deles esguios lobos marrons da planície,

mas também seus primos mais escuros e mais pesados da floresta, correndo rente ao

chão para, com os dentes arreganhados, pular nas costas dos Shaido assim que as

primeiras flechas compridas de Dois Rios começaram a chover sobre os inimigos

mais adiante. Uma segunda leva logo já se arqueava bem alto. Mais relâmpagos

caíam junto com as flechas, e novas bolas de fogo surgiram. Os Shaido velados que

se viravam para enfrentar os lobos só tiveram alguns instantes para perceber que os

animais não eram a única ameaça antes que uma lança Aiel robusta e o machado dos

lanceiros cairhienos lhes perfurassem.

Sacando seu machado, Perrin investiu contra um Shaido que vinha em sua direção

e, enquanto o homem caía, saltou por cima dele. Eles tinham que alcançar Rand.

Tudo dependia daquilo. Ao lado de Perrin, o grande machado de Loial se ergueu,

desceu e girou, abrindo caminho com violência. Aram parecia dançar com sua

espada, gargalhando ao sair cortando todos os que se punham à sua frente. Não havia

tempo para pensar em mais ninguém. Perrin manjava o machado de forma

metódica, e era como se derrubasse madeira, não carne. Ele tentava

não ver o sangue

que jorrava, mesmo quando seu rosto ficou molhado pelos respingos resultantes de

seus golpes. Precisava alcançar Rand. Ele estava abrindo um caminho entre arbustos

espinhosos, só isso.

Perrin só pensava no próximo homem à sua frente. Escolhia sempre pensar neles

como homens mesmo quando a altura indicava que podia se tratar de uma Donzela.

Não estava convencido de que poderia girar aquela lâmina em meia-lua que gotejava

em vermelho caso se permitisse pensar que estava atacando uma mulher. Apesar do

esforço para não ver além, outras coisas acabavam chamando a atenção enquanto ele

abria caminho à frente. O golpe prateado de um relâmpago lançou vultos de

cadin'sor pelos ares, alguns usando o lenço escarlate, outros não. Um outro raio

arremessou Dobraine de cima do cavalo. O cairhieno se pôs de pé com dificuldade,

golpeando com a espada em todas as direções. O fogo envolveu um grupo de

cairhienos e Aiel, homens e cavalos transformados em tochas a berrar, no caso dos

que ainda conseguiam fazê-lo.

Tudo isso se passava diante dos olhos de Perrin, mas ele não se permitia ver nada.

Diante dele só havia os homens, os arbustos que deveriam ser podados com os

machados dele e de Loial e com a espada de Aram. Foi quando ele avistou algo que

lhe tirou a concentração: um cavalo empinando e um cavaleiro caindo, sendo puxado

da sela enquanto lanças Aiel o perfuravam. Um cavaleiro com uma armadura

peitoral vermelha. E havia mais um das Guardas Aladas, além de um punhado deles,

investindo suas lanças, com a pluma de Nurelle tremulando acima do elmo. No

momento seguinte, ele viu Kiruna, o rosto sereno e despreocupado, andando feito

uma rainha das batalhas por um caminho aberto para ela por três Guardiões e pelos

fogos que lhe saltavam das próprias mãos. E lá estava Bera e, um pouco mais além,

Faeldrin, Masuri e... O que, sob a Luz, todas elas estavam fazendo ali? O que

qualquer uma delas fazia ali? Elas deviam estar com as Sábias!

De algum lugar à frente ouviu-se o reverberar de uma explosão, como o

estampido de um trovão rasgando o alarido de gritos e berros. Logo depois, um feixe

de luz apareceu a menos de vinte passadas dele, fatiando vários homens e um cavalo

feito uma imensa navalha que foi se alargando até virar um portão. Um homem de

casaco preto empunhando uma espada saltou de dentro dele e caiu no chão com uma

lança Shaido atravessada no peito, mas, no momento seguinte, mais oito ou nove e,

armados com espadas, brotaram lá de dentro enquanto o portão se dissipava,

formando um círculo ao redor do homem morto. Com mais do que espadas, na

verdade. Alguns dos Shaido que vinham em disparada até eles sucumbiam diante

das lâminas, mas outros explodiam em chamas. Cabeças estouravam feito melões

arremessados de certa altura contra uma pedra. A talvez cem passadas à frente,

Perrin achou ter visto um outro círculo de homens de casaco preto cercados por fogo

e morte, mas não teve tempo de investigar. Shaido também já o cercavam.

Colocando-se costas com costas com Loial e Aram, ele retalhava e golpeava

desesperadamente. Àquela altura, não havia como avançar. Tudo o que ele podia

fazer era permanecer ali de pé onde estava. O sangue pulsava em seus ouvidos, e ele

era capaz de escutar a si mesmo lutando para respirar. Também conseguia escutar

Loial, que resfolegava feito um imenso fole. Com seu machado, Perrin tratou de

desviar para o lado a investida de uma lança, rasgou um outro Aiel com o cravo

quando girou o machado de volta, segurou a ponta de uma lança com a mão sem

nem se preocupar com o corte sangrento que ela abriu, e partiu um rosto coberto

pelo véu negro. Achava que eles não iriam resistir por tanto tempo. Cada polegada

do seu corpo só se concentrava em permanecer vivo por mais um piscar de olhos.

Praticamente cada polegada. Um cantinho da sua mente guardava uma imagem de

Faile e o pensamento triste de que ele não seria capaz de se desculpar por não voltar

para ela.

* * *

Curvado dolorosamente dentro do baú, Rand tateava, ofegante, a blindagem entre ele

e a Fonte. Gemidos fluíam pelo Vazio, uma fúria sinistra e um medo pulsante

deslizando por seu limiar. Ele já não tinha mais certeza absoluta do que era dele e o

que era de Lews Therin. De repente, sua respiração congelou. Seis pontos, mas um

deles tinha ficado rígido. Não macio. Rígido. E, a seguir, um segundo. E um

terceiro. Uma gargalhada áspera lhe preencheu os ouvidos. Era dele, percebeu após

alguns momentos. Um quarto nó se enrijeceu. Ele esperou, tentando conter o que

soava desconfortavelmente como uma risadinha demente. Os dois últimos pontos

permaneceram macios. A gargalhada abafada desapareceu.

Elas vão sentir, gemeu Lews Therin, desesperado. *Elas vão sentir e chamar as*

outras de volta.

Rand percorreu os lábios rachados com a língua quase igualmente seca. Toda a

água em seu corpo parecia ter ido para o suor que deslizava pelo seu corpo e fazia

arder as marcas do açoite. Se ele falhasse, não haveria uma segunda chance. Ele não

podia esperar. Talvez nem houvesse uma segunda chance, afinal.

Com toda a cautela, ele bateu às cegas os quatro pontos rígidos. Não havia nada

concreto ali, assim como a própria blindagem não era algo que ele pudesse sentir ou

enxergar, mas, de alguma forma, ele foi capaz de sentir *o contorno* daquele nada,

sentir sua forma. Como se fossem nós. Em um nó, independentemente de quão

apertado ele estivesse, sempre havia espaço entre as cordas, espaços mais finos que

um fio de cabelo por onde apenas o ar poderia passar. Devagar, muitíssimo devagar,

e meio desajeitado, ele bateu um daqueles espaços e se espremeu pelas frestas

infinitesimais entre o que nem parecia estar ali. Devagar. Faltava quanto tempo para

as outras voltarem? Se elas comesçassem tudo de novo antes que ele encontrasse uma

maneira de escapar por aquele labirinto tortuoso... Devagar. E, de repente, Rand foi

capaz de sentir a Fonte, como se a roçasse com a unha, a pontinha da unha. *Saidin*

ainda estava além dele — a blindagem ainda estava lá, aquela barreira invisível —,

mas ele conseguia sentir Lews Therin se enchendo de esperança. Esperança e

trepidações. Duas Aes Sedai continuavam segurando suas partes da blindagem,

ainda conscientes do que prendiam ali.

Rand não teria sido capaz de explicar o que fez em seguida, embora Lews Therin

tivesse dado uma explicação enquanto emergia por alguns instantes das suas

próprias fantasias loucas, entre imensos rompantes de fúria e as lamúrias por sua

Ilyena perdida, entre as Algaravias de que merecia morrer e os gritos de que não

permitiria que o apartassem da Fonte. Era como se ele flexionasse o que tinha

estendido por dentro do nó, flexionasse o máximo que pudesse. O nó resistiu.

Tremeu. E então, explodiu. Só havia cinco. A blindagem se afinou. Ele conseguia

senti-la diminuir. Uma parede invisível de apenas cinco tijolos, não seis. As duas

Aes Sedai também deviam ter sentido, apesar de talvez não terem entendido bem o

que aconteceu, ou como. Por favor, Luz, não agora. Ainda não.

Bem depressa, de modo quase frenético, ele foi atacando um dos nós restantes de

cada vez. O segundo se dissipou e a blindagem se enfraqueceu. Àquela altura, o

processo ficava mais rápido a cada nó, como se ele estivesse pegando o jeito,

embora esse jeito fosse diferente a cada nó. O terceiro se foi. E um terceiro ponto

macio apareceu. Talvez as Aes Sedai não soubessem o que ele estava

fazendo, mas

não ficariam de braços cruzados enquanto a blindagem se enfraquecia.
Em um ritmo

verdadeiramente frenético, Rand se pôs a desatar o quarto nó.
Precisava desatá-lo

antes que uma quarta irmã viesse ajudar na blindagem. Quatro
poderiam dar conta

de mantê-la, não importando o que ele fizesse. Quase aos prantos, ele
se esforçou

para vencer as curvas complexas enquanto deslizava entre o nada.
Enlouquecido,

flexionou-se e arrebentou o nó. A blindagem ainda resistia, mas era
mantida apenas

por três pontos. Se ele conseguisse se mover rápido o bastante...

Quando Rand agarrou *saidin*, a barreira invisível ainda estava lá, mas
já não

parecia feita de pedra ou tijolo. A blindagem foi cedendo à medida
que ele forçou,

curvando-se com a pressão dele, curvando-se, curvando-se. De
repente, rompeu-se

diante dele feito tecido apodrecido. O Poder o preencheu e, enquanto
fazia isso, ele

agarrou aqueles três pontos macios e os estraçalhou sem piedade com
punhos de

Espírito. Com exceção daquilo, ele continuava sendo capaz de
canalizar só onde

enxergava, e tudo o que conseguia enxergar, e mal, era o interior do
baú, e só o que

ele conseguia ver dele com a cabeça presa entre os joelhos. Antes
mesmo que

terminasse de usar os punhos de Espírito, canalizou Ar. O baú

explodiu para longe

dele com um ruidoso estrondo.

Livre, Lews Therin suspirou aliviado em um eco do pensamento de Rand. *Livre*.

Ou talvez fosse ao contrário.

Elas vão me pagar, grunhiu Lews Therin. *Eu sou o Senhor da Manhã*.

Rand sabia que precisava se mover ainda mais rápido, mais rápido e com mais

violência, porém, de início, nem conseguiu se mexer. Músculos surrados duas vezes

por dia por sabia-se lá quanto tempo, e presos dentro de um baú todos os dias, eram

músculos que gritavam quando ele rangeu os dentes e, bem devagar, se ergueu até se

apoiar nas mãos e nos joelhos. Era um grito distante, o corpo de uma outra pessoa

doendo, mas ele não era capaz de fazer aquele corpo se mover mais depressa

independentemente de quão mais forte *saidin* o fazia se sentir. A vaziez embotava a

emoção, mas algo próximo do pânico tentava se espalhar pelo Vazio como

trepadeiras.

Ele se viu num grande amontoado de árvores esparsas, com fachos largos de luz

do sol passando por entre galhos quase desfolhados, e ficou chocado ao ver que

ainda estava claro, e talvez fosse até meio-dia. Ele precisava se mexer. Mais Aes

Sedai estariam a caminho. Duas encontravam-se caídas no solo perto

dele,

aparentemente inconscientes, uma delas com um corte sério na testa.

A terceira, uma

mulher magra, estava ajoelhada olhando para o nada, agarrando a cabeça com as

mãos e gritando a plenos pulmões. Parecia ter escapado ilesa dos estilhaços e dos

pedaços do baú. Rand não reconheceu nenhuma das três. Um instante de

arrependimento por não ter sido nem Galina nem Erian que ele estancara — não

tinha certeza de que tivera a intenção de fazer aquilo, já que Lews Therin falara em

detalhes a respeito de como pretendia apartar permanentemente cada uma das que o

havam aprisionado. Rand esperava que tivesse sido ideia dele mesmo, ainda que

precipitada — apenas um instante, e ele avistou um outro vulto estirado no chão,

coberto por pedaços do baú. Trajava calças e casaco cor-de-rosa.

A mulher magra não olhou para ele e não parou de soltar seu grito esganiçado

nem quando Rand, por acidente, empurrou-a por cima da borda baixa de pedra de

um poço ao passar rastejando por ela. Desesperado, ficou se perguntando por que

ninguém atendia aos gritos dela. Na metade do caminho até Min, ele reparou nos

relâmpagos vindos do céu e nas bolas de fogo explodindo lá no alto. Conseguia

sentir o cheiro da madeira queimando, ouvir os homens berrando, o

ruído do metal, a

cacofonia da batalha. Não se importava se já era Tarmon Gai'don. Se tivesse matado

Min... Ele a virou com gentileza.

Grandes olhos escuros fitaram-no.

— Rand. — Ela suspirou. — Você está vivo. Eu estava com medo de olhar. Ouvi

um barulho horroroso, vi pedaços de madeira voando por toda parte, então reconheci

uma parte do baú e... — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. —

Pensei que elas tinham... Fiquei com medo de que você... — Ela esfregou o rosto

com as mãos atadas e respirou fundo. Os tornozelos também estavam amarrados. —

Não vai me desamarrar, pastor de ovelhas, e abrir um dos seus portões para bem

longe daqui? Aliás, não precisa perder tempo me desamarrando. Só me jogue por

cima do seu ombro e vamos embora daqui.

Com destreza, Rand manejou Fogo e consumiu as cordas que a prendiam.

— Não é tão simples assim, Min. — Aquele local não era familiar. Um portão

aberto ali poderia dar em qualquer lugar, isso caso se abrisse. Se ele conseguisse

abrir um. A dor e a fadiga flutuavam nas extremidades do Vazio. Rand não tinha

certeza de quanto Poder seria capaz de canalizar. De repente, notou que conseguia

sentir *saidin* sendo canalizado em todas as direções. Por entre as árvores, depois dos

carroções em chamas, podia ver os Aiel lutando contra Guardiões e os soldados de

casaco verde de Gawyn, sendo empurrados para trás pelo fogo e pelos relâmpagos

das Aes Sedai, mas, ainda assim, tornando a investir. De algum modo, Taim o

encontrara e trouxera soldados Asha'man e Aiel. — Ainda não posso ir. Acho que

alguns amigos vieram atrás de mim. Não se preocupe. Eu vou proteger você.

Uma labareda prateada pontuda rachou uma árvore ao meio no limiar do bosque,

perto o bastante para fazer o cabelo de Rand balançar. Min tomou um susto.

— Amigos — murmurou ela, esfregando os pulsos.

Ele gesticulou para que ela permanecesse onde estava — exceto por aquele único

raio perdido, o matagal parecia intacto —, mas, quando deu um jeito de se pôr de pé,

lá estava ela, segurando-o pela lateral do corpo. Cambaleando até a linha de árvores

esparsas, ele ficou grato pelo apoio dado por Min, mas obrigou-se a se endireitar e

parou de se escorar nela. Como ela poderia acreditar que ele a protegeria se

precisava dela para não cair de cara no chão? Apoiar a mão no tronco destroçado da

árvore atingida pelo relâmpago ajudou. Filetes de fumaça subiam do local, que,

mesmo assim, não se incendiara.

Os carroções formavam um grande círculo em torno das árvores.

Alguns dos

serviçais pareciam estar tentando manter os cavalos juntos — todas as
parelhas ainda

permaneciam atreladas —, mas a maior parte se escondia onde podia
na esperança

de evitar toda aquela fúria caindo do céu. Na verdade, tirando aquele
único raio,

parecia que todos os ataques visavam os carroções e os homens em
batalha. Talvez

as Aes Sedai também. Elas se mantinham sentadas em seus respectivos
cavalos, um

pouco afastadas da confusão de lanças, espadas e chamas, mas não tão
longe assim,

e, por vezes, se punham de pé nos estribos para enxergar melhor.

Rand logo identificou Erian, uma figura esguia e de cabelos escuros
montada em

uma égua cinza-claro. Lews Therin soltou um rosnado e Rand atacou
quase sem

pensar. Enquanto fazia isso, sentiu o desapontamento do outro
homem. Espírito para

blindá-la, com uma tênue resistência que indicava que sua ligação
com *saidar* fora

cortada, e, mesmo depois de amarrar os fluxos que manteriam a
blindagem, formou

um porrete de Ar para derrubá-la da sela e deixá-la inconsciente. Se
ele decidisse

estancá-la, queria que ela soubesse quem estava fazendo aquilo e por
quê. Uma das

Aes Sedai gritou para alguém ajudar Erian, mas ninguém olhou na

direção das

árvores. Nenhuma delas conseguia sentir *saidin*. Todas achavam que ela havia sido

derrubada por algo vindo de fora dos carroções.

Os olhos de Rand fizeram uma varredura entre as outras mulheres a cavalo e se

detiveram em Katerine, virando seu capão baio de pernas compridas para um lado e

para o outro, o fogo ardendo entre os Aiel para onde quer que ela olhasse. Espírito e

Ar, e, desacordada, ela desabou, um dos pés preso no estribo.

Isso, gargalhou Lews Therin. E agora Galina. Eu quero ela, em especial.

Rand fechou os olhos com força. O que estava fazendo? Era Lews Therin quem

queria tanto aquelas três que não conseguia pensar em outra coisa. Rand queria

vingança pelo que tinham feito com ele, mas uma batalha estava acontecendo,

homens morriam enquanto ele perdia tempo caçando Aes Sedai específicas.

Donzelas morriam também, sem dúvida.

Ele capturou a Aes Sedai seguinte, vinte passadas à esquerda de Katerine, com

Espírito e Ar, e então foi para trás de outra árvore e derrubou Sarene Nemdahl,

inconsciente e blindada. A passos lentos, ele cambaleou pela linha das árvores,

atacando aqui e ali como um ladrão furtivo. Min parou de tentar apoiá-lo, ainda que

o perseguisse de mãos erguidas, prontas para agarrá-lo caso ele

vacilasse.

— Elas vão ver a gente — murmurou Min. — Uma delas vai olhar em volta e

reparar na gente.

Galina, grunhiu Lews Therin. *Onde ela está?*

Rand o ignorou, bem como Min. Coiren tombou, além de duas outras cujos nomes

ele não sabia. Ele ia ajudar como pudesse.

As Aes Sedai não tinham como saber o que estava acontecendo. Ao longo de todo

o círculo de carroções, irmãs desabavam subitamente de cima dos seus cavalos. As

que permaneciam acordadas se espalharam ainda mais, tentando cobrir todo o

perímetro, passando a cavalgar com certa ansiedade, redobrando a fúria com que o

fogo inflamava os Aiel e com que os relâmpagos irrompiam no céu. Só podia ser

algo externo, mas as Aes Sedai sucumbiam sem saber como nem por quê.

Seus contingentes diminuía, e os efeitos começavam a ficar evidentes. Menos

clarões cortavam o ar, e mais relâmpagos desabavam em meio aos Guardiões e

soldados. Menos bolas de fogo explodiam ou desapareciam de repente antes de

alcançar os carroções. Aiel ameaçavam passar entre os carroções, e alguns deles

chegaram a ser virados. Poucos momentos depois, havia Aiel de véus negros por

toda parte, e o caos reinava. Rand observava a cena, pasmo.

Guardiões e soldados de casaco verde lutavam em grupos contra os Aiel, e Aes

Sedai se cercavam de chuvas de fogo. Mas também havia Aiel enfrentando Aiel,

homens com o lenço escarlate dos *siswai'aman* e Donzelas com faixas vermelhas

amarradas nos braços se defrontavam com Aiel no *cadin'sor* habitual. E lanceiros

cairhienos com seus elmos em forma de sino e mayenenses com armaduras peitorais

vermelhas também surgiram subitamente em meio aos carroções, investindo contra

Aiel e também contra Guardiões. Será que ele acabara enlouquecendo, no fim das

contas? Mas Rand sentia Min, pressionada contra as costas dele, tremendo. Ela era

real. O que ele estava vendo devia ser real.

Cerca de uma dezena de Aiel, cada qual tão ou mais alto que Rand, disparou na

direção dele. Não usavam nada vermelho. Rand os observou com curiosidade até

que, a menos de uma passada, um deles ergueu uma lança ao contrário como se

fosse uma clava. Rand canalizou, e o fogo envolveu todos os Aiel que se

aproximavam. Corpos carbonizados e retorcidos tombaram aos pés dele.

De súbito, Gawyn apareceu puxando as rédeas de um garanhão baio a menos de

dez passos à frente dele, espada na mão e vinte ou mais homens de

casaco verde

cavalcando logo atrás. Por um instante, os dois se encararam, e Rand rezou para que

não precisasse ferir o irmão de Elayne.

— Min — disse Gawyn com uma voz áspera —, eu posso tirar você daqui.

Ela se espichou por cima do ombro de Rand para fazer que não com a cabeça.

Segurava-o com tanta força que ele achou que não teria conseguido soltá-la nem

mesmo se quisesse.

— Eu vou ficar com ele, Gawyn. Gawyn, Elayne ama Rand.

Graças ao Poder, Rand conseguiu ver as juntas dos dedos do homem embranquecerem no punho da espada.

— Jisao — chamou ele em um tom de voz neutro. — Reúna a Jovem Guarda.

Vamos abrir caminho e sair daqui. — Se antes sua voz soara neutra, àquela altura

estava ainda mais despida de emoção. — Al'Thor, eu ainda vou ver você morrer. —

Gawyn enfiou as esporas no cavalo e saiu galopando, ele e todos os demais gritando

“Jovem Guarda!” a plenos pulmões, com mais homens de casaco verde abrindo

caminho para se juntar a eles.

Um homem de casaco preto disparou à frente de Rand, os olhos cravados em

Gawyn, e o solo irrompeu em uma bolha de fogo e terra que fez tombar meia dúzia

de cavalos que iam alcançando os carroções. Rand viu Gawyn balançar no alto da

sela no instante em que derrubou o homem de casaco preto no chão com um golpe

de Ar. Ele não conhecia o jovem de rosto severo que rosnou para ele, mas o sujeito

usava tanto a espada quanto o Dragão no colarinho alto, e *saidin* o preenchia.

Taim apareceu de repente, Dragões azuis e dourados enroscados em volta das

mangas do casaco preto, o olhar baixo na direção do jovem. Seu colarinho não

exibia broche algum.

— Você não atacaria o Dragão Renascido, Gedwyn — disse Taim, delicado e

duro ao mesmo tempo, e o homem de expressão severa se levantou com dificuldade,

saudando-o com o punho sobre o peito.

Rand olhou na direção onde Gawyn estivera, mas tudo o que conseguiu enxergar

foi um grupo grande de homens com um estandarte de Javali Branco abrindo

caminho cada vez mais entre os Aiel que os circundavam, com mais homens de

casaco verde lutando para se juntar a eles.

Taim se voltou para Rand, seus lábios com aquele quase sorriso.

— Dadas as circunstâncias, estou confiante de que você não vai me repreender

por ter desobedecido à sua ordem quanto a enfrentar as Aes Sedai. Eu tinha motivos

para ir vê-lo em Cairhien e... — Ele deu de ombros. — Você está com uma cara

péssima. Quer que eu... — Seus lábios discretamente torcidos se endireitaram assim

que Rand deu um passo para trás a fim de evitar sua mão estendida, puxando Min

consigo. Ela se agarrava a ele com mais firmeza do que nunca.

Lews Therin começara a vociferar seu ímpeto de matá-lo como sempre fazia

quando Taim aparecia, divagando feito um louco a respeito de Abandonados e de

matar todo mundo, mas Rand parou de ouvir e isolou o homem até transformá-lo no

zumbido de uma mosca. Tratava-se de um truque que ele aprendera dentro do baú,

quando não havia nada para fazer além de tatear a blindagem e escutar uma voz em

sua cabeça que soava insana com alguma frequência. No entanto, mesmo sem Lews

Therin, ele não queria ser Curado pelo homem. Achava que, se Taim algum dia

encostasse nele com o Poder, ainda que por um motivo inocente, acabaria matando-

o.

— Como quiser — rebateu com ironia o homem de nariz aquilino. — Acredito

que dominamos o acampamento.

Aquilo pareceu suficientemente verdadeiro. Corpos estavam espalhados pelo

chão, mas, dentro do círculo de carroções, poucos homens ainda lutavam. De

repente, uma redoma de Ar cobriu todo o acampamento, a fumaça dos carroções

incendiados escapando por um buraco deixado no topo. Não era uma tessitura sólida

de *saidin*. Rand conseguia identificar onde as tessituras individuais se emendavam

umas nas outras para criar aquela proteção. Achou que podia haver cerca de

duzentos homens de casaco preto sob a redoma. Uma chuva de relâmpagos e fogo

atingiu a barreira e explodiu sem causar danos. O próprio céu dava a impressão de

crepitar e se incendiar, e seu clamor alto se fazia ouvir por toda a parte. Donzelas

com tiras vermelhas pendendo dos braços e *siswai'aman* se punham de pé ao longo

da parede que não eram capazes de ver, misturados a mayenenses e cairhienos,

muitos também a pé. Do outro lado, uma massa compacta de Shaido fitava a

barricada invisível que os mantinha isolados dos seus inimigos, por vezes

golpeando-a com lanças ou atirando seus próprios corpos contra ela. As lanças

paravam no meio do caminho e os corpos batiam e voltavam.

Dentro da redoma, o último confronto se encerrou. Sob o olhar de um pequeno

punhado de Donzelas e homens identificados com a cor vermelha, Shaido

desarmados removiam as roupas com semblantes estoicos. Capturados em batalha,

usariam o branco dos *gai'shain* por um ano e um dia mesmo que os Shaido, de

alguma forma, acabassem conseguindo invadir o acampamento. Em número quase

igual ao de prisioneiros, cairhienos e mayenenses funcionavam como guardas de um

grande grupo de integrantes da Jovem Guarda e Guardiões enfurecidos misturados

com serviçais temerosos. Uma dúzia de Aes Sedai estava sendo blindada por um

número igual de Asha'man usando a espada e o Dragão. As Aes Sedai tinham um

aspecto combalido e amedrontado. Rand reconheceu três, embora Nesune fosse a

única de cujo nome ele se lembrava. Não reconheceu nenhum dos captores

Asha'man. Várias das mulheres que Rand blindara e deixara inconscientes estavam

entre as prisioneiras, algumas delas começando a acordar, enquanto soldados de

casaco preto e Dedicados com a espada prateada nos colarinhos usavam *saidin* para

arrastar outras pelo chão e juntá-las à fileira. Alguns deles estavam trazendo as duas

Aes Sedai inconscientes e a mulher magra do bosque. Ela ainda gritava. Quando

foram levadas para perto do grupo, algumas das Aes Sedai vomitaram.

Havia outras Aes Sedai presentes, essas cercadas por Guardiões e vigiadas por

homens de casaco preto, ainda que não blindadas, e elas observavam os Asha'man

com o mesmo desconforto com que o faziam as mulheres já presas. Também fitavam

Rand e, não fosse pelos Asha'man, claramente teriam ido até ele. Rand as encarava

de volta. Alanna estava entre elas. Ele não estivera alucinando. Rand não reconheceu

todas as que a acompanhavam, mas um número suficiente delas. Eram nove no total.

Nove. Uma fúria súbita arremeteu contra o Vazio, e o zumbido de mosca de Lews

Therin foi ficando mais intenso.

Àquela altura, Rand mal ficou surpreso ao ver Perrin se levantar cambaleante, o

rosto e a barba ensanguentados, seguido por um Loial mancando com seu enorme

machado e por um sujeito de olhos brilhantes que, com seu casaco de listras

vermelhas, aparentava ser um Latoeiro, apesar da espada que carregava, a lâmina

completamente ensanguentada. Rand quase olhou em volta para ver se Mat, de

alguma forma, também não estaria ali. Avistou Dobraïne, a pé com uma espada

numa mão e o mastro do estandarte carmesim de Rand na outra. Nandera se juntou a

Perrin, deixando seu véu cair, além de uma outra Donzela que Rand, de início, quase

não reconheceu. Foi bom ver Sulin usando o *cadin'sor* outra vez.

— Rand — disse Perrin, sem fôlego —, graças à Luz você ainda está vivo. Nossa

ideia era você abrir um portão para escaparmos daqui, mas não

podemos. Rhurarc e a

maioria dos Aiel ainda estão entre os Shaido, a maior parte dos mayenenses e

cairhienos também, e eu não sei o que aconteceu com o pessoal de Dois Rios nem

com as Sábias. As Aes Sedai deveriam ter ficado com eles, mas... — Ele colocou a

cunha do machado no solo e, com uma careta de dor, se apoiou no cabo. Dava a

impressão de que, sem aquele suporte, poderia desabar no chão.

Ao longo da barreira, surgiam homens a cavalo, bem como Aiel com lenços

vermelhos e Donzelas também com tiras vermelhas amarradas nos braços. A barreira

também os isolava. Onde quer que aparecessem, os Shaido os atacavam feito um

enxame e os engoliam.

— Desfaçam essa redoma — ordenou Rand.

Surpreendentemente, Perrin suspirou aliviado. Será que ele tinha achado que Rand

deixaria seu próprio povo ser trucidado? Mas Loial também suspirou. Luz, o que

eles pensavam a respeito dele? Min começou a lhe esfregar as costas, murmurando

baixinho em um tom tranquilizador. Por alguma razão, Perrin dirigiu a ela um olhar

bastante surpreso.

Taim poderia estar surpreso, mas com certeza não estava aliviado.

— Milorde Dragão — disse ele com a voz tensa —, eu diria que ainda há várias

centenas de mulheres Shaído lá fora, algumas, ao que parece, nada fracas no Poder.

E isso sem falar nos milhares de Shaído com suas lanças. A menos que você

realmente queira descobrir se é imortal, sugiro esperar algumas horas até

conhecermos este lugar bem o bastante para abrir portões com relativa certeza de

onde eles vão dar, e então irmos embora. Batalhas geram baixas. Perdi vários

soldados hoje, nove homens que vão ser mais difíceis de serem substituídos do que

qualquer quantidade de renegados Aiel. Quem quer que morra aí fora está morrendo

pelo Dragão Renascido. — Se o homem estivesse prestando a mínima atenção a

Nandera e Sulin, poderia ter moderado seu tom de voz e escolhido as palavras com

mais cuidado. Rápidos gestos na linguagem de sinais foram trocados entre as duas,

que pareciam prontas para matá-lo ali mesmo.

Perrin forçou-se a se endireitar, os olhos amarelos cravados em Rand, firmes e

ansiosos ao mesmo tempo.

— Rand, mesmo que Dannil e as Sábias tenham ficado para trás conforme o

plano, eles não vão embora enquanto virem isto. — Ele gesticulou para a redoma

acima deles, onde o fogo e os relâmpagos criavam uma explosão de luz constante.

— Se ficarmos horas e horas aqui parados, os Shaído, mais cedo ou

mais tarde, vão

atrás deles, isso se já não tiverem ido. Luz, Rand! Dannil, Ban, Wil, Tell... Amys

está lá, e Sorilea, e...! Que o queime, Rand, mais gente já morreu por você do que

imagina! — Perrin respirou fundo. — Pelo menos me deixe sair. Se eu conseguir

chegar até lá, vou poder contar que você está vivo e eles vão poder bater em retirada

antes de serem mortos.

— Dois de nós podem escapulir — opinou Loial com calma, erguendo aquele

machado imenso. — Se formos nós dois, teremos mais chances de conseguir. — O

Latoeiro apenas sorriu, mas parecia mal poder esperar pela batalha.

— Eu vou abrir um buraco na barreira — começou a dizer Taim, mas Rand o

interrompeu com contundência.

— Não! — Não pelo povo de Dois Rios. Ele não podia parecer se preocupar nem

um pouco a mais com eles que com as Sábias. Verdade seja dita, tinha que parecer

se preocupar ainda menos. Amys estava lá? As Sábias nunca participavam de

confrontos, permaneciam intocadas em meio a batalhas e rixas de sangue. Vindo

atrás dele, elas haviam quebrado os costumes ou até mesmo as leis. Seria mais fácil

deixar Perrin voltar para aquele banho de sangue do que abandoná-las. Mas não

podia ser pelas Sábias nem pelo povo de Dois Rios. — Sevanna quer a minha

cabeça, Taim. Ao que parece, ela achava que podia conseguir isso hoje. — O tom

distante que o Vazio conferia à voz dele era apropriado. Porém, aquilo pareceu

preocupar Min, que lhe esfregava as costas como que para acalmá-lo. — Quero que

ela se dê conta do erro que cometeu. Eu falei para você criar armas, Taim. Mostre

para mim como elas são mortais. Disperse os Shaido. Acabe com eles.

— Como ordenar. — Se antes Taim estivera rígido, agora virara uma pedra.

— Ponham meu estandarte no alto de modo que eles consigam enxergar —

ordenou Rand. Pelo menos isso mostraria para todos lá fora quem comandava o

acampamento. Talvez as Sábias e o povo de Dois Rios recuassem quando o vissem.

As orelhas de Loial se contorceram em desconforto, e Perrin agarrou o braço de

Rand quando Taim foi embora.

— Eu vi o que eles fazem, Rand. É... — Apesar do rosto e do machado ensanguentados, ele soava enojado.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Rand. — O que mais eu posso

fazer?

A mão de Perrin o soltou, e o amigo suspirou.

— Não sei. Mas não sou obrigado a gostar disso.

— Grady, erga o Estandarte da Luz! — mandou Taim, com o Poder transformando sua voz num estrondo.

Usando fluxos de Ar, Jur Grady tirou o estandarte carmesim da mão de Dobraine,

que ficou chocado, e ergueu-o até fazê-lo passar pelo topo vazado da redoma. O

fogo rebentou em torno dele e relâmpagos piscaram conforme o vermelho brilhante

se ergueu em meio à fumaça que se elevava dos carroções em chamas. Rand

reconheceu vários homens de casaco preto, mas só conhecia os nomes de uns poucos

além de Jur: Damer, Fedwin e Eben, Jahar e Torval. Desses, só Torval trazia o

Dragão no colarinho.

— Asha'man, formem a linha de batalha! — disse Taim, a voz ampliada pelo

Poder.

Homens de casaco preto correram para se posicionar entre a redoma e os demais,

todos menos Jur e aqueles que vigiavam as Aes Sedai. Excetuando-se Nesune, que

espiava tudo com atenção, o grupo da Torre afundara apaticamente de joelhos, sem

nem olhar para os homens que as blindavam, e mesmo Nesune ainda parecia prestes

a passar mal. O grupo de Salidar observava com frieza os Asha'man que as

vigiavam, embora, aqui e ali, voltassem aqueles olhos gélidos para Rand. Alanna só

tinha olhos para ele. Rand notou que sua pele formigava ligeiramente.
Para ele estar

sentindo, mesmo com toda aquela distância, todas as nove deviam
estar abraçando

saidar. Ele esperava que elas tivessem juízo suficiente para não
canalizar. Os

homens de expressão pétrea que as encaravam abraçavam *saidin* a
ponto de quase

explodir, e tinham uma aparência tão tensa quanto a dos Guardiões
que corriam os

dedos por suas espadas.

— Asha'man, levantem a barricada duas braças! — Ao comando de
Taim, as

extremidades da redoma se levantaram em toda a sua circunferência.
Shaído

surpresos, que vinham empurrando o que não conseguiam ver, deram
um tropeção

para a frente. Recuperaram-se de imediato, uma massa de véus negros
em ofensiva,

mas só tiveram tempo para um passo antes do grito seguinte de Taim:
— Asha'man,

matem!

A vanguarda dos Shaído explodiu. Não havia outra maneira de
descrever a cena.

Figuras de *cadin'sor* despedaçaram-se em jorros de sangue e carne.
Fluxos de *saidin*

penetraram por aquela bruma densa, disparando de Aiel em Aiel num
piscar de

olhos. A fileira seguinte de Shaído sucumbiu, depois outra e mais
outra, como se

eles estivessem correndo para dentro de um enorme moedor de carne.

Observando a

carnificina, Rand engoliu em seco. Perrin se curvou para esvaziar o estômago, o que

Rand compreendeu perfeitamente. Outra fileira morta. Nandera cobriu os olhos com

a mão e Sulin deu as costas para a cena. Os restos ensanguentados de seres humanos

começaram a formar uma muralha.

Ninguém era capaz de fazer frente àquilo. Entre uma explosão de morte e a

seguinte, os Shaido da frente de repente começaram a tentar ir no sentido contrário,

forçando-se a recuar para o meio da massa que lutava para avançar. Esse próprio nó

humano logo explodiu, e então todos começaram a recuar. Não, a correr. A chuva de

fogo e relâmpagos que se abatia contra a redoma fraquejou.

— Asha'man — ecoou a voz de Taim —, anel de Terra e Fogo!

Sob os pés dos Shaido mais próximos aos carroções, o solo irrompeu de repente

em fontes de chamas e terra, lançando homens em todas as direções. Enquanto os

corpos ainda voavam pelo ar, mais bolhas de fogo jorraram do solo, depois mais, em

um anel que se expandiu em torno dos carroções, perseguindo os Shaido por

cinquenta passadas, cem, duzentas. Àquela altura, a única coisa que havia ali fora era

pânico e morte. Lanças e broquéis foram abandonados. A redoma lá no alto agora

estava transparente, exceto pela fumaça que subia dos carroções em chamas.

— Pare! — O estrondo das explosões engoliu o berro de Rand da mesma maneira

como engolia com os gritos dos homens. Ele teceu os fluxos que Taim havia usado.

— Já chega, Taim! — Sua voz crepitou como um trovão por sobre todo o local.

Mais um anel de erupções, então Taim ordenou:

— Asha'man, descansem!

Por um momento, um silêncio ensurdecedor pareceu preencher o ar. Os ouvidos

de Rand zumbiam. Então ele conseguiu escutar gritos e gemidos. Feridos

levantavam-se em meio às pilhas de mortos. E, mais à frente deles, Shaido corriam,

deixando para trás grupos isolados de *siswai'aman* e Donzelas com panos vermelhos

nos braços, cairhienos e mayenenses, alguns ainda em seus cavalos. Quase

hesitantes, esses últimos começaram a se deslocar em direção aos carroções, alguns

Aiel baixando os véus. Com o Poder aperfeiçoando a sua visão, ele conseguiu

identificar Rhuarc, mancando, um dos braços inerte ao lado do corpo, mas de pé. E,

bem além dele, um grupo grande de mulheres trajando saias escuras volumosas e

blusas claras, com uma escolta de homens com casacos de Dois Rios carregando

arcos compridos. Estavam longe demais para que ele pudesse discernir

os rostos,

mas, pelo modo como os homens de Dois Rios encaravam os Shaido que fugiam,

estavam tão estupefatos quanto qualquer outra pessoa.

Uma enorme sensação de alívio brotou em Rand, ainda que não o bastante para

sossegar a agitação distante em seu estômago. Min pressionava o rosto na camisa

dele. Estava chorando. Ele passou uma das mãos pelo cabelo dela.

— Asha'man — Rand nunca ficara tão contente pelo Vazio apagar as emoções da

sua voz —, vocês se saíram bem. Eu o saúdo, Taim. — Ele virou de costas para que

não fosse obrigado a continuar olhando os efeitos da carnificina e mal escutou os

brados de “Lorde Dragão!” e “Asha'man!” que os homens de casaco preto faziam

retumbar.

Quando se virou, deu de cara com as Aes Sedai. Merana estava bem lá atrás, mas

Alanna estava quase cara a cara com ele, ladeada por duas Aes Sedai que Rand não

reconheceu.

— Você se saiu bem — disse uma das duas, uma mulher de rosto quadrado. Uma

fazendeira, com rosto de idade indefinida e olhos que por pouco mantinham a

serenidade, ignorando os Asha'man ao seu redor. Obviamente ignorando-os. — Sou

Bera Harkin e esta é Kiruna Nachiman. Viemos para resgatá-lo... com

o auxílio de

Alanna. — Um óbvio adendo, e apenas por causa do súbito cenho franzido de

Alanna. — Apesar de me parecer que você não precisa muito de nós. Ainda assim,

as intenções continuam valendo, e...

— O lugar de vocês é com elas — afirmou Rand, apontando para as Aes Sedai

blindadas. Vinte e três, ele contou, e Galina não estava entre elas. O zumbido de

Lews Therin se avolumou, mas ele se recusou a dar ouvidos. Não era hora para

rompantes insanos.

Cheia de orgulho, Kiruna se empertigou. O que quer que fosse, com certeza não

era uma reles fazendeira.

— Você se esquece de quem somos. Elas podem até ter lhe tratado mal, mas nós...

— Não me esqueço de nada, Aes Sedai — cortou Rand com frieza. — Eu disse

que poderiam vir seis, mas estou contando nove. Disse que vocês estariam em pé de

igualdade com as emissárias da Torre, e, por terem desobedecido, vão estar mesmo.

Elas estão de joelhos, Aes Sedai. Ajoelhem-se!

Rostos friamente serenos encaravam-no de volta. Rand sentiu os Asha'man

preparando barreiras de Espírito. Um ar de desafio foi tomando o semblante de

Kiruna, Bera e das outras. Duas dezenas de homens de casaco preto

formaram um

círculo em torno de Rand e das Aes Sedai.

Rand nunca vira Taim sorrir, mas o homem chegou bem perto.

— Ajoelhem-se e jurem fidelidade ao Lorde Dragão — ordenou ele em voz baixa

— ou serão postas de joelhos. Podem escolher.

Como acontece com as histórias, o caso se espalhou por toda Cairhien, pelo norte

e pelo sul com os comboios de mercadores, os mascates solitários e por meio das

fofocas de estalagens. Como acontece com as histórias, a cada conto aumentava-se

um ponto. Os Aiel haviam se voltado contra o Dragão Renascido e o matado, nos

Poços de Dumai ou algum outro lugar. Não, as Aes Sedai tinham salvo Rand



al'Thor. Foram as Aes Sedai que o haviam matado... não, amansado... não, tinham-

no levado a Tar Valon à força, onde ele apodreceu em uma masmorra da Torre

Branca. Ou onde o próprio Trono de Amyrlin ficou de joelhos diante dele.

Excepcionalmente, em se tratando de histórias, algo muito próximo da verdade era

no que se acreditava com mais frequência.

Em um dia de fogo e de sangue, um estandarte esfarrapado se agitou acima dos

Poços de Dumai, exibindo o antigo símbolo das Aes Sedai.

Em um dia de fogo, de sangue e do Poder Único, conforme a profecia sugerira, a

torre imaculada, dividida, ajoelhou-se perante o símbolo esquecido.

As primeiras nove Aes Sedai juraram fidelidade ao Dragão Renascido, e o mundo

mudou para sempre.



EPÍLOGO

A RESPOSTA

O homem só parou por tempo suficiente para repousar a mão na porta da liteira e,

assim que Falion pegou o bilhete entre seus dedos, afastou-se. A

pancada seca da

mulher colocou os dois carregadores em movimento antes mesmo que o sujeito

trajando o uniforme do Palácio Tarasin sumisse em meio à multidão na praça.

Só havia uma palavra no quadradinho de papel: *Sumiram*. Ela o amassou no

punho. De algum modo, elas tinham escapado de novo sem que o seu pessoal lá

dentro visse. Meses de buscas infrutíferas haviam-na convencido de que não existia

nenhum *angreal* escondido, a despeito do que Moghedien acreditasse. Ela chegara

até a considerar interrogar uma ou duas Mulheres Sábias. Uma delas talvez soubesse

seu paradeiro, se o tal *angreal* existisse. Era o mesmo que esperar que cavalos

voassem. Entretanto, ela se mantinha naquela cidade deplorável porque quando um

dos Escolhidos dava uma ordem, obedecia-se até que essa ordem fosse modificada.

Qualquer outra atitude era um caminho bem curto para uma morte dolorosa. Mas se

Elayne e Nynaeve estavam ali... Elas haviam arruinado os planos sobre Tanchico.

Fossem elas ou não irmãs completas de fato — por mais impossível que tal coisa

parecesse —, Falion não encararia a presença delas como mera coincidência. Talvez

existisse mesmo um esconderijo. Era a primeira vez que ela ficava contente por

Moghedien tê-la ignorado desde que dera suas ordens tantos meses antes em

Amadícia. O que fora sentido como um abandono ainda poderia se mostrar uma

chance de subir no conceito da Escolhida. Aquelas duas talvez ainda a conduzissem

ao esconderijo, e, mesmo se não existisse esconderijo nenhum... Moghedien

parecera demonstrar interesse em Elayne e Nynaeve. Entregá-las à Escolhida com

certeza seria melhor do que um *angreal* que nem existia.

Ela se recostou no assento e deixou o balanço da cadeira relaxá-la. Odiava mesmo

aquela cidade — em seus tempos de noviça, chegara até ali como fugitiva —, mas

podia ser que aquela visita, afinal, terminasse de forma agradável.

* * *

Sentado em seu gabinete, Herid espiava dentro do cachimbo e se perguntava se tinha

em mãos os meios para acendê-lo quando o *gholam* se espremeu por baixo da porta.

Claro que, mesmo que Fel estivesse prestando atenção, não teria acreditado, e,

depois que o *gholam* entrou no aposento, poucos homens teriam tido alguma chance.

Quando Idrien mais tarde foi ao gabinete de Fel, ficou olhando para algo

empilhado de maneira nada organizada no chão, ao lado da mesa. Ela levou uns

instantes para compreender o que era e, quando o fez, desmaiou antes

de conseguir

gritar. Embora já tivesse ouvido falar de esquartejamentos, era muito diferente ver os

resultados de um diante de si.

* * *

No topo da colina, o homem deu meia-volta com seu cavalo para uma última olhada

em Ebou Dar, branca sob o sol brilhante. Uma bela cidade para se pilhar, e, pelo que

ele aprenderia sobre o povo local, as pessoas resistiriam, de forma que o Sangue

permitiria pilhagens. Elas iriam resistir, mas ele torcia para que os outros olhos

estivessem trazendo relatos da desunião que ele testemunhara. A resistência não

duraria muito num local em que uma suposta rainha governava um pedaço diminuto

de chão, e isso sugeria as melhores possibilidades. Ele cavalgou para o oeste. Não

havia como saber. Talvez o comentário daquele sujeito tivesse sido profético. Talvez

o Retorno não tardasse, e, com ele, viria a Filha das Nove Luas. Aquele seria,

certamente, o maior presságio de uma vitória.

* * *

Deitada para dormir, Moghedien olhava para o teto da minúscula tenda que tinham

lhe permitido como uma das criadas da Amyrlin. De tempos em tempos, seus dentes

rilhavam, mas, tão logo se dava conta disso, ela tornava a se acalmar, bastante

consciente do colar do *a'dam* em torno do pescoço. A tal Egwene al'Vere era mais

dura do que Elayne e Nynaeve. Tolerava menos e exigia mais. E quando passava o

bracelete para Siuan ou Leane, especialmente Siuan... Moghedien estremeceu. Se

Birgitte pudesse usar o bracelete, deveria ser igual.

A aba da tenda se moveu para o lado, deixando a luz do luar penetrar só o

suficiente para ela identificar uma mulher se agachando para entrar.

— Quem é você? — perguntou Moghedien com aspereza. Quando mandavam ir

buscá-la à noite, quem quer que viesse sempre trazia uma lanterna.

— Me chame de Aran'gar, Moghedien — respondeu uma voz bem-humorada, e

uma luzinha se fez dentro da tenda.

Ouvir o próprio nome fez a língua de Moghedien grudar no céu da boca. Ali,

aquele nome significava morte. Ela estava com dificuldades para falar, para dizer

que seu nome era Marigan, quando, de repente, reparou na luz. Uma pequena bola

branca cintilante, pálida, pairando no ar próxima da cabeça dela. Estando com o

a'dam, não podia fazer mais do que pensar em *saidar* sem permissão, mas ainda era

capaz de senti-la sendo canalizada, de ver os fluxos sendo tecidos. Desta vez, não

sentiu nada, não viu nada. Só uma minúscula bolinha de pura luz.

Ela ficou encarando a mulher que se apresentara como Aran'gar, finalmente a

reconhecendo. Halima, ela achava. Secretária de uma das Votantes, talvez. Com

certeza, contudo, uma mulher, ainda que uma que parecesse ter sido desenhada por

um homem. Uma mulher. Mas aquela bola de luz tinha que ser resultado de *saidin*!

— Quem é você? — Sua voz estava apenas um pouco trêmula, e ela se surpreendeu por soar tão firme.

A mulher sorriu — um sorriso bastante divertido — enquanto se colocou ao lado

do catre.

— Já falei, Moghedien. Eu me chamo Aran'gar. Você vai aprender esse nome no

futuro, se tiver sorte. Agora me escute bem e não pergunte mais nada. Eu vou lhe

dizer o que você precisa saber. Daqui a pouco, vou tirar esse seu lindo colar. Em

seguida, você vai desaparecer com a mesma rapidez e discrição de Logain. Se não

me obedecer, vai morrer aqui mesmo. E isso seria uma pena, porque você foi

convocada até Shayol Ghul nesta mesmíssima noite.

Moghedien umedeceu os lábios. Convocada até Shayol Ghul. Isso poderia

significar a eternidade no Poço da Perdição, a imortalidade governando o mundo, ou

qualquer coisa entre os dois extremos. Havia pouca chance de ela ser

nomeada

Nae'blis, não se o Grande Senhor soubesse o suficiente a respeito de como ela havia

passado os meses anteriores a ponto de mandar alguém vir libertá-la. Ainda assim,

tratava-se de uma convocação que ela não podia ignorar. E, pelo menos, estaria livre

do *a'dam*.

— Sim. Tire. Eu vou imediatamente. — De todo modo, não havia motivos para

protelar. Ela era mais forte que qualquer mulher naquele acampamento, mas não

pretendia dar a um círculo de treze mulheres nenhuma chance de enfrentá-la.

— Eu achava que você fosse dizer isso. — Halima, ou Aran'gar, riu com gosto.

Devagar, ela tocou no colar, encolhendo-se de dor, e Moghedien tornou a se espantar

com uma mulher que parecia capaz de canalizar *saidin* e se feria, ainda que muito

pouco, por tocar no que só deveria ferir um homem capaz de canalizar. Em seguida,



o colar se soltou e foi guardado depressa na algibeira da mulher. —
Vá, Moghedien.

Vá agora.

* * *

Quando Egwene chegou à tenda e colocou a cabeça e a lanterna lá
dentro, encontrou

apenas lençóis amarrotados. Devagar, ela recuou.

— Mãe — alvoroçou-se Chesa atrás dela —, você não deveria sair no
sereno. O ar

da noite faz mal. Se queria falar com Marigan, eu poderia ter vindo
buscá-la.

Egwene olhou em volta. Sentira o *a'dam* se soltar e sentira o lampejo
de dor que

indicava que um homem capaz de canalizar tocara o colar. A maior
parte das pessoas

já dormia, mas umas poucas ainda estavam sentadas fora das suas
tendas em torno

do fogo baixo, algumas não muito longe. Talvez fosse possível
descobrir qual

homem tinha ido à tenda de “Marigan”.

— Acho que ela fugiu, Chesa — afirmou Egwene. Os resmungos zangados de

Chesa sobre mulheres que abandonavam suas senhoras a seguiram por todo o

caminho de volta até sua tenda. Não poderia ter sido Logain, poderia? Ele não

poderia ter voltado, não poderia saber a verdade. Poderia?

* * *

Demandred ajoelhou-se no Poço da Perdição e, desta vez, não se importou que

Shaidar Haran estivesse observando sua tremedeira com aquele semblante

impassível, sem olhos.

— Não me saí bem, Grande Senhor?

A gargalhada do Grande Senhor ressoou dentro de sua cabeça.



A torre imaculada se divide e se ajoelha perante o símbolo esquecido.

Os mares seguem em tormenta e nuvens de tempestade se armam

incógnitas.

Além do horizonte, chamas escondidas se avolumam e serpentes se aninham em seu seio.

O que foi exaltado é rechaçado, o que foi rechaçado é elevado.

A ordem queima para abrir caminho para ele.

— fragmento de *As Profecias do Dragão*, tradução de Jeorad Manyard, Governador

da Província de Andor

sob o Grão-Rei Artur Paendrag Tanreall.

Fim

do Sexto Livro

de *A Roda do Tempo*



GLOSSÁRIO

Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma

dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos após a morte do último

homem Aes Sedai e registrou os anos Depois da Ruptura do Mundo

(DR). Muitos

registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das guerras,

havia controvérsia sobre o ano exato de acordo com o antigo sistema. Um novo

calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça

dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário

Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das guerras.

Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação

de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem.

Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro

calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do

Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de

Farede, que definiu arbitrariamente uma data para o fim da Guerra dos Cem Anos

e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

a'dam: Dispositivo para controlar uma mulher capaz de canalizar, só utilizável ou

por uma mulher capaz de canalizar ou por uma mulher a quem se pode ensinar a

canalizar, e que não tem efeito em mulheres que não são capazes de canalizar. O

dispositivo une as duas mulheres no Poder. A versão Seanchan

consiste em uma

coleira — chamada de colar — e um bracelete ligados por uma correia, tudo feito

de metal prateado. Se um homem capaz de canalizar for unido a uma mulher por

um *a'dam*, a provável consequência é a morte de ambos. Quando o *a'dam* estiver

sendo usado por uma mulher capaz de canalizar, o simples toque no dispositivo

por parte de um homem também capaz de canalizar pode resultar em dor. *Ver*

também união; Seanchan.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das

Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai

que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da

promessa de imortalidade. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. De acordo

com as lendas e os fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso

quando a prisão foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças.

Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be'lal, Demandred, Graendal, Ishamael,

Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que

alcançaram certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral, são

necessários de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. Um

pouco menos limitadas às regras do que as noviças, as Aceitas podem escolher as

próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita usa o anel da

Grande Serpente, no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada

a Aes Sedai, escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a

usar o anel em qualquer dedo, ou não o usar, se as circunstâncias assim

justificarem. *Ver também* Aes Sedai.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da

Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Respeitadas e reverenciadas por muitos, mas também alvo de desconfiança, medo e até mesmo

ódio. Não são poucos os que as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de

interferirem nos assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes

optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a

existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. Parece que

depois de alguns anos canalizando o Poder Único, as Aes Sedai adquirem uma

característica de idade indefinida, de forma que uma mulher com idade suficiente

para ser avó pode não exibir os sinais do passar dos anos, exceção

feita a talvez

alguns cabelos grisalhos. *Ver também* Ajah; Ruptura do Mundo; Trono de

Amyrlin.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos, cobrem o rosto com um véu

negro antes de matar. Guerreiros mortíferos com armas ou punhos, jamais tocam

em espadas ou montam a cavalo, a menos que obrigados. Os Aiel chamam a luta

de “a dança” e “a Dança das Lanças”. São divididos em doze clãs: os Chareen, os

Codarra, os Daryne, os Goshien, os Miagoma, os Nakai, os Reyn, os Shaarad, os

Shaido, os Shiande, os Taardad e os Tomanelle. Cada clã é dividido em ramos. Às

vezes, falam de um décimo terceiro clã, o Clã Que Não Era, os Jenn, que

construíram Rhuidean. Todos sabem que os Aiel falharam com as Aes Sedai e

acabaram banidos para o Deserto Aiel por conta disso, e que serão destruídos caso

algum dia isso volte a acontecer. *Ver também* Deserto Aiel; Rhuidean; *gai'shain*;

Sociedades guerreiras dos Aiel; Desolação.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai, exceto o

Trono de Amyrlin, pertencem. Sete no total, são designadas por cores: Azul,

Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma

filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai.

A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de

canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos

valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da

verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah Guerreira durante as Guerras dos

Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai'don, a Amarela se concentra no

estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça.

As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. Os rumores sobre

uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, são negados oficialmente.

Altara: Nação no Mar das Tempestades que, na verdade, se mantém unida por

pouca coisa além do nome. Em Altara, as pessoas se veem primeiro como

habitantes de uma aldeia ou cidadezinha, ou como o povo daquele senhor ou

daquela senhora, e só então, e quando o fazem, como altaranas. Poucos nobres

pagam impostos para a coroa ou oferecem uma vassalagem apenas em nome, se

tanto. O governante de Altara (por ora, a Rainha Tylin Quintara, da Casa

Mitsobar) raramente é algo mais que a nobre mais poderosa da nação, e, por vezes,

não chega nem a isso. O Trono dos Ventos detém tão pouco poder que muitos

nobres poderosos o desprezaram quando podiam tê-lo assumido.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um

homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a

canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, acabam

fazendo coisas horríveis com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem

amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la.

Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas

não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito

suficientemente cedo. No entanto, um homem que é amansado acaba desistindo de

querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio costumam morrer de

um jeito ou de outro em um ou dois anos. *Ver também* estancamento; Poder

Único.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder,

grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado. Entre si, às

vezes usam o antigo nome de Amigos da Escuridão.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos

Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a

senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar

Tel'aran'rhiod, interpretar sonhos e conversar com as outras pessoas em seus

sonhos. As Aes Sedai também usam o termo, ainda que raramente, em referência

às Sonhadoras. *Ver também* Talentos; *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um

capaz de canalizar o Poder Único manejar uma quantidade maior do Poder do que

seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de

mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens

quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los

e restam poucos no mundo. *Ver também* canalizar; *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth. Atualmente devastada pela guerra civil e

por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão

Renascido e contra Tarabon. As domanesas são famosas — ou infames — por

serem belas, sedutoras e usarem roupas escandalosas.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário, Artur Paendrag Tanreall governou entre 943-

994 AL e unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar

exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (992 AL), mas ninguém teve

notícias dessas tropas depois de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos.

Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem

Anos.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien a partir de um ramo

de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro

escrito revelar qualquer ligação entre os Aiel e a lendária Árvore da Vida .

Bair: Sábia do ramo Haido dos Aiel Shaarad e Andarilha dos Sonhos. Não é capaz

de canalizar. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das

Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante

habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Heroína de lendas e histórias, famosa tanto pela beleza quanto pela bravura

e destreza no arco e flecha. Diz-se que carregava um arco de prata e

flechas

também de prata, com os quais jamais errava o alvo. Ela é uma entre os heróis

convocados de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. Sempre

relacionada ao herói-espadachim Gaidal Cain. Exceto por sua beleza e destreza

com o arco, tem pouco a ver com o que se fala dela nas histórias. *Ver também*

Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprende sozinha a canalizar o Poder Único. Apenas uma em

cada quatro sobrevive à crise gerada por esse aprendizado. Tais mulheres

costumam criar bloqueios para se impedirem de dar conta do que estão fazendo,

mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais

poderosas capazes de canalizar. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Bryne, Gareth: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Exilado

pela Rainha Morgase. Considerado um dos maiores generais vivos. O selo da Casa

Bryne é um touro selvagem com a Coroa de Rosas de Andor em torno do pescoço.

Tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel, composta de casaco e calças marrom e

cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, bem como botas

macias até os

joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”, embora

essa seja, obviamente, uma tradução imprecisa.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo cuja capital recebe

o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel,

assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono das lavouras

próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O

assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão

do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. A cidade

foi sitiada pelos Shaido no episódio a que alguns se referem como Segunda Guerra

dos Aiel, num cerco derrotado por outros Aiel sob o comando de Rand al'Thor.

Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de

céu azul. *Ver também* Guerra dos Aiel.

calendário: Há 10 dias na semana, 28 dias no mês e 13 meses no ano. Vários dias

festivos não fazem parte de nenhum mês, incluindo o domingo (o dia mais longo

do ano), a festividade de Ação de Graças (de quatro em quatro anos no equinócio

de primavera), e a festividade da Salvação de Todas as Almas, também chamada

de Dia de Todas as Almas (de dez em dez anos no equinócio de outono).

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma

espada de cristal que, no passado, ficou guardada na Pedra de Tear. Poderoso

sa'angreal masculino, sua retirada da câmara conhecida como Coração da Pedra

foi, junto com a queda da Pedra, um sinal importante do Renascimento do Dragão

e da aproximação de Tarmon Gai'don. Recolocada no Coração e reinserida na

pedra por Rand al'Thor. *Ver também* Dragão Renascido; Pedra de Tear; *sa'angreal*.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Car'a'carn: Na Língua Antiga, “o chefe dos chefes”. De acordo com a profecia

Aiel, um homem que viria de Rhuidean na alvorada, marcado com dois Dragões, e

os lideraria até o outro lado da Muralha do Dragão. Segundo a Profecia de

Rhuidean, ele vai unir os Aiel e depois destruí-los, e sobreviverá apenas o restante

de um restante. *Ver também* Aiel; Rhuidean.

Caraighan Maconar: Irmã Verde lendária (212-373 DR), é a heroína de centenas

de aventuras a que se atribui façanhas que até algumas Aes Sedai considerariam

improváveis, apesar de sua presença nos registros da Torre Branca, tais como

debelar sozinha uma rebelião em Mosadorin e pôr um fim aos Motins de

Comaidin, em um período em que não contava com nenhum Guardião. Um

símbolo da Ajah Verde e um modelo para todas as irmãs dessa cor. *Ver também*

Aes Sedai, Ajah.

Carridin, Jaichim: Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz e

Amigo das Trevas.

Cauthon, Abell: Fazendeiro de Dois Rios. Pai de Mat Cauthon. Marido de Natti e

pai de outras duas filhas, Eldrin e Bodewhin, cujo apelido é Bo.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes

Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a

ponta para cima.

Cinco Poderes, os: O Poder Único tem fios, batizados conforme o elemento que

afetam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e que

recebem o nome de Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único será mais

forte em um ou talvez dois, mas raramente mais que isso, e será mais fraco com os

demais. Na Era das Lendas, enquanto Espírito era encontrado igualmente em

homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra ou Fogo era muito mais

frequente em homens, e com Água ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o

fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados

Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1

braça; 1.000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Deane Aryman: Trono de Amyrlin que salvou a Torre Branca dos danos causados

por Bonwhin em sua tentativa de controlar Artur Asa-de-gavião. Nascida em cerca

de 920 AL na aldeia de Salidar, em Shiotia, foi elevada a Amyrlin a partir da Ajah

Azul em 992 AL. Ela convenceu Souran Maravaile a suspender o cerco a Tar

Valon (que se iniciara em 975 AL) após a morte de Artur Asa-de-gavião. Deane

restabeleceu o prestígio da Torre, e acredita-se que à época da sua morte, em 1084

AL, ao cair de um cavalo, ela estava a ponto de convencer os nobres que

guerreavam pelo que restara do império de Asa-de-gavião a aceitarem a liderança

da Torre Branca como forma de restaurar a unidade da região. *Ver também* Artur

Asa-de-gavião; Trono de Amyrlin.

Deserto Aiel: Terra inóspita, severa e praticamente desprovida de água que fica a

leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos

forasteiros se aventuram na região porque os Aiel se consideram em guerra com

todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas mascates, menestréis e

Tuatha'an têm entrada permitida em segurança, ainda que os Aiel evitem qualquer

contato com os Tuatha'an, a quem chamam de "Perdidos". Não se sabe da

existência de qualquer mapa do Deserto.

Desolação: Nome dado pelos Aiel para os efeitos apresentados por muitos deles ao

descobrirem que, em vez de sempre terem sido ferozes guerreiros, seus ancestrais

eram pacifistas radicais que foram forçados a se defender durante a Ruptura do

Mundo e nos anos subsequentes. Muitos creem ter sido essa a falha dos Aiel com

as Aes Sedai. Alguns Aiel abandonam suas lanças e fogem, enquanto outros se

recusam a deixar de usar o branco dos *gai'shain* mesmo após cumprirem o período

de um ano e um dia. Há ainda os que negam que isso seja verdade e, com isso,

obrigatoriamente não reconheçam que Rand al'Thor seja de fato o *Car'a'carn*.

Para esses, há duas alternativas: voltar para o Deserto Aiel ou aliar-se aos Shaido

que se opõem a ele. *Ver também* Aiel; *Car'a'carn*; Deserto Aiel; *gai'shain*.

Dragão Renascido: De acordo com as Profecias do Dragão, diz-se do homem que é

o Renascimento de Lews Therin, o Fratricida. A maioria das pessoas, mas não

todas, reconhece Rand al'Thor como o Dragão Renascido. *Ver também* Dragão,

falso; Dragão, o; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: Nome dado aos vários homens que afirmaram ser o Dragão

Renascido. Alguns desencadearam guerras que envolveram diversas nações. Ao

longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar, mas alguns podiam fazer

isso. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir

nenhuma das Profecias do Dragão. Entre os capazes de canalizar, os mais

poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra

(cerca de 1300-1308 DR), Davian (351 AL), Guaire Amalasan (939-43 AL),

Logain (997 NE) e Mazrim Taim (998 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra

da Sombra, há uns três mil anos, ou mais. Sofrendo da loucura que se abateu sobre

todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou todas as pessoas de seu

sangue e todos que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também*

Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas, exceto entre os bem

instruídos, e

raramente comentadas, as Profecias registradas em O Ciclo de Karaethon

predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez, e que Lews Therin

Telamon, o Dragão, Renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha

contra a Sombra. Segundo as Profecias, ele vai salvar o mundo e então causar uma

nova Ruptura. *Ver também* Dragão, o.

Elaida do Avriny a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada

ao Trono de Amyrlin. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes

Profetiza.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do

Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais

atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Guerra da Sombra; Ruptura do Mundo.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de

travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de

Muralha do Dragão.

esposa-irmã: Termo de parentesco Aiel. Mulheres Aiel que são quase-irmãs ou

irmãs-primeiras e que descobrem que amam o mesmo homem, ou que simplesmente não querem a presença de um homem entre as duas,

acabam

casando-se com ele, tornando-se assim esposas-irmãs. Às vezes, mulheres que

amam o mesmo homem tentam descobrir se podem se tornar quase-irmãs e irmãs-

primeiras adotadas, um primeiro passo para se tornarem esposas-irmãs.

estancamento: Ato realizado pelas Aes Sedai que consiste em isolar definitivamente

do Poder Único uma mulher capaz de canalizar. Uma mulher que tenha sido

estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Oficialmente,

resulta do julgamento e da sentença por um crime. Noviças da Torre Branca são

obrigadas a aprender os nomes e os crimes de todas as mulheres que foram

estancadas. Quando ocorre acidentalmente, é chamado de exaurimento, mas, na

prática, o termo é usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro,

mulheres que foram estancadas costumam não viver muito e parecem

simplesmente desistir e morrer, a menos que encontrem algo que substitua o vazio

deixado pelo Poder Único.

Fain, Padan: Um mascate que fazia comércio em Dois Rios e Amigo das Trevas,

foi transformado em Shayol Ghul não só para adquirir a capacidade de rastrear o

jovem que se tornaria o Dragão Renascido tal qual um cão de caça, mas também

para implantar nele a necessidade constante de rastreá-lo. A dor desse processo

incutiu em Fain um ódio tanto pelo Tenebroso quanto por Rand al'Thor. Enquanto

seguia al'Thor, deparou-se com a alma aprisionada de Mordeth em Shadar Logoth,

alma que tentou tomar seu corpo. Porém, por conta do que havia sido feito a Fain,

o resultado foi um amálgama que, em grande parte, manteve a essência do próprio

Fain, mas com habilidades além das que os dois homens possuíam antes da fusão,

embora Fain ainda não as compreenda completamente. A maior parte dos homens

teme o olhar sem olhos de um Myrddraal, mas os Myrddraal temem o olhar de

Fain.

Far Dareis Mai: Na Língua Antiga, literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade

guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite mulheres, e apenas

mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar

enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a

outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da

criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode

lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”)

Ver também Aiel; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha-herdeira: Título da herdeira do Trono do Leão de Andor. Sem filhas vivas, o

trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha. Divergências quanto

a quem era exatamente a parente consanguínea mais próxima já levaram a diversas

disputas pelo poder na região, a última sendo “a Sucessão”, chamada assim em

Andor, ou “a Terceira Guerra pela Sucessão Andoriana” em outros lugares,

acontecimento que entronou Morgase, da Casa Trakand.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas que não deve lealdade a

nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das

Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar

contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da

guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas

crenças e convencidos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o

que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie Amigos das

Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um

sol dourado em um fundo branco. *Ver também* Questionadores.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo.

Divide-se em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que

trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer

a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Há mais de três mil anos, *saidin* está

maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

gai'shain: Na Língua Antiga, “Comprometido com a Paz nas Batalhas”. Por conta

do *ji'e'toh*, exige-se de um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel durante uma

incursão ou uma batalha que sirva ao seu captor com humildade e obediência

durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de

violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos

não podem ser feitos *gai'shain*. *Ver também* vazio, o.

Gaidin: Na Língua Antiga, “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para

os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: Lorde Galadedrid Damodred, chamado de Galad. Meio-irmão de Elayne e

Gawyn, com quem compartilha o mesmo pai, Taringail Damodred. Tem como

símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase e irmão de Elayne, será o

Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Meio-irmão de Galad.

Tem como símbolo um javali branco.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo

Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao

Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade que já era antigo antes do

início da Era das Lendas, consiste em uma serpente mordendo a própria cauda.

Um anel na forma da Grande Serpente é dado às mulheres elevadas a Aceitas entre

as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os grão-lordes

são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha.

Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos, pode ser tão alto quanto vinte ou

tão baixo quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que

são lordes tairenos menores.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder

Único e concede dádivas como Cura acelerada, capacidade de ficar longos

períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do

Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com

quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, da mesma

forma que, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como seu Guardião

morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter

um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a

estabelecê-los e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos

Guardiões a Aes Sedai quiser. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas

há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o

elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das

Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso e logo

envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que

era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas

vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado

como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso,

em um ataque liderado por Lews Therin Telamon, o Dragão, e uma centena de

Aes Sedai do sexo masculino chamados de Cem Companheiros. O contra-ataque

do Tenebroso maculou *saidin* e enlouqueceu Lews Therin e os Cem Companheiros, dando início ao Tempo da Loucura e à Ruptura do Mundo. *Ver*

também Dragão, o; Poder Único.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra dos Aiel (976-978 NE): Quando o Rei Laman de Cairhien cortou

Avendoraldera, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles

saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e vilarejos,

e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram

finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon,

mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu

objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* *Avendoraldera*;

Cairhien; Espinha do Mundo.

Guerra dos Cem Anos (994-117 AL): Série de guerras concomitantes entre

alianças que mudavam constantemente, iniciada pela morte de Artur Asa-de-

gavião e a subsequente disputa por seu império. O conflito deixou grande parte das

terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das

Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns

registros da época. Com as guerras, o império de Artur Asa-de-gavião se

fragmentou e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-

gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram

mais de trezentos anos, ao longo dos quais, sob o comando de Myrddraal e

Senhores do Medo, exércitos de Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os

Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações

desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da

época são fragmentados. *Ver também* Myrddraal; Senhores do Medo; Trollocs.

Homem Cinza: Homem ou mulher que entregou voluntariamente sua alma ao

Tenebroso com o intuito de se tornar um assassino a serviço da Sombra. Homens

Cinza possuem uma aparência tão comum que os olhos podem percorrê-los sem se

darem conta do que veem. A grande maioria dos Homens Cinza é de fato homem,

mas há um número pequeno de mulheres. Também chamados de Desalmados.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

irmã-primeira, irmão-primeiro: Termo de parentesco Aiel que significa ter a

mesma mãe. Entre os Aiel, isso indica uma relação mais próxima do que ter o

mesmo pai.

Jogo das Casas: Nome dado às articulações, armações, tramas e manipulações

feitas pelas Casas Nobres na busca de poder. Nele, dá-se grande valor à

dissimulação, a buscar um objetivo enquanto parece-se estar buscando outro, e ao

alcance de suas metas com o menor esforço visível. Também conhecido como

Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juilin Sandar: Caçador de ladrões de Tear.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai.

São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que

confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não

seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3)

Nunca usar o Poder como arma, exceto contra Crias da Sombra ou, em casos

extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes

Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da

Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em

geral pode ser

contornado escolhendo-se bem as palavras. Acredita-se que os dois últimos sejam

invioláveis.

Kerenmosa, Rashima: Conhecida como a Amyrlin Soldada. Nascida por volta de

1150 DR e elevada a Amyrlin a partir da Ajah Verde em 1251 DR. Liderando

pessoalmente os exércitos da Torre, obteve inúmeras vitórias, com destaque para a

Passagem Kaisin, o Passo Soralle, Larapelle, Tel Norwin e Maighande, onde

morreu em 1301 DR. Seu corpo foi descoberto após a batalha cercado por seus

cinco Guardiões e uma enorme parede de Trollocs e Myrddraal que continha os

cadáveres de não menos que nove Senhores do Medo. *Ver também* Aes Sedai;

Ajah; Guardiões; Senhores do Medo; Trono de Amyrlin.

Lan; al’Lan Mandragoran: Rei Não Coroado de Malkier, uma terra engolida pela

Praga no ano do seu nascimento (953 NE), Dai Shan e último sobrevivente dos

lordes malkieris. Aos 16 anos, iniciou uma guerra solitária contra a Praga e a

Sombra, o que continuou até ele se unir a Moiraine como seu Guardião em 979

NE. *Ver também* Guardião; Moiraine.

Latoeiros: Mais precisamente, os Tuatha’an, também chamados de Povo Errante.

Um povo nômade que vive em carroções muito coloridos e que segue uma

filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Estão entre os poucos que

conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem atacados, já que os Aiel evitam

contato com eles. Pouquíssimas pessoas sequer suspeitam da origem comum dos

Tuatha'an e dos Aiel, que se separaram durante a Ruptura do Mundo numa

tentativa de encontrar um modo de retornar aos tempos de paz. *Ver também* Aiel.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres

e os cultos saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras.

Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos

significados diferentes e sutis. *Ver também* Era das Lendas.

Lini: Babá de Lady Elayne e, antes, da mãe dela, Morgase, e também da avó de

Elayne. Mulher de fibra, muito observadora e dona de um arsenal de ditados.

Logain: Homem que afirmava ser o Dragão Renascido. Capturado depois de

deflagrar guerras por Ghealdan, Altara e Murandy, foi levado à Torre Branca e

amansado, vindo a escapar posteriormente durante a confusão que se sucedeu à

deposição de Siuan Sanche. Um homem que ainda há de viver dias de

glória.

Manetheren: Uma das dez nações que formaram o Segundo Pacto. Também é o

nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras

dos Trollocs. O símbolo de Manetheren era uma Águia Vermelha em pleno voo.

Ver também Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-

pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente

oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada “Primeira”, que advém

do antigo termo Primeiro Lorde ou Primeira Lady. As Primeiras alegam ser

descendentes de Artur Asa-da-gavião. O título de Segundo (a), que já foi exclusivo

de um único lorde ou lady, chegou a ser usado, nos últimos quatrocentos anos, por

até nove pessoas ao mesmo tempo. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno

voo em um fundo azul.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. Tem

força moderada com o Poder Único. Casada com Bael, chefe de clã dos Goshien.

Esposa-irmã de Dorindha, senhora do teto do Forte das Fontes de

Fumaça. *Ver*

também Andarilha dos Sonhos.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e

mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de

retalhos multicoloridos, apresentam-se principalmente em aldeias e cidades

pequenas.

Moiraine Damodred: Aes Sedai da Ajah Azul. Nascida em Cairhien, na Casa

Damodrehd. Nasceu em 956 NE no Palácio Real de Cairhien. Após chegar à Torre

Branca como noviça em 972 NE, sua ascensão foi meteórica, com elevação a

Aceita em apenas três anos e a Aes Sedai em só mais outros três, ao final da

Guerra dos Aiel. Foi então que ela iniciou a busca pelo jovem que, de acordo com

Gitara Moroso, Aes Sedai com o Talento da Previsão, nascera nas encostas do

Monte do Dragão durante a Batalha das Muralhas Reluzentes e que seria o Dragão

Renascido. Foi ela que levou Rand al'Thor, Mat Cauthon, Perrin Aybara e

Egwene al'Vere embora de Dois Rios. Desapareceu ao entrar num *ter'angreal* em

Cairhien enquanto lutava contra Lanfear, aparentemente matando tanto a si mesma

quanto a Abandonada.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do

Povo, Grão-trono da Casa Trakand. No momento, em exílio e tida como morta,

assassinada pelo Dragão Renascido, como muitos pensam. Seu símbolo são três

chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de

Trollocs nas quais o material humano para criá-los ressurge, mas maculado pelo

mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na

luz quanto no escuro. Têm certos poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a

habilidade de causar um medo paralisante com uma encarada e de sumir onde quer

que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar

água corrente. Espelhos os refletem de maneira enevoada. Em terras diferentes,

são conhecidos por diversos nomes, entre os quais Meios-homens, Sem-olhos,

Homens das Sombras, Espreitados, Espectros e Desvanecidos.

Ogier: (1) Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo

masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito

parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de

pousos, das quais saem muito pouco, e costumam ter pouco contato com humanos.

O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier

são apenas lendas, embora eles sejam exímios construtores e tenham construído a

maior parte das grandes cidades erguidas depois da Ruptura. Apesar de serem

considerados um povo pacífico e extremamente difícil de ser irritado, algumas

histórias antigas contam que eles lutaram ao lado dos humanos nas Guerras dos

Trollocs, e que são inimigos implacáveis. Em geral, apreciam o conhecimento e,

não raro, seus livros e suas histórias contêm informações perdidas para os

humanos. A expectativa de vida típica de um Ogier é pelo menos o triplo ou o

quádruplo da de um humano. (2) Qualquer indivíduo pertencente a essa raça não

humana. *Ver também* *pouso*; Ruptura do Mundo.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão

de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a

substância da realidade para aquela Era. *Vertambém ta'veren*.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída

por meio do Poder Único logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem

sucesso incontáveis vezes, caiu numa única noite pelas mãos do

Dragão Renascido

e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do

Dragão. *Ver também* Dragão, Profecias do.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é

incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem vir a aprender, e uma

parcela ainda menor nasce com essa centelha. Para esses poucos, não há

necessidade

de

aprendizado,

pois

acabarão

canalizando

o

Poder

independentemente da sua vontade, e talvez sem nem perceber. Essa habilidade

inata costuma se manifestar no fim da adolescência ou no início da idade adulta.

Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil,

com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o

Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma

terrível e então, mesmo se tiver adquirido certo controle, acabar morrendo de uma

espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo.

Assim como a loucura, essa doença é causada pela mácula do Tenebroso em

saidin. Ver também Aes Sedai; canalizar; Cinco Poderes; Fonte Verdadeira;

Ruptura do Mundo.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos *pousos* foram abandonados desde a Ruptura do

Mundo. Têm alguma forma de proteção que impede Aes Sedai de canalizar o

Poder Único ou mesmo sentir a Fonte Verdadeira em seu interior, embora o

conhecimento a respeito de como ou por que isso ocorre tenha se perdido. Mesmo

tentativas de usar o Poder Único fora de um *pouso* não terão qualquer efeito em

seu interior. A menos que seja obrigado, nenhum Trolloc entra em um *pouso*, e

mesmo um Myrddraal só fará isso em caso de extrema necessidade e com grande

relutância. Até os Amigos das Trevas, quando muito dedicados, sentem-se

desconfortáveis dentro de um *pouso*.

Povo do Mar: Seu nome mais adequado é Atha'an Miere. Um povo misterioso.

Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam

pouco tempo em terra firme, levando grande parte de suas vidas nos

navios. A

maior parte do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

quase-irmã, quase-irmão: Termos de parentesco Aiel para indicar amigos quase

tão próximos quanto irmãs-primeiras e irmãos-primeiros. Quase-irmãs costumam

se adotar formalmente como irmãs-primeiras, mas quase-irmãos raramente o

fazem.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir

a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela

verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir

como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os

Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra

a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos

Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é

o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como

símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor. *Ver também* Filhos da Luz.

Rhudean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, e totalmente desconhecida

para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, só se

permitia que um homem Aiel entrasse em Rhuidean uma única vez para que,

dentro de um grande *ter'angreal*, ele passasse pelo teste de chefe de clã (apenas

um de cada três sobrevivia a essa prova). Mulheres Aiel entravam na cidade

apenas duas vezes: primeiro para serem testadas no mesmo *ter'angreal* e depois

para se tornarem Sábias, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente

maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago

alimentado por um oceano subterrâneo de água doce ocupa uma das extremidades

do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio no Deserto. *Ver*

também Aiel.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era.

Conforme a Roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e

se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito

esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um

pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez está sujeito a mudanças

maiores.

Ruptura do Mundo: Durante o Tempo da Loucura, Aes Sedai do sexo

masculino

tomados pela loucura transformaram o mundo, arrasando antigas cadeias de

montanhas e construindo novas, erguendo terra onde havia mar e fazendo o mar

invadir a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os

sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada

em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização

de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um

sa'angreal é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder

que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um

angreal como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem

ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*,

existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns,

muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres por seu

conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom

senso. Geralmente, é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é

sua superior. O cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes

de morrer. Dependendo da região, o título pode ser outro, como Guia, Curandeira,

Sábia ou Buscadora.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas

para a cura, uso de ervas e outras habilidades, de forma muito similar às

Sabedorias. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de

forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com

frequência as acusem de se intrometerem em seus assuntos. Boa parte das Sábias é

capaz de canalizar pelo menos um pouco. Elas encontram todas as Aiel nascidas

com a centelha e a maior parte das que são capazes de aprender. Por costume, não

se fala entre os Aiel sobre as Sábias serem capazes de canalizar. Também por

costume, e mais até que os outros Aiel, as Sábias evitam qualquer tipo de contato

com as Aes Sedai. Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, e, de acordo

com o *ji'e'toh*, não podem ser feridas ou capturadas. Uma Sábia que tomasse parte

em uma batalha estaria incorrendo em uma grande violação dos costumes e das

tradições. Três Sábias ainda em vida são Andarilhas dos Sonhos, podendo adentrar

Tel'aran'rhiod e, entre outras coisas, conversar com pessoas que estejam

sonhando. *Ver também* Andarilha dos Sonhos; *Tel'aran'rhiod*.

saidar; saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o

outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que

qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos,

e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto.

(2) A terra onde vivem esses descendentes.

Senhores do Medo: Homens e mulheres capazes de canalizar que passaram para o

lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, atuando como generais das

forças dos Trollocs e dos Amigos das Trevas. Às vezes, os menos instruídos os

confundem com os Abandonados.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da

prisão do Tenebroso.

Sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das

doze sociedades guerreiras, que são os Andarilhos do Trovão (*Sha'mad Conde*), os

Buscadores das Águas (*Duadhe Mahdi'in*), os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os

Dançarinos da Montanha (*Hama N'dore*), as Donzelas da Lança (*Far*

Dareis Mai),

os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Irmãos da Águia (*Far Aldazar Din*), os

Lanças Noturnas (*Cor Darei*), os Mensageiros da Aurora (*Rahien Sorei*), os Mãos

de Faca (*Sovin Nai*), os Olhos Negros (*Seia Doon*) e os Sangues Verdadeiros (*Tain*

Shari). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia, os Cães de

Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um

grupo de investida, enquanto as Donzelas assumem com frequência a função de

batedoras. É comum os clãs invadirem o território uns dos outros e lutarem entre

si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o

façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs,

mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; *Far Dareis*

Mai.

Sonhador: *Ver* Talentos.

Sorilea: Sábia do Forte Shende, uma Aiel Jarra Chareen. Quase incapaz de

canalizar, é a Sábia mais velha, embora a diferença de idade para a segunda não

seja tão grande quanto muitos pensam.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios

de vidas

próximas, talvez todos os fios de todas as vidas. *Ver também* Padrão de uma Era.

Taim, Mazrim: Falso Dragão que, até ser derrotado e capturado, causou um

tumulto em Saldaea. É muito forte no Poder. *Ver também* Dragão, falso.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. A

aptidão em vários Talentos varia bastante de indivíduo a indivíduo e raramente

tem a ver com a força da capacidade desse indivíduo de canalizar. Há Talentos

maiores, e o mais conhecido e disseminado entre eles é a Cura. Outros exemplos

são a Dança das Nuvens (controle do clima) e o Canto da Terra (que envolve o

controle de movimentos da terra, como a prevenção ou a indução de terremotos e

avalanches). Também há Talentos menores que raramente recebem nomes, como a

capacidade de enxergar *ta'veren* ou de duplicar o efeito de um *ta'veren* de

influenciar o acaso, ainda que numa área bem pequena e restrita que dificilmente

cobre mais que alguns pés quadrados. Alguns Talentos, como o de Viajar

(habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço físico), só agora estão

sendo redescobertos. Outros, como o da Profecia (capacidade de prever eventos

futuros, mas de forma geral) e o do Detecção (localização de minérios e sua

possível retirada do solo), são muito raros. Outro Talento que havia muito se

pensava não mais existir é o de Sonhar, que envolve a interpretação dos sonhos do

Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que as

Profecias o fazem. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar

Tel'aran'rhiod, o Mundo dos Sonhos, e (é o que se diz) até mesmo os sonhos de

outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedeal,

que morreu em 526 NE, mas agora há outra. Ver também *Tel'aran'rhiod*.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha que ama sua rainha mais do que

sua honra ou a própria vida.

Tam al'Thor: Fazendeiro e pastor de Dois Rios. Ainda jovem, deixou o local para

se tornar soldado e retornou com uma esposa, Kari, já falecida, e um filho, Rand.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth cuja capital é Tanchico. Outrora local de

grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício, entre outros

produtos confeccionados pela Guilda de Iluminadores. Poucas notícias chegaram

de Tarabon desde que a nação passou a ser assolada pela anarquia e pela guerra

civil, além das guerras simultâneas contra Arad Doman e os Devotos

do Dragão,

peçoas que juraram seguir o Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, Profecias do; Trombeta

de Valere.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande

cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas que se

inclinam em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de

Tear.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um

mundo ou lugar vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e

circundar todos os outros mundos possíveis. Muitos podem tocar *Tel'aran'rhiod*

por alguns momentos em seus sonhos, mas são poucos os que já tiveram a

capacidade de adentrá-lo de acordo com sua vontade, embora alguns *ter'angreal*

concedam essa capacidade. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às

criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao

despertar, e quem lá morre não acorda jamais. Tirando esses dois casos, porém,

nada do que acontece por lá afeta de modo algum o mundo desperto.

Ver também

ter'angreal.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de

todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no

momento da Criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a

mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas. *Ver também*

Dragão, Profecias do.

***ter'angreal*:** Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único.

Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado

objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas seu propósito original é, em

grande medida, desconhecido. Alguns requerem canalização, ao passo que outros

podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os

use ou destruirão sua habilidade de canalizar. Assim como com os *angreal* e

sa'angreal, os conhecimentos de como fabricá-los se perdeu com a Ruptura do

Mundo. *Ver também angreal; sa'angreal.*

Terras da Fronteira: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea,

Arafel, Kandor e Shienar. Sua história é de ataques e guerras infinitas contra

Trollocs e Myrddraal. *Ver também* Grande Praga.

Thom Merrilin: Um menestrel e viajante nada comum. *Ver também* Jogo das

Casas; menestréis.

Torre Branca: Centro e núcleo do poder das Aes Sedai, localizada no coração da

grande cidade-ilha de Tar Valon.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso cuja origem remonta à Guerra da Sombra. De

imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Malignos

por natureza, matam por puro prazer. Traíçoeiros ao extremo, só são confiáveis

quando coagidos pelo medo. Comem qualquer coisa, ou qualquer um. *Ver também*

Guerras dos Trollocs.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder

convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à

Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser

encontrados em muitas nações.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, formado

por três representantes de cada uma das Ajahs — chamadas de as Votantes —,

elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos

em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai, e seu status

equivale ao

de um rei ou uma rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é

apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

união: Capacidade das mulheres que canalizam de combinarem seus fluxos do

Poder Único. Ainda que o fluxo combinado não seja tão poderoso quanto a soma

total dos fluxos individuais, ele é direcionado pela mulher que lidera a conexão e

pode ser utilizado com muito mais precisão e com um efeito muito maior do que

os fluxos individuais o poderiam. Homens não são capazes de se unir sem a

presença de uma mulher ou de mulheres no círculo. Até 13 mulheres podem se

unir sem a presença de um homem. Com a inclusão de um, o círculo pode se

expandir para 26 mulheres. Dois homens podem levar o círculo a ter 34 mulheres,

e assim por diante, até que se atinja o limite de 6 homens e 66 mulheres. Há

círculos que contam com mais homens e menos mulheres, mas, exceto quando se

unem um homem e uma mulher, uma mulher e dois homens, ou, é claro, dois

homens e duas mulheres, sempre deve haver no círculo pelo menos uma mulher a

mais do que há homens. Na maioria dos casos, ou um homem ou uma mulher

podem controlar a ligação, mas um homem deve necessariamente ter

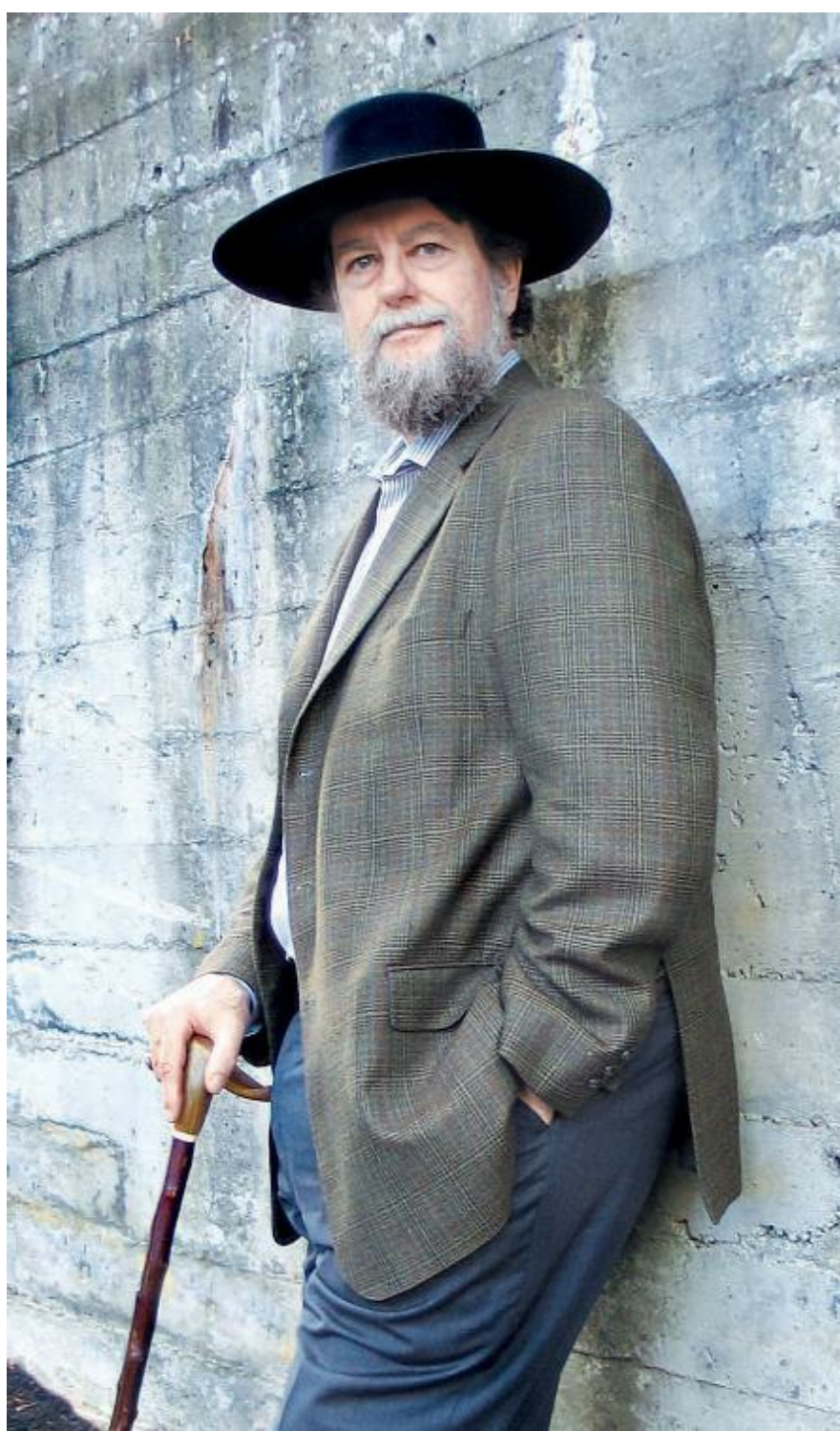
esse controle

no círculo de 72 pessoas ou nos círculos mistos de menos de 13 pessoas. Apesar

de os homens, em geral, serem mais fortes com o Poder Único do que as mulheres,

os círculos mais poderosos são os que contêm o máximo possível de igualdade no

número de homens e mulheres. *Ver também* Aes Sedai.



SOBRE O AUTOR

ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de

outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos

5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu

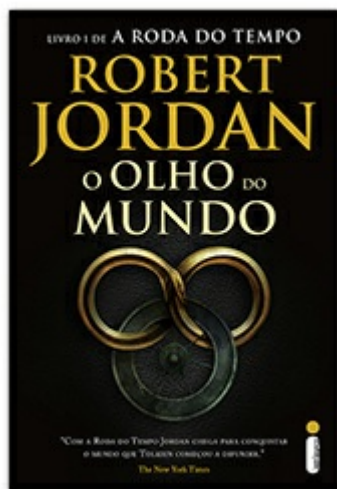
na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a

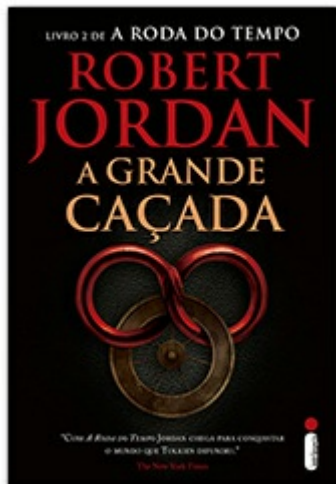
Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Senhor do Caos* é o sexto

dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais

elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien.

Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.





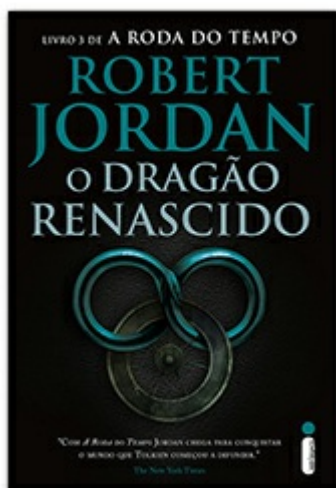
CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE

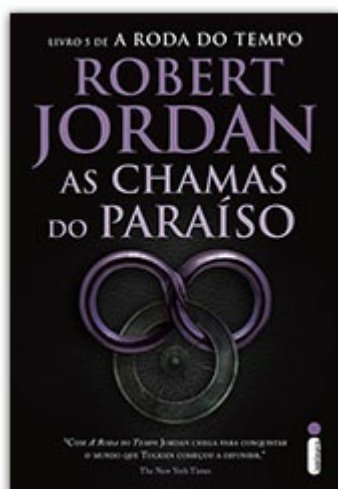
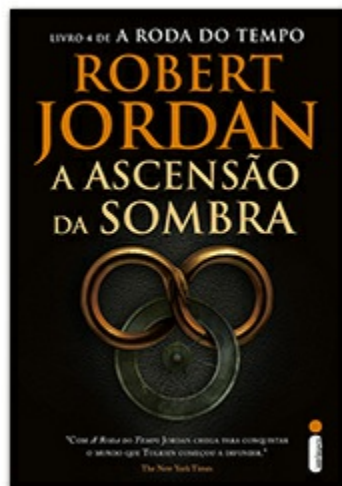
O olho do mundo

(Livro 1)

A grande caçada

(Livro 2)





O dragão renascido

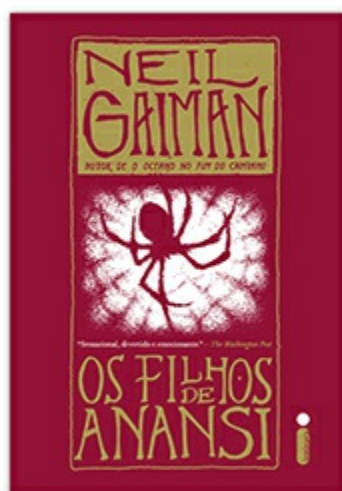
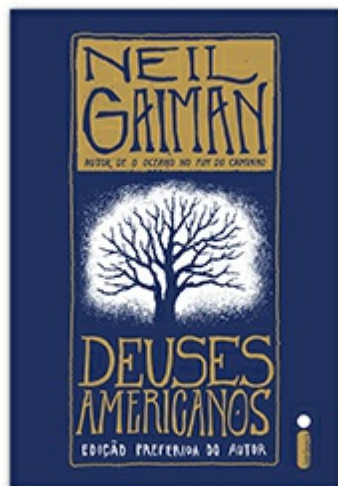
(Livro 3)

A ascensão da sombra

(Livro 4)

As chamas do Paraíso

(Livro 5)



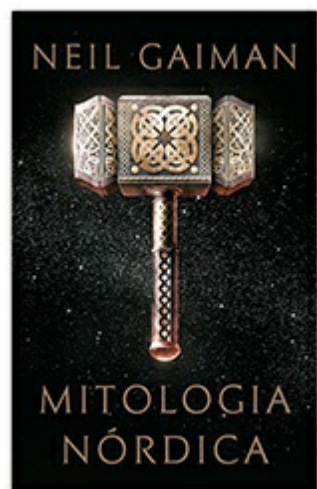
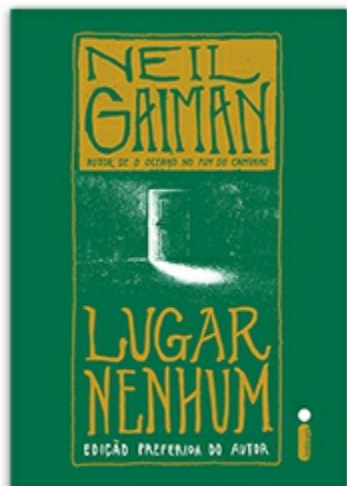
LEIA TAMBÉM

[Deuses americanos](#)

[Neil Gaiman](#)

[Os filhos de Anansi](#)

[Neil Gaiman](#)





Lugar nenhum

Neil Gaiman

Mitologia nórdica

Neil Gaiman

Ordem vermelha: Filhos da Degradação

Felipe Castilho

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Sumário

Epígrafe

Prólogo: A Primeira Mensagem

Mapa 1

Capítulo 1 – Leão na colina

Capítulo 2 – A visita

Capítulo 3 – Os olhos de uma mulher

Capítulo 4 – Senso de humor

Capítulo 5 – Uma dança diferente

Capítulo 6 – Tramas urdidas em sombras

Capítulo 7 – Uma questão de opinião

Capítulo 8 – Arma-se uma tempestade

Capítulo 9 – Planos

Capítulo 10 – Um ditado das Terras da Fronteira

Capítulo 11 – Aulas e professores

Capítulo 12 – Perguntas e respostas

Capítulo 13 – Sob a poeira

Capítulo 14 – Sonhos e pesadelos

Capítulo 15 – Um monte de areia

Capítulo 16 – Previsões da Roda

Capítulo 17 – A Roda da vida

Mapa 2

Capítulo 18 – Um pouco de solidão

Capítulo 19 – Questões de toh

Capítulo 20 – Visitas do pouso

Capítulo 21 – Para Shadar Logoth

Capítulo 22 – Rumo ao Sul

Capítulo 23 – Para entender a mensagem

Capítulo 24 – A Missão diplomática

Capítulo 25 – Como relâmpagos e chuva

Capítulo 26 – Ligando as linhas

Capítulo 27 – Presentes

Capítulo 28 – Cartas

Capítulo 29 – Fogo e Espírito

Capítulo 30 – Curar de novo

Capítulo 31 – Lacre de cera vermelha

Capítulo 32 – Convocação às pressas

Capítulo 33 – Coragem para fortificar

Capítulo 34 – A Jornada para Salidar

Capítulo 35 – No Salão das Votantes

Capítulo 36 – A Amyrlin é elevada

Capítulo 37 – Quando a batalha começa

Capítulo 38 – Um súbito desânimo

Capítulo 39 – Possibilidades

Capítulo 40 – Gargalhada inesperada

Capítulo 41 – Uma ameaça

Capítulo 42 – A Torre Negra

Capítulo 43 – A Coroa de Rosas

Capítulo 44 – A cor da confiança

Capítulo 45 – Um pensamento amargo

Capítulo 46 – Além do portão

Capítulo 47 – A Mulher Errante

Capítulo 48 – Apoiadas na faca

Capítulo 49 – O Espelho de Brumas

Capítulo 50 – Espinhos

Capítulo 51 – A captura

Capítulo 52 – Tessituras do poder

Capítulo 53 – O festival das luzes

Capítulo 54 – O chamado

Capítulo 55 – Poços de Dumai

Epílogo: A resposta

Glossário

Sobre o autor

Conheça os títulos anteriores da série

Leia também

Document Outline

- Folha de rosto
- Créditos
- Mídias sociais
- Dedicatória
- Sumário
- Epígrafe
- Prólogo: A Primeira Mensagem
- Mapa 1
- Capítulo 1 – Leão na colina
- Capítulo 2 – A visita
- Capítulo 3 – Os olhos de uma mulher
- Capítulo 4 – Senso de humor
- Capítulo 5 – Uma dança diferente
- Capítulo 6 – Tramas urdidas em sombras
- Capítulo 7 – Uma questão de opinião
- Capítulo 8 – Arma-se uma tempestade
- Capítulo 9 – Planos
- Capítulo 10 – Um ditado das Terras da Fronteira
- Capítulo 11 – Aulas e professores
- Capítulo 12 – Perguntas e respostas
- Capítulo 13 – Sob a poeira
- Capítulo 14 – Sonhos e pesadelos
- Capítulo 15 – Um monte de areia
- Capítulo 16 – Previsões da Roda
- Capítulo 17 – A Roda da vida
- Mapa 2
- Capítulo 18 – Um pouco de solidão
- Capítulo 19 – Questões de toh
- Capítulo 20 – Visitas do pouso
- Capítulo 21 – Para Shadar Logoth
- Capítulo 22 – Rumo ao Sul
- Capítulo 23 – Para entender a mensagem
- Capítulo 24 – A Missão diplomática
- Capítulo 25 – Como relâmpagos e chuva
- Capítulo 26 – Ligando as linhas
- Capítulo 27 – Presentes
- Capítulo 28 – Cartas
- Capítulo 29 – Fogo e Espírito
- Capítulo 30 – Curar de novo
- Capítulo 31 – Lacre de cera vermelha

- Capítulo 32 – Convocação às pressas
- Capítulo 33 – Coragem para fortificar
- Capítulo 34 – A Jornada para Salidar
- Capítulo 35 – No Salão das Votantes
- Capítulo 36 – A Amyrlin é elevada
- Capítulo 37 – Quando a batalha começa
- Capítulo 38 – Um súbito desânimo
- Capítulo 39 – Possibilidades
- Capítulo 40 – Gargalhada inesperada
- Capítulo 41 – Uma ameaça
- Capítulo 42 – A Torre Negra
- Capítulo 43 – A Coroa de Rosas
- Capítulo 44 – A cor da confiança
- Capítulo 45 – Um pensamento amargo
- Capítulo 46 – Além do portão
- Capítulo 47 – A Mulher Errante
- Capítulo 48 – Apoiadas na faca
- Capítulo 49 – O Espelho de Brumas
- Capítulo 50 – Espinhos
- Capítulo 51 – A captura
- Capítulo 52 – Tessituras do poder
- Capítulo 53 – O festival das luzes
- Capítulo 54 – O chamado
- Capítulo 55 – Poços de Dumai
- Epílogo: A resposta
- Glossário
- Sobre o autor
- Conheça os títulos anteriores da série
- Leia também